OBRAS VARIAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

OBRAS VARIAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO I.

LISBOA
EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES
RUA DOS FANQUEIROS, 82
1856

NOTICIAS RECONDITAS

DO MODO DE PROCEDER

A INQUISIÇÃO COM OS SEUS PRESOS.

INFORMAÇÃO

Que ao pontifice Clemente X deu o padre Antonio Vieira, a qual o dito papa lhe mandou fazer, estando elle em Roma, na occasião da causa dos christãos novos com o santo officio para a mudança dos seus estylos de processar; em que por esse motivo esteve suspensa a inquisição por sete annos, desde 1674 até 1681. Ao que se segue a eloquente resposta do padre Vieira á carta impugnatoria sobre o mesmo objecto que lhe foi dirigida.

Manda-me pessoa a quem devo obedecer, lhe refira a fórma da prisão do santo officio de Portugal, e o tractamento dos presos naquelles carceres; e supposto que a materia, com todas as circumstancias, seja inexplicavel, em razão do segredo que se observa tão inviolavel, como fundamento total da duração; pelo que se não deixam penetrar ainda dos mesmos que as padecem, mais do que na parte que não póde occultar-se á experiencia de cada um: direi, comtudo o que tenho colhido de noticias de muitos, advertindo, que nenhum sabe tudo, mas só o que por elle passou; e assim, prudencialmente deve considerar-se, que o que se não vê, e o que mais se occulta, é o que mais offende e impossibilita o remedio dos presos, que, sendo os mais interessados nas causas de seus livramentos, são os que dellas sabem menos, ou nada; porque o primeiro dictame que se observa, é confundil-os para que

em tudo vão ás cégas, como veremos, com o favor divino, pelas noticias que se seguem.

2.° Pronunciado um homem no santo officio, o mandam prender, tractando-o como se já estivera convicto, porque na mesma hora que o prendem, lhe põe na rua sua mulher e filhos; atravessam-lhe as portas, fazem inventario de todos os bens, e, como se a mulher não tivera parte nelles, fica despojada de tudo sem nenhum remedio: e quando são marido e mulher ambos presos, ficam os filhos em tal desamparo, que em muitas occasiões meninos e meninas de tres e quatro annos, se recolhem nos alpendres das igrejas e nos fornos, se nelles acham recolhimentos, pedindo pelas portas, por não perecerem, e sendo tão lamentavel esta oppressão da innocencia, mais para sentir são outras consequencias; porque com esta occasião de desamparo e necessidade, muitas donzellas honestissimas que em casa de seus paes viviam honrada e virtuosamente, foram forçadas a perder-se, ou pela sua miseria, ou pela ousadia que teem todos contra esta affligida gente; e o mesmo succedeu a muitas mulheres casadas, cujos particulares casos não referimos, assim por que são notorios em todos os povos deste reino, como por não offender o nome, e a fama das mesmas desgraçadas, e de seus paes e maridos: mas sendo necessario se apontará um grande aranzel: além de que não faltam religiosos que assistiram nas terras onde houve muitos destes successos, que poderão certificar muitos e muitos.

E se deve reparar, que estas prisões se mandam fazer com uma, duas e tres testimunhas; e de taes qualidades, que são presos confessos, socios no mesmo crime, que interessam no testimunho a vida e liberdade; emfim, sujeitas a todas as excepções de direito, e nelle indignas de credito, na fórma da nossa Ordenação; e sendo ainda estas, nenhuma conteste com outras, todas são singulares, reprovadas pelas leis; e ainda destas testimunhas é tão pouca a prova, que todos os presos a quem esta não cresce, sáem livres. Repare-se quanto se anticipa o castigo, pois sendo presos, logo as mulheres e filhas donzellas ficam, castigadas com damnos irreparaveis. E quantos sairam livres, que ainda hoje não teem recuperado seus bens, que o fisco lhes tirou?

Dirão que o fisco é real, e que lhe não toca. Assim devia ser; mas não é assim. Quem governa este fisco? Quem dispõe delle? Examine-se este ponto, ver-se-ha o pouco que vai para a camara real, e o muito que se consome. Sendo isto verdade, que o fisco está na sua disposição; por que se não entrega logo a fazenda aos que sáem sem perdimento de bens? Tanta pressa para prender e confiscar, e tantos vagares para restituir? E isto não só aos presos, mas aos acrédores dos confiscados, que perdem as fazendas, e deixam as causas pelas não continuarem com as dilações e violencias que costuma fazer o fisco. E quanto custa aos procuradores, ainda em caso de necessidade, levar alguma coisa do fisco, fazendo disso serviço, e parecendo que fazem mercê ao principe do que é seu?

3.° E se tudo (como se diz á boca cheia) é caridade e misericordia no santo tribunal; como se não põe remedio a estes damnos, que claro está são irreparaveis, e os mais delles não succederam, se áquellas mulheres, filhos e filhas, lhes deixassem alguns bens para se alimentarem?

4.° Leva um familiar ao preso; e é de advertir, que os familiares deputados para estas levas (regularmente fallando), principalmente *fóra da côrte*, são pessoas ordinarias, que são as mais, e homens de pouco pórte, *rusticos* e officiaes. Estes, que mal se sabem benzer, e que se lh'o perguntarem não hão de saber explicar que coisa é ser christão, nem o que é ser judeu, vão logo pelos caminhos persuadindo aos presos que confessem, e tornem para suas casas; porque os senhores inquisidores são de muita misericordia; que a usarão com elles e que se não confessarem, estarão lá muitos annos, e sairão a morrer.

5.° Chega o familiar com o preso, ou presos, que leva á inquisição; vem logo um secretario da meza tomar a entrada, e o alcaide dos carceres para tomar a entrega, com dois guardas; e todos estes começam a persuadir aos presos, que confessem para se usar misericordia com elles, e sairão para suas casas; e como a vida e a liberdade é tão amada, os mais tomam aquelles conselhos, e vão confessar o que não fizeram; e mais depois que se vêem em carcere tal como ao diante se dirá.

6.º Lançado no livro o termo da entrada, buscam a este preso, e lhe tiram tudo o que leva de oiro e prata, ainda que seja uma veronica, cruz, ou imagem de Christo Senhor nosso, ou da Virgem Nossa Senhora; tirando-lhe tambem as horas de rezar, e todo o genero de livros, ainda que sejam espirituaes, e que não contenham psalmos, ou auctoridades do Testamento Velho, e sejam somente da doutrina christã, e exercicio quotidiano; sem lhe darem outros que podessem encaminhar aos máus, e confirmar aos bons, que devia ser o primeiro cuidado nesta materia. Muitos houve, que, por desconsolados de lhes tirarem os livrinhos dos exercicios quotidianos, que costumavam rezar, como o officio da cruz, da Conceição, de Nossa Senhora, de S. José, e outros similhantes; e finalmente, dos mysterios do rosario, pediram com grande instancia na meza, lhes mandassem dar aquelles livrinhos para se encommendarem a Deus, pois eram christãos pela misericordia de Christo; e não era justo, que, sobre estarem sem ouvir missa, e sem poder confessar-se, lhes tirassem até o uso e bom costume de suas devoções, porque assim ficariam privados de todos os actos de christãos. E lhes foi respondido, que não necessitavam de livros, e só deviam occupar o tempo em cuidarem nas suas culpas para as confessarem naquella meza; e que assim usariam com elles de misericordia. A isto disseram alguns: muitas culpas temos, e com muitos peccados entrámos nestes carceres; pedimos um confessor para descarregar nossas almas, e alliviar as consciencias pelo sacramento da penitencia. Isto requereram muitas vezes os presos, assim homens, como mulheres; mas nunca lhes restituiram os livrinhos espirituaes para se encommendarem a Deus.

7.º Nem lhes concedem a confissão, nem outra alguma doutrina ou pratica espiritual em todo o decurso daquellas dilatadas prisões, em que muitos estão seis e oito annos sem confessar-se, e ainda em mais annos, se lá estão, nem uma só vez lhes dão a consolação de adorarem ao santissimo sacramento, ouvindo uma missa; e assim, não se podem confessar aquelles pobres, nem dos peccados passados, nem dos que commettem na prisão, sendo que lhes não faltam occasiões para cairem nelles.

8.° Isto não sé póde crer! Ha de pedir um preso confissão, dizendo que está em peccado mortal; e não ha de dar-se-lhe confessor? Ha de estar na miseria da culpa annos e annos sem remedio como o paralytico da piscina? Ó, valha-me Jesus Christo! Pois assim é certo e certissimo, que para os presos naquelles carceres não ha missa, não ha sacramentos, nem ha pasto algum espiritual, nem cuidado algum de os convencer do erro do juiso, se o tiverem, nem inclinar-lhes a vontade á fé, quando poderá succeder, sendo maus, estarem mais obstinados pelo rigor com que os tractam, e pelo desamparo em que se vêem: sendo contraria a doutrina de Christo Senhor nosso, que communicou aos phariseus para os ensinar, e a pratica da igreja que permitte haja em Roma synagoga, sem outro fim mais que prégarem-lhes duas vezes cada semana, como se faz; e com isto e com a communicação de homens doutos, vivem em conhecimento da verdade. Pois como póde ser, que sem nenhuma destas diligencias, se possa converter o que verdadeiramente for herege? E se na morte se lhe dá este sacramento da confissão, por que se lhe não dará em vida? E por que se ha de negar esse alimento das almas ao que se julgar que tem necessidade delle? Que desconsolação terão disto os bons; e que opinião formarão os maus? E os que lhes negam esse remedio, ou sabem o muito fructo que causa nas almas, pela sua frequencia, e devoção, ou o ignoram: se o sabem, e ainda assim lh'o negam, grande impiedade! se o ignoram, grande desgraça!

9.° Só se permitte pois confissão no artigo de morte, quando o medico manda; mas os medicos não mandam senão quando o enfermo está já em perigo muito evidente; e então vem o confessor muito de passagem, porque como os carceres são muito sujos e pequenos, e pelo mau cheiro intoleraveis (como ao diante se dirá), não se detem muito o confessor, nem póde, porque está o alcaide esperando á porta do carcere com os presos companheiros do doente, aos quaes tiram para fóra no entretanto que se confessa. E assim, por todas as circumstancias vem a ser a confissão, não como pede uma consciencia muito embaraçada, e que talvez está alli de muito annos sem confessar-se.

10.° Considere-se agora um homem doente, que se não confessa ha muitos annos, com fataes embaraços de consciencia; e ainda muitos tão ignorantes que imaginam, se fallam verdade na confissão sacramental, contra as falsidades que teem jurado na meza, que o confessor irá dar conta na mesma meza, e os castigarão por falsarios: que confissão farão nestas circumstancias? Ó segredo lamentavel, que até o sigillo sacramental fazes temer! Ainda mal, que com similhante ignorancia se fazem muitas confissões sacrilegas (ó sentimento!), seguindo-se damnos irremediaveis ás almas dos desgraçados, que assim se perdem!

11.° Nestas circumstancias, bem se vê como ficará uma alma destas bem confessada da primeira vez, pois não lhe concedem outra confissão, nem a sagrada communhão, nem a santa unção, e assim morrem sem alguma consolação espiritual; nem uma imagem de Christo, nem de Nossa Senhora, nem ainda uma cruz se lhes concede. Comtudo, nestes apertos é a fé dos bons tão viva e firme, que com tintas tiradas das candeias pintam como podem nas paredes estas santas imagens: que até pintores os faz a devoção e a necessidade, como se póde ver em muitos carceres, cujas paredes apparecem pia e devotamente pintadas com aquellas rusticas e humildes tintas. E assim estão nesta desconsolação continuamente orando, e encommendando-se a Deus.

12.° Os companheiros do que está no artigo de morte o ajudam a bem morrer, com lagrimas, com suspiros, e com colloquios santos, lembrando-lhe os nomes suavissimos de Jesus e Maria, resando-lhe o crédo, e fazendo-lhe repetir actos de contricção e de amar a Deus, cada um conforme a sua capacidade. Ó meu Senhor! Se vós foreis servido, para maior honra e gloria do vosso santo nome, fazer que o vosso vigario na terra, ou o seu legado, entrasse por um destes carceres, quando um destes moribundos está espirando, para ver e ouvir o que dizem e o que fazem aquelles que em Portugal são tractados e affrontados como se foram judeus! E como vivem e morrem opprimidos estes tristes!

13.° É muito de notar este ponto do artigo de morte; por-

que se no santo officio tem éste miseravel moribundo por judeu, pede e manda a caridade catholica, assistir-lhe naquella hora mais apertada, e ultima, com maior cuidado, procurando de o converter e livrar de seus erros; para que se não perca aquella alma redemida com o sangue de Jesus Christo, e que é a occasião de exercitar a misericordia, e fazer o officio de varões apostolicos pelo amor de Deus e do proximo.

E se os inquisidores por suas razões acham não convém irem elles assistir a estes moribundos; quem poderá duvidar ser contra a caridade não lhes mandarem um religioso douto, fiel e pio, que naquelle aperto tracte de salvar-lhes as almas e haver noticias particulares do que lhes convém; porque estas confissões ultimas da hora da morte, são as verdadeiras, feitas sem fingimento, nem temor, como se fazem as outras. Se fizeram isto nas ancias da morte, viram com evidencia a firmeza com que os bons amam a fé, e tambem conheceriam aos maus naquella tribulação, que alli não ha fingimentos.

14.º Bem parecêra, pois, que um inquisidor entrasse em um immundo e escuro carcere para visitar ao preso e enfermo, e lhe assistir, só a fim de o desenganar, e salvar-lhe a alma; mostrando-lhe que no santo officio tudo é zelo e desejo do maior bem das almas, e que só violenta aos seus ministros a caridade: e achariam os presos, por experiencia, que são paes compassivos na morte os que experimentaram juizes severos na vida, para os apartarem de seus erros. Fazem alguma coisa disto? Nada. Ah, dôr e compaixão! Pois logo, que fazem? Deixam ao miseravel enfermo, falto de todo o pasto espiritual, mettido entre quatro homens presos pelo mesmo crime de judaismo; e tendo-o a elle e aos seus companheiros por judeus, os deixam estar senhores arbitros daquella alma; e isto na ultima hora, donde depende a eternidade. Logo, como dizem se tracta naquelle tribunal da salvação das almas? E menor fôra esta caridade, do que ir ás terras dos infieis a conquistar almas, como fizeram, e fazem, muitos varões santos. Mais breve é o caminho do tribunal aos carceres, que o da Europa á India, China e Japão. Menos se padece em uma hora de carcere immundo (que por annos padecem os mi-

seraveis presos) do que nas perigrinações de regiões remotas, e climas diversos. Ó como seriam efficazes as diligencias destes ministros com os enganados, tractando de os reduzir, mais que de os castigar! E se viram que naquelle tribunal se tractava de buscar almas para as trazer á luz da verdade; e que deixando dignidades, rendas e commendas, e commodos de casa propria, os levava o zelo a converter infieis, como S. Pedro Martyr, S. Domingos, e outros; e que de relaxarem um apostata á justiça secular, iam para a sua communidade comer umas ervas, ou uma porção do refeitorio; dar esmolas aos pobres, visitar os hospitaes e as cadêas, e escrevendo as sentenças com lagrimas, derramariam menos sangue; e os presos, com razão se persuadiriam a que alli não havia outro fim, mais que o da salvação das almas.

15.° Ó clementissimo Jesus! Tal como esta é a misericordia dos homens, e o vosso pejo contrario! Até a um Judas, que vos entregou, vos déstes sacramentado! E aqui se nega todo o alimento espiritual e conforto ás almas que estão clamando que são christãs, que vos crêem, e que vos amam! Ora, Senhor, ouvi estes clamores, já que os homens não os querem ouvir. Ouvi, e remediae. Se á vossa sabedoria é só reservado conhecer e julgar corações humanos, por que hão de julgar os homens os corações e as almas, presumindo sempre mal, e tractando a todos como convencidos, antes de julgados! Se regularmente teem a todos os deste sangue por maus, e assim o dizem, como podem ser seus juizes, e como hão de julgar bem? Ó justissimo Juiz de vivos e mortos! Allumiae a todos os vossos ministros, e communicae-lhes muito do vosso espirito, para que julguem como devem os corações e as almas, que tanto vos custaram. O vosso espirito, meu Salvador, é espirito de amor, e não de rigor: espirito de perdoar, não de castigar: e este é o bom espirito para reduzir e salvar almas. Vós conhecendo os interiores, determinastes tempo para os julgar; e o juiso dos homens o faz na vida, e com tanto rigor, que castiga até a alma, tirando-lhe o pasto espiritual.

16.° Tornemos ao ponto. Feito pelo secretario o termo da entrada do preso, se entrega delle o alcaide, e com dois guardas

o leva para os carceres, e alli o mette em um, e o deixa sem mais allivio, que ver-se fechado com duas portas, mettido em uma casa de quinze palmos de comprido, e doze de largo, escura, e que tem por claridade uma fresta levantada do chão dez palmos, pouco mais, ou menos, e terá a fresta de largura uma mão travessa, e de comprimento tres palmos; e assim, dá tão pouca luz que não chega ao chão, e para verem os prezos alguma coisa, hão de estar em pé, porque então lhes dá a luz nos peitos, postos na parede opposta á luz da fresta; e quando estão assentados, nada vêem; e assim, comem ás escuras, e todo o dia estão desejando a noite para lhes darem luz: esta é uma tijelinha de barro vidrado, com um bico como candeia; e para se allumiar, lhe dão azeite por conta da sua limitada ração, que são dois vintens ás pessoas communs, e só a algumas muito ricas se acrescenta; e delles lhes descontam roupa lavada, carvão para o comer, e mais miudezas da cozinha.

17.° Nestes carceres estão de ordinario quatro e cinco homens, e ás vezes mais, conforme o numero dos présos que ha; e a cada um se lhe dá seu cantaro de agua para oito dias (e se se acaba antes, teem paciencia), e outro mais para a ourina, com um serviço para as necessidades, que tambem aos oito diás se despejam: e sendo tantos os em que conservam aquella immundicia, é incrivel o que nelle padecem estes miseraveis, e no verão, são tantos os bichos, que andam os carceres cheios, e os fedores tão excessivos, que é beneficio de Deus sair d'alli homem vivo. E bem mostram os rostos de todos, quando saem nos autos, o tractamento que lá tiveram, pois veem em estado que ninguem os conhece. É tambem movel daquelles carceres um estrado, que toma meia casa, em que fazem as camas, e são ainda assim tão humidos, que sobre os estrados, em poucos dias lhes apodrecem as esteiras das camas, e os colchões: e tomando medida ao estrado, sendo cinco, cabem só na cama de costas, e hombro com hombro juntos, e assim, precisamente veem alguns a ficar nos ladrilhos fóra dos estrados. Considerem-se bem estas angustias em uma casa de quinze palmos de comprido, e doze de largo, cinco homens com cinco cantaros de agua, e outros cinco de ourina, e um ou dois

cessos com elles, e acharão isto com evidencia, e muitos outros inconvenientes, que nem todos se penetram, ainda que muitos são bem patentes; e parece que sendo neste tribunal o segredo tão inviolavelmente observado, finalmente, com estas mudanças se publica quasi tudo. Valha-me Deus! Só no que é damno e oppressão para esta affligida gente, se dispensa o segredo! Ó bom Jesus! applicae o remedio.

20.° Estando nestes apertos, nem para sentirem suas penas teem liberdade os miseraveis. Mandam-lhes que não chorem, nem suspirem rijo, porque presumem que é darem signal aos dos outros carceres. Se dão um ai, tendo penas que os obriguem a dar tantos, é crime. Se gritam, ou fallam alto, culpa grave, e como tal se castiga. Lamentavel caso! E' delicto a queixa, são culpas os gemidos! E' virtude nos ministros o affligir, e crime nos presos o gemer e queixar! Geme o ar insensivel, quando o ferem, e não gemerão os homens sensiveis e racionaes? Hão de prohibir-se e castigar-se os impulsos da natureza? Quem, se não tiver um coração de pedra, ouvirá sem lagrimas e gemidos, a quem condemnam gemidos e lagrimas? Chora, suspira e geme quem sente uma dôr, ou padece golpes que cortam o coração, ainda para a saude; e não ha de chorar, suspirar, e gemer quem sente tantos golpes na alma? Golpes que cortam a honra, a vida, e a fazenda, não são golpes, nem dores que possam encobrir-se, nem disfarçar-se. Ó inhumanidade, que não usaram com os martyres os tyrannos!

21.° Se acaso se atrevem a fallar uma palavra de um carcere para outro, é indispensavel a pena, e o mesmo se batem nas paredes. E por qualquer destas coisas, o castigo é pôr mordaças, e açoites pelos corredores, na mesma fórma que cá fóra açoitam aos que foram condemnados a esta pena vil; e vae um guarda deitando pregão em alta voz, e diz = mandam os senhores inquisidores açoitar a esta pessoa, por fallar de um carcere para outro; ou por bater, inquietar, gritar, ou por ter duvidas com os companheiros = declarando o crime porque o açoitam, que sempre são coisas similhantes. E quando estas pessoas não tivessem a escusa da sua afflicção, e miseria em que se vêem,

nunca eram dignas da punivel, não o sendo os crimes; e menos em homens honrados, que, em quanto não estão convencidos, não perderam a honra. E por estas coisas lhes dão açoites tão crueis, que alguns padecem muitos dias, mezes e annos, intoleraveis dores, e inchações nas costas, de que ficam achaques perpetuos. E os mesmos castigos, sem haver excepção de pessoas, se dão ás mulheres donzellas e moças, e tão honestas, que em sua casa e de seus paes, não as via o sol, nem a lua; e a estas mandam preparar e pôr como vão os açoitados, descobertas com alguma indecencia, para as açoitar nas costas; e o instrumento deste castigo, é o mesmo com que cá fóra açoita o algoz; e não basta a estes opprimidos e miseraveis, não fazerem tal crime, para se livrarem de taes castigos; basta que bata um, para todos serem castigados os que estão na companhia. O peccante é castigado porque bateu, ou fallou, e os outros, porque o não accusaram; e assim nenhuma escapa.

Advirta-se que por todos estes rigores e máus tratamentos, e pela pensão das más companhias, passam regularmente todos, sem excepção, nem differença de fidalgos, nobres, religiosos ou freiras. Considere-se uma freira na companhia de uma mulher perdida (*qué vão lá muitas*), ou uma menina donzella e honesta; que bons exemplos e conselhos terão em taes companhias! Considere-se uma mulher nobre, casada, auctorisada, senhora de sua casa, mettida aqui com uma vil e baixa, sem creação, que em tudo se lhe quer igualar, e antepôr, dizendo — que todas são umas —; sendo que fóra nem logar lhe daria de criada! Considere-se um homem honrado, fidalgo de graves procedimentos, e de verdade e auctoridade, o que padecerá na companhia de um vil, bruto, sem verdade, nem razão; como o ha de soffrer! E se o não soffre, que evidentes perigos se lhe seguem; porque este o vae accusar por qualquer coisa que lhe faça, e procura que outros façam o mesmo! De todos estes enredos estão os carceres cheios.

22.° Aqui é de saber, se um descobríra, ou malsinára aos outros por bater, ou fallar; se lhe ficarão elles affeiçoados? E se depois aquelles forem jurar contra o companheiro que havia ju-

diado com elles, cada um por seu *modo*, sem contestação para não serem convencidos, haviam de *valer* os seus testimunhos? Ainda mal que valem, e são testimunhas como as outras; porque como os réos não sabem das mais por nenhuma circumstancia, todos ficam da mesma côr: pelo que, mais barato é aos desgraçados sujeitarem-se á pena vil dos açoites pelo crime que não fizeram, do que expôrem-se ao perigo de os castigarem com novos testimunhos no crime do judaismo. São tantos estes apertos, e máus tractamentos, que referil-os seria infinito processo. O que temos dito basta para amostra, e por aqui se podem rastejar os mais; e apurando-se a verdade, ha de achar-se que hoje os castigam por fallarem de um carcere para outro, e ámanhã na mudança ajuntam a estes mesmos. Ó, valha-me Jesus Christo! Hoje tanto segredo, ámanhã nenhum! Que será? Esta consideração fique ao discurso de cada um.

23.º E sendo tal o aperto, e tão horrendos os carceres, e suas incommodidades, comtudo, para muitos prezos são como ermos e covas de penitencia; alli é contínua a oração; em muitos o jejum e disciplina; muitos jejuam segundas, quartas, sextas e sabbados todo o anno, e as sextas feiras, e metade da quaresma a pão e agua, e o traspasso da Virgem Senhora Nossa: tomam disciplina aspera segundas, quartas, e sextas feiras. Rezam todos os dias o rosario de Nossa Senhora com os mysterios entoados a coros, como se pratíca na igreja; mas isto fazem em voz submissa porque lh'o não impidam; como tambem se açoitam depois da meia noite, por não se lhes probibir esta hora, e ficar mais occulta. São todas estas obras boas? Podem os tristes acautelar-se mais? Pois ainda assim se lhes prohibem. Valha-nos a misericordia de Christo! Disciplina é signal! Rosario é ponto dado! Jejum é engano! E tudo isto nos tristes presos é mau! Pois que hão de fazer para obrarem bem em tribunal onde se tracta de salvar e converter as almas? Tudo se attribue a mal! Disciplina, rosario, jejum, e orações, tudo são invenções, tudo hypocrisias? Bem desenganados estão os presos, que lhes não dão credito, antes sabem que de tudo se lhes faz peçonha, e mais fazem as boas obras referidas. Pois a quem enganam? A Deus? Ó, eterno Jesus da mi-

nha alma, fazei a todos patentes estas verdades, e dae a todos luz para conhecerem o que é bem, e o que é mal! E vós bem sabeis que assim são julgados os prezos e os soltos. E ainda sabeis mais, porque sabeis, e sabem todos, que os que néste reino teem a desgraça inculpavel deste sangue, se guardam os vossos conselhos, exercitando obras de piedade e devoção, são tidos por maus e simulados; e o não são, se deixam de guardar os vossos preceitos, jurando, ferindo, e matando, ou fazendo coisas similhantes! *Valei-me*, Senhor, que não ha paciencia para tolerar, que ser homicida e ladrão, não seja argumento de ser judeu, e o seja ser devoto e pio!

24.º Temos tocado o menos que referir se póde do tractamento e aperto dos carceres; e affirmamos que não é a minima parte, porque o que na verdade passa, é impossivel explicar-se; e assim *só* com a experiencia e com a vista se póde intender o que alli se padece; e assim estas noticias veem a ser uma sobra, deixando o mais á imaginação. Não tocámos os particulares dos carceres da mulheres, porque como são feitos com mais cautela, são menos comprehensiveis, e a nossa tenção é fallar verdade pura; e como a materia é arriscada, não queremos offender, *intentando* só explicar o que padece esta desgraçada gente, e o que impossibilita o seu remedio.

Mas com tanta cautela como nisto se tem, ainda se intende que as moças e formosas, são mais bem tractadas, e com palavras mais suaves. Muitos casos se poderam referir, se não offenderam. Ainda hoje vive em Madrid uma mulher tão honesta, que, pelo que lhe succedeu nos carceres de uma inquisição de Portugal, não quiz que ninguem mais lhe visse e rosto, e ainda hoje lá vive com este sentimento. Ó Jesus da minha alma! Tudo vos é bem patente! Acudi com o remedio.

25.º Pouco credito, dirão, que se deve dar ao referido; porque não ha auctores que escrevam sobre tal materia, e ainda os presos que o experimentaram, não podem testimunhar, porque é crime para os tornarem aos carceres, revelarem qualquer destes segredos, e assim lh'o notificam quando sáem, dando-lhes juramento de guardarem em tudo segredo. E assim, só pelas con-

fissões sacramentaes se podem alcançar aquellas verdadeiras noticias. Dizem, porém, que a estas se não deve dar credito, e que são enganosas.

26.º Primeiramente respondo: que depois destes homens sairem reconciliados, deve suppôr-se que não veem mentir ás confissões sacramentaes, aliás não foram bem e verdadeiramente reconciliados, pois fazem as confissões sacrilegas, o que não póde presumir-se, antes o contrario, para não ser a confissão infructuosa. Em segundo logar digo, que se tudo é tão justificado, para que é tanto segredo, com penas, juramentos, etc.? Não seria maior justificação do santo officio deixar dizer aos réos publicamente o que passam, e como em tudo se procede com elles, impondo-lhes só a obrigação natural de dizerem a verdade; e nestes termos, dizendo elles mentira, castigal-os com maiores castigos (e seriam bem castigados), tirando-lhes o motivo de poderem dizer que padecem innocentes, e que não pódem abrir a bocca para procurar remedio, e que padecem indefensos, porque o medo e o segredo lhes impossibilita os meios de apurarem a sua innocencia? Se alguem duvidar do referido ácerca do procedimento e carceres, requeremos que seja tudo visto e examinado, e achar-se-ha ser tudo o sobredito verdade, e se verão muitas coisas ainda peiores, que nem tudo se póde escrever; e só a vista, e a experiencia poderá bem mostrar o que lá vai dentro.

Demais: que se á confissão sacramental se não deve dar credito; como se dá tanto á judicial que fazem os tristes, opprimidos, e temerosos, e como unico remedio para livrar a vida e a liberdade? E se enganam aos confessores, não enganam aos inquisidores? Se mentem áquelles, não mentirão a estes? E por consequencia não haverá enganos e mentiras em presos e testimunhas? Enganam aos confessores até com as demonstrações de lagrimas e gemidos que ouvem a muitos, e não lançarão uma lagrima, e darão um suspiro em um potro? Não mudaram a côr em uma batalha, e são tão nescios estes confessores, que não colhem se os enganam quando a mudam? Se os que assim julgam os examinaram, e foram confessores com espirito e letras, haviam de julgar como estes julgam. E quem dirá que

julga melhor o povo ignorante, e ainda os intendidos, que os doutos e virtuosos, principalmente não tendo os miseraveis liberdade para fallarem mais que na confissão? E que interesse tiram de enganarem a um confessor, que lhes não póde valer?

27.º Agora, dos carceres acompanhemos um destes presos indo á meza; e por elle iremos discorrendo toda a fórma do processo que se usa; em primeiro logar com os negativos; em segundo logar com os confitentes. Ó luz soberana do divino *Espirito! dirigi* e governae minha boa e recta tenção, e a penna com que isto escrevo, para que acerte o meu juiso a explicar verdades solidas e infalliveis, pois a isto me não dirige outro affecto mais que o zelo do vosso santo serviço, e o bem de tantas almas: bem vêdes o meu coração, e assim vos rogo pela vossa immensa piedade, me não desampareis, nem permittaes que continue, se não é para vossa maior honra e gloria.

28.º Tira o alcaide dos carceres um preso para o levar á meza com um guarda diante: chega a meza, sem capa, nem chapéo, como sae do carcere: mandam-lhe que se ponha de joelhos, e assim lhe fallam. A primeira pergunta é — como se chama? D'onde é natural? Com quem é casado? Quem o prendeu? e *outras miudezas*; e tudo se escreve. Segunda; perguntam-lhe — se sabe por que vem preso? Respondem muitos que não; porque elles são e sempre foram christãos, e não teem crime que deva nada ao santo officio; e assim é a sua prisão por testimunhos falsos. Logo lhe dão juramento de guardar segredo em tudo o que passar nos carceres, e lhe fôr perguntado; e o mandam assignar, e levar outra vez para os carceres.

Esta é a primeira vez que vão á meza; e lhe mandam rezar as orações do Padre Nosso, Ave Maria, Credo, Salve Rainha, e todas as mais que querem: e, regularmente fallando, acham que todos as sabem muito bem. Pois se as sabem, para que os mandam andar á doutrina depois de sairem? Para que enganado o povo, *intenda* (como intende) que a não sabem até áquelle tempo, e que alli *lh'a* ensinam.

29.º A muitos teem dois, tres, e quatro annos, só com estas primeiras diligencias; sem os chamarem mais, nem lhes dize-

rem por que estão presos. Com outros logo vão continuando as diligencias. Nisto não ha certeza. Só se presume que os que estão muito tempo sem lhes fallarem na sua causa, são presos com poucas testimunhas, e os deixam estar até que sabendo-se que estão presos, vão sobre elles carregando novas testimunhas. Mas seja qual fôr a razão, sempre é em damno excessivo dos miseraveis, que, vendo-se desesperados naquella horrenda prisão, com tantas dilações, e ouvindo todos os dias aos guardas e alcaides prégando-lhes que confessem, e irão para suas casas, confessam antes de saberem o por que estão presos. Assim succedeu algúmas vezes confessarem a culpa de que estão delatados, e não por que foram presos; porque como vão a olhos fechados, e nem uma, nem outra culpa commetteram, não podem adivinhar; e assim cada um diz o que lhe occorre. Muito disto se poderá vêr nos processos; e se mostra por muitos casos de christãos velhos, que confessaram o que não fizeram; e muitos que por isso tornaram a ser presos e castigados. E se a tanto dirige a oppressão e temor aos christãos velhos, ou ao que não sabe se o é ou não, que ainda póde conservar a sua honra, que muito que obrigue ao christão novo, que já a vê perdida, e que já não póde escapar da infamia, ainda que seja um santo?

30.° A segunda chamada á meza é para declarar a geração. Perguntam-lhe pelo pae e mãe, e avós, e se são christãos velhos ou novos, quantos irmãos tém, e como se chamam? Pela mesma fórma, os filhos de cada irmão? Logo quantos irmãos teve seu pae? E os filhos que teve cada irmão de seu pae? E na mesma fórma, os irmãos de sua mãe, e seus filhos? E por este modo lhe fazem declarar, por linha direita e transversal, todos os seus parentes até o segundo gráu de consanguinidade, e por affinidade até o primeiro, como sogros, e cunhados; do que resulta um damno irreparavel aos innocentes, porque os presos, afflictos, e opprimidos, ás cegas, e cheios de temor, lhes parece que perguntando-lhes por sua geração, e escrevendo-lha, é para vêr se quando confessam, deixam de dar em algum daquelles que ficam escriptos, e lhes parece que se não dão em todos, não teem remedio para remirem a vida, e d'aqui vem darem

muitos nos paes, filhos, irmãos, sobrinhos e primos, e em todos falsamente: e depois são apertados pelas testimunhas que teem contra si, que talvez não conhecem; e assim correm todo o mundo, e dão em todos, e nem assim acertam, e sáem a morrer diminutos. Ó bom Jesus! como soffreis, e permittis esta confusão! Se este miseravel deu em toda a sua geração, e em todos os que conhecia, como sáe a morrer diminuto? Com que fundamento se presume racionalmente, que accusando-se a si, e a seu pae, mãe, e irmãos, deixe de accusar aos estranhos? Como se deixa matar? Vejam-se os processos dos diminutos, e achar-se-hão coisas que assombrem nesta materia!

31.º Escripta a geração, dizem ao preso se quer confessar suas culpas, que terão misericordia com elle. E esta chamam a primeira admoestação, sem lhe declararem as culpas, e a qualidade dellas. Responde que é e foi sempre christão, e não tem culpas tocantes áquelle tribunal para confessar nelle. Dão-lhe outro juramento de segredo, e assigna e volta para o carcere.

E' de notar estes juramentos, e outros muitos que se dão aos taes presos, porque se elles o estão pelo crime da heresia, não estão capazes para o recordarem, e menos para em virtude delle convencerem a outrem; e se estão capazes como lhes denegam os mais actos? D'onde se colhe, que só para fazer damno e prejuizo a terceiro, os fazem capazes, não o estando para jurar de direito.

A terceira vez que o levam á meza, é a segunda admoestação. Dão-lhe logo juramento de guardar segredo, e dizer verdade do que lhe for perguntado. E perguntam em primeiro logar se quer confessar suas culpas, que se usará naquella meza com elle de misericordia. Responde que é christão catholico, e que nunca se apartou da fé: escripto isto, lhe começam a ler toda a lei de Moysés por perguntas, na fórma seguinte:

32.º Foi perguntado: se se apartou da crença da lei de Christo Senhor nosso para a lei de Moysés? Ou se sabe, que algum christão baptisado o fizesse? Respondeu que não.

33.º Foi perguntado: se em observancia da lei de Moysés, deixou de comer carne de porco, peixe de pelle, coelho, ou lebre etc.? Respondeu que não.

34.° Baste isto para exemplo, que até escrever taes coisas faz horror. Por este modo lhe vão perguntando todos os preceitos daquella lei. Responde o miseravel a cada pergunta, como verdadeiro christão, e diz: Senhores, para que é lêrem-me vossas senhorias isto, se eu á primeira pergunta respondi, que era christão, e nesta resposta já fica dito que em nenhuma coisa destas estou comprehendido? Para que querem que esteja ouvindo o que tanto me molesta? Sem embargo dos mais se affligirem de ouvir aquella lenda, vão lendo tudo, e escrevendo: mas não escrevem a molestia e pena do réo; nem as muitas respostas que dão, mas só, a cada pergunta respondeu que não.

35.° Houve uma pessoa, que ouvindo os muitos disparates e despropositos que lhe perguntavam, que dizem serem preceitos daquella lei, como varrer a casa ás avessas, deitar migalhas de pão e pingas de vinho em os cantaros da agua etc., respondeu: senhores, eu já disse que sou christão, e que nada da lei de Moysés fiz, e assim é escusado gastarem este tempo, sendo tanto necessario para vossas senhorias despacharem os miseraveis, que, como eu, estão padecendo ha tantos annos nestes carceres; e (seja-me permittido fallar assim) para que é ensinar estas coisas a quem nunca as ouviu, nem sabe? E quantos d'aqui tomarão o que hão de confessar, para se remediarem? Responderam: direis, que aqui vos ensinam lendo-vos estas coisas? Se o disser (tornou o réo) direi a verdade; porque esta é a primeira vez que ouvi similhantes coisas. E com quanta razão se póde intender assim de meninos, mulheres, e ignorantes, que aqui veem? E deve advertir-se, que destas respostas que dão os presos, nada se escreve nos processos; porque se nelles se escrevessem, ver-se-hiam coisas notaveis, que cortariam os corações dos fieis christãos: mas alli só se escreve, ou sim ou não, com que conclue a resposta, deixando as mais coisas que os presos dizem, que foram bem necessarias para o conhecimento das suas causas. Se os taes presos que lá estiveram, tivessem liberdade para fallarem, coisas notaveis se ouviriam, que só quem as experimenta as póde explicar. Lida assim, e perguntada toda a lei de Moysés, assigna o preso, e volta para o carcere.

37.° D'aqui ao tempo que lhes parece, que não tem termo certo, porque a uns se fazem todas as diligencias em uma e duas semanas, e a outros se interpolam mezes e annos, e os miseraveis, por mais que queiram adiantar os seus livramentos, não podem, por que os não levam á meza, nem lhes ouvem requerimentos, ainda que os peçam, salvo aos confessos, que a estes, para irem jurar contra os outros, cada vez que querem os levam logo á meza; mas os que estão em livramento, não vão senão quando da meza os chamam, e assim correm estes tristes sua tormenta, entregues á providencia divina, e sem remedio humano para abbreviarem a sua causa.

38.° Succedeu a alguns destes pedirem meza, e leval-os o alcaide, cuidando que, de enfadados na prisão, vão confessar. Chegados á meza, representám com lagrimas e lastima a sua causa e razões, e que ha tantos annos estão alli, sem se lhes fallar nos seus processos: que pedem e requerem se corra com elles, e lhes concedam os meios de direito para se defenderem, e mostrarem a sua innocencia. A resposta é: quereis vós confessar vossas culpas? Que culpas (dizem os presos), se somos catholicos christãos, que cremos, veneramos e adoramos a Jesus Christo? Sem ouvirem mais, nem escrever-se nada disto, que póde mover as pedras, os mandam logo para o carcere, e ás vezes, com razões e reprehensões bem pezadas, e os guardas, e alcaide, pelo caminho os vão molestando, pelo atrevimento de pedirem meza sem ser para confessar: e assim não teem estes tristes e desgraçados presos outro remedio, mais que padecer e esperar, sem poderem fallar nas suas causas, em que lhes não vae menos que a vida, liberdade, honra e fazenda. — Todas as leis persuadem a brevidade das causas, e muito mais das criminaes, que poem termo ás suas decisões, e até os dias para as devassas teem limite. Somente estas causas o não teem? Se ha prova, que se castigue: se a não ha, que se absolva, se é que ha absolvição nesta materia. Porque não ha de sair solto e livre o innocente, padecendo sempre os graves prejuizos e penas, de annos de carcere (e de tal carcere), da infamia e damno dos bens, os castigos na honra e na fazenda, necessariamente padecidos, que, sendo graves para os cul-

pados, quanto mais o serão para os innocentes? Padecendo em fim em uma tal masmorra as magoas referidas, padecem tambem com a dilação da sua causa, vêr não só suspenso o seu livramento, mas desamparada a sua casa, sua mulher e filhos, e isto só por culpa de não terem culpa! Pois não é outra a destes infelizes, e os mais desgraçados de todos os nascidos, porque por não terem culpa se dilata o padecer, esperando-se a tenham. E se se trocaram as bolas, e as diligencias que fazem para os culpar, se fizessem para os absolver, que innocentes houvera! Se é louvavel e bom o estylo destas dilações, porque o não approvam as leis civis e ecclesiasticas, mas antes em tudo as abominam?

Não deu nesta traça de averiguar as heresias, ou outros delictos graves, nenhum dos santos pontifices da igreja; nenhum dos insignes e prudentes padres, que illustraram o mundo. E se deste, e dos mais estylos, até aqui referidos, houver breve da sé apostolica, ou regimento approvado por ella, será justificado o seu procedimento; porém se o não houver, será justificada a queixa delle. E o que mais podem fazer estes miseraveis, que pedirem se lhe corra com a sua causa? E em vez de lh'a abbreviarem, os reprehendem por isso: e até os mesmos guardas os perseguem e escandalisam! Não póde haver maior impiedade!

39.° Tornemos ao ponto de que nos divertimos. D'aqui ao tempo que lhes parece tornam a levar ao miseravel á meza, e a esta chamam terceira e ultima admoestação: apertam-no muito, que confesse, e se valha da misericordia com que aquelle tribunal o tem admoestado; que lhe advertem ser aquella a terceira e ultima admoestação que lhe hão de fazer, e será castigado com os rigores que o santo officio usa com os que não confessam. E isto dizem com tal severidade, que muitos dos que se viram em similhantes casos, confessaram, que estavam perdidos, e tremendo neste acto. Ó, valha-nos a piedade de Jesus Christo! Para que é tanto rigor? Para que são tantos assombros? E se neste acto temem os homens de valor e juiso, que farão mulheres, meninos, e meninas honestas e ignorantes, delicadas e fracas? É ponto este em que, com mais declarado temor, confessam muitos o que nunca fizeram, porém a alguns dá o Senhor por sua

misericordia, constancia e valor para despresar os perigos e ameaços de castigos, e persistem dizendo: que são e sempre foram christãos, e não teem que confessar. A este dizem então: no cabo lhe achareis o erro, e ouvireis a ultima sentença. E já o promotor da justiça requer, que quer dar libello contra vós. Chamam ao promotor, vem com o libello, e começa a lêr o secretario, e diz assim: —

Libello.

40.° Diz o promotor da justiça contra o réo *Fulano*, preso nos carceres do santo officio. E se cumprir.

Provará, que sendo christão baptisado, se apartou da nossa santa fé, se passou á crença da lei de Moysés, crendo que nella havia salvação, e usando das cerimonias judaicas, em observancia da dita lei.

Provará, que o réo se achou em certa parte com pessoa de sua nação, e entre praticas se declararam, que criam na lei de Moysés, e em observancia della não comiam carne de porco, nem peixe de pelle.

Provará, que achando-se o réo em certa parte com pessoas de sua nação, com occasião de uma das ditas pessoas dizer, que comêra presunto, respondeu o réo, que elle nunca o comia; e outra das pessoas disse, que fazia muito bem, se era em observancia da sua lei. E com esta occasião se declararam, que criam e viviam na lei de Moysés, e não comiam presunto, e vestiam camisa lavada aos sabbados.

Provará, que o réo se achou em certa parte com pessoas de sua nação, e dizendo-lhe o réo, que queria comprar um officio auctorisado, lhe respondeu uma das ditas pessoas, que não fizesse tal, porque lh'o haviam de impedir, por ser de nação. E outra pessoa das que estavam presentes, disse, que bem o podia comprar, que lh'o não haviam de impedir, porque havia muitos exemplos de pessoas de sua nação, que serviam similhantes officios. E com esta occasião se declararam que criam e viviam na lei de Moysés, para serem ricos e honrados, e em

observancia della rezavam o Padre Nósso, e não comiam coelho, nem lebre, nem peixe de pelle.

Pede recebimento, e cumprimento de direito; e provado o que baste, que o réo seja relaxado á justiça secular, como apostata de nossa fé, e herege.

Esta é a formalidade dos libellos, pouco mais ou menos. E fizemos o exemplo referido, para por elle explicarmos melhor a fórma dos processos.

Repare-se nos motivos e fundamentos, que nestes artigos dos libellos se dão para a declaração, pois todos são como estes; e faça-se reflexão, como se compadece em materia tão grave, como a da fé, declarar-se com tão levianas praticas, e occasião que sempre toque em *comer*, *não comer*, e outras ninherias; e tudo vem a ser o mesmo. Claro está, que se foram verdades, haviam ser os motivos certos, verosimeis, e accommodados ao tal fim. Mas como tudo são fingimentos e falsidades, tudo vem a ser *lebres*, *coelhos*, *peixes de pelle*, e outras sujidades e disparates incriveis. E como é crivel, que uma mulher donzella e honesta, a quem seu pae não permittiu nunca fallar com ninguem, tivesse estas declarações com soldados estragados, e com mulheres profanas, com as quaes seu paes as não deixariam fallar, nem ainda de vista, e lhes atirariam á espingarda se lhes chegassem á porta? Pois vejam-se os processos, achar-se-hão muitas declarações com gente similhante; e julgue-se prudentemente, se o admitte a razão: e se o ajuste é de presumpções, quem póde negar estas em favor das pobres donzellas? E com tudo isto as prendem, e por este modo as prendem! Vós, meu Jesus, sois de tudo isto boa testimunha, e haveis de ser juiz.

41.° Lido o tal libello, lhe perguntam: se é verdade o que alli se lhe leu? Responde, que tudo é falso; porque elle é, e foi sempre verdadeiro christão. Assigna o termo, e volta para o carcere.

42.° D'alli a tempos, que, como temos ditos, é quando querem, chamam a este réo, e um letrado, que tem nome de procurador dos presos; e dizem ao letrado: este réo pede procurador para lhe correr com a sua causa: v. m. o seja, e requeira por elle; e se intender que maliciosamente se defende, dará conta na meza. E com estas razões despedem o letrado, e com elle vae o preso para outra casa, aonde tambem assiste um continuo, ou vigia, para que o letrado e o preso não possam fallar uma palavra de que na meza se não tenha noticia por aquelle continuo, ou vigia, que para isso o mandam (o letrado vae já por vigia das tenções, que só a Deus pertencem, e que facilmente intenderá se se defende maliciosamente, porque todos, especialmente os que tocam ao santo officio, presumem sempre desta gente o peior).

Assentam-se o letrado e o vigia em suas cadeiras, e o preso, sem chapeu, em um tamboretinho, ainda que seja clerigo, frade, ou fidalgo, que em nada os differençam, ainda que até então esteja em termos de ser absolto da instancia por falta de prova. Lê o letrado o libello, de que lhe dão alli o traslado delle, e lido, pergunta ao preso, que tem que dizer contra aquillo que alli se diz delle? Responde o preso: muito; e mostrarei que tudo isto que *alli se diz* fazia eu pelo contrario, porque sou christão verdadeiro, e como tal vivi sempre, sem nunca se achar em mim crime algum contra a nossa santa fé. Começa o letrado a escrever o que parece serve de contrariedade ao libello, e diz desta sorte:

Contrariedade.

43.° Provará, que o réo é christão baptisado, e como tal vive, fazendo todos os actos de christão e de piedade, ouvindo missas e sermões, e commungando muito a miudo, dando esmolas aos pobres e ás religiões, e fazendo muitas obras pias em serviço de Nosso Senhor Jesus Christo e da sua Santissima Mãe, servindo nas igrejas e irmandades, dispendendo muito da sua fazenda, e nunca se achou nelle obra, nem palavra contraria á nossa fé; antes mostrou sempre em tudo muito amor e temor de Deus, veneração de Christo e dos Santos, e muito amor do proximo.

Provará, que nunca vestiu camisa lavada ao sabbado, e que sempre comia em sua casa, lebre, coelho, carne de porco, e peixe de pelle, e tudo o mais que se diz ser prohibido na lei de Moysés, porque, como verdadeiro christão, em nada fazia differença, e em tudo vivia conforme os preceitos da santa madre igreja catholica romana, o que constará pelos criados e criadas de sua casa, que o serviam e lhe faziam de comer, os quaes todos eram christãos velhos; e pelos séus confessores e parochos, de quem era freguez, e em geral, por todos aquelles que o conheciam e tractavam, por ser publico e notorio o seu bom procedimento e verdade, e limpeza com que vivia.

Esta é a substancia de que se compõe a contrariedade, com mais ou menos artigos. Feita e assignada pelo letrado e pelo preso, levam-na á mesa, e o preso para o carcere.

Adverte-se, que tudo o que se diz nesta contrariedade, só prova legalmente com os criados christãos velhos, e que teem na casa interior conhecimento, e com o testimunho dos confessores, parochos, e mais pessoas de credito, ecclesiasticas e seculares; porque, como são actos positivos, que se podem provar, juram verdade: assim ella valêra! Se se virem os autos, achar-se-hão coisas notaveis, provadas em abono dos réos!

44.º D'ahi a outro tempo, que nunca têm certeza, chamam a este réo para dar suas testimunhas á contrariedade ou abonação, como lhe quizerem chamar, e lhe dizem, que as nomeie, advertindo-lhe, hão de ser de credito, christãos velhos, e seis para cada artigo, e ao menos tres. Assim o fazem, e muitas mais deram, porque tudo o que allegam são verdades muito notorias na abonação de sua vida e costumes: assim poderão prevalecer contra as falsidades, e convencer aos falsarios! E poderam claramente se a singularidade e o segredo o não defendêra.

Dadas as testimunhas, que o réo vae nomeando, e o secretario escrevendo, lhe dão juramento; assigna, e volta para o carcere.

45.º Depois, passado outro tempo, tambem incerto, chamam ao réo, e supposto que na terceira admoestação lhe disseram era a ultima, sempre vão apertando com elle que confesse, e sempre

em todas as chamadas, são as primeiras cerimonias dar-lhe juramento de faller verdade, e apertos para que confessem. Torna o réo a responder, que é christão, e não tem que confessar. Dizem-lhe então: pois ouvi, que já o promotor da justiça requer se vos dê declaração da prova que tem contra vós. Lê o secretario, e diz assim:

Declaração da prova da justiça contra o réo.

Primeira testimunha (supponhamos que se chamava Braz) da justiça jurada e ratificada na fórma da direito: que sabe, pelo vêr e ouvir, que, haverá dez annos, pouco mais ou menos, que o réo (Luiz) se achou em certa parte (Coimbra) com pessoas de sua nação, e entre praticas se declararam que criam e viviam na lei de Moysés, e em observancia della não comiam carne de porco, nem peixe de pelle.

Segunda testimunha (João) da justiça jurada e ratificada na fórma de direito: que sabe, pelo vêr e ouvir, que achando-se o réo (Luiz) em certa parte (Castello Branco) com pessoas de sua nação (Francisco e Antonio), haverá quinze annos, pouco mais ou menos, com occasião de uma das ditas pessoas (Antonio) dizer, que comia presunto, respondeu o réo (Luiz), que elle o não comia. E outra das ditas pessoas (Francisco) disse, que fazia muito bem, se era em observancia da sua lei, e com esta occasião se declararam, que criam e viviam na lei de Moysés, e não comiam presunto, e vestiam camisa lavada aos sabbados.

Terceira testimunha (Gonçalo) da justiça jurada e ratificada na fórma de direito: que sabe, pelo vêr e ouvir, que, haverá seis annos, pouco mais ou menos, que o réo se achou em certa parte (Thomar), com pessoas de sua nação (Manoel e Francisco); e dizendo o réo (Luiz), que queria comprar um officio auctorisado, lhe respondêra uma das ditas pessoas (Manoel), que tal não fizesse, porque lh'o haviam de impedir por ser de nação; e outra pessoa (Fernando) das que presentes estavam, disse, que bem o podia comprar, que não lh'o haviam de impedir, porque havia muitos exemplos de pessoas da sua nação, que serviam

similhantes officios. E com esta occasião se declararam, que viviam, e criam na lei de Moysés, para serem ricos, e honrados; e em observancia della resavam o Padre Nosso; não comiam coelho, nem lebre, nem peixe de pelle etc.

Esta é a forma das declarações, que se dão aos presos, da prova que teem contra si: esta do réo que se chama Luiz, é de tres testimunhas, e, como dellas se vê, todas tres são singulares; e não pareça que são poucas para ser preso, porque houve muitos que o foram com duas, e outros só com uma, e todas são singulares, sem contestação; porque, como são falsas, não podem contestar. Vejam-se os processos, que de mil, se não há de achar uma contestação, salvo os apresentados, que se confessam de fóra, e vão ajustados, dos quaes se tractará em seu logar.

Para a conferencia, que se há de fazer adiante, se advirta nesta primeira testimunha acima, que quando a testimunha diz, que se achou o réo *com pessoa* (como diz esta) declara, que estiveram sós, ella e o réo; e para melhor se intender, supponhamos que esta testimunha se chama Braz, e o réo Luiz, e a *certa parte* Coimbra: para nota e conferencia desta testimunha referida, advirta-se, que aqui diz *pessoas*, e assim, são mais que a testimunha e o réo. Supponhamos que o réo é Luiz, as pessoas, Francisco e Antonio, a testimunha João, e a *certa parte* Castello Branco. Aqui pomos estas tres pessoas para exemplo, que ás vezes dizem que estavam seis ou sete, e mais, e isto chamam juntas, nas quaes juntas leva a mesma testimunha muitas de um tiro, e ficam todos embaraçados uns com outros, como se verá adiante notando esta testimunha. Para nota de terceira testimunha, supponhamos que a testimunha é Gonçalo, e o réo Luiz, e outro Manoel, e a certa parte Thomar etc. Note-se, que acto tão expresso o de que tracta esta testimunha ao que jura Gonçalo, para que, se fôra verdadeira, se lembrarem delle Fernando e Manuel, contra quem juram; e adiante se verá a variedade com que em nada contesta. E advirta-se, que nos processos, se hão de achar declarações de coisas mais expressas e conhecidas que estas, e nunca acertam com ellas para contestarem, porque, como são falsas, não póde haver contestação.

Lida a tal declaração acima, que melhor se deve chamar confusão, perguntam-lhe: se é verdade o que alli lhe leram? Torna a dizer, que é falso, e que é verdadeiro christão, e nunca creu na lei de Moysés; jura, assigna e volta para o carcere.

46.º D'alli a outro tempo, levam o miseravel réo ao seu letrado, que tem o nome de procurador, mas nem procura, nem requer, nem póde requerer o que pelos fundamentos de direito intende, porque não póde usar do direito, nem exceder os termos *alli praticados* e ordenados, que vem a ser, contradictar testimunhas, cega e confusamente. Nem os letrados sabem mais das coisas, que os presos, porque não vêem os processos, nem os termos que nelles se continuam, e todos se processam em ausencia do procurador, só com o preso, e de nenhum se lhes dá vista, ainda que sejam prejudiciaes, judiciaes, ou injudiciaes, para os contestar, e defender ao preso, ou os annullar com fundamentos de direito: de sorte que que alli os letrados não usam das letras, nem arrasoam, nem allegam, nem podem, porque não sabem das causas e processo; e assim, justamente se diz, que são procuradores no nome, e *pro forma*, e sempre os taes são eleitos pela meza entre seus familiares, os mais resolutos *contra christãos novos*; e assim, verdadeiramente não são procuradores pelos presos, senão contra os presos. Este letrado vae depois depôr á meza o que intende do preso; e como lhe será favoravel? Se diz bem, de nada serve ao réo, porque se ha de julgar pelos autos, e raro será o sugeito de quem taes letrados formem bom conceito; que a natural presumpção de todos os tocantes ao tribunal, está contra esta affligida gente, e em muitos com uma cega inclinação e aborrecimento: e assim, sempre o letrado sentirá mal; e a sua presumpção má, com qualidade de procurador, fará muito damno aos presos. E sendo presumpção para bem, nenhum faz ao dito preso, por ser do seu procurador, e tudo vem a redundar em oppressão dos miseraveis, sem esperança, nem remedio para a defeza; porque, como fica dito, o letrado não vê os autos, nem póde allegar de direito. Não é assim o promotor da justiça, que para os accusar vê todo o processo, e é senhor de todo o segredo. E bem se vê

a desigualdade do procurador do auctor e do réo, não havendo esta differença em nenhum tribunal secular ou ecclesiastico, nem em delicto algum de lesa magestade humana, nem outro em que se admittam quaesquer testimunhas, e sem nome, ou em que haja outras similhantes especialidades. Vejam-se os processos, e geralmente se achará em todos o que neste numero se refere. Se os letrados encontram o modo e estylo de processar as testimunhas, por serem todas sem contestação, e algumas singulares, e por serem os mesmos presos, que no seu testimunho teem a vida e liberdade; e se tudo isto annullaram, era crime para os metterem em um carcere, e lhes darem asperos castigos por sentirem mal do procedimento daquelle tribunal.

47.° Bem se conhece claramente do referido a desigualdade do juiso em que os miseraveis perecem sem defeza; e tudo é contra elles, e nada em favor da sua innocencia: e assim são castigados, ou a morrerem queimados, ou infamados e havidos por judeus, ou a confessarem o que não fizeram, impondo-se falsos testimunhos a si e a seus proximos, porque a experiencia lhes ensina que não teem outro remedio para a vida; e como esta e a liberdade são tão amadas dos homens, e se concedem aos réos, por fazerem aquellas falsas confissões, por isso nos autos da fé vemos sair muitos confessos, sendo verdadeiros christãos, e o povo e todo o reino enganados, imaginando que são judeus. De todos estes males é raiz o inviolavel segredo; porque como daquellas causas ninguem sabe, e os inquisidores e secretarios, e ainda os mesmos presos, teem tão repetidos e apertados juramentos de guardarem segredo, que, se algum o quebra é punido e castigado tão severamente, dura este jogo da cabra cega, sem os principes, reino e povo, nem ainda a sé apostolica poderem descobrir as violencias, oppressões e excessos, com que se procede, e o muito que tem padecido e padece esta miseravel gente. E d'aqui vem fazer-se este crime publico, com apparencias de verdade, sendo quasi tudo falso, nascido desta confusão e labyrintho, e ainda o que é verdadeiro, nasce muita parte de se fomentar tanto a memoria do judaismo, e de repetirem em publico e em particular as ceremonias delle, e por

isso, regularmente não sabem outras senão as que se publicam. E nasce tambem este damno da exasperação em que se vêem estes miseraveis; que nos rusticos e barbaros, não ha muitos que obrem o que obram os christãos em Barbaria; e aos mesmos é infallivel, que não póde haver coisa mais contraria a extinguir a heresia, que a certeza que tem esta gente desgraçada de que ainda que sejam santos, elles e seus descendentes hão de ser tidos por máus, e hão de ser infames e inhabeis para tudo, e até ao dia de juiso; sendo que nelle hão de ser capazes de thronos e coroas de gloria.

Ó valha-nos Deus! Para que ao mais abominavel peccador val a emenda em um momento, não valendo para estes homens nem por muitos seculos! Muito é necessario da graça divina para ser bom, quem sabe que não ha de ter a humana, ainda que o seja! E que não ha de ter honra, ainda que seja honrado! E que ha de obrar sempre em peccado mortal para os homens, ainda que para Deus obre em graça, e obre muito! Ó desgraçado exemplo, e sem consolação! Que fóra deste reino é bom quem obra bem, merece e póde ter premio; e nelle o não póde ter, nem merecer, nem ser tido por bom! Que remedio ha de ter esta *infelicidade*? Que ha de fazer esta gente? Se é membro podre da republica, porque o não cortam? Porque o não lançam fóra della? E se algum não é podre, porque não ha de viver e servir ao corpo como os mais membros delle?

Continuando a materia do damno, daquella confusão e labyrinto que está referido resulta delle infamar-se geralmente a nação portugueza, a qual sendo tão catholica, vulgarmente entre as mais nações da Europa se equivoca portuguez com judeu, e assim é o reino desacreditado, as almas arruinadas, o mundo escandalisado, e as vidas, honras e fazendas de tantos christãos verdadeiros perdidas; sendo ruina o que devia ser remedio, como se verifica nos effeitos. Tudo isto se devia chorar com lagrimas de sangue.

48.º Tornemos ao ponto. Estando o miseravel preso com o letrado, lhe dão o traslado da declaração da prova que o promotor da justiça offereceu contra elle; que todas são pelo modo que

atraz escrevemos, pondo o exemplo em Luiz, com mais ou menos circumstancias, maior ou menor numero de testimunhas; mas tudo pelo mesmo estylo, singularissimas, sem nenhuma concordar com outra no tempo, nem em palavras, nem em outra alguma circumstancia particular, nem ainda na casa, parte, ou logar da declaração, como miudamente se mostrará em seu logar.

Pergunta o letrado ao triste preso: que tem que dizer contra aquillo? Diz elle: tudo isto são falsidades, porque eu sou e sempre fui christão verdadeiro; mas como sou ignorante v. mc.ᵉ requererá minha justiça. Antes de outra diligencia, começa o bemdito letrado a fazer papel de inquisidor; e vendo que aquelle réo, pela pouca prova está livre, não o anima, nem consola com lhe dizer a verdade, antes o confunde mais, fazendo-lhe admoestações; que confesse, que alli não ha outro remedio, que se vá para sua casa, porque se não confessar, ha de estar nos carceres muitos annos, e no fim ha de sair a queimar, ou confesse como os outros.

49.º Considere-se agora o que farão neste passo mulheres e meninos ignorantes, com taes conselhos, e do mesmo que lhe dão por seu procurador para os defender? Que hão de cuidar, senão que é assim o que elle diz? E assim vistos os processos, se achará que muitos confessaram quando lhes dão os libellos e as declarações, ou quando vão ao letrado, tendo notorio e claro livramento, ainda sem defender-se; porque enganados dos apertos e admoestações, e do horror com que lh'as fazem, e dos conselhos do letrado, imaginam que não teem outro remedio.

50.º Alguns que a misericordia de Deus sustenta e resistem a tudo constantes, dizendo, que não querem ir confessar o que não fizeram, lhes diz o letrado: pois aqui estamos, diga o que tem para se defender desta prova? Homem letrado aonde estão as tuas letras? Dizes que és christão e zeloso da fé, e que defendes a esse pobresinho, e esperas que elle te encaminhe? Tu o deves encaminhar, conforme a tua obrigação, e allegar em seu favor as disposições de direito e sagrados canones, applicando a tua diligencia e sciencia. Mostra como estas testimunhas são invalidas por singulares, não contestes, defeituosas, interessadas

na vida, e por outras muitas circumstancias, indignas de credito, e por serem presos que se confessam socios no mesmo crime. Allega que a presumpção de direito é, que estes confessam estas coisas contra si e contra os outros, só por remir a vida e a liberdade, e a troco de a conseguir, não reparam no enredar falsamente a outros.

51.° Logo, pódes fazer argumento de direito: se no foro secular, ainda no crime de lesa magestade, não permitte o direito que se julgue por testimunhas singulares, se não são acreditadas, e livres de toda a excepção que estas teem, sendo que no foro secular não dão vida e liberdade aos que fazem taes confissões, antes morrem sem confissão, e ainda assim não fazem prova contra os outros, senão quando são qualificadas com outras provas e circumstancias; como pois se compadece que hajam de valer neste tribunal testimunhos de homens, que para se livrarem a si, hão de condemnar aos outros? Allega estas coisas como christão e como procurador, e milhares de outras que o direito te ensina para defender um réo de que te encarregaste. E se não has de fazer isto, e tudo o mais que dita a razão e dispõe o direito natural, para que te encarregas da causa deste réo, em que lhe vae a vida, honra e fazenda? Adverte nas consequencias que della pendem! Pois para que tomas isto sobre ti, se não te deixam com liberdade fazer o teu officio bem e verdadeiramente? Dize, que o façam lá sem ti, e torna a advertir nas consequencias que te ficam carregando por não defender a um réo depois de encarregado delle.

Perguntem aos letrados, se fazem isto? E vendo-se os processos se achará que não: nem arrasoam, nem allegam de direito, nem fazem coisa alguma a favor dos presos. Pois o que fazem, ou a que vão lá, ou para que é este procurador? Para enganar ao preso, e para cuidar o reino, que em tudo se dá defeza, como o direito e a razão dita. Não vem ao pensamento dos letrados allegarem direito contra o processo, porque logo os prenderiam e castigariam por sentirem mal, e encontrarem o procedimento do santo officio; como se fôra de fé que os homens, ministros daquelle tribunal, não podessem errar. Se o letrado não ha de al-

legar direito, e arrasoar a favor dos presos, e procurar todas as diligencias para suas defezas, para que é este engano, e nome de procurador? Perguntem pois aos letrados se fazem alguma coisa disto, ou outra alguma defeza a favor dos presos? Algum letrado algum dia allegou de direito para defender o réo no santo officio? Vejam-se os processos de todos em geral e em particular.

52.° Pois logo, se os letrados não allegam de direito a favor dos presos, que é o que fazem? Como os defendem? Vejamos se os podemos explicar. Diz o letrado ao réo: que veja se tem contradictas que pôr aquellas testimunhas (e ainda não sei se diz tanto)? Responde o preso: se eu não sei quem ellas são, como hei de saber se tenho contradictas? Responde o letrado: ponde-as a todos, assim presos, como soltos, porque não sabemos se depois que cá estaes viriam ou vieram elles tambem. Eis aqui o pobre réo mettido em uma confusão de exame geral de toda a sua vida, para achar contradictas que pôr a todo o reino; e contradictando innumeraveis, nem assim acerta, porque póde ser não conheça, nem saiba o nome de algumas testimunhas, o que tem succedido muitas e muitas vezes. Nestes termos, vae o miseravel réo fazendo uma confissão geral ao seu letrado dos peccados proprios e alheios, para ir pondo as contradictas, em que se descobrem muitas faltas occultas, ou esquecidas, contra a honra das mulheres donzellas e casadas etc., sem perdoarem ao sagrado, nem ao profano, violando o segredo natural em muitas coisas, que devia ser guardado, manifestando os defeitos de seus proximos, e não só dos que sabem estão presos, senão de todos, porque não sabem se depois entraram nos carceres, ou se apresentaram; e assim a cada passo descobrem as deshonras dos que estão em suas casas, porque não sabem de quem se hão de defender e livrar: e desta sorte succede a um, para se livrar de tres testimunhas, contradictar trezentas pessoas. Considere-se bem esta confissão, e como poderá este réo dar e ter defeza boa nestes termos. Advirto que só naquelles processos se admittem contradictas, e coartadas.

Note-se que este modo de defeza, não a podem ter mulheres virtuosas, honestas e recolhidas, nem homens honrados e bem

costumados, como são muitos: pelo que, os bons perecem sem defeza, nem remedio. Pelas coartadas só teem defeza os viandantes e vagabundos, que não teem logar certo, e os inquietos e perturbadores, que teem feito males grandes: e muitos destes teem melhor defeza por contradictas.

Repare-se tambem no uso de contradictar aos que estão em suas casas, a advinhar, o que tem dois damnos de grandes consequencias: o primeiro, descobrir os defeitos dos proximos, sem ser necessario, por respeito da eterna confusão com que não sabem os tristes de que hão de defender-se: segundo, fallar com este temor nos de que se temem, de que resulta, quando chegam estes réos a confessar, obrigados por aperto, jurarem contra aquelles, não por ser verdade, mas porque temem que elles o teem feito. E de todas as coisas referidas se achará muito nos processos.

53.° Contradictas são dizer: que provará que fulano é seu inimigo, porque lhe deshonrou a filha; fallou com sua irmã, ou que o affrontou, ou outras causas similhantes, que renovam odio e infamia. E se depois daquelles offensas se fallaram, já não presta a contradicta: como se não podesse haver e permanecer odio nos que se fallam!

Coartadas são, dizendo a testimunha que jurou contra Luiz: que aquella declaração foi em Coimbra: prova Luiz, que naquelle tempo estava em Lisboa. A cada artigo, assim das contradictas, como das coartadas, hão de nomear seis testimunhas na meza, que nem o letrado sabe quem são, porque não as possa avisar; e estes seis testimunhas hão de ser christãos velhos, e livres de toda a excepção. O perguntar as testimunhas é com umas cautelas e circumstancias taes, que tremem as testimunhas de jurar; e assim para que se não presuma que juram a favor dos presos, sempre inclinam para o peior e contrario. Ó valha-nos a verdade! Tudo se arma contra o pobre réo! Uma testimunha singular o condemna, sendo interessada, preza e violenta, não conteste, e por todos os titulos defeituosa! E para rebater essa testimunha, como defeituosa, são necessarias tantas provas? Tantos apertos? Leiam-se os processos, e achar-se-hão coisas notaveis.

E advirta-se, que nem todos os que podem livrar-se com coartadas, o fazem; senão aquelles que teem alguma luz disto, e o procuram, porque se elles o não fazem, o letrado se cala, e os não encaminha. E assim se acharão muitos e muitos processos em que se não usou este modo de defeza, sendo em que o podia ter, mais efficaz que as contradictas.

54.º E para mais clareza, adverte-se, que os presos não teem noticia do logar que as testimunhas deram ao delicto, se não pedem para as contradictar ou coartar, porque na declaração da prova não se nomeia o logar; mas em logar delle, se põe (certa parte), visto o exemplo atraz de Luiz e mais cumplices. E como muitos presos não sabem que coisa é coartada, não lhes passa pelo pensamento, nem lhes deixam este remedio sem procurar este modo de defeza.

E tu, letrado, procurador de tal réo, que fazes? Porque não allumeias este pobresinho, que vae ás cegas? Porque lhe não perguntas se tem com que coartar? E porque não pedes o logar do delicto, para ver se tem logar este remedio? O logar do delicto só se declara daquellas testimunhas que os réos dizem que querem coartar. E as mulheres, que nunca sáem de sua terra, e os homens tambem muitos não teem esta defeza, porque não se guardando a favor dos réos o direito e Ordenação do reino, nisto das coartadas se guarda para as partes; e assim não valem as coartadas, senão provando que estavam muitas legoas do logar do delicto; e o tempo, ao menos, deve ser um mez. Va-se reparando bem, como se admittem difficultosamente no santo officio as defezas; e como facilmente se admittem e approvam culpas, devendo ser pelo contrario, de piedade e direito. E dos processos constará tudo isto a quem os conferir com attenção, que, supposto de fóra possam perceber-se estas coisas, as mais das circumstancias, e o que na verdade e realidade passa naquelle segredo, é impossivel.

55.º Emfim postas as contradictas na fórma relatada, está feito tudo o que o letrado e o réo podem fazer, ou que lhe deixam fazer; então levam o réo para o seu carcere, e d'ahi a outro tempo o chamam á meza para nomear suas testimunhas

a suas contradictas e coartadas, seis a cada artigo, e hão de ser de excepção. E feito isto, vae para o carcere, e não sabe mais da sua causa, nem lhe permittem applical-a, nem requerer que mandem perguntar testimunhas, as quaes mandam perguntar quando e como lhes parece, se é que o preso nas contradictas acertou com as que juraram contra elle, porque se não acertou não as perguntam, nem é necessario perguntar as de que o não accusam. Nestes termos está a causa finda para se sentenciar.

56.º Para melhor irmos declarando isto, supponhamos o réo Luiz, em quem temos feito exemplo, considerando-o já com os termos do seu livramento corridos, e elle recolhido no seu immundo carcere, sem ter mais diligencia que fazer: parece que justamente devia esperar que a sua causa sem dilação se sentenciasse pelo merecimento dos autos. Fazem-no assim? Veja-se.

Supponhamos que Luiz foi preso em janeiro de 1667, e lhe não fallaram no seu livramento senão dahi a dois annos: parecerá muito? Pois a muitos passam tres annos, e mais, sem chegarem a dizer-lhes porque estão presos. Passados os dois annos, chamam a Luiz, e corre os termos referidos em um ou dois mezes: achou-se com prova de tres testimunhas singulares, defeituosas e reprovadas em direito, e considerando-se as circumstancias e qualidades dos delictos, em tudo differentes e disparatados, parecem taes testimunhas indignas de credito. Pois, valha-nos a divina verdade e misericordia! Com uma prova desta qualidade ha de estar este réo dois, tres e mais annos, sem fallar-se na sua causa? Se este réo está em notoria absolvição, para que o teem preso? Para que o dilatam com damnos tão irreparaveis da saude, vida, honra e fazenda? Cheios estão os carceres de prisões e retenções similhantes.

57.º No fim de dois annos, tem a Luiz com os termos do seu livramento processados. Espera elle que o sentenciarão para sair no primeiro auto; porque já se sabe, que aquelle piedoso costume de sairem os livres sem irem ao auto, quando apurada a innocencia, estava a sua causa em termos de absolvição, se derogou pelo novo regimento, ou pelo regimento terceiro, que já dizem são tres os que se teem feito, alterando e acrescentando

apertos, sem serem approvados pela sé apostolica, o que se não affirma, mas delles constará a approvação e auctoridade com que foram feitos; o qual regimento se póde examinar, e vêr como é encontrado, e nada conforme ao direito commum, antes exorbitante, e mui differente do regimento e estylo da suprema veneravel universal inquisição de Roma.

Com razão (torno a dizer) esperava Luiz no primeiro auto que se celebrou depois de findar a sua causa, haver de sair nelle; porém não foi assim, porque se celebrou o auto, e lá ficou Luiz. Considere-se o tormento deste triste réo, a quem já não fica esperança de sair senão d'alli a dois annos, que tantos passam de auto a auto, e ás vezes mais.

58.° Duas impiedades se devem advertir no estylo do novo regimento em a dita dilação, e é necessaria a paciencia do santo Job para as tolerar; porque pelo dito estylo perde a esperança o mais innocente preso de sair já com honra, nem livre de ser tido por infame, e todos os seus descendentes para sempre, porque ha de sair por força em corpo, com uma vela na mão, a ouvir em publico a sua sentença, contraindo para si e para a sua posteridade a infamia, a que chamam neste reino de facto a maior que póde haver, porque a dos outros crimes, ainda verdadeiros, se acaba, e tem fim; e a deste, ainda que falso, jámais o tem: nem para isso ha remedio, porque ainda que Deus mate este preso, nem por isso ficam seus filhos com honra; ficarão sem pae, mas sempre sem ella. Ó, Senhor de misericordia e piedade! Aonde está aqui a piedade e misericordia? Que coração póde haver, ainda que duro, que se não corte de ver, que não somente os innocentes hão de padecer sem remedio a pena de uma infamia; mas que seus filhos e descendentes antes de nascerem, padeçam este rigor, não pela culpa do pae, que quando a contraisse era justa a infamia nos termos da lei; mas somente por terem uma gota deste sangue, ainda que todo o mais seja illustre? E se é culpa o tel-o, parece que se culpa a Deus, que o deu á quem elle foi servido.

59.° Entre tantos mil presos, não houve um que merecesse ir para casa com triumpho e honra, como em Castella se vê, ou

ao menos pela porta travessa, sem infamia! Em outros tempos não bastava o sangue, se não havia culpa para padecer aquella injuria; agora basta o sangue sem culpa, e é culpa o sangue. Ó, valha-nos o de Jesus Christo! Considere-se aqui, qual será a dor de um homem honrado, e muitas vezes illustre, que se vê nesta infamia, sem jámais o haver merecido, nem por um pensamento! E quem se vê sem mais remedio, nem esperança de o terêm seus descendentes, qual será a sua agonia, o seu tormento, e em que desesperação não dará, se Deus o não tivera da sua mão!

60.° Fizeram o auto: espera o pobre réo que o chamem á meza para saber a causa porque o não deitaram fóra no auto passado. Passa um anno, e ás vezes mais, sem o chamarem; e quando menos precatado está o chamam, e de novo o começam a apertar, que confesse a sua culpa. Responde, como sempre, que é christão, e não tem que confessar no tribunal. Repetem-se as instancias, e sempre responde o mesmo: até que lá, vespora de outro auto (e já lá vão quatro annos) o levam ao tormento. Ó, quem soubera bem representar o que aqui passam! as inexplicaveis severidades e confusões com que neste tormento são apertados os réos!

61.° *É posto* o miseravel preso em um pôtro ou polé (duvida-se qual destes tormentos é mais rigoroso), vão apertando com elle a todo o rigor, e na maior afflicção daquellas intoleraveis dores, o vão admoestando que confesse, que lhe perdoarão, e irá para sua casa. Ó, quantos e quantos, estando livres, nestes apertos e afflicções confessam e confessarão o que não fizeram! Ainda que pareça digressão do fio que levamos no processo de Luiz, havemos de repetir um caso, que será exemplo nesta materia, e nomeamos a pessoa, porque o podemos fazer sem perigo, pois foi o tal caso publico no auto da fé que se celebrou em Evora a 18 de abril de 1660.

62.° Maria da Conceição, natural da villa de Extremóz, filha de Manuel Soares Pereira, que ainda hoje vive na cidade de Lisboa em casa de um irmão seu, que chamam Alvaro Pereira. Foi presa esta e duas irmãs suas, todas tres donzellas bem reputadas, e sairam no dito auto livres, abjurando de vehemente. Esta

Maria da Conceição, tendo já quasi vencido o tormento do pôtro (assim o declarava a sentença) confessou. Tiraram-lhe os cordeis; levantou-se, vestiu-se, tomaram-lhe a confissão, fel-a legalmente; e mandaram-na para o carcere. Curada daquelles rigorosos tractos, estando para isso, foi levada á meza para diante de duas testimunhas costumadas, ratificar aquella confissão. Respondeu, que tudo o que havia confessado era falso, porque ella era, e fôra sempre christã, e só por força do tormento, vendo-se nelle morrer, confessou taes falsidades. Mandaram-na para o carcere, e logo outra vez pôr a tormento: no fim delle, tornou a confessar, e no mesmo pôtro lhe tomaram a confissão, a qual feita, voltou para o carcere, e curada tornou á meza para ratificar a primeira e segunda confissão adiante de duas testimunhas. Tornou a dizer o mesmo, e que se desenganassem, porque se cem vezes a levassem a tormento, havia de fazer o mesmo até morrer, ou Nosso Senhor Jesus Christo lhe dar valor para o levar até ao fim, porque, ainda que confessasse por sua miseria e fraqueza no tormento, fóra delle não havia de ratificar. Foi terceira vez ao tormento, e o levou até ao fim constante: assim se publicou na sentença, e por este crime se não ratificar, o que o rigor do tormento lhe fez confessar duas vezes, e pelo levar até ao fim terceira vez, foi condemnada em açoites pelas ruas publicas, com dez annos de degredo para a ilha do Principe; e com estas penas saiu no auto, e suas duas irmãs abjurando de vehemente.

Para darem o tal tormento ás donzellas, e mais mulheres, as mandam despir, e vestidas com umas ceroulas de linho, as poem no pôtro com pouca honestidade e decencia. E quantas aqui, em razão do pejo, e por não serem indecentemente tractadas, confessam o que não fizeram?! Deus é boa testimunha.

Uma donzella açoitada pelas ruas publicas; e dez annos de degredo para a ilha do Principe! E tres vezes posta no pôtro! No mesmo auto saiu o reconciliado André Francisco, tendeiro de Villa-Viçosa, que, ouvindo ler a sentença da tal Maria da Conceição, disse, que era rigorosa. Logo o padrinho que o acompanhava, e ouviu, foi dar parte na meza, e nella o reprehenderam com aspereza, dizendo-lhe — que por piedade o não mettiam ou-

tra vez no carcere, pelo atrevimento de dizer aquella palavra contra a sentença. — Até os discursos aqui se captivam e as linguas!

63.º Mas já que referimos o caso, contemos tambem a prisão das tres irmãs, como a repetiu seu pae, que já é morto; e teve a prisão notaveis circumstancias. Morava o dito Manoel Soares Pereira em Evora; tinha quatro filhas, estas tres, e outra mais moça que todas. Entraram tres familiares, e vendo quatro irmãs, perguntaram como se chamavam; e dizendo a mais velha, que Joanna Baptista, a levaram preza, e deixaram as outras tres. D'ahi a quinze dias, ou vinte, tornaram os familiares, e na presença do pae, sem lhe perguntarem pelos nomes, perguntaram — qual era a mais velha, e qual a que se seguia? E deixando a mais moça, levaram as duas mais velhas, que eram a dita Maria da Conceição, e a outra Maria Juliana. Esta foi a fórma da prisão; e como o discurso é livre, presumiu o pae que as testimunhas, que juraram contra suas filhas, as conheciam tão mal, que só sabiam o nome á mais velha Joanna Baptista; nem sabiam ser quatro, e intendendo eram tres, jurariam contra ellas, dizendo — Joanna Baptista, e suas irmãs; — e suppunha elle que assim iria o mandado; e que os familiares achando quatro, levaram a Joanna Baptista, que vinha nomeada, em que não havia duvida, para dar conta na meza como não levaram suas duas irmãs, por serem tres: que determinassem quaes eram as duas. E tambem discursava o pae, como a quem tanto doía: que aquelles quinze ou vinte dias se gastariam em apurar com as testimunhas, quaes eram as duas irmãs, as quaes testimunhas, vendo-se a risco de as apanharem na falsidade, diriam que eram as mais velhas. E assim as foram prender sem nomes, só perguntando pelas duas mais velhas, deixando a mais moça, que escapou por não saberem as testimunhas que eram quatro; que se o souberam tanto lhes custava dizer tres como quatro. Isto era presumpção do pae, e assim se não affirma por certo; mas dos processos das tres irmãs, e das que juraram contra ellas, constará se é assim, e se o é, deve fazer-se reflexão, como é crivel que em tal caso se declarassem tres mulheres recolhidas, e muito honestas com quem as

conhecia tão mal, que nem os nomes lhes sabiam, nem quantas eram? E para as prender bastam estas testimunhas; e para se livrarem, o que se viu na sentença desta desgraçada Maria da Conceição. Tudo o referido constará do processo e sentença que se leu no auto da fé, e assim se achará.

64.° Tornémos ao nosso réo, que deixámos no tormento; e supposto que Deus Nosso Senhor lhe deu valor para o supportar, venceu e não confessou. Fizeram o auto; saiu e abjurou de leve, porque lhe não accresceu mais prova que aquellas testimunhas com que fizemos exemplo da declaração da prova.

65.° Considere-se aqui a qualidade da prova, a dilação e rigor da prisão, e o damno irreparavel deste réo, cuja causa pudéra averiguar-se dentro de seis mezes; e está annos e annos esperando o auto etc.

66.° Em fim temos a este réo sentenceado no auto da fé, com tão pouca causa e prova, como se viu. Agora o levam para as escolas geraes, e o teem ahi um mez preso, antes de o mandarem para sua casa, com o fundamento de lhe ensinarem a doutrina christã. Mas se este réo é christão, e quando o prenderam, lh'a mandaram rezar na meza, e viram que a sabia tão bem, que a podia ensinar, para que lh'a mandam agora aprender? Querem persuadir ao mundo, que lh'a ensinam, porque a não sabem. Teve este réo a ventura de sair livre, por que não foram carregando novas testimunhas: supponhamos agora que teve peior fortuna, e ficou lá dentro feito o auto.

Perguntem aos padres que vão ensinar estas doutrinas se acham alguns que as não saibam, e as possam ensinar; não só dos que saem livres, senão dos confessos. Pois logo, se em tudo mostram serem christãos verdadeiros, para que os tractam como judeus?

Eis aqui Luiz livre: tinha tres testimunhas, contradictou-as, acertou; saiu livre sem perdimento de bens: como se compadece que o façam ir em corpo no auto, com vela na mão? Que maior condemnação para um homem honrado? Pois assim o vimos ha pouco tempo. Manoel Rodrigues da Costa, fidalgo filhado nos livros d'el-rei, secretario do tribunal da junta dos tres estados; um dos mais auctorisados homens e ricos do reino, e dos que mais

serviços fizeram, saiu em corpo, com uma vela na mão, como os mais vis; posto em uma padiola aos hombros de dois homens de ganhar, por ser gotoso, e não poder ir por seu pé.

67.° D'alli a algum tempo (que ás vezes é mais de um anno) chamam outra vez a este réo, e dizem-lhe, que confesse. Responde como d'antes, que é christão. Dizem-lhe: pois o promotor da justiça requer se vos dê declaração de mais prova que tem contra vós.

Crescimento de prova.

68.° Começa a lêr o secretario, na mesma fórma que temos feito exemplo, os ditos das testimnnhas que accresceram: advirta-se, e se tenha por sem duvida, que, posto que sejam duzentas as testimunhas que um destes desgraçados tem, todas são singularissimas; nenhuma conteste com outra, nem na occasião, nem no logar, nem em outra alguma circumstancia; até as testimunhas, que depoem de juntas entre varios, nenhuma é conteste, porque todas são falsas; em tudo variam, em nada teem conformidade, nem similhança.

69.° Supponhamos ao réo Luiz com crescimento de testimunhas, e que tem sobre si já dez ou doze, que são as que bastam para ser relaxado: note-se, como se lhe conhece o defeito das provas, pois requerem tantas testimunhas, que na fórma de direito tres bastam; mas estas, como são defeituosas, querem-lhe compensar o defeito com o numero, que não póde ser, porque todo o numero dellas tem o mesmo defeito, e assim, nunca fazem prova convincente. Tanto valem muitas, como uma; e tanto val uma como nenhuma. E assim, não se intende como com taes testimunhas se possa impôr pena capital!

70.° De caminho deve advertir-se, que os juizes seculares, que sentencearam os relaxados, não vêem os autos e processo; e só fundam a sentença na que lhe vai da relaxação, que só esta se apresenta e permitte vêr, que, se elles viram e examinaram os processos, conforme os termos e disposições do direito natural, divino e humano, haviam de achar a todos indefezos, e em notoria causa de absolvição, pelos defeitos de to-

das as testimunhas, e por serem todas singularissimas, e não contestes, nem conformes em coisa alguma.

71.° Supponhamos agora já convicto ao réo Luiz, com dez ou doze testimunhas, ou com muitas mais, que tudo succede; mas sempre os ditos pelo modo que declaramos no exemplo atraz.

72.° Chegado o tempo do auto, quinze dias antes, chamam a este réo á meza, e lhe dizem: apparelhae-vos para irdes ouvir a vossa sentença no auto da fé, que se faz tal dia. E este é o signal que lhe dão de estarem sentenceados á morte; assim aos negativos, como aos diminutos, porque, nem aos livres, nem aos confessos, que saem no auto, se faz tal notificação, antes se lhes encobre até á ultima hora. E nisto se fazem grandes mysterios de segredo; de sorte que por este modo sabem os relaxados que o estão, quinze dias antes do auto.

73.° Este réo Luiz, como é christão, não quiz pôr sobre si o que não fez: deixou-se chegar a este estado, e assim estão todos aquelles dias sem confessor, nem outra alguma consolação espiritual, mais que o favor de Jesus Christo, que lhes dá constancia para se sujeitar a tal morte; pondo-lhe em uma falsa confissão o livrar-se della. Emfim, á sexta feira antes do auto, pela manhã, lhe vão atar as mãos, e nesta hora lhe mettem um padre da companhia para os confessar, que lhes assiste aquelles tres dias, e por isso os ditos padres sabem estas coisas muito de raiz, e alcançam muitas falsidades que ha naquelle tribunal, e muitos testimunhos que se impoem, porque como letrados e prudentes, tudo apalpam, e tomam pé com segurança neste pégo sem fundo.

Negativos.

74.° Posto este réo com as mãos atadas, faz com o padre a sua confissão, como quem se resolve a morrer, dá conta de toda sua alma, pondo-se nas mãos de Deus, e resolvendo não querer vida comprada com tanta infamia e offensa do mesmo Senhor; que elle não póde, nem quer impôr sobre si e sobre os seus proximos o crime do judaismo. Chega o domingo: vae

no auto: ouve a sua sentença de relaxado, por tantas testimunhas falsas; e comtudo, tão firme na fé como uma rocha, offerecendo tudo a Jesus Christo, em satisfação de seus peccados.

Verdadeiramente é isto lastima! E não desesperam estes miseraveis, porque Deus os tem da sua mão. Catholicos christãos, entre christãos catholicos condemnados por judeus! Ó sentimento! E quantos por conhecerem os perigos daquella hora, e a sua fraqueza e miseria, por não arriscarem a salvação naquelle ponto, *faltando-lhes* a conformidade e constancia, confessam, não por viverem, nem por temerem a morte, mas por não arriscarem naquelle perigo a alma, com a paixão natural, que os acompanha, de não perdoarem a quem os poz naquelle estado, porque a natureza os está incitando á vingança?! Mas deixando isto, vamos com Luiz, que vae negativo.

Vae o preso do auto para a relação.

75.º Do auto da fé o levam para a relação. Ahi, como já dissemos, não se vê coisa alguma do processo, mas só pela copia que vae da sentença, lida no auto, o condemnam a morrer queimado, *suppondo* que é judeu, e que os autos foram bem provados, e que a *sentença* é *justa*, o que fica em segredo. E porque só aos pertinazes, que vão confessando a lei de Moysés, queimam vivos, lhes perguntam a todos em que lei querem morrer? E todos clamam que na de Christo, como christãos que sempre foram, e são, e com palavras devotissimas, repetem protestações da fé. Isto succede aos mais, ainda que alguns mais pusilanimes, ou algumas mulheres, pela fraqueza do espirito, quasi pasmadas, façam naquelle aperto menos demonstrações, comtudo, declaram o que basta para se conhecer que são catholicos. Isto é o que regularmente succede, e são mui poucos os casos em que se vê o contrario. E dizer, que se contam circumstancias que denotam fingimentos, se deve fazer pouco caso, pelo odio que se tem a esta pobre gente, pelo que lhe levantam, e presumem delles; que se nelles é delicto e simulação, serem devotos, favorecedores de piedade, ou virtude, em vida, que será qualquer turbação na

hora da morte? E assim, sentenceam a este réo, que morra afogado com garrote, e depois se queime o seu corpo.

76.º Sentenceado assim este réo, o levam da relação para o logar do supplicio, e regularmente vão todos, assim negativos, como confessos, que morrem por diminutos, fazendo muitas protestações catholicas, e dizendo com clamores, que elles são christãos, e nunca se apartaram da lei de Christo, e nella creem e crêram sempre, e nella morrem, e só nella esperam ter salvação pelos merecimentos, morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual nos remiu com o seu precioso sangue, e acrescentando: que o mesmo Senhor lhes permitte essa morte, para por meio della lhes perdoar os muitos peccados, que contra a divina Magestade teem commettido. Confessam, que elles são uns fracos e miseraveis peccadores, mas que no caso por que padecem, são innocentes; porque elles sempre firmemente creram e adoraram e veneraram a Nosso Senhor Jesus Christo, confessando que elle é o verdadeiro Messias, que resgatou todo o genero humano, que elles são filhos da santa egreja catholica romana, e que creem firmemente tudo o que ella nos ensina e manda crer, e por esta fé darão mil vidas. Todos vão abominando e maldizendo o judaismo, fazendo muitos e finos actos de temor de Deus: tudo são colloquios a Christo Crucificado, á Virgem Santissima, e a todos os santos: e tudo isto com grandes lagrimas, e com mil suspiros, arrancados do intimo de seus peitos; e assim continuam até perderem o ultimo alento e espirarem. Ainda quando lhes estão apertando os cordeis do garrote, sempre se lhes vão ouvindo nomearem, com uma notavel devoção, os nomes suavissimos de Jesus e Maria, e já quando não podem fallar, nas acções manifestam a mesma devoção, e assim espiram, com signaes evidentes de que teem a fé no coração, e nella morrem contrictos e penitentes, como poderão affirmar os padres da companhia de Jesus, que lhes assistem até ao fim; e porque teem letras, caridade e zelo da fé, e salvação das almas, e sobre tudo, grandes experiencias, são os mais desenganados, e sabem muito bem como padecem innocentes o maior numero desta desgraçada gente. No fim deste papel se

contarão alguns casos de pessoas que morreram negativas e diminutas, e vendo-se uns e outros processos, se achará a confusão e enredo que impossibilita apurar-se a verdade, sendo que é justo se apure no santo officio até constar com evidencia moral.

Bem se verifica isto em um caso succedido em Coimbra, que estando-se dando garrote a um, e já quasi afogado, estalaram os cordeis, e afrouxando, subitamente disse o padecente: Jesus! e com tantas véras e efficacia, que bem claro se viu morria com aquelle suavissimo nome no coração. Esta acção foi notada de muitos, especialmente do padre que acompanhava ao tal padecente, e fez reflexão, como devoto e qualificado, e o poderá repetir. Não se nomea, porque seria crime sentir bem desta acção. Perguntem-se os padres que acompanharam em Coimbra relaxados, e achar-se-ha o que a viu. E se este e os mais morrem a gritos, confessando a fé catholica; como permitte a piedade, que nas egrejas estejam as suas imagens entre figuras de bichos disformes, que provocam ao povo a riso, com letreiros infames? Considere-se bem esta indecencia, pois é motivo para se chorar com lagrimas, porque se são judeus, e morrem impenitentes, perdem-se; e se são christãos, morrem innocentes: e assim, por nenhum caso se devia permittir nas egrejas o que só provoca a risos, galhofas, infamias e odios.

77.° Deve ponderar-se, que estes réos, que vão relaxados e desenganados que morrem, confessam a fé de Christo com palavras e acções, sem indicio de que possa presumir-se coisa contraria; e assim morrem clamando e protestando que são christãos, e abominando o judaismo. Logo, como são judeus? Que homem ha tão barbaro, que imagine se salva em uma lei contra a qual está blasphemando quando morre? E se são judeus como se fingem tão efficazmente, ou para que? Em quanto presos, se poderá presumir, com menos caridade, que encobrem o seu erro, por não se apartarem delle, e remirem a vida; mas desenganados que morrem, e com o garrote na garganta, para que fingem? Quem póde negar, que o judeu, intendendo ser a sua lei boa, ha de fazer merecimento de morrer nella? Pois se já morre naquella hora ultima de garrote, porque a não con-

fessa? E se a não confessa pelo não queimarem vivo, para este intento bastava ao relaxado dizer que morria na lei de Christo, e depois não é necessario fazer mais actos de christão. Pois, como fazem tantos colloquios santos? Como repetem tantos actos de piedade, e tudo com tantas lagrimas e efficacia? Para que são tantos actos superabundantes? Para se salvarem? Logo na lei de Christo, e não na de Moisés querem salvar-se. Pondere-se bem este ponto, que é de consideração.

78.º Voltemos com este réo ao carcere, supponde que é confesso, e que ha de sair reconciliado, e com degredo; porque esperou sentença de morte, sem até alli confessar.

79.º Viu-se Luiz carregado de testimunhas: supponhamos que eram quinze ou vinte; todas varias, singulares, sem contestação, nem similhança. Viu que lhe não valeram as suas contradictas, e que lhe não deram outro recurso para apurar a sua innocencia: é fraco e miseravel; teme a morte, e resolve-se a confessar falsidades, só por remir a sua vida. Entra em consideração comsigo, e diz: como hei de contestar com as testimunhas que juraram contra mim, sendo falsas? Com os nomes poderei acertar; mas com a occasião, com o tempo, e com o logar, que cada um disse, ou quiz imaginar, como póde ser? Mas tambem é impossivel, que os mais tenham acertado com isto, porque tambem o não fizeram; e isto sei eu muito bem, porque fulanos e fulanos sairam livres, confessando falsidades. Logo basta-me para satisfazer, acertar com os nomes das testimunhas, que contra mim tenho, ainda que seja variando em tudo o que ellas disseram, porque o que bastou aos outros, tambem me bastará a mim; porém, ainda assim, para acertar com os que são, é necessario correr as ruas, e ir dando em todos os christãos novos, casa por casa; primeiro nos que estão presos, e depois nos mais conhecidos, até adivinhar as testimunhas que juraram contra mim.

80.º Resoluto a isto, vae correndo as ruas da sua terra, recapacitando os nomes de todos os deste sangue, d'onde presume lhe veio tal mal; e talvez não sabe os nomes, e então os nomea por filhos e filhas de *fulano*, ou irmãos de *fulano*; e isto muitas

vezes basta. Em fim, estudada a lição de falsidades que ha de repetir no tribunal, fingindo-se muito arrependido, e que só quer dizer a verdade, para que o creiam, vae á meza uma vez, e outra, diz, e torna a dizer, e quando não se precata, para acertar com quinze ou vinte testimunhas, tem dado em duzentas pessoas, e em muitas mais; e nem assim acerta em todas as que tem contra si; porque muitas vezes as não conhece, nem lhes sabe os nomes; e para mais se assegurar, regularmente os primeiros que accusam, são paes, filhos, irmãos, e parentes, porque em dando nos parentes, dizem-lhes perdoem tudo o mais, com capa de esquecimento de memoria. Assim succede em muitos; mas em todos não é assim, como se verá nos exemplos adiante, nos que morrem diminutos. A causa desta diversidade no perdoar a muitos, e dal-os por ajustados, sem acertar com todas as testimunhas; e a outros tendo dado em toda a sua geração, não lhes perdoarem, e sairem a morrer diminutos (como adiante se mostrará) não alcançamos. Vejam-se os processos, que muito haverá nisto que examinar.

81.º Em fim, este réo Luiz fez a sua confissão por quantos nomes se pôde lembrar; e cuidando ter satisfeito, dizem-lhe que não tem ajustado a sua confissão; que está em peior estado (como é verdade); que tracte de acabar, senão, que o promotor requer contra elle por diminuto.

82.º Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, se considere este miseravel, a quem o temor da morte fez confessar falsamente, já depois de confitente; que não fará por escapar da mesma morte, e não sair a morrer diminuto? Corre a sua terra e as visinhanças, e, se não basta, todo o reino: não lhe fica freiro, nem frade, nem clerigo que não accuse, para se livrar a si. E como havia de ser, se na sua lingua lhe poem a vida e a liberdade? Darão nos santos dos altares, se intenderem que com isto interessam a vida. Se a um homem estando preso para enforcar por ladrão, perdoaram o crime e a pena da forca, com tanto que jurasse que muitos eram ladrões, como não juraria elle até contra o mesmo juiz? Pois assim juram estes miseraveis; e em quanto lhes dizem que não teem a sua confissão ajustada,

vão dizendo mil enredos, mas tudo singularmente, para que não se apanhe a falsidade: e quando já não occorrem nomes em Portugal, passam a Castella, França, Italia, e ao outro mundo, porque nem os mortos lhes escapam. E se até ao fim do mundo, lhes forem dizendo — que não teem satisfeito — irão até ao fim do mundo nomeando os que forem nascendo.

83.º Em fim, acertasse ou não Luiz com todas as testimunhas, se julga a confissão por ajustada. Chega o dia do auto; sae nelle penitenciado, e degradado cinco annos para o Brazil. Mostra a tal experiencia, que o tal degredo se lhe dá, por confessar depois de estar sentenciado á morte, ou relaxado (que tudo é o mesmo), porque os que saem confessos antes da sentença, não são degradados.

E note-se, que este degredo se acrescentou ha poucos annos a esta parte, que antes não saíam degradados os que confessavam á sexta feira, depois de lhes metterem confessor, e atarem as mãos; e nisto se vê, que alteraram e acrescentaram o regimento, e sempre em damno dos miseraveis, e desviando tudo do direito commum, e canones sagrados.

84.º Eis aqui o réo Luiz confesso, saindo no auto penitente. Vejamos como contestou e concordou com as testimunhas que o tinham accusado. Para isto é necessario recordar os dictos das tres testimunhas em que fizemos exemplo no n.º 45, e conferir os juramentos e dictos do réo Luiz, com os das testimunhas que contra elle juraram, e com isto se virá no conhecimento da confusão e escuridade daquella fórma de processar, nascendo tudo de escusarem aos confessos da obrigação de contestar com os dictos das suas testimunhas: que uma testimunha não conteste com outra, grande signal é de não serem verdadeiras; mas que o réo confitente não conteste com a propria testimunha, que contra elle tem jurado, é demonstração evidente de ser falsa a confissão, porque se fôra verdadeira, havia de contestar e concordar na substancia, e nas circumstancias do auto. Para intelligencia deste ponto, é necessaria miudeza, e assim, peço paciencia para ler estas coisas (que parecem prolixidade) com toda a attenção; porque da conferencia destes juramentos dos réos com os das

suas testimunhas se alcança bem a verdade, que é o que se procura.

85.° Fez Luiz a sua confissão, como já dissemos, e para acertar com as quinze ou vinte testimunhas, que tinha contra si, correu toda a terra, e deu em mais de duzentas pessoas, entre as quaes acertou de nomear aquellas que tinham jurado contra elle. Ora vejamos o como contestou e concordou com as tres testimunhas, de que fizemos exemplo no n.° 45, e servirá *este exemplo* para todas as mais testimunhas, porque todas vão pelo mesmo theor.

86.° Jura o réo Luiz, que, haverá seis annos, se achou elle testimunha na feira da Gollegã, e alli estando ceando elle testimunha, e Braz, e Bernardo, e Gil, com occasião de lhes darem a cear uma pouca de marrã, disse Gil, que a não queria; e Bernardo, que lhe fazia mal. E Braz disse: eu bem vos intendo, que a não quereis comer, porque é contra a vossa lei. E elle testimunha respondeu, que assim era. E com esta occasião se declararam, que criam e viviam na lei de Moysés, e não comiam carne de porco, lebre, coelho, nem as mais coisas prohibidas naquella lei. Note-se primeiro, que Braz disse de Luiz, que havia *dez annos* se declararam em Coimbra, e que estavam sós, e o mais do seu juramento no n.° 45 (que maior clareza); e agora o réo diz, que na Gollegã, haverá seis annos, e falla em junta de uns poucos mais, em que Braz não fallou. Como póde crer-se que este réo falla verdade? E como póde havel-a nesta contradicção? Vejam como concordam e contestam! Pois assim regularmente são todos os juramentos dos confessos. Note-se segundo, que Luiz com este juramento, tão vario e differente do que Braz jurou contra elle, fica satisfazendo: com que se reporta á mentira e falsidade? Que se elle vira, que não satisfazia senão contestando no logar, tempo, e circumstancias, e que sem isto seria castigado, não diria senão a verdade, que esta somente se mostra com a contestação. Note-se terceiro, que sendo ainda assim vario este juramento, sufficiente para descarga de Luiz a respeito de Braz, faz de novo carga a Bernardo e a Gil, enredando-os de sorte, que, se estão livres com esta testimunha, os

prendem, e se estão presos, com esta testimunha os embaraçam: e assim se vão enredando uns com outros, e se faz uma confusão infinita, que nunca se acaba, senão perdoando uns os muitos testimunhos, trateando outros por diminuições, e a outros condemnando por diminutos. Tudo isto, e muito mais, se ha de achar nos processos; e maiormente os fundamentos de uns serem perdoados, e outros condemnados por diminutos, e outros irem purgar a sua diminuição por tormento. E nisto ha muito e muito que examinar.

87.º Jura o réo Luiz, que, haverá cinco annos, pouco mais ou menos, estando elle testimunha com João, ambos sós no convento de Bussaco (que dista tres legoas de Coimbra) lhe dissera elle testimunha João, que era muito devoto daquella religião, por ser fundada por Elias, propheta da lei velha, e com esta occasião se declararam, que eram judeus, e criam na sua lei, e guardavam os sabbados. Note-se bem o testimunho de João no n.º 45, e faça-se conferencia com este de Luiz, e vejam como contestam; porque João disse, que em Castello-Branco, haveria 15 annos, com outras pessoas; e o réo diz, que em Bussaco, haveria 5 annos, só com João.

88.º Jura o réo Luiz, que, haverá 12 annos, pouco mais ou menos, estando elle testimunha assentado fóra da ponte do Mondego, da cidade de Coimbra, lendo por um livro, alli viera ter Gonçalo com elle, e em sua companhia vinham Amaro, Silvestre, e Lourenço; e assentando-se todos, estiveram conversando: e com occasião de chegar um vilão com duas lebres, e perguntar se as queriam comprar, e Lourenço responder, que não; indo-se o vilão disse Gonçalo: todos somos de uma nação; bem podeis dizer porque não quizestes que comprassemos aquellas lebres. E o dito Lourenço respondeu, que por ser contra a lei: e com esta occasião se declararam todos, que criam, e viviam na lei de Moysés; e não declararam as cerimonias que faziam em observancia daquella lei, porque chegou logo outra gente, e pararam com a pratica.

89.º Note-se bem, e confira-se este com o juramento do Gonçalo, referido no n.º 45 deste papel: considere-se, que estes

tão expressos e distinctos são este e o de Gonçalo; e se o que elle depoz fôra verdade, como poderia Luiz esquecer-se delle? Um diz, que haverá seis annos, em Thomar, com Manuel e Fernando, fallando-se em comprar um officio. Outro diz, que haverá doze annos, fóra da ponte do Mondego, lendo por um livro, e Amaro, Silvestre e Lourenço, com a occasião de vir um homem com umas lebres; e com isto satisfez o réo para si, e fez prova para os outros. Veja-se bem a variedade destas testimunhas, *tendo por certo*, que como estes são todos. Tambem deve notar-se, que com este juramento fica Luiz descarregado do juramento que contra elle dera Gonçalo, o qual Gonçalo, agora de novo pelo juramento de Luiz, fica enredado com Amaro, Silvestre e Lourenço; e se não tiver dado nelles, de novo o hão de apertar, em rasão desta junta, até dar nelles: de que resulta começar o miseravel Gonçalo de novo a confessar, porque o apertam; e como vae ás cegas, e não sabe se é por esta junta, ou se porque lhe accresceram testimunhas, começa a variar, e talvez succeda passar a outra terra, jurando contra os innocentes que estão em sua casa sem lhe fazerem damno algum. E fica a pobre terra iscada, o que basta para a destruir. E por este modo está assolado *todo o reino.*

90.° Ultimamente, depois de dar em muitos, vem a acertar com os ditos Amaro, Silvestre, e Lourenço; mas advirta-se que quando chega a acertar com elles, não é sentados todos com elle e com Luiz, fóra da ponte de Coimbra, nem com áquella occasião, senão tudo variado, porque como aquelle acto foi fingido, nenhum dos outros podia acertar.

91.° Tambem se deve notar, ser tão certa a falsidade destes juramentos que, porquanto não podem formar para cada pessoa uma mentira, ajuntam muitas na mesma; e assim vão enredando e assollando uns aos outros, e povos inteiros. E muitos porque não sabem, ou não podem formar tantas mentiras, dizem, que entre praticas se declararam. O que tudo se achará nos processos plenariamente.

92.° Pelo apontado se deixa ver, que estas juntas são a parte maior da confusão com que tudo se embaraça. E deve sa-

ber-se, que se alguns dos presos (que são poucos) não declaram juntas; e por não tomar mais encargo sobre si, vão dando em cada um de per si, lh'o estranham muito e muito; e logo lhes dizem — que não quer dizer a verdade — e cada vez os vão apertando mais; e como conhecem já isto, lhes dizem em dando em algum: — e ninguem estava ahi? Não, que vós sempre estaveis só; pois no cabo lhe achareis o erro. — E os miseraveis com o seu temor, como vêem que querem que digam de juntas, mudam de estylo, e fazem juntas de dez e doze.

93.° Estas palavras com que lhes estranham não darem em juntas, não hão de constar dos autos, porque nem estas, nem outras muitas lá se escrevem, e fôra muito conveniente, que se viram e examinaram; mas os miseraveis teem a bocca cosida, e só na confissão das falsidades, podem fallar sem perigo.

94.° Jura o réo Luiz, que, havia nove annos, pouco mais ou menos, que elle testimunha se achou na cidade de Coimbra em casa de Francisco, e estando presente sua mulher Leonor, entre praticas se declararam, que por todos serem de nação hebrea, criam e viviam na lei de Moysés, e em observancia della não comiam lamprêa.

95.° Note-se primeiro, como diz isto bem com a junta que João fez no seu testimunho, referido no n.° 45 deste papel, e como concorda com o juramento que Luiz deu contra João acima no numero 88. Note-se segundo, que se se vira o juramento deste Francisco, tambem havia de ir por outro rumo; e se forem mil, nenhum se ha de achar que diga com outro, nem do réo com as testimunhas, nem das testimunhas umas com outras: pois logo como são verdadeiras? Note-se terceiro, que o pobre Francisco já tem estes dois juramentos de João e Luiz, e bastam para ser preso, sendo tão varios. E já lá vae esta casa destruida; porque, em que lhe pese, ha de Francisco delatar sua mulher, ou morrer queimado. Ó Jesus! Que laberintho!

96.° Não fazemos nota sobre a junta que Gonçalo fez com Manuel e Luiz no seu juramento, porque com o exemplo atraz de Francisco, se ficam mostrando que coisas são juntas, e como com ellas são os pobres apertados, e como ajustam e satisfazem

a ellas sem contestação nem concordia alguma, e tambem a confusão e damnos irreparaveis que se seguem aos innocentes, pelos enredos que se vão urdindo de uns a outros, que parece é um processo infinito.

97.° Repare-se como facilita estas confissões falsas o satisfazerem somente com acertar os nomes, porque se foram obrigados a contestarem nos mesmos autos de que foram delatados, nas mesmas juntas, nas mesmas pessoas que estavam presentes, e nas mais circumstancias de palavras, occasiões e tempos, haveria menos falsarios, e ainda devêra perguntar-se na inquisição a estes réos, de que estava cada um vestido; e outras particularidades, para se conferirem os juramentos uns com outros; e só assim se poderia, com a possivel certeza, alcançar o conhecimento da verdade; porque se aquelles actos são verdadeiros, todos podem e devem contestar, assim como passou; e se são falsos, impossivel será concordarem na conferencia. Devia pois fazer-se toda a diligencia, e o direito e a razão dictam e dispoem que façam as maiores diligencias para se apurar a verdade, e mais em materias de que dependem almas, vidas, honras, e fazendas. Esta miseravel gente não pede, não quer, não clama que se lhe perdoem as culpas, senão que se façam rigorosissimos exames, e se castiguem; que se ajustem as confissões; que concordem e contestem nos autos e circumstancias; que não diga cada um o que quizer fingir; porque desta sorte poderá a fraqueza do juiso humano proceder com probabilidade, e certeza moral, e emprehender pelo modo possivel o que só a Deus Nosso Senhor propriamente pertence, como juiz dos corações. Deixemos estas ponderações aos doutos, e a decisão destes pontos aos maiores juisos, porque á nossa capacidade só toca dizer ingenuamente o que nos é mandado.

98.° Em conclusão, a raiz e principio de todos estes males consiste em não obrigal-os a contestar, como parece dispõe o direito, e toda a boa razão dicta, que deve contestar a confissão do réo com o depoimento da testimunha. E se assim fôra, e usára o santo officio, não poderiam os que são christãos confessos serem judeus; porque, como não podem contestar o acto que não fize-

ram, e as circumstancias delle, nem sabem os actos falsos que alli os outros contra elles formaram, é certo, que só confessariam os que na verdade fossem culpados e comprehendidos nos taes actos.

99.° E quem póde negar ser muito justo e pio, e convenientissimo aquelle meio com que se apura a verdade, e só favorece a innocencia, e as culpas se convencem? Para os juizes e para os réos, convem justificar os procedimentos, evitar queixas, e tirar occasiões de confessarem o que não fizeram aos innocentes, e obrigar aos culpados a fazerem suas confissões verdadeiras. Ponto é este tão substancial, e de tanta justificação para o santo officio, que deviam seus ministros agradecer muito o zelo e santo intento com que se trata. E supposto os ministros daquelle santo tribunal tudo alcancem, comtudo, fóra delle são sabidas outras muitas circumstancias, que o respeito e o temor faz lá occultar.

100.° Por isso o excellentissimo senhor duque inquisidor geral, com seu grande zelo procurou haver meios para se evitarem de todo falsidades, que se juram no santo officio, e para este fim, perguntou a pessoas de fóra seu parecer na materia, e cremos que tambem no interior tractaria este ponto com efficacia. O discurso que por mandado de sua excellencia se fez neste ponto não poude chegar-lhe á mão, por lhe chegar primeiro a morte; mas cremos que se vivêra, em todo pozera efficaz remedio. No fim deste papel vae o dito *discurso*, por não nos divertirmos mais neste logar.

101.° Concluimos este ponto, dizendo que, ou isto que se refere da contrariedade das testimunhas e juramentos, e falta de contestação, de que nascem tantos e inexplicaveis e incomprehensiveis damnos, é verdade ou é mentira? Se é verdade, quem póde duvidar, que se deve applicar efficaz remedio? Se é mentira, não se nega que merecem grave castigo os auctores delle. Examine-se se é verdade, para o remedio; se é mentira, para o castigo. Neste caso não é necessario mais exame, que o dos processos, com advertencia no referido.

Pondere-se agora somente quem para justificação da verdade, não offerece mais prova que os mesmos processos, feitos pelos

ministros, que se teem feito partes nesta materia, se póde fazer maior justificação?

Diminutos.

102.° Pergunta-se a causa porque morrem e são relaxados muitos confessos com culpas e sentença de diminutos? Este ponto é o mais occulto e impenetravel; assim, não póde haver certa noticia; mas dos processos deverá constar. Aqui só diremos o que racional e judicialmente intendemos poderá servir para se fazer reflexão sobre os mesmos processos.

103.° Tres sortes de diminutos podemos considerar: primeiros, os que confessam logo em os prendendo, ou depois de carregados de testimunhas, antes de serem sentenciados; e estes teem largo tempo para no tormento purgarem as ditas diminuições.

104.° Os segundos são aquelles que confessam depois de lhes ser notificada a sentença de relaxação. Estes teem tormento para purgarem as diminuições até sexta feira em que lhes atam as mãos.

105.° Os terceiros são os que confessam de mãos atadas, estando já *entregues* aos padres, e destes é o estado mais perigoso, porque já não hão de purgar por tormento as diminuições: são obrigados a acertarem com todos os que juraram contra elles, sem lhes faltar um, e por isso é o adagio, *mãos atadas, terras abrasadas.*

106.° E fallando geralmente em todos, o que se julga é que estes diminutos morrem, porque confessando de si, e dando em muitos estranhos, querem occultar seus filhos, paes, irmãos e mulheres, por lhes terem mais amor, ou por fiarem mais delles; parecendo-lhes, que ainda que estejam presos, lhes não levantarão falso testimunho; e como sejam parentes tão chegados, dizem que o seu juramento se não purga pelo tormento; e assim vão a morrer diminutos, por não darem nelles, tendo contra si os juramentos ou juntas delles.

107.° Bom discurso parece este; mas as experiencias mostram o contrario, e que não saem diminutos, só havendo aquelles

vinculos de parentesco, mas por coisas muito remotas em que os miseraveis não podem acertar, como parece, pelos exemplos seguintes.

108.º Jorge Fernandes Meza, natural e morador em villa Viçosa, foi preso em Evora, e logo em entrando confessou, parecendo-lhe que se fazia auto, com animo de sair logo nelle, e se livrar daquellas horrendas prisões. Foi dando em todos os que sabia os nomes, assim da sua terra, como de fóra della, e se intende que deu em mais de quinhentas pessoas. Tinha uma filha, que de cinco annos havia recolhido no convento da Esperança da mesma villa, a qual crearam no dito convento umas religiosas, christãs velhas, e sempre a tiveram em sua companhia, e as poucas vezes que seu pae lhe fallava, era em presença das ditas religiosas. Cresceu no convento, e feita a idade professou, e viveu sempre no convento com opinião de virtude. Tambem nesta filha deu o pae, e deu em sua mulher, e em todos os seus filhos, e em seus irmãos, e em todos os seus parentes; e comtudo, nada bastou. Foi relaxado com sentença de diminuto; e sendo o tempo tão largo para purgar a diminuição no tormento, não purgou, nem bastou dar em toda a geração, e por fim de contas morreu queimado. Desenganado este miseravel de que não tinha remedio, revogou todas as confissões que tinha feito, declarando serem todas falsas, porque elle era christão, e que por temor da morte, e por se livrar daquelles horrendos carceres, havia imposto a si e a seus proximos aquelles falsos testimunhos. E assim, foi a sentença de diminuto revogante.

109.º Maria Mendes, natural de Fronteira, moradora em Elvas, viuva de Gaspar Gomes Jacinto, sapateiro de obra grossa, foi preza: confessou logo. Deu em todos quantos filhos tinha, netos e parentes, e em todos quantos conhecia, e lhes sabia os nomes, que se intendeu della, que havia dado em mais de seiscentas pessoas. Ainda assim foi relaxada a morrer diminuta: e revogou tudo, declarando serem tudo falsidades, que havia pôsto sobre si, e sobre seus proximos, por remir a vida. Estando esta mulher no auto já para morrer, uma filha sua, que saiu no

mesmo auto, em altas vozes lhe quiz lembrar alguns parentes, para que alli no auto fosse dar nelles, e não morresse, parecendo-lhe, que era diminuta por não dar nos parentes. Respondeu-lhe a mãe: filha, nada disso está por fazer: não me ficou Castella, nem Portugal: tudo corri, e nada me valeu.

110.° Milhares de casos similhantes se podem referir; mas estes bastam para mostrar o como padecem os diminutos. Vejam-se os processos destes dois diminutos, que referimos, e muitos mais, e nelles se verá a causa de morrerem muitos diminutos, sendo tão bons confitentes.

111.° Do referido bem se colhe, que não morrem só diminutos pelos parentes; mas por outras causas, que não podem advinhar-se, por serem falsas; que se foram verdadeiras, como deixaria matar-se por ellas quem tira sua filha de um convento aonde a mettêra de cinco annos? Ó lastima! E quem deu na mulher, filhos, e netos, como não daria em todo o mundo para remir a vida? E como é crivel, que se deixe perder a mesma vida, com morte tão affrontosa, por encobrir a diminuição estranha? Quem confessou o mais, como encobriria o menos? Quem fez taes confissões por não morrer, se ultimamente estivera na sua mão, havia de deixar matar-se? O certo é que não ha tomar pé nestas causas; e uns confundem os outros; e a fórma dos processos a todos.

Negativos.

112.° Já fizemos exemplo dos que morrem diminutos: façamos tambem exemplo dos que morrem negativos com outros dois casos.

113.° Jacome de Mello Pereira, natural de Lisbôa, fidalgo qualificado, e cavalleiro do habito de Christo, morador em Elvas, que foi muitos annos capitão de cavallos, e serviu ao reino com grande valor e credito, tinha uma parte de nação elle, sua mulher, e dois filhos; e por encobrir esta sua falta, quando havia prisões por mandado da inquisição, eram os que mais zelosos se mostravam contra os presos, e contra os que saíam pe-

nitenciados. Com este odio, e com este achaque commum de dar em todos, juraram contra o dito Jacome de Mello, e contra sua mulher e dois filhos. A mulher e os filhos, vendo-se naquella horrenda prisão, como eram mimosos, mal costumados, e que nunca imaginaram tal fadario, com ignorancia e cegueira, dirigidos de más e mal intencionadas companhias, confessaram todos tres, e deram no sobredito Jacome de Mello, e sairam logo no auto seguinte. Foi condemnado Jacome de Mello a morrer queimado por negativo; e morreu com grandes demonstrações de christandade; tractando só da sua salvação até o ultimo ponto que o afogou o garrote.

Note-se, que em tendo a carga do testimunho da mulher e filhos, não esperaram mais dois ou tres annos, que se começasse o livramento; mas logo abbreviaram.

114.° Affonso Nobre, natural e morador em villa Viçosa, e da principal nobreza daquella villa, onde serviu muitas vezes de vereador e provedor da misericordia, cargos que se não dão em Portugal senão aos mais nobres e limpos de sangue, foi preso, e levado aos carceres de Coimbra, e com fama de que tinha parte de christão novo. D'alli a algum tempo foram presos uma filha e um filho seu de pouca idade. Estes, ou mal aconselhados dos companheiros, ou cegos do temor, confusão e innocencia, deram em seu pae, que saiu a morrer negativo. No auto, quando passava por junto ao filho, lhe pediu este perdão e a benção. Respondeu: perdão vos dou de me pordes neste estado, para que Deus me perdoe: benção não; porque não é meu filho quem confessou o que não fez; e sendo christão catholico, disse que era judeu. Ide embora; Deus vos perdoe. E foi a morrer este homem com taes colloquios e actos de piedade, que a todos causou admiração. Destes casos se podiam repetir innumeraveis, que por serem similhantes se deixam, e por evitar prolixidades.

115.° Contra estes dois relaxados, ambos negativos, e ambos pessoas de conhecida nobreza e auctoridade, juraram seus filhos; e contra o Mello, tambem a mulher, que se chamava D. Brites de Carvalho, da melhor nobreza de Elvas, que tam-

bem dizem tinha parte de nação. Vejam-se os processos desta mulher, e filhos de Jacome de Mello, e saberão como contestaram uns com outros, e com as testimunhas que os delataram, pelas quaes foram presos, e se achará que em nada contestaram uns com outros: pois se elles foram tão bons confitentes, que puzeram seu marido e pae no fogo, por que não contestaram o mesmo acto do judaismo com as mesmas circumstancias? Tambem poderá ser se ache que as mesmas testimunhas que juraram *contra os sobreditos*, e seus filhos, dessem nelles de junta; que assim fazem os que vão jurar com tenção de nada lhes importar a defeza. Bem podemos affirmar pelas conjecturas, e pelos dictames da razão, que os taes confitentes não contestaram em juntas, nem nos dictos uns com outros, senão todos se hão de achar varios; porque, como tudo são falsidades e fingimentos, e cada um não póde adevinhar e contestar no mesmo, só contestariam se fosse verdade.

116.° O mesmo se achará nos processos dos filhos de Affonso Nobre, e dos que que juraram contra elles, e contra seu pae. Façamos outro exemplo em pessoas de menos qualidade, para que não se intenda que estes, levados de brio, morreram negativos.

117.° João de Sequeira, e um seu irmão, que do processo constará como se chame, naturaes de Torres-Novas, eram filhos de uma lavadeira, gente muito humilde e de baixo nascimento. Foram ambos presos em Lisboa, haverá 33 annos, pouco mais ou menos; para mais certeza, succedeu este caso no mesmo tempo em que foi preso João Travassos da Costa, tambem natural de Torres-Novas, que foi muitos annos vigario geral do arcebispado de Lisboa. Este João de Sequeira, e seu irmão, constantemente defenderam sua innocencia; porém não lhes valeu, porque como eram gente vil, todos se temiam delles, e assim todos os que confessavam iam descarregando nelles; e se apuraram o caso, havia de achar-se, que deram nestes dois irmãos pessoas que nunca falleram com elles, e que os não haviam de querer para seus criados. E achal-os-iam capazes para se declararem com elles em materia tão grave, da qual depende a alma, vida, honra

e fazenda? Será verdade, porém não é crivel; e se tudo se julga por presumpções, estas estavam por João de Sequeira: mas nada lhe valeu, supposto que bem o requeria.

118.° O vigario geral, João Travassos da Costa, havia ido muitos annos, como vigario geral, despachar ao santo officio; e como sabia as confissões dos processos e difficuldades do livramento, tendo por mais certo morrer que livrar, com o aperto da prisão abafou de maneira que logo fez confissão, e deu em todo o mundo. Tractando de sair para fóra, entre os mais, deu tambem em João de Sequeira, e em seu irmão (parece que pelas companhias soube que o tal vigario geral estava preso confitente, e que havia dado nelle). Então dizia João de Sequeira na meza: como creem vossas senhorias que o vigario geral se havia de declarar com João de Sequeira, filho de uma lavadeira, quando não o queria para seu lacaio de mula? E assim que elle vigario geral com outros, juraram contra João de Sequeira, cuidando que a elle lhe tem feito mal: mas eu lhe perdoo, para que Deus me perdoe os meus peccados que são muitos; mas este não confessarei, porque o não fiz, e se eu o fizera, que perdia em o confessar? Que honra e que fazenda perdia nisso? Nosso Senhor Jesus Christo me deu esta occasião para me salvar, não a quero perder. E assim foram elle e o irmão a morrer negativos; continuando até ao fim em demonstrações de verdadeiros christãos. Considere-se aqui como é crivel que o vigario geral se declarasse com tal sugeito! Saiu o vigario geral confesso penitenciado, viveu nesta cidade miseravelmente. Houve fama que na hora da morte, por descargo de sua consciencia, mandára declarar que tudo quanto havia confessado era falso, mas disto se não fez caso. Lá constará dos autos o que se passou neste caso de João, que é muito para vêr.

Veja-se o processo do vigario geral, e o de João de Sequeira, e confira-se o juramento do vigario geral com o do mesmo João de Sequeira, e se achará que tinha oito annos quando o vigario geral jura que se declarou com elle. E considere-se que figura seria um filho de uma lavadeira, sendo de oito annos, para com elle se declarar um vigario geral! Que

homens estes para se deixarem matar, havendo commettido o crime? Note-se que o irmão era um menino; e esperaram tivesse idade para sair a morrer, e os contra quem elle jurou, perecendo. Vejam se ha damnos mais irreparaveis!

119.° Em tempo que se admittiam testimunhas de christãos novos, contra christãos velhos, houve prisões em Béja, conforme a tradição, no anno de 1591 até o de 1603: prenderam muitos christãos velhos, e novos, sem distincção, e experimentou-se que *os christãos velhos na* inquisição faziam confissão de judaismo, como os christãos novos fazem, e peior se póde ser; porque houve christão velho, que confessou fôra sobre um bode esperar o Messias ao poço de Aljustrel, que é fóra da cidade pouca distancia. E então se fez novo regimento para os christãos novos não poderem testimunhar contra christãos velhos: que se seus testimunhos valessem, experimentaram o mesmo damno, e mais se tivessem contra si as presumpções que se imaginam no sangue.

120.° Emfim, como se os christãos velhos não fossem filhos de Adão, sujeitos a quaesquer peccados, os quererão separar para que nos pobres christãos novos fosse culpa só o sangue; e chegou este ponto a taes termos, e com tal severidade se observa que o mesmo *é jurar* um miseravel christão novo contra um christão velho, que ficar logo convencido de falsario, com carochas, açoites e galés. São indispensaveis taes penas: expliquemos isto com um caso.

121.° Baptista Fagueiro Cabral, natural de Elvas, e da mais qualificada nobreza daquella cidade, foi preso por se dizer que tinha oitavo de christão novo, ou ainda menos (e quem anda medindo estes graus, senão a opinião, ou, o mais certo, a malevola inclinação?): esteve annos preso, correu seu livramento, foi senciado á morte, e veio a confessar de mãos atadas. E como estas não purgam o tormento de diminuições, são obrigados a acertar com todos os que teem sobre si (devia ter muitos este miseravel). Foi correndo os ferrolhos, casa por casa, e dando em tudo para remir a vida, e como o primeiro que fazem os que chegam a tal estado, é darem em todos os parentes, entre os mais se lembrou de uma mulata, chegada á obrigação de sua casa, com o nome

de filha bastarda de um seu tio, por aquella parte por onde dizem que tinha a desaventurada peste de christão novo. Saiu no auto, degradado para as galés, como saem todos os que confessam de mãos atadas, e foi para ellas cumprir o seu degredo.

122.º Prenderam a mulata pelo juramento referido; e não tractou esta mulher de outro livramento, mais que allegar era christã velha; e parece provou o que allegou, julgando-se por tal. E tornou segunda vez para os carceres o dito Baptista Fagueiro; e depois delle preso, deitaram fóra a mulata, sem sair em auto, julgando-se christã velha.

123.º Esta segunda vez, estéve preso o dito Baptista Fagueiro muito tempo; e no fim, saiu encarochado, julgado por falsario, e condemnado a açoites pelas ruas publicas, e trazido segunda vez ás galés com 8 annos de degredo, que cumpriu nellas com tanto aperto, que porque o cabo dos forçados se compadecia delle (o cabo se chama João Fialho, que poderá dizer se é assim), por ser homem nobre e conhecido, foi reprehendido asperamente do santo officio, porque o não mandava andar em todo o serviço como os forçados. É o serviço destes forçados, por não haverem galés, andarem dois presos com uma cadeia, pelos logares publicos da cidade de Lisboa, acarretando agua ás costas, e outros materiaes para casa do provedor dos armazens, e outros officiaes, e para a Ribeira das Náos. Neste serviço andava o miseravel Fagueiro, preso em cadeia com um mouro, ou com um negro, ou com um vil ladrão, que desta gente consta a chusma dos forçados; e com este rigoroso castigo são tractados os que juram contra christãos velhos. Note-se que este Baptista Fagueiro fallou nesta mulher de mãos atadas; e como está dito, não tinha tormento que purgar a diminuição. Supponhamos que esta mulher tinha outra testimunha, e que a deram de junta com este Baptista Fagueiro: se não dera nella, havia de sair a morrer diminuto; e porque deu nella, saiu falsario encarochado e açoitado, e com cinco annos de galés, e com o tractamento referido.

124.º Esta é a fórma em que são convencidos por falsarios os que juram contra christãos velhos; e se elles antes de se fazer

a nova constituição e regimento, confessavam que eram judeus, que caracter lhes imprime o regimento, para que os que juram contra elles, logo fiquem convencidos por falsarios, e condemnados com tão severos castigos? Quem os preserva para não cairem neste erro? Podem os christãos velhos arrenegar (ainda mal, que tantos em Africa arrenegam!), e seguir a seita de Mafoma, e não podem seguir a lei de Moysés? O regimento não; o sangue os preserva? E o sangue por que os não preservava antes, por que confessavam como hoje confessam os christãos novos? O certo é que todas ou as mais das confissões em uns e outros, são falsas, e só teem diversidade agora, que os christãos novos teem no sangue o peccado, e os christãos velhos teem no sangue o remedio.

Evidente é, que o sairem tantos confessos não é realidade da culpa; mas culpa do processo. Isto é tão certo, que se com os christãos velhos se procedêra na mesma fórma que se procede com os christãos novos, se haviam de ver nelles as mesmas confissões; e se se inquirira na mesma fórma da lei de Mafoma, e das heresias de Calvino e Luthero, se haviam de ver as mesmas confissões destas seitas em Portugal, e em toda a parte do mundo, e isto assim em christãos velhos, como novos, e em todas as gentes; porque a fórma, estylo, e o seu rigor e confusão, são causa de todas as falsidades, e que estão produzindo culpas em tudo sem as haver. D'aqui se infere, que se os principes, nobreza e povo de Portugal teem odio a esta perseguida gente, é em razão do segredo: não sabem o que na verdade passa, e assim se persuadem, que é verdade tudo o que se lê nos autos; que se souberam e viram as sinceras verdades que aqui dizemos, tiveram lastima das pessoas que vivem e procedem bem, e só aborreceram a fórma e confusão com que se faz dos christãos judeus. Nem póde negar-se, ser grande meio para se conhecer a verdade tomar a fórma de Roma, que não prejudica aos catholicos, e castiga aos hereges: com que cessára o descredito que teem os portuguezes entre as mais nações, conhecendo a verdade com clareza.

126.° Este regimento se deve examinar, e tambem os fundamentos com que de direito natural, civil e canonico é assistido;

porque eu ouvi dizer a homens letrados, que o tal regimento tinha coisas contrarias ás disposições do direito natural e positivo. E porque, ou para que se fez este regimento, que não valesse o testimunho de christãos novos contra christãos velhos? Foi porque se o não houvera, havia de experimentar-se nos christãos velhos o mesmo que se vê nos christãos novos, e não estiveram seguros nem os proprios inquisidores, como não póde estar seguro nenhum christão novo, ainda que seja um santo.

126.° E sendo certo (como dizem homens doutos) que o é na philosophia e theologia, que o sangue não influe, nem inclina para a crença ou religião, como segura o sangue aos christãos velhos, sendo culpa nos novos, e tal, que se chegam a ser presos, ainda que não tenham prova, padecem a pena da infamia do delicto, e tudo o mais que está dito?

127.° Logo póde intender-se, que isto se fez para guardar os christãos velhos, deixando os christãos novos ao desamparo; porque os christãos velhos não teem a defeza na razão, nem na innocencia, senão no sangue: e os christãos novos, que não teem sangue para os deffender, padecem indefezos sem remedio. Fizeram valado para a vinha dos christãos velhos, e a dos christãos novos ficou exposta a todas as calamidades, sem poderem defender-se os bons dos maus, nem valer a innocencia para terem segurança. E senão digam-me: Este falsario, que encarocharam porque jurou contra um christão velho, só contra esse christão velho jurou? Apostára eu que alguns destes jurando contra um christão velho, juráram contra quinhentos christãos novos, ou que chamam christãos novos; porque este nome só se funda na presumpção, augmentada e conservada com tantas falsidades. Pois convencido este falsario de falsidade, em razão do sangue de christão velho, por que não fica falsario a respeito dos christãos novos? A presumpção aqui já está contra elle, porque se mostra ser falso. Pois é falsario contra o christão velho (depondo igualmente de todos), e contra os christãos novos é verdadeiro confitente? Ó Jesus! que sem-razão!

128.° Dirão que não são convencidos de falsarios, porque juráram contra christãos velhos; mas por que eximidos desta culpa,

confessam que juraram falso, e por sua propria confissão convencidos e condemnados 100. Responde-se, que muitos não confessaram, e foram condemnados. Além de que, se os miseraveis por se livrarem de tão horrendos apertos e prisões, confessam que são judeus, sendo christãos, vendo-se segunda vez presos, e mais apertados por falsarios, e conhecendo que os juizes querem e apertam que se desdigam, não só se desdirão, mas se de novo os apertarem pelo mesmo estylo, para que digam que são mouros, gentios, *papa-gentes do Brazil*, chucumicos da Nova Hespanha, e que seguiram as seitas da China e Japão, tudo farão, para que os deixem com vida e liberdade.

129.° Não vimos ha poucos annos, que um religioso foi accusar-se a si mesmo por sedomita, falsamente, por descompor ao que dizia ser cumplice com elle, só por seus interesses particulares? Não é maior o interesse da vida e liberdade, para que diga um destes miseraveis de si, e de outros, que é, e são judeus, sabendo que sempre hão de ser tidos por esses, ainda que façam milagres, e se forem santos, e os fizerem, os terão por magicos, como os tyrannos diziam dos milagres dos martyres? Pois perdendo estes menos, porque não perdem a honra, que já teem perdido, e ganhando mais a vida e liberdade, não farão o que fez aquelle religioso?

130.° Vimos tambem ha menos annos, que um christão velho, sem que o sangue lhe infundisse respeito á cruz, cobriu uma de immundicie, para impor o delicto a um pobre, tido por christão novo, a quem queria destruir por seus respeitos particulares. E assim succedeu a um almoxarife de sua alteza nas villas que hoje são do seu estado, entre Thomar e Coimbra. Ambos estes casos castigou o santo officio: não sei se seria differente o castigo, se os casos succederam a christãos novos. Se isto fazem christãos velhos, sem ser para livrar da morte, e da masmorra, que muito que para livrar de uma e outra os christãos novos digam de outros o que não fizeram?

131.° Mais: façam-lhes as mesmas diligencias que se fazem para desdizer-se do juramento contra o christão velho, para que se desdigam do que teem jurado contra os christãos novos, e não

os queimem por revogantes, e verão como se desdizem; e o fariam com mais boa consciencia, porque então fallavam verdade; e restituiam os damnos, que de outra sorte não é possivel restituir.

132.° Dirão, que tambem ficam convencidos de falsos; porque quando juraram contra estes christãos velhos, juraram que eram christãos novos, e provado que eram christãos velhos, fica falso o tal juramento.

133.° Responde-se: que se não juraram ser christãos novos, não haviam de acceitar-lhes o juramento; porque antes lhes tinham declarado na meza, que não jurassem contra christãos velhos, porque haviam de ser por este crime rigorosamente castigados, e a todos se faz esta notificação: e com ella claramente se deixa ver, que aquelles miseraveis não juram falso contra christãos velhos, senão porque os tinham ouvido nomear por christãos novos, e temendo estariam prezos, e teriam jurado contra elles.

134.° A todos estes damnos dá occasião o rigor e escuridade e confusão com que os tractam: que a não temerem os queimem por diminutos, para que havia o Fagueiro de dar na mulata? Jura para se livrar das testimunhas, que lhe dizem tem contra si: mas esse não é o sentimento; que serem castigados por falsarios é justo castigo de Deus. Provera a sua Divina Magestade, que todos os que juram falso tiveram castigo! E o que houveram de carochas nos autos da fé! O que sentimos, é haverem castigos para falsarios contra christãos velhos, e não tractar-se de convencer e castigar os que são contra christãos novos. E os christãos velhos não podem ser judeus? Vejamos como alguns o foram.

135.° No convento de santo Antonio dos Capuchos de Lisboa no campo do Curral, houve um religioso letrado, natural da mesma cidade, de uma familia nobre, cujo appellido era *Travassos da Costa*, e pela tradição se diz, ser de geração de um escrivão, ou secretario da meza do paço. Era elle christão velho; em fim capucho, que tiram inquirições apuradas. Este desaventurado prevaricou, e publicamente no convento começou a publicar seu erro, e persuadir a sua cegueira. Não puderam os frades reduzil-o, e assim obrigados o entregaram ao santo officio,

que tambem o não pôde reduzir, e saiu a queimar pertinaz. E como este successo foi depois do regimento, que os christãos velhos não possam ser tidos por judeus, lhe puzeram na sentença, que tinha parte de christão novo.

136.° Os parentes, como isto era labéo que se lhes punha na geração, se oppuzeram á causa, dizendo, estava bem queimado, pois fôra claramente judeu; mas que o dizer a sentença, que tinha parte de nação, era infamal-os a todos; e assim lhes tocava defendel-o, e apurar sua limpeza e qualidade. Isto se abafou em fórma que a geração ficou limpa no sangue, apurada, e assim permaneceu em Lisboa. Veja-se o processo deste frade, e os dos requerimentos dos parentes, e achar-se-ha ser puro christão velho. E se este foi judeu tão claramente, por que o não seria a mulata em que deu o Fagueiro? Preservou-a o regimento?

137.° Francisco de Azevedo Cabras, natural de Elvas, filho de André Martins Cabras, da principal nobreza daquella cidade, nas prisões que se faziam pelo santo officio, era grande perseguidor dos christãos novos. Com esta causa, e com haver fama na terra, que sua mãe, já morta, tinha parte de nação por um avô do Algarve, que os outros tres eram naturaes da mesma cidade de Elvas, conhecidamente christãos velhos, como tambem o eram os quatro avós do pae, André Martins Cabras, sem nenhuma fama, nem duvida em contrario; de sorte, que este Francisco de Azevedo tinha sete bisavós naturaes de Elvas, conhecidamente christãos velhos, e um por parte de sua mãe do Algarve; e deste nasceu a fama. Juraram contra elle, e contra D. Brites de Sequeira, irmã inteira de sua mãe: foram presos, e o dito Francisco de Azevedo logo em entrando confessou, e saiu no auto reconciliado com sambenito. O pae André Martins, vendo-se affrontado, o fez ir para Castella, ainda no tempo da guerra, d'onde veio feito frade de S. Francisco depois das pazes. E o tornaram a prender, e lá está nos carceres de Evora.

138.° Depois de feito o auto publico em Evora em 26 de novembro 1673, fizeram outro particular na sala da inquisição, em que deitaram somente o Francisco de Azevedo Cabras, e com tal segredo, que não chamaram para este auto mais que

alguns religiosos e ecclesiasticos, que não passaram de doze pessoas, as quaes deram juramento de não dizerem fóra o que alli se lesse no auto. Leram a sentença, a qual em substancia vinha a dizer, que por confessar o judaismo, sendo christão velho, e por impôr o mesmo crime falsamente a muitos, o privavam das ordens, e o condemnavam em dez annos de degredo para a ilha do Principe. E com effeito está na cadêa publica para ir cumprir o degredo. Pondere-se bem este caso, que é evidente confirmação de tudo o que neste papel passa, e se offerece. Taes como estas são as confissões que se fazem e admittem no tribunal do santo officio. E quantos, pelo testimunho de Francisco de Azevedo, estariam prezos, e apertados e sentenciados? Como se refazem estes damnos?

139.º A tia, D. Brites de Sequeira, allegou que era christã velha (os tres avós naturaes de Elvas provada e notoriamente eram christãos velhos); e parece que tambem prova o mesmo por parte do Algarve. Em fim saiu julgada christã velha; e sairam encarochadas, açoitadas e degradadas para as galés as testimunhas que juraram contra ella. Tudo constará do seu processo; e se D. Brites fôra christã velha, que remedio? Aqui se vêem as mesmas testimunhas confirmadas pelo sobrinho, e convencidas de falsas pelo tio.

140.º A segunda prisão de Francisco de Azevedo, se presume foi por haver jurado tambem contra o tio. A sua sentença mostrará qual é o crime desta segunda prisão, que póde ser por confessar ser judeu, sendo christão velho, que é contra o regimento; ou por jurar contra a tia, que provou era christã velha; e sendo-o ella, tambem Francisco de Azevedo o é por parte do pae, André Martins Cabras, em que não ha duvida alguma. E eis aqui um christão velho, judeu e falsario. E póde ser que se Francisco de Azevedo não viera de Castella feito frade, que saisse no auto encarochado, açoitado e degradado para as galés por falsario, e que o puzeram com parte de christão novo.

141.º Manuel Lopes Sutil, natural de Elvas, que actualmente está ainda nas galés, foi preso em Evora. Saiu no auto reconciliado e degradado; porque parece confessou de sentença

de morte, ou já de mãos atadas. Isto se não alcançou com certeza; porque o estar nas galés póde ser pena acrescentada pelo caso que imos referindo. Veja-se o seu processo d'onde tudo póde constar. Este homem era casado com sua mulher, christã velha, a qual tinha um irmão cujo nome constará dos processos. Quando confessou o Sutil, deu em sua mulher, e nos filhos, e no cunhado; e logo levado para a cadêa publica de Villa Viçosa, avisou á mulher, que ella, *seus filhos, e irmão, se fossem* accusar; porque elle *naquelles ultimos apertos* (parece que de mãos atadas) haviadadó *nelles*; que se fossem remediar, que assim chamam ás accusações.

142.º A mulher se resolveu logo a fazel-o; e dizendo ao irmão (advirta-se que eram irmãos inteiros) fosse tambem com ella para tambem se accusar, respondeu elle: que não queria, porque eram christãos velhos: que fossem os seus filhos della, os quaes pela parte de seu pae tinham a sua parte. A mulher, sem embargo destas advertencias do irmão, foi, e se presume que ella e os filhos, com effeito se accusaram. O irmão vendo isto, se foi a Evora, estando lá a irmã, com instrumento de como eram christãos velhos, e os apresentou no santo officio; e por estas causas foi de novo apertado o dito Manuel Lopes Sutil, e os filhos da mulher; e não se tractou mais delle depois que o irmão chegou com o tal instrumento. Dos processos constará a verdade que nisto passou; e como todos são vivos, bem se póde saber delles o que houve em todo este caso. *Eis* aqui christã velha accusada!

143.º Francisco Lopes Margalho (este Francisco Lopes Margalho é irmão inteiro de Alvariannes Margalho, pae de Manuel Lopes Terra), natural de Elvas, tido e havido por christão velho sem contradicção alguma; preza sua mulher, se resolveu ir accusar-se. Tinha este um sobrinho, filho de seu irmão, o qual se chama Manuel Lopes Terra. Foi o filho dizer-lhe, que elle se ia accusar, que fosse tambem elle. O sobrinho respondeu, que não queria, porque eram christãos velhos. O tio ainda assim foi; e com effeito se accusou. O sobrinho foi, e mostrou ser christão velho. Vejam-se estes processos, que teem muito que examinar. Eis aqui outro christão velho judeu.

144.° Antonio Gonçalves, natural de Oliveira do Conde, rendeiro e morador em Cabanas, do bispado de Vizeu, christão velho, e por tal conhecido e havido sem contradicção alguma, foi prezo em Coimbra: confessou que era judeu; saiu reconciliado; e conforme a noticia que nos deram da sua sentença, no auto se declarou que era christão velho, o que duvidamos, porque, conforme o regimento, o christão velho não havia de ser condemnado por judeu; mas assim se referiu, e póde constar a verdade do seu processo. Este homem saiu em Coimbra no anno de 1660, pouco mais ou menos. E se adverte, que apurando-se a verdade, se ha de achar ser christão velho, porque assim o affirma gente de credito que o conheceu. Procure-se este processo, que contém coisas notaveis. E se este christão velho for judeu, como ficam convencidos de falsarios os christãos novos, que dão em christãos velhos?

Pode ser que por este e outros muitos casos similhantes, seja certa a presumpção que chegou a presumir com fundamento, que por se verem enleados com tantas confissões, se tomou resolução de não prender a ninguem com menos de um quarto de christão novo. Este assento, se é certo, já não dura; e mostra bem que se tiram, e poem leis.

Tambem de Antonio Gonçalves se affirma, que saiu declarado christão velho; e foi accusado por outros christãos velhos diante do vigario geral do logar de Cabanas. Tudo constará do processo, e das circumstancias das testimunhas, e outras muitas particularidades.

145.° Destes casos se contam innumeraveis em varias partes deste reino. Veja-se a lista do ultimo auto da fé que se fez em Coimbra, e se acharão muitos casos puxando pelos processos, e examinando bem a verdade daquelles de quem diziam ter parte de christão novo, e dos outros que se abstiveram de o declarar, prescindindo em serem christãos velhos, que agora ficam enfarinhados em reputação de christãos novos. E assim se vae desacreditando o reino, temporal, e espiritualmente.

146.° Repare-se na mesma lista de Coimbra em uns desgraçados, por presumpção de jurarem falso contra christãos ve-

lhes. Jurar é facto expresso, que não deve julgar-se por presumpção, senão convencer-se. Tudo isto são confusões. Vejam-se os processos, que terão muito que vêr; e cada vez vão crescendo os embaraços.

147.º O Meia-noite de Abrantes, homem tido e havido por christão velho, sem fama em contrario, nas prisões que houve naquella villa foi acerrimo perseguidor dos christãos novos. Assolou-se a terra, e saiu em Lisboa a morrer, protestando pelas ruas, e gritando desaccordadamente, que era christão velho.

148.º Em Coimbra nas prisões grandes que houve, ha quarenta ou cincoenta annos naquella cidade, saiu a morrer um familiar, que havia feito muitas prisões. Depois parece se lhe descobriu alguma partezinha de christão novo, por que foi prezo. E finalmente saiu a morrer. Este sempre levou a teima, até ser queimado, dizendo — não digo mais, senão que queimam a um christão velho — : e nunca os padres o puderam tirar deste cuidado, para tractar do que mais importava ao remedio da sua alma, e da sua salvação. Estes dois christãos velhos sentiam não lograrem o privilegio do regimento.

149.º De tudo o referido, e de muito mais que ha de constar dos processos, directorios e regimentos, se se examinarem com a devida consideração, e com as noticias que damos, se póde palpavelmente conhecer, que a fórma e estylo praticado de presente nas inquisições de Portugal, em logar de extinguir o judaismo (que esta é a tenção da egreja), o está produzindo, e fazendo de christãos judeus; uns, que obrigados dos apertos e confusões, por remirem as vidas e liberdades, sendo christãos, confessam serem judeus, e chamam a isto remedio, por não terem outro caminho para escaparem. Outros, que fogem por não serem prezos, e vão dar em paizes infectos, onde os fazem prevaricar, o que não fariam, se as falsidades com que são delatados os não obrigassem a perderem a patria e os domicilios. Como tambem não arrenegariam aquelles christãos que vão captivos á Barbaria e Turquia, se não foram captivos, e estiveram em suas casas e patrias alimentados com o pasto espiritual, e com a doutrina catholica. E assim os chamados christãos novos em Portugal, não

havendo memorias de que conste tal nome, e sendo elles christãos, e seus paes, avós, e bisavos, terceiros, e quartos e quintos avós, e póde ser que muitos mais, se não havendo quem mostre acção contra a sua christandade, e se não foram as prizões do santo officio, e os procedimentos tão arriscados, e estylo tão confuso, que não se passariam a terras infectas e não prevaricariam algũns, que obrigados da necessidade, movidos das conveniencias, e faltos de pasto espiritual, prevaricam como os christãos arrenegam em Barbaria.

150.° E senão, vejam-se os muitos que passam a Roma, onde está o pastor da egreja, como vivem catholicos e exemplares. Pois assim vivem os mais delles em Portugal com assignalada piedade para o culto divino, em que são muito zelosos, e gastam liberalmente seus bens com os proximos; são caritativos, e dão ordinariamente muitas esmolas; e fóra do santo officio, não haverá em Portugal quem possa dizer viu em christãos novos acções de escandalo contra a fé, de que pudessemos conhecer que elles são judeus, como confessam. E assim podemos dizer que os christãos novos de Portugal só na inquisição são judeus.

151.° E tambem pelos casos referidos de christãos velhos se póde ver, que se não fôra o regimento, que preserva os christãos velhos, se viram nelles os mesmos excessos, confissões e falsidades.

152.° Além disto, póde affirmar-se, que o regimento se fez só para separar aos christãos velhos dos christãos novos; porque ficando nestes todas as confissões e apertos, podiam permanecer; que se as violencias, e falsidades fossem communs a todos, não fôra possivel deixarem de ouvir-se os clamores de todos os christãos novos; porque são elles sós os que padecem, e muitos os que teem conveniencias do seu padecer. E assim não são cridos, nem teem remedio em Portugal.

153.° Ó meu Senhor Jesus Christo! Cheguem estes clamores aos vossos ouvidos: ponde os olhos em tantas tribulações, apertos e miserias, e acudi a tantas calamidades por vossas chagas, por vosso sangue, por vossa misericordia. Allumiae o inten-

dimento, e movei o coração do vosso vigario na terra, e de seus ministros, para que se ponha remedio a tantas falsidades, com que se perdem tantas almas, vidas, honras e fazendas, e o reino de Portugal se vae arruinando. Reformae isto de sorte, que apurada em tudo a verdade, os maus se convertam á vossa santa fé catholica, e os bons e verdadeiros christãos, que em vós creem, e a vós adoram e amam, sejam conhecidos e tractados como taes, para maior honra e gloria de vosso santissimo nome. E assim como, meu Senhor, vos é presente o zelo com que se escreveu este papel, vos peço, que o encaminheis para aquelle fim que é mais conveniente ao vosso serviço, e bem das almas, que igualmente desejo se salvem todas. Prasa a Deus, e á sua Divina Magestade, que assim seja!

154.º Inspirae vós, Senhor meu, no coração do summo pastor, que é vosso vigario na terra, que oiça com attenção os balidos de tantas ovelhas opprimidas e desamparadas. Fazei que mande apurar estas verdades, para que em todo o mundo sejam manifestas; porque é certo, que se os principes e nobreza e povo de Portugal souberem a verdade, acabar-se-ha o odio commum com que perseguem a esta affligida gente; mas não sabem o que passa, cuidando que tudo o que ouvem ler nas sentenças, e autos da fé, são verdades apuradas, e bem provadas; e assim imaginam, que todos os que sáem penitenciados, são judeus, sendo na realidade os mais delles meros falsarios, e, o que é mais para lastimar, necessitados a sel-o.

155.º Ó se se conheceram as mentiras e falsidades, que se juram no santo officio, e como nada é contestado, e como os miseraveis tomam por meio os seus falsos testimunhos para escaparem a vida e terem liberdade; logo se convertêra o odio em lastima e compaixão! E tambem os reinos estranhos tendo noticia da verdade, perderiam aquella falsa e errada opinião que teem de serem judeus os portuguezes.

156.º Ó meu Senhor! Uma e outra vez clamamos a vós. Vós sois a mesma verdade, a mesma innocencia, e a mesma justiça: acudi a estes vossos christãos affligidos, que com o coração em vós clamam, rogam, e pedem com lagrimas, e com suspiros

justiça para que lhes valha a sua verdade e a sua innocencia, e tornam a clamar justiça e mais justiça; pois sabeis que a pedem com tão justificadas razões.

157.° E se até agora foi animo dos ministros do santo officio o fazel-a, e foi justo o seu procedimento na intenção (de que não permitta Deus que julguemos mal), tem mostrado a experiencia, que esse procedimento não é util, mas damnoso. Quem haverá que vendo crescer com um medicamento o seu achaque, persista em usar do mesmo remedio, e em logar delle não busque outro? Pois se com estes procedimentos e estylos tem crescido o achaque do judaismo, na opinião dos mesmos que o procuram curar, por que se não buscará remedio mais efficaz?

158.° Era antigamente menos o numero dos presos, e condemnados: eram os autos da fé de quarenta, cincoenta até sessenta pessoas; e ha muitos annos que são de cento e cincoenta, e duzentas, e mais. São estes verdadeiramente culpados ou não? Se o são, cresce o damno com o remedio; é necessario buscar outro. E se o não são, mais necessario é acudir aos innocentes que padecem.

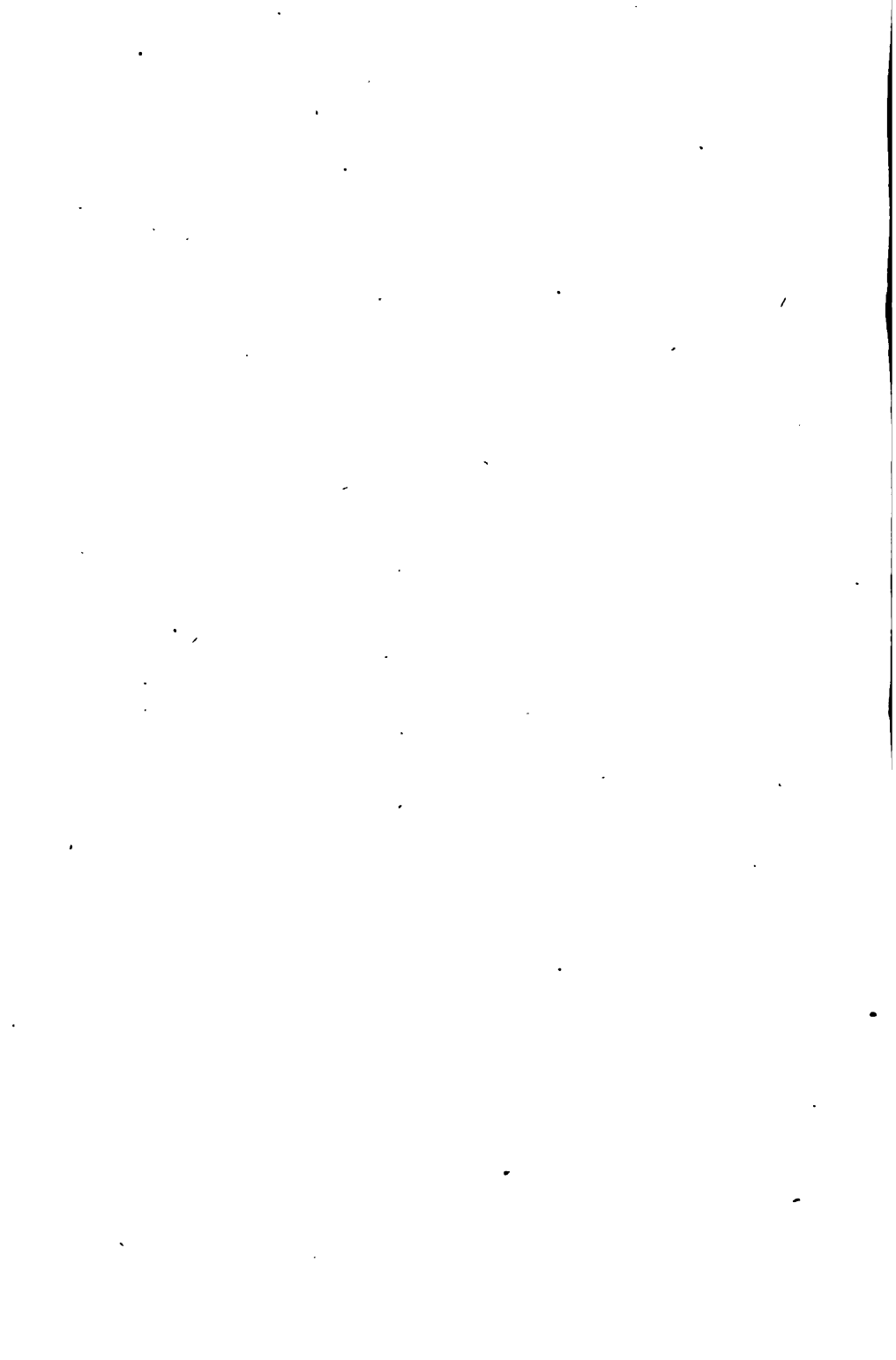
159.° Não se variam os costumes e as leis com os tempos? Não se mudam os regimentos dos tribunaes? Não variou o mesmo santo officio em os seus? Pois porque se não hão de variar os estylos e procedimentos que estão produzindo tantos damnos?

160.° Não se pede perdão geral, nem outras coisas que o odio e a malevola inclinação julga: pede-se se vejam os processos, e se confiram as confissões dos que as fazem naquelle tribunal, e se as testimunhas são contestes umas com outras; e se o não são, que se lhes dê remedio efficaz, para que os maus se convertam e conheçam, e os bons que vivem e procedem bem, não temam.

161.° Não se julgue mentira tão grave pelo dictame do povo barbaro: que julga vulgarmente com odio que tem a esta miseravel e affligida gente: julgue-o a prudencia, a virtude, e as letras com maduro exame: julgue-o quem o póde julgar. Não se atem as mãos daquelle em quem Deus poz nellas o seu po-

der. A verdade prevalece ao odio e ao antojo. Esta causa é a mais grave que tem a egreja e o reino: a egreja pelas almas e damnos espirituaes que involve; e o reino pelos espirituaes e temporaes.

162.° Que de familias se deshonram! Que odios se accendem! Que fazendas e patrimonios se arruinam! Que vassallos se consomem! Que guerra civil se atêa nos animos! Que serviços de Deus se impedem, e do bem publico se perdem! Que cabedaes se passam a outras nações inimigas desta, que tem perdido o reino por esta causa nas conquistas! Que mercancias se não arriscam! Que damnos ha, de que este não seja fonte! Que de almas se enlaçam! Em que confusão se vive! Que sugeitos se perdem! Que de moças donzellas se entregam no mundo! E com tudo isto tão conhecidamente manifesto, antevemos que se ha de dizer, que todas estas exclamações são simuladas, e que com ellas se encobre o animo damnado de buscar liberdade ao judaismo.

163.° Pelo sangue de Jesus Christo, e pelo muito que padeceu em sua paixão santissima, rogamos e pedimos aos que assim julgarem, suspendam somente os juisos até se examinar *todo o referido* neste papel, com os processos; e que ponham o coração em Deus, com quem todos os negocios se hão de consultar primeiro, quanto mais este de tanta consideração e qualidade. Tudo visto e examinado, estaremos pelo que se julgar.

RESPOSTA

DEMONSTRATORIA, PROBATORIA E CONVINCENTE

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

A' carta de um chamado amigo, que lhe impugnava em um papel, que lhe mandou, as fundamentaes razões de não ser possivel á inquisição alcançar o verdadeiro conhecimento dos christãos novos, pela fórma que processava. E como por successos naturaes alli podiam padecer muitas pessoas innocentes. E que por isso era util a mudança dos estylos. E isto na occasião da causa, que os christãos novos puzeram em Roma contra o mesmo santo officio que por esse motivo esteve muitos annos fechado.

Amigo. Não posso negar a razão que mostraes ter nesta vossa resolução que tomaes. Eu me conformo muito com ella; porque aos judeus (suppondo que o são) se não deve dar algum credito. Eu quero seguir a vossa opinião, negando absolutamente quanto em aquelle papel se contém: mas não imaginei, que sendo tão grande o bocado, o engolisseis inteiro, sem o mastigar; mas como lhe achastes vinagre, não vos atrevestes a ir-lhe tomando o gosto. E esta é a razão por que só a alguns familiares do santo officio tenho ouvido fallar bem nesta causa, dizendo — que isto se deve levar á espada; — assentando que a verdade do santo officio se deve defender como a lei de Mafoma.

Ora, meu amigo, supposta a falsidade do papel, e não fazendo delle nenhum caso, vos peço me tireis de algumas duvidas com que estou engasgado ha muito tempo; porque concebendo-as o

intendimento, ainda em tempo em que existia o santo officio, temeram sair á luz em que mostrassem ter já uso da razão. Mas visto estarmos em tempo de poder consultar duvidas, sem os riscos de nos julgarem por mal sentidos do procedimento do santo officio, eu vos quero propor as que tenho, para que, convencido nellas com a luz do vosso intendimento, me torneis ao estado da innocencia em que vivia.

O primeiro conceito, que neste mundo formei a favor da gente de nação, foi sobre um caso (de muitos similhantes, que succederam neste reino) de um homem, que esteve nas galés, porque saiu afogueado; e no cabo de alguns annos, se achou ser christão velho, e que estava innocente. Açoitaram as testimunhas; e a elle o mandaram para sua casa. Não se póde negar terem succedido estes casos muitas vezes, pois foram tão publicos; e bastar-me-ha satisfazer-me ás duvidas neste caso, para eu tornar a ficar anjinho.

Este homem estava para se queimar, e estava innocente. Confessou que era judeu, sem o ser; porque temeu a morte. Confessar que era judeu, era coisa que podia ser facil, e que estava na sua bocca; porém o acertar com as testimunhas que deram nelle, como podia ser? Isto era difficultoso, mas não era impossivel, porque tinha o remedio de dar em todas as pessoas de nação, que conhecia, até acertar com as suas testimunhas; porque de outro modo não podia ser, estando innocente, acertar com todas de frecha. Já temos como podia acertar com as testimunhas; pergunto agora: como podia contestar com ellas? E em quanto vós m'o não dizeis, eu tenho por impossivel, que este homem contestasse com as testimunhas que falsamente juraram contra elle. Logo não ha contestação; pois a este homem o obrigaram a confessar, e o não obrigaram a contestar.

Este homem podia ter contra si uma conjuração, ou podia ter todas as testimunhas singulares. Se este homem tinha contra si uma conjuração de testimunhas contestes, concordando em todos os seus ditos, e ainda assim o não obrigaram a contestar com ellas, mal poderão obrigar a contestar áquelle que não tiver contra si a prova cabal, de que se segue não obrigaram a ninguem a

contestar. E se este homem tinha somente contra si a prova de testimunhas singulares, sem nenhuma contestação, e por isso o não obrigaram a contestar com ellas; como por essas mesmas testimunhas o queimavam?

Se este homem não confessára, morria negativo. Logo já temos que póde morrer um homem queimado por negativo e innocente. Se este homem não acertára com as testimunhas, morria diminuto: *já temos que póde um homem morrer* queimado *por confesso, e diminuto, estando innocente, Se este homem, vendo* que morria *por* não poder acertar com as testimunhas, para descargo da sua consciencia se fôra desdizer, e revogar tudo o que tinha confessado, pois fôra falsamente, e por remir a vida, morria com sentença de confitente, diminuto, variante, revogante, ficto, falso, fingido, simulado, e impenitente. Logo já temos que com todos estes titulos póde um homem morrer innocente.

Já temos que póde um homem morrer queimado innocente; e os senhores *inquisidores sabem que já morreu algum*; porque ha poucos annos sairam umas testimunhas falsas a açoitar, e encarochadas, dizendo-se na sua sentença — por falsarios, e por causarem damnos irremediaveis com os seus juramentos; — e eu não sei que possa ser damno irremediavel, senão o da morte. E se temos certeza de que podem morrer muitos, e de que já morreram alguns, ou algum (como temos dito) porque não poderemos presumir que assim o serão todos aquelles que a razão nos está persuadindo?

Vae uma pessoa a queimar por negativa ou diminuta; e vae protestando que morre christão, e que só a lei de Jesus Christo conheceu por verdadeira, e que só nella ha salvação, e que todas as mais são falsas e erradas, invocando o Nome de Jesus até o ultimo bocejo.

E havemos de crer que este homem morreu judeu?

Muitas pessoas de piedade e zelo christão, movidas da compaixão de que um homem daquelles queira perder a vida e a alma, vão ver se o podem reduzir e converter, e começam de lhe argumentar com as razões que aqui apontaremos, porque todas, pouco mais ou menos, veem a topar nellas.

Fallam com um negativo, e dizem: Vem cá, homem, és racional? Terminas as tuas acções a algum fim? Dize-me: que intento é o teu, ou que causa te move a querer perder a vida, morrendo e padecendo uma morte tão cruel? Uma de muitas coisas que pódes allegar, é suppor te póde mover, ou a observancia da lei, ou pela tua honra, ou pela tua fazenda, ou pela lealdade que queres guardar aos cumplices: e não sei que possa haver outras causas. Se dizes que pela observancia da tua lei, mentes; porque se morres por ella, a vás detestando, dizendo, e publicando que só a de Christo é verdadeira, e que só nella morres, chamando pelo nome de Jesus até á ultima hora. Se dizes, que basta teres a tua lei no coração, para te salvares nella, porque não dependes das palavras, mais te convences; porque confessando tu que és judeu, pouco importa dizeres que queres ser christão, pois isso não basta para livrares a vida, ficando-te a lei no coração, como fica nos mais que a confessam. Que uma pessoa se deixe matar por não negar a sua lei, vemos em todos, e o vemos nos teus profitentes; porém que uma pessoa podendo viver confessando a sua lei, morra pela negar, é impossivel de crer de nenhum barbaro. Se dizes, que pela honra, é falso; porque nenhuma pessoa houve que se affrontasse da sua lei, e se desprezasse della: quanto mais, que por morreres queimado, não ficas por isso menos affrontado, nem os teus parentes. E se dizes que ficas infame para com os christãos, ficas honrado para com os judeus. E quando só para estes queres a honra, como dás tantas mostras e signaes interiores de que morres christão, escandalisando os da sua lei, e deixando-os pelo menos em duvida, se és ou não christão? Se dizes que por livrar a fazenda, isso podia ser negando até ver se te condemnavam á morte; porém depois de te relaxarem, já sabes que não a livras nem para ti, nem para teus filhos. Se dizes, que por não declarar os cumplices, tambem mentes, que é impossivel que queiras dar a vida por quem com os seus testimunhos te tira a tua, que se elles te não tiveram accusado, não morrêras tu. Essa bondade de dar a vida pelos mesmos que lh'a tiraram, só se achou no Filho de Deus; que nos homens, e

principalmente nos judeus, só se achou darem a morte a quem os livrou della. Pois se por nenhuma destas razões é possivel que queiras perder a vida, e se é possivel que possas ter outras, dize-as, ou confessa que és bruto, ou que não tens nenhuma.

Ora oiçamos a este homem, para ver se tem que responder a estes argumentos. Diz elle: Tendes evidentemente provado ser impossivel a toda a razão, que, sendo eu judeu, me deixe morrer pelo negar; porém tendes isso por impossivel, porque credes que sou judeu? É-vos mais facil crer esse impossivel, contra o vosso mesmo intendimento, que crer que sou christão? Supponde que esse vosso argumento é uma espada, que tinha a ponta virada para mim: eu agora viro essa mesma ponta para vós, e com o vosso mesmo argumento, vos mostro o impossivel de eu ser judeu, e morrer pelo negar. Dae-me a razão que tendes para crer esse impossivel; e se a não sabeis dar, eu vol-a darei. A razão que tendes para crer esse impossivel, é por não crer que eu sou christão, porque esse é para vós outro impossivel maior. Ora quero mostrar-vos, de maneira que o confesseis, em que vos peze, que não é impossivel o ser eu christão.

Dizeis que é contra a razão o ser eu christão. Não confesso eu que o sou? Sim, mas sem embargo disso (dizeis vós) está julgado pelo mais recto e mais puro tribunal que póde haver, que sou judeu; e não me julgaria por tal, sem ser verdadeiro. Confesso a pureza do tribunal, e a verdade dos ministros; mas dizei-me: Algum desses ministros viu-me judiar? Não. As testimunhas que tenho contra mim, quem são? Serão por ventura algumas pessoas santas e timoratas? Não. As testimunhas que tenho contra mim, ou são judeus, ou christãos. Se são judeus, é impossivel que mintam? Não. Se não for judeu como elles, ter-me-hão odio? Sim. Pois parece-vos difficultoso, que sendo judeu, e tendo-me odio, jurem contra mim? Não. E se forem christãos, não é certo que jurarão falso contra si, e contra mim, pois sendo christãos, não podiam jurar que eu era judeu, sem se condemnarem a si? Assim é. Pois se tudo isto é possivel, e se teem visto muitas conjurações, haverá alguma razão

particular em mim, para que me não possa succeder o que tantas vezes tem succedido? Não. O poder haver esta conjuração contra mim, será por ventura contra o credito do tribunal, ou dos seus ministros? Não. Possivel é logo, sem descredito do tribunal e dos seus ministros, estar eu innocente.

Supponde isto possivel, pergunto, e peço-vos conselho: Sendo eu christão, será bem feito que negue a fé, jurando que sou judeu? E será bem que não bastando isso, me seja necessario jurar falso contra toda a minha geração, e contra todas as pessoas que conhecer, até acertar com as minhas testimunhas? Será razão que me arrisque a não acertar e morrer diminuto, perdendo a vida, e a salvação, com tão grandes encargos na hora da morte? Que me dizeis? Que me aconselhaes? Claro está que me aconselhaes, e que me dizeis — que se sou christão, me deixe morrer antes. Pois concluamos: Pelo vosso argumento provaes ser impossivel a toda a razão, que eu sendo judeu, me deixe morrer pelo negar. Pelas minhas razões confessaes ser possivel o estar eu innocente. Pelo conselho me dizeis, que sendo christão, devo antes morrer, que confessar o que não fiz. Pois se me vêdes morrer por não confessar que sou judeu, que razão tendes para crer o impossivel de ser judeu, e não crer o possivel e racionavel de ser christão?

Vamos a um diminuto, que morre por não acabar de confessar. Homem, porque morres? Se tens confessado a tua culpa, e pedido perdão della, já não morres pela tua lei, nem pela tua honra, nem pela tua fazenda, nem pelos cumplices. Pois porque te deixas morrer por tua vontade? Se dizes que te não lembra mais, não te querem crer; porque fôra considerar crueldade nos senhores inquisidores, queimarem a uma pessoa pelo que é possivel esquecer-lhe, quando tem confessado tudo o mais. Elles que te condemnam, é certo que te tem dado todas as noticias, e bastantes, para te lembrarem. Pois logo, como não as declaras? Se te dão os signaes do logar, das circumstancias, do que fallaste, ou do que fizeste, póde-te esquecer, não te lembrando? Não sabes que essa pessoa já tem dado em ti? Sim, porque estes senhores não adevinham. Sabe, que a essa pessoa já não fazes mal,

porque já têm confessado? Sim. Sabes, que essa pessoa te não póde livrar, nem agradecer o não dares nella; nem louvar á tua lealdade, porque como já tens confessado, sempre ha de presumir que déste nella; e se morres, é pelo que não sabes, ou pelo que te esqueces? Sim. Pois porque não dás nessa pessoa, e viverás?

Pois homem, que me argumentas? Se alcanças essas razões, e não póde haver nenhuma para eu confessar; e que é impossivel a toda a razão, que eu morra pelo occultar, dize-me, tens por impossivel, que eu por acertar com esse, déste em muitos falsamente? Não. Tens por impossivel, que eu tenha sido falsario, e tenha jurado contra mim, e contra muitos, só por livrar a vida? Não. Pois não poderão ser assim todos esses que eu tenho contra mim, com quem não posso acertar, e assim todas as mais testimunhas, e estar eu innocente? Claro está que tudo é possivel. Pois se conheces que tudo isto é possivel, e o morrer eu por occultar essa pessoa é impossivel, que razão tens para crer o que conheces impossivel, e não crer o que confessas ser possivel?

Vamos a outra duvida. Se vos parece impossivel morrer alli alguma pessoa innocente, dizei-me, em que razão se fundaria o fazer-se o regimento, de que se não podesse accusar nenhum christão velho por judaismo? É certo que se fez, porque os judeus por odio davam nelles, e se castigaram a muitos. Pois se por odio aos christãos velhos davam nelles, porque não terão odio aos que sendo da sua nação, não forem judeus como elles? E estes como se hão de defender? Esses christãos velhos, que foram castigados antes do regimento, seriam innocentes ou culpados? Se eram innocentes, o modo de proceder ou processar do santo officio, não livra aos innocentes. E se na realidade eram culpados, dizei-me, que razão haverá para que naquelle tempo houvesse christãos velhos judeus, e hoje os não possa haver? A resposta verdadeira que isto tem, eu a darei. Sabeis porque? Porque naquelle tempo tambem para os christãos velhos havia inquisição. E sabeis porque hoje ainda ha christãos novos judeus? Porque ainda para elles ha este santissimo tribunal da inquisição. . . . .

Supponho por certeza infallivel, que se não póde negar, que

este regimento se fez, porque de outro modo não podiam livrar aos christãos velhos destes testimunhos dos judeus. E é certo que foi muito bem feito, porque se o não fizeram, nem os mesmos inquisidores escapavam. E supposto não podem livrar todos os christãos velhos, pois não póde livrar aos que por sua desgraça teem a fama, livra ao menos aos que a não teem; que se nós virmos um naufragio naquelle mar, ainda que conheçamos não poder salvar a todos, nem por isso perdemos a obrigação de acudirmos aos que podermos. E assim a consequencia que eu tiro, é só mostrar que a forma de processar do santo officio é de maneira, que não póde separar os innocentes dos culpados; em que se mostra, que é tribunal de homens, em que não ha anjos que separem os bons dos máus: *Et separabunt malos de medio justorum.* Não é este tribunal de juiso? Pois para que serve logo aquelle impenetravel segredo, tão investigavel a todo o intendimento humano? Intendo ser este aquelle segredo, que Deus nosso Senhor revelou aos ignorantes — *Revelasti ea parvulis.*

A resposta que estou vendo me daes a este argumento, e a tudo o mais, é a que dão todos — que é impossivel haver christãos velhos judeus, e que dos christãos novos não ha nenhum que o não seja. E com esta opinião absolutamente se responde a tudo. Esta opinião eu a tenho por erronea e heretica; porque toda a opinião que é contraria ao que crê, sente, e intende a santa madre igreja, é heretica. A santa madre igreja crê, julga, e presume que todos os que obram como catholicos, e o confessam ser, o são; porque, se intendêra e sentíra o contrario, não havia de permittir que os christãos novos fossem sacerdotes, administrando todos os sacramentos da igreja, nem havia de permittir as misturas das gerações por casamentos, por se não irem multiplicando os judeus, e extinguindo os christãos, nem lhes permittiria o uso dos sacramentos. Logo se para tudo isto os habilita, segue-se que os tem em conta de verdadeiros christãos. E quem intende o contrario, sente contra o que sente e julga a igreja.

Só os senhores inquisidores podem dizer (como alguns disem) — dae-m'o vós christão novo; que eu vol-o darei judeu — sem

que seja heresia; porque isto não é dizer que todos são judeus; mas querem dizer, que os façamos nós christãos novos, que isso podemos nós fazer com qualquer testimunho. E feito elle christão novo, dois dias mais, dois dias menos, elle irá lá ter, e vol-o porão judeu redondo como uma bola. Fallando neste sentido, não é heresia; porém se os senhores inquisidores disseram: — dae-m'o vós judeu, que eu vol-o darei christão — então confessára eu que naquelle tribunal assistia o Espirito Santo; porque esse é o effeito daquelle Divino Espirito, allumiar, converter para a verdade; mas da casa, onde se diz — se m'o derdes christão, darvol-o-hei judeu — não quero confessar que tenha assistencia do Espirito Santo.

Ora sem embargo de eu ter esta opinião por falsa e erronea (como é) vol-a quero suppor e conceder, e digo assim: Todo o christão novo absolutamente é judeu; porém duas coisas podemos considerar neste christão novo, e é, o sangue e a fama: isto é mui certo, e sem duvida. Agora pergunto: este judeu, ou christão novo, é judeu pela fama, ou pelo sangue que tem? Bem vejo que me respondeis que lhe procede do sangue, e eu o confesso; e se me quizerdes dizer que tambem da fama procede, tambem vol-o hei de conceder, que estou muito liberal. Mas então não me podeis negar, que mais de ametade dos familiares do santo officio são judeus; porque, por se livrarem dessa fama, fugiram para aquelle sagrado.

Temos assentado que no sangue, e não na fama, está o ser judeu; e que todo o que tem aquelle sangue o é. Agora dizei-me, por onde conhecemos nós os que são judeus? Pelo sangue, ou pela fama? Atrever-se-ha alguem a conhecer um christão novo pelo sangue? Claro está que não. Conhecemos um christão novo pela fama de se dizer que procede daquella nação. Pois se nós o conhecemos só pela fama, e não pelo sangue; e nós confessamos que só no sangue, e não na fama, está o ser judeu, porque só o sangue lhe póde vir da sua nação, e a fama das nossas linguas; como cremos logo, que é judeu, sem lhe conhecer o sangue?

Dizei-me: haverá em Portugal alguma gente com fama de

christão novo, tem o ser? Intendo que não haverá ninguem que o negue. Mais de ametade dos familiares do santo officio (como temos dito) tiveram essa fama. Eu conheço um familiar, que mais de vinte annos o tive em conta de christão novo; dito por muitas pessoas que tinham obrigação de o saber. Se não fôra familiar, e d'aqui a alguns annos me tiraram por testimunha para algum filho seu, que devia eu jurar? Se a algum destes familiares lhe faltasse a noticia de seus avós, havia de ser familiar? Claro está, que não. Logo ficára sendo judeu, e toda a sua geração, em quanto o mundo durasse, e capaz de darem nelle, e o queimarem, sem lhe valer o regimento.

Eu intendo que o haver tão grande multidão de christãos novos neste reino, é porque se geram, como os bichos, das materias corruptas, e não por geração: elles se geram das immundicies das murmurações, dos aleives, das linguas venenosas, dos odios, das invejas, e dos corações damnados. D'aqui nasce a fama dos christãos novos; mas estes testimunhos virão sobre as suas casas e costas; porque, aos que lhes escaparem os filhos, não lhes hão de escapar os netos; e poderão dizer muitos — nós somos christãos novos; não do sangue, mas das linguas de nossos paes.

Vee um homem servir na guerra: procede com valor: carrega-se de merecimentos: vem a merecer o habito de Christo: mandam-lhe tirar as provanças: acertou de não conhecer todos os seus avós: ficou empatado sem tomar o habito. Se teem filhos e querem tomar estado, quando vão ás inquirições de seus paes, respondem os mais bem intencionados: — Eu sempre tive a seu pae em mui boa conta: é verdade, que ouvi dizer, lhe tinham feito a mercê do habito; mas que o não tomou; porém eu não sei o porquê. E se pelo testimunho deste, que é o que falla mais verdade, e mais christãmente, fica tido por judeu, que fará pelo testimunho de maldizentes? E ficou este homem ganhando pelos seus serviços o ser judeu, e toda a sua descendencia, e se acaso foi despachado, então ficou judeu passado pela chancellaria.

Vem um rapaz para esta terra servir, sem ter pae, nem mãi: cresceu, casou, teve filhos, empolóram em qualquer estado que

fosse. Se quizeram entrar em qualquer irmandade dos terceiros, dos congregados, ou de qualquer onde se tiram inquirições de genere, e não se acham noticias de seus avós, não os aceitam, e logo immediatamente ficam tidos por christãos novos para sempre. Estas irmandades teem feito infinitos judeus. Mas já que tocámos neste ponto, inquiramos a razão de não consentirem nestas irmandades christãos novos.

Valha-me Deus! São capazes os christãos novos de receberem a Deus Sacramentado, e de serem sacerdotes, como são tantos, e não são capazes para acompanharem defuntos em uma irmandade, e irem gastar nella o seu dinheiro? A razão disto é muito clara: isto se faz por augmentar a irmandade; porque em todas as irmandades onde ha esta prohibição, tudo são petições e adherencias para entrar nellas, havendo em todas tanto trabalho e despeza: e isto para que? Será zelo do serviço de Deus? O zelo vem a ser entrarem nestas irmandades, só por serem conhecidos por christãos velhos; porque se a um destes, que fez todas estas diligencias por entrar em alguma dellas, lhe foram fallar para servir em outra, todos se escusaram, que não podem, que os teem occupados em muitas partes; e assim não ha quem sirva nellas. E eis aqui aonde vem a topar todo o zelo do serviço de Deus.

Vae-se tirar uma inquirição a um homem, e talvez sem ser necessaria, que muitos teem por devoção andal-a tirando de todos, e diz: — «Vossa mercê conhece fulano? — Sim, senhor. Em que « conta o tem vossa mercê, é christão velho? Isso não sei eu: te« nho-o em muito boa conta, mas elle é natural de tal parte, e « naquella terra todos são judeus. » — A outra inquirição se responde: — « Muito bem conheço, e não sei que seja christão novo, « porém elle tem um appellido, que todos os que eu conheço delle, são christãos novos. » — E de outro se diz: « É muito bom homem; « mas na materia do sangue não sei mais que ser elle parente « de fulanos, que são christãos novos: » — como se um mesmo pae não podéra haver filhos, uns christãos novos, e outros christãos velhos. E de qualquer destas faiscas se abraza toda uma geração.

Nesta terra ha uma familia muito grande, e muito auctorisada, que o tronco della, teve umas palavras com um parente seu, fa-

Sae um homem penitenciado com um sambenito, com parte de christão novo, e dizem as culpas — que vivia na lei de Moysés, e que pela sua observancia não comia carne de porco, nem coelho, nem peixe de pelle: que vestia camisa lavada aos sabbados, e outras mais cerimonias. Ó, valha-nos Deus, senhores! Quereis fazer-nos doidos, quando este mundo inteiro sabe que isso é mentira; e tapar-nos as boccas para que não fallemos. Dizei-me: que coisa é — parte de christão novo? — Não é porque seja ter um quarto? Pois porque é? É que um de seus avós tinha fama de christão novo, não conhecida; e toda a mais parentella de christã velha. Pois, como vestia este homem camisa lavada aos sabbados, sem sua mãe, sem sua mulher, e toda a sua familia o saber? Como dizeis que não comia todas essas coisas, se todas lh'as viam comer todos os dias? Responder-se-me-ha, que o poem nas sentenças, porque elles o confessam. Pois porque se ha de acceitar essa confissão por boa, se consta de certa sciencia, que é falsa? E os que saem livres, e morrem negativos, tambem com parte, negando elles, como se põe na sentença — que elles o faziam — se é certo que é falso? Se as sentenças destas pessoas disseram sómente — que viviam na lei de Moysés —, crendo que só nella havia salvação; e que não guardavam as cerimonias da lei, por não serem conhecidos das suas familias, muito embora que cressemos isso. Mas dizer, que de facto as guardam, quando todos sabemos que é mentira, isto é intoleravel!

Outro diz — que ha tantos annos que se apartou da lei de Christo. — Logo, antes de se apartar, vivia nella, e seus paes lh'a ensinaram. Temos logo christãos novos, christãos velhos; e que os dogmatistas, que os preverteram, e lhes insinaram as cerimonias, e preceitos da lei, só não devem ter perdão. Mas quem são estes? Eu o direi. São aquelles que teem as culpas nos autos da fé; estes são os que lhes insinam os preceitos da lei, e as cerimonias; os dias de festa; os de jejum quando são, e quando caem, porque d'alli é que nós o sabemos; e alli é que elles o aprendem, que se isso não fôra, ser-lhes-hia necessario a cada um mandar buscar este roteiro ás terras estranhas, e que todos

não poderiam fazer. E parece razão, que estas leis e cerimonias se não ouvissem nunca pronunciar, mais que da boca delles, quando o confessassem, para mostrar que o sabiam.

Sáe uma pessoa livre, com uma vela na mão. Pois porque lhe não tomam a fazenda toda? Porque não teve prova bastante contra a fazenda, como teve contra a honra. Este homem (dizeis vós) que é suspeito: póde ser judeu, e póde ser christão. Se é judeu, dizei-me: que castigo leva? Nenhum. Leva o seu dinheiro, e para com os seus vae mais honrado do que entrou; porque não confessou. E se elle é verdadeiro christão, considere-se se póde haver maior castigo, que sair alli em um auto publico, affrontado e infamado, e todos os seus descendentes? *Nullam in eo invenio causam*, disse Pilatos de Christo Senhor nosso. Pois se pelos autos lhe não achas causa para o condemnar, o mandas açoitar, tirar-lhe a honra; e pondo-o dessa maneira em publico á vista de todos; não reparas em lhe tirar a vida por qualquer respeito humano?

Não sei que valor é o de um coração para assignar uma sentença de morte contra uma pessoa, havendo razão de contingencia no estar culpado ou innocente; e tomando este risco e encargo sobre si! Dizem alguns: — «os seus mesmos os condemnam, que nós não os accusámos.» — Boa desculpa para Pilatos: por isso elle matou a Christo ás mãos lavadas, ficando muito leve na consciencia. E se alguem por se desencarregar, entrar pelo tribunal, e disser: — *Peccavi tradens sanguinem Justi*; — dir-lhe-hão: que lhes basta ajustarem-se com as leis, julgando pelo merecimento dos autos, conforme ellas dispoem; porque ainda que as testimunhas sejam falsas, não são obrigados a o presumirem, quando lhes não acham razão de defeito. Assim é, mas não se intende isso assim onde os juizes são os mesmos legisladores, como é na inquisição. E isto é certo.

Na inquisição não se julga pelo direito civil, nem pelo canonico, em que não ha duvida. Dos reis de Portugal não teem nem podem ter lei particular por onde se governem; porque são materias ecclesiasticas, pertencentes á fé, e isentas de toda a jurisdicção secular. Do pontifice, a quem isto só pertence, tambem

não podiam ter bullas, nem directorio particular que observem; porque se a lei por onde se governam fôra do pontifice, como se haviam de desculpar com a regalia do principe, negando ao papa o exame da sua mesma lei e doutrina de Christo, que diz: — *Reddite ergo quæ sunt Cæsaris Cesari, et quæ sunt Dei, Deo?* Além de que elles mesmos estão mostrando evidentemente, que se não governam pelas leis do papa, porque a causa que dão para não mandarem os processos, e o com que tapam a boca a todos, é com dizer, que, se mandam os processos, se descobre o segredo do santo officio, e da fórma de processar, que é o que os judeus procuram: com o que fica tudo perdido. Se esta fórma de processar veio de Roma, como é segredo para Roma? Se é segredo para Roma, como veio de lá?

Todo o segredo do santo officio, consiste em nos fazer tapar a boca, para que conhecendo tudo o que está dito, e todas estas contradicções, não possamos respirar com um *quare*. Se este segredo está na fórma de processar, que os mesmos reos o não alcançam, e basta que o guardem os senhores inquisidores, não vi coisa mais escusada, que dar juramento a um reo de guardar segredo, quando este tal o não sabe, nem se lhe descobre. Se esse segredo é do que passa pelos reos, e esse segredo o sabem todos os judeus, que importa que o saibam tambem todos os christãos velhos? Isso é só o que lhes importa: tudo neste segredo consiste.

Neste segredo para os christãos velhos, e no regimento que os defende, consiste toda a conservação e credito do santo officio; que até agora é porque nelle havia tres circumstancias para o venerarmos pelo mais justo e mais recto tribunal que podia haver no mundo: a primeira era ser um tribunal de homens humanos, de quem se não sabia defeito algum; e como haviamos de saber defeito, se não sabiamos nada do que lá se obrava, e isto se conseguia com o segredo? A segunda razão era o regimento que defendia aos christãos velhos; porque querendo todos justiça, ninguem a quer em sua casa; e esta justiça se não acha em todo o mundo, mais que na inquisição de Portugal. Vejam como não será amada, querida, e desejada! A

terceira razão é, que esta justiça se executa naquella gente, a quem temos tão grande aversão, que das barrigas de nossas mães, lhe vimos com odio horrendo. Vejam que razões estas para que lhe não tenhamos muito amor, e andemos suspirando pela sua liberdade!

Dizem muitos, fallando das miserias e calamidades presentes: Ó Senhor! Como não havemos ver fomes, trabalhos, e maus successos, e esperar pôr grandes castigos, se vemos alli fechado o tribunal da nossa fé? Dizeis muito bem, nosso irmão; mas se o vosso juiso fosse tão grande como o vosso zelo, eu creio e confesso, podéra ser que o intendesses de outro modo. Ora dizei-me: credes que Deus Nosso Senhor é justo, e que ouve? Sim. Pois façamos-lhe o nosso arrasoado, e requeiramos-lhe a nossa justiça. Senhor, porque nos castigaes? Nós por ventura fechámos a inquisição? Não. Quem a tem fechada? O papa. Quem clama que se abra? Nós. Pois castigaes-nos a nós pelo que faz o vosso vigario na terra? De Roma se manda fechar a inquisição; de Portugal se pede que se abra; e vós, Senhor, castigaes a Portugal, e não castigaes a Roma?

Ora visto o Senhor não nos responder, respondei-me vós a mim. Se vós foreis embarcado na nau em que ia o propheta Jonas, sendo todos os mais idolatras que iam naquella nau; vendo aquella horrivel tempestade, e terrivel tormenta, e aquelle ameaço de Deus, por quem julgarias que vinham? Pelos idolatras, ou pelo propheta de Deus? Claro está que havieis de presumir e crer, que vinha pelos idolatras, e ella vinha por amor do propheta desobedecer a Deus. E por onde vos consta a vós que estes castigos vieram, por amor dos idolatras do nosso reino, e que não vieram pela desobediencia dos prophetas? Quanto aos idolatras, sempre os houve, e as desobediencias só agora as vemos. O que a mim me parecia bem, é que cada um de nós aparassemos as costas aos açoites de Deus, conhecendo e confessando que veem tão bem merecidos pelos nossos peccados, e não tractar de os botar todos ás costas dos outros. Mas tornemos já outra vez ao nosso ponto.

Temos logo que os senhores inquisidores, são os que fazem as

leis, e os que julgem por ellas, e que sendo possivel morrer uma pessoa innocente, até os sacramentos lhe negam. E ainda passam mais ávante, que parece querem jurisdicção do tribunal divino, a quem só pertence julgar as almas separadas dos corpos. Mas neste tribunal até aos mortos estão condemnando a que lhe não façam nenhuns suffragios. E agora inferireis vós, ser verdade a mentira que suppondes de lhes negarem lá dentro os sacramentos na hora da morte.

E vendo nós isto, querem que tenhamos por fé a justificação do seu procedimento, e não querem só de nós esta fé: mas querem-na tambem do pontifice. Querem que o pontifice creia que tudo o que elles fazem é acertado, e elles não querem crer que o pontifice acertará no que fizer; e assim ouvimos dizer a muitos que obedecer ao pontifice, sim, mas ha de ser no que for justo. Bem está isso. O que o pontifice mandar, será por lhe parecer justo; a vós parece-vos que não é: qual ha de ser agora o juiz disso? Vindes a dizer, que se o pontifice for da vossa opinião, que lhe obedecereis; porém, que se o não for, que lhe não haveis de obedecer. Nesse mesmo estado em que vós estaes, estão todos os hereges. Fazei vós que o papa se acommode ás opiniões delles; que eu farei que elles obedeçam ao papa.

Se todos os christãos novos são judeus, que tem logo a inquisição emendado, depois que ha inquisição? É certo que se lá entram judeus, judeus saem; porque o medo fará negar a lei com a boca, mas não a póde arrancar do coração; e para elles de boca confessarem a Christo, isso fazem a todos. Pois logo se a inquisição não serviu de os converter, é certo que serviu somente de os multiplicar, o que se prova evidentemente.

Se não houvera inquisição, e os judeus viveram na sua liberdade, e foram judeus declarados, como o são nas outras terras, casariam uns com os outros, e haveria em Portugal portuguezes, e mais judeus (como ha nos mais reinos), e não seriam os portuguezes todos judeus, como as outras nações dizem; porque esta opinião somente á inquisição a devemos. E que fez a inquisição? Fez que os judeus se fizessem christãos fingidos, e d'alli resultou misturarem-se por casamentos com os

christãos velhos. E se de um judeu, e de uma judia havia resultar uma familia; casando este judeu com uma christã velha, e essa judia com um christão velho, dobrou-se a familia dos judeus, e extinguiu-se a familia dos christãos, e foram fazendo duas gerações, ambas de judeus. E deste modo se ficarão multiplicando as gerações dos judeus, e extinguindo a dos christãos. E indo isto deste modo, como foi até agora, em breves annos não haverá pessoa neste reino, que não tenha parte de christão novo, e consequentemente, pela vossa opinião serão todos judeus.

Em que se fundam logo os que dizem que se perde tudo, se se muda de estylo na inquisição? Dizei-me: o peior estado em que se poderá pôr, qual será? Haverá mais judeus do que ha? Os christãos novos já o são todos: os christãos velhos não o podem ser. Quem haviam logo ser os mais? Só bestas, e não haviam fazer menos numero. É certo que havemos mister inquisição, e inquisição emendada.

Mas em que se ha de emendar a inquisição? Em se darem ao intendimento os logares que se dão ao sangue. Parecia-me a mim, que não havia no reino logares de maior importancia, que os da inquisição, por depender delles toda a conservação espiritual e temporal deste reino. Pois porque se não haviam de dar estes logares por opposição, como se observa nas universidades com as cadeiras, para entrarem nos logares que vagassem; e d'alli fossem subindo por suas antiguidades? Se isto assim fôra, a inquisição tivera sido outra, e não chegára ao estado em que hoje a vemos: mas pela porta da inquisição não se entra senão pelo sangue. Os ministros superiores entram por sangue; os inferiores por sangue; os familiares por sangue; e os reos por sangue. Ninguem lá entra por obras, senão por sangue; e comtudo, dizem que naquelle tribunal unicamente não entra carne, nem sangue. E eu digo que aquelle é o unico tribunal que se compõe de carne e sangue.

Resta-nos saber que quantidade de sangue de christão novo será bastante para fazer um homem judeu? Se bastará que uma pessoa proceda de christãos novos expulsos, ainda que depois

disso se não misture mais com elles, senão sempre com christãos velhos? Conforme os expositores e interpretes deste sangue, dizem que basta que descenda dos hebreus, ainda que seja de antes da vinda de Christo; e tanta parte terá agora de christão novo, como então; porque, assim como basta que uma pessoa tenha contagio de peste, para inficionar todo um reino, e ficar tão empestado o ultimo a quem chega, como o que a trouxe, assim basta um christão novo para inficionar a todos os seus descendentes até o fim do mundo.

Conforme esta tão pia e santa doutrina, formemos algum conceito das pessoas que poderá haver neste reino com fama de christãos velhos, e com sangue de christãos novos. Quantas creanças ficaram neste reino quando se expulsaram os judeus, que se não quizeram baptisar; que se deram a crear, como se dão os engeitados; e que casaram depois com christãos velhos? E quantos senhores daquelles escravos que eram, se ficaram com seus filhos e os mandaram crear, e ficaram sem aquella fama?

Supponhamos que de todos estes só um escapou que ficasse a sua geração tida em conta de christã velha; e dêmos á descendencia desta pessoa o mesmo numero que damos a uma ascendencia. Por uma ascendencia procede uma pessoa de dois paes, quatro avós, oito bisavós e dezeseis terceiros avós: e deste modo vem a ter no gráu de decimos avós 2024. E fazendo desta fórma a conta á descendencia, dando a esta pessoa dois filhos, quatro netos e oito bisnetos, virá a ter no decimo gráu os mesmos 2024 decimos netos; e destes cada um procede de outros tantos avós, e estes netos todos vem a proceder de 4.145:142 pessoas; que todas estas gerações vieram a parar na descendencia de um só christão novo, até á decima geração; e todos havidos por christãos velhos.

Mas já vejo que me respondem que esta conta é falsa, que não podem proceder nem da decima parte destes avós. Assim é, eu o confesso, e dou a razão; porque em um reino tão limitado não podiam todas essas gerações continuar sem se irem encontrando os mesmos parentes com outros, milhares de vezes; pois se até o quarto grau ha impedimento, e dentro delle ha muitas dis-

pensas; e casando dois primos, já seus filhos, que haviam ter oito bisavós, não teem mais que seis, porque dois são communs a ambos os paes; e tantas vezes estas gerações se encontram, tanto menos numero fazem de avós, por irem sendo communs a todos; porém, em estando misturados com os christãos novos ignorados, quantas vezes se tornarem a encontrar, tantas mais partes irão tomando daquelle sangue. E se é impossivel em tão pequeno reino, na distancia de dez graus deixarem-se de encontrar muitas vezes todas, como será possivel escapar alguma de se misturar com aquella que é tida e havida por christã velha, como as mais?

Nesta distancia de tempo quantas pessoas subiram á nobreza por armas, por letras, e por fazendas, sendo tidas por christãs velhas? Pois um só que entrasse em menos de cinco gerações, bastava para abranger a toda a nobreza, por serem menos em numero, e estarem-se enlaçando sempre umas com outras. Quem poderá logo em Portugal livrar-se deste sangue? E se parecer a alguns (ainda fazendo a supposição de uma só pessoa) que poderão ter escapado, considerem agora em outras dez gerações, que vieram a fazer os mesmos quatrocentos e tantos mil netos daquelle acima, quem escapará de ter mais costellas de christão novo, que de christão velho? Da fama podemos nós ir fugindo, mas do sangue não, nem ninguem absolutamente. Veja-se agora se seguem boa opinião os que dizem que todos os que teem parte dos christãos novos são judeus. Mas todos estes pelo regimento ficam livres do santo officio. E por esta razão louvo muito a quem foge da fama, pois só nella está o perigo.

Toda esta machina derribaes, negando-me a supposição que fiz, de que escaparia algum sendo christão novo, para ser tido em conta de christão velho, que para isso nos seguramos de maneira, que para uma pessoa ser tida por christã velha, é necessario conhecer todos os quatro avós, e em faltando a noticia de um, já fica empestado, e tido em conta de christão novo. E deste modo podem haver muitos com fama sem o sangue; mas com o sangue sem a fama não póde ser. Ora parece-me que vol-a-hei de conceder, por não desperdiçar o trabalho de vol-a provar sem ser necessario.

Entre os engeitados, que são tidos e havidos por christãos velhos, haverá algum que não seja christão novo? Não haverá neste reino filhos adulterinos, reputados por filhos de uns, sendo-o de outros? Não haveria entre estes algum christão novo? Que não póde ser, não podeis vós dizer; mas dizeis que é coisa contingente, mas não certa, e que os podia haver sem terem successão. Tudo concedo; mas agora dizei-me: Em Italia, França, Inglaterra, Hollanda, e nas mais provincias, e nos mais reinos da Europa, houve sempre nelles judeus? Sim, e antes de Portugal ser de christãos, se converteram muitos em todos estes reinos, e se estão baptizando todos os dias. Isto não o podeis negar.

Nestas terras ha alguma separação de christãos velhos e christãos novos? É bem certo que não ha mais que christãos; e os judeus em se baptisando todos ficam uns, como aqui os hereges, tanto que se convertem. Logo, não havendo nestes reinos separação de gerações, conforme a conta que temos feito; havendo naquelles todos tantos daquella nação tão antigos, ligados com os que cada dia se vão convertendo, haverá em todos aquelles reinos alguma pessoa, desde o pontifice até á mais vil creatura, que se isente de ter aquelle sangue de judeu? Isto mesmo succede entre os gentios, mouros, e em todas as nações. Logo se o sangue de judeu, onde se mistura, tudo converte em si, e todos ficam judeus, podemos assentar que já não póde haver christãos, nem hereges, nem mouros, nem gentios; porque sendo impossivel haver alguma destas nações que todas não participem deste sangue, todo o mundo é judeu.

E quantas pessoas de todas as nações terão casado em Portugal? Esses estrangeiros da Europa, que casam neste reino, para que parte os accommodam? dos christãos novos ou christãos velhos? É certo que em sendo estrangeiro, ainda que fosse herege, logo seus filhos por aquella parte ficam habilitados por christãos velhos. Bastarão logo estes estrangeiros para nos fazerem participantes daquelle sangue? Por razão não o haveis de negar. Uma peça de seda de varias cores, cada retalho della ha de participar de todas as castas de fios que nellas entrarem: assim são as nações. Quiz Deus Nosso Senhor unir aos homens

todos entre si, para que na realidade fossem todos irmãos e parentes, e se amassem com amor e caridade fraternal, e por isso poz impedimento no casamento dos irmãos e parentes; porque se uma tivesse dois filhos, não quiz que fizessem delles uma geração; mas que se unissem deste modo em duas gerações; porque os homens sempre tractaram de se unirem para se separarem dos mais, e Deus tracta de os separar para os unir com todos; e desenganem-se, que não hão de separar o que *Deus intenta unir.*

Isto é, meu amigo, o que se me tem representado na minha idéa. E como até agora foi prohibido altercar estas questões, por isso me não chegaram á noticia as soluções destes argumentos. Visto pois estarmos em sé vacante, vol-os proponho, para que com a luz do vosso intendimento me allumieis; e com o sol da vossa doutrina me aclareis e façaes assentar o toldado desta minha imaginação.

INFORMAÇÃO

QUE DEU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

SOBRE O MODO COM QUE FORAM TOMADOS E SENTENCIADOS POR CAPTIVOS OS INDIOS DO ANNO DE 1655.

O intento deste papel, é mostrar a pouca justiça com que foram julgados por captivos setecentos setenta e dois indios do Maranhão, que neste anno de 1655 se trouxeram entre muitos outros do rio das Amazonas. E para que esta informação proceda com toda a distincção e clareza, se dividirá em quatro capitulos. No primeiro se relatarão as leis e ordens de sua magestade, ácerca da liberdade e captiveiro dos indios do Maranhão. No segundo se dirá a fórma em que se fizeram as entradas, em que se compraram ou captivaram estes indios. No terceiro o exame que se fez de suas liberdades e captiveiros. No quarto o modo com que foram julgados e sentencidos.

CAPITULO I.

REFEREM-SE AS LEIS E ORDENS DE SUA MAGESTADE, SOBRE A LIBERDADE E CAPTIVEIRO DOS INDIOS DO MARANHÃO.

Para acudir ás injustiças que em todo o estado do Brazil se usavam no captiveiro dos indios naturaes da terra, tomaram por ultimo remedio os senhores reis destes reinos declarar a todos por forros e livres, prohibindo que d'alli em diante nenhum se podesse captivar por nenhuma causa, e que todos os que até então houvessem sido captivos, se pozessem em sua liberdade. Assim se executou e se observa desde o anno de 1595, em que se passou a primeira lei em tempo d'el-rei Filippe II, a qual lei depois foi confirmada por todos os reis que lhe succederam.

E porque o estado do Maranhão e Pará foi a parte do Brazil, em que os indios experimentaram maiores violencias, e padeceram mais extraordinarios rigores dos portuguezes, captivando-os, não só contra as leis reaes, mas contra todo o direito natural, e das gentes, e servindo-se delles em trabalhos excessivos, com que os matavam e consumiam, mais ainda que com as guerras: querendo sua magestade, que Deus guarde, acudir por sua justiça e clemencia a estes damnos dos indios, e consciencia de seus vassallos, mandou no anno de 1652, que no estado do Maranhão e Pará se observassem e executassem as sobreditas leis, e se publicassem de novo, sendo declarados todos os indios por forros e livres, sem excepção alguma, e assim se fez.

Depois da renovação e publicação desta lei, mandaram as duas camaras do Maranhão e Pará seus procuradores a sua magestade; e porque houve pessoas a quem sua magestade deu credito, que representaram a impossibilidade em que este estado ficaria, se a dita lei se executasse sem moderação alguma, foi servido sua magestade de mandar por uma nova lei, que os captiveiros feitos até áquelle tempo, fossem de novo examinados e julgados por pessoas que para isso nomeou, e que d'alli por

diante se não fizessem os resgates senão com certas clausulas, de que abaixo se fará menção, esperando sua magestade que examinando-se e approvando-se os captiveiros, na fórma em que o mandava dispor, não se fariam senão os escravos que justa e legitimamente o fossem.

Chegou esta nova lei ao Maranhão e Pará no anno de 1654, e foi recebida com tanto contentamento e applauso de todos, e tão estimada por larga e favoravel, que mal se podia esperar que a não guardassem, como depois em nenhuma coisa a guardaram.

No anno seguinte de 1655, sendo presente a sua magestade que na dita lei estavam insertas algumas coisas contra a mente e tenção de sua magestade, mandou logo sua magestade revogar e declarar por nulla a dita lei, e que tudo o que se tivesse obrado por ella, se repozesse outra vez no primeiro estado; e assim se deu por ordem mui apertada ao novo governador do Maranhão, que estava para partir. E para sua magestade tomar a ultima resolução sobre esta materia, mandou fazer uma junta de letrados, a que presidiu D. Pedro de Alencastre, arcebispo eleito de Braga, e presidente do paço. Foram os da junta o doutor Marçal Casado, lente de prima de leis, e o bispo eleito de Elvas, ambos do conselho de sua magestade, e seus desembargadores do paço; o doutor Gonçalo Alvares, lente de prima de canones, e deputado da meza da consciencia; o bispo eleito de Portalegre, o doutor fr. Ricardo, lente de prima de theologia, o padre fr. Fernando Sueiro, de S. Domingos, o padre fr. João de Andrade, da ordem da Santissima Trindade, o padre Miguel Tinoco, e o padre Antonio Vieira, da companhia de Jesus, e os dois provinciaes do Carmo, e de Santo Antonio, por serem os prelados das duas religiões deste reino, que ha no Maranhão, para que assistindo na junta, e tendo voto nella, melhor podessem ordenar aos seus subditos as opiniões que nesta materia devem seguir, por ser certo, que dos confessores e prégadores fallarem por differentes lingoagens, se seguem grandes inquietações e erros naquellas partes.

A primeira coisa que se fez na junta, foi lêr o presidente

todas as leis antigas e modernas, que ha sobre a liberdade e captiveiro dos indios do Brazil; as propostas e respostas dos procuradores do Maranhão e Pará, a que se deu vista; as consultas do conselho ultramarino, e alguns breves dos summos pontifices, e todos os mais documentos que podiam servir para melhor intelligencia da materia. E dando-se a todos o traslado da lei, e de alguns casos particulares sobre que se havia de votar, depois de oito dias em que se viram os sobreditos pontos, votaram todos uniformemente; fez-se consulta a sua magestade, lançada pelo doutor Marçal Casado, e conformando-se sua magestade com o parecer da junta, mandou fazer uma nova e ultima lei, na qual pelas causas nella allegadas, resolve sua magestade, que no estado do Maranhão se não possam captivar indios, salvo nos quatro casos seguintes: primeiro, em guerra deffensiva ou offensiva que nós dermos aos ditos indios: segundo, se elles impedirem a prégação do sagrado evangelho: terceiro, se estiverem prezos á corda para ser comidos: quarto, se forem tomados em guerra justa, que uns tiverem com os outros. E quando constasse que foram tomados em guerra injusta os ditos indios, ainda no tal caso concede sua magestade, que se possam resgatar e comprar aos gentios que os tiverem por escravos, não para ficarem captivos, mas para servirem cinco annos em satisfação do preço que se tiver dado por elles. Esta é a substancia desta ultima lei de sua magestade, na qual dispõe, e manda outrosim sua magestade, que sejam tambem julgados por ella todos os indios que se tiverem resgatado por virtude da lei de 1652.

Chegou esta ultima lei ao Maranhão, com uma carta de sua magestade, em que muito encarregava a execução della ao governador e capitão general André Vidal de Negreiros, o qual havia poucos dias que era chegado, e conforme as ordens que trouxera, tinha já mandado recolher do sertão as tropas, e que tudo o que por ellas se tivesse obrado, se repozesse outra vez no que podesse ser, e no demais se suspendesse. E porque a execução da nova lei se não podia fazer no Maranhão commodamente, por estar distante do Pará mais de cento e vinte le-

gente, e sobre o numero de dois mil indios os que se tinham resgatado, e se deviam de julgar por ella; partiu logo o dito governador para o Pará, onde primeiro que tudo mandou lançar um bando com graves penas, que todos os que tivessem indios resgatados nas sobreditas entradas, os viessem apresentar, e se commetteu o exame e informação dos captiveiros ao ouvidor deste estado, e auditor da gente de guerra o doutor Antonio Coelho Gasco, com o escrivão de seu juiso; e para interprete da lingua, se nomeou o padre fr. João das Chagas, prior do Carmo, e para procurador dos indios, conforme a lei de sua magestade, o sargento mór Luiz Pimenta de Moraes, por concorrerem nelle as partes que se requerem para materia tão escrupulosa; e por esta causa tambem se escolheu pessoa do reino, e não morador da terra.

CAPITULO II.

DA FÓRMA COM QUE SE FIZERAM AS ENTRADAS AO RIO DAS AMAZONAS AO RESGATE DOS INDIOS.

Sendo a lei do anno de 1653 tão larga e favoravel para os moradores deste estado, como testimunham as festas publicas com que foi recebida, os mesmos moradores a não guardaram em coisa alguma, antes a quebraram em tudo nas entradas, que logo fizeram, como agora se dirá.

Primeiramente, mandava a lei, que as entradas que se fizessem ao sertão, levassem um cabo que as governasse, e que esse fosse eleito pelos capitães-móres, pelas camaras, pelo prelado do ecclesiastico, e pelos das religiões. E esta clausula de tanta importancia se executou tanto pelo contrario, que logo começaram a partir para o sertão do rio das Amazonas muitas canoas á desfilada, em que iam pessoas particulares com licença de quem lh'a podia dar, ou de quem lha dava sem poder; e cada um tomava pela parte que melhor lhe parecia, captivando ou comprando quantos achavam, e voltando-se outra vez de publico ou de secreto com canoas carregadas de indios. E o primeiro que deu

exemplo a esta desordem tão prejudicial, foi quem tinha obrigação de fazer guardar a lei de sua magestade, e o podéra fazer com toda a pontualidade e inteireza, por ser grande a auctoridade que tinha neste estado. Só um João de Betancor foi eleito por votos para cabo de uma tropa; mas tambem a esta eleição faltaram muitas solemnidades. E sendo o intento de sua magestade, que por esta fórma de eleição de tantos votos se viesse a eleger pessoa, qual convinha para sua magestade descarregar nella a sua consciencia e de seus vassallos, em materia tão escrupulosa e arriscada, como a dos captiveiros, bem se deixa ver a nullidade clara de tudo o que nestas entradas se obrou, pois foi feito e executado por pessoas inhabeis e prohibidas na lei, e contra toda a fórma e disposição della.

A segunda clausula era, que para o exame dos captiveiros fossem em companhia das tropas os religiosos que vão á conversão dos gentios; e tambem esta se não guardou, porque todas as canoas e pessoas particulares acima ditas, foram sem religiosos. E posto que nesta occasião se acharam dois de Nossa Senhora do Carmo no dito rio das Amazonas, andavam ao resgate de escravos na mesma fórma que os demais. Só com o capitão João de Betancor foi o padre fr. Antonio Nolasco, o qual sendo religioso mercenario, cuja profissão é remir captivos, ia nesta tropa a fazer, como fez, grande quantidade de escravos; porque só á sua parte trouxe trinta e cinco, e os vendeu publicamente e outros jogou e ganhou aos officiaes e soldados da tropa, sobre que anda pleito em juiso. E sendo o dito religioso tão interessado em que os ditos escravos o fossem, e em que houvesse muitos, bem se presume em direito, quão illegitimo poderia ser o exame que elle fizesse dos captiveiros. Além destas causas de nullidade, e outras de maior violencia, que se callam, o dito fr. Antonio não sabe a lingua geral da terra, a qual era necessaria para intender os interpretes; nem teem letras algumas para fazer a inquirição, como convem em materia tão grave e tão intrincada, porque é totalmente idiota; e se fosse necessario tambem se poderia provar, ou duvidar se era religioso, como requer a lei; porque elle mesmo confessa que a sua profissão foi nulla, e actualmente

trazia este pleito com a sua religião; porque de soldado desta fortaleza foi levado por força a ser fráde. Este é o juiz que levou uma tropa, em que se fizeram mais de seiscentos escravos, e se fariam muitos mais, se o governador a não mandára recolher tanto que chegou.

A terceira clausula da lei mandava que pelos ditos religiosos mercenarios se examinassem e julgassem os captiveiros, e os que que elles approvassem *por captivos esses se comprassem e houvessem por taes. Em todas as canoas em que não foi religioso, não houve nenhum* genero de exame, e basta que o *não houvesse*, para todas as compras que assim se fizeram, serem injustas, e se não possuirem os chamados escravos em boa consciencia, e se lhes dever restituição, ainda quando não houvera na materia mais lei que a natural. Onde se deve advertir, que o maior numero dos escravos se fez nestas canoas particulares. E quanto á tropa de João de Betancor, primeiramente se ha de considerar que sua magestade na dita lei manda que sejam religiosos, e não religioso, o que fizer o sobredito juiso; porque não quer sua magestade deixar uma materia tão importante no voto e decisão de um só homem. E além desta nullidade, que é tão notoria, consta que o dito Fr. Antonio Nolasco passou muitas certidões de captiveiros que não examinou; porque elle ficava ordinariamente no arrayal, e os linguas ou pombeiros iam comprar as peças por differentes rios, em distancias de muitas legoas; e sem o dito Fr. Antonio ver, nem ouvir os senhores dos chamados escravos, nem saber se o eram, ou o tinham sido, ou se acaso os mesmos linguas os tinham tomado, ou comprado, sendo livres, como muitas vezes acontece, elle lhes passava certidão de verdadeiros captivos, jurada *in verbo sacerdotis*. Tambem esteve o dito religioso muito gravemente doente, e se fez no mesmo tempo grande parte dos captiveiros; e assim nestes, como em outros muitos da mesma tropa, não houve especie alguma de exame ou averiguação. E dado que o dito Fr. Antonio examinasse todos os indios, que se tomaram e compraram na sua tropa (o que não se fez) os ditos exames se não deviam julgar de nenhum modo por legitimos; porque, como fica dito, este religioso é to-

talmente falto de letras, e não podia fazer o exame como convinha, e muito menos se o fizesse conforme as opiniões que correm no Maranhão em materia dos captiveiros, as quaes são tão largas, ou tão exorbitantes, que, segundo ellas, raro indio haverá que não seja captivo, como é publico e notorio neste estado, e constará melhor quando referirmos os votos dos prelados maiores das ditas religiões. Assim que, toda a verdade e justiça destes captiveiros ficou na fé dos linguas ou pombeiros, os quaes todos são mamalucos, mulatos, gente vilissima, e sem alma, nem consciencia, criados nesta carniceria de sangue e liberdades, e perpetuos instrumentos, ou algozes das infinitas crueldades e tyrannias, que a cubiça dos maiores tem executado naquelle rio.

De tudo o dito se colhe, que estando prohibidos todos os resgates do sertão por tantas leis antigas, e ultimamente por sua magestade, e tendo depois desta prohibição dado licença sua magestade, para que houvesse os ditos resgates na fórma e debaixo das condições referidas, uma vez que as ditas condições se não guardaram, não só se fizeram illicitos, mas totalmente invalidos e nullos todos os contractos e resgates que nestas entradas se fizeram, ainda, caso negado, que em tudo o mais foram justos.

CAPITULO III.

DO EXAME QUE SE FEZ NO PARÁ SOBRE A LIBERDADE OU CAPTIVEIRO DOS INDIOS QUE VIERAM DO RESGATE.

Para se haver de julgar a liberdade ou captiveiro dos ditos indios, foram primeiro ouvidos seus chamados senhores, debaixo de juramento, e depois foram perguntados os mesmos indios, e em muitos destes exames não foram perguntadas mais pessoas, por serem as terras d'onde foram trazidos os ditos indios, muito distantes, e não poder cá haver as noticias que lá se deixaram de tomar contra a disposição da lei.

Fez o exame o ouvidor, e mais pessoas nomeadas, e porque succederam nelle muitas coisas particulares, sem cuja noticia

se não poderá formar inteiro juiso dos casos, que ao diante se julgarão, porei aqui alguns mais notaveis, pedindo a quem ler este papel, faça delles o reparo que merecem.

Os primeiros indios que vieram ao exame foram vinte e oito de um Antonio Lameira da Franca, capitão que foi neste tempo da fortaleza do Gurupá, que é na boca do rio das Amazonas, onde se fazem os captiveiros. Quiz o governador por si mesmo ouvir a estes indios antes de irem ao juiso do ouvidor, e mandando-lhes fazer perguntas pelos linguas da sua nação, responderam todos que elles eram captivos, e estavam prezos de corda para ser comidos, e que já tinham comido a outros companheiros. Espantado o governador desta resposta tão conforme, por ser contra o que é notorio neste estado, de serem os indios de corda muito raros, entrou para um aposento, e mandando chamar os indios um por um, lhes disse pelos interpretes, que elle era o governador, e o maior de todos os portuguezes, que fallassem verdade, e não temessem, porque todo o que fosse forro, o mandaria logo pôr em sua liberdade, e todos, um por um, tornaram a ratificar o que tinham dito, respondendo outra vez, que eram captivos, e que estavam atados á corda para ser comidos de seus senhores. Com isto foram remettidos os indios ao juiso ordinario do ouvidor, onde o sobredito Antonio Lameira jurou em seu depoimento, que tinha por captivos aquelles indios, e elles o tornaram a confessar terceira vez na mesma forma sobredita. O que agora se segue, é coisa quasi indigna de credito, se não fôra publica nesta cidade, e vista por olhos de todos. Passados oito dias, vieram do rio das Amazonas alguns principaes ou cabeças de aldêas de indios nossos amigos, e pediram ao governador, que lhes mandasse restituir os indios de suas aldêas, que os portuguezes lhes foram tomar a ellas, e lh'os tinham trazido e vendido por captivos. Respondeu-lhes o governador, que os fossem buscar onde quer que estivessem, e os trouxessem á sua presença. Feito assim, trouxeram os principaes os mesmos indios, que tinha apresentado o sobredito Antonio Lameira; e para prova da verdade, allegaram com os mesmos portuguezes, que diziam os tinham ido tomar, e os repar-

tiram entre si. Chamados os ditos portuguezes, confessaram todos, que assim fôra, e constou que os taes indios não só eram forros e livres, mas vassallos de sua magestade, e tão amigos dos portuguezes, que vieram ao Maranhão ajudar-nos a lançar fóra os hollandezes, distando as suas terras mais de duzentas legoas daquella cidade, e os mesmos ajudaram a fazer a fortaleza e egreja do Gurupá; e a estes foram os portuguezes tomar, e os repartiram entre si, e venderam como escravos. E perguntado o cabo desta entrada, porque o fizera, respondeu: Se outrem o havia de fazer, que o quizera fazer elle primeiro. Provada tão claramente a liberdade destes indios, tornou o governador a mandal-os chamar, e perguntou-lhes, supposto que eram forros, qual fôra a causa porque todos lhe tinham dito que eram captivos; e responderam, que o disseram assim, porque o seu senhor que os tinha, lhes mandára ensinar, que déssem aquella resposta, e os ameaçára, que se dissessem outra coisa, os havia de matar a açoites.

Esta foi a primeira experiencia deste exame, da qual se devem tirar duas advertencias mui necessarias ao juiso destes captiveiros. A primeira é, que os homens que vão a estas entradas, tomam tudo o que acham, ou o que podem, e fazem pouca differença de livres ou captivos. E para maior prova desta verdade se deve considerar neste mesmo caso, que o cabo que fez esta entrada, e o capitão que a mandou fazer, são duas pessoas das mais principaes deste estado, e que teem occupado os melhores postos delle, d'onde se colhe o que farão os demais. Neste mesmo exame se averiguou, que chegaram os portuguezes das tropas a algumas aldêas de gente livre e amiga, e pedindo alguns indios para lhes ajudarem a remar as canôas, tanto que os tiveram dentro, os captivaram e trouxeram por escravos. Assim mais acharam em um braço de um rio um indio que alli vivia retirado com sua familia, que constava de oito pessoas, e tinha um cartaz dos portuguezes, para que o conhecessem por amigo; e apresentando o indio o seu papel, lh'o rasgaram, e o trouxeram a elle, e a todos os seus por captivos. Tudo o referido consta por autos. Neste mesmo tempo se co-

meçou a dar á execução uma ordem particular de sua magestade sobre os indios poquiguáras, que no anno de 1654 fez descer o padre Antonio Vieira; e sendo todos estes indios de uma nação, e todos livres, muitos delles se acham agora escravos; porque os venderam seus proprios parentes, induzidos dos portuguezes. E se dentro do Pará, no rosto dos capitães-mores, e das justiças de sua magestade, commettem estes homens taes maldades, que farão nos matos e sertões, onde os vê só Deus, a quem elles não temem?

A segunda advertencia que se tira do caso acima referido, é a pouca prova que deve fazer contra os indios a sua propria confissão; pois é certo que todos ou quasi todos veem induzidos. A este mesmo exame trouxe um Amaro de Mendonça alguns indios, que declararam vir induzidos: e porque outros que elle apresentou, disseram que eram forros, o dito Amaro de Mendonça, diante do mesmo ouvidor, escrivão, e mais pessôas do tribunal, mandou a um negrinho seu, que fosse dissimuladamente persuadir ao interprete que dissesse, que os indios eram captivos; e advertindo-se no recado, e perguntado o interprete, confessou que assim lh'o dissera o negrinho. E para que se conheça melhor o sugeito deste homem, e se admirem os que lerem este papel, quando ao diante virem que os indios deste mesmo Mendonça, e do sobredito Lameira, foram julgados por escravos, só pela confissão dos mesmos indios, sem outra prova alguma, porei aqui um caso que succedeu nestes mesmos dias com este mesmo homem, que é um dos mais principaes da terra.

Demandou sua liberdade um moço, a quem o dito Amaro de Mendonça queria fazer captivo, e se servia delle, como de tal; e chamado a juiso o dito Mendonça, jurou que aquelle moço era seu captivo, por ser filho de uma sua escrava já morta; e logo fazendo-se diligencia, sem a morta resuscitar, appareceu diante do ouvidor a verdadeira mãe do dito moço, que era uma india forra da aldêa de Mortigúra, conhecida notoriamente por sua mãe. Foi prezo o dito Amaro de Mendonça por este crime, e disse a quem o foi prender: a verdade é que o moço era forro,

que o escrupulo do matrimonio era somente pretexto do furto, havendo na mesma acção duas ou tres maldades enormissimas; uma de captivar a india livre, outra de deixar a casada sem marido; e a terceira de haver de casar ou amigar com o indio já casado, a que não era sua mulher; e póde ser que tambem esta fosse casada na sua terra, o que então se não averiguou. Taes são as consciencias e os modos de captivar destes homens.

E pois tocámos esta materia dos casamentos, é de saber que um dos modos ou instrumentos de captivar, que nestas partes se usam, é o sacramento do matrimonio, casando os portuguezes os indios forros com as escravas, e mettendo-os por esta via em suas casas, e servindo-se delles, como de captivos, sem lhes pagarem. E disto estão as casas cheias, intervindo nestes casamentos grandes dolos, violencias e nullidades, e outras muitas offensas de Deus, chamando-se depois ao engano os tristes indios, sem lhes valer, porque o não podem provar, o que os brancos lhes disseram e lhes prometteram. E em particular nesta mesma tropa, em que se tomaram os indios das aldeas livres acima referidas, que foram duas, houve homem, que com um matrimonio captivou tres e quatro pessoas, porque casou os seus escravos com mães que tinham dois e tres filhos; e podendo estes filhos ter sido de verdadeiro matrimonio, e suas mães casadas nas suas terras por contracto natural, como são os casamentos dos gentios, o parocho desta egreja do Pará as baptisou e casou com os ditos escravos sem se correrem banhos, nem haver as outras informações necessarias em materia tão arriscada, e de tão cegas noticias, seguindo em tudo só o dito de um homem que teve tão pouca consciencia, que sendo aquelles indios notoriamente livres, os tinha captivado.

Estes são os casos mais particulares, que succederam neste exame, considerado cada testimunho por si; mas considerando-se todo o exame por junto, se descobrirão nelle muitas coisas notaveis, as quaes tambem se devem advertir, porque dellas depende em grande parte a verdade e justiça desta causa.

Primeiramente, este exame durou por mais de sessenta dias, e ao principio delle respondiam os indios por differentes lin-

guagens, uns dizendo que eram livres, outros que eram tomados em guerra, outros que não sabiam a origem de seu captiveiro, e que somente viram pagar o preço a seus principaes, e outras respostas similhantes, pelas quaes respostas, uns destes indios eram logo postos em sua liberdade, outros se entregavam aos mesmos senhores que os apresentavam. E como isto se visse publicamente, e se começasse a intender na cidade, que só os indios de corda, e os tomados em guerra eram os que ficavam *para serem julgados* por captivos, d'alli por diante (que foram as duas partes do exame) todos quantos indios vieram a elle, disseram que estavam de corda para serem comidos, ou que foram tomados em guerra, e viram pagar seus resgates. E só nos indios de dois ou tres homens reputados por mais timoratos houve variedade. D'onde se colhe claramente, que todos estes indios vinham induzidos e intimidados, por ser coisa moralmente impossivel, que sendo os ditos indios de differentes nações, e tomados em mui differentes partes, e comprados a mui differentes senhores, todos os que se ajuntavam na mão do mesmo homem, tivessem o mesmo titulo de captiveiro, e todos respondessem pela mesma linguagem, sem discrepancia alguma, e que *isto* succedesse em vinte ou trinta exames a fio; e que sendo coisa certa e averiguada serem rarissimos os indios que estão prezos á corda, dissessem todos estes, que estavam assim prezos e para serem comidos. E foi coisa tão manifesta e patente o virem todos estes indios induzidos por seus senhores, que quando se liam os autos, os juizes o estavam vendo claramente, e rindo-se das confissões dos indios, e da malicia dos senhores, e em alguns dos exames, tanto que os juizes ouviam nomear o senhor que apresentava os indios, logo diziam: « estes hão de ser todos de corda »; e assim era. E sobre este conhecimento, e entre estes risos condemnaram os mesmos juizes a todos estes indios por captivos, só por sua confissão, sem outra alguma prova, como adiante se verá.

Outra coisa que muito se notou, e deve notar em todo este exame, é, que sendo os indios que vieram destas entradas mais de mil e seiscentos, e segundo se escreve do rio das Amazonas,

dois mil, de todo este numero não chegaram a ser apresentados no exame mais que setecentos e setenta e dois indios; d'onde se collige com evidencia, que houve grande quantidade de indios sonegados contra a lei de sua magestade, e bando do governador, e que juraram falso os que os vieram apresentar; porque todos declararam debaixo de juramento, que não tinham trazido, nem recebido do sertão mais indios que aquelles que alli apresentavam. E houve muitos casos em que estes juramentos falsos foram logo convencidos; porque referindo-se uns indios a outros, eram descobertos e achados em poder dos mesmos que acabaram de jurar que não tinham mais. E aqui se deve advertir, que os indios que foram escondidos e sonegados, eram sem duvida os de mais conhecida liberdade; pois se presume que escondendo uns, e apresentando outros, os que tivessem mais apparencia de captiveiro, ou aquelles de cuja ignorancia e pusillanimidade mais confiados estivessem, que diriam somente o que lhes tinham ensinado.

Tambem é muito de notar o tempo que a tropa e os demais gastaram no sertão; porque só João de Betancor andou lá perto de onze mezes, e foi a causa, a que é ordinaria nestas entradas, e é esta: Chegam os portuguezes ás aldeas dos indios que moram por aquelles rios, e compram-lhes logo os escravos que teem, que ordinariamente são muito poucos, e algumas vezes nenhuns. Mostram-lhes depois disto a quantidade de resgates que trazem, e dizem-lhes que não se hão de ir sem aquelle numero de escravos, por ser essa a ordem que levam de seus maiores, e isto estando os cabos que fazem estas propostas rodeados de espingardas e arcabuzes, e os linguas exhortando e ameaçando. Então os pobres indios pela cubiça das foices, e dos machados para as suas lavouras, e muito mais por medo que os não levem captivos a elles, se não trouxerem outros, como muitas vezes tem acontecido, vão-se ás aldeolas dos que podem pouco, e ás roças dos que andam lavrando, e ás paragens por onde passam as canoas dos que navegam, e tomando-os por força de armas, trazem-nos aos portuguezes, e vendem-lh'os por captivos, dizendo que eram seus escravos que tinham

em outra parte. E este mesmo dizerem *que os tinham em outra parte*, é a maior prova de não serem, nem poderem ser escravos; porque se verdadeiramente o foram, tiveram-nos sem duvida nas suas casas e aldeas, e quando muito nas suas roças, que distam delles até uma legoa, e não em terras alheias, e tão remotas, que gastam um, e dois mezes no caminho os que os vão buscar. Tudo isto vêem, e sabem os que vão a estes resgates, e tudo dissimullam e tragam suas consciencias, e por isso muitas canoas das que trouxeram os indios de que se tracta, se detiveram tanto tempo no sertão. E estes miseraveis assim tomados, e roubados por nossa causa, são os que abaixo hão de ser julgados por captivos em guerra justa, e por estarem prezos á corda para serem comidos.

Houve tambem nestas entradas muitas pessoas que levaram poucos resgates, e trouxeram muitos escravos, que é indicio manifesto de serem mal havidos. Chamam-se nesta terra resgates certo numero de foices e machados, que fazem o preço de um escravo; e houve homens que levando somente vinte e trinta resgates, trouxeram quarenta e cincoenta escravos; d'onde se segue, que, ou os roubaram, ou os não pagaram.

Em fim, o exame se fez na fórma que consta dos autos, em todos os quaes se não acha captiveiro algum legitimamente provado, e comtudo foram quasi todos estes indios julgados por captivos, como agora se verá.

CAPITULO IV.

DE COMO FORAM JULGADOS E SENTENCIADOS OS SOBREDITOS INDIOS.

Conforme a lei de sua magestade, haviam de ser juizes nestas causas o governador geral do estado, o ouvidor e provedor, o prelado do ecclesiastico, e os das religiões, e assim se fez; e juntos em casa do governador, o capitão general André Vidal de Negreiros; o ouvidor e provedor Antonio Coelho Gasco; o

vigario da matriz, o licenciado Pedro Vidal; o padre Antonio Vieira, da companhia de Jesus, superior das missões deste estado; o padre fr. Estevão da Natividade, provincial do Carmo; o padre Fr. Bartholomeu Ramos, commissario das mercês; o padre fr. Francisco de Alcantara, Custodio de Santo Antonio: e depois de lidos os autos em presença de todos, julgaram cada um dos casos, em que houve diversidade, na fórma seguinte:

Primeiro caso.

Já fica contado acima, como um Antonio Lameira apresentou vinte e oito indios, os quaes todos em geral, e cada um em particular, disseram que eram captivos, e que estavam prezos á corda para serem comidos. Tambem se disse, como depois constou, serem estes indios conhecidamente livres, e de aldeas amigas dos portuguezes, e que os tinha tomado uma das nossas tropas, mandada pelo mesmo Antonio Lameira, que naquelle tempo era capitão da fortaleza do Gurupá, o qual Antonio Lameira em seu depoimento jurou tambem que tinha aos ditos indios por captivos. E depois de se conhecer notoriamente a liberdade dos ditos indios, sendo perguntados da causa porque tinham dito ser captivos, e estar prezos á corda para ser comidos, sendo uma e outra coisa falsa, responderam, que o disseram assim, porque o dito Lameira os ensinara e induzira, e os ameaçára que os havia de matar a açoites, se assim o não dissessem.

Este mesmo Antonio Lameira mandou depois ao exame outra quantidade de indios, e perguntados estes segundos indios, responderam na mesma fórma dos primeiros, que elles eram captivos, e estavam prezos á corda para ser comidos, e assim se escreveu nos autos, sem mais outro testimunho nem averiguação, por se não poder fazer.

Posto este segundo caso em juiso, votou o padre Antonio Vieira, que estes indios não se podiam julgar absolutamente por captivos. Primeiro, por ser coisa notoria, que não ha tanta quantidade de indios de corda, como acima fica mostrado. Segundo,

porque ainda que os houvesse, não era verosimil, nem moralmente possivel, que todos se fossem ajuntar na mão daquelle homem, sendo tomados em differentes logares, e que não houvesse entre elles nenhum de outra condição. Terceiro, por serem aquelles indios tomados em canoas particulares, mandadas pelo dito Antonio Lameira, sem ter poder para isso, e sem se fazer inquirição e exame, conforme a lei de sua magestade, com que se presumia ser dolosa e injustamente tomados. Ultimo, e principalmente, porque o caso acima referido dos primeiros indios fazia evidente presumpção de serem tambem induzidos estes segundos, pois todos fallavam pela mesma linguagem, e todos eram do mesmo dono: *Et qui semel est malus, semper præsumitur malus in eadem specie.* Antes crescia mais a presumpção com outra circumstancia que se devia muito advertir no caso, e é, que aquelles primeiros indios eram amigos e visinhos dos portuguezes, conhecidos no Maranhão, onde tinham ido a ajudar-nos contra os hollandezes, e muito mais conhecidos no Gurupá, onde tinham ajudado a fazer a fortaleza e egreja; e pelo contrario estes segundos indios, de que se tracta, eram de nações remotas, e de nenhuma maneira conhecidos dos portuguezes. Pois se o mesmo Antonio Lameira foi tão temerario, que se atreveu a induzir uns indios amigos e visinhos, e que de todos eram conhecidos por livres, a que dissessem que eram captivos, e estavam presos á corda para ser comidos, e o mesmo Lameira teve tão pouca consciencia, que jurou em juiso os tinha por captivos, quanto mais razão ha para se presumir, que faria o mesmo com estes segundos indios, de que se tracta, sendo indios de nações remotas, em que nunca se podia averiguar a verdade como nos outros! Pelas quaes razões de presumpção votou o padre Antonio Vieira, que os ditos indios só podiam ser julgados, por de captiveiro duvidoso, e que como taes, constando que verdadeiramente foram comprados, servissem cinco annos, para satisfação do preço, e depois ficassem livres, na fórma da lei de sua magestade.

Com este voto se conformou o governador e ouvidor geral; mas os prelados das tres religiões, e o vigario, votaram que fos-

sem absolutamente captivos, sem mais fundamento, que por elles haverem confessado que o eram.

Desta mesma fórma foram julgados por captivos todos os indios que disseram estar prezos á corda, sem embargo de haver tantas presumpções de virem induzidos, como acima fica dito, e sem terem outra prova de seu captiveiro mais que a sua confissão, sendo elles gente timidissima e ignorantissima, e que quando fossem homens de policia e valor, bastava estarem em estado de captiveiro para o testimunho dado em favor de seus chamados senhores ter pouco vigor e auctoridade em direito, como abaixo mais largamente se allegará.

Segundo caso.

Houve grande numero de indios, dos quaes disseram seus chamados senhores, indo apresental-os ao exame, que os tinham por escravos e lhe haviam custado seu resgate; e não disseram mais. Estes mesmos indios disseram tambem que eram captivos, por serem tomados em guerra; mas nem disseram se a guerra fôra justa ou injusta, nem assignaram circumstancias, d'onde se podesse colher; nem fez, nem é possivel fazer-se nova averiguação, por serem mui distantes as terras d'onde foram trazidos.

Posto em juiso este caso, votou o padre Antonio Vieira, que estes indios não eram absolutamente captivos, conforme a lei de sua magestade. Primeiro; porque a lei prohibe todo o genero de captiveiro, tirando em quatro casos, um dos quaes é se forem tomados em guerra justa: estes indios não se prova que fossem tomados em guerra justa, porque elles só disseram, que foram tomados em guerra, e nem elles, nem outra alguma pessoa disse se a tal guerra fora justa: logo, conforme a lei, nem são, nem se podem julgar por captivos os taes indios.

Segundo; porque nas materias duvidosas julga-se pela presumpção, e as guerras dos barbaros, como são estes gentios do Maranhão, quando se duvída se foram justas ou injustas, presume-se que foram injustas, por serem dadas por gente que não se governa nas suas guerras por razão, nem por consciencia. Au-

sim o resolve Molina tractando este ponto *ex professo*. A qual doutrina tem ainda mais logar nestes barbaros do Maranhão, dos quaes consta que as suas guerras são mais latrocinios que guerras; porque os que mais podem, vão captivar os menos poderosos, para os venderem aos portuguezes, e as mais vezes fazem isto os particulares, sem auctoridade do principal, nem da republica ou aldea em que vivem.

Terceiro; porque ainda que quizeramos seguir a opinião menos provavel, que propõe e não segue o dito Molina; esta opinião não póde ter logar no nosso caso, porque nas guerras destes indios não ha contracto tacito, nem expresso de cada um haver por bem os damnos que se fizerem de parte a parte. E quando em algumas entrasse o dito contracto, era necessario constar particularmente que o houve nestas guerras, em as quaes foram tomados os indios de que se tracta; e quando isto se não averigua, ou está em duvida (como está no nosso caso) os captivos tomados nas taes guerras são injustos e illicitos, como diz o mesmo Molina, o qual expressamente confessa que ainda que os escravos tomados nas guerras feitas com a sobredita condição, sejam licitos e justos, comtudo as mesmas guerras em si sempre são injustas; d'onde se segue claramente, que esta opinião, quando o fosse, de nenhum modo se póde applicar ao nosso caso; porque a lei de sua magestade, ainda que admitte escravos de guerra, são só os de guerra justa, qual esta não é.

Quarto; porque *in dubio melior est conditio possidentis*: e neste caso não se duvida se os indios são de Pedro ou de Paulo; mas duvida-se se os indios são livres ou captivos; e nesta duvida está a posse pela liberdade. E ainda que estivera a posse pelo chamado senhor que tem o indio em seu poder, não podia neste caso gosar o privilegio de possuidor; porque a posse não favorece senão o possuidor de boa fé, e os ditos chamados senhores, consta serem possuidores de má fé; e basta para se presumir e julgar assim irem aos sertões contra a lei de sua magestade, sem cabos legitimamente eleitos, sem religiosos, que examinassem os captiveiros nas mesmas terras dos indios, onde se podiam averiguar, e sem se fazer inquirição alguma da justiça

das ditas guerras, em caso que houvesse as taes guerras, e que os indios fossem tomados nellas, de que tambem se póde duvidar.

Quinto; porque *in dubio tutior pars est eligenda*. E de serem estes homens julgados por captivos, se segue a elles um damno tão grave e irreparavel, como é ficarem por captivos toda a vida, elles e seus descendentes. E pelo contrario de serem julgados por livres, só se podia seguir perderem os compradores o preço que deram por elles; quanto mais que nem esse preço se perde, porque por elle hão de servir os ditos indios cinco annos na fórma da lei: e assim votou o dito padre Antonio Vieira que se fizesse.

O provincial do Carmo, e o commissario das mercês votaram que todos estes indios fossem captivos. E o fundamento do seu voto, foi porque todas as guerras que ha entre estes indios do Maranhão, eram justas; e sendo justas as guerras, todos os tomados nellas ficavam captivos, conforme a lei de sua magestade. Em prova de serem justas todas as ditas guerras, acrescentou o commissario, que elle o sabia por informação de religiosos da sua ordem, e de outros dignos de fé.

O pouco fundamento deste voto, não é necessario mostrar-se; pois quando as guerras destes indios não foram injustas por tantos titulos, como acima fica dito, é certo que nenhuma guerra póde ser justa de ambas as partes, com que, ao menos ametade de todas as guerras, é força que sejam injustas; quanto mais as de uns homens barbaros, sem lume de fé, nem exercicio de razão. Podem os principes christãos fazer guerras injustas; podem fazer guerras injustas os summos pontifices; e até os anjos no principio de sua creação poderam fazer guerras injustas: e dizem estes padres, que não póde haver guerras injustas entre os indios do Maranhão? Se assim fôra, seguia-se que estes barbaros na materia da justiça das guerras, ou não tinham alvedrio, ou eram impeccaveis, e ambas as consequencias são hereticas. Com isto se propor na conferencia, não bastou para se reduzirem os dois prelados, nem para cederem da supposição tão errada. Tambem se lhes disse, que esta supposição era contra a mesma lei, na qual sua magestade dispõe e

que se ha de fazer no caso da guerra justa, e no da injusta; mas a *isso* disseram, que estava sua magestade mal informado, como se fossem necessarias informações para saber que as guerras podem ser justas, ou injustas.

O custodio de Santo Antonio, havendo de votar no caso, disse que *tomára* que Deus lhe mandasse revelar por um anjo se aquellas guerras tinham sido justas, ou injustas. Este foi o prologo da sua sentença, na qual disse que se inclinava a que todas *aquellas guerras* eram justas; porque as causas da guerra justa, que assignam os doutores, eram doze; e era impossivel que de tantas causas, não tivessem aquelles homens alguma. Houve quem lhe respondeu, que se as causas da guerra justa eram doze, as causas da guerra injusta eram vinte e quatro; e que se havia razão para se cuidar que teriam alguma causa das primeiras, por serem muitas; porque a não haveria tambem para se cuidar que teriam alguma causa das outras, pois eram mais? Em fim, o padre custodio se resolveu, e disse que fossem captivos todos os sobreditos indios; mas que os filhos que delles nascessem ficassem livres! Se teve razão para captivar os paes, que razão teve para tirar os filhos a seus donos? E se teve razão para não captivar os filhos, como captivou os paes?

O vigario, assim neste caso, como nos demais, cerrava-se, e só quando lhe tocava votar, não se lhe ouvia outra palavra, senão captivos, captivos. Este era sempre o seu voto, e modo de votar; e apertado alguma vez pela razão, respondia que aquelles homens que foram ao resgate, eram christãos, e que se não havia de presumir que fizessem coisa mal feita: que este fôra sempre o costume deste estado, e que se déssemos os indios por livres, que ficariam os homens com o seu trabalho baldado, e que haveria motins no povo: e não faltou dos religiosos quem ajudava estas razões do vigario com outras similhantes, dizendo, que os indios não perdiam nada em ser captivos, e que o direito introduzira o captiveiro por piedade; como se fôra o mesmo commutar a morte em captiveiro, que tirar a liberdade a quem se deve dar.

Estes foram os votos que deram neste caso os quatro prela-

dos ecclesiasticos. O governador e o ouvidor conformaram-se com o voto do padre Antonio Vieira; e só o governador acrescentou, que em logar dos cinco annos, servissem os indios sete. A sua razão foi esta: Os indios que forem tomados em guerra justa, diz a lei que fiquem captivos para sempre; os que forem tomados em guerra injusta, diz a mesma lei que sirvam cinco annos: logo os que foram tomados em guerra duvidosa, é bem que sirvam mais algum tempo; e tambem porque os indios novos, nos primeiros dois annos, por serem boçaes, e por virem mal tractados, não fazem serviço consideravel.

Não ha duvida que estas razões teem sua equidade, e assim se deveria julgar, onde o preço dos escravos fosse aquelle que suppõe o direito, quando assignala cinco annos para a satisfação do dito preço: mas o preço com que se compra um destes escravos, são onze tostões somente, e por pouco que sirva um escravo, sempre deve de merecer duzentos e vinte réis, que tanto sáe a cada anno, e quando servisse só tres annos, parece que ficava bem pago o preço. E quanto á primeira razão da guerra duvidosa, que parece dar maior direito que a guerra injusta, não ha duvida que assim é; mas não em ordem ao serviço da pessoa resgatada; porque aquelle serviço não se concede a titulo da guerra injusta, ou duvidosa, senão a titulo somente do preço que se deu pelo resgate; e como o preço em um e outro caso sempre é o mesmo, sempre deve ser tambem o mesmo serviço.

Terceiro caso.

Chegando a tropa principal a umas aldeas de indios, pediram estes aos portuguezes, que os fossem ajudar em uma guerra contra seus inimigos. Foram os nossos, deram a guerra *proprio nomine*, offerecendo primeiro pazes; venceram, tomaram os rendidos por captivos. Foi um destes apresentado ao exame, e confessou, além do que fica referido, que elle era escravo de um dos vencidos.

O vigario da matriz, o commissario, o provincial, e o custodio votaram que fosse captivo o dito indio, por ser tomado

naquella guerra que os portuguezes foram dar, a qual julgaram por justa.

O padre Antonio Vieira neste caso deu dois votos. No primeiro disse assim : Se esta guerra era justa da parte dos indios, a quem os nossos foram ajudar, segue-se que da parte dos outros indios era injusta ; e se da parte dos outros era injusta, segue-se que entre estes indios tambem ha guerras injustas. D'onde se colhe evidentemente que neste nosso juiso não guardamos *igualdade*, nem coherencia, pois para fazer captivos a uns, suppomos que algumas guerras dos indios são injustas ; e para fazer captivos a outros, dizemos que todas as guerras dos indios são justas. Não fez fructo a consequencia, com ser tão clara.

Votou pois o padre Antonio Vieira segunda vez, e disse, que a guerra que os portuguezes foram fazer, era injusta, quando menos por ser guerra offensiva, feita sem auctoridade do principe ; e supposto ser injusta a guerra, que o indio não ficára captivo de quem o tomára, nem menos obrigado a servir cinco annos, porque se não dera o preço por elle.

Quarto caso.

Um pae vendeu a seu filho ; assim o disse o que o comprara, e assim o confessou o moço ; e nem um, nem outro souberam dizer mais.

O padre vigario, o commissario, o provincial, e o custodio julgaram que fosse captivo ; porque os paes podem vender seus filhos.

O padre Antonio Vieira votou primeiramente, que, segundo o que se devia presumir em direito, aquelle moço não era captivo ; porque os paes só podem vender seus filhos em caso de muito grande necessidade, e nestes indios (não se provando o contrario) não se póde presumir similhante necessidade ; porque esta, ou é de honra, e entre elles não ha honra ; ou é de vestido, e elles andam nús ; ou é do sustento, e elles nunca padecem fome, porque se sustentam das frutas e caça do mato,

e o que teem é commum de todos. Assim que, se o pae vendeu o filho, ou foi por cubiça do pae, ou por violencia de quem lh'o comprou, e esta segunda é mais certa.

Mas, dado caso que a necessidade do pae fôra verdadeira, e a venda por este titulo fôra legitima, neste juiso não se podia julgar nem approvar tal captiveiro, por ser contra a lei de sua magestade, a qual prohibe absolutamente todo o genero de captiveiros, excepto nos quatro casos acima referidos, em nenhum dos quaes se comprehende o filho que é vendido pelo pae. Antes a razão de sua magestade prohibir estes e similhantes titulos de captiveiro, é por serem occasionados a muitas violencias e injustiças, as quaes sua magestade pertendeu evitar nesta nova lei, conformando-se com as antigas, que pelas mesmas causas prohibiam todos.

Estes são os casos que se julgaram; e não se referem mais, porque todos os que vieram a este juiso, se redusiram aos quatro que ficam referidos, sem diversidade que mudasse a substancia. E porque no Pará se não poderam julgar todos os indios destes resgates, por serem muitos já passados ao Maranhão, depois de voltar o governador, se fez no Maranhão outro juiso, em que foram sentenciados, achando-se nelle os mesmos juizes, excepto o ouvidor e vigario do Pará, em cujo logar succederam o ouvidor geral, e vigario geral do Maranhão. Estes dois se conformaram em quasi tudo com o voto do governador, e do padre Antonio Vieira, que foram os mesmos, por serem os casos os mesmos. Os tres prelados das religiões, a saber: o provincial do Carmo, o custodio de Santo Antonio, e o commissario das mercês, porque se viram vencidos em votos, não quizeram assignar a sentença, a qual, e a do Pará, com uns e outros autos vão remettidos a sua magestade, para mandar julgar o que fôr justiça. E porque não faltem as noticias necessarias a quem allegar pelo desamparo dos indios, quero acrescentar ás deste papel as advertencias seguintes.

Advertencias.

Primeiramente se ha de advertir, que estes indios não de-

viam ser sentenciados nem julgados; porque sua magestade na lei ultima de 655, diz que serão julgados por ella os indios que forem resgatados, conforme a lei de 652, e estes indios não foram resgatados conforme a dita lei, senão totalmente contra ella, e por todos os modos nella prohibidos; e o juiso que o governador André Vidal fez, reconhecendo esta razão de nullidade, não foi absoluto, senão condicional, em supposição, como elle mesmo disse, que sua magestade o houvesse por bem. E neste ponto se deve advertir e ponderar muito quão prejudicial exemplo seria em todo este estado, que indios feitos expressamente contra uma lei de sua magestade ficassem captivos.

Tambem se ha de advertir, que dos tres juizes prelados das religiões, que na primeira e segunda sentença votaram contra a liberdade dos indios, os dois, quando menos, são notoriamente suspeitos e illegitimos. O primeiro, porque tinha muitos indios seus, que foram julgados no mesmo juiso entre os demais. O segundo, porque ainda que não tinha indios em seu nome, muitos dos que se julgaram, tinha-os elle vendido, e *tenebatur de evictione.*

Mais se ha de advertir, que em todos estes chamados captiveiros não houve prova alguma, mais que a confissão dos mesmos indios, a qual não é bastante para serem julgados por captivos: *ex multiplici capitulo.*

Primeiro, porque a confissão propria não prova contra o confitente, senão quando o dito confitente é maior: *Ut videre est apud Tancred. de ordine judiciali.* E estes indios por todos os modos, por todos os titulos são menores.

Segundo, porque a confissão feita *per metum, vel fraudem, vel vim non potest nocere confitenti; Ulpian. in l.* 1. § 1. *ff. de quæstionibus, et capitulo* 1. *extra quod metus causa: imo* basta somente, *suspicio fraudis, ut dicta confessio nihil probet, vel operetur; ut probant DD. in l. per diversas, apud Mascard. Concl.* 305 *num.* 4. E a razão é, porque o dolo e a fraude de sua natureza são coisas que se fazem occultamente: *Et ideo non possunt directè probari, sufficitque ut probentur per conjecturas l. dolum ff. de dolo.* E do que acima fica referido, bem

se presume em todas as confissões destes indios, é bem se vê claramente em muitas *esse extortas per fraudem, metum et vim.*

Terceiro, porque *confessio non verisimilis non præjudicat confitenti, ut inquit Baldus in l. siquis in hoc gen. capitulo de episcop. et cleric. et ratio est, quia verisimilitudo continet in se imaginem veritatis, et quod verisimile non est, falsum esse præsumitur, l. non est verisimile ff. quod metus causa l. peculium § 1. ff. de peculio, et multis aliis. Et prorsus nullo modo* é verosimil que nos sertões aonde estes homens foram, houvesse tantos centos de captivos, e muito menos dos que estão atados á corda para ser comidos, os quaes consta serem rarissimos; assim que, o que neste caso é verosimil, é serem tomados injustamente pelos nossos, ou pelos indios, na fórma que acima fica dito.

Quarto, porque a confissão em que se não declara a causa do que se confessa, é totalmente nulla e inutil; e o mesmo é quando *confessio est certa, causa verò incerta, ut docet Mascard. concl.* 387 *num.* 3. *ex Barthol. in l. ornamentorum ff, de aur. et argent.* E nenhum destes indios confessando o captiveiro, explicou a causa delle, e os que deram alguma, foi commum, vaga, e incerta.

Quinto, porque o servo todas as vezes que faz alguma coisa, que resulte em commodo de seu senhor, se presume que foi mandado ou induzido por elle: *Ut communiter DD. in l. de pupillo § siquis ipsi prætori ff. de nov. oper. nunt. quos refert, et sequitur Menochius consil.* 53 *num.* 3 *et* 4.

Finalmente, se deve advertir, que para os sobreditos indios serem condemnados a cinco annos de serviço, para satisfação do preço que se deu por elles, conforme a lei de sua magestade, são necessarias duas coisas: Uma que conste que se deu o tal preço; porque este em muitos dos ditos indios não se prova mais que pelo dito da parte; e n'outros só por confissão dos mesmos indios; sendo certo que muitos foram furtados e tomados, sendo livres, e não se deu preço por elles. A outra coisa, que deve constar, de que os ditos indios fossem antecedentemente

captivos, o que não consta dos autos, mais que na fórma sobredita; e em muitos é tambem certo, que não póde constar, porque é ordinario irem-os captivar os mais poderosos para os vender aos portuguezes, como fica dito: e neste caso tão fóra estão os ditos indios de deverem aos portuguezes os cinco annos de serviço, pelo beneficio e preço de os haverem resgatado, que antes os portugnezes lhes devem a elles os damnos de seu captiveiro e desterro, pois foram occasião de os outros os irem captivar, e tirar de suas terras, sendo livres.

Não fallo nas nullidadés da sentença que se fez no Pará, nem nas falsidades que nella se dizem, allegando as leis de sua magestade, contra tudo o que ellas dispoem; porque supponho que da dita sentença se não ha de fazer caso nenhum, e basta esta lembrança para que se advirtam.

RESPOSTA

QUE DEU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

AO SENADO DA CAMARA DO PARÁ SOBRE O RESGATE DOS INDIOS DO SERTÃO.

Li o papel de vossas mercês, com o sentimento que deve quem é parte da mesma republica, e quem sempre lhe desejou e procurou o seu maior bem, não só espiritual, mas ainda temporal: conforme este zelo direi a vossas mercês tudo o que sinto e posso.

Primeiramente: vossas mercês attribuem as necessidades que padecem á falta somente de escravos; e segundo as noticias, e experiencias que tenho desta terra, é a primeira causa ser ella toda cortada e allagada de rios, com que o commercio humano fica difficultoso, e de grande despeza havendo de ser por mar.

A segunda: irem faltando no mesmo sitio os mantimentos naturaes, que com a continuação do tempo sempre vão a menos, como é pesca e a caça, de que este povo se sustenta, coisa que é impossivel durar, nem permanecer, e que sempre vae sendo mais custosa.

A terceira: a falta de governo politico, não havendo praça, nem açougue, nem outra coisa de venda, ou aluguer, com o que necessariamente cada familia ha de ter o que tem uma republica; porque para a carne ha de haver caçador; para o peixe pescador; para o panno fiandeiras e tecelão; para o pão lavradores; e para os caminhos embarcações e remeiros; fóra todos os outros serviços domesticos.

A quarta: a mudança e guerras do reino, com que necessariamente cresceram os preços a todas as mercadorias de fóra, e deram em grande baixa os assucares e tabacos.

A quinta, é muito notavel: a vaidade, que cresceu grandemente nestes ultimos tempos, não se medindo os gastos, como antigamente, com as despezas, senão com o appetite.

E fóra destas causas publicas, deve de haver tambem outras secretas em alguns particulares, reservadas á sciencia e providencia divina, pois as necessidades que vossas mercês representam, não são geraes em todos; e vêmos que alguns que não tinham escravos, teem hoje muitos, e outros que tinham muitos, carecem totalmente delles, porque lhes morreram por justos juisos secretos daquelle Senhor, que o é da vida e da morte.

Assim que, as necessidades que se apontam, teem tambem outras causas, que vossas mercês podem e devem remediar, como aquelles a quem pertence o bom governo da republica, e a emenda dos abusos della, e as outras industrias por onde se conseguem e facilitam as utilidades do commum.

E vindo ao remedio que se aponta dos escravos do sertão, posto que eu o approvo muito, e o sollicitei com el-rei, insistindo sua magestade em que todos fossem livres, vejo, porém, que o dito remedio por si só não é sufficiente; porque por mais que sejam os escravos que se fazem, muitos mais são sempre os que morrem, como mostra a experiencia de cada dia neste estado, e o mostrou no do Brazil, onde os moradores nunca tiveram remedio, senão depois que se serviram com escravos de Angola, por serem os indios da terra menos capazes do trabalho, e de menos resistencia contra as doenças, e que por estarem perto das suas terras, mais facilmente, ou fogem, ou os matam as saudades dellas.

Isto digo a vossas mercês, como parte, que tambem sou, desta republica, e desejoso do seu bem. Respondendo, como quem tem a seu cargo as missões, digo, que ordena o regimento de sua magestade, que no anno em que houver de ir missão ao sertão, os escravos que se acharem legitimamente captivos, conforme os casos da lei, depois de examinados, se resgatem; e neste particular, se vossas mercês bem lançarem as contas, acharão, que não só alguns annos, como suppõe o regimento, houve missões, mas que foram mais as missões que os annos; porque desde o anno de 1655, em que veio o dito regimento, se fez a missão dos topinambás pelo padre Francisco Velloso; a dos nheengaybas pelo padre João de Sottomaior; a dos pacajás pelo mesmo padre; a dos arvaguizes pelo padre Francisco Velloso; a do rio Negro pelo padre Francisco Gonçalves; a dos carajás pelo padre Thomé Ribeiro; a dos paguis pelo padre Manuel Nunes; e a de Ibiapába pelo padre Antonio Vieira; e agora actualmente está outra no rio das Amazonas, em que morreu o padre Manuel de Sousa, e ficou o padre Manuel Pires; nas quaes missões, e em outras de menos empenho, se teem descido mais de tres mil almas de indios forros, e mais de mil e oitocentas de escravos.

A isto responde o papel de vossas mercês, que, ainda que houve este numero de escravos, que não foram para o povo do Pará, e que se venderam por tão grande preço, que não teem os moradores cabedal para os comprar.

Nisto direi tambem o que tenho obrado no serviço de vossas mercês, e foi, que vindo a este estado o governador D. Pedro de Mello, e pelo zelo que tinha, de que se acudisse ao remedio dos povos, se informou de mim, do modo que podia haver para que os escravos que se fizessem, chegassem a todos; e o que eu lhe respondi, foi, que os escravos se repartissem *pro rata*, por todas as capitanias do estado, conforme o numero de seus moradores, e que o preço porque lh'os dessem, fosse o mesmo que custam no sertão, que na maior carestia do ferro não chega a quatro mil réis; e sendo esta a repartição, e este o preço, vossas mercês foram os que lhes descontentou este modo, e o não quizeram aceitar, nem executar; e como os missionarios nos não mettemos na

repartição dos escravos, nem nos preços d'elles, vossas mercês, parecendo-lhes, podem recorrer neste particular, a quem a decisão delle pertencer, que sem duvida deferirá á necessidade desta republica, e á justiça com que requer se lhe appliquem os ditos escravos, pois ordinariamente se fazem nos rios, que são proprios desta capitania, e com os indios, canoas, soldados e mantimentos della, e por todas as outras razões que vossas mercês costumam allegar. E quanto á missão, em que se hajam de fazer os ditos escravos, estimarei eu muito que seja a primeira que houver, que eu procurarei dispor com a maior brevidade possivel; por quanto neste anno está já intentado o descubrimento do rio Iguassú, em que ha fama está a nação dos topinambás, o qual descubrimento-se ha de fazer pelo rio dos Tocantins; e quando vossas mercês no mesmo rio queiram entrar pelo braço de Araguaya, onde estão varias nações, que se diz teem muitos escravos e a dos pirapés, que se podem trazer para o gremio da egreja, e serviço da republica, tambem se disporá a missão nesta fórma; porque em tudo nos desejamos accommodar, quanto póde ser, ao bem, ainda temporal, de todos. Pará 12 de fevereiro de 1661.

ANTONIO VIEIRA.

REPRESENTAÇÃO

QUE FEZ

O PADRE ANTONIO VIEIRA

AO SENADO DA CAMARA DO PARÁ.

Presentes são a vossas mercês os grandes damnos que nestas capitanias fizeram de vinte annos a esta parte as nações dos nheengaybas, tão visinhas, e tão inimigas; e quanto mais perigosa seria ainda para todo o estado a união destas nações com os hollandezes, como vossas mercês mandaram representar tão efficazmente ao governador D. Pedro de Mello, de que resultou tractar-se da paz não esperada, que Deus quiz se concluisse e assentasse na fórma em que hoje está. Tem-se já saido para cima dos rios nove aldeas de indios, em cumprimento do que prometteram: residem com elles o padre Manuel Nunes, e o padre João Maria, pessoas de tantos talentos, experiencia, e prudencia, por ser necessaria muita para saber grangear aquella gente, e tirar-lhe todas as desconfianças do tempo passado, as quaes não ha duvida que renovaram e acrescentaram muito com qualquer mudança que haja na observancia das leis e condições que lhe foram juradas e promettidas em nome de sua magestade, de que se man-

daram os papeis authenticos ao dito senhor; e no caso (o que Deus não permitta) que esta gente se torne a metter nos matos, e fazer-nos guerra, bem se vê quanto mais se deve temer agora os damnos, que d'antes se temiam, e quão perdidas ficarão as esperanças de se reconciliarem jámais por nenhuma via.

Os indios da serra de Ibiapaba tambem é notorio quanto importa a sua amisade e sujeição, para conservação da fortaleza do Ceará, principalmente em tempo que os hollandezes, com quem tiveram tão comprido trato, tem guerras apregoadas com Portugal, por occasião das quaes guerras, fazendo conselho no Maranhão o governador D. Pedro de Mello, lhe foi respondido por todos os cabos de maior experiencia, que só tendo por si os hollandezes aos ditos indios do Ceará, poderia a campanha daquella cidade ser conquistada, em que consiste toda a sua defensa. Assistem com os ditos indios o padre Pedro Pedrosa, e o padre Gonçalo de Veras: juraram todos em mãos do padre Antonio Vieira, vassallagem a sua magestade, debaixo das ditas leis, que lhes foram mostradas e lidas: a passagem de Pernambuco, por este meio desimpedida, o mar seguro, e o commercio corrente; e tudo isto se perderá faltando-se aos ditos indios com o promettido: lembrando a vossas mercês, que ha alguns entre elles, que sabem ler as ditas leis, e intendel-as como nós.

Os topinambás, nação de quem os conquistadores deste estado fizeram sempre tanto caso, foram trazidos do sertão pelo padre Francisco Velloso, e depois pelo padre Manuel Nunes, e são os melhores companheiros que tem esta conquista, para dominar com elles as outras nações, pela fama de valorosos que teem entre ellas. Ao presente tractamos não só de descer aos que ainda ficaram no rio dos Tocantins, mas de descobrir o rio Iguassú, em que está toda esta nação, que é muito poderosa, e será de grande utilidade para todo o estado; e se os descobridores, que estão para partir, levarem novas de se terem quebrado as leis com que foram descidos os primeiros, julguem vossas mercês os effeitos que esta mudança obrará nos animos dos que estão no mato, e ainda dos que vivem entre nós, por ser a gente entre todas de menos discurso, e de mais barbaras resoluções.

Os poquiguáras, descidos ha pouco tempo pelo padre Manuel Nunes, e pelo padre Thomé Ribeiro, estão juntos e quietos com o padre Francisco da Veiga, e o padre Manuel Monteiro, que os assistem e vigiam. Vossas mercês conhecem quão impaciente é esta nação de viverem fóra das suas terras, quão facil teem o caminho para ellas, e quão magoados estão dos parentes que lhes foram captivados na guerra passada; vieram todos debaixo das mesmas condições e promessa de se lhes guardarem as leis de sua magestade. Se as virem quebradas, quem os ha de ter mão? E que conta dará a Deus de tantas almas baptisadas, quem fôr causa destes damnos, ou quem os não impedir?

O que se tem dito dos poquiguáras, se intende tambem dos catingas, e com muita maior razão, porque estão acima dos tocantins, não só perto das suas terras, mas quasi dentro nellas.

Os bóseas, novamente descidos pelo padre Salvador do Valle, com estarem uma só jornada distante desta cidade, em dois dias se podem passar ás suas terras, como já o fizeram alguns, só com um rumor que se espalhou em certa carta, e de que os padres do Maranhão haviam de ser lançados das aldeas dos indios; e depois de se publicar a verdade do caso, se nesta republica se não fizerem demonstrações muito contrarias a elle, quem terá mão no resto dos bóseas, e nos nheengaybas, que vivem entre nós?

Deixo a consideração dos escravos, que é reparo, que, como mais domestico, não deve dar menos cuidado a toda a republica, que a cada um dos membros della.

No rio Parnahiba está o padre Thomé Ribeiro, e o padre Gaspar Mesel, continuando ambos a conversão dos jurúnas, que começou o padre Manuel de Sousa, e a dos pazaís, que começou o padre Salvador do Valle, e dando principio á dos Nondanos, que são vinte aldeas de lingua geral, que teem promettido descerem-se este anno, e para que se está dispondo missão, tanto em utilidade desta republica, como a vossas mercês é notorio, e o padre João Filippe, estender que reside novamente entre os topyos, para os instruir e baptisar, e para visitar todas as aldêas visinhas, e ir adiantando a fé, quanto lhe fôr possivel, por aquelle grande

rio das Amazonas. O modo de prégar destes missionarios é com o evangelho em uma mão, e com as leis de sua magestade em outra; porque tem mostrado a experiencia, que só na confiança do bom tractamento, que nas ditas leis se lhes promette, e na fé e credito que dão aos religiosos da companhia, se atrevem as ditas nações a sair dos matos, onde geralmente os tem retirado a lembrança e temor das oppressões passadas, crendo atégora, que o patrocinio das ditas leis, e dos ditos padres os defenderiam das ditas oppressões; mas quando agora virem, que nem as leis, nem os padres se defendem a si, como crerão, que os pódem defender a elles?

Finalmente, os arnaquizes, que é uma das mais numerosas nações, de que ha noticia nestas conquistas, já admittiu a egreja, que deixou edificada entre elles o padre Manuel de Sousa antes de morrer: e o maior principal daquella nação mandou cá um seu irmão, que actualmente reside na aldea de Mortigueira, só com o intento de aprender a lingua e de notar se é verdadeiro o trato que lá publicavam os padres que davam os portuguezes aos indios, depois das novas leis de sua magestade. E entre os nheengaybas está um filho do maior principal dos tricujús, nação igualmente dilatada, o qual em nome de seu pae jurou vassallagem a sua magestade com os mesmos nheengaybas, e debaixo das mesmas condições, e é hoje o medianeiro, assim da dita vassallagem, como de todas as outras praticas necessarias a se introduzir a fé na dita nação: e se estes espias da gentilidade, que trazemos entre nós, depois de ouvirem o caso do Maranhão, tão alheio da reverencia e respeito que os gentios teem concebido se deve aos sacerdotes, e ás leis do rei, não virem na republica do Pará umas demonstrações igualmente extraordinarias pela parte da dita recorrencia, obediencia, e observancia, que novas levarão ás suas terras? Que credito se dará jámais aos prégadores da fé? Que caso farão das palavras do rei, nem dos juramentos dos seus ministros? E finalmente, fechada por esta via a porta do evangelho, quem jámais a poderá abrir?

De tudo o referido, que é pateate e notorio, assim como se vê o grande fruto da fé, que nestas gentilidades se vae colhendo

com grande augmento, que póde crescer, e dilatar-se brevemente a christandade, continuando e confirmando-se entre os indios a opinião e credito em que estão, de se lhes haver de guardar o promettido na lei de sua magestade, assim se conhece claramente tambem a total e irremediavel ruina, que se seguirá, não só á christandade e fé das ditas nações, ainda mal confirmadas nella, mas ao mesmo estado, e a todos seus interesses, se com a noticia deste caso se acabarem de desconfiar e desenganar os indios, de que por nenhuma via se lhes guarda, nem ha de guardar o que tantas vezes, e por tantos modos se lhes tem jurado e promettido; sendo certo que os indios gentios, que estão nos sertões, hão de querer sair delles, e que muitos dos já baptisados que teem saido, se hão de voltar para as suas terras; e que os que vivem nas mais visinhas a esta cidade e suas capitanias, hão de justificar a guerra, e continuar com mais justificada vingança as hostilidades e damnos, que antes sem esta nova occasião faziam, que são consequencias de grandissimo pezo, em que muito se deve reparar; além de se impedir de presente e para o futuro a salvação de tantos milhares de almas, que na balança do juiso christão deve pesar mais que tudo, e a paz, e commercio, e o socego domestico, porque não haverá morador que esteja seguro em sua casa, ou fazenda, e ainda se estorvará o resgate das peças, tão desejado, e importante ao maneio de todo o estado, e se seguirão outros infinitos damnos temporaes e espirituaes, que são manifestos.

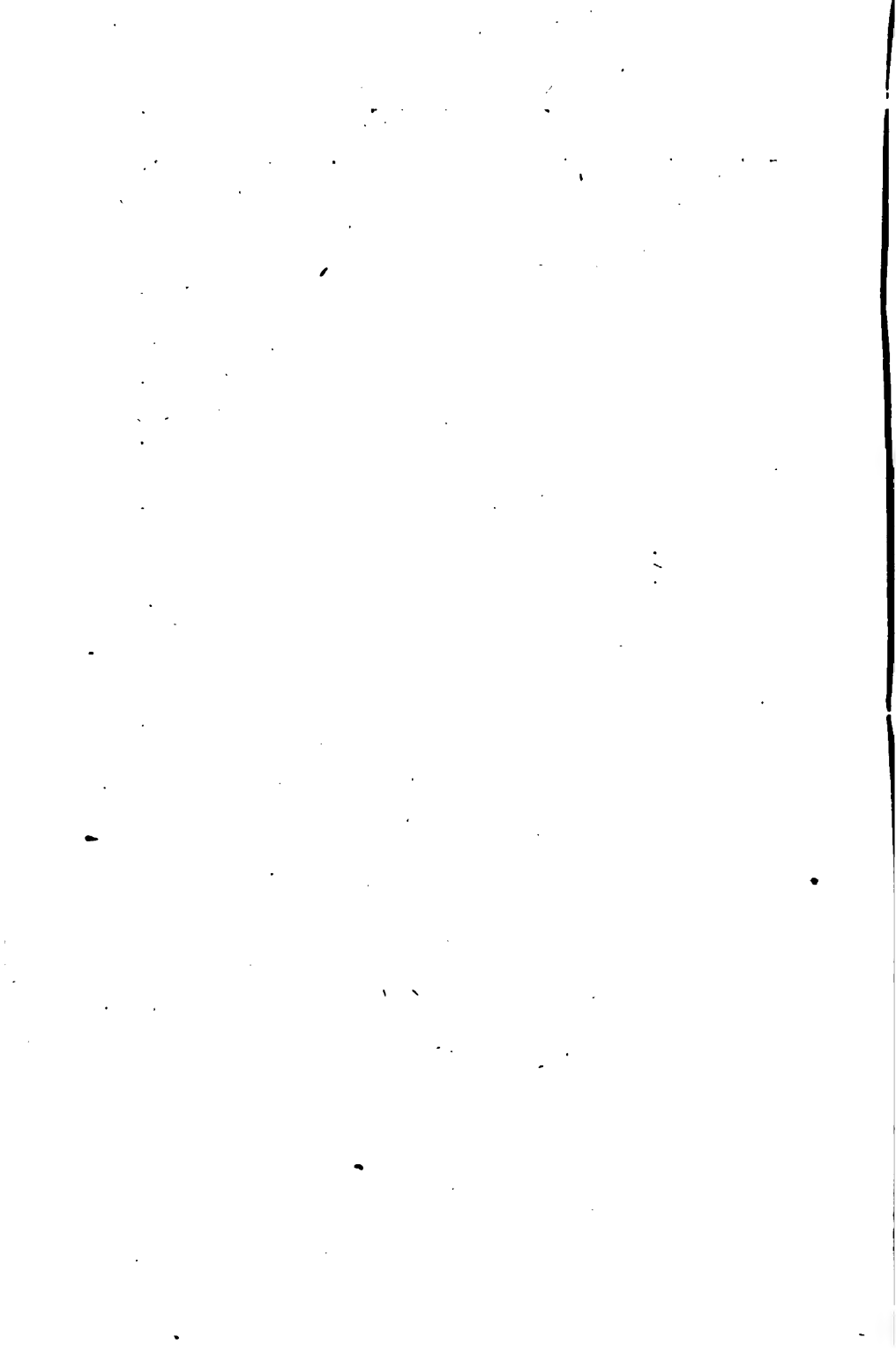
Pelo que da parte de Deus, e do sangue de Jesus Christo derramado por estas almas, e da parte de sua magestade, cuja consciencia está obrigada á conversão dellas, e pela qual encommenda a dita conversão aos religiosos da companhia; e da parte dos ditos indios gentios e christãos, como procurador e curador que é de todos; e da parte da mesma republica, e de todo o estado, requer elle dito padre Antonio Vieira, e mais religiosos, a vossas mercês, que com os olhos postos somente em Deus, e em seu serviço, e na conta estreitissima, que vossas mercês lhes hão de dar muito cedo, e com os corações muito limpos de qualquer affecto, ou respeito particular, considerem todas e cada uma das coisas,

que neste papel se lhes representam, e acudam logo ao remedio de tantos e tão irreparaveis damnos, com o zelo, promptidão, e efficacia que pede a qualidade delles: lembrando a vossas mercês, que este caso está ainda em segredo, e se não tem divulgado, e chegado á noticia de pessoa alguma, com o que será facil dispor todas as coisas e prevenil-as, como fôr mais conveniente, removendo todos e quaesquer impedimentos, que de algum modo possam obstar á paz e quietação da republica, e á inteira observancia e respeito das leis de sua magestade; pois a terra e o povo é pequeno, e são muito conhecidos as pessoas e os animos, e os interesses de cada uma, havendo muitos por outra parte de zelo, valor, e prudencia, de quem vossas mercês se podem ajudar para qualquer execução necessaria a este effeito. E porque é certo, que os moradores do Maranhão teem procurado, procuram, e hão de procurar fazer cumplices do mesmo delicto aos do Pará, mandando a esse effeito cartas e pessoas que occultamente os corrompam e persuadam; importa, e assim o requerem a vossas mercês, que em quanto durar a occasião deste perigo, mandem vossas mercês impedir com toda a vigilancia a communicação e passagem das capitanias do Maranhão para estas, assim como se faz com os logares apertados, para que por meio da dita communicação se não possa pegar o contagio: protestando a vossas mercês, que qualquer falta, descuido, ou dissimulação, que neste caso houvesse, se attribuiria justamente aos maiores, cujo consentimento foi sempre neste estado a causa de todas as inquietações, que nelle tem havido, como vossas mercês teem visto, e a sua magestade é muito patente.

Espera elle dito padre Antonio Vieira, e mais religiosos, do zelo e christandade de vossas mercês, e da grande auctoridade que teem com o povo destas capitanias, e da obediencia e observancia com que o mesmo povo se assignalou sempre em respeitar e venerar as ordens de sua magestade, que nesta occasião se conheça em toda esta republica sua grande christandade e lealdade, de modo que o escandalo do Maranhão se restaure na opinião dos indios e do mundo, pelo exemplo do Pará, e tenha sua magestade muito que agradecer e premiar nestes vassallos, e Deus nosso

Senhor maiores occasiões de lhes fazer mercês: aliás da parte do mesmo Deus, e de sua magestade, protestam por todos os damnos e ruinas irreparaveis, temporaes e espirituaes, que do contrario se seguirem.

Ultimamente pedem e requerem a vossas mercês, façam vossas mercês constar de todo este caso, requerimento, e protesto ao senhor capitão mór Marçal Nunes da Costa, por ser negocio publico, e de tão grande importancia; e de tudo o conteúdo neste papel, e dos mais que offerecem, lhes mandarão vossas mercês passar certidão, para que conste de assim o haverem requerido e protestado. Cidade de Belem 21 de junho de 1661.

ANTONIO VIEIRA.

PETIÇÃO

QUE FEZ

O PADRE ANTONIO VIEIRA

AO GOVERNADOR D. PEDRO DE MELLO.

Diz o padre Antonio Vieira, da companhia de Jesus, superior e visitador geral das missões deste estado, que estando os mais religiosos da companhia embarcados na nau *Sacramento*, e notificados para nella passarem ao reino, o juiz do povo o notificou hontem para fazer a mesma viagem na caravella em que o tem detido: e posto que elle está prestes, e não repugna a fazer a dita viagem, representa a vossa senhoria, que em haver de ser na dita caravella, conforme a dita notificação se lhe faz não só notoria violencia, mas muitas violencias. Primeira; porque sendo elle padre Antonio Vieira superior dos ditos religiosos da companhia, é contra toda a boa ordem, decoro e governo da religião, que o superior seja apartado dos subditos, e os subditos do superior; além de o privarem a elle, e a seu confessor e companheiro da consolação da missa, que não podem ter na caravella. Segunda; porque o obrigam a fazer novas e grandes despezas, sendo muitas e excessivas as que teem feito os ditos religiosos, depois de sairem do seu collegio. Terceira; porque a dita nau vae em direitura a Portugal, e a caravella ás ilhas, com que lhe será ne-

cessario fazer nova viagem, novas dilações e novas despezas, e expor-se a novos riscos; além de que a dita nau está para partir nestas aguas, o que a caravella não póde fazer, por lhe faltar parte da carga, aguada, mantimentos, calafeto, e outras muitas coisas necessarias. Quarta; porque a dita chamada caravella é um barco sardinheiro de Setubal, muito pequeno e sem agasalho, nem commodidade alguma para a passagem e decencia da pessoa do dito padre, que se acha carregado de annos, e de seus ordinarios achaques e enfermidades, a qual incommodidade e aperto se acrescenta mais com a forçosa companhia dos religiosos, que hão de ir com elle. Quinta; porque o dito barco é muito velho, roto e mal apparelhado de tudo, e mal fornecido de gente, e não experimentado no mar; porque para esta viagem se tem mudado de latino em redondo, e por tudo isto incapaz de ir buscar as barras e as costas no meio do inverno, a qual incapacidade é tão notoria a todos, que indo na dita nau *Sacramento* perto de cincoenta passageiros, e muitos delles muito pobres, nenhum houve que se quizesse aventurar a embarcar-se na dita caravella. Pelo que tudo se mostra, que o intento das pessoas que fazem esta separação de navio, ou é para que elle padre Antonio Vieira pereça no mar, contra toda a piedade christã, ou para que não possa chegar a Portugal, senão depois de muito tempo, como os officiaes da camara do Pará mandavam advertir e pedir aos do Maranhão. E porque elle dito padre Antonio Vieira é missionario do summo pontifice, ao qual deve dar conta de sua missão, e do estado destas christandades, para que não falte o remedio espiritual a tantas almas, que sem elle commummente se estão perdendo; e sobre tudo, porque elle padre Antonio Vieira tem negocios e noticias de grandissima importancia que communicar a sua magestade, de que depende a conservação do reino, e das mesmas pessoas reaes, as quaes noticias se perderam com a morte d'el-rei D. João, que está no ceu: e sendo sua magestade advertido disso na occasião das guerras presentes, mandou ordem ao dito padre Antonio Vieira, cuja primeira via communicou a vossa senhoria, para que, ou por via de Pernambuco, ou em direitura, por onde lhe parecesse mais segura, passasse ao reino a

levar-lh'as, o que elle vinha fazer quando a primeira vez veio do Pará, onde lhe não pareceu tão conveniente embarcar-se, pela ruim viagem que fazem ordinariamente os navios que sáem daquelle porto. E por todas as ditas razões, e cada uma dellas, principalmente por esta ultima, convem, e é necessario, não só ao serviço de Deus, e remedio das almas, senão ainda ao bem e conservação da coroa, que elle dito padre Antonio Vieira tenha passagem para o reino na embarcação mais breve e mais segura que se acha neste porto, que é a dita nau *Sacramento.* Pelo que, e porque outrosim chegou á noticia delle padre Antonio Vieira, que perguntando vossa senhoria em camara se o povo obedecia a vossa senhoria, e respondendo o juiz e procuradores della, que sim, replicára vossa senhoria, que o não mostravam em metterem na nau de vossa senhoria, contra sua vontade, aos padres da companhia, e em quererem ainda metter nella ao padre Antonio Vieira; e que esta fôra a causa por que o dito povo não querendo desobedecer e desgostar a vossa senhoria, continuára em o ter a elle na dita caravella, e lhe notificar que vá nella.

P. a vossa senhoria haja por bem, que ao padre Antonio Vieira se dê logar na dita nau *Sacramento* com os outros religiosos da companhia, e que vossa senhoria o declare assim por seu despacho, para que o povo o tenha intendido, e não insista no cumprimento da dita notificação, pois é coisa muito alheia da piedade christã, que havendo logar na dita nau para cincoenta passageiros, e nove delles ciganos, o não haja para o padre Antonio Vieira, religioso, sacerdote, prelado da sua religião, e prégador d'el-rei, e tão aceito a sua magestade, como é notorio; sendo certo que se o dito padre fôra um negro de el-rei, ou um animal destes matos, que se lhe mandára, o haviam de metter no navio mais seguro. Assim o espera da christandade e obrigação de vossa senhoria; e que pois vossa senhoria está em logar de sua magestade, obre vossa senhoria neste caso, o que sua magestade havia de ordenar, se fôra presente. E não protesta pelos damnos espirituaes e temporaes das sobreditas christandades, nem pelos de sua vida e pessoa, nem

pelos da sua religião, e bens della, nem pelos que se pódem seguir ao reino, e ás mesmas pessoas reaes, cuja magestade offende tanto quem lhe procura os meios da ruina, como quem lhe impede os da conservação; porque para a christandade de vossa senhoria, zelo do serviço de sua magestade, e respeito e veneração, que vossa senhoria sempre mostrou a todas as coisas sagradas, entre as quaes teem o primeiro lugar os sacerdotes, não são necessarios requerimentos, nem protestos. E assim o confia o padre Antonio Vieira do senhor D. Pedro de Mello, no que Deus receberá grande serviço, e a religião da companhia particular favor, e elle a mercê que merece a vossa senhoria.

PAPEL

QUE FEZ

O PADRE ANTONIO VIEIRA

PARA SE LER A EL-REI D. AFFONSO VI, NA SUA MENORIDADE, NA PRESENÇA DOS TRIBUNAES DO REINO, POR MANDADO DA RAINHA MÃE A SENHORA D. LUIZA DE GUSMÃO.

SENHOR. A obediencia que a rainha nossa senhora deve aos preceitos d'el-rei, que Deus tem, e o muito que ama a real pessoa de vossa magestade, que Deus guarde, e o desejo de conservar estes reinos, e de corresponder aos vassallos delles, e ao bom animo com que sempre lhe assistiram, foram os motivos que a obrigaram a tomar sobre si o governo, quando o sentimento da sua perda pedia differente resolução; procurou fazel-o á satisfação de todos, sem perdoar ás vigias da noite e aos trabalhos do dia; mas não bastou isto para o conseguir, ou porque Deus quizesse continuar o castigo, ou por outras razões que elle só alcança. E porque crescem as queixas communs, e com ellas o sentimento da rainha nossa senhora, e ainda mais o desejo do remedio, tive

por conveniencia convocar em presença de vossa magestade, que, em falta de côrtes, se representa nos tribunaes, para lhe fazer presente os remedios que tem applicado áquellas queixas, e mais principalmente para lhe ordenar (como ordena) que se aquelles não bastarem, lhe represente com toda a liberdade os mais que lhe parecem convenientes; considerando-se que o seu intento só é acertar no que fôr mais do serviço de Deus e bem destes reinos.

Ha queixa geral de se não administrar justiça com igualdade, e porque esta é a primeira e mais principal obrigação dos reis, e o que a rainha nossa senhora traz diante dos olhos; como ella per si não póde resolver materias contenciosas, e nem ainda o costuma fazer nas graciosas, se resolve a mandar juntar os tribunaes e ministros deste reino para que havendo quem instantemente dê occasião a esta queixa, receba o castigo que merece a sua culpa, e o reino a satisfação que se lhe deve, em tempo que por tantas vias padece.

Queixa-se e desconsola-se tambem o reino, e a rainha nossa senhora com mais sentimento do que se póde declarar, que sendo já os annos d'el-rei nosso senhor bastantes para tomar em seus hombros o pezo de reino, de que a rainha nossa senhora deseja tanto alliviar-se, sua magestade se não tenha applicado ao cuidado e manejo dos negocios, tanto como era necessario, antes deixando-se levar do excesso e do valor, tenha tantas vezes posto em manifesto perigo de vida a successão, donde pendem todas as esperanças destes reinos, os quaes nenhuma outra coisa desejam, e hão mister, como vêr a sua magestade empregado todo naquelles exercicios que mais lhe podem conciliar a graça para com Deus, o amor para com os seus vassallos, respeito e veneração para com os estrangeiros. E pois nos achamos aqui todos presentes, quer a rainha nossa senhora, que peçamos a sua magestade se lembre de si e de Deus, gastando o tempo em exercicios dignos de sua real pessoa e grandeza, encaminhados a ser tão grande rei como Deus o fez, consolando os melhores vassallos que teve rei algum, pois sem repararem ao amor paternal na perda dos filhos; ao desejo de ter, na falta da fazenda; ao gosto de viver, no risco de

perder a vida; dão filhos, dão fazendas e dão vidas, sem outro fim mais que de conservar o nome de vassallos de vossa magestade.

Deve vossa magestade a um Deus tão grande, á consolação de uma tal mãe, e ao remedio de uns taes vassallos, que chegam aos reaes pés de vossa magestade com os corações rotos de dor, desejos nascidos no mais interior de suas almas, de ver a vossa magestade com saude dos achaques de animo, assim como as suas lagrimas a alcançarão de Deus para vossa magestade nas doenças do corpo, que vossa magestade mude os descaminhos por onde anda, e nos livre de sobresaltos em que o desejo da vida e saude de vossa magestade nos tráz continuamente: empregue vossa magestade melhor o seu talento ou generosidade do seu animo, imitando como vossa magestade deseja, as virtudes daquelle rei auctor da nossa liberdade, cujas memorias viverão com saudade eterna nos nossos corações; e fazemos a vossa magestade estas lembranças, porque servir aos reis a seu gosto, consultando-lhes só o gosto, é vicio; mas servindo-os a seu gosto, advertindo-os, é virtude e razão mui propria de portuguezes, que juramos, como temos jurado, humildemente prostrados aos reaes pés de vossa magestade, a maior obediencia, a maior lealdade e a maior resolução de dar as vidas pelo real serviço de vossa magestade.

Não é menor a queixa e sentimento da rainha nossa senhora, de se haverem introduzido no paço, e muito juntos á pessoa d'el-rei nosso senhor, sugeitos de muito inferior qualidade, costumes, e conselhos, que parece estarem estabelecidos no poder que teem tomado, sem excepção, e desunião entre os grandes, a divertirem a natural benignidade d'el-rei nosso senhor, a fim de seus interesses, persuadindo-lhe sempre necessarias as suas pessoas para conciliar os animos de seus vassallos, e para os pôr á sua obediencia, e estorvando e perturbando com a sombra de vossa magestade o bom governo do reino, e juntamente commettendo de noite e de dia os delictos que com tanto escandalo são notorios nesta côrte, que se el-rei nosso senhor os soubera, todos castigára com muito rigor, atrevendo-se a intentar descreditos contra a magestade, e até no sagrado com discursos indignos de toda a

imaginação; contra o decoro da fé, do sangue, do amor, do respeito, e da unica e devida adoração, que só está na real pessoa de vossa magestade.

Como esta queixa é a maior, e a que involve em si todas as outras, porque se falta com ella mui principalmente á justiça, e é a principal causa dos divertimentos d'el-rei nosso senhor, e a que muito perturba a paz, e póde perturbar muito mais gravemente ao diante o socego commum do mais interior e sensivel do reino, cessará apresentando-a a rainha nossa senhora com tôda a instancia por parte dos ministros que se acham presentes, e por outros que o não estão, e por pessoas zelosas do serviço de Deus e bem do reino. Convem muito atalhar este damno, demais de outras razões, para aplacar a ira de Deus, que nos castiga tão severamente pelas culpas de que estes insolentes são causa; e assim convem que a dita senhora tire de junto da pessoa d'el-rei nosso senhor similhantes sugeitos que nos poem a côrte em maior perigo que os castelhanos nas fronteiras, porque estes, quando muito, nos tiram as vidas, mas est'outros nos tiram as vidas, a reputação, o favor e a misericordia infinita de Deus.

Conformando-se a rainha nossa senhora com o melhor sentir que tantos e tão leaes e grandes ministros e vassallos teem mandado executar, assim o quiz fazer saber a todos os tribunaes juntos, para que o tenham assim intendido, e por elles todo o reino, da estimação que sua magestade faz e fará sempre do zelo, advertencia e conselho de seus vassallos; e certificando-se melhor do grande desejo em que a rainha nossa senhora está de satisfazer á obrigação da sua consciencia na regencia deste reino, que está commettido á sua conta e disposição.

Senhor: isto que tenho referido, o mais breve que pude, não é meu, nem ainda em palavras, e, como tenho dito, é só dos ministros que zelam a conveniencia e a vida de vossa magestade, e bem do publico, que os obrigou a fazer esta represenção á rainha nossa senhora, e são tudo coisas tão conformes á razão e justiça, de que vossa magestade é tão zeloso, que esperamos todos mui confiadamente do juiso de vossa magestade, e da sua clemencia, e da inclinação que todos conhecemos em

vossa magestade por melhor, do muito que aborrece a lisonja, e estima a natural e liberal inteireza dos ministros, que não só approva o que com tão boas considerações está disposto, mas que conhece com igualdade o socego do seu real animo, a boa intenção e cordeal amor com que aconselhou e obrou o reino, para remedio de tão grandes e leaes vassallos, a quem zelamos prostrados humildemente diante do real acatamento de vossa magestade, que Deus guarde, como lhe pedimos.

PARECER

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

SOBRE SE RESTAURAR PERNAMBUCO, E SE COMPRAR AOS HOLLANDEZES. ANNO DE 1647.

SENHOR. Conforme a ordem de vossa magestade vi os papeis inclusos, com o parecer do marquez de Montalvão, conde de Alegrete, e doutor Francisco de Carvalho, que me pareceu muito acertado: tambem vi os avisos de Gaspar Dias Ferreira, alguns dos quaes podem servir para elle, e para outros negocios; mas como um e outro papel foi escripto em julho de 1645, neste espaço de tempo se mudou o estado das coisas de maneira, que é necessario discorrer muito differentes supposições; e assim ajudando-me das noticias mais proximas de Hollanda, e das mais geraes e mais certas que tenho do Brazil, direi o que me parecer ácerca de cada um dos pontos desta materia, que para maior distincção reduzo a cinco: 1.° Como se ha de introduzir a pratica da compra: 2.° Que praças havemos receber dos hollandezes; em que fórma, e que preço lhes havemos de dar por ellas: 3.° Que effeitos hão de dar suavemente este di-

nheiro: 4.º Com que fiança se ha de segurar em quanto correrem os prazos; que composição ha de haver nas dividas dos homens de Pernambuco: 5.º Como se ha de introduzir a pratica da sua compra.

A maior difficuldade deste negocio e tratado é a abertura; porque intentando-se muitas vezes pelos nossos embaixadores, e pelos de França, nunca os ministros de Hollanda deram ouvidos a similhante pratica; mas como naquella republica tudo é venal, intendemos, que maior conhecimento de seus ministros; e alguns delles chegaram a significar, que o caminho que se póde ter neste negocio é comprar a mesma compra; e assim, o primeiro e principal fundamento sobre que se ha de obrar, é ter vossa magestade em Hollanda 400 ou 500 mil cruzados com que comprar as vontades e juisos dos ministros mais interessados e poderosos; porque como intendem pelas circumstancias presentes, que lhes está melhor a guerra, que a paz com Portugal, só a força do interesse particular os poderá reduzir a que não attendam á utilidade do commum.

Este dinheiro ha de estar, ou em ser, ou em o banco de Amsterdão, ou em creditos de mercadores seguros e abonados; e este segundo meio tenho por melhor, porque com qualquer movimento dos que póde occasionar a condição da paz ou da guerra, não correrá perigo o dinheiro; e para que se não dispenda sem effeito, as promessas serão todas condicionaes, posto que seguras; e não se entregará coisa alguma, senão depois de effectuadas, concluidas, e firmadas as capitulações, e se se podesse reservar parte para depois de concluida a entrega, será util a segurança e a brevidade. As pessoas com que se ha de tractar este negocio, não hão de ser só os estados, senão tambem as cabeças das comarcas e companhias; porque nem os estados sem consentimento das comarcas hão de concluir coisa alguma, nem as comarcas sem os estados teem auctoridade; assim que, uns e outros se hão de procurar e reduzir a nossos intentos, e os que forem mais poderosos para obrar ou impedir.

O perigo do segredo não é tão grande como se representa, por quanto o tractar com vossa magestade da restauração de Pernam-

buco por este meio de compra, é coisa tão sabida em Hollanda, que ha mais de um anno que se pratica e discorre sobre ella na bolsa de Amsterdam, como sobre outro qualquer contracto publico: e quanto á negociação particular com que se hão de ganhar as vontades dos ministros, claro está que se não ha de fallar a nenhum delles abertamente; senão depois que se tiver antecedente intelligencia de haver de acceitar o offerecimento; no que póde ser bom mediador para o secretario Musê, e alguns estados mais confidentes, *ainda que* são poucos, os quaes disporão os da sua *parcialidade*, e nos avisarão do seu animo; e introduzido o negocio por estes termos, mais corre o segredo por conta dos mesmos ministros que pela nossa, pois não só arriscam o interesse, mas a opinião e officios; e se alguma coisa ha que podia occasionar a murmuração, e fazer-se suspeitosa com os hollandezes, seria a mesma remessa de dinheiro que se ha de enviar em tanta diffusão, e os effeitos em quantidade: pelo que se deve fazer com cautella, e remetter-se com algum titulo supposto e provavel, como de levas de gente, compras de navios e de cavallos, em que, para maior disfarce, o embaixador e o agente de vossa magestade se podiam pôr em preço com os corretores destes generos, e depois de *introduzida a opinião*, descontar-se.

Quem por nossa parte ha de dispor e tractar o negocio, parece coisa sem duvida haver de ser o embaixador Francisco de Sousa Coutinho, por seu officio, experiencia e assistencia, e á sua disposição se deve deixar a eleição das pessoas e quantidade das promessas, com a obrigação somente de avisar, e não esperar resposta de vossa magestade, quanto a esses particulares, por se evitar a dilação que em todos os negocios é tão damnosa, principalmente nos desta qualidade que dependem de tantas vontades, e são livres, e de tantas outras circumstancias que cada hora as podem variar; e finalmente de quem se fia a substancia do negocio, parece se não devem desconfiar os accidentes, os quaes melhor se podem julgar, onde se vêem e apalpam, que instruirem-se de longe, só por informações e conjecturas.

Que praças havemos de receber dos hollandes, e em quê e por que preço.

As praças que nos hão de entregar os hollandezes são as de Pernambuco, Paraiba, Tamaracá, Rio Grande, ilha de Fernão de Noronha, e todas as outras que pertencem ás terras ou mares do Brazil.

Da mesma maneira as praças de Angola, Benguella, S. Thomé, e todas as mais que os hollandezes houverem occupado desde o dia da acclamação de vossa magestade, assim nas ilhas, como nas terras firmes de Guiné e Angola; com declaração que o mesmo se intende de qualquer outra praça pertencente ás mesmas terras e mares, que antes ou depois das capitulações firmadas se occupassem, ainda que nellas se não nomee, nem dellas haja noticia. Tambem se podia e deve pedir a restituição dos navios que depois da publicação da paz ou das tregoas, se nos tomaram pelos hollandezes em todos os sobreditos mares, e satisfação dos damnos dos que fizeram derrotar e dar á costa, não para que se insista no effeito desta restituição, mas para com ella justificar mais a nossa causa, e recompensar outras similhantes perdas e damnos, que por parte dos hollandezes se nos podem pedir.

A fórma em que se entregarão as praças será: fortificadas como ao presente estiverem com toda a sua artilheria, armas, munições e mais petrechos de guerra.

Assim mesmo entregarão todos os bens moveis pertencentes aos portuguezes (que se forem prisioneiros por qualquer causa serão livres), e a quaesquer outros ausentes, e para isso e tudo o mais se nomearão deputados de todas as nações.

Os hollandezes sairão com todos os bens que tiverem, e os soldados com as suas armas; e porque alguns hollandezes estão casados com mulheres portuguezas, e outros são lavradores e mercadores, póde entrar em consideração se acaso pedissem partido de ficar alli vivendo como naturaes naquellas terras, se lhes devia conceder em o limitado de cem até duzentos entre todas as capitanias? Parece que não ha inconveniente, antes utilidade, pela falta de povoadores portuguezes, segundo a largueza

da terra, principalmente porque já hoje não tem logar a razão por que os senhores reis passados não queriam admittir estrangeiros naquellas partes, que era por não alcançarem noticia das entradas e saidas dos nossos portos, em que elles hoje são mais praticos que nós; e pois em todos os portos de Portugal se admittem a viver estrangeiros, e se convidam com privilegios, não parece ha razão de inconveniente, para que se não hajam de admittir no Brazil, onde temos tantas terras incultas e inuteis por falta de habitadores.

Tambem poderá ser que os hollandezes repugnem o deixar toda a artilheria das praças, por ser muita; ou que nos peçam por ella demasiado preço: em tal caso parece que nos devemos contentar com ametade da artilheria, por ser essa a que nos basta para defensa das praças, pois é certo que não havemos conservar nellas todas as fortalezas que os hollandezes sustentavam, assim pelos gastos dos presidios, como principalmente porque elles além das fortalezas maritimas, tinham muitas interiores, que as defendiam ao largo pela parte da terra, das quaes não necessitamos por sermos senhores della, e não haver quem por alli nos possa offender.

Finalmente, se deve procurar, que neste mesmo tratado se capitule a ratificação do contracto que estava feito sobre Ceilão, e se nomeem os arbitros, que hão de julgar o territorio de Galle, porque ainda que não pertença á companhia occidental, é assento que se tomou com os estados, e póde entrar como uma das circumstancias.

O preço que havemos de dar aos hollandezes por todas estas praças na fórma dita, parece que deve ser até á quantia de tres milhões, pagos em 500 ou 600 mil cruzados em cada um anno, uma parte em dinheiro, e a outra nos generos que logo se apontarão.

De que effeitos se ha de tirar suavemente este preço.

Com os arbitrios de Gaspar Dias, me não conformo pela maior parte para a contribuição, porque de mais de serem muitos, são incertos; são pezados, e não são sufficientes.

São incertos, porque suppõe que no Brazil haverá 50:000 escravos, e são a 3.ª parte menos. Suppõe que ha trezentos engenhos, e não haverá mais de duzentos, e desses os 170 são engenhos do Rio de Janeiro, ou engenhocas, como lá lhes chamam, tres dos quaes não igualam na fabrica nem no rendimento um engenho pical. Suppõe que dará o estado do Brazil 40:000 caixas de assucar macho, e entre todas serão só 25:000 hoje, e nos annos proximos passados poderão arribar a 30:000. Suppõe que os navios que carregam no Brazil trarão 18:000 toneladas, e não trazem 12:000; e a mesma incerteza se ve nos rendimentos dos dizimos, e redizima de Pernambuco e suas capitanias, que por estarem hoje muito desbaratadas, é força que tenham muito consideravel diminuição.

São mui pezados os mesmos arbitrios, sobre serem tantos, que não é pequena carga e molestia: nelles se tira ametade dos salarios aos ecclesiasticos, que por serem porcionistas, apenas teem a congrua sustentação, quando se lhes paga tudo. Quer que cada senhor de engenho pague 80$000 rs., e de cada negro 4$000 rs., com que virá a pagar mais de mil cruzados em dinheiro; que é tributo consideravel e intoleravel nas fazendas de tão excessivo gasto, que muitas vezes não alcança a receita á despeza, e quasi a mesma razão de gravame corre nos lavradores.

Tambem os direitos das praças de Angola, que de antes eram só de 4$000 rs., subidos a doze, quatro na venda, quatro na saida, e quatro na entrada, é demasiado preço, e principalmente que veem a cair sobre os moradores do Brazil, que não devem ser carregados e sobrecarregados com estes tributos, quando pagam outros, e tão grandes. Finalmente, não são os ditos arbitrios sufficientes, porque abatidas as quantidades das que se suppõe, e reduzidas a seu verdadeiro numero, vem a diminuir a quantia dos effeitos mais da terça parte, além das quebras ordinarias, que vem a ser outro tanto; e as rendas que recencêa, não são bastantes a acudir á metade dos gastos do estado, os quaes ainda que depois da composição hão de ser menos, sempre hão de haver competentes presidios nas nossas fortalezas, que hoje são muitas, e então serão mais.

Pelo que me parece que a contribuição mais suave, mais certa e mais igual com que se póde tirar com largueza o preço necessario aos pagamentos de cada anno, são os quatro effeitos seguintes:

PRIMEIRO EFFEITO.

O primeiro effeito é tirado dos direitos dos negros de Angola nesta fórma: *Que por cada negro que vier a vender do sertão*, se pagará 2$000 rs. de direitos na mão do primeiro comprador, ou como parecer mais conveniente; que em 8:000 negros monta este dinheiro 40 mil cruzados.

Que todo o negro que navegar para o Brazil pague, como pagou sempre, 4$000 rs. de saida, e de entrada não pagará nada, como nunca pagou, por não carregar mais aos homens do Brazil; em 4:000 negros monta este dinheiro 40 mil cruzados.

Que toda a pessoa de Indias, que se tirar de Angolas, pague, como sempre pagou, 7$000 rs. dos direitos de Portugal, que em outras 4:000 pessoas são 70 mil cruzados.

Que toda a pessoa que navegar para Indias, pague 10$000 rs. de direitos pelos de Castella, que eram 62 patacas e meia, as quaes hoje na moeda de Portugal fazem 30$000 rs.; com que este dinheiro vem só a ser a terça parte do antigo; e só monta nas ditas 4:000 pessoas 100 mil cruzados. Só resta mostrar como se hão de navegar estas pessoas para as Indias, e como se ha de pagar este dinheiro não havendo pazes: digo que assim como vossa magestade permitte que nas fronteiras de Portugal se abram aduanas para o commercio de Castella, assim há de vossa magestade dar licença que Pernambuco, ou Maranhão, que são portos mais accommodados á navegação de Angola ou de Hespanha para as Indias, seja escala livre, onde os castelhanos ou outras nações amigas ou neutraes, possam ir comprar negros, e navegal-os, pagando os ditos 10$000 réis, ou mais se parecer de sacca; e os que os quizerem ir comprar a Angola, pagando lá o mesmo direito sobre o ordinario, o possam fazer, de que se tiram tres consideraveis proveitos.

O primeiro, a restauração de Pernambuco, ou crescimento do Maranhão, que será grande com este commercio. Segundo, poder-se tirar muita prata aos castelhanos; porque póde vossa magestade pôr uma lei, que os navios que não forem portuguezes não possam commerciar alli senão com patacas. Terceiro, segurar com isto Cabo Verde, S. Thomé, Angola, e todos os outros logares donde se tiram escravos, cuja falta e necessidade é força que obrigue aos castelhanos a tractarem de nos tomar alguma praça. Monta todo este effeito dos direitos dos negros em 250 mil cruzados.

SEGUNDO EFFEITO.

O segundo effeito se ha de tirar dos assucares, nas tres partidas seguintes:

1.ª *Partida.*

Que aos homens do Brazil se lhes dê rebate á vintena, pois cessando a guerra e diminuindo-se os presidios, não será necessaria; e que em logar della paguem em quanto durar este emprestimo todos os senhores de engenho e lavradores de canas, a decima de todos os assucares, e o que fizerem em este assucar, terão obrigação de o entregar secco, e encaixado nos portos da Bahia e Rio de Janeiro, onde os navios desta carreira, conforme as toneladas de cada um, serão obrigados a os carregar e trazer por conta e risco de vossa magestade, livre de fretes e avarias. E este é o tributo que suppõe aos navegantes pela utilidade que desta restauração recebem, e se lhes tira sem desembolso algum, pelo modo mais suave, e mais igual que se póde descobrir.

Estas decimas dos assucares do Brazil virão a ser 2:500 caixas, que fazem 50 mil arrobas, as quaes vendidas neste reino a cinco cruzados, que é um preço muito moderado, e que nestes primeiros annos não podem deixar de valer, e de que nem podem baixar, vem a montar 250 mil cruzados.

E ainda que este tributo parece grande, considerados os damnos que com elle se evitam, e as ultilidades que com elle se conseguem, não será pesado aos homens do Brazil; porque além de

remirem das mãos dos nossos inimigos, e da fé, uma tão principal parte daquelle estado, seguram a navegação dos seus assucares, e a maior parte dos que em outro tempo iam para Hollanda; libertam seus portos, com que possam entrar os navios do reino, e comprar mais baratas as drogas delle; terão escravos de Angola em abundancia, e por preços muito accommodados; conservarão o valor do assucar, que não se divertindo a outra nação, sempre será grande; e sobretudo se livrarão dos riscos que estão ameaçando todas as nossas conquistas, se nos embaraços da guerra com Castella continuar a de Hollanda. E quando nesta contribuição, por não lavrarem todos o assucar, se conheça alguma desigualdade e repugnancia dos povos, as comarcas de cada capitania applicarão meios proporcionados, com que a decima effectivamente se consiga, e os lavradores recebam da outra parte do povo aquillo em que se julgarem mais carregados.

Tambem se ha de advertir, que como esta decima se paga, não em dinheiro, senão na mesma especie do assucar, não fica por isso impedindo-se pôr nelle outros tributos, porque aquelle nem levanta, nem lhe abaixa o preço.

2.ª *Partida.*

Que toda a arroba de assucar que entrar nos portos deste reino, pague outrosim de direitos ordinarios pelo branco 150 rs., e pelo mascavado 100 rs., que em 25:000 caixas, abatidas as 25 arrobas de branco, que vem por conta de vossa magestade, entrando a panella a 50 rs., montam 15:000 caixas com 300:000 arrobas do branco 112 mil cruzados. Por 5:000 caixas com 1:000 arrobas de mascavado 25 mil cruzados, o que tudo junto vem a sommar 144 mil cruzados.

Este tributo toca mais de perto aos mercadores, os quaes o não devem ter por pesado pelos grandes interesses que delle lhe resultam, na maior largueza e segurança do commercio, e sobretudo pelo valor e reputação em que se ha de conservar o assucar, ficando o estanco delle em Portugal, que é considera-

ção que deve facilitar muito, não só este direito, mas qualquer outro que sobre o assucar se pozesse; porque se quando a arroba de assucar se vendia em Portugal por 1$200 rs., se pagavam os direitos ordinarios, hoje que se está vendendo a rs. 2$080, e se ganha no assucar cento por cento, e mais, porque se não pagará um direito extraordinario? Principalmente sendo tão moderado, e por tempo limitado, e para fins de tanta utilidade para o mesmo commercio.

3.ª *Partida.*

Que toda a arroba de assucar que sair dos portos de Portugal, pague de sacca proporcionadamente o mesmo direito extraordinario da entrada, que em 22:000 caixas (porque se dão para os gastos do reino até 3:000 caixas) montam 140 mil cruzados.

E não pareça que se carrega demasiadamente o assucar; porque este direito dos saccos propriamente não o paga o reino, cáe sobre as nações estrangeiras, onde se vae vender, que é modo de tributo mui usado em outras partes, onde se estranha não se haver introdusido em Portugal, pela muita facilidade e utilidade delle: e quem considerar que em França e Hollanda paga o vinho e a cerveja, e outras coisas usuaes, maiores direitos do que ellas valem, não terá este por immoderado.

Monta todo este effeito do assucar, e nas 3 partidas, 504 mil cruzados. Para os presidios do Brazil, e mais gastos daquelle estado, se deixam reservados os dizimos, e os direitos dos vinhos, que é sufficiente consignação para o numero da gente de guerra, que então será necessaria, como se viu em tempo de Diogo Luiz de Oliveira, e do conde de S. Lourenço, em que na Bahia não houve tanta infanteria como hoje, e não é mais da que então ha de haver nas mesmas partes.

TERCEIRO EFFEITO.

O terceiro effeito é no pau Brazil, que em 10:000 quintae

dados aos hollandezes neste reino a preço de 5 mil réis, que é moderado, dão de si juntamente 125 mil cruzados. Estes 10:000 quintaes de pau do Brazil, se hão de fazer 6 mil em Pernambuco, e 4 mil em Porto Seguro, e os custos assim de cortar, como dos carretos, até se pôr nos portos da Bahia e Recife, que não excederão a quantia de 12 mil ou 14 mil cruzados, se repartiram pelos moradores de todo o Brazil, que não forem lavradores de assucar, nem mercadores, por estes estarem carregados com outros tributos.

Do Brazil a Portugal trarão tambem este pau os navios da carreira, e não é pensão consideravel, que o hajam de trazer gratuitamente, porque lhes serve de estivar o porão, e arrimar a caixaria.

E não se aponta maior numero que o de 10:000 quintaes de pau Brazil, porque é quantidade que costumavam tirar os contractadores, e o que póde ter gasto, e se fôr mais abaterá o preço muito; mas quando os hollandezes queiram receber mais e maior quantia, se lhes poderão dar até 15:000 quintaes do dito pau Brazil.

QUARTO EFFEITO.

É o estanco do sal dado na fórma do papel que vossa magestade mandou consultar, ou em outra que se ajustasse, mas sempre com preço feito, e numero certo, pela baixa que póde dar, não tendo mais que uns compradores; e porque se não tire mais quantidade da que nos póde estar bem, attendendo ao futuro.

Montará este estanco 125 mil cruzados, porque estando eu em Hollanda, se offereceram por elle 100 mil cruzados no primeiro dinheiro; e não ha que receiar que as nações estrangeiras se escandalisem deste contracto, porque nós não o temos feito com alguma dellas de lhe dar sal; e quando houvera algum empenho, se poderá fazer resenha do numero dos navios que parecesse; e em vender o que é nosso, como melhor nos estiver, não fazemos injuria a ninguem; e se nós nos não offendemos dos estados das outras nações, porque se hão ellas de offender dos nossos, principalmente quando o fazemos por tempo limitado,

e por uma causa tão justificada, e que redunda tanto no bem universal de toda a Europa! e tirando estas duas drogas que cá tivemos por nos remir, deixamos livres a todo o mundo todas as outras do Brazil e India.

Antes devem considerar as nações estrangeiras, que em nenhuma parte do mundo teem menos razões de escandalo que em Portugal; porque nas outras partes nenhum estrangeiro póde negociar, nem exercitar arte com botica aberta; e não só pagam os tributos dos naturaes, mas se lhes impoem outros extraordinarios, por lograrem o fructo das terras alheias, usando-se o contrario em Portugal nos seus portos e cidades, com serem as mais accommodadas de toda a Europa para o commercio, aonde se trafica com maior utilidade, que não só teem liberdade os estrangeiros para exercitar qualquer genero de mercancia, ou arte, com tenda aberta, nem só não são gravados com tributos particulares, mas nem com os ordinarios que pagam os naturaes; de todos são isentos, tendo maiores privilegios os estrangeiros em Portugal que os filhos. Singularidade em que muito se deve reparar, e que pelo tempo adiante se póde remediar sem grande prejuiso do reino.

Assim que, por respeito das outras nações, não devemos negar aos hollandezes o estanco do sal, antes é bem que se lhes conceda este, e o de pau Brazil, principalmente não se lhes havendo de dar assucar, como logo se dirá; para que os interesses que destes estancos lhes podem resultar, os obrigue e convide a virem na composição que se deseja.

A gente com que tractamos é uma companhia de mercadores, que não só lançam conta ao que hão de receber, senão tambem aos avanços que d'ahi podem tirar, e quanto estes forem maiores, tanto mais facilmente se reduzirão a concerto, e o farão por menos preço; e a este fim de tal maneira devemos attender ás nossas conveniencias, que não se estorvem, antes se ajudem as suas, porque de outra sorte não se conseguirá nada.

Montam estes effeitos na fórma que se propõe, um milhão e 34:000 mil cruzados.

Os quaes effeitos, considerados todas as circumstancias; pa-

rece que são os mais accommodados que se podem arbitrar, por concorrerem nelles as qualidades todas, que podem fazer acceitavel, e ainda leve, uma carregação tão odiosa como a de tributos.

Porque primeiramente são estes effeitos muito certos pela moderação com que se assignam os preços e as quantidades dos quaes, ainda na maior quebra, não poderão deixar diminuição consideravel: pela mesma causa são effeitos de um milhão, havendo de ser os pagamentos de 500 até 600 mil cruzados, acudindo-se á fallencia, que communmente se experimenta nos arbitrios, e ainda os mais bem fundados, em que a pratica nunca se ajunta com a especulação, e assim se dão 400 mil cruzados de quebras, para o que póde occasionar a contingencia das necessidades, das navegações, dos preços, com que fiquem sempre seguros, firmes, e effectivos os 600 mil cruzados.

De suave tem tudo o que com o nome de tributos se compadece, porque o modo da arrecadação é muito facil, sem violencia alguma. Os generos são só quatro, e os dois delles, que não offendem, nem pertencem a ninguem, que são o sal, e o pau do Brazil. Finalmente, são effeitos em que o que se recebe é mais de um milhão, o que se tira em substancia não chega a 300 mil cruzados; porque a decima do assucar no Brazil valerá 100 mil cruzados. O pau Brazil 12 mil cruzados. Os direitos dos 2 mil réis em Angola 40 mil cruzados; e da entrada dos assucares em Portugal 144 mil cruzados, o que junto vem a montar tudo 299 mil cruzados, e tudo o mais são direitos antigos, e como naturaes dos mesmos generos causam augmentos industriaes, com o concurso dos vassallos quasi insensivel.

E sendo que a fazenda de vossa magestade tem desta composição grandes consequencias presentes, e muitas maiores para o futuro; não só não concorre, nem fica carregada nas contribuição della, mas recebe no mesmo tempo augmento de 400 mil cruzados. Duzentos mil, que hão de crescer dos direitos de Pernambuco, que em outro tempo eram, e serão mais de 400 e 800. E duzentos mil das intradas e saidas, que hão de vir a

este reino para navegarem para Pernambuco e Angola. Para se aceitarem e conseguirem promptamente estes effeitos, se devem observar algumas advertencias que são:

Primeira; que vossa magestade, de sua real palavra, mande fazer uma lei (se fôr necessario) em que se dê toda a segurança aos homens do Brazil, e mais comprehendides neste tributo, de que não durará mais annos do que aquelles que forem necessarios para o desempenho deste resgate. Segunda; que a cobrança destes effeitos, nem a despeza delles, corra pelos ordinarios ministros da fazenda de vossa magestade, senão por procuradores das camaras ou communidades, a que cada um pertencer, eleitos por ellas mesmas, por evitar a ordinaria desconfiança e ciume que teem os povos, de que as contribuições que vão para um effeito, se applicam e divertem a outros. Terceira; que aos hollandezes se não deve prometter assucar algum, porque não sendo Portugal senhor de todo o assucar, não se poderá conservar no valor que tem estes annos, sem o qual ficaria demasiadamente carregado, e não se poderia tirar delle os dois tributos que lhe acrescem. Quarta; que os navios da carreira do Brazil por occasião das caixas que hão de trazer gratuitamente, seus mestres não levantem o preço das toneladas; porque seria eximir-se por esta via da parte que lhes toca da contribuição, e carregarem sobre os lavradores do Brazil e mercadores, com offensa da igualdade que se pertende. Quinta; que a quantia do dinheiro que se houver de pagar aos hollandezes seja pelo preço da nossa moeda, que diminue em Hollanda a 18 e 20 por cento. E quando se não possa conseguir, seja ao menos de maneira que, assim como nós pagamos pelo preço da moeda de Hollanda, o que consentirmos dar em dinheiro, assim elles nos pagem pelo preço da sua moeda, o que consentirem dar pelos dois estancos de sal e pau Brazil, para que se recompense, ou modere em sua parte, o que se perder na outra.

Com que fiança se hão de segurar os pagamentos, em quanto correm os prazos.

Uma das maiores difficuldades deste negocio, são as fianças do dinheiro; porque como este se não ha de acabar de pagar, senão em espaço quando menos de seis annos, parecer-lhe-ha aos hollandezes que entregar sem receber é dar o certo pelo duvidoso; e como pela maior parte são inimigos nossos, acrescentam esta duvida com discursos menos affeiçoados, que fazem sobre a firmeza da nossa conservação; e geralmente para que os pagamentos que promettemos se tenham por mal lançados, basta saber-se, que Portugal é um reino que está actualmente em guerra, e do mais rico e opulento, se póde duvidar que tenha cabedal bastante para sustentar os gastos della, quanto mais para pagar no mesmo tempo sommas tão consideraveis de dinheiro, como as que pede a compra da metade de um tão grande estado, e tantas praças de outros; assim que é certo que os hollandezes não hão de vender, e muito menos entregar, sem fianças muito abonadas e seguras, assim de toda a quantia do dinheiro, como da pontualidade dos pagamentos.

Em uma instrucção particular do embaixador de Hollanda, me parece, se diz, el-rei de França pedíra o ser fiador desta compra; mas os hollandezes não são tão mal seguros nos seus interesses, que hajam de aceitar fiador, a quem não possam obrigar. Com refens se costumam muitas vezes segurar similhantes contractos, mas os penhores deste genero nas circumstancias presentes, além das duvidas acima referidas, levam comsigo a dúvida, que nem em Portugal ha hoje pessoas das que possam ir a Hollanda, em cuja presença ou resgate se haja de ter lá por segura a satisfação de tão grande divida; pelo que será necessario usar de um de dois meios.

O 1.º e o que a nós mais nos convem, e o que os hollandezes melhor aceitarão, é que os mercadores portuguezes tomem sobre si a obrigação e fiança de fazerem estes pagamentos, não por suas pessoas, que nelles corre a mesma duvida, mas em cabeça dos moradores de Hollanda seus correspondentes, os quaes

mercadores de Hollanda se obriguem a pagar, como fiadores, e principaes devedores, nos mesmos tempos, em caso que de Porgal se falte á dita satisfação.

Se o reino estivesse em paz, não fôra difficultoso alcançar dos mercadores esta fiança; mas como os successos da guerra são varios, nenhuma coisa está mais sujeita a seus accidentes que o commercio; para vencer este temor em uns e outros mercadores, será necessario usar dos meios, com que os homens se costumam animar a emprehender as coisas arriscadas. Estes poderiam ser comprar vossa magestade este seguro a um preço acommodado, de tanto por milhar, fazer algumas mercês, e dar privilegios aos mercadores, como costumam os principes por menos consideraveis serviços; e além dos mesmos effeitos, consignar-lhes em falta delles todos os direitos do Brazil, e dar-lhes todas as mais seguranças dentro e fóra do reino, com que elles se contentarem, que para tão grande quantia nunca serão demasiadas.

E quando dos mercadores se conseguisse só parte da fiança, e não toda, em tal caso fica só o 2.° meio, posto que menos conveniente, que é ficarem os hollandezes com algumas das fortalezas de que estão de posse para ir largando, assim como forem recebendo; e se tomado este acento se contentassem, com que nos pagassem só a metade dos seus presidios, pois os conservam para segurança do que lhes devemos, seria favoravel partido.

Como se comporão as dividas dos mercadores de Pernambuco.

A composição das divida entre uma e outra parte, não é o menor embaraço deste negocio; porque não estão empenhados nellas só os das companhias; mas muitos outros mercadores e pessoas particulares de Hollanda, de quem os portuguezes de Pernambuco teem recebido grandes sommas de dinheiro; e não falta quem cuide que a cobiça de se levantarem com ellas, ou a impossibilidade de as pagarem, foi um dos principaes motivos daquellas capitanias se alterarem; e todos os que em Hollanda

estão interessados nestas dividas, é certo que hão de resistir aos concertos, se delles não entrarem em melhor esperanças de cobrar o perdido.

Mas a circumstancia que mais difficulta são os modos illegitimos porque as fazendas de Pernambuco se venderam e se possuem ainda hoje, e porque muitos dos que as compraram e receberam dos hollandezes, que não tinham nellas mais direito que o das armas, com que as occupou o inimigo, e por ser a guerra injusta, seus primeiros e antigos senhores, não perderam o dominio dellas, e teem direito e acção para as repetir, principalmente sendo os mais delles tão benemeritos, que por guardar maior fidelidade as deixaram, e se retiraram e desterraram; de maneira que no mesmo tempo se ha de pedir ao possuidor da fazenda por parte do legitimo senhor as propriedades, e por parte dos hollandezes o preço dellas, e tudo o mais que sobre ellas lhe vendeu, ou fiou; e faltar ao primeiro tanto seria offença da justiça, como faltar ao 2.°, impossibilitando a composição; pelo que se devem buscar meios, ainda que custosos, com que se possam concordar estas difficuldades.

O primeiro e mais livre de inconvenientes é: compor-se vossa magestade universalmente com todos os acredores de Hollanda por quantia certa, e a certo espaço de annos: este preço se cobrará nos mesmos devedores de Pernambuco, conforme a sua possibilidade; e das dividas, quanto puder ser sem offenda dos legitimos senhores das fazendas; e para o que faltar continuarão os mesmos tributos pelo tempo que fôr necessario.

O preço que se poderá dar por estas dividas parece que seria justo até a metade do que ellas valerem, segundo mais certa estimação: intendo que os acredores virão em aceitar este partido, principalmente se fôr ajudado de alguma industria, segundo as poucas esperanças que no estado presente podem ter de cobrar em Pernambuco o que se lhes deve; porque ou os hollandezes hão de recuperar a campanha com as armas, ou se não a recuperam, perdidas estão todas as dividas; e se a recuperam tambem estão perdidas, porque nem ha fazenda, nem portuguezes de quem as cobrem. Esta razão conhecem muito

bem os hollandezes, sem que nós lh'a demos : se ha outras muitos, e muito mais efficazes, que se lhe póde dar, e com circumstancias tão apertadas, que por qualquer caminho hão de perder tudo, de crer é que queiram antes cobrar a metade ; mas quando ainda assim se não contentassem, o meu parecer era sempre, que por dinheiro não deixassemos de nos compor, que é o partido mais seguro e mais barato.

Em caso porém que os hollandezes se conformassem mais em arrecadar suas dividas das mãos dos portuguezes em Pernambuco, assim como qualquer estrangeiro em Portugal, ou por si, ou por seus procuradores, seria meio este por ventura mais facil á conclusão do negocio, e que se lhes deve conceder; e no caso seria tambem conveniente que em quanto durasse esta arrecadação tivessem os hollandezes naquellas capitanias, um, dois, ou mais consules para este effeito; e vossa magestade outros tantos julgadores, pessoas de justiça, e capacidade, as quaes, com menos desconfianças, se determinassem, e compozessem os pleitos de ambas as nações.

E quanto á difficuldade dos terceiros possuidores, se póde remediar por um de dois modos, ou havendo vossa magestade por boas as ditas vendas dos hollandezes, em todo ou em parte, quando fôr necessario para o effeito da paga, e satisfazendo em dinheiro por moderadas avaliações aos direitos senhorios das fazendas a quem pertencerem, e a eleição de um destes dois modos fique ao arbitrio dss juizes, ou a contentamento dos hollandezes, porque assim se lhes escusa todo e motivo de queixa.

Este, senhor, é o meu parecer, posto que menos dilatado do que podia a materia ; mas deixo de multiplicar razões, porque quando contra o que aqui se representa, se offerecem algumas duvidas, vossa magestade seja servido de me mandar satisfazer a ellas, para que ponderadas umas e outras, se conheça melhor a verdade e o serviço de vossa magestade, e em negocio tão importante consiga vossa magestade os acertos que o meu zelo lho deseja. Lisboa 14 de março de 1647.

Antonio Vieira.

RESPOSTA A UMA CONSULTA.

Respondendo a tudo o que se propoz e praticou na junta, e conformando-se principalmente com o voto do duque, parece ao padre Antonio Vieira, segundo as noticias experimentaes que tem do estado do Maranhão, que os meios com que só se póde e deve tractar da sua conservação, augmento e defensa, são os seguintes:

Primeiro: que totalmente se prohibam e extinguam as chamadas entradas ao sertão, para que cesse a injustiça e tyrannia capeada com o nome de resgates com que se tem captivado, morto e extinguido tantos milhares de indios innocentes, que é a primeira origem e causa de todas as ruinas do estado.

Oppõe-se contra esta resolução o dito commum, de que faltando os resgates se não póde conservar o estado; como se não fôra menos mal o perder-se, que conservar-se por meios tão injustos e abominaveis. Mas esta apparente razão, além de ser impia, é totalmente falsa e enganosa, tendo mostrado a experiencia que fazendo-se atégora os ditos resgates em numero excessivo, tão fóra esteve de se augmentar o estado, que sempre foi em diminuição e ruina, e os moradores que mais escravos tiveram destes, são os que se acham hoje mais empobrecidos e perdidos, e os mesmos interesses e fructos que por esta via se colhem e en-

barcam, raramente chegam a Portugal, ou perecendo todos no mar, ou indo para Argel; castigando evidentemente Deus a injustiça de uns captiveiros com outros. Assim que, a total abolição dos resgates e entradas ao sertão, deve ser o primeiro alicerce deste edificio, para que Deus o favoreça e prospere.

E porquanto não só se fazem os ditos captiveiros com auctoridade publica nas ditas entradas e tropas; mas tambem secretamente por canoas particulares, mandadas ou consentidas pelos que governam as capitanias; que tambem se prohiba sob gravissimas penas este segundo genero de resgates; e que todos os indios assim resgatados, sejam logo postos em liberdade; e os comprehendidos no tal delicto remettidos e presos a este reino, onde se execute inviolavelmente nelles o devido exemplar castigo, tendo sua alteza a este fim no mesmo Maranhão, pessoas de consciencia e intelligencia, que em summo segredo lhe deem conta de tudo o que se fizer, ou intentar em contrario.

Desta primeira resolução (cuja necessidade é precisa e indubitavel) se segue que não podem haver ao presente outros meios mais certos e effectivos, que os de metter no dito estado escravos de Angola, e procurar descer dos sertões todos os indios livres que fôr possivel, applicando-se uns e outros ao trabalho e serviço, de que, segundo seu natural, são mais capazes.

Quanto aos escravos de Angola, supposto não terem os moradores do Maranhão os cabedaes necessarios para os comprar, e por esta mesma falta não haver mercadores que lá os queiram conduzir, o modo mais prompto, mais seguro, e mais facil de haver os ditos escravos de Angola, é que este primeiro empenho que será de sessenta mil cruzados, pouco mais ou menos, se faça por conta da fazenda real, mandando logo sua alteza para maior brevidade e expedição, que da Bahia ou Pernambuco, onde chegam continuamente navios de Angola, se comprem e remettam ao Maranhão duzentos escravos que devem ser homens e mulheres em ordem á propagação, conduzidos em um patacho, e dirigidos ao governador e provedor da fazenda, os quaes repartirão e consignarão os ditos escravos gratuitamente a cincoenta moradores dos que tiverem maior cabedal e industria, quatro a cada

um, para que nas terras e sitios mais accommodados e proporcionados, plantem e cultivem cacau, baunilha, anil, e as outras drogas de maior utilidade, com tal contracto e partido que de tudo o que se colher, ametade seja para o lavrador, e a outra ametade se divida em duas partes, uma para a fazenda real, e a outra para o governador e provedor, que serão os principaes superintendentes de tudo; e por este modo sendo todas as partes interessadas, é de crer que se applicarão como convém, ao que tocar a cada uma, celebrando-se o dito contracto com condição e comminação que ao lavrador que não cumprir o promettido, se lhe tirarão os ditos escravos, e se darão a outro que melhor o faça. E de tudo o sobredito se seguirá, que com aquella parte que pertencer á fazenda real, terá a mesma fazenda com que acudir ás obrigações das folhas ecclesiasticas e seculares, a que não abrangem os dizimos, e crescendo as drogas e seu commercio se satisfará largamente o empenho referido, que para negocio de tanta importancia é de pouquissimo momento.

E quanto aos indios que se devem trazer do sertão, sem os quaes não póde o estado estar seguro e defendido, nem ainda servido naquellas coisas que só se podem obrar com elles; que o modo é ir buscar e trazer livre e pacificamente os ditos indios, mas só por meio dos missionarios religiosos, os quaes os assentem em suas aldêas, como forros e livres que são, e nellas os doutrinem e conservem, como sempre se praticou em todo o estado do Brazil, e o introduziu o senhor rei D. João no mesmo estado do Maranhão; sendo governados os ditos indios pelos principaes das mesmas nações, debaixo da direcção dos religiosos, e não de capitães seculares que servem só de os tyrannisar e destruir, como sempre fizeram, e por isso foram tirados.

E porquanto as reliquias que hoje estão das aldêas são muito tenues, e só por meio dos poucos indios que nellas ha, se podem ir buscar e trazer do sertão (a qual empreza ao presente é mais difficultosa, por se haverem de conduzir os indios de muito longe, e se ter faltado á verdade e palavra, com que os missionarios trouxeram de suas terras os ultimos) para que de novo o possam fazer com effeito, se devem observar e ordenar as coisas seguintes:

Primeira: que as aldeas que hoje ha, se entreguem logo aos ditos missionarios para que não acabem de se dissipar de todo, e elles recolham ás aldeas os indios que pertencerem a ellas, e estiverem derramados por casa dos moradores, sendo ajudados para isso, e assistidos do governador, no que fôr necessario.

Segunda: que os missionarios sejam de uma só religião, como tambem o ordenou sua magestade, quando deu fórma ás ditas missões, pelos gravissimos inconvenientes, embaraços e contradicções que se seguem do contrario, faltando a união e concordia, sem a qual as coisas grandes se perdem, e as pequenas de nenhum modo se podem augmentar.

Terceira: que segundo a mesma fórma, as ditas missões, e os logares e nações a que se devem fazer, fiquem á disposição dos ditos missionarios, levando a ellas o numero de indios que julgarem necessarios, como sempre se fez; e se pedirem alguns portuguezes, ou mamalucos praticos, o governador, lh'os dê com armas e munições, quanto a necessidade o requerer.

Quarta: que os indios que sobejarem das missões (as quaes devem preferir a tudo) sejam repartidos, segundo a dita fórma, para serviço dos moradores, com alternativa de dois em dois mezes, de sorte que nenhum dos indios das aldeas possa servir mais que seis mezes do anno, ficando-lhe os outros seis mezes livres para tractarem de suas lavouras, e acudirem a suas casas e familias; e que dando os mesmos missionarios as listas dos ditos indios, elles de nenhum modo tenham parte, nem voto na repartição, ficando esta subordinada somente ao governador ou camaras, como sua alteza ordena; com tal condição, porém, que aos indios se lhes não falte com o ordinario e moderadissimo pagamento que é costume.

Quinta: que se as missões se houverem de encommendar aos padres da companhia (como pareceu na junta) sua alteza seja servido de mandar escrever uma carta ao provincial do Brazil, em que lhe encarregue, mande daquella provincia alguns religiosos dos mais praticos e exercitados na lingua geral, por serem fallecidos alguns dos que deram principio á missão; e posto que os que vão de Europa, aprendem a mesma, e outras linguas, se-

gundo seu instituto, sempre os que nasceram e se crearam com ella, a fallam melhor: sendo este o principal, ou unico instrumento, com que se redusem e persuadem os indios do sertão; e podem vir os ditos religiosos na mesma embarcação em que da Bahia, ou Pernambuco vierem negros.

E para que por todos os modos sirvam os missionarios, e parochos das aldeas, não só ao espiritual dos indios, senão tambem ao temporal do estado; que os ditos religiosos com os principaes das aldeas em cada uma dellas, ou nos logares vizinhos e commodos, procurem que gente inutil, que não póde ir ás missões, como velhos, mulheres e meninos, e outros indios nos seis mezes que lhes ficam livres do serviço da republica, plantem e cultivem tambem por sua parte as sobreditas drogas, das quaes, pagos á fazenda real os dizimos, tirarão o necessario para o serviço e culto de suas egrejas, e remedio de suas familias, e para as despezas necessarias das missões, como são no sertão as dadivas com que se adquirem as vontades dos indios; e depois de trazidos, para as ferramentas e instrumentos com que possam fabricar suas casas e roças, e para se cobrirem decentemente os homens, e principalmente as mulheres que veem do sertão, onde todos vivem como Adão e Eva no estado da innocencia, e deste modo veem para as nossas terras.

Sobre tudo, que ao bispo e governador encarregue sua alteza com muita particularidade a união e concordia com os missionarios, sendo certo, que se todos tiverem diante dos olhos o serviço de Deus, e bem commum do estado, e se contentarem com interesses licitos, como se deve esperar de pessoas tão qualificadas, não haverá duvida em se unirem ao mesmo fim com grande augmento de tudo.

É isto o que parece ao padre Antonio Vieira, com o conhecimento que tem de todo aquelle estado, e suas conquistas, as quaes correu e visitou todas em onze mezes, não havendo parte no mar, rios e terras por espaço de quinhentas legoas, que não tenha visto e pizado. E posto que se não atreveu a dizer na junta tudo o que intendia, por serem tão differentes as consultas e propostas que alli se leram, estando presentes os auctores dellas; e

tambem por poder parecer que fallava em causa propria, pelo que toca ou póde tocar á sua religião; obrigado comtudo da confiança que sua alteza fez delle, e muito mais do escrupulo da consciencia, se deliberou a dar por escripto o seu parecer, julgando diante de Deus, e como quem por sua idade está tão perto de lhe dar conta, que tudo o que se obrar ou ordenar contra os pontos essenciaes do que representa, será em conhecido damno e perdição do estado, e, o que é mais, de todas as almas, assim dos portuguezes como dos indios christãos, ou gentio, a cuja conversão e justiça sua alteza está obrigado.

MODO

COMO SE HA DE GOVERNAR O GENTIO

QUE HA NAS ALDEAS

DO

MARANHÃO E GRÃO PARÁ.

NO TEMPORAL.

1.° Terão cabeça secular a que todos obedeçam no temporal; e este, ou seja um dos mesmos indios, ou pessoa branca escolhida pelo governador ou capitão mór do districto, com voto tambem da camara da cidade ou villa, em cuja jurisdicção estiverem.

2.° Este capitão ou principal não fará com os indios lavouras proprias, salvo observando a mesma regra na distribuição dos indios que com os mais moradores se usar, não acudindo primeiro ás suas lavouras com os indios, que ás dos outros moradores; e lhes pagará seu trabalho, como os mais fizerem.

3.° Para que não haja engano de alguma parte do que se ha de dar a cada indio, se fará por ordem da camara com preço certo do que em premio do seu trabalho a cada um dos indios se ha-de dar por dia, e semana, mez, ou anno.

4.° Obrigarão aos indios a que façam proprias lavouras, quando virem ser necessario para seu sustento, para que lhes

não faltem mantimentos em todo o tempo, não o gastando todo em empreitadas alheias.

5.° Serão iguaes na distribuição dos indios com os moradores brancos, que não ajudem mais a uns que a outros, por respeitos particulares, para que se evitem queixas.

6.° E para que em tudo se guarde justiça e igualdade, não ordenará o tal capitão coisa alguma das sobreditas, e das mais que tocam ao governo, sem conselho e parecer do religioso missionario que na dita aldea assistir.

7.° Obrigará aos indios que administrem o sustento de suas roças, caça, ou pesca ao tal religioso e seu companheiro, ou companheiros, que nas ditas aldeas estiverem; e para que nisso se guarde ordem, e não haja falta, repartirá este cuidado a tantos indios por cada dia, ou semana, com que alcance este pequeno merecimento a todos de ajudarem em parte com aquella pequena esmola aos que lhes administram o espirito e vida.

8.° Ordenará em cada aldea as leis e preceitos que se hão de guardar, de que fará aos indios sabedores, divulgando-lh'as e mandando-lh'as ler certas vezes no anno.

9.° Ter-lhes-ha ordenados pelas transgressões delles os castigos, mas a execução delles será com o parecer sempre do padre commissario, que pelo tempo presidir, em quanto não houver effusão de sangue, que essa não executará, salvo com ordem do governador, capitão mór, ouvidor, ou juiz do termo ou districto, que para isso tiver auctoridade.

10.° Terá grande vigilancia e cuidado em todos os indios de sua aldea a que não sáiam fóra della de dia, nem de noite, sem sua expressa licença.

11.° Com o mesmo cuidado estará nos dias de suas festas a que não usem de ritos supersticiosos e gentilicos com os seus vinhos, nem lhes admittam nas taes festas communicação com outros indios das outras aldeas.

12.° Determinar-lhes-ha dias para suas caças, pescas, e lavouras, e tambem para os jornaes de fóra, que não vão todos de uma vez, mas dividindo-os em turmas, que não fique a aldea so.

13.° Fará que tractem de suas creações, para que a af-

feição e amor de suas possessões os tenha mais firmes na habitação.

14.° Nas occasiões de guerra, a qualquer rebate que se dê, acudirá com os indios mais fortes e ligeiros, onde o governador ou capitão mór ordenar, deixando sempre na aldeia guardas, que serão dos menos aptos para caminhar.

NO ESPIRITUAL.

1.° Haverá em cada aldeia missionarios religiosos, das religiões que sua magestade houver por bem ordenar, e serão aquelles religiosos que o prelado maior de cada uma determinar, com o parecer dos quatro religiosos mais antigos da provincia ou convento.

2.° Terão os taes missionarios companheiro ou companheiros, para ensinar a doutrina aos indios antes que vão para o trabalho, chamados para isto os ditos indios pelo capitão, ou principal da dita aldeia.

3.° Terá grande cuidado com a administração dos sacramentos, assim aos sãos, como aos doentes, que não haja falta alguma.

4.° Nunca deixarão a aldeia sem sacerdote que acuda a qualquer necessidade que succeda.

5.° Não tractarão os taes missionarios de lavoira sua, ou grangearia alguma para venderem, sob pena de serem castigados por seus prelados, sobre que terá grande cuidado o seu prelado maior, quando os vae visitar, castigando gravemente ao que delinquir.

6.° E para que não padeçam falta alguma do que houverem mister, tanto para a celebração das missas, como para sua vivenda fóra do que nas aldeias ha, se lhes dará todo o necessario por ordem de sua magestade.

7.° Terão cuidado de não consentir que os capitães ou principaes distribuam com desigualdade os indios pelos moradores em suas empreitadas; mas a tudo assistirão dando seu consentimento, procurando, e sabendo se se paga aos indios seu estipendio e trabalho.

8.° Sobreintenderão tambem na cura dos indios, quando es-

tiverem enfermos, sollicitando lhes não falte o remedio temporal, pois são medicos do espiritual, que administrarão com todo o cuidado, considerando o premio que com isto alcançam, sobre cujas consciencias sua magestade desencarrega todo o seu cuidado e obrigação; ao qual, e a seus ministros desta junta das missões, irão avisando do que succede, e cada anno infallivelmente o irão fazendo do augmento que se faz no serviço de Deus, e do que fôr necessario advertir para que se ponha remedio.

MODO COMO SE HÃO DE FAZER AS ENTRADAS NO SERTÃO PELOS NOSSOS PORTUGUEZES.

Supposto já, que em todo o estado do Brazil e Maranhão ha permissão geral de sua magestade para os nossos portuguezes poderem fazer entradas no sertão, se fazem as advertencias seguintes:

1.° Que se não fará entrada alguma em cada uma das capitanias daquelles estados, sem ser communicado com o governador ou capitão-mór de cada termo e districto, que para isso tiverem ordem e auctoridade de sua magestade.

2.° Para que se façam as taes entradas com acerto, será examinada a necessidade e occasião pelo prelado ecclesiastico, e camara de cada cidade ou villa, proposto pelo governador, ou capitão-mór, para cujo conselho chamarão tambem os prelados das religiões, a cujo cargo no espiritual as taes missões estão commettidas.

3.° Assentado que tiverem ser necessario fazerem-se as missões, determinado o dispendio, e resgates, se elegerão duas ou tres cabeças para governar a tropa, não iguaes no poder, que seria confusão, mas que successivamente o vão tendo, faltando o primeiro, seguir-se-ha o segundo.

4.° Pedirão logo ao prelado da religião a que cabe a missão, lhes dê dois religiosos sacerdotes, e serão aquelles que ao dito prelado parecer, com consentimento dos quatro religiosos mais velhos do convento, e serão sempre os mais aptos e sufficientes para a missão.

5.° Dar-se-lhes-ha a estes religiosos missionarios tudo o que

for necessario para a missão, com que não haja falta de coisa alguma quando quizerem celebrar, o que farão todas as vezes que tiverem commodo, para que Deus Nosso Senhor os ajude na missão, não lhes ficando domingo ou dia santo que não celebrem.

6.º Com os taes religiosos missionarios os que governam as tropas consultarão sua viagem, jornadas e determinações, para que tudo se faça com acerto, levando aos ditos religiosos em sua companhia com o respeito devido, como a ministros do evangelho, que ha de ser o principal intento de o propagar que os nossos portuguezes hão de levar, como os nossos antepassados fizeram.

7.º Far-se-hão as jornadas certas com commodidade, indo considerando onde será necessario plantar e semear legumes para quando fizerem volta acharem que comer, onde ha falta de fructas e sustento, que, como (succedendo-lhe bem na jornada) hão de vir com muita gente, haja com que os possam vir alliviando nas forças, e que vejam os indios, qual é a nossa prevenção e caridade.

8.º Chegada que for a tropa á parte aonde a dirigem, terão suas intelligencias por meio de suas embaixadas, com que manifestem ao gentio o intento de sua ida, que é só para os converter á nossa santa fé; e para os attrair, os convidem com resgates, promettendo-lhes bom trato e companhia; e quando elles não queiram reduzir-se voluntariamente, sendo em parte que nos podem offender as nossas povoações, os poderão obrigar por armas; mas de tal maneira sempre, que reduzidos á nossa sujeição, não alcancem elles que ha em nós vinganças, mas serão tractados dos nossos com amor, brandura e caridade.

9.º E porque ácerca dos resgatados que até agora teem havido, está já determinado por sua magestade, com conselho dos mais doutos deste reino, o como com elles se hão de haver, se ordene d'aqui em diante, que a todos aquelles pobres indios, que os nossos portuguezes acharem em cordas e prisão, em que seus contrarios os teem para os matarem e comerem, quer sua magestade se resgatem por conta de sua real fazenda, e se ponham no numero dos mais rendidos, e gosem do mesmo foro e liber-

dade; e quando chegarem com os mais, serão aquelles resgatados, deputados a seu real serviço, como de rei e senhor que os libertou.

10.° E para que isto se faça com inteireza, os padres missionarios tomarão noticia certa, e informação verdadeira delles, e os trarão registados no livro que levarem, em que irão assentando os successos notaveis da jornada, modo e condições da reducção dos indios, para que conforme a isso se proceda.

11.° Aos reduzidos seja á primeira acção, propor-lhes o intento a que os nossos teem ido, que é só reduzil-os ao gremio da egreja catholica, e obediencia de sua magestade, e amisade que com elles queremos ter. Il-os-hão logo cathequisando na fé, e dispondo-os para o baptismo, cuidado que virão sempre tendo pelo caminho, trazendo-os com suavidade, jornadas breves, e sempre com grande vigilancia nos velhos, fracos, e creanças tenras, para que nenhum morra sem baptismo; e aos que morrerem, sepultal-os-hão com caridade, que vejam elles ser aquelle nosso intento; e desta maneira os virão trazendo até á cidade, ou villa, d'onde partirão, prégando-lhes todos os dias, pela manhã e á noite a verdade da nossa santa fé.

MODO COMO SE HÃO DE REPARTIR E GUARDAR.

1.° Como a experiencia tem bem mostrado ser necessario que este gentio viva com sujeição, serão estes taes indios reduzidos, repartidos pelos que os foram buscar, ou mandaram, dando para isto o dispendio, conforme ao que estiver ordenado pela camara de cada cidade ou villa, de tal modo, que nunca dividirão mulher de marido, nem filhos de paes, e ainda nem sobrinhos de tios.

2.° Feita a repartição, serão os amos logo obrigados aos registar por forros no livro do procurador dos indios de cada cidade ou villa por seus nomes proprios, para que se conheça que não são escravos, mas livres.

3.° Haverá ordenado computo certo do numero dos casaes e indios, que cada morador póde administrar, e chegado a elle,

não poderão procurar mais, e com isso os poderá governar melhor, sustentar, doutrinar, e curar quando enfermos, sendo em numero limitado, e cessará tambem a ambição de adquirir mais.

4.° A cada um dos indios seu amo dará cada um anno uma peça de vestido, ou vestido inteiro, como por ordenação da camera estiver determinado, que com isso, e sustental-os, doutrinal-os, e pagar ao sacerdote que nas necessidades lhes administrar os sacramentos, lhes fica satisfazendo bastantemente seu trabalho.

5.° Por morte seus amos não testarão delles, como se fossem escravos, nem serão repartidos por seus herdeiros como fazenda propria, mas poderão voluntariamente servir, e ficar com os filhos do defuncto com o mesmo titulo de forros, seguindo a qualquer dos filhos ou herdeiros que lhes parecer; que justo é o façam antes a elles que a outros; pois seus paes os foram buscar ao sertão, com trabalho, risco de vida, e dispendio da fazenda.

6.° Não serão vendidos, nem trocados, nem mandados para fóra da terra, salvo por algum crime, como se faz aos mais vassallos de sua magestade; mas então será por ordem do governador ou capitão-mór, e mais ministros reaes que o podem fazer.

7.° Far-se-hão as egrejas entre tantos e tal numero de moradores, nas quaes sustentarão um sacerdote, de modo que possa cada um acudir a ellas todos os domingos e dias santos, tirando entre si o dispendio que ao clerigo ou sacerdote hão de dar para lhes dizer missa, e administrar os sacramentos; e nos taes dias festivos levará cada morador a parte dos seus indios a ouvir missa, onde o sacerdote antes ou depois della, lhe ensinará a doutrina christã; e seus amos todos os dias em sua casa.

8.° Serão visitados estes indios duas ou tres vezes no anno pelos religiosos missionarios da religião, a que conforme a repartição do districto compete: e serão deputados para estas missões os religiosos que o prelado do convento, com conselho e parecer dos tres ou quatro religiosos mais velhos, nomear e escolher.

9.° Haverá em cada cidade ou villa um livro registrado, o qual levarão os ditos padres missionarios, e irão nelle assentando o que operarem em casa de cada morador, assim no aproveitamento na fé e serviço de Deus, como do tractamento que seus amos lhes dão, e as queixas dos ditos indios, para que achando os mesmos missionarios ou outros que vierem, comprehendidos aos amos nas mesmas culpas e queixas verdadeiras que os indios delles teem, os possam tirar da sua administração, e pol-os em outra parte que os tractem bem, mas nunca será em casa de parente, ou obrigação do mesmo padre missionario; e com isso se evitarão queixas e murmurações.

Considerando-se bem a variedade natural dos indios, e a sua pouca constancia, nunca se porá o indio queixoso em casa do morador que o dito indio pede, e com isto se atalha, que nenhum morador inquiete os indios do outro, sabendo e intendendo por certo, que os não ha de lograr.

E para que não haja falta de haver padres missionarios sufficientes e aptos para a missão, ordena sua magestade, e manda, que os religiosos a que as missões estão commettidas tenham em seus conventos a mesma lingua do gentio, e sejam como seminarios, tanto para a assistencia da doutrina, como para a intelligencia dos sugeitos a quem se préga, com que sua magestade fica desobrigado na consciencia, do cuidado da propagação da fé que a real coroa de Portugal tem tomado sobre si.

MEMORIAL PARA SUA ALTEZA.

Senhor. — Representa a vossa alteza o Padre Antonio Vieira, que o desembargador Simão Alvares de la Penha, proprietario do officio de provedor da fazenda de Pernambuco, casado com D. Leonarda de Azevedo, sua irmã, se perdeu no mar com cinco filhos, vindo do Brazil para este reino, e sendo seus legitimos herdeiros o pae, irmão, e sobrinhos do dito padre: o officio se vendeu por quinze mil cruzados: e vinte mil cruzados que chegaram a Portugal da fazenda dos defunctos, pertencentes aos ditos herdeiros, se tomaram por emprestimo para a fazenda real, de que em nove annos se lhes não tem pago coisa alguma.

Representa mais, que Ruy de Carvalho Pinheiro, proprietario dos officios de escrivão da camara e orphãos da Bahia, foi privado dos ditos officios, e sua magestade el-rei D. João fez mercê da propriedade delles a D. Catharina Ravasco, irmã do dito padre, com obrigação, que Ruy de Carvalho Pinheiro, filho do defuncto, cazasse, como cazou, com ella: e porque ambos são mortos sem filhos

Pede o dito padre Antonio Vieira a vossa alteza, lhe faça mercê dos ditos officios de escrivão da camara e orphãos da Bahia, para um de seus sobrinhos, filhos de Bernardo Vieira Ravasco, seu irmão.

E R. M.

PAPEL

EM RESPOSTA

AO PRINCIPE D. PEDRO

PELO QUAL CONSTA O QUE ELLE LHE ORDENÁRA.

Senhor. Manda-me vossa alteza ponha em papel, o que passou commigo em Italia o grão-duque de Toscana, e o que eu lhe escrevi de Lisboa, e o que elle me respondeu, e o que ácerca da mesma resposta, e de toda a materia foi vossa alteza servido ouvir-me.

Navegando eu para Roma, no anno de 1669, obrigado de uma tempestade, arribei ao porto de Marselha, no mesmo dia em que as salvas das fortalezas publicaram ser alli chegado o principe de Toscana, na volta que fez deste reino por Inglaterra, Hollanda e França. Visitei-o pelo conhecimento de Lisboa, aceitei a segurança que me offereceu na sua galé, e em uma conversação, engrandecendo elle muito o reino de Portugal, particularmente Lisboa e o seu porto, disse eu, que se o de Lisboa se ajuntasse com o de Liorne, seria o melhor casamento do mar e da terra. E por então não houve mais que discorrer-se vagamente sobre as conveniencias desta união.

D'alli por diante, em vida e depois da morte de seu pae, continuou o grão-duque a escrever-me quasi todos os correios, sempre da sua mão, dando-me as novas de Portugal, com singular veneração á pessoa de vossa alteza, e affecto á nossa na-

ção, o qual mostrava com todos os portuguezes, ecclesiasticos e seculares, que passavam por Florença, como quem desejava ganhar-lhes os animos; até que por occasião de uma gazeta, em que se dizia estar vossa alteza gravemente enfermo, e se prognosticava a reunião de Portugal a Castella, por meio do casamento da senhora princeza com el-rei Carlos II, lhe respondi que a união que a minha patria desejava, não era esta, senão a que na galé lhe tinha insinuado.

Ácerca deste ponto se continuaram algumas cartas, em que o grão-duque impugnava a minha opinião, com a grandeza daquelle casamento, e a conveniencia dos fidalgos de Portugal, tendo maior esphera em que empregar seus talentos e valor. E como eu a tudo lhe respondesse com os solidos fundamentos da nossa separação, que com tanto sangue tinhamos conseguido, alfim me declarou, que estimaria a felicidade de ser possivel á sua casa o augmento que a minha amisade lhe desejava. E no correio seguinte me pediu queimasse aquella carta, porque podendo ser vista, o não tivessem por desvanecido: e posto que eu lhe restitui logo a mesma carta, elle m'a tornou a mandar.

Sobre estas disposições, de que eu fiz mais caso, depois que se foi experimentando a tardança de maior successão, que esperamos de vossa alteza, passando em agosto do anno passado por Florença, depois dos primeiros comprimentos com o grão-duque, se destinou uma tarde para conferir a materia: e porque eu quiz tomar tudo por papel, dictando o mesmo grão-duque, e escrevendo eu, me relatou primeiramente os casamentos da sua casa, que são os seguintes:

Antes que a casa de Florença tivesse o titulo de grão-duque, o duque Alexandre de Medicis, sobrinho do papa Clemente VII, casou com uma filha bastarda de Carlos V, e deste matrimonio teve só uma filha chamada Catharina de Medicis, a qual casou com Henrique II, rei de França, e foi mãe de Francisco II, de Carlos IX, e de Henrique III, reis daquella corôa, que successivamente reinaram.

Depois do titulo de grão-duque, o primeiro grão-duque, Cosme I, casou com uma neta do duque d'Alva.

O segundo grão-duque, Francisco I, teve por mulher a archiduqueza Joanna de Austria, irmã do imperador Mathias, e deste matrimonio teve uma só filha, que foi a rainha Maria de França, mulher de Henrique IV, e mãe de Luiz XIII, e das rainhas de Hespanha e Inglaterra.

O terceiro grão-duque, Ferdinando I, que succedeu a seu irmão Francisco II, morto sem herdeiros, teve por mulher a Christina de Lorena, neta de Carlos IX de França, e da rainha Catharina.

O quarto grão-duque, Cosme II, teve por mulher a archi-duqueza Maria Magdalena de Austria, irmã do imperador Ferdinando II, e da rainha de Hespanha, mulher de Filippe III.

O quinto grão-duque, Ferdinando II, teve por mulher a duqueza herdeira de Orbino sua sobrinha.

O sexto, e presente grão-duque, Cosme III, tem por mulher uma filha do duque de Orleans, irmão de Luiz XIII, e de uma irmã do duque de Lorena. Estes são os paes do principe de que se tracta.

Em segundo logar dictou da mesma maneira o grão-duque uma breve descripção e noticia do seu estado, com as advertencias mais necessarias, que são estas:

Tem o estado de Toscana 200 milhas de comprido, e 55 de largo, com tres grandes cidades principaes, e 14 menores, cujos nomes se darão pelos arcebispados e bispados, além de outras muitas villas e logares.

Os arcebispados são tres: de Florença, Piza e Siena.

Os bispados são 14: de Pistoya, Cortona, Arezzo, Borgo Santo Sepulchro, Monte Pulciano, Colli, Volterra, Fiezoli, Chiusi, Soanna, Grosseto, Monte Alcino, Pienza, e Massa.

Portos maritimos: Liorne, Porto Ferraro, o Salvador, Vadi, Bolgari, Castanheto, Terra de São Vicente.

Confina este estado por dois terços com o estado do papa, o resto com o Genovezado, Parma, Modena, e Luca, e pela marinha somente de Siena, com porto Ercule, Talamone, e Orbitello, que são fortalezas d'el-rei de Castella, sem parte ou dominio na terra.

Rende o dito estado cada anno um milhão e duzentos mil

escudos de Italia, que da nossa moeda fazem mais de dois milhões.

Em caso de guerra, além dos presidios pagos, tem quarenta mil milicianos obrigados, os quaes estão todos armados e industriados por seus mestres de campo, e mais officiaes.

E tem de sobrecellente varios armazens de artilherias, e todo o genero de armas. Vi só os da cidade de Florença, e são os maiores e mais bem providos, que em nenhuma parte vi.

Este estado (sem fallar nas riquezas daquella casa, que sendo notavelmente grandes, as que se vêem são muito maiores as que refere a fama) me disse por conclusão o grão duque, que era o dote de seu filho, como legitimo herdeiro delle, unindo-se á coroa de Portugal. E significando, com grandes encarecimentos de cortezia, quanto desejava para seu filho e casa a felicidade deste casamento, me pediu quizesse introduzir a pratica delle, com todo o segredo e circumspecção que de mim fiava; e para os avisos necessarios me deu e lhe ficou cifra. E isto é tudo o que passei em Italia com o grão duque.

Alguns dias depois de chegado a Lisboa, fiz presente a vossa alteza a commissão que trazia, em que vossa alteza, sem admittir, nem regeitar, fez todos os reparos que podem occorrer em tão grande materia. E em segunda instancia me ordenou ou permittiu vossa alteza, que, sem empenhar em coisa alguma sua real palavra, nem dizer que havia fallado em tal negocio, propuzesse, como de mim, ao grão duque as difficuldades delle, para que com a resposta se podesse fazer melhor juiso. E depois de conferido e approvado por vossa alteza o modo com que havia de escrever, o fiz em duas cartas, que foram escriptas em 5 de novembro, pela cifra ajustada, e pela mesma respondeu o grão duque. A carta que respondeu o grão duque, como nem tambem a que de cá lhe foi, se referem neste papel: e somente se diz, não contém mais a carta do grão duque, a qual, ainda que parece affectar dilação ou desvio, não deve causar novidade, porquanto é fundada direitamente, no que de cá se lhe escreveu, e na attenção, ou gelosia commum, com que todos os potentados de Italia se acautelam, por não occasionar qualquer

encontro com as duas coroas de França e Castella, principalmente a de França; e assim segue a neutralidade, e se conserva, e corresponde com ambas. Assim que, tirados estes dois impedimentos, ou apprehensões, que da nossa parte se motivaram, poderá o grão duque deferir com formalidade ao negocio, e responder ás duvidas que se lhe tem proposto.

Nesta fórma dei conta a vossa alteza da sobredita carta, e depois de ouvir a vossa alteza sobre toda a materia, e suas duvidas, muito mais do que tinha alcançado a minha consideração, disse tambem o que me parecia. E supposto que vossa alteza me manda o ponha por escripto, referirei o que me lembrar, que sempre em substancia será o mesmo.

Supposto, senhor, que havendo vossa alteza de dar estado á princeza, que Deus guarde, não deve ser somente com attenção á grandeza, magestade, e maior decoro de suas reaes pessoas, senão tambem, e muito em particular, ajustando o respeito com as conveniencias do reino, de cujo corpo vossa alteza é cabeça, e ao qual a pretende dar. E porque um corpo politico quando se une a outro, segundo este fôr maior ou menor, ou se perde ou se melhora, assim como a fonte entrando no rio se perde, e o rio se augmenta: d'aqui supponho tambem que o principe que vossa alteza deve eleger, e o estado a que o reino se deve unir, ha de ser de tal grandeza e proporção que nós o levemos a elle, e não elle a nós, e que haja de ser parte de Portugal, e não Portugal parte sua. D'onde totalmente ficam excluidas desta consideração as duas corôas de França e Castella.

E posto que a Castella pela visinhança nos poderia tirar ou saborear este risco com a promessa de passar a sua côrte a Lisboa (como já em outro tempo se praticou), é certo, que nem os outros reinos de Hespanha hão de vir nisso, nem em caso que ao principio o fizessem, por se introduzir, o haviam de continuar, não só pela simulação e engano de uma tal condição, mas pelos verdadeiros inconvenientes que della necessariamente haviam de resultar; com que a côrte se tornaria ao coração de Hespanha, onde está ha tantos annos, e nós neste caso

com a nossa princeza e corôa, tornariamos a comprar o antigo captiveiro, quando podemos adquirir um novo dominio.

Posto este principio, em que devem convir todos os que amam o nome e conservação de Portugal, cuja duração consiste na separação restituida a vossa alteza, com tanta felicidade e tanto sangue, não ha hoje no mundo outros principes soberanos, que possam entrar em consideração, senão os de Italia, e catholicos de Allemanha. Nesta tem o primeiro logar o eleitor de Baviera, com um só filho. O segundo o duque de Neoburg, de igual nobreza, ainda que de menor estado, com muitos filhos, e o maior de dezesete annos de idade. Em Italia a serenissima casa de Saboya, com herdeiro unico. Em Florença, dois filhos e uma filha, o maior de onze annos. Em Parma um filho de nove, com a qualidade de haver sido aquella casa uma das pretensoras a este reino, pela senhora D. Maria, filha do infante D. Duarte, e irmã maior da senhora D. Catharina, não fallando no neto, que hoje vive, do senhor D. Duarte, irmão do duque D. Theodosio, avô de vossa alteza, por ser vassallo de Castella. Digo, senhor, que neste caso o meu parecer é condicional, e se divide em duas partes; a primeira que trazendo o principe de Toscana por dote os estados de que é herdeiro, com as seguranças necessarias de se unirem e sujeitarem a Portugal, este casamento deve preferir a todos por muitas razões.

A primeira; porque dando Deus a vossa alteza, como esperamos, filho varão, não se arrisca a auctoridade de vossa alteza, e sua, em que elle tenha uma irmã casada com o grão-duque de Toscana, com quem casarão as suas dois imperadores, sendo o de que se tracta, neto de um rei de França, e sobrinho de outro.

Segunda; porque a prerogativa da varonia, que em algum dos outros principes se póde considerar, não prepondera ao dote e grandeza de estado, que é o que se respeita nos reis, e não as gotas de sangue, o qual se acha de mui inferiores quilates em todas as coroas, e nellas se purifica e exalta.

Terceira; porque ainda que os outros principes entrassem nesta comparação com os seus estados, como estes estão mui remotos,

não tem pela terra uso, nem utilidade para Portugal. O de Toscana, além de ser mais opulento, que todos, pelo porto e cidade de Liorne, que é um dos maiores emporios, e o mais bem situado de todo o Mediterraneo, não só se póde dar a mão com Lisboa, mas servir-nos de escala para os commercios do Levante, onde teem o melhor despacho as drogas das nossas conquistas, e para quaesquer outros intentos que tenhamos naquelles mares, com grandes dependencias de todas as nações que os navegam.

Quarta; porque a nação florentina, é uma das mais industriosas da Europa, e mui applicada a todas as artes, de que nos podemos ajudar para as introduzir no nosso reino; e como a nobreza segura á mercancia os interesses das nossas conquistas (que sendo vassallos e catholicos, estarão mais bem empregados nelles, que noutros estrangeiros) serão os refens mais seguros da sua união e sujeição, e como gente que perdendo a liberdade de suas republicas, ha tantos annos que estão costumados a obedecer a um duque soberano, mais facilmente parece se accommodarão á vassallagem e obediencia de um principe coroado.

Quinta; porque os confinantes acima referidos, por natureza, profissão e poder são pacificos, servindo suas mesmas conveniencias de segurar ao estado o socego publico, o que em todos os outros é pelo contrario, como se vê nas continuas guerras, com que são molestados de seus visinhos.

Sexta; porque quem for senhor de Toscana, terá sempre um grande partido em Roma, onde a terceira parte dos prelados (entrando neste numero muitos cardeaes e ministros) são vassallos do grão duque, como tambem são alguns pontifices. E confinando Portugal por este dominio com o estado do papa, bem se deixa ver quanto maior respeito se terá na curia a todas nossas pertenções, e quão grande será a dependencia dos ecclesiasticos no provimento de tantas e tão grossas egrejas.

Estas são as razões principaes, em que se funda a primeira parte do meu parecer, supposta a segurança e firmeza do promettido.

A segunda parte é totalmente contraria, porque faltando a dita supposição, ou a firmeza della (que é o mesmo, que não havendo

Portugal de gosar os fructos tão especiosos, que nesta proposta se lhe offerecem) sou de parecer, que convém mais ao decóro e magestade de vossa alteza, e seus gloriosos progenitores, enxertar-se a nossa coroa em tronco de mais altas raizes, quanto for possivel.

E assim como tenho representado a vossa alteza as razões que se me offerecem de conveniencia do casamento do Toscano, assim direi agora as que me occorrem de duvida, e que podem fazer estrupulosa sua firmeza..

O que falta neste papel não se achou em quatro copias que se viram; lê-se porém no parecer que adiante se segue.

PARECER

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

SOBRE O CASAMENTO DA SERENISSIMA PRINCEZA D. ISABEL, FILHA D'EL-REI D. PEDRO II DE PORTUGAL.

Não fallando no senhor duque de Saboya, que com maior pezo de razões foi eleito, e preferido a todos os principes para este matrimonio, podem propor-se aos portuguezes em falta deste principe, os seguintes pertensores:

O eleitor de Baviera, e o duque de Neoburg, ambos devem desejar muito adquirir este reino, mediante o matrimonio para um de seus filhos, o qual na verdade faria um grande salto. Mas para tudo se considerar com fundamento, deve advertir-se que nenhum filho primogenito de Allemanha quer, nem póde vir para Portugal, nem os seus povos consentirão se lhes ausente.

Pelo que deve reduzir-se a pretenção aos filhos segundos do duque de Neoburg, porque o filho segundo do duque de Baviera, não tem mais que doze annos. E que utilidade receberá este reino deste matrimonio? É evidente que nenhuma; antes se exporá a muitos e consideraveis perigos.

Não póde em qualquer matrimonio de Allemanha para Portu-

gal considerar-se outra razão mais que o sangue illustre de tão grandes principes; porém a real casa de Portugal, conjunta no sangue com todos os monarchas christãos, que necessidade tem de outro sangue para illustrar-se?

Se o sangue de Portugal não cede a algum outro, quando este se acha em alguns principes descendentes desta real casa, não será razão que sejam propostos os de Neoburg, precisamente pelo titulo da nobreza; nem os verdadeiros portuguezes devem querer antes ser dominados por principe estranho, posto que muito illustre, que dos seus principes tão illustres e illustrissimos.

Ser o duque principe muito poderoso em Allemanha, não traz vantagem alguma a Portugal, porque os seus estados estão mui distantes deste reino, e assim não podem mandar-se soccorros, nem de soldados, por não haver portos de mar, e ser preciso passar terras e dominios de outros principes; nem tão pouco de dinheiro, porque lhes convêm àquelles principes conserval-o para defeza de seus estados e contínuas guerras, em que sempre andam embaraçados.

Além de que, como todos aquelles estados são quasi membros do imperio de que tem suas dependencias, todo o seu poder lhes é sempre necessario, para as occasiões frequentes da invasão do turco, e mais necessidades do mesmo imperio; o que tudo bem advertido devolve a Portugal grandes perigos e dispendios de Castella, e casa de Austria.

Mas sobre tudo, sendo admittido filho segundo, nesta pratica, além de não ter o tal principe titulo algum, para haver esposa tão dotada e tão grande, e ser pouco decoroso a Portugal dar uma filha jurada herdeira de tão grande reino a um filho segundo, que não tem relação alguma com esta casa real, nem possue ou representa estado soberano, tem este negocio gravissimas consequencias e inconveniencias, que devem antever-se e ponderar-se.

Consequencia e inconveniencia primeira.

Em caso que a senhora princeza D. Isabel, que Deus nos guarde, falte sem successão, que ha de fazer este principe? Ficar sendo

principe ou rei de Portugal, é coisa injusta, e que offende o direito dos mais principes descendentes da casa real portugueza chamados á successão pela preferencia das linhas.

E se o dito principe saindo de Portugal, sem ter estado proprio, militar, ou viver em estados alheios, é coisa indecentissima. É verdade que em Polonia escolhem filhos segundos para reis; mas estes uma vez eleitos, não podem ser expulsos; e o que viver em Portugal, se a successão nos faltar, ou a princeza, que Deus guarde e conserve, por força ha de ser excluido; e para onde, ou para que estado?

Consequencia e inconveniencia segunda.

Pelo mesmo caso que este principe, em quanto viver em Portugal, procurará pôr fóra do reino, pelas vias mais convenientes, todo o dinheiro e thesouro que poder, porque só com este se achará, faltando, como suppomos, a successão, ou a senhora princeza, que Deus guarde.

Consequencia e inconveniencia terceira.

Qualquer destes principes, ou trará os seus naturalisados por contracto, ou vendo-se no reino, os procurará admittir e naturalisar, para fazer suas partes, e passar-se-hão muitos allemães a Portugal, que tirarão os logares e conveniencias aos portuguezes; e como na Allemanha é infinita a gente, virão muitos, e haverá muitas discordias.

Acrescenta-se, que em Portugal se devia representar grande pejo, em admittir praticas de principes do imperio onde ha quatro dias se fez a este reino a mais infame aleivosia, que viu o mundo, como foi vender e entregar por dinheiro o sr. D. Duarte, tio dos nossos principes, que Deus guarde, o qual em Allemanha estava militando. E quem vendeu um principe por intelligencias e conveniencias com Castella, porque não venderá um reino pelas mesmas dependencias e conveniencias, que Castella lhe fará maiores, principalmente no caso supposto, em que não haja successão.

Deixo os inconvenientes e duvidas, que ha de haver nos ajustes com taes principes; os excessivos dispendios de embaixadas, as demoras de negocios tão distantes, as despezas infinitas da conducção e communicação; e finalmente outras muitas razões e circumstancias, pelas quaes, bem ponderadas, parece que necessariamente deve a discrição e politica portugueza determinar-se a eleger um dos dois principes de Italia, que são os seguintes:

O grão-duque de Toscana tambem concorre, pertendendo o sobredito matrimonio, para um de seus filhos: mas neste contracto se não póde representar a sua alteza, que Deus guarde, outro motivo mais, que a offerta de qualquer somma de dinheiro.

E devo fazer-se reflexão, que supposto o grão-duque seja um rico principe, é rico entre os principes de Italia, e assim não póde, nem quererá fazer donativo, senão de dinheiro limitado, e por uma vez somente, e isto com cem mil cauções florentinas, mui proveitosas a Florença, e pouco proficuas a Portugal. E que coisa são poucos milhões, para um tão grande monarcha, e monarchia tão grande?

Os monarchas não estimam o dinheiro, especialmente quando não é renda annual, senão somente donativo: d'onde sempre se julgará acção menos decorosa de um principe, vender um reino, e uma filha princeza, a quem mais lhe offerece, só respeitando o dinheiro.

Mas ainda o que merece mais attenção, é, que a vinda do primogenito da Toscana para Portugal é moralmente impossivel; porque Florença, Siena, Piza e outras cidades da Toscana, ou não hão de permittir serem governadas de outrem, que do seu duque, ou, lembradas, e desejosas da antiga liberdade que logravam quando eram republicas, tentarão, ausente o proprio principe, restituir-se á dita liberdade, tomando honesto pretexto da mesma ausencia.

E assim, ou obrigarão a residir na Italia ao seu duque, ou com effeito se rebelarão; porque o dominio dos senhores da casa de Medicis na Toscana sempre foi mal soffrido dos florentinos, e

em toda a occasião, que tiveram favor, appellidaram liberdade.

Pois o filho segundo do grão-duque é de doze annos, e tem os mesmos inconvenientes já apontados, e é sugeito mui desproporcionado para este matrimonio, por ser filho segundo daquella casa; nem algum dinheiro o póde igualar.

Sobre tudo deve advertir se, que não póde haver maior inconveniente para Portugal, que as mesmas conveniencias do dote, e dinheiro, que se offerecem por Florença, dado que sejam offertas verdadeiras.

Primeiro inconveniente.

Porque offerecer o grão-duque dinheiro, para desempenhar as alfandegas, não vem a ser outra coisa, que comprar para seu filho as rendas, juros e tenças, que todos os portuguezes teem nas alfandegas do reino: e isto, além de outros inconvenientes, póde vir a ser destruição do reino.

Segundo inconveniente.

Porque em caso que falte sem successão a nossa princeza, que Deus nos guarde, tornando para Florença o principe de Toscana, levará as alfandegas do reino empenhadas, e lhe pagaremos redditos dos seus milhões, como Castella paga a Genova.

Terceiro inconveniente.

Porque para o grão-duque metter neste reino os milhões do desempenho das alfandegas, é necessario metter por alguns annos por sua conta as fazendas do commercio; e vindo estas por conta do principe livres, não renderão as alfandegas coisa alguma, e será notavel o prejuiso do reino e dos vassallos delle.

Quarto inconveniente.

Porque a nação florentina tem só a mira no seu negocio; e

ainda que por sua parte offérece milhões de Florença, muito mais, senhoreando-se do commercio todo, tirarão do nosso reino para Florença.

Quinto inconveniente.

Porque todo o ponto dos florentinos é naturalisar-se neste reino, com que vindo em companhia do seu principe, dominarão os portos e logares dos portuguezes, e são os mesmos inconvenientes já apontados.

Finalmente devem ponderar-se as razões e os riscos, que podem seguir-se, governando o reino de Portugal qualquer principe estranho, a quem não pertença o reino, em falta da real casa dominante, que Deus nos guarde; porque nenhum principe, estando de posse, quererá ceder do reino a outrem, e para defender-se, não lhe faltará pretexto e sequito.

Além de ser certo, que cada um dos principes estranhos ha de tractar o reino, como coisa que lhe não toca, e ha de fazer conveniencias aos da sua nação, como tem mostrado a experiencia em todos os tempos e em muitas historias do mundo.

PARECER

SOBRE A DISTINCÇÃO QUE SE DEVE ADMITTIR

ENTRE

AS TRES DIVINAS PESSOAS.

Pergunta-se se entre as tres divinas Pessoas se póde admittir menor distincção que aquella com que commummente se dizem realiter *distinctas?*

A razão de duvidar parecem ser os dois argumentos seguintes, a que responde o padre Antonio Vieira.

PRIMEIRO ARGUMENTO.

Tudo o que é de fé, ou está expresso na escriptura, ou definido pela egreja: serem as divinas Pessoas *realiter* distinctas, não está expresso na escriptura, nem definido pela egreja: logo não é de fé, que sejam *realiter* distinctas: d'onde se segue, que se póde admittir nellas outra menor distincção.

Admittida a maior, distingue-se a menor: não está expresso na escriptura, nem definido pela egreja, quanto á mesma palavra *realiter*, concedo: quanto ao sentido da mesma palavra, nego: porque as palavras *tres sunt, qui testimonium dant in cœlo, alia est Persona Patris, alia Filii, alia Spiritus Sancti, etc.* significam distincção de pessoas *realiter* distinctas; e posto que a egreja o não tenha declarado assim com a mesma palavra *realiter*, tem-

n'o declarado com outras equivalentes quanto ao sentido. Esta declaração consta da accepção commum, e tradição dos doutores theologos catholicos, que assim o intenderam, depois que nas escólas se introduziu a palavra *realiter*. D'aqui se segue, que a proposição de quem affirmasse o contrario mereceria a censura de heretica.

SEGUNDO ARGUMENTO.

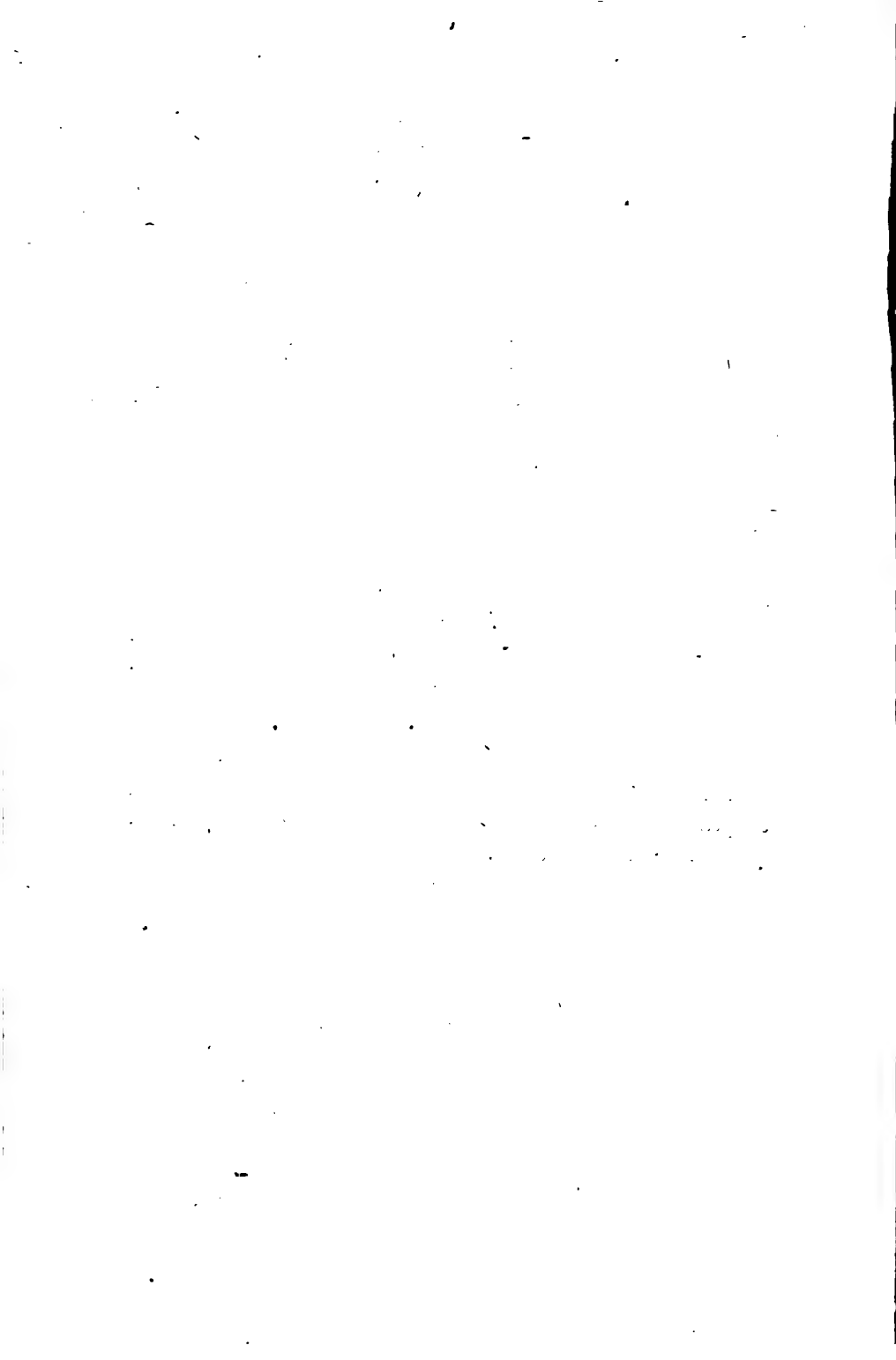
A opposição contradictoria não é menor que a relativa. Em Deus admitttem-se predicados de seu genero contradictorios sem distincção do sugeito *realiter* distincto: logo tambem na relativa: e por consequencia ainda que o Pae se não distinga do Filho com tal distincção, elle será Paé, e o Filho, Filho.

Admittida a maior e menor, nega-se a consequencia, a qual ainda que tenha grande força *in creatis*, *in divinis* não é assim. A razão de differença é, porque assim como a philosophia discorre, e infere sobre os seus principios, que são naturaes, assim a theologia philosopha sobre os seus, que são sobrenaturaes, e de fé. E se estes se encontram com alguma consequencia, deve-se intender, que não é boa, e negar-se essa consequencia. Exemplo: em Deus não implica pluralidade de Pessoas; em Deus ha tres Pessoas: logo não implica haver quatro. A consequencia *ex objecto* parece boa, mas ha se de negar; porque do principio da fé consta, que não são mais que tres. Do mesmo modo: Christo não está no sacramento do baptismo, e comtudo communica a graça: logo bem a póde communicar no sacramento da eucharistia, ainda que não esteja nelle. Distingue-se a consequencia: póde, *id est*, poderá, concedo: póde, *id est*, de facto assim o faz: nego: porque do principio da fé consta o contrario.

Destes dois exemplos se colhe a differença com que se ha de responder ao argumento principal; porque se os sacramentos são obras de Deus, e da omnipotencia e liberalidade divina, que faz as coisas de um modo, podendo-as fazer de outro; assim pudéra communicar a graça no sacramento da eucharistia sem estar nelle, como no do Baptista, e nos demais; ainda que nesse caso, figu-

rado só como possivel, de Christo causar a graça no sacramento da eucharistia, sem estar nelle realmente presente, o sacramento não teria o mesmo, que hoje cremos e adoramos. Porém nas coisas que pertencem á natureza e Pessoas divinas, não é assim; porque Deus não é obra da omnipotencia e liberalidade divina; porque Deus não se fez a si mesmo, nem se podia fazer de outro modo do que é; e constando-nos a nós pela fé, o que Deus é quanto á natureza, e quanto ás Pessoas; sobre estes dois principios se hão de negar ou conceder as consequencias de qualquer argumento.

Diz um principio da fé, que Deus é Ente simplissimo sem divisão ou distincção alguma, e comtudo verificam-se de Deus predicados contradictorios: logo havemos de conceder, que para predicados contradictorios em Deus, não é necessaria distincção real.

Pelo contrario diz outro principio, que as Pessoas divinas se distinguem *realiter*: logo havemos de negar que baste outra menor distincção, para que o Pae seja Pae, e o Filho seja Filho; porque em Deus, como dizia, não tem logar o que póde, ou o que parece que póde ser, senão o que é: e assim, ainda que dos argumentos philosophicamente considerados, parece se infere bem outra coisa, nos mesmos argumentos theologicamente tomados, se ha de negar isso mesmo; porque a theologia é sciencia fundada em principios de fé, e não póde tirar nem admittir consequencias, que se encontram com elles.

INFORMAÇÃO

QUE

POR ORDEM DO CONSELHO ULTRAMARINO

DEU

SOBRE AS COISAS DO MARANHÃO

AO MESMO CONSELHO

O PADRE ANTONIO VIEIRA.

Senhor. — O Secretario Manuel Barreto de Sampayo me remetteu por ordem do conselho as cartas inclusas do governador do Maranhão, e officiaes da camara da cidade de S. Luiz, para que sobre as noticias dellas, por serviço de sua alteza informe com meu parecer. E posto que eu o não posso fazer sem muita repugnancia, por haver necessariamente de fallar nos religiosos da minha profissão, obedecendo porém, como devo, direi com toda a sinceridade o que intender, segundo as presentes noticias, e a larga experiencia que tenho daquelle estado. E para o fazer com maior clareza, dividirei este papel em tres partes: na primeira, proporei algumas maximas certas e infalliveis, de que se seguem e seguirão os damnos que se padecem: na segunda, referirei os meios que apontam o governador e officiaes da camara, examinando sua conveniencia e justificação; e na terceira, direi o que me parece se deve obrar.

Primeiramente, é certo, que o estado do Maranhão está na ultima miseria, e nisto convém o governador e todos; e basta a mesma miseria para acabar de destruir e desfazer o dito estado; se houver alguma nação da Europa que o queira invadir, se perderá infallivel e irreparavelmente.

É tambem certo, que a causa da sobredita miseria é a falta de indios, assim livres, como escravos, sem os quaes os moradores se não podem sustentar, nem applicar á cultura das novas drogas, de que a terra é capaz, e muito menos defender-se em occasião de inimigos por serem os portuguezes poucos, os portos e logares por onde podem ser invadidos muitos, e a costa vastissima, aberta, e sem defensa, principalmente tendo já aprendido e sabido os indios (desde o tempo que o Ceará esteve dominado dos hollandezes) que é muito mais suave o jugo dos hereges, que o de taes catholicos.

Com a mesma certeza se deve suppor, que os mesmos indios, que tão necessarios são, já os não ha, por estarem todos os sertões açoitados e despovoados em distancia de trezentas, e quatrocentas legoas, e os poucos que se poderão ainda descobrir, estão tão escandalisados do mau tratamento dos portuguezes, e tão desenganados de se lhes não guardar o que se lhes promette, e das tyrannias que com elles se teem usado, que será muito difficultoso arrancal-os de suas terras, e mais tendo tantas experiencias, de que descendo para as nossas, todos morrem, e se teem consumido.

Sobretudo é igualmente certo, e certissimo, que ainda que os indios fossem muitos, e todos viessem facil e voluntariamente a viver entre nós, ou na nossa visinhança, nenhum numero, ou multidão delles seria bastante ao estabelecimento do estado, e muito menos no augmento que se lhe deseja. Assim o tem mostrado a experiencia (pois sendo o Maranhão conquistado no anno de 1615, havendo achado os portuguezes desta cidade de S. Luiz até o Gurupá mais de quinhentas povoações de indios, todas muito numerosas, e algumas dellas tanto, que deitavam quatro e cinco mil arcos, quando eu cheguei ao Maranhão, que foi no anno de 1652, tudo isto estava despovoado, consumido, e

reduzido a mui poucas aldeolas, de todas as quaes não pôde André Vidal ajuntar oitocentos indios de armas, e toda aquella immensidade de gente se acabou, ou nós a acabámos em pouco mais de trinta annos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até aquelle tempo eram mortos dos ditos indios mais de dois milhões de almas, d'onde se devem notar muito duas coisas. A primeira, que todos estes indios eram naturaes daquellas mesmas terras, onde os achamos, com que se não póde attribuir tanta mortandade á mudança e differença do clima, senão ao excessivo, e desacostumado trabalho, e á oppressão, com que eram tractados. A segunda, que neste mesmo tempo estando os sertões abertos, e fazendo-se continuas entradas nelles, foram tambem infinitos os captivos, com que se enchiam as casas, e as fazendas dos portuguezes, e tudo se consumiu em tão poucos annos.

Seja a ultima maxima a causa unica e original de toda esta destruição e miseria, a qual não foi, nem é outra, que a insaciavel cubiça e impiedade daquelles moradores, e dos que lá os vão governar, e ainda de muitos ecclesiasticos, que, sem sciencia, nem consciencia, ou julgavam por licitas estas tyrannias, ou as executavam, como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes indios o serem já christãos, ou vassallos do mesmo rei, para não lhes assaltarem suas aldeias, e as trazerem inteiramente captivas, sem mais direito (como eu ouvi aos mesmos capitães daquellas tropas) que o de poderem mais que elles. E não era possivel, nem parece o será, que a justiça divina não acuda por sua providencia, e que o castigo de um estado fundado em tanto sangue innocente pare só na presente miseria.

Suppostas estas maximas, em que não ha duvida, e vindo ás cartas do governador, vejo nellas, que as informações que de lá manda, são as mesmas que de cá levou; porque uma das coisas que representou a sua alteza, foi, que não faria entradas ao sertão, senão a pedimento das camaras; e isto mesmo é o que a camara do Maranhão pede, involvendo estes homens em tudo o que dizem os presuppostos das mesmas injustiças, que mais ou menos capeadamente querem proseguir, e tomando por

pretexto a conservação sua e do estado, e augmento da fazenda real.

Dizem, que sem indios forros e escravos não se póde sustentar o estado, nem cultivar as terras, e assim é, e foi atégora; mas este meio por si só, quando totalmente fosse licito, não é sufficiente; porque se o mesmo estado, havendo tido tantos indios de um e outro genero, tem chegado á summa miseria, em que hoje se acha, como é possivel que se possa reparar da mesma miseria, nem ter seguro ou provavel o seu augmento, estando quasi extinguidos os indios, e não os podendo haver senão em numero e proporção incomparavelmente menor?

Dizem outro sim, e pedem, que se façam entradas ao sertão, como nos tempos passados, para trazer escravos, e que os ditos escravos se façam por conta da fazenda real, a qual avançará neste contracto mil e quatrocentos por cento, vendendo-se aos moradores por preço de trinta mil réis. Tambem a conta deste avanço é certa, e seria muito util, e com pouco risco, se o primeiro contracto, em que se funda o segundo, fosse licito; mas os mesmos officiaes da camara confessam nas suas cartas, que os indios de corda, quando muito, poderão ser vinte ou trinta, sendo certo que ainda se alargam muito; d'onde se segue, que pertendem como d'antes os captiveiros injustos, assim como tambem pertenderam, que os forros fossem trazidos por força, e para isso se offereciam aos gastos da tropa; proposições ambas mui indignas de se apresentarem a um principe tão justo e pio, como sua alteza.

Dizem mais, que os gastos da dita trópa, dando-se as munições dos armazens reaes, montariam tres ou quatro mil cruzados; e isto não posso intender; porque o padre Francisco Velloso fez uma missão pelo rio dos Tocantins de mais de trezentas legoas, na qual trouxe os topinambás em numero de mais de mil almas; e eu fiz outra ao Póquís com outros padres, em que trouxemos mais de oitocentas; e outra a pacificar e reduzir os nheengaíbas, anajás, e mamayanazes, que havia vinte annos nos faziam guerra, e outra á serra de Ibiapába, d'onde trouxe todos os indios pernambucanos, que se tinham mettido com os hollan-

dezes, não fallando nas missões dos guajajaras, e dos catingas, e dos juruunas, e outras menores, que fizeram outros padres, e levando nós a estas entradas grande numero de indios e canoas, porque só no sertão dos topinambás se fizeram de novo cento e vinte, em nenhuma das ditas missões entrou a fazenda real com despeza de um só vintem, excepto na da serra de Ibiapába, aonde o governador mandou um barco, que conduziu a gente, o qual barco não foi só a este fim, senão tambem a resgatar ambar. E a razão de não ser necessaria esta despeza, è porque as canoas são dos indios, e os remeiros os indios, e as farinhas dos indios, que tudo fazem sem estipendio, e os mesmos indios são os que caçam e pescam para sustento dos poucos ou muitos portuguezes, quando vão a qualquer entrada. E se a entrada é a trazer gente livre, então tomam os indios todo este trabalho com muito gosto para fornecerem e augmentarem com ella suas aldeias.

Dizem, e pedem finalmente os officiaes da camara, que sua alteza seja servido de os alliviar do estanque do ferro, e mais generos; que pediram os do Pará, allegando para isso, que o intento de se procurarem os taes generos naquella capitania é o commercio dos escravos, que nella se fazem, pela visinhança do rio das Amazonas; e cessando, como deve de cessar, o dito trato por sua manifesta injustiça, tantas vezes condemnada, tambem parece que o dito estanque será de pouca utilidade, não só ao Maranhão, senão ao mesmo Pará. E isto é tudo o que conteem as cartas daquella camara.

Agora responderei ás cartas do governador nos pontos que são differentes dos referidos, em que elle se conforma com tudo o que tenho dito, reconhecendo a utilidade dos meios, mas não os approvando, por serem contra as leis reaes, ás quaes se póde ajuntar a lei natural e das gentes, sobre que elles se fundam.

Diz pois o governador, que não se podendo fazer o descobrimento do rio Paraguaçú por meio das armas, como os moradores queriam, em ordem a fazer escravos, intentou elle fazer o mesmo descobrimento pacificamente por meio de um padre da companhia e dois sertanejos praticos, e que o dito intento se desvaneceu por medo de uns e do outro.

Este padre da companhia é o padre Antonio Pereira, bem conhecido por suas virtudes neste collegio de Santo Antão, aonde se veio ordenar, e acabados seus estudos de theologia, tornou para o Maranhão, d'onde é natural: é muito pratico na lingua da terra, e de seu zelo e valor tenho eu boas experiencias por me haver acompanhado pelo rio das Amazonas, e outros, em occasiões não menos arriscadas. Se os sertanejos receiaram a jornada, não me consta; mas tenho grande fundamento para suspeitar, que elles foram induzidos a isso; porque os moradores desejavam, e ainda desejam o dito descobrimento por via de armas, para fazerem escravos, e não pelo meio da paz. O certo é, que tendo noticia o dito padre deste desvio, e da causa de temor, que se dava, foi ter com o governador, e lhe disse, que se tinha alguma duvida do seu animo e vontade, que mandasse prevenir as canoas, e veria se elle se embarcava logo, ou não. E para alliviar ao governador de parte da despeza, de que queria fazer serviço a sua alteza, o padre reitor tomou por sua conta a que podia tocar ao dito padre, de cuja carta digna de todo o credito consta o referido.

Mas vindo ao ponto principal do descobrimento do rio Paraguaçú, este rio sáe ao mar entre o Maranhão e o Ceará por oito ou nove bocas, que vulgarmente se cuida são rios differentes, os quaes todos eu vi e passei. Pela maior boca destas sáe tambem a maior corrente do rio, que é largo de um tiro de mosquete, e mui profundo, e entra pelo mar com tal impeto, que em umas das viagens que fiz por aquella costa, estando duas legoas ao mar sobre ferro, batia no costado do navio com notavel força e arruido, de que depois conheci a causa. D'onde venha este rio, não ha noticia certa, mas pelas que me tinham dado no Pará os indios topinambás, tenho conjectura, que nasce de uma lagoa, onde naquelle tempo havia muitos indios de lingua geral, e pelos nomes dos peixes que achei na boca do mesmo rio, e dos que se diz haver na dita lagoa serem os mesmos, intendi que se communicam; e tinha tenção de fazer este mesmo descobrimento, quando os moradores amotinados, por não ser de escravos, impediram este e outros designios de grande serviço seu, e de Deus.

Que o descobrimento se faça, julgo será muito conveniente pelos meios da paz; mas não intendo como possa ser só com vinte indios e duas canoinhas, e que nellas se possam levar mantimentos para cinco mezes, ferramentas, resgates, e mais coisas necessarias para seguir a viagem, e contentar o gentio. Eu quando fiz esta jornada foi a pé pela praia, levando cincoenta indios, e uma canoa para passar os rios: esta canoa em umas partes se levava ás costas com varaes, em outras rodando sobre elles pela areia, e quando era força ir pelo mar, sempre ia alagada; mas dado que as duas canoinhas possam navegar as quarenta legoas de costa, que ha do Maranhão ao rio (o que se não deve fazer, senão no inverno, em que acalmam as ventanias) depois de entrarem da boca do rio para dentro, sem conhecimento delle, nem dos seus braços, nem das cachoeiras, ou pontos que póde ter, em que será necessario arrastar as canoas por terra, e subil-as por montanhas, e penhascos, não alcanço como isto se possa fazer com vinte indios, e como estes se livrarão dos tapuyas barbaros, que cruzam as campinas e bosques daquelles sertões, e outras muitas difficuldades, que mais facilmente se topam de perto, do que se podem discorrer de longe. Assim que, o meu parecer seria, que algumas canoas fossem maiores, em que, as coisas necessarias se conduzissem com segurança, ao menos até a boca do rio, e muito maior o numero dos indios, que d'alli por diante proseguissem o descobrimento; e que com elles, além dos dois sertanejos (que nenhum é pratico do dito rio), fossem quatro mamalucos com armas de fogo, com que se possam defender dos tapuyas, e que depois de descoberto o rio, e o que nelle e por elle se achar, com roteiro, que fará o padre, se saiba o que é necessario para a missão ou jornada principal.

Diz mais o governador a este proposito, que os padres não buscam o martyrio naquella terra, como o iam buscar a outras mais remotas, sendo o seu officio prégar a fé, o que não querem fazer, senão debaixo das armas, que lhes segurem a vida, e que já não fazem as missões como d'antes. Em tudo isto falla o governador como novo e mal informado. E quanto ao pique do martyrio e prégação da fé, os gentios do Maranhão não são

inimigos da fé, nem martyrizam por ella, nem sabem que coisa seja; nem os padres que os vão buscar os reduzem a vir por meio da fé, senão por razões, promessas e conveniencias humanas.

E posto que tambem lhe dizem, que serão filhos de Deus, e se salvarão, a isto respondem (como já respondeu algum), que se Deus, como os mesmos padres dizem, está em toda a parte, tambem está na sua terra, e que nella se podem salvar. Assim que, para os arrancar do sertão, que é o que o governador e os moradores pertendem, não é o meio a prégação da fé, para a qual elles não teem repugnancia alguma, e depois se vão cathequisando e instruindo.

Com a mesma pouca noticia diz, que não querem os padres ir senão debaixo das armas, que lhes defendam a vida; porque todas as missões acima referidas, que eu e outros padres fizemos, foram sem soldados, os quaes só vão e pertendem ir onde ha escravos, de que lhes caiba a sua parte, e os governadores tambem os procuram mandar, e fazer a facção militar, para que lhes caiba a sua joia, como capitães generaes; e assim o fizeram sempre nas entradas de resgate, que eram mui differentes das outras, posto que fossem padres nellas.

E porque não fique sem resposta a calumnia verdadeiramente ridicula de hoje não fazerem os padres missões, é necessario distinguir dois tempos. Desde o anno de 1655 até o de 1661, em que os padres por ordem d'el-rei tiveram á sua conta todas as aldeias e indios, fizeram com elles todas as missões que tenho dito, em que desceram grande quantidade de gentio de diversas nações, e povoaram com ellas as aldeias do Pará, e fundaram a da ilha do Sol, que era a maior e melhor que então havia. Depois do dito anno tiraram-se as aldeias aos padres, e ficaram em poder dos governadores e das camaras, que se serviam dos ditos indios, e os puzeram a elles e ás aldeias no estado em que hoje as teem. E se os padres não tinham indios, com que haviam de fazer as missões, e levar e remar as canoas necessarias á conducção da gente? Não deve de estar informado o governador, que tudo isto se faz por rios, nem de que

a terra é impenetravel de bosques, e talhada de lagôas, e incapaz de se fazer em outra fórma. Comtudo, nem por isso deixam os padres de trabalhar sempre, e cultivar do modo que podem as reliquias das pobres aldeias, nas quaes não acham mais que velhos e velhas inuteis, e creanças e doentes, aos quaes doutrinam e administram os sacramentos; e onde ha commodidade de descerem alguns gentios sem tanto apparato, tambem o fazem, como no Itaqui, Gurupi, e outras partes.

Na ultima carta propõe o governador a mudança do capitão-mór do Pará para o Maranhão, e suppõe que a sua assistencia ha de ser no Pará. As assistencias dos governadores no Pará sempre fôram suspeitosas, e mal avaliadas, mostrando a experiencia, que muitos delles queriam assistir naquella terra menos sadia, por estar mais perto da vindima, e do lagar, que é o rio das Amazonas, e as peças que delle se tiram; mas como o presente governador tem opinião de tão recto e desinteressado, e é tão cuidadoso da observancia das leis reaes, como mostra nas suas cartas, parece que a sua assistencia no Pará terá effeitos contrarios, e d'alli poderá vigiar melhor sobre os que occultamente vão fazer resgates, e castigal-os com a severidade exemplar, que convem. No tal caso será util a mudança do capitão-mór, por quanto com a assistencia do governador no Pará fica ociosa a sua, a qual se póde empregar melhor no Maranhão, e não se lhe faz injuria, sendo o posto e o ordenado o mesmo.

Sobre a introducção da moeda, que tambem se propõe na mesma carta, com o avanço de cento por cento, não me atrevo a dar juiso. Representa-se-me, que por este modo subirá muito o preço das drogas de fóra, e abaterá igualmente o das drogas de dentro, com que antes diminuirá, do que crescerá um estado, cujo augmento se procura; porque vendendo-se, v. g., um negro por cem patacas, as mesmas cem patacas para o mercador serão sessenta mil réis, e para o morador cento e vinte. E ainda que de uma e outra parte se queiram pôr as dogras em equilibrio, considerando-se reciprocamente o valor intrinseco, ou extrinseco da moeda, nunca se podem evitar os damnos, que com o levantamento da nossa se tem experimentado. O dinheiro corrente do

Maranhão não são só novellos e panno, senão tabaco, assucar, cravo, e os demais generos que se commutam; e em qualquer resolução que se tome, sempre se devem prohibir os novellos, como moeda verdadeiramente falsa.

De tudo o que fica dito se colhe, que os meios apontados pelo governador e camara (excepto o de que logo fallarei) nem cada um per si, nem todos juntos, são sufficientes para o efficaz remedio do Maranhão.

Quando a primeira vez cheguei ao dito estado, o achei enfermo deste mesmo mal, e logo avisei a sua magestade das causas, e apontei os remedios; e porque parte delles se não applicaram, e os que se applicaram, não só se impediram depois, antes se elegeram os contrarios, em vez de cobrar saude aquelle corpo, está hoje espirando e quasi morto. O milagre de o resuscitar só o póde fazer o poder de sua alteza, e o maduro e acertado conselho de seus ministros, a quem represento os meios seguintes. Primeiro: que sua alteza por conta de sua real fazenda, pois não ha particulares que o façam, mande metter no Maranhão competente numero de escravos de Angola, os quaes se vendam por preço moderado aos moradores, e com largueza de tempo, em que os possam pagar pelo rendimento dos generos que fabricarem. Este meio é apontado pelo governador e officiaes da camara, e approvado por todos os conselhos e juntas, e confirmado com os exemplos e experiencia de todo o Brazil, que só cresceu á opulencia depois que foi cultivado com os taes escravos; nem sua alteza e seus ministros devem difficultar similhante empenho e despeza, pois se emprega em materia certa, e não contingente, e na conservação de um estado de quatrocentas legoas de costa, o mais visinho de todas as conquistas, e que pela fertilidade de suas drogas é appetecido das nações estrangeiras, as quaes folgaram de dispender pelo adquirir muito mais do que se pede para o conservar. Segundo, e não menos principal: que o resgate, ou latrocinio dos indios chamados escravos, totalmente se prohiba, e que esta prohibição se observe, e as penas comminadas se executem inviolavelmente, porque só o castigo da terra póde applacar, e suspender o do ceu, como nos ensinam tantos exemplos da his-

toria sagrada, sendo certo que em todo o dominio de Portugal não ha outra terra, onde tanto sangue innocente esteja clamando, e pedindo justiça ao ceu, como a do Maranhão.

Terceiro: que na conversão das almas dos gentios e cultura dos já baptisados se ponha o maior cuidado, para que tenhamos da nossa parte a Deus, de quem depende tudo. E posto que esta cultura seria mais natural e desembaraçada nas terras proprias dos gentios, fazendo-se nellas colonias pelos mesmos rios acima (o que já não é possivel por estarem despovoados), ao menos em qualquer outra parte onde estiverem; nem os indios, nem seus parochos sejam molestados dos moradores, o que não póde ser sem o favor mui declarado de sua alteza, e dos que estão em seu logar, sem o qual todos se lhe atrevem, e tudo se confunde.

Quarto: que por meio dos missionarios pacificamente, e sem violencia, se procure descer para a visinhança de nossas povoações todo o numero de indios que se poderem descobrir; e que desde logo se appliquem a este só ministerio todos os indios que ha das aldeias, em quanto se não acabam de todo, e que estes se não divirtam a outra alguma occupação senão depois que as aldeias antigas estiverem fornecidas, ou edificadas outras de novo.

Quinto: que a este fim se reponham todas as aldeias, e indios livres dellas, no antigo estado, em que sua magestade as poz, debaixo da administração dos religiosos da companhia, ou de outra religião, que melhor ou igualmente o faça, a qual religião deve ser somente uma pelos grandes inconvenientes que do contrario se seguem, não sendo possivel conservar-se de outra sorte a união e sujeição dos indios, que por serem tão poucos, necessariamente se hão de tirar de todas as aldeias para o fim que se pertende.

Sexto: que depois de fornecidas e povoadas as ditas aldeias, então se repartam os indios para serviço dos moradores, e que na dita repartição não tenham jurisdicção ou exercicio algum os ditos padres, e fique toda á disposição do governador, ou de outra pessoa ou pessoas desinteressadas á eleição dos povos, para que se evite toda a occasião de queixa.

Setimo: que no entretanto (e sempre se parecer) os velhos, e mulheres, e moços das aldeias incapazes de irem ao sertão se

occupem no districto dellas em lavrar cacau e outras drogas, de que forem capazes as terras, para que todos, segundo as suas forças, trabalhem para o bem temporal publico, e augmento do estado e rendas reaes.

Isto é, senhor, diante de Deus, o que me parece, pelas razões apontadas, e outras que se não podem reduzir em tão breve escriptura; e quando a substancia do que digo se approve, e se offereçam algumas objecções em contrario, creio que poderei satisfazer a ellas, sendo vossa alteza servido que o conde presidente, e o conselho me oiça, protestando que no que toca aos religiosos da companhia, fallo com sincerissimo zelo do maior serviço de Deus e de vossa alteza, intendendo que elles são os que com menores defeitos podem obrar o que represento. Collegio de Santo Antão 31 de julho de 1678.

MEMORIAL

QUE FEZ

O PADRE ANTONIO VIEIRA

RECOMMENDANDO

A PEDRO TEVE BARRETO.

A mercê que se pede a vossa paternidade, é queira patrocinar a pertenção do conego Pedro de Teve Barreto, com o cardeal e mais sugeitos que a vossa paternidade parecer, para a dignidade que pretende de chantre da sé da Bahia, que está vaga, por ser o dito conego capellão fidalgo de sua magestade, e estar servindo na dita sé ha dezenove annos, e ser o mais antigo conego que nella ha, e ter todas as partes e qualidades necessarias. E sobretudo o amparo de vossa paternidade, a quem espera dever esta fortuna, já que em tantos annos não tem logrado nenhuma, pela desgraça do seu sobrenome, assim como foi Teve, não ser Tem.

APPROVAÇÃO E CENSURA

QUE

O P. ANTONIO VIEIRA

FEZ POR ORDEM DE SUA ALTEZA

Á 3.ª PARTE DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

DA PROVINCIA DE PORTUGAL

Reformada pelo padre Frei Luiz de Sousa.

SENHOR: — Intitula-se este livro —Terceira Parte da Historia de S. Domingos, particular do reino, e conquistas de Portugal, reformada em estylo e ordem, e amplificada em successos particulares, por frei Luiz de Sousa, filho do convento de Bemfica —e posto: que sem mais exame bastavam para a qualificação de toda a obra os dois nomes que se leem na fachada, um tão esclarecido no mundo, e tão benemerito da universal egreja, como é o do patriarcha S. Domingos, e é, e será sempre, o de sua sagrada religião; outro tão conhecido em Hespanha, e tão benemerito da nação e lingua portugueza, como é o do padre frei Luiz de Sousa: obedecendo comtudo á ordem de vossa alteza, li com particular attenção esta terceira Parte, e me parece tão digna de sair logo á luz, como o julgaram com maior sufficiencia os censores da primeira, e da segunda. E se me fôra licito estranhar alguma coisa, é só o tempo em que ella atégora, depois dos dias de seu auctor, esteve sepul-

tada com elle. Toda a historia é mestra da vida: esta é mestra da vida, e da historia. Da vida, porque todos os estados do reino teem muito que aprender nos exemplos gloriosos que aqui se referem, não estrangeiros, mas proprios e naturaes, e daquelles mesmos, a quem succedemos, e por isso de mais facil imitação, e sem desculpa. Para as religiões é esta historia espelho, para os religiosos estimulo, e para todos os que professamos observancia regular, ou reprehensão, ou louvor. Nem se encerra só o fructo della dentro dos claustros e muros das religiões; porque tambem o podem colher mui copioso, os que vivem fóra delles. Aqui verão os ministros de vossa alteza os grandes progressos que as bandeiras de Christo, igualmente com as armas de Portugal, faziam em todo o seculo passado nas conquistas do Oriente; cuja memoria se não póde ler sem dor. E é a maior de todas a conhecida insensibilidade com que ou se despresam tamanhas perdas, ou se lhes difficultam os remedios. Crescia aquella monarchia, em quanto crescia a fé; e crescia a fé, em quanto os ministros della eram assistidos dos que o são dos reis: e em quanto os mesmos reis tinham por tão suas as conquistas da egreja, como a dilatação do proprio imperio. Por onde disse com muita razão o auctor desta mesma Historia na dedicatoria da primeira parte, ser tão propria toda de reis portuguezes, que se lhe tirassem o titulo de S. Domingos, ficaria mais delles, que delle. Assim intenderam os religiosissimos principes, que tudo o que se dá a Deus, se recebe com usura: sendo pelo contrario politica não só errada, mas impia, cuidar que se podem augmentar os estados com o que se tira a quem os dá. Isto é o que ensina e persuade a presente Historia, em quanto mestra da vida. É tambem, como dizia, mestra da mesma historia; porque nella se vêem juntamente praticadas todas as suas leis, na verdade da narração, na ordem dos successos, na pontualidade dos tempos, dos logares, das pessoas, e na noticia e ponderação dos motivos e causas de tudo o que se obrou, ou ommittiu: louvando sem ambição nem lisonja; o que é digno de louvor (que é quasi tudo), e castigando sem sangue alguns defeitos, dos quaes se compõe não menos a perfeição da historia. O estylo é claro com brevidade, discreto sem affectação, copioso

sem redundancia, e tão corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria, e affeiçoando a vontade, não cança o intendimento. Faltam geralmente nas historias das religiões aquelles casos, e nomes estrondosos, que por si mesmo levantam a penna, e dão grandeza e pompa á narração: por onde notou o mestre da facundia romana, ser mais facil dizer as coisas sublimes com magestade, que as humildes com decencia. E nesta parte é admiravel o juiso, discrição, e eloquencia do auctor; porque fallando em materias domesticas e familiares (como são particularmente as que se obram e executam á sombra da clausura monastica) todas refere com termos tão iguaes e decentes, que nem nas mais avultadas se remonta, nem nas miudas se abate: dizendo o commum com singularidade, o similhante sem repetição, o sabio e vulgar com grande novidade; e mostrando as coisas (como faz a luz) cada uma como é, e todas com lustre. A linguagem, tanto nas palavras como na phrase, é puramente da lingua em que professou escrever, sem mistura, ou corrupção de vocabulos estrangeiros, os quaes só mendigam de outras linguas, os que são pobres de cabedaes na nossa tão rica e bem dotada, como filha primogenita da latina. Sendo tanto mais de louvar esta pureza no padre frei Luiz, quanto a sua lição em diversos idiomas, e as suas largas perigrinações em ambos os mundos o não puderam apartar das fontes naturaes da lingua materna, como acontece aos rios que veem de longe, que sempre tomam a cor, e sabor das terras por onde passam. A propriedade com que falla em todas as materias, é como quem a aprendeu na escola dos olhos. Nas do mar e navegação falla como quem o passou muitas vezes: nas da guerra, como quem exercitou as armas: nas das côrtes e paço, como cortesão, e desenganado: e nas da perfeição, e virtudes religiosas, como religioso perfeito. Por isso a sua religião sapientissima neste reino, como em toda a parte, entre tantos sugeitos eminentes nas outras lettras, escolheu com alto conselho, um tal chronista; intendendo que a arte de fallar com propriedade em tudo o que abraça uma historia, não se estuda nas academias das sciencias, senão na universidade do mundo. O grande conhecimento que o padre frei Luiz de Sousa teve no mesmo

mundo, se mostra bem em o haver finalmente deixado. E este é o documento geral que se lê em toda a sua Historia, tão digno de ser imitado dos que nasceram e se crearam com similhantes obrigações, quanto é certo, que, assim nos primeiros estudos, como nas ultimas resoluções, terá poucos imitadores. Servirá porém este exemplar para confusão dos que o lerem. E como elle escreveu na primeira, segunda e terceira parte desta Historia as acções de tão heroicos sugeitos, assim será um dos mais excellentes, que andarão escriptos na Quarta. Este é o meu parecer. Neste collegio de Santo Antão da companhia de Jesus em 28 de setembro de 1677.

ANTONIO VIEIRA.

PROTESTO

QUE

O PADRE ANTONIO VIEIRA

FEZ Á CAMARA E MAIS NOBREZA

DA CIDADE DE BETHLEM DO PARÁ

Para não serem expulsos daquella conquista os padres missionarios da companhia de Jesus.

A esta hora, que são as seis da manhã, tive noticia que vossas mercês se ajuntavam ás nove; e posto que até agora (a exemplo de Christo nosso Senhor em sua paixão) tomei por resposta de tudo o que commigo se tem obrado, o silencio; por ultimo descargo de minha consciencia, e pela obrigação que me corre de procurar tambem o das consciencias de vossas mercês me resolvi a representar, e lembrar a vossas mercês o que permitte a estreiteza do tempo.

Primeiro que tudo peço a vossas mercês queiram lêr o que disser neste papel, com os olhos postos em Deus, e em suas consciencias, e na conta que lhe hão de dar, e com os corações limpos de toda a paixão e affecto, e desejosos somente de acertar, como vossas mercês são obrigados.

Com este presupposto lembro primeiramente a vossas mercês, que são christãos, e que não ha exemplo nas historias de que homens christãos e catholicos fizessem o que neste estado do Ma-

ranhão se tem começado a fazer, e vae continuando. Os padres da companhia de Jesus, que residimos neste estado, não só somos religiosos por profissão, como os demais, mas por officio somos parochos das egrejas dos indios, d'onde fomos expulsados; e tirar os parochos ás egrejas é excesso que temem commetter ainda aquelles que negam a obediencia á sé apostolica, como se vê em muitas cidades e parochias de Alemanha, que havendo mais de cento e cincoenta annos que negaram a obediencia ao summo pontifice, conservam comtudo os parochos e pastores nas suas egrejas, contra o que se tem feito neste estado.

Lembro a vossas mercês, que a residencia dos ditos parochos em suas egrejas, e muito mais o terem as egrejas parochos, é de direito divino indispensavel, e que nem o papa os póde tirar dellas. Póde o papa tirar um parocho, e pôr outro; mas tirar os parochos ás egrejas, como neste estado se tem feito, não póde o mesmo papa. E ainda que vossas mercês digam, que em logar dos padres da companhia poderão supprir outros parochos, é coisa que não podem vossas mercês fazer, nem ha neste estado quem tenha poder para isso; porque o summo pontifice tem commettido esse poder só a sua magestade, e sua magestade tem posto por parochos das christandades dos indios aos padres da companhia, como consta de suas leis; e quaesquer outros que se não puzerem pelo dito senhor, serão illegitimos, e não serão parochos, de que se seguem gravissimos absurdos, e ainda nullidades nos sacramentos.

Lembro a vossas mercês, que não ha nação no mundo, que mais necessite da assistencia dos parochos, que os indios naturaes desta terra, por sua natural inconstancia e rudeza; e que da falta e ausencia dos ditos parochos se segue, e se vae já experimentando a ruina de muitas almas, de todas as quaes vossas mercês hão de dar conta a Deus.

Lembro a vossas mercês, que, além dos christãos antigos, teem os padres missionarios de presente á sua conta as nações dos topinambás, poquiguarás, cátingas, bócas, mapuás, anajás, mamayanás, aroans, paricis, tapajós, urucucús, mariás, juruúnas, nonhúnas, e os pocujás, aroaquis, e outros, em que se começa a intro-

duzir a pratica da nossa santa fé; das quaes nações muitos estão já baptisados, e outros se vão cathequisando e baptisando; e com estas novidades, tão alheias de tudo o que se prometteu ás ditas nações, não ha duvida, que se tornarão os mais delles para o mato e para suas gentilidades, em que só o inferno fica de ganho; e o estado, assim no temporal, como no espiritual, com grandissima perda, além de tanta infinidade de almas, de que tambem Deus ha de pedir conta a vossas mercês.

Lembro a vossas mercês, que todas estas nações estão não só reduzidas á egreja, mas tambem á obediencia e vassallagem de sua magestade, a qual obediencia e vassallagem aceitaram por se lhes prometter e jurar em nome do dito senhor, que viveriam debaixo do patrocinio dos padres, e que em tudo o mais se lhes guardariam as leis e regimentos de sua magestade, que lhes foram declaradas, e se fizeram disto papeis authenticos, que foram remettidos á côrte, para se lançarem na torre do tombo, conorme as ordens de sua magestade; e quebrando-se, como se quebram, as ditas condições aos ditos indios, ficam elles livres das obrigações da dita vassallagem, e nós sem direito de lhes fazer guerra, antes elles nol-a poderão fazer, e ainda matar aos padres (como se teme) por lhes haverem promettido o que se lhes não cumpriu.

Lembro a vossas mercês, que no modo com que se procede, e tem procedido contra os padres, se teem quebrado e quebram todas as immunidades ecclesiasticas, e que notoriamente estão excommungados por esta causa muitos moradores deste estado, os quaes não podem ouvir missa, nem confessar-se, nem receber o Santissimo Sacramento, e se o fazem, é com novo peccado. E se acaso ha algum confessor que lhes não advirta esta verdade, será por temor de a dizer, ou porque não terá lido com attenção o que dispoem os sagrados canones nestes casos, os quaes sagrados canones, e os doutores que uniformemente os declaram, sendo vossas mercês servidos, se mostrarão logo, para què vossas mercês conheçam o estado em que estão suas almas.

Lembro a vossas mercês, que os padres da companhia neste

estado, além das suas immunidades communs a todos os religiosos, são pessoas mandadas ao dito estado por sua magestade, e postas nos logares em que estavam, por sua magestade, e que sem ordem e auctoridade do dito senhor, ainda que foram uns quadrilheiros, não podiam ser tirados dos ditos logares; no qual ponto se deve outrosim considerar (e considerar muito) que vossas mercês teem mandado ao reino procurador a dar conta a sua magestade, e antes de ser ouvido o dito procurador, e haver resposta de sua magestade, será muito mal contado a vossas mercês executarem e innovarem coisa alguma.

Lembro a vossas mercês, que o fim por que sua magestade mandou os ditos padres da companhia a este estado, foi para descarregar nelles, e com elles sua consciencia, porque sua magestade está obrigado a mandar prégar a fé aos gentios, e doutrinar os christãos do dito estado, por ser este o titulo com que os senhores reis de Portugal possuem estas e as demais conquistas; e por descargo da dita obrigação de sua consciencia mandou sua magestade aos padres da companhia a este estado, como consta das mesmas leis, e da carta de provisão passada aos ditos padres. Julguem vossas mercês agora como poderá ser aceito a sua magestade tirarem vossa mercês das christandades os ministros da dita doutrina, e se lhes está bem a vossas mercês tomarem sobre si, e impedirem por taes meios os descargos da consciencia d'el-rei.

Lembro a vossas mercês, que somos missionarios do summo pontifice e prégadores da fé, e ministros da propagação della, e quão grande mácula e affronta será do nome portuguez dizer-se no mundo, que os que teem dilatado a fé por todo elle, são agora os que prendem e desterram os prégadores da mesma fé, e os que os teem ido buscar e tirar por força de suas missões, e de entre os gentios, e novos christãos, que estão convertendo: e que exemplo é este para as gentilidades, e que respeito terão os indios aos sacerdotes, quando assim os vêem tractar pelos portuguezes?

Lembro a vossas mercês, que os padres que estão neste estado, vieram a elle com grandes despezas da fazenda de sua magestade, e da companhia; porque nenhum padre ha estrangeiro,

que até chegar ao Maranhão não faça de gasto mais de quinhentos cruzados; e a primeira missão em que eu vim, fez de gasto dez mil cruzados, e a segunda cinco mil cruzados, e a do padre Manuel Nunes dois mil cruzados, e a do padre Francisco Gonçalves mil e quinhentos cruzados. E sendo os ditos padres ora embarcados para o reino, é força que se façam outros muitos gastos; e se forem tomados pelos turcos (como é possivel), ainda serão excessivamente muito maiores. E vossas mercês devem considerar a quem pertence a restituição de tudo isto, e por cuja fazenda se ha de haver, tendo elles padres sempre requerido e protestado, que vão violentamente, como é notorio.

Lembro mais a vossas mercês, que eu vim a esta cidade, tendo capitulado com os moradores do Pará, que viesse a ella ajustar com vossas mercês o que fosse para quietação e maior bem de todo o estado, a quem me offereci em chegando, e me torno a offerecer de novo: e que vossas mercês me tem mettido em uma caravella com guardas mui apertadas, sendo isto não só contra todo o outro direito divino e humano, mas ainda contra o direito das gentes, segundo o qual vossas mercês tinham obrigação ou de me ouvir, ou de me deixar em minha liberdade.

Lembro mais a vossas mercês, que quando vossas mercês não queiram vir em o ajustamento sobredito, ficarão vossas mercês não só com o encargo, do que se fizer no Maranhão, senão tambem de tudo o que se fizer nas capitanias do Pará, onde está o pezo da gentilidade, e christandades; porquanto aquellas capitanias se teem compromettido a seguir o que vossas mercês fizerem; e entre os inconvenientes que se podem seguir proximamente nas ditas capitanias, advirto a vossas mercês, que desde vinte e dois de abril deste anno estava ordenada no Pará uma entrada ao sertão, para se fazerem peças para o serviço do estado, e que as ditas peças, se se fizerem sem o missionario e cabo, que requerem as leis de sua magestade, não ficarão legitimamente captivas, o que será em grande damno de todos.

Lembro outrosim a vossas mercês, que sendo eu o prelado da companhia de Jesus neste estado, e sendo todos os outros religiosos da companhia subditos meus, e os prelados feitos por mim,

e estando em mim só os poderes e a jurisdicção, vossas mercês fizeram tudo o que se tem feito, e o vão continuando, sem me fallarem, nem ouvirem uma só palavra, que é contra toda a razão e direito.

Lembro a vossas mercês, se acaso ha alguma queixa contra mim, ou contra os outros religiosos da companhia, que considerem vossas mercês, que os homens, ainda que sejam religiosos, não são anjos, e que, com razão, ou sem ella, é força que sempre haja queixas, e que dos mesmos apostolos de Christo as houve; e que quando houvesse as ditas queixas, tinham vossas mercês obrigação de m'o advertir, ou requerer, o que nunca fizeram, tendo-o eu pedido a vossas mercês, tanto que a este estado vieram as ditas leis, como fiz em presença do governador André Vidal de Negreiros, aos senhores officiaes da camara daquelle anno, pedindo-lhe que se houvesse alguma queixa, m'a fizessem, porque eu daria satisfação a todas, como no mesmo dia dei, e havendo que emendar, o emendaria.

Lembro a vossas mercês, que eu não tenho outro juiz mais que o summo pontifice, e o padre geral da companhia, e (no tocante ás leis) a sua magestade; comtudo pelo bem da paz, e quietação deste estado, estou prompto, e me offereço não só ao ajustamento que tenho dito, mas a dar satisfação a vossas mercês de todas e quaesquer queixas que contra mim ou contra os religiosos da companhia haja ácerca dos indios, e obrigações delles á republica de que se tracta; e neste ponto me offereço a mostrar com evidencia a vossas mercês as seis coisas seguintes:

Primeira: que em nenhuma coisa tomei, nem tomou a companhia mais jurisdicção, que aquella que lhe dão as leis, e regimentos de sua magestade.

Segunda: que sempre interpretei as ditas leis a beneficio do povo, e que se se quebraram por nossa parte em alguma coisa, foi sempre a favor do povo, e contra os indios.

Terceira: que muitas vezes disse aos officiaes das camaras deste estado, e a outras pessoas maiores, que se nas leis e regimento de sua magestade, ou na intelligencia dellas haria

alguma coisa que mostrasse a experiencia ser menos util ao bem do estado, que as conferissemos entre nós, e que em tudo o que não houvesse peccado, eu me assignaria, e faria que sua magestade o mandasse confirmado; e que se em alguma coisa nos não ajustassemos, se remettessem as rasões de ambas as partes ao dito senhor, para as mandar resolver.

Quarta: que em todo este estado não houve nunca morador, nem ministro algum ecclesiastico, ou secular, que procurasse o bem ainda temporal do dito estado, nem com maior zelo, nem com maiores effeitos, que eu; e que todo o bem temporal que ha no estado, foi procurado, e conseguido, e conservado por minha diligencia; e que houvera no dito estado outros muitos bens temporaes, que eu quiz acrescentar nelle, se houvera quem quizesse concorrer para isso, e que os não ha porque não quizeram.

Quinta: que na materia de interesse não adquiri, nem adquiriu a companhia neste estado, depois que eu vim a elle, coisa alguma; antes cedeu sempre a companhia de muitos interesses que licitamente lhe competiam; e deu sempre muito do seu, e tudo quanto tinha com grande excesso.

Sexta: que nunca escrevi a sua magestade, nem a ministro, nem a pessoa alguma, coisa que fosse contra o bem temporal, nem espiritual deste estado, e que assim o mostrarei nas mesmas cartas, de que se cuida o contrario, as quaes estão intendidas avessamente; e se isto e o demais se não crê, experimente se, e oiçam-me.

Finalmente, senhores, lembro a vossas mercês, que vim para este estado, deixando em Portugal a quietação da minha cella, e o mais que lá tinha ou podia ter, só com zelo da salvação das almas, e que procurei a de vossas mercês nas doutrinas, nas praticas, nos sermões, com a vontade que vossas mercês poderiam intender da efficacia com que o trabalhava pelo persuadir; e no ministerio da salvação dos indios, e propagação da fé não perdoei a nenhum trabalho, nem risco da vida, por mar e por terra, como a todos é notorio, postoque tudo isto misturado com grandes imperfeições, como tão indigno religioso que sou. E postoque

não posso lembrar a vossas mercês a confiança que sua magestade fez sempre da minha fidelidade, e por ser a maior parte desta confiança em negocios occultos, basta a dos publicos, com que sua magestade me enviou a Hollanda, França, Italia, pondo em minhas mãos as maiores dependencias da sua coroa, para que vossas mercês devam presumir, que não póde caber no Padre Antonio Vieira coisa que seja contra esta fidelidade e zelo, como é dizerem que me quero unir com os hollandezes contra este estado, e outras coisas tão ridiculas como esta.

Nem obsta que se diga, que as coisas alheias desta verdade veem provadas, porque papeis feitos por inimigos, e por ministros incompetentes, e com tantas outras nullidades, não fazem prova alguma, e muito menos em terra onde todos vossas mercês se queixam de falsos testimunhos, e em tempo onde os padres da companhia, e eu particularmente, estamos tanto no odio de todos, como vossas mercês e os effeitos o dizem.

E se isto se não deve presumir de mim, tambem se não deve presumir dos religiosos que estão nas christandades do Gurupá, Nheengaibas, e rio das Amazonas, em que ha tantas pessoas de tanta auctoridade, lettras e virtude, e que deixaram suas patrias, e se vieram metter naquellas brenhas, padecendo tantos trabalhos e perigos pela salvação das almas.

Por remate lembro a vossas mercês, que tudo o que vossas mercês pertendem, ou podem pertender com estas inquietações da republica, encargos de consciencia, e incommodidades dos moradores, e tantas outras molestias e escandalos do estado, tudo isto, digo, se póde conseguir com paz e quietação e em grande serviço de Deus, e de sua magestade, e utilidade de todos; e destes dois meios parece que dicta o mesmo Deus e a boa razão, se deve escolher o segundo.

Isto digo, senhores, a vossas mercês por descargo de minha consciencia, ficando prompto e offerecido para responder e satisfazer a qualquer objecção, ou duvida, que haja contra o dito neste papel, ou contra qualquer coisa das que correram neste estado por minha conta; e para me acommodar na melhoria dellas a tudo o que for justo e conveniente, como sempre quiz,

procurei e pedi: vossas mercês resolverão o que forem servidos, sobre o que não peço, nem exhorto, nem persuado coisa alguma, e só fico rogando a Deus inspire a vossas mercês o que for mais serviço seu, e gloria sua. Se Deus quizer, o que eu pertendia, elle o disporá; e se elle o não quizer, tambem eu o não quero. O mesmo Senhor, que ha de pedir conta a vossas mercês, os allumeie, e lhes dê muita de sua graça, como vossas mercês hão mister. Desta caravella em 18 de agosto de 1661.

ANTONIO VIEIRA.

VOTO

DO PADRE ANTONIO VIEIRA

SOBRE AS

DUVIDAS DOS MORADORES DE S. PAULO

ÁCERCA DA ADMINISTRAÇÃO DOS INDIOS.

Para fallar com o fundamento e clareza que convem, em materia tão importante como da consciencia, e tão delicada como da liberdade, é necessario primeiro que tudo suppor que indios são estes de que se tracta, e que indios não são.

São pois os ditos indios, aquelles que vivendo livres, e senhores naturaes das suas terras, foram arrancados dellas por summa violencia e tyrannia, e trazidos em ferros, com a crueldade que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas leguas até chegarem ás terras de S. Paulo, onde os moradores dellas (que d'aqui por diante chamaremos Paulistas) ou os vendiam, ou se serviam e se servem delles como escravos. Esta é a injustiça, esta a miseria, este o estado presente, e isto o que são os indios de S. Paulo.

O que não são, sem embargo de tudo isto, é que não são escravos, nem ainda vassallos. Escravos não, porque não são tomados em guerra justa; e vassallos tambem não, porque assim como

o hespanhol ou genovez captivo em Argel é comtudo vassallo do seu rei e da sua republica, assim o não deixa de ser o indio, posto que forçado e captivo, como membro que é do corpo, e cabeça politica da sua nação, importando igualmente para a soberania da liberdade, tanto a corôa de pennas, como a de oiro, e tanto o arco como o sceptro.

D'aqui se segue que os mesmos indios de S. Paulo dentro desta sua miseria, ainda que trazidos ás terras sujeitas ao dominio de Portugal, de nenhum modo estão elles sujeitos ao mesmo dominio, de tal sorte que os reis a seu arbitrio os possam obrigar com leis, pensões, ou tributos, nem limitar, diminuir, ou alterar a inteireza da sua liberdade, antes pela mesma oppressão que teem padecido e padecem, lhes são devidas aos ditos indios duas satisfações, uma da parte dos reis, outra da parte dos Paulistas. Da parte dos reis, que, como principes justos, os devem pôr a todos em sua liberdade natural, não consentindo em seus estados tal tyrannia, antes castigando severamente os delinquentes nella. E da parte dos Paulistas, que lhes satisfaçam os damnos recebidos, e lhes restituam e paguem o preço do seu serviço, a que por força os obrigaram.

E são tão preciosas estas duas obrigações primeiro na falta da restituição dos ditos indios á sua natural liberdade tantas vezes procurada pelos reis castelhanos e portuguezes, e sempre resistida pela rebeldia dos Paulistas, que só póde escusar as consciencias reaes a grande difficuldade de o conseguir. A qual impossibilidade porém só póde fazer licita ás ditas magestades a dissimulação de tolerar similhantes injustiças, mas de nenhum modo é bastante a lhe dar direito, ou auctoridade de as approvar em todo, nem em parte, debaixo de qualquer pretexto, conveniencia, ou acommodamento, como o da presente administração, salvo somente se fôr com expresso, voluntario e livre consentimento dos ditos indios, sem força, dolo ou simulação alguma; como tambem só do mesmo modo podem ser perdoados por elles aos Paulistas os damnos acima referidos, e a satisfação e paga do seu serviço, onde muito se deve advertir, que não sendo o dito consentimento totalmente livre, sincero e verdadeiro, e os indios consentirem na

administração de que se trata, só por remir sua vexação, nem por isso os causadores della ficarão seguros em consciencia, nem poderão ser absoltos das violencias que na dita administração, ou debaixo de qualquer outro especioso nome se continuarem.

E isto supposto, depois de venerar quanto devo as resoluções que se tem dado ás duvidas dos moradores de S. Paulo, havendo de declarar o meu parecer, como sua magestade, que Deus guarde, foi servido de me mandar ordenar, farei neste papel duas coisas: Primeiro proporei as difficuldades e escrupulos que nas ditas duvidas e sua resolução se me offerecem e depois representarei, segundo as experiencias que tenho, os meios com que facilmente, e sem escrupulo, se póde conseguir o que se pretende.

O primeiro escrupulo, em que se não aquieta o intendimento sobre o modo, ou modos, com que se tem por licita a presente administração é, que todo o oneroso della cáe sobre os indios, e todo o util se concede aos paulistas; todas as conveniencias a estes; e aos indios, sempre miseraveis, todas as violencias. Não é violencia, que se o indio, senhor da sua liberdade, fugir, o possam licitamente ir buscar, e prender, e castigar por isso? Não é violencia, que sem fugir haja de estar preso e atado, não só a tal terra, senão a tal familia? Não é violencia, que morrendo o administrador, ou pae de familia, hajam de herdar os filhos a mesma administração, e repartirem-se por elles os indios? Não é violencia que se possam dar em dote nos casamentos das filhas? Não é violencia que não tendo o defuncto herdeiros, possa testar da sua administração, ou entre vivos fazer trespasso della a outro, e que experimentem e padeçam os indios em ambos os casos, o que succede na differença dos senhores aos escravos? Não é violencia, que vendendo-se a fazenda do administrador, se venda tambem a administração, e que os indios com ella, posto que se não chamem vendidos, se avaliem a tal e tal preço por cada cabeça? Não é violencia, em fim, que importando a um indio para bem de sua consciencia casar-se com india de outro morador, o não possa fazer, sem este dar outro indio por elle?

Estas são as clausulas, que com nome de licitas, e sem nome de violencias, leva a nova administração comsigo, bastando só a

primeira, para que os indios fiquem em muito peior estado da que agora estão; porque agora se fugir um indio, não se póde prender licitamente, nem castigar por isso, nem ser obrigado a que sirva, se não quizer, nem querendo, que seja mais a este que áquelle; e do mesmo modo, nem que testem delle, ou o trespassem a outrem, nem que seus filhos, se os tiver o indio, fiquem com a mesma obrigação, etc. E sendo tanto peior esta nova fortuna, a que os ata e obriga a administração; como se póde crer, nem presumir, nem suppor, que a aceitem voluntariamente?

O segundo escrupulo da administração nesta forma, é da parte dos administradores, os quaes só ficam obrigados a dar ao indio o sustento, o vestido, a cura nas enfermidades, e a doutrina, e só de mais, alguma coisa, ou mimo. Assim o dizem as palavras da resolução expressas, que são as seguintes: *Poderá qualquer outra coisa, ou mimo, dado de tempo em tempo, no discurso do anno, além do sustento, vestido, medicamento, e doutrina, reputar-se por paga sufficiente.* Pondere-se agora toda esta resolução por partes, e nenhuma se achará, que não seja escrupulosa. Primeiramente o vestido, o sustento, a cura e a doutrina, esta obrigação tem todo o legitimo senhor ao escravo mais vil, e até aqui ficam iguaes os indios aos escravos. O demais, que se reputa por sufficiente paga, é *alguma coisa*, ou *mimo*, pelo discurso do anno. E que significa, ou que recebe o indio nesta chamada paga sufficiente, a qual o mesmo paulista ha de avaliar como quizer e executar, se quizer? O que alli se chama *alguma coisa*, significa coisa pouca e incerta, sendo que a paga deve ser certa, e determinada, ou taxada pela lei, ou pela convenção do trabalhador com quem o aluga segundo aquillo: *Nonne ex denario convenisti mecum?* O *mimo* significa favor, benevolencia, ou graça, e não justiça e obrigação; e bastará para mimo de um indio uma faca, ou uma fita vermelha. Isto se reputa por paga sufficiente, dado de quando em quando, que em outra parte se explica por uma, ou duas vezes no anno. A paga deve-se proporcionar, não só ao peso do trabalho, senão ao tempo; e sendo o trabalho do indio de cada dia, como póde a paga ser sufficiente e justa, se não for tambem de cada dia? Por isso se chama jornal, e por isso

ameaça Deus severamente não só aos que a não pagarem, senão aos que a deixarem de um dia para o outro.

A razão ou escusa que se dá de ser esta chamada paga tão rara e tão tenue, é serem os indios naturalmente preguiçosos, e de pouco trabalho; mas as pessoas muito praticas daquella terra, e muito fidedignas, affirmam que os paulistas geralmente se servem dos ditos indios de pela manhã até noite, como o fazem os negros do Brazil, e que nas cafilas de S. Paulo a Santos não só vão carregados como homens, mas sobrecarregados como azemolas, quasi todos nús, ou cingidos com um trapo, e com uma espiga de milho por ração de cada dia. Para que se veja, se é materia de escrupulo deixar o sustento, o vestido, e o trabalho (posto que muito recommendada a moderação de tudo) no arbitrio dos homens, que no mesmo sustento, que no mesmo vestido, e no mesmo trabalho assim costumam tractar os indios.

O terceiro escrupulo é fundado na lei da liberdade; e o quarto no exemplo das licitas administrações, conforme a ella. A definição da liberdade, segundo as leis, é esta: *Naturalis facultas ejus, quod de se, et rebus suis quisque facere velit.* E consistindo a liberdade no direito e faculdade que cada um tem de fazer de si, isto é, de sua pessoa, e de suas coisas, o que quizer, combine-se agora tudo o que na sobredita administração se permitte e concede aos administradores, e julgue-se, se com mais razão se devem chamar captivos, que livres: captivos nas pessoas, captivos nas acções, captivos nos bens, de que eram capazes, se trabalharam para si. De sorte, que de si e de seu não lhes fica coisa alguma, que por toda a sua vida não esteja sujeita aos administradores, não só em quanto estes viverem, senão ainda depois de mortos.

Estas que nós chamamos administrações, tiveram seu principio em todo o resto da America com nome de encommendas, por serem encommendados os indios aos administradores, e porque entre elles se foram introduzindo varios abusos contra a liberdade dos indios, não bastando o caso quarto da Bulla da Ceia para os refrear, como nota em proprios termos dos indios o ve-

neravel e doutissimo padre José da Costa, que escreveu na mesma America: depois do concilio que se fez em Lima, e se examinar a materia nos tribunaes de Hespanha pelos juristas e theologos de maior nome, fizeram os reis catholicos para descargo de suas consciencias as leis, de que porei aqui algumas, referidas e confirmadas com muitos textos e auctores por D. João Solorzano Pereira, em um appellido, castelhano, e em outro portuguez, e por todos os titulos merecedor do elogio, que lhe deu Madrid na approvação do tomo de *Indiarum gubernatione;* a saber: *Quem nostra Hispania generalem præceptorem agnoscit.*

No primeiro livro, pois, do dito tomo, cap. 1.º n.º 12 prohibindo a lei o serviço pessoal dos indios (que é na definição da liberdade a clausula *de se*), diz assim: *Para cuyo remedio ordeno y mando, que daqui adelante no aya, ni se consienta en essas provincias, ni en ninguna parte dellas los servicios personales, que se reparten por via de tributos a los indios de las encomiendas, y que los juezes, o personas, que hisieren las tassas de los tributos, no los tassen por ningun caso en servicio personal, ni le aya en estas cosas, sin embargo de qualquiera introducion, costumbre, o cosa, que cerca de ello se aya permittido, sob pena, que el encomendero, que usare de ellos, y contraviniere a esto, por el mismo caso aya perdido, y pierda su encomienda: lo qual es mi voluntad, que assi se cumpla, y execute, y que el tributo de los dichos servicios personales se commute, y pague como se tassare en frutos de lo que los mismos indios tuvieren, y cogieren en sus tierras, o en dinero, lo que destro fuere para los indios mas commodo, y de menos vexacion.* Até aqui a dita lei emendando como contrario á liberdade dos indios o uso de elles servirem pessoalmente aos encommendeiros, que são os administradores, e mandando que o cuidado que teem da administração, se lhes satisfaça dos tributos que os mesmos indios costumam pagar a el-rei dos frutos das suas lavouras, etc.; e para que em nenhum caso se consintam os ditos serviços pessoaes, declara outra lei, ibid. n.º 14: *Que no puedan los indios por sus delictos ser condenados a ningun servicio personal de particulares.* Debaixo do qual nome de *particulares* se intendem, além dos mes-

mos vice-reis expressados em muitas provisões, todos os demais que nomeadamente se contem na mesma lei citada, cap. 2. n.º 8 a qual manda, ou prohibe: *Que no se den indios a nadie en particular; sino que, si pareciere convenir, compelan a los indios a que trabajen, y se salgan a alquilar a las plaças, y lugares publicos, para que los que huvieren menester, assi hespañoles, son o otros indios, ora sean ministros reales, o prelados, religiones, sacerdotes, doctrineros, hospitales, y otras qualesquiera congregaciones, y personas de qualquier estado que sean, los concierten, y cogan alli por dias, o por semanas, y ellos vayan con quien quisieren, y por el tiempo que les pareciere de su voluntad; y sin que nadie los pueda tener contra ella, tassandole los jornales, etc.*

E fallando outra lei particularmente com os ministros, cap. 2.º n.º 4, é notavel a miudeza dos serviços pessoaes e domesticos dos indios, que os reis lhes prohibem, não com menos penas, que de perderem os officios, por estas palavras: *Ni vos sirvaes de los indios de agua, ni yerva, ni leña, ni otros aprovechamientos, in servicios, directa, ni indirectamente sob pena de la nuestra merced, y de perdimientos de vuestros officios.* E finalmente os mesmos reis, n.º 9, dão a razão deste que parece demasiado aperto, dizendo: *Porque aunque esto sea de alguna discomodidad para los hespañoles peza mas la libertad, y conservacion de los indios.*

Isto é o que ácerca da dita liberdade dispõe os reis catholicos, como senhores da America, para satisfação de suas consciencias, e dos hespanhoes, que habitam aquellas terras, ou as vão governar, e isto o que como supremos administradores não concedem, mas prohibem nas administrações dos indios, intendendo com todos seus conselhos, que de outro modo não podem ser licitas.

E porque o mesmo é o meu parecer, tendo, quando menos, por escrupulosas as larguezas, com que se responde ás duvidas dos homens de S. Paulo, resta responder aos fundamentos dellas, como agora farei.

E começando por onde começam os mesmos paulistas, dizendo, que sua magestade lhes concede a administração dos indios, sup-

posto não serem os ditos indios capazes de se governarem por si, nem de se conservarem em uma vida de algum modo humana e politica, nem de se estabelecerem de outro modo na santa fé, se ficarem sem administradores sobre si; esta supposição na generalidade, em que se toma, de nenhum modo se póde verificar nos indios de S. Paulo, porquanto os que os paulistas traziam do sertão, não eram tapuyas barbaros, senão indios aldeados, com casa, lavouras, e seus maioraes, a quem obedeciam, e os governavam com vida deste modo humana, e a seu modo politica.

E quando menos se não devem esquecer das muitas mil almas, que trouxeram de duas reducções de Paraguay, onde todos eram christãos e os vieram seguindo, como seus pastores, o padre Simão Maceta, e o padre Justo Manzilla, e procuraram no governo da Bahia a sua restituição e liberdade, mas sem effeito. E do mesmo lote eram aquelles, que, cercados em uma grande egreja em dia de festa, os metteram em correntes, matando á espingarda o seu parocho, porque os quiz defender, e outros muitos deste genero.

Mas, posto que com mais piedade, que experiencia, haja quem os queira medir a todos pela sujeição de puramente menores, saibam os paulistas, que por isso mesmo, ainda que voluntariamente se queiram os ditos indios sujeitar a ter a união perpetua acima referida, que a tal sujeição, e a tal vontade é nulla e invalida.

Assim o ensina com muitos textos, e doutores, o já allegado Solorzano *de indiraum gubernatione lib. 1, cap. 3, n.º 55 et* 56, onde diz: *Et voluntas indorum, qui minorum jure, et privilegiis utuntur, in perniciem libertatis ipsorum trahi non debet, neque impediri, ut eam revocent, et à dictis fundis, et dominis, quando voluerint, recedere possint, cum nemo, etiam maior, et volens, dominus sit membrorum suorum;* e no n.º 57 dá razão de ser a dita vontade invalida e nulla: *Quia licet aliquando tolerari soleat pactum perpetuum de operis præstandis; pactum tamen inducens perpetuam libertatis privationem invalidum est.*

O segundo fundamento, é que se lhes dá aos paulistas a administração dos indios na fórma acima referida, com condição e pro-

messa que não tornem ao sertão a ir trazer outros. Ao que se responde, que *Non sunt facienda mala, ut eveniant bona*. E não faltará quem diga, que mais seguro modo de não tornarem os paulistas ao sertão, seria o que com gloria immortal executou el-rei de França neste mesmo seculo, quando para impedir os damnos que os piratas rochelezes faziam em todos os mares, arrasou totalmente a Arrochela, concorrendo tambem para isso a armada de Hespanha.

Mas tornando á dita condição em bom romance, vem a ser como se ao ladrão se dissera : eu te concedo o uso licito de quanto tens roubado, com que promettas de não roubar mais ; no qual caso, se os roubos foram da fazenda real, bem se podera esperar da benignidade e grandeza de sua magestade, que os perdoasse ; mas sendo o mesmo rei e senhor nosso, que Deus nos guarde muitos annos, entre todos os principes do mundo o maior favorecedor das gentilidades, e de seu bem, assim espiritual, como temporal, de nenhum modo se póde presumir, que queira sujeitar a tal modo de captiveiro perpetuo tantos milhares de innocentes.

O terceiro fundamento da dita sujeição, e de não se poderem apartar os indios da casa dos administradores paulistas, antes serem obrigados por força, e com castigo a tornar para ellas, é o exemplo de que se usa nas aldeias do Brazil, em que, se fogem ou se ausentam os indios, os obrigam que tornem e residam nellas ; mas a razão da differença é muito clara ; porque os indios do Brazil são naturaes dellas, onde teem seu domicilio, e vivem como em terra e patria propria, e de sua nação, paes, avós, e como partes da mesma communidade, e membros do mesmo corpo politico que devem conservar e augmentar, e não diminuir nem desfazer ; e pelo contrario os indios chamados de S. Paulo, nenhuma obrigação teem áquella povoação e republica, d'onde sairam os que por summa violencia e tyrannia os arrancaram das suas terras e patrias ; e obrigal-os a que conservem a dos paulistas, e não se possam separar della, seria o mesmo que se os captivos de Argel fossem obrigados a não fugir, nem procurar sua liberdade por outra via, para conservarem o mesmo Argel.

O quarto fundamento, é que o sobredito modo de tractar os indios, e se servirem delles, é usado dos religiosos, ainda mais observantes e timoratos de S. Paulo, cuja religião, porém, e cujo exemplo não basta para fazer licito o dito tractamento, salvo se fosse tão benigno e paternal que os mesmos indios, como filhos, muito por sua vontade o acceitassem, e de nenhum modo repugnassem, ou se queixassem delle; porque nesta segunda supposição tão injusto seria, e digno de ser emendado o dito abuso nos ecclesiasticos e religiosos, como nos leigos.

Sobretudo se deve advertir que tal fórma de administração é totalmente nova e inaudita; porquanto todas as outras foram, e são fundadas em indios aldeados, e juntos na mesma povoação ou communidade, onde sejam administrados por um administrador, e nesta tantos veem a ser os administradores como as familias, os quaes só na villa de S, Paulo, e seu districto, passam de quatrocentas, e nas capitanias annexas, a que se estende a mesma administração, são mais de quatro mil: e sendo coisa difficultosa achar um administrador fiel, como se póde suppor ou imaginar que o sejam tantos centos, e tantos milhares de administradores?

Pedindo muitas vezes os moradores do Maranhão ser administradores dos indios, na fórma e á similhança dos de Castello, não por familias, senão em aldeas e communidades, nem o senhor rei D. João de gloriosa memoria, nem sua magestade, que Deus guarde, o quizeram nunca conceder, pela occasião e perigo moral de infinitas injustiças; e postoque nas respostas das presentes perguntas se poem tantas moderações e cautelas, que especulativamente possam fazer pelo mesmo modo licitas as ditas administrações, as mesmas moderações e cautelas em tanta multidão de administradores são manifestas occasiões, perigos e demonstrações de que na praxe se não poderão observar, antes debaixo do especioso nome de administração concedida por auctoridade real, sejam licença e liberdade publica para se captivar a dos indios.

O que tudo supposto, depois de muito considerado e encommendado a Deus o remedio de materia tão importante, não só

ao allivio e vida toleravel e racional dos indios, senão muito mais ás consciencias de tanto numero de portuguezes até agora na vida e na morte tão arriscadas; o meio ou meios que se me offerecem, são os dois seguintes:

Primeiramente é certo que as familias dos portuguezes e indios em S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a lingua que nas ditas familias se falla, é a dos indios, e a portugueza a vão os meninos aprender á escola; e deaunir esta tão natural ou tão naturalisada união, seria genero de crueldade entre os que assim se crearam, e ha muitos annos vivem. Digo, pois, que todos os indios e indias que tiverem tal amor a seus chamados senhores, que queiram ficar com elles por sua livre vontade, o possam fazer sem outra alguma obrigação mais, que a do dito amor, que é o mais doce captiveiro, e a liberdade mais livre.

Funda-se esta resolução no exemplo e lei expressa do mesmo Deus em similhante caso. O captiveiro dos hebreus na lei durava até seis annos, como consta do cap. 21 do Exodo, e diz assim a lei: *O servo hebreu não servirá mais que até o sexto anno, e no principio do setimo sairá livre; mas se elle disser: Eu amo a meu senhor, e mulher, e filhos, e não me quero saír de sua casa, nem usar de liberdade; em tal caso o dito servo fique servindo a seu senhor perpetuamente: Quod si dixerit servus; Diligo dominum meum, uxorem et liberos, non egrediar liber... Erit ei servus in sæculum.*

O mesmo digo eu, mas com certa limitação (que tambem a tinha aquelle servo até o anno do jubileu). A limitação no nosso caso é, que se o indio se arrepender pelo tempo adiante de estar na mesma casa, o possa fazer, e passar-se para alguma das aldeias de administração, de que logo se tractará, e desta limitação se seguirão dois grandes effeitos. O primeiro, que assim se conservará a inteireza da liberdade dos indios. O segundo, que o senhor ou amo com receio de o perder, e que se lhe vá de casa, o tractará com tal benignidade e satisfação sua, que conserve a mesma vontade e amor, com que se quiz perpetuar em sua companhia, e por este meio de tanta suavidade ficarão os homens e familias

de S. Paulo com grande numero de indios, e os melhores e mais uteis, dos quaes licitamente se possam ajudar e servir, sem outra paga ou estipendio, que o bom e amoravel trato de que elles se contentem.

O segundo meio é, que todos os outros indios que não tiverem este amor a seus chamados senhores, divididos pelos logares mais accommodados, se ponham em numerosas aldeias com seus parochos e administradores, onde no espiritual possam ser doutrinados, e viver á lei de christãos, e temporalmente ser governados de modo, que elles se conservem, e sirvam por seu estipendio aos portuguezes pelo modo seguinte:

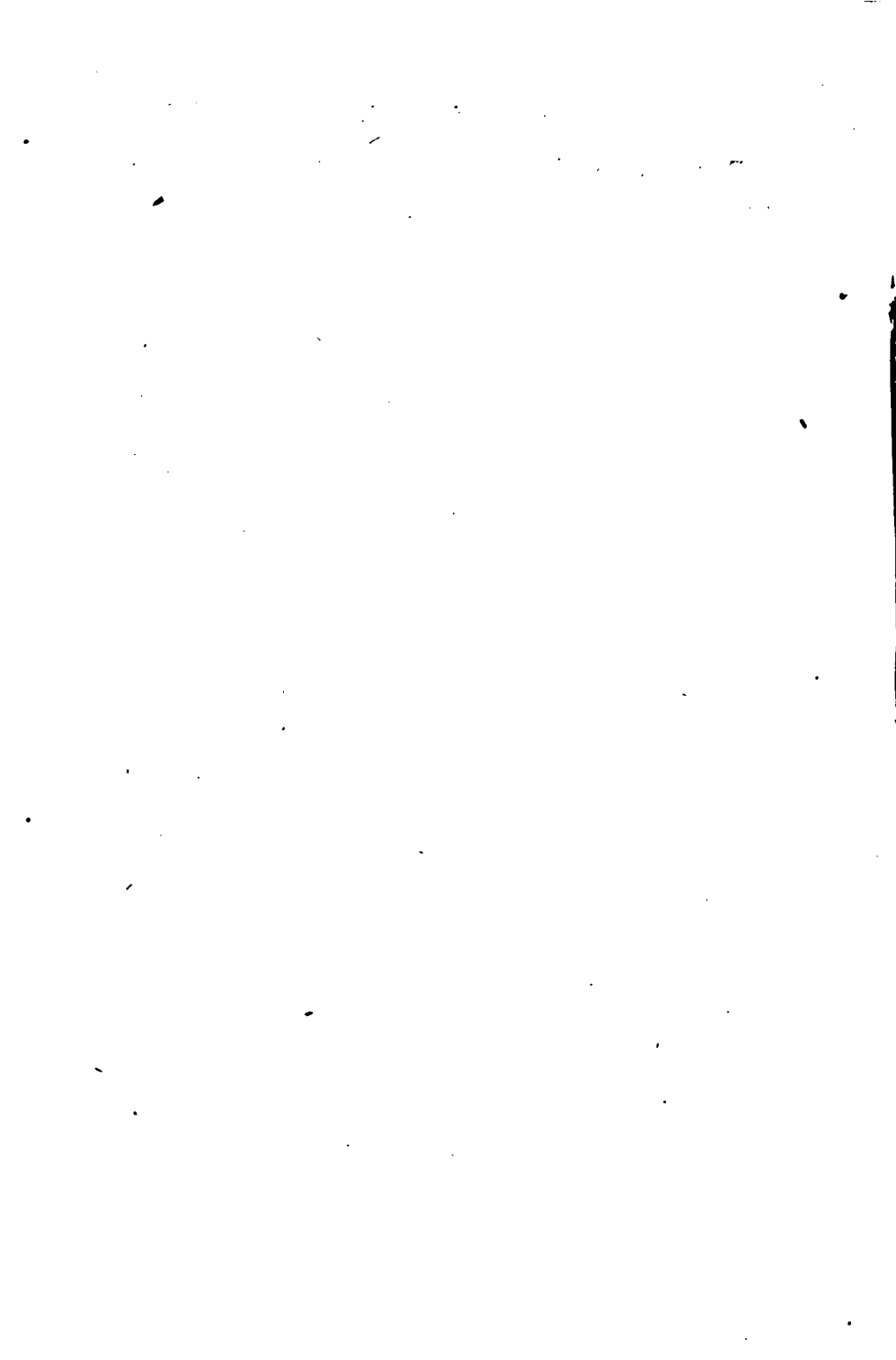
Quanto aos parochos, que estes sejam regulares ou seculares, e que os indios dos dizimos que não pagam das suas lavouras, lhes façam a congrua conveniente, com que terão a doutrina necessaria, e quem lhes administre os sacramentos a toda a hora, e lhes diga missa nos dias de guarda, e não vivam, sendo baptisados, como muitos hoje, que apenas uma vez no anno veem á egreja.

Quanto aos administradores, que ponha sua magestade um tributo aos indios (como vassallos, que já serão) nas suas lavoiras, o qual tributo sirva de sallario aos administradores, e que estes sejam alguns daquelles moradores de S. Paulo; os quaes foram tão timoratos, que no tempo das entradas ao sertão nunca quizeram ter parte nellas, merecendo por isso esta confiança e premio; e digo fallando destes indios, *vassallos que já serão*, porque o estylo dos pactos que se fazem com os isentos, é jurarem elles juntamente vassallagem a sua magestade.

Quanto ao serviço dos portuguezes, que os indios das ditas administrações fiquem obrigados a elle alternativamente quatro até seis mezes no anno, como no Maranhão o aceitaram com applauso de todos; e que o estipendio ou jornal de cada dia, seja o que fôr mais justo e acommodado a contentamento das partes, sendo a especie da paga em panno de algodão, como é costume, aos indios, e de mais commodidade em S. Paulo, no qual panno terão sufficientemente com que se vestir a si, a suas mulheres, e filhos.

E quanto ao exercicio dos indios nos mezes livres, que os administradores os não deixam estar ociosos, obrigando-os com a moderação de livres, a que trabalhem, e façam suas lavoiras, de que abundantemente se sustentem, estando a presente repartição, para que licita e suavemente se consigam os quatro intentos santos, e verdadeiramente reaes de sua magestade, a saber: a liberdade dos indios, a consciencia dos paulistas, a conservação de suas povoações, e serviço e remedio de suas familias.

E porque não ha leis tão justas e leves, que não necessitem de quem as faça executar e guardar: para este fim parece conveniente, que assim como em Pernambuco e no Rio de Janeiro houve antigamente administradores ecclesiasticos, assim hajam em S. Paulo um de conhecido zelo e justiça, que todos os annos visite aquellas capitanias, e tenha cuidado, de que tudo o dito se observe, e nos casos que se offerecerem, os possa e saiba decidir.

Este é o meu parecer, salvo *meliori judicio*. Bahia 12 de julho de 1694.

CENSURA

P. ANTONII VIEIRA

SOCIETATIS JESU CONCIONATORIS REGII

IN OPERE

P. DIDACI LOPES

Societatis ejusdem, nimirum:

HARMONIA SCRIPTURÆ DIVINÆ:

Regio jussu anno 1645.

Sacræ scripturæ Harmoniam á R. P. D. Didaco Lopes societatis Jesu emodulatam (sic jubente regio senatu) legi, et perpendi. Opus sanè indefessi laboris, et immensi studii, nec minoris (quod ipse expertus sum) in re concionatoria emolumenti. Præstant hic novo ordine dispositæ, novis coloribus animatæ, omnium, de quibus narrat historia, antiquæ imagines, non sine voce, et motu (quod hujus penicilli miraculum est), quippe quorum dicta, et facta ad censoriam trutinam vocantur sub venerabili judicio quatuor, et viginti doctorum, quos ecclesia insigniores veneratur. Ex his fontibus purissimos doctrinæ latices sine labore haurire, et copiosissimè effundere, nec non (quæ hujus temporis est annona) subtiliter instillare poterunt evangelici oratores, tum qui ex pro-

prio, ut aiunt, penu, tum qui præsidia, aut egestate ex alieno vivunt. Illis enim totæ patrum sententiæ, prout ab ipso fonte manarunt, fideliter transcribuntur; istis, verò copiosissimorum judicium subsidio, rerum, sententiarum. et concionum thesauri, quibus hæ paginæ locupletantur, abundè patent, et absque sudore eruuntur. In hoc volumine (seu, ut veriùs dicam, in hac bibliotheca selecta, et manuali) aperitur studiosis omnibus amplissima seges conceptuum, nova (quamvis de veteri thesauro) et varia discendi, ac dicendi materia; undè pro genii, et ingenii diversitate (quæ vix multorum librorum est optio) liberum erit unicuique stylum, e auctorem eligere. Si quæras altæ mentis profunditatem: habes Tertullianum, Philonem, Clementem Alexandrinum, Zenonem Veronensem: si maturum cum subtilitate judicium, Augustinum, Ambrosium, Cyrillum, Gregorim Nissenum; si eloquentiæ Oceanum, Chrysostomum; si flumen, Nilum; si majestatem sententiarum, Leonem; si acumen, Chrysologum, Rupertum; si pietatem, Bernardum, Guerricum, Arnoldum; si moralia, Magnum Gregorium; si allegorica, Anastasium; si literam, et perpetuum commentarium, Hieronymum, Hugonem, Carthusianum, Abulensem, Caietanum, Lyram. Et inter horum (inter dicam, an supra?) Nobilissimas doctorum voces, ipsius harmoniæ auctor identidem auditur, qui acutas ità premit, ut superare, et graves ita sequitur, ut excedere videatur. Breviter clarus, acutè solidus, matutè elegans. Tantùm subtiles quasdam inanitates in hoc opere desiderabis (ò ne desideres oro) quo vitio nostræ ætatis laborant ingenia, ad illudendos hominum potiùs, quàm ad scripturæ sensus enucleandos, non sine magna veritatis jactura, nescio an repertas, an inventas; sed doctrinam veram, firmam, sanam, qualem ab apostolo. Quamobrem opus judico dignissimum, cui prodire in lucem non modò à regia Majestate liceat, sed imperetur: ad splendorem regni, ad communem utilitatem ecclesiæ, et morum normam: contra quos, et orthodoxam fidem nihil in hac harmonia auditur, quod à tanto nomine dissonet. In regio collegio. D. Antonii 2 die augusti 1645.

ANTONIUS VIEIRA.

INDICE.

OBRAS VARIAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

OBRAS VARIAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO II.

LISBOA
EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES
RUA DOS FANQUEIROS, 82
1857

PAPEL POLITICO

QUE SE DEU A EL-REI D. PEDRO II, EM OCCASIÃO QUE SE CONVOCARAM CORTES PARA SE LANÇAR UM TRIBUTO, QUE SERVISSE PARA DESEMPENHO DO REINO. — EM NOME DOS RUSTICOS DA SERRA DA ESTRELLA.

SENHOR:

Se parecer ousadia quererem os serranos vestir traje de conselheiros, quando por si ou por sua fortuna se não deixam entre as gentes divisar o zelo de fieis vassallos, o amor da patria, a obrigação de portuguezes faz passar os limites da nossa esphera por dedicarmos á patria algum serviço; considerando que nas necessidades publicas estão obrigados os vassallos a soccorrer com o que podem, quando não podem desempenhar o que devem. E porque na singeleza dos montes se acham os animos mais puros, e mais desembaraçados na lisonja e interesses, que nas côrtes andam tão validos, convocámos os nossos pegureiros para lhe propôr a cópia do decreto de vossa alteza, que a esta serra ha chegado, e por ser da Estrella desejamos que fosse como a dos Magos, que guiasse aos acertos, imprimindo nos corações dos conselheiros de vossa alteza as condições que nos adverte Sallustio, para que despidos do odio, da affeição, do temor e da cubiça, attendam ao bom governo desta náu, titulo com que os antigos definiram as corôas, para que não chegue a perigar na Scylla e Carybdis de uma vil ambição e anciosa sede de oiro, em que tantas corôas naufragaram, de que nos livra a nós, os serranos, o natural destas fragosi-

dades, em que não imprime o luxo estas paixões, por estarem despidas daquella vaidade.

Assim, senhor, por serem de corações singelos e affectuosos ao serviço da patria, e conservação em primeiro logar de vossa alteza singelamente dizemos as verdades. Não parecerão polidas, nem com tão delicado aparo como os documentos cortezãos, porque *verdades nuas não teem logar em côrtes*, mas serão ao menos nascidas da vontade, e calculadas ao meridiano de nossos apriscos, onde a politica christã se pratica sem rhetorica, e o bem commum sem cautelas. E não pareça a vossa alteza que com ser de rusticos a junta, são para despresar suas advertencias; porque no campo nascem flores de que a industria sabe receitar utilissimos xaropes mais proveitosos para a natureza, que sabe aproveitar-se destes simplices, que as compostas e doiradas pilulas com que os palacianos proto-medicos costumam doirar os seus venenos, se na apparencia vistosos, no effeito estragos. Assim nol-o quiz dar a intender Deus Senhor Nosso, quando mandou Samuel a casa de Isaí; diz-lhe que veja a David creado entre as brenhas, e não a Eliab creado na côrte, porque lhe diz o Senhor; não deves olhar o talhe, que eu só olho os corações. E como os deste rustico congresso se encaminham ao bem da patria, conservação da monarchia e amar e servir a vossa alteza, dizemos por exemplos o que achamos por escriptos nas chronicas, que na opinião daquelle sabio rei de Napoles D. Affonso são os melhores conselheiros, porque sem adulação nem dependencia aconselham. Debaixo deste pretexto ponderemos o decreto.

Diz vossa alteza que os empenhos do reino e encargos delle foram os principaes motivos com que mandou convocar côrtes, para que intendidas as obrigações e meios de se remediarem se podesse prover, e moderar como parecesse mais conveniente ao alivio dos vassallos, e conservação da monarchia. Proposta tão ajustada, que só de grande zelo e grande amor que vossa alteza deve a seus vassallos se podia esperar, e de um principe tão catholico! Porém, senhor, os meios que se buscam para estabelecer esta maxima não são os que nos asseguram a conservação da republica, e o alivio dos vassallos; antes sim conservam

o gravame dos povos e ruina de reino; como a experiencia nos inculca em todos aquelles, que de tributos foram vexados. E bem ponderado tinha este perigo el-rei D. Henrique de Castella o III. quando aconselhando-se-lhe que fintasse o reino (e mais era para a guerra contra os infieis) respondeu: — mas temo las maldiciones de mis vassalos, que las armas de mis inimigos. — O sangue dos pobres clama ao céu, quando sem muito justificada causa se lhes tira. Assim o deu a intender S. Francisco de Paula a el-rei D. Fernando de Napoles na occasião em que quiz estabelecer um tributo, quebrando diante delle um escudo de que saiu copioso sangue; mostrando com estas evidencias que deve examinar-se a necessidade dos subditos, porque de não ser assim se seguem as ruinas em que se viram el-rei de Castella D. Affonso o Magno, e el-rei D. Garcia de Galiza, que áquelle foi necessario renunciar a corôa, e a este perder a vida e o reino. O piloto que forceja contra a tempestade se arrisca; e que sabe pairar e tomar o vento assegura a navegação. Se o povo se achar opprimido como poderá levar maiores cargas sem que tropéce? Necessario é alivial-o para que não cáia de todo: obrigação dos principes tão preciza, como deixou por documento el-rei D. Affonso, o sabio, em uma das leis das partidas dizendo: — deve otrosi guardar mas la prol commum, que la suya misma; por que el bien, y riqueza de ella es como suya. — Ainda Cassiodoro a encarece mais referindo o que dizia Theodorico Rei Godo; que a gloria dos reis consistia na ociosa e descansada tranquillidade dos vassallos — *quia regnantis est gloria subditorum otiosa tranquillitas.* El-rei D. Henrique o III. dizia: *que el bien del reino era el bien y utilidad de el.* — Aristoteles e Alexandre, — *que o melhor thesouro que el-rei tem e que mais se perde é o povo.* Assim o deram a intender a Filippe III. seus conselheiros na consulta, que se lhe propôz para acudir á pobreza de Hespanha, que a arruinava; e o primeiro fundamento que tomaram foi levantar os tributos, dando-lhe por exemplar a el-rei Luiz XI. de França, que vendo seu patrimonio atenuado, e todas as rendas reaes tão opprimidas que não chegavam aos gastos forçosos, e que seus vassallos viviam des-

contentes, e sem alentos para pagar tantas contribuições, tomou por arbitrio levantar os tributos, com que se fez tão bem quisto, que os que apenas o serviam como deviam lhe offereceram depois o que não eram obrigados. O mesmo succedeu ao imperador Justinianno por haver tirado os tributos que seu tio o imperador Justino tinha imposto ao povo romano. Não foi menor a exclamação de Valentiniano, quando aconselhando-se-lhe que lançasse tributos a seus vassallos, respondeu apaixonado; (que nos principes um grão de mostarda tambem é necessario a tempos) *se não podem pagar o que devem como quereis que lhes reparta mais?* — Porque é axioma infallivel; *que não ha rei rico com vassallos pobres.* Do commum se intende, senhor, que dos particulares antes é rico que seguro, conforme aquelle texto de Seneca; que é certissima a ruina do principe, que engorda *lobos* e enfraquece *ovelhas.* A Aristoteles pareceu mal fundada a republica dos espartanos, porque não tinham bens proprios. Petrarca escrevendo a um privado de el-rei de Sicilia o admoesta aconselhe o seu senhor ter a seus vassallos mais ricos que o fisco real, porque as riquezas estão melhor guardadas nas mãos dos vassallos, que nos cofres dos thesoureiros. O mesmo refere o cardeal Bellarmino do imperador Constancio, pae do grande Constantino: razão porque o imperador Justinianno em meio de suas apertadas necessidades deu remissão por vinte e dois annos da maior parte dos tributos devidos ao imperio romano, para poderem respirar os afflictos vassallos. Destes exemplos nos dão as historias tantos, que seria impossivel caberem em papel tão limitado. Estes bastam para o intento, se se quizer ponderar o quanto importam. Passemos ao outro ponto do decreto.

Diz vossa alteza que as rendas reaes se acham gravadas de muitos encargos procedidos do cargo e apertado tempo da guerra, do muito que se despendeu e despende em as conquistas, e do justo premio com que os senhores reis, seus predecessores, gratificaram os illustres serviços, que receberam de seus vassallos. Se os encargos da guerra gravaram as rendas reaes, não ficou o reino menos gravado; antes tão exausto e consummido com as decimas, tributos e com os executores delles, que para refazer-se daquelle

damno se lhe havia agora dar algum allivio; porque se no tempo da paz lhe acabarmos de tirar a substancia, donde nos havemos de valer quando torne essa guerra? Que os subditos enfraquecidos, diz um politico, não podem levantar as forças dos principes. El-rei D. Affonso em uma das leis das partidas diz: — «Si tomando tanto de ellos al tiempo lo podesse escuzar, que despues se no pueda ayudar de ellos para lo que huviere menester.» Consideração que fez abster a muitos reis de lançarem tributos a seus povos, para que deixando-os engrossar os achem na necessidade promptos. E se a presente é tão urgente como vossa alteza representa, parece, senhor, que primeiro se deve buscar o remedio aonde nasce o damno, que precipitar-se o damno buscando o remedio. Se as largas mercês que os senhores reis antepassados de vossa alteza fizeram foram desmedidas, que chegaram o patrimonio real a tanto empenho, que razão póde haver que escuse aos que as logram de acudirem nos apertos, se não por restituição, ao de menos por exemplo, como fez a ordem de Alcantara ao imperador Carlos V no anno de 1526, para a recuperação da Hungria, offerecendo a terça parte de todas as suas commendas em outra occasião a Filippe III, para o que a rainha D. Isabel, e a infanta D. Maria deram suas joias á imitação das rainhas D. Catharina, D. Sancha e D. Isabel a Catholica; querendo antes as pessoas reaes desapossar-se do que possuiam, que tirar o sangue dos pobres vassallos, e o suor de suas fadigas com que hão de sustentar seus pobres filhos, que é o que diz Job: *Nudos spoliasti vistibus.* Sem ter lume de fé considerou este damno o imperador Marco Aurelio, como referem Julio Capitolino, P. Gregorio e Sabellico, que achando-se em aperto na guerra que fez a Avidio Cassio, e com grande falta de dinheiro, desejando não gravar os seus vassallos pôz toda a sua recamara, baixella e joias em publica almoeda, sem perdoar aos vestidos e galas da imperatriz. O mesmo fez Alexandre Severo, como escreve Lampridio. Não trazemos estes exemplos para que vossa alteza use delles, porque ainda a necessidade não obriga a tanto; mas para que considerem os que logram beneficios a obrigação que lhes occorre, porque crescendo á sombra da grandeza de vossa alteza,

se devem resolver como agradecidas fontes a restituir ao mar dessa grandeza parte das riquezas, que para elles já della sairam. Assim o diz Theodorico, como refere Cassiodoro: *quis enim debet ad fiscum esse devotus nisi qui cepit commoda donativi?* Porque, como ponderou elle mesmo, os que augmentam suas fazendas com officios na casa real devem retornar á patria parte de seus acrescentamentos. Tito Livio nos illustra o pensamento com o que refere fizeram os senadores romanos. Havendo chamado Annibal a sua armada ás costas da Italia, pôz em cuidado ao senado, que para seu reparo e levantar gente trcatou de impôr novo tributo, sentindo o povo a resolução e com violencia instando a resistil-a; até que havendo-se ventilado a escusa de impossibilidade e pobreza que representavam, cedeu por justiça mudando de parecer. E levantando-se Livino Consul disse: que pois os consules, senadores, patricios e mais magistrados se adiantavam aos mais em honras e mercês, deviam assim mesmo ser os primeiros em levar as cargas, pois assim convinha que elles dessem primeiro o exemplo, levando ao erario publico toda a sua prata, e todas as suas joias, sem reservarem mais que uma fonte, e um saleiro; e para suas mulheres e filhas só aquellas joias significadeiras da classe e jerarchia de sua nobreza, e o que assim o não fizesse se havia de castigar por ingrato, e privar das mercês e honras recebidas. Estas antigas finezas tem o tempo reduzido a commodidades proprias. E pelo conhecerem assim os senhores reis mais visinhos á nossa edade do que foram os romanos, buscaram por remedio o que nos deixaram por exemplos e leis. Seja o primeiro de D. Henrique o III de Castella, a quem chamaram o enfermo, que em edade de dezeseis ou dezesete annos reconheceu que a seus ministros succedia o que escreve Geremias dos idolos de Babylonia, que das suas corôas tomavam o ouro e prata para os seus usos proprios; e se achou obrigado áquella notavel demonstração, que nos refere o seu Chronista usou com os mais poderosos, que tirando-lhes o que haviam usurpado do patrimonio real, se desempenhou e ajuntou grandes thesouros no Castello de Madrid. Mais antigo é o documento, pois o refere Tacito de Galba, que entrando no imperio romano e achando-o

exhausto, e consummido dos donativos e mercês que Nero havia feito, andou buscando diversos arbitrios para reparo das necessidades em que se via, e entre muitos que se lhe offereceram nenhum teve por mais justo, que a reformação das mercês e doações, reduzindo-as a uma decima parte, ou á proporção que correspondesse aos serviços; exemplos de que se valeram ao depois em Inglaterra Eduardo e Henrique; em Castella D. Henrique o II a quem chamavam liberal, e os reis catholicos D. Fernando e D. Isabel; e em Portugal os senhores reis D. Diniz, e D. João o I, de que procedeu aquella lei mental que seu filho D. Duarte ao depois mandou publicar, e D. Affonso V; e Filippe o Prudente senão esqueceu desta maxima, renovando no anno de 1561 as leis que seus antecessores haviam neste particular constituido. Destes meios se valeram todos estes principes para se refazerem dos gastos e empenhos, em que as guerras os haviam posto. Não foram poucos os serviços que os vassallos a estes reis fizeram, pois conquistaram reinos, estabeleceram monarchias e descobriram novos mundos. E não sendo as mercês tão grandes ainda assim foram muito reformadas. Porque, senhor, se a industria não der estimação ás mercês, não bastarão os thesouros do mundo para satisfazer a cobiça humana. Por isso os romanos pagavam illustres façanhas com uma corôa de louro, com um collar, com um triumpho; e dando a estas antigas insignias valias, tinham premios para o valor, e sem despeza de patrimonio real; e os senhores reis antecessores de vossa alteza foram tão ponderados na distribuição das mercês, que el-rei D. Diniz não deu mais que dois titulos, e el-rei D. Pedro I outros dois, e el-rei D. Manuel com um *dom* e mil cruzados de renda satisfez áquelle tão assignalado heroe o tão illustre serviço que fez D. Vasco da Gama no primeiro descobrimento da India Oriental; que o mais que hoje se vê na sua casa foi pelos continuos serviços, que este heroe e seus descendentes fizeram á corôa lusitana. Quando os vassallos davam fazendas, e com façanhas imperios a seus principes se faziam estas mercês; agora apenas se chegam a matricular, dão lhe ametade da corôa para os satisfazer; e o que é mais para sentir é, que as insignias que se instituiram para marca da no-

breza, e para premio do valor e da verdade, as vemos andar pelas estrebarias de muitos, que são indignos dellas, contra as instituições das ordens militares, e com larga despeza da fazenda de vossa alteza. A isto era muito justo dar-se remedio, examinando-se os meios por onde se alcançaram, como mandou fazer el-rei catholico D. Fernando, depois da conquista do reino de Granada, ponderando, como notou Santo Isidoro, que era grave culpa dar aos poderosos o sangue dos pobres, querendo com elle grangear o applauso dos ricos; porque era tirar a agua á terra para com ella acrescentar os rios caudalosos. E Theodorico Godo o conheceu assim, quando disse, que era crueldade converter em outros usos o que Roma havia contribuido com soluços. Passemos ao outro ponto do decreto.

Diz mais vossa alteza que os subsidios applicados ao sustento dos cabos e dos presidios não são inferiores em grande parte á lotação que convem que haja; mas que ainda é muito menos do que se dispendia com as guarnições a que se applicarem.

Senhor, se vossa alteza usara do livro da memoria de que usava Alexandre Severo, como refere Lampridio e Augusto Cezar, Suetonio, logo ajustara essas contas a menos custo do que o fazem os seus ministros; porque se elles informaram a vossa alteza *dos gastos que se podem escusar*, ficariam as rendas reaes tão francas que não só bastariam para desempenho da corôa, mas para escusar tributos e augmentar thesouros. Filippe II de Castella soube tambem examinar estas partidas, que por suas mãos fazia as contas; e pedindo umas, que tardavam em trasladar-se, disse: — «vengan ciertas las partidas, que los numeros yo los ajustaré: — Magestosas casas, florentissimas côrtes tiveram os reis passados, que sustentaram com grandeza sumptuosa, em meio de porfiadas e continuas guerras; e comtudo isto sabemos, e lemos nas suas chronicas, que morria um D. Affonso I a quem rendia a corôa só onze contos, e com haver sustentado grandes exercitos, fabricado grandes edificios e dotado ricos conventos, deixara grandes thesouros, D. Sancho I, D. Diniz e D. Pedro I, D. João I e D. João II todos deixaram sommas grandes, e fizeram sumptuosas obras. Não procede isto, senhor, do engano

commum de que os mantimentos usuaes eram com menos carestia: sabé vossa alteza de que procede, que naquelles tempos havia poucos ministros e menos salarios, e tinha-se conta com a *distribuição da fazenda e observancia da justiça;* columnas, em que se firmam os imperios. Vossa alteza tem alfandegas, tem consulados, tem almoxarifados, tem estanques, tem mestrados, tem reaes d'agua, cizas, portos seccos e molhados, tem casa de Bragança, bens dos confiscados e as rendas da corôa, com outras meudezas que os reis passados não tinham e elles foram ricos, e vossa alteza pobre! Oh! Senhor, façamos contas, e saberemos donde procede o damno. Passemos ao ultimo ponto do decreto.

Diz vossa alteza mais, que para socego publico, á imitação dos mais reinos e republicas, é necessario, que com prudente e bem advertida razão de estado procuremos armar-nos na paz para obviar á guerra, servindo-nos das armas para nos mantermos pacificamente. Não negamos, senhor, que o armar-se o principe na paz é meio para obviar a guerra. E se esta prevenção nos ha de ser mais custosa que a mesma guerra que fructo se tira desta prevenção? A menos custo póde estar o cuidado vigilante, e póde estar o reino seguro; porque a parte de que nos tememos, sem que nos chegue á noticia não póde armar-se; e o nosso reino não está tão dividido, que em breve tempo se não possam ajuntar. Para este effeito se instituiram as ordenanças e auxiliares, que tendo-os bem ensinados podem servir nas guarnições a gyros; que as invasões do inimigo não hão de ter a qualidade de raio, que executem primeiro o effeito do que se ouça a trovoada. De que servem os embaixadores, assistentes e enviados? De que servem as espias em os concelhos senão para nos darem avisos? E se nos faltam estas diligencias de que nos serve o dinheiro? Pelo voto dos nossos serranos melhor fôra, senhor, empregal-o em uma poderosa armada, que em tanta tropa e cavallaria; porque é arbitrio de grandes estadistas, que então está o reino abundante de vassallos contentes e as conquistas seguras, quando o principe, fazendo-se senhor do mar, dá leis á terra, faz inexpugnavel o imperio, e

metto debaixo do jugo os inimigos. Disse-o Themistocles naquelle grande conselho que deu para resistir ao innumeravel exercito de Xerxes, e o successo o confirmou. Assim o conheceu Tacito chamando a uma poderosa armada castello com reforço de victualhas, que abundando o reino as tira aos inimigos e os pôem em consternação: e não menos Polibio dizendo dos carthaginezes, que não ignoravam quanto importava para todos os negocios serem senhores do mar; e assim aconselhou que o principe, que se quer fazer monarcha do mundo, se faça primeiro senhor do mar. Tiveram isto por tão certo os antigos que Archidamo, grã-capitão dos lacedemonios disse, que os poderosos em armas com os inimigos fortes não teem para que procurar fortuna, senão pôr cuidado em sustentar sua armada, e com ella cançar ao inimigo, tirando-lhe os amigos, a navegação, as riquezas e a commodidade dellas, com que ficará de certo destruido. Do mesmo voto foi Pericles dizendo; que muito maior potencia, e mais segura é o senhorio do mar, que o das terras e cidades; que em fim se ha de render ao que tiver as portas do commercio, e communicação humana. Mas para que nos cançamos com os antigos se na nossa edade nol-o dá a conhecer Hollanda? Dir-nos-hão que para formar esta armada tambem nos é necessario dinheiro. Conhecemos. Porém escusando-se tão excessivos dispendios, como nas lotações dos presidios se nos ha mostrado, ficarão livres as consignações que para este effeito se fizeram; e quando não bastem não haverá vassallo que se escuse; porque vendo a sua contribuição fructuosa dará mais do necessario pelo retorno, que podem esperar das nossas conquistas, que hoje logram mais os estrangeiros que os mesmos naturaes, porque lhes não compensam o risco a que se expoem seus cabedaes, isto tem mais que dizer. Mas passemos aos entretenidos, que nos estão dando vozes de que lhes faltam os soccorros, que na guerra mereceram; porque postos ha de ter essa armada em que se possam accommodar; e a opinião que adquiriram na guerra em terra, saberão conservar no mar. Com maiores evidencias discutiramos este ponto se nos fôra licito deixar correr a penna; mas o receio de serranos mal adornados para apparecer

nas côrtes nos faz recolher, pedindo com todo o respeito devido a vossa alteza, mande considerar estas circumstancias, e examinar bem a commodidade dellas; e se não se achar razão diga-se por fim o que disse Seneca em sua historia: *Iners malorum remedium ignorantia est.*

VOZ DE DEUS

AO MUNDO A PORTUGAL E Á BAHIA

Juizo do cometa, que nella foi visto em 27 de outubro de 1695, e continua até hoje 9 de novembro do mesmo anno.

VOZ DE DEUS

Não se chama este juiso astronomico, porque não é nosso intento examinar, ou diffinir a natureza, a materia, o nascimento, o logar, as istancias, os aspectos, os movimentos, nem alg umas das outras circumstancias em que curiosamente se empregam as observações da astronomia; e muito menos a duração e occaso deste prodigioso meteoro, pois ainda estão pendentes. Tambem se se não chama astrologico este juiso, porque reputando nós com os mais sabios, e prudentes professores da mesma arte, quão inutil, infructuosa e vãa seja aquella parte da astrologia, que com o nome de judiciaria costuma entreter os discursos e enganar as esperanças, ou phantasias dos homens, não só seria crime contra a providencia do Altissimo, mas despreso de seus avisos tão manifestos, divertil-os a considerações ociosas, em que se confundam e percam os effeitos proprios e saudaveis, que deve e póde produzir em nós uma causa tão notavel e tão notoria.

Porque se o poeta Gentio fallando dos trovões, que cada dia ouvimos, teve justa razão para dizer:

Humanas natura tonitrua mentes;

que animo haverá tão duro, que se não mova com a vista de um portento tão extraordinario? E que intendimento tão rude e contumaz, que se não persuada e conheça claramente, que um monstro de tão prodigiosa grandesa não foi creado sem algum fim, nem mandado e mostrado acaso, mas para que os mortaes entrando dentro de si mesmos, e levantando o pensamento ao Auctor e governador do universo, reverenceem seu poder e temam seus juisos? Deste motivo e não da curiosidade, deve nascer o racional e justo desejo, que todos teem de saber com quem falla, e o que diz esta portentosa figura; pois a vemos sair ao theatro do mundo, quando elle em toda a parte se acha tão disposto e tão armado para alguma grande tragedia. E esta é (christão leitor) a razão, porque ao juizo do cometa presente, ou ao mesmo cometa interpretado, dei o segundo nome de *Voz de Deus*. Se acaso o não intendes assim, e és do numero daquelles, que chamam aos cometas causas naturaes, e não reconhecem nelles outro mysterio, ou documento mais alto; eu te affirmo que essa mesma incredulidade e dureza é já um effeito fatal do mesmo cometa e principio dos castigos, que por elle e com elle póde ser nos venham annunciados.

Nos dias que precederão ao juizo final, diz a summa verdade, que haverá alguns homens tão incredulos, que zombem dos signaes que então serão vistos no ceu, e não fazendo caso delles, continuem a viver no mesmo descuido do fim e passatempos do mundo, como de antes viviam.

Mas os verdadeiros effeitos daquelles mesmos signaes castigarão sem remedio esta sua obstinação, por não quererem dar credito aos avisos do ceu. Assim o podem temer hoje os que o attribuem a puros effeitos da natureza as que verdadeiramente são vozes de Deus.

Quando se ouviu em Jerusalem a voz do ceu, com que o Eterno Padre respondeu a uma oração publica, que Christo Senhor nosso lhe fizera em presença de muito povo, refere o evangelista São João, que sendo aquella voz clara e intelligivelmente articulada, o vulgo que a ouvira dizia que fôra um trovão; *turba ergo, quæ stabat, et audierat, dicebat toni-*

trum esse factum. Assim era na interpretação dos comêtas, não só o vulgo, mas os que se prezam de o não ser: chamam-lhe effeitos das causas segundas, e verdadeiramente são vozes da primeira causa.

Sobre a supposição desta verdade, e de serem os comêtas vozes de Deus, se funda todo o discurso deste papel; a qual supposição, para que ninguem a duvide, é tão certa e recebida, que nella concordam sem discrepancia os santos padres: os theologos, os philosophos, os historicos, os mathematicos, e com elles o consenso universal de todo o genero humano, fundado na longa experiencia e continua observação dos cometas, depois que começaram a apparecer no mundo; porque em nenhuma historia sagrada, ou profana se faz memoria, ou menção, de que fosse visto cometa, senão no primeiro anno da olympiada setenta e sete, que responde aos annos quatrocentos e oitenta antes do nascimento de Christo. E daqui se póde formar um novo, e não vulgar argumento, de que se prova que os cometas, como dizia, são lingua, ou voz de Deus, o qual desde aquelle tempo começou a fallar e avisar aos homens por meio destes signaes do ceu, costumando de antes fallar-lhes por outros modos, como diz S. Paulo, muitos e diversos: *multifariam, multisque modis olim Deus loquens patribus.*

Seneca no livro setimo das questões naturaes attribue estes esquecimentos, ou silencio dos cometas a não se ter ainda observado com certeza o nascimento, curso e occaso delles. Esta razão, porém, não subsiste, nem é verosimil, porque se em dois mil annos depois se observaram os cometas com tanta pontualidade, muito mais e melhor se podiam observar e tres mil e seiscentos annos, que tantos tinham já corrido desde o principio do mundo; principalmente sendo as vidas naquelle tempo tanto mais largas; e os chaldeos (entre os quaes nasceu a astrologia) tão prezados e tão amantes desta sciencia, que como escreve Berozo, tendo por tradicção que havia de haver dois diluvios, um de agua, outro de fogo, para que ella se não affogasse, ou queimasse em alguns delles, e se perpetuasse nos vindouros, a deixaram entalhada em duas grandes columnas de ma-

teria differente, uma de barro, que se conservasse contra o fogos e outra de pedra contra a agua. Esta sciencia se intende que a receberam os chaldeos de Adam, que a tinha infusa por Deus com as demais; e seria imperfeita nesta parte, se havendo cometas lhe faltasse o conhecimento delles.

E quando nada disto fosse, ao menos de Salomão o mais sabio de todos os homens, e da sua escola que tinha em Jerusalem, não podia deixar de manar e propagar-se esta noticia; e que entre as graves questões sobre que era consultado de todo o mundo, a dos cometas e sua significação não fosse uma dellas.

Digo, pois, que a razão mais verosimil de faltarem as noticias dos cometas no discurso de tantos seculos, não foi por negligencia, ou desattenção dos historicos, senão porque verdadeiramente em todas aquellas edades não houve cometas; reservando Deus este modo de linguagem para fallar por ella ao mundo nos tempos posteriores destinados de sua providencia.

No principio fallava Deus aos homens por si mesmo, como a Adam, Caim, Noé, Abrah am, Moysés e outros patriarchas. Depois que se introduziram no mundo os reis, que foi mil e oito centos annos depois da creação, fallava Deus aos mesmos reis por visões e figuras, ou em sonhos, ou acordados, como a Faraó, Abimelech, Nabucodonosor e Balthazar. Mais adiante fallava pelos prophetas, que duraram alguns seculos; e por meio de seus oraculos mandava annunciar, ou de palavra aos reis e reino de Israel, ou por escripto aos de Tyro, Babylonia, Egypto, e Assyria e outros, as calamidades impendentes com que os havia de castigar, e de que estão cheios os livros dos mesmos prophetas.

Finalmente, depois que os prophetas cessaram, começou Deus a fallar pelos cometas, que é a linguagem universal de maior magestade e horror de que usa extraordinariamente a seus tempos, e em casos graves, como se não póde duvidar seja o presente.

Confirma-se esta conjectura, não levemente, com a mesma chronologia dos tempos, porque depois que acabaram os pro-

phetas, então começaram os cometas. Os cometas começaram, como temos dito, no anno de quatrocentos e oitenta antes do nascimento de Christo; e os prophetas tinham acabado quarenta annos sómente antes; porque Malachias, que foi o ultimo dos prophetas prophetizou no reinado de Dario, Hydaspes quinhentos e vinte annos antes do dito nascimento. De sorte, que tendo Deus fallado primeiro por si mesmo, depois por visões, e mais adiante pelos prophetas, ultimamente fallou pelos cometas, que tambem são visões, e prophetas mudos do que Deus nos quer dizer.

Nem favorece pouco este pensamento a sentença expressa de São João Damasceno, commua, como parece na sua edade; o qual no livro segundo de Fide Orthodoxa, capitulo I. diz assim: *aggignuntur frequenter cometæ signa quædam, quæ quidem non sunt ex iis, quæ ab initio rerum facta sunt, sed jussu divino certis temporibus conflantur, ac rursus dissolvuntur.* Quer dizer, que os cometas não foram creados no principio do mundo, como foi opinião de muitos, mas que o mesmo Deus os produz de novo, e os mostra ao mundo como signaes decretorios do que abaixo diremos, e depois os torna a desfazer como e quando é servido.

Esta sentença, diz Tanero, que é dignissima de todo o philosopho christão, e como tal a seguem Oviedo e Arriaga, todos tres insignes philosophos deste seculo; e antes e depois delles muitos mathematicos de grande nome, os quaes coherentemente accrescentam que os cometas nos seus cursos são governados por anjos; com que fica retirada a difficuldade até agora invencivel do movimento irregular dos cometas, e desfeita juntamente na escola de Aristoteles a opinião da materia, e modo com que diz são formados; não sendo facil de crer, nem de intender que os vapores da terra e exhalações do mar, subindo de tão diversos logares de um e outro elemento, sem causa superior que os disponha e ordene, elles naturalmente e porsi mesmos se ajuntem, e se ajustem entre si, e se condensem e accendam em tal logar, e em tal composição e em tal figura, e que esta a conservem, ou variem com tal uniformidade, como

se vê nos cometas. E como Deus, e não a natureza, é o supremo Artifice destas grandissimas estatuas, ou gigantes de fogo, e lhes dá a materia e fórma como e quando é servido, não é muito que lhes destinasse o nascimento para certa edade do mundo, em que os expuzesse a nossos olhos; e que esta seja a razão de faltar em tantos seculos a memoria e noticia dos cometas.

Mas porque o nosso intento não é disputar questões, posto que esta não seja tractada, o certo e indubitavel é, que de qualquer sorte que os cometas se formem, e ou os houvesse, ou não, desde o principio do mundo, Deus como Auctor da natureza e supremo Senhor e governador do universo usa delles a seu beneplacito, e que por meio destes signaes nos falla e nos avisa. Assim como para fé e testemunho de não haver outro diluvio, tomou Deus e nos deu por signal o arco celeste (ou houvesse de antes o dito arco, ou começasse desde então, como quer a glosa e outros auctores); da mesma maneira, ou haja havido cometas, ou não até aquelle tempo, estes são hoje os signaes e caracteres grandes do ceu, com que Deus nos significa e notifica seus decretos.

D'onde tambem se segue, que o conceito commum que o mundo tem formado das significações destes signaes do ceu, é o verdadeiro significado delles; porque de outra maneira seria ociosa e inutil a ostentação dos mesmos cometas. Nem se póde presumir da sabedoria e providencia divina, queira fallar e admoestar aos homens por linguagem que elles não intendam.

Assim fallou aos Magos por meio da estrella a que Santo Agostinho chama *lingua cœlorum*, lingua do ceu; e assim fallava aos filhos de Israel, como diz David, pela columna da nuvem: *In columna nubis loquebatur eos;* não porque a estrella ou columna fallasse com vozes dearticuladas, mas porque eram signaes de Deus, cujo verdadeiro significado intendiam os homens. Neste mesmo sentido diz o propheta que os prodigios do Egypto foram palavras dos signaes de Deus: *Posuit in eis verba signorum suorum;* e porque os egypcios e o seu rei Pharaó endurecido não quizeram intender as palavras daquelles prodigiosos signaes, por isso pereceram todos, o rei e o reino.

Fique logo assentado como supposição certa e infallivel, que o presente cometa é uma voz de Deus, do genero daquellas que David dividiu em suas especies: *Vox Domini super aquas, Deus Magestatis intonuit: Vox Domini in virtute: Vox Domini in magnificentia: Vox Domini confringentis cedros: Vox Domini intercidentis flammam ignis: Vox Domini concutientis desertum*, etc.

As vozes formadas no monte Sinai ardente, quando Deus estava e fallava nelle, diz o texto que as via todo o povo: *Populus autem videbat voces*; e não diz que as ouvia, se não que as via; porque estas vozes de Deus ouvem-se com os olhos; e pois os olhos de todo o mundo estão vendo este grande signal e portento do ceu, oiça primeiro o mundo o que lhe dizem as suas vozes, depois as ouvirá Portugal e ultimamente a Bahia.

VOZ DE DEUS AO MUNDO

O mundo, ou se póde considerar còmo mundo natural, ou como mundo politico; e com um e outro falla este cometa, ou voz de Deus. O que diz, ou o que significa ao mundo natural, são intemperanças do ar, ventos, tempestades, naufragios, seccas, esterilidades, fomes, terremotos, pestes e todas as outras calamidades mais que ordinarias, a que está exposta a nossa mortalidade.

Este é o sentimento commum de todos os philosophos e astrologos com Ptolomeo e Aristoteles fundados na experiencia, a qual em tantos annos depois delles está muito mais approvada. O modo destes effeitos explica Keplero com uma similhança accomodada segundo a opinião commum; porque assim como os humores nocivos do corpo humano concorrem e se ajuntam em um logar onde geram algum aposthema; assim as exhalações sublunares, viscosas, seccas, crassas e pingues se ajuntam na parte onde se accende o cometa, e daquelle grande aposthema sáem os influxos, de que se causam estes perniciosos effeitos.

Os cometas do anno de quinhentos e trinta e oito, novecentos e quarenta e cinco, e mil trezentos quarenta e sete, causaram seccas, esterilidades e fomes, e uma dellas foi tão grande, tão extraordinaria e cruel, como refere Ilacio, que a miseravel gente se cortava as proprias carnes e as comia, para sustentar de algum modo a vida, ou dilatar a morte.

Os cometas do anno de quatrocentos antes da redempção, e os de novecentos oitenta e tres e mil quinhentos e trinta depois de Christo, causaram innundações, e cresceu tanto o mar em di-

versas partes, que na Grecia sobverteu algumas ilhas inteiras, que nunca mais appareceram; e em Hollanda, Zelandia e Brabante muitas cidades, de que ainda hoje se veem no meio do mar os cumes das torres. Os cometas do anno de mil duzentos cincoenta e quatro e mil duzentos sessenta e oito, causaram tempestades de ventos furiosissimos; e este ultimo com tanto excesso, que a força e impeto dos tufões na Germania não só arrancava as arvores e as casas e as levava pelos ares, mas tirava de seus logares os montes, ou os arrasava.

Os cometas do anno de sessenta e quatro e mil duzentos noventa e oito causaram terremotos; e não fallando no primeiro que derribou e assollou muitas cidades na Achaya e Macedonia, como escreve Seneca, o segundo tendo apparecido nos ultimos dias de novembro daquelle anno, em dia de Santo André, aballou de repente todo o globo da terra, e no mesmo momento em diversas partes e regiões do mundo cairam os edificios com muitas ruinas.

Os cometas de seiscentos e tres, seiscentos vinte e seis, setecentos quarenta e cinco e novecentos oitenta e tres causaram pestes; e a do cometa de mil tresentos quarenta e sete, que foi universal, fez tal estrago, que em tres annos que durou, como refere Pretonio, matou a terceira parte de todo o genero humano; e sendo todos estes acontecimentos tão notaveis e tremendos, o que muito se deve agora advertir é, que a maior parte dos sobreditos cometas, como consta dos auctores que os observaram, egualaram na grandeza ao que temos presente; para que repare, considere e tema o mundo, quaes podem ser seus effeitos, se forem, como naturalmente parecem, eguaes á proporção de sua grandeza, e esta é a primeira significação desta voz de Deus ao mundo.

A segunda, e que mais pertence ao governo e conservação, ou ruina politica do mesmo mundo, se divide em tres partes. A primeira, significa guerra; a segunda, mudança de imperios; a terceira, morte de principes.

Quanto á significação das guerras no presagio dos cometas, ouça a cabeça do mesmo mundo o que experimentou nas suas,

e seja pela melhor voz da lingua romana no primeiro das Georgicas.

Non altás cœlo ccciderunt plura sereno
Fulgura. nec diri toties arsêre cometæ.
Ergo inter sese paribus concurrere telis
Romanas acies iterum videre Philippi,
Nec fuit indignum superis bis sanguine nostro
Æmathiam, et latos Hœmi pinguescere campos.

O cometa do anno de quatrocentos e oitenta antes de Christo (que, como dizemos, foi o primeiro de que ha noticia nas historias) annunciou a guerra e exercitos de Xerxes contra a Grecia, a qual começou com o maior e mais estrondoso apparato que viu o mundo, e acabou com egual infelicidade. O cometa do anno de tresentos cincoenta e seis tambem influiu as guerras em que Potidéa no Ityrico foi expugnada por Parmenião, general de el-rei Filippe de Macedonia e Thebas, patria de Hercules, famosissima metropoli da Boecia, totalmente arrasada por Alexandre seu filho com morte de noventa mil homens e trinta mil prisioneiros. A guerra de Estilicon contra os getas tambem foi annunciado pelo cometa de quatrocentos e cinco. A de Carlos Martello contra os sarracenos pelo cometa de setecentos vinte e seis. A do imperador Lotario contra seus irmãos pelo cometa de oitocentos quarenta e tres. A do grande Tamorlão contra a Asia pelo cometa de mil duzentos e quarenta. E apenas tem havido cometa que não annunciassè guerras, como tambem se póde conjecturar do que temos diante dos olhos pois se mostra a todo o mundo em figura de espada.

E que os cometas prognostiquem egualmente mudanças de imperios, não ha coisa mais vulgar na opinião commum, nem mais celebre nas escripturas. Tacito no livro quatorze, fallando do cometa que appareceu no tempo de Nero: *Inter quœ et sydus affulsit, de quo vulgi opinio est tamquam mutationem Regnis pertendat.* Lucano no livro primeiro:

.... Crinemque timendi
Syderis, et terris mutantem Regna cometen.

E Silio Italico livro oitavo:

.... *Non unus crine corusco*
Regnorum eversorum rubuit lethale cometæ.

E Valerio Flavo livro sexto:

.... *Iratoque vocati*
A Jove fatales in Regna injusta cometae.

Onde se deve notar que disse, *in Regna injusta*, com grande juizo; porque sendo oraculo do Espirito Santo, que *Regnum à gente ingentem transfertur propter injustitias;* contra os reinos que se possuem, ou governam injustamente, se accendem no ceu os cometas que lhes prognosticam as mudanças. A mudança da republica romana, e o principio do imperio dos Cesares, foi prognosticado pelo cometa do anno de quarenta e quatro antes de Christo; o qual cometa, ou sua imagem se collocou em Roma no templo entre os deuses, como refere Plinio: *Cometes in uno totius orbis loco colitur in templo Romæ, admodum faustus divino Augusto;* mas posto que fausto para elle, fatal e infaustissimo para a republica. A mudança do imperio da Asia para a Grecia, pela victoria de Alexandre contra Dario, tambem a prognosticou o cometa do anno de tresentos trinta e seis. A mudança e total destruição da republica dos hebreus por Tito e Vespasiano, o cometa do anno de setenta depois da redempção. A mudança da liberdade de Italia e reino dos longobardos, que a dominaram, o cometa do anno de quinhentos e setenta. A mudança do imperio persiano conquistado pelos sarracenos, o cometa do anno de seiscentos trinta e dois. A mudança do imperio romano occidental transferido de Roma e passado a França e Allemanha no tempo de Carlos Magno, o cometa do anno de oitocentos. A mudança do imperio oriental conquistado em Constantinopla pelos latinos, o cometa do anno de mil duzentos e um, em que tambem teve principio o imperio dos tartaros e a divisão do imperio de Trapisonda; e para que em uma mudança comprehendamos muitas,

e as maiores que viu e ainda padece o mundo na Africa, na Asia e na Europa, o cometa do anno de seiscentos e tres, seis mezes inteiros esteve ameaçando o nascimento de Mafamede, cujas armas e infame lei em espaço de mais de mil annos sugeitaram tantos reinos e provincias, quantas nellas teem perdido os christãos e os gentios tambem.

Ponha agora os olhos o mundo em si mesmo, e faça a prudente reflexão que deve sobre o estado em que ao presente se acha; e veja se está aparelhado e disposto em toda a parte para grandes mudanças e novidades, assim pela pouca, ou nenhuma justiça das corôas que o governam, como pelos poucos fiadores com que se acham as vidas dos mesmos principes; uns sem nenhuma successão, outros com um só successor e outros sem esperança de os ter; bastando que falte uma destas columnas para que se mude o systema do mundo politico. E se as estrellas teem sobre elle algum poder, ou significação, todos os mathematicos antigos concordaram, em que depois da conjuncção de Saturno e Jupiter, que foi no anno de oitenta e tres deste seculo, haverá grande mudança de dominios. Assim o refere Argollo nas suas efemerides, sendo muito para notar que não fez outra notação em todas ellas; as palavras com que o diz são as seguintes, fol. 363: *Cùm celebretur conjunctio superiorum Saturni, et Jovis in trigono igneo, antiquorum consensu mutationes magnæ contingent, et generales constitutiones, ac de facili dominiorum mutationes.*

E para que passemos á terceira parte da significação dos cometas, saiba tambem o mundo que o golpe que elles ameaçam, (ainda que não tenham figura de espada, como o nosso) sempre, ou quasi sempre é fulminado ás cabeças por Deus. Isto é o que deixei de declarar na sentença allegada de S. João Damasceno, onde expressa e distinctamente affirma que os cometas são instituidos por Deus para significar a morte dos reis: *Aggignuntur autem cometæ, signa quædam interituum Regum.* O mesmo diz a Sybilla Erithrea no texto que mais abaixo hei de citar, e ha mais de mil e quinhentos annos, que assim o tinha notado Suetonio na morte do imperador Claudio, da qual diz: *Præsagia mortis ejus fuerunt exortus stellæ crinitæ, quam cometam vocant.*

E era esta opinião tão assentada entre os romanos, que apparecendo um cometa no tempo Nero, todos logo, como escreve Cornelio Tacito, começavam a tractar de quem lhe havia de succeder no imperio: *Vulgus passim, quasi eo jam depulso, quisnam deligeretur inquirebat.* Mas o que mais confirma este geral conceito e supposição dos homens é a multidão dos exemplos. O cometa do anno de Christo quatorze (para que o digamos assim) matou a Augusto Cesar; o do anno de setenta a Vvilhelmo; o de duzentos e tres a Severo; o de trezentos setenta e tres a Juliano Apostata; o de quatrocentos cincoenta e quatro a Theodosio; o de quinhentos setenta e um a Albuino, rei dos longobardos; o de oitocentos trinta e sete a Pepino, rei de França; o de mil e duzentos e quatorze a Vvilhelmo, rei de Escocia; o de mil trezentos e um a André, rei de Hungria; o de mil quatrocentos cincoenta e seis a Ladislau, rei de Polonia; o de mil quatrocentos cincoenta e sete a Affonso, rei de Napoles, e outros muitos reis e imperadores, que deixo, todos mortos debaixo de differentes cometas, ou naturalmente, e de doença, como os ultimos que referi; ou por traição e aleivosia, como Claudio morto com veneno; ou violentamente, como o imperador Mauricio morto ás mãos de Trocas juntamente com tres filhas; ou por desastre, como Filippe, o Formoso, rei de França, morto da queda de um cavallo andando á caça; ou por intemperança, como Amurates, gram-turco, farto de vinho e tão merecedor que o matasse Mafoma, como Christo; ou por alguma vehemente paixão, como o imperador Otton II, que morreu de tristeza, sendo melhor que fôra de contricção.

Isto é o que costumam influir os cometas sobre as vidas reaes; e o que hoje deve fazer todo o principe de juizo e christandade á vista deste nosso, é ver-se nelle, como em um espelho da mortalidade, de que não estão isentos os principes, antes mais sugeitos. O imperador Vespasiano vendo o cometa do anno de setenta e seis, que era crinito, disse jocosamente que não vinha para elle, senão para o rei dos Parthos, que usavam grandes gadelhas; mas o effeito mostrou, que para o mesmo, que o desprezava, vinha destinado.

Cuide cada um dos principes em particular, (e melhor será se

se persuadir a isso) que para elle é enviado este signal do céu, e com elle falla; e quando se não ache com alma e consciencia tão disposta, como Santo Eduardo rei de Inglaterra, cuja morte tambem a annunciou um cometa, que foi o de mil sessenta e seis; ao menos procure imitar ao imperador Ludovico Pio, o qual vendo o cometa do anno de seiscentos trinta e nove, desde logo, sem enfermidade, se aparelhou para morrer, e acabou a vida tão piamente, como merecia o nome que lhe deu a fama. Carlos Magno, apparecendo em sua vida o cometa de oitocentos e quatorze, perguntou a Eginardo seu philosopho e mathematico, que significava aquelle cometa. E como lhe respondesse com as palavras de Jeremias mal interpretadas: *Nolite timere á signis Cœli quæ timent gentes:* o santo e prudente imperador lhe respondeu, que elle não temia aquelle signal, senão a Deus, que o avisava por elle, para que ajustasse a conta que lhe havia de dar, como verdadeiramente deu, morrendo no mesmo tempo. Egual foi a prudencia do imperador Carlos V que sempre anda juntá com os grandes corações; viu o cometa do anno de mil quinhentos cincoenta e seis, inferindo delle que era chegado o fim de sua vida, fez-lhe este verso:

His ergo indiciis me mea fata vocant.

Keplero na sua physiologia diz, que debalde temeu Carlos aquelle cometa, porque viveu alguns annos depois delle; e eu dissera, que porque o temeu por isso viveu, porque é condição da morte fugir dos que a temem; ou verdadeiramente generosidade de Deus não executar o golpe nos rendidos.

Imitem pois a estes dois grandes Carlos todos os principes e nenhum se fie da sua edade, nem se engane com o seu poder por grande que seja; porque para desfazer em um momento as maiores potencias do mundo, não haverá myster o nosso cometa já allegado de Xerxes. Entre a gente militar e de serviço constava o seu exercito de cinco milhões de homens e cinco mil náus de guerra; e vinha tão soberbo com este immenso apparato, que porque se lhe perderam duas, ou tres náus em uma tormenta no

Hollesponto, mandou lançar um grilhão naquelle mar e dar-lhe cem açoutes; porém Deus o açoutou a elle, acudindo pela injuria do seu elemente com tal demonstração, que perdida toda a armada naval e a maior parte do exercito de terra, vencido e fugindo ignominiosamente, tornou Xerxes para a Persia, onde não muito depois o matou um seu proprio capitão; e estes foram os effeitos daquelle primeiro e fatal cometa.

VOZ DE DEUS A PORTUGAL

A primeira cousa que diz a Portugal a voz de Deus é, que intenda o mesmo Portugal, que este cometa falla particularmente com elle. Para prova desta proposição importa que nos ponhamos com a memoria um pouco mais atraz, e vejamos o cuidado que tem a Summa Providencia de annunciar a este reino seus acontecimentos com signaes do ceu.

No anno de mil quinhentos setenta e sete, preparando-se em Portugal a jornada d'el-rei D. Sebastião á Africa (como no tempo de Jeroboão, tambem rei moço), estava o reino e a côrte dividida em duas opiniões; a dos moços, e aduladores, que seguisse o rei a deliberação, ou aprehensão de seus grandes espiritos; e a dos velhos e sizudos, que reconheciam as perigosas consequencias, lhe aconselhava o contrario; senão quando apparece neste tempo um grande cometa, como mandado por Deus para decidir a questão: todos o viam, e a cada um parecia da còr dos seus olhos, e do seu affecto. Os aduladores fazendo do nome verbo, diziam que o mesmo cometa desde o ceu estava bradando ao rei que commettesse a empreza, e dizendo-lhe Deus por elle: Cometa, cometa; assim se crêu e com tão cegos applausos, que partido o escudo das sagradas quinas, já iam bordadas ao lado dellas nos doceis (que depois foram luctos) as armas imperiaes de Marrocos. Partiu emfim a armada, e deu-se a infeliz batalha, succedeu a morte d'el-rei D. Sebastião, ou a falta delle, que é o mesmo; e este foi o effeito daquelle cometa, que durou até o fim do anno.

Sustentava-se ainda Portugal com o nome de reino na velhice

de Dom Henrique, e esperava que na morte nomeasse successor natural. Mas para a catastrophe da tragedia, e para o triste e lamentavel fim da fatilidade faltava segundo aviso do ceu e segundo cometa.

Assim appareceu outro no anno de mil quinhentos e oitenta. Morreu Dom Henrique, e o reino, que em outro Dom Henrique tinha começado com cinco corôas aos pés e uma na cabeça, herdado sem direito, comprado sem preço e conquistado sem guerra por estes tres titulos (ou por outros no tribunal divino mais justos) ficou captivo e sujeito ao rei estranho, não por menos espaço que de sessenta annos inteiros, nos quaes tantas quebras e perdas da defuncta monarchia foi pagando lentamente nos ossos della toda a divida dos castigos, a que os dois cometas fataes a tinham condemnado.

Se eu, ó Portugal, te não conhecera á vista do presente cometa te não havia de dizer outra palavra, senão que te lembrasses somente das lagrimas ainda mal enxutas, que por aquelles dois mal intendidos e peior interpretados choraste. Mas porque quinze annos antes deste fui testemunha ocular do pouco caso que fazes destes avisos do ceu e vozes de Deus, só te trarei á memoria os escandalos do teu juizo, os erros da tua ignorancia e até da tua presumida fé a pouca coherencia.

No anno de mil seiscentos e oitenta appareceu no meio da barra de Lisboa, como entrando por ella, o cometa da mais agigantada estatura de quantos tinham assombrado o mundo, segundo a descripção de todas as historias, e as medidas e instrumentos da mathematica. E que effeitos causaria naquelle maior povo de Hespanha aquelle prodigio, ou monstro do ceu? Disse povo por reverencia e desculpa de tamanha cabeça, cujo juizo ficou então dissimulado, ou encuberto. O effeito foi, como se aquella figura fôra a celeste náu Argos, ou nella entraram em Portugal pela barra do seu famoso imperio os primeiros descobridores do oriente carregados das riquezas do Indo e Ganges. Celebraram os poetas o novo assumpto com versos panegyricos e festivos, fazendo gala, ou desprezo dos medos a que chamavam do vulgo, se algum havia; prognosticando triumphos e felicidades;

e porque era insigne no burlesco aquelle auctor, que até nos novissimos do juizo e inferno tinha sonhado chistes e motivos de riso; foi festejado com particular applauso este soneto, que antes de arrependido fez aos cometas:

A venir el cometa por coronas,
Ni clerigo, ni fraile nos deixára,
Y el tal cometa irregular quedára
En el ovillo de las cinco Zonas.
Tienenle si porque las más personas
Por malquisto del sceptro, y la tiara;
Y he visto gran cometa de luz clara,
No hartarse de lacayos, e fregonas.
Yo he visto diez cometas veniales,
A quien desesperados los doctores
Maldixeron, porque eran cordeales.
Tres cometas he visto de aguadores,
Uno de ricos, siete de officiales,
Y ninguno de suegros, y habladores.

Quem cuidára que escreveu esta affronta, por não dizer blasfemia, dos signaes do ceu, uma penna christã, posto que jocosa, fallando tão timoratamente dos cometas os poetas gentios, que deixamos allegados? Ao menos desta sua incredulidade deverão inferir os poetas portuguezes, como o Mantuanno, os occultos juizos de Deus, com que permitte que não sejam cridas as cassandras, quando quer que sejam abrazadas as Troias:

Ora dei jussu nonnum quam credita teucris.

Mas tambem disse David em verso, que as significações destes signaes do ceu e vozes de Deus, só as intendem os que o temem: *dedisti timentibus te significationem, ut fugiant á facie arcus.*

Não faltavam então (como eu tambem vi) não só como timoratos mas como sabios alguns que choravam o de que estes loucos se riam; porem estes tambem se alargavam com a philosophia moderna de Julio Cezar Escaligero, sem reparar que os dogmas que vem do Septemtrião, só pela influencia do clima e terra donde nascem raramente são seguros. Zomba este, mais grammatico que

philosopho, de todos os que até agora chamemos effeitos dos cometas, e lhe dá nome, não só de ridiculo, mas de gente de pouco juizo. E porque tambem sei que alguns que teem grande presumpção do seu e rebentam de prudentes, ou seguem, ou ostentam o mesmo dictame e o argumento em que se fundam não deixa de ter apparencia, justo será que o disfaçamos. Diz pois assim Escaligero na exercitação setenta e nove, contra Cardano: *Multi itaque sunt à nobis cometæ visi, quos nulla usquam tota in Europa sequuta est pernicies martirum: multi clarissimi viri suo fato functi sunt, multi eversi Principatus, pessumdatæ familiæ illustrissimæ sine ullo cometæ indicio.* Quer diser que muitos cometas foram vistos em Europa, sem que nella se seguissem mortes de principes, nem outras calamidados referidas; e pelo contrario, que morerram muitos principes, e se arruinaram muitos estados, e extinguiram familias illustrissimas sem indicio de alguem; cometa segue-se logo demonstrativa e experimentalmente que os cometas não são causa dessas calamidades e mortes.

Primeiramente digo que de acontecerem similhantes mortes, calamidades e guerras, sem precederem cometas, não se segue que os cometas não sejam signaes dellas, porque Deus não é obrigado a dar sempre signaes do que determina faser, antes quando o faz sem dar signaes, é signal de que está mais irado, e de que seus decretos são absolutos. Nem menos se segue esta consequencia de não se verem os effeitos dos cometas, quando os cometas se veem porque muitas vezes os mesmos cometas são causa e occasião de se impedirem os seus effeitos. E isto acontece quando os castigos, que Deus ameaça, são condicionaes e nos avisa primeiro com estes signaes do ceu, para que por meio da penitencia (ou orações de algum justo) os evitemos. Assim se viu no pregão de Jonas contra Ninive, o qual ninguem dirá que não era verdadeiro signal de sua assolação, porque lhe faltou o effeito. Demais disto a efficacia dos cometas é como a dos venenos, que uns matam logo outros mais tarde, posto que logo influem no corpo natural, ou politico, o que depois se hade colher e seguir. E quanto á demonstração, ou experiencia de que vimos, o cometa em Europa, e não vimos em Europa esses effeitos; bem se vê quão ridiculo argu-

mento é, e quão indigno de um homem cosmographo; como se ao resto do mundo, que excede dez vezes a grandeza de Europa, não houvera reis, reinos e provincias, em que se experimentem as calamidades, que em Europa não se veem, ou sabem, e como se Deus o não fôra mais que dos europeus. Mas esta doutrina e suas inferencias são mui proprias de escola escaligera, na qual aprendeu seu filho Joseph Escaligero a dizer no livro da emenda dos tempos, que Christo não nascera em dezembro, senão no equinocio autumnal, isto é em setembro, e o prova do Evangelho de S. Lucas, em que se diz que na noite do nascimento estavam os pastores guardando os seus gados no campo, o que não podia ser em tempo de tanto frio. Assim julgam os escaligeros os climas do mundo pelos da sua germania, e o que lá não se vê nem usa, cuidam que não pode ser em outra parte. Podéra aqui juntar a authoridade de S. João Damasceno a respeito da morte dos principes, a de Santo Thomaz, a de S. Boaventura, os dois doutores da egreja, de maiores experiencias do mundo, como mais chegados aos nossos tempos, os quaes ensinam o mesmo. Mas como os escaligeros são tão envangelicos, já me contentarei com que creamo que disse Christo pelo mesmo S. Lucas, que allega: *Surget gens contra gentem, et regnum contra regnum, et terræmotus magni erunt per loca, et pestilenciæ, fames, terroresque de Cælo, et signa magna erunt.*

Com estas palavras pode desenganar a phantasia humana os seus discursos, crer a olhos abertos que as guerras, fomes, pestes e as outras calamidades são effeitos dos terrores, e signaes do ceu, com que elle nos ameaça, e avisa para que temamos a Deus.

Referidos desta forma os que chamei escandalos do juizo e erros da ignorancia, não me esqueço que tambem accusei a pouca coherencia da presumida fé portugueza. E esta é a que estando vendo com os olhos abertos os signaes do ceu, ella comtudo nos cega e nos engana. Desde o anno de mil seiscentos e quarenta, tendo-se acreditado os nossos antigos vaticinios com a experiencia dos successos, de tal maneira cremos os futuros alegres e felizes, que estando juntamente escriptos, e estampados os tristes e calamitosos, havendo estes de preceder primeiro, e sendo muito para temer o amor proprio sempre cego, ou os não vê, ou não quer ver,

que é a maior cegueira. Muitos dos vaticinios allegam as escripturas sagradas e seus auctores; mas um só nota o livro e capitulo, que é o vinte e quatro de Isaias; muito natural pelo que prophetiza, e muito mais por dizer nelle o mesmo propheta que contem um segredo que só guarda para si. Este segredo, como consta do mesmo texto, se contem nas palavras do numero quatorze, quinze e dezeseis, que são: *Hilevabunt vocem suam, atque laudabunt: cum glorificatus fuerit Dominus, hinnient de mari: propter hoc in doctrinis grorificate Dominum: in insulis maris nomen Domini Dei Israel. A finibus terræ laudes audivimus, gloriam justi: et dixi: Secretum, meum mihi, secretum meum mihi.* Atequi as palavras do propheta. Quer dizer que depois de ficarem poucos homens no mundo, estes poucos levantaram a sua voz e louvaram a Deus, quando fôr glorificado, rinchando os seus cavallos no mar; e que nas ilhas do mesmo mar pregaram a fé do mesmo Deus; e que toda essa gloria de Christo, por antonomasia o Justo, sairá dos fins da terra; e que nisto está encuberto e consiste o segredo de Isaias.

Decifrando, pois, este segredo, dizem os nossos vaticinios que os fins da terra são Portugal, como verdadeiramente é; que os cavallos que hão de rinchar no mar são os seus navios, cavallos de madeira, que com a sua artilheria hão de atroar o mar Mediterraneo; que as ilhas onde hão de prégar a fé de Deus e glorias de Christo, são as do Archipelago do mesmo mar, fronteiras a Constantinopla; e que tudo isto se cumprirá, quando os portuguezes forem a conquistar os turcos, de cuja conquista estão cheios os ditos vaticinios. Concorda com elles Solutivo, que prophetizou com evidencia a desunião de Portugal, e encontro do seu embaixador com o de Castella em Roma em dia de S. Bernardo, e expressamente diz que de Lisboa ha de ír a ruina do turco; e o mesmo diz Esdras, fallando literalmente della no livro quarto, capitulo doze, notando que de um reino pequeno, cheio de perturbação, hão de sair aquelles que Deus tem guardado para o fim desta empreza: *Hi sunt, quos servavit Altissimus in finem suum, hoc est, regnum exile turbationis plenum.*

As esperanças destes fins tão gloriosos são as que enganam aos

portuguezes, não lendo, nem fazendo caso do que fica antecedente ao mesmo capitulo de Isaias, nem fazendo a devida consideração da causa; porque além de o seu reino ser tão pequeno, hão de ser elles tão poucos. Começa o dito capitulo com um horrendo exordio, dizendo: *Ecce dominus dissipabit terram, et nudabit eam.* Saibam todos que Deus ha de assolar a terra e despovoal-a de seus habitadores; e certamente Portugal, que o que depois deste prologo se segue, folgára eu muito de t'o não dizer, nem descubrir a teus olhos um retrato tão triste e lastimoso, como é o das trabalhosas disposições por onde hão de começar estas tuas futuras felicidades; mas os mesmos oraculos e predicções donde colhemos este ultimado fim tão glorioso e para desejar, nos estão juntamente dizendo ou ameaçando alguma tribulação e castigo muito para temer.

Se olhares Portugal para ti achar-te-has muito cheio de vicios e peccados, que te fazem totalmente merecedor de seres digno instrumento de tão santa empreza, como a conquista da terra santa; e por esta causa a primeira disposição para ella será algum castigo geral, com que purifique Deus, e purgue este tão enfermo corpo de viciosos humores com que está corrupto.

Antes de Josué entrar na conquista não de outra, senão desta mesma terra que nós havemos de conquistar; mandou fazer alto a todo o povo, de que se havia de formar o exercito e que todos se circumcidassem. Assim fará Deus nesta occasião, cortando primeiro com a espada, que mostra já desembainhada e circumcidando os vicios dos portuguezes, para que vão sanctificados á conquista da terra santa.

Aos que Deus mandava executar obras grandes de seu serviço, chamava-os seus sanctificados: *Ego mandavi sanctificatis meis.* E taes é bem que sejam os que hão de ser instrumento da maior obra, que sua divina providencia tem destinado e guardou para os poucos que ha de escolher dos mais.

Para a mesma empreza desta conquista escolheu Deus a Moysés, e antes disto lhe appareceu em uma çarça de fogo que ardia e não se queimava; donde lhe disse que antes de chegar áquelle logar descalçasse primeiro os sapatos; porque aquella terra era

terra santa: *Terra enim, in qua stas, terra sancta est.* O mesmo nos está Deus dizendo desde a çarça ardente deste cometa, para que nos dispamos de tudo o que offende seus divinos olhos; e descalços, penitentes, compungidos e humildes vamos pizar aquella terra santa, que elle pisou com seus sagrados pés e regou com seu preciosissimo sangue.

Horrendas são as calamidades que neste capitulo annuncia o propheta; mas não é justo se callem, para que todos tenham noticia dellas e dellas se colha o fructo que Deus pertende.

Diz, pois, o propheta Isaias que a terra estará inficionada de seus habitadores, por não quererem guardar as leis divinas: *Terra infecta est ab habitatoribus suis, quia transgressi sunt leges, mutaverunt jus, dissipaverunt fœdus sempiternum.* Declara que por esta razão de os homens não guardarem as leis de Deus, a maldição virá sobre a terra e a tragará e assolara, e ficará reduzida a muito poucos homens: *Propter hoc maledictio vorabit terram, et peccabunt habitatores ejus, ideoque insanient cultores ejus, et relinquentur homines pauci.*

Diz mais que haverá fome e esterilidade, e que estarão seccos e tristes os campos, e que se ouvirão pelas ruas os clamores sobre quem ha de alcançar um pouco de sustento; descrevendo tudo isto o propheta com amplificações notaveis debaixo do nome das vinhas e das vendimas: *Luxit vindemia, infirmata est vitis, ingemuerunt omnes qui lætabantur corde: clamor erit super vino in plateis: translatum est gaudium terræ.*

Diz mais que será abatida e passará grande detrimento a cidade da vaidade (veja Lisboa se lhe quadra o nome no tempo e luxo de hoje); e que na mesma cidade se fecharão as portas das casas, não havendo quem entre por ellas, e que toda será reduzida a uma solidão, com que parece significa peste: *Attrita est civitas vanitatis, clausa est omnis domus, nullo introeunte relicta est in urbe solitudo, et calamitas opprimet portas.*

Diz, finalmente, que os effeitos destas calamidades serão: ficarem depois dellas tão poucos homens vivos, quam poucas são no olival as azeitonas depois da colheita, e na vinha os cachos de-

pois da vendima: *Quiæ hæc erunt in medio terræ, in medio populorum, quomodo si paucæ olivæ, quæ remanserunt, excutiantur ex olea, et racemi, cùm fuerit finita vindemia.*

A estas palavras se segue immediatamente o segredo de Isaias, revelado depois em Jerusalem e em Roma, e descuberto por particular providencia aos que Deus ha de dispôr para tão alto fim com os antecedentes castigos, nos quaes perecerão os muitos que o mesmo propheta chama doidos: *Insanient cultores ejus;* e ficarão os poucos que tiverem e obrarem com juiso, como homens: *Et relinquentur homines pauci:* para que veja cada um entre a esperança futura e perigo presente, em que actualmente estamos, se lhe está melhor emendar-se e ficar vivo com os poucos, ou acabar e perecer com os muitos.

Isto é o que me pareceu advertir a Portugal de tão longe por occasião do cometa que estamos vendo, tão irmão do que elle viu e despresou na grandeza, na côr e na espada. E se acaso me disser alguem da sua parte, que vem estas advertencias tarde depois de quinze annos; respondo que outros quinze annos antes se representaram a Faraó as visões das vaccas e das espigas, em que se seguiram aos sete annos da fartura os outros sete de fome, e no fim delles não foi intempestivo, nem inutil o conselho de José a Faraó; que o repetir Deus o mesmo successo futuro em duas visões, era confirmação de ser infallivel o effeito do que annunciavam, e de não haver de tardar muito: *Quod autem vidisti secundò eamdem rem, firmitatis indicium est, et quòd fiat sermo dei, et velocius impleatur.*

O mesmo digo do primeiro e segundo cometa, e da primeira e segunda espada. É verdade que a mortandade que prophetisa Isaias, de que hão de escapar poucos, mais parece que demonstra fome e peste, que guerra; mas tudo o que mata e tira a vida, ainda que não seja na guerra, é espada. Assim David no meio da peste que escolheu por menos mal, viu o anjo no ar com a espada desembainhada. O cometa que nós estamos vendo em fórma de espada, nasce no Oriente, o que Portugal viu tambem em fórma de espada, assim em respeito do ceu, como da terra,

nascia no Occidente; e por tudo parece que fallou a Sybilla quando disse:

Sole sub occiduo vero vocitante cometa
Stella relucebit gladii mortalibus index
Et famis, et mortis, praeclarorumque virorum,
Atque Ducum interitus magnorum, nobiliumque.

As novas que aqui chegaram ultimamente de Portugal são de esterilidade e fome; mas como a *f*ome faz os seus effeitos, e estragos nos pobres e nos pequenos, e a Sybilla falla dos grandes, poderosos e illustres, fique a explicação e applicação deste oraculo a Lisboa, que a póde fazer de mais perto, como eu pela mesma razão me passo á Bahia.

VOZ DE DEUS Á BAHIA

Se as vozes e avizos de Deus pelas linguas dos cometas são favores da sua providencia, não podia a cidade do Salvador, antes de experimentar os trabalhos do resto do mundo, ser menos favorecida do cuidado e patrocinio de tão soberano nome, sendo a Bahia uma colonia tão notavel daquelle reino, ou imperio, que o mesmo Deus chamou seu.

No fim do anno de mil seiscentos e dezoito appareceu um cometa na Bahia, que foi visto em todo o mundo, e observado de todos os mathematicos, como consta de seus memoriaes. Era um formoso meteóro, o qual como precursor do sol amanhecia tres horas antes no mesmo Oriente. A sua grandeza se estendia até á quarta parte do hemispherio; a figura era de uma perfeitissima palma, a côr das folhas da mesma arvore, depois que o sol, que a seguia, lhe amadurecia a verdura. Todos naturalmente diziam que a palma prognosticava victoria; mas o mesmo cometa, que direito e levantado se mostrava no Brazil como palma, na Europa inclinado e atravessado representava a figura de um alfange de fogo; e tudo era, porque debaixo das neves e gelos de Hollanda, como nas entranhas e fornalhas do Ethna, se estava no mesmo tempo forjando e acendendo um vulcão, que havia de abrazar a Bahia e o Brazil.

Foi o caso, que no anno de mil seiscentos e nove, reinando Filippe III, e sendo primeiro ministro da monarchia o duque de Lerma, fez Hespanha tregoa com Hollanda por tempo de nove

annos, nos quaes á imitação da companhia oriental se ordenou, e levantou no banco de Amsterdam outra com o nome de occidental, e com intento de conquistar primeiro a Bahia, e depois o resto do Brazil, tanto que se acabasse o tempo da tregoa. Este se acabou no fim do anno de mil seiscentos e dezoito, e no mesmo fim pontualmente appareceu o fatal e enygmatico cometa. O primeiro golpe da figura do alfange descarregou sobre a Bahia, como cabeça do estado, com uma poderosa armada, e a conquistou sem armas, porque ella não as tinha; e não conservado, mas lançado d'alli o inimigo, com segundo e maior poder, quasi sem contradicção nem resistencia, levou tambem Pernambuco e o Recife mais defensavel, mas egualmente mal defendido. Foram consequencias desta desatinada fatalidade a Paraiba, o Rio Grande, o Seará e o Maranhão, da parte do norte; e da parte do sul com maiores e mais custosos intervallos tudo o que corre por costa até o grande rio de S. Francisco, com que no mappa da America appareceu ametade do Brazil com o nome de nova Hollanda, ganhado no mesmo tempo, como tão importante, o reino de Angola, na opposta Ethiopia, de cujo triste sangue, negras e felizes almas se nutre, anima, sustenta, serve e conserva o Brazil.

Toda esta torrente de desgraças e infortunios, posto que com frequentes soccorros de Portugal, Castella e Italia, durou por espaço não menos que de trinta annos; não tendo, porém, numero, nem cabendo nas historias que se escreveram, as mortes, os estragos, os incendios, as ruinas, as perdas, as distruições de casas riquissimas, de familias illustres, e o que mais era para sentir, de honras em todo o tempo sagradas, agora affrontadas e profanadas por summa crueldade e violencia, sem distincção de sexo, nem de edade; ardendo entretanto a mais pertinaz e furiosa guerra que nunca viu o mundo, sem tregoas de inverno, nem de verão, de dia, nem de noite, de campanha aberta, nem bosque cerrado; as baterias, os cercos, os assaltos, os encontros continuos, batalhas na terra, batalhas no mar, no mar as armadas derrotadas, na terra os exercitos desfeitos; perdendo-se sempre de uma e outra parte o poder, mas de ambas nunca perdida a esperança, para que fosse a guerra sem fim, como o serão as cintas da fa-

mosa Hollanda, competidora (fóra de Lisboa) não só da Bahia, mas até de Goa, quando mais florente.

Isto é o que prognosticava o cometa da Bahia; e todos estes horrores tão medonhos, os que encobriam as sombras daquella palma; a qual, porém, não esquecida da sua melhor figura, chegado o anno de mil seiscentos cincoenta e quatro, se mostrou tão verdadeiramente palma, e tão prodigiosamente victoriosa, que levantando-se e pelejando só as reliquias dos pernambucanos contra toda a nova Hollanda defendida, e presidiada com dezenove fortes reaes, a venceram toda de norte a sul, e de cabo a cabo, reconquistando em dois dias tanta terra, quanta se não podia andar a bom passo em quatro mezes; mas se aquelle teu primeiro cometa, ó Bahia, debaixo da figura de palma dissimulava, e encubria trinta annos inteiros de tantos trabalhos, calamidades, assolações, perdas irreparaveis, que ainda duram, e tantos rios de sangue, e mortes sem numero; o que agora tens diante dos olhos em figura de espada, que cuidas que te póde prognosticar, e que te está dizendo Deus por elle?

Antes de eu o ver chegaram os eccos do seu apparecimento a este meu deserto, publicando que era horrendo e formidavel; mas logo no dia seguinte se mudaram estes medos e prognosticos infaustos em auspicios felizes, dizendo os que melhor deviam intender-lhe a lingua, que nada tinha de formidavel, nem horrendo; e presumindo que claramente o provavam, por elle ser claro, e não rubicundo, e sem signal, nem mancha alguma de sanguinolento, antes diafano, transparente e limpo, como se a sobredita palma não fôra da mesma côr, e como se a espada por ser reluzente não ferisse. Queira Deus que não sejam estes interpretes joviaes como Seneca, que por adular o seu discipulo Nero, disse que o cometa que appareceu no seu tempo tirára a infamia, ou má opinião, com que os cometas andavam infamados: *Cometis detraxit infamiam*. Mas esta adulação tão indigna da inteireza e severidade estoica veiu elle a pagar com a vida, mandado matar, ou morrer pelo mesmo Nero, só com eleição, por ser seu mestre, de escolher o genero da morte. O cometa do anno de cento quarenta e seis antes de Christo, não

era rubicundo nem escuro, senão muito claro, como refere o mesmo Seneca: *Clarum lumen, et nitens;* mas nem por isso deixou de ser fatal e infausto ás duas famosas cidades de Carthago e Corintho, ambas destruidas e assoladas no mesmo tempo. O cometa do anno de quarenta e quatro tambem antes de Christo foi clarissimo; delle diz Plinio: *Oriebatur circa undecimam horam, clarusque, et omnibus terris conspicuus fuit;* e se acaso esta claridade demonstrava que Julio Cesar, cuja morte acompanhou, havia de ser collocado entre os deuses, a mesma morte foi tão desestrada, improvisa e cruel como todos sabem. O cometa do anno de tresentos noventa e dois depois de Christo, além da morte do imperador Valentiniano, prognosticou grandes males a todo o mundo; e a sua claridade era tanta, que não cedia á da estrella da alva, junto da qual saia. Uma e outra coisa diz Nicèforo: *Tum verò prodigia insolita visa sunt, quæ futura orbi mala portenderunt: primò namque inopinata, et insolens stella in cœlo propè luciferum refulgens apparuit, quæ quia propter corruscantes radios ingens erat, et lucida, non admodum lucifero cessit.* Não pudéra dizer mais Niceforo, se escrevera o horoscopo do nosso cometa, e lhe levantára a figura na mesma hora do seu nascimento.

Em conclusão, persuade-se á Bahia, que não ha cometa que prognostique grandes calamidades; e isto é que lhe ameaça é e está dizendo Deus pela voz do cometa presente. Tertulliano no livro *ad Scapulam*, tendo referido varios cometas daquelle tempo, diz: *Omnia hæc signa sunt imminentis iræ Dei;* que todos são signaes da imminente ira de Deus. Claudiano:

Et numquam terris spectatum impune cometen.

E Manilio:

Numquam futilibus excanduit ignibus æther.

Donde veiu a ser proverbio entre os gregos: *Nullus cometes visus, qui malum non ferat.* Nunca foi visto cometa, que não

trouxesse e prognosticasse mal. Nem faz contra a verdade universal desta experiencia chamarem-se felizes e faustos alguns cometas; porque ainda que o fossem para certos principes e nações, para outras, que deram materia a essas fortunas, todos foram fataes, e infaustissimos. Os que mais se celebram em toda a antiguidade são os de Alexandre Magno, Mithridates e Augusto Cesar; mas o primeiro foi o incendio de Asia, o segundo o flagello de Italia, e o terceiro o jugo de todo o mundo. Accrescento, que nos taes casos, até os vassallos do principe triumphante são calamitosos na sua felicidade; porque se os estranhos padecem as victorias, os vassallos sustentam as guerras, os soldados com o sangue das vêas, e os que não são soldados com o dos tributos; e não só os vencidos, senão tambem os vencedores, como a lima quando corta o ferro, todos padecem. E se estes são os effeitos dos cometas faustos, felizes e propicios, quaes serão os dos infaustos, infelizes e perniciosos?

Vindo ao nosso cometa, a primeira circumstancia com que appareceu foi, que sendo em figura de espada mostrava só a lamina, ou a folha, mas não os cabos, ou punhos della; e isto mesmo que occultava, apparecendo, o faz mais tenebroso. Os punhos e cabos da espada, que vem do ceu, não os menea um só impulso, nem os governa uma só mão, senão duas, uma invisivel, outra visivel; a invisivel, que e a de Deus, e a visivel, que é a do inimigo; e sendo que este se vê e conhece ou pela pessoa, ou pela nação; no caso do nosso cometa e da sua espada, se ignora e encobre. Antes da famosa batalha dos hebreus contra o exercito de Madião contava um soldado a outro, que vira em sonhos rodar do ceu um meteoro, o qual dando nas tendas do seu general as derrubava e punha por terra, ao que respondendo o companheiro, disse: *Non est hoc abud, nisi gladius Gedeonis*. Isto não é nem significa outra cousa, senão a espada de Gedeão, e verdadeiramente Gedeão era o que governava as armas dos hebreus. Deu-se em fim a batalha de noite, e as vozes que se ouviram entre o som das trombetas eram sómente: *Hic est gladius Domini et Gedeonis:* Esta é a espada de Deus, e de Gedeão: de sorte, que sendo a espada uma só e a mesma, os punhos e os ca-

bos della eram meneados por duas mãos, a de Deus e a de Gedeão. Porém, isto que publica e claramente se sabia daquella espada, na do nosso cometa está totalmente occulto, porque ainda que sabemos que uma das mãos que a move é a invisivel de Deus, a visivel e do inimigo, ou de Gedeão, que a hade menear juntamente, não sabemos qual seja, ou qual haja de ser.

Este é o estado a que nos tem reduzido aquella difficultosa politica, que ha tantos annos observamos depois da guerra universal de Europa. Não ha nem póde haver resolução mais christã nas guerras, que a neutralidade; porque é querer paz com todos; mas debaixo desta resolução, ou christandade está escondido o maior perigo, ou um dos maiores; senão quero fazer companhia arrisco-me a ficar só; e segundo a sentença de Salomão: *Væ soli*. Se quero ser amigo de todos, arrisco-me a ter a todos por inimigos, segundo a sentença de Christo: *Qui non est mecum. contra me est;* e é terrivel genero de perplexidade temer, sem saber a quem, e bastando um só inimigo para o temor, não haver algum entre tantos para a cautela. Isto é o que ameaça á Bahia o seu cometa, encubrindo-lhe nos punhos da espada, qual é a mão visivel de que se póde receiar. Onde deve muito advertir o mesmo receio, que qualquer que fôr esta mão, ainda que seja muito fraca, como ha de menear a espada juntamente com a de Deus, é impossivel resistir-lhe. O mesmo Gedeão que alcançou a famosa victoria, era tão fraco, que actualmente se estava fazendo o alforge para fugir dos madianitas; mas como a espada com que pelejou era de Gedeão, e juntamente de Deus, não teve resistencia. E será grande desgraça, Bahia, que prezando-te de christã, não intendas uma verdade, que conhecerão até os gentios. O mais invencivel homem que houve no mundo foi Achylles, caldeado na lagoa Estygia, e por isso impenetral a todas as armas; e comtudo matou-o Páris, que nenhuma coisa tinha de valente, porque? Porque estando (dizem os gentios) com a setta embebida no arco para fazer tiro a Achylles veio o deus Apollo, e ajuntando a sua mão com a de Páris, saiu de ambas a setta com tal força, que lhe não pôde resistir a summa valentia; o mesmo succederá a qualquer mão por fraquissima que seja, e

que mova os punhos da espada que vemos. Isto é o que nos encubriu o cometa, vejamos agora o que nos descobre; assim como encobriu os copos da espada, assim descobre a folha até á ponta; e qual será, Bahia, a significação? Se apartando os olhos do ceu, os ponho em ti, parece-me que a significação é de guerra; porque vejo que abres fossos e levantas muros. Mas quando vejo nascer o cometa, como nasce entre os avisos da aurora, intendo que se está rindo desta tua fabrica. Os muros, como o cinto, não são muros em quanto se não fecham; e quando a necessidade que ha delles espere os quarenta annos, que demanda a obra, contra o ceu, que combate lá de cima, não valem muros. Mais te digo, e é, que considerando-te, ou fingindo-te morada, ainda assim vestida de pedra e cal, te não podem defender os teus muros; porque tu não estás sempre onde elles te cercam. A Bahia, como as outras cidades do Brazil, só seis mezes de anno estão sobre a terra, os outros seis andam em cima da agua, indo e vindo de Portugal; e nesta campanha immensa do Oceano mal te pódem defender os muros que cá ficam, não te digo só dos ventos e tempestades, mas de outros perigos e encontros mais para temer que os elementos; e como á ida nos teus fructos levas as delicias para o gasto, e á vinda no retorno trazes as vaidades para o luxo, não é tão devota esta navegação, que convide á sua defensa os anjos da guarda.

Qual será logo a verdadeira significação desta espada? Diz Manilio, que o certo juiso dos cometas se ha de fazer olhando para os signaes e para os effeitos:

Sic Deus instantis fati miseratus, in orbem
Signo per effectus, caetique incendia mittit,

Os effeitos que vimos na terra deste signal do ceu, foram tres mortes mais repentinas, que apressadas, nas quaes se comprehenderam ambos os sexos, masculino e feminino, e ambos os estados, ecclesiastico e secular; e o ecclesiastico primeiro, porque Deus costuma começar os castigos por sua casa: *Incipit judicium à domo Dei.* E se acaso tem parado estes effeitos, (o que eu não

sei neste deserto), David declarou com certeza o misericordioso motivo desta suspensão: *Nisi conversi fueritis, gladium suum vibrabit.* Este castigo é condicional, e está Deus com a espada levantada, e ameaçando o golpe, esperando a ver se nos emendamos, ou para ferir e cortar com a espada, ou para a metter na bainha. Dizem os que teem mais aguda vista, que assim como esta espada escondeu os punhos, assim está com a ponta, ou tocando ou apontando para a constellação chamada hydra: a hydra é aquella bicha de sete cabeças, que nasce da agua, como declara o mesmo nome; e por mar veio ao Brazil haverá dez annos. Como tem sete cabeças, e outros tantos venenos, por isso se não tem atinado com a origem e qualidade do mal, nem com o remedio delle; e se desde o principio em que entrou no Brazil esta bicha, continuára até hoje, quão despovoada e acabada estaria a Bahia, e tudo o mais de que ella é cabeça!

Isto é o que descobre a espada do ceu, e (com particular mysterio e energia) no mesmo tempo de outros descobrimentos; quando imos descobrir os enganos da fama, descobriu-nos o ceu os desenganos da vida; não estão as minas nos cerros, estão no ceu. Estes ameaços do ceu tambem são, e se chamam minas; e o peior é que imos buscar o salitre ao certão, quando o deixamos na cidade. O salitre de que se accendeu o fogo daquella espada, são os peccados da Bahia; e senão, oiça ella a prova desta verdade no seu e tantas vezes allegado cometa, quando appareceu o de mil seiscentos e dezoito; uns chamaram-lhe terror, e outros error dos que assim o cuidavam. Vivia então Ericio Puteano, o qual excitando a questão entre um e outro nome tão parecidos e tão contrarios, primeiro perguntou a si:

> *Error hic, an terror fallax, qui dira cometis*
> *Fata dedit?*

E depois respondendo tão prudente como christãmente, concluiu com esta sentença:

> *Terror hic, haud error fallax: scelus omne cometa est.*

Não é erro falso, senão terror verdadeiro, que causa este cometa do ceu; porque os vapores com que elle arde, e de que o seu fogo se sustenta, são os peccados que lá sobem da terra; e todo o peccado é cometa: *Scelus omne cometa est.* O salitre com que no inferno arde o fogo, e no ceu se accendem os cometas, são os peccados: no inferno os dos mortos, no céu os dos vivos; e este mineral não se cria nos cerros e desertos innocentes do certão, mas nasce e cresce até o ceu, nos vicios e escandalos das cidades, tanto mais, quanto mais populosas.

Olhe agora a Bahia para o ceu, e para si, e veja se das suas portas a dentro, e fóra dellas, em todo o seu reconcavo ha peccados occultos e publicos, e se os achar, como achará muitos, e grandes, senão é cega, não seja surda á voz de Deus, que com a espada na mão lhe está bradando ao coração e aos ouvidos. Mas se acaso não intender estes brados (que para tudo ha intendimento na Bahia, e não os mais rudes), oiça com a attenção que o caso pede, os interpretes da mesma voz de Deus, que são os prégadores. O seu zelo ajudado daquella espada de fogo, será como o de Elias; e nesta occasião por efficacia della ganharão e recuperarão as suas prégações o fructo, que em tantas outras costumam perder. O maior milagre da eloquencia que viu o mundo, foi quando vindo Attila rei dos hunos com poderosissimo exercito deliberado a destruír Roma, o papa Leão I lhe fallou com tal efficacia, que o fez desistir da empreza, e voltar atraz com todo o exercito; e perguntado o barbaro pelo motivo desta retirada tão alhêa da sua condição e soberba, respondeu: Porque junto áquelle homem vi outro, que com a espada desembainhada me ameaçava a morte, se lhe não obedecia: *Quemdam alium, illo loquentē, reveritum esse, sibi stricto gladio minitantem mortem, nisi leoni obtemperaret.* Que poderá logo não persuadir aos ouvintes, por barbaros que sejam, um prégador christão, quando vejam juntamente, não a um homem, nem a um anjo, senão ao mesmo Deus com a espada desembainhada na mão, ameaçando a morte, a quem não executar o que lhe ouvirem?

Agora, agora, oradores evangelicos, agora é o tempo de aproveitar da occasião. Assim o fez o mesmo Christo, quando em Je-

rusalem caindo a torre de Siloe, opprimio com a sua ruina, e matou alguns homens: Pois sabei (disse o Senhor) que aquelles que morreram, não eram os mais devedores; mas para que os que estão endividados com Deus por maiores peccados saibam que lhes ha de succeder o mesmo, se não fizerem penitencia: *Putatis quia et ipsi debitores fuerint præter omnes homines habitantes in Hierusalem? Non, dico vobis: sed si pœnitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis.* Grande consolação para os interessados na morte dos que derribou o primeiro golpe do nosso cometa, e grande razão de temor para os que o mesmo Senhor chama mais devedores, quando a divina justiça os vem executar com a espada na mão pelas dividas. Tertulliano, famoso jurisperito, diz que este é o tempo de acudirem a Deus, e de suspenderem a sua ira com embargos os prégadores: *Omnia hæc signa sunt imminentis iræ Dei, quam necesse est quoquo modo possumus, annunciemus, et prædicemus.* Lembrem-se os prégadores, que não por outro, senão pelo mesmo titulo, são medicos universaes da republica; e quão grande crime seria do medico, se por não entristecer o enfermo, lhe não declarasse o seu perigo, e o deixasse morrer sem sacramentos. O santo frei João Capistrano, tomando por thema o cometa do anno de mil quatrocentos e sessenta, foi o Jonas de toda a Germania, e com o terror daquelle signal do ceu converteu e ganhou para elle infinidade de almas. Ainda é mais notavel o exemplo que refere santo Agostinho da prégação de um bispo de Constantinopla, em occasião que sobre aquella cidade appareceu outro cometa: *Omnes ad ecclesiam confugiebant: non capiebat multitudinem locus: baptismum extorquebat quisque à quo poterat: non solum in ecclesia; sed etiam per domos, per vicos, et plateas salus sacramenti exigebatur, ut fugeretur ira non præsens utique, sed futura.* Havia na cidade muitos gentios, que tendo conhecimento da lei de Christo, não acabavam de se fazer christãos; mas á vista do cometa, e do que sobre elle prégava o zeloso prelado, todos fugiam para as egrejas, em que não cabiam, não só pedindo o baptismo a vozes, mas obrigando por força a que logo logo os baptizassem; e não esperavam a ser baptisados na egreja pelos sacerdotes, senão que em

suas casas, e pelas ruas se baptisavam uns aos outros; e isto diz o santo, não para fugirem da ira de Deus presente, senão da futura.

Se isto fizeram em Constantinopla os gentios, que será bem que façam os christãos na Bahia? Se aquelles temiam assim a Deus á vista de um cometa muito menor que o que vemos, onde está o nosso temor, e a nossa christandade? O segundo baptismo dos christãos, depois de faltarmos ao que promettemos no primeiro, é o sacramento da penitencia; e esta é a nova e urgente occasião, que nos dá o ceu, para que todos os que temem a Deus, examinem muito particularmente suas consciencias, e confessando-se geralmente de todos seus peccados com verdadeira contricção, esperemos todos, assim preparados com humildade e resignação, o que a divina justiça (que sempre será misericordia) se servir ordenar de nós.

Não sejam estas confissões como as ordinarias, que sendo tão frequentes na Bahia, se vê dellas tão pouco fructo. Acabem-se os odios, reconciliem-se as inimizades, perdoem-se as injurias, componham-se as demandas, restitua-se a fazenda mal acquirida, e a fama. Paguem os poderosos o suor que estão devendo aos pequenos; cessem as oppressões dos pobres, que clamam ao ceu; e cesse o luxo e vaidade que se sustenta do seu sangue. Deem-se as esmolas, que muito aplacam a Deus, e não só aos que as pedem pelas portas, senão tambem, e muito mais, aos que a portas fechadas padecem necessidades. Guarde-se a immunidade das pessoas, logares, e bens ecclesiasticos, que são proprios de Deus, que os dá, e os tira; e castiga como sacrilegos os que se atrevem a tocar nelles. Em fim, Bahia, que se veja em ti tal reforma de justiça, tal melhora de costumes, e tal emenda nas vidas, que assim como hoje te quadra o nome de *civitas vanitatis*, assim mereças o de *civitas justi*.

E porque a peccados escandalosos e publicos se deve satisfação tambem publica, veja publicas penitencias o ceu em tuas ruas, e publicas deprecações Christo Senhor e Redemptor nosso diante de seus altares. Estas se devem fazer com maior apparato de tristeza, compunção e arrependimento, que outros exteriores

Em todas as parochias, em todos os conventos religiosos, e tambem em todas as casas particulares, em cada uma será bem se tome todos os dias certa hora do dia, ou da noite, em que se rezem as ladainhas, ou o terço do Rosario, ou outras orações; e que assista a este exercicio toda a familia, sem excepção de pessoa; os senhores e os servos; os amos e os criados; os paes e os filhos, e ainda os mais pequeninos; para que ponha os olhos Deus na sua innocencia.

E não nos pareça que faremos muito, sendo christãos, pois os ninivitas, que eram os gentios, até os animaes cobriram de cilicio, e fizeram jejuar e abster dos pastos. Dizem muitos santos que a cidade de Ninive verdadeiramente foi subvertida, como Jonas lhe tinha prophetisado; porque a Ninive que fez penitencia, já não era aquella cidade, senão outra muito diversa. O mesmo succederá, ó Bahia, se tomares o mesmo conselho; sê outra, e confia em Deus, cuja condição se não muda, que se te ameaça peccadora, não te castigará penitente. Intende, que o que pertende Deus com o terror deste cometa, não é castigar-te, senão emendar-te; e só te castigará, se te não emendares; ouve a santo Agostinho, fallando do cometa de Constantinopla: *Voluit Deus terrere civitatem, et terrendo emendare, terrendo convertere, terrendo mundare, et terrendo mutare.*

Aquella espada de fogo tão digna de causar horror póde cortar como espada, e póde queimar como fogo: mudemos nós, e emendemos a vida, que Deus mudará e emendará a sentença. Não nos quer Deus medir pelo seu supremo direito, senão sujeitar-se ao nosso: *Novit Deus mutare sententiam, si tu noveris emendare delictum.* Mostrar-se-nos armado, e com espada na mão, quando não quer guerra, senão paz comnosco, é politica do seu amor; quer capitular debaixo das armas, para tirar de nós melhores condições: seja assim, e reduzamos todas as condições a uma só, e de nunca mais, nunca mais o offender, de nunca mais o desobedecer, de nunca mais o deixar, de nunca mais o desagradar, de nunca mais querer, desejar, estimar, nem amar coisa alguma desta vida, nem ainda da outra, que não seja o mesmo Deus por toda a eternidade, etc.

RELAÇÃO DA MISSÃO

DA

SERRA DE IBIAPABA.

I.

Primeiros missionarios da companhia de Jesus, que do Brazil passaram por terra ao Maranhão; seus trabalhos. Morre na empreza o veneravel padre Francisco Pinto, e outros.

Pelos annos de 1605, sendo já pacificadas as guerras, que em Pernambuco foram mui porfiadas da parte dos naturaes, pelas violencias de certo capitão portuguez, se tornaram a pôr em armas todos os indios avassallados, que havia desde o rio Grande até o Ceará, onde ainda não tinhamos a fortaleza, que hoje defende aquelle sitio. E como em todo o Brazil tinha mostrado a experiencia o particular talento e graça que Deus deu aos religiosos da companhia de Jesus para compôr os animos desta gente, a petição do governador do estado, que então era Diogo Botelho, foi nomeado para esta empreza o padre Francisco Pinto, varão de grandes virtudes, e mui exercitado e eloquente na lingua da terra, e por seu companheiro o padre Luiz Figueira. Era o padre Francisco Pinto muito acceito aos indios pela suavidade do seu trato, e pelo modo e industria com que os sabia

contemplar; e sobretudo o fazia famoso entre elles um novo milagre, com que poucos dias antes indo o padre a uma missão, acompanhado de muitos, e morrendo todos á sede em uns desertos, sendo as maiores calmas do estio, com uma breve oração que o padre fez ao ceu, pondo-se de joelhos, no mesmo ponto choveu com tanta abundancia, que alagados os logares mais baixos daquellas campinas, que eram muito dilatadas, houve em todas ellas por muitos dias de caminho agua para todos: com estas assistencias tão manifestas do ceu foram recebidos os padres, como embaixadores de Deus, e não do governador do Brazil, e sem haver entre todos aquelles indios, posto que aggravados nas vidas, nas honras, e nas liberdades, quem puzesse duvida a tudo o que o padre lhes praticou, puzeram logo em suas mãos as armas, e nas d'el-rei e de seus governadores a obediencia, a que d'alli por diante nunca faltaram. Concluida tão felizmente esta primeira parte da sua missão, traziam os padres por ordem, que intentassem os certões do Maranhão, que naquelle tempo estava occupado pelos francezes, apalpando a disposição dos indios seus confederados, e vendo se os podiam inclinar á pureza da fé catholica, que entre os francezes estava mui viciada de heresias, e á obediencia e vassallagem dos reis de Portugal, a quem pertenciam aquellas conquistas. Assim o fizeram logo os padres, sendo elles os primeiros prégadores da fé, e ainda os primeiros portuguezes, que do Brazil passaram ás terras do Maranhão. E marchando por terra com grandes trabalhos e difficuldades, por irem abrindo o mesmo caminho que se havia de andar, chegaram em fim ás serras de Ibiapaba, onde viviam, como acastelladas, tres grandes povoações de indios tobajarás debaixo do principal Iaguaibunuçú, que quer dizer demonio grande; e verdadeiramente se experimentou depois sempre nesta missão, que residia ou presidia naquelle sitio, não só algum demonio, senão grande demonio, pela grande força, grande astucia, grande contumacia, com que sempre trabalhou, e ainda hoje trabalha, por impedir os fructos e progressos della: levantaram os padres egreja na maior povoação da serra, sem contradicção dos naturaes, antes com grandes demonstrações de

contentamento, e em quanto insistiam quotidianamente na instrucção dos adultos, e declaração dos mysterios da nossa santa fé com grande fervor dos mestres, e dos ouvintes, conhecendo uns e outros de quanta importancia seria para a conservação, e augmento desta nova conquista de Christo ter pacificadas e quietas as nações barbaras de tapuyas, que cercavam e infestavam os arredores da serra, tractaram os padres no mesmo tempo de fazer a si com dadivas todas estas nações feras, e fizeram pazes entre elles e os tobajaras, sendo os mesmos padres os medianeiros, e ficando como por fiadores de ambas as partes. Mas debaixo deste nome de paz, traçando-o assim o demonio, sem mais occasião, que a fereza natural destes brutos, entraram um dia de repente pela aldêa e pela egreja os chamados tocarijús; e estando o padre Francisco Pinto ao pé do altar para dizer missa, sem lhe poderem valer os poucos indios christãos, que o assistiam com frechas e partazanas, que usavam de paus mui agudos e pezados, lhe deram tres feridas mortaes pelos peitos, e pela cabeça, e no mesmo altar, onde estava para offerecer a Deus o sacrificio do corpo e sangue de seu Filho, offereceu e consagrou o de seu proprio corpo e sangue, começando aquella acção sacerdote, e consumando-a sacrificio.

Com a morte ou martyrio do padre Francisco Pinto, cuja sepultura Deus fez gloriosa com o testimunho de muitos milagres, que se deixam para mais larga historia, o padre Luiz Figueira, ficando só e sem lingua, porque ainda a não tinha estudado, se retirou por ordem dos superiores para o Brazil, tão sentido porém de não ter acompanhado na morte, como na vida, ao padre a quem fôra dado por companheiro, e com tanta inveja daquella gloriosa sorte, que logo fez voto de voltar, quando lhe fosse possivel, a levar por diante a mesma empreza, e buscar nella o mesmo genero de morte, que Deus então lhe negára, ao que elle dizia por indigno. Mas ambos estes desejos cumpriu Deus depois a este grande zelador de seu serviço; porque no anno de 1623, sendo já de maior idade o padre Luiz Figueira, e tendo occupado com muita satisfação os maiores logares da Provincia, veio outra vez á missão do Maranhão, onde trabalhou por espaço de qua-

treze annos com grande proveito das almas dos portuguezes, e dos indios; e levando-o o mesmo zêlo a Portugal a buscar um grande soccorro de companheiros, que o ajudassem a trabalhar nesta grande seara, partindo de Lisboa, e chegando á barra do Grão Pará no anno de 1643, com onze de quinze religiosos, que trazia comsigo, foi cair nas mãos dos tapuyas aroãs da bocca do rio das Amazonas, onde elle e os mais foram primeiro mortos com grande crueldade, e depois assados e comidos daquelles barbaros.

II.

Vingam os tobajarás a morte do seu pastor. Entram os hollandezes em Pernambuco: reduzem a seu partido os indios, que com esta communicação se corrompem mais nos seus costumes. Sua barbaridade.

Este foi o glorioso e apostolico fim, que tiveram os dois primeiros missionarios do Maranhão, e da serra de Ibiapaba, e os que puzeram as primeiras plantas nesta nova vinha. Dos fructos que nella deixaram os padres, parte em flor, parte em agresso, não se logrou mais que o nome de christãos, com que alguns ficaram, e outros depois receberam, continuando em tudo o mais como gentios. Tiveram porém lembrança de vingar a morte de seu pastor, na qual se mostraram tão cavalleiros, que fazendo guerra em toda a parte aos tocarijús, apenas deixaram desta nação quem lhe conservasse o nome e a memoria. Assim viveram os tobajarás da serra gentios sobre catecumenos até o anno de 1630, em que os hollandezes occuparam Pernambuco, e pouco depois se fizeram senhores da fortaleza do Ceará, e reduziram a si todos os indios daquella visinhança. O trato que os da serra tiveram com os hollandezes, não foi sempre o mesmo; porque até o anno de 1642 foram seus confederados; e a este titulo os acompanharam na guerra do Maranhão, pelejando nella contra os portuguezes, e contra os tabojarás, que lá havia de sua propria nação; mas voltaram desta guerra tão pouco satisfeitos do valor e fortuna dos hollandezes, que se resolveram a vingar nelles

as vidas, dos que naquella empreza tinham perdido, e o fizeram com tanto successo e resolução, que na fortaleza que tinham feito no Camucí por engano, e na do Ceará á escala vista passaram todos á frecha e á espada.

Póde comtudo tanto a industria e manha dos hollandezes, que com a dissimulação e liberalidade tornaram depois a reconciliar os animos desta gente, e não só a fizeram amiga, mas a renderam e sujeitaram de maneira, que quasi se deixaram presidiar delles em suas aldêas, não havendo nenhuma em que não tivessem, como de sentinella, alguns hollandezes. Com a communicação, e exemplo, e doutrina destes hereges, não se póde crer a miseria a que chegaram os pobres tobajarás, porque d'antes, ainda que não havia nelles a verdadeira fé, tinham comtudo o conhecimento e estima della, a qual agora não só perderam, mas em seu logar foram bebendo com a heresia um grande desprêso e aborrecimento das verdades e ritos catholicos, e louvando e abraçando em tudo a largueza da vida dos hollandezes, tão similhante á sua, que nem o herege se distinguia do gentio, nem o gentio do herege. Os males que saindo desta sua Rochella fizeram em todo este tempo os tobajarás da serra, não se podem dizer, nem saber todos, que elles os sepultavam dentro em si mesmos. É toda esta costa cheia de muitos baixos, que com o vento e correntes das aguas se mudam frequentemente; e foram muitos os navios de differentes nações, que aqui fizeram naufragio, os quaes eram despojos da cubiça, da crueldade, e da gula dos tobajarás, porque tudo o que escapava do mar, vinha cair em suas mãos, roubando aos miseraveis naufragantes as fazendas, tirando-lhes as vidas, e comendo-lhes os corpos. E depois que a experiencia ensinou aos mareantes a se livrarem dos perigos da costa, inventou nella a voracidade e cubiça desta gente outro genero de baixos, e mais cegos, em que muitos faziam o mesmo naufragio. Iam os mais ladinos delles aos navios que passavam de largo, promettiam grandes thesouros de ambar pelo resgate das mercadorias que levavam, e quando saíam com ellas em terra os compradores, succedia-lhes o que nestes ultimos annos aconteceu a uma náo da companhia da Bolsa, de que era capitão Francisco

da Cunha, o qual debaixo destas promessas de amizade mandou á terra trinta soldados, e saindo da praia ao golfo do mar outros trinta indios forçosos para os tirarem ás costas, assim atados comsigo os metteram pelo mato dentro, e os mataram e cosinharam com grande festa, e os comeram a todos, não vendo os que ficaram na nau, mais que o fumo dos companheiros, que não cheirava ao ambar, por que esperavam. Esta era a vida barbara dos tabajarus de Ibiapaba, estas as féras que se creavam e escondiam naquellas serras, as quaes foram ainda mais féras, depois que se vieram a ajuntar com ellas outras estranhas e de mais refinado veneno, que foram os fugitivos de Pernambuco.

III.

Damnos que recebe Pernambuco, e sua dilatada campanha da confederação dos indios com os hollandezes. Estrago espiritual dos indios da serra da Ibiapaba com a companhia dos que para lá se retiraram.

Entregou Deus Pernambuco aos hollandezes por aquelles peccados, que passam os reinos de umas nações a outras, que são as injustiças. E como grande parte das injustiças do Brazil cairam desde seu principio sobre os indios naturaes da terra, ordenou a justiça divina, que dos mesmos indios, juntos com os hollandezes, se formasse o açoite daquella tão florente republica. Rebellaram-se muitos dos indios, e christãos, e vassallos (posto que outros obraram finezas de fidelidade), e unindo suas armas com as do inimigo vencedor, não se póde crer o estrago que fizeram nos portuguezes, em suas mulheres e filhos, exercitando em todo o sexo e idade, deshumanidades feissimas, sendo os indios, como inimigos domesticos, os guias que franquearam a campanha aos hollandezes, e os executores das crueldades, que elles politica e hereticamente lhes commettiam, desculpando com a barbaridade dos brazilianos o que verdadeiramente não só eram consentimentos, senão mandados e resoluções suas, para assim quebrantarem a honra e constancia dos portuguezes, que de outra sorte nunca

pudessem render. Vinte annos teve Deus sobre as costas dos pernambucanos este rigoroso açoite, porque nos primeiros quatro da guerra estiveram todos os indios pelos portuguezes, até que no anno de 654 se deu por satisfeita a divina justiça com a milagrosa restituição de todas aquellas fortissimas praças á obediencia do felicissimo rei D. João IV. Entraram os indios rebeldes nas capitulações da entrega com perdão geral de todas as culpas passadas; mas elles como ignorantes de quão sagrada é a fé publica, temendo que os portuguezes, como tão escandalisados, applicariam as armas victoriosas á vingança, que tão merecida tinham, e obrigados de certo rumor falso, de que os brancos iam levando tudo á espada, lançaram-se cega e arrebatadamente aos bosques, com suas mulheres e filhos, onde muitos pereceram á mão dos tapuyas, e os demais se encaminharam ás serras de Ibiapaba, como refugio conhecido, e valhacoito seguro dos malfeitores. Com a chegada destes novos hospedes ficou Ibiapaba verdadeiramente a Genebra de todos os certões do Brazil, porque muitos dos indios pernambucanos foram nascidos e creados entre os hollandezes, sem outro exemplo nem conhecimento da verdadeira religião. Os outros militavam debaixo de suas bandeiras com a disciplina de seus regimentos, que pela maior parte são formados da gente mais perdida e corrupta de todas as nações da Europa. No Recife de Pernambuco, que era a côrte e emporio de toda aquella nova Hollanda, havia judeus de Amsterdam, protestantes de Inglaterra, calvinistas de França, lutheranos de Allemanha e Suecia, e todas as outras seitas do Norte: e desta Babel de erros particulares se compunha um atheismo geral e declarado, em que não se conhecia outro Deus mais que o interesse, nem outra lei mais que o appetite; e o que tinham aprendido nesta escóla do inferno, é o que os fugitivos de Pernambuco trouxeram e vieram ensinar á serra, onde por muitos delles saberem ler, e trazerem comsigo alguns livros, foram recebidos e venerados dos tobajaras, como homens letrados e sabios, e criam delles, como de oraculo, quanto lhes queriam metter em cabeça.

Desta maneira dentro em poucos dias foram uns e outros similhantes na crença e nos costumes; e no tempo em que lhes

para deixara de ser republica de Baccho (que era poucas horas, por serem as borracheiras continuas de noite e de dia), eram verdadeiramente aquellas aldêas uma composição infernal, ou mistura abominavel de todas as seitas e de todos os vicios, formada de rebeldes, traidores, ladrões, homicidas, adulteros, judeus, hereges, gentios, atheus, e tudo isto debaixo do nome de christãos, e das obrigações de catholicos.

IV.

Chega segunda vez o padre Antonio Vieira ao Maranhão, e o governador André Vidal de Negreiros intenta uma fortaleza na boca do rio Camucí, empreza que dependia da vontade dos habitadores da serra. Escreve-lhe o padre Antonio Vieira. Successo da resposta da çumaca, que com materiaes e soldados partiu a levantar a fortaleza.

Este era o miseravel estado da christandade da serra, quando no anno de 1655 chegou segunda vez ao Maranhão o padre Antonio Vieira com ordens de sua magestade, para que a doutrina e governo espiritual de todos os indios estivesse á conta dos religiosos da companhia; e posto que o estado referido daquelles christãos, de que já então havia noticias por fama, promettia mais obstinação, que remedio; considerando porém os padres, que a sua primeira obrigação era acudir á reformação dos indios já baptizados, e que estes da serra tinham sido os primogenitos desta missão, e de quão pernicioso exemplo seria para os que se houvessem de converter, e para os já convertidos a vida escandalosa, em que estavam, e muito mais a immunidade della. Era ponto este, que dava grande cuidado a toda a missão, e que muito se encommendava a Deus, esperando todos que chegariam ao ceu as vozes do sangue do seu Abel o padre Francisco Pinto, e que amansadas aquellas féras, que já estavam marcadas com o caracter do baptismo, tornariam outra vez ao rebanho de que eram ovelhas. Ajudou muito esta esperança um novo intento do governador André Vidal de Negreiros, o qual chegou no mesmo

anno ao Maranhão, resoluto a levantar uma fortaleza na boca do rio Camucí, que é defronte das serras, para segurança do commercio do pao violete, que se corta nas fraldas dellas, e do resgate do ambar, que a tempos sahe em grande quantidade naquellas praias. Esta é a suavidade da providencia divina, tantas vezes experimentada nas missões de ambas as Indias, onde sempre entrou e se dilatou a fé levada sobre as azas do interesse. Communicados os pensamentos do governador, e superior das missões, julgaram ambos, que primeiro se escrevesse aos indios da serra, de quem não só dependia o commercio, mas ainda a fabrica e sustento da fortaleza. Mas difficultava, ou impossibilitava de todo a embaixada a difficuldade do caminho de mais de cem legoas, atalhado de muitos e grandes rios, e infestado de diversas nações de tapuias, feros e indomitos, que a ninguem perdoam; e confirmado tudo com a experiencia da mesma viagem, intentada outra vez com grande poder de gente, de armas, e não conseguida. Comtudo houve um indio da mesma nação tobajará, chamado Francisco Murereiba, o qual confiado em Deus, como elle disse, se atreveu, e offereceu a levar as cartas. O theor dellas foi offerecer o governador em nome d'elrei a todos os indios que se achavam na serra, perdão e esquecimento geral de todos os delictos passados, e dar-lhes a nova de serem chegados ao Maranhão os padres da companhia, seus primeiros paes e mestres, para sua defensa e doutrina. E o mesmo escreveu o padre superior das missões, dando a si, e a todos os padres por fiadores de tudo o que o governador promettia; e referido-se umas e outras cartas ao mensageiro, que era homem fiel, e de intendimento, e ia bem instruido e affecto ao que havia de dizer, partiu Francisco com as cartas em maio de 1655: e como fossem passados nove mezes sem nova delle, desesperado de todo este primeiro intento no fevereiro do anno seguinte, que são as monções em que de alguma maneira se navega para barlavento, despachou o governador uma çumaca com um capitão e quarenta soldados, e os materiaes e instrumentos necessarios á fabrica da fortaleza do Camuci, e na mesma çumaca ia embarcado o padre Thomé Ribeiro, com um companheiro, para saltarem em terra no mesmo

sitio, e praticarem aos indios, e darem principio áquella missão. Animou tambem muito a resolução do governador e intentos dos padres a paz que por meio delles vieram buscar ao Maranhão os teremembés, que são aquelles gentios que frequentemente se nomeiam no roteiro desta costa com o nome de alarves, cuja relação nós agora deixamos por ir seguindo a çumaca, e não embaraçar o fio desta historia.

V.

Navegação desde o Maranhão ao Ceará difficultosissima. Arriba a çumaca. Parte o padre Antonio Vieira, e intenta a despeito dos mares ir á Bahia a buscar missionarios. Demoras que tem, e como encontra os indios com a resposta da sua carta, e voltam todos para o Maranhão.

Uma das mais difficultosas e trabalhosas navegações de todo o mar Oceano é a que se faz do Maranhão até o Ceará por costa, não só pelos muitos e cegos baxios, de que toda está cortada, mas muito mais pela pertinacia dos ventos, e perpetua correnteza das aguas. Vem esta correnteza feita desde o Cabo da Boa Esperança com todo o pezo das aguas do Oceano na travessa, onde elle é mais largo, que é entre as duas costas de Africa e America, e começando a descabeçar desde o Cabo de Santo Agostinho até o Cabo do Norte, é notavel a força que em todo aquelle cotovello da costa faz o impeto da corrente, levando após si, não só tanta parte da mesma terra que tem comido, mas ainda aos proprios ceus e os ventos, que em companhia das aguas, e como arrebatados dellas, correm perpetuamente de leste a oeste. Com esta contrariedade continua das aguas e dos ventos, que ordinariamente são brizas desfeitas, fica toda a costa deste estado quasi innavegavel para barlavento; de sorte que do Pará para o Maranhão de nenhum modo se póde navegar por fóra, e do Maranhão para o Ceará com grandissima difficuldade, e só em certos mezes do anno, que são os de maior inverno.

Navega-se nestes mezes pela madrugada, com a bafagem dos

terrenos, os quaes, como são incertos, e duram poucas horas, todo o resto do dia e da noite, e ás vezes semanas e mezes inteiros se está esperando sobre ferro na costa descuberta, e sem abrigo, sendo este um trabalho e enfadamento maior, do que toda a paciencia dos homens; e o peior de tudo é, que depois desta tão cançada porfia, acontece muitas vezes tornarem as embarcações arribadas ao Maranhão, como tambem arribou nesta occasião a çumaca, em que ia o padre e os soldados para o Camucí, tendo gastado cincoenta dias em montar só até o rio das Preguiças, que é viagem, que desfizeram em doze horas. Depois mostrou a experiencia que fôra providencia particular de Deus não chegarem os soldados a pôr pé em terra, nem se intentar a fabrica da fortaleza; porque, segundo a disposição em que então estavam os indios da serra, é sem duvida, que ou haviam de impedir a fortaleza por armas, ou se haviam de retirar para tão longe della, onde nunca mais fossem vistos.

Partiu nesta mesma monção em uma embarcação latina o padre Manuel Nunes para o Ceará, e o padre Antonio Vieira para a Bahia: ia um a cultivar os indios daquelle districto, outro para trazer sugeitos que podessem acudir aos demais; e posto que venceram mais legoas da costa pela melhoria das velas, e perseveraram mais tempo na mesma porfia, teimando contra o mar, até se verem quasi comidos delle, em fim, desenganados houveram tambem de arribar; mas na hora em que se acabava de tomar este accordo para se levarem as ancoras, eis que vem uma embarcação pequena á vela, escorrendo a costa, e gente vestida de côres, marchando pela praia. Ao principio cuidaram que eram estrangeiros escapados de algum naufragio, mas chegando mais perto, reconheceram que era o indio Francisco, que acompanhado de outros da serra vinham trazer a resposta das cartas, com que havia quasi um anno tinha partido do Maranhão. Recebidos com a festa e alvoroço que merecia tal encontro, e tão pouco esperado, e dando já por bem empregado o trabalho da dilação, deu Francisco por causa da sua tardança o haver encontrado pelo caminho grande variedade de nações de tapuyas, que o detinham e traziam comsigo muitos dias. E per-

guntado como escapára delles com vida, sendo gente que a ninguem perdoa; respondeu que lhe inspirára Deus, quando se viu nas mãos dos primeiros, offerecêr-lhe voluntariamente tudo o que levava comsigo, e sobre si, esperando que como não tivessem que roubar, não o quereriam matar inutilmente, e que assim o faziam; antes ao despedir-se lhe davam sempre algumas coisas das suas em agradecimento das que tinham recebido; e que proseguindo na mesma fórma dando a uns o que recebia dos outros, se livrára das mãos de todos. Eram dez indios os da terra que acompanhavam a Francisco, dos quaes o que vinha por maioral, apresentou aos padres as cartas que trazia de todos os principaes, mettidas, como costumam, em uns cabaços tapados com cera, para que nos rios que passam a nado se não molhassem. Admiraram-se os padres de ver as cartas escriptas em papel de Veneza, e fechadas com lacre da India; mas até destas miudezas estavam aquelles indios providos tanto pela terra dentro pela communicação dos hollandezes, de quem tambem tinham recebido as roupas de grã e de seda, de que alguns vinham vestidos. Desta maneira sabem os politicos de Hollanda comprar as vontades e sujeição desta gente, passal-os da nossa obediencia á sua, o que nós poderamos impedir pelos mesmos fins, com muito menos custo, mas sempre as nossas razões de estado foram vencidas da nossa cubiça, e por não darmos pouco por vontade, vimos a perder tudo por força. A lettra e estylo das cartas era dos indios pernambucanos, antigos discipulos dos padres, e a substancia dellas era darem-se os parabens da nossa vinda, e significarem o grande alvoroço e desejo com que ficavam esperando para viverem como christãos, não se esquecendo de lembrar aos padres, como elles tinham sido os primeiros filhos seus, e quão viva estava ainda em seus corações a memoria e saudades do seu santo pae, o Paí-Pina, que assim chamavam ao padre Francisco Pinto.

VI.

Partem á missão da serra de Ibiapaba o padre Antonio Ribeiro, e o padre Pedro de Pedrosa. Difficuldades, perigos, e trabalhos que passaram estes apostolicos missionarios. Favores do ceu que experimentam antes de chegar a Ibiapaba.

Chegada ao Maranhão esta resposta tão conforme ao que se desejava, se resolveu logo que a viagem se fizesse por terra, e foram nomeados para esta missão o padre Antonio Ribeiro, pratico e eloquente na lingoa da terra, e o padre Pedro de Pedrosa, que pouco antes tinha chegado de Portugal.

Até o rio das Preguiças levaram os padres uma boa escolta de soldados portuguezes, com que passaram vinte e cinco legoas de perpetuos areaes, chamados vulgarmente os Lançoes, por ser este passo mui infestado dos tapuyas. Despedida a escolta, se descobriu logo quanto o inimigo da salvação das almas tractava de estorvar esta viagem, como se experimentou mais no discurso della. Como em todo este caminho não ha povoação, nem estalagem, é um dos grandes trabalhos e difficuldades delle haver de levar o mantimento ás costas, que vem a ser a farinha, que chamam de guerra, que é o biscoito destas terras, o qual ao uso dellas se leva em uns como sacos de vimes tecidos, ou embastidos de folhas. Succedeu pois, que os que levavam estes saccos ás costas, assim por se aliviarem do pezo, como por ser gente, que come sem nenhuma regra, em treze dias que tinha durado a viagem, os tinham desentranhado de maneira, que quando os padres foram a dar balanço á farinha, não acharam mais que o vulto da folhagem, e que toda a tropa que constava de sessenta boccas, estava totalmente sem mantimento. Todos votaram que voltassem outra vez para o Maranhão, pois não tinham de que se sustentar, e lhes restavam por andar as tres partes do caminho, e essas do maior trabalho e detença. Mas os padres resolveram, que o que se havia de padecer tornando atraz, se padecesse proseguindo adiante, e animando aos indios, se fez assim, e se sustentaram todos somente de carangueijos,

com algum peixe que lhes deram os teremembés em dois dos seus magotes que encontraram. Governava um destes magotes Tatuguaçú, um dos quaes tinha ido ao Maranhão, e que era o interprete dos demais, ao qual, como logo então se colheu de suas palavras, nunca lhe pareceu bem, que as suas praias fossem francas aos portuguezes, e devassadas de passageiros; e como esta era a primeira viagem, tractou de cortar nella o fio e os intentos a todas as demais, dando de noite um bom assalto nos nossos. A este fim convidou uma boa parte dos indios a certa pescaria, que se havia de fazer de noite em um posto distante, e aos soldados portuguezes que eram oito, tambem os procurou retirar, tomando para isso uma traça, que bem se via ser inspirada pelo demonio; e foi prometter-lhes que lhes mandaria algumas de suas mulheres, para os ter longe dos padres, e divertidos, tendo no mesmo tempo escondido no mato o maior corpo da sua gente para rebentar com ella nas horas do maior descuido. De tudo isto estavam os padres bem innocentes, fazendo exame da consciencia, como é costume, para se recolherem a descançar, quando no mesmo exame lhes veio um escrupulo, sem duvida inspirado pelo anjo da guarda, começando a duvidar da fé do Teremembé, e inferindo do mesmo bom agasalho que lhes fizera, a traição que debaixo delle tinha ou podia ter armado. Com esta suspeita sem outro indicio nem averiguação, ordenaram que se fizesse logo a marcha que estava disposta para se fazer de madrugada, abalando com todo o silencio, e marchando toda a noite, e deste modo amanheceram livres e vivos os que tinham decretada a morte para aquella noite. Assim o descubriu depois aos padres uma velha da mesma nação, a qual tinha ido ao Maranhão na occasião das pazes, onde fôra mui bem tractada dos nossos, e agora em agradecimento veio escondidamente a trazer-lhes aquelle aviso, que ainda foi bom para a cautela, posto que se não acabaram aqui os perigos.

VII.

Rios caudalosos que se atravessam nesta jornada. Risco da canôa em que ia o padre Antonio Ribeiro. Livram milagrosamente. Chegam estes missionarios á desejada serra de Ibiapaba.

Um dos perigos e trabalhos grandes que tem este caminho, é a passagem de quatorze rios mui caudalosos, que o atravessam e se passam todos por meio da foz, onde confundem e encontram suas aguas com as do mar; e porque não ha nestes rios embarcação para a passagem, é força trazel-a do Maranhão com immenso trabalho, porque se vem levando ás mãos por entre o rolo e a ressaca das ondas, sempre por costa bravissima, allagando-se a cada passo, e atirando o mar com ella, e com os que a levam, com risco não só dos indios, e da canôa, senão da mesma viagem, que della totalmente depende.

Muitas vezes é tambem necessario arrastal-a por grande espaço de terra e montes para a lançar de um mar a outro, e talvez obrigam estas difficuldades a tomar a mesma canôa em pezo ás costas com toda a gente, e leval-a assim por muitas legoas; de modo que para haver embarcação para passar os rios, se ha de levar pelo mar, pela terra, e pelo ar, e bem se vê quanta seria a molestia e afflicção dos padres nesta sua viagem em persuadir e animar a um trabalho tão forte, a homens que quasi vinham sem comer, e mal podiam arrastar os corpos. Na passagem do rio Parámirim, que é o mais forçoso de todos, foi tal o impeto da corrente, que arrebatando a canôa, a levou rodando mais de tres legoas pelo mar alto dentro, dando já todos por perdidos ao padre Antonio Ribeiro, que nella ia, e sete indios. Chamaram todos neste aperto pela Virgem nossa Senhora da Conceição, invocando seu nome a grandes brados, como succede na ultima desesperação dos remedios humanos; e por milagre da Senhora, depois de cinco horas de luctar com as ondas, o mesmo mar os trouxe á terra, não havendo já quem tivesse animo nem braços para poder sustentar os remos, nem o governo. Succedeu neste

perigo uma circumstancia de trabalho nunca vista nem imaginada; ia o rio em partes profundamente entrando por entre morros de arêa mui altos, dos quaes com o perpetuo remoinho dos ventos era tão espesso o chuveiro da arêa que caía sobre a canôa, que trabalhando a maior parte dos que nella iam em a lançar fóra com as mãos, com os remos, com os chapeos, e com tudo o que podia ser de prestimo, não bastavam a alijar-lhe descarregar o peso della, que por momentos os ia alagando e levando a pique; mas de tudo os livrou a protecção daquella divina Senhora a quem tudo obedece. As outras molestias e incommodidades que padecem nesta viagem homens creados no retiro da sua cella, são muito para agradecer e louvar a Deus; porque o caminho, que é de mais de cento e trinta legoas pelo rodeio das enseadas, e fazem os padres todo a pé, e sem nenhum abrigo para o sol, que nas arêas é o mais ardente; porque em todas ellas não ha uma só arvore, e até a lenha a dá, não a terra, senão o mar, em alguns paus seccos, que deitam as ondas á praia. A cama era onde os tomava a noite, sobre a mesma arêa, e tambem debaixo della; porque marchavam no tempo das maiores ventanias, as quaes levantam uma nuvem ou chuva de arêa tão continua, que poucas horas de descuido se acha um homem coberto ou enterrado; até o mesmo vento (coisa que parece incrivel) é um dos maiores trabalhos e impedimentos desta navegação por terra, porque é necessaria tanta força para romper por elle, como se fôra um homem nadando, e não andando. Emfim, como esta era a primeira viagem que se fazia ou abria depois de tantos annos por estas praias, a falta de experiencia, como succede em todas as coisas novas, fazia maiores os trabalhos e os perigos. Mas vencidos todos com o favor de Deus, que da fraqueza tirava forças, aos 4 de julho de 1656, em que se contaram trinta e cinco de viagem, chegaram os padres á sua desejada serra de Ibiapaba sem alento, nem côr, nem similhança de vivos, que taes os tinha parado o caminho e a fome. Quão accommodado porém fosse este logar, onde chegavam para descançar e convalescer de todos estes trabalhos, se verá pela breve relação que agora daremos da terra.

VIII

Descripção do sitio da serra de Ibiapaba; sua difficultosa subida; sua altura, que excede as nuvens; condição de seus moradores: e chegados a ella os missionarios, quanto obram.

Ibiapaba, que na lingua dos naturaes quer dizer terra talhada, não é uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao certão das praias de Camucí, e mais parecidas a ondas do mar alterado, que a montes, se vão succedendo, e como encapellando umas apoz das outras em distrito de mais de quarenta legoas: são todas formadas de um só rochedo durissimo, e em partes escalvado e medonho, em outras cubertas de verdura e terra lavradia, como se a natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que sendo sempre duras, e como de pedras, ás vezes dão esperanças, e se deixam cultivar. Da altura destas serras não se póde dizer coisa certa, mais que são altissimas, e que se sobe, ás que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que é forçoso usar em muitas partes. Mas depois que se chega ao alto dellas, pagam muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos paineis, que por ventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, valles, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadissimas; e dos longes do mar no extremo dos horisontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, que como é coisa tão parecida ao ceu, não só causam saudades, mas já parece que estão promettendo o mesmo, que se vem buscar por estes desertos.

Os dias no povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do sol cobrem-se com as nevoas, que são continuas, e muito espessas. As ultimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para a parte do Occaso são mais vizinhas e levantadas. As noites, com ser tão dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que igualam os grandes frios do Norte, e só se podem passar com o fo-

gueira sempre ao lado. As agoas são excellentes, mas muito raras, e a essa carestia attribuem os naturaes ser toda a serra muito falta de caça de todo o genero; mas bastava para toda esta esterilidade ser habitada ou corrida ha tantos annos de muitas nações de tapuyas, que sem casa nem lavoira vivem da ponta da frecha, matando para se sustentar, não só tudo o que tem nome de animal, mas ratos, cobras, sapos, lagartixas, e de todas as outras immundicias da terra. Quasi na mesma miseria vivem igualmente os tobajarás, posto que poderam sem muita difficuldade supprir a necessidade da terra com os soccorros do mar, que lhes fica distante vinte e cinco legoas, e sobre ser mui abundante de todo o genero de pescado, está offerecendo de graça o sal nas praias em uma salina natural de mais de duas legoas; mas é tão grande a inercia desta gente, e o ocio em que excedem a todos os do Brazil, que por milagre se vê um peixe na serra, vivendo de mandioca, milho, e alguns legumes, de que tambem não teem abundancia; com que é entre elles perpetua a fome, e parece que mais se mantém della, que do sustento.

Não foram novas aos padres as incommodidades do sitio, de que já tinham certas noticias, como dos costumes dos moradores, os quaes acharam em tudo no estado em que acima os descrevemos, posto que foram recebidos delles com grandes demonstrações de gosto e humanidade, e com aquella admiração e applauso, que sempre acham nesta gente todas as coisas novas. A primeira, em que intenderam os padres, foi em levantar egreja, de que elles não só foram os mestres, senão os officiaes, trabalhando por suas proprias mãos, assim pelo exemplo, como pela necessidade, porque era pouca a diligencia com que os moradores se applicavam á obra. A do edificio espiritual se começou juntamente, porque desde o primeiro dia começaram os padres a ensinar a doutrina no campo, a que concorriam principalmente os pequenos, que muito brevemente tomaram de memoria as orações, e respondiam com promptidão a todas as perguntas do catecismo. Mas depois que os padres lhes ensinaram a cantar os mesmos mysterios, que compuzeram em versos, e tons muito accommodados, viu-se bem com quanta razão dizia o padre No-

brega, primeiro missionario do Brazil, que com musica e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Foram d'aqui por diante muito maiores os concursos e doutrinas de todos os dias; e maiores tambem as esperanças que os padres conceberam de que por meio desta musica do ceu queria o divino Orpheo das almas encantar estas feras destas penhas, para as trazer ao edificio da sua egreja. A primeira pedra que se lançou nelle, e o primeiro fructo que se começou a colher, foi o baptismo de muitos adultos, e de todos os innocentes, porque nenhum pae houve, que não trouxesse a baptisar todos os seus filhos, dos quaes muitos foram logo chamados ou arrebatados ao ceu antes dos annos do intendimento, para que a malicia dos mesmos paes lh'o não pervertesse.

IX.

Impedimento que põe o demonio á fé: Meios de que usa: Desacerto de um capitão portuguez: Perigo da fortaleza do Ceará.

Soffreu mal o demonio, que se lhe tirassem das mãos estes despojos tenros, que elle desde o nascimento tinha já marcados por seus, e temendo destes principios, que viria pouco a pouco a ser lançado daquelle castello infernal, que é a chave de tantas outras nações, que tão absolutamente estava dominando, determinou fazer-se forte nelle com todas as suas forças e astucias, e com as mesmas fazer a esta missão a mais cruel e porfiada guerra que jámais se tem experimentado até hoje na conquista espiritual de todas as gentilidades do Brazil. Tinham vindo os padres a Ibiapaba com ordem, não de fazerem alli residencia, mas de verem a disposição da gente, e do logar, e com aviso aos superiores, esperarem a resolução do que haviam de seguir. D'aqui tomou occasião o demonio, e d'aqui forjou as suas primeiras armas, mettendo em cabeça a todos os principaes, que os padres não vinham a tractar da sua salvação, senão da sua ruina, e que eram espias dissimulados dos portuguezes, para avisarem do que passava na

fortaleza do Ceará, distante de Ibiapaba sessenta legoas, vivem duas nações de tapuyas gentios, confederadas ambas com os portuguezes, mas inimigas entre si; uns se chamam ganacés, outros juguaruanas. Estavam estes occupados no mato em cortar madeira do precioso pau violete para o capitão da fortaleza, quando os ganacés, levando comsigo alguns indios christãos de duas aldêas avassalladas, que alli temos, deram de repente sobre elles, e tomando-lhes as mulheres e filhos, se vinham retirando com a preza. Foram avisar os juguaruanas ao capitão da fortaleza, em cujo serviço estavam, o qual lhes mandou de soccorro vinte e quatro soldados portuguezes, com ordem que os ajudassem e pelejassem contra seus inimigos, podendo mais neste caso, como sempre póde, a razão da cubiça, que a do estado, a qual dictava que se guardasse neutralidade com ambas as nações, pois ambas eram nossas alliadas. Chegaram os soldados aos ganacés, que se tinham feito fortes em uma taboleira do bosque, e desordenando mais a desordenada ordem que levavam, um delles que não era branco, persuadio aos fortificados que entregassem em confiança suas armas em signal de paz, para se retirarem debaixo das nossas. Mas os juguaruanas, que já tinham recuperado a preza, tanto que viram a seus inimigos desarmados, sem lhes poderem valer os soldados portuguezes, deram sobre elles, e em um momento quebraram as cabeças a todos, que é o seu modo de matar, sem ficar de quinhentos que eram, nem um só com vida. Foi este um caso, que grandemente alterou os animos de todos os indios do Ceará, e muito mais os vassallos e alliados, vendo que á sombra de nossas armas, de que elles esperavam a defensa, fôra a mesma, e por estylo tão indigno, que os mettera como cordeiros nas mãos de seus inimigos. Clamavam contra os interesses do capitão, e contra a lealdade dos soldados, o que lhes ensinava a dor e justa ira, e talvez se precipitavam em ameaças contra a fortaleza, e contra as vidas de quantos estavam nella.

X.

São chamados os padres para socegarem os indios: differenças entre estes: acode no maior fervor da briga o padre Antonio Ribeiro, a cujas vozes suspendem todos as armas, e ficam em paz: reforma tudo este grande missionario, e parte a Pernambuco em busca de remedio, mas sem effeito.

Posta a fortaleza neste aperto e receio, receberam os padres cartas do capellão e almoxarife, em que lhes representavam o estado de tudo, e lhes pediam que por serviço de Deus e d'el-rei quizessem acudir com toda a pressa áquella força, pois só a sua presença, e a muita auctoridade que teem com os indios, poderia obrar em seus animos, tão justamente irados, o que importava á conservação de todos. Por esta causa, e por pertencerem tambem aquelles indios a esta missão, resolveram os padres partir logo ao Ceará; mas vendo que com a noticia desta jornada tornavam a reverdecer as suspeitas dos de Ibiapaba, houve de ficar alli um dos padres, como em refens do outro, e foi só áquella empreza o padre Antonio Ribeiro, que, como tão eloquente na lingoa, e exercitado em conhecer e moderar os animos desta gente, sobre tudo ajudado com particular favor de Deus, poz tudo em poucos dias em paz.

Primeiro aquietou, não sem difficuldade, os indios christãos das aldêas, que como vassallos d'el-rei, e creados em maior politica, sabiam melhor sentir e encarecer a causa da sua dor; e com elles ficaram tambem quietos os ganacés, primeiros movedores desta tragedia, ajudando não pouco a sua mesma culpa a se comporem com o successo. Só os juguaruanas, como provocados sem causa, e como insolentes com a victoria, não cessavam de ameaçar continuamente a ambas as aldêas, em uma das quaes deram de repente ao tempo que o padre estava levantando a hostia; mas acabada a missa com a pressa que pedia o perigo, estando já alguns da aldêa mortos, e feridos quasi todos, que não chegavam a quarenta, sendo quatrocentos os barbaros que combatiam uma fraca estacada de que estava cercada, o padre se

subiu intrepidamente sobre ella por meio das frechas, e não pedindo pazes, nem rogando, senão reprehendendo e ameaçando o castigo de Deus aos barbaros, deu Deus tanto efficacia a estas vozes, e ao imperio dellas, que suspendendo os arcos e frechas, se retiraram logo todos. E d'alli a tres dias em presença do padre e do capitão da fortaleza vieram a fazer pazes, que se celebraram solemnemente entre estas, e as mais nações offendidas. Em quanto isto se obrava, não attendia o padre com menos cuidado á doutrina dos indios christãos, os quaes achou na mesma confusão e miseria em que estavam os de Ibiapaba, e se se póde cuidar, ainda maior, pela maior visinhança e communicação que haviam tido dos hollandezes, se bem o respeito da fortaleza, e o presidio os tinha feito menos rebeldes e insolentes, que os outros. Ensinaram-se os innocentes, e baptizaram-se todos os hereges, e se reconciliaram com a egreja muitos que estavam casados ao modo de Hollanda, e se receberam com os ritos catholicos. Em fim, as duas povoações que eram compostas de gentios e hereges, ficaram de todo christãs.

Restava somente a fortaleza por render, onde em certo modo se póde dizer, que estava e está o demonio mais forte pela cubiça dos capitães, e torpeza dos soldados. A estes tirou o padre trinta indias, as mais dellas casadas, de que se serviam, com publica offensa de Deus, e sem pejo dos homens, indo-as buscar livremente ás aldêas, e tomando-as, se era necessario, por força a seus maridos. Dos maridos se estavam servindo igualmente os capitães para seus interesses, com tanta oppressão dos miseraveis, e tão pouca e tão enganosa satisfação do continuo trabalho ou captiveiro em que os trazem, sem descançar jámais, que se podia duvidar, quaes eram dignos de maior lastima, se as mulheres no torpe serviço dos soldados, se os maridos no injusto dos capitães. Tractaram os indios com o padre de pôr remedio a estes damnos, que não eram menos consideraveis para os mesmos portuguezes, se aquelles vicios deixaram olhos abertos. Representou-se por meio mais effectivo retirarem-se aquellas aldêas d'alli para Pernambuco, d'onde todos os annos, assim como vem e se mudam os soldados portuguezes, assim viessem e se mudassem os indios

necessarios ao serviço da fortaleza; e com esta proposta passou o mesmo padre a Pernambuco, posto que não foi admittida; como nunca serão aquellas em que o bem temporal e espiritual commum se encontra com o interesse dos particulares que governam. Na viagem visitou o padre as reliquias das antigas aldêas de Pernambuco, Paraiba, e Rio Grande, que achou espalhadas por aquelle largo e trabalhoso caminho, e tornou a visitar as do Ceará, baptisando, doutrinando, casando, e confessando a todos aquelles desamparadissimos indios, os quaes davam graças a Deus de que tudo isto se lhes fizesse de graça, quando muitos delles viviam como gentios por não terem com que pagar os sacramentos.

XI.

Desconfiança dos da serra de Ibiapaba, tendo aos missionarios por traidores. Quanto padece o padre Pedro Pedrosa, que ficou só na serra: necessidade a que chega, e descommodos destas missões.

Em quanto o padre Antonio Ribeiro se deteve nesta comprida missão, esteve o padre Pedro Pedrosa padecendo as consequencias della, que foram persuadirem-se de novo os de Ibiapaba, que a jornada ao Ceará, e de Pernambuco, foram só a prevenir dobrados soccorros, com que os arrancar a todos das suas serras; chegando a desconfiar das mesmas muralhas inaccessiveis, com que as fortificou a natureza, e fazendo como soldados velhos da guerra do Brazil, uma estrada occulta pelo mato, que no caso que não se podessem defender, lhes servisse para a retirada, a qual já tinham disposta para partes tão remotas do interior da America, que nunca lá podesse chegar o nome, quanto mais as armas dos portuguezes. Sendo esta a opinião que estes indios tinham de um dos padres, já se vê qual seria o tractamento que fariam ao outro. Ficou o padre Pedro Pedrosa entre elles só, e sem saber ainda mais que poucas palavras da lingua, mas a mesma necessidade, e não ter outra, com que se dar a entender, lh'a fez aprender copiosamente dentro em poucos mezes, estudando muito

ainda que na mesma lingua, as razões com que havia de fallar e persuadir a esta enganada gente o pouco fundamento de seus temores, e das desconfianças que tinham concebido contra os padres que por elles estavam padecendo tantos trabalhos, e tinham arriscado tantas vezes as vidas. Mas nenhuma razão nem demonstração bastava, para que vissem ou quizessem ver a sua cegueira. Assim estava o padre aqui mais como prisioneiro das suas ovelhas, que como pastor dellas, continuando porém sempre em lhes dar o pasto da verdadeira doutrina, a que acudiam poucos, e os mais pequenos, rogando por todos a Deus, e offerecendo por sua conversão os mesmos aggravos e ingratidões, que delles continuamente estava recebendo. Alguns mezes não teve o padre quem lhe fosse accender uma candêa, deitando-se todo este tempo sobre ter comido duas espigas de milho secco, que assava por sua propria mão; mas nisto eram menos culpados os que tinham obrigação de o sustentar pelas esterilidades do sitio. Muitas vezes a horas de jantar mandou com um prato pedir uma pequena de farinha pelas portas, sendo elle o que fazia o fogo para cozer umas hervas agrestes, e o que varria a pobre cazinha com as mesmas mãos sagradas com que a tinha feito. Deste tempo é que ficaram ao padre as noticias que nos dá, de serem tanto saborosas as lagartixas pela parte de alguma que algum mais misericordioso lhe offereceu por grande caridade. Tal é a miseria ou o castigo do sitio, em que vive esta pobre gente, e por cuja conservação fazem tantos extremos. Quando aqui chegámos havia quatro mezes que os padres não comiam mais que folhas de mostarda cozidas em agua e sal, mas estas com pouca farinha, porque nem os que a lavram a tinham. Alguma jornada fizeram de mais de sessenta legoas, em que levavam a matalotagem na algibeira, que era um pouco de milho debulhado, que a não ir tão bem guardado, se não podéra defender á fome dos companheiros, e isto é, o com que se jejuam as quaresmas, e com que se festejam as pascoas; mas é já boa de contentar a natureza (e muito mais a graça), e dá Deus tantos sabores a estes manjares, que não fazem cá saudades os regalos de Europa. Dias houve tambem caminhando, em que passaram os padres só com os cardos de

mato, e outras vezes com as raizes de certa arvore agreste, cavadas por sua mão, a que chamam mandú rapó, por ser mantimento das emas, que digerem ferro. Mas tinham os padres muito mais que digerir na dureza e rebeldia dos corações da gente com que tractavam, os quaes com nenhum exemplo se compungiam, com nenhum beneficio se abrandavam, e com nenhum desengano queriam acabar de se desenganar; permittindo-o assim Deus ou em castigo da sua mesma obstinação, ou para outros maiores fins da sua providencia.

XII.

Chega o padre Antonio Ribeiro de volta á serra: alegria com que é recebido: nova desconfiança dos indios, que determinam matar aos padres: sabem estes da traição, e persistem ainda na serra.

Foi mais festejada a vinda do padre Antonio Ribeiro, quando o viram entrar pela principal aldêa só, e sem os exercitos imaginados, que o demonio lhes tinha formado nas phantasias.

Mas durou pouco aos padres o gosto desta victoria da sua verdade; porque no mesmo tempo receberam uma carta do padre Antonio Vieira, em que lhes dava noticia de haverem resoluto os superiores que aquella missão, vistas suas impossibilidades, se não continuasse, e que os padres se voltassem outra vez ao Maranhão, notificando esta ordem, e a causa della, aos indios, e levando comsigo aos que os quizessem seguir. Não chegou á mão dos padres nenhuma destas ordens, que eram do padre provincial do Brazil, e do padre visitador desta missão, como adiante se dirá, mas em ordem á execução dellas declarou o padre Pedro Pedrosa aos principaes o aviso que tinham recebido, representando-lhes o serviço de Deus, e de sua magestade, que continha aquella resolução, e quão conveniente lhes era não só para a salvação, senão ainda para as commodidades da vida a mudança do logar. Não tinha acabado de dizer o padre, quando já estava lida a resposta no semblante de

todos, os quaes rebentaram, dizendo: *Eis aqui como era verdade o que até agora todos cuidavamos; e como os padres não tiveram nunca outro intento, senão de nos arrancar de nossas terras para nos fazerem escravos de seus parentes os brancos.* O maior principal, que tem grande sagacidade, respondeu direitamente á proposta desta maneira: *Se por sermos vassallos d'el-rei, quereis que vamos para o Maranhão, estas terras tambem são d'el-rei; e se por sermos christãos, e filhos de Deus, Deus está em toda a parte.* Com esta resposta succinta se recolheram a seus conselhos secretos, nos quaes se decretou, que por meio dos tapuyas tirassem a vida aos padres, como já tinham feito os mesmos tapuyas ao padre Francisco Pinto; e que para dissimulação do delicto sairiam elles fingidamente á sua defensa, e fariam grandes prantos por sua morte. Decretada esta cruel sentença, sem os padres terem della a menor noticia, com o mesmo segredo despediram aos tapuyas, quem lhe fosse declarar o intento, e os ensaiasse para a tragedia. Eram ós tapuyas que foram escolhidos para a execução os.........., e o dia, de quinta feira de endoenças, em que os padres estão mais occupados; e elles concorrendo tambem para os officios daquella semana, se queriam tambem fingir mais divertidos. Tudo estava já preparado para o sacrificio, e só as victimas estavam innocentes de tudo. Quando Deus, que nunca desampara aos que o servem, tocou o coração a um dos principaes, e adjunto na mesma consulta, o qual foi secretamente avisar aos padres de tudo o que contra elles estava traçado. Com este aviso, que bem se via era do ceu, se apparelharam os padres com grande animo para dar a vida por tão.......... causa, e d'alli por diante, pondo-se mais affectuosamente nas mãos de Deus com continuas orações e penitencia, estavam esperando a todas as horas do dia e da noite, que a morte lhes entrasse pelas portas, tendo ajustado entre si de a receberem de joelhos, e com as mãos levantadas ao ceu. Em quanto chegava ou tardava o dia aprasado, resolveram-se os padres a não esperar mais por elle. Descubriram ao principal, como lhes era manifesta a traição que lhes tinha armado; que para matar dois religiosos sem armas não eram necessarias as frechas dos tapuyas, que em suas mãos

os tinham, sem poderem resistir, nem quererem fugir; que bastava um velho o mais fraco da aldêa, para lhes tirar as vidas, que elles as dariam por bem empregadas, se Deus pelo sacrificio de seu sangue perdoasse aos lobajaras este peccado, e todos os outros de que se não queriam emendar; que estivessem certos, que do céu não haviam de pedir para elles castigo, senão misericordia. Ficou assombrado o barbaro de ver que os padres sabiam o que elle tinha por tão secreto: negava com a bocca tudo, mas confessava-o com o coração, o qual lhe dava taes pancadas no peito, que não se estavam vendo, mas parece que se estavam ouvindo. Em fim, como as traças eram do demonio, que só tem força em quanto estão encubertas, neste dia desarmou em vão toda esta machina. O inferno ficou confuso, e os padres deram infinitas graças a Deus, e os auctores ficaram corridos e arrependidos, mas nem por isso emendados, tendo sempre altamente fixado na memoria e no intendimento o ponto de os quererem tirar de suas terras; e posto que os padres tinham tão justas causas, e tão bastante motivo nas cartas que receberam para sacudirem o pó dos çapatos, e deixarem tão ingrata terra, resolveram-se comtudo a não desamparar o posto, a que a obediencia os tinha mandado, sem verem primeiro a ordem em que a mesma obediencia os mandasse retirar.

XIII.

Estado pernicioso dos indios da serra: suas ignorancias, heresias, e trato com o demonio.

Será muito para louvar nos tempos vindeiros a constancia destes dois missionarios; mas elles teem para si, e com razão, que não só deviam isto ao amor de Deus, por quem o padeciam, senão ao exemplo que o mesmo Deus lhes dava; porque ainda que foi muito o que os padres soffreram a estes indios, muito mais era o que Deus lhes estava soffrendo. Entre todos estes só um velho houve, que de si pediu aos padres, que o casassem para sair de mau estado. Nenhum dos principaes, sendo todos tres chris-

[illegible] casar em face de egreja, nem o quizeram nunca ser, por mais que os padres o admoestaram, e todos além da que chamam mulher, tinham a casa cheia de concubinas. Alguns estavam casados juntamente com duas irmãs, e muitos com suas cunhadas, porque receber o irmão vivo a mulher do irmão defuncto, é a lei tão judaicamente observada entre elles, como se a tiveram recebido de Moysés, a quem tambem sabem o nome. Aquelles de quem o propheta diz que fizeram concerto com o inferno, parece que foram estes. Um disse que antes queria ser irmão de Caim, do que de Abel, por estar no inferno com elle; outro que se lhe não dava do fogo do inferno, porque se fosse lá elle o apagaria; outro que já sabia que havia de ir ao inferno pelas maldades que commettera em Pernambuco, e assim não queria tratar do ceu; outros chegaram a tanto, que blasphemaram de Deus como de tyranno e injusto, por os haver de mandar a elles ao inferno. Mande ao inferno, diziam, aos indios que o mataram, mas a nós, que lhe não fizemos nenhum mal, porque nos manda ao inferno sem razão? Em fim, foram taes as coisas que disseram e fizeram sobre este ponto, que os padres se retiraram de lhes fallar no inferno, até que o conhecimento da grandeza de Deus e de suas culpas lhes mostrassem quão dignos são os que o offendem de tão temeroso castigo. Por outra via tinha já procurado o demonio tirar-lhes do pensamento a fé e temor do inferno, espalhando entre elles um erro aprasivel similhante á fabula dos Campos Elysios; porque dizem que os tres principaes das aldêas da serra teem debaixo da terra outras tres aldêas muito formosas, onde vão depois da morte os subditos de cada um, e que o abaré ou padre que lá tem cuidado delles, é o padre Francisco Pinto, vivendo todos em grande descanço, festas, e abundancia de mantimentos; e perguntados d'onde tiveram esta noticia, e se lhes veio algum correio do outro mundo, allegam com testimunha viva, que é um indio muito antigo, e principal entre elles, o qual diz, que morrendo da tal doença que teve, fôra levado ás ditas aldêas; por signal que uma se chama Ibirapiguaya, outra Ioambuapixoré, a terceira Anhamari, e que lá vira todos os que antes delle haviam morto, e entre elles o

sua mulher, a qual o não quizera receber, e pelejaram com elle por ir desta vida sem levar um escravo que o servisse, e que depois disso tornára a viver. O indio por sua pouca malicia parece incapaz de haver composto esta historia, e assim julgam os padres que foi sem duvida illusão do demonio para o enganar a elle, e por meio delle aos outros, e quando menos para pôr em opiniões um ponto tão importante como o do inferno.

Na veneração dos templos, das imagens, das cruzes, dos sacerdotes, e dos sacramentos, estão muitos delles tão calvinistas e lutheranos, como se nasceram em Inglaterra ou Allemanha. Estes chamam á egreja, egreja de moanga, que quer dizer egreja falsa; e á doutrina, morandubas dos abarés, que quer dizer patranhas dos padres; e faziam taes escarneos e zombarias dos que acudiam á egreja a ouvir a doutrina, que muitos a deixaram por esta causa. Um disse, que de nenhuma coisa lhe pezava mais, que de ser christão, e ter recebido o baptismo. O sacramento da confissão é o de que mais fugiam, e mais abominavam; e tambem havia entre elles quem lhes prégasse, que a confissão se havia de fazer só a Deus, e não aos homens. Foram testimunhas certos portuguezes que vieram á serra, que a tempo que o padre levantou a hostia, um por zombaria dos que batiam nos peitos, se poz a bater na parede da egreja.

Estava outro para commungar em occasião que um principal lhe mandou recado, para que fosse beber com elle, e como respondesse que estava para receber o Senhor, disse o principal, que não conhecia outro Deus senão o vinho; porque elle o creára, e o sustentava. Outras muitas coisas diziam, que é certo lh'as não ensinaram os hereges, senão o demonio por si mesmo. Exhortava o padre a certo gentio velho que se baptizasse, e elle respondeu, que o faria para quando Deus encarnasse a segunda vez, e dando o fundamento do seu dito, acrescentou, que assim como Deus encarnára uma vez em uma donzella branca para remir os brancos, assim havia de encarnar outra vez em uma donzella india para remir os indios, e que então se baptisaria. Consoante a esta prophecia é outra, que tambem acharam os padres entre elles; porque dizem os seus letrados, que Deus quer dar uma volta,

a este mundo, fazendo que o ceu fique para baixo, e a terra para cima, e assim os indios hão de dominar os brancos, assim como agora os brancos dominam os indios. E com estas esperanças phantasticas e soberbas, os traz o demonio tão cegos, tão destinados, e tão devotos seus, que chegou a lhes pedir adoração, e elles a lh'a darem. Não ha muitos annos que um velho dos de Pernambuco, feiticeiro, levantou uma ermida ao diabo nos arrabaldes da povoação, e poz nella um idolo composto de pennas, e prégou, que fossem todos a veneral-o, para que tivessem boas novidades, porque aquelle era o que tinha poder sobre as sementeiras; e como a terra é mui sujeita a fome, foram mui poucos os que ficaram sem fazer sua romaria á ermida. Estava o velho assentado nella, e ensinava como se haviam de fazer as cerimonias da devação, que era haverem de bailar continuamente de dia e de noite, até que as novidades estivessem maduras, e os que cançavam e saiam da dança, haviam de beijar as pennas do idolo, no qual affirmavam alguns, que ouviram ao demonio fallar com o velho, e outros que se lhe mostrou visivel, vestido de negro. Tiveram os padres noticia do desaforo, foram logo queimar o idolo, e levantar em seu logar uma cruz dentro, e outra fóra; mas ao dia seguinte amanheceram ambas as cruzes feitas pedaços: tanto soffre Deus, e tanto tem soffrido a estes impios contra sua egreja, contra seus sacramentos, contra sua divindade, e contra suas cruzes; e tanto ensina a soffrer com o seu exemplo, aos que tambem ensinou com sua doutrina, que deixassem crescer a cizania, para que se não perdesse o trigo!

XIV.

Fructo que se colheu neste esteril campo; proveitos temporaes, que resultaram destas duas missões: successo extraordinario, e castigos de Deus em alguns indios.

6 O fructo que se tem colhido no meio desta esterilidade, não tem sido tão pouco, que se hajam de dar por mal empregados tantos trabalhos, quando os mesmos trabalhos per si não foram

um grande fructo. Em quanto os grandes viviam na obstinação, e rebeldia que dissemos, os pequenos, de quem é o reino do céu, o iam povoando em tanto numero, que são já mais de quinhentos os innocentes baptisados pelos padres, que com a graça do baptismo estão gosando da gloria. Ao principio tiveram os padres tres egrejas nas tres aldêas, e depois fizeram outra, em que uniram todas tres. Estas quatro egrejas são hoje relicarios preciosissimos, em que não ha logar onde não esteja engastado algum corpo com toda a certeza santo, que é grande consolação, e ainda devação, para os que vieram a estas serras cavar estes thesouros; e vê-se claramente haver Deus enviado os dois missionarios da companhia só a colher estas flores para as metter, como diz a escriptura, no ramalhete dos predestinados; porque no tempo em que morreram mais de quinhentos innocentes, não chegaram a morrer quinze dos adultos, alguns dos quaes acabaram com os sacramentos daquella hora, e com grandes esperanças de sua salvação; e outros, para temor dos mais, com evidentes signaes de sua perdição e condemnação eterna. Dos pequenos de maior idade se baptisaram tambem muitos, que ainda estavam pagãos, ou tinham duvida no baptismo. Muitos tambem receberam em legitimo matrimonio as mulheres com que viviam em peccado; outros tocados da herezia abjuraram o erro ou ignorancia, e se reconciliaram com a egreja. Assim que, ainda que o corpo geralmente estava tão enfermo, e tão contagioso, a muitos dos membros aproveitavam os remedios, e a muitos os preservativos.

Os males que com a presença dos padres se tem evitado, não são de menos consideração ao bem espiritual destes indios, nem de menor utilidade ao espiritual e temporal de todo o estado. O caminho do Maranhão ao Ceará, e a Pernambuco, que estava totalmente fechado pelas hostilidades desta gente, está hoje franco e seguro. As praias e navegação de toda a costa está livre e melhorada com o seu commercio. Sobretudo estão reduzidos os tobajaras á obediencia e vassallagem de sua magestade sem armas nem despezas, e estão inimigos jurados dos hollandezes, em cuja confederação era a serra de Ibiapaba o maior padrasto que tinha

sobre si o estado do Maranhão, e o que só temeram todos os soldados velhos desta conquista. Nos vicios da fereza e deshumanidade estão tambem muito domados; já não matam, já não comem carne humana, já não fazem captiveiros injustos, já guardam paz e fidelidade ás nações visinhas, tudo por beneficio da assistencia dos padres.

Haverá dois annos que exhortaram os padres aos tapuyas curutis, que quizessem deixar a vida de corso, e viverem aldeados com os tobajarás com casa e lavoura, e quando já vinham os curutis com suas familias para se metter nas aldêas que os mesmos tobajarás lhes tinham offerecido, estava traçado entre elles de os esperarem em cilada d'alli a duas leguas, e os matarem e captivarem a todos. Soube o padre Pedro Pedrosa a traição tres horas antes, quando já os tobajarás estavam juntos, e armados; e bastou saberem os principaes que o padre o sabia, para desistirem da empreza, e ainda para cobrirem e negarem os intentos que tiveram nella. Foi este o maior argumento do respeito que teem aos padres, ainda quando parece que nos não respeitaram, porque não ha mais forte tentação para esta gente, que a de matar, e fazer captivos. Assim vão despindo os vicios da barbaria, com que começam a ser homens, e se espera que renunciarão tambem os demais, para que acabem de ser christãos.

Confirma muito esta esperança o ter-se visto em muitos casos, que não só chama Deus esta gente por meio ordinario de seus ministros os prégadores, mas que parece quer render per si mesmo sua rebeldia, como a de Saulo.

Estava um dia ouvindo missa o maior principal, e ao tempo que o padre levantou o Senhor, e todos o adoraram, elle viu somente os dedos do padre, e não viu a hostia, com que ficou assombrado; recolhendo se a casa tremendo, examinando a causa de Deus se lhe não querer mostrar, occorreu-lhe que devia de ser sem duvida, porque em o dia de antes tinha dito umas palavras de pouco respeito ao mesmo padre que disse a missa, que era o padre Pedro Pedrosa: passou a noite sem dormir, veio ao outro dia ouvir a missa do mesmo padre, e pedir per-

tão a Deus do que tinha feito, e quando se levantou a hostia, viu-a, mas com a cor mudada, porque lhe pareceu envolta em uma nuvem negra, e lhe metteu horror, posto que não tão grande como o dia de antes, em que se lhe havia totalmente escondido: foi no mesmo dia contar o caso ao padre, pedindo-lhe perdão da pouca reverencia com que lhe havia fallado, e d'alli por diante tornou a ver a hostia branca, e como d'antes a via.

Um dos blasphemos de que fallámos acima, chegou a dizer em presença de muitos, que não tinha outro Deus senão o diabo, mas permittiu logo Deus que experimentasse em si mesmo quem era aquelle por quem o trocava, para castigo seu e dos outros que o tinham ouvido. Entrou nelle o demonio tão furiosa e desesperadamente, que se despedaçava a si, e quanto encontrava, fugindo todos delle, e não havendo quem lhe parasse diante. Fizeram-lhe os padres os exorcismos por espaço de oito dias, com que o largou o demonio por então, posto que depois tornou por vezes a o atormentar, mas já com menos furia. Ficou tão ensinado com este castigo, que d'alli por diante não saía de casa dos padres, nem da egreja; e andando sempre armado com as contas ao pescoço, deu publica satisfação ao escandalo que tinha dado, protestando que estava fóra de si, e prégando em toda a parte, que a divindade era só de Deus, e o demonio a mais mofina de todas as creaturas, e a mais abominavel. Quando os padres logo chegaram á serra, receberam um indio com uma sua cunhada, com quem estava amigado, callando elle o impedimento, e não impedimento, e não havendo quem acudisse a o descubrir. Nasceram deste matrimonio um menino e duas meninas, e todos tres sairam mudos. Admiram os mesmos indios a estranheza do caso, e tem assentado entre si, que a causa de serem mudos os filhos, é porque o pae tambem foi mudo, callando os impedimentos do matrimonio, e fazendo aquella injuria ao sacramento; e verdadeiramente era necessario um castigo tão prodigioso, e tão permanente como este, e que fosse crescendo, e continuando-se com os mesmos sugeitos castigados, para que esta gente, que tão pouco reparo fazia dos impedimentos dos matrimonios, temesse exceder os limites, e violar

a pureza deste sacramento, e conheçam todos que o que se calla, e encobre aos sacerdotes, não se póde esconder a Deus, antes dá brados a sua divina justiça, para que castigue, como merece.

Favores divinos a outros indios: repentino estrondo que se ouviu na serra de Ibiapaba na mesma noite em que chegaram os missionarios: por muitas vias ordenam os superiores se retirem os padres da serra, e todas impediu Deus.

Mas não são só castigos e ameaças, com que Deus quer trazer a si os corações destes indios, senão tambem promessas e favores. Uma noite de natal tinha praticado o padre Pedro Pedrosa, e quando disse a primeira missa, viu uma india na hostia a Christo, não menino, e envolto em panos pobres, senão em figura de homem, vestido de grande formosura, magestade e riquezas, as quaes offerecia com rosto mui agradavel áquella india, se ella o quizesse servir. Provou o effeito a verdade da visão, porque vivendo até áquelle tempo em estado alhêo da graça de Deus, foi esta a primeira e a unica que veio pedir aos padres a recebessem com o que não era seu marido, e fez d'alli por diante vida tão reformada, e tão christã, e de tanto affecto e devação ás coisas espirituaes, que nunca mais nem ella nem pessoa alguma de sua familia, que era muito grande, faltou na egreja á missa, e ás duas doutrinas de cada dia, pegando esta mesma piedade a seu marido. Outro indio moço tem recebido grandes toques, favores, e admoestações de Deus, em sonhos, que o trazem mui abalado, e se lhe vêem nos desejos, nas palavras, e nas resoluções. Uma noite sonhou que se achava na egreja entre os que tomavam disciplina pelas sextas feiras da quaresma, mas que elle a não queria tomar, e logo viu sair e caminhar para si um mancebo de muita formosura, o qual apontando para um logar alto que estava coberto com uma cortina, lhe disse que alli estava Deus, mas que se não mostrava senão aos que faziam penitencia de seus peccados. Então se re-

soltou a tomar a disciplina, como os demais, a qual acabada, se tornou a dormir, e viu sobre um throno resplandecente como o sol, uma senhora de tanta formosura e grandeza, que ficára fóra de si de espanto, e de alegria, a que nunca mais perdêra, nem podia perder a memoria do que tinha visto. Outra vez estando este indio doente de uma grande inchação, que lhe tomava desde o hombro até a cabeça, e lhe causava grandes dores, sem ter remedio, nem quem lh'o soubesse applicar, foi encommendar-se a Deus com grande affecto e confiança. Adormeceu uma noite, e appareceu-lhe aquelle mesmo mancebo, que elle conheceu muito bem, o qual trazia na mão direita uma ave, e na esquerda umas hervas: perguntou-lhe que era o que pedia a Deus, e como dissesse, que a saude, applicou o mancebo a ave ao logar inchado, a qual picando com o bico a inchação, fez um buraco, por onde se purgou a materia, e logo pondo-lhe em cima as hervas, ficou sã a ferida. Accordou nisto o enfermo, e achou que a inchação verdadeiramente estava rebentada, e brevemente cerrou, e em breve ficou são. Outra vez tornou a sonhar este indio coisas similhantes, ordenadas todas á sua salvação, e sendo sempre o ministro ou instrumento dellas aquelle mancebo seu conhecido, que ao primeiro intendeu seria o seu anjo da guarda, mas ultimamente lhe appareceu em vestido de padre da companhia. Finalmente, Deus tem nesta seara muitos escolhidos, e se o demonio trabalha tanto por arraigar a cizania que tem semeado nella, é porque teme e prevê que ha de ser lançado fóra, de que parece deu um manifesto signal no mesmo dia em que chegáram os padres; porque, ao cerrar da noite se ouviu de repente um estrondo tão grande, como de coisa que rebentava, que deixou assombrados a todos. Succedeu isto junto á casa onde os padres estavam agasalhados, e dizem os indios que alli se costumava ver de noite uma figura medonha e afogueada; e daquelle ponto em diante nunca mais foi vista; o que podemos affirmar com toda a certeza, é que a missão destes dois padres á serra de Ibiapaba foi ordenada por particular providencia de Deus, e que é vontade do mesmo Deus, que assistam e continuem nella, de que nos tem dado tantas

ranhão. Com esta tardança, e a primeira noticia de ter passado, tractaram os padres de mandar correio por terra ao Maranhão, e depois de um mez de caminho, voltaram com as mesmas cartas que levaram, porque os avisaram os teremembés, que nas arêas havia muitos tapuyas de guerra. Insistiram outra vez os padres com segundos correios, e indo estes passando o rio Temona em uma canôa pequena, que levavam para as passagens, accommetteu-os um tubarão de tão estranha grandeza e fereza, que perseguidos houveram de encalhar em terra, e foi entre umas pedras, onde a canôa se fez em pedaços, e se tornaram com as cartas. Finalmente, se resolveram os padres a levarem em pessoa as mesmas cartas até tal parte do caminho, e entregal-as a tanto numero de indios, e de tanto valor que não voltassem. Estes foram por fim os que chegaram, depois de haver anno e meio, que por nenhuma via se sabiam novas daquella missão. Estavam detidas no Maranhão todas as ordens dos superiores, as quaes haviam de levar estes mesmos portadores d'alli a oito dias, que foi o termo que pediram para se desembarcar, e o que tinham limitado pelos padres. Mas quatro dias depois da sua chegada, chegou o governador D. Pedro de Mello, e com elle taes ordens de sua magestade, e do padre geral, que ficou suspenso por ellas o effeito e execução das outras. De sua magestade vieram tres cartas, em que encarregou ao governador, que o seu primeiro cuidado fosse procurar que na serra de Ibiapaba estivessem alguns religiosos da companhia para terem á sua conta e obediencia aquelles indios, e para segurança dos ditos missionarios se fizesse o forte de Camucí, que o governador André Vidal tinha intentado. Do padre geral vieram patentes de visitador e superior da dita missão ao padre Antonio Vieira, que sempre fôra de voto, que a missão da serra se continuasse, tendo para isto razões de tanto pezo, que mandando-as logo ao padre provincial, se conformou elle e todos os padres da provincia com ellas. De sorte que procurando-se com tanto cuidado por nove vias differentes do mar e da terra, e em espaço de anno e meio, que chegassem aos padres da serra as ordens por que eram mandados retirar, Deus as impediu e es-

tervou todos por meios tão fóra do curso natural das coisas, servindo-se para isso dos ventos, dos mares, dos rios, dos portuguezes, dos indios, dos tapuyas, e dos mesmos peixes, para que se visse que era vontade sua, que os padres não saissem daquelle logar, e que os meios que sua providencia tem predestinados para salvação das almas, se hão de conseguir infallivelmente, ainda que seja necessario para isso tirar de seus eixos a toda a natureza.

XVI.

Escreve o padre Antonio Vieira aos de Ibiapaba: respondem os indios, e mandam visitar o novo governador do estado D. Pedro de Mello, e ao superior das missões o padre Antonio Vieira: toma tudo melhor fórma, e o procura arruinar o demonio.

Com as novas ordens que se mandaram aos padres, foram tambem cartas aos principaes do novo superior da missão, em que lhes diziam, que o seu intento e gosto era dar-lh'o em tudo o que fosse justo, e que supposto o amor que tinham ás suas terras, que nellas ficariam com elles os padres para os doutrinar, com tanto que a esse fim se unissem todos, e se ajuntassem em uma só egreja. Foi esta nova recebida em Ibiapaba com grande applauso e festas; e logo mandaram todos os principaes, uns a seus irmãos, outros a seus filhos, acompanhados de mais de cincoenta outros indios a visitar o novo governador, e superior da missão; e um delles, que hoje se chama D. Jorge da Silva, filho do principal mais antigo, para que passasse ao reino a beijar a mão a sua magestade em nome de todos. Foram recebidos estes embaixadores com grande festa, que lhes fez o governador em sua casa, e os padres em o collegio por muitos dias, e tornaram contentes, e presenteados elles com outros mais presentes para seus principaes, que é costume mui custoso, e ás vezes mal empregado. Levaram tambem promessa do padre superior da missão, que os iria visitar pelo S. João do anno seguinte, com a qual esperança, e com a relação que deram os embaixadores de quão benevola e liberalmente foram hospedados dos padres, se applicaram todos á

dissessem por averiguado o captiveiro dos seus, e tomassem satisfação e vingança delle nas vidas dos mesmos padres. Tal era a vida que aqui viviam estes dois religiosos, morrendo e resuscitando cada dia, antes morrendo sem resuscitar, porque o perigo fundava-se na ingratidão e crueldade desta gente, que é a maior do mundo, e a segurança fundava-se na sua fé, que nunca guardaram.

XVII.

Parte o padre Antonio Vieira para a terra: valor com que emprehende o caminho por terra com os mais companheiros; gastam vinte e um dias: chegam descalços, e com os pés em chagas: trata da reformação da christandade: acaba com os indios coisas que pareciam impossiveis.

Chegaram estas noticias ao Maranhão, quando chegou do Pará o padre Antonio Vieira, o qual se poz logo a caminho para a serra, levando comsigo a D. Jorge, que havia dois mezes tinha chegado com sete padres que vieram do reino, e levando tambem a todos os indios que tinham vindo de Ibiapaba, assim tubajarás como pernambucanos, os quaes quiz Deus que estivessem todos vivos, sãos, e contentes. Começou o padre esta viagem por mar, mas começando a experimentar segunda vez as incertezas e as dilações dellas, se poz logo a caminho por terra, querendo tambem por si mesmo ver a grandeza dos rios, e o sitio, e a capacidade das terras, por serem todas estas noticias muito necessarias a quem ha de dispôr as missões. Os trabalhos da viagem foram os mesmos que já ficam contados, e poderam ainda ser maiores por caminharem no mez de março, que é o coração do inverno, mas foi Deus servido que fossem os dias enxutos, como os do verão; só dois houve em que se padeceu alguma chuva, com que parece quiz o céo mostrar aos caminhantes a mercê que lhes fazia; porque é qualidade destas arêas, que cada gota de agua que lhe cáe, se converte em um momento em enxames de mosquitos importunissimos, que se mettem pelos olhos, pela bocca, pelos narizes, e pelos ouvidos, e não só picam, mas desatinam, e cha-

ver de marchar um homem molhado, a pé, e comido de mosquitos, e talvez morto de fome, e sem esperança de achar casa nem abrigo algum em que se enxugar ou descançar, e continuar assim as noites com os dias, é um genero de trabalho que se lê facilmente no papel, mas que se passa e atura com grande difficuldade. Vinha com o padre Antonio Vieira, além do irmão companheiro, o padre Golçalo de Veras, um dos que novamente tinham chegado do reino, e não sendo muito robusto de forças, vimos nelle com grande admiração e edificação nossa as forças e o desejo de padecer por Deus; porque tendo saido quatro mezes antes do collegio de Coimbra, levava todos estes trabalhos com tanta constancia, facilidade e alegria, como se nascera e se creára no rigor destas praias. Mas é graça esta propria dos filhos de santo Ignacio, que posto se não criam nisto, criam-se para isto. Acrescentou muito o trabalho e incommodidades do caminho não quererem os padres ficar nelle os dias maiores da semana santa; e assim se apressaram de maneira, que acabaram toda esta viagem em vinte e um dias, que foi a maior brevidade, que atégora se tem visto; e como vinham a pé e descalços, muitos dias depois de chegarem lhe não sararam as chagas que traziam feitas nos pés; mas o tempo era de penitencia, e de meditar nas de Christo. Entraram na serra em quarta feira de trevas pela uma hora; e logo na mesma tarde começaram os officios, que se fazem com toda a devação e perfeição, por serem quatro os sacerdotes, e os indios de Pernambuco terem vozes e musica de canto de orgão, com que tambem cantaram a missa da quinta feira, e á sexta féira a paixão, em que vieram todos adorar a cruz com grande piedade, e na tarde ao pôr do sol se fechou a tristeza daquelle dia com uma procissão do enterro, em que iam todos os meninos e moços em duas fileiras com corôas de espinhos, e cruzes ás costas, e por fóra delles na mesma ordem todos os indios arrastando os arcos e frechas ao som das caixas destemperadas, que em tal hora, em tal logar, e em tal gente acrescentava não pouco a devação natural daquelle acto. O officio do sabbado santo, e o da madrugada da resurreição se fez com a mesma solemnidade e festa, a qual acabada, começaram os padres a inten-

der na reformação daquella christandade, ou na fórma e assento que se havia de tomar nella; e porque a materia era cheia de tantas difficuldades, como se tem visto no discurso de toda esta relação, era necessaria muita luz do céu para acertar em os maiores convenientes, e muita maior graça de Deus para os indios os acceitarem, e pôr em execução: para alcançar esta luz e graça se tomou por padroeiro de toda a missão da serra a S. Francisco Xavier, e se lhes fez uma novena, em que além dos exercicios ordinarios da religião que se applicavam todos por esta tenção, se dizia todos os dias missa do santo, e os padres juntos na egreja tinham pela manhã meia hora de oração mental, e de tarde outra meia hora; uma, a que precedia um quarto de lição espiritual, em que se lia uma meditação, a que tambem assistiam todos, rematando-se a oração de pela manhã com a ladainha dos santos, e á tarde com a de Nossa Senhora, á qual se achavam tambem os meninos da aldêa, e muitos outros homens e mulheres, por se acabar esta devação na hora em que começava a doutrina. Estava neste tempo no altar uma devota imagem de S. Francisco Xavier em habito de missionario, baptisando um indio; e esperamos que assim como Deus tem feito este grande apostolo tão milagroso na Europa, na Africa, e na Asia, se estenderão tambem os favores da sua valia, e intercessão a esta parte da America.

A primeira que se resolveu, e executou logo, foi que todos os indios de Pernambuco saissem e fossem para o Maranhão, como são idos, e se espera grande quietação e proveito espiritual de uns e outros; porque os pernambucanos com a visinhança e sujeição dos portuguezes, estando debaixo de suas fortalezas, acudirão a suas obrigações, como teem promettido, e poderão ser obrigados a isso por força, quando o não façam por vontade; e os da serra sem o exemplo e doutrina dos pernambucanos, que eram os seus maiores dogmatistas, ficarão mais desimpedidos, e capazes de receber a verdadeira doutrina, e de os padres lhes introduzirem a fórma da vida christã, o que, endurecidos com a contraria, se lhes não imprimia. Assim mais se assentou com os principaes, e com todos os cabeças da nação, que se tornariam logo a unir em

uma só povoação, em que se faria egreja capaz para todos: que os que estão ainda por baptisar se baptisariam: que todos mandarão seus filhos e filhos á doutrina duas vezes no dia, e á escóla: que nenhum terá mais que uma mulher, recebendo-se com ella em face de egreja: que se confessarão todos ao menos uma vez pela desobrigação da quaresma. Em fim, que guardarão inteiramente a lei de Deus, e obediencia á egreja, na qual creou um officio de executor ecclesiastico, chamado braço dos padres, e se proveu em um indio zelóso e de grande auctoridade, irmão do maior principal, para obrigar a todos a virem á egreja, e cumprirem com outras obrigações de christãos, e os castigar e apenar, se fôr necessario. De tudo isto se fez assento por papel, de que se deu uma cópia a cada um dos principaes, querendo, e pedindo elles, que lhes ficasse, para que depois se lhes tome conta por ella, e se veja quem melhor a cumpriu. E porque a reformação começasse pelos maiores, e pelo ponto de maior difficuldade, os tres principaes foram os primeiros que se apartaram das concubinas, e se receberam com a mulher, que por direito era legitima, fazendo officio de parocho o padre superior da missão, e concorrendo com boa parte da despeza para a festa das vodas, que duraram por doze dias, e doze noites continuas.

VOZ APOLOGETICA.

VIA SACRA POR OUTRA VIA

MAIS BREVE, MAIS FACIL, MAIS SEGURA, MAIS UTIL

PROEMIO

Com termos de perguntar, e pedir (que são os que mais obrigam) me manda v. s. dizer meu sentimento ácerca da nova devoção da Via Sacra, tão bem recebida na nossa côrte, e tão estendida, e multiplicada, que já não cabe nella. A questão não só é curiosa, mas util, e, como logo se verá, difficultosa, na qual eu antes quizera ouvir, que responder. Mas como v. s. me protesta por parte do aproveitamento de muitas almas, desejosas de seguir o melhor, sem imperfeição, nem escrupulo, não posso eu deixar de satisfazer a tão pio e santo desejo, dizendo sobre a proposta *(salvo meliori judicio)* tudo o que sentir, com clareza e sinceridade, que professo, e devo.

Esta materia, senhor, posto que tão vulgarisada, involve muitos pontos não vulgares; uns pertencentes á substancia, outros ao uso, no qual uso a mesma substancia se póde corromper, se não fôr tão regulada, como convêm. A uns e outros responderei neste papel (que não poderá ser tão breve, como eu quizera).

E para o fazer com a ordem, e distincção necessaria, o dividirei em cinco partes.

Na primeira examinarei a origem desta devação, e os fundamentos della. Na segunda mostrarei suas excellencias, que são muitas e grandes. Na terceira apontarei os perigos e inconvenientes, que podem occorrer no seu exercicio. Na quarta proporei os remedios, ou cautelas, com que se podem evitar, ou diminuir. E finalmente na quinta, e ultima, reduzirei tudo a um meio, ou via tambem sagrada, com que os mesmos e maiores fructos da cruz, mais facil, e mais seguramente se possam conseguir e lograr.

A supposição, sobre que fallarei, não é, nem póde ser outra, que o mesmo livrinho, intitulado *Via Sacra*, que v. s. me remetteu, impresso aqui na nossa lingua, e traduzido, como nelle se diz, da castelhana. Não traz nome de auctor, e por isso me fica maior confiança para dizer com liberdade meus sentimentos, pois não posso adular, nem offender a quem não conheço. Se em alguma coisa me apartar do seu parecer, perdão é, que nós damos, e pedimos, os que escrevemos: *Veniam petimusque, damusque vicicim;* (Hor. in Art.) e cada um deve suppor do outro, que ama mais a verdade, que o seu juiso.

Porque sei quão pouco posso fiar do meu, tudo o que disser neste discurso, procurarei vá confirmando com escripturas sagradas, com concilios, com santos padres, com a doutrina dos theologos mais classicos, e com as antigas e modernas memorias da historia ecclesiastica mais authentica. Pelo, que arrimado a columnas tão solidas e fortes, ninguem me estranhará, que faça pouco ou nenhum caso de outras considerações apparentemente pias, e verdadeiramente fabulosas, que em voz ou em estampa se costumam semear indiscretamente nas orelhas rudes do vulgo, sempre desejoso de novidades, de cada uma das quaes podemos dizer, o que S. Jeronymo: *Favorabilis interpretatio mulcens aures populi, non tamen vera.* (Hier. in c. 17 S. Matt).

Duvidei, se me contentaria com citar á margem as auctoridades, que prometto, como em terras pouco cultivadas da lingua latina usam muitos escriptores de nossos tempos: mas como a

materia em algumas partes é controversa, e requer maior e mais presente evidencia dos testimunhos que se allegam, julguei que não devia privar delles o corpo do discurso, pois são os ossos e nervos, que lhe dão vigor: e de tanto melhor vontade me persuado a este modo de contextura, quanto creio serão mais gratas á erudição e gosto de v. s. as mesmas sentenças, ou dos auctores latinos na sua fonte original, ou dos gregos, e hebraicos na primeira, e menos remota interpretação, do que em qualquer outra da nossa lingua, por mais fiel que seja, em que, quando se guarde a pureza da verdade, sempre se perde a graça da energia.

E quando este papel passasse das mãos de v. s. a sugeitos sem conhecimento da lingua latina (ou daquelle conhecimento, que só basta a intender o sonido, e não o sentido) nem por isso lhes será de embaraço essa mesma lição. A este fim procurei que uma e outra lingua vão escriptas em differente e muito distincto caracter, e que fosse o discurso tecido e seguido em tal fórma, que assim como os que navegam o Oceano, vêem no meio delle muitas ilhas, e sem as tocar, seguem direitamente sua derrota, assim os que lerem esta escriptura, sem mais diligencia, que deixar o que virem escripto de outra letra, e sem mudar, nem perder o fio da narração, intenderão em portuguez muito claro tudo que nella se diz em latim algumas vezes escuro.

Deus Nosso Senhor, por cujo maior serviço e gloria tomo este trabalho, pelos merecimentos de sua sacratissima cruz, e de sua Santissima Mãe, que tão constantemente o assistiu ao pé della, se digne de me mover nesta occasião a penna com todo aquelle espirito e graça, quanta é necessaria nas obras boas para persuadir as melhores.

PARTE PRIMEIRA.

CAPITULO I.

Examina-se a origem da devação da Via Sacra, e fundamentos della.

O livrinho já allegado (que é o nosso texto) diz na pagina setima, que a devação da Via Sacra consiste em visitar doze cruzes, postas em differentes logares, e caminhar por ellas os mesmos passos que Christo Senhor Nosso andou de casa de Pilatos até ao monte Calvario: e na mesma pagina setima e oitava ajunta as seguintes palavras: *A esta devação deu principio a purissima Virgem Mãe de Deus em Jerusalem, depois de ter deixado o seu amantissimo Filho sepultado em o santo sepulchro: nella se exercitou todo restante de sua vida, que foram quinze annos, conforme a opinião de alguns santos.*

Ninguem póde haver tão rude, ou tão injusto interprete desta proposição, que por ter dito que a devação da Via Sacra consista em visitar doze cruzes, e andar os mesmos passos que Christo Nosso Senhor andou, desde o pretorio de Pilatos até o monte Calvario, e sobre isso dizer que a Virgem Mae de Deus deu principio a esta devação no mesmo dia da sepultura de seu bemditissimo Filho, e a exercitou por toda a sua vida; ninguem (digo) haverá, que interpréte tão rude e machinalmente esta proposição, que imagine diz ou quer dizer seu auctor, que a Senhora levantasse na cidade de Jerusalem outras doze cruzes para fazer nellas, ou por ellas, as mesmas estações. O que se quer dizer (e o menos que se póde dizer) é, que a Virgem em todo

o tempo de sua vida visitara aquelles santos logares de Jerusalem com summa reverencia e piedade, pelo mesmo modo com que diz o tinha feito depois de o deixar sepultado. E isto só o que eu somente supponho.

A verdade pois desta historia, assim quanto ao principio, della no dia da sepultura do Senhor, como quanto á continuação do mesmo exercicio por toda a vida de sua Santissima Mãe, é o o que agora havemos de examinar: e para o fazer com a exacção que a materia e sua antiguidade requer, no discurso de tantos annos, quantos a Senhora sobreviveu á morte de seu benditissimo Filho, ainda que não fossem mais que quinze, segundo a opinião que segue o auctor, será necessario distinguir miudamente este mesmo tempo; porque só tomado por partes, se poderá averiguar com clareza, e sem confusão o muito ou pouco fundamento, com que tudo o referido se affirma.

Comprehendendo assim todo o sobredito tempo dentro dos limites que se suppoem, desde seu principio até o fim, a mais commoda divisão que se póde e deve fazer, segundo o que lemos no evangelho, e fóra delle, é distinguindo as cinco differenças, ou partes seguintes. A primeira desde o ponto em que Christo Senhor Nosso foi enterrado na sepultura até á manhã de sua Resurreição. A segunda desde o dia da Resurreição até o oitavo, em que o Senhor appareceu a Santo Thomé com os outros apostolos, e lhe mostrou as Chagas. A terceira desde este dia por todo o resto dos quarenta até á Ascenção. A quarta desde o dia da Ascenção até o dia da vinda do Espirito Santo. A ultima desde a vinda do Espirito Santo até o dia do transito e Assumpção da Senhora. Se neste tempo se contarem quinze, ou mais annos, posto que esta segunda opinião seja mais commum e recebida, é questão que não faz ao caso. O que sinto, e digo sobre a presente é, que assim o haver dado a Virgem principio á devação da Via Sacra, como o haver continuado o mesmo exercicio por todo o restante de sua vida, uma e outra coisa se affirma sem fundamento, nem certo, nem provável, nem ainda verosimil, como agora provarei por tempos e partes da divisão proposta.

CAPITULO II.

Mostra-se que a Senhora não deu principio á devação da Via Sacra depois da sepultura de seu Filho, nem até á manhã da Resurreição.

Posto que esta conclusão seja negativa, e de sua natureza, como as mais deste genero, difficultosa de provar, nós a provaremos facilmente coarctando o tempo, e não com uma testimunha, senão muitas, e todas maiores de toda a excepção A primeira seja o evangelista S. João, o qual ao pé da cruz, constituido herdeiro de seu Divino Mestre ; e filho segundo de sua Santissima Mãe com o morgado de a amparar e servir, diz expressamente, que desde aquella hora a recolheu e levou para sua casa : *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua.* (Joan. XIX. — 27) A palavra *sua*, tem outro substantivo, ou addito, quer dizer *sua casa* : por onde muitos commentadores trasladam, *In suam domum.* Com a mesma phrase disse o mesmo S. João, que na Encarnação do Verbo viera Deus a sua casa, e que os seus o não receberam : *In propria venit, et sui eum non receperunt.* (Joan. I. — 2) Porque ainda que Deus é Senhor de todo o mundo, o povo de Israel era a sua casa particular, que elle tinha fundado desde Abrahão : e do mesmo termo usa a egreja no Itinerario, onde os que perigrinam, pedem a Deus os torne a trazer a sua casa em paz : *Ut eum pace, salute, et gaudio revertamur ad propria* (Itiner. Eccles). Nem faz contra esta intelligencia, que é a mais litteral. o reparo com que argúe Beda, que S. João não tinha casa, pois era um dos que disseram : *Ecce nos reliquimus omnia,* (Matth. XIX. — 27 porque a casa que S. João chama sua, era a de Maria Salomé, viuva do Zebedeu, sua mãe, com a qual o filho vivia. E posto que não fosse a casa sua quanto ao dominio, era sua quanto á habitação ; e para esta casa recolheu e acompanhou S. João a Senhora, como elle diz, desde aquella hora ; porque as horas dos hebreus constavam de tres horas das nossas, e Christo espirou pouco depois á hora da nona, e foi sepultado á da vespera.

Dirá alguem por ventura, que ainda que S. João desde aquella

hora, acabados os officios do enterro, levasse e acompanhasse a Senhora até sua casa, ou neste mesmo caminho, ou depois, podia a piedosissima Virgem ir dar principio á sua nova devação da Via Sacra, e fazer as estações della desde o pretorio ao Calvario. Mas este subterfugio imaginario, alem das incoherencias e indecencias que contém, como abaixo veremos, se desfaz com outras auctoridades muito mais expressas e claras, que agora referiremos; e todas ou por bocca ou da bocca mesma Senhora.

No capitulo decimo do primeiro livro das Revelações de Santa Brigida appareceu a esta Santa a Virgem Maria, e depois de lhe referir com particularidade tudo o que seu Filho, e a mesma Senhora tinham padecido na sua paixão, chegando finalmente ao descendimento da cruz, e sepultura, conta desta maneira o que alli passou: *Ego cum linteo meo exter si vulnera, et membra ejus; et clausi oculos, et os ejus, quæ in morte fuerunt aperta: deinde posuerunt eum in sepulchro. Ó quam libenter posita fuissem viva cum Filio meo, si fuisset voluntas ejus! His completis, venit ille bonus Joannes, et duxit me in domum:* (S. Brigit. Revel. lib. 2. c 10.) Eu (diz a Senhora) com a minha toalha enxuguei as chagas de todo o corpo de meu Filho, e lhe cerrei os olhos e a bocca, que na morte ficaram abertos: e depois o puzeram na sepultura. Oh quão de boa vontade eu me sepultaria viva com o meu Filho, se fosse essa a sua vontade! Acabadas estas coisas, chegou-se junto a mim o bom João, e levou-me para casa. Veja-se agora se a Senhora fòra d'alli ao pretòrio de Pilatos, e do pretorio por tantas ruas de dentro e fóra de Jerusalem ao monte Calvario, onde ainda estava levantada a Cruz, e a terra banhada no sangue fresco do seu Filho, se o diria tambem. Pelo mesmo modo falla a Senhora na tragedia da Paixão, que escreveu ha mil e trezentos annos o grande doutor da egreja S. Gregorio Nazianzeno, chamado por antonomasia o theologo. Despede-se alli a Virgem de seu Filho, deixando-o no sepulchro, e diz assim:

En, te relicto, Nate, solo, excedimus
Eam ipsam in ædem destinatam fæminis,
Et Filii ædem, cui in provinciam
Te tradidisti, Nate, cum nos æquius
Esset sepulchro in valle juxta assistere :
(Naz. Trag. de Chr. Pat.)

Apartamo-nos, Filho, de vós, deixando-vos só, e nos retiramos á casa destinada para as mulheres, que é a mesma casa daquelle filho, a cujo cuidado e governo vós, meu Filho, me entregastes, quando fôra mais justo que eu me não apartasse deste valle, e assistisse de mais perto á vossa sepultura. Assim diz a Senhora naquella famosa tragedia grega, intitulada *Christus Patiens*. E n'outro dialogo tambem da Paixão, escripto por Santo Anselmo, em que as pessoas que fallam são a Virgem Maria, e o mesmo Santo, diz á Virgem estas palavras: *Et cum Joannes me ad civitatem ducere vellet, et à sepulchro amovere, lacrymans rogavi : Chare Joannes, non facias mihi injuriam, ut me separem á dulcissimo Filio meo Jesu, quoniam hic expectare vellem, donec moriar : et iterum omnes fleverunt ; Joannes verò me tandem in civitatem introduxit* : E querendo-me João levar para a cidade, e apartar-me do sepulchro, eu com lagrimas e rogos lhe disse : Amado João, não me faças tal violencia, que me obrigues a apartar-me do meu dulcissimo Filho Jesus ; porque quizera ficar aqui com elle até morrer. Choraram todos outra vez ; porém João finalmente me introduziu na cidade. Note-se a palavra *introduxit*, a qual exclue a jornada do Calvario, que não estava dentro da cidade, senão fóra, e longe.

Destes dois testimunhos tão expressos de S. Gregorio Nazianzeno, e Santo Anselmo ; um grego, outro latino ; um antiquissimo, outro menos antigo, e tão uniformes em tudo, se collige com moral evidencia ser isto mesmo que dizemos, commum sentir, e como tradição da egreja em todos os tempos : nem dois padres da mesma egreja de tão eminente doutrina e santidade attribuiriam taes palavras á Mae de Deus, referindo-as por sua bocca, e em seu nome, se as não reputaram por muito certas,

qualificadas e verdadeiras, e dignas de tão soberano e infallivel Oraculo.

E porque não pareça que desprezamos as auctoridades e conjecturas modernas, entre as muitas que podéra allegar, quero só pôr aqui a do padre Cornelio à Lapide, um do mais litteraes e solidos commentadores da escriptura do nosso seculo, por ser fundada no evangelho, e na mesma historia do sepulchro de Christo. Diz o evangelista S. Mattheus, que entre as mulheres devotas, que seguiram e acompanharam o Senhor assistiram no Calvario Maria Magdalena, Maria Jacobe, e Maria Salomé, mãe dos filhos do Zebedeu; e depois que José depositou o Sagrado Corpo no sepulchro, e o cerrou com aquella grande pedra e se apartou d'alli, accrescenta logo o evangelista, que Maria Magdalena, e a outra Maria estavam assentadas defronte do mesmo sepulchro: *Erat autem ibi Maria Magdalena, et altera Maria, sedentes contra sepulchrum.* (Mattheus XXVII. — 61) Onde se deve reparar, e com muito fundamento, por que razão sendo as Marias tres, Magdalena, Jacobe, e Salomé, só as primeiras duas ficaram alli assentadas, e a terceira não? Ao que se responde, que a terceira Maria era Maria Salomé, mãe de S. João, a qual não ficou com as outras, porque acompanhou e levou a Senhora para sua casa. E esta é a segunda conjectura, em que mais se firma o dito auctor: *Videtur ergò, quod mater filiorum Zebedæi, scilicet, Solome videns Jesum á viris sepeliri, quasi non habens, quod ultra Jesu impenderet, mœsta domum redierit, aut Beatam Virginem domum reduxerit.* E verdadeiramente que se não póde assignar outra razão de differença mais provavel, e mais natural do caso; pois esta Maria, nem era menos devota, nem menos obrigada ao Sepultado, que as outras duas, e só o fazer companhia a sua Santissima Mãe, e a levar para sua casa, a podia apartar louvavelmente das outras, e da contemplação do sepulchro.

CAPITULO III.

A estes testimunhos de auctoridade se accrescentam outros motivos de necessidade, e decencia.

O primeiro motivo de necessidade foi achar-se a Senhora naquella hora mui diminuida e enfraquecida de forças, e não capaz, ainda que quizesse, de tornar ao logar do sepulchro, ao pretorio de Pilatos, e d'alli ao monte Calvario, e deste outra vez a casa de S. João: nem o mesmo S. João, a quem devia novos respeitos, nem sua mãe, e os demais lh'o consentiriam. Tinha a Virgem Santissima passado toda a noite antecedente não só em vigia, mas com afflicção e augustia das novas da prisão de seu Filho, levado com tanto tropel de justiças aos tribunaes de ambos os pontifices, com a viva consideração das affrontas e injurias, que nelles, e pelas ruas padecera, vendido de um discipulo, e desamparado de todos: tinha assistido todo aquelle dia com coração de Mãe, e tal Mãe, ás duas lastimosissimas tragedias dos açoites, e coroação de espinhos, á pronunciação da cruel sentença, e ao horrendo espectaculo da execução della: vendo sair o seu Filho entre dois ladrões com o affrontoso madeiro ás costas, e caido com o pezo diante de seus olhos: tinha perseverado em pé ao pé da cruz com a alma crucificada nella; encravada com os mesmos cravos, atormentada com os mesmos tormentos, affrontada com as mesmas affrontas, e morta com a mesma morte, e só viva para a poder sentir e chorar dignamente, quanto só ella conhecia. Emfim havia vinte e quatro horas nesta hora, que aquella virginal humanidade, a mais delicada que Deus creou neste mundo, excepta só a que ella creou a seus peitos, sem alimento, sem allivio, e sem momento de descanço, estava atravessada com a espada que lhe prophetisou Simeão, a qual não era outra, senão a que em tres horas acabava de tirar a vida ao mais forte de todos os filhos dos homens. E quem haverá que se persuada, ou creia, que um corpo tão fatigado, e mais quando deixava a alma no sepulchro, tivesse forças, nem passos para andar tão compridas estações, nem ainda coração para as repetir? Tudo

o que tão longe podia ir buscar a desconsolada Mãe, eram as reliquias do sangue preciosissimo do Filho de Deus e seu; mas essas levava a Senhora comsigo, igualmente unidas á divindade do sangue que tinha recolhido, como fica dito, quando lhe enxugou as feridas. Com este se podia consolar ou magoar; pois não era supposto, como o da tunica de José, mas o proprio das veias de seu Filho, tomado em suas entranhas em outro tal dia, como aquelle. E com esta consideração é mais de crêr passaria então a Senhora de Jerusalem a Nazareth, que com o corpo tão debilitado outra vez ao pretorio, e outra vez ao Calvario.

Santa Brigida por revelação da mesma Virgem, S. Boaventura, S. Bernardo, S Lourenço Justiniano, e outros graves auctores, referem varios passos em que a Senhora, posto que constantissima no espirito, vencida do pezo da dor, e enfraquecida das forças corporaes, ou totalmente caiu em terra, ou foi necessario que a sustentassem, para que não caisse: e nomeadamente Adricomio, e outros cosmographos da Terra Santa escrevem, que na subida do monte Calvario se vêem ainda hoje as ruinas de uma egreja, chamada Santa Maria de Spásmo, edificada naquelle logar em memoria, como é tradicção, de um notavel deliquio que alli padeceu a Mãe Santissima. Nesta supposição é ainda mais evidente a demonstração, de que depois de tantas horas, e tantos passos de maior afflicção e pena, quantos succederam desde a cruz até o sepulchro, não ficaria a Senhora com vigor, nem alento para começar, nem intentar de novo tão trabalhosa e dilatada perigrinação. Mas porque estes effeitos exteriores, posto que não pertencem á perfeição e virtudes do espirito, senão á enfermidade natural do corpo, ainda assim são controversos entre excellentes theologos, eu me contentei de industria com o que somente referi acima, de que ninguem duvida; e basta para abundantissima prova deste primeiro motivo.

O segundo não é menos efficaz; porque pertence á modestia, e decencia pessoal de tão soberana Magestade. Quando se acabaram os officios do sepulchro, era o fim do dia, e principio da noite; porque depois de o Senhor espirar á hora de nona, que são as tres do tarde, foi José ab Arimathea pedir licença a Pila-

tos para depôr da cruz o sagrado Corpo. Mandou Pilatos certificar-se por um capitão da sua guarda, se verdadeiramente estava já morto; fez-se o exame no Calvario, veio a resposta, deu-se a licença (que n'outro paço seria negocio e despacho de muitos dias) comprou José hollandas, e Nicodémus myrrha e aloés para involver e ungir o Defunto, segundo o uso daquella nação; fez-se a vagarosa funcção do descendimento da cruz, e deposição do corpo; ungiu-se, involveu-se, levou-se ao sepulchro; e em tudo isto se gastaram as outras tres horas, que só restavam em vinte e cinco de março. Com que é certo que ao cerrar do sepulchro, se cerrou tambem o dia, e sobreveio a noite. Assim o observou S. Gregorio Nazianzeno na tragedia acima citada, onde introduz a Senhora encommendando á diligencia, porque se chegava a noite, com estas palavras:

At obsecro vos, quotquot hic estis, una
Manu hoc in unum incumbite ocius,
Nam res requirit, noctis et crepusculum.
(Naz. sup.)

S. Marcos diz, que quando veio José, era tarde: *Cùm jam serò esset, venit Joseph;* (Marc. XV. — 42). e S. João dá por razão de se tomar o sepulchro de José, e não outro, o estar perto, e se acabar o dia do Parescéves: *Ibi ergo propter Paresceven Judæorum, quia juxta erat monumentum, posuerunt Jesum.* (Joan. XIX. — 42).

De sorte, que quando a Senhora se despediu do sepulchro, começava já a noite, e de nenhum modo era decente á modestia, e recato de tal Pessoa, que de noite andasse pelas ruas de Jerusalem, e de noite saisse fóra das portas da cidade, e se mettesse, posto que com bom intento, por estradas de tão mau nome, e que por entre ossos e caveiras de justiçados subisse a um logar tão funesto e medonho, onde só se atrevem a ir áquellas horas mulheres de vida perdida, e de artes suspeitosas. O logar já estava santificado, a jornada era pia e santa, mas a hora intempestiva e indecente. E para que nos dê a prova a

mesma Senhora no mesmo dia, e com as mesmas circumstancias, consultemos o mesmo divino Oraculo, e oiçamos o que responde.

No dialogo já allegado da paixão, pergunta Santo Anselmo á Virgem Maria, se na noite antecedente assistira a seu Filho; e responde a Virgem, que não. Pois, piissima Senhora (insta o Santo), se vós o amaveis tão entranhavelmente, porque o não assististes em uma noite tão trabalhosa? Porque era noite (respondeu a Senhora); e não era conveniente que áquella hora se achassem mulheres fóra de casa. Emfim, perguntada em que casa estava então, respondeu, que na casa de sua prima a mãe de João Evangelista. As palavras do dito dialogo com as mesmas perguntas e respostas entre Anselmo, e Maria, são as que se seguem. *Anselmus: Dic, piissima mater, fuisti tunc cum illo? Maria: Non. Anselmus: Quare, cum eum tantum diligeres? Maria: Instabat nox, et non expediebat, ut mulieres tunc foris invenirentur. Ubi ergo, dulcissima, fuisti tunc? Maria: Fui in domo sororis meæ matris Joannis Evangelistæ.* E se naquella noite, em que o Senhor desamparado de todos tanto padeceu, foi conveniente que pravalecesse o recato e modestia da Mãe a todas as razões e impulsos do amor, com que desejava ardentemente ir assistir a seu Filho, só porque não era decente andar fóra de casa de noite, ainda que fosse, como era, dentro da cidade, que decencia seria, ou que razão podia haver, para que a mesma Senhora, quando seu Filho já não padecia, e descançava no sepulchro, onde o deixava, fosse de noite, não buscal-o a elle senão os logares em que tinham estado, e não só dentro da cidade, senão fóra della, e por estradas tão pouco seguras, e cheias de horror, como as daquelle monte, até de dia funesto e temeroso?

Assim que, de tudo o sobredito, não só por tantas auctoridades e escripturas, mas pela impossibilidade moral da Senhora, e pelo decoro e decencia (que sempre se deve observar e suppor em todas suas acções), se conclue manifestamente não ser certo, nem provavel, nem ainda verosimil, que a Virgem purissima, como se diz no logar citado, désse principio á devação

da Via Sacra em Jerusalem, depois de ter deixado a seu amantissimo Filho sepultado em o santo sepulchro. O mais que chegam a dizer alguns contemplativos é, que a Senhora vindo do sepulchro, que estava junto á cruz, a adorou, etc.

CAPITULO IV.

Prosegue-se a demonstração acima ate á manhã da Resurreição.

Desde a hora do sepulchro do Senhor até á manhã de sua resurreição intervieram duas noites, e um dia: a noite da sexta feira para o sabbado, e o dia do sabbado, que logo se seguiu, e a noite do sabbado para o domingo. De uma e outra noite não é necessario fallar; porque já fica provado que a Senhora não fez aquella peregrinação de noite: que a não fizesse naquelle dia, nem andasse nelle os passos da Via Sacra, é ainda mais certo e mais evidente, por ser sabbado, e tal sabbado. A Santissima Virgem, como Santissima, e como Mãe daquelle Filho, que disse: *Non veni solvere legem, sed adimplere*, (Matth. V. — 17.) era observantissima da lei, a qual ainda então não estava derogada, nem publicada a nova; e um dos preceitos do sabbado era, que ninguem pudesse andar em tal dia, mais que certo numero de passos, o qual numero se chamava *caminho de sabbado*, como se lê nos Actos dos Apostolos: *Qui est juxta Hierusalem sabbatti habens iter;* (Act. X. — 12.) e a esta limitação de passos alludiu Christo, quando prophetisando a ruina de Jerusalem, e a fugida de seus moradores disse: *Orate, ut non fiat fuga vestra in hyeme, vel sabbatto.* (Matt. XXIV. — 20) Vejamos agora quantos eram os passos que determinava o preceito do sabbado, e quantos os passos que havia do pretorio de Pilatos até o monte Calvario.

S. Jeronymo na questão decima da epistola a Algazia, allegando a Rabi Akiba, e Rabi Simeon, e Rabi Hellel, define, que no sabbado se podiam somente andar dois mil pés naturaes, que fazem quatro centos passos. Adricomio na sua diligentissima e exacta descripção da cidade de Jerusalem diz que do pretorio de

Pilatos até o monte Calvario ha mil trezentos e vinte um passos: (Ita Cornel. Act. I — 12) logo não podia a Senhora andar naquelle dia todo este caminho, nem instituir, ou continuar nelle por si mesma a Via Sacra, senão quebrando a lei, a qual é a primeira e a maior de todas as devações, e não se deve deixar, nem violar por nenhuma outra: e como se não possa dizer sem blasphemia, nem imaginar sem erro, que a Senhora quebrava a lei, a qual devia guardar por razão do escandalo, ainda que estivesse desobrigada della, como guardou a da purificação, segue-se, que nem andou, nem podia andar naquelle dia os passos da Via Sacra, que se suppõe ter andado, e continuado sempre: e deste mesmo principio se confirma irrefragavelmente, que nem acabada a funcção do sepulchro, póde andar os mesmos passos; porque o sabbado, e a sua observancia começava ao pôr do sol do sabbado, e a funcção do sepulchro acabou ao pôr do sol.

Confirma-se esta observancia da Senhora com as das tres Marias, das quaes diz o evangelista, que tanto que vieram do sepulchro, preveniram logo os unguentos e especies aromaticas para irem ungir o Senhor, como foram, na madrugada do domingo: porêm que ao sabbado não sairam de casa por observar o preceito: *Revertentes paraverunt aromata, et unguenta, e sabbatto quidem siluerunt, secundum mandatum.* (Luc. XXVII. — 56) Note-se a palavra *siluerunt, calaram-se;* porque na phrase hebrea *calar-se* significa, *não se mover.* Quando Jusué mandou parar o sol, dizendo: *Sol ne movearis,* (Josue. X. — 12.) no hebreu está: *sol, tace*; e quando Christo na barca de S. Pedro mandou parar a tempestade, tambem disse ao mar; *obmutesce.* (Marc. IV. — 39) De maneira, que as Marias, com serem tão devotas e fervorosas, que antecipavam a prevenção dos unguentos no dia antes, e no dia depois, não esperaram, que amanhecesse de todo para ir ungir o sagrado Corpo; comtudo em todo o dia do sabbado por observancia do preceito, nem para visitar o sepulchro, e se consolar com sua visita se moveram ou deram um passo: para que se veja, se a Senhora, que era a que dava, e devia dar maior exemplo, excederia tanto os passos da lei, e a quebrantaria publica e escandalosamente em dia por todos os titulos tão sagrado, só

pela devação da Via Sacra? Não seria a Virgem immaculada, se tal via fizesse, ou andasse contra a lei de Deus; pois só dos que andam pela via da mesma lei, tinha dito seu pae David: *Beati immaculati in via, qui ambulant in lege Domini.* (Ps. CXVIII— 1)

S. Gregorio Nazianzeno, seguindo esta mesma doutrina, na sua tragedia introduz as pessoas de que se compunha o coro della, exhortando-se, a que se recolhessem do sepulchro a observar a lei do sabbado, que começava ao pôr do sol da sexta feira. Alem deste primeiro e principal motivo accrescentam o do temor e perigo de serem prezas, ou maltratadas pelos inimigos de Christo, que então andavam tão furiosos: mas esta razão, que tambem era muito consideravel naquellas circumstancias, ficará para o capitulo seguinte, onde tem seu proprio logar. As palavras de Nazianzeno são estas:

Probe mones tu, nec secus quam dixeris
Fiet, eo nunc nos o Hera, ire nos convenit,
Ut sepulchro non remotæ longius
Quidquid erit observemus, et totum diem
Demus quieti crastinum, ut lex præcipit.

E dois versos mais abaixo:

Cernite profectæ hinc vos ut obsequamini
Mori recepto; eamus, et demus locum
Prius sepulchro, quam hostium aliquis proximus
Nos deprehendat.

E se alguem quizer saber qual foi o exercicio da Mãe Santissima em todo aquelle dia, digo, que o do dia, e o de uma e outra noite foi o da consideração da sua soledade com todos aquelles affectos de dor, de ternura, de magoa, de amor, e de saudade, que a memoria e ausencia de um tal Filho podia excitar no coração de tal Mãe. Assim o celebra, e lamenta justamente a piedade dos fieis em muitas egrejas da christandade; e parece

que o mesmo S. João, que acompanhou a Senhora, o viu assim no seu Apocalypse. Viu primeiramente aquella grande Mulher, a quem chama *Milagre do Ceu*; viu que com grandes dores paria um filho, a quem esperava tragar um dragão, mas elle lhe escapava das unhas: e viu que logo se davam á mesma Mulher duas azas de uma grande aguia, com que ella se retirava para um deserto. A Mulher é a Virgem Mãe; as dores do parto, as que pedeceu ao pé da cruz; o dragão a morte de seu Filho, da qual escapou resuscitado; as azas da grande aguia o amparo de S. João, que retirou a Senhora para sua casa; e a mesma casa o deserto, onde naquelle dia, e naquellas duas noites, passou em soledade. E esta é a devação, em que a Virgem Maria, não com os passos do corpo, mas com os da contemplação e do espirito, correu muito devagar, e só comsigo e com seu Filho, não somente a Via Sacra do pretorio ao Calvario, mas todos os outros logares e estações igualmente sagrados, e consagradas com o Sangue, e tormentos de sua paixão.

Nem com a morte de Christo, nem com a sua resurreição cessou o perigo e temor dos que o seguiram, antes cresceu mais a tempestade. No dia do sabbado, depois de morto e sepultado o Senhor, foram os principes dos sacerdotes e phariseus em corpo de tribunal (como escreve S. Mattheus) pedir soldados a Pilatos, para que fossem guardar o sepulchro, allegando que se lembravam que aquelle Enganador (assim chamavam a quem lhe prégava a verdade) tinha dito, estando ainda vivo, que havia de resuscitar ao terceiro dia; e que temiam, que seus discipulos o roubassem, e dissessem que era resuscitado. No dia seguinte, que foi o da resurreição, sendo avisados della pelos mesmos soldados, e do que tinha succedido no sepulchro, fizeram novo conselho, e assentaram, que subornassem com dinheiro os soldados, e lhes promettessem segurança de Pilatos, para que affirmassem, que estando elles dormindo, vieram com effeito os discipulos, e viram tinham roubado o corpo. Não contentes, como diz S. Severino, de ter morto o Mestre, e machinando tambem de destruir aos discipulos: *Non contenti interfecisse Magistrum, discipulos etiam perdere moliuntur*: (Sever in Ca t) criminados desta fórma, e divulgado por esta cidade o crime, e provado com tantas testimunhas,

que para o intento dos juizes tanto importava serem falsas, como verdadeiras, foi tão grande o temor dos apostolos, que todos onze ao oitavo dia, em que o Senhor foi redusir a incredulidade de Thomé, estavam escondidos em uma casa, e com as portas trancadas, como refere S. João: *Et fores essent clausæ, ubi erant discipuli congregati propter metum judæorum*; (Joan. XX. —19.) e quando os discipulos tinham tão justas causas para não ousarem a sair, nem apparecer em publico, bem se vê que não seria prudencia, senão temeridade, que o fizesse a Mãe, expondo-se a si, e a elles, e nelles a toda a egreja (que então consistia em tão pequeno rebanho) á furia, e voracidade dos lobos, que tão desatinadamente raivavam pelos acabar e consumir. Já tinham metido em uma torre a José, como refere Santo Anselmo, por ter dado sepultura a Christo, não lhe valendo o salvo conduto de Pilatos, tão covarde em não defender sua auctoridade na prisão dos discipulos, como o tinha sido na morte do Mestre. E posto que a Virgem, e S. João por particular providencia de Crucificado, tinham assistido e escapado ao pé da cruz sem descomposição violenta, bem lembrada estava a Senhora, com o revelou a Santa Brigida, das palavras injuriosas e sacrilegas, com que no mesmo logar, por ser conhecida por Mãe de seu Filho, havia sido desacatada; nem S. João esquecido do perigo, em que, largando os ultimos vestidos nas mãos dos que por elles o tinham prezo, se salvou como de naufragio; pois o mesmo S. João tinha sido em sentença de Baronio, e outros muitos, aquelle mancebo, de quem diz S. Marcos: *Rejecta sindone nudes profugit ab eis.* (Marc. XIV. —52.)

Todas estas razões tinha a Virgem, por antonomasia Prudentissima, para dispensar nesta occasião com a sua piedade, e com o seu amor, como já tinha dispensado em não ir com as Marias ao sepulchro; e as mesmas deve reconhecer todo o bom juiso para não crêr, nem se persuadir que em taes dias, sendo tão conhecida a Senhora por Mãe de Christo, fosse apparecer publicamente diante do pretorio, e seus guardas, e d'alli por tantas ruas de dentro e fóra de Jerusalem ao monte Calvario. Quanto mais, que sendo commum sentir de todo o collegio apostolico,

que convinha, ainda ás maiores columnas delle, retirar-se nesta occasião, e esconder-se, era muito conforme á modestia, e humildade da Virgem, ainda quando no contrario não houvesse perigo, seguir o mesmo dictame, e mais quando nelle intervinha o novo respeito de S. João, e a segurança da casa em que vivia; e sobre tudo a auctoridade de S. Pedro, destinado cabeça da egreja, de quem a Senhora se não havia de apartar no menor movimento, mas reverencial-o, e obedecel-o em tudo.

Com excellente distincção disse S. Bernardo, escrevendo ao papa Eugenio, que todas as coisas ha de fazer o homem espiritual com tres considerações: a primeira, se é licita, a segunda, se é decente; a terceira, se é conveniente: *Spiritualiter homo omne opus suum trina consideratione præveniet: prima, an liceat; deinde, an deceat; postremo, an expediat.* Já vimos, que sair a Virgem em publico nestes tres dias, e andar as ruas de Jerusalem, e estações da Via Sacra, nem era decente, nem conveniente: agora accrescento, que tambem se podia muito duvidar, se era licito, não por razão da obra, emfim, que era justa e pia, senão por occasião do escandalo. Para as acções humanas escandalisarem, não é necessario que sejam injustas; basta que humana e moralmente possam ser reputadas por taes, principalmente, quando ha fundamento para isso. Justamente podia Christo negar o tributo a Cezar, como supremo Senhor, e Filho de Deus que era; e comtudo, porque esta soberania divina ainda não estava conhecida no mundo, para que o mesmo mundo se não escandalisasse, mandou a S. Pedro, que pagasse por ambos: *Ut autem non scandalizemus eos, dat eis pro me, et te.* Da mesma maneira nestes primeiros dias da morte e resurreição de Christo, ainda não crida em Jerusalem, senão entre muito raros, a divindade de Christo; porque a condemnação e a morte fôra publica, e a resurreição estava occultada e escurecida; a reputação em que ainda estava o Senhor, era de enganador, sacrilego, e usurpador do nome de Filho de Deus; a presumpção, e a verdade de tudo isto estava da parte dos juizes, e contra o réo, tendo obrigação o povo de seguir a sentença e definição do seu pontifice e principes dos sacerdotes: e nestas supposições e circum-

stancias, que eram as que naquelles dias existiam, parece não podia a Senhora ir venerar os logares daquellas estações sem grande escandalo de todos os que a vissem; d'onde se segue, que lhe não era licita tal devação; e que se devia abster della, posto que cresse, e lhe constasse do contrario.

Bem cria e lhe constava á mesma Senhora, que seu Filho não era sujeito á lei da circumcisão; e com ser um preceito tão rigoroso, e de tanta dor de ambos, o circumcidou com tudo por evitar o escandalo, como douta e gravemente resolve o padre Soares*: *Quamvis per se* (diz elle) *non fuerit necessarium parentibus Christi puerum circumcidere, per acidens tamen ad vitandum scandalum, meritò existimari potuisse necessarium; quia cùm partus esset manifestus omnibus, miraculum autem conceptionis esset occultissimum, non potuisset non generari grave scandalum, si circumcisio fuisset prætermissa*. O mesmo resolve o mesmo sapientissimo doutor** ácerca da purificação da Senhora, á qual tambem constava com evdencia da pureza virginal de seu admiravel parto, e que na mesma lei estava exceptuado no Exodo naquellas palavras: *Omne primogenitum, quod aperit vulvam.* (Cap. XIII — 2) E no Levitico com as palavras: *Mulier, si suscepto semine pepererit masculum:* (Cap. XII — 2) e comtudo se sujeitou ao preceito da purificação a Virgem purissima; porque sendo o mysterio occulto, era manifesto o escandalo, se se não purificasse: e se para evitar o escandalo, teve obrigação a Senhora de se sujeitar a uma lei, a que por nenhum outro titulo era obrigada, muito maior obrigação lhe corria de se abster naquelles dias de uma devação meramente livre e voluntaria, a que não a obrigava preceito algum, e se podia seguir della grave escandalo.

E d'aqui mesmo se aperta mais o perigo acima ponderado, antes se infere outro muito maior; porque não ha duvida que neste caso ficou a Senhora exposta no foro exterior ás penas, quando menos, arbitrarias dos principes dos sacerdotes; porque

* Suar. tom. 2.º in 3 p. d. 15 sect. 1.
** Suar. Com. ad q. 32 D. Thomæ art. 4.

sendo, segundo a sua sentença, crime de lesa magestade divina aquillo por que tinham crucificado a Christo: *Quia Filium Dei se fecit*; (Joan. XIX. 7), assim como hoje, quando se queima hum herege, seria suspeito da mesma heresia e gravemente punido, quem lhe venerasse as cinzas, ou fizesse romarias ao logar do supplicio; assim podiam condemnar a Senhora pela devação das estações, e Calvario, posto que verdadeiramente justas, e diante de Deus santissimas. Justa era, segundo toda as leis divina, humana e natural, a defensa de Christo no Horto; e comtudo mandou o Senhor a S. Pedro, que embainhasse a espada, dizendo: *Omnes enim, qui acceperint gladium, gladio peribunt*; (Matth XXVI — 52) não porque fosse prophecia, como quizeram, ou porque seja consequencia que todo, o que mata violentamente, violentamente morra, senão porque aquelle era o texto, disposição, e pena da lei, á qual Pedro ficava sujeito no foro exterior, posto que a resolução fosse heroica, a defensa justa, e a acção louvavel.

CAPITULO VI.

Outra razão de desporporção, e dissonancia, com que não convinha á Senhora naquelles dias da Resurreição o exercicio da Via Sacra.

Não dizem os evangelistas, que o Resuscitado apparecesse a sua Santissima Mãe, e a razão que tiveram para este silencio foi, porque o seu intento era provar authenticamente a verdade da resurreição, e as mães nas causas dos filhos não são testimunhas legaes. Comtudo é tradição da egreja, recebida e celebrada por todos os padres, que a primeira pessoa a quem appareceu resuscitado, e glorioso foi á mesma Senhora, para que assim como tinha sido a primeira nas dores, o fosse tambem nas consolações, conforme a prophecia de David: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuæ lætificaverunt animam meam.* (Psal. XCIII. — 29) O que a saudo-

sissima Mãe pedia a seu bemdito Filho nestes tres dias de sua ausencia era, que os abbreviasse quanto fosse possivel, repetindo-lhe amorosamente aquellas palavras dos Canticos: *Revertere: similis esto, dilecte mi, capreæ, hinnuloque cervorum.* (Cant. II. — 17) E as do propheta Isaias: *Accelera, spolia detrahere, festina prædari.* (Isai VIII. — 3) As quaes, umas e outras, explica e applica excellentemente Ruberto abbade neste triduo: *Tridui quidem tempus breve est, sed dilectæ, et columbæ tuæ desideranti, et gementi vulnerata mente, non satis, dilecte mi, festinatum est: abbrevia hoc ipsum triduum etc.* (Rupert.) Bem sei, meu Filho e Senhor, que não póde faltar a verdade da vossa palavra, com que promettestes estar na sepultura tres dias: o que vos pede o meu amor, a minha dor, os meus gemidos, e as minhas saudades, é que os abbrevieis, quanto a mesma verdade permittir, e vos apresseis a tirar esses despojos do limbo, e apparecer vencedor da morte diante de meus olhos.

Assim o fez o amantissimo Filho, tomando dos dias, que se podiam partir, somente parte, e apparecendo á Senhora na madrugada do terceiro, com que ambos ficaram resuscitados: então se cumpriu o texto prophetico: *Surge, Domine, in requiem tuam; tu, et arca sanctificationis tuæ*: (Psal. CXXXI — 3) Resuscitae, Senhor, dos trabalhos passados, e alheios de vós ao descanço vosso; mas não só vós, senão tambem comvosco aquella que vos trouxe em suas entranhas. Se de Jacob diz a escriptura, que quando soube ser vivo seu filho José, que tinha chorado morto, resuscitou seu espirito: *Revixit spiritus ejus;* (Gen. XLV — 27) que nova vida, e que nova alma se infundiria no espirito da Mãe santissima com a vista do Filho resuscitado, e como cantaria então com maiores jubilos: *Exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* Nenhum Santo ha que se atreva a declarar os estremos de alegria, e gosto inefavel, com que a Cheia de Graça foi tambem cheia de gloria nestes dias dos seus maiores prazeres. E eu só quiz, e me foi necessario apontar historicamante o pouco que fica dito, para que se julgue, se diriam e concordariam bem com as alegres paschoas as es-

tações do pretorio e do Calvario, e os passos da cruz, ou doze cruzes, que se diz continuou a Senhora nestes mesmos dias.

Tudo tem seu tempo, diz o Espirito Santo: *Omnia tempus habent*; (Eccles. III. — 1) e a primeira coisa que fez o Auctor da natureza e dos tempos, na creação do mundo, foi dar a cada tempo o que é seu: as trevas á noite, e a luz ao dia. *Tempus flendi, et tempus ridendi:* (V. — 4) Ha tempo de chorar, e tempo de alegrar, prosegue o mesmo Espirito Santo; e isto é o que fez sua santissima Esposa a Virgem Maria, e isto é o que devia fazer. Na morte de seu Filho chorou, na sua resurreição alegrou-se; summamente triste na morte, summamente alegre na resurreição, e summamente ordenado em um e outro affecto do seu amor, segundo a differença de um e outro tempo. A Via Sacra, e repetição dos passos que Christo andou em sua paixão, é muito santa e pia; mas naquelles dias tão alegres era impropria e intempestiva, e por isso desporporcionada e dissonante. Quando S. Pedro e S. João avisados da Magdalena foram correndo ao sepulchro no dia da resurreição, diz o mesmo evangelista, e nota muito, que o sudario estava envolto separado, e posto a uma parte do sepulchro: *Separatim invo lutum in unum locum*. (Joan. XX. — 7) E porque assim, e não estendido, e descoberto? O santo sudario não é uma imagem tão miraculosa, tão devota, e tão sobremaneira veneravel? Pois por que razão o Senhor, quando resuscita, a deixa envolta, separada, e posta á parte? Porque era o dia da resurreição; e ainda que a imagem fosse muito devota, muito veneravel, e sacratissima, não era para aquelle dia, era para o dia da sua paixão, e não para os dias da paschoa. E se Christo, que tudo punha em seu logar, fez esta separação e distinção de dias a dias, não é de crer que a Senhora, que tanto imitava seus passos, a não fisesse, e seguisse outros.

Quando a Magdalena, depois de morrer Lazaro saiu de casa, todos disseram que ia chorar a seu irmão á sepultura; mas depois de resuscitado, e muito menos entre os primeiros alvoroços e parabens da resurreição, ninguem houve que tal dissesse, nem imaginasse. Ha, porém, quem diga e creia, que

entre os applausos e jubilos da resurreição de seu Filho iria a Virgem Maria no mesmo, e em todos aquelles dias ao pretorio de Pilatos para renovar a memoria dos açoites e coroas de espinhos; e ás ruas e praças de Jerusalem para contemplar na cruz ás costas, e na affrontosa companhia dos que tambem levavam as suas; e ao monte Calvario, para se lastimar com os cravos, para se traspassar com a lança, para se amargar com o fel. Se o anjo ainda estivera no sepulchro, bem podiam chegar aos ouvidos da Senhora as vozes tanto do caso, com que a egreja nos diz, que só elle bradava:

Sat funeri, sat lacrymis,
Sat est datum doloribus:
Surrexit extinctor necis,
Clamans coruscans angelus.

Mas o vulgo sempre ignorante, e nunca mais ignorante que quando presumido de devoto, intende e penetra tão mal a força e propriedade deste repetido *sat est*, que chega a crêr se festejaria melhor nesta occasião, não só a resurreição com a cruz, senão uma resurreição de Christo com doze resurreições de cruzes. Tudo isto hoje, e entre nós, é muito louvavel; mas naquelles dias não tinha logar, porque era fóra de tempo, antes contra o decoro, contra a formosura, e contra a magestade do tempo.

E já que estamos com a Magdalena, e na Via Sacra, peçamos-lhe (como lhe pergunta a egreja) que nos diga o que viu na sua: *Dic nobis, Maria, quid vidisti in via?* O que viu e diz que viu a Magdalena, é o que se resume nestas palavras: *Sepulchrum Christe viventis, et gloriam vidi resurgentis, Angelicos testes, sudarium, et vestes:* Vi o sepulchro de Christo vivo, vi a gloria do seu corpo resuscitado, vi os anjos testimunhas da resurreição, e vi o sudario e véstes, que já não eram mortalhas, senão despojos da morte. Isto é o que vistes, Magdalena? E vistes mais alguma coisa? Não; pois sabei que vieram muitos seculos depois de vós, os que viram muito mais. Viram o sepul-

chro, viram os anjos, viram o Resuscitado, e suas glorias, viram o jubilo e alegria vossa, e das outras Marias, que nem a vós nem a ellas cabia nos corações: viram a mesma nos apostolos e discipulos, que todos triumphavam de prazer, e rebentavam de gosto; viram os applausos e as acclamações dos patriarchas e prophetas tirados do seio de Abrahão, que todos (e entre elles o Esposo José) davam mil vivas a seu Libertador, e infinitos parabens á Mãe da resurreição de seu Filho. E no meio de todas estas enchentes de glorias, como se a Senhora se não déra por bastantemente satisfeita dos gostos presentes sem a presença ou companhia das penas passadas, dizem que no mesmo tempo saía a Virgem daquelle paraiso de deleites celestiaes pelas ruas de Jerusalem, e começava desde o pretorio de Pilatos até ao cimo do monte Calvario, e por todo este comprido caminho ia contando os passos da paixão de seu Filho, não por vér e venerar o sacratissimo sangue seu, que já então estava recolhido todo ás vêas, mas para notar e contemplar os logares onde fôra derramado. Estava então o resuscitado Senhor naquella mesma terra, e não ignorava a Santissima Mãe, como Secretaria de todos seus mysterios, onde estivesse: e teem para si estes devotos, que em vez da Senhora o ir ver e buscar onde estava, quizesse antes e se contentasse mais de ir visitar os logares onde estivera.

Oh sol, oh pedras, que não quero chamar nesta occasião creaturas racionaes, ou sensitivas! O sol eclipsou-se, as pedras quebraram-se na paixão e morte de Christo; e se alguem se atrevesse a dizer, que no dia da resurreição repetiriam o ceu e a terra estas mesmas demonstrações de obsequio e reverencia a seu Senhor; como aquentaria o sol, e como não se levantariam as pedras, contra quem tal injuria lhe fizesse? Christo deixou as mortalhas na sepultura! e isto seria querel-o amortalhar outra vez; seria ajuntar a resurreição com a morte, a noite com o dia, a gloria com a pena, a tristeza com a alegria, e as lamentações, e os *heus* com as *alleluias*.

CAPITULO VII.

Responde-se a uma objecção, que parece bem fundada.

Dir-me-hão que a memoria da paixão de Christo, como sempre é santa, e aceita ao Senhor, assim seria muito naquelle dia, e dias, posto que tão alegres e gloriosos. Mal conhece as propriedades da gloria, nem ainda as da verdadeira alegria, quem assim philosopha. A grande e verdadeira alegria depois das dores, traz comsigo o esquecimento dellas, posto que fossem grandes: *Mulier cùm parit tristitiam habet; cùm autem pepererit, jam non meminit pressuræ propter gaudium, qui natus est homo in mundum.* (Joan. XVI. — 21.) A sua Mãe alludiu Christo (diz Ruperto) quando usou desta comparação. Christo nosso Redemptor nasceu duas vezes; uma da Mãe sem dores, e outra da lousa do sepulchro com dores da mesma Mãe: *Qui natus olim è Virgine, nunc è sepulchro nasceris;* e foi tal a alegria deste segundo parto, posto que tão doloroso, que não seria tão grande, como foi, se não trouxera comsigo o esquecimento das mesmas dores. O esquecer-se nestes dias a Senhora das dores da cruz, foi obsequio devido á resurreição do Filho: não parecia que estava o coração da Mãe inteiramente contente, se ainda nelle tivessem logar memorias dos trabalhos passados. É attributo singular da gloria o esquecimento de tudo o que póde dar ou deu pena. Assim o diz uma e outra vez Isaias, fallando da gloria do ceu: *Oblivioni traditæ sunt angustiæ priores: et non erunt in memoria priora, et non ascendent super cor; sed gaudebitis, e exultabitis usque in sempiternum**. E a razão deste esquecimento é, diz S. Jeronymo, não porque totalmente se perca a memoria dos trabalhos passados (que seria defeito no intendimento), mas porque a grandeza da gloria encherá tão inteiramente toda a alma, que não deixará nella logar de se lembrar ou cuidar nelles: *Obliviscentur malorum non oblivione memoriæ, sed successione bonorum.* (S. Hier.)

* Isaiæ. LXV. — 16 17 e 18.

No dia da resurreição succedeu a gloria ás penas, e a alegria ás tristezas: e nem a gloria da Senhora seria tão celestial, como era, nem a alegria, tão excessiva, como merecia a coisa, se o mesmo excesso de alegria e gloria, não enchesse e inundasse de tal maneira aquella purissima alma, e suas potencias, que apagasse e extinguisse na memoria toda a lembrança, no intendimento todo o cuidado, e na vontade todo o affecto de quanto tinha passado, absorta, e penetrada toda do gosto, do goso, do jubilo, e da fruição do bem presente. Este total esquecimento da cruz, da morte, e paixão do Filho, era o maior credito da gloria e alegria da Mãe, e não a memoria e recordação intempestiva, do que tão improprio era da dignidade e amenidade daquelles formosos dias. Como se disseram os que dizem o contrario, que assim como a Senhora na paixão se contentava com a fé da resurreição, assim se consolaria agora na resurreição com as memorias da paixão. Se a Senhora instituiu a chamada Via Sacra, e lhe mediu os passos, levantando uma baliza no pretorio, outra no Calvario contra os descuidos do esquecimento, foi para nós, e para nossos dias, e não para si, nem para aquelles.

A segunda razão desta differença é a conformidade da vontade da Senhora com a de seu Filho, o qual quiz que a solemnidade da sua resurreição fosse toda festiva, alegre e gloriosa; e que os instrumentos suspendidos nos salgueiros de Babylonia se passaram todos ás palmas de Sião para celebrar e cantar seu triumpho, como a Libertador do universal captiveiro. É excellente a figura chamada dos rhetoricos *Prosopopeia*, com que o mesmo Senhor por bocca de David falla com os mesmos instrumentos musicos, e lhes dá ordem, que se temperem e afinem antes de ser manhã; porque elle ha de resuscitar de madrugada: *Exurge gloria meæ, exurge psalterium, e cythara, exurgam diluculo.* (Psal. LVI.— 9.) Como se dissera: se atégora, ó instrumentos de festa e alegria, pela tristeza de minha paixão, estivestes destemperados e mudos, álerta, que se chega a hora de vos desfazerdes todos em som de glorias, e harmonia de applausos; porque ao arraiar da aurora hei de amanhecer antes do sol, e resuscitar triumphante. Estes foram os jubilos fervorosos e ardentes, com que resuscitou o espirito

do Filho, e esta a *vera effigies*, ou o retrato original da alma da Mãe, sempre uniforme com elle.

Ricardo Victorino com alto e engenhoso pensamento chamou á Virgem Maria *Species Christi*: especie de Christo. As especies, como ensina a philosophia, são umas imagens naturaes, que os objectos mandam ás potencias, e sem serem vistas, nos fazem ver e conhecer os mesmos objectos assim como é cada um, ou como está naquelle tempo: se vivo, vivo; se morto, morto; se triste, triste; se alegre, alegre. Tal foi a alma da Senhora na morte e na resurreição, na tristeza e na alegria de seu Filho, sempre conforme e uniforme com elle, como especie com o seu objecto. Ponhamos outra similhança mais vulgar, e que todos percebam. O mais puro e christalino espelho de Christo neste mundo, foi o coração de sua Mãe; e assim como o espelho por uma natural e inseparavel conformidade representa sempre e em tudo a imagem de quem nelle se vê, assim a Senhora representava e exprimia em si todos os affectos interiores, ou effeitos exteriores, que na Sagrada Humanidade de Christo, segundo a differença dos tempos, e a disposição de sua providencia, variavam. Isto quer dizer nos Canticos: *Ego dilecto meo, et ad me conversio ejus*. (Cant. VII. — 10.) porque se representava o Filho na Mãe por natural reflexão, como em espelho; mas por uma transformação tão interior e intima, que não só se representava, mas se convertia nella: *Et ad me conversio ejus*.

Agora pergunto: se Christo na sua resurreição conservou no interior algum resabio das penalidades passadas, ou deu algum passo no exterior pela mesma via ou caminho por onde levou a cruz? Das penalidades é certo que nenhuma conservou; porque não fôra perfeitamente glorioso seu corpo, como sempre foi sua alma: dos passos tambem elle quiz que nos constasse, posto que deu, e andou muitos. Foi ao horto em trajos de hortelão para enxugar as lagrimas da Magdalena: foi ao castello de Emaus em trajos de perigrino e acompanhou pelo caminho os discipulos desesperados para os confirmar na fé: foi uma e outra vez em seu proprio habito ao conaculo, onde estavam os apostolos escondidos, para animar seu temor: foi aonde appareceu ás tres

Marias: foi aonde appareceu a S. Pedro. E posto que se apparecera no pretorio, onde foi condemnado, nas ruas, por onde foi levado, e no Calvario, onde foi crucificado, fizera mais publica demonstração, e prova da sua resurreição, nem appareceu em tal pretorio, nem poz os pés em taes ruas, nem quiz subir outra vez a tal monte. D'onde se segue, que a Senhora, que em tudo seguia e adorava seus passos, e como espelho de suas acções as retratava todas emfim, de nenhum modo andaria em todos aquelles dias taes estações, antes fugiria até com o pensamento de logares que seu Filho tanto abominava, considerando-os como sacrilegos pelas affrontas, que nelles recebera, e não como consagrados pelo sangue, que nelles derramára.

Emfim, concluo, que a Senhora não saía nestes dias a fazer tal Via Sacra, nem andar taes passos; porque a gloria e alegria da resurreição a cercou, ou poz de cerco, para que não pudésse sair. O psalmo 29 todo é claramente do mysterio da resurreição. Falla nelle primeiramente Christo resuscitado, e dá graças ao eterno Pae de lhe haver dado victoria dos inimigos que lhe deram a morte: *Exaltabo te Domine, quoniam suscepisti me, nec delectasti inimicos meos super me.* (Psal. XXIX. — 1) Presegue a mesma acção de graças, dizendo que desceu sua alma ao inferno, e que de lá saía triumphante: *Domine eduxiste ab inferno animam meam: salvasti me à descendentibus in lacum.* (Ibid — 4) Diz que a vespera daquelle dia será toda de tristeza e lagrimas; porém a madrugada de alegria: *Ad vesperum demorabitur fletus, et ad matutinum lætitia.* (Ibid. — 6.) Diz que não se converterá seu corpo em pó, mas que sairá incorrupto da sepultura: *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem? Nunquid confitebitur tibi pulvis?* (Ibid. — 10) Atéqui fallou o Filho com o Pae, agora falla a Mãe com o Filho: *Convertiste planctum meum in gaudium mihi: Conscidisti saccum meum, et circumdedisti me lætitia: ut cantet tibi gloria mea, et non compungar:* (Ibid. — 12 13.) Trocaste-me, Senhor, o pranto em goso, e as lagrimas em jubilos: e não só me despiste o luto, mas para sempre m'o rasgastes; porque resuscitado á vida immortal, já não porei outro: e finalmente cercaste-me de alegria,

para que perpetuamente vos cante, gloria minha, e me não compunja. Se a piedosissima Mãe se não havia de compungir, como havia de ir ao pretorio de Pilatos, onde seu Filho com toda a propriedade fôi pungido da coroa de espinhos? E como havia de ir ao monte Calvario, onde com maior crueldade foi pungido vivo com os cravos, e até depois de morto da lança? Pois para que a Senhora se não fosse lastimar com estas compunções, cercou toda o Filho na sua resurreição, e lhe fez um cerco de alegria: *Circumdedisti me lætitiæ ut non compungar.* Alguma machina terão os da opinião contraria para romper este cerco verdadeiramente festivo; mas para se defender das forças de auctoridades e razão, com que todo este discurso fica fortificado, e guarnecido, nenhuma.

CAPITULO VIII.

Prova-se que no resto dos quarenta dias até á ascençã o de Christo, ainda qne a Senhora tivesse dado principio á devaçào da Via Sacra, a não podia continuar.

Na manhã da resurreição disse o anjo, que appareceu no sepulcro ás Marias, que fossem logo dar a nova aos apostolos, e lhes dissessem, que se partissem para Galiléa, porque o Senhor resuscitado se adiantaria a esperar por elles, e que lá o veriam; e accrescentou o mesmo anjo, para que não duvidassem, que assim lhes promettia e certificava: *Citò euntes dicite discipulis, ejus quia surrexit: et ecce præcedit vos in Galilæam: ibi eum videbitis, ecce prædixi vobis.* (Matth. XXVIII — 7.) Indo as Marias com este recado, para que ellas tambem o confirmassem como testimunhas de vista, appareceu-lhes o mesmo Senhor em sua propria pessoa no caminho: recommendou-lhes a mesma diligencia, mudando, porém, ou emendando no recado uma palavra, e trocando-a com outra de maior benignidade e amor; porque onde o anjo tinha dito: *Dizei a seus discipulos,* disse o Senhor: *Dizei a meus irmãos: Ite, nuntiate fratribus meis, ut eant in Galilæam, ibi me videbunt.* (Ibid. V. — 10.) Com isto se ordenar assim naquella manhã, e o intimar um anjo, e o confirmar de

sua bocca o mesmo Christo, os apostolos nem naquelle dia, nem nos oito seguintes passaram a Galilea, nem o Senhor esperou que fossem lá, para que o vissem, senão que no mesmo dia, no mesmo logar onde estavam, se lhes mostrou visivel, e alli o viram antes, e depois outras vezes; para que nos não admiremos, que os decretos humanos se mudem talvez dentro de poucas horas, pois podem occorrer novas causas, como aqui occorreram. A primeira e universal, foi o temor e perigo dos apostolos, a quem não era seguro o sair do seu encerramento, em quanto os mares estavam tão alterados. A segunda, particular, e de maior cuidado, a ausencia e tardança de Santo Thomé, que andava desgarrado e incredulo, dando por bem empregados o Senhor oito dias de espera e de suspenção de todo o seu governo só por ganhar um homem.

Passados estes oito dias, em cumprimento do que delles se tinha ordenado, partiram os apostolos para Galilea (e tambem a Virgem Santissima se passou para lá) que era differente provincia da de Judea, e muito distante de Jerusalem, como antigamente fizera S. José, quando tornou do Egypto: donde se segue, que em quanto alli se deteve a Senhora, que foram quasi todos os quarenta dias que restavam até á ascensão, nem continuou nem póde continuar as estações da Via Sacra de Jerusalem, que se suppõe tinha já começado, e continuado sempre.

Que a Virgem passasse com os apostolos a Galilea, não o declaram os evangelistas, mas é sem duvida; porque consta que com elles foi S. João, o qual não havia de deixar a Senhora só, nem a mesma Senhora se havia de apartar de sua companhia, como depois veremos, que fazia em outras maiores peregrinações; principalmente sendo esta para Galilea patria sua, e de seu Bemditissimo Filho, a qual o Senhor quiz honrar com sua gloriosa presença; e sendo os apostolos tambem Galileos, na sua terra, e entre os seus naturaes, como nota S. Chrysostomo, estariam mais livres do temor dos judeus. Em Judéa, e Jerusalem tinha Christo e a sua escóla muitos inimigos (como teem todas as côrtes); e quando não houvera este motivo, bastava o tumulto e confusão de tamanho povo, ainda que não fôra tão mau, para ser

conveniente e necessario, que todos se retirassem a algum logar mais solitario e quieto, onde socegadamente e sem perturbação gozassem da presença de Christo, e conseguissem os importantissimos fins, para os quaes desde o primeiro dia de sua resurreição lhes mandára o Senhor intimar este retiro. S. Mattheus diz nomeadamente, que este logar de Galilea era um monte: *In Galilœam in montem, ubi constituerat illis Jesus.* (Matth. XXVIII — 16) Este monte intendem commummente os santos, e expositores, que foi o Thabor, onde o Senhor já mostrára as primicias de sua gloria*. Então se lembrariam S. Pedro, S. João, e S. Tiago de quão propriamente, e em seu logar se lhes tinha dado aquelle antigo aviso: *Nemini dixeritis visionem donec Filius hominis á mortuis resurgat:* (Ibid. XVII. — 9.) e de crer é, que neste glorioso monte não teria saudades a Senhora do monte Calvario.

As pessoas que concorreram a Galilea para alli vêr o Senhor e o viram, diz S. Paulo, que foram mais de quinhentas: *Deinde visus est plusquam quingentis fratribus.* (I Cor. XV.—6.) Nova razão, para que no mesmo tempo não carecesse do favor que se franqueava a tantos, A que fôra unica na fé e na dor, e o era no amor e no merecimento. Não se communicava o Senhor neste monte de Galilea pelo mesmo estilo, com que o fizera em Jerusalem; mas com a differença que declara S. Jeronymo, comparando o monte Sion com elle: *In altero pro consolatione timentium videbatur et videbatur breviter, rursusque ex oculis tollebatur: in altero autem tantœ familiaritatis erat, et perseverantiœ, ut eum ipsis pariter vesceretur.* Quer dizer que em Jerusalem só para consolar e animar o temor dos discipulos, apparecia o Senhor; mas brevemente, e logo desapparecia: porém em Galilea era com tanta familiaridade, e perseverança que não só estava, e conversava muito devagar, mas tambem comia com elles. Estes são os muitos argumentos, com que S. Lucas diz que provou o Senhor a verdade de sua resurreição: *Quibus prœbuit se ipsum vivum in multis argumentis,* (Act. I — 3) isto é, deixando-se vêr, ouvir,

* Lyran. Dionisius, Bonavent. Jansen.

e tocar; para que se desenganassem, que era corpo, e não espirito; e a fé se ajudassem com os testimunhos dos tres sentidos de maior evidencia, vista, ouvido, e tacto: e tambem com o mais material de todos, que foi o de comer juntamente com elles. Deste argumento, como mais natural, fez muito particular conta S. Pedro, quando prégou ao primeiro gentio, allegando em prova e demonstração, de que Jesus Christo, de quem lhe dava noticia, resuscitára verdadeiramente: *Hunc Deus suscitavit tertia die, et dedit eum manifestum fieri non omni populo, sed testibus praeordinatis à Deo, nobis, qui manducavimus, et bibimus cum illo postquam resurrexit à mortuis.* (Act. X.—40. e 41.) E a razão de ajuntar o Senhor o comer ás outras provas de sua resurreição, diz Santo Thomaz, que foi para se mostrar verdadeiramente vivo por todos os actos da vida vegetativa, sensitiva, e racional: a racional discorrendo e allegando; a sensitiva, vendo ouvindo, e apalpando; a vegetativa comendo: e nestes dias, em que o Senhor se mostrou tão humano, quem póde duvidar que honraria muitas vezes a pobre meza de sua santissima Mãe com maior gosto do que no convite de Martha, pois estava contemplado de outra melhor Maria, e com maior magestade, que servido dos anjos no deserto, como triumphador do demonio com maior victoria*.

Finalmente, o mais efficaz e irrefregavel fundamento com que se demonstra, que a Senhora havia de assistir, e com effeito assistiu, a seu Bemditissimo Filho em Galilea juntamente com os apostolos, é o segundo e principal fim, porque o Senhor alli os chamou e ajuntou, depois de os confirmar na fé de sua resurreição. Assim como Deus, para dar a Moyses a lei escripta, e o instruir em todos os preceitos e ceremonias della, o teve comsigo quarenta dias no monte Sinay, assim Christo para dar aos apostolos a nova fórma, e idéa da lei da graça, os quiz ter tambem comsigo neste monte de Galilea por outros quarenta dias, que é o que diz S. Lucas: *Per dies quadraginta apparens eis, et loquens de regno Dei.* (Act. I. — 3.) Aqui, e por todo este tempo,

* D. Th. p. 3. q. 15 art. 5.

como sentenciosamente disse Turtulianno, esteve o Senhor ensinando aos apostolos o que elles haviam de ensinar: *Cum discipulis apud Galilæam ad dies quadraginta egit docens eos, quæ docerent:* e desta doutrina de Christo, como de sua primeira fonte, manaram todos os principios da fé, que por continua tradição, passando delles a seus successores, como lei não escripta, mas vocal, posto que muitas coisas della depois se escrevessem authenticamente nos livros do Testamento Novo. Aqui lhes explicou mais claramente o mysterio secretissimo da Santissima Trindade, de que só tiveram noticia e fé explicita os patriarchas da lei da natureza, e escripta, mandando-lhes, que baptizassem aos que cressem, em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo, e lhes declarassem, que a segunda destas tres Pessoas encarnara, e se fizera homem para remir por meio de sua morte o genero humano, e abrir as portas do ceu, até então cerradas: e que promettessem o mesmo ceu, e a vida eterna, aos que guardassem a sua lei. Assim mesmo lhes ensinou as differenças de ritos, que nella se haviam de observar: como a circumcisão se havia de mudar em baptismo: o sacerdocio de Arão no de Melchisedech; os sacrificios de animaes no de seu Corpo e Sangue; o sabbado em domingo; o matrimonio, até então puro contracto, em sacramento; e o numero dos outros sacramentos, suas materias, fórmas e ministros; e os graus e dignidades da jerarquia ecclesiastica. Que o remedio do peccado depois do baptismo era o sacramento da penitencia: e que não só eram peccados as obras e palavras, senão tambem os pensamentos e omissões; e que para qualquer peccador se converter de qualquer delles não bastavam só as forças naturaes do alvedrio sem os auxilios da graça. A conferencia, pois, e intelligencia destes, e de todos os mysterios que os apostolos haviam de prégar, não só aos da sua nação, senão a todas as do mundo, foram as lições, que na escóla do monte de Galilea lhes ensinou o novo e divino Legislador Christo. E como a Senhora não havia de subir ao ceu em companhia de seu Filho, mas havia de ficar ainda neste mundo para consolação e exemplo dos fieis, e como um Oraculo divino, e primeira Columna da fé a quem todos recorressem em suas difficuldades, e duvidas, não

só foi conveniente, mas necessario, que a Senhora assistisse neste apostolico conclave, e que nelle ouvisse tudo que Christo ensinava e mandava; e que sua purissima alma, como mais disposta e capaz de todas, recebesse maiores lumes, e mais altas illustrações daquelles, e de outros mysterios, que no sacrario de seu peito, como nova e melhor arca do testamento ficassem depositados.

Todo este magisterio, ou officio de ensinar, que a Senhora havia de exercitar depois da subida de seu Filho ao ceu, é fundado na doutrina commum dos santos padres: e não só recebida, e confirmada pelos theologos antigos, mas grandemente ampliada pelos modernos*. Por isso é chamada a Senhora Mestra dos mestres, e Apostola dos apostolos, e Evangelista dos evangelistas. Deixo as auctoridades dos santos, muitas e eloquentissimas, com que nesta materia se alargam; mas não posso calar as palavras de santo Ambrosio, por serem tão proprias do nosso caso, e suas circumstancias, como é dizer este grande doutor da egreja, que a razão de S. João evangelista se levantar tanto sobre os outros na sublimidade de tudo o que escreveu, foi por ser domestico da Virgem santissima, e ter dentro de sua casa a aula de todos os mysterios, e sacramentos do ceu: *Unde non mirum præ cæteris locutum mysteria divina, cui præsto erat aula celestium sacramentorum.* Em quanto a sabedoria encarnada ensinou neste mundo, esteve cerrada esta aula, e como muda; mas tanto que o Senhor subiu ao ceu, então se abriu, diz Ruperto, para os sagrados apostolos, que iam aprender, e ouvir nella mysterios tão sublimes, e exquisitos, quaes nunca tinham ouvido, nem d'antes eram capazes para os intender: *Quandiu Filius hominis manere debuit minoratus paulo minus ab angelis, fere tandiu fuit Beatæ Virgini tempus tacendi; ubi autem gloria, et honore coronatus est Filius hominis resurgendo, et in cælum ascendendo, ex tunc eidem Beatæ Virgini fuit tempus loquendi et hoc amicis, hoc est sanctis apostolis, et talia loquendi, qualia prius portare non*

* Rupert. lib. 2. et 5. in Cant. August. Ser. 6. de Temp. S. Ans. I. de 4 virtut. B v. Euseb. Emiss. Ser. 3. Nativ. Ambr. I 6. de Instit. Virg. c. 7.

potuissent[*]. E como este fosse o fim, para que a sapientissima Virgem ficou no mundo supprindo, e como substituindo a cadeira de seu Filho, d'aqui se infere com evidencia, o que o mesmo Ruperto disse n'outro logar, a saber, que quando os apostolos foram chamados por Christo a Galilea nos dias de sua resurreição, foi tambem a Senhora em sua companhia; e que imaginar e dizer o contrario, seria erro e ignorancia indigna de todo o intendimento Christão: *Nunquid vel tunc, quando undecim discipuli abierunt in Galilæam, sicut constituit illis Dominus, Mariam prœterierunt, et absque illa videntis eum adoraverunt? Absit.* A força desta ultima palavra diz mais que a traducção[**]. Sendo pois certo, que a Senhora foi e esteve o resto destes quarenta dias em Galilea, com a mesma certeza se conclue, que em todo aquelle tempo nem fez as estações da Via Sacra de Jerusalem, nem as podia fazer.

CAPITULO IX.

Que a Senhora não póde continuar a Via Sacra desde o dia da Ascensão até ao Espirito Santo.

No mesmo dia em que Christo se despediu dos apostolos, e se partiu para o ceu, lhes mandou que se não saissem de Jerusalem, e que alli esperassem a vinda do Espirito Santo, que seu eterno Padre havia de mandar sobre elles, como lhes tinha promettido: *Præcepit eis ab Hierosolymis ne discederent, sed expectarent promissionem Patris, quam audistis, inquit, per os meum; quia Joannes quidem baptizavit aqua, vos autem baptizabimini Spiritu Sancto, non post multos hos dies.* (Act I.— 4 e 5) Em cumprimento deste preceito se foram todos para um cenaculo, ou sala grande, que Nicephoro e Cedreno dizem, que era da mesma casa onde morava S. João evangelista; posto que Baronio tem por mais provavel ser de outro João por sobrenome Marcos, tambem discipulo do Senhor. As pessôas de que

[*] Rupert. l. 2. in Matth.
[**] Rupert. l. 7. de Divin. Offic. c. 25.

se compoz esta sagrada congregação, como diz S Lucas, eram por todas cento e vinte, em que entravam algumas mulheres, de que só nomêa por seu nome a S. Pedro no primeiro logar, e os mais apostolos, e no ultimo a Virgem Maria: e todos diz que unidamente estavam perseverando em oração: *Hi omnes erant unanimiter perseverantes in orationi cum mulieribus, et Maria Matre Jesu.* (Act. I. — 14.) Do qual modo de fallar se vê a razão, cortezia e reverencia, com que o evangelista nomeou a Senhora naquelle logar, significando que todos estavam acompanhando-a, e assistindo-a, como a Mãe de seu Mestre e Senhor. Assim continuaram até o de Pentecostes, em que desceu sobre elles o Espirito Santo com as circumstancias que descreve o mesmo S. Lucas, das quaes, e de toda esta historia se colhe, que, no espaço destes dez dias nenhum dos que alli estavam congregados, saiu do cenaculo, e conseguintemente, que nem a Senhora em todos elles pôde andar as estações da Via Sacra, como ponderaremos.

Primeiramente ainda que o preceito foi, que não saissem da cidade: *Ab Hierosolymis ne discederent,* da qual podiam não sair ainda que saissem da casa, o Senhor intendeu por cidade, não a cidade toda, senão um só logar da cidade, em que haviam de esperar juntos, e assim o intenderam os mesmos discipulos, pois todos se ajuntaram no mesmo cenaculo, e não em casas diversas, havendo entre elles muitos que as tinham proprias. E uma vez que este foi o sentido do preceito, a palavra, *nediscederent*, os obrigava a não sair daquelle logar, onde se tinham congregado como com effeito fizeram; e assim diz o evangelista, que estavam quando desceu o Espirito Santo: *Erant omnes pariter in eodem loco.* (Act. II — 1) A mesma continuação de estar, e perseverar no mesmo logar, sem sair delle, se declara mais nas palavras do evangelho do mesmo S. Lucas: *Sedete in civitate quoadusque induamini virtute ex alto.* (Luc. XXIV — 49) Onde o mandar-lhes o Senhor, que se assentassem, até que fossem revestidos da virtude do Espirito Santo, não significa sitio ou postura do corpo, senão perseverança e assistencia de logar, isto é, que estivessem de assento no mesmo logar, sem se apartar delle, e não que

em a oração, com que se haviam de preparar para receber o Espirito Santo, a fizessem assentados; porque o uso dos hebreus era orar em pé. Neste sentido diz tambem o texto, que o Espirito Santo encheu todo a casa, onde estavam assentados: *Replevit totant domum, ubi erant sedentes*; (Act II — 2.) isto é, onde tinham perseverado de assento; e a mesma significação tem dizer, que o Espirito Santo se assentou sobre cada um delles: *Sedit supra singulos eorum*; (Ibid. V. — 3.) para mostrar, como explica S. Chrisostomo, que vinha para permanecer com os apostolos, e não se apartar delles nem da egreja. Finalmente, esta mesma continuação e perseverança se exprime na narrativa textual da historia, onde se diz, que todos estavam no cenaculo, não só orando, mas perseverando na oração: *Hi omnes erant perseverantes unanimiter in oratione.* E nota Cornelio à Lapide, que no texto original grego, em que S. Lucas escreveu, a palavra que corresponde a *perseverantes*, não só quer dizer perseverança de qualquer modo, senão perseverança assidua, constante, persistente, tenaz em coisa que espera e tarde, sem se apartar do começado, nem afrouxar ou remetir do fervor, supportando com paciencia e fortaleza a molestia, o trabalho, o tédio de esperar: *Perseverantes græce significat esse assiduum; persistire, insistire rei cuidam arduæ et prolixæ, nec ab ea discedere, sed sustinere et fortiter superare molestias, labores, tedia, tentationes etc.*

Alem desta formalidade do preceito, a mesma materia delle obrigava aos congregados a não se apartarem nem sairem do logar onde estavam, sob pena de se arriscarem a perderem o bem que esperavam, se succedesse vir o Espirito Santo, quando algum ou alguns estivessem ausentes. Se soubessem que havia de vir, como veio d'alli a dez dias, então não havia perigo para fazerem alguma ausencia, e sairem do cenaculo nos nove antecedentes; mas o Senhor de industria lhes encobriu o termo, e os deixou suspensos, dizendo-lhes somente, que não seriam muitos os dias, que tardasse a vir: *Non post multos hos dies*, para que a mesma suspenção e temor, de que podia vir, como veio, de repente, os tivesse sempre em véla com o cuidado e espe-

rança, de que qualquer dos dias, e qualquer das horas podia ser o da sua vinda: nem mais nem menos, como na parabola dos servos, que esperam pelo Senhor, lhes disse Christo, que estivessem sempre com as tochas acezas, e prevenidos: *Qui qua hora non putatis, Filius hominis veniet.* (Luc. XII. — 40.) E se desta maneira perseveraram todos os congregados, sem sair, nem se mover daquelle logar, qual seria a perseverança da Bemditissima Virgem, que era o exemplo, e exemplar de todos? Elles esperavam o Espirito Santo como servos, ella esperava o mesmo Espirito Santo como Esposo: e sendo a Virgem por excellencia a Virgem prudentissima, claro está que não havia de sair do cenaculo, nem dar fóra delle outros passos, por mais devotos, pios e santos que fossem; porque no mesmo tempo não pudesse acontecer, o que aconteceu ás Virgens imprudentes, que em quanto foram a outra parte, veio o Esposo: *Dum autem irent, venit Sponsus.* (Matth. XXV. — 10) Seguese logo com evidencia, que nestes dez dias que se contaram entre a ascenção de Christo, e a vinda do Espirito Santo, não fez a Senhora a Via Sacra.

CAPITULO X.

Que depois da vinda do Espirito Santo não continuou a Senhora a Via Sacra de Jerusalem por toda a sua vida.

Não nego, que depois da vinda do Espirito Santo, e muito mais depois que as perseguições contra Christo, e seus discipulos deram algumas tregoas, e cessaram em parte (que nunca acabaram de todo) os inconvenientes acima apontados, em alguns dias de sua vida visitasse a Senhora os sagrados logares da paixão e morte do seu Bemdito Filho, e entre elles, ou juntamente, ou só, os que determinam os passos da Via Sacra. O que somente digo, e não em duvida é, que a Senhora os não continuou, nem póde continuar por toda a sua vida, como se suppõe.

Santo Ildefonso (que é entre os Santos, o que mais em per-

ticular tocou este ponto) diz assim em um sermão da Assumpção da Senhora: *Sine dubio loca Dominicæ nativitatis passionis, et sepulturæ frequenter circuiens invisere cupiebat: in iisdem locis lacrymas fundebat, et sanctissimi oris sui oscula dulcissima imprimebat.* Quer dizer: que a Virgem Santissima desejava visitar frequentemente os logares do nascimento, paixão e sepultura de seu Filho; e que nestas devotas estações derramava muitas lagrimas, e venerava com todas as demonstrações de affecto os mesmos logares. Não diz o Santo, que a Senhora visitasse, e andasse só a via os caminhos do pretorio ao Calvario, mas todos os logares da paixão, que começam no Horto, regado com tanto sangue, e acabam na sepultura, onde o Senhor se deteve mais horas, que em todos os outros. Não reparo na palavra *cupiebat*, que mais denota frequencia de desejos que de execução. O que resta de advertir é, que em dizer que visitava tambem os logares do nascimento, dá testimunho, sem lh'o pedirmos, que as estações da Via Sacra não eram de toda a vida da Senhora; pois perigrinava a Belém, em que necessariamente de ida, estada, e volta havia de gastar muitos dias: o demais diz o mesmo Santo, que só o sabe Deus, e o archanjo S. Gabriel, que sempre servia e acompanhava a Senhora: e tambem se póde ter por sem duvida (como sempre podem muito os que assistem ao lado das magestades) que o mesmo S. Gabriel procurasse nestas jornadas as de frequentes visitas de Nazareth, para repetir aquella soberana missão, para a qual entre todas as jerarchias dos anjos, fôra elle o escolhido: nem a mesma Senhora se faria muito de rogar para refrescar com a vista as suavissimas memorias deste divino sacrario, e tornar a entoar nella com os mesmos jubilos o seu cantico de *Magnificat*, sendo então perigrina naquella mesma casa, que depois com tão estupendo milagre quiz tambem fosse perigrina.

Não foram estas sós as ausencias que impediam as estações da Via Sacra; outros impedimentos maiores tiveram, e de muito mais largo tempo, em toda a vida da Senhora. E posto que a materia, como tão antiga e não tractada, seja escura de luzes que a segunda historia accendeu, nos alumiarão estas, aju-

dadas sempre da chronologia dos tempos, e annaes ecclesiasticos.

Menos de um anno depois da resurreição de Christo, que foi no vinte e cinco de seu nascimento, e no dezenove do imperador Tiberio, por occasião dos milagres dos apostolos, principalmente S. Pedro e S. João, com que muitos milhares se convertiam, e das disputas e victorias de Santo Estevão contra as synagogas dos Libertinos, Serinenses, Alexandrinos, e outros sectarios, se levantou em Jerusalem tal perseguição contra os christãos, que todos, exceptos os apostolos, sairam daquella cidade e se passaram ás provincias de Judéa e Samaria, e dellas não se dando por seguros, a outras mais remotas e estranhas; uns por conselho dos mesmos apostolos, que sabiam quanto importa amainar as vélas na furia da tempestade; outros por violencia dos principes dos sacerdotes, cujo odio mais principalmente se estimulava contra os antigos devotos, e amigos de Christo. Entre estes foram mettidos em uma barca sem vela nem remo os tres irmãos tão celebres no amor do mesmo Senhor, Maria Magdalena, Martha e Lazaro, e juntamente com Marcella, a que disse: *Beatus venter*, (Luc. XI. — 17) e José que serviu com o seu sepulchro. D'onde se faz muito provavel, que a Senhora lembrada do meio que Deus tomára para livrar a seu Filho das mãos de Herodes, cujo Filho do mesmo nome então reinava em Judéa, se retiraria tambem com outros desterrados; e ajuda não pouco a esta conjectura o sepulchro de Maria Salomé, mãe de S. João, que hoje se venera em Italia na cidade de Véroli, com tradição continuada desde aquelle tempo, de que fugindo desta mesma perseguição, fôra para aquella terra onde acabára a vida; e sendo sua a mesma casa, onde juntamente com ella vivia a Senhora, verosimel é que ambas se retirassem, e que desse conselho fosse o Filho de ambas, S. João. Mas quando não tenha succedido assim, e a Virgem Santissima ficasse em Jerusalem, quem haverá, que se persuada da sua mais que humana prudencia e caridade, que em tempos tão perigosos para a igreja que então nascia, se puzesse todos os dias nas ruas e praças mais publicas de Jerusalem, e desde o

pretorio onde Pilatos disse: *Ecce Homo*, como se dissesse tambem: *Eis-aqui sua Mãe*, lhe fosse contando e seguindo os pasaté ao monte Calvario?

Ambos estes argumentos se apertam mais com o que S. Paulo escreve de si, e S. Lucas delle. Diz de si S. Paulo, que era tão grande inimigo dos christãos, que os perseguia até á morte, prendendo quantos podia descubrir, homens e mulheres, para os levar em ferros a Jerusalem. onde fossem castigados: *Hanc viam persecutus sum usque ad mortem, alligans et tradens in custodias, viros, ac mulieres, ut adducerem inde vinctos in Hyerusalem, ut punirentur.* (Act. II. — 4 e 5) Onde nota S. Chrisostomo, que a razão, ou a maldade de Saulo não querer que os réos que elle prendia, fossem castigados em Damasco ou em outras cidades, e por outros ministros senão em Jerusalem, e pelos principes dos sacerdotes, era o conhecimento que tinha do seu maior odio, crueldade e raiva, a qual se não fartaria com menos, que com tirar a vida a todos os christãos, assim como a tinham tirado a Christo, e por isso confessava, que os perseguira até á morte. Isto é o que diz S. Paulo de si. O que diz S. Lucas delle, ainda tem maiores circumstancias. *Saulus autem devastabat ecclesiam per domos intrans, et trahens viros, ac mulieres tradebat in costodiam.* (Act. VIII — 3.) Não só diz, que perseguia Saulo a egreja, senão que a devastava, palavra que mais significa o poder e assolação de um exercito, que tudo mette a fogo e a sangue, que o furor e furia de um homem; o qual era tão audaz, e excessivo, que sem respeito a qualidade nem a sexo entrava por todas as casas, e della tirava prezos homens e mulheres. O termo de que usa o original grego, ainda explica mais; porque quer dizer *domesticatim*, ou *per singulas domos*: Isto é, que corria, entrava, e esquadrinhava uma por uma todas as casas de Jerusalem, sem perdoar a nenhuma. Veja-se agora, se lhe escaparia a casa de Maria Salomé, ou de S. João, a qual por todos os titulos era á mais indiciada ou suspeitosa; e como poderia a Senhorá, que morava nella, salvar-se deste incendio universal, senão passando-se, como Loth, a outra Segor, sem parar nem voltar os olhos a Jerusalem. Tinha para isso o conse-

lho de seu Filho, o qual disse: *Cum autem persequenter vos in civitate ista, fugite in aliam.* (Matth. X. — 23.) E tinha não só um, mas muitos exemplos do mesmo Senhor, que em similhantes perigos se retirou para os desertos de Efrem, para Cesarea de Filippe, e para outros logares, ou secretos e escondidos, ou fóra da jurisdicção de Jerusalem, em quanto não chegava a sua hora. E como lhe constava á Senhora, que seu Filho a tinha já canonisado por martyr nos tormentos do pé da cruz, e não queria que padecesse outro martyrio violento, em que as mãos sacrilegas dos homens se atrevessem ao decoro de sua Pessoa, quem póde duvidar que nesta occasião, em quanto durava a força da tempestade, se recolhesse a algum porto mais seguro? E se isto é o que dicta e persuade com demonstração a prudencia em que juiso póde caber, que neste mesmo tempo, em que não havia homem nem mulher que dentro em casa escapasse, a Senhora todos os dias saisse da sua casa publicamente, e fosse a andar a Via Sacra? Os termos com que fallava S. Paulo, e os poderes das suas provisões contra os que seguiam a Christo, era prender os homens e mulheres de via: *Siquis invenisset hujus viæ viros, ac mulieres;* (Act IX — 2.) e é coisa não só estranha, mas ridicula, que sobre esta via accrescentasse a Senhora então outra via, e sobre tão manifesto perigo, outro mais manifesto, qual era o da Via Sacra.

No anno 39 de Christo o primeiro do imperador Caligula, e os tres annos depois da conversão de S. Paulo, veio a Jerusalem o mesmo apostolo para ver a S. Pedro, como elle refere no capitulo primeiro da epistola aos de Galacia, e diz que não viu então em Jerusalem onde se deteve quinze dias, outro apostolo mais que a Pedro, e a Jacobo irmão do Senhor, que no estilo de fallar dos hebreus é o mesmo que primo: *Post tres annos veni Hierosolymam videre Petrum, et mansi apud eum diebus quiudecim. Alium autem apostolorum vidi neminem, nisi Jacobum fratrem Domini** . D'onde se colhe que tambem neste tempo não estava a Senhora em Jerusalem; porque se alli estivera, assim como S.

* Ad Galat I. — 18 e 19.

Paulo diz que vira o irmão do Senhor, com muito maior razão diria que vira a Mãe do Senhor, nem deixaria de fazer muito honorifica menção, e gloriar-se muito desta soberana vista. O fim de ir ver Paulo a S. Pedro, não foi para o conhecer pelas feições do rosto, sobre as quaes neste logar faz uma elegantissima descripção S. Jeronymo; mas foi Paulo, diz o santo, ver a Pedro com a mesma tenção com que nós hoje lemos a Paulo, isto é, para o consultar: *Nec puto apostolicæ fuisse gravitatis, aliquid humanum in Petro voluerit aspicere. His oculis Paulus vidit Cepham, quibus nunc à prudentibus, quibusque Paulus ipse conspicitur.* E se Paulo em Jerusalem consultava a S. Pedro, quem duvida que tambem havia de consultar o Oraculo da Virgem Maria, se alli estivera? Assim refere Lucio Dextro, contemporaneo de S. Jeronymo, no seu Chronico dedicado ao mesmo Santo, que o apostolo S. Tiago, tornando de Hespanha, e tendo prégado de caminho em França, Bretanha, e Veneza, foi d'alli a Jerusalem a consultar sobre materias gravissimas a Virgem Maria, e a S. Pedro: *Ex Hespania rediens Jacobus Galliam invisit, et Britaniam, et Venetiarum oppida, ubi prædicat, et Hierosolymam revertitur de gravissimis rebus consultaturus Beatam Virginem, et Petrum.* Não estava logo em Jerusalem a Senhora no anno 39 de Christo, em que lá foi S. Paulo.

Todos os que com S. Bernardo, Carthusiano, e outros teem por legitimas as cartas de Santo Ignacio martyr, terceiro bispo de Antiochia depois de S. Pedro, que andam impressas no primeiro tomo da Bibliotheca dos padres antigos, duas dellas para a Virgem Santissima com nome de Maria de Jesus, e uma da Senhora em resposta ao mesmo Santo bispo, todos, digo, os que receberam estas cartas, tambem estão obrigados a crer, que saiu a Virgem de Jerusalem naquelle tempo, e que passou a Antiochia a visitar os christãos daquella insigne egreja, onde primeiro que em Roma teve a sua cadeira o vigario de Christo, e onde se começaram a chamar christãos, os que até então se chamavam discipulos. A carta da Senhora é a seguinte: *Ignatio dilecto Discipulo humilis ancilla Christi Jesu. Quæ à Joanne audisti, et didicisti, vera sunt, illa credas, et illis inhæreas, et*

christianitatis votum firmiter teneas, et mores et vitam voto conformes. Veniam autem cum Joanne te, et qui tecum sunt visura: sta in fide viriliter age, nec te commoveat persecutionis austeritas, sed valeat ut exultet spiritus tuus in Deo salutari tuo. Amen. A Ignacio, amado discipulo, a humilde escrava do Senhor. Todas as coisas que ouvistes e apprendestes de João, são verdadeiras, estas haveis de crêr, e conservar firmemente a profissão do christianismo, que recebestes, conformando a vida e os costumes com a mesma profissão: eu em companhia de João irei a ver-vos, e a todos os que estão comvosco: persevere na fé, obrae varonilmente e não vos mova a austeridade da perseguição; mas prevaleça, e se alegre vosso espirito em Deus vosso Salvador. Amen. Até aqui a carta e a promessa de a Virgem Santissima passar a Antiochia, que não podia faltar, assim como o prometteu.

Mas porque graves auctores duvidam com bons fundamentos da legimidade desta carta, deixando a viagem de Antiochia em opinião, é certo e sem duvida, que a Senhora em companhia de S. João passou a Epheso, cidade Metropoli da Asia Menor, onde alguns querem que por virtude da verdadeirar Rainha do ceu fosse derribado o famosissimo templo de Diana Ephesina, chamada da gentilidade, como consta da escriptura, *regina cœli.* Desta jornada faz expressa menção o já citado Lucio Dextro, dizendo no anno de Christo 41: *Eodem anno Joannes Theologus, comitante Beata Virgine, Ephesum proficiscitur.* Mas a auctoridade irrefragavel, e que tira toda a duvida, é o testimunho do concilio ephesino, o qual na Epistola Synodal ao clero de Constantinopla diz assim no capitulo sexto: *Nœstorius impiæ hœreseos instaurator in Ephesiorum civitate, quam Joannes Theologus, et Sacra Virgo Deipara, quandoque incoluerunt, consistutus à Sanctorum Patrum, et episcoporum cœtu ultro seipsum abalienavit.* Nas quaes palavras affirma o sagrado concilio, que a Virgem Mãe de Deus, e S. João Evangelista viveram na cidade de Epheso, exaggerando o crime da heresia de Nestorio, com a circumstancia de se ter apartado da união da egreja na mesma cidade em que S. João a tinha fundado com sua doutrina,

e a mesma Mãe de Deus santificado com sua presença. Quanto tempo alli a Senhora se detivesse, não se sabe ao certo, posto que não podia ser breve, sendo a Asia Menor a sorte do apostolado de S. João, debaixo de cujo governo e direcção estava o bispo da mesma cidade de Epheso, o primeiro dos sete a quem S. João escreveu em nome de Christo as sete epistolas dictadas pelo Espirito Santo, no segundo e terceiro capitulo do seu Apocalyse. Mas para evidencia do nosso intento basta constar, que a Senhora em todo o resto de sua vida, depois da morte e sepultura de seu Filho, não esteve sempre em Jerusalem para continuar como se suppõe, a Via Sacra do pretorio ao Calvario, pois fez esta larga ausencia, e tantas outras, tão forçosas, como fica dito.

CAPITULO XI.

Prova-se com razões geraes, que ainda quando a Virgem Maria estava em Jerusalem, não continuou sempre, nem devia continuar a Via Sacra.

O assumpto deste capitulo fica demonstrado por partes no discurso de todos os precedentes : agora o provaremos em geral com razões totalmente intrinsecas á Pessoa e á materia, sem dependencias dos accidentes do tempo, em que muitas das referidas se fundaram. Digo, pois, que ainda que a Virgem Maria residira pacificamente por todo o resto na sua vida da cidade de Jerusalem, ou em outra notavel do mundo, nem á modestia, e decoro pessoal da mesma Virgem, nem ao exemplo que devia dar, e deixar a Bemdita entre as mulheres a todas as do mesmo sexo convinha, nem era decente, que todos os dias saisse, e fosse vista em publico a continuar a Via Sacra!!!!!!!!!!!!!*.

* Deste erudito parecer não se encontrou o restante entre os papeis de Vieira, segundo affirma André de Barros no tomo 2º. das *Vozes Saudosas*, onde primeiro se imprimiu.

PIXIS, SEU CORTEX EUCHARISTICUS.

PYXIDEM EUCHARISTICAM E SUBERIS, CORTICE MIRO ARTIFICIO FABREFACTAM, ET SCULPTURÆ ARTIS LEGIBUS INGENIOSISSIME INVENTAM, CONDITAMQUE A PATRE SEBASTIANO DE NOVAES SOCIETATIS JESU, CANEBAT, MODULATISSIME, MERUM FUNDENS AB ORE MELOS, P. ANTONIUS VIEIRA, UT IN DIVINIS, SIC IN HUMANIORIBUS LITTERIS APPRIME EXCULTUS.

Quo me musa rapit? longumq relictus Appollo
Extinctos iterum, juvenes, quos lusimus, ignes,
Frigentemque ætate, jubet recalescere flammam?
Corticis est quæ forma senem pulcherrima vatem
Concipere Aonios effæta mente furores,
Suspensamque lyram, fractumque resumere plectrum
Cogit, et oblitos reminisci carmine fontes.
Corticis est non ficta cano; vos lumina testes,
Vosque manus, tentastis enim, nec lusit imago.
Corticis est. Oh quanta sacer miracula cortex
Et tegit, et prodit, certantque patentia tectis!
Mysteri jam clara: fides si talia cerno
Mortalem fecisse artem, quid credere dignum est
Divinas potuisse manus? De cortice pyxis,
(Nomine maius opus, solique æquabile tanti
Ingenio artificis) de cortice fabrica surgit,
Quam non Vulcanus ferro, non Dedalus auro,
Marmore Praxiteles, nec pluma auderet Appelles.
Fundamenta locat cortex, de cortice membra
Assurgunt, cortex calycem, cortexque columnas
Erigit, excelsos cortex sinuatur in arcus;
Cortice pyramides crescunt, fastigia cortex
Culminat, angelici spirant in cortice vultus:
Cortice poma tument, nascuntur cortice flores,
Pallentes flores omnes, sed forma colorem

Distinguit, variatque, ac puro cortice pingit.
Quid mirum? Et molles radiant è cortice gemmæ,
Corticeæque inter volucres vivuntque, volantque,
Fusaque non liquido crepitacula cortice pendent;
Muta silent, at muta tamen tinnire videntur:
Adderet ars sonitum, jussum est ex arte silere,
Præsentem confessa Deum. Stat cortice firmo
Ara sacro subjecta oneri, quam textilis extra
Circumdat bombix, et divite cortice vestit
Arte laboratus Phrygiæ. De cortice supra
Candelabra putes duro tornata metallo,
Hinc, atque hinc longis funalibus alta coruscant,
Sustentantque faces, ardet sine lumine cortex.
Cera fluit, guttæque hærent, et flammea sursum
Linguá tremit, cineresque cadunt, fumique vaporant
Indemni flamma: ignis erat, si flamma noceret.
Intertexta novo discurrens fascia ludo
Totum serpit opus, seu vivi corticis anguis:
Hic latet, hic exit, certoque errore meantes
Implicat, ac solvit nodos, quos plurima cudit
Littera, et arcanos aperit doctissima sensus,
Corticeamque animat molem, redditque loquentem.
Ipsa caput tollens camerato cortice sistit,
Dimidiumque cavo cœlum de cortice pandit,
Convexoque tholo claudit. Supereminet alto
Vertiee crux triplice clavo, tituloque trilingui,
Et terno pendentis adhuc torrente cruoris,
Stypiteque intonso, nodisque simillima veræ,
Ac sola livitate minor. Stat plena doloris
Hinc mater, matrisque novus stat filius inde,
Et cortex in utroque gemit. Quo tenderet ultra
Non habuit suspensa manus. Stetit hic opus, hic ars:
Ars operi finem imponens, finemque opus arti.
Mirantur totam, mirantur lumina partes,
Et molem sine mole stupent; nam machina tanta
Se minor, et maior (dictu mirabile) tota
Cogitur in cubitum: dubitet ne cæca fateri
Relligio immensum, parvo qui clauditur orbe,
Non visumque Deum visa de pyxide credat.
Sic tenues olim telas ducebat Arachne,
Discernens digito (si vera est fama) sagaci,
Quæ fugerent oculos, formas visæque negarent
Posse videri. Illic ingentes stamine parvo
Cernere erat muros, urbes, montesque gigantesque,
Et maria, et terras vastissima corpora mundi.

Ac mundum late totum, non mole minorem,
Sed magnum, æqualemque sui, nubesque volantes
Desuper, atque altas claudentia sydera nubes,
Nec premitur natura loco, se tota, suasque
Agnoscit partes, spatiisque extenditur æquis.
Hoc opus, hos ausus, quos est mentita vetustas,
Hic novitas manifesta probat: fit fabula verax,
Non tenui filo verax, sed cortice crasso,
Materiaque rudi: tanta est in cuspide virtus,
Subtilique manu ludentis gratia caeli;
Materiam non vincit opus, sed crescit ab illa.
Sic manus omnipotens, quae caeli ex fragmine solem
Condiderat, de limo hominem formavit, ut ipse
Ultima fama suae foret, et labor ultimus artis.
Ergo age magne Deus, qui parvo magnus in orbe es,
Teque fores maior, si posses crescere; sedem
Gaude implere datam, soliumque ascendem verendum.
Non ferit haec oculos radiantibus aula columnis,
Clara micante auro, flammas ve imitante pyropo,
Sed stupor, e pallor veneranda palatia vestit;
Nimirum decet haec obscurum regia solem.
Corticeam ne sperne domum, concede renatum
Excipiant, quales natum excepere penates.
Est panis domus ista tui. Praesepe tegebat
Arcebatque nives cortex, sub cortice prima
Ubera suxiste, et fletu maducre recenti
Corticeae tabulae, tanti cunabula regis.
Vellere sub niveo pastorem te esse memento,
Cerne tuas, qui pascis, oves, et sanguine signas.
Gaude habitare humilem (et fastas damnabis ubique)
Pastoris de more casam: sub cortice pastor
Defendit, tolerat que hyemes, de cortice tonsim,
Lacque bibit, cortex pastorum est tota supellex.
Vosque animae generosa cohors, quas lampade caeca
Alma fides praeit, et mentem, sensusque sequentes
Voce catenatos obscuras sistit ad aras,
Dulcis ubi fine fraude dolus, sine corpore candor
Attonitos idem gustatus ludit, et idem
Non gustatus alit, vos certe numine plenum,
Corticem adorate, atque novis accumbite mensis:
Grandia in exiguo convivia cortice claudit.
Sacramentum ingens: panisque, caroque, Deusque
(Quae tria divinae sunt omnia fercula mensae)
Omnia sub triplici velantur tegmine, nam sub
Pane caro, sub carne Deus, sub cortice panis

Mecta, obtecta latent: vocat ad convivia cortex:
Cortex nutrit apes, et apes ad dulcia castas
Tecta vocat cortex. Huc crebro examine mentes
Instigate pias, circumque volate frequentes.
Cessate exsuccos rores de flore caduco
Sugere, clausa liquant alium haec alvearia florem
Et fragrant meliore thymo. Vos sugite mella,
Vos haurite favos, vobis hæc claustra redundant:
Non raræ hic sterili sudant de cortice guttae,
Melle fluit cortex, corrunt de cortices fontes,
Æterni fontes, et méllea flumina manant.
Huc avida properate siti, sitit ipse sitim fons,
Hauririque ardet, ceu turgeat ubere mater.
Nocte, dieque pate, nec janua clauditur ulli;
Quod si, quas posuit sola hic reverentia, valvas
Cardine contigat revoluto cernere clausas,
Horresce, o quisquis, pallensque, atque ore trementi
Incisum (sic mandat amor) lege cortice carmen.
Siste gradum infelix, latet hic mors: non ego mensam.
Mens tua mutavit factum est ex melle venenum.

LAGRIMAS DE HERACLITO

DEFENDIDAS EM ROMA PELO PADRE ANTONIO VIEIRA CONTRA O RISO DE DEMOCRITO*.

Em seu logar appareceu o pranto porque segue, e vem depois do riso. Se fosse o riso como Jano, *qui sua terga videt*, choraria o mesmo riso. Não desconfia o pranto, não, da sua causa, inveja só ao riso a sua fortuna. Se o pranto e o riso apparecessem neste grande theatro no traje da verdade (sempre nua), sem duvida seria a victoria do pranto. Mas vestido ornado, e armado de uma tão superior eloquencia, que o riso se ria do pranto, não é merecimento, foi sorte. De tudo quanto ri saiu vestido,

* Na academia que havia em Roma, e no palacio da serenissima rainha de Suecia Christina Alexandra, com a assistencia de muitos cardeaes; e monsenhores, se propoz um problema no anno de 1674. cujo argumento foi este: Se o mundo era mais digno de riso, ou de lagrimas: e qual dos dois gentios andára mais prudente, se Democrito, que ria sempre; ou Heraclito, que sempre chorava. E encarregando-se estes dois pontos aos padres Antonio Vieira, e Jeronymo Cataneo, ambos da companhia de Jesus, para cada um defender a parte que escolhesse, deu o padre Antonio Vieira a eleição ao padre Cataneo, o qual tomou para si o riso de Democrito, e ficando ao Padre Vieira a causa das lagrimas de Heraclito, a defendeu engenhosa e elegantemente em lingua italiana, que depois se traduziu na hespanhola, e agora na portugueza, tirada do original italiano por Dom Francisco Xavier José de Menezes, conde da Ericeira, do conselho de sua magestade, sargento general de batalha dos seus exercitos, e deputado da junta dos tres estados.

(Nota do P. André de Barros.)

ornado, e armado o riso: riem-se os prados, e saiu vestido de flores: ri-se a aurora, e saiu ornado de luzes; e se aos relampagos e raios chamou a antiguidade *Risus Vestæ et Vulcani*, entre tantos relampagos, trovões, e raios de eloquencia, quem não julgará ao miseravel pranto, cego, attonito, e fulminado? Tal é a fortuna, ou a natureza destes dous contrarios. Por isso nasce o riso na boca, como eloquente; o pranto nos olhos, como mudo. Mas se *interdum lacrymæ pondera vocis habent*; assim mudo, e com lagrimas, assim triste e vestido de luto (como costumavam os réos no senado da antiga Roma) se apresenta hoje o pranto diante da magestade do solio real, e tribunal rectissimo dos seus eminentissimo juizes, não presumindo que ha de alcançar victoria ou applauso, mas esperando a piedade e commiseração, que nunca negaram aos miseraveis e afflictos, os espiritos generosos e magnanimos.

Entrando pois na questão, se o mundo é mais digno de riso ou de pranto, e se á vista do mesmo mundo tem mais razão quem ri como ria Democrito, ou quem chora, como chorava Heraclito, eu para defender, como sou obrigado, a parte do pranto, confessarei uma coisa, e direi outra. Confesso que a primeira propriedade do racional é orisivel; e digo, que a maior e impropriedade da razão é o riso. O riso é o signal do racional, o pranto é o uso da razão. Para confirmação desta que julgo evidencia, não quero mais prova que o mesmo mundo, nem menor prova que o mundo todo. Quem conhece verdadeiramente o mundo, precisamente ha de chorar; e quem ri ou não chora, não o conhece.

Que é este mundo, senão um mappa universal de miserias, de trabalhos, de perigos, de desgraças de mortes? E á vista de um theatro immenso, tão tragico, tão funesto, tão lamentavel, aonde cada reino, cada cidade, e cada casa continuamente mudam a scena, aonde cada sol que nasce é um cometa, cada dia que passa um estrago, cada hora e cada instante mil infortunios; que homem haverá (se acaso é homem) que não chore? Se não chora mostra, que não e racional; e se ri, mostra, que tambem são risiveis ás féras.

Mas se Democrito era um homem tão grande entre os homens, e um philosopho tão sabio, e se não só via este mundo, mas tantos mundos, como ria? Poderá dizer-se que ella ria, não deste nosso mundo, mas daquelles seus mundos.

E com razão; porque a materia de que eram compostos os seus mundos imaginados, toda era de riso. E' certo, porém, que elle ria neste mundo, e que se ria deste mundo. Como pois se ria, ou poderia rir-se Democrito do mesmo mundo, e das mesmas coisas que via e chorava Heraclito? A mim, senhores, me parece que Democrito não ria, mas que Democrito e Heraclito ambos choravam, cada um ao seu modo. . . . .

Que Democrito não risse eu o provo. Democrito ria sempre; logo nunca ria. A consequencia parece difficil, e é evidente. O riso, como dizem todos os philosophos, nasce da novidade e da admiração, e cessando a novidade ou a admiração, cessa tambem o riso; e como Democrito se ria dos ordinarios desconcertos do mundo, e o que é ordinario e se vê sempre, não póde causar admiração, nem novidade, segue-se que nunca ria, rindo sempre, pois não havia materia que lhe motivasse o riso.

Nem se póde dizer que Democrito se incitava a rir e dalguma coisa que visse, ou encontrasse de novo; porque sempre, e em todo o logar ria, e quando saia de casa, já saia rindo; logo ria do que já sabia, logo ria sem novidade, nem admiração, logo o que nelle parecia riso não era riso.

Confirma-se mais esta verdade com o motivo, e intenção de Democrito, porque não póde haver riso, que se não origine de causa que agrade; tudo o de que Democrito se ria, não só lhe desagradava muito, mas queria mostrar que lhe desagradava; logo não se ria, e se não se ria que era o que fazia, a que todos chamavam riso? Já disse que era pranto, e que Democrito chorava, mas por outro modo. Ora vede:

Ha chorar com lagrimas, e chorar com riso: chorar com lagrimas é signal de dôr moderada; chorar sem lagrimas é signal de maior dôr; e chorar com riso é signal de dôr summa e excessiva. Para prova da primeira e segunda differença de

chorar com lagrimas, ou sem ellas, é notavel o exemplo que refere Herodoto de Psamnito rei do Egypto.

Perdendo Psamnito o reino viu em primeiro logar suas filhas vestidas como escravas, e não chorou; viu depois seu filho primogenito descalço, e carregado de ferros, com as mãos atadas, e um freio na bocca, e não chorou; vendo este mesmo Psamnito, e com o mesmo coração, que um seu antigo criado pedia esmola, derramou infinitas lagrimas. Oh grande rei, e grande interprete da natureza! Chora com lagrimas a miseria do criado, e sem lagrimas a desgraça dos filhos; assim respondeu elle á pergunta de Cambises: *Domestica mala graviora sunt, quam ut lacrymas recipiant.* Com o mesmo pensamento, não menos regio, nem menos veronil, Hecuba, com a coroa perdida, e a patria abrazada, prohibiu as lagrimas ás damas de Troya, dizendo-lhes assim:

Quid effuso genas fletu rigatis?
Levia per pessæ sumus, si flenda patimur.
(Sen. in Trag.)

A dôr moderada solta as lagrimas, a grande as enxuga, as congela, e as seca. Dor que póde sair pelos olhos não é grande dor; por isso não chorava Democrito; e como era pequena demonstração da sua dor não só chorar com lagrimas, mas ainda sem ellas, para declarar-se com o signal maior, sempre se ria.

Nada digo que seja contrario aos principios da verdadeira philosophia, e da experiencia. A mesma coisa quando é moderada, e quando é excessiva produz effeitos contrarios; a luz moderada faz ver; a excessiva faz cegar; a dor, que não é excessiva, rompe em vozes, a excessiva emmudece. Desta sorte a tristeza, se é moderada, faz chorar; se é excessiva, póde fazer rir; no seu contrario temos o exemplo: a alegria excessiva faz chorar, e não só destilla as lagrimas dos corações delicados e brandos, mas ainda dos fortes e duros. Quando Minucio livre do captiveiro appareceu ao seu exercito que era o romano: *In lætitiam tota castra effusa sunt, ut præ gaudio militibus omnibus lacrymæ manarent,* diz

diz Plutarco. (Plutarc. in Fab.) Pois se a excessiva alegria é causa do pranto, a excessiva tristeza por que não será causa do riso? A ironia tem contraria significação do que sôa: o riso de Democrito era ironia do pranto; ria, mas ironicamente, porque o seu riso era nascido de tristeza, e tambem a significava; eram lagrimas transformadas em riso por metamorphoeis da dor; era riso, mas com lagrimas, como aquelle de quem disse Estacio:

Lacrymosos impia risus audiit.

Na guerra morrem muitos soldados rindo; e a razão é, diz Aristoteles, porque são feridos no diafragma. Não ria Democrito, como contente, ria como ferido, recebia dentro do peito todos os golpes do mundo, e tão mal ferido ria.

Os olhos com injustiça se poderão queixar desta minha philosophia: o pranto chamava-se assim, porque se batiam as mãos uma com a outra, quando se chorava; porque para chorar não são precisos os olhos, e não seria próvida a natureza, se havendo sido a origem de tantos pezares, lhes désse um só desafogo: e se choram as mãos, a bocca por que não ha de chorar? Heraclito chorava com os olhos, Democrito chorava com a bocca; o pranto dos olhos é mais fino, o da bocca é mais mordaz; e este era o pranto de Democrito. De sorte que na minha consideração não só Heraclito, mas Democrito chorava, só com a differença, de que o pranto de Heraclito era mais natural, o pranto de Democrito mais exquisito; e tudo merece este mundo, digno de novos e exquisitos prantos, para ser bastantemente chorado.

Mas porque esta minha supposição me separa do problema, e póde parecer que, como muitas vezes succede, me aparta da opinião commum para fugir da difficuldade; seja embora o riso de Democrito verdadeiro, e proprio riso; appareçam em juiso um e outro philosopho, para que, ouvidos ambos, se veja claramente cada um, e confio do merecimento da causa que será tão justa a da razão esentença, que Democrito sáia chorando, e Heraclito rindo.

Seneca no livro *de Tranquilitati*, fallando destes dois philosophos dá a razão, por que sempre ria um, e chorava outro, com

estas judiciosas palavras: *Hic, quoties in publicum processerat, flebat, ille ridebat: huic omnia, quæ agimus, miseriæ, illi ineptiæ videbantur.* Democrito ria porque todas as coisas humanas lhe pareciam ignorancias; Heraclito chorava, porque todas lhe pareciam miserias: logo maior razão tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; porque neste mundo ha muitas miserias, que não são ignorancias, e não ha ignorancia, que não seja em-seria.

As miserias e os trabalhos que padecem os mortaes, ou por obrigação da natureza, ou por sustento da vida, ou por conservação do estado particular e publico, são miserias, mas não são ignorancias, porque as governa a prudencia, por necessidade, por conveniencia, por honra, e por decoro.

Pelo contrario, todas as ignorancias que se commettem no mundo, as que se fazem, as que se dizem, as que se cuidam, todas são miserias, porque todas se commettem ou por erro do intendimento ou por desordem da vontade; e este erro, e esta desordem, não só é miseria; mas a maior miseria, porque direitamente se oppõe á luz e ao imperio da razão, na qual consiste toda a nobreza e felicidade do homem. Aquellas miserias causam ao homem dores e trabalhos, estas o fazem verdadeiramente miseravel e infeliz; e supposto que umas e outras sejam dignas de lagrimas, e as lagrimas das ignorancias são lagrimas de peior cor; estas fazem córar o rosto, aquellas não. Foi esta distincção achada com alta philosophia pelo engenho de Ovidio nas lagrimas de Penteu.

Essemus miseri sine crimine, sorsque querenda,
Non celanda foret: lacrimæque pudore carerent
(Met. lib. 3.)

E como nem todas as miserias são ignorancias, e todas as ignorancias são miserias, e as maiores miserias, muito maior materia e muito maior razão tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; antes digo que só Heraclito tinha toda a razão, e Democrito nenhuma. Todas as miserias humanas eram o assumpto de He-

facilito, é o de Democrito só uma parte dellas; e como toda a miseria é causa da dor, e nenhuma dor póde ser causa do riso, o riso de Democrito não tinha causa nem motivo algum que o justificasse.

Póde ser que me responda algum metaphisico, que Democrito distinguia nas ignorancias, aquillo que é ignorancia, d'aquillo que é miseria; e que se ria das miserias, não como miserias, mas como ignorancias. Porém esta distincção de mais de ser indigna de um philosopho moral, é falsa e impossivel por ser contra a natureza e essencia do riso. O ridiculo ou o objecto do riso, como define Aristoteles: *Est turpe sine dolore*; é uma tal deformidade que exclue todo o motivo de dor; e como a ignorancia precisamente está sempre unida com o motivo da dor, que é a miseria, por isso nem é, nem póde ser materia do riso.

Esta é a verdadeira e solida razão, por que no juiso de todos os philosophos se inventou a comedia. Viram os sabios das republicas, que para desafogo, divertimento, e alegria dos povos, era necessaria alguma materia de riso; e porque o riso não podia nascer da deformidade, ou vicio verdadeiro pela união natural que tem com a dor; que fizeram? Inventaram sabiamente as ficções da comedia, para que o ridiculo da imitação, como supposto, e não verdadeiro, ficasse separado da dor. Hum aleijado com um pé de pau, uma velha decrepita e tremula, um pobre remendado e enfermo, um cego e um frenetico, um insensato no theatro fazem rir; e porque? Porque aquelles defeitos são suppostos, e não verdadeiros, que se fossem verdadeiros, seriam motivo de commiseração, e não de riso; e como os defeitos e vicios de que ria Democrito, eram verdadeiros defeitos e verdadeiros vicios, não tinha o seu riso algum motivo: mas se não tinha motivo como ria? Ria-se por abuso intoleravel do motivo opposto, collocando o riso sob o motivo do pranto; ria-se das verdadeiras miserias, e do verdadeiro motivo da dor: philosophia inhumana e contraria a toda a razão, e praticada unicamente na escóla da inveja, da qual diz o poeta:

Risus abest, nisi quem visi movere dolores.
(Metam.)

E se o fim destes dois philosophos (como verdadeiramente era foi manifestar ao mundo o desconcerto do seu estado, e persuadir aos homens o erro dos seus juisos, a desordem dos seus desejo e a vaidade das suas fadigas; tambem para este fim tinha muito maior razão Heraclito de chorar que Democrito de rir.

A primeira introducção e disposição de quem quer persuadir, ensinada e usada de todos os oradores, é conciliar a benevolencia do theatro; esta concilieva Heraclito, e não Democrito; porque quem chora lastima, e quem ri despreza; e a compaixão concilia amor, o desprezo odio e aborrecimento, quem ri exaspera; quem chora internece; e quem quer imprimir os seus affectos, e a sua doutrina nos corações, não deve endurecel-os, deve abrandal-os. O agricultor para colher os fructos, rega as plantas: o impressor para imprimir as letras, molha o papel, e assim o deve fazer com as lagrimas, quem quer imprimir os seus affectos, e colher o fructo das suas persuasões.

Ulysses naquella sua famosa oração contra Ayace na contenda das armas de Achilles, podendo fiar-se tanto da sua copiosa eloquencia, adornou o seu exordio com lagrimas; e porque não as tinha verdadeiras, chorava-as fingidas:

Manuque simul veluti lacrymantia tersit
Lumina.

Não de outra sorte devia fazer Democrito, ainda que fosse contra o jocoso do seu genio. Devia aproveitar-se da bocca, não para rir, mas para humedecer os olhos e fingir as lagrimas; assim o ensina com a sua natural agudeza aquelle mestre que professou em Roma a arte de conciliar o amor, e de abrandar os corações:

Si lacrymæ (neque enim veniunt in tempore semper)
Deficiant, uncta lumina tinge manu.

Quanto á força, e efficacia de persuadir, muito mais fortemente apertava e persuadia Heraclito chorando, que Democrito

rindo; porque quem ri, attenua e allivia os males; quem chora, os cresecnta e faz mais sensiveis e pesados; quem ri, mostra que são dignos de zombaria; quem chora, prova que são dignos de lastima; quem ri por exemplo, e por simpathia, move a rir; quem chora por exemplo, e com rasão, ensina a chorar; porque se os meus males são taes, que movem a continuas lagrimas nos outros, quanto mais os devo eu chorar, pois os padeço?

Finalmente, Democrito ria sempre; e Heraclito sempre chorava; e este *sempre* tambem era por parte de Heraclito, e contra Democrito: por parte de Heraclito; porque ser o seu pranto continuo o fazia mais efficaz: contra Democrito; porque o seu riso continuo o fazia ridiculo. Não é minha a censura, nem é nova, mas apotegma antiquissimo do philosopho Plistarco. O riso, dizia elle, se é pouco, passa; se é muito, offende. Cicero, como se vê nas suas orações, respondia muitas vezes rindo aos argumentos da parte contraria, que é solução muito facil, quando os argumentos são difficeis: mas que louvores deram a Cicero deste seu riso? (Brus. lib. 5) Disse-o Plutarco. Sendo Cicéro consul, e defendendo Murena, riu muito, como costumava, da doutrina dos Estoicos, e não podendo sofrel-o Catão, lhe disse publicamente: *Dei boni, quam ridiculum habemus consulem!* (Plutarc: relatus ibidem) Com muita mais causa Democrito, porque ria sempre, se fazia ridiculo, e zombando do juiso dos outros, expunha o seu á zombaria.

Os meninos riem-se muito facilmente, e os doidos sempre se riem: e diz Aristoteles que os meninos se riem porque teem pouco sizo; e os loucos, porque de tôdo o não teem; e creio verdadeiramente, que não faço grande offensa a Democrito; por que um homem, que de um mundo via muitos mundos, era signal que tinha perturbadas as especies, e enferma a phantasia; e quem se havia de mover a um tal riso?

Não assim o pranto de Heraclito, que por ser continuo, se fazia mais forte, e efficaz: *Lacryma citò siccatur, præsertim in alienis malis*, diz Tullio. (Cicer. de Partit. 31. E sendo o pranto de Heraclito pelos males alheios, sem que nunca se se-

casseem as suas lagrimas; que coração haveria tão duro, e obstinado, que se não abrandasse e rendesse a um tal pranto? Eram as lagrimas de Heraclito, como a agua, que caindo pouco a pouco, vae limando suavemente os marmores, e emfim os rompe. Não digo eu somente os marmores:

Lacrymis adamanta movebis,

diz atrevida, mas verdadeiramente Ovidio. As lagrimas, como lhe chamou o melhor philosopho da Grecia, são sangue da alma; e este (não é o outro fabuloso) é o que lavra os diamantes. O coração mais diamantino, como tantas vezes se queixava Agamenon, foi o de Achillis; e comtudo confiava e presumia Briscidi, que sem dizer uma só palavra (como fazia Heraclito) com as suas lagrimas somente o despedaçaria, e o desfaria em pó: assim o diz ella na discreta carta escripta ao mesmo Achilles:

Sis licet immitis, marisque ferociór undis,
Ut taceam lacrymis comminuere meis.
(Ovid. in. Ep. Bris. ad Achil.)

Tal era a efficacia invensivel do pranto de Heraclito, e tal a debilidade ridicula do riso de Democrito!

Não quero, comtudo, que seja minha a sentença entre estes dois philosophos; seja de outro philosopho, que os iguale em auctoridade, e sciencia. O grande philosopho Dion, como refére Estobeo, fallando do pranto e do riso; conclue assim; *Mihi sanè facies magis videtur ornari lacrymis, quàm risu: lacrymis enim ut plurimum bona aliqua doctrina conjungitur; risui verò lascivia, et flendo quidem nemo sibi conciliavit authorem contumeliæ, ridendo autem spem decoris auxit.* (Stob. Ser. 72). Esta é a sentença.

Mas deixando já o riso de Democritico affogado no pranto de Heraclito, para acabar o meu primeiro argumento, busco outra vez a prova universal do mundo. Que esperança, que logar póde ter neste mundo o riso, se todo o mundo chora e

ensina a chorar? Choram os homens como racionaes e sensitivos, e ainda as coisas sem razão, e sem sentido choram; estas são as lagrimas que o principe dos poetas chamou profundamente lagrimas de todas as coisas.

Sunt lacrymæ rerum, et mentem mortalia tangunt.
(Æneid. I.)

Não residem as lagrimas só nos olhos, que vêem os objectos, mas nos mesmos objectos que são vistos: alli está a fonte, aqui está o rio; alli nascem as lagrimas, aqui correm; e se as mesmas coisas que não vêem, choram, quanto mais razão tem o homem que vê, e se vê? Não quero o testimunho dos miseraveis, não, só quero o dos mais ditosos.

Quem ha neste mundo tão favorecido, ou tão divinisado pela sua fortuna, que possa presumir de não ter que chorar? Aquelles mesmos que mais riem por fóra, mais choram por dentro. Aqui tinhamos antigamente em Roma um cortezão chamado Héros, o qual chorava sempre, não tanto os males proprios, quanto os bens alheios, e diz assim Marcial:

Quàm multi faciant, quod Heros, sed lumine sicco!
Pars maior lacrymas videt, et intus habet.

Oh se este *intus* se visse! São as lagrimas como as aguas do rio Alfeo; este rio umas vezes caminha descoberto, outras se occulta por debaixo da terra, mas sempre corre: as lagrimas plebeas deixam-se ver; as lagrimas equestres, senatorias e consulares, são invisiveis, mas lagrimas. Das lagrimas que se derramaram nas exequias de Germanico, dizia Tacito: *Periisse Germanicum nulli jactantius mœrent, quam qui maxime lætantur.* O contrario é mais commum e mais verdadeiro: *Qui jactantius lætantur, maximè mœrent.* Mas quando ninguem chorasse, nem por fóra, nem por dentro; quando este mundo e todos os homens rissem, então todo o mundo e todos os homens seriam mais dignos de commiseração e de lagrimas: *Quid enim miserius misero, non miserente se ipsum?*

E se tudo isto não basta, senhores, para que a causa do pranto tenha merecido a seu favor os vossos votos. em nome do mesmo pranto appellarei eu da sentença para aquelle justissimo tribunal para quem apellou Apelles. Vencido Apelles em um concurso de pintores: *Appello* (disse) *ad tribunal naturæ*. E porque os animaes vivos se enganavam com os que elle havia pintado, e as aves com os frutos, a natureza fez a Apelles a justiça, que lhe tinham negado os homens; assim o faço eu, se não venceu o pranto: *apello ad tribunal naturæ.* Seja meu intreprete o historiador da mesma natureza. *Flens animal cæteris imperaturum à suppliciis vitam auspicatur, unam tantum ob culpam, quia natus est.* (*Plin. in Præf. lib.* 7.)Nasce o homem, diz Plinio, já chorando e; sem outra culpa mais que haver nascido, fica condemnado a perpetuo pranto; começa a vida, e o pranto juntamente, para que saiba que se vêm a este mundo vêm para chorar. O mais aprenderá depois, porque é arte; para o pranto nasce já ensinado porque é natureza: *Non aliud naturæ sponte quam flere.* Esta é a sentença irrefragavel da natureza dos mortaes: é o homem risivel, mas nascido para chorar; porque se a primeira propriedade do racional é o risivel, o exercicio proprio do mesmo racional, è o uso da razão é o pranto.

E se alguem me replicar, que se o homem não risse, ficaria ociosa a potencia do mesmo rir contra o fim da mesma natureza: a uma instancia tão forte não posso responder só como philosopho natural (como observei em todo este discurso), mas responderei como philosopho christão. Respondo e pergunto: Se o homem pela transgressão não tivesse perdido a felicidade em que foi creado, choraria ou não? É certo que nunca chorariam os homens se fossem conservados naquelle estado, e as lagrimas que agora ha, não as haveria então: logo se na felicidade daquelle tempo estaria ociosa a potencia do chorar, na miseria deste tempo esteja ociosa a potencia do rir, etc.

Reverendissimo Patri Fr. Aloysio de Sá, cisterciensis Familiae illustri ornamento, in sacra theologia doctori, et primario jam dudum magistro sapientissimo, academiae decano, ac sæpe sæpius vice-rectori emeretissimo, ad maiora in dies destinato.

RESCRIBIT ELEGIA.

Quam mihi misisti, pater ò clarissime, chartam,
Illa fuit verè congrua charta mihi.
Nam, quam ferre solet, mihi detulit illa salutem,
Nam mihi magna satis congrua dona tulit.
Forsitan, et pelagus quas nunc mihi ferre nequibit,
Fertilior pelago fert tua charta dapes.
Errat at in titulo, nam me vocat illa magistrum,
Discipulus vellem cùm magis esse tuus.
Ah! nimium titulo tua littera peccat eodem,
Quem dare debuerat littera nostra tibi.
Te semper populi primum agnovere magistrum,
Jamque alii, docuit quos tua lingua, docent.
Primariæ æquali cathedræ dominaris honore.
Doctaque quam doctos dat tua lingua sonos.
Proh! quali ingenio triados secreta resolvis,
Quæ solum hac nobis cognita luce patent.
Te sunt mirati meliori jure salutem,
Qui te censorem promeruere suum.
Ille sacros inter dedit olim oracula vates,
Ille tamen vates non sacer ante fuit.
At tu, vena sacro quem ditior irrigat æstro.
Innuit, et nomen cum gravitate salis.
Rex vatum visus, meritamque aptare coronam,
Vatibus ex multis, qui placuere tibi.
Te rediisse probum, et vatem rediisse fateris,
Te vatem, et pariter credimus esse probum.
In calamo probitas, calamus probitate relucet,
Non calamo es quoquam, nec probitate minor.
Hoc probat exemplum, quo tu pater optimè vivis,

Et probat hoc calamus, quo tua fama volat,
Ergo probum rediisse tuum est, probitatis et hujus,
Non inter nostros degere causa fuit.
Nec quia tu nostris te vatibus inseris, unus
Es vates, vates magnus Apollo facis.
Hausisti fontes, rupit quos ungula saxo,
Nec tantum ad vatem concha Vieira satis.
Stellatam Phæbus pateram tibi mittet ab astris,
Ut tibi, quæ Phæbo, concha propinet aquas.
Te mea fastorum faceret neque concha poetam,
Digna ideo attactu non fuit illa tuo.
Si tamen ista tuum tetigisset concha labellum,
Aurea, quæ fuerat, fictilis illa foret.
Te, quod eras, rediisse mihi tua littera dicit,
Esseque Silvanum. jam piget esse Deum.
Umbrosas quondam coluerunt Di quoque sylvas,
Amphrisi coluit clarus Apollo nemus.
Desine tu Mondam, sed jam turbare querelis,
Nam sonat in Mondam cur tua lingua triplex!
Lingua triplex, quondam nomen confecit Jesus,
Sic notum hoc toto nomen in orbe fuit.
Tu celebras ligni triplici quoque carmine partem,
Et triplici in mundi parte legendus eris.
Dat tibi grata triplex, triplices quoque gratia cantus,
Unicaque est aliis, sed tibi in ore triplex.
Sed quid ego admiror, factus si Monda trilinguis
Oscula dat terræ, qua Villa tua jacet.
Et velut ille solet tibi lætior esse trilinguis
Gratior et nobis jure trilinguis ades.
Illius interpres non es, sed Apollinis aræ;
Maiores tituli conveniuntque tibi.
Non solum vives bis septem lustra, poetis
Nam solet innumeros currere vita dies.
Ast ego, dum vivam, dum spiritus hos reget artus,
Mille tibi titulis obsequiosus ero. Vale.

Reverendisssimo P. M. Fr. Aloysio de Sá, Villam Francam invisenti.

EPIGRAMMA.

Quis novus hic nostris successit sedibus hospes?
Equis Jesuadum vult decorare domum?
Fallor! An hæc eadem ludunt in somnia mentem?
Vera meis oculis objicitur facies.
Dum tamen aspicio nostra inter limina septem,

Atque inter nostros te, Ludovice choros,
Omnia lætitia video gestire triumphans
Lætatur visu franca superbe tuo.
Lætantur montes, redeunt jam floribus arva,
Et nova de gravido palmite gemma tumet;
Et Monda auriferos latices instillat, et agros.
Ad Villam placido dum fluit amne, beat.
Vive diu Ludovice, et nostris annue votis,
Nestoreos superet sic tua vita dies.

Eidem.

Quod Villam Francam inviseret, et munus cum carminibus miserit ex Villa sua, vulgo de Alegria.

EPIGRAMMA.

Cum nostram, Ludovice, venis clarissime villam,
Exque tua misis munera dupla mihi;
Munificus, præsensque facis miracula tanta,
Nomen ut immutent utraque Villa suum.
Villam namque tuam faciunt tua munera francam,
Et nostra hæc tecum quid nisi laetitia est?

Eidem.

Lusitanum, castellanum, et latinum sermonem Mondæ adscribenti.

EPIGRAMMA.

Audio cum Lysiam native carmine musam
Auriferam dico, si colit ista Tagum?
Audio cum latios romano turbine versus
Hanc dico inflavit Tybridis aura tubam?
Audio cum Hispanae ventosa tonitrua linguae,
Cum caneret, dico, sic quoque Betis erat.
Audivi, et fallor, tuus est hic Monda trilinguis,
Et Beti, et Tibri ditior atque Tago.

Eidem.

Trilingui sermone quærenti, cur in Villa Francæ posita cruci Monda dextrum brachium abstulerit?

EPIGRAMMA.

Dum Villam Francam Monda alluit altior undis,
Fortè crucis dextro brachio abesse ferunt.
Arripuit vates calamum, et sermone trilingui.
Quaenam causa foret, carmine disseruit.
Hanc inscribendam meliori jure putarem
Esse cruci Christi, quam fuit illa regis.
Nam totidem linguis inscripta, et nuntia laeta,
Dum loquitur digna est scribi in evangelio.

Eidem.

Ad Illud Epistolae suae reverendissimae.

Nunquid Saul inter prophetas?

EPIGRAMMA.

Non es, credes, Saul tractes dum carmina censor,
  Sponte Saul cedit, cedit Apollo tibi.
Hic caput obscura quondam ferrugine texit,
  Lumina nec sua sunt ausa videre crucem:
Sed tu electa cruci, clarissime Phoebe, sacrasti
  Carmina ab ingenio lucida facta tuo.

Eidem.

In Illud Epistolae:

Se bebera pela concha de Vieira, viera muito concho.

EPIGRAMMA.

Non mea concha tibi divino congrua vati est,
  Nec venam ut satiet sufficit arcta tuam.
Fictilis illa negat pariter dare flumina Pindo,
  Aurea cui Pindus pocula spontè dedit.
Hac tamen ipse Midas, si concha fortè bibisset,
  Aurea ab attactu, dives et ipsa foret.

Eidem.

In Illud Epistolae:

Vão essas queixas em tres linguas, porque aqui vai o Mondego já trilingue.

EPIGRAMMA.

Per tua rura vado, si Monda trilinguis ameno
  Labitur, et triplici circuit ore domum.
Murmurat absentem pulchra te degere villa,
  Murmuret atque magis terna per ora sonat.
Nam cum Jesuadis sis maximus inter amicos,
  Doctaque gens docto sit bene grata viro.
Orphea non alium, sed te unda sistere mavult,
  Nostra ut florescat libera villa tibi.

Eidem.

In Illud Epistolae:

Vão essas queixas em tres linguas, porque aqui vae o Mondego já trilingue,

EPIGRAMMA.

Carmina das triplicem pulchre resonantia linguam,
  Et Mondae assimilem te tua musa facit.
Ergo tibi tria regna patent, nec Graecia jactet
  Urbes jam vatem, quae petiere suum.

Eidem.

In Illud Epistolæ:

Offerece o Mondego, o que póde ser não possa dar hoje o mar.

EPIGRAMMA.

Dum mittit Xenium vates pro flumine, pisces
  Dono offert, salsi quos alit unda maris.
Hos Mondae attribuit, pelagoque negare videtur;
  Munere sic vatis celsior ille mari est.
Hinc doctrinam aliam Sophiae discetis alumni,
  Jam donare aliquis, quo caret ipse, potest.
Munera cum vates naturam det super ipsam
  Hic proprio flumen finxit ab ingenio.

Eidem.

In Illud Epistolæ:

Dá o Mondego, o que póde ser não posa hoje dar o mar.

EPIGRAMMA.

Oceanus Mondae tradit modo spontè coronam,
  Dat que catenatas in sua vincla manus.
Nam, quod Monda tulit, valuit non mittere Pontus,
  Dat siquidem pisces, quos negat Oceanus.
Nil mirum est, quondam pisces flectebat Arion
  Fluminis ad ripas carmine, voce, lirâ.
Nunc Mondae, cum plectra movet Ludovicus ad umbras,
  Huc quoque conveniunt agmina blanda maris.

Eidem.

In Illud Epistolæ:

Offerece o Mondego, o que pode ser não possa hoje dar o mar.

EPIGRAMMA.

Postquam Monda crucem propriis evexit in undis,
  Deseruit salsas undique conger aquas.
Namque videns sacram stellato in vertice Pupem
  De fluvio factum credidit esse mare.
Vel novus Amphion decus, et nova gloria Phaebi,
  Ad Mondam pelagi monstra canendo trahit.

Eidem.

In Illud Epistolæ:

Offerece o Mondego, o que póde ser não possa dar hoje o mar·

EPIGRAMMA.

Quos negat Oceanus, pisces mihi, Monda, dedisti
  Quis credat! Monda est largior Occeano.

Eidem.

In illud Epistolae:

Canta, serrana, e do monte, me intendi com o Mondego.

EPIGRAMMA.

Cum te Sylvanum memoras, Deus ipse videris:
Numina enim sylvas incoluere suas,
Amphrisi ad sylvas latuit semotus Apollo
Et Mondae ad sylvas alter Apollo lates.
Ade quod ille polum stellata prole parentem
Jactat, et astra tibi dant meliora genus.

Eidem.

E se não sou dos setenta vou-me chegando para ellas.

EPIGRAMMA.

Bis septem tibi lustra parum, mihi, dicis, abesse
Et quereris, mecum quaere ea lustra tibi.

INDICE.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

OBRAS POLITICAS E VARIAS.

TOMO I.

2

ARTE DE FURTAR,

ESPELHO DE ENGANOS, THEATRO DE VERDADES,

MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,

GAZÚA GERAL DOS REINOS DE PORTUGAL.

OFFERECIDA A EL-REI NOSSO SENHOR D. JOÃO IV PARA QUE A EMENDE.

Composta no anno de 1652

PELO

PADRE ANTONIO VIEIRA

ZELOSO DA PATRIA.

LISBOA
EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES
RUA DOS FANQUEIROS, 82.
1855

ADVERTENCIA DOS EDITORES.

A opinião vulgar tem constantemente attribuido ao Padre Antonio Vieira a *Arte de Furtar;* na de muitos eruditos, o auctor deste livro curioso é o jurisconsulto Thomé Pinheiro da Veiga; e não falta quem o attribua, talvez com menos fundamento, ao douto João Pinto Ribeiro, um dos notaveis agentes da gloriosa restauração de 1640.

Debateram o caso no seculo passado o padre Freire (Candido Lusitano) negando ser a *Arte* obra de Vieira, e o Xabregano Fr. Francisco Pitarra affirmando o contrario: não vimos os seus opusculos, que são raros, e não fizemos maior diligencia por elles, porque nunca foi nosso intento, e seria por certo superior ás nossas habilitações litterarias, entrar nessa controversia.

Pomos esta breve advertencia, unicamente para darmos as razões que nos moveram a encorporar em a nossa collecção a *Arte de Furtar*, e veem a ser: primeiro, porque foi impressa sempre, e ainda depois de contestada como apocripha, sob o nome de Vieira, e até com o seu retrato: em segundo logar, porque é um dos pouquissimos livros engenhosos, de lição amena e popular, escriptos nas épocas consideradas classicas, em linguagem portugueza.

SENHOR.

Um sabio disse que não havia neste mundo homem que se conhecesse; porque todos para comsigo são como os olhos, que vendo tudo, não se vêem a si mesmo: e d'aqui vem não darem muita fé, nem de suas perfeições, nem advertirem em seus defeitos, e ser necessario que outrem lhes diga o que passa na verdade. Se vossa magestade não se conhece, nem o mundo em que vive e de que é senhor, eu o direi em breves palavras. É vossa magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo é um covil de ladrões. Digo que é vossa magestade o mais nobre; porque o fez Deus rei, e lhe deu por avós reis santos e poderosos, que elle mesmo escolheu e ennobreceu para a mais nobre acção de lhe augmentar e estabelecer sua fé. É o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo; porque não ha trabalho a que não resista, nem outrem que possa medir valentia com vossa magestade: e nas do espirito; porque não ha fortuna que o que-

brante, nem adversidade que o perturbe. É o mais poderoso; porque sem arrancar a espada, se fez senhor do mais dilatado imperio, tirando-o das garras de leões, que o occupavam; com tanta pressa, que não põe tanto uma posta em levar a nova, quanta vossa magestade poz em arvorar a victoria nas mais remotas partes do mundo. É o mais feliz; porque em nenhuma empreza põe sua real mão, que lhe não succeda a pedir por boca, e se alguma se malogra, é a que vossa magestade não approvou; tanto, que temos já por unico remedio, para se acertar em tudo, fazer-se só o que vossa magestade ordena, ainda que a outros juisos pareça desacerto. E digo que este mundo é um covil de ladrões; porque se bem o considerarmos, não ha nelle coisa viva que não viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes, comendo-se uns aos outros se sustentam; e se alguns ha que não se mantenham de outros viventes, tomam seu pasto dos fructos alheios, que não cultivaram; com que vem a ser tudo uma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladrões; e os elementos se comem e gastam entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portam as creaturas irracionaes e incensiveis, e as racionaes ainda peior que todas; porque lhes sobeja a malicia, que nos outros falta, e com ella tracta cada qual de se accrescentar a si: e como o homem de si nada tem proprio, claro está que se os accrescenta, muitos hão de ser alheios. E de todo este discurso nada é conforme á lei da natureza, a qual quer que todas as coisas se conservem sem diminuição de alguma. Nem a lei divina quer outra coisa, antes lhe aborrecem tanto ladrões, que do céu, do paraizo, e do apostolado, os desterrou; e a este ultimo desterro se accrescentou força; e note-se que a tomou o réo por sua mão, sem intervir nisso sentença de justiça, para nos advertir o castigo que merecem ladrões, e como não devem ser admittidos nem tolerados nas republicas.

Quer Deus que haja reis no mundo, e quer que o governem assim como elle, pois lhes deu suas vezes, e os armou de poder

contra as violencias: e como a maior de todas é tomar o seu a seu dono; em emendar esta se devem esmerar. E em vossa magestade corre esta obrigação maior, pois fez Deus a vossa magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz rei do mundo. E deve pôr cuidado grande nesta empreza, porque a fazenda de vossa magestade é a mais combatida destes inimigos, que por serem muitos, só com um braço tão alentado, como o de vossa magestade, poderão ser reprimidos e castigados. A maior difficuldade está no conhecimento delles; porque como o officio é infame, e reprovado por Deus e pela natureza, não querem ser tidos por taes, e por isso andam todos disfarçados; mas será facil dar-lhes alcance, se o dermos a suas mascaras, que são as artes de que usam: destas faço aqui praça, e lh'as descubro todas, mostrando seus enganos como em espelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo um mostrador certissimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazúa destes piratas faz seu officio. Não ensina ladrões o meu discurso, ainda que se intitula *Arte de Furtar;* ensina só a conhecel-os, para os evitar. Todos teem unhas com que empolgam, e nas unhas de todos hei de empolgar, para as descobrir por mais que escondam; e será tão suavemente, que ninguem se dôa. Vae muito no modo e no estylo: a pilula amargosa não causa fastio, se vae doirada; e para que este tratado o não cause, irá prateado com tal tempera, que irrite mais a gosto, que a molestia. Sirva-se vossa magestade de o intender assim, e de observar com seu grande intendimento até os minimos apices desta *Arte;* porque das contraminas della, que tambem descubro, depende a conservação total de seu imperio, que Deus Nosso Senhor prospere até o fim do mundo, com as felicidades que seus venturosos principios nos promettem, etc.

AO

SERENISSIMO SENHOR DOM THEODOSIO

PRINCIPE DE PORTUGAL.

DEPRECAÇÃO.

SENHOR.

Tambem a vossa alteza real e serenissima, pertence a emenda desta *Arte*, por todos os titulos que a el-rei nosso senhor pertence, pois não assim como elle o limito em suas grandezas; porque de tal arvore não podia nascer menor ramo, e em nascendo mostrou logo vossa alteza o que havia de ser: e um mathematico insigne m'o disse olhando, por lh'o eu pedir, para os horoscopos do céu, que vossa alteza havia de ser rei da terra; e sua magestade, que Deus guarde, guardou este juiso. E ainda que estas razões não militassem, que são certissimas, bastava vêrmos que ha em vossa alteza poder e saber para tudo: e são duas coisas muito essenciaes para emendar latrocinios; o saber para os apanhar, e o poder para os emendar. Digo que vêmos em vossa alteza poder; porque vêmos que assim como Atlante cançado de sustentar as espheras do céu, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse; assim el-rei nosso senhor, Atlante do nosso imperio, descarregou as espheras delle nos hombros de vossa alteza, não para descançar, que é infallivel, mas para se gloriar, que tem em vossa alteza hombros de Hercules, que ajudam os de Atlante, e o igualam no poder. A Hercules pintou a antiguidade ornado com uma clava que lhe

arma as mãos, e com cadêas e redes que lhe sáem da boca, e levam preza infinita gente. Com a clava se significam suas armas e poder; com as redes e cadêas, sua sabedoria: com estas duas coisas vencia e dominava tudo. De armas e sabedoria vêmos ornado e fortalecido a vossa alteza, assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto como as do mundo) á sua obediencia; como tambem porque ninguem as menêa com tanto garbo, valor, destreza e valentia, ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada e fulminando o montante; e assim se demonstra que ha em vossa alteza poder para emendar e castigar. E porque este não basta, se não ha sciencia para alcançar quem merece o castigo, digo que vêmos em vossa alteza tanta sabedoria, que parece infusa; porque não ha arte liberal em que não seja eminente; não ha sciencia especulativa em que não esteja consummado; não ha habito de virtude moral que o não tenha adquirido e feito natural com o uso. E em todo o genero de letras, artes e virtudes se consummou com tanta facilidade e presteza, que nos parecia ter nascido tudo com vossa alteza naturalmente, e não ser achado por arte, e assim se prova que ha em vossa alteza saber para dar alcance aos latrocinios de que aqui tractamos: e em os pescando com a rede da sabedoria, segue-se emendal-os com a clava do poder.

Sujeito por tanto esta *Arte de Furtar*, ao poder e sabedoria de vossa alteza. Ao poder, para que a ampare; e á sabedoria, para que a emende; porque só da sabedoria de vossa alteza fio que dará alcance ás subtilezas dos professores desta arte. Em duas coisas peço a vossa alteza que ostente aqui seu poder: em castigar ladrões, e em me defender delles, pois fico arriscado com os descobrir; mas com me encobrir vossa alteza me dou por seguro. E em outras duas coisas torno a pedir ostente vossa alteza sua sabedoria, em emendar esta *Arte*, em quanto pertence aos ladrões; e tambem o estylo della, pelo que tem de meu. Levarei mal que me argua outrem, porque não haverá quem me não seja suspeito, salvo vossa alteza, visto não haver outrem que escape das notas que aqui emendo. Dirão que fallo picante ou lepido: isso é o que pertendo, para adoçar por todas as vias o desagrado da materia. Cuidava eu que fallar nisto muito chumbado e sério, seria o melhor; mas sendo o objecto de si penoso, porque é de perdas e damnos, fazel-o mais penoso com o estylo, seria vestir um capuz a este Tratado, para todos lhe darem o pezame de o não poderem vêr ás escuras. Vestirei de primavera o mez de dezembro, para o fazer tractavel, tecendo os casos e materias de modo que não façam maior pendor para uma balança que para outra, para que allivie o curioso da arte e estylo o molesto da materia, sem tropas de sentenças caba-

listicas, nem infanteria de palavras cultas e penteadas, que me quebram a cabeça. Alguns livretes vejo desses que vão saindo á moderna, e quando os leio bem os intendo; mas quando os acabo de lêr não sei o que me disseram; porque toda a sua habilidade poem em palavras. E já disse o proverbio, que palavras e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gastam em dar conselhos politicos a quem lh'os não pede, e bem apertados, veem a ser melancolias do auctor, que por arrufos deram em desvellos, ou por ambição em delirios; e poderamos responder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da sua pintura, saindo-se da esphera do seu officio. Seja o que fôr, o que sei é que nada me toca mais que zelo do bem commum, e augmento da monarchia, de que é herdeiro e senhor vossa alteza. Ladrões retardam augmentos, porque diminuem toda a coisa boa; diminua-os vossa alteza a elles, e crescerá seu imperio, que os bons desejam dilatado até o fim do mundo; porque todos amam mais que muito a vossa alteza, que Deus guarde, etc.

PROTESTAÇÃO DO AUCTOR

A QUEM LER ESTE TRATADO.

Em Onguella, logar de Além-Téjo, entre Elvas e Campo-Maior, ha uma fonte, cuja agua não coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal perto de Leiria, ha um forno em que todos os annos se coze uma grande fogaça para a festa do Espirito Santo; e entra um homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detém dentro, quanto tempo é necessario, sem padecer lesão alguma do fogo, que cozendo o pão, não coze o homem. E pelo contrario na tapada de Villa-Viçosa, retiro agradavel da grande casa de Bragança, adverti uma coisa notavel, que haverá mais de dois mil veados nella, que todos os annos mudam as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a tapada juncada dellas; e no cabo não ha quem ache uma. Perguntei a razão ao senhor D. Alexandre, irmão d'el-rei nosso senhor, grande perscrutador de coisas naturaes; e me respondeu, o que é certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou que haja animaes, que comam e possam digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves que comem e digerem ferro, quaes são as emas! Conforme a estes exemplos, tambem nos homens ha estomagos que não cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguella, o forno do Pombal, nem os admittem, por bons que sejam; e abraçam outros mais grosseiros, com que se fazem como veados e emas. E se perguntarmos ao philosopho a razão destas desigualdades? Dirá que são effeitos e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleições e qualidades dos sugeitos. O mesmo digo, se houver estomagos que não admittam e cozam bem os pontos e materias que discursa este Tratado, que não vem o mal da qualidade das coisas que aqui offereço, se-

não do máu humor com que as mastigam, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento que se não digere, o estomago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e como antidoto, proponho tudo para remedio dos males que padece a nossa republica: se houver aranhas que façam peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiram mel suave, não é a culpa das flores, que todas são medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem o que é bom. E' o juiso humano, assim como os moldes, ou sinetes, que imprimem em cera e massa suas figuras: se o molde as tem de serpentes, toda a massa, por sã que seja, fica cuberta de sevandijas, como se as produzira, e estivera corrupta; e pelo contrario, se o sinete é de figuras boas e perfeitas, taes as imprime, até na cera mais tosca. Quero dizer, amigo leitor, que se fordes inimigo da verdade, sempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ser de seu natural muito doce e formosa, porque é filha de Deus. Verdades puras professo dizer, não para vos offender com ellas, senão para vos mostrar onde e como vos offendeis vós a vós mesmo, e á vossa republica, para que vos melhoreis, se vos achardes comprehendido.

E não me digaes, que não convem tirar a publico affrontas publicas de toda uma nação; porque a isso se responde, que se são publicas, nenhum descredito move quem as repete, antes vos honra mostrando-vos disposto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho para conhecerdes o engano em que viveis. E assim protesto, que não é meu intento ensinar-vos os lanços que nesta *Arte de Furtar* ignoraveis, senão allumiar-vos o conhecimento da deformidade delles, para que os abomineis. Nem cuideis que vos conheço, quem quer que sois, nem que ponho o dedo em vossas coisas em particular: o meu zelo bate só no commum, e não pretende affrontar a nossa nação; antes a honro muito, por duas razões: primeira; porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte, fica a nossa mais acreditada, pois se deixa vêr o excesso dos latrocinios com que assolam o mundo todo, por mar e por terra. Segunda; porque tractamos de emenda, e onde ha esta, ou desejo della, é a maior perfeição que os santos acham nas religiões mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de religiosos reformados, em comparação de gente dissoluta. Donde não me resulta d'aqui escrupulo que me retarde. O que sinto é que não sei se conseguirá seu effeito o meu intento, que só tracta de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido; e se cada um se emendar a si, já o disse um sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso reino, e emendal-o, é o que pertendemos.

Dirá o critico, e tambem o zoilo (que tudo abocanham e roem) que isto não é gazúa com que se abrem portas para furtar; mas que é montante que escala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonrar. A isso tenho respondido, que não tome ninguem por si o que lhe digo e ficaremos amigos como d'antes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os casos que aqui referir, são ballas de batalha campal, que tiram a montão sem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, sem pesquizar auctores, nem formalidades, mais que as que as coisas dão de si: e se em algumas discreparem as circumstancias da narração, e não se ajustárem em tudo muito com o succedido, pouco vae nisso; porque o nosso intento não é de deslindar pleitos para os sentenciar, senão mostrar deformidades para as estranhar, e dar doutrina, e tractar de emenda. E estejam certos todos, que não dizemos nada que não passe assim na verdade em todo, ou em parte principal. E não allegamos auctores para confirmação do que escrevemos; porque os desta arte nunca imprimiram; e de sua sciencia só duas letras se acham impressas nas costas de alguns, que são *L* e *F*, e o que querem dizer, todos o sabem. E se algum me impugnar a mim para defender o que estas letras denotam, mostrará nisso que é da mesma confraria, e negar-se-lhe-ha o credito por apaixonado, como parte, e dar-se-me-ha a mim, que o não sou; porque só pretendo mostrar neste *espelho* a verdade, e fazer publicas como em *theatro* as mentiras e embustes de ladrões passados e presentes. Aprestem-se todos para ouvir com paciencia; e porque tracto de não molestar quem isto lêr, irei tecendo tudo em fórma, que o curioso dos successos adoce o azedo da doutrina: e em tudo terão todos muito que aprender, para sempre serem virtuosos, se quizerem tomar as coisas como as applico. Deus vos guarde de varas delgadas, que andam pelas ruas, e de tres páus grossos, que vos esperam se não tomardes meus avisos. Entretanto estudae o credo, e espertae a fé para o que se segue.

ARTE DE FURTAR.

TRATADO UNICO.

CAPITULO I.

Como para furtar ha arte, que é sciencia verdadeira.

As artes dizem seus auctores que são emulações da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia mostra que tambem lhe accrescentam perfeições. Deu a natureza ao homem cabello e barba para auctoridade e ornato; e se a arte não compuzer tudo, em quatro dias se fará um monstro. Com arte repara uma mulher as ruinas que lhe causou a idade, restituindo-se de côres, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o esculptór do tronco inutil, uma imagem tão perfeita que parece viva. Com arte tiram os cubiçosos das entranhas da terra e centro do mar, a pedraria e metaes preciosos que a natureza produziu em tosco, e aperfeiçoando tudo lhe dão outro valor. E não só sobre coisas boas tem as artes jurisdicção, para as melhorar mais que a natureza; mas tambem sobre as más e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accrescentar em damno de outrem, como se vê nas machinas da guerra,

partos da arte militar, que todas vão dirigidas a assolações e incendios, com que uns se defendem e outros são destruidos. Não perde a arte seu ser por fazer mal, quando faz bem e a proposito, esse mesmo mal que professa, para tirar delle para outrem algum bem, ainda que seja illicito. E tal é a arte de furtar, que toda se occupa em despir uns para vestir outros. E se é famosa a arte que do centro da terra desentranha o oiro, que se defende com montes de difficuldades, não é menos admiravel a do ladrão, que das entranhas de um escriptorio, que fechado a sete chaves se resguarda com mil artificios, desençova com outros maiores o thesouro com que se melhora de fortuna. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa, quando obra com cilladas, segundo suas regras, que todas se fundam em estratagemas e enganos, como as da milicia: e essa é a arte, e é o que dizia um grande mestre desta profissão: *Con arte y con engaño, vivo la mitad del año: y con engaño y arte, vivo la otra parte.* E se os ladrões não tiverem arte, busquem outro officio; por mais que a este os leve e ajude a natureza, se não alentarem esta com os documentos da arte, terão mais certas perdas, que ganhos; nem se poderão conservar contra as invasões de infinitas contrariedades que os perseguem. E quando os vejo continuar no officio illesos, não posso deixar de o attribuir á destreza de sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a que os largue e tolere; porque até para isso teem os ladrões arte. Assim se prova que ha arte de furtar; e que esta seja sciencia verdadeira, é muito mais facil de provar, ainda que não tenha escóla publica, nem doutores graduados que a ensinem em universidade, como teem as outras sciencias.

Todos os philosophos e doutores theologos, defendem, que merece o nobre titulo de sciencia verdadeira aquella arte somente que tem principios certos, por onde demonstra e alcança o que exercita: exemplo sejam a sagrada theologia, a philosophia, mathematica, musica, medicina, e outras que nascem destas, as quaes são verdadeiras sciencias, porque não só ensinam o que professam, mas tambem provam por seus principios, e demonstram por consequencias evidentes o que ensinam. E admittindo nós esta re-

gra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das sciencias, só aquellas artes que param na materia em que se occupam, tomando-a assim como se lhes offerece, sem discursarem as razões, nem os principios por onde se aperfeiçoam no alcance do seu fim. Exemplo seja a jurisprudencia, que não se detém em especular ou demonstrar o que propoem seus textos: donde nasce não haver evidencia publica da razão de seus preceitos: e se nos move a seguil-os a obediencia com que todos nos sujeitamos a elles, mais é por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejam fundados em razão, que os principes acharam, e commummente apontam em seus decretos, passam por ellas os jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio, que por fé lhes damos alcance. E hão-se nisto alguns canonistas e legistas como Deus, que obrigando os homens a uma lei de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razão porque os punha; deixando-a ao discurso da lei natural, que nenhum homem deve ignorar, ainda que ha alguns tão grosseiros, que não atinam com ella. E por isso nunca ninguem disse que a doutrina do decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era sciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se colhe com certeza, que a arte de furtar é sciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstrações verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrinsecos, não chegue ao que pretende. Mas se o ladrão tem bom natural, e é perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoira, a que nada escapa. Com uma historia notavel faço demonstração desta verdade. Em certa cidade de Hespanha houve uma viuva fidalga, tão rica como nobre: e como as matronas de qualidade, por seu natural recolhimento não podem assistir a trafegos de grandes fazendas, desejava esta muito um feitor fiel e intelligente que lhe podesse governar tudo. E não desejava menos um ladrão cadimo ter entrada em casa tão caudalosa com algum honesto titulo, para se provêr de uma vez de remedio para toda a vida. Lançou suas linhas, e armou suas traças em fórma que nenhuma consequencia frustrou, assim para entrar

com grande credito, como para sair com maior proveito. Achou por suas inculcas, que tinha a senhora um confessor religioso, a quem dava credito e obediencia, por sua virtude e letras. Prégava este certa festa de concurso, vestiu-se o ladrão de traje humilde, o rosto penitente, e fez-se encontradiço com elle indo para o pulpito. Poz-lhe na mão uma bolça de dobrões, que disse achára perdida, e pediu-lhe com muita submissão e modestia, que a publicasse ao auditorio, e a restituisse a quem mostrasse que era seu dono, dando os verdadeiros signaes della, e do que continha. Ficou o reverendo padre prégador attonito com tal caso, que houvesse homem no mundo que restituisse em vida, e disse aos ouvintes milagres do sugeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o não fizera, estimando mais a paz de sua alma que o commodo de seu corpo, e que em um d'aquelles eram bem empregadas as esmolas. E assim foi, que acabada a prégação, mandaram muitos cavalheiros seus subsidios, com mais de meia duzia de vestidos muito bons ao reverendo padre, para que désse tudo ao pobre santo, que lhe não pezou com elles: e foi a primeira consequencia que colheu do seu discurso: e a segunda assegurar a bolça para si com sua mãe, que era uma velha tão ardilosa como elle, que já estava prevenida ao padre do pulpito, e muito bem adestrada pelo filho: e em descendo o padre, agarrou delle gritando: A bolça é minha, por signal que é de coiro pardo, com uns cordões verdes, e tem dentro seis dobrões, quatro patacas, e um papellinho de alfinetes. Ouvindo o prégador signaes tão evidentes, e vendo que tudo assim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deus que nada se perdêra: e a mãe fez em casa a restituição ao filho, que assegurou de caminho a terceira consequencia de estafar tambem o religioso, que o levou á sua cella, onde o regalou e melhorou de vestido e fortuna, informando-se delle, mesmo de seus talentos: e achando que sabia lêr e escrever quanto queria, e contar como um Girifalte na unha, e que sobretudo, mostrava bom juiso: seguiu-se logo a quarta consequencia de o pôr em casa da sua confessada, com mero e mixto imperio sobre toda sua fazenda, havida e por haver, abonando-lhe por quinta essencia de fidelidade e intelligencia; com que a seu salvo colheu

a ultima consequencia que pertendia das rendas de sua senhora, que ensacou em oiro para voar mais leve; e com dez ou doze mil cruzados, que dois annos de serviço lhe depararam, se passou para outro hymispherio, sem dizer a ninguem: ficae-vos, embora; digam agora os professores das sciencias e artes mais liberaes, se formaram nunca syllogismos mais correntes. Negará a luz ao sol quem negar á arte de furtar o discurso e subtileza, com que aqui lhe damos o nome de sciencia verdadeira.

CAPITULO II.

Como a arte de furtar é muito nobre.

Mais facil achou um prudente, que seria accender dentro do mar uma fogueira, que espertar em um peito vil fervores de nobreza. Comtudo, ninguem me estranhe chamar nobre á arte cujos professores por leis divinas e humanas, são tidos por infames. Essa é a valentia desta arte, como a dos alquimistas, que se gabam que sabem fazer oiro de enxofre: de gente vil faz fidalgos, porque aonde luz o oiro não ha vileza. Além de que, não é implicação acharem-se duas contrariedades em um sugeito, quando respeitam differentes motivos. Que coisa mais vil e baixa que uma formiga! Tão pequena, que não se enxerga; tão rasteira, que vive enterrada; tão pobre, que se sustenta de leves rapinas! Que coisa mais illustre que o sol, que a tudo dá lustre; tão grande, que é maior que a terra; tão alto, que anda no quarto céu; tão rico, que tudo produz! E se vê a maior nobreza com a maior baixeza em um sugeito, em uma formiga. Baixezas ha que não andam em uso, porque são só de nome: e nomes ha que não poem nem tiram, ainda que se encontrem, porque se compadecem para differentes effeitos. Fazia doutrina um padre da companhia no pelourinho de Faro: perguntou a um menino como se chamava? Respondeu, chamo-me em casa Abrahãosinho, e na

rua Joannico. Assim são os ladrões: na casa da supplicação chamam-se infames, quando os sentenceiam, que é poucas vezes: mas nas ruas, por onde andam de continuo em alcatéas, teem nomes muito nobres; porque uns são Godos, outros chamam-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos são piratas.

Mais claro proponho e deslindo tudo. A nobreza das sciencias colhe-se de tres principios. O primeiro, é o objecto ou materia em que se occupa. Segundo, as regras e preceitos de que consta. Terceiro, os mestres e sugeitos que a professam. Pelo primeiro principio, é a theologia mais nobre que todas; porque tem a Deus por objecto. Pelo segundo, é a philosophia; porque suas regras e preceitos, são delicadissimos e admiraveis. Pelo terceiro, é a musica; porque a professam anjos no céu, e na terra principes. E por todos estes tres principios é a arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto e materia em que se emprega, é tudo o que tem nome de precioso: as suas regras e preceitos são subtilissimos e infalliveis: e os sugeitos e mestres que a professam, ainda mal, que as mais das vezes são os que se prezam de mais nobres; para que não digamos que são senhorias, altezas e magestades.

Alguns doutos tiveram para si, que a nobreza das sciencias mais se colhe da subtileza das regras e destreza em que se fundam, que da grandeza do objecto ou utilidade da materia em que se occupam, como vimos até na machina do que em cortiça obra coisas mais delicadas que em oiro, que por isso é mais louvado. Aquelle artifice que escreveu a Illiada de Homero com tanta miudeza, que a recolheu em uma noz, assombrou mais o mundo, que se a escrevesse com muitas laçarias em grandes laminas de oiro. Aquella náu enxarceada com todo o genero de vélas e cordoalhas, tão pequena que toda se cobria e escondia com as azas de uma mosca, fez a Mermitides mais famoso, que a outros as grandes esculpturas dos maiores colossos. Na formação de um mosquito mostra Deus mais seu grande intendimento, que na fabrica do universo. Quero dizer, que não engrandece tanto as sciencias a materia em que se exercitam, como o engenho da arte com que obram. E como o engenho e arte de furtar anda hoje tão subtil que transcende as aguias, bem podemos dizer que

é sciencia nobre. E prouvera a Deus que não tivera tanto de nobre, não só pelo que lhe concedemos de suas subtilezas, senão tambem pelo que lhe negam outros da materia em que se occupa, e sugeitos em que se acha; pois vêmos que a materia é a que mais se estima — oiro, prata, joias, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os sugeitos em que se acha, são por meus peccados os mais illustres, como pelo discurso deste Tratado em muitos capitulos iremos vendo. E para que não engasge algum escrupuloso nesta proposição, com a maxima, de que não ha ladrão que seja nobre, pois o tal officio traz comsigo extincção de todos os fóros da nobreza; declaro logo, que intendo o meu dito, segundo o vejo exercitado em homens tidos e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo são ladrões, sem que o exercicio da arte os deslustre, nem abata um ponto do timbre de sua grandeza. Não é assim o que succedeu em Roma a um imperador? Que entrando no templo a adorar a Apollo, achou que no mesmo altar estava Esculapio seu filho; este com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque assim os distinguia a gentilidade antiga. Advertiu o imperador que as barbas de Esculapio eram de oiro, e postiças: cubiçou-as, e furtou-as, dizendo que não era bem o filho tivesse barbas, quando o pae as não tinha: e nada perdeu de sua grandeza o imperador com furtar as barbas ao seu Deus, antes a accrescentou, pois ficou com mais oiro do que d'antes tinha: e assim a accrescentam outros muitos, com muitos outros furtos, que cada dia fazem sem calumnia nas barbas do mundo.

CAPITULO III.

Da antiguidade, e professores desta arte.

Isto que chamam antiguidade, é uma droga que não tem preço certo; porque em tal parte val muito, e em tal em nada se estima. Communidades ha, em que a antiguidade rende; porque

lhes dão melhor logar, e melhor vianda. E juntas ha, em que a antiguidade perde; porque escolhem os mais vigorosos para as emprezas de proveito e honra. Antiguidade que conta só os annos, em cada feira val menos; mas a que accumula merecimentos, para cargos tem maior preço, e valêra mais, se fôra de dura. Quando olho para os que me cercam, festejo ser o mais antigo, porque me guardam respeito; mas se olho só para mim, tomara-me mais moderno. Este mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas coisas acabam por antigas, porque se corrompem de velhas; e muitas começam, aonde as outras acabam: isto é na antiguidade; porque só á custa della logram alguns *benè esses*, como as trempes do Japão, que as mais velhas são de maior estima. A nobreza têm esta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e val mais por mais antiga. Homem novo entre os romanos, era o mesmo que homem baixo: e o que mostrava imagens de seus antepassados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes e sciencias corre a mesma moeda, que andam mais apuradas as mais antigas; e são mais estimadas, as que teem mais antigos professores. Entre alfayates e oleiros se moveu questão, quaes eram mais antigos na sua arte, para alvidrarem d'ahi sua nobreza. Venceram os oleiros, porque primeiro se amaçou o barro, de que foi formado Adão, e depois se lhe talharam e cozeram os vestidos. Aqui entram os ladrões com a sua arte, allegando, que muito antes do primeiro homem a exercitaram espiritos mais nobres. Mas deixando pontos que nos ficam além do mundo, antes de haver homens, de que só tractamos, fallemos das telhas abaixo, que é o que pertence á nossa esphera. E em dando nos primeiros professores, colheremos logo a antiguidade desta arte; e da nobreza d'aquelles, e antiguidade desta, faremos o computo que buscamos. Mas como se professa ás escondidas, será difficultoso achar os mestres. Ora não será; porque não ha quem escape de discipulo, e os discipulos bem devem conhecer seus mestres. Na matricula desta escóla não ha quem se não assente. Já o disse a el-rei nosso senhor, que é este mundo um covil de ladrões, porque tudo vive nelle de rapinas — animaes, e aves, e peixes — até nas arvores há ladrões. E agora

digo, que é uma universidade, em cujos geraes cursam todos os viventes geralmente. Tem esta universidade só duas classes, uma no mar, outra na terra. No mar dizem que leu de prima Jason aos primeiros argonautas, quando passou á ilha de Colchos, e furtou o velo de oiro, tão defendido como celebrado: e destes aprenderam os infinitos piratas, que hoje em dia coalham esses mares com a prôa sempre nas prezas que buscam. Na terra dizem os antigos, que poz a primeira cathedra Mercurio, e que foi o primeiro ladrão que houve no mundo; e por isso o fizeram Deus das ladroices. Bem se vê a sem-razão desta idolatria, pois não póde haver maior cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas por peior tenho a que vêmos hoje em muitos homens obrigados a conhecer este erro, que teem a rapina por sua deidade, pondo nella sua bemaventurança, porque della vivem. Enganaram-se os antigos em darem esta primazia a Mercurio: primeiro que elle, foi Adão primeiro ladrão, e primeiro homem do mundo; e por isso pae de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima, serem ladrões. Perguntará aqui o curioso, se haverá algum que o não seja? Responde-se que não; pelo menos na potencia, ou propensão, porque é legitima que se repartiu por todos. É bem verdade que uns participam mais deste legado que outros; bem assim como nos bens castrenses, que se repartem a mais e a menos pelo arbitrio do testador, posto que cá o arbitrio livre é dos herdeiros; e d'ahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como não ha arte que se aprenda sem mestres, que vão succedendo uns a outros, tem esta alguns muito sabios, e sempre os teve: e como não ha escóla onde se não achem discipulos bons e máus, tambem nesta ha discipulos que podem ser mestres; e ha outros tão rudes, que nem para máus discipulos prestam, porque logo os apanham. De todos determino dizer alguma coisa, não para os ensinar, mas para advertir a quem se quizer guardar delles, o como se deve vigiar; e a elles quão arriscados andam.

Não me calumniem os que se teem por escoimados, queixando-se que os ponho nesta reste, sem prova nem certeza de delictos que commettessem nesta materia, sendo certo que não ha

regra sem excepção. Metta cada um a mão em sua consciencia, e achará a prova do que digo — que este mundo é uma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinam interesses, creditos, honras, vaidades; e estas coisas não as póde haver sem mais e menos; e em mais e menos vae o furto, quando cada um toma mais do que se lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede isto até em uma cortezia, que excede por ambição, ou que falta por soberba. Ajustar obrigações de justiça e caridade, depende de uma balança muito subtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na mão, tudo vae a esmo, e a cubiça pende para si mais que para as partes. E d'aqui vem serem todos como o leão de Hisopete, que comia os outros animaes com o achaque de ser maior. E temos averiguado que os professores desta arte são todos os filhos de Adão, e que ella é tão antiga como seu pae. Mas de tanta antiguidade e progenitores, ninguem me infira serem nobres os professores desta arte, nem ser ella sciencia verdadeira; porque as sciencias devem praticar algum fim util ao bem commum, e esta arte só em destruir toda se emprega: contente-se com ser arte, assim como é a magia. E em seus artifices ninguem creia que póde haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceu a ninguem, porque por natureza é infame, e ninguem póde dar o que não tem. A verdadeira sciencia é a das leis e canones, que lhes dá caça, mette a saco todos os ladrões; e bastava tão heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas, apesar dos ruins, com quem tem sua ralé; e se estes a desacreditam, não valem testimunha, porque os açoita.

Contra resolução tão alentada me botam em rosto o que disse agora ha nada nos dois capitulos antecedentes — que a arte de furtar era sciencia verdadeira, e seus professores muito nobres. Respondo que nunca tal disse de minha opinião; e se o disse, estaria zombando, para mostrar o engenho dos sophismas, ou a illusão com que má gente apoia seus erros. Infame é a arte de furtar, infames são seus mestres e discipulos; e ainda que são mais que muitos, muitos mais são os que andam sãos desta lepra, principalmente os que se lavam com o santo baptismo, que nos livrou de todos os males que herdámos de Adão. Oiçam bons e

máus este discurso, leiam todos este Tratado, e ver-se-hão escriptos e retratados: os bons terão que estimar, por se vêrem limpos de tão infame lepra; e os máus terão que aborrecer, conhecendo o mal, que é impossivel não se detestar, tanto, que fôr conhecido.

CAPITULO IV.

Como os maiores ladrões são os que teem por officio livrar-nos de outros ladrões.

Não póde haver maior desgraça no mundo, que converter-se a um doente em veneno a triaga que tomou para vencer a peçonha que o vae matando. Ferir-se e matar-se um homem com a espada que cingiu ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o mosquete, e matal-o, quando fazia tiro para se livrar da morte, é fortuna muito má de soffrer: e tal é que acontece em muitas republicas do mundo, e até nos reinos mais bem governados, os quaes para se livrarem de ladrões, que é a peior peste que os abraza, fizeram varas, que chamam de justiça, isto é, meirinhos, almotaceis, alcaides; puzeram guardas, rendeiros e jurados; e fortaleceram a todos com provisões, privilegios e armas; mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomam o rasto ás avessas, e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nellas; de sorte que não se distinguem dos ladrões que lhes mandam vigiar, em mais senão, que os ladrões furtam nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descobertas; aquelles com seu risco, e estes com provisão e cartas de seguro. Declaro-me: manda a lei aos senhores almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, estalagens e tavernas, etc., se vendem as coisas por seu justo preço. Anticipam-se todas as pessoas sobreditas, mandam a casa as primicias e meias natas de seus interesses, e ficam logo licenciadas, para maquinarem tudo, como

quizerem. Teem obrigação os meirinhos e alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizões e execuções que se lhes encarregam: dissimulam e passam por tudo, pelo dobrão, e pela pataca, que lhes mete na bolça; e seguem-se d'ahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas e rendeiros a defensão dos pastos, vinhas, olivaes, coitadas, que não as destruam os gados alheios; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficam livres para poderem lograr as fazendas alheias, como se foram proprias, sem incorrerem nas coimas. E eis aqui como os que teem por officio livrar-nos de ladrões, veém a ser os maiores ladrões que nos destroem. Não fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que esperam maiores postos, e não querem perder o muito pelo pouco: livre-nos Deus a todos de offerecimentos secretos, que correm sua fortuna sem testimunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós-cegos, o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se dão em se fazerem as barbas uns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a maior parte da preza em um momento, quem nos ia restaurar dos damnos de um triennio.

Milhares de exemplos ha que explicam bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que poderemos pôr nos physicos: mas manda a sagrada escriptura que os honremos: *propter sanitatem;* e assim é bem que lhes guardemos aqui respeitos, ainda que a verdade sempre tem logar. Digamol-o ao menos dos boticarios. Teem estes um livrinho — não é maior que uma cartilha — e nada tem de sua doutrina; porque se devia de compôr no limbo; certo é que o não imprimiu Galeno, que houvera de ser muito bom christão, se não fôra gentio, porque tinha bom intendimento. A este livro chamam elles: *Qui pro quo:* quer dizer, *uma coisa por outra;* e o titulo basta, para se intender, que contém mais mentiras que verdades: antes só uma verdade contém, e é que em tudo ensina a vender gato por lebre, como agora: se lhe faltar na botica a agua de escorcioneira, que re-

ceita o medico para o cordeal, que lhe podem botar agua de cevada cozida: e se não tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montam: se não houver oleo de amendoas, que lhe ponham o da candêa. E assim vae baralhando tudo, de maneira que não póde haver boticario que deixe de ter quanto lhe pedem: e d'ahi póde ser que veio o proverbio, com que declaramos a abundancia de uma casa rica, que tudo se acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos; e se elles não nos levaram tanto pelos ingredientes suppostos, que nada valem, como haviam de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que nasceu a murmuração de quem disse, que as mãos dos boticarios são como as de Midas, que quanto tocam convertem em oiro; porque não ha arte chimica que os vença em fazer de maravalhas metaes preciosos: nem póde haver maior destreza, que a de um destes mestres ou discipulos de Esculapio, que mandando pelo seu moço buscar um molho de malvas ao monturo, com duas fervuras que lhe dão no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformam de maneira, que não lhes sáem das mãos sem lhes deixarem nellas tres ou quatro cruzados, não valendo ellas em si um ceitil: e o mesmo corre em outras mil e trezentas coisas. Tem os physicos-móres obrigação de vigiarem tudo isto; e assim o fazem, correndo o reino, e visitando todas as boticas delle algumas vezes: chamam a isto dar varejo, e dizem bem; porque assim como nós varejamos uma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, assim elles varejam as boticas, para recolher dinheiro. É muito para vêr a diligencia com que os boticarios se acodem uns aos outros nestas occasiões, emprestando-se vidros e medicamentos, para que os visitadores os achem providos de tudo: e poderá succeder, por mais que tenham tudo bem apurado e a ponto, se não andarem mais diligentes em peitar, que em se prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Por isso outros fazem bem, que visitam, antes de serem visitados, e com isso escusam o trabalho de se proverem e apurarem; e escapam os seus frascos, como vaso máu que nunca quebra. Bem se vê, como responde tudo isto ao titulo deste capitulo; só uma coisa ha aqui, que a não in-

tendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou á espingarda ou ás estocadas um homem; e que matem boticarios e medicos cada dia milhares delles, sem vêrmos por isso nunca um na forca; antes são tão privilegiados, que depois de vos darem com as costas no adro, e com vosso pae na cova, demandam vossos herdeiros, que lhes paguem a peçonha com que vos tiraram a vida, e o trabalho que tiveram em vos apressarem a morte com sangrias, peiores que estocadas, por serem sem necessidade, ou fóra de tempo. Um ferrador visinho do cardeal Palooto desappareceu de Roma; e indo depois o cardeal a Napoles com certa diligencia do summo pontifice, teve um achaque, sobre que se fez junta de medicos, e entre elles veio o ferrador por mais afamado: conheceu-o o cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe quem o fizera medico? Respondeu, que só mudára de fortuna e não de officio; porque do mesmo modo que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; e que lhe succedia tudo melhor, porque além de acertar nas curas tão bem e melhor que os demais medicos, se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava por isso, como sua eminencia, que lhe fez pagar uma mulla do seu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais succedeu no caso, não serve ao intento; mas do dito se colhe, que anda o mundo errado na materia de medicos e boticarios, que hão mister grandissima reforma; porque tendo por officio assegurar as vidas, não só nol-as tiram, mas sobre isso nos pedem as bolças. Não fazia outro tanto o Sol Posto aos castelhanos nas charnecas; e no cabo foi esquartejado por isso. E estes senhores ficam-se rindo, e aguçando a ferramenta para irem por diante na matança, de que fazem officio.

Em França ha lei, que nenhum medico do paço vença salario em quanto alguma pessoa real estiver doente; porque assim se apressem em tractar de sua saude: e os portuguezes somos taes, que quando estamos doentes fazemos mais mimos, e damos maiores pagas aos medicos, sem advertirmos, que por isso mesmo nos dilatarão a saude, e farão grave o mal que é leve; como o outro, que curava de um espinho certo cavalheiro, e tinha-lhe

mettido em cabeça, que era postema. Ausentou-se um dia e deixou um seu filho instruido que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavam postema. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho: cessaram logo as dores, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veio o pae; pediu-lhe o filho alviçaras, que sarára o doente só com lhe tirar o espinho. Respondeu-lhe o pae: pois d'ahi comerás para besta. Não vias tu, selvagem, que em quanto se queixava das dores, continuavam as visitas, e se accrescentavam as pagas? Secaste o leite á cabra que ordenhavamos? Bem se acudiria a isto, se se pagassem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito necessario era haver lei, que nenhuma cura se pagasse do doente que morresse. Podera-se pelo menos pôr remedio a tudo, com favorecerem os reis mais esta sciencia, que anda muito arrastrada; porque não se applica a ella, senão quem não tem cabedal para cursar outros estudos. No estado de Milão todos os medicos teem fôro de condes: nos estados de Mantua, Modena, Parma e em toda a Lombardia, são ditos, e havidos por fidalgos, e gozam seus privilegios. El-rei Dom Sebastião começou a applicar algum cuidado nesta parte, mandando á universidade de Coimbra, que escolhessem de todos os geraes os estudantes mais habeis e nobres, e que os applicassem á medicina, com promessas de grandes accrescentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dois pares delles, com as mesmas promessas, para estudarem a medicina com que todo aquelle vastissimo imperio se cura: que sem controversia é a melhor do mundo, porque sabe qualquer medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a um doente, tudo o que teve, e ha de ter por horas, sem lhe errar nenhum accidente; e logo levam comsigo os medicamentos para a cura, se é que o mal tem alguma: e melhor fôra irmos lá buscar essa sciencia para reparar a vida, que as procelanas que logo quebram.

CAPITULO V.

Dos que são ladrões, sem deixarem, que outros o sejam.

Do leão contam os naturaes, que de tal maneira faz suas prezas, que juntamente as defende, que lhes não toque nenhum outro animal, por fero que seja. Mais fazem os açores da Noruega, que conservam viva a ultima ave que empolgam nos dias de inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largam; e observam para onde foge, e não vão caçar para aquella parte, para não acabarem a ave de que receberam algum bem; e não reparam em que vá dar nas unhas de outros açores. Ladrões ha peiores que estes animaes, e são como elles os poderosos. Todos são como os leões, que não deixam que outros animaes se cevem na sua preza; e nenhum como os açores, que largam para outras aves a preza de que tiraram proveito. Não admittir companhia no tracto de que se póde tirar proveito, é ambição, e é interesse, a que podemos dar nome de furto. E é lanço muito contrario ao natural dos ladrões, que gostam de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem uns aos outros: mas isto é em ladrões mecanicos, e villões de tracto baixo: ha ladrões fidalgos tão graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco: vê-se isto por essas ilhas e conquistas, e tambem cá no reino. Ha em certa parte certa droga buscada e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscam para fazerem carregação della. Que faz neste caso o poderoso? Abarca toda de antemão pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lh'a levem a casa, em que lhe pez: e como se vê senhor de toda, fecha-se com ella, e talha-lhe o preço a seu padar, de sorte que o estrangeiro ha de bebel-a, ou vertel-a a seu pezar. No pastel das ilhas vêmos isto muitas vezes; na coirama de Cabo-Verde, no páu do Brazil, na canella de Ceilão, no anil, nos baasares e outras veniagas: e neste reino o vêmos cada dia no pão, na passa do Algarve, na

amendoa, no atum, e em quasi todas os mercadorias, que veem de fóra, como taboado, livros, baetas, sedas, telas etc., as quaes os atravessadores tomam por junto, e fazendo de tudo estanques, se fazem reis; porque só os reis podem fazer estanques, e porque só aos reis póde ser licito o engrossarem tanto. Isto de estanques é ponto em que se deve ir muito attento, especialmente nas coisas necessarias para a vida, como são mantimentos e roupas. Que haja estanque em solimão, cartas de jogar, tabaco, pimenta e diamantes, pouco vae nisso, porque sem nada disso passaremos; mas que se permitta que nos atravessem o pão, e que se fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo brame por elle, é negocio que se deve atalhar com todo o rigor, mandando por lei estavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo sobre tres tostões: nem se seguirá d'aqui faltar o pão no reino, antes sobejará; porque os estrangeiros com esse preço se contentam, e os lavradores nunca o vendem por mais, e assim nunca desistirão de o trazer, nem de o semear: e desistindo os atravessadores de sua cobiça, todos o terão. Da mesma maneira se deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vão todas subindo muito sem razão, e queixam-se os povos sem remedio. Um chapeo que valia um cruzado, custa hoje dois e tres: um covado de panno que se dava por tres tostões, não o largam por menos de sete: uns çapatos que chegavam a doze vintens, subiram já a quinhentos reis. E assim se procede em tudo o mais. E se lhes pergunto a causa destes excessos? Respondem, que pagam decimas; e é o mesmo que responderem, que o fazem sem razão, pois é quererem que lhes paguemos nós as decimas, e não elles: além de que, o excesso em que se satisfazem, é ametade ou mais, e não a decima parte. Fique isto advertido de passagem, ainda que tambem pertence aos ladrões, que não deixam que outros o sejam; porque usurpando cada official no seu tracto ganhos tão excessivos, não deixa logar a quem com elles tracta, para interessarem coisa alguma, nem aos agentes e medianeiros, para sizarem um vintem. E tornemos aos estanques ou atravessadores, que levam o maior preço deste capitulo, que acabo com dois exemplos, que andam correntes

com grande detrimento da companhia da bolça, sobre a compra e venda dos vinhos para o Brazil: mandam um agente diante á ilha da Madeira, que os compra em mosto pelo menor preço; e quando chegam os navios para tomar a carga, entregalh'os cozidos, por outro tanto mais do que lhe custaram, como se o mandaram negociar só para si, e não para toda a companhia, cujo era o cabedal com que effectuou o primeiro lanço. Chegam ao Brazil onde tem taixa, que não passem as pipas de quarenta mil réis, atravessa-as um todas pelo dito preço, e verifica á bolça que as vendeu pelo que orça o regimento. E o senhor que as embebeu em si, talha-lhes outro preço, que passa de cem mil réis, e fica quem quer que é, com os ganhos em salvo, e a fazenda alheia com os riscos, sem deixar que logrem tão grandes lucros, os que puzeram o cabedal, e se expuzeram aos perigos. Nota para as demais drogas: quem assim empolga no liquido, que fará no solido? E advirtam todos os atravessadores como são peiores que as feras, porque os interesses que reservam só para si, e vedam aos outros da preza que empolgam, nos leões é por generosidade, e nelles por vileza, para que lhe não chamemos aleivozia. Peiores são que os açores, pois estes largam a caça para outros, e elles tudo usurpam para si, sem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos se houvesse lei, que perca tudo quem abarcar tudo: e seria justa pela regra que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

CAPITULO VI.

Como não escapa de ladrão, quem se paga por sua mão.

A um cego, desses que pedem por portas, deram em certa parte um cacho de uvas por esmola: e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se póde pizar, tractou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço que o guiava: e para isso

concertou com elle, que o comessem bago e bago alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo que seu amo falhava no contracto, calou-se e deu-lhe os cábes a ternos: não lhe esperou muito o cego; e ao terceiro invite descarregou-lhe com o bordão na cabeça. Gritou o rapaz: porque me daes? Respondeu o amo: porque contractando nós que comessemos igualmente estas uvas bago e bago, tu comes a tres e a quatro. Perguntou-lhe então o moço: e quem vos disse a vós que fiz eu tal aleivosia? Isso está claro, respondeu o cego; porque faltando-te eu primeiro no contracto comendo a pares, tu te calaste sem me requereres tua justiça, e não eras tu tão santo que me levasses em conta, nem em silencio a minha sem-razão, senão pagando-te em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os reis e principes, grandes e senhores do mundo, para dizer a todos em segredo, como andam cegos no ponto mais essencial de seu governo, que é o de suas rendas e thesouros, sem os quaes não se podem sustentar em seu ser, nem conservar suas republicas e familias. Tenham todos por certo, que se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos e remunerações dos serviços que lhes fazem, que se hão de pagar por sua mão. E boa prova disso seja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque hão medo do bastão da potencia em que se firmam, com que lhes podem quebrar as cabeças; mas para remirem sua vexação, usam do direito natural que os ensina a refazer-se pela calada, e pelo mais quieto modo que lhes é possivel: e como a satisfação fica na sua révera, é ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar que tudo é pouco para o que merecem. E d'aqui vem o que temos visto muitas vezes neste reino em embaixadas e emprezas que sua magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo não ha resultas, nem sobejos que restituam. Nem ha razão que dar a este ponto mais, que a de dizermos que tomam tudo para si por paga de seus serviços, sem admittirem, que vão estes satisfeitos sobre outras mercês que receberam de antemão e que podem faltar estas, córam com este

pretexto á sobeja diligencia, com que se pagam. Duas razões ha muito evidentes, com que se prova o muito que agazalham dos cabedaes que passam por suas mãos: primeira, que o fogo onde está não se póde esconder; logo lança fumo e luzes: e assim são estes, que logo teem fumos de maiores grandezas, e brilham lustres, que manifestam o proveito, com que sairam da empreza, em que apregoam que fizeram grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que apesar de sua mentira descobre a verdade. Se gastaste tanto e te atenuaste, irmão, como engordaste? A segunda razão ainda mais efficaz é, que ás vezes manda el-rei nosso senhor religiosos a taes emprezas com menos cabedal e nenhumas mercês, porque não lhes dá titulos, nem commendas, e comtudo no fim dellas restituem grandes sobejos. Dirá alguem que é porque gastam menos; e eu digo que é porque guardam mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaração: que todos gastam da fazenda real; aquelles guardam para si e estes para seu dono: aquelles pagam-se por sua mão, e estes não tractam de paga, senão de restituição. Mas deixando esta materia, que me póde fazer odioso com gente grande e poderosa, e eu quero paz com todos, assim como tracto de os pôr em paz com suas consciencias; só nos reis e principes grandes tomára persuadir bem esta verdade — que paguem pontualmente o que devem, se querem que lhes luzam mais suas rendas; porque é certo que não ha quem se não pague, se acha por onde: e quando não acha, busca outro do seu lote, que deva ao rei alguma coisa, e compoem-se com elle: dae-me duzentos mil réis, e desobrigo-vos de mil cruzados que deveis a el-rei, porque elle me deve a mim outros tantos. Já se succede, que o primeiro deva ao segundo alguma coisa, ahi fica o contracto mais corrente; porque com pecunia mental se satisfaz tudo, e só o rei fica defraudado na real; porque com estas e outras traças nada se lhe restitue, e vem a montar no cabo ao todo dispendios muito grandes, porque succedem serem mais que muito estes lanços, e passarem de marca as quantias delles. E se buscarmos a raiz destas perdas grandes, havemol-a de achar no descuido das pagas pequenas, que occasionaram licença nos acredores para se pagarem de sua mão,

sem repararem na censura de ladrões, que incorrem pelo que levam de mais: e se algum pezar os acompanha, é de não acharem mais, para se pagarem tambem de dois perigos, a que se puzeram: primeiro de perderem o seu, segundo de ganharem a forca.

Esta sarna ou tinha, que pelas mãos se pega, é tão vulgar, que não ha pessoa, por ignorante que seja, que não saiba pagar-se destrissimamente por sua mão, até em coisas muito leves; porque mais sabe o sandeu no seu, que o sabio no alheio: e o mesmo é quando cuida que o alheio lhe pertence por algum serviço; e para que lhe pertença, e para o apropriar a si, sabe dar dois boleos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio ou mandado que vos fazem, um emprestimo que seja, logo o julgam por digno de grande paga; e em lhes caindo alguma coisa vossa na mão, de que possam sizar, com ambas as mãos empolgam nella, para se remunerarem além das medidas: e não basta dizerem e protestarem que vos servem por cortezia, nem contractardes com elles em o tanto que lhes pagaes pontualmente; porque a cortezia verdadeira que professam é julgarem todos que muito mais merecem, sem advertirem que o dado é dado, e o vendido é vendido; e que não podem alterar nas obras, o que assentam com as palavras. E já lhes eu perdoara tudo, aos que se pagam por sua mão, se levaram somente o que se lhes póde dever a juiso de bom varão; mas pagam-se pela sua almotaceria, que sempre é maior, e occasionam grandissimas perdas aos proprietarios, como se vê na pescaria do aljofar e perolas no Oriente, que rendia mais de um milhão em outros annos á corôa de Portugal, e para os pescadores, que eram mais de quarenta mil, com quinhentas embarcações grandes; porque havia quem pagasse aos ministros fielmente sem lhes abrir entrada, por onde ensopassem a mão em monte tão grosso. Tiveram estes traças para encorporarem em si a administração das despezas e recibos, tirando-a de pessoas religiosas fidelissimas, a titulo de mais facil expediente; e seguiu-se logo serem os mergulhadores mal pagos, e os ministros remunerados em dobro, porque se pagavam estes por sua mão, e aquelles pela alheia: fugiram,

os pescadores, e os que acodem forçados são tão poucos em comparação do que eram, que não chegam a dez mil, com duzentas embarcações pequenas; e assim ficam os lucros tão tenues, que não podem avançar a duzentos mil cruzados; e só os ministros engordam, porque se pagam por sua mão. Na compra do salitre e pimenta, succede quasi o mesmo lá nessas partes: vinha-nos de Maduré o salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que são dezeseis arrobas; comprava-se todo para a corôa de Portugal com grandissimo lucro: não achavam os ministros reaes polpa em droga tão barata, para empolgarem as unhas: tractaram de a haver dos Naiques, que são os reis daquelle imperio, os quaes sabendo a estima que faziamos do que elles arbitravam como se fosse arêa, fizeram logo estanque de que não deixam sair o salitre por menos de vinte patacas o bar: e o mesmo succedeu na pimenta por toda a India, por se cevarem mais do devido as unhas dos ministros em seus pagamentos.

CAPITULO VII.

Como tomando pouco, se rouba mais que tomando muito.

Parece que se contradiz o assumpto deste capitulo; mas essa é a excellencia desta arte, que até de implicações tira consequencias certas para os fins que professa. E pudera-se provar com o que furta a agulha ao alfayate, em logar e occasião que não póde comprar nem haver outra, e por isso fica impossibilitado para trabalhar aquelle dia e os que se seguem, com que perde os seus jornaes e sallarios, que vem a fazer quantia grossa. E é ponto este que tem dado muito que suar aos doutores moralistas, sobre a restituição dos lucros cessantes, e damnos emergentes consideraveis do official, a que deu causa o ladrão com tão leve furto, como é o de uma agulha, que val, quando muito, real e meio: e que-

rem quasi todos que seja furto de restituição, os damnos graves recebidos por tão leve causa. Do mesmo modo discursam no que furtou a cabra ou a galinha, de que seu dono esperava muitos fructos. E assim succede furtarem muito os que tomam pouco. Mas não é minha tenção occupar a machina deste capitulo com ninherias. Vôe a nossa penna a coisas mais altas. Todos sabem o dito commum: *Que tanta pena merece o consentidor, como o ladrão*; e nesta toada ha ladrões, que não furtando nada, porque nada lhes fica, furtam quasi infinito, como se vê nas justiças, em guardas, meirinhos, e outros officiaes, assim na paz como na guerra, os quaes por dissimularem, ou não vigiarem, dão causa a grandissimos furtos, e intoleraveis ladroices: já se vão forros, e a partir, com os que metem as mãos na massa até os cotovelos, empolgando nas fazendas reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos que desbalisam, e nas drogas, que á força fazem ser de contrabando; ahi digo eu que vae o furtar de monte a monte, e que tomam os taes ministros sobre si cargas irremediaveis de restituição, cujos antecedentes não logram, e só com as consequencias das tiçoadas, que por tudo hão de levar, se ficam. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladrões que furtam mais, quando tomam menos.

Comecemos pelos mais graves. Sabe um mestre de campo, que tem quatro capitães no seu terço, que recolhem os pagamentos de seus soldados, a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogam no mesmo dia em que lh'os entregam, ficando assim soldados e capitães sem bazaruco, e dissimulam com isso? Pois saiba o senhor mestre de campo, quem quer que é, que fica sendo em consciencia tão grande ladrão como os seus capitães. Responde-me negando-me a consequencia; porque nada tomou para si. Mas a isso lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladrões, que não furtando nada, furtam muito, e elle é o maior de todos, pois deu occasião a maiores damnos, não só na fome e desnudez dos soldados, e nos roubos que lhes occasionou fazerem para se remediarem, mas tambem na batalha que se perdeu a seu rei, por não irem alentados e contentes.

Caso notavel, e que poderia acontecer! Veio do Norte a certo

homem de negocio um navio de bacalháu meio corrupto, e tal que desesperou da venda e gasto de tal droga: foi-se a um conselheiro, ou provedor das fronteiras, metteu-lhe dois mil cruzados em oiro na mão para luvas com seu borslados, que em maiores empenhos o deseja servir, se lhe der passagem a uma partidazinha de bacalháu para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a sua magestade. Deixe vossa mercê estar o lanço, lhe responde elle com os dois mil nas unhas, que hoje o porei em conselho, e serão sua magestade e vossa mercê servidos. Espera-lhe pancada, e em vindo a pêlo a fome dos soldados, propõe muito severo e grave: Senhores meus, bacalháu é muito bom mantimento para campanha e povoado; tem-se de reserva, e é sadio; e eu tenho, porque nada me escapa, quem nos dê uma partida grossa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamae cá esse homem de veludo raso que ahi está fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendo-se de rogar, e que tem dois mil quintaes para provimento do povo, que ha de ficar bramindo; mas que o serviço de sua magestade ha de ir diante, e que terá o povo paciencia, e que lhe hão de dar vinte mil cruzados pela dita partida, e que se lhe derem um real menos fica perdido. Vá-se vossa mercê para fóra; temos ouvido, consultaremos. Sáe-se elle para fóra promettendo candeinhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa saida á sua fazenda perdida. Dá um brado o promotor do negocio: aqui verão vossas senhorias como sirvo a sua magestade. Famoso lanço, respondem todos, não se perca, embarque-se logo todo para Aldêa Gallega, e contem-se-lhe os vinte mil cruzados; e assim se effectua. Vão diante ordens apertadas aos juizes e corregedores, que prendam almocreves, que embarguem bestas; tudo se executa: e lá vão comendo todos do bacalháu por essas estradas até Elvas, onde o molham, para que não falte no pezo; recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ao segundo dia já enjôa a toda a cidade com o cheiro; os soldados não o aceitam, nem os cães o comem. E se alguem não tiver isto por factivel, veja lá não lhe provem que lhe succedeu a elle. Digam-me agora os senhores doutores, se é isto furto ou esmola que se fez a sua

magestade. No conselho o appellidaram por serviço, em Elvas lhe chamam perda; e poucas letras são necessarias para lhe dar o nome proprio, que é, furto legitimo. Quem fez este furto é a maior duvida? O mancebinho que recolheu os dois mil cruzados, cuida que nada fez; e elle por estes algarismos vem a ser o que tomando pouco, furtou muito; porque deu occasião a arderem vinte mil cruzados d'el-rei sem nenhum fructo. Na alma lhe não quizera eu jazer á hora da morte.

CAPITULO VIII.

Como se furta ás partes, fazendo-lhes mercês, e vendendo-lhes misericordias.

Offereceu-se o milhano á gallinha para ser seu enfermeiro em uma doença, e em cada visita lhe mamava um pinto pela calada, até que deu fé, pela diminuição de sua familia e casa, que a mercê que lhe fazia o seu medico, tinha mais de furto, que de misericordia. São os ministros com que se governam as republicas, como medicos, que acodem a seus trabalhos, que são as suas doenças; e accrescentar-lhe estas a titulo de cura e de misericordia, é aleivozia, e é ladroice descarada, e acontece de mil maneiras. Toco algumas, que todas não póde ser. Manda el-rei nosso senhor fazer infanteria pelas comarcas do reino para provimento das fronteiras e do Brazil, ou da India: vão os cabos muito bem providos de dinheiro, que lhes dá sua magestade para os pagamentos; levam seus officiaes em fórma com todos os requisitos, para que tudo se faça authentico com razão e justiça. Chegam a um logar, tomam noticia dos que ha mais aptos e expeditos para as armas: são logo malsinados os que teem inimigos, e chovem escusas sobre os que são aparentados. Passa o cabo cedulas aos meirinhos que lh'os tragam alli todos; e se os não acharem, que lhe tragam os paes ou as mães por elles: e elles que gostam mais

do ninho em que se crearam, e leval-os á guerra, é arrancar-lhes os dentes; poem-se em cobro, deixando seus paes nos piotes, que para remirem sua vexação, e a de seus filhos, lançam mil linhas; e vendo que as de intercessões não montam, appellam para as do interesse: offerece cada qual os vinte e os trinta cruzados que não tem, e para os fazer, vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo escapa, e livra o filho a titulo de manco, sendo mais escorreito que um veado: e não são poucos os que trincam a sedella desta maneira em cada terra; com que vem a ser mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fazerem gente para a guerra, fizeram thesouro para a paz e para o jogo. Muitos paes houve que livraram seus filhos seis e sete vezes deste modo, em differentes annos; com que lhes vieram a custar tanto como se os resgataram de Turquia.

O mesmo succedeu nos aprestos das armadas para a costa, e frotas para o Brazil e India. Faltam barbeiros, falta marinhagem? Alto sus: vão os sargentos por essa ribeira, revolvam a cidade, prendam e tragam toda a coisa viva que possa prestar para os taes ministerios, e cá faremos a escolha: e como se o decreto fôra rede varredoira para ajuntar dinheiro, vão empolgando em quantos acham geitosos, para pingarem quatro tostões, porque os deixem: vinde por alli, que sois marinheiro; e vós vinde tambem que sois sangrador. Ha que d'el-rei, grita este, que não estou ainda examinado! Que não sou marinheiro do alto, chora aquelle! Deixem-nos vossas mercês, eis aqui duas patacas para beberem. Que não ha patacas, instam os agarradores, todas são falsas; viva Deus, e tudo é falso quanto allegaes; bem vos conhecemos. Pois por isso mesmo, acodem os salteados, hão vossas mercês de usar de misericordia comnosco, pois nos conhecem, e serem servidos de nos darem uma palavra aqui á parte de segredo, que importa ao serviço de sua magestade. E tanto que lhe untam as mãos com moeda corrente, logo os deixam escorregar dellas, avisando-os, por lhes fazerem mercê á puridade, que não appareçam os oito dias seguintes até darem á vella; e aos circumstantes que acudiram a vêr a morte da bezerra, dão satisfação com *deixem passar, senhores, estes fidalgos que são familiares.* E eis

aqui como estes e outros fazendo mercês, e vendendo misericordias, furtam a trocho; e vem a resultar de tudo que fazem os provimentos, dos que não tiveram substancia para seu resgate, de quatro máus trapilhos inuteis e miseraveis; e por isso depois em seus postos ha as faltas que choramos: nem se devem imputar a elles, que são uns coitados, senão a quem taes provimentos faz, esfolando a nossa republica para engordar a sua pelle, e encher a bolsa.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em maior custo, e toca em sugeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Aprestam-se as náus para a India, não ha pilotos nem bombardeiros, porque são officios cujas artes já se não professam nem ensinam: offerecem-se os lacaios dos maiores senhores a seus amos, para que os façam provêr nestes officios em satisfação de seus serviços; porque sabem que tem maiores lucros nelles, que em pensar as mulas e frisões dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe seu amo: como pódes tu ser piloto de uma náu, se nunca entraste nella, nem sabes que coisa é balestilha nem astrolabio? Não repare vossa senhoria nisso, respondeu elle, porque as náus da India não hão mister pilotos; sempre ouvi dizer que Deus as leva, e Deus as traz. E fiados nisto, ou em seus intentos, que elles saberão quaes são, e nós tambem, provém os officios das náus, de maneira que quando vem á praxe e exercicio delles, nenhum sabe qual é a sua mão direita: e por isso vão dar com as náus por essas costas, e se deixam render nas occasiões da peleja; e vêmos perdas tão grandes e intoleraveis, que pelo serem muito, as attribuimos aos peccados, que não vêmos, e se poderiam muitas vezes queixar de se lhe levantarem tantos falsos testimunhos, como lá, não sei onde, se queixou um diabo de certo noviço, que deu a seu mestre por escusa de uns ovos que frigiu em um papel á candêa, que o tentára o demonio, o qual acudiu logo por sua innocencia desmentindo-o, que tal fritada não sabia como se podia fazer daquella maneira. Não nego que peccados nos podem fazer, e fazem muita guerra; mas vejo que ignorancias são as que nos destroem; e quem favorece estas a titulo de misericordia, dá occasião a maior crueldade: e

fazendo esmolas e mercês a seus criados, faz furtos, e dá perdas á republica, que não teem reparo.

CAPITULO IX.

Como se furta a titulo de beneficio.

Beneficios ha sem pensão, e beneficios ha com ella. Tomára eu os meus desobrigados, para não desejar a morte ao pensionario. Se o beneficio é tenue e a pensão grossa, melhor me fôra ser cura que beneficiado. Isto é, que melhor me estava curar de mim com trabalho, que render-me a outrem com tributo. O interesse é moeda que todos os homens cunham, e só entre elles corre e a falsificam de maneira, que por cobre querem que lhe deem prata. Deus Nosso Senhor está continuamente enchendo este mundo de beneficios sem esperar outra pensão, mais que de louvores em agradecimento. É um milagre continuo a disposição e providencia com que o céu governa os tempos do anno, fazendo com suas influencias sair partes dos elementos, animaes, e plantas, com que os racionaes se sustentam e vestem; sem por isso nos pensionar mais que em louvores, que quer lhe dêmos; tributo facil, porque depende de affectos, que são naturaes, e por isso de nenhuma molestia ao agradecido. Os reis tambem são como Deus; e como a natureza nesta parte a tudo acode com universal providencia, dispondo as coisas com suas leis, de sorte que se não houver quem as quebrante, não haverá fome que afflija os pobres, nem adversidades que inquietem os pequenos; todos, altos e baixos andarão satisfeitos, sem as pensões de tributos, que se occasionam de desbarates que os ambiciosos e turbulentos movem; e para se reprimirem é necessario que todos concorram, porque as forças de um rei ás vezes não bastam para enfrear a violencia dos grandes, que sempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A oppulencia é esponja que se ceva na

substancia da pobreza, e é hydropisia que nada a farta: e d'ahi vem arrebentarem uns de gordos com a abundancia, e entisicarem outros de magros com a esterilidade. E no cabo cuidam os grandes, que são como as sanguexugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupam o sangue; cuidam que fazem soberano beneficio aos pequenos, quando se servem delles até os aniquilarem. O beneficio que vos fazem, é servir-se de vós; e a pensão tomar-vos a fazenda, como se a ganharam, quando vos admittiram ao serviço que lhes fizestes. Não se viu maior sem-razão! E eu lh'a perdoara (porque cuidam que vos auctorisam, quando vos chegam a si, e que não ha em vós preço com que lhe possaes pagar este beneficio) se não accrescentaram a este dilirio outro peior, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a isso a vingança injusta que conceberam contra vós, por não vos professardes escravos seus, até quando não só a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigações que sonham vos fez livre. E para que não pareça isto discurso phantastico a quem o lêr, ponho-o na praxe de um exemplo, e ficará claro e bem intendido.

Não ha reino no mundo tão bem provido como este nosso de Portugal; porque além do que dá de si bastante para seu sustento, lustre e agrado, tem de suas conquistas com que se enriquece, e provém todas as nações. E como o meneo de tantas coisas é grande, ha mister grandes homens que lhe assistam com grande governo em todas as partes aonde chegam seus commercios. Destes houve antigamente, e ainda ha alguns tão fidalgos, que estimando mais a honra que thesouros, tractaram só de dar o seu a seu dono; e assim tornaram para suas casas ricos só de bom nome, que é melhor que muitas riquezas, como diz o sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leis da cobiça aos respeitos da nobreza, não só se fazem chatins; mas estendendo as redes até pelo alheio, se fazem ricos á custa dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro, depois de se servirem delles, e os despojarem de quanto tinham. Soube um governador destes, que certo negociante tinha um trancelim de diamantes, que se avaliava em cinco mil cruzados: cresceu-lhe a

agua na boca, e mandou-lh'o pedir só para o vêr por curiosidade: e depois de visto, torna outro recado, que estimará lh'o venda: tenho-o para o dar em dote a uma filha, lhe respondeu o dono. Seja assim, diz o senhor governador; e eis-ahi tem v. m. a sua peça: e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que se embarque prezo para o reino, para dar conta diante de sua magestade de certos cargos e crimes *læsæ majestatis*, provados com mais de vinte testimunhas. Lança o bom portuguez suas contas: eu não devo nada a el-rei; mas dizem lá que á cadêa nem por coima de figos, e se me deixo ir, hei de gastar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo não ficarei bem limado de tudo, sobre bem affligido. Leve S. Pedro o trancelim que tão caro me custa. Chama um religioso destro e de segredo, entrega-lh'o com um recado para sua senhoria, que lhe faça mercê de se servir daquella peça, e de tudo o mais que ha em sua casa, porque estava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o senhor governador o envoltorio, dando a intender que cuida são reliquias que lhe offerece o reverendo padre, e ajunta muito criminoso: Grande coisa é ter um amigo em Arronches. Póde agradecer a vossa paternidade esse cavalheiro a mercê que lhe faço de o absolver de culpa e pena: e dê graças a Deus que escapou de boa. Por esta arte fazendo beneficio da maldade que urdiram, chupam em satisfação, quanto ha precioso em ricos e pobres. Façam-me mercê que lhes resistam, e verão onde vão parar suas vidas e fazendas.

De outras tretas usam ainda mais suaves para se fazerem senhores do alheio a titulo de beneficios phantasticos, principalmente quando tractam de se voltarem para o reino: fingem-se validos e poderosos com os ministros de todos os conselhos, e até com as altezas e magestades: offerecem-se aos que sentem de mais chorume, que farão na côrte suas partes: e como nenhuma ha que não tenha nella requerimentos, todos se dispendem com donativos e offertas, que dizem com as pessoas; e elles vão agasalhando tudo, e pondo em listas (que nunca mais hão de vêr) seus negocios: e para os apoiar mostram cartas, que fingem dos validos e ministros, onde vão topar os pleitos e requerimentos, e fa-

zendo dellas esporas e garavatos, despenham os pertendentes, e os desbalizam de quanto teem; e assim os roubam a titulo de lhes fazerem beneficios, sem chegarem nunca os acredores a colher os fructos de suas esperanças; porque semearam em terra esteril, e mato maninho. Deus nos ajude, e nos dê a conhecer corações fingidos: a natureza e os elementos produzem tudo para os homens, sem lhes pedirem nada por tão grandes beneficios; e os homens são tão interesseiros, que sem lhes darem nada, lhes querem levar tudo por uma mercê fingida. Não ha entre elles beneficio sem pensão, e é ordinariamente tão pezada, que nada me deixa para allivio. O reino está sempre cheio para elles, e para mim só vazio: os reis tratam de todos, e elles só de si, e nenhum de mim, senão quando me sentem com churume que possam sorver. Vel-os-eis visitarem-se uns aos outros com alvitres de grandes ganancias, se entrarem ao escote nos empenhos que trazem por mar e terra; e que vos fazem mercê de vos admittirem ao trato da sociedade, de que esperam fructos e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o seu intento é pôr-vos de lodo, despojando-vos da substancia, para a encorporarem em si; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixam *zote de requie:* e quando abris os olhos, achaes que o descanço se vos converteu em demandas, com que acabaes de despenhar o ruço atraz das canastras; estas vão cheias para elles, e aquelle fica dando-vos coices na alma: *Equo ne credite Teucri. Timeo danaos, et dona ferentes.*

CAPITULO X.

Como se podem furtar a el-rei vinte mil cruzados a titulo de o servir.

A era é tão desarrasoada, que com summa *habilidade*, digo humildade, ajunta soberba summa, tomando satisfação atroz de

um serviço inutil, como se o que dá fôra muito, sendo nada; e o que toma fôra nada, sendo mais que muito. É por natureza tão humilde e rasteira, que se não tiver quem lhe dê a mão, nunca se levantará do pó da terra: e é por artificio tão soberba, que não pára, até não sobrepujar a quem lhe deu o alento; nem descança, até não destruir a seus bemfeitores, roubando-lhes a substancia, e arruinando-lhes o ser em satisfação do leve serviço que lhes faz do ornato de suas folhas. Levanta-se por beneficios das mais altas arvores a que se encosta; dilata-se com o favor dos mais fortes muros a que sè arrima; paga-lhes com sua frescura, e paga-se desta ruina e destruição total de todos seus Mecenas. Até aqui ingratidão! E taes são homens humildes por natureza, soberbos por artificio, que recebendo de seus senhores o ser e beneficios sem conto, escassamente lhes fazem um leve serviço mais de folhagem, que de substancia, e logo se pagam delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes saco ao mais essencial, sem repararem ruinas, que a grandes dispendios necessariamente se seguem. Não tolho que se paguem serviços: mas estranho satisfações, que excedem; e que as affectem ambiciosos, até onde não ha merecimentos. Córando estes com a mesma acção perniciosa, estão roubando a seu rei, e a seu senhor, e querem que por isso vá cheia de merecimentos a mão que enchem de rapinas; e que tudo seja pouco para premio de sua aleivosia, disfarçada com mascara de serviço. E ainda que nelles houvera serviços dignos de premio, são os pagamentos com que se satisfazem, tão grossos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados disse no titulo deste capitulo? Pois disse pouco, quando sei casos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occasiões, que a sabedoria do vulgo ficou cuidando que recebia el-rei no lanço um serviço heroico de grandissimo interesse. Succedeu o caso, não direi onde, porque não trato de syndicar invasões de inconfidentes, senão de advertir ministros fieis, para que saibam por onde se nos vae a agoa: basta saber-se que além-mar recolhem os reis de Portugal para si todos os dizimos, como conquistadores; porque os papas os largaram aos mestrados, para levarem ávante a conversão da gentilidade, e sustentarem o culto divino naquellas partes com magni-

ficencia da fé, e augmento da christandade. Em uma praça pois déssas mais oppulentas se poem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos, a quem dá mais por ellas, e andam orçadas uns annos por outros em cento e quarenta até cento e cincoenta mil cruzados. Urdiu um poderoso os lanços de maneira, que não subiram de sessenta mil cruzados; e nelles se rematou o ramo a um prióste seu confidente, como quem ia forro e a partir: e para isso intimidou todos os lançadores, e prendeu alguns que tinha por mais affoitos, para os impossibilitar naquelle tempo, por lhe constar queriam lançar no tal ramo cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinham lançado, e no seguinte lançaram, porque se lhes removeu o impedimento. Donde se colhe que não defraudaram a sua magestade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeram grande serviço, para que se não perdesse de todo a arrendação dos dizimos, visto não haver quem désse por elles mais. E destas ninherias ha por lá muitas, guizadas com taes escabeches, que é necessario muito ardil para lhes dar na tempera: e ainda que ha quem a intenda, assim como ha quem a goste, não ha quem a declare, por se não encarregar de desgostos, arriscando a vida e a honra, á ventura de haver quem faça prevalescer suas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriscado que este, com que se furtam a sua magestade todos os annos os vinte mil cruzados que propuz no titulo, sem se sentir a pontada, nem abrir ponto por onde se possa emendar a rotura. E é assim, que os reis de Portugal são senhores de todos os matos do Brazil, e conseguintemente de todas as madeiras que se talham nelles: e é certo que todos os annos se fabricam mais de cincoenta mil caixas para vir o assucar, tabaco, gengivre, malagueta, etc., e que não se paga a el-rei por tanto taboado e madeira, nem um ceitil, achando os interessados, que assás o servem nos direitos, que de tantas drogas pagam, como se os não deveram por outra cabeça: e por esta arte, a titulo de o servir, lhe defraudam cincoenta mil cruzados, que lhes pudéra levar por outras tantas caixas, que bem baratas iriam por este preço: e ainda que lh'as não désse mais que a

dois tostões (que seria dal-as de graça) faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos que tem aquelle estado do nosso commercio, e passam de cento e cincoenta, fazem somma de dois milhões e meio; e em tanto está defraudada esta corôa a titulo de bem servida: e no cabo os seus ministros, que se prezam de belizes, e que pescam atomos com linces, não teem dado fé desta perda, se quer para fazerem della alvitre, nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes e intelligentes não teem preço, com tanto que não despontem de agudos para seu proveito, como um que me veio á noticia ha poucos annos, que de um servo engoliu vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que não cuidem que só por hi além se fazem os bons saltos: fez este cadimo o seu com pretexto de servir bem a sua magestade, e ajudaram-no sendo dos bisonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriam em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabelioas, com outras tantas trochadas pelas costas com uma bengalla? Conforme ellas forem, responderam elles, não se desavindo no contracto; serão de amigo: *Et citra sanguinis effusionem.* Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados se contentou cada um, saindo a cinco tostões cada bengallada, como bofetada em peão. Accrescentavam elles a fazenda de uma náu em uma baraça (se era para a alfandega, ou casa da india, elles o digam, que a mim me esquece) e vindo com uma carga de drogas taes, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, pararam em parte certa de pensado, como quem tratava de dar conta de si, e descarregar sua consciencia: saiu-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavam fazendas despachadas para fóra; e perguntando e resolvendo á vista de Deus e de todo o mundo, para mais assegurar o campo, lhes disse; que fazeis aqui villões muito ruins? Deveis de estar bebados! Pois trazeis cá o barco que saiu d'aqui registrado; levae-o a seu dono, e desempachae o caminho: e porque não menearam os remos com tanta pressa, como o salto necessitava, accrescentou: estes madraços só ás pancadas se governam, e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda d'el-rei, nem das partes: e pas-

sando das palavras ás obras, lhes fez a caridade, como tinham concertado: confessando elles que tinha sua mercê muita razão; e assim ficaram todos justificados, e os circumstantes persuadidos que tudo ia bem governado conforme aos regimentos da cartilha; e o barco, sem ruim presumpção, foi dar comsigo onde sua magestade perdeu vinte mil cruzados de direitos, dando-se em tudo por muito bem servido, em que lhe pez, porque não havia outra luz que manifestasse a verdade.

CAPITULO XI.

Como se podem furtar a el-rei vinte mil cruzados, e demandal-o por outros tantos.

Terrivel ponto é o que neste capitulo se offerece. Furtar, é ficar tão fóra de restituir, que pretenda o ladrão se lhe pague com outro tanto o trabalho que teve em fabricar, e embolçar o furto! É caso que só na escóla de Caco se pratica, e acha resoluto; e poderia acontecer (se não é que já succedeu) de muitas maneiras: ponhamos uma que explicará todas. Eis lá vae um coronel mandado por sua magestade, não sei a que comarca: vinte mil cruzados leva para levantar um terço perfeito de infanteria: escolhe elle os officiaes, todos seus criados, creados á mão como estorninhos, que só palram e descantam o que lhes mettem no bico. Dão comsigo de assuada em uma granja sua, que nunca grangeou tanto em sua vida: o porque era quinta de prazer, regalaram nella suas almas quinze ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, gallinhas, capões, perûs e leitões, á custa da barba longa. Escrevem alli os de melhor pena em um livro branco mil e quinhentos nomes de soldados, que nunca viram, com os nomes de patrias e paes, que taes filhos não geraram; tudo por capitulos com signaes e firmas differentes, pondo muitos com diversas cruzes por signaes, denotando que não sabiam escrever, como acon-

tece. Feito assim o livro da matricula, e authentico com todos seus requisitos, sem lhe faltar uma cifra; annexando-lhe logo cartas, que com a mesma facilidade fizeram e fingiram vindas das fronteiras cheias de agradecimentos do recibo de tão bizarra gente; e que logo a repartiram por varias praças, que estavam muito arriscadas: mas que já ficam seguras com mil e quinhentos leões; e outros tantos annos viva sua senhoria para fazer similhantes serviços a el-rei e á patria, que lh'os saberão agradecer e pagar como merece. E com estas cartas de quitação e livro de receita, dão comsigo na côrte, allegando a sua magestade o grandissimo trabalho que tiveram, levando máus dias, e peiores noites, botando o bofe pela boca, e labutando com repugnancias, escuzas, e murmurações de paes velhos, mães viuvas, irmãs donzellas. Boto a tal, que se não póde fazer este officio por quanto ha no mundo: e que não nos paga sua magestade com as melhores commendas de Christo o serviço que lhe fizemos de mil e quinhentos raios de Marte, tigres desatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gastámos de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil que nos mandou dar sua magestade, claro está que não bastavam nem para as despezas dos caminhos, serras, e charnecas, que andámos com máus gasalhados, e peiores mantimentos. Recebe-os el-rei nosso senhor com entranhas de pae; agradece-lhes liberal o trabalho com sua costumada benevolencia; enche-os de mercês e despachos, confiado a outras emprezas. E accrescentam elles, depois de satisfeitos e contentes: Senhor, é um milagre vêr que de tantos infantes, nem um só mostrou má vontade de ir servir a vossa magestade; tanto monta o bom modo com que fizemos isto.

Vêdes aqui irmão leitor, como podeis furtar a el-rei vinte mil cruzados, e demandal-o logo por outros tantos em juiso, allegando que vos pague, não só o que trabalhastes, senão tambem o que gastastes em seu serviço. Os soldados foram por letra phantasticos e invisiveis: mas os vinte mil foram á vista reaes, e não encantados. O serviço foi roubo occulto; e por elle pedem e levam satisfação, e paga manifesta. E se lhes tardam com ella, queixam-se e demandam, até que lhes dão pelo trabalho de furto mais

do que interessaram na rapina. Deste e de outros casos, que vão por esta esteira, se póde colher resposta para alguns zelozos que estranham as prolongadas demoras que cada dia vemos em despachos. Admitto que é muito mal feito dilatar os requerentes na côrte fóra de suas casas; mas peior o faz, quem requer o que lhe não é devido: e para se averiguar a verdade de todos, e seus merecimentos, é necessario tempo, porque ha muitos enganos nas justificações dos serviços que se allegam. E acontece muitas vezes virem das conquistas e das fronteiras, carregados de certidões de grandes serviços, os que mais roubaram a sua magestade, e á força querem que lhes pague com commendas e officios de muitos mil cruzados, os latrocinios que lá fizeram e veem provados atraz delles na rectaguarda da sua fortuna; e se espera que cheguem para rebater as baterias de certidões falsas, que apresentam na vanguarda de seus requerimentos.

CAPITULO XII.

Dos ladrões, que furtando muito, nada ficam a dever na sua opinião.

Ha uma figura na rethorica que se chama *gradatio*, porque vae como por degráus atando as palavras, e pendurando-as umas das outras. Declaremos isto com um exemplo, que servirá para a prova deste capitulo. Todo o soldado portuguez é brioso, todo o brioso é polido, todo o polido calça justo, todo o que calça justo, não admitte çapato de fancaria: e os çapatos que os assentistas mandam ás fronteiras para os soldados, são todos de fancaria, e carregação: logo bem diz quem affirma, que é fazenda perdida, a que se gasta em taes çapatos. E que sejam de fancaria, prova-se com a mesma figura; porque os taes são de carregação, e toda a mercadoria de carregação é pouco polida, toda a coisa pouco polida é desalinhada, toda a coisa desalinhada é de fan-

caria: logo bem dizia eu, que é fazenda perdida; porque soldados briosos, quaes são os portuguezes, não usam coisas de faiança. E prova-se mais ser fazenda perdida pela experiencia; porque sabemos de poucos que calçassem nunca taes çapatos, e vêmos muitos que recebendo-os a razão de tres e quatro tostões o par, porque lhes não dão outra coisa, os tornam logo a vender por cinco ou seis vintens: e tornando-os os assentistas a recolher por este segundo preço, os tornam a encaixar aos soldados pelo primeiro, revendendo-os seis e sete vezes. O mesmo fazem com as botas e meias, couras, guarinas, carapuças, e outros aprestos, que sua magestade lhes permitte levar ás fronteiras, para melhor expediente da milicia; mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do pão bota terra, na farinha cal, na cevada joio, na palha cisco, para fazer de esterco prata, e vencer com os ganhos o custo. E a graça de tantas desgraças é que os auctores destas emprezas, depois de roubarem com ellas a el-rei, aos soldados, e a todo o reino, porque a todo abrangem tantas perdas, ficam-se saboreando da destreza com que fizeram seu officio: e se a consciencia os pica, que venderam gato por lebre, alimpam o bico á mesma consciencia, que a ninguem puzeram o punhal nos peitos, nem venderam nada ás escondidas, e o que se faz na bochecha do sol com aceitação das partes, vae livre de coimas e de escrupulos. Parece que ainda não leram, nem ouviram, que ha vontades coactas e forçadas sem punhaes nos peitos. Se vós lhes não daes outra coisa, nem ordem para que a busquem por sua via, claro está que se hão de comprar com vossa ladroice, para remirem em parte sua vexação. Mas isto não vos livra de que ficaes obrigado a el-rei, porque o enganastes; e aos soldados porque os defraudastes; e ao reino porque o saqueastes, ensacando em vós o dinheiro das decimas, e palliando tudo com um quartel que expuzestes de antemão, como se assim os arriscasseis todos; e como se nós não vissemos, que quando chegaes ao segundo, já estaes pagos do primeiro. E tendes nas ambas cobranças seguras para o terceiro e quarto, havendo-vos em todos, como se os traginareis com vossa fazenda; e sendo a negociação ao todo com fazenda alheia, vos pagaes nos interesses, como se fôra vossa.

E lançadas vossas contas, achaes na vossa opinião, que nada ficaes a dever, e que se vos deve muito pelo muito que ganhastes. Muito tinha eu aqui que discorrer: mas fiquem estes torcicollos de reserva para o capitulo 20.° § — *Seria immenso* — das unhas militares.

CAPITULO XIII.

Dos que furtam muito accrescentando a quem roubam, mais do que lhes furtam.

Em Braga houve um primaz arcebispo, que o foi tambem no Oriente: este costumava dar todos os provimentos de abbadias, egrejas, beneficios, e officios aos pretendentes por quem intercediam menos padrinhos, e deixava sem nada aos que tinham muitos intercessores. E a razão em que se fundava para se justificar com sua consciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, senão por interesse: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha com que os comprava; e que os buscava por se vêr falto de merecimentos; e, pelo contrario, quem pretendia sem padrinhos, ia pelo caminho da justiça, e fiava-se na verdade e em seus talentos: e assim achava o bom prelado que provia melhor, quando furtava a volta ás abonações que excediam, tendo-as por suspeitas. Mas teve um provisor que lhe deu na trilha; e furtava-lhe a agua com outra treta, abonando-lhe os que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que assim lh'o dizia muita gente. E era o mesmo que ficar de fóra e destituido aquelle a quem mais accrescentava, e ornava para ser provido. Valente desengano é este para principes que não cuidem que poderão ter roteiro que se lhes não contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia*, disse o italiano; que não ha lei, nem traça de governo tão considerada, a que a consideração da malicia, e especulação do discurso interessado não dê alcance para a perverter e torcer a seu intento. Um caso que

me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Cresceram queixas de mais de marca nesta côrte contra os ministros ultramarinos: tractou-se de lhes mandar um syndicante que as apurasse. Escolheu sua magestade um bacharel de encommenda: tinham os ultramarinos prevenido com valentes saguaes seus confidentes, para que armassem os páus de maneira, que o syndicante fosse homem venal, e não incorrupto. O eleito bem viam todos que era Rodamanto, Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opinião vencia e açamava até a propria inveja. Deram em fazerem elogios e prégar encomios delle a sua magestade, e que o mandasse logo, que assim convinha. E porque sabiam que era homem de capricho e brios, que não havia de evitar a empreza, sem os requisitos para ella; e para seu credito e honra navegar direito, accrescentaram que não convinha dar-lhe beca, nem habito de Christo antes de ir; porque se lhe dessem logo o premio, não lhe ficava cá que esperar, e não serviria tão *diligente*, nem tornaria tão cedo, deixando-se engodar lá com outros lucros, e que perderiam um sugeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razão por ir vestida de zelo de bem commum: e vendo o syndicante que o mandavam desmastreado de auctoridade e dos requisitos para fazer bem seu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia quem tanto o abonou e accrescentou de cabedal e talentos para o esbulhar de tudo. Deixo outras consequencias que teve a historia, porque estas bastam para mostra que ha ladrões que furtam accrescentando a quem roubam, mais do que lhe furtam. Por este rumo navegam os que para entabolarem seus alliados, quando competem com outros que lhes vão diante nos merecimentos, abonam tanto os melhores, que os botam fóra da pretenção a titulo de ser pequena, e que é bem lhes deem coisas maiores; que aquillo é bastante para fulano; e assim o plantam no posto, e se esquecem do provimento maior, que alvidravam e promettiam ao que botavam fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem se estende esta subtileza por materias pecuniarias, fazendo-vos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuição: abonam-vos por Cresso e Midas, para vos pôrem ás cos-

tas as perdas que querem lançar das suas. Em Portalegre vi este caso por occasião de uma alçada, cujos gastos não achou o desembargador quem os pagasse depois de feitos, nem quem comprasse as fazendas dos culpados, porque eram poderosos e aparentados. Fez o syndicante seu officio rectissimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da cidade, para os obrigar a que dessem a quantia necessaria para a alçada, e que tomassem as fazendas para se pagarem com ellas logo, ou com seus fructos, nos annos que bastassem, descontando tambem a razão de cambio os lucros cessantes do seu dinheiro. Vendo todos o risco á que se expunham, porque em virando o desembargador as costas, haviam de revirar sobre elles os culpados com toda sua parentella, que era da governança, e lhes haviam de fazer amargar os fructos, perder o dinheiro, e arriscar as vidas, deram na traça deste capitulo de accrescentarem os bens a quem tractavam de os diminuir: disseram de um certo, que tinha de seu mais de cem mil cruzados, que elle só podia com tão grande pezo, e era poderoso a ter as pélas contra tudo o que succedesse: e seguiu-se d'aqui, que fazendo-o rico, o meteram em riscos de grandissimas perdas. Nos lançamentos das decimas succede quasi o mesmo, que vos fazem rico sendo pobre, para que pagueis o de que se eximem os ricos por poderosos. O orçamento é justo, porque se me depella a substancia do que póde a freguezia, e que consta até pelos livros dos dizimos: mas quando vae ao repartir da contribuição, baralham as cartas os que estão senhores do jogo, e fazem sair triumpho de oiros, a quem não tem cobre com que pague; e páus e espadas a quem tem prata, para que a defenda; e não faltam logo copas, que apagam as duvidas. E a galhardia é que com zelo do serviço d'el-rei nosso senhor tapa a boca a todos, para que não grunham. É terrivel mão a que se arma com azeiros reaes, porque ainda que não sejam mais que apparentes, temem suas unhas até os leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na phrase dos azeiros, ou unhas reaes; porque é certo que ha unhas reaes muito perniciosas, como explicará o seguinte capitulo.

CAPITULO XIV.

Dos que furtam com unhas reaes.

Quando Alexandre Magno conquistava o mundo, reprehendeu um corsario, que houve ás mãos, por andar infestando os mares da Índia com dez navios: e respondeu-lhe discreto: Eu quando muito dou alcance e saco a um ou dois navios, se os acho desgarrados por esses mares; e vossa alteza com um exercito de quarenta mil homens, vae levando a ferro e fogo toda a redondeza da terra, que não é sua: eu furto o que me é necessario, vossa alteza o que lhe é superfluo. Diga-me agora, qual de nós é maior pirata, e qual merece melhor essa reprehensão? Quiz dizer nisto, que tambem ha reis ladrões, e que ha ladrões que furtam o que lhes é necessario; e que ha ladrões que furtam tambem o superfluo: estes são ladrões por natureza, e aquelles o são por desgraça. Deus nos livre de ladrões por natureza, porque nunca teem emenda; os que furtam por desgraça, mais soffriveis são, porque não são tão continuos. Se ha reis ladrões é questão muito arriscada. Certo é que os ha, e que não furtam ninherias: quando empolgam, são como as aguias reaes, que só em coisas vivas e grandes fazem preza. Milhafres ha que se contentam com sevandijas; mas a rainha das aves com coisas maiores tem sua ralé. Quando el-rei Filippe, que chamam Prudente, morreu, dizem que só no reino de Navarra engasgou, se pertencia ao francez, como se não tivera mais que duvidar no de Portugal, e outros, cuja posse, se bem se examinára, póde ser que lhes achára mais da rapina transversal, que de linha direita. Os reis de Portugal tiveram sempre esta prerogativa e benção de Deus, que tudo quanto possuiram e possuem de reinos, foi herdado com legitima successão, ou conquistado com verdadeira justiça. E assim não topam aqui entre nós as unhas que chamamos reaes: por outra via logram este nome com que se acreditam e armam para empolgarem mais a seu salvo nas prezas que fazem, as quaes são tantas,

e de tal qualidade, que não é possivel referil-as todas. Toco algumas.

Sáe de Lisboa um enxame de officiaes dos assentistas, quando não teem pelas comarcas varas maiores que lhe substituam no cuidado de fazer trigo e cevada para as fronteiras, e todos levam nas mãos provisões reaes, para tomarem o que fôr necessario e lhe amainarem o preço: correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores e tambem dos religiosos; e sendo necessarios mil moios, v. g., recolhem tres mil, e vendem depois em abril e maio os dois mil dobrando-lhe o preço, e tambem quadruplicando-lhe conforme a carestia que elles causaram. Um fidalgo de Béja me contou que vira um destes doutores fazer uma peça digna de conto. Atravessou o celeiro de um lavrador ricaço, e disse-lhe muito sério: Este trigo é muito sujo; não o hei de levar senão joeirado, porque não quero comprar má fazenda para os soldados de sua magestade, que é bem andem mimosos, pois nos defendem de nossos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por se vêr livre delle, e tirou de dez moios mais de meio moio de alimpaduras, as quaes comprou logo o mesmo ministro dos assentistas a vintem cada alqueire; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo limpo, e misturando tudo o ensacou. Não se viu mais pouca vergonha, nem maior subtileza! Até no terreiro de Lisboa fazem preza estas aguias. São necessarios vinte ou trinta moios de cevada para as cavalhariças reaes, e tomam mais de duzentos. O mesmo fazem na palha que mandam vir em barcos do Ribatéjo: não sei se será para venderem em maio a cruzado o panal que lhe custou um tostão; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compraram a tres ou quatro vintens? Tão reaes como estas são as unhas de alguns ministros, que retardam consultas de officios, para que occupem serventias os que os peitam: e andam os pretendentes das propriedades annos e annos requerendo debalde; porque tudo está empatado com despachos subrepticios, de que sua magestade não é sabedor; que se o fôra, mandára restituir lucros cessantes, e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foi causa contra justiça de se andarem consumindo, e luctando com enganos fóra de suas casas tanto tempo. Neste passo

me negam tudo quanto tenho dito neste capitulo, os que se sentem comprehendidos: e para que me deixem, retracto tudo, e só o digo, para que não aconteça, e passo a coisas notorias.

Passando eu ha poucos annos por Montemór-o-Novo, vi uma tropa de padeiras irem gritando atraz de dois meirinhos que levavam ás costas de quatro negros outros tantos sacos de pão amassado: perguntei, que briga era aquella? Responderam-me, que as encoimaram por fazerem o pão menos da marca, que mandava sua magestade que o fizessem de arratel, e achou-se em um meia onça menos. Mas sabida a historia mais de raiz, era que não queriam dar pão fiado a alguns senhores da governança, porque nunca lhes pagavam; e assim as ensinavam a serem cortezes. Mais humano se portou um meirinho nesta côrte de Lisboa, que com um dobrão que lhe serviu de negaça, caçou mais de um anno tudo o que lhe foi necessario para o sustento de sua casa. Ia o criado por essa ribeira com a moeda de oiro de tres mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, acolá o cabrito e o leitão no dia de carne; e no dia de peixe a pescada, o savel, o linguado, e a lagosta; comprava até a couve, o nabo, a alface, o queijo, o figo e a passa, e todo o genero de fructa, e nunca se desavinha no preço, e sempre offerecia o dobrão: e como todas as regateiras haviam medo do amo, por não o aggravarem, faziam da necessidade cortezia, e diziam que não tinham troco, que outro dia fariam contas, como o tivessem: e este dia nunca chegava, porque não era do kalendario. Mas tomaria a bulla da composição na quaresma, que é de temer lhe não valesse, visto serem vivos, e conhecidos os acredores.

Em Portalegre conheci um mercador da lei cançada, que vendia não só pannos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a este um vereador quatorze mil réis emprestados: temeu o trapeiro, que havia de ser o emprestimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que não tinha dinheiro. Baixou logo um decreto da camara com pena de quinhentos cruzados para o fisco real, que não vendesse coisas de comer, porque era suspeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais reaes que estas: o contracto das almadravas do Al-

garve paga de dez atuns sete para a corôa, que se obriga por isso a defender a costa aos armadores, com galés e armada; e todos os annos os desbaratam os moiros levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os sete atuns sempre se pagam. E por isso não ha escrupulo no muito que se furta nos direitos. Que direi das obras pias? Melhor é não dizer nada. Inventou-as el-rei D. Manuel de gloriosa memoria, tirando um real ou dois de cada cento no consulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os estropeados de Africa, para viuvas de portuguezes que serviram, para occasiões de misericordias fortuitas: e carregam sobre ellas mais de dez mil cruzados de tenças e donativos que não pertencem á instituição das pias obras: e quando vão as partes cobrar o que se lhes consigna nellas, acham-se em branco; e quem anda mais diligente, se cobra um quartel dá graças a Deus, e ós mais de barato. Tambem o esmoler-mór se queixa, que se lhe remettem petições aos milheres, não tendo cabedal que se conte por centos. O certo é que muitas coisas não se emendam, porque se não sabem, e não se sabem, porque ha unhas que as escondem, porque vivem dellas sob capa de servirem a sua magestade e assim se fazem reaes.

CAPITULO XV.

Em que se mostra como póde um rei ter unhas.

Não cuidem os reis, que pelo serem são senhores de tudo, como o grão mogor, e o grão turco, que se fazem herdeiros de seus vassallos com tal dominio em seus bens, moveis, e de raiz, que os dão a quem querem, deixando muitas vezes os filhos sem nada. Isto bem se vê que é barbaria, ainda que dizem o fazem para terem os vassallos dependentes: mas tambem os terão descontentes, e por isso sabemos que ha entre elles cada dia rebelliões;

com que perdem reinos, e tambem todo o imperio, que só o possue quem mais póde. O rei que se governa com verdadeiras leis, mas que não sejam mais que a da natureza, ha de presumir que até o que possue não é seu, e que lhe é dado para conservar seus vassallos; e que se o defraudar fóra do bem commum com gastos superfluos, que poderá commetter nisso crime a que se dê nome de furto. De tres maneiras póde um rei ser ladrão. Primeira, furtando a si mesmo. Segunda, a seus vassallos. Terceira, aos estranhos. A si mesmo furta, quando gasta da corôa e dos rendimentos do reino em coisas inuteis; aos vassallos, quando lhes pede tributos demasiados, e que não são necessarios; e aos estranhos, quando lhes faz guerra sem causa. E está tão fóra de se aproveitar com estas execuções, que executa nellas sua perda, e de seu reino total ruina. Exemplo temos de tudo na monarchia de Castella, cujo rei, porque gastou quinze ou vinte milhões, se não foram mais, nas superfluidades do retiro, os acha menos agora, quando lhe eram necessarios para os apertos em que se vê: e porque vexou os povos com taes tributos, que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos, se lhes alevantaram Portugal, Catalunha, Napoles, Scilia, etc.; e porque faz guerra a França, e a outros reinos e estados, que lhe não pertencem, por sustentar caprichos, está em pontos de dar a ultima boqueada á sua monarchia.

Os romanos em quanto tiveram erario publico em que conservavam os rendimentos do seu imperio, conservaram-se invenciveis; e tanto que os gastaram em superfluidades e ambições, perderam-se a si, e quanto tinham; e porque para se terem mão, apertaram demasiadamente com os povos que dominavam, tirando-lhes a substancia, rebellaram-se todos: e porque crueis fizeram guerra sem causa, metteram em ultima desesperação as nações, que mancommunadas resistiram até desencaixarem de seus eixos todo o imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur*. A agoa o deu, a agoa o leva. As republicas conservam-se com fazenda, vassallos, e leis; e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leis se quebram, lá vae quanto Martha fiou; e não lhe resta mais, que fiar

em uma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebentando de farto, não previu que depois das vaccas gordas viu Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejam mal logradas, como thesouros encantados, que no melhor desapparecem, deixando carvões nas mãos do ambicioso, que, não contente com se vêr farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebentou como a rã de Hisopete. Convém que o rei ande sempre com o prumo na mão sondando os baixos, e os altos da fortuna, e da republica, que tem muitos alti-baixos: deve computar o que tem de seu, e em que se gasta; os vassalsallos que governa, e para quanto prestam os amigos e inimigos que o cercam, e de que valor são. E considere que rei sem fazenda é pobre, sem vassallos é só, e com inimigos é perseguido: e um rei pobre, só, e perseguido, facilmente é vencido, e vae perto de não ser rei. Mas se tiver fazenda e a conservar, será rico; se tiver bons vassallos, e não os offender, achal-os-ha a seu tempo: e sendo rico, e tendo vassallos que o sirvam, não tem que temer inimigos: e estando seguro destes, florescerá prospero, reinará poderoso: e a um rei prospero com riquezas, bem servido de vassallos, e poderoso em seu imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos estes bens lhe vem de não ser ladrão: e não o será se não faltar a si, nem a seus vassallos, nem aos estranhos, como temos dito. E já que chegámos a estes termos de altercar, se ha reis ladrões, convém que não passemos ávante, sem resolvermos uma questão, que actualmente anda na praça do mundo sobre o nosso reino de Portugal, a quem pertence, se a el-rei Filippe IV de Castella, se a el-rei D. João, tambem IV de Portugal? El-rei Filippe diz que injustamente lh'o tomou el-rei D. João: e el-rei D. João affirma que violentamente lh'o tinha usurpado el-rei D. Filippe: e neste conflicto de opiniões não escapa um delles de ladrão. Sim; porque tomar o alheio é furtar: e quem furta é ladrão; qual o seja, dirá o capitulo seguinte.

CAPITULO XVI.

Em que se mostram as unhas reaes de Castella; e como nunca as houve em Portugal.

Entramos em um pego sem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e se affogou por ignorancia, covardia e paixão. Uns por ignorancia, perderam o leme e tambem o norte: outros por covardia, meteram tanto panno, que quebraram os mastros: outros por paixão fizeram-se tanto ao alto, que deram em baixos e baixos miseraveis; e todos encantados das serêas cairam em Sirtes, e Carybdes, que os sorveram. Até os que navegaram estes mares, como Dedalo os ventos se perderam: pelo meio irás seguro, dizia elle a seu filho Icaro: mas como é máu de achar o meio entre extremos repugnantes, fizeram como Icaro, naufragio em seu vôo, por falta de azas ou de estrella que os guiasse. Não estou bem com gente neutral, que tira a dois alvos com a mesma frecha. É impossivel tomar uma náu no mesmo tempo dois portos: o de Castella estava então aberto, o de Portugal fechado; este sem forças para guarnecer quem nelle se acolhia, aquelle com armas, que a todos metiam medo. Picaram-se os mares, alteraram-se as ondas; ninguem tomou pé em pego tão fundo: e só ficaram em pé alguns poucos que tiveram boas bexigas para nadar, ou azas melhores que Icaro para se acolher. O que mais admira é que durasse o tempo turvo sessenta annos, sem haver piloto que governasse a carreira. Muitos fizeram carta de marear para ambos os portos, poucos se governaram por ellas, e por isso todos vacilaram na esteira que haviam de seguir; até que os mares se socegaram, e o tempo serenou, e se viram no céu estrellas que abriram caminho com que se tomou terra. Sobre esta tomadia ferve outra vez a tempestade repetida, se bem menos escura, porque já corre vento para ambos os portos, que espalha as nuvens: e d'ahi vem que nem todos tomam o mesmo, e cada um se recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual seja mais seguro para escapar, elles o digam, que o experimentam. Qual

tenha mais razão para dominar, o que vae logrando, isso direi eu, porque o sei de certo. E não usarei de embuços como alguns, que fallam por escripto sem dizerem o mal e o bem de ambas as partes, havendo-se nisto como advogados, que só uma parte abonam. Não vi em Portugal correr publico nenhum manifesto, que por si fizesse Castella: nem sei quem visse em Castella manifesto de Portugal. Se é por temer cada um que as razões do outro mascabem as suas, não lhe acho razão: porque a verdade é como as quintas substancias, que nadam sobre todos os licores; e com as mentiras mais se apura a guiza dos contrarios, que juntos mais se espertam. Sondarei pois aqui, como em carta de marear, ambos os portos; não deixarei alto, nem baixo, que não descubra; porque assim acertará cada um melhor com a carreira direita e segura: e fio da boa industria de todos, que vendo ao olho, onde está o perigo, que o saibam fugir, e que lancem ancora, onde se possam salvar mais descançados na vida, mais seguros na fazenda, e mais quietos na consciencia. Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha tão rijamente, que o não largou por espaço de sessenta annos. Sobre esta unha botou Portugal harpeo com tão boa preza, que se melhorou no partido; e ainda luctam sobre esta melhora. Qual destas duas unhas esteja mais segura, verá o mundo todo, se vir com attenção o que aqui escrevo, sem diminuir nas forças de cada um, nem accrescentar fraquezas. E porque Castella começou a estender primeiro as unhas com que empolgou neste reino, direi primeiro as razões que allega para a preza ser sua.

Manifesto do direito que D. Filippe rei de Castella allega contra os pretendentes de Portugal.

É notorio, que por morte do nosso rei cardeal ficou este reino como morgado de clerigo, que não tem successor, exposto a herdeiros transversaes, que sendo muitos, baralham as razões de todos, e armam pleitos e discordias inextinguiveis. E para procedermos com clareza, devemos presuppor que el-rei D. Manuel, do

gloriosa memoria, cazou tres vezes, a primeira, com Dona Isabel, filha primogenita dos reis catholicos. Segunda, com Dona Maria, filha terceira dos mesmos reis. Terceira, com Dona Leonor, filha d'el-rei D. Filippe o I, e irmã do imperador Carlos V. Os filhos do primeiro e terceiro matrimonio morreram sem successão: do segundo teve doz filhos; o primeiro foi o principe D. João, que teve nove filhos da senhora Dona Catharina filha d'el-rei D. Filippe o I de Castella: destes morreram oito sem successão; e o nono e ultimo, que foi D. João, houve da senhora Dona Joanna, filha de Carlos V ao fatal rei D. Sebastião, em quem se acabou esta linha. A segunda prole d'el-rei D. Manuel foi a infanta Dona Isabel, que casou com Carlos V imperador; e de ambos nasceu el-rei D. Filippe II, e deste Filippe III, e deste Filippe IV de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foi a infanta Dona Brites, que casou com D. Carlos, duque de Saboya; e de ambos nasceu Filisberto Emmanuel principe de Piemonte, oppositor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o infante D. Luiz, que não casou, e teve de uma christã nova um filho natural, que foi o senhor D. Antonio, tambem oppositor a este reino. Quinta prole, o infante D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar Coutinha, filha dos condes de Marialva: e extinguiu-se esta linha. Sexta prole, o infante D. Affonso cardeal arcebispo de Braga, e bispo de Evora. Setima prole, o infante D. Henrique, que foi cardeal e rei sem successão. Oitava prole, o infante D. Duarte: cazou com Dona Isabel, filha de D. Jayme duque de Bragança, e tiveram tres filhos: primeiro a senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes principe de Parma; segundo a senhora Dona Catharina, que cazou com D. João duque de Bragança; terceira D. Duarte, condestavel e duque de Guimarães: da senhora Dona Maria nasceu o senhor Raynuncio principe de Parma, tambem oppositor: da senhora dona Catharina nasceu o senhor D. Theodosio duque de Bragança, e delle o senhor D. João, que hoje é rei de Portugal, onde tem jurado por principe seu filho o senhor D. Theodosio, que houve em legitimo e santo matrimonio da senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da real casa dos grandes duques de Medina e Sydo-

nia, propugnaculos invictissimos de toda a christandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaram o admiravel appellido de *Buenos;* e bastava para o merecerem destinal-os o céu para darem a Portugal tal filha para nossa rainha e senhora.

As mais proles, que foram a infanta Dona Maria, e o infante D. Antonio, não deixaram successão, porque logo morreram. E das que temos dito fecundas, se levantaram cinco oppositores a este reino, que ficam notados em suas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas, são o primeiro el-rei D. Filippe; o segundo o duque de Saboya; terceiro o senhor D. Antonio; quarto o principe do Parma; quinto o duque de Bragança. A rainha de França Dona Catharina tambem pretendeu oppor-se, allegando que descendia por linha direita d'el-rei de Portugal D. Affonso III, conde de Bolonha, e de Dona Mathilde sua primeira mulher: mas foi escusa sua pertenção por improvavel e prescripta; porque os successores do conde de Bolonha (que não consta os tivesse) nunca fallaram nesta materia, depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou a França: e a verdade é que á condessa Mathilde não ficaram filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na torre do tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Mathilde, que foi Roberto seu sobrinho, filho de sua irmã Alis. E este é o Roberto de quem França queria tomar a nossa genealogia, fazendo-o filho de Mathilde, e de D. Affonso III, irmão de D. Sancho Capello. Quanto mais que na presente opposição só de descendentes d'el-rei D. Manuel se tractava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houvesse, não tinham logar outros pretendentes; e por isso tambem se não fez caso da pertenção da sé apostolica, pois não estava o reino vago de herdeiros.

Dos cinco oppositores descendentes d'el-rei D. Manuel, foi havido por incapaz no primeiro logar o senhor D. Antonio prior do Crato, por dois defeitos, ambos por parte da mãe, um no sangue, outro no nascimento: são notorios, não os explico; e nunca houve supplemento para elles. O duque de Saboya cedeu aos parentes mais chegados, e tambem de cá o excluiram por estran-

geiro. O principe de Parma ficou atraz na pretenção por tres razões: Primeira, por ser morta sua mãe irmã da senhora Dona Catharina, que havia de fazer opposição. Segunda, por falta da representação, que só se admitte nos descendentes immediatos do primeiro gráu, e elle era já bisneto d'el-rei D. Manuel, em comparação da senhora Dona Catharina, que era neta pela mesma linha do infante D. Duarte. Terceira, por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra do reino, como se mostra das côrtes de Lamego, celebradas no anno 1141, onde el-rei D. Affonso I com todos os estados, ordenou que as femeas, ainda que podessem herdar o reino, perderiam o direito a elle cazando fóra: e por isso nas côrtes de Coimbra de 1382 excluiram a senhora Dona Brites, filha unica do nosso rei D. Fernando, por cazar com D. João I de Castella: e D. João I de Portugal, que lhe succedeu, confirmou esta lei em seu testamento no anno de 1436.

Excluidos assim todos os sobreditos, ficaram no campo sós a senhora Dona Catharina e el-rei D. Filippe: deram-se duas batalhas, a primeira como anjos, a segunda como homens: a primeira com forças de intendimento, a segunda com violencia de braço: na primeira venceu a senhora Dona Catharina, porque lhe sobejavam razões: na segunda venceu Filippe, por ter mais armas: desta não se tracta aqui, porque as armas entre christãos não dão reinos, nem os tiram justamente, quando ha razões que resolvem o direito delles: e por isso pretende el-rei Filippe vencer tambem nesta parte com as razões seguintes.

Razões que el-rei D. Filippe allega contra a senhora Dona Catharina.

I. Razon. Por el casamiento del rey Don Juan I de Castilla com Doña Beatrîz, hija del rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho de dicho reino en los reyes castellanos, porque ella era la unica herdera legitima.

II. Razon. Porque no pertencia el tal derecho en aquel tiempo

a Don Juan I de Portugal, por ser iligitimo, sinò a D. Juan I de Castilla, por ser octavo nieto del primero rey de Portugal.

III. De todos los nietos del rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando morið el rey cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por esso el mas habil a la corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al señor Don Antonio por legitimo, a la señora Dona Catalina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto del rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo posseedor; y al duque de Saboya con la edad de la emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatrìz madre del saboyano.

V. Porque siendo los reynos del derecho antiguo de las gentes, nò se deve regular la sucesion dellos por el derecho civil lleno de sutilezas, y ficciones, que tantos años despues formaron los emperadores; y que si bien los reyes supremos lo avian introducido en los reynos por el buen govierno de los vassallos, no avian por esso alterado las simples reglas naturales de la succesion real, las quales afirmaban averse de seguir en este caso, como si úviera sucedido primero que naciera Justiniano, que fue el inventor de la representacion; a que nò obsta aver algunos doctores querido temerariamente sugetar la sucesion de los reynos a la cìvil instituicion; y assi seguiendo esta consideracion hacia Phelipo su derecho indubitable.

VI. Dado que valga la representacion en Portugal, esta nò se admite, sinò quando el nieto del rey litiga con su tio hermano de tal rey; y nò entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la señra Catalina; y confirmase com exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron su corona la infanta Doña Violante su sobrina, hija del rey Don Jaymes su hermano mas viejo, y el infante Don Hernando de Castilla su sobrino, hijo de la reyna Doña Leonor su hermana: y dieron sentencia los estados, y sus juezes por el infante Don Hernando, por ser varon, nò haciendo caso de la representacion; que si valiera, avia de dar

el reyno a la infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual si fuera viva, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Hernando. Con ley; porque el emperador Carlos V. la hizo particular em Alemania, que nò valga la representacion, sinò concurriendo sobrinos con tio vivo; e es opinion de Azon, y muchos doctores, que se observa em Francia.

VII. Demas de que la representacion solo la puede aver, quando el padre, que se pretende representar, úviera tenido el primer lugar en la sucesion de que se trata. Donde supuesto que el infante Don Duarte en su vida nò tuvo tal lugar, nò podia dexar a sus hijos el derecho, que nunca se redicò en su persona.

VIII. En Portugal muerto el rey Don Joan II. le sucediò su primo Don Manuel, excluyendo al duque de Viseu Don Alfonso: y si valiera la representacion, avia de ser preferido, por hijo de Don Diego, hermano mas viejo de Don Manuel.

IX. El beneficio de la representacion nò se admite en la sucesion de los mayorazgos, y bienes avinculados para andarem en el pariente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los reynos tienem naturaleza de mayorazgos en la manera dicha. Demas que los reynos se heredan por concesion de los pueblos, que transmitieron el poder real, que era suyo, a los primeros reyes, y a su generacion: y consta que la representacion nò tiene lugar en la sucesion de las cosas, que vienem *ex concessione dominica*, como resuelve Bartholo.

X. La Ordinacion de Portugal lib. 2. tit. 27. § 1. dize que por muerte del ultimo posseedor entrará en los bienes de la corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y consecutivamente echa fuera al nieto, y excluye la representación. Y confirma-se con exemplo de heredamiento de reynos; porque en Castilla Don Alonso el Sabio excluyendo su nieto hijo del principe muerto, hizo jurar su segundo hijo. Item. Mas. La misma Ordenacion lib. 4. tit. 62. § 3. dispone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo ò hija, nò entre en el prazo nieto, ò nieta, aunque sean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto.

XI. El beneficio de la representacion es privilegio conce-

dido contra las reglas ordinarias del derecho, y es una ficcion de la ley, por la qual contra la verdad se finge, que el hijo está en el lugar de su padre, y es con èl la misma persona; y por ser privilegio y fingimento, nò puede aver lugar, sinò, quande se hallare expressamente introducido por derecho: y es cierto que nò està introducido expressamente, sinò en la sucesion de los heredamientos, y feudos, aunque nò sean hereditarios. Donde no siendo los reynos de Portugal feudos, ni si defiriendo la sucesion dellos en todo, como heredamiento proprio, y ordinario, por ser cosa de mayor momento, y mas calificada, y de que se devia hacer expressa mencion, nò puede aver lugar en èl la dicha representacion.

XII. Para nò parecer que huye Phelipo del derecho, prueva, que en los reynos mas propriamente que en ninguna outra cosa, se sucede por el derecho que llaman de la sangre, mirando al primer instituidor; y que en este derecho se consideran las personas por si mismas sin representacion, como si fuessen hijos del ultimo posseedor; y desta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la señora Catalina pudiesse representar el grado de su padre, nò podia representar el sexo: y era duro de admitir, que la hembra igual solamente en el grado, y inferior en lo demas, fuesse preferida al varon para governar reynos, quando el proprio defecto della le hacia mas daño que a Phelipo el de su madre.

XIV. Conforme al derecho las hembras nò pueden ser admitidas a oficios publicos, ni tener jurisdicion, ni administracion de la republica; porque en ellas falta fortaleza, constancia, prudencia, libertad, y outros dotes necessarios: y tenemos exemplo en la reyna de Castilla Doña Beatris, que siendo hija unica del rey Don Hernando de Portugal, nò fue admitida, y se diò el reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I., donde se colige, que son las hembras incapazes de representar en Portugal, pues son incapazes de heredar.

XV. Visto nò declarar Henrico sucessor, era devida á Phelipo la sucesion sin sentencia, por ser su persona suprema, izenta, y

libre de qualquier juizio coercivo, y solamente obligado a justificar su derecho con Dios, y declararlo al reyno: ni avia en el mundo, a quien pudiesse pertencer la judicatura deste caso, por nò tocar al papa, por ser materia puramente temporal sin circunstancia que le pudiesse der derecho: menos pertencia al emperador, por nò le ser reconociente del reyno de Portugal, y mucho menos a los juezes, que avia nombrado Henrico; porque eran todos parte material y integral del reyno, sobre que se litigava como portuguezes: demas de que nò avia portuguez alguno que nò fuesse sospechoso, y recusable por el odio publico, que tienen todos a la nacion castellana: ni avia lugar de se comprometer en juezes loados, por la imposibilidad de hallar personas de quien se pudiesse fiar cosa tan grande, y tan peligrosa; y porque la obligacion de comprometer no caye sinó en cosa dudosa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fuesse necessaria sentencia, Phelipo la tuvo por los mismos juezes, que nombro Henrico; porque de cinco que eran, tres le jusgaron la corona.

XVII. Sobre todo allega Phelipo, que quando el derecho es dudoso, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo resolven todo; y que con ellas tomò la possesion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las cortes de Thomar por rey; conque se quitò toda la niebla, y razon de dudas.

XVIII. Llevando Dios veinte e dos herederos que precedian al rey catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los reynos de Castilla, para fortificar um braço en su iglesia, para resistir a los insultos de los infieles, y de los hereges; y mejorar desta manera el mismo reyno, haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra sus enimigos, y en sus conquistas.

XIX. Finalmente allega por si la possesion prescripta de sesenta años, bastando treinta, sin contradicion alguma. Y quien lo quitare de la tal possesion, merecerá titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar um reyno a su dueño sin causa, razon, ni justiça.

Estas são as razões que por si allega o rei de Castella, para en-

trar na herança de Portugal. Nenhum portuguez abafe com ellas, que logo lh'as desfarei como sal na agua: mas primeiro quero responder ao candido leitor, que me pergunta, que razão tive para mudar de estylo neste manifesto, e fallar por outra linguagem differente da em que imos tirando á luz este Tratado. A isso pudéra responder, que o Manifesto é de Castella, e por isso o puz na sua lingua: mas para explicar melhor a razão mais principal que me moveu, contarei uma historia que aconteceu em um tribunal de tres que tem o santo officio neste reino. Prenderam um bruxo por ter trato com o diabo, e consultado em muitas duvidas: reprehenderam-no os inquisidores, porque sendo christão baptisado dava credito ao diabo, sendo obrigado a ter e crer que é pae da mentira. Pae da mentira é, respondeu o bruxo, e por tal o conheço; mas com tudo isso, ainda que muitas vezes me mentia, não deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uso alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eram, a portugueza e castelhana: e todas as vezes que me fallava em portuguez, era certo que dizia verdade; e só quando me fallava em castelhano, era certissimo que mentia. Não sei se me declaro? Quero dizer que a lingua castelhana é estremada, e unica para pintar mentiras, como escolhida por quem é pae e mestre dellas; e a portugueza para fallar verdades, e por isso puz em castelhano o Manifesto de Castella, e porei em portuguez a resposta da senhora Dona Catharina.

Resposta da senhora Dona Catharina, contra as razões d'el-rei D. Filippe.

I. Resposta contra a primeira razão é, que não vem a proposito a herança da senhora Dona Brites; porque a nossa questão procede sobre descendentes d'el-rei D. Manuel, e não sobre os d'el-rei D. Fernando, cujas duvidas se averiguaram nos campos de Aljubarrota: além de que, a senhora Dona Brites não deixou filhos, e assim necessariamente havia tornar a Portugal o direito.

II. Resposta contra a segunda razão é, que deverão advertir,

como na successão tão prolongada de D. João I de Castella, oitavo neto do primeiro rei de Portugal, havia o mesmo defeito de illegitimidade em seu pae D. Henrique, além de outros avós: e mais perto estava do ultimo avô o nosso D. João I, e do ultimo possuidor no primeiro gráu de irmão, que o seu no oitavo; e o nosso houve dispensação da illegitimidade, e não sabemos que o pae e avós do seu a houvessem.

III. Contra a terceira é que diz bem, se todos os oppositores foram filhos do mesmo pae, assim como eram netos do mesmo avô: porque então o mais velho seria o morgado, principe, e legitimo herdeiro: mas sendo filhos de differentes paes, como eram, devia-se o direito só áquelle cujo pae o tinha á corôa: e como os paes da senhora Dona Catharina e D. Filippe, por onde lhes vinha a successão, eram de uma parte varão, e da outra femea, claro está que o varão havia ter o primeiro logar: e este era o infante D. Duarte, pae da senhora Dona Catharina, legitima herdeira, por se achar em melhor linha que Filippe, filho da imperatriz D. Isabel, irmã do infante D. Duarte. Quatro coisas se consideram aqui — linha, sexo, idade, e gráu: e no primeiro logar se busca a melhor linha, e só quem nella prevalesce, prevalescerá na causa, ainda que seja inferior ao outro pertendente no sexo, idade, e gráu: e sempre a linha que procede de varão é melhor que a que procede de femea.

IV. Resposta contra a quarta razão. Admittimos o argumento contra os outros oppositores, e negamol-o contra a senhora Dona Catharina, por razão da melhor linha em que se achava, com que vencia a Filippe, como fica explicado na resposta proxima contra a terceira razão.

V. Contra a quinta. Quer el-rei Filippe um santo para si, e outro para a outra gente, admittindo a representação para os vassallos, e negando-a para os reis: se admitte que se governam melhor aquelles com ella, deve admittir que se governarão mal os reis, se a não admittirem em suas successões; e assim é que por fugirem esta calumnia, a admittem quasi todos os reis e estados da Europa, e até os mesmos reis: e bastava terem-na admittido em Portugal el-rei D. Affonso I nas côrtes de Lamego, anno de 1141,

e confirmada por el-rei D. João I no seu testamento anno, de 1436, e Affonso V no anno de 1476, approvando-o os tres estados, todos sem paixão, nem occasião de controversia, que lhes pudesse perturbar a razão; e sendo assim lei praticada neste reino, deve admittil-a Filippe, em que lhe pez. E porque este ponto da representação é o Aquiles desta demanda, convem que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Representação é um beneficio inventado pela lei, que por elle ordenou nas heranças que se differem *ab intestado*, que os filhos entrem no logar de seus paes defunctos, e representem suas pessoas, succedendo em todo o direito que elles houveram de ter, se vivos foram. Esta representação na linha direita de ascendentes não tem limite: e nas transversaes somente se concede aos filhos ou filhas dos irmãos, ou irmãs do defuncto, de cuja successão se tracta: e assim ficam exclusos os mais parentes collateraes, que se acharem fóra deste segundo gráu, porque não se estende a elles a representação. E conforme a isto fica claro o direito da senhora Dona Catharina, que é melhor que o de Filippe; porque representa varão, que houvéra de ser rei, se fôra vivo; e elle representa femea, que não havia de entrar na corôa, com ser mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que fôra viva a senhora Dona Isabel, e morto o infante D. Duarte, ainda a senhora Dona Catharina tinha mais direito ao reino que sua tia, por representar a seu pae, que a vencia no sexo, e havia de entrar na herança diante de sua irmã: e é a razão porque Fernando rei de Napoles julgou o reino a sua neta de seu filho mais velho defuncto, excluindo outros filhos mais moços: e Filippe rei de Inglaterra deu sentença pela sobrinha do duque de Bretanha, filha de seu irmão mais velho, excluindo os varões mais moços, irmãos do mesmo duque. E não temos necessidade de exemplos forasteiros, quando temos em casa o nosso rei D. Manuel, com quem se oppoz o imperador Maximiliano, estando ambos em igual gráu, e este mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manuel por varão, que representava; e julgou-se que por isso prevalescia ao imperador.

VI. Os doutores castelhanos defendem o contrario, admittindo a representação entre primos: e a razão o mostra; porque o so-

brinho que excluia a seu tio ou tia, por representação de melhor gráu, ou melhor sexo, muito melhor excluirá a seus primos, filhos do tal tio, pois são já mais remotos, e não podem representar coisa que a outro não tenha já vencido. Ao exemplo se diz, que não deixou a infanta Dona Violante de herdar, por não se admittir á representação no caso, senão por ser inhabil, por lei particular que el-rei D. Pedro seu avô fez em Aragão, com que inhabilitou as femeas para poderem herdar aquella corôa. E a lei de Carlos V procedeu somente nas terras sujeitas ao imperio, ao qual não é sujeito Portugal; e ainda que em outras partes se pratique a opinião de Azam, como em França, que por costume antigo não admitte representação nos collateraes em caso algum; não em Portugal, onde seguimos o contrario com o direito commum, e opiniões de Acursio e Bartholo: donde se vem a concluir que o beneficio da representação ha logar na successão destes reinos, quando os sobrinhos pretendem succeder a el-rei seu tio, irmão de seus paes sem haver outro irmão do mesmo rei que concorra com elles.

VII. Não é necessario que o pae possuisse o que se pertende herdar por via da representação; porque aqui não se leva a herança por transmissão, em que não póde o pae fazer bom ao filho, o que não possuiu: e que no nosso caso não entra a herança do reino por transmissão, mostra-se; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de seu avô, a qual não ha duvida que lhe pertence: e assim entra o tal por virtude da representação, que o põe em logar do pae ao tempo da successão.

VIII. O exemplo de D. Affonso não vem a proposito; porque além de ser illegitimo, se lhe negou a representação, não porque ella se não use em Portugal, senão porque estava fóra do gráu a que se concede; pois não era irmão, nem filho de irmão d'el-rei D. João, mas filho de seu primo; com que ficava já no terceiro gráu, em que se não admitte representação nas linhas transversaes; e assim lhe foi preferido D. Manuel, por se achar um gráu mais chegado.

IX. Concedemos que não ha representação na herança dos mor-

gados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geração; porque não procede *Jure hæreditario*, mas *ex concessione dominica*, que os póde dar a quem quizer: e os povos deram aos primeiros reis o poder real, e á sua geração, para que os possuissem, e se deferissem como herança sua a seus descendentes: e assim o sente o mesmo Bartholo. E no que diz que na succcessão dos reinos feudaes não ha logar á representação, é commummente reprovado: além do que o reino de Portugal não é feudal, nem podem militar nelle as razões das *concessões dominicas*, como em seu logar mostrarei logo na resposta da razão X.

X. Os documentos e Ordenações que allega, não se intendem assim. O primeiro logar da Ordenação que aponta, procede nos bens da corôa, que são havidos por *concessão dominica* do rei; e conforme a lei Mental, porque se deu ordem de succeder nos bens da corôa, não se differem *Jure hæreditario*. Donde el-rei D. João I, que foi o auctor da lei Mental, por isso lhe negou a representação. E tractando depois em seu testamento da successão destes reinos, declarou que havia logar á representação; porque procediam *Jure hæreditario*, e não *ex concessione dominica*. Ao exemplo do rei de Castella D. Affonso, o Sabio, se diz que foi julgada aquella acção até em Hespanha por injusta; tanto que permittiu Deus lhe tirasse a corôa o segundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as leis de Castella dispoem, que morrendo o filho maior, antes que herde, deixando filho ou filha, vá a estes a herança, e não ao tio irmão de seu pae, e ha muitos exemplos. A segunda Ordenação prova somente não haver representação nos prazos de nomeação, em que o foreiro *ex concessione dominica* os póde deixar a quem quizer sem respeito a herdeiro, que succede *ab intestado*, e não prova nada no que vae por herança.

XI. Concedemos tudo, e negamos só a consequencia, que nada colhe de ser a herança dos reinos materia exorbitante e qualificada: pois com isso esta, que é verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensão alguma nos casos em que o direito concede este beneficio da representação.

XII. Não admittimos o direito do sangue, que allega; porque o direito dos reinos e suas possessões procedeu do antigo direito

das gentes, segundo o qual tudo se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de successões, que por leis mais novas foram inventados. Isto é doutrina commum dos doutores, e praticada em Hespanha pelos reis de Castella D. Fernando, D. Alonso, o VI, e D. Alonso VIII, D. Jayme rei de Aragão, o Conquistador, que dividiu os reinos entre seus filhos D. Alonso, o Sabio, e D. Henrique III de Castella; aquelle desherdando seu filho, e este pondo-lhe gravames: e em Portugal o declaram as bullas dos summos pontifices de sua fundação, assentos de côrtes do rei D. João o I, e testamento d'el-rei D. Affonso V, onde tudo se leva por herança verdadeira, que admitte representação, como temos mostrado.

XIII. O beneficio da representação está concedido na linha collateral, da mesma maneira que na dos descendentes: na dos descendentes, é certo nestes reinos que succedem as femeas a seus paes com a prerogativa de varão; de modo que se o pae, por ser varão, havia de excluir outras pessoas, exclua a filha as mesmas, como tios, primos etc. Prova-se esta representação dos descendentes em Portugal, pela carta patente d'el-rei D. Affonso V, em que ordena lhe succeda o filho ou filha do principe seu primogenito, e não seus segundos filhos, o que tem força de lei e direito, por assim o declarar o mesmo rei: e ha exemplos do mesmo em outras partes, que ficam apontados no fim da resposta da terceira razão. E que nos collateraes seja o mesmo, consta do texto *in auth. de hæred.* § *Si autem*. E da razão da equidade, em que as leis se fundam para conceder este beneficio aos descendentes, essa mesma tiveram para o concederem aos collateraes; e ha exemplos, como o em que o rei Filippe de Inglaterra, por conselho de letrados declarou que o ducado de Bretanha pertencia á sobrinha filha do irmão mais velho do duque defuncto, contra outro irmão do mesmo duque: e ha leis como a lei quarenta do Touro em Hespanha, que diz: *Siempre el hijo, y sus descendientes legitimos por su orden representen las personas de sus padres: E Molina lib.* 3. *c.* 7. resolve que a dita lei procede na successão dos reinos, como na dos morgados. Nem é deformidade nem impossivel, que a femea represente sexo de varão; porque mais

difficultoso é fazer que um filho tenha a idade de seu pae, que uma filha alcançar o sexo masculino; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e não póde fazer que o filho iguale a seu pae na idade; e comtudo, o direito põe o filho diante do tio mais velho, só porque representa a seu pae mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que é menos, que a femea represente varão.

XIV. O que diz o direito, que femeas não entrem em officios nem jurisdicções, intende-se onde se não succede *jure hæreditario.* Tambem os ecclesiasticos não podem haver dignidades seculares, e comtudo possuem as herdades, como se viu no neto cardeal rei. Nem as femeas são tão destituidas como as fazem, principalmente as bem creadas; e os bons conselheiros supprem seus defeitos. E os doutores da universidade de Coimbra, resolveram que a senhora Dona Catharina devia ser preferida a Filippe, conforme as leis do reino, confirmadas por Innocencio IV, que fazem capazes, e habilitam as femeas para a successão destes estados, e excluem aquellas que casam fóra do reino; e por isso foi excluida a senhora Dona Brites, e não por ser femea, e tambem illegitima e scismatica, e quebrar os contractos jurados, que ao tempo de seu casamento foram feitos: scismatica aqui quer dizer de humor castelhano.

XV. Se Filippe por ser rei fôra isento de juizes na pretenção deste reino, não o mandára notificar o papa Gregorio XIII pelo cardeal Riario Legado, que não affrontasse o nome catholico com se fazer juiz e parte, por parecer dos seus, que com ambição do favor, e temor do desagrado, o enganavam; e se não queria juizes portuguezes, por considerar nelles alguma paixão, que elle lhe daria juizes desinteressados e incorruptos: e bastava deixar el-rei D. Henrique devoluta a juizes a questão, que elle só pudéra resolver, para o rei de Castella ser obrigado a estar pela sentença; e não a declarou o cardeal rei, não porque tivesse alguma duvida na materia, mas por evitar a guerra que já o castelhano ameaçava: e não tinha duvida, porque quando el-rei D. Sebastião foi a Africa, deixou feito testamento, em que nomeava o cardeal D. Henrique por seu successor no primeiro logar, e no segundo a se-

nhora Dona Catharina; e não manifestou isto por divertir a furia de Castella, que estava muito poderosa com victorias, e Portugal muito debilitado com a perda da Africa, e peste. Fiado pois o cardeal por tantos principios na justiça da senhora Dona Catharina, por evitar discordias nomeou juizes, e requereu ao catholico, o qual, tergiversando-lhe a razão, o constrangeu e intimidou a que, ou lhe julgasse a causa, ou a não decidisse: não conseguiu o primeiro, alcançou o segundo, porque estava muito poderoso com riquezas e armas. Morto o rei cardeal, ficou a senhora Dona Catharina só; e o castelhano para se córar com o mundo, poz a causa em juiso, assegurando a bolada por todas as vias; porque escolheu os juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Castella, com evidente nullidade deram a sentença de maneira, que sendo cinco, só tres se renderam á corrupção: e para desassombrar a consciencia a todos, sumiram o testamento d'el-rei D. Sebastião; e boa prova é que nunca appareceu, e tambem é certo que dizem e se escreve, que levaram para Castella o livro do *Porco Spim*, que se guardava no cartorio da camara de Lisboa, em que estava o direito da successão deste reino, com as côrtes de Lamego, em que se decretava que não entrassem nesta corôa reis estranhos. Feitas estas diligencias, entrou em Portugal com um exercito a tomar a posse como inimigo. Do dito se colhe, que não repugnou a ser julgado, nem lhe eram suspeitos os juizes, pois os escolheu, e fiou delles tudo: e dizer que nenhuma duvida tinha, é falso, porque se a não tivera não mandára visitar a senhora Dona Catharina pelo duque de Ossuna, com recados dobrados, que se a achasse acclamada, lhe désse o parabem; e se por acclamar, o pezame da morte de seu tio o cardeal rei; e a requeresse para ser julgada a causa da pretenção do reino que ambos tinham. Nem pedira a Pedro Barbosa, doutor celebre em aquelles tempos, que escrevesse sobre o direito que por varão tinha a esta successão, o qual lhe respondeu, que não tinha razões na pretenção da corôa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e por isso escreveu ao duque de Gandia uma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste escrupulo deteve o duque

de Barcellos em Castella, depois de resgatado, apoderando-se delle pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate, com côr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá não o declarassem por principe, vendo que difficultariam sua vinda com os moiros, que pediriam por elle os logares que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Filippe com os partidos que commetteu á senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras que foram do infantado, e franqueza para mandar todos os annos uma náu á India por sua conta. E, finalmente, porque viu que não tinha bom partido, se puzera a questão nos juizes que convinha, sem se lembrar que ninguem é bom juiz em causa propria, se fez juiz, parte, e arbitro, usando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme ás leis, de que sempre fugiu.

XVI. É a verdade que juizes deram sentença por Filippe com as nullidades que ficam ditas; e além dessas outra muito essencial, que não se acha escripta, e devia de escapar a todos os auctores que tractaram esta materia com serem muito diligentes: e não me admiro, porque com maior diligencia sumiu Castella todos os papeis que podiam encontrar sua pretenção; mas dois vieram á minha mão ha poucos dias por um caso estranho, andando eu com este ponto na forja: e tendo o principe nosso senhor noticia como estavam na minha mão, m'os mandou pedir pelo conde regedor, e me consta que os estimou, e mandou guardar: um é o regimento com que el-rei D. Henrique de parecer e aprazimento dos tres estados, mandou se fizesse a junta; e declara quando, como, onde, e que haviam de ser onze juizes, e esses letrados nomeados por elle, e escolhidos pelos estados. Outro papel contém outro regimento d'el-rei Filippe, para fazer este reino todo de seu humor, por via dos prelados, prégadores, e confessores; e porque contém violencias notaveis, farei menção dellas adiante, no seu logar, no fim da decima razão do Manifesto da senhora Dona Catharina. O regimento do cardeal rei, é feito pelo secretario Lopo Soares, em Lisboa a 12 de junho de 1579, todo da sua letra bem conhecida, e firmado por el-rei, e sellado com o sello grande das armas reaes. E nelle mandava se fizesse a junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, por ser mais re-

tirado, e observante na clausura; e que delle não saissem nem communicassem com pessoa alguma, senão depois da causa julgada; e que teriam vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na junta, se confessassem e commungassem na sé; e na capella mór della fizessem juramento de inteireza diante do cabido, camara, procuradores, prelados, titulos, etc., e nada disto se fez: bem se vê logo que a sentença que Filippe houve de tres juizes, foi defeituosa, subrepticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opinião provavel nos seus doutores, mais provavel era a que estava pela senhora Dona Catharina; e assim tirava toda a duvida, que se não podia tirar com armas, quando as coisas se tinham posto por consentimento das partes em juiso contradictorio, com juizes escolhidos e louvados, e estavam *lite pendente*, e Filippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeu até os desfazer e diminuir. E é opinião de inumeraveis auctores castelhanos, como Vasques, Molina, Sanches, Soares, Filiusio, Bonacina, e outros, que allegam—que se não póde tomar por armas o reino em que ha opinião. *Quod si unus* (conclue Soares Disp. 13, de Bello, sect. 6. n.º 4) *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipso injuriam alteri faceret, quam posset juste repetere, et eo titulo justi belli rem totam occupare.* E o juramento do reino nas côrtes do castelhano foi irrito; porque em damno da republica, e da senhora Dona Catharina, e seus descendentes; e porque faltou o consentimento do reino livre, que foi extorto por medo do exercito com que cá entrou. Nem obsta o não reclamar, porque nunca houve logar disso até o da acclamação, que foi antes dos cem annos que se requeriam para a prescripção de boa fé sem contradicção, e elles bem má fé tinham; e bem reclamou o senhor D. Theodosio com seus filhos, cuja retractação se mostrou por escripto. E ainda que o juramento fôra muito voluntario, ficava o reino desobrigado de o guardar, tanto que os reis de Castella não guardaram os que fizeram a Portugal, ajuntando, que queriam perder o reino se assim o não cumprissem.

XVIII. Ao que diz do braço que se fortificava com Portu-

gal em Castella para defender a egreja, respondemos que se fôr o braço qual o deu seu pae, que deu saco a Roma, que ficará bem fortificada a egreja, e que favoreceu tanto Castella a de Portugal, que em sessenta annos que o dominou, não sabemos que lhe levantasse uma, nem que lhe désse se quer um caliz. E se alguns politicos cuidavam que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, não foi assim; e a experiencia mostrou o contrario, porque Portugal conserva-se com a paz que tinha com todos os principes; e Castella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os commercios que nos enriqueciam, e ganhamos guerras com todas as nações que nos destruiam: e para que nem desta destruição nos podessemos livrar, tirava-nos Castella as forças, levando-nos nossas armas, thesouros e soldados, para se servir de tudo em suas guerras e conquistas, desamparando totalmente as nossas.

XIX. Finalmente, ao que diz da prescripção e posse, respondemos que a não póde haver em reinos; e é de todos os doutores, que não se póde dar em nenhuma materia sem boa fé, titulo e consentimento das partes, tacito ou expresso. Não foi boa fé a de Filippe, pois com sentença nulla, e armado com exercito tomou posse: nem houve consentimento da real casa de Bragança, pois consta que reclamaram os duques D. Theodosio e seu filho ao juramento em que não foram prejuros, porque o fizeram forçados, sem intenção de o cumprirem: além de que é do direito, que quem com armas invade a posse, a perde com toda a causa. Donde, dado e não concedido, que Filippe tivesse algum direito, todo o perdeu pela violencia. E não merece nome de tyranno, quem toma o que é seu: *Et habet jus in re;* antes merece titulo de principe moderado, porque offerecendo-se-lhe muitas occasiões de se restituir, dissimulou, esperando conjuncção de o fazer com socego, e sem damno de seus povos, os quaes hoje governa, conserva, e defende muito melhor que Filippe; porque nasceu e vive entre seus vassallos, falla a sua lingua, conhece-os de nome, bafeja-os como senhor, defende-os como rei, castiga-os como pae, augmenta-os como poderoso, sem lhes tomar as fazendas, como fazem reis que dão em ladrões.

Manifesto do direito da senhora Dona Catharina ao reino de Portugal contra D. Filippe.

As respostas da senhora Dona Catharina, que démos contra as razões d'el-rei Filippe, bastavam por manifesto de sua justiça: mas é tão manifesto o seu direito, que por mais razões que dêmos, sempre ha mais razões que dar: e para intendermos bem as mais fundamentaes, que aqui se seguem, devemos presuppor que a successão d'el-rei D. João III, filho primogenito d'el-rei D. Manuel, acabou em el-rei D. Sebastião, seu neto: e tornando aos filhos do mesmo rei D. Manuel, não achou varão vivo, mais que o cardeal D. Henrique, o qual morrendo sem successão, e sem irmão ou irmã a quem deixasse o reino, necessariamente havia de ir a um de muitos sobrinhos seus e netos de seu pae. Viviam então quatro, tres delles varões, e uma femea, filhos de dois infantes e de duas infantas: e pela antiguidade das proles eram Filippe Prudente, filho da infanta Dona Isabel; Philisberto, filho da infanta Dona Brites; D. Antonio, filho do infante D. Luiz; e a senhora Dona Catharina, filha do infante D. Duarte. Raynuncio, tambem oppositor, já era bisneto na linha do infante D. Duarte; mas não se fez caso da sua opposição, por ser defunta sua mãe, que a devêra fazer, e por não constituir linha differente da em que se achava a senhora Dona Catharina, em melhor gráu que elle. E se nesta materia se attentara só para a linha masculina, o senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ser varão, e filho de infante; mas foi escuso por illegitimo e indispensado, porque a dispensação só seria licita em defeito de oppositor legitimo: e logo se seguia a senhora Dona Maria, por ser filha de varão, e mais velha que a senhora Dona Catharina sua irmã: mas excluiram-na, por defunta, e a seu filho, que era o senhor Raynuncio principe de Parma, por estrangeiro, e por ficar fóra do gráu em que se admitte representação; e principalmente por não constituir linha em opposição com a senhora Dona Catharina, que ficava com a senhora Dona Maria na mesma linha do infante D. Duarte, pae de ambas. Seguia-se logo a senhora Dona Catharina, que era

viva, e filha de varão: mas esbulhou-a do direito com violencia notoria, e não a deixou tomar posse el-rei D. Filippe, dando por razão, que era varão, ainda que filho de infanta, e que estava em igual gráu com ella: accrescenta estas palavras, que tenho escriptas da sua letra no papel de que adiante farei menção: *Que para entrar en estos reynos no tenia necessidad de aguardar sentencia de nadie, por ser el proximo sucessor en el reyno, y nò reconociente superior en lo temporal, que saneada, y satisfecha su conciencia de su justiça, pudo ocupar la possesion por su sola autoridad, conforme a derecho; y que ya es cosa esta de que nò se sufre disputar, sinò tenerlo por ley, y verdad manifiesta, despues que los tres estados del reyno le tienen jurado en cortes generales por su rey, e señor natural, como lo hicieron en Tomar*. Mas do que temos dito e diremos, se colhe claramente quão pouco fundamento tem, e quão sophisticas são estas razões de Filippe, que na verdade se seguia logo depois da senhora Dona Catharina, excluindo o principe de Piemonte e duque de Saboya, por ser filho da senhora Dona Isabel, mais velha que a senhora Dona Brites, mãe do Piemonte saboyano. Posto isto: por muitas razões tomou o neto da senhora Dona Catharina o reino de Portugal a Filippe com muita justiça; e nem por serem muitas, fazem melhor causa. O ponto está em serem boas, e então uma até duas bastam, e tres sobejam. As melhores neste caso se reduzem a quatro, que são: linha, patria, representação, acclamação: e porque destas nascem outras, direi todas por sua ordem, e são as seguintes.

Razões da senhora Dona Catharina contra Filippe.

I. Razão. Porque este reino era devido ao neto ou neta d'el-rei D. Manuel, que se achasse em melhor linha: e então só a senhora Dona Catharina o estava, como filha legitima do infante D. Duarte, que houvera de ser rei, se vivera, com a infanta Dona Isabel, mãe de Filippe, e preceder-lhe por varão, ainda que ella fosse mais velha.

II. Razão. Porque as leis de Portugal prohibiram passar a co-

roa a estranhos (como já dissemos, ou provamos das cortes de Lamego) e então só a senhora Dona Catharina era natural deste reino. E que esta lei seja justa, prova-se da lei natural; porque não ha coisa mais natural que governarem-se as communidades por seus naturaes, que lhes sabem os costumes e inclinações. Da lei divina; porque no Deuteronomio mandava Deus ao seu povo que não admittisse rei estranho: *Constitues regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem regem facere, qui non sit frater tuus.* (Deut.) Das letras humanas: os Garções diziam que não estavam obrigados a obedecer a el-rei de Inglaterra, senão quando assistia entre elles. Sandoval na Historia dos Reis de Castella diz de Affonso VI, que elle não casaria suas filhas com estrangeiros, se soubera que não havia de ter filhos; e de seu neto filho de D. Ramon fazia pouco caso, por ser filho de estrangeiro, e não levava em paciencia, que faltasse em Castella a successão real. O nosso rei D. Affonso Henriques assentou com os estados e povos, que na coroa de Portugal não succedesse estrangeiro, nem se admittisse a ella filho de filha que cazasse fóra do reino; e em tempo d'el-rei D. Affonso V não quizeram os tres estados que fosse sua tutora a rainha Dona Leonor sua mãe, por ser aragoneza: e el-rei D. João III teve feita lei para estes reinos, em que não só excluia os estrangeiros, mas tambem as femeas, filhas dos reis destes reinos, por tirar as duvidas pretendendo algum rei estrangeiro, ou outro cazado no reino, succeder nelle; mas a rainha Dona Catharina a estorvou pelo amor que tinha a Castella, estando para se promulgar. A este ponto tiram as leis deste reino, que prohibem terem officios publicos estrangeiros, e por isso el-rei Filippe jurou que os não daria senão a portuguezes; e podiam os reis portuguezes fazer estas leis neste reino, não só por serem conformes á lei natural e divina, em similhante caso, senão tambem, porque as punham em coisa propria, que podiam dispor com as condições que quizessem, porque ganharam á força do seu braço, e custa de seu sangue Portugal aos mouros, que injustamente o possuiam, e assim como em bens proprios lhe puzeram as condições que se leem nas côrtes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a lei que prohibia estranhos, pódia ser admittido el-rei Filippe, a qual nunca se tinha dispensado: e havendo-se de entrar no reino com dispensação, mais direito tinha o senhor D. Antonio para ser dispensado; porque além de ser natural deste reino, era filho de infante varão, e só necessitava de dispensação na illegitimidade, que já em el-rei D. João o I se tinha dado; e a razão de ter por sua mãe sangue hebreu, não estava prohibida, nem isso nos reís avulta: donde de *primo ad ultimum* a senhora Dona Catharina só devia entrar na successão desta coroa, por não ter necessidade de dispensações por neta legitima d'el-rei D. Manuel, e reino.

IV. Porque o beneficio da representação ha logar na successão destes reinos, assim como por direito commum está concedido nas heranças que se differem *ab intestado:* e prova-se, porque está geralmente induzido por direito em todas as successões hereditarias, porque o filho é uma mesma coisa com seu pae; e estes reinos são herança do ultimo rei possuidor: logo, bem se segue que ha nelles logar á representação, assim como nas heranças que se differem *ab intestado.* Confirma-se, porque tambem se admitte representação nos morgados e bens vinculados *jure sanguinis:* logo tambem nos reinos, posto que fossem *jure sanguinis*, porque foram instituidos pelos povos, em quem se não póde considerar que tivessem mais amor ao filho, ou irmão do rei, por mais chegados, que ao neto, ou sobrinho, por mais remotos. Donde Molina lib. 3. cap. 7. q. 1. n.º 28., tendo que a successão dos reinos se differe *jure sanguinis*, admitte o beneficio da representação. E a lei dispõe em Hespanha que o neto será preferido ao filho segundo do rei; e ha exemplos disto em Inglaterra, França, Hungria, Bretanha: e em Aragão fez el-rei D. Jaymes II jurar por seu successor a D. Pedro, seu neto, filho do principe D. Affonso, sendo vivo o infante D. Pedro, seu filho segundo; e neste reino D. João o I ordenou em seu testamento, que os filhos e netos do senhor D. Duarte, seu primogenito, precedessem ao infante D. Pedro, seu filho segundo: e el-rei D Affonso V ordenou o mesmo por sua carta patente, escripta aos estados, accrescentando que o filho ou filha do principe D. João,

seu primogenito, sendo legitimos, herdassem o reino, e não filho segundo seu. Posto isto, bem se infere que á senhora Dona Catharina pertencia a coroa deste reino, por representar a seu pae, que, se vivera, havia de ser rei diante da senhora Dona Isabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ser femea.

V. Dado que em Portugal não houvesse lei, nem Ordenação expressa, que admitta representação na successão dos reinos, ha comtudo lei, que o caso que não estiver nas Ordenações delle decidido, seja julgado pelas leis imperiaes; e se nestas não estiver, pelas glosas de Acursio; e se nestas não, por Bartholo, ou pela commum opinião dos doutores. E o caso presente da maneira que o resolvemos, ainda que não está na Ordenação deste reino, colhe-se do direito civil, e está determinado por Acursio, Bartholo, e os doutores, e admittido e praticado em Portugal e muitos outros reinos, como mostramos.

VI. Porque as femeas podem ser admittidas á successão dos reinos de Portugal; e se prova de que a successão destes reinos se differe *jure hæreditario*, como herança do rei, ultimo possuidor: e consta conforme a direito que as femeas por testamento, e *ab intestado*, são admittidas ás heranças hereditarias, assim pela lei das doze taboas, como pelo direito novo dos imperadores, que se hoje guarda: e pois neste reino não ha lei que as prohiba, claro está que podem ser admittidas, assim como o são em todos os reinos e estados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz Tiraquel. tom. 1. q. 10. a n.° 4., e assim está declarado em Portugal, e se colhe da doação feita ao conde D. Henrique, e sua mulher Dona Thereza, que dizia: *Para elle e seus successores*. E conforme a direito esta palavra (*successores*) admitte tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual el-rei D. Affonso II em seu testamento admitte a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no reino, e no reino de Algarve se prova particularmente da doação d'el-rei D. Affonso o Sabio de Castella a el-rei D. Affonso o III, conde de Bolonha, seu genro, para seus filhos e filhas para sempre. Destes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da carta que el-rei D. Affonso V escreveu aos estados do reino, pela qual, quando entrou em Castella, determi-

nou o modo, que se havia de guardar na successão destes reinos dizendo assim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deus não mande, que o principe meu sobre todos muito amado e prezado filho, falleça antes de meu passamento deste mundo, e delle fiquem filhos, ou filha, legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus reinos de Portugal e dos Algarves, e não outro algum meu filho ou filha.* De tudo o dito se colhe, que as femeas em Portugal são habeis para herdarem esta coroa, e que a senhora Dona Catharina não a podia perder por femea.

VII. Os reinos herdam-se mais pelo direito hereditario, que pelo do sangue. Em Castella querem muitos que prevaleça o direito do sangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os castelhanos pegaram do direito do sangue, para darem a Filippe o reino de Portugal; mas achando que tambem por esta via tinha a senhora Dcna Catharina mais direito, pegaram do hereditario; e parece que os moveu o verem que possuia Filippe, Navarra, Leão e Castella, com direito só hereditario, e não ficava consoante occupar um reino com direito contrario ao com que se possuia os outros. Donde se deve notar, que com o direito que allegaram contra a senhora Dona Catharina, perdiam os reinos que possuiam; e em qualquer dos direitos ficavam de peior partido, e a senhora Dona Catharina de melhor condição.

VIII. Direito do sangue é aquelle que vem por instituição antiga, que dispoz fosse correndo a herança pelos parentes mais chegados em sangue ao instituidor, como se vê nos morgados. Direito hereditario é aquelle que sem attentar para as taes instituições, dá a fazenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De maneira que no direito do sangue succede ao primeiro instituidor, e no hereditario ao ultimo possuidor; e se bem attentarmos, em ambos estes direitos estava a senhora Dona Catharina diante d'el-rei Filippe: no do sangue, por vir por linha masculina, que é preferida á feminina, por onde elle vinha; e no hereditario, porque a instituição do nosso reino era, que désse ao natural, como era a senhora Dona Catharina, e não a estrangeiro, como era Filippe. E prova-se da causa porque elegeu Portugal o seu primeiro rei natural, que foi por

se eximir do governo de Leão. E que este discurso e opinião esteja conforme a direito e razão, confirma Castella com similhante caso, em que tirou a S. Luiz rei de França a herança de sua coroa, que lhe vinha por sua mãe Dona Branca, filha mais velha do rei catholico, e a deu aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que assistiam em Castella.

IX. O duque D. João, marido da senhora Dona Catharina, era descendente por linha masculina do primeiro rei de Portugal D. Affonso Henriques; e é certo que quando de alguma herança é excluida a femea a favor de varão, não tem isto logar quando ella é cazada com agnado da mesma familia. Donde tambem por esta cabeça de successão hereditaria vinha o reino á senhora Dona Catharina, e só podia haver duvida entre o duque Dom João e a senhora Dona Catharina, sua mulher, por terem ambos o direito do sangue, e serem agnados, e precedel-o ella em ser mais chegado ao ultimo possuidor; e elle a ella, em ser varão: mas toda a duvida se solta no filho que de ambos nasceu, o senhor D. Theodosio, no qual se ajuntaram ambas as razões, que se communicaram a seu neto el-rei D. João IV, o qual, fundado nellas, tomou posse pacifica do reino, que por paes e avós lhe vinha direitamente.

X. Faz muito pelo direito da senhora Dona Catharina a força e violencia com que el-rei Filippe invadiu este reino e tomou posse delle; e já mostrámos que a força em causas juridicas tira o direito a quem a faz: e esta se prova em Filippe, porque mandou declarar por rebeldes e traidores, com privação de vida e fazenda, a todos os que com opinião mais que provavel tractaram da defenção de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem promettido fidelidade: e por este principio deu garrote secreto a immensos religiosos, que mandou lançar no mar com pedras aos pescoços. E que fosse injusta ou tyrannica esta violencia, mostrou-o no céu negando por muito tempo o peixe aos pescadores, que foram ao arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se que estava o mar excommungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em logar de peixes tiravam muitos corpos de frades. E foi assim, que mandando o arcebispo absolver o mar com as

ceremonias da egreja, começou a dar pescado, e cessou a maldição, que melhor abrangeria a quem tal justiça executou. Mais fez para violentar não só os corpos, senão tambem as almas, que mandou a todos os prelados ecclesiasticos deste reino, que revogassem logo todas as licenças a todos quantos houvesse approvados para confessar e prégar; e que as não concedessem de novo senão aos que fossem conhecidos por de humor castelhano, e que puzessem censuras reservadas, de que com nenhuma bulla se pudessem absolver os que de palavras, ou por escripto significassem opinião contraria á de Filippe. E disto tenho na minha mão um papel ou regimento, que já atraz toquei, digno de se imprimir pelas muitas coisas desproporcionadas que contém, e por ser da mão e letra d'el-rei Filippe, o Prudente, que nestes pontos mostrou que o não era muito, pois mandava aos prelados inferiores ao papa, que revogassem os poderes das bullas, e as licenças que só os summos pontifices podem tirar: mas como a pretenção principal era nulla, não ha que espantar de que os meiós para ella fossem tudo nullidades.

XI. E porque de um absurdo se seguem muitos, como diz o philosopho; deste da força e violencia se seguiram tantas injustiças, em que logo se desempenhou Castella, que menos bastavam para lhe tirár o direito, dado e não concedido, que algum tivesse, e para corroborar o da senhora Dona Catharina, ainda que fosse fraco. Vinte e quatro capitulos cheios de promessas, que Filippe jurou a este reino, quasi todos se quebraram, tendo no fim delles, que sendo caso, o que Deus não permittisse, nem se esperava, que o serenissimo rei D. Filippe ou seus successores não guardassem a tal concordia, ou pedissem relaxação do juramento, os tres estados destes reinos não seriam obrigados a estar pela dita concordia, e lhe poderiam negar livremente a sujeição e vassallagem, e que lhe não obedecessem, sem por isso incorrerem em perjuro, crime de *læsæ magestatis*, nem outro máu caso algum.

XII. Admittindo nós as injustiças allegadas em commum, que logo mostraremos em particular, e dado e não concedido, que a real casa de Bragança não tivesse a este reino o direito que temos mostrado, estava o serenissimo duque neto da senhora Dona

Catharina, obrigado a tractar do bem deste reino, por ser natural, e o maior senhor delle. Do bem da republica póde tractar qualquer do povo, procurando seu augmento e segurança: é lei certa deste reino, por ser opinião de Bartholo, que não tem nisto quem o contradiga. É tambem certo em direito, que quando um reino está affogado e opprimido com injustiças, tyrannias, e insolencias do rei que o possue, e de seus ministros, que o rei mais visinho é o seu protector, e a quem toca e compete acudir-lhe: e com mais razão os senhores duques de Bragança, condestaveis deste reino, descendentes dos nossos reis, podiam tomar á sua conta a liberdade da patria, de seus parentes e criados. Esta doutrina admittem até os castelhanos, e é de todos.

XIII. Está hoje el-rei D. João o IV em posse de boa fé; porque dado que houvesse duvida no direito ou violencia interposta de uma das partes, a resolução pertencia ao povo, que póde eleger por acclamação, como elegeu o neto da senhora Dona Catharina, usando de um quasi postliminio no direito de eleger, que teve radicado no principio, e depois o transferiu hereditario nos reis: assim Portugal decidiu a sentença, que o cardeal rei não deu, e que o castelhano nullamente fulminou.

XIV. Sobre este fundamento da acclamação voluntaria, tiveram outro os portuguezes, não menos forçoso, para renderem obediencia aos descendentes da senhora Dona Catharina, e sacudirem o jugo de Castella; e foi o das injustiças com que esta os governava: e prova-se ser bom em toda Europa, em Castella com o rei D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Christierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foi excluido do governo por sua frouxidão, e teve a seu irmão o conde de Bolonha por seu substituto: com este titulo se livraram os hollandezes, e se livram os catalães, se levantou Napoles, se amotinou Sicilia; e Portugal declarou por seu rei, a quem por direito o era, para o governar, como natural, sem tyrannias.

Resposta d'el-rei Filippe, contra as razões da senhora Dona Catharina, com seu desengano.

I. Resposta contra a primeira razão. *Terrible caso* (diz Filippe) *que quiten los portuguezes un rey catholico, y tan buen Christiano como ello, de su silla, y que se jacten, lo hazen con rason, colgandola de una linea, y que arrastren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado com mi prima, a quien devia yo preceder por varon, y mas viejo que ella!* Mas esta resposta se desfaz, como nevoa á vista do sol, com a lei e razão da representação que já discutimos.

II. Contra a segunda. *Admito, que podia Portugal hazer ley, que estrangeros no le herdassen: mas niego que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la reyna de Castilla Dona Beatriz, hija unica delrey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de su padre fue jurada en Portugal por reyna, y señora suya, y confirma-se con el rey D. Manuel, quando heredó los reynos, y estados de Castilla en nombre de su hijo D. Miguel: y siendo poderosos para defenderse, lo recebieron amorosamente, nò obstante ser estrangero; y quando despues los heredò el archiduque de Austria, aunque era Aleman, hizieron lo mismo: y que de la misma manera deve Portugal ser unido a Castilla.* Mas estas respostas e instancias teem facil resolução; porque a certeza da lei consta muito bem à Castella, que a sumiu com as côrtes de Lamego, como fica dito: e a nós basta-nos a tradição por certeza que se prova com muitos documentos. E a rainha Dona Brites por isso a jurou a Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque se fez castelhana: e se Castella admittia estrangeiros, era porque não tinha lei em contrario, como Portugal tem: e tambem porque os fazia naturaes com a assistencia continua; e com esta faltou a Portugal, não pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravando-lhe o jugo como estranho, e por isso com muita razão o sacudiu.

III. *Que nò tenia necessidad de dispensacion en esta ley, porque era portuguez, hijo de madre portugueza, y se hizo portu-*

guez hablando la lengua de Portugal en sus provisiones, y despachos, conservando las costumbres y leys de los portuguezes; con palacio real en su reyno, y tribunales, prometiendo asistir en el el tiempo necessario para ser tenido y avido por natural, y nò por estraño. Mas isto se bem o disse, mal o cumpriu; porque nunca veio a Portugal mais que a tomar posse armado como inimigo, metendo presidios castelhanos em todas as forças do reino, e ministros castelhanos nos tribunaes, armando a que todos fossemos castelhanos; porque só assim tractava de ser natural nosso: e para um homem ser natural, requer a lei deste reino que seja nascido nelle, e que seu pae tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada disto teve Filippe.

IV. *Al punto de la representacion negemos ficciones, y chimeras de legistas, y tomâmos possesion por la realidad.* Mas já fica desenganadó na resposta que démos á razão quinta do seu Manifesto, além dos exemplos que na quarta razão da senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem mostram quão praticada foi sempre a representação em todos os reinos da Europa, e neste de Portugal muito particularmente, e estabelecida por lei.

V. *Que los reyes, como señores soberanos, nò son sugetos a las leyes, que se hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando resultaren en dano de la corona; que es la primera cosa que se pretende conservar con el derecho.* E diz muito bem em reinos tyrannos, para os quaes não ha lei mais que a de sua vontade, conforme aquelle texto, que só elles guardam: *Sic volo, sic jubeo; sic ratione voluntas.* Mas devêra advertir, que na opposição presente não fazia figura de rei, ainda que o era, senão de filho da senhora Dona Isabel, e como tal em figura de particular pretendia este reino, e não como filho do imperador; por onde, ainda que era rei, não lhe pertencia esta corôa.

VI. *Lo que toca a que las hembras pueden ser admitidas a la sucesion de los reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a quien preceden los varones que se oponem en igual grado, y se prueva en Portugal de aquel capitulo de las cortes de Coimbra.* Mormente que de tal devido, como o dito D. João Henri-

ques havia com o dito D. Fernando, é da parte das mulheres; que segundo costume e lei de Hespanha, dos filhos a fóra não podem succeder em tal dignidade. Mas este argumento bem se vê que não vem a proposito; porque se tomarmos o texto como sôa, tambem a filha do ultimo possuidor não poderia herdar o reino, contra o que temos provado, e Filippe admitte. Donde só se intende dos parentes collateraes, que não descendem do sangue real dos nossos reis, como não descendia D. João Henriques de Castella, e por isso não devia succeder a el-rei D. Fernando, posto que fosse seu primo co-irmão; porque este parentesco era por parte das mães que não descendiam dos nossos reis.

VII. *Que todos los reynos tienen sus leyes y derechos particulares, que en sus heredamientos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos reynos por el derecho de la sangre, e otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questão, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar que assim em um direito como no outro, tinha a senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razão do seu Manifesto.

VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes reynos; que Francia nò podia heredar Castilla, porque tienen estas leyes, y privilegios que lo vedan; y Castilla podia heredar Portugal, porque nò avia impedimiento de ley que se lo estrovasse.* Mas a isto já dissemos que temos leis que não passe este reino a estranhos, e atraz na segunda razão do Manifesto da senhora Dona Catharina ficam apontadas: e se as nega Filippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França, e queremos que nos valha neste caso, se foi bom o estylo que então usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo ló conquisté. Yo lo heredé, porque me lo resolvieron muchos doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquisté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquistado, es de quien lo heredó, compró y conquistó; de la misma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nò de la señora Catalina, que nò lo heredó, ni lo compró, ni lo conquistó, como yo.* Diz bem que o

herdou por ditos de doutores que corrompeu com dadivas e terrores. Mas não rendeu a opinião do melhor de todos, como já tocámos no fim da resposta quinze ao seu Manifesto; e o mesmo jurisconsulto referindo-se-lhe uma visão que tivera uma pessoa louvada em virtude, que lhe mostrára Deus a alma de Filippe passando do purgatorio para o céu, respondeu perguntando: Restituiu elle já Portugal á senhora Dona Catharina? Pois em quanto lh'o não restituir, não creio que está no céu. E este é o direito que adquiriu pela herança, compra, e conquista que allega. Herdou o que lhe não pertencia; comprou a quem não era dono, que pudesse vender; conquistou contra direito, e assim o ficou perdendo a tudo pelas mesmas tres cabeças por onde jacta que se fez senhor.

X. *Al punto de la fuerça se dize, que* vim, vi, repellere licet. *Que una fuerça grande nò se deshace sinò con otra mayor.* E diz bem que sentiu grande força intrinseca no direito da senhora Dona Catharina, porque força extrinseca não a havia nella: antes com paz e socego se punha na razão que Filippe não quiz admittir nem ouvir; e por isso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeu todo o direito que affectava.

XI. *Que tal juramiento de guardar capitulos, y perder el reyno, si nò los guardasse, responde que nunca lo hizo, ni se mostrará autentico; y que lo prometido en las cortes se cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen govierno de las cosas, que nò pueden siempre mirar a un solo fin, que los reyes pueden alterar para mejor govierno, y mayor provecho de sus estados.* E falla verdade em dizer que não está authentico o tal juramento que fez nas côrtes de Thomar em abril de 1581, porque o não deixou imprimir na carta patente de confirmação dos vinte e quatro capitulos. Tral-a porém impressa em Madrid o auctor da lei regia de Portugal fol. 129. E o certo é que não é maior o poder nos reis para condemnarem por traidores os vassallos que no promettido e jurado lhes faltarem, que nos mesmos povos para lhes negarem a obediencia, e os excluirem quando os reis lhes faltam com a palavra dada, e quebrantam o juramento de sua promessa. Está nos povos a elei-

ção e creação de seus reis, e nella contractam com elles haverem-nos de administrar em sua conservação e utilidade. Donde todas as vezes que os reis lhes faltam, no que lhes prometteram de os defender e conservar, os podem remover, e negar-lhes a obediencia, como Portugal fez a el-rei D. Filippe, depois de o admittir intruso e violento.

XII. Ridicula é a resposta que Castella dá á 12.ª razão da senhora D. Catharina; porque consta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, perjuros, traidores, tiranos; y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hacer justicia, y poner el derecho en su lugar, y puncto, etc.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeadas, que mais se confirmam com as ameaças das novas violencias que nos promette: e entretanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho*: quanto mais, que onde as dão: e não ha pé que não ache fôrma de seu çapato.

XIII. *Niega Phelipo estar el pueblo en posession de eligir reyes; porque nò teniam mejor privilegio de eligir rey en Portugal, que en los otros reynos de Hespanha, los quales son de sucesion, en quanto vive descendiente legitimo de la familia real; y en esta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros reynos; porque procede de donacion de los reyes de Castilla, y de conquista de los reyes de Portugal; y como el pueblo nò dió el reyno, nò puede aver caso em que sea posible eligir.* Bem está: assim é. Mas nas duvidas não ha duvida que tem o povo direito para as decidir, quando não ha quem as resolva limpamente, e se sente offendido; porque se hão no tal caso os reinos como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de sua instituição, antes de terem reis, em que os povos podem oleger quem quizerem: e bem se prova que os de Portugal nunca quizeram a el-rei Filippe; pois nunca lhe deram um viva, como notam até seus chronistas, nem na maior pojança do horrendo triumpho com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamações de vivas com que el-rei D. João, o IV, foi sublimado ao throno, para desengano do mundo todo, que sabe muito bem que a concorde e voluntaria acclamação dos povos é o melhor titulo

que ha para reinar; porque assim se instituiram os reinos, e fizeram os primeiros reis. Donde havendo duvida entre herdeiros e oppositores a uma corôa, o melhor direito que ha para as decidir, é a vontade do povo, que primeiro fez os reis.

XIV. Finalmente, responde Filippe: *Que nó se pueden presumir tiranias de un rey catholico, ni injusticias de un monarcha tan poderoso, que de nada necesita para ajustarlo todo, dando medio con suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.* E diz bem; porque em duvida de todos os reis se ha de presumir bem: mas quando as coisas são evidentes, não ha escusa que as livre. A evidencia das injustiças que Castella usou com Portugal, sessenta annos que o teve sujeito, mostrará o capitulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de uma e outra parte, em que ficam averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal e Castella; e bem curto de vista será, e bem cego de paixão, quem com a luz destas verdades não vir que Portugal não tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este reino muito grandes.

CAPITULO XVII.

Em que se resolve que as unhas de Castella são as mais farpantes por injustiças.

Do que temos dito fica assaz claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Castella sempre usou dellas. E porque póde haver quem não alcance tantas razões; assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas que não vêem luz, poremos aqui uma demonstração tão clara que todos a vejam até com os olhos fechados, e a intendam, ainda que estejam dormindo. Cesteiro que faz um cesto, fará cento, diz o proverbio. E se isto é verdade, como o é, mais o será se dissermos: Cesteiro que faz

um cento de cestos, quero dizer de furtos, é mais que certo: e não é necessario para os provar, trazermos aqui sceptros nem corôas, como a de Navarra, de que se intitula ainda rei o francez; nem Milão, que o mesmo appellida por seu: nem Napoles, sobre que fulmina o papa, que lhe pertence: nem Castella e Leão, sobre que reclamam hoje os Lacerdas em Medina Cæli: nem Scilia, que tem senhor que a não logra por falta de poder: nem Aragão, que lá tem no seu Limoneiro o direito que o certifica da violencia que padece, nem os mais, que, se com estes se forem para seus donos, ficará Filippe como a gralha de Hisopete. Não nos é necessario discorrermos por reinos alheios; dentro no nosso daremos pilhagens aos milhares, em que ensanguentou tanto suas unhas Castella, que bastam para provar que as tem muito grandes; e não repararia em levar este reino de um golpe, sem ser seu, pois não reparou em o desbalijar por partes, depois de o possuir com unhas tyrannicas. Das injustiças nasce a tyrannia, não para estar ociosa, mas para obrar mais injustiças. E é assim que os auctores a dividem em duas, quando a definem. A primeira se dá, quando se occupa um reino com violencia contra as leis. A segunda, quando o rei o governa contra as mesmas leis. A primeira manifesta fica nos dois Manifestos, e em suas respostas; a segunda se manifestará nas injustiças seguintes.

Quando Portugal passou para Castella, ia aperfeiçoando suas conquistas com novos modos de tractos que se descobriam; ia-se ampliando e propagando nossa santa fé. Tudo parou logo, e com o tempo foi tornando para traz. Tinhamos poderosas armadas, immensas armas, muita gente destra para tudo; quasi de repente, e sem o cuidarmos, nos achámos sem nada. Poz-nos mal Castella com todas as nações; com que se diminuiu o trato, as rendas das alfandegas faltaram, as mercadorias encareceram: os estrangeiros não podendo vir a nossos portos buscar nossas drogas, iam buscal-as a nossas conquistas, lançando-nos dellas, porque não tinhamos forças para lhes resistir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltava-nos a direcção do governo, e o cabedal que nos devorava Castella. Capitulou por vezes pazes com os hollandezes da linha para o norte, deixando fóra dellas, o que fica para o sul,

onde cáe o principal de nossas conquistas, como quem se não doia dellas. Deu licença a estrangeiros para irem commerciar a nossas conquistas com grande perda, assim de particulares nossos, como das rendas reaes: e no anno de 1640 mandou publicar nos Estados de Flandres obedientes, que podiam livremente navegar a quaesquer portos nossos: e mandou que as nossas bandeiras variassem de côr, para se differençarem das suas. Diminuiram-se as náus da India; despachavam-se tão tarde, que arribavam; proviam-se tão mal, que pereciam; e as que vinham governaram-se de modo, que davam á costa: até as armadas não logravam effeitos, por má direcção; e as que nos mandavam fazer e preparar a titulo de acudirem a nossas conquistas, feitas, as tomavam para as de Castella, e lá pereciam. A gente que cá se alistava, mandavam que cá se buscasse o dinheiro para a pagarem; e o mesmo para as armadas com que os iamos servir. As nossas fortalezas andavam tão mal providas que as tomavam os inimigos, como se viu na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, etc. Tomaram-nos mais de sete mil peças de artilheria; e uma vez se víram na Ribeira de Sevilha mais de novecentas peças de bronze com as armas de Portugal. Tomaram-nos todos os galeões, galés e armadas; de que resultou ficarem nossos mares saqueados, e não escapar embarcação nossa; até os pescadores nos tomavam os moiros: até os direitos e fintas particulares, que os homens de negocio davam para fabrica de armadas que os defendessem, incorporaram em si; e comiam-nos os ordenados das galés sem as haver; e tudo quanto adquiriamos de armas, tomavam para Castella. Dizem que nos acudiam em suas armadas, como se viu na restauração da Bahia? Respondemos que o fizeram para assegurarem as suas Indias, e que se pagavam muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, sempre foi á nossa custa, como se viu na nossa armada que foi a Cadiz no anno 1637. Os serviços da nossa coroa feitos á de Castella, pagavam-se com premios de Portugal, e os serviços feitos á nossa coroa nunca tinham premio. Com isto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra para as emprezas de Castella, ficavam as nossas desamparadas, e se perdiam. Mandavam obedecer nossas armadas ás

suas capitanias e almirantas contra nossos fóros; com que nenhum homem de bem queria servir, por não perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que se lhe não poria tributo senão admittido em côrtes; e jurando Castella de nos guardar todos, nos poz a titulo de regalia sem côrtes o real da agua, accrescentou a quarta parte das sizas, no sal novos e intoleraveis tributos em castelhano, e sobre as caixas de assucar. Incorporou-se na fazenda real o rendimento das terças dos bens dos conselhos, que os povos concederam para fortificar muros e castellos. Faziam estanques de muitas mercadorias, com que obrigavam o reino a comprar o peior, mandando para fóra o melhor. Andava isto de tributos tão desaforado, que se atreviam os ministros a lançal-os sem ordens reaes; como o das barcas pescadoras, que obrigaram em Lisboa a ir registrar ás torres, para pagarem novas imposições, além das muitas que já tinham. Quizeram introduzir neste reino a moeda de Belhão, os despachos em castelhano, o papel sellado, e nos conselhos de Madrid não nos queriam despachar senão nelle. Metteram os roubos de contrabando, e levavam para Castella o procedido delle, não se despendendo o seu em coisa alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o não julgasse por tyrannico, além de ridiculo: e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejaram as mulheres no Porto? A violencia das meias anatas, que se pagavam, até de titulos vãos e phantasticos e inuteis, e do que era devido por justiça. Fizeram praticar neste reino coisa nunca vista entre portuguezes, venderem-se a quem mais dava os officios, que antigamente se davam de graça, sem olharem se as pessoas eram dignas. E porque as indignas são as que por dinheiro sobem aos officios, ficava a republica mal servida e perturbada: o subir sem meritos, e o não cair por erros, igualmente se vendia. Faziam jurar na chancellaria os que compravam os officios, que nada davam por elles, nem os que pretendiam por interposta pessoa: prohibiam ás partes virem com embargos a taes provimentos, e se alguem dava mais pelo officio já comprado, lh'o largavam sem restituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem satisfaziam com, que apontasse e pedisse outra coisa. Ven-

diam habitos até a gente indigna delles, e pretenderam inventar novas honras para as vender e habilitar com ellas gente infame ás maiores. Dos nobres tomaram grandes pedidos, e dos que possuiam bens da coroa a quarta parte: negar os quarteis das tenças e dos juros era muito ordinario. Obrigavam os nobres, communidades e prelados, que déssem soldados vestidos, armados e pagos á sua custa, para fóra do reino. Ultimamente pretendiam tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas e forças para a guerra de Catalunha, para o obrigar assim exhausto, desarmado e sujeito ao que quizessem. Avaliaram as fazendas de todos os portuguezes, para as quintarem: mas amotinou-se Evora, resistiram os povos de Além-Téjo, e logo todo o reino; com que cessaram outros muitos tributos de que estavam já provisões pelas comarcas. Cresciam as rendas reaes com tributos por uma parte; e por outra multiplicavam-se as perdas, destruia-se a monarchia, e tudo se gastava em appetites: faltavam as armadas e nos tanques do Retiro navegavam baixeis. Triumphando os hollandezes de Hespanha pelas companhias que contra ella levantavam; a da nossa India se consumiu e desappareceu, sem os povos receberem ganho, nem se lhes restituir sequer, o que lhes tinham feito contribuir, nem se tomar conta aos ministros que o devoravam. As necessidades em que nos punham com este modo de governo, tomavam por achaque de novas imposições para as remediarem; do castigo faziam remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os juizes castelhanos julgavam e sentenceavam os portuguezes que se achavam em Castella; e elles tinham em Portugal juizes castelhanos. Chamavam a Madrid as demandas dos Portuguezes; commettiam-nos a juizes castelhanos; e se alguem resistia a isto, era punido. Quando se lhes devassava de algum caso commettido neste reino por portuguezes e castelhanos, pagavam tudo os portuguezes, se saíam culpados, e os castelhanos eram remettidos a seus juizes, que sempre os absolviam livres de culpa e pena. Inventaram uma companhia de S. Diogo, onde se matriculavam com quantos delles descendiam; para que gozando dos privilegios de isento, se não extinguisse o nome castelhano, an-

tes se augmentasse entre nós, e fosse mais estimado e appetecido. Punham olheiros castelhanos nas nossas alfandegas, não os havendo portuguezes nas de Castella em nosso favor, sendo um ministro castelhano tido por menos limpo de mãos, que cem portuguezes: e applicava-se a um só delles mais ordenado, que a todos os ministros nossos do tribunal, em que se punham, e se lhes pagava desta coroa. Faltaram-nos com as promessas de nos libertar nos direitos dos portos secos; e com outras mil de uns e outros, que não conto. Levaram para Castella o provimento dos corregedores, provedores, e juizes do primeiro banco, para os fazerem dependentes, e os divertírem para lá, tudo contra o promettido e jurado. Faltou-se á real casa de Bragança com algumas preeminencias e cortezias devidas á sua grandeza, e concedidas por reis passados. Entregaram o meneio deste reino, e seu total governo a dois ministros, cunhado e genro, que correspondendo-se um em Madrid e outro em Lisboa, com intelligencias diabolicas, nos tyrannisavam. Puzeram por vice-rei a duqueza de Mantua, estrangeira, e que não era parenta do rei no gráu que se requeria para tal governo: puzeram-lhe collateraes e conselheiros castelhanos, que se não doessem de nós dependentes, para que sujeitassem seus votos. Fizeram que todos estes votos fossem fechados e secretos, para que se podesse attribuir aos taes votos tudo o que tyrannicamente ordenassem. Assim se fizeram os dois sobreditos, cunhado e genro, como o valido, senhores absolutos. Disse o rei Filippe um dia ao conde duque a solas: *Que haremos con estos portuguezes? Nò acabaremos con ellos de una vez?* O valido que fabricava fazer-nos castelhanos e provincia, para assim nos extinguir, respondeu: *Dexe vossa magestad esto a mi cuenta, que yo se le dare buena dellas.* Manifestou isto um grande de quem então se não acautelaram pela desestimação da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e meneio da policia de seus estados. E que direi do que obrou contra o governo espiritual e ecclesiastico? Nas duvidas que se moviam com os colleitores, se davamos sentença em favor da egreja, eramos privados por Castella dos cargos; e se contra ella, deixava-nos estar excommungados, e com interditos, sem reme-

diar nada, para que não só os corpos, senão tambem nossas almas padecessem. Tiravam dinheiro das pessoas ecclesiasticas, com esperanças que lhes davam dignidades: nem tiveram pejo de provocar os bispos com cartas, que ao que mais désse levantariam com maiores honras e dignidades. Não se tinha por illicito, nem indecente, o que trazia comsigo algum lucro: e d'aqui vinha darem-se os premios da virtude á maldade, porque tinha esta dinheiro, com que as comprava. Os depositos das ordens militares, que resultavam das commendas vagas, consumiam-se em usos prophanos contra os breves apostolicos. Promettiam-se as commendas antes de vagarem. Os rendimentos das capellas, os legados pios, e até das missas das almas se tomavam a titulo de emprestimo; e a restituição era em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. Ás capellas eram premio de quem as accusava, e ficavam as religiões perecendo, e as almas do purgatorio sem suffragios penando. E porque o colleitor Castra-Cani resistiu a isto, como ministro fiel da egreja, foi prezo, arrastado e desterrado com grande affronta de todo o estado ecclesiastico, e escandalo da gente catholica. Da residencia dos prelados nenhum caso se fazia, gastando-os em ministerios temporaes com grande damno espiritual de suas ovelhas. A bulla da cruzada se applicava a outros usos fóra da defensão de Africa, para que foi concedida: até das rendas da egreja tomavam subsidios e mezadas: para alguns pediram breve, allegando que os povos queriam, sendo assim que reclamaram sempre. Multiplicavam as provisões das mitras, com que ía muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavam as simonias.

E eu tenho dado conta das injustiças e roubos que Castella executou em Portugal; e porque estou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha consequencia, de que, quem tal fez, que não faria? Quem teve unhas tão farpantes para destruir um reino que appellidava seu, peiores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse que era alheio. E em conclusão: Castella se tem havido em tudo com Portugal tão desarrasoada e cruel, que lhe pudéra dizer Portugal, o que na ilha de Cuba disse um indio regulo cacich chamado Hatuey, atormentando-o castelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes désse

oiro: cathequizava-o um religioso de S. Francisco neste estado, e tendo-o já reduzido a receber o baptismo, para ir ao céu, perguntou se iam lá castelhanos? E respondeu-lhe o religioso que sim; disse que não queria receber o baptismo, nem ir ao céu, por não vêr lá tão má gente. Fr. Bartholomeu das Cazas, auctor castelhano, e da ordem dos prégadores, refere este exemplo com outros muitos das crueldades que usaram em indias: e nós dizemos, não tanto como este regulo, mas pelo menos, que não queremos neste mundo trato nem commercio com tal gente; e assim me despido della, e de suas unhas, para continuar na emenda das que nos tocam.

CAPITULO XVIII.

Dos ladrões que furtam com unhas pacificas.

Nas republicas que logram muitos annos paz, não ha duvida que com a ociosidade se fomentam e criam vicios; porque são como as charnecas, onde porque nunca entra nellas a foice roçadoira, tudo são malezas. Mal grande é a guerra, mas traz um bem comsigo, que traz a gente exercitada e divertida de alguns males mais perniciosos, e um delles é o de furtos domesticos. E d'aqui vem não haver no tempo da guerra tantos ladrões formigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que teem inclinação a furtar, applicam os damnos ao inimigo, onde não temem castigo, e deixam a sua republica illesa. Mas como não ha estado nem tempo que escape desta praga mais ou menos, todos os tempos teem unhas que os infestam, assim na paz como na guerra: desta diremos logo; da paz digo agora, que não estou bem com ladrões que furtam metendo espingardas no rosto, desparando pistolas, esfollando caras, como o ladrão Gayão e o Sol Posto, que saíam ás estradas mais para matar que para roubar. Mais humanos são os que com boa paz saudando a gente lhe pe-

dem a bolça por bem para seu mal. Tal foi aquelle que na charneca de Aldêa-Gallega pondo chapeus pelas moitas com páus que pareciam espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles senhores, que lhes fizessem mercê de os soccorrer com o que pudessem: e assim davam quanto traziam, para que os deixassem passar em paz: e taes eram os que em tempo de Castella pediam donativos pelas portas a titulo de soccorros e emprestimos, sem nos pôrem os punhaes nos peitos: mas quem não dava até a camiza, quando outra coisa não tivesse, sempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir esmola com potencia, é pedir soccorro nas estradas publicas com carapuça de rebuço, e armas á dextra; é querel-a levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve tão pacifico, que fazia exhibir aos passageiros o dinheiro que levavam: e logo lhes perguntava para onde iam? E lançando as contas ao que lhes bastava para a jornada, isso lhe restituia com, nunca Deus queira que vossas mercês lhes falte o necessario para seu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaram em uma feira de mão commum outras tantas peças de panno de linho, duas com trinta varas cada uma, e a terceira de trinta e seis. Ficou-se um com esta por ser o capataz, e deu aos companheiros as outras, a cada um sua: acharamse defraudados nas seis varas que levava de mais, e arguiram-no que não guardava igualdade nem justiça, com tão fieis companheiros. Respondeu que tinham razão, e que não era elle homem que se levantasse ás maiores com o alheio; e partindo as seis varas deu a cada um duas, dizendo: Ajude Deus a cada qual com o que é seu *pro rata.* Tão pacificas como isto tinha este ladrão as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemol-os comparar com as rameiras, que cheirando o almiscar, e fazendo praça de lisonjas e afagos, estafam as mais inexpugnaveis bolças, e escorcham os mais privilegiados depositos.

Não sei se pertencem a este capitulo as piratagens que se usam por esses almoxarifados e alfandegas de todo o reino, nos pagamentos dos juros, tenças e mercês, que sobre as rendas reaes se carregam. Vão os acredores pedir os quarteis a seu tempo, e a

resposta ordinaria, que acham, é: Não ha dinheiro; e com este cabe põe de ré até aos mais poderosos requerentes: mas se apertados da necessidade, que não tem lei, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes sobeja, e vos despacham, passando-lhes vós provimento ou escripto, de como recebestes tudo; e assim o carregam na despeza, tirando para si do recibo as resultas, com que se guarnecem em bella paz livres de demandas e contendas. Bem conhecido foi nesta côrte um homem honrado, que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte. Lançava nas rendas reaes sempre mais que os outros, e por isso sempre as levava: mas punha no contracto uma clausula, de que não se fazia caso, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviam de aceitar nos pagamentos a terça parte em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tivesse dividas para cobrar d'el-rei, que viessem ter com elle, e que á vista lh'as pagaria, se fossem de receber os creditos dellas. Choviam-lhe em casa os acredores, que sempre os ha desesperados de nunca cobrarem, porque a fazenda real é parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-se por fim de contas, que lhes daria a ametade; e taes havia, que por cem mil réis lhe largavam papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavam facilmente dois contos; e por esta arte tão quieta e pacifica, sem se abalar de sua casa, veio a medrar mais que os que levam grossos cabedaes ao Brazil, e navegam com grandes riscos á India.

Venha aqui o duque de Lerma, que com grande valimento e maior paz governou a monarchia de Hespanha por muitos annos, livrando todos seus estados de muitas guerras. A traça que tomou para tão louvavel empreza, foi de furtar um milhão á corôa com approvação do rei todos os annos, e este despendia em peitas, com que comprava o segredo de todos os reis, principes e potentados da Europa. Tinha em todas as côrtes da sua mão um conselheiro que lhe correspondia com os avisos de tudo o que se tractava; e a cada um dava por isso cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriam estes canos muito occultos; e tanto que tinha assopro que se maquinavam guerras, logo lhes divertia a agua com cartas e embaixadas a outro proposito tão bem ar-

madas, que desarmavam tudo, apagando temores, extinguindo suspeitas, e grangeando de novo amizades: tanto monta a destreza e ardil de um bom ministro sagaz e prudente! E assim dizia este ao seu principe: senhor, as coisas levadas por mal, arrebentam em guerras, e levadas por bem, florecem com paz. Um anno de guerra gasta muitos milhões de dinheiro, abraza muitas fazendas de particulares, extingue muitas vidas dos vassallos: e a paz sustenta tudo em pé, são, e illezo: e com um milhão que se gasta cada anno em peitas, compramos este bem tão grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhões, e das inquietações que traz comsigo a guerra. Neste passo me pergunta o curioso leitor: aonde estão aqui as unhas pacificas? Perguntastes bem; mas responderei melhor —que estão nos senhores conselheiros, que gualdriparam o milhão a cincoenta mil cruzados cada um, vendendo por elles o segredo dos seus principes, que é uma joia que não tem preço; porque depende delle o augmento dos seus estados, que muitas vezes se apoia na execução prompta de uma guerra justa. Mas podemos-lhe dar escusa nas consequencias da paz, que sempre é mais proveitosa para os povos, cujo bem e conservação deve ter sempre o primeiro logar nos discursos de todo o bom governo, se não trouxer comsigo maior perda, como a com que nos enganou Castella. Alguns estadistas tiveram para si, que fôra grande ventura passar a corôa de Portugal a Castella, pela paz com que nos conservava sua potencia dentro no reino. É verdade que não entraram cá inimigos com exercitos que nos inquietassem o somno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima surda nos ia gastando e consumindo, sem darmos fé do damno, senão quando já quasi que não tinha remedio. Deus nos livre de tal paz; paz fingida é peior que guerra verdadeira, e esta é melhor; porque a boa guerra faz a boa paz. A boa paz é a melhor droga que nos trouxe o commercio do céu á terra, e como tal a applaudiram os anjos em Belém depois da gloria de Deus: e por isso é bem que digamos os fructos della e os documentos com que se grangeia.

CAPITULO XIX.

Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos não damnifiquem.

O officio do principe é procurar que seus vassallos vivam em paz: e por isso quando o juram, leva na mão direita o sceptro com que ha de governar o povo em paz. Os romanos traziam o annel militar na mão esquerda, que é a do escudo, para denotar que as republicas bem governadas teem mais necessidades de se defenderem, para conservarem a paz, que de offenderem os outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra é castigo de peccados: e assim se devem considerar sempre as causas que houve para se romper a paz, e tractarem de as reparar. Para ser firme a paz hão de procurar, os que a fazem, de terem a Deus propicio: e tel-o-hão, se lhe pedirem que lhes dê juizo e intendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condições della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganos. Melhor é a paz com condições honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os lacedemonios e athenienses diziam: Prouvesse a Deus que nossas armas estivessem sempre cheias de teas de aranhas. Quem tracta de paz, se a não poder concluir, faça pelo menos tregoas; porque por meio das tregoas se alcança muitas vezes a paz, porque dão tempo a se considerarem e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-se advertir, se quem pede a paz, é gente de sua palavra; e quem está victorioso deve concedel-a, porque se lhe admittem mais facilmente as condições que quer. A guerra faz-se para ter paz, e por isso é melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As condições da paz são de grande momento, para ser de dura. Os romanos na paz que fizeram com os carthaginezes, puzeram-lhes por condição que lhes entregassem a armada que tinham: puzeram-lhe o fogo e ficaram todos quietos. Ninguem se deve fiar

muito na paz feita com inimigo porfiado; porque a malicia e a ambição com pretexto de paz se valem de enganos e cautelas, peiores que a guerra: e por isso o principe prudente no tempo da paz não deve deixar os ensaios da guerra e exercicios militares, nem que os seus vassallos se dêem ao ocio e regalos; porque, como diz Tito Livio, não fazem tanto damno á republica os inimigos, quanto fazem os regalos e deleites. Na maior paz ter as armas e armadas prestes enfreia os inimigos. Paz desarmada é mais arriscada que a mesma guerra. Não estão ociosos os galeões no estaleiro, nem as armas com bolor nos armazens: d'alli sem se moverem, estão reprimindo os impetos do inimigo, que se acanha só com cheirar que ha de achar resistencia. O imperador Justiniano tem, que os principes hão de estar ornados com as armas da guerra, e armados com as leis da paz, para governarem bem os povos, que teem a seu cargo. Começa a ruina de uma republica com o desprezo das leis, onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeu Babylonia, não matou, nem captivou os que lhe resistiram; mas só mandou para se vingar delles, que não exercitassem mais as armas, e que se occupassem em tanger, cantar e dançar, e em serem jograes, e taverneiros: e com isto conseguiu, que a gente daquella cidade, tão insigne no mundo, fosse vil e fraca. Tal foi a paz que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdão geral que deu a todos os que lhe resistiram: e houve estadistas tão sabios que tiveram isto por felicidade!

Da maneira que os corpos e substancias terrestres nascem, crescem e morrem; e quando não teem de fóra quem os gaste, dentro em si criam quem as consome: assim as republicas quando não teem inimigos de fóra, dentro em si criam quem as destroe. Dizia o imperador Carlos V, que da maneira que no ferro nasce a ferrugem que o gasta se o não usam, e no páu o gurgulho que o come se o não movem, e até o mar se corrompe em si mesmo, onde lhe faltam as marés que o abalem; assim nas republicas nascem bandos e dissenções, que as inquietam e consomem, se com a paz deixam entrar nellas a ociosidade. O principe dos philosophos no cap. 7. lib. 5. da sua politica adverte tres coisas —

partos da ociosidade, que assolam as republicas. Primeira, admittirem-se poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segunda, excluirem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira, levantar-se um valido com o meneio de tudo. De tudo resulta, que com tyrannia se isentam, com ambição roubam, e com soberba atropellam os inferiores; e fazendo-se odiosos movem revoluções, como em nuvem prenhe de exhalações, que não socega até que não arrebenta com trovões e raios, assolações e ruinas. Platão diz, que a republica ociosa cria muitos pobres, que logo dão em ladrões e sacrilegos mestres de maldades. Convem que assim como as abelhas não consentem zangãos na sua republica, assim os que governam a nossa, não devem consentir gente ociosa exposta a vicios, novidades, e inquietações. Aristoteles, que sempre contradiz a seu mestre Platão, affirma que mais mal fazem á republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder se eximem da obediencia das leis, e com a ociosidade estão prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: impedem a reformação dos costumes, relaxam a modestia do povo, com gastos superfluos no comer e vestir, incitando o vulgo a desobedecer. E se o principe os não vigiar para os trazer a todos em regra com temor e amor, dar-lhe-hão com a republica, e com a monarchia atravez, e vem a ser consequencia infallivel, que peccados publicos tolerados assolam as republicas como fogo: não são os dos reis os que fazem o maior damno, senão o descuido com que toleram as demazias dos povos, que Deus castiga com Pharaós, Caligulas, e Neros, que lhe servem de algozes: e quando o principe é bom, permitte que tenha ministros taes, como estes imperadores, e que os não possa atalhar, porque o enganam com a hypocrisia mascarada com côr de virtude e zelo. Livrar-se-ha destes enganos, far-se-ha admiravel, e florescerá invencivel o rei (disse um sabio) que guardar inviolavel quatro leis. Primeira, que não consinta que os grandes opprimam aos pequenos; e será tido por justo. Segunda, que não dissimule nenhuma desobediencia, por leve que seja, sem castigo pezado; e far-se-ha temido. Terceira, que não deixe passar nenhum serviço sem premio; e será bem servido. Quarto, que ninguem de sua presença se aparte descon-

solado ; e será de todos muito amado. E um rei justo, temido, bem servido, e amado, conservará sua pessoa segura, seu imperio inexpugnavel, sua fazenda com augmentos, e seus vassallos sem faltas. E em chegando a este auge, logrará prospero seu sceptro em paz, livre dos damnos e unhas que chamamos pacificas.

CAPITULO XX.

Dos ladrões que furtam com unhas militares.

Santo Agostinho lib. 1. *de Civitate Dei* cap. 3. diz, que assim como os medicos curam aos doentes com dietas, evacuações, sangrias, e fogo ; assim Deus cura os peccados do mundo com fomes, que são as dietas ; com pestes, que são as evacuações ; com guerras, que são as sangrias e o fogo. E veem a ser os tres açoites que Deus mostrou a David, com os quaes costuma castigar os homens : e por maior se póde ter o da guerra, porque a nada perdoa, tudo leva, sagrado e prophano, fazendas, honras e vidas. E como na agua envolta acham maior ganancia os pescadores ; assim nas revoltas da guerra acham mais em que se empolgar suas unhas, que chamamos militares. Na restauração da Bahia entregou o monarcha dois ou tres milhões a D. Fradique de Toledo para as despezas da guerra. Houve depois desgosto entre elle e o conde de Olivares, que governava tudo : e ajudando-se este do valimento, para se vingar do Fradique, mandou-lhe tomar contas ; e alcançando-o em meio milhão, apertou com elle que o pagasse, ou désse descarga : deu elle esta em uma palavra — que gastára o resto em missas ás almas, em esmolas e obras pias, para que Deus lhe désse a victoria que alcançou, que muito mais valia. E pudéra dizer tambem, que grande parte se foi por entre os dedos das unhas militares que a sorveram ; porque o dinheiro que corre por muitas mãos, é como o pez e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

Serão estas por ventura sua, ou desgraça nossa, as unhas dos pagadores, os quaes se se mancommunam, ou descuidam uns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro de el-rei, que o deixam em passamento, e os soldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quaresma? Se não são estas, póde ser que ajudem, porque escrevendo despezas, onde não houve recibos dos soldados, recebem para si todos os restos, que com serem grossos, não se enxergam no fim das contas, que capeiam sua malicia com titulo de milicia: e ficando esta tão defraudada no cabedal, e por isso nos soldados, vale-se tambem das unhas que mais propriamente são militares, para que não falte aos soldados o necessario, e tambem o superfluo; e d'aqui vem que o mesmo é ser soldado, que não vos fiardes delle. Tem a guerra grandes licenças, não lh'o nego, mas nunca é licito fazer preza no alheio sem titulo que cohoneste a pilhagem; e não póde haver este, onde se não falta com o necessario. Os povos concorrem com o tributo das decimas para a sustentação dos soldados, que é bastante e de sobejo; e por isso os soldados são obrigados a defender os povos, que não padeçam injurias, damnos, nem perdas. E sobre esta obrigação, sairem da mesma milicia unhas que destruam os povos, é grande injustiça, a qual vem a cair sobre os que occasionam nos soldados, com defeito das pagas, taes necessidades que os obrigam a buscar remedio para não perecerem; e o que se lhes offerece logo mais á mão é meter a mão até o cotovello pelo alheio, quando se lhes falta com o proprio. Metam todos os ministros, cabos, e officiaes as mãos em suas consciencias, e acharão que tanta pena como o ladrão merece quem lhe dá occasião similhante para o ser. E se achar que fallo escuro, não m'o tache, porque o tempo anda carregado; acenda uma candeia no intendimento, e verá logo que é obrigado a restituir, não só o que embolçou, mas tambem o que o soldado furtou, por elle lhe não pagar.

Não são os pagadores nem os soldados sós os que jogam unhas militares: tambem os senhores capitães e cabos maiores, teem suas unhas, tanto maiores, quanto o são os cargos. Offerece-se um destes a sua magestade, que lhe dê uma gineta, e que elle

levantará a bandeira de infantes á sua custa. Contenta o alvitre no conselho, porque forra de gastos a fazenda real: sóbe a consulta, desce a provisão, parte o supplicante com ella, aguarda duzentos ou trezentos mancebos solteiros, filhos de paes ricos, e pouco poderosos: chovem intercessões, e logo as peitas, para que os largue: vae largando os que dão mais, não por esse titulo, mas porque diz lhe provam que teem o pae aleijado, a mãe cega, ou irmãs donzellas: e o menos que tira de duzentos que liberta, são quinze, ou vinte mil réis por cabeça; e ajunta assim quatro ou cinco mil cruzados: gasta delles mil e quinhentos, quando muito, nas pagas e comboy de cem infantes, que não se puderam livrar da violencia, por miseraveis, e fica-se com tres mil cruzados de ganancia, ao menos, com que vae luzindo na marcha, põe em pés de verdade que tudo é á sua custa: e deste serviço e outros similhantes faz outra unha, com que alcança uma commenda. E como estas pilhagens teem propriedade de crescerem ao galarim, vem a engrossar tanto, que por meio dellas dá caça a officios e beneficio, com que enche e ennobrece toda a sua geração: e vem a ser tudo destreza sua; que aonde outros acham a força, por furtarem sem arte, elle acha thronos com esperanças de maiores accrescentamentos. Nos vice-reis da India vimos em tempos passados exemplos desta fortuna, prosperos e tragicos; porque os que lá não furtavam, para cá remirem sua vexação, morriam no castello com ruim nomeada; e os que traziam milhões furtados, de tudo se escoimavam galhardamente com nome de muito inteiros. Em fim, o que reza este paragrapho já não corre. Seria immenso se quizesse esgotar aqui todas as unhas militares, assim em não pagarem o que devem, como em cobrarem o que não é seu, ajudando-se para isso da jurisdicção das armas. Acabo este capitulo com uma habilidade dos assentistas e contractadores, a que poucos dão alcance, e nenhum o remedio. É certo em todas as economias humanas (e tambem nas divinas), que quem maior cabedal mette, maior premio merece; e por isso ninguem repara nos grandissimos lucros que os assentistas colhem da obrigação que tomam de prover as fronteiras; porque se suppõe que empregam nisso ao menos um milhão de dinheiro; e a um milhão

de emprego claro está que deve corresponder um grandioso lucro; e tal lh'o deixam recolher, sem se advertir que é maior o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados que tenham de cabedal, bastam e sobejam para todo o meneio de dois milhões. E é assim que sua magestade lh'os vae pagando *pro rata* aos quarteis dentro no mesmo anno; de sorte que quando os acabam de gastar, os acabam tambem de cobrar; e a difficuldade está só no principio, e no primeiro quartel das pagas, que se fazem antes de cobrarem da fazenda real alguma coisa; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, bastam os cem mil cruzados que temos dito, com que entram de cabedal: e quando não cheguem ao fiado e ao puxado, remedeiam o primeiro quartel; e quando vem o segundo, já teem cobrado das consignações d'el-rei o que basta para navegar por diante, e supprir atrazados; e assim fazem os gastos com a fazenda real, e cuida o mundo que os fazem com a sua, e que são por isso merecedores do que ganham, que é mais que muito. Alvidrem agora lá os estadistas, se é maior guerra a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro e fogo, se a que nos fazem estes amigos com o dinheiro.

CAPITULO XXI.

Mostra-se até onde chegam unhas militares, e como se deve fazer a guerra.

É a guerra um de tres açoites, com que Deus castiga peccados neste mundo, já o disse; e por isso traz comsigo grandes trabalhos, assim para quem a faz, como para quem a padece; e um dos maiores é o dos latrocinios e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre si as partes exercitam. E porque nem tudo o que se toma é furto, e na guerra muito menos, declararei tudo o que permittem as leis da guerra, e logo ficará claro, até onde podem chegar as unhas militares. Já que o reino de Portugal é tão guer-

reiro, que nasceu com a espada na mão; armas lhe deram o primeiro berço, com as armas cresceu, dellas vive, e vestido dellas como bom cavalleiro ha de ir para a cova no dia do juiso, bem é que saiba tudo o que permittem, e tambem o que prohibem as leis verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiram a conservar o proprio e destruir o alheio, para que com a potencia não destrua o contrario.

É erro cuidar que ha prohibição de guerra entre christãos; e é heresia dizer que é intrinsecamente máu, ou contra a caridade, fazer guerra, porque ainda que se sigam della muitos males, são menores que o mal que com ella se pretende evitar. A guerra, ou é aggressiva ou defensiva. A defensiva não só é licita, mas é obrigação fazel-a: é licita pelo preceito natural: *Vim vi repellere licet;* e é obrigação fazel-a, quem tem a seu cargo defender a republica. A aggressiva não é máu fazer-se, antes póde ser bom e necessario: não é máu, porque temos muitas na sagrada escriptura mandadas fazer por Deus; e é necessario fazer-se, porque a razão a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ser justa, são necessarias tres circumstancias: primeira, que se faça com poder legitimo; segunda, com causa; terceira, que se guarde a moderação devida. Só o rei ou principe, que não tem superior, e seus ministros com vontade expressa, ou presumpta de sua cabeça, podem fazer guerra, porque lhes pertence a defensão.

O mesmo dizemos dos ecclesiasticos que teem poder supremo no temporal, porque militam nelles as mesmas razões, e não ha direito que lh'o prohiba; e como podem pôr juizes nos tribunaes, que sentenceem causas criminaes, podem pôr exercitos em campo, que conservem illeza a sua republica, porque não intentam com isso direitamente homicidios, senão actos de fortaleza, que é virtude. Maior duvida é, se podem os ecclesiasticos tomar armas e peleijar? Na guerra defensiva não ha duvida que podem, porque o direito natural permitte, e o positivo não prohibe aos ecclesiasticos defenderem suas vidas e fazendas. A guerra aggressiva é prohibida pela egreja aos de ordens sacras, por ser indecente ao estado; mas dado que quebrantem este preceito, não

serão obrigados a restituir o que pilharem, se a guerra fôr justa; porque ainda que peccam contra religião, não peccam contra justiça: e pela mesma razão não ficam irregulares, se não matarem pessoalmente; como nem os que exhortam á peleja, ou aconselham aos seculares que vão á guerra. Se a guerra fôr injusta, todos ficam irregulares, até os seculares, e os que não commetterem homicidio; porque basta que o corpo do exercito o commettesse. O papa póde dar licença aos ecclesiasticos para militarem, porque póde dispensar nos preceitos da egreja; e em tal caso não incorrem irregularidade, porque dispensados no principal, ficam livres no accessorio.

O papa ainda que não tem jurisdicção temporal fóra do seu dominio, tem direito para avocar a si as causas da guerra dos principes christãos, e julgal-as; e são obrigados a estar pela sua sentença, se não fôr injusta: e d'aqui vem que raramente succede ser justa a guerra entre principes christãos, porque teem o papa, que póde determinar suas causas; mas muitas vezès não convem interpor o summo pontifice sua auctoridade, para que não se sigam outros inconvenientes maiores, qual seria rebellar contra a egreja a parte desfavorecida: e em tal caso não são obrigados os principes a esperar definições do papa, nem pedil-as, e podem levar a coisa por força de armas; e fica de melhor partido para a consciencia o principe que não deu occasião ao papa para se abster no juiso de tal demanda.

A guerra que se faz sem legitima auctoridade, é contra a justiça, ainda que seja com causa legitima; porque o acto feito sem jurisdicção não é valioso: e será obrigado a restituir os damnos da guerra, quem a faz, se não recompensou com elles alguma perda que o inimigo lhe tivesse dado. Se o papa prohibir ao principe a guerra, como contraria ao bem commum da egreja, peccará contra justiça o principe fazendo-a, e será obrigado a restituir os damnos, porque no tal caso já não tem titulo para levar a coisa por força, pois está dada sentença.

A gentilidade antiga teve para si, que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome e riquezas; mas isto bem se vê que é contra o lume natural, pois nunca é licito tomar o alheio sem

causa que o possuidor dêsse. A tres cabeças se reduzem todas as causas justas: primeira, se um principe toma a outro o que não é seu: segunda, se causou lezão grave na fama, ou na honra: terceira, se nega o direito das gentes, como são passagens e commercios; porque o principe tem obrigação de conservar os seus illesos nestas coisas. Da mesma maneira póde soccorrer o principe ao que se metteu debaixo de sua tutela, se tiver alguma destas causas por si. Quem fizer guerra sem alguma destas causas, pecca contra justiça, fica obrigado a restituir os damnos; e tendo causa justa se se seguirem da guerra maiores damnos á sua republica, que lucros á sua victoria, não póde fazer em consciencia a tal guerra, porque é obrigado a olhar pelo maior bem da sua republica: e não se segue d'aqui ser necessaria certeza da victoria, porque esta é contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os principes christãos podem fazer guerra aos principes infieis que impedem ás suas republicas receber a lei de Christo; porque nesta parte defendem innocentes, que teem direito para a tal guerra, pela injuria que se lhes faz. E por esta via conquistou Portugal os reinos e estados que tem ultramarinos. O exame das causas da guerra pertence ao principe que a faz, e não aos vassallos: os conselheiros são obrigados a tomar plenario conhecimento de todos os fundamentos; porque a republica é como o corpo humano, onde á cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia de que se tracta fôr duvidosa igualmente por ambas as partes, prevalecerá a que estiver de posse; porque assim se julgam as demais causas civeis em todos os tribunaes; e se nenhuma das partes estiver de posse, partir-se-ha a contenda, se fôr de coisa partivel; e se o não fôr, lançar-se-hão sortes, ou pagará a ametade á outra parte, a que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razão natural e o direito commum.

Os soldados e vassallos não são obrigados a examinar as causas da guerra; e podem ir a ella se lhes não constar que é injusta, porque os subditos são obrigados a obedecer a seu superior, e devem presuppor que elle terá averiguado tudo em razão e direito, como é obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos

soldados estipendiarios, que não são subditos, que se podem deixar ir por onde vão os outros; além de que pelo estipendio ficam subditos. O modo que se deve guardar na execução da guerra, depende de tres gráus de gente, que são: o principe, os capitães, e os soldados: em tres tempos distinctos, que são: antes da batalha, no actual conflicto, e depois da victoria. E em tudo isto se devem considerar tres coisas: o que se póde fazer ao inimigo, o como se deve haver o principe com os soldados, e como se devem haver os soldados com o principe. O principe é obrigado a sustentar os soldados, e estes a pelejar por elle, sem fugir, nem largar os seus postos: e d'aqui se segue, que não podem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do principe, e que serão obrigados a restituil-as: mas depois da victoria podem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, é obrigado o principe a propôr as causas della á republica contraria; e pedir-lhe por bem a satisfação que pretende: e se lh'a der, é obrigado a desistir; mas poderá demandar os gastos feitos: e se a não der, procede a guerra justamente, e com direito á maior satisfação, pela nova injuria de não aceitar o contracto pacifico; e poderá pedir e tomar o que parecer necessario para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até se alcançar a victoria, é licito e justo fazer ao inimigo todos os damnos que se julgarem necessarios para a satisfação, ou para a victoria, sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a victoria, tambem é licito dar aos vencidos todos os damnos que bastem para vingança e satisfação dos damnos que deram: e não se devem computar aqui as pilhagens dos soldados, porque assim o tem o uso, e se lhes deve, por exporem suas vidas: mas deve ser permitindo-lhe o principe, que póde, ainda depois da victoria, matar aos inimigos rendidos, se não se der por satisfeito, e captival-os, e tomar-lhes seus bens. E d'aqui vem o direito que faz aos vencedores senhores de todos os bens dos vencidos: e tudo se deve regular pela offensa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos se acharem alguns de amigos, devem-se-lhes restituir. Se os damnos feitos aos inimigos bastarem para a satisfação, não se po-

dem estender aos innocentes. Innocentes são os meninos, e as mulheres, e os que não podem tomar armas, e todas as pessoas religiosas e ecclesiasticas. Os peregrinos e hospedes não se contam por membros da republica; mas se os taes damnos não bastarem bem se podem estender aos bens e liberdade dos innocentes, porque são partes da republica. Entre christãos já o uso tem que os captivos não sejam escravos; mas podem ser retidos para castigo, para resgate, ou troco. E porque este privilegio se introduziu em favor dos fieis, podem ser escravos os que apostataram para o paganismo, não para a heresia; porque de alguma maneira ainda reteem o nome christão. Não só as pessoas ecclesiasticas, mas tambem os bens das egrejas são isentos da jurisdicção da guerra pela reverencia que se lhes deve; e porque a egreja é outra republica, espiritual, distincta, e isenta da temporal. E accrescenta-se, que tambem os bens e pessoas seculares, que se recolhem nas egrejas, ficam livres pela immunidade: mas se fizerem da egreja fortaleza para se defenderem, podem ser arrasados, despojados e mortos; porque não usaram bem do favor.

Será justa a guerra em que se guardarem todas as cautelas que temos dito; e por remate se perguntam quatro coisas: primeira, se é licito usar de cilladas na guerra? Responde-se, que é licito occultar os conselhos e esconder as traças, mas não mentir: segunda, se é licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Não é licito, salvo faltando elle em algum concerto: terceiro, se se póde dar batalha em dia santo? Sim, se fôr necessario, e a obrigação da missa segue a mesma regra: quarta, se póde o principe christão chamar infieis, ou dar-lhes soccorro para guerra justa? Bem póde ambas as coisas, se não houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem póde ajudar-se de feras, tambem poderá de animaes racionaes.

Guerra civil entre duas partes da mesma republica nunca é licita da parte aggressiva; e muito menos contra o principe, se não fôr tyranno, porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdicção, e d'aqui se segue que póde o principe fazer guerra contra a sua republica com as condições requisitas, que temos dito. Desafios entre particulares nunca são licitos, assim porque são

prohibidos, como porque ninguem é senhor da vida alheia, nem da sua, para a pôr em tão evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para não ser tido por covarde, se não sair ao desafio; porque isso são leis do vulgo imperito, que não devem prevalecer contra as do direito: e maior honra é ficar um valente tido por christão, entre prudentes, que por desalmado, deferindo a ignorantes. Será licito o desafio com auctoridade publica, como quando a batalha e victoria de dois exercitos se põe em dois soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David e o gigante; porque a causa é justa, e o poder legitimo: e sendo licito pelejar todo o exercito, tambem o será a parte delle, com tanto que não seja evidente a victoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem que meneou arma offensiva para matar, foi Caim contra seu irmão Abel. Os assyrios foram os primeiros, que, capitaneados por el-rei Nino, fizeram guerras a nações estranhas. Pão, um dos capitães de Baco, inventou as alas nos exercitos, e ensinou o uso dos estratagemas, e o vigiar com sentinellas. Sinon foi o primeiro que usou fachos. Lycaon introduziu as tregoas; Theseo os concertos; Minos deu principio ás batalhas navaes; e os thessalos ao uso da cavalleria. Os africanos inventaram as lanças; os martinenses as espadas: e esgrimir estas armas ensinou Demeo. E sobre todos campearam Constantino Anclitzen Friburgense, e Bartholo Suarez Monacho, que descobriram o invento da polvora, e maquinas de artilheria e fogo para destruição do genero humano. E todos quantos na guerra empregaram suas forças e industrias, bem examinados, nenhuma outra coisa pretenderam mais, que accrescentar-se a si á custa alheia: e veem a ser as unhas militares, a que dediquei este capitulo, para que se saiba até onde se podem estender, e aonde é bem que se encolham.

CAPITULO XXII.

Prosegue-se a mesma materia do capitulo antecedente.

Esponja de dinheiro chamou um prudente á guerra, e isso é o menos: que ella sorve vidas, fazendas e honras são o seu pasto em que como fogo se ceva: e tudo se tolera pelo bem da paz, que com ella se pretende e alcança, quando não a pica a tyrannia do interesse. A boa guerra faz a boa paz; e por isso é mal necessario o da guerra. Como se póde fazer, já o disse no capitulo precedente: como se deve executar direi agora, para que as unhas militares não desbaratem, e malogrem milhões de oiro, que nella se empregam.

Traz a guerra comsigo muitos perigos, trabalhos e gastos; e por isso nenhum principe a deve fazer, salvo quando as condições da paz são mais prejudiciaes a seu estado e reputação. Sendo necessario fazer-se, se considerar os damnos que della resultam, nunca se resolverá em a fazer; e não se resolvendo, accrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E assim, convém, que, resolvendo-se em tomar armas, se resolvam todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo; e conhecel-as-ha em sabendo qual tem mais dinheiro, porque este é o nervo da guerra que a começa e a acaba. Tres coisas lhe são muito necessarias para a victoria, e sem ellas não tracte da batalha, porque será vencido: a primeira é dinheiro; a segunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terá quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a segunda terá armas de sobejo; e quem as tem melhores, assegura a victoria. Com a terceira terá mantimentos; e exercito bem provido, tarde e nunca é vencido. Veja logo que capitães tem, porque se não forem esforçados, prudentes e venturosos, perderá tudo: e não basta isto, porque é necessario tambem que os soldados sejam alentados, escolhidos e bem disciplinados. Quando Julio Cezar deu batalha

a Petreyo em Hespanha, disse que pelejava com um exercito sem capitão: e quando pelejou com Pompeo, disse que dava batalha a um capitão sem exercito. Tanto monta ser tudo escolhido, e não introduzido a caso, e de tumulto! Faça rezenha das armas que tem, e saiba as do inimigo, porque a victoria segue ordinariamente a quem tem melhores armas. Os soldados bem armados e vestidos, cobram brios, e concebem esfôrço: çapato e camiza nunca lhes falte: é conselho de um grande capitão portuguez. Tres esperanças deve ter o soldado sempre certas, para pelejar com esforço, e ser leal a seu principe: primeira, do soldo ordinario: segunda, da remuneração extraordinaria: terceira, da liberdade, quando lhe fôr necessaria. A primeira alenta; porque pela boca se aquenta o forno: e não devemos querer que sejam os soldados como os fornos da Arruda, que só uma vez na semana os aquentam, e isto lhes basta para cozerem o pão de domingo a domingo: tem-se isto por prodigio grande, e por maior se deve ter, que aturem os soldados mezes e mezes, sem receberem um real de soldo, para se vestirem e manterem. A segunda os faz constantes; porque o desejo de montar e crescer é natural; e com a certeza de que hão de melhorar de posto, e alcançar bons despachos, fazem-pelos merecer, e não temem arriscar as vidas; porque o estimulo da honra é o melhor alicate que ha para avançar a grandes emprezas, e tambem o do interesse. A terceira os faz leaes, porque se se imaginam captivos, e que nunca poderão renunciar o trabalho da milicia, vestem-se da condição de escravos, e é o mesmo que de odio a seus senhores, e hão se como forçados da galé. E não só é conveniente esta razão, mas tambem é justo que os soldados sejam voluntarios, e que tenham caminho para se libertarem, quando lhes fôr necessario, porque não são escravos comprados: nem o preço de quatro mil réis na primeira praça iguala o da liberdade em que nasceram, e de que estão de posse: nem a obrigação de servirem á patria prepondera, quando de serem livres resulta acudirem mais, e servirem melhor. Haja correspondencia igual de ambas as partes, isto é, que o principe pague, como o soldado serve, e acudirão logo innumeraveis a servil-o, sem ser necessario buscal-os; porque nisto são como as

pombas, que acodem todas ao pombal onde acham bom provimento, e fogem da casa onde as depennam.

Se examinarmos as causas porque os soldados fogem das fronteiras para suas casas, e tambem para o inimigo, acharemos que pela maior parte são duas desesperações: uma da liberdade, e outra do provimento; e que para ambas as coisas teem justiça: para o provimento, porque quem serve o merece; e para a liberdade, porque nenhuma nação do mundo os obriga mais que a tempo limitado: França em se acabando a facção, mas que não seja mais que de tres mezes, logo os desobriga e liberta, por mais soldo e pagas que tenham recebido: e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armas, que, em se recolhendo, os deixa ir para suas casas: e não ha maior razão para não se praticar o mesmo estylo com os que servem na campanha pondo-lhe seus limites. Castella não faz exemplo; porque, se obriga seus soldados para sempre, tambem lhes dá privilegios equipolentes: e se os leva amarrados com cordas e algemas, não são esses os que melhor pelejam; e de taes extorções lhe vem perder tantas facções. Quanto mais, que, se lá tractam os vassallos como escravos, Portugal sempre se prezou de os tractar como filhos. Nem se achará doutor theologo que approve o uso de Castella, e que não diga que é injustiça, indigna até de turcos, não dar liberdade aos soldados depois de algum tempo, quando até aos forçados das galés se concede depois de dez annos, mas que sejam condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter o principe amigos e espias na terra do inimigo, e conhecimento dos logares por onde marche, e ha de ter encontros, é muito necessario. Faça muito por sustentar a reputação e credito de sua pessoa, porque terá quem o sirva, e todos se lhe sujeitarão. Alexandre Magno divulgou que era filho de Jupiter, para ser respeitado e obedecido: justifique a causa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com manifestos; porque dá animo aos soldados que o servem, e acovarda os contrarios. As causas da guerra ao todo em geral, ordinariamente são quatro: a primeira, para cobrar o que o inimigo tomou: segunda, para vingar alguma affronta: terceira, para alcançar gloria e fama: quarta, por ambição. A

primeira e a segunda são justas: a terceira é injusta: a quarta é tyrannia. Quem fôr vencido, deve examinar a causa de sua ruina, se foi por falta dos capitães, se dos soldados, para emendar o erro: e se o não houve, nem no inimigo maior poder, deve applacar a Deus, tendo por certo que o irritou contra si com as causas da guerra. E se comtudo foi por estar o inimigo mais poderoso, deve dissimular até se melhorar de força; porque melhor é soffrer dez annos de guerra, furtando-lhe o corpo, que um dia de batalha em que se perde tudo. Conservár-se-ha em pé nestas demoras, conservando o amor dos soldados e a benevolencia dos povos: esta ganha-se administrando justiça, e aquelle usando liberalidade.

Questão ha, qual será melhor, se fazer a guerra na terra do inimigo, se na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipião dizia, que mais util era fazer-se a guerra fóra de Italia. As conjunções das emprezas e urgencias dos tempos ensinam o que será mais conveniente. Ajudar um principe a outro na guerra, quando é amigo ou confederado, é muito ordinario. Dom Fernando V, rei de Castella, favorecia sempre ao que menos podia, para não deixar crescer o contrario: nem entrava em ligas de que não esperava proveito. Os romanos, diz Appiano que não quizeram aceitar por vassallos muitos povos, porque eram pobres e de nenhum proveito. No proveito do interesse, e credito da honra, devem levar sempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos que temos dado, terão menos em que empolgar unhas militares, isto é, que não haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz comsigo.

CAPITULO XXIII.

Dos que furtam com unhas temidas.

Excellencia é de todas as unhas o serem temidas, e tanto mais, quanto mais fero é o animal que as meneia. Quem ha que não tema as unhas de um tigre assanhado, e as garras de um leão rompente? Até as de um gato teme qualquer homem de bem, por valente que seja, quanto mais as de um ladrão, que escala o que mais se guarda, e o que muito mais se estima. Temidas são todas as unhas militares, de que até agora tractámos, porque as acompanha a potencia e violencia das armas, fulminando favor. Comtudo, armas offensivas nas mãos de um pygmeu não as temo; e ha soldados pygmeus que não passam de formigueiros: livre-nos Deus das que movem gigantes: destes fallo: gigantes ha ladrões, e ladrões gigantes; e assim são as unhas suas tão agigantadas, que nada lhes pára diante, e por isso com razão todos as temem, e tremem. Estes são os poderosos por nobreza, por officio, por titulo, e outras qualidades que os fazem affoitos, intrepidos, e isentos: e quando dão em furtar, não ha outro remedio que o de pôr em cobro com temor e pavor, ou aprestar paciencia, e render á sua reveria as armas e as fazendas, e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz um destes, irmão leitor? Vê-se falto de vestido, e librés para seus criados: chama a sua casa o alfayate mais caudaloso, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia; bem me sabeis o humor: comprae lá pannos e sedas ao costume, fazei-me tudo á moderna, e o preço de tudo corra por vossa conta, até que me venha dinheiro da minha commenda: tomae logo as medidas, e fazei-me prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando não, intendei que o sentirei muito... já me intendeis. Vae-se o official, sem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças de que lhe hão de medir o corpo como um polvo, se discrepar um ponto de tanta costura. Vem a obra feita no dia assignalado; vestem-se todos como palmitos, e só o alfayate fica

despido e empenhado até á morte, e se fallar mais no custo, custa-lhe a vida. Outros milhafres destes de unha preta, e mais alentados, poderá haver que empinem mais o vôo, e para que os não tenham por lagarteiros, empolguem no mais bem parado. Vão-se a casa do mercador mais grosso, escolhem as peças que querem de téllas, sedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receita para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para sua casa, corta largo á custa da barba longa, e rasga bizarro brilhando na côrte: chega o tempo de cobrar o mercador o que o poderoso já rompeu para corresponder a Milão, Flandres, e Inglaterra: responde-lhe que não seja importuno, se não quer que lhe seja molesto, e que lhe custe mais cara a venda, que a elle a compra; e assim se vae deixando esquecer com a fazenda alheia, e se o acredor boqueja, lança-lhe uma mordaça, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a sua ainda melhor, com cortezia, e mais pela mansa. Já sabem os homens de negocio que teem dinheiro; fazem-lhe uma visita a titulo de amisade, com que os deixam desvanecidos: ainda que alguns ha tão advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar gallego? E segundam logo com outra, a titulo de necessidade, que representam, e para a remediar pedem emprestado, e tambem a razão de juro, que para elles tanto monta cinco ou seis mil cruzados, de que lhe passam escripto, porque se obrigam a pagar tudo dentro em um anno, e dão a fiança quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que lá teem uns figueiraes no Algarve, etc. E como no tempo dos figos não ha amigos, assim no tempo da paga; porque além de que nunca mais lhe cruzou a porta, manda-lhe dizer na primeira citação, que lhe ha de cruzar a cara se fallar na divida, ou se queixar á justiça. E o pobre do homem porque lhe não paguem com cruzes os seus cruzados, dará outros seis mil, e que o deixem lograr suas queixadas sãs, e levar suas brancas limpas ao outro mundo, ainda que vá com a bolça limpa, e sem branca. Outros, e são estes já mais que muitos, para se forrarem de tantos custos e riscos, recopilam os lanços; esperam em paragens escuras, ou a deshoras as pessoas

que sabem teem moeda copiosa, poem-lhe duas pistolas, ou dois estoques nos peitos, e que faça alli logo um escripto, e eis aqui papel, e tinta, e lanterna de furta-fogo, e é de noite, com todo o encarecimento a sua mulher, ou ao seu caixeiro, que entregue logo logo á vista ao portador dois mil cruzados em oiro: e assim se estão a pé quedo, até que volta um delles com a resposta em effeito. E andam tão affoitos, que em suas proprias casas investem aos que sentem capazes destes assaltos. Testimunha seja o abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levaram por esta arte uma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em uma tulha. Que direi dos que lançam em rematações de fazendas, que fazem pôr em leilão por mil tranquilhas? Ha neste reino lei que prohibe aos ministros da justiça, que não lancem nas fazendas que se executam (e guarda-se exactissimamente nos officiaes da santa inquisição) porque com o respeito que se lhes deve, e temor que outros lançadores teem delles, defraudam muito nos preços, e ficam as partes enormemente lesas: mas como as leis são teias de aranha, que caçam moscas, e não pescam tritões, logo estes buscam traças: *De pensata la lege, pensata la malicia;* e fazem os lanços por terceiras pessoas, manifestando pela boca pequena, que o lanço é de um poderoso, com que todos se acanham: e assim lançando cincoenta no que val duzentos, levam as coisas por menos da ametade do justo preço; defraudam e roubam as partes, não só no substancial dos bens moveis e de raiz, que se vendem, senão tambem os direitos reaes, e as sizas, que se diminuem muito com tão grande diminuição nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgam affoitas nos tributos reaes: taes são as que se levantam com as decimas, porque não ha justiça que se atreva a executal-as; e porque são mais que muitas, fundem as decimas muito pouco: são muitos os que as cobram, e poucos os que executam a si mesmos: são muitos os poderosos que se eximem, e pouco o cabedal dos pequenos que as pagam. Entre pessoa real nesta empreza, a quem todos respeitem, temam, e logo crescerão as decimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que oppor-se-lhe quem ellas temam. Escripto está este remedio no que fez um rei de Portugal a certo fidalgo que

tomou uma pipa a um lavrador, e lhe entornou o vinho que tinha nella para recolher o seu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa tempera, que não se acanhava a medos, nem ameaças; deu comsigo na côrte, lançou-se ao pés d'el-rei, contou-lhe o caso: mandou-o el-rei agasalhar com um tostão por dia, e um cruzado para sua mulher e filhos, á custa do fidalgo que mandou logo chamar á Beira: veio muito contente esperando grandes mercês, que todos cuidam as merecem. Seis mezes andou requerendo entrada, sem achar audiencia; e no cabo o fez el-rei apparecer perante si com o lavrador: e perguntando-lhe se o conhecia, lhe mandou pagar a pipa e o vinho, em dobro, e todos os custos; e que não lhe dava maior castigo por outros respeitos, mas que advertisse, que em sua cabeça levava a vida e saude daquelle homem, e que lh'a havia de tirar dos hombros, se alguma desgraça lhe succedia, e que rogasse a Deus, que nem adoecesse; porque tudo havia de resultar em maior desgraça sua. E resultou d'aqui, que as unhas temidas ficaram timidas: e este é o remedio que as açama, nem ha outro.

Este mesmo remedio de aspereza me disse um prudente, que se devêra applicar ás unhas de Hollanda e Inglaterra. Ao ladrão mostram-se os dentes, e não o coração. E bem se vê que quanto mais buscamos estas nações com embaixadas e concertos, tanto mais insolentes e desarrasoadas se mostram, pagando com descortezias e ladroices nossos primores; porque lhes cheiram estes a covardia, e consideram-se temidos, e blasonam. Se elles não nos mandam a nós embaixadores, sendo piratas e canalha do inferno, porque lh'os havemos nós de mandar a elles, que somos reino de Deus, e senhores do mundo? Esta razão não tem resposta; e a que dão alguns politicos do tempo, é de covardes bisonhos, que ainda não sabem, que cães só ás pancadas se amançam. Mas dirão que não temos páus para espancar tantos cães. A isso se responde, que antigamente um só galeão nosso bastava para envestir uma armada grossa, e botando fogo, e despedindo raios, a rendia e desbaratava toda. Sete grumetes nossos em uma bateira bastavam para investir duas galés; e renderam uma, e puzeram outra em fugida. Poucos portuguezes mal armados comendo

coiros de arcas, e solas de sapatos, sustentavam cercos a muitos mil inimigos, que venciam: e sempre foi nosso timbre, com poucos vencer muitos. Hoje somos os mesmos, e assim fica respondido, que temos páus com que espancar a todos. Ainda me instam que estão mudadas as coisas, porque ainda que somos os mesmos, são os inimigos muito differentes: aquelles eram cobras, e estes são leões, e mais destros que nós na artilheria, de que teem maior cópia; e de galeões e náus, com que inçam esses mares, pelejam nossas barras, e tudo nos tomam sem termos cabedal com que resistamos. Respondo, que por isso o não temos, porque lh'o deixamos tomar: o certo é que com nossa substancia engrossam: haja entre nós piratas para elles, assim como elles o são todos para nós: dê-se licença aos portuguezes poderosos para armarem navios, que andem ao corso, como se deu antigamente aos de Vianna, que em quatro dias alimparam os mares. A mesma Vianna arma hoje como então, se quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa seis, Setubal tres, o Algarve outros tres; e el-rei ajunte-lhe dois galeões por capitanias, e eis ahi uma armada de vinte velas com duas esquadras; e arme-se uma bolça só para isto de gente voluntaria e livre, e veremos logo as nossas barbas sem vituperios. Mas dirão ainda os zelosos criticos, que isto de bolças é pernicioso invento, que hereges introdusiram, e que na do Brazil ha muito que emendar. Nego-lhe todas as consequencias. A do Brazil é muito boa, e só poderia ter de mal, se entrasse nella alguma gente que tractasse só de seu interesse, ou nos pudesse ser suspeita: mas seriam inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado d'aqui ou d'alli, é ponto que me não pertence: doutores tem a santa madre egreja, que está em Roma, e poderá supprir e tirar os escrupulos. Quanto mais que o que aponta de novo, nada leva desses escabeches, porque ha de ser de gente escoimada. E prouvera a Deus que tiveram os fidalgos portuguezes estomago para fazerem outra bolça só para a India, pois é empreza sua: e ser-lhes-ha facil, se puzeram nella só o que gastam em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e dão a rameiras, e consomem na cura de males com que estas lhes pagam: e ficariam elles de ganho, e o

nosso reino sem tantas perdas temido e venerado. Deus sobre tudo.

CAPITULO XXIV.

Dos que furtam com unhas timidas.

Tenho por mais crueis e damninhas estas unhas, que as passadas; porque os timidos e covardes para se assegurarem, fazem maior estrago que os temidos e valentes, que levam carta de seguro em seu braço. Um leão contenta-se com a preza que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais em que as possa empregar. A rapoza quando dá em um gallinheiro, tudo degola e espedaça, até o superfluo. Nem ha outra causa desta disparidade, senão que a rapoza é covarde, e o leão é generoso e valente. Taes são as unhas timidas maiores damnos causam com seu temor, que as temidas com sua potencia. E d'aqui veem as mortes que dão, e as caras que esfolam, ladrões formigueiros por essas estradas: temem o ser descobertos, que lhes deem na trilha, e para se assegurarem, nada deixam com vida: a mesma arte que os ensina a furtar para sustentarem a vida, lhes deu esta regra para a assegurarem, que arredem testimunhas com as mesmas garras. Nem param aqui os damnos que adiante passam; porque nas mesmas rapinas executam crueldades, como aquelles de Arrayollos, que, furtando um relogio de oiro que ia de Lisboa para um rei de Castella, por não serem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeram em pedaços, e o lançaram de uma ponte abaixo em um rio. E os que furtaram a prata de S. Mamede na cidade de Evora, pela mesma causa a enterraram amaçada na estrada de Villa Viçosa, junto ao poço de entre as vinhas, sem se aproveitarem della para nada.

Dá um ladrão destes timidos em uma alfandega, tira o miolo

a duas caixas de assucar, e não repara em derreter uma duzia dellas com agoa que lhes botou por cima, para que se cuide que o mesmo caminho levaram as duas, cuja substancia elle encaminhou para sua casa, e que as humidades do mar e do sitio obraram aquelle máu recado. Tira um marinheiro dois almudes de vinho de uma pipa, e para que não se sinta a falta, bota-lhe outro tanto de agoa salgada, e faz isto mesmo a vinte ou a trinta, porque assim se foi brindando, e a seus companheiros toda a viagem; e não repara no damno que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almudes de que se aproveitou, porque no fim tudo se achou corrupto. Da mesma covardia nasce não reparar um ladrão destes timidos, em fazer rachas um escriptorio de madre perola, que val mais que o recheio, quando não póde levar tudo debaixo do braço; nem em pôr fogo a uma casa, para que se cuide que se foi no incendio a peça rica com que elle se foi para sua casa, etc.

O remedio singular que ha para todos estes é a forca, porque como são timidos, só o medo della os póde enfrear: e se a nenhum se perdoar, todos andarão compostos, como lá disse um poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœnæ.* E uma rainha de Portugal dizia, que tão bem parecia o ladrão na forca, como o sacerdote no altar. Ainda que eu não sou de opinião que se enforquem homens valentes, quando ha outros castigos tão rigorosos como a forca, quaes são os degredos para as conquistas, onde podem ser de prestimo: e em seu logar discutiremos melhor este ponto, quando tractarmos das thesouras com que se cortam todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforcar alguns, sejam os timidos, covardes, gente inutil, que bastarão para documento e freio que sustente em regra os mais.

CAPITULO XXV.

Dos ladrões que furtam com unhas disfarçadas.

Os padres da companhia de Jesus crearam no seu convento de Coimbra um gato tão destro no seu officio de caçar, que até as aves do ar sujeitava á jurisdicção das suas unhas. Este como se tivera o discurso que os philosophos negam a animaes que carecem de intendimento, revolvia-se em lama, e com ella fresca dava comsigo no guarnel do pão, e espojando-se nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-se ao sol como morto, até que os pardaes acudiam aos grãos de trigo que lhes offerecia por esta arte: e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente, e agarrava um ou dois, com que se fazia prato todos os dias, regalando a vida, como corpo de rei com aves de penna. Tres disfarces se notam aqui; um da lama, com que se vendia pelo que não era; outro da dissimulação de morto, com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerecia ás aves, para fazer dellas vianda. Traça é esta muito ordinaria em caçadores e pescadores, que disfarçam o anzol e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladrões por estes modos disfarçam tambem as unhas para o mesmo intento, e para se assegurarem a si, que isso tem de timidas: e até as mais temidas e affoitas buscam disfarces, para evitarem pejos e escandalos. E vimos a concluir, que não ha ladrão que se não disfarce para furtar; porque até os mais descarados que salteam nas charnecas, cobrem o rosto com mascaras e rebuços: e os de capa preta, que no povoado nos salteam, se não cobrem a cara com carapuças de rebuço, ao menos o disfarçam com mil mascaras, de que usam, cores e capas que tomam para encobrirem sua maldade, e fazerem a sua boa.

Chega o pretendente ao ministro, por cujas mãos sabe que correm os despachos de certo officio ou beneficio que pretende, e fazem um concerto entre si, que perderá o ministro duzentos mil réis, se não lhe houver o officio; e que lhe dará o pretendente

cem mil réis, se lh'o alcançar: asseguram-se com escriptos que se passam de parte á parte, cuja letra ou solfa, nem eu a sei descantar, nem o diabo lhe intende o compasso: e com este disfarce acreditam seus primores, e encobrem os barrancos que se seguem; e o que é simonía, usura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem que parece virtude. E com dizerem que se arriscam a perder mais nos duzentos, gualdripam os cento, a que chamamos menos, e ficam muito serenos na consciencia, pela regra dos contractos onerosos; como se no seu houvera algum risco, quando elles teem todo o jogo na sua mão, e baralham as cartas, e fazem o que querem *à dextris*, e *à sinistris*.

Senhor, diz o outro, eu darei a vossa mercê uma quinta que tenho muito boa, e dizima a Deus, ou a vossa senhoria (que tambem entram senhorias nisto) já que é omnipotente na côrte, se me livrar de uma tormenta de accusações, que actuamente chovem sobre mim, em que me arrisco a sair confiscado, ou com a cabeça menos. Sou contente, responde o ministro; mas ha me vossa mercê de fazer uma escriptura de venda, em que confesse que lhe comprei a tal quinta com dinheiro de contado. Feita a escriptura, toma com ella posse da propriedade; e mete vélas e remos para livrar o donatario; e não descança até o pôr em gemeas, escoimado e limpo como uma prata. E porque não ha coisa occulta que tarde ou cedo se não revele, e os murmuradores tudo deslindam, veio-se a descobrir o feito e o por fazer na materia; chegaram accusações a quem puxou pelo ponto: deram-lhe logo com a escriptura nas barbas, fizeram mentirosos os zeladores, e ficaram-se rindo, se não é que ficou chorando o que perdeu a quinta, por vêr quão caro lhe custou o disfarce na escriptura, com que o seu vallido capeou o conleio. Outros com um saguate de nonada, com um açafate de figos disfarçam fidelidade, para confiardes delles cem dobrões emprestados, que vos pagam com mil figas. Do zelo e serviço d'el-rei fazem luvas que encobrem unhas que agarram emolumentos grossissimos dos bens da corôa. Estou-me rindo, quando os vejo fervorosos e diligentes no maneio da fazenda real: não dormem, nem comem, antes se comem com o cuidado e diligencia que mostram em tudo, não per-

doando a trabalho; e eu estou cá commigo dizendo: assim tu barbes, como tu tens maior amor ao proveito d'el-rei, que a ti mesmo: que tens tu amor á fazenda d'el-rei, eu o creio, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com esses merecimentos. Quem introduziu cambios no mundo, desfarce inventou para palliar usuras, quando passam dos limites: e pratica de remir vexações com peitas nas pretenções de beneficios, capa é com que se desfarçam simonías. Mudam os nomes ás coisas, para enganarem remorsos: desmentem umas machinas com outras: architectam castellos de vento, para renderem á força da consciencia, e zombarem do preceito: *Sed Dominus non irridetur.*

CAPITULO XXVI.

Dos que furtam com unhas maliciosas.

As unhas desfarçadas muito cheiram a maliciosas, mas teem estas de mais que aquellas um grande palmo, senão é covado: e por isso lhe damos particular capitulo. Não ha furto sem malicia, nem peccado sem malicia; donde se colhe, que se o furto é peccaminoso, tambem ha de ser malicioso: e porque em tudo ha mais e menos, poremos aqui os de maior malicia. Por taes tenho os que escondem e reprezam o pão, para que não se veja abundancia, e appareça a carestia e suba o preço. O mesmo fazem os mercadores com sedas e pannos: mostram-vos só uma peça da côr ou lote que buscaes, e juram-vos por esta alma, pondo a mão na dos botões da roupeta, que não ha em toda a rua Nova mais que este retalho, e assim vol-o talham pelo preço que querem; e em gastando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles, como ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavam, tanto mais renascia cada vez mais formoso. Mas que muito que façam isto na rua Nova, quando até os que não professam a lei velha, fazem o mesmo nas carnes, vinhos e azeites, que veem ven-

der a Lisboa : veem trazendo tudo aos poucos, porque se o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços : e para que subam e encham bem as bolças com assolação do povo, ajudam-se da malicia, que está descoberta, e será remediada, se se der por perdida toda a fazenda que andar retida e atravessada com similhantes estanques.

Arrendastes uma vinha por um anno, puxastes por ella na póda, e fizestes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno seguinte, a furtastes com unhas maliciosas ao proprietario a substancia de um anno, e póde ser que de muitos. Em Béja vi uma estalajadeira comprar por dez réis duas coves murcianas; lançou-as em uma tigela com dois pimentões bem pizados, e outros dez réis de azeite, deu-lhe duas fervuras, e sem se erguer de um tanho, fez trinta pratos, a vintem cada um, com que banqueteou hospedes e almocreves, que se deram por bem servidos ; mas mais bem servida ficou a malicia da hospeda, que com um vintem que dispendeu, interessou seis tostões que embolçou. Não sei se diga que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *læsæ majestatis*, quando chegam a tanto atrevimento, que fazem e vendem cartas e provisões falsas, com firmas e sellos reaes ? Um freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa, e cercear a verdadeira : pediu-me lhe houvesse um pequeno de chumbo em segredo ; e sabida a coisa, tractava de livrar-se appellando para outro foro : dizia que era religioso de certa ordem de Italia ; e já tinha armada a patente, e só lhe faltava o sello, e queria o chumbo para fazer delle o sinete.

Em materia de contractos ha tambem unhas muito maliciosas. Pediu em Evora cidade um lavrador do termo a certo ricaço um moio de trigo fiado, para semear : sou contente, mas haveis-m'o de pagar para o novo pelo maior preço que correr na praça todo este anno, e nisso ficaram com assento feito. Succedeu que nunca subiu o trigo de trezentos e vinte ; mas o cidadão mandou pôr na praça meio moio seu escolhido, com ordem á vendedeira, que o não désse por menos de cinco tostões ; e para que não estivesse ás moscas, mandou logo seus confidentes com dinheiro que para isso lhes deu, que comprassem todo aquelle trigo, como para si,

pelo preço que a medideira pedisse: e assim recolheu outra vez para sua casa o seu pão e o seu dinheiro, e tomou testimunhas de como se vendêra toda aquella semana a quinhentos réis na praça. Veio o lavrador a seu tempo pagar pontualmente a razão de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro: saiu-lhe o seu acredor desoslaio com a tramoia; convenceu-o em juiso com as testimunhas, e fez-lh'o pagar a quinhentos, em que lhe pez. E ainda fez mais, que não tendo o lavrador dinheiro, lhe tomou o preço da divida em trigo, que então valia a dois tostões; e tudo bem sommado veio a fazer a quantia de dois moios e meio, que recolheu em boa satisfação do moio que tinha emprestado havia poucos mezes.

Quasi similhante a este é outro contracto que vi fazer muitas vezes no reino do Algarve: Veem os lavradores da serra ás cidades prover-se do que lhes é necessario dos mercadores, que lhes dão tudo fiado até ás colheitas do figo e passa, mas com tres encargos muito onerosos: Primeiro, que lhes encaixam o que levam da loja, pelo mais alto preço, a titulo de fiado: segundo, que hão de pagar em passa e figo avaliando-o pelo mais baixo a titulo de beneficio que receberam, quando lhes gastaram as mercadorias que lhes apodreciam em casa: terceiro, que lhes hão de pôr tudo na cidade á sua custa. Mais maliciosa está outra onzena que vi exercitar na ilha da Madeira. Embarcam-se alli muitos passageiros para o Brazil, e os que não teem cabedal para se aviarem de matalotagem e outros aprestos, pedem aos mercadores dinheiro emprestado a corresponder com assucar. Respondeu um: vendo pannos, não empresto o dinheiro com que tracto: se v. m. quer panno fiado dar-lh'o-hei, buscará quem lh'o compre, e fará seu negocio com o dinheiro de que necessita. Seja como v. m. quizer: oiro é o que oiro val; e por ser fiado, talhou-lhe o preço por cima das gavias: e feita a compra de que havia de fazer os ci ncoenta mil réis revendendo-a, ajuntou o mercador: para que v. m. se não cançe com ir mais longe, eu lhe comprarei esse panno pelo preço que o costumo comprar em Londres, e contar-lhe-hei logo o dinheiro, que é outro beneficio estimavel, e abateu-lhe em cada covado mais do que lhe tinha levantado na venda;

e pagou-se logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o seu emprestimo, para ficar livre daquelle cuidado, e assegurou o capital com boa fiança; e ficaram custando ao passageiro os cincoenta mil réis mais de cento, e o mercador interessando na correspondencia e revenda do assucar, com que do Brazil lhe pagou mais de duzentos; e a isto chamo eu malicia refinada mais que assucar em ponto.

CAPITULO XXVII.

De outras unhas mais maliciosas.

Grande malicia é a das unhas, que agora tocamos; mas ainda ha outras mais maliciosas. Se houvesse contractador que tivesse pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos marcados pela camara, não ha duvida que o poderiamos marcar por ladrão de unhas mais que maliciosas: e para que não se tenha isto por impossivel entre gente de vergonha, conheci um, não longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dois alqueires que tinha; um grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas e covados ha muito que vigiar nesta parte, e nisto de medir e pezar, são alguns tão destros, que arremeçando na balança o que pezam de pancada, e dando um solavanco na medida, ou apertando mais e menos a razoura, e estirando a peça com o covado e vara, defraudam as partes em boa quantidade, com bem má consciencia.

Peço licença ao nosso reino de Portugal para escrever aqui a mais detestavel malicia, que ha, nem póde haver entre turcos, quanto mais entre catholicos e portuguezes; a qual por ser publica e notoria, a ninguem fará escandalo referil-a. Nem eu crêra se me não constára já por muitas vias: e a primeira foi em Barcellos, aonde fui de Braga ha muitos annos vêr as cruzes que milagrosamente apparecem em um campo nos dias da Santa Cruz,

assim de maio como de setembro, e sexta feira de endoenças. A vêr esta maravilha veio tambem de Vianna João Daranton, inglez catholico, do qual me contaram, que enfadado da fortuna que o perseguia com grandes perdas, se embarcára para o Brazil com sua mulher e quatro filhos, e todo o cabedal que tinha, que sempre chegaria a dez mil cruzados. O piloto do navio com seus adjuntos, mestre e marinheiros confidentes deram com as fazendas das partes em suas casas desembarcando-as de noite secretamente. Deram á vela, e deixaram-se andar mais de oito dias pela costa, com não sei que achaques, sem acabarem de se fazerem ao alto, até que os passageiros entraram em suspeitas, que buscavam piratas para se entregarem, e os requereram apertadamente que fizessem sua viagem. Deram então com o navio á costa á meia noite, que é o segundo remedio que teem para se escoimarem dos furtos, quando não acham ladrões que os roubem. O navio se fez em dois com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o piloto; e só João Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deus, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha, irmão leitor, e assim passa na verdade; e assim costumam fazer este salto homens do mar neste reino, no Brazil, na India, e em todas nossas conquistas, com affronta grandissima da nossa nação, encargo irremediavel de suas consciencias, e escandalo atroz de estrangeiros, que, com serem ladrões por natureza, profissão e arte, não sabemos que usem de tão horrenda e detestavel malicia e modo de furtar.

Estando eu na ilha da Madeira, chegou á vista uma urcaça de S. Thomé, a qual se deixou andar tres ou quatro dias barlaventeando, sem tomar o porto, até que o governador, que então era o bispo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer e notificar que entrasse, como entrou em que lhe pez; e sabida a causa pelo aranzel da carga, constou que lhe faltavam as mais das drogas, que tinha deixado onde lhe serviam mais que na urca; e por isso buscava mais os piratas, que o porto, para se entregar e ter descarga que dar aos correspondentes, se lhe pedissem a carga: porque satisfaz um destes a todos com dizer e mostrar

que foi roubado: o seu ganho maior consiste na maior perda; roubam mais, quando são roubados: e quando dão á costa, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para si a salvamento. O que mais me assombra, e deixa estupidos todos os meus sentidos, e potencias, é vêr que não repara um destes labizomes em dar com uma náu da India atravez, e affogar dois ou tres milhões d'el-rei e das partes, pelo interesse de quinze ou vinte mil cruzados que poz em polvorosa.

É a maldade destas unhas maliciosas mais detestavel quando toca no bem commum, e da corоa, que nos conserva e sustenta a todos. Não sei se o sonhei, ou se m'o contou pessoa fidedigna: caso é que me assombra! Valha o que valer: se não succedeu, servirá de documento para que não aconteça. Poderia ser assim: Que um ministro, que tinha por officio pagar quarteis de juros e tenças a todo o mundo, foi sonegando muito a titulo de não haver dinheiro; e em poucos annos, com esta e outras industrias tão maliciosas como esta, *ajuntou mais de cem mil cruzados*, de que deu oitenta mil a el-rei nosso senhor, gabando-se que os poupára aos poucos, e que eram fructos (melhor dissera furtos) da pontualidade e primor que guardava em seu real serviço. Estimou sua magestade o lanço, tendo-o por legitimo, tanto, que lhe deu por elle uma commenda de cem mil réis. No cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo, e tractando de sua salvação, se foi á meza da fazenda, e disse que devia mais á sua alma, que a seu corpo; e que para descargo de sua consciencia declarava alli, que toda quanta fazenda tinha, era furtada dos *bens da córoa* e das tenças e juros de todo o reino; que mandassem logo tomar posse de tudo em nome de sua magestade. Tinha este um filho, que já servia o mesmo officio do pae, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que passava, põe em pés de verdade, que seu pae estava doudo: prendeu-o em casa, amarrou-o com uma cadêa sem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deu, que era bastante para lhe dar volta o miolo; e com esta arte evitou a restituição, que o pae queria fazer a el-rei e ás partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digam-me agora os zelosos sabios que isto tiveram por doudice, prescindindo della: quaes foram

mais maliciosas; as unhas do pae, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediram a restituição do pae? Venha o demo á escolha, taes me parecem umas como as outras; e por taes tivera as de quem sabendo isto, se o dissimulasse, por respeitos que não cabem aqui.

Tres generos de gente abominavam os romanos, assim no governo da paz, como no da guerra — ignorantes, maliciosos, e desgraçados. Ser um capitão, um piloto, e um ministro sabios e venturosos, é grande coisa para conseguirem bom effeito suas emprezas: mas se com isso forem maliciosos, desdoiram tudo; e dos que são tocados desta sarna, se devem vigiar os principes, reis e monarchas, mais que de peste; porque nunca se viu peste que levasse de coalho todo um reino ou republica: e uma traição forjada com malicia, degola de um golpe todo um reino ou imperio: e por serem tão arriscadas as unhas maliciosas, se devem vigiar mais que nenhumas outras; porque torcem todo o governo para seus intentos, deslumbrando os discursos do principe com razões palliadas, e empatando as execuções rectas com côres de maior bem da corea: e bem examinado, é maior damno; e se algum bem resulta, é para os particulares que mechem a treta. Mil casos podéra tocar, que deixo, por não ferir a quem se poderá vingar rasgando esta folha, que no mais nada lhe temo; mas direi um por todos, e seja o somenos. Correu um pleito mais de vinte annos neste reino e na curia de Roma entre a mitra de Evora e o convento de Aviz, sobre os beneficios de Coruche, que são muito pingues, qual os havia de prover. Chegou Aviz a tomar posse: veio Evora com força esbulhal-o della: interpoz seu braço el-rei, como grão-mestre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia: acodiu o zelo por parte de Evora: Senhor, veja vossa magestade o que faz; porque ámanhã quererá vossa magestade prover um infante neste arcebispado, e será bom que ache nelle estes beneficios, para ter sua alteza que dar a seus criados. E melhor dissera: Senhor, ficando estes beneficios em Aviz, são todos de vossa magestade, que os poderá prover em quem quizer, como grão-mestre; e ficando em Evora, são as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e só quatro são de Evora; e em

só vacante é tudo de Roma, e de Evora nada; e assim sempre lhe fica melhor a vossa magestade serem os beneficios de Aviz. E esta é a verdade; mas a malicia calla tudo isto, e só representa o que lhe arma para seu intento, palliando tudo com razões affetadas, e sophisticas, até dar caça ao que pretende em favor da parte que lhe toca, ou que o peita.

CAPITULO XXVIII.

Dos que furtam com unhas descuidadas.

Até agora reprehendemos a malicia e vigilancia de todas as unhas, porque não ha furtar sem malicia, nem malicia sem cautela. Donde se segue, que o ladrão descuidado, ou não é ladrão fino, ou anda arriscado a pagar a cada passo o capital e as custas: comtudo, torno a dizer, que ha unhas descuidadas, e que são peiores que as maliciosas, e muito vigilantes nos damnos que causam. Teem obrigação os que aprestam náus e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles descuidando-se das quantidades necessarias, sizam de tudo um terço, se não fôr a ametade, dizem elles que para el-rei: mas Deus sabe para quem, e nós tambem. Descuidam-se na eleição da qualidade das coisas; e até dos logares onde as devem arrumar, se descuidam. E resulta de tudo faltar o biscoito e agoa no meio da viagem; porque acertam os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala e corda na occasião da melhor peleja; não se acharem as coisas quando são necessarias, e serem ás vezes taes, que melhor fôra não as haver, porque são corruptas, e de tal sorte, que causam maiores males e doenças com seu uso. O mesmo succede nos medicamentos, de que não ha provimento por descuido, que mal se póde livrar de malicia crassa e maldade supina: porque não ha ministro tão ignorante que não saiba que no mar se adoece; e que se morre onde não ha remedio conveniente para o mal.

Outros descuidos e esquecimentos ha muito geraes e damninhos, que correm nas posses de fazendas, morgados, e capellas, as quaes se tomam muitas vezes sem titulo legitimo, por estarem ausentes as partes a quem pertenciam; ou porque poderam mais os que as tomaram: e remordendo-lhes a consciencia no principio, se deixam ir ao descuido, até que esquece o escrupulo, e assim passa o esquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas reaes e bens da corôa, andam desta maneira sonegados; tanto que se se fizer um exame geral de titulos, poucos hão de apparecer cabaes, salvo se se acolherem á posse immemoravel, a qual não val contra reis, porque teem privilegio de menores, e força de maiores; mas não usam della ás vezes, por não inquietar seus estados. Rendel-os, e esbulhal-os um e um, facil coisa seria; mas não se acabaria em cem annos a empreza: investil-os todos juntos é perigoso; porque muitos unidos farão guerra a este mundo e mais ao outro: e para se defenderem, naturalmente se ajuntam, ainda que sejam entre si contrarios. Peleja um elefante com um rhinoceronte: accommette-os um leão na maior força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e se amigam em um corpo, para resistirem ao maior contrario; e tanto se esforçam que o vencem com as forças unidas. Um rei de Castella mandou pedir a todos os fidalgos e grandes dos seus reinos, todos os titulos, escripturas, e provisões do que possuiam, porque por descuido dos tempos andavam muitas coisas distraidas, e desannexadas da corôa. Fizeram seu conselho, e louvaram-se todos no duque do infantado, que estavam pelo que elle respondesse: e respondeu, que mostrasse el-rei os titulos com que possuia quanto tinha de seu nos reinos e estados que governava; e que elles se obrigavam a mostrar outros titulos muito melhores do que possuiam. Ficou intendido o motim, e recolheu-se o decreto do rei com boa ordenança por duas razões que se deixam vêr: Primeira, porque de dois males se deve escolher o menor; e menor mal achou que era possuirem alguns o que se lhes tolerava por descuido, ainda que não fosse seu, que dar occasião a todos se perderem, e não ganhar a corôa nem o reino nada com isso. Segunda, porque se se examinarem bem os bens que possuem os reis, ninguem ha

tão arriscado a possuir o alheio; porque a potencia os faz isentos, e a cobiça é cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á maior superioridade. Perigoso foi sempre bolir com o cão que dorme; e por isso muitas vezes as coisas passam por alto até as sepultar o esquecimento: mas isso não tira ser furto o que por esta via se arrasta. E estas são as unhas que chamamos descuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por uma parte, e o medo por outra, as põem em estado de descuidadas e esquecidas: e assim fica tudo sem remedio.

CAPITULO XXIX.

Dos que furtam com unhas irremediaveis.

Digo que ha unhas irremediaveis, não porque admitta neste mundo demazia que não tenha remedio para se emendar, mas porque muitas vezes não ha quem lh'o applique; e quando as unhas crescem em mãos poderosas, são muito más de cortar. Declarar-me-hei com uma parabola, que ainda que é tenue, tem muita substancia, para todos me intenderem. E é que a republica dos ratos entrou em conselho, e fez uma junta, sobre que remedio teriam para se verem livres das unhas do gato? Presidiu um arganaz de bom talento: assentaram-se por suas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: mudemos de estancia; vamo-nos para os armazens d'el-rei, onde não ha gatos, e sobejam bastimento, biscoito a rodo, queijos a fartar, chacinas de toda a sorte; e onde muitos homens de bem acham seu remedio, sem lhes custar mais que tomal-o, tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganaes-vos, disse o presidente, comer á custa d'el-rei nunca é barato, nem seguro, porque quem a gallinha d'el-rei come magra, gorda a paga, e nos seus armazens ha unhas peiores que as dos gatos, que nada lhes escapa. Votou o outro — devia de ser alentado — sou de parecer que cortemos as

unhas ao gato. Acodiu o presidente: calae-vos lá murganho; cortar-lhas-heis vós? Não dizeis nada, porque logo lhes hão de nascer outras maiores, e mais peçonhentas. Isto de unhas são como enxertos de mato bravo; são como ortigas e tojos, que nascem sem que os semeem: por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de vêr livre de unhas. Vote outro. Levantou-se então um de cauda larga muito reverendo, e disse: o meu voto é que lancemos um cascavel ao pescoço do gato, e assim sentiremos quando vem, e por-nos-hemos em cobro, como fazem os tapuyas no Brazil, quando ouvem as cobras que chamam de cascavel. Bellamente dizeis, acudiu o presidente; mas quem ha de lançar o cascavel ao gato? Lançar-lh'o-heis vós? Eu não, respondeu elle: nem eu, nem eu: pois malhadeiros, se nenhum de vós ha de fazer o que diz, para que votaes aqui coisas impossiveis? Não vêdes que nos destruiremos a nós, e á nossa republica, se intentarmos coisas que não podem ser, porque nos hão de dar na cabeça todos esses remedios? E acabou-se a junta; e vem a ser, que a maior e mais irremediavel ruina de uma republica, succcede quando os medicamentos que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte, e isto é quando os conselhos que toma para se defender, disparam em machinas para se destruir; e não cáe no erro, senão quando vê os effeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvarios. E estas são as verdadeiras unhas irremediaveis, porque trazem a peçonha no remedio; e então mais irremediaveis, quando são incontrastaveis os juizes que meneam as perdas com applauso de ganancias.

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me intender melhor, vinha-me vontade de armar aqui um conselho de estado, ou de guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes o mal que nos resulta das unhas que chamo irremediaveis: e quem me tolhe a mim agora fazer aqui um conselho? Faça-se, e seja logo. Arrojem-se cadeiras para todos. Eia, senhores conselheiros, assentem-se vossas senhorias por suas dignidades. Quantos são por todos? Dez ou doze: melhor fôra duzentos ou trezentos? É isto aqui parlamento de Inglaterra, onde se dão tantas cabeçadas,

por serem muitas as cabeças que mereciam cortadas, por cortarem uma que bastava? Não havemos mister tantos conselheiros: bastam quatro ou cinco: vão-se os mais para as suas quintas, onde não lhes faltará que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste conselho? Isto está claro: ha de presidir a lei: qual lei? A do reino, ou a de Machiavelo? Ainda ha memorias desse cão! Vá-se presidir no inferno. Sabeis vós quem é este perro? É o mais máu herege que vomitaram neste mundo as furias de Babylonia: e com ser este, é de temer que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro. Não queremos que nos presida a lei de tão máu homem, que tem assolado quantas republicas o admittiram. A nossa lei e ordenação do reino é a melhor que se sabe no mundo; ella é a que ha de presidir, e assim propõe para tractar tres coisas: Primeira, a fortificação desta cidade de Lisboa: segunda, o presidio das fronteiras: terceira, o commercio da além-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro conselheiro, que não havemos mister fortificação, onde estão nossos peitos. Se o senhor conselheiro que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos taes bastavam para fortificar e defender Lisboa e o reino todo; mas é de temer que não tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes e gallinhas, e que na occasião se retire, ou vá calçar as esporas, para atar as cardas. Diga o segundo como nos havemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com cestas. Tende mão, não vades por diante: cestos? Cheios ou vazios? Cheios de terra. Melhor fôra de uvas, teriam os soldados que comer. Só um bem acho nesses vossos cestos, que não deixarão cursar os guarda infantes pelas ruas tão livremente, como andam. Diga o terceiro: sou de parecer que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Esperae: fortificamo-nos nós para dois dias, ou para muitos annos? Não vêdes vós que a primeira invernada ha de levar tudo isso de enxurrada, e que haveis de ficar á *porta inferi*. Diga o quarto: digo que melhor é nada; e eu digo que boca que sáe com nada, que a houveram de condemnar a que nunca entrasse por ella nada, e então veria como lhe ia com nada. Oi-

camos a quem preside, o que lhe parece, e isso faremos. Parece-me, diz a lei, que a fortificação se faça de pedra e cal, com muitos e bons baluartes, e artilheria nelles, porque tudo o mais é impossivel defender-nos. Oh, como diz bem! Mas ha de ser á custa do publico, e não do particular, para ser possivel; e todos os mais votos são juisos occultos, que vão dar em roubos manifestos e irremediaveis. Irremediaveis, digo, porque os apoia o conselho, de donde só podia sair o remedio. E não obstante esta opinião, que é a mais segura, accrescento, que fortificações grandes, que demandam quinze ou vinte mil homens de guarnição, que mais barato é não se tractar dellas, porque posta essa gente em campo, faz um exercito capaz de dar batalha, e alcançar victoria, e Portugal assim se defende sempre.

Vamos á segunda coisa. Que presidio poremos nas fronteiras? Vinte mil portuguezes, diz o primeiro voto, e é o de todos. E de donde havemos nós de tirar vinte mil portuguezes? Vem cá máu homem, não vês que se fizermos isso duas ou tres vezes, que ficará o reino despovoado e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a republica? E faltando isto, que has de comer, que has de vestir e calçar? Que nação viste tu nunca, que fizesse guerra só com os seus naturaes? Os mais guerreiros reis do mundo se ajudaram de estranhos, que sempre são mais, comparados comnosco; porque lá não ha frades nem freiras, e por isso são tantos como mosquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos nossos ramos; e se morrem, não pomos capuzes por elles, nem deixam filhos que peçam mercês. Tracta-se aqui da conservação dos naturaes, e por isso elles fazem os gastos. De maneira, que quereis que façam os gastos, e dêem os filhos, para ficarem sem fazendas, e sem herdeiros, e o reino extincto de tudo. Esse vosso voto está muito bom para darmos atravez com toda a republica, mas para a conservarmos e defendermos é impossivel. Muitas republicas depois de seus capitães e soldados serem vencidos, venceram com estrangeiros; como os calcidonenses com Brasidas; os sicilianos com Gelippo, os asianos com Lisandro, Callicrate e Agathocles, capitães lacedemonios. E se alguns capitães estrangeiros tyran-

nisavam as republicas que ajudaram, como os da casa othomana, foi porque não tiveram forças os que os chamaram, para se defenderem delles: para evitar este inconveniente, não consentiam os romanos que os que os vinham ajudar, fossem mais que elles; e para evitar um mal irremediavel, ha se de votar algum inconveniente, quando é menor que o mal que se padece.

Vamos á terceira coisa. Que me dizeis do commercio de alémmar? O primeiro conselheiro diz, que não podemos com tantas conquistas, que larguemos algumas, como agora Pernambuco, porque.... Atalhou o presidente a razão que ia dando, e perguntou-lhe muito sério: Almoçastes vós já? Pois havia de vir em jejum ao conselho? Assim parece, e mais que não bebestes agua de neve. Um conselho vos déra eu mais saudavel para vós, do que esse vosso é para nós: que vos guardeis dos rapazes, não vos apedrejem, se souberem que fostes de parecer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos ganharam com tanta perda de seu sangue. Senhor, tenho que dizer a isso, replicou o conselheiro. Calae-vos, não me insteis, que vos mandarei lançar um grilhão nessa lingua; bem sei o que quereis dizer, não tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar um braço, para não perdermos a cabeça: são isso discursos velhos e caducos. A maxima das conveniencias é ter mão cada um no que é seu até morrer, e não largar a mãos lavadas o que outrem nos ganhou com ellas ensanguentadas. Sois muito bacharel; não me sejaes *Petrus in cunctis*, olhae que vos farei *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por aquella porta fóra. Ó de fóra! Está ahi algum porteiro? Chamae-me cá quatro archeiros, que me deem com este zelote no Limoeiro, e vote o segundo. O segundo diz, que se tracte do que hão de trazer as náus e frotas do Brazil e India. Porque aqui não se tracta (acodiu o presidente) do que hão de levar, senão do que hão de trazer, vem a trazer pouco mais de nada, e faltam lá as forças para conservar o conquistado. Levem, disse o terceiro, muito bacalháu, muito vinho, azeite, e vinagre. Esperae: ides vós lá fazer alguma celada ou merenda? Ainda não dissemos tudo, acodiu o quarto. Levem muitos soldados, farinhas, traparias, e munições, e isto basta. Aqui acodiu a lei presidente, dando um

grito: Justiça de Deus sobre taes conselheiros! Porque não dizeis todos, que levem prégadores evangelicos, que conquistem o gentio para Deus, e Deus vos dará logo todos os bens temporaes dessas conquistas, que venham para vós: *Quærite primùm regnum Dei, et hæc omnia adjicientur vobis.* (Matth. 6.) Sentença é de eterna verdade, que estabeleçamos primeiro o reino de Christo, e logo ficará estabelecido o nosso reino, e tudo nos sobejará. É Portugal patrimonio de Christo, que fundou este reino para lhe propagar sua fé. E cança-se debalde quem tracta de suas conquistas por outro caminho: furta a Deus e ao reino o cabedal, quem emprega em outros intentos, que nunca hão de ser bem succedidos, porque vão fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios que applicar para endireitar as rodas da fortuna, hão de servir de maior despenhadeiro; e acabemos de cair nisto, pois somos christãos catholicos: não desmintamos nossa propria profissão, e acabemos de intender que de nós nasce o mal, e por isso não tem remedio, porque o estorva quem lh'o houvera de dar. E já que as perdas são irremediaveis, porque nascem de conselheiros que teem por officio dar-lhes o remedio, e não ha outros que emendem estes e os melhorem; ponhamos aqui um capitulo que nos descubra o segredo da abelha, e jarrete todas estas unhas.

CAPITULO XXX.

Que taes devem ser os conselheiros e conselhos, para que unhas irremediaveis nos não damnifiquem.

Um alvitrista ou estadista foi a Madrid, haverá vinte annos, e disse que tinha achado um remedio singular para se dar fim brevemente ás guerras de Flandres, com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre, como merecia: fez-se uma junta de todos os grandes e conselheiros, para ouvirem o discurso do novo Apollo,

que o recopilou em breves razões; e disse a todos sem nenhum empacho: Senhores, todos vêmos muito bem que não prevalece Hespanha contra Hollanda uma hora, mais que a outra ha tantos annos, e sabemos que o nosso poder é maior que o seu: donde se colhe que todas as vantagens que nos fazem, procedem de que se sabem governar melhor que nós: pelo que eu era de parecer, que a magestade d'el-rei Filippe mande seus conselheiros para Flandres, e que venham os conselheiros de Flandres para Hespanha, e logo tudo nos irá vento em popa, e Hollanda de cabeça abaixo, e terão melhora as perdas irremediaveis, que nos assolam porque as obram os conselhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa, que o que assola as republicas sem remedio, são os conselhos, quando erram.

Esta palavra *conselho* tem dois sentidos; um material, e outro formal: no sentido material significa os conselheiros juntos, e o tribunal em que se assentam: no formal é o voto de cada um, e a resolução que de todos se colhe: e vêm a ser quatro coisas distinctas. Primeira, conselheiros; segunda, tribunal; terceira, o parecer de cada um; quarta, a resolução de todos. Digo logo de cada uma o que releva.

Que taes devem ser os conselheiros.

Questão é, se ha de ter o principe muitos conselheiros, se um só? Um só é arriscado a errar, mas que seja um Architofel. Ter um valido de quem se fie, para o ajudar, é prudencia e é necessario. Os papas tem seus *nepotes*, e os principes devem ter seus confidentes para cada materia, como um para a paz, outro para a guerra; um para a fazenda, outro para o trato de sua pessoa, etc. E não seja um só para tudo, porque não póde assistir a tantas coisas, nem comprehendel-as; e sendo varios, estimulam-se com a emulação a fazer cada qual sua obrigação por excellencia. Os conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque uns alcançam e supprem o a que não chegam os outros; mas não sejam tantos que se confundam e perturbem as resoluções — quatro até cinco bastam. Outra questão é, se devem ser os conse-

lheiros letrados, se idiotas, isto é, de capa e espada? Uns dizem, que os letrados, com o muito que sabem, duvidam em tudo e nada resolvem, e que os idiotas com a experiencia sem especulações, dão logo no que convém. Outros teem para si, que as letras dão luz a tudo, e que a ignorancia está sujeita a erros: e eu digo, que não seja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados theologos, e juristas, para que não se commettam erros: e haja idiotas, que com a sua astucia, sagacidade e experiencia descubram as coisas, e deem expediente a tudo. Poucas vezes acontece que concorram na mesma pessoa engenho para discorrer sobre o que se consulta, e juiso para obrar o que na consulta se determina: muitos são de fraco juiso, consultados; mas para executar o que se resolve, são destrissimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que dão, mas na execução delles são tão inefficazes, que os perdem. E por isso digo, que é melhor terem todos logar no conselho, para se ajudarem, e supprirem uns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra questão se segue a esta (dado que não póde neste mundo tudo ser perfeito e cabal, porque não ha quem não tenha seu pé de pavão) se é melhor para a republica ser o principe bom, e os conselheiros máus; ou serem os conselheiros bons e o principe máu? Se o principe se governar por seus conselheiros, diz Elio Lampridio, que pouco vae em que o principe seja máu, se os conselheiros forem bons, porque mais depressa se faz bom um máu, com o exemplo de muitos bons, que muitos máus bons com o exemplo e conselho de um bom: e como a resolução que se segue, é dos bons, tudo fica bom. Mas se o principe governar sem respeito aos conselheiros, melhor é ser o principe bom, ainda que os conselheiros sejam máus, porque o exemplo do principe tem mais força para reduzir á sua imitação os que o servem, e, como diz Platão e refere Tullio, quaes são os principes, taes são os vassallos, se o principe é virtuoso, todos trabalham por serem virtuosos, e se é vicioso, todos se dão ao vicio. Quando o principe é poeta, todos fazem trovas: quando é guerreiro, todos tractam de armas: por monstro se tem em uma corte, haver quem faça ou diga coisa de que o principe não goste. E dado que os con-

selheiros não se reformem com o exemplo do principe, nem sejam quaes pede a razão, para isso tem o principe o poder na escolha dos sugeitos, não se limitando aos que o cercam, senão estendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando mão dos mais aptos. E para isso devem os principes considerar, que da bondade de seus conselheiros depende a sua fama, honra, e proveito de seus povos. Se o principe erra na escolha dos conselheiros, perde a sua reputação, e podemos presumir que errará em tudo. De ter bons conselheiros, se segue bom successo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputação com os estrangeiros, dos quaes será venerado e temido, assim como amado e obedecido dos seus. E para que o principe possa acertar na escolha dos conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os auctores e estadistas fazem grandes volumes.

O conselheiro ha de ser prudente e secreto, sabio e velho, amigo e sem vicios: não cabeçudo, nem temerario, nem furioso. Quatro inimigos tem a prudencia. Primeira: precipitação, segunda, paixão: terceira, obstinação: quarta, vaidade: a primeira arrisca, a segunda cega, a tereeira fecha a porta á razão, a quarta tudo tisna. Tres inimigos tem o segredo: Bacho, Venus, e o interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo, perde-se a republica. A sabedoria e velhice se ajudam muito, esta com a experiencia, e aquella com o estudo; com tanto que a velhice não seja caduca, e a sabedoria inutil. Se fôr amigo do principe e da republica, tractará do bem commum, e não do particular, em que consiste a maxima da maior virtude que deve professar um conselheiro, com que extinguirá todos os vicios que o podem deslustrar. E para assegurar este ponto, devem os principes acautelar-se de pessoas que tenham aggravado; por mais talentos que tenham, não fiem delles os postos em que podem ter occasião de se vingarem. Platão diz, que os conselheiros hão de estar livres de odio e amor. Virgilio canta, que o amor e a ira derribam o intendimento. Salustio escreve, que devem estar apartados de amisade, ira e misericordia, porque aonde a vontade se inclina, alli se ap-

plica o engenho, e a razão nada póde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo e conselho. Carlos V queria que deixassem á porta do conselho a dissimulação e o respeito. Thucidides, que intendam a materia em que votam; que não se deixem corromper com peitas, e que saibam propor os negocios com graça e destreza. Innocencio III quer que saibam tres coisas: Primeira, se o que se consulta é licito segundo justiça: segunda, se é decente segundo honestidade: terceira, se cumpre segundo direito. E assim votarão sem temor de respeitos que os possam encontrar, porque, como diz Santo Agostinho, melhor é padecer por dizer verdade, que receber mercês por lisonjas: e é conselho de Christo, que temamos a perda da alma e não a do corpo.

Devem ter os conselheiros todos seus bens nas terras do principe a quem servem, e todas suas esperanças postas nelle; e o principe não deve manifestar sua opinião, para votarem livres. E postos nesta liberdade, não sejam faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deram: movam-se por razão; porque não muda, nem varia conselho, diz Tullio, quem o varia e muda para escolher o melhor. Covardes ha, para que não lhes chamemos traidores, que capeam sua má tenção no conselho com astucias que nunca lhes faltam, encobrindo sua natural fraqueza, que nelles póde sempre mais que a razão, e que a experiencia, que muitas vezes lhes mostra que não tiveram causas para temer, e que lhes sobejou má vontade para enganar, e por isso variam. Livrar-se-ha destes o principe, se os vigiar, não lhes admittindo o conselho para effeituar coisas illicitas; nem meios illicitos, para conseguir coisas licitas: e assim é, que nesta pedra de toque vão sempre esbarrar seus quilates. Alguns auctores querem que os conselheiros saibam muitas linguas, ou pelo menos as dos povos que o seu principe governa, ou tem por alliados e amigos; porque corre perigo descobrirem os interpretes o segredo, ou declararem mal as embaixadas. Pedro Galatino diz que eram obrigados os juizes de Israel a saberem setenta linguas, para não fallarem por interprete aos que diante delles litigavam. Devem ter lição das historias, e corrido muitas terras e nações; saber as forças do seu principe, de seus visinhos, amigos e inimigos. Sejam liberaes,

porque o povo paga-se muito desta virtude, e a ama e a adora: o avarento sempre é aborrecido, e por acodir á sua cobiça tudo faz venal. Favoreçam os que o merecem, sem que lh'o peçam: tenham a porta aberta para ouvir a todos, sem escandalizar com palavras, nem dar occasião de desesperarem as partes. E, finalmente, seja o conselheiro bom christão, e terá todos os requisitos; porque a pureza da religião christã catholica não permitte vicio que não emende,

Tribunal como, e que tal.

Aristoteles no Lib. I. da sua Rhetorica diz, que toda a republica para ser bem governada deve ter cinco tribunaes: Primeiro, da fazenda publica e particular: segundo, da paz: terceiro, da guerra: quarto, do provimento: quinto, da justiça. E nesta parte estamos melhor que a republica de Aristoteles, porque temos doze tribunaes, que, bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da fazenda publica e particular, temos dois, um se chama tambem da fazenda, e outro é o juiso do civel com sua relação; para onde se appella e aggrava. Para o segundo da paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e são o santo officio, o do ordinario, e o da consciencia; e dois para o prophano, que são a meza do paço, e a casa da supplicação. Para o terceiro da guerra temos dois, um que se chama tambem da guerra, e outro ultramarino. Para o quarto do provimento temos outros dois, um é o da camara, e outro o dos tres estados. E para o quinto da justiça temos outros dois, que já ficam tocados, e são, a meza do paço e a relação. E para melhor dizer, todos os tribunaes tiram a um ponto de se administrar justiça ás partes. E, finalmente, sobre todos um, que os comprehende todos, e é o do estado.

Os romanos tinham um templo dedicado á deidade do conselho, e era escuro, para denotar que os conselhos devem ser secretos, e que ninguem deve vêr, nem intender de fóra o que se tracta nelles. Licurgo não permittia em Lacedemonia que fossem magnificas, nem sumptuosas as casas em que se faziam os

conselhos e punham os tribunaes, para que não se divertissem, nem ensoberbecessem os conselheiros. E até nesta parte se accommoda Portugal muito aos antigos: e por credito seu não digo o que me parecem os aposentos em que arma os seus tribunaes. Em outras coisas tomaramos que imitára os antigos, como no magnifico e grandioso de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliscos e outras maquinas com que se ennobrecem as terras, e se affamaram gregos e romanos. E em Lisboa, promontorio maior e melhor do mundo, não haver uma obra publica que leve os olhos! Se em minha mão estivera, já tivera levantadas columnas mais magestosas que as de Trajano, e agulhas mais grandiosas que as de Xisto; umas de marmores e outras de jaspes, que nos sobejam; tão altas, que vençam os montes e cheguem ás nuvens, e se vejam até dos mares; e sobre ellas as estatuas d'el-rei nosso senhor D. João o IV, e da senhora rainha, e do serenissimo principe seu filho, que enchessem e auctorisassem com suas reaes magestades os terreiros, rocios e praças, para eterna memoria e gloria da felicidade com que dominaram este reino, e nos livraram do jugo de Castella sem arrancar espada, nem dar mostras de acção violenta, como raios que obram seu effeito antes que se oiça o trovão. Nem seriam isto gastos superfluos, quando o credito e admiração que delles resulta, causam nas nações estranhas assombro e respeito, com que se enfream, considerando que quem tem posses e magnanimidade para coisas tão grandiosas na paz, tambem as terá para as que são mais necessarias na guerra. Mas elles vêem que não temos um caes que preste; que não ha um mole em nossos portos, nem fortificação acabada em nossas fronteiras; perdem o conceito que deveram ter de nós, e tomam orgulhos e audacias para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? É que não ha quem curo do publico, e por isso já não me espanto do pouco apparato e lustre dos nossos tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só um bem teem, que é estarem quasi todos juntos dentro de um pateo com que ficam menos trabalhosos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo e passadas na

busca dos ministros, que tambem fôra bom viverem arruados todos, e não tão espalhados e remotos uns dos outros, que fará muito um requerente muito ligeiro, se der caça a dois ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos tribunaes, se devera ajuntar outro de serem communicaveis por dentro com o paço real, de sorte que pudesse el-rei nosso senhor, sem ser visto nem sentido, vêr e ouvir o que nos tribunaes se obra. O imperador dos turcos tem uma gelosia coberta com um sendal verde, por onde vê e ouve tudo quanto os baxás fazem e dizem quando se ajuntam em conselho, os quaes só com cuidarem que os estará espreitando o seu rei, administram justiça, e não gastam o tempo em praticas, que não pertencem ao serviço de seu senhor, ou ao bem publico.

Em conclusão: as republicas ricas devem mostrar sua grandeza na magestade de seus tribunaes com casas amplas de frontispicios magnificos, e bem guarnecidas por dentro, claras e sumptuosas; porque a excellencia dos apparatos exteriores esperta no interior dos animos espiritos grandiosos e resoluções alentadas; alojamentos humildes acanham os brios, embotam os discursos, e até nos intentos generosos lançam grilhões e algemas. Tamara lib. I cap. 7 *Dos costumes das gentes* diz, que havia em França antigamente um costume, que eu não posso crer, que o conselheiro que acodia muito tarde ao conselho, tinha pena de morte, a qual logo se executava. E que se algum se desentoava, ou fazia arruidos no tribunal lhe cortavam o topete. Deviam de tomar isto dos grous, que quando se ajuntam na Asia, para se mudarem de uma região para outra, depennam e matam o que vem ultimo de todos. Juntos os conselheiros no tribunal, a primeira acção que devem fazer, antes de tractarem nenhum negocio, é oração ao Espirito Santo, offerecendo-lhe um Padre nosso, ou uma Ave Maria, pedindo-lhe que os allumie a todos, illustrando-lhes o intendimento, para que saibam escolher o que fôr mais conveniente ao divino serviço, e mais proveitoso para o augmento da republica e bem de seu principe. Dar principio a coisas grandes sem implorar auxilio do céu, é acção de satyros ou de atheos.

Voto e parecer de cada um.

O conselho, voto, e parecer dos conselheiros, é um bom aviso que se toma sobre coisas duvidosas, para não errar nellas: toma-se sobre coisas que não estão na nossa mão; não se toma sobre coisas infalliveis, porque estas pedem execução, e não conselho; deve ser de coisas possiveis e futùras, porque as impossiveis, presentes e passadas, já não teem remedio. Não deixa o conselho de ser bom, por sair o successo máu; nem o máu conselho deixa de o ser, por ter bom successo, porque os successos são da fortuna, e dependem das execuções, que muitas vezes por serem más, damnam a bondade dos conselhos; e tambem por serem boas, emendam ás vezes o erro do conselho. Os cartaginenses enforcavam os capitães que venciam sem conselho, e não castigavam os vencidos, se consultavam primeiro, que depois obravam. Na guerra que os gregos fizeram a Troya, mais montaram os conselhos de Nestor e Ulysses, que as forças de Aquilles e Aiax. Henrique III de Castella dizia, que mais aproveitavam aos principes os conselhos dos sabios, que as armas dos valentes, porque mais illustres coisas se obram com o intendimento da cabeça, que com as forças dos braços; e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaram a Athenas os conselhos de Solon, que as victorias de Themistocles. É muito prejudicial sàberem os conselheiros o que o principe quer; porque logo buscam razões com que o justifiquem. O conselheiro não ha de approvar tudo o que o principe disser, porque isso será ser lisongeiro, e não conselheiro. Muitos não teem nos conselhos respeito ao que se diz, senão a quem o diz; se é amigo, vão-se com elle, senão é do seu humor ou parcialidade, reprovam-no: e é muito prejudicial modo de governar este. Pequenos erros, que no principio não se sentem, são mais perigosos que os grandes, que se vêem, porque o perigo que se intende, obriga a buscar o remedio, mas os erros que se não sentem ou dissimulam, crescem tanto pouco a pouco, que quando se advertem, já não teem remedio, como a febre tisica, que no principio não se conhece, e quando se descobre, não tem cura.

Conselhos bons são muito bons de dar, mas muito máus de tomar: muitos os dão, e poucos os tomam. Conselhos máus teem duas raizes: ou nascem de odio, ou de ignorancia: por peiores tenho os primeiros, porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio resulta da malicia, e a malicia é peior inimigo que a fraqueza. E até nos bons conselhos podem reinar o odio e a malicia, quando muitos os dão, e poucos os tomam; ou seja no termo *à quo*, quando se dá conselho, pois todos o lançam de si; ou seja no termo *ad quem*, quando se recebe, pois poucos o admittem. Que sejam tomados com aborrecimento, é coisa muito ordinaria: que sejam dados com odio, não é tão commum, mas é grande mal, porque nunca póde ser boa a planta que nasce de má raiz, ou se enxerta em ruim arvore. E com ser máu o conselho, deslindado nesta fórma, era muito bom para ser dinheiro pela propriedade que tem; e já dissemos que muitos o dão, e poucos o tomam. Em uma coisa se parece muito o conselho com o dinheiro, e é que ambos são muito milagrosos. Tres milagres muito grandes achou um discreto no dinheiro: não ha quem os não experimente, e por serem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles: Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe pegasse doença: segundo, que nunca ninguem teve nojo delle: terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle, que lhe pegasse doença; porque andando por mãos de quantos leprosos, sarnosos, morbo-gallicos, e empestados ha no mundo, e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos que lhes pegasse, mais que fome de lhes darem mais. Donde colho que não é bom o dinheiro para pão; que se fôra pão, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro, porque o recolhem em bolças de ambar e seda, o guardam no seio, e até na boca o mettem, sem terem asco delle, nem se lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelozas, e de lacayos rabugentos, e de negros rapozinhos. E digo, finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem póde elle sair da mais immunda cloaca, respira nelle benjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de

cheirar a ambar, algalia, e almiscar. Tal é o conselho : se é bom, nenhum mal faz ; se é máu, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal ; ainda que venha envolto em fumaças do inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do paraizo : e então mais, quando vem deslumbrando com taes nevoas, que tolhem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom e máu : se é bom, recebe-se com aborrecimento, se é máu, dá-se por odio. Quando se recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que seja : quando se dá por odio, pretende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que se acceita. Deus nos livre de ser odioso o conselho, tanto me dá por respeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe : em manquejando por algum destes dois pólos, ou não temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz ; e de qualquer modo causa ruinas, e grandes perdições. Para se livrar o principe de todas estas Syllas e Carybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos e animos de seus conselheiros : e faça por isso, porque nisso está a perda ou ganho total de seu imperio.

Resolução do conselho.

A resolução é consequencia dos votos, e della nasce a execução, e desta o bom effeito, que é o fim que se pretende nos conselhos. Nas emprezas devem-se executar as resoluções que teem menos inconvenientes ; porque é impossivel não os haver : e quem se não aventurou, nem perdeu, nem ganhou ; e um perigo com outro se vence ; e atraz do perigo vem o proveito. Não devem os que consultam deixar de executar o que se determina, porque haja perigo na execução ; se é maior o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo que de não executar-se encorre. Prudencia é consultar com madureza, e executar com diligencia : *O conselho na almofada*, diz o proverbio, *e a execução na estrada*, e por isso se dizia dos romanos, que assentados venciam. Principes ha, que para que não lhes vão á mão no que determinam, não admittem a conselho os que sabem lh'o não hão de approvar, para que não lhes debilitem os animaes, dos que es-

peram os ajudem no seu parecer: prejudicial modo é este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveu, não se devem lembrar do conselho que deixaram de seguir, para que não lhes esfrie o gosto, que dá alma á execução: e esta não se deve commetter nunca a quem foi de contrario parecer; porque por fazer a sua opinião boa, dá atravez com toda a empreza por modos illegitimos, que seu capricho lhe inculca e capêa, já com a pressa, já com o vagar, que prova sophisticamente serem meios necessarios. Negocios ha, que é melhor deixal-os um pouco, que executal-os logo; porque executados se malogram, ou concluem tarde; e dissimulados se esfriam mais cedo: muitas doenças sára o tempo sem mezinhas, e não o medico com ellas: muitos negocios se perdem, porque não se executam em seus logares e conjunções: deve estar a empreza sazoada para se effectuar, como a horta disposta para se semear.

Quando o governo começa a descair, porque são mais os que resolvem mal, que os que resolvem bem, pouco impedimento basta para que não se execute o que na consulta se examina; e ainda que alguns aconselham bem, não bastam a ordenar o que os mais desordenam: nem serve de mais o estar no conselho, que participar da culpa que teem os que governam mal; e só lhe, fica por remedio ao principe retractar tudo, conhecido o erro: e é um remedio muito prejudicial, porque diminue muito na auctoridade do principe, e augmenta impetos de desobediencia nos ministros para as execuções que mais importam. O principe consulte, e cuide bem o que decreta, porque não parece bem retractado, salvo fôr em quadro com bom pincel; mas com penna, nem de palavra, não fica gentil-homem. Se o erro fôr pequeno, melhor é sustental-o, se não se seguir delle grande damno, ou alguma offensa de Deus; porque prepondera mais o credito do principe: e se fôr de qualidade que peça emenda, haja algum ministro fiel que o tome sobre si, e tambem a pena, que o principe moderará, ou perdoará a titulo de descuido; e assim se dará satisfação a todas as partes, ficando illesa a auctoridade maior. Se houvesse principe que facilmente se retractasse, allegando que não é rio, que não haja de tornar atraz? Respondera-lhe que ha

tres RRR. que não tornam a traz, por mais montes de difficuldades que se lhes ponham diante, e são: rei, rio, e raio, e o rei muito mais, porque se der em dobrar-se, em dois dias perderá o credito, que consiste em sustentar sua palavra, que, como dizem, palavra de rei deve ser inviolavel: e se o não fôr, faltar-lhe-hão os subditos com a inteireza da obediencia, em que se apoia a magestade, e não o conhecerão por rei, nem por Roque. E seguir-se-hão damnos irremediaveis, os quaes pretendemos atalhar em todo o discurso deste capitulo, que, bem considerado vem a ser, que do bom conselho se segue o bom governo, que sustenta as republicas illesas; e do máu resultam assolações de reinos, e ruinas de imperios; e o mundo todo é pequena pelota para o bote, ou rechaço de um lanço de máu governo.

CAPITULO XXXI.

Dos que furtam com unhas sabias.

Ha no Brazil e Cabo Verde tantos bugios, que são praga; e porque os estimam em Portugal, e muitas partes, por seus tregeitos, usam lá um modo de os caçar sem os ferir, muito facil e recreativo. Lançam-lhes cocos abertos, e providos de mantimento nas paragens onde andam mais frequentes; mas abertos com tal proporção, que caiba a mão do bugio aberta, e não fechada; e com este animal ser tão ardiloso, que cuidam os tapuyas que tem intendimento, tanto que empolga no miolo do coco, nunca o larga, nem sabe abrir a mão para a tirar fóra. Dão sobre elles os caçadores de repente, tanto que os sentem enfrascados no servo; e porque teem seu valhacoito nas arvores, fogem para ellas, e faltando-lhes as mãos para treparem, deixam-se apanhar, por não largarem a preza do mantimento. Mais ardilosas são as cobras, que para escaparem de animaes inimigos que as perseguem, fazem minas em que se guarnecem, largas no principio, e estreitas no cabo,

com sua saida apertada, por onde escapam, deixando entallado seu inimigo; e logo voltando-lhe nas costas pela primeira via, lhe tiram a vida a seu salvo, e logram o despojo do cadaver. Fazer uma facção de grande porte é valentia; carregar nella de grande preza é felicidade; deixar-se render com preza nas mãos, e perdel-a com o credito e vida, é desgraça, e é ignorancia de bugio. Levarem-me a preza, e il-a tirar das garras do inimigo, mas que seja com emboscada e estratagema, é prudencia de serpente: e estas são as unhas de que tracto, que sabem pescar com sabedoria, sem deixar rasto de que lhe peguem, nem porta aberta por onde o cassem.

Ha outras unhas que poem sua sabedoria em fazerem bem o salto, e darem logo outro com que se ponham em cobro, como os que andam de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Castella os vi applaudindo seus medicamentos pelas praças; e para prova de sua efficacia passavam com estocadas suas proprias tripas (se não eram as de algum carneiro) e untando a ferida se davam logo por sãos: e a gente immensa que isto via, comprava sem reparo as unturas, que vinham a ser azeite com cera, e alecrim pizado; e os vendedores passavam ávante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheias de unguentos, que não prestavam para nada. Melhor succedeu a um que vi em Evora (castelhano era) fez um theatro na praça, poz nelle dois caixões de canudos de unguento milagroso, que servia para todos os males: bailou sua mulher, e uma filha, que volteava por cima de uma meza; fizeram entremezes, a que acodiu toda a cidade: disse elle no cabo taes gabos da mézinha, que não ficou pessoa que a não comprasse a tostão cada canudo, até vazar de todo os caixões, que encheu de prata: e ao outro dia deu comsigo em Castella, levando de caminho outros logares: e sei que cegou uma pessoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrevar de uma perna, porque a untou com elle.

Outras unhas ha tão sabias como estas, para pilharem dinheiro vendendo sabedorias. Nesta côrte andou um brixote vestido de vermelho na era de 642, promettendo uma receita, se lhe des-

sem tantos e quantos, com que se conservaria carne fresca mais de um anno, fructas e hortaliças: excellente invento para as náus da India, mas nada vimos que conseguisse effeito. Eu o vi em Evora fixar carteis impressos pelos cantos, que tinha um medicamento para conservar os vinhos, e melhoral-os: e um curioso lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em um tonel; e fôra melhor fazel-a em um quarto, para não perder duas pipas de vinho, que se lhe damnou com a buxinifrada de areia, e outros materiaes que lhe mexeu. Outro, mais sabichão que todos, veio vendendo que sabia fazer bombardas de parafusos, que pudessem levar cincoenta soldados cada uma em roscas, e armal-a, e disparar aonde quizessem: põe-se a especulação em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e crisma a quasi todos. Outro, tão sabio em pilhar dinheiro como este, prometteu fazer peças de artilheria tão leves que pudesse levar duas uma azemola, como costaes em carga á campanha; e que as havia de fazer de coiros crús e cosidos, tão fortes que disparassem quatro tiros sem risco algum de arrebentarem: poz-se a machina em effeito; e eu a vi em Elvas lançada em um monturo, porque arrebentando com meia carga de prova nos descarregou a todos deste cuidado.

Outro, gabando-se de engenheiro consummado, prometteu umas barcaças, que saindo do rio de Lisboa abrazariam todos esses mares, e quantas armadas inimigas nelles houvessem: encheu-as de palhas e chamiços, que estavam promettendo quando muito uma boa fogueira de S. João; e dae cá por cada invento destes tantos mil cruzados. Tal como este foi outro em Campo-Mayor, que se gabou sabia fazer uma arca de foguetes em fórma de girandola; e que haviam de sair della de soslayo todos juntos, como raios, a ferir as barbas do inimigo com ferrões de settas. Por mais louco tive outro, que trouxe a este reino um segredo de armas de papel, que disse sabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova de mosquete, e tão leves como a camiza. Que haja no mundo embusteiros, não é para mim coisa nova; mas que haja em Portugal quem os oiça e admitta, é o que choro; sem acabarem de cair, que tudo são sonhos de Scipião, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos ar-

mam, mais a levar o oiro do reino, que a defender a corôa delle; e nisto é que poem toda a sua sabedoria, que trazem escripta na unha.

Outras unhas andam entre nós tão sabias, que despontam de agudas: e podemos dizer dellas, o que disse Festo a S. Paulo: *Multæ te litteræ ad insaniam convertunt:* Actor. 26. Que os fazem doidos as muitas letras que alrotam. Estes são os estadistas, alvitristas, criticos, e zoilos, que teem por lei seu capricho, e por idolo sua opinião; e para a sustentarem, não reparam em darem atravez com uma monarchia: e ha gente tão cega, que levada só do sequito que os taes por outra via ganharam, até a seus erros chamam sabedoria, sem advertirem nos grandes damnos que de seus conselhos nos resultam.

CAPITULO XXXII.

Dos que furtam com unhas ignorantes.

Ditosas unhas são estas, porque depois de fazerem immensos damnos no que desfazem e desbaratam com seus assaltos, ficam sem obrigação de restituir, se a ignorancia é invencivel; que se é crassa, ou supina, corre parelhas com as dos ladrões mais cadinos. Ha umas ignorancias que somos obrigados a vencel-as pelas regras de nosso officio, que nos estão advertindo tudo: e quem é ignorante na arte ou officio que professa, todos os damnos que d'ahi resultam ás partes, a elle imputam, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendal-o, o consente. Como póde ser medico, quem nunca estudou medicina? Como póde ser piloto, quem não intende o astrolabio? Como póde ser advogado, quem nunca leu a Ordenação? E o mesmo digo de todos quantos officios ha na republica. Até o alfayate se não sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno; e um serralheiro se não sabe dar a tempera ao ferro ou aço, damna-vos a peça que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se veem a refundir innumera-

veis e insoffriveis perdas, que causam a todo o reino em vidas, honras e fazendas, que são as coisas que mais se estimam. Bem provido está tudo com examinadores para todas as artes, se não houvera peitas e intercessões que corrompem até os mais escoimados Rodamantes. E se isto não basta, logo acham um sabio na sua sciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinação, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo que se tolere, e permitta provarem cursos em Coimbra mais de um cento de estudantes todos os annos, sem pôrem pés na universidade? Andam na sua terra matando cães, e escrevem a seu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, representando suas figuras e nomes: e d'aqui veem as sentenças lastimosas, que cada dia vemos dar a julgadores, que não sabem qual é a sua mão direita, mais que para embolçarem com ella esportulas e ordenados, como se foram Bartholos e Covas-Rubias. D'aqui matarem medicos milhares de homens, e pagarem-se como se foram Avicenas e Galenos. E a graça ou maior desgraça, é que nem o diabo que lhes ensinou estes enredos, lhes saberá dar remedio, salvo fôr levando-os a todos, que é o que pretende.

No serviço d'el-rei não se devem tolerar taes ignorancias, porque se seguem dellas damnos gravissimos. Quem perdeu as náus que vinham da India carregadas até ás gavias de riquezas? Dizem que o tempo: e é engano: não as perdeu, senão a ignorancia dos pilotos, que foram dar com ellas em baixos e cachopos. Quem desbaratou a frota que ia para o Brazil? Dizem que os piratas: e é engano: não a desbaratou senão a ignorancia dos marinheiros, que não souberam velejar a proposito. Quem perdeu a victoria na campanha? Dizem que a remissão da cavalleria: e é engano: não a perdeu senão a ignorancia dos coroneis, que não souberam dispôr as coisas como convinha. Gente bisonha e mal disciplinada occasionaram com ignorancias, intoleraveis perdas; e o que se deve saber e advertir, nunca tem boa escusa: mas não ha morte sem achaque; todos sabem dar saida a seus erros, fazendo homicida á fortuna, que está innocente no deli-

cto. Mas como o mal e o bem á face vem, logo se deixa ver a fonte da culpa: e é grande lastima, que arrebente esta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladrões tão ignorantes, que sempre deixam rasto como lesmas, e a mesma preza os descobre, como o que furtou o trigo, sem advertir que era o saco roto, e pelo rasto delle, que ia deixando, lhe deram na trilha, e o apanharam. Outros porque se carregam tanto, que não podem fugir, são alcançados. Outros porque se vestem do que furtam, são conhecidos; e todos só por ignorantes são descobertos. Antes é propriedade da ignorancia, que por mais que se esconda, não póde muito tempo estar occulta. Como succedeu na alfandega do Porto por descuido do provedor, e incuria de seus ministros, que a balança em que se pezam os açucares e drogas que pagam direitos pelo pezo, se falsificou de maneira, que a em que se punham os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra em que se punham as caixas e fardos, sem se dar fé deste delirio, senão depois de el-rei perder muitas mil arrobas nos seus direitos. Isto de balanças deve andar sempre muito vigiado, e não excluo d'aqui a casa da moeda: pudéra referir aqui muitos modos que ha de furtar nellas, e deixo porque não pertencem a este capitulo: seu logar terão.

Não farei minha obrigação, se não enxerir aqui uma ignorancia fatal, que anda moente e corrente neste reino, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras nações, ainda que ellas obram com injustiça, o que nós podemos imitar sem nenhum escrupulo. E é, que nenhuma gente ha tão desmazelada, que fazendo uma frota, ou armada para alguma empreza, não assegure os gastos della por todas as vias; de tal sorte que se o primeiro intento não succeder, se recupere no segundo, ou no terceiro. Como agora: faz o hollandez ou o inglez uma armada, para ir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada uma grande preza: e se esta lhes escapa das unhas, por ventura de uns, ou desgraça de outros, já levam destinada outra facção, e outra em outras paragens, sejam quaes forem, para onde viram logo as proas, e não se recolhem para seus portos, sem trazerem com que refaçam ao menos os gastos, quando não encham as bolças. Só

Portugal é nisto tão prodigo, que tem por timbre (chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia) entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fructo, que o de dar um passeio com bizarria por Val das Eguas, e torna-se para casa com as mãos vazias e as frasqueiras despejadas. Quanto melhor fôra levar logo no roteiro, que, se não acharem piratas, que os busquem até dentro em seus portos, que vão a Marrocos, que vão ás barras dos nossos inimigos, que esperem, que sáiam, e que não se venham sem recuperarem por alguma via os gastos, pelo menos, os que vão fazendo; e a estes sem fructo chamo tambem unhas ignorantes.

CAPITULO XXXIII.

Dos que furtam com unhas agudas.

Toda a unha que arranha, é aguda; e toda a unha que furta, arranha até o vivo: logo todas as unhas que furtam são agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas não fallo dessa agudeza, senão da subtileza com que alguns furtam, sem deixarem rasto, nem pégada de que lhes pegue: e aqui bate o subtil e o agudo desta arte. O estudante que vendeu a imagem de S. Miguel da capella da universidade de Coimbra, como se fôra sua, a um homem do campo, não andou subtil; porque ainda que fez o contracto no pateo, e a entrega na capella sem testimunhas, e se acolheu com dez mil réis nas unhas, logo se descobriu a maranha, e o apanharam pelos signaes que deu o villão, e lhe fizeram pagar o capital e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lh'as havia de pagar, o poz em uma egreja onde estava o padre cura confessando, e chegando-se a elle lhe pediu por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por

satisfeito, cuidando o mandava esperar para lhe dar o preço da compra, e teve logar o ladrão de se acolher com o furto; mas não advertiu, que o podia conhecer o confessor, como conheceu, de que resultou sair o ladrão da alhada com mais perda que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da mesma cidade de Coimbra um forasteiro bem vestido, armou a lhe furtar o fato na volta; e armou bem para seu intento, porque o esperou no bocal de um poço que está na estrada por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe caíra naquelle instante uma cadêa de ouro dentro no poço, e que daria um dobrão a quem lh'a tirasse. Moveu-se a compaixão ao passageiro, que devia de ser homem de bem, se não é que o picou o interesse, e por isso não presumiu malicia: gabou-se que sabia nadar como um golfinho, e que lhe tiraria a cadêa de mergulho: despiu-se, sem se despedir do vestido, que logo se despediu delle; porque o matalote da cadêa, tanto que o viu debaixo da agua, tomou as de villa Diogo com todo o fato e cabana, deixando a seu dono como sua mãe o pariu, sem lhe deixar rasto, nem pégada, por onde o seguisse; nem podia, ainda que quizesse, pelo deixar preso sem cadêa, nem grilhão, como pintam as almas do purgatorio. Menos cruel andou uma matrona em Madrid, e não menos ardilosa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e similhantes na guarnição e pregadura: meteu em uma tres mil cruzados de joias, e na outra outro tanto pezo de chumbo e pedras que achou na rua; e escondendo esta na manga, se foi com a outra a um mercador rico, que lhe désse dois mil cruzados a cambio sobre aquellas joias: celebraram o contracto, sem reparar ella na quantidade dos reditos, porque não determinava de os pagar; nem elle no capital, porque se assegurava com as joias. Virou-se contra um escriptorio para tirar o dinheiro, e com maior velocidade a senhora harpia trocou as bocetas, pondo na meza a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joias; e levando a chave comsigo, para que lhe não enxovalhassem as joias ou atirassem com as pedras, se foi com os dois mil cruzados, onde nunca mais appareceu nem apparecerá, senão no dia do juiso.

Não andou menos astuta outra senhora na mesma côrte, para se vestir de córtes os mais preciosos, que achou na calhe Maior, á custa do mercador, que lh'os cortou por sua boca sua medida. Alugam-se em Madrid amas, assim como em Lisboa escudeiros, para acompanhar: tomou uma, que tocava de mouca, e chamando-lhe madre mia, se foi com ella, aonde fez a compra de tudo o melhor que achou, sedas, telas, e guarnições que passaram de quinhentos cruzados, sem reparar em medidas, nem em preços: e quando foi á paga disse: *Que nò trahia caudal bastante, porque nó pensava, que hallaria cosas tan lindas; que alli quedava su madre, y que luego bolvia com todo el dinero: quede-se aqui madre mia, que yo voy com esta niña, que lleva la ropa, y buelvo luego: en hora buena*, responderam ambos, mercador e velha, ignorantes da treta; de que a velha se livrou em duas audiencias, provando, que era de alquiler e mouca, e servia a quem lhe pagava: e o mercador pagou as custas sobre o capital, que lhe acolheu, e não alcançou ainda. Em Lisboa certo picão tinha uma mulata mais amiga que sua, porque era forra e grande conserveira, tracto com que vivia e o sustentava a elle passeando sem nenhum trabalho; e se algum tinha, era com os confessores, quando se desobrigava nas quaresmas. Tractou por uma vez dar de mão ao tracto, e para isso fallou com um sevilhano, capitão de um navio, se lhe queria comprar uma mulata de grandes partes? E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar, e que o preço della seria o que sua mercê julgasse em sua consciencia. Avisou-a que tinha um hospede de importancia, e que se esmerasse para o dia seguinte no jantar, a que o tinha convidado: metteu a innocente velas e remos, e fez de pessoa com todo o empenho um banquete que se pudéra dar a um imperador, e serviu á meza como criada, dando-se por auctora de todos os guisados e acipipes. Ficou o castelhano satisfeito, tanto que talhou a compra em duzentos cruzados, que logo contou em patacas ao picão: e ficaram de accordo, que lh'a entregaria no dia de sua partida levando-lh'a a bordo; e assim o fez enganando-a segunda vez; porque o sevilhano a queria regalar no seu navio em retorno do banquete. Poz se ella de vinte e quatro, como se

fôra a bódas; e ficou nos piozes, voltando-se o amigo para terra dizendo comsigo: veremos agora se me negam a absolvição os padres curas. O navio deu á vela: gritava a triste que era forra! Consolava-a o castelhano: *Que luego se le iria aquella pasion, como se viesse en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa y que iva para ser señora, mas que esclava, de una casa muy noble, y rica, etc.*

Estas são as unhas agudas, que fazem a sua sem deixarem coimas; e destas ha milhares, que na fazenda d'el-rei fazem grandes estragos com alvitres e conselhos, que despontam de agudos, e levam a mira em encherem as bolças; como se viu nos das maçarocas e bagaços, de que não resultou mais que gastos da fazenda real para ministros. E destes ha alguns tão destros, que provêem todos os officios em seus criados, para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheios: e não os peiores; porque com as costas quentes em seus amos, procedem affoitos nas rapinas. Outras unhas ha destas, que por não encontrarem fazenda real em que empolguem, aproveitam-se da auctoridade do rei, para dar no povo com admiraveis traças e habilidades, que arte lhes ensina: e bem de exemplos a este proposito deixámos referidos no cap. IV em que mostrámos como os maiores ladrões são os que teem por officio livrar-nos de ladrões.

CAPITULO XXXIV.

Dos que furtam com unhas singelas.

Melhor dissera rombas, ou grosseiras, para as contrapor com as agudas, de que atégora fallámos: mas tudo vem a ser o mesmo, e muito mais ainda; e logo contraporemos estas com as dobradas que se seguirão. E para intelligencia de um e outro capitulo, devemos presuppor, que assim como ha unhas dobradas, tambem as ha singelas. Dobradas são as que se aprestam de varios mo-

dos e invenções, com tal arte que nunca lhes escapa a preza. E d'aqui se infere, que as singelas eram as que não teem mais que um modo e caminho, por onde furtam; não armam mais que a um lanço, e se erram o tiro, ficam sem nada. E acrescento mais; porque singelo quer dizer simples; que furtar ninherias, e de modo que vos apanhem, tambem é ser ladrão de unhas singelas. Furtar cinco ou seis mil cruzados abrindo portas com gasuas, ou arrimando escadas e destelhando as cazas para descer por cordas e dar no thesouro, modos são de furtar, que sabe qualquer ladrão, antes de ser graduado, ou marcado, que é o mesmo. Mas levar o thesouro sem gasúas, sem escadas, sem cordas, nem sobresaltos, aqui está o subtil da arte, e o não ser aprendiz singelo. Furtar esse thesouro, e dar comsigo na forca, porque o apanharam com o furto nas mãos, ou com as mãos no furto, isso é furtar de ladrõeszinhos novatos, que não sabem qual é a sua mão direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de um milhão, e outro em cima, e ficar tão enxuto como um inhame, e tão escoimado como um noviço cartuxo, sem deixar indicio de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroice; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinação, com foro e privilegio de mestre graduado nesta sciencia: e destes doutores ha mais de um milhão, que cursam as cathedras, e escólas de Mercurio e Caco. E quem são estes? Perguntastes bem; porque como não trazem insignias de seus gráus, nem signal manifesto de sua profissão, são máus de conhecer; e então melhores mestres, quando peiores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, são insignes.

Serão estes os que vos sáem nas estradas com carapuças de rubuço e espingardas no rosto? Tirae lá, que ainda que lhes chamaes salteadores por antonomasia, são formigueiros por profissão, e tão singelos que nunca levantam casa de sobrado, nem teem bens de raiz, nem ajuntam moveis que não caibam de baixo do braço; são como o caracol, que traz a casa comsigo, e como o philosopho que dizia: *Omnia mea mecum porto.* Tudo quanto tenho de meu, trago comigo. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ser alheio. Serão os alfaiates, que lançando o giz

além das medidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, de que cortam, tiram a limpo, sujando a consciencia, um gibão de corte, e cortam um calção de veludo para si, e uma anagoa para sua mulher? E tambem são ladrões singelos, porque são caseiros, creados á mão; não matam, nem ferem: quanto tomam, cabe em uma arca, que chamam rua; e por isso juram, quando lhes perguntaes pelos retalhos que sobejam, ainda que sejam muitos e grandes, que os botaram na rua: e ficaes sem escandalo do que vos levam. Serão os tabelliães e escrivães, que ha sem numero nesta côrte, e em todo o reino, que com uma penada tiram e dão cem mil cruzados a quem querem? Esses grandes ladrões são, mas singelos, principalmente quando se applicam a si o que furtam, porque logo se lhes enxerga, como aquelle que fez umas casas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje se chamam da pennada; porque vendo-as el-rei D. Sebastião, disse: « Boa pennada deu alli o tabellião! » Demais de que, como poem por escripto tudo, são faceis de apanhar seus erros de officio: e se dobram o partido com outro, para se justificarem, ficam á revelia de quem fará que percam feito e o por fazer: e lá irá quanto Martha fiou, por se fiarem de quem lhes não deu fiança a lhes guardar segredo no conluio.

Serão os soldados de cavallo, que quando se vêem montados em ginetes que não são de seu gosto, lhes dão tal tracto, que em quatro dias dão com elles no almargem e no monturo, para que os provejam de outros? Tambem são ladrões singelos; porque dando com isso grande damno a sua magestade, ficam com pouco proveito. Outros ha neste genero mais escrupulosos, que por não serem homicias da fazenda real, lhes atam sedas nos artelhos dos pés, ou das mãos, com tal arte que os fazem manquejar, até que os provêem de outros. E o furto está no damno que se dá a el-rei e á milicia; porque se vende o cavallo manco por dois ou trés mil réis, para uma atafona ou nora, tendo custado quinze ou vinte. E d'ahi a quatro ou cinco dias, vae o soldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e dar-vos-hei este rocim são em duas horas? Concertam-se em dez ou doze tostões; applica-lhe um emplastro de herva moira

para dissimular a tezoura que vae por baixo, e corta a sedella que lhe pescou os tostõeszinhos, e fica o cavallinho são como um pero no mesmo instante; e quem o mancou e desmancou, tão quieto na consciencia, como maré de rosas. Os infantes, coitadinhos, querem alguns criticos especulativos que sejam de unhas dobradas, porque são multiplicados os seus furtos: mas não teem razão, que assás singelos andam; e se agasalham uma marrã, ou um cabrito, mas que seja um carneiro ou uma vaca, quando vão de marcha por esses campos de Jesu Christo, é porque os acham desgarrados, para que os não coma o lobo; e assás tenue vae tudo e assás singelo. Andem elles fartos, quero dizer, pagos, e póde ser que tenha tudo emenda. A obrigação que a todos corre, já o disse no capitulo XXI das unhas militares.

CAPITULO XXXV.

Dos que furtam com unhas dobradas.

Já dissemos, que unhas dobradas são as que se armam de varios modos e invenções, para furtar com tal arte que nunca lhes escapa a preza. Ha na dialectica um argumento, que chamamos diloma! porque joga com duas proposições, como com páu de dois bicos, que necessariamente vos haveis de espetar em um delles. Taes são os ladrões, que chamo de unhas dobradas; porque as aguçam de sorte, que por uma via, ou por outra lhes haveis de cair nellas: com um exemplo ficará isto claro e corrente. Quando sua magestade, que Deus guarde, manda fazer cavalleria para as fronteiras, é certo que ha grandissima variedade nos preços, e que nunca se ajustam os avaliadores, umas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o dilema, de que não póde escapar o furto: quando levantam o ponto, no escudo d'el-rei vae dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores descarrega o golpe. E succede ordinariamente a pesca, sem os minis-

tros d'el-rei serem sabedores das redes, com verem abertamente os lanços, ainda que pela experiencia bem puderam advertir na desproporção dos preços: furta-se a el-rei, que manda comprar os cavallos, ou furta-se aos vendedores: e a restituição de ambos os furtos, se bem a averiguarmos, vem a ficar ás costas dos avaliadores, que ordinariamente são os alveitares das terras onde se fazem as resenhas e escolhas dos potros, cavallos e dragões mais aptos para a guerra: e succede assim, que se o vendedor é poderoso, intimida os ferradores, ou os peita, para que ponham em quarenta o que não vale vinte; e fica defraudada a fazenda real em mais de ametade; e se o vendedor não tem ardil, nem poder para agenciar e seguir esta trilha, avaliam-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem commum, a que se encostam, para engolir o escrupulo: e assim por uma via ou por outra ordinariamente se afastam, e poucas vezes se ajustam com o legitimo preço, errando o alvo, ora por alto, ora por baixo. E é certo que sua magestade, que Deus guarde, não quer nada disto: não quer o primeiro, porque defrauda seus thesouros: não quer o segundo, porque offende seus vassallos, que tambem não são contentes de serem enganados em mais da ametade do justo preço: com que fica certissimo, que é furto manifesto por uma via e por outra. Nesta agua envolta escorreram ás vezes os executores tambem com os poderes reaes, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos; e talvez succede tomarem um, e dois, e tambem tres, por dez mil réis, e por oito cada um, a titulo de irem servir com elles ás fronteiras, e d'ahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta, e por cem mil réis, por ser de boa raça e melhores manhas. Se nisto ha furto, perguntem-no a seus confessores, e verão o que lhes respondem com Navarro. Mas má hora que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas, e póde ser que mais proveitoso: e é, quando dois vão forros, e a partir no interesse; e succede na mesma cavalleria, quando della se fasem resenhas para as pagas, e tambem acontece o mesmo na infanteria. Tem um capitão oitenta cavallos somente, passa mostra de cento e vinte, porque pediu quarenta emprestados a outro

capitão seu amigo, a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo, quando fizer a sua resenha: e assim embolçam ambos oitenta praças de ausentes, que bem esmadas por mezes, fazem somma de mil e duzentos cruzados cada mez; e se durar a tramoia um anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados, e se usarem della muitos cabos, teremos de pôr de portas a dentro pilhagens e pilhantes, peiores que os que nos veem de Castella saltear os bois e ovelhas. Mas o general das armas (peço a sua excellencia licença para o nomear aqui) o conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as coisas tão correntes, com notas e contra divisas, que não póde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que se gualdripavam com achaque de doentes, e vinham a ser peior que praças mortas; porque taes doentes, e taes soldados não os havia no mundo: e mandando-os vêr á cama, e não os achando, descobriu a maranha: e ainda deu alcance a outra peior, em que punham de cama soldados sãos com nomes mudados. Nada escapa á subtileza desta arte do furtar; mas o zelo e destreza do conde general, excede e vence todas as artes no serviço d'el-rei nosso senhor.

Em Vianna de Caminha me ensinou um castellão a furtar com unhas dobradas com mais destreza, porque jogando o páu de dois bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Concertava-se com os navios que vinham de fóra; e quanto me haveis de dar por cada fardo ou caixa, e pôr-vos-hei tudo seguro onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que communica com o mar e com a terra, e dava-lhes passagem segura para as lojas dos mercadores. E feito este primeiro salto, dava ordem ao segundo por via de um alcaide, com quem ia forro, e a partir nas ganancias das prezas que lhe inculcava: dava-lhe ponto e aviso infallivel das paragens, onde acharia taes e taes fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavam no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, uma das grossas peitas que davam ao castellão, e outra do muito mais que eram forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse; e nesta segunda bolada tornava o castellão a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente sem errar o tiro de nenhuma.

CAPITULO XXXVI.

Como ha ladrões que teem as unhas na lingua.

Melhor dissera nos dentes, porque teem duas ordens com que dobram a preza, e aferram melhor que a lingua; e tambem porque tudo quanto se furta, vem a parar ou desapparecer nos dentes. Espada na lingua já eu ouvi dizer que a havia, e tambem pudéra dizer setta; porque fere ao longe como setta, e corta ao perto como espada, e peior, porque muitas vezes de feridas incuraveis, como espada columbrina, e setta hervada: mas unhas na lingua é coisa nova. Ainda mal, de que é tão velha, e tantas vezes renovada em gente aulica. Vel-os-heis andar no paço fazendo mezuras a cada passo, e tirando a gorra á legua, chapéo queria dizer, que já se não usam gorras: não lhes taxo a cortezia, que é virtude muito propria da côrte; mas noto a intenção e palavrinhas com que a acompanham, as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia, são unhas de aço, que não só arranham creditos alheios, mas empolgam para si, que é o principal intento, em tudo o precioso, que cuidam se poderá dar a outros. E para isso não ha provimento que não desdenhem, nem despacho que não menoscabem; até o que é nos outros paga de justiça, fazem negociação de adherencia, para levarem a agua ao seu moinho, e fazerem cano das minguas alheias para as enchentes proprias, de que andam sequiosos. Façamos praça de exemplos, e correrá a verdade deste capitulo clara como agua.

Olhae-me para aquelle capitão que entra na audiencia com um braço menos, porque lh'o levou na guerra uma bala: vede dois soldados que veem com elle, um com um olho vasado de uma estocada, e outro com uma perna quebrada de uma mina; porque para os fazer assignalados, sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos maiores riscos tem sua ventura a valentia, allegam a seu rei o que em seu serviço padeceram, para que os remunere com os despachos que merecem: um pede a commenda, outro a tença, outro o habito: todos mere-

cem muito mais. Mas o invejoso que está de fóra, e tão de fóra que nunca entrou em taes baralhas, temendo que lhe vôe por aquella via o passaro a que tem armado a costella, e que se lhe vá da rede a preza que pretende pescar, puxa da espada da lingua, porque nunca arrancou outra, para cortar o direito que vê vão adquirindo, e diz do torto: olhae o com que vem agora cá o torteles Polifemo! Por um olhinho que perdeu, Deus sabe aonde, póde ser que bebendo em alguma taverna, quer que lhe deem mais do que val toda a sua cara: ainda lhe ficou outro olho, isso lhe basta. Pois o outro Briareu devia de querer cem braços, bastando-lhe uma mão para empinar quanto tem furtado com ambas; e por um bracinho que lhe cortam, quer que lhe talhem uma commenda que não sonharam seus avós: e o outro que por uma perninha lhe deem um habito. Quanto melhor lhes fôra a todos tres tomarem o habito de uma religião, para fazerem penitencia de quantas maldades obraram para acharem estas manqueiras, de que veem fazer gadanho para estafarem mercês que só nós merecemos a el-rei, como se vê ao perto. E por esta solfa se deixa este, e outros taes como elle, ir descantando similhantes letras, até que saiem com a sua por escripto, estorvando e tirando os despachos a quem os merece, para os incorporarem em si. E ainda mal que lhes succede. Testimunha seja um capitão que eu vi despedir-se de um amigo nesta côrte, para se voltar para as fronteiras com quatro mezes de similhantes requerimentos: e perguntando-lhe o amigo, como se ia sem esperar o seu despacho? Respondeu palavras dignas de se imprimirem: Vou-me desta Babylonia para a campanha; porque me é mais facil e honroso esperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos e respostas dos ministros e aulicos de sua magestade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que teem as unhas na lingua, não descançam até que não enxotam toda a sorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a suas pretenções, que por esta arte alcançam; e assim furtam e pescam com os anzoes e unhas na lingua, o que não merecem, e de justiça se deve dar a quem arriscou a vida, e não a quem a traz

empapellada: e estes são os ladrões que teem na lingua as unhas com que empolgam no que não é seu, nem lhes é devido. Facil tinha tudo o remedio, e escripto está e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra não se appliquem a serviços da paz. Se os summos pontifices largaram a este reino os dizimos de innumeraveis commendas, que é sangue de Christo, para os cavalleiros que á custa de seu sangue propagam a fé, e defendem a patria; como se póde permittir que logre estes premios quem nunca defendeu a fé, nem honrou a patria? Não sei se o diga? Que vi já commendas em peitos inimigos de Deus, e algozes da patria. Cala-te lingua, não te arrisques: olha que temo chamem muitos a isto murmuração, tomando-o por si; porque tudo o que pica desagrada, e o que desagrada é signal que lhe toca. Toquemos a recolher, e vamo-nos dizer antes sape a um gato.

CAPITULO XXXVII.

Dos que furtam com a mão do gato.

Ladrões ha dos quaes podemos dizer, que teem mais mãos que o gigante Briareu, porque não lhes escapa conjunção, logar, nem tempo; como se tiveram mil mãos, *à dextris, e à sinistris*, não erram lanço: e isto vem a ser furtar com mãos proprias, que não é muito; mas furtar até com as alheias, é destreza propria desta arte, que vence na malicia a subtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a maior maldade que commette o demonio, é a de tomar corpos phantasticos para commetter abominações: porque não póde haver maior malicia, que despir-se uma creatura de seu proprio ser, e vestir-se da natureza alheia, saindo-se de sua esphera, para poder mais offender a Deus. Taes são os homens ladrões que se ajudam de mãos alheias: sáem-se de sua esphera, e vão mendigar nas alheias modos e instrumentos

com que mais furtam. Não se contentar um ladrão com duas mãos que lhe deu a natureza, e com cinco dedos que lhe poz em cada uma, armados com muito formosas unhas, e ir buscar mãos alheias e emprestadas, para mais furtar e poupar as suas para outros lanços, é o summo da ladroice. No como se verifica isto, está ainda a maior difficuldade, que será facil de intender a quem olhar para a mão de Judas, quando no officio das trevas apaga as candeias. Obrigação é que corre por conta dos sacristães; mas porque não chegam ás vélas, ou por se não queimarem, valem-se da mão alheia: e assim veem a ser mãos de Judas todas as que ajudam ladrões em seus artificios.

Ainda se não deixa vêr em que cabeça vae dar a pedrada deste discurso. Os senhores assentistas me perdoem, que elles hão de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digam-me vossas senhorias (e não estranhem o titulo, que é cortezia que nos introduziram cá os berlanguches, que logo entrarão tambem nesta reste): se el-rei nosso senhor lhes concede licença para recolherem comprado no novo o pão que baste para o provimento das fronteiras, o que podem fazer por si e seus criados, para que empenham nisso os juizes, ouvidores, corregedores, e provedores de todo o reino? E porque estes são escoimados, e hão medo de tomar peitas, á força lh'as fazem aceitar, alcançando-lhes licença de sua magestade para isso? Que é isto? Donde vem tanta liberalidade em quem tracta de sua ganancia? Interesse é tudo proprio: mãos de gato armam, e com saguates lhes aguçam as unhas, para as prezas serem mais copiosas passando dos limites, de cujas crecenças fazem negociação e venda a seu tempo com excesso, levando de codilho a substancia aos povos famintos, obrando tudo com as mãos da justiça, que é o de que me queixo; que a justiça chegue a ser entre nós mão do gato, para que não lhe chamemos mão de Judas, que atiça este incendio, em quanto os sobreditos teem as suas de reserva em luvas de ambar para agasalharem os lucros que com tantas mãos negociaram.

Dêmos uma demão aos berlanguches, já que lh'a promettemos, e elles não querem que lhes faltemos com o promettido. Ha perto da nossa barra de Lisboa uns ilheos que chamamos Ber-

lengas; e porque passam por elles todos os estrangeiros que veem do norte, chamamos a todos berlanguches. Estes pois deram em nos virem meter na cabeça, que só elles sabem fazer baluartes, atacar petardos, disparar bombas, artificiar machinas de fogo, e engenhos de guerra. Sendo assim, que de tudo quanto obram, não vimos até agora fructo, mais que de immensas patacas e dobrões que recolhem para mandar á sua terra: até agora não vimos bomba que matasse gigante, nem petardo que arrazasse cidade, nem machina de fogo que abrazasse armada, nem queimasse sequer um navio. Por isso disse muito bem o doutor Thomé Pinheiro da Veiga (que em tudo é discreto) respondendo á petição de um destes engenheiros, que demandava um milhão de mercês pelas barcas de fogo que architectou contra os parlamentarios, que nos pejaram a barra do Téjo no anno de 1650, que o queimassem com ellas, por nos gastar a nossa fazenda com engenhos que no cabo nada obraram. Somos como creanças os portuguezes nesta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e estimamos só o que vem de fóra, e apalpado tudo é farello; porque no fim das contas só o nosso braço é o que obra tudo, e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta um curioso pelas unhas do gato? E eu lhe respondo, que olhe para os thesouros d'el-rei, e para as nossas bolças, e verá tudo arranhado com estas invenções dos berlanguches, peiores para nós que mão de gato; pois nos furtam e levam com seus gatinhos, o que fôra melhor dar-se aos filhos da terra, que o trabalham e o merecem: e no cabo andam despidos, e os berlanguches rasgando cochonilhas, e brilhando télas. Basta um tostão para qualquer homem de bem passar um dia; ora demos-lhes a elles dois, com que podem beber vinho, como bois agua: para que é dar-lhes setenta e quatro mil réis cada mez de ordenado? Desordenáda coisa chamára eu a isto; pois lhes veem a sair a mais de um tostão para cada hora, e mais de dois mil e quatrocentos réis para cada dia, e um conto para cada anno. Parece isto conto de velhas, e discurso de gigantes encantados: gigantes de oiro são isto, que se nos vão do reino, conquistados por pygmeus de palha, de que fazem a mão do gato; que de palha borrifada com polvora vem a ser o fogo,

com que abrazam mais a nós, que a nossos inimigos; e elles o são mais verdadeiros que os castelhanos; porque estes nunca nos deram tal saco, nem entram cá por taes esfola-gatos.

E para que não pareça que só em estranhos damos com este discurso, viremos a prôa delle para nossas conquistas, e acharemos mãos de gato façanhosas, de que usam portuguezes. Já toquei esta treta succintamente o paragrapho ultimo do capitulo IX a outro proposito; mas agora a contarei mais diffusa a este intento, em que tem mais artificio. Quer um capitão ou governador tornar para sua casa rico, sem escandalos, nem revoltas: mette-se de gorra com os mais opulentos do seu districto, vendendo bullas a todos de valias e pedreiras que teem no reino: mostra cartas suppostas, com avisos de despachos, habitos, commendas e officios, que fez dar a seus afilhados: e como todos os que andam fóra da patria teem pretenções nella, cresce-lhes a todos a agua na boca ouvindo isto; e vão-se para suas casas discursando o caminho que terão para terem entrada com tão grande valia, que tantos compadres tem em todos os conselheiros, e logo lhes occorre a estrada coimbrã das peitas, porque dadivas quebram penedos; e armam logo um presente para adoçar o senhor capitão ou governador, e o ir dispondo ao favor que pretendem: e já se imaginam dando alcance á graça que tão alto lhes voou sempre: crescem as visitas, chovem os donativos de uns e de outros; e quando chega a monção de navios para o reino, chegam os memoriaes, e acham aos sobreditos senhores fazendo listas para a côrte, escrevendo cartas, arrumando negocios de mil pretendentes, e de tudo fazem rede para pescar os donativos com que naturalmente se despenham. Chega um, e diz: Senhor, bem sabe vossa senhoria que ha vinte annos sirvo a sua magestade á minha custa, e que é já o tempo chegado de lograr alguma mercê por isso: e para que eu deva esta tambem a vossa senhoria, espero que me favoreça por meio de seus validos, a quem protesto ser agradecido. Tenha mão v. m., acode a senhoria: para que veja como trago a v. m. na casa dianteira, e suas coisas diante dos olhos; senhor secretario, lêa v. m. lá as cartas que escrevi hontem para sua magestade e para o conselho da fazenda e ultrama-

rino. E o secretario, que está de aviso, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha escriptas; e com a destreza, que costumam, relata logo de cada uma seu capitulo, que de repente vae compondo, talhado para as pretenções do supplicante, em que o descreve tão valente, leal, e bizarro, que nem a mãe que o pariu o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petições e memoriaes sua senhoria, e manda ao secretario que as annexe áquelle ponto; e ao sobredito diz que durma descançado, que em boa mão jaz o pandeiro: e elle mais solicito que nunca, vae-se para casa, e manda logo o melhor que acha nella, para não ser ingrato; e por esta maneira de mil modos com estas abuises caçam os mais gordos tralhões da terra, e mettem nas redes os maiores tubarões do alto: papos de almiscar em Macáu, bocetas de bazares em Malaca, bisalhos de diamantes em Goa, alcatifas de seda em Cochim, barras de oiro em Moçambique, pinhas de prata em Angola, caixas de açucar no Brazil; e em cada parte de tudo tanto que enchem navios, que veem depois dar á costa: *Male parta, male dilabuntur*. A agua o deu, a agua o leva. E ficam desfeitas como sal na agua todas as maquinas das pretenções dos innocentes, e elles no limbo da suspensão, e no purgatorio do arrependimento, porque deram ao gato, o que não comeu o rato.

Tambem para el-rei nosso senhor ha mãos de gato, que lhe arranham a fazenda e arrastam a grandeza de suas datas e mercês; e são os exemplos tantos que me não atrevo a contal-os, assim por muitos, como por arriscados. Direi um imaginado, que poderia acontecer, e servirá de molde para muitos. Vaga em Coimbra uma cadeira: vem consultada em tres oppositores. O primeiro é melhor, o ultimo o somenos; tem este por si mais amigos na côrte: temem fallar a sua magestade, porque são conhecidos, e sabem que especula muito bem os que são apaixanados, para não admittir suas informações: buscam uma mão de gato, e armam os páus, que venham a cair nella: espreitam a occasião em que sua magestade vê as consultas: fallam-lhe como a caso: Senhor, para que se cança vossa magestade em apurar gente que não conhece: consultas da universidade são muito apaixonadas pelos bandos das opposições, que muitas vezes poem no pri-

meiro logar, quem havia de vir no ultimo: aqui anda o lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os sugeitos, e é desinteressado nestas materias; informe-se vossa magestade delle, e verá logo tudo claro como agua. Tendes razão. Toca a campainha; acode o moço fidalgo: mandae recado a Fulano, que me falle á tarde. Aqui está na sala, responde o mesmo: Deus o trouxe sem duvida, acodem os conjurados, que de proposito o trouxeram, e deixaram no posto bem instruido. Saiem-se todos para fóra, e entra o louvado: communica-lhe sua magestade a duvida: resolve-a elle, fazendo-se de novas no ponto que traz estudado; e affirma que os conhece a todos melhor que as suas mãos; que nunca Deus queira que elle diga a seu rei uma coisa por outra, que nem por seu pae mudará uma cifra contra o que intende: e com estes ensalmos apeia os melhores do primeiro logar, e levanta o ultimo aos cornos da lua: e como não presume malicia quem não tracta enganos, persuade-se el-rei que aquella é a verdade; e tomando a penna despacha a consulta, e dá a cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito; e estes são os modos, suave leitor, com que cada dia se tiram sardinhas com a mão do gato.

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtam com mãos e unhas postiças, de mais, e accrescentadas.

De um ladrão se conta, que tinha uma mão de páu, tão bem cortada que parecia verdadeira, e devia de ser a direita, porque encostando-a á esquerda por entre as dobras da capa, se punha de joelhos muito devoto nas egrejas de concurso, junto aos que lhe parecia que poderiam trazer bem providas as algibeiras; e com a outra mão, que lhe ficava livre, lhes dava saco subtilmente; e ainda que os roubados sentiam alguma coisa, olhando

para o visinho, de quem se podiam temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deus, persuadiam-se que seriam apertões da gente, o que sentiam. Assim me declaro nisto que chamo furtar com mãos postiças, de mais, e accrescentadas: e melhor ainda me declarei com os que occupam muitos officios na republica, commendo e devorando a dois carrilhos, como monstros, a substancia do reino: como se lhes não bastára a mão que tomam em uma occupação, mettem pés e mãos no meio alqueire com seu senhor, e ajuntam moios de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaram a mão; e já lhes eu perdoara, se só uma mão metteram na massa; isto é, se só com um officio se contentaram; mas manejar tres e quatro com mãos postiças, é quererem agarrar este mundo e mais o outro.

A santa madre egreja catholica romana, que em tudo acerta, tem mandado com sua milagrosa providencia, que nenhum clerigo coma dois beneficios curados, por amor da assistencia, que não sendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que apparece na mesma tempestade em dois navios, é impossivel tel-a em duas partes; e não quer que coma e beba o sangue de Christo, sem o merecer pessoalmente. E como ha de haver no mundo quem coma e beba o sangue dos pobres, e a fazenda d'el-rei e substancia da republica, um homem secular occupando dois postos e dois officios incompativeis: e porque são mais que muitos, chamo tambem a isto ladrões que furtam e comem a dois carrilhos; e ainda mal que comem a tres e quatro, como monstros de duas cabeças. Muitas cabeçadas se dão e toleram em republicas mal governadas: mas que na nossa tão bem regida e disposta se soffram estas, é para dar os bem intendidos com as cabeças por essas paredes. Vêr que faça dois officios, e tres, e quatro, e sete occupações um só homem, que escassamente tem talento para um cargo, é ponto que faz fugir o lume dos olhos: e pouca vista é necessaria para vêr que não póde estar isto sem grandes ladroices: e a primeira é, que come os ordenados com que se puderam sustentar, satisfazer e ter contentes quatro ou cinco homens de bem, que o merecem. A segunda, e maior de todas, que como é impossivel assistir um só sugeito a tantas coisas differentes, passam-

lhe pela malha mil obrigações de justiça, não dando satisfação ás partes, trazendo-as arrastadas muitos mezes, com gastos immensos fóra de suas patrias: e no cabo despacham mil disparates por escripto, para serem mais notorios; porque não teem tempo para verem tantas coisas, nem memoria para comprehenderem as certezas que se lhes praticam; e quando vão a alinhavar as resoluções escapam-lhes os pontos, e embaraçam-se as linhas, que tinham lançado uns e outros; e perde-se o fiado, e o comprado e o vendido: e vem a ser mais difficultoso encaminhar um desarranjo destes, que começar a demanda de novo. Perdem-se petições, somem-se provisões, faltam os oraculos, respondem sesta por balhesta, fazem-vos do céu cebola, mettem-se no escuro dos segredos, com mysterios que não ha: e Deus nos dê boas noites. Baldaram-se as peitas, frustraram-se as intercessões, perderam-se os gastos e a paciencia; e appellae para o barqueiro, que de Deus vos póde vir o remedio, porque se o buscardes na fonte limpa, que reprende com sua clareza tantas aguas turvas, arriscaes-vos a uma enxurrada de ministros, que vos tiram o oleo, e mais a chrisma.

Finalmente digo, que assim como ha heresias verdadeiras que encontram verdades catholicas, assim ha heresias politicas que encontram as verdades que escrevo: e assim como seria heresia de Calvino e Luthero dizer que é mal-feito ordenar a egreja que nenhum clerigo coma dois beneficios curados, assim é heresia na politica do mundo admittir que um homemzinho de nonnada occupe dois officios, que requerem duas assistencias. É nota de alguns escripturarios, que nunca Deus proveu dois officios juntos em um só sugeito: e para significar a importancia disto mandava que ninguem semeasse dois legumes na mesma terra: e quando occupava algum servo seu em uma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos necessarios e forças convenientes: e isto não podem fazer os principes da terra, que se bem são senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, não o são dos talentos, nem os podem dar a quem os não tem, como póde Deus; e por isso deve ir attento nos provimentos que fazem, porque até um só e singular requer homem capaz para ser bem servido. E para

que se veja como as coisas vão muitas vezes nesta parte, contarei o que succedeu ha poucos annos em uma praça, onde foi provido por capitão-mór certo cavalheiro, que presumia de grande soldado: e no primeiro dia em que tomou posse do seu feliz governo, lhe foram pedir o nome para as rondas daquella noite. Estava elle em boa conversação de amigos e senhores, que o visitavam com o parabem de sua boa vinda: perguntou ao cabo, que era o que demandava? Que me dê vossa senhoria o nome para esta noite, é o que peço, respondeu elle: e o senhor capitão instou muito admirado; ainda me não sabem o nome nesta terra? E muito mais o ficaram os circumstantes do seu enleio. Acodiu o sargento: bem sabemos o nome de vossa senhoria, o que peço é o nome para a ronda. Aqui areou mais o capitão. E para não se arriscar a responder outro desproposito, disse o peior, porque o mandou embora sem resolução, e que no dia seguinte tractariam o ponto com mais desafogo. E eis-aqui que taes succedem ser os senhores que occupam grandes postos: e sendo taes que farão se os puzerem em muitos?

É engano manifesto dizer-se e cuidar-se que não ha homens para os cargos, e por isso os multiplicam em um ministro. É o nosso reino de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejam todas as sciencias e artes que em Portugal acharam seus auctores. A nobreza e fidalguia, auctoridade e christandade entre nós andam em seu ponto. Todas as nações do mundo podem andar comnosco á soldada nesta parte: mas não apparecem os talentos por tres razões: primeira, porque não ha quem os busque: segunda, porque ha quem os desvie: terceira, porque não são intromettidos; e isso teem de bons. Não ha quem os busque, porque não ha quem os estime. Ha quem os desvie por se introduzir inutil. Não se offerecem, por não padecerem repulsas. E d'aqui vem andarem Scipiões valentes pelos pés das moitas comendo terras, e versistes covardes pelos thronos cevando vaidades: andam Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andam Heitores leaes arrastrados á roda dos muros da patria, que defenderam, e Sinões traidores embolçando vivas e triumphando em carros. Sejam ou-

vidos varões desinteressados, sabios e religiosos, e elles descobrirão as minas onde está o oiro dos talentos mais preciosos: elles conhecem as talhas de barro que conservam melhores vinhos, que jarras de oiro.

CAPITULO XXXIX.

Dos que furtam com unhas bentas.

Unhas bentas, parecerá coisa impossivel; porque todas são malditas e peçonhentas, como as dos gatos, que ha pouco discursamos, Mas como não ha regra sem excepção, desta se tiram algumas: taes são as da grão besta, de quem dizem os naturaes grandes virtudes: e comtudo isso tambem affirmam os mesmos, que até essas virtudes são furtadas ás conjunções da lua; para que nenhuma unha se possa gabar, que escapou da estrella que os astrologos chamão Mercurio, ladrão famoso. E entre tantas unhas não ha duvida que ha algumas bentas, não porque tirem almas do purgatorio com perdões de conta benta; mas porque lançadas as contas, lançando bençãos, e apoiando virtudes, e clamando misericordias e amores de Deus, purgam as bolças que encontram, melhor que pilulas de escamonea. A mais de quatro criticos se me vae o pensamento neste passo, não de passagem; mas de proposito e reixa velha a certos servos de Deus a quem murmuradores chamam por desdem da Apanhia, levantando-lhes que mandam olhar a gente para o céu, em quanto lhe apanham a terra. Mas isto é praga que só se acha em quem não val testimunha conforme a sentença de Luiz rei de França, que só hereges e amancebados fallam mal dos taes sugeitos; estes, porque os reprehendem com sua modestia; e aquelles, porque os convencem com sua doutrina. E o certo é que esses mesmos zoilos que murmuram, quando querem a sua fazenda segura, ou o seu

dinheiro bem guardado, que nas mãos destes anjos da guarda depositam tudo.

As unhas que usurpam a titulo de bentas, são aquellas que empolgando piedades, fazem a preza em latrocinios. Explico isto com alguns exemplos, que darão noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dois soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos (desgraça ordinaria em todos) accordaram valer-se do sagrado, para que o profano os remediasse. Houveram ás mãos uma hostia que pediram em certa sacristia para uma missa das almas: dão comsigo e com ella na rua Nova: pedem a um mercador dos que chamam de negocio, lhes mostre a melhor peça de Londres: encaixam-lhe em uma dobra a hostia dissimuladamente, mostram-se descontentes da côr, e pedem outra: vistas assim algumas, appellam para a primeira, e mandam medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como é costume. Mal eram medidos quatro, quando apparece a hostia, a que elles, fingindo lagrimas, se prostraram batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe imputem de novo o que em Jerusalem tomaram sobre si seus antepassados. Não é necessario declarar os extremos que de parte a parte passaram: resultou por fim de contas, que levaram a bom partido a peça toda, sem outro custo que o de jurarem que ninguem saberia o caso succedido. Não sei se é isto furtar com unhas bentas? Sel-o-hão mil esmolas pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade e misericordia, para pobres, para missas e irmandades, as quaes vão arder na meza do jogo ou da gula. Um mulato conheci, que tinha uma opa branca, que comprou na roupa velha por dois tostões, com a qual, com uma bacia, e duas voltas que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as missas de nossa Senhora, ajuntava o que lhe bastava para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direi de infinitos, que a titulo de pobres se fazem ricos? Abrem chagas nas pernas e nos braços, com causticos e hervas: mostram suas dores com brados, que moverão as pedras: *Mira la plaga mira la llaga!* Pelas chagas de Christo nosso Redemptor, que me deem uma esmola! Dizia um destes na ponte de

Coimbra, de outro que tinha uma perna muito chagada: boto a tal, que tem aquelle ladrão uma perna que val mais de mil cruzados! E assim é que muitos mil ajuntam estes piratas: e lá se conta de um aleijado que morrendo em Salamanca, fez testamento, em que deixou a el-rei Filippe I ou II de Castella a albarda do jumento em que andava; e acharam-se nella cinco ou seis mil cruzados em oiro. Um fidalgo piedoso lançou pregão na sua terra, que tal dia dava um vestido novo por amor de Deus a cada pobre: ajuntaram-se no seu pateo infinitos; e a todos deu vestidos novos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e nelles achou bem cosida e escondida por entre os remendos maior quantidade de dinheiro vinte vezes, que a que tinha gastado nos vestidos. Estes taes não ha duvida que são ladrões, que com unhas bentas esfolam a republica, tomando mais do que lhes é necessario, e fôra melhor distribuil-o por outros, que por não pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis são as que professam benzedeiras, e teem mais de siganas, que de beatas. Entra em vossa casa uma destas com nome de santinha; porque dizem della que adevinha, faz vir á mão as coisas perdidas, e depara casamentos a orphãs, e despachos aos mais desesperados pretendentes. Pedis-lhe remedio para vossos desejos: pede-vos uma cadeia de oiro emprestada para seus ensalmos, quatro aneis de diamantes, meia duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco chagas: mette tudo em uma panella nova com certas hervas, que diz colheu á meia noite, vespora de S. João, e enterra-a muito bem coberta de traz do vosso lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que não lhe deis quebranto: e a um virar de pensamento, emborca tudo nas mangas do sayo, e fica vazia a olhá, ou, para melhor dizer, cheia de preceitos, que ninguem bulla nella, sob pena de se converter tudo em carvões, até passarem nove dias em honra dos nove mezes; e nelles se passa para Castella, ou França, com a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por taes as tivestes, quando a poder de bençãos vos roubaram. Vedes vós isto, piedoso leitor, pois sabei de certo, que

succede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a não se deixar enganar tão parvoamente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neste reino as decimas para a defensa delle, e a todos contentou muito esta contribuição; porque não ha coisa mais racionavel, que assegurar tudo com a decima parte dos rendimentos, que vem a ser pequena parte comparada com o todo. Dizem os ecclesiasticos neste passo, que são isentos de gabellas por diplomas pontificios, e eu não lh'o nego; mas quizera-lhes perguntar, se gostam elles de lograr os lucros que das decimas resultam, que são terem as suas fazendas seguras, e as vidas quietas das invasões dos inimigos, que os nossos soldados rebatem, alentados com as decimas? Não podem deixar de responder todos que sim. Pois se assim é, como na verdade é, lembrem-se do dictado, e do direito que diz: *Qui sentit commodum, debet sentire, et onus.* E vem a ser o que diz o nosso proverbio, que quem quizer comer depenne. Que se depenne quem gosta de viver sem penas; e estando isto tão posto em boa razão, segue-se logo a consequencia verdadeira, que devam dar seu consentimento na contribuição das decimas: e vindo elles nisto, como são obrigados pela razão sobredita: *Et scienti, et consentienti non fit injuria;* digamme onde encalha o seu escrupulo? Encalha nos diplomas, de que fazem unhas bentas para surripiar do commum o que affectam para seus commodos particulares? E não se viu maior sem-razão, que quererem conservar suas queixadas sãs á custa da barba longa. E se ainda persistem na sua teima ou interesse, que assim lhes chamo, e máu escrupulo, respondam-me a este argumento. Se é licito aos reis catholicos tomarem a prata das egrejas, para as conservarem e defenderem em extrema necessidade; porque não lhes será licito recolherem decimas dos ecclesiasticos, para os defenderem no mesmo aperto? Licito é, não ha duvida; porque esta consequencia não tem resposta: e della se colhe outra que reprehende de muita cobiça e avareza o que elles querem que seja escrupulo e excommunhão: e vem a ser rapina verdadeira, e com que se levantam a maiores, fazendo unha da religião, para agarrarem o capital e os redditos, sem entrarem nos riscos, que sem-

pre grandes lucros trasem comsigo. E vêdes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opinião de sua cobiça, e malditas na de quem melhor o intende: e para que elles intendam que sabemos tambem o respeito que se lhes deve, e que não ha diplomas que encontrem esta doutrina, direi claramente o que ensinam os theologos nesta parte, e é, que são obrigados os ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros; porque todos igualmente se servem, e aproveitam destas coisas: e ha de ser em tres circumstancias: Primeira, quando a contribuição dos leigos não basta: segunda, com exame e ordem dos prelados: terceira, sem força na execução. Mas logo se accrescenta, que os prelados são obrigados a executal-os: e isso é o que queremos na contribuição das decimas; e melhor fôra não se chegar a isso, pois em gente sagrada se devem achar maiores primores.

Não posso deixar aqui de acodir a uma queixa, que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta, e topa no fisco real, quando pelo santo officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscação. Poderiam alguns zelosos dizer, que se gasta tudo no tribunal que o arrecada, e que é tanto o que se confisca, que excede seus gastos; e que a dos sobejos nunca resulta nada para sua magestade, que com grande piedade remette tudo nas consciencias de tão fieis ministros. Materia é esta muito delicada com ser pezada: e por credito da inteireza que tão santo tribunal professa, convem que lhe demos satisfação adequada em capitulo particular, que será o seguinte.

CAPITULO XL.

Responde-se aos que chamam visco ao fisco.

Por fabula tenho o que se conta do Sayvedra, que dizem meteu neste reino por enganos de breves falsos, o tribunal e fisco

da santa inquisição; porque não ha memoria disso nos archivos do santo officio, nem na torre do tombo, onde todas as coisas memoraveis se lançam: nem ha outro testimunho mais que dizel-o o mesmo Sayvedra, por córar com isso outros crimes, que o lançaram nas galés. O certo é que o rei catholico D. Fernando lançou de Castella os judeus na era de 1482, porque tinham juramento os reis de Hespanha, por preceito do concilio toledano, de não consentirem hereges em seus reinos. Muitos destes, ou quasi todos, deram comsigo em Portugal. Admittiu-os el-rei D. João II por tempo determinado, que se iriam deste reino, sob pena de ficarem seus escravos os que se não fossem. Muitos se foram; e os que se deixaram ficar, correram a fortuna de escravos, e como taes eram vendidos: até que el-rei D. Manuel os tornou a notificar com as mesmas e maiores penas, que lhe despejassem todos o reino: alguns obedeceram, e os mais pediram o santo baptismo, e com isso aplacaram as penas: e ficaram tão mal instruidos, que el-rei D. João III vendo que não só professavam a lei de Moysés publicamente, mas que tambem a ensinavam até aos christãos velhos, alcançou do papa Clemente VII o tribunal do santo officio no anno de 1531, e o fez confirmar por Paulo III no anno de 1536, com breves apostolicos, na conformidade em que até hoje dura, e durará com o favor divino por todos os seculos; porque a este santo tribunal se deve a inteireza da fé e reformação de costumes, com que este reino florece em tempos tão calamitosos, que abrazam todo o orbe christão com corrupções e heresias.

A maior pena que teem os hereges, além da de morte, é a que lhes executa o fisco, da confiscação e perda de todos seus bens: e é muita justa; porque as heresias nascem e cevam-se com a cobiça das riquezas, com as quaes se fazem os hereges mais insolentes, e pervertem outros; e com lh'as tirarem, ficam mais enfreados; e só o summo pontifice póde applicar os bens confiscados a quem lhe parecer mais conveniente, porque é causa meramente ecclesiastica. Os bens dos que forem clerigos, applicam-se por direito á egreja, os dos religiosos á sua religião, os dos leigos a seus principes, onde os taes bens existem, e não onde se

condemnam. Em Hespanha e Portugal pertencem os bens dos leigos aos reis, por particular concessão; e os dos clerigos, mas que tenham beneficios, por costume geral em toda a parte, pertencem ao fisco secular. De tudo isto se colhem tres conclusões certas.

Primeira conclusão: que os principes seculares não podem remittir aos hereges as penas do direito canonico, nem do costume ecclesiastico; nem ainda das leis que os mesmos principes puzeram, se foram approvadas pela egreja, porque pela approvação ficam ecclesiasticas: segunda, que não podem os inquisidores remittir os bens confiscados sem consentimento do principe, porque lh'os concedeu o papa ao seu fisco; mas o papa póde, porque é senhor supremo: terceira, que depois de dada sentença, de tal maneira ficam os bens confiscados, sendo proprios do principe pela doação do papa, que póde delles dispôr, e dal-os a quem quizer, mas que seja aos mesmos hereges a quem se tomaram, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, não podem, pelas tres razões que ficam tocadas, que com as riquezas se cevam e crescem as herezias, e os hereges se fazem insolentes, e pervertem outros: e tambem porque é causa ecclesiastica, e não tem direito aos bens que lhes não estão ainda sentenciados. Destas tres conclusões se colhe uma consequencia certa, que a confiscação é pena ecclesiastica, e que como tal não póde o principe secular impedir a execução della sem licença do summo pontifice, que lh'a póde dar como senhor supremo da lei, que tem dominio alto sobre tudo.

De tudo o dito formo agora um argumento, com que acudo á queixa que nos obrigou a fazer este capitulo. Os reis em Portugal são senhores dos bens confiscados, depois de sentenciados, de tal maneira, que os podem dar até aos mesmos hereges reconciliados: *ergo à fortiori*, poderão dar a administração e dominio dos taes bens absolutamente aos senhores inquisidores, para que os gastem como melhor lhes parecer; e que lhes tenham dado este poder, é notorio, e se prova do facto e da permissão continua sem repugnancia nem contradicção. E ainda que a massa do fisco é muito grande, não são menores os gastos da sustentação

dos penitentes, das agencias de seus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos ministros, das machinas dos cadafalsos, e mil outras coisas, que emprezas tão grandes trazem comsigo, que é facil conhecel-as, e difficultoso julgal-as; porque o menos que aqui se pondéra é o que vemos, e o mais o que se nos occulta com o eterno segredo, alma immortal do santo officio. Nem se póde presumir que haja desperdiços, onde ha tanta exacção, e pureza de consciencia, que apuram o mais delicado de nossa santa fé: antes se póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que só com a confiscação dos réos se sustente machina tão grande, tão illustre, e tão poderosa! E dado que passe alguns annos a receita além da despeza, succedem outros, em que a despeza excede os bens confiscados: e providencia economica, iguala as balanças de um anno com os contrapezos do outro: e vimos a concluir que tudo o que se póde metaphisicar de sobejos, é pequena remuneração para tão grandes merecimentos. Nem ha no mundo interesse com que se possa gratificar o que este santo tribunal obra em si, e executa em nós. O que obra em si, é uma observancia de modestia e inteireza, que assombra e confunde aos mais reformados talentos; porque o mesmo é entrar um homem, ecclesiastico ou secular, no serviço do tribunal da santa inquisição, que vestir-se logo de uma composição de acções, palavras, e costumes, que fazemos pouco os que os vemos, quando não lhes fallamos de joelhos. O que em nós executam, bem se deixa vêr na reformação dos vicios, na extincção das heresias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal uma charneca brava de maldades, seria uma sentina de vicios, seria uma Babylonia de erros, se o santo officio não vigiára as maldades, não castigára os vicios, e não extinguira os erros. É Portugal um Promontorio commum de todas as nações: nelle entram e sáem continuamente todos os hereges do mundo, sem que os vicios das nações nos damnem, sem que os erros das heresias se nos peguem. Não ha reino nem provincia na christandade, que se possa gabar de intacto nesta parte: só Portugal persevera illeso. A quem se deve tão gloriosa fortuna? Ao santo officio, que tudo atalha vedando livros, açamando seitas, castigando erros, e me-

lhorando tudo. E vendo os reis serenissimos de Portugal a importancia de tão grande serviço como a Deus e á republica fazem tão fieis ministros, não fizeram muito em lhes largarem todo o fisco á sua disposição.

E se ainda se não derem por satisfeitos os zelosos na sua queixa, oiçam o que respondeu el-rei Filippe o Prudente em Madrid a outra similhante, que involvia notas com titulo de excessos no uso do poder: *Dexallos, que mas estimo yo tener mis reynos quietos y catholicos cõ treinta clerigos, que todos essos interesses y respectos.* Fallou como prudente que era; porque interesse e respeitos temporaes, não teem comparação com lucros sobrenaturaes. Este mesmo rei passando pela praça de Valhadolid com todo seu acompanhamento e pompa real, encontrou dois inquisidores, e em os vendo, se saíu do coche, e com o chapeo na mão os levou nos braços, dizendo: *Assi es bien, que honre yo a quien tanto me honra a my, y defiende mis reynos como vòs!* Sabia conhecer o que nós não ignoramos: e por isso affoitamente concluo, que cada um diz da feira como lhe vae nella. Quero dizer, que só gente suspeita poderá grunhir, onde desapaixonados cantam a gala e o parabem ao santo officio, com os vivas que merece. E nós descantemos por diante os excessos de outras unhas, pois nas do fisco não achamos o visco, que só gente satyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

CAPITULO XLI.

Dos que furtam com unhas de fome.

Nas Gazetas de Picardia se escreve, que houve um moço tão inclinado a seu accrescentamento, que assentou praça de pagem com um fidalgo, que tinha fama de rico: mas ao segundo dia achou que assentára praça de galgo; porque nem cama, nem vianda se usava naquella casa; e por isso o senhor della era rico;

porque adquiria com unhas de fome o que enthesourava. Succedeu um dia, que indo o novo pagem comprar uma moeda de rabãos para a cea de todos, encontrou uma grande procissão de religiosos e clerigos, que levavam a enterrar um defunto, e de traz da tumba se ia carpindo a mulher e lamentando sua desgraça, e ouviu que dizia entre lagrimas e suspiros: aonde vos levam meu mal logrado? Á casa onde se não come nem bebe, nem tereis cama mais que a terra fria! Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como um raio fugindo, trancou as portas, e disse espavorido a seu amo: Senhor ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá um homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidas que a nossa casa é egreja. Bem sei, disse o moço, que esta casa não tem egreja mais que o adro, que é v. m. ao meio dia; e por isso entrei em suspeitas, se viriam cá enterrar aquelle finado: e confirmei-me de todo, porque a gente que o traz, vem dizendo, que o levam á casa onde se não come, nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem, e que fiz bem de fechar as portas, pois assás bastam os defuntos, que cá jazemos mortos de fome, que é peior que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que coisa são unhas de fome, que poupando furtam á boca, á saude e á vida, o que lhes é devido; e assim chamamos unhas de fome a uns que tudo escondem, e que tudo guardam, sem sabermos para quando, e é certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que sáia á luz o que reservam: e quando vos dão alguma coisa, é sempre o peior, e o que não presta, ou de modo que melhor fôra não vos darem nada. São estes como a rapoza de Hisopete que banqueteou a cegonha com papas estendidas sobre uma lagem, para que as não pudesse tomar com o bico. E se me perguntardes, onde está aqui o furto, que parece o não ha em guardar cada um o que é seu, e em poupar até o alheio? Respondo, que o caro é barato, e o barato é caro. Direis que tóa isto a desproposito: mas eu não vi coisa mais certa, se a intenderdes, como a intendo; e já me não haveis de intender, se me não declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia

vêmos em provimentos de náus da India, e de galeões e navios que manda el-rei nosso senhor ao Brazil, Angola, e outras partes: proveem-se de chacinas podres, bacalháu corrupto, biscouto mascavado, vinho azedo, azeite borra; porque acham tudo isto assim mais barato na compra: e sáe-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os passageiros, morre a ametade, malogra-se a viagem, perde-se tudo; porque foram providos com unhas de fome: e por pouparem o que se furta, fizeram com que o barato custasse caro a todos.

Segundo exemplo seja do que succede nas armadas: manda-as sua magestade prover para tres mezes com liberalidade real: encolhem os provedores as mãos para encher as unhas, e dão provimento para tres semanas: eis que na segunda semana já falta a agua, e na terceira já não ha pão. Tornam-se a recolher sem obrarem o a que iam, e por milagre chegam cá com vida. Eis-aqui que coisa são unhas de fome, que por matarem a sua poem em desesperação a alheia. Os provimentos reaes, como os de toda a casa bem governada, devem ser como os de Deus, que sempre nos dá remedios superabundantes. Não devem ir as coisas tão guisadas, nem tão cerceadas, que nada sobeje: o que sobeja no prato, é o que satisfaz mais que o que se come. Tres açoutes tem Deus, com que castiga o mundo, e o primeiro é fome: açoutar quer nossa monarchia, quem mette em suas forças fome. Nada poupa quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que não quizestes dar ao gato. Perdem-se immensos thesouros de gloria, e interesse nos commercios do mar e nas victorias da campanha, por falta do provimento liberal e conveniente. Deus nos livre da ganancia que nos occasiona tão grandes perdas.

Tambem roubam com unhas de fome, os que por forrarem de gastos, aguarentam os ordenados, privilegios e favores aos ministros e officiaes d'el-rei ou das republicas. Nos marinheiros das náus da India temos bom exemplo. Concede-lhes o regimento antigo trinta mil réis de praça, um logar na náu capaz de sua pessoa e fato, quatro fardos de canela livres e sem taxa, para que engodados com estes interesses e liberdades, abracem o trabalho

que é desmedido. Vem o regimento moderno, aguarenta-lhes tudo a titulo de poupar á fazenda real: e segue-se d'ahi não haver quem queira arriscar sua vida por tão pouco, e irem forçados, e por isso negligentes em tudo. Nem ha para que buscar outra causa de se perderem tantas náus de poucos annos a esta parte. As náus no mar são como os carros, que caminham carregados por terra: se teem quem os guie, e governe com cuidado e sciencia, escapam de atoleiros e barrancos, onde se fazem em pedaços, se os deixam metter nelles. Como não hão de dar as náus á costa, e em baixos, se os que as guiam e governam, vão descontentes e ignorantes? Vão descontentes, porque vão forçados, e vão forçados, porque não vão bem remunerados: e d'aqui vem serem ignorantes; porque ninguem estuda, nem toma bem a arte de que não espera maior proveito: e assim nos vem a custar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaram ruinas, onde armaram interesses.

Aqui me vem a curiosidade de perguntar qual é a razão, porque nenhuma náu, nem galeão nosso, ou vá de viagem ou de armada, nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da linha, nem para as feridas de uma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Uma de duas: ou é ignorancia, ou escaceza: ignorancia não creio que seja; porque não ha quem não saiba que se adoece no mar, mais e mais gravemente que em terra: é logo escaceza, por não gastarem dois ou tres mil cruzados nos aprestos para a saude e vida dos passageiros e soldados, sem os quaes se perde tudo; perde-se a gente, que é o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das inundações do mar, e violencias dos inimigos. Muita vantagem nos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemos boticas e aprestos muitas vezes para curar doentes e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós escassamente levamos um barbeiro, nem um ovo para uma estopada.

CAPITULO XLII.

Dos que furtam com unhas fartas.

A rapoza, quando saltêa um galinheiro faminta, ceva-se bem nos primeiros dois pares de galinhas que mata; e como se vê farta, degola as demais, e vae-lhes lambendo o sangue por acipipe. Isto mesmo succede aos que furtam com unhas fartas, que não param nos roubos, por se verem cheios, antes então fazem maior carniceria no sangue alheio: são como as sanguexugas, que chupam até que arrebentam. Andam sempre doentes de hydropisia as unhas destes: então teem maior sede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos e repimpados á custa alheia, que não contentes, da mesma fortuna fazem razão do estado, para sustentarem faustos superfluos, engolfando-se mais para isso nas pilhagens, para luzirem desperdiçando; porque só no que desperdiçam acham gosto e honra: chamara-lhe eu descredito e amargura de consciencia, se elles a tiveram.

Olhem para mim todos os ministros d'el-rei, que hontem andavam a pé, e hoje a cavallo: estejam-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e respondam-me a ellas, se souberem; e se não souberem, eu responderei por elles. Se os officios de vossas mercês dão de si até poderem andar em um macho, ou em uma faca, quando muito, e suas mulheres em uma cadeira; como andam vossas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a sua meza se servia muito bem com pratos, saleiro e jarro de loiça pintada de Lisboa, como se serve agora com baixelas de prato, salvas de bastiões, confeiteiras de relevo? Não me dirão de donde lhes vieram tantas colgaduras de damasco e tela, tantos bofetes guarnecidos, escriptorios marchetados, com pontas de abada em cima? Deram de fartos em fome canina? Já que lhes não dá do que dirá a gente, não me dirão, onde acharam estes thesouros, sem irem á India; ou que arte tiveram para medrarem tanto em tão pouco tempo, para que os desculpemos ao menos com a visinhança? Já o sei, sem que me digam: houveram-se como a ra-

poza no galinheiro, em que entraram: cevaram-se não só no necessario, senão tambem no superfluo. Não se contentam com se verem fartos e cheios, como esponjas, querem engordar com acipipes: e por isso lançam o pé além da mão, e estendem a mão até o céu, e as unhas até o inferno, e mettem tudo a saco, quando o ensacam: e são como o fogo, que a nada diz, basta. E se querem saber a causa de suas demazias, leam com attenção o capitulo que se segue.

CAPITULO XLIII.

Dos que furtam com unhas mimosas.

Assim como ha unhas fartas, tambem as ha mimosas, que são suas filhas, e por isso peiores, por mal disciplinadas, porque para regalarem a seus donos furtam mais do necessario. Furtar o necessario quando a necessidade é extrema, dizem os theologos, que não é peccado; porque então tudo é commum, e não ha meu, nem teu, quando se tracta da conservação das vidas, que perecem por falta do que hão mister para se sustentarem: mas furtar o superfluo para amimar o corpo e regalar a alma, é caso digno de reprehensão: ainda mal que succede muitas vezes. Como agora: Ponhamos exemplos, porque exemplos declaram muito. É certo que a qualquer ministro d'el-rei basta o ordenado que tem com as gages licitas do officio para passar honestamente, conforme a seu estado. Pois se lhe basta um vestido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe sobeja um gibão de tafetá, para que o faz de tela, quando el-rei o traz de olandilha? Para que rasga ollanda, onde basta linho? Para que come galinhas e perdizes e tem viveiro de rolas, se póde passar com vacca e carneiro? Para que despende em doces e conservas o que bastava para cazar muitas orphãs; bastando passas e queijo para assentar o esto-

mago, sem lhe causar as azias que padece pelos muitos guizados que não póde digerir? Para que são tantas mostras do reino e de Canarias, bastando uma de Caparica ou de mais perto? Por verdade affirmo que vi em casa de um nesta côrte mais de quinze frasqueiras, e não era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para alliviar a cabeça, que melhor se alliviaria, não lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos são estes, e que não podem estar sem empolgar as unhas na fazenda que lhes corre pela mão, e por isso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras nò tiene, y cabritos viende donde le vienen?* Meu irmão ministro, ou official, ou quem quer que sois: se vossa casa hontem era de esgrimidor, como a vemos hoje á guiza de principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubis e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras são estas que vos vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, etc. Eu não sou bruxo, nem adevinho; mas atrevo-me sem lançar peneira affirmar que vossas unhas vos grangearam todos esses regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas com que se hão de recambiar no outro mundo; porque é certo que vós os não lavrastes, nem os roçastes, nem vos nasceram em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem vol-o deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem se segue que os furtastes; e vós sabeis o como, e eu tambem: e para que outros o saibam, vol-o direi, porque estou certo o não haveis de confessar, mas que vos deem tratos.

Entregaram-vos o livro das despezas e receitas reaes, enxiristes-lhe uma folha portatil no principio, outra no meio, outra no cabo: acabou-se a lenda; levantastes as folhas com quanto nellas se continha, que eram partidas de muitos contos; e ficastes livre das contas, e encarregado nos furtos, que só no dia do juiso restituireis; porque ainda que vos vendaes em vida, não ha em vós substancia, porque a esperdiçastes; nem vontade, porque a não tendes, para vos descarregar de tão grande pezo. Por esta, e outras artes de não menor porte, que deixo, fazem seu negocio as unhas mimosas; e tudo lhes é necessario para manterem jogo a

seus appetites; e não houvera melhor Flandres, se o bicho da consciencia as não roera. Um licenciado destes, picado do escrupulo, correu quantos mosteiros ha em Lisboa antigamente buscando um confessor que o absolvesse; e a razão que dava para ser absoluto era, que não tinha mais que duzentos mil réis de ordenado e gages, e que havia mister mais de quinhentos mil para governar sua casa; e que não havia de ser contente el-rei, que a sua familia perecesse. Respondiam-lhe todos (porque todos estudavam pelos mesmos livros) é verdade que não quer sua magestade que seus criados morram de fome; mas tambem é verdade que não quer que o roubem: e se esse officio não vos abrange, moderae os gastos, ou largae-o, que não faltará quem o sirva com o que elle dá, de si sem esses furtos: sois obrigado a restituir quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o supplicante, allegando que era muito o que estava comido e bebido, e que não havia posses para tanto: mal mudarei de estylo, dizia elle, até agora tomava a el-rei diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras; d'aqui por diante accrescentarei tudo, e sairá das partes cabedal com que satisfaça, já que não ha outro remedio: e como as partes são muitas, e de mim desconhecidas, tomarei a bulla da composição d'aqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas não faltou quem o advertisse, que não vale a tal bulla a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaria tudo aguarentando os mimos e regalos em que dissipava tudo.

CAPITULO XLIV.

Dos que furtam com unhas desnecessarias.

Escusadas são no mundo quantas unhas ha que o arranham com ladroices, e por isso bem desnecessarias todas. Mas este capitulo não as comprehende todas; porque só tracta das superfluidades que destroem as republicas, peior que ladrões as bolsas

a que dão caça. E bem puderamos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invenções, e costumes de vestidos, que se vão introduzindo cada dia de novo, esponjas do nosso dinheiro, que o chupam e levam para as nações estranhas, que como a bugios nos enganam com as suas invenções: cada dia nos veem com novas côres, e teceduras de lã e seda, que na sua terra custam pouco mais de nada, e cá nol-as vendem a pezo de oiro: e como o que vem de longe, sempre nos parece melhor, e o que nos nasce em casa não agrada; desprezamos os nossos pannos e sedas, que sempre se fizeram no reino com melhoria. Insania marcada e politica errada foi sempre antepôr o alheio ao proprio com dispendio da commodidade. Haverá quarenta annos que Castella lançou uma pragmatica com graves penas, que ninguem vestisse seda se não fosse fidalgo de bastante renda: e attentava nisto, ao que hoje se não attenta, que não gastassem superfluamente os vassallos, furtando á boca e aos filhos, e á republica, o que punham em luzimentos desnecessarios. Queixam-se hoje, que não teem para pagar as decimas com que el-rei lhes defende as vidas; e nós vemos que lhes sobeja para gastarem no que lhes não é necessario para a vida. Apodam este tempo com o antigo: chamam ao passado idade de oiro, e ao presente seculo de ferro: e nós sabemos, que quem então tinha um anel de oiro com um par de colheres e garfos de prata, achava que possuia muito. Então mandava el-rei D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da rainha á cidade de Miranda quando se murava, dizendo: não parem as obras por falta de dinheiro, empenhem-se essas arrecadas, que custaram cinco mil réis, ou vendam-se, e vão os muros por diante, que logo irá mais soccorro. Estes eram os thesouros antigos! E hoje não ha mecanico que não tenha cadêas de oiro, transelins de pedraria, e baixellas de prata. Não tornou o tempo para traz; mas a cobiça é a que vae adiante pondo em coisas superfluas e particulares o que houvera de empregar no augmento do bem commum e defensa da patria.

Esta é a opinião de muitos politicos estadistas, que não sabem adquirir augmentos para o commum sem minguas dos particulares. A minha opinião é que todos luzam, porque a oppulencia dos

trajes ennobrece as nações, e causa veneração nos estrangeiros, e terror nos adversarios: pelos trajes se regula a nobreza de cada um, e naturalmente desprezamos o mal vestido, e guardamos respeito ao bem ataviado: e quasi que isto é fé: pelo menos assim o diz Santiago na sua Canonica, ainda que reprehende aos que desprezam os pobres; porque ás vezes: *Sub sordido pallio latet sapientia.* O luzimento com moderação é digno de louvor; o superfluo com prodigalidade é o que taxamos. Dou-lhe que não valha nada esta invectiva: façamos outra, que por ventura valerá menos na opinião dos poderosos, que ella ha de ferir de meio a meio. É certo que se gasta neste reino todos os annos das rendas reaes quasi um milhão, ou o que se acha na verdade, em salarios de officiaes e ministros que assistem ao governo da justiça e meneio das coisas pertencentes á corôa: e é mais que certo, que com a ametade dos taes ministros, e póde bem ser que com a terça parte delles, se daria melhor expediente a tudo; porque nem sempre muitos alentam mais a empreza, e se ella se póde effectuar com poucos, a multidão só serve de enleio. Se basta um provedor em cada provincia, para que são cinco ou seis? Se basta um corregedor para vinte legoas de districto, para que são tantos quantos vemos? Tantos escrivães, meirinhos e alcaides, em cada cidade, em cada villa e aldêa, de que servem, se basta um para escrevinhar e meirinhar este mundo e mais o outro? Este alvitre se deu ao rei de Castella não ha muitos annos, e não pegou, póde bem ser que por ser bom para nós. Se esmarmos bem as rendas reaes das provincias, e as discutirmos, acharemos que lá ficam todas pelas unhas destes galfarros despendidas em salarios e pitanças. Entremos nas sete casas desta côrte, mas que seja na alfandega e casa da India, acharemos tantos officiaes e ministros, que não ha quem se possa revolver com elles; e todos teem ordenados, e todos são tão necessarios, que menos póde ser fizessem melhor tudo. A um mister de Lisboa ouvi dizer, que bastavam na camara tres vereadores, e que tinha sete; e que fôra melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras; e accrescentava: para que são na meza do paço oito ou dez desembargadores, se bastam quatro ou cinco? Na casa de supplicação, para que

são vinte ou trinta, bastando meia duzia? E em todos esses tribunaes para que são tantos conselheiros, que se estorvam uns aos outros? Engordam particulares com salarios, e emmagrecem as rendas reaes no commum, e não ha por isso melhores expedientes: muita coisa phantastica se sustenta mais por uso que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse Apelles ao sapateiro que lhe emendava o vestido e roupagem de um retrato: *Ne sutor ultra crepidam*. Quem te mette, João Topete, com bicos de canivete? Que muitas vezes nos mettemos a emendar o que não intendemos. E em tribunaes maiores, que constam de ancianidade, tem muitas licenças e privilegios a velhice, que ha mister ajudada e alentada, e por isso se permittem mais ministros, e maiores ajudas de custo. Deus nos livre de ministros que antes de lhes chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem e sem trabalharem.

As guerras de Flandres estiveram muitos annos de quedo sustentando exercitos grossissimos com immensos gastos, e soldados de cabos, que os comiam com uma mão sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque d'alli viviam. Das galés que o estreito de Gibraltar nunca viu, e das de Portugal, que não existem, se estão vencendo praças, que pagam as rendas ecclesiasticas; e ninguem repara nisto, porque se reparam com esses lucros os que houveram de zelar estas perdas. Chegaram os motins de Flandres um dia a estado que se haviam de concluir com uma batalha, em que metteram os levantados o resto. Entraram em conselhos os castelhanos, e saiu por voto de todos que pelejassem, porque estavam de melhor e maior partido. Advertiu-os o presidente, que ficavam todos sem rendas, e sem remedio de vida, se as guerras se acabavam: e retractaram-se todos, mandando dizer aos adversarios, que guardassem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deus não succeda isto mesmo cada dia entre nós nas occasiões que se offerecem opportunas, para concluirmos com guerras; porque uma boa lança o cão do moinho, e quando vem a occasião, deixam-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha que os sustenta.

CAPITULO XLV.

Dos que furtam com unhas domesticas.

João Eusebio, escriptor insigne, e auctor eruditissimo da companhia de Jesus, refere na sua philosophia natural, que ha no mundo novo umas plantas que poderam ser como cá melões, cujos fructos são viventes, e imitam a especie de borregos ou cabritos: estes em quanto verdes estão amortecidos, e vão crescendo com o suco da planta: como amadurecem, levantam-se vivos, e comem a herva circumvisinha, até que se despedem da vide em que nasceram; e se os não vigiam, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanham, e tudo é pouco para a fome com que sáem da prizão materna, e vem a ser o que diz o proverbio: *Criae o corvo, e tirar-vos-ha o olho.* Taes são as unhas domesticas, que não contentes com o que lhes daes, e basta, querem dominar tudo quanto encontram na casa em que as admittistes, e tudo é pouco para sua cobiça e voracidade. Criados e escravos a seus senhores, filhos a seus paes, e mulheres a seus maridos, e tambem aos que o não são, não ha duvida que furtam muito, e por mil maneiras, e que são estas verdadeiramente unhas domesticas, porque de portas a dentro vivem e fazem suas pilhagens muito a seu salvo; os criados subindo o preço no que seus amos lhes mandam comprar; os filhos desfructando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus paes; e as mulheres escorchando os escriptorios com chaves falsas. Déra eu de conselho aos amos, paes, e maridos, que sejam mais liberaes, para que de sua escaceza não resultem perdas maiores que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas não são estas as unhas domesticas que a mim me cançam; porque o que estas pescam, pela maior parte n'a mesma casa fica, e em coisas usuaes se gasta. As que me tocam no vivo, declararei com uma resposta que dei a um velho astuto que me fez esta pergunta.

Folgára saber, dizia o bom velho, mais sagaz que zeloso, que coisa é um rei dando audiencia publica? Devia de querer que

lhe respondesse, que era um pae da patria que se expunha a todos para os amparar e remediar como a filhos; e fazer-me desta resposta alguma invectiva para seu interesse: mas eu furtei-lhe a agoa ao intento, e respondi-lhe: Um rei dando audiencia a seus vassallos debaixo do seu docel é o martyr S. Vicente, nosso padroeiro, posto no eculeo, cercado de algozes, que o estão desfazendo com pentens de ferro, e unha de aço; porque todas quantas petições lhe apresentam, são garavatos e ganchos, que armam a lhe derriçar a substancia da corôa: e é coisa certa, que nenhum lhe vae levar coisa de seu proveito, e que todos lhe vão pedir o que hão mister, allegando serviços como criados, e merecimentos como filhos; e que el-rei é pelicano, que com o sangue do peito os ha de manter a todos: sem attentarem, que padece o rei e o reino maiores necessidades que elles, e que se deve acudir primeiro ao commum, que ao particular. E atrevo-me a chamar a estas pretenções furtos domesticos neste tempo em que devêramos vender as capas para comprar espadas, como disse Christo a seus discipulos, e não despir ao reino até a camiza. O nosso reino é pequeno, e assim tem poucas datas: e é muito fertil de sugeitos e talentos; e por isso não ha nelle para todos: mas tem as conquistas do mundo todo, aonde os manda ser senhores do melhor dellas, para que venham ricos de merecimentos e gloria, com que comprem as honras e melhores postos da patria: e pretendel-os por outra via será furto domestico notorio e digno de castigo.

Senhores pretendentes: levem d'aqui este desengano — que o rei que Deus nos deu, é de cera, e é de ferro: é de cera para nós, e é de ferro para si, e para nossos inimigos: é de cera para nós pela brandura e clemencia com que nos tracta; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má resposta, nem nos seus olhos máu semblante: exercita naturalmente o conselho que Trajano guardou por arte, com que se conservou e fez o melhor imperador — que nunca nenhum vassallo se apartou delle desconsolado, nem descontente. É de ferro para si; bem vemos como se tracta. E tambem o é para nossos inimigos com valor mais invencivel que o aço; e para sustentar o impeto adversario necessita que o

ajudemos com nossas forças; e será muito estolido, quem neste tempo tractar de lhe diminuir as suas. O dinheiro é o nervo da guerra, e onde este falta arrisca-se a victoria, e o prol do bem commum, de que é bem se tracte primeiro que do particular, que totalmente se perde, quando se não assegura o commum: e para que a nós, e a nada se não falte, é bem que nós não faltemos da nossa parte, contentando-nos com o que o tempo dá de si, e com a esperança certa da prosperidade, que é infallivel depois da fortuna aspera, beatificando com excesso, o que malogra na adversidade.

E para todos os reis me seja licito pôr aqui tambem uma advertencia — que não sejam tanto de cera, que se deixem imprimir; não tanto de ferro, que não se possam dobrar: não se deixem imprimir de conselhos peregrinos: não se deixem dobrar a exacções rigorosas; porque estas recompensam-se com furtos domesticos, lima surda dos bens da coroa; e aquelles teem por alvo lucros particulares com detrimentos communs. O dictame e accordo de um rei val mais que mil alheios: não reprovo conselhos, anteponho o do rei a todos, porque é menos arriscado a erros: esta resolução para mim é evidente, não só pela experiencia, mas tambem pela certeza que nos assegura o commum dos santos e theologos — que os reis teem dois anjos da guarda, um que os guarda, outro que os ensina; e por isso são mais illustrados que todos seus conselheiros. D'onde quando as opiniões se baralham, o mais seguro é seguir o discurso do rei, se não fôr intimado por outrem que rei não seja. E assim pedirão os reis o que lhes é necessario, e não tomarão o que lhes é superfluo: darão a seus vassallos o que merecem, e não o que lhes não é devido; e em nenhum haverá occasião de se recompensar com furtos domesticos.

CAPITULO XLVI.

Dos que furtam com unhas mentirosas.

Pessoas ha que teem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamam mentiras: mas não são estas as unhas mentirosas, que mais teem de pretas, que de candidas; e furtam de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testimunhas sejam os que com certidões falsas pedem mercês a sua magestade, allegando serviços que nunca fizeram, e dando testimunhas que tal não viram: e porque ha nisto muitos enganos, não me espanto da exacção com que similhantes papeis se examinam, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha que levam as mercês com serviços equivocos; que teem dois rostos, como Jano, com um olho para Portugal, com outro para Castella. Jogam com páu de dois bicos: contemporizam com el-rei D. João, e fazem obras que lhes podem servir de desculpa com el-rei D. Filippe: cá teem um pé, e lá outro; cá o corpo, e lá o coração. E por vida d'el-rei meu senhor, que se fôra possivel ao doutor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente em quantos escriptorios e algibeiras ha nestes reinos, que houvera de achar em mais de quatro, cartazes castelhanos que promettem titulos e commendas, a quem der ordem com que se baralhem as coisas; isto é, que sáiam as náus tarde, que não haja galés, que se malogrem armadas e frotas, que se desfaça a bolça, que não se façam cavallos, nem infantes, que não se paguem estes, nem dêem cevada a aquelles, que não se criem potros, que não se peleje nas occasiões de urgencia, que não se fortifiquem as praças, que se alterem as decimas, que se gaste o dinheiro em coisas superfluas e phantasticas; e, em conclusão, que não se paguem serviços. E quando praticam ou votam estas coisas, o fazem com taes tintas e destrezas, que fazem crêr sesta por balhesta aos mais accordados. E tudo lhes perdoára, porque no cabo não me enganam, se no fim não quizeram que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios escuros que com seus embustes nos causam.

Outros ha, que, com serem muitos leaes, furtam a trecho com unhas mentirosas, porque á força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercê, o que puderamos reprehender de grande calaçaria: sem sairem da côrte, nem de suas casas e quintas, empolgam nos premios de campanha, levam ás barretadas o que se designou para as lançadas, e não se correm de tomarem com mãos lavadas o que só parece bem em mãos que se ensoparam no sangue inimigo: cheios como colmeas, ao perto, se estão rindo dos que por servirem longe estão vazios. Falta a estes senhores a generosidade que sobejou ao serenissimo duque D. Theodosio, dignissimo progenitor de nosso invictissimo rei D. João o IV de gloriosa memoria, o qual convidado por el-rei Filippe III de Castella, quando veio a Portugal na era de 620, que lhe pedisse mercês, respondeu palavras dignas de cedro e de laminas de oiro: « Vossos e nossos avós encheram nossa casa de tantas mercês, que não me deixaram logar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercês, e ricos só de merecimentos, em quem vossa magestade póde empregar sua real magnificencia. » Este grande heroe, apurando assim verdades notorias, ensinou harpias domesticas, que acabem já de ser sanguexugas de oiro, esponjas de honra, cameleõs fingidos, e Proteus falsos.

Outros ha, que, seguindo outra marcha, empolgam effectivamente com mentiras em grandes montes de dinheiro, que usurpam a seu rei e á sua patria: por taes tenho os que vencem praças mortas sem aleijões nem merecimentos: os que fingem praças phantasticas, que teem na lista, e nunca existiram no terço: os que embolçam os salarios de soldados e officiaes defuntos e ausentes: na ilha da Madeira vi dois meninos, que nos braços venciam praças de capitães: os que dizem que trazem nas fabricas dos galeões e das forticações duzentos obreiros, trazendo só cento e cincoenta. Os que vão para a India, a quem el-rei paga tres ou quatro criados, para que ostentem auctoridade em seu serviço, e vão sem elles, servindo-se dos marinheiros e soldados; e assim comem os ordenados dos criados, que não levam: os que introduzem officios com ordenados sem ordem d'el-rei, e fintam os

subditos com qualquer achaque, para coisas que não se obram. Todos estes, e muitos outros, que não relatö, são milhafres de unhas mentirosas. Mas os maiores de todos, a meu vêr, são os que tractam em escravos.

Este ponto de escravaria é o mais arriscado que ha em todas nossas conquistas: e para que todos o intendam. havemos de presuppôr, que o natural dos homens é que todos sejam livres, e só podem ser escravos por dois principios: Primeiro, de delicto: segundo, de nascimento. Por delicto são verdadeiros escravos nossos os moiros que captivamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os christãos que tomam. E os negros teem entre si leis justas com que se governam, por virtude das quaes commutam em captiveiro o castigo dos crimes que mereciam morte; e tambem os que tomam em suas guerras, aos quaes podem tirar a vida. Por nascimento só podem ser captivos descendentes de escravas, mas não de escravos, pela regra: *Partus sequitur ventrem.* Posta esta doutrina, que é verdadeira, vão portuguezes a Guiné, Angola, Cafraria e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto. E para estas emprezas teem homens ladinos, que chamam *pombeiros*, e os negros lhes chamam *tangomaos;* estes levam trapos, ferramentas, e bugiarias, que dão por elles, e os trazem nús e amarrados, sem mais prova de seu captiveiro, que a de lh'os vender e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente: e succede muitas vezes fugir um negro da corrente aos portuguezes, ir-se aos mattos, e apanhar ao mesmo que o vendeu, e leval-o a outros mercadores, que lh'o compram a titulo de escravo seu por nascimento. Outros os teem em carceres, como em açougues, para os irem comendo: e estes para se livrarem da morte injusta, rogam aos portuguezes quando lá chegam, que os comprem, e que querem ser seus escravos antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que é senhor de sua liberdade, comtudo tem sua raiz na violencia, que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem escravos com melhor consciencia, se vestiram em habitos de padres da companhia, dos quaes não fogem os negros pela experiencia que

teem de sua muita caridade, e enganando-os assim com capa de doutrina, e pretexto de religião, os trazem e mettem na rede do captiveiro. E, em conclusão, todo o trato compra de negros é materia escrupulosa por mil enganos de que usam, assim os que lá os vendem, como os que os compram.

Que direi dos chins e japões? Ha lei entre nós que não os captivemos; e comtudo vemos em Portugal muitos chins e japões escravos. Tambem para os Brazis ha a mesma lei, e sabemos que não se repara em os captivar. E não sei que diga a estes captiveiros tolerados sem exame! Direi o que ouvi prégar muitas vezes a varões doutos, e de grande virtude e experiencia — que a razão porque Portugal esteve captivo sessenta annos em poder de Castella injustamente, padecendo extorções e tyrannias, peiores que as que se usam com escravos, foi porque injustamente portuguezes captivam nações innocentes. Justo juiso de Deus, que sejam saqueados com unhas mentirosas, os que com as mesmas roubam tanto!

CAPITULO XLVII.

Dos que furtam com unhas verdadeiras.

Se ellas são unhas, verdadeiras unhas devem ser; e assim não haverá unha que não seja unha verdadeira, e todas pertencerão a este capitulo. Nego-vos essa consequencia, porque uma coisa é ser verdadeira unha, e outra coisa é ser unha verdadeira. Verdadeira unha é qualquer unha; mas unha verdadeira é só a que tracta verdade, e destas só tracta este capitulo; e parece muito que haja unhas que fallando verdade furtem, porque onde ha furto ha engano, que a verdade não permitte: mas essa é a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana e estafa. Vem um pretendente á côrte com dois ou tres negocios de summa importancia, porque quer lhe dêem uma commenda por ser-

viços de seus avós; e pelos de seu pae quer lhe dêem uma tença grossa para sua mãe, que está viuva; e quer por contrapezo sobre tudo isto, que lhe dê sua magestade para duas irmãs dois logares em um mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias por onde ha requerer; informa-se das valias dos ministros, corre-os todos com memoriaes. Um lhe diz, que traz sua mercê requerimentos para tres annos: e falla verdade; mas que forrará tempo, se souber contentar os ministros: e falla verdade. Outro lhe diz, que se não vem armado de paciencia, e provido de dinheiro pára gastar, que se póde tornar por onde veio porque nada ha de effectuar: e falla verdade; mas que elle sabe um cano occulto por onde se alcançam as coisas: e falla verdade: e se v. m. me peitar, logo lhe abrirei caminho, por onde navegue vento em popa: e falla verdade. Outro lhe diz: senhor, isto de memoriaes é tempo perdido, porque ninguem os vê: e falla verdade: tracte v. m. de coisas que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio; porque os sinos de Santo Antão por dar dão; e assim o diz o evangelho: *Date, et dabitur vobis:* e falla verdade. A mulher de fulano póde muito com seu marido, e este com tal ministro, e este com tal prelado, e este com fulano, e fulano com sicrano, que tem grandes entradas e saidas: e assim tece uma cadeia, que nem com vintem de oiro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E passa assim na verdade, que bate todas essas moitas, de casa em casa, sem lhe bastar quanto dinheiro se bate na casa da moeda. Contarei um caso que me veio ás mãos ha poucos dias, e apoia tudo isto bellamente. Veio um pretendente da Beira requerer um officio, se não era beneficio; trouxe duzentos mil réis, que julgou lhe bastava para seus gastos: despendeu-os em peitas, errou as poldras a todos como bisonho, e achou-se em branco, e sem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páus em outra occasião. Para achar esta com bom successo, tornou á patria, fallou com duas irmãs que tinha, desta maneira: irmãs, e senhoras minhas, haveis de saber que venho da côrte tão cortado, que lá me fica tudo, e só esperanças trago de alcançar alguma coisa: se vós quizerdes que vendamos o meu patrimonio, e as vossas legitimas, e que façamos

de tudo até mil cruzados, tenho por certo hão de obrar mais que os duzentos mil réis, que se me foram por entre os dedos. Aqui não ha senão fechar os olhos, e lançar o resto, e morrer com capuz, ou jantar com charamelas. Vieram as irmãs em tudo: deu comsigo em Lisboa com os mil cruzados á destra, e lançou-os em um cano de agoa clara, que lhe tirou a limpo sua pretenção, com este presupposto: se v. m. me alcançar um officio ou beneficio, que renda duzentos mil réis, dar-lhe-hei trezentos para umas meias, sem que haja outra coisa de permeio. Ajustaram suas promessas, de parte a parte, com as cautélas costumadas de assignados de dividas e emprestimos: tudo foi uma pura verdade, e todos ficaram ricos empregando unhas verdadeiras; um nas datas d'el-rei, e outro nas do pretendente, que foi brindar o jantar de suas irmãs com charamelas.

Nos advogados e julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque não se póde presumir que minta gente douta, e que professa justiça e razão. O que me admira é que tomem dois advogados uma demanda entre mãos, e entre dentes; uma para a defender, e outro para a impugnar; este pelo auctor, e aquelle pelo réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que teem justiça. Como póde ser, se se contractariam, e um diz que sim, e outro que não? Necessariamente um delles ha de mentir, porque a verdade consiste em indivisivel, como diz o philosopho. Com tudo isso ambos fallam verdade; porque cada um diz á sua parte que tem justiça, isto é, que terá sentença por si, se quizerem os julgadores: e falla verdade. Dada a sentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-se que lhe roubaram a justiça: melhor dissera que lhe roubaram as peitas, pois de nada lhe serviram. Respondem os juizes, que deram a sentença assim como a julgaram: e fallam verdade. Diz o advogado da parte vencida, que não andou diligente de pés nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade se encheram de alviçaras, donativos, e esportulas: e estas são as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras que todas, e são as dos que agenceiam, e defendem causas reaes. Deve el-rei quinze mil cruzados

a uma parte por uma via, e deve por outra a mesma parte cinco mil a sua magestade: citam-se e demandam-se por seus procuradores em juiso competente; e sáe logo sentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a sua magestade. Replíca, que se paguem os cinco mil dos quinze que lhe deve a corôa, e que lhe dêem os dez que restam, ou, pelo menos, ametade. Tornam a sentencear, que pague os cinco, como está mandado, e que demande de novo a corôa pelos quinze, que diz lhe deve, e senão, que o executem até lhe venderem a camiza, se não tiver por onde pague; e que el-rei ha mister o que se lhe deve: e assim é na verdade. E tambem é verdade, que quebra a corda pelo mais fraco. E segue-se deste lanço, e de outros similhantes, que não conto, abrirem-se uma e mil portas francas, por onde entram unhas verdadeiras na fazenda real, recompensando-se para remirem sua vexação. E quando não encontram cabedal da corôa, em que se empreguem, descarregam-se no fôro da consciencia com outros acredores, a quem devem; e dizem-se uns aos outros: senhor, vós deveis a el-rei quinze mil cruzados, de que elle não sabe parte, e por isso nunca vos ha de demandar por delles: el-rei deve-me a mim outros quinze, como muito bem sabeis: eu devo-vos a vós outros tantos: tomae-me por paga os que me deve sua magestade, e assim ficareis desobrigado a lhe restituir o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E assim passa na verdade, de que succede isto cada dia com grandissimo detrimento da fazenda real, onde seus ministros negando saidas para pagar, abrem entradas a estas unhas para a destruir.

CAPITULO XLVIII.

Dos que furtam com unhas vagarosas.

A maxima desta arte é, que todo o ladrão seja diligente e apressado, para que o não apanhem com o furto na mão. Com

tudo isso, ha unhas que em serem vagarosas teem a maxima de seu proveito: são como o fogo lento, que por isso menos se sente, e melhor se ateia. Qual é a razão porque arribam náus da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual é a razão porque partem tarde? Porque as aviam de vagar? Porque em quanto se aprestam, teem unhas vagarosas em que empolgar. Mas deixando o mar, onde posso temer alguma tempestade, saltemos em terra, e seja á vélo, e com vigia, porque tambem acharemos pégos sem fundo nesta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque não são bons de vadear. Deus me guie, e me defenda.

Que coisas são as demoras de um ministro que não despacha? São despertadores continuos, de que lhe deis alguma coisa, e logo vos despachará. E porque o tal é pessoa grave, e que se peja de aceitar á escancara donativos, remette-vos ao seu official, quando aperteis muito com elle; e o official traz-vos arrastado um mez, e dois mezes, e ás vezes seis com escusa ordinaria, que não acha os papeis, porque são muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encommendeis a Santo Antonio: e a verdade é que os tem na algibeira, e de reserva, esperando que acabeis já de lhe dar alguma coisa. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeínha que lhe offerecestes; daes um diamante de vinte e quatro quilates ao sobredito, e dá-vos logo os papeis pespontados de vinte e quatro alfinetes, como vós quereis: e o menos que vos roubou com seus vagares foi o diamante; porque sendo obrigado a despachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gastos excessivos fóra de vossa casa, onde tambem perdestes muito com tão dilatada ausencia. Em Italia ha costume e lei que sustente a justiça os prezos, em quanto estiverem na cadêa: e é bom remedio para que lhes apressem as causas. Em Portugal ainda a justiça não abriu os olhos nisto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; se acertam de ser miseraveis, como ordinariamente são quasi todos, na prizão perecem sem cama e sem mantimento, porque a Misericordia não abrange a tantas obrigações da justiça, que as podem temperar todas só com lhe apressar as causas. Se houvera lei

que pagassem os ministros as demoras culpaveis, póde ser que elles e os seus officiaes andassem mais diligentes.

Ministros ha incorruptos, e que fazem sua obrigação nesta parte, e até nestes fazem seu officio unhas vagarosas. Explico este ponto com um caso notavel. Importava a uma parte, que se detivesse o seu feito um anno nas mãos de Rodamanto, em cuja casa nunca nenhum feito dormiu duas noites: armou-lhe por conselho de um rabula esperto com outro feito, que comprou na confeitaria, muito grande—pezava mais de uma arroba—e atou sobre elle o seu, que era pequeno, e deu com elles, como se fôra um só, em casa do julgador, o qual em vendo a machina esmoreceu, e mandou-a pôr de reserva para as ferias, com um letreiro em cima, que assim o declarava. A outra parte requeria fortemente, que não tinha o feito que vêr, e que em um quarto de hora o podia despachar: agastava-se o desembargador com tanta importunação, e ameaçava o requerente, que o mandaria metter no Limoeiro, se mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia mister mais de um mez de estudo, e que por isso o tinha guardado para as ferias: chegaram estas d'ahi a um anno, viu o feito, descobriu-se a maranha do parto supposto, e alcançou o grande mal que tinha feito á parte com as detenças que pudéra evitar, se desatára o envoltorio. O que neste passo estranho o mais que tudo, é soffrerem-se neste reino letrados procuradores, os quaes se gabam, que farão dilatar uma demanda vinte annos, se lhes pagarem. O premio que taes letras mereciam, era o de duas letras: L e F, impressas nas costas, e não lhe esperarem mais, para o que ellas significam.

De Campo-Maior veio um fidalgo requerer serviços a esta côrte; aconselhou-se com um religioso letrado sobre o modo que havia de seguir, e communicou-lhe tudo. Perguntou-lhe o servo de Deus, que cabedal trazia para os gastos? Respondeu, que um cavallo, e dois homens de serviço, e oitenta mil réis, que fez de um olival que vendeu. Traz v. m. provimento para oitenta dias, quando muito, lhe disse o religioso, visto trazer tantas bocas comsigo: e só para entabolar suas pretenções ha mister mais de trezentos dias: e se o não sabe, dir-lh'o-hei: ha v. m. de fazer uma

petição, que ha de gastar mais de oito dias, aconselhando-se com letrados: segue-se logo esperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e nisto ha de gastar outros oito, se não forem quinze. Sua magestade no mesmo dia em que lhe dão as petições, logo lhes manda dar expediente; mas não sáem na lista senão d'alli a seis ou sete dias, que v. m. ha de gastar espreitando na sala dos tudescos, para vêr aonde o remettem. Acha que ao conselho da fazenda. Corre logo os secretarios, e seus officiaes, gasta dez ou doze dias, perguntando-lhes pelos seus papeis; até que apparecem onde menos o cuidava. Busca valias para os conselheiros, e gasta outros tantos em alcançar as entradas com elles; e no cabo dam-lhe por despacho, que requeira no conselho de guerra; e é o mesmo que gastar outra quarentena, até haver o primeiro despacho; que é: *Justifique:* e em justificar suas certidões gasta muitos dias, e não poucos reaes. Torna o justificado, e tornam a rebatel-o com *vista ao procurador da corôa*, ou da fazenda, que ordinariamente responde contra os pretendentes, porque esse é o seu officio: e com este despacho, máu ou bom, tornam os papeis á meza d'ahi a muitos dias: e gastam-se logo mais que muitos na fabrica da consulta, porque se passam ás vezes semanas, sem haver conselho de guerra. Feita a consulta, *a Dios que te la depare buena*, sóbe a sua magestade, ou, para melhor dizer, a outros secretarios, os quaes a deteem lá quanto tempo querem, e o ordinario é dois e tres mezes; e se passa de seis, é necessario reformar outra vez tudo; e é o mesmo que tornar a começar do principio: e isto succede sem culpa muitas vezes; porque estão lá outros papeis diante, que por irem primeiro, teem direito para o tempo, e por serem muitos, o gastam todo. Desceu por fim de contas a consulta despachada, com parte do que v. m. pedia, ou com tudo: é vista no conselho de guerra com os vagares costumados, e d'ahi a tempos remettem a execução della á meza da fazenda, onde se movem novas duvidas; e a bom livrar, quando o alvará sáe feito d'ahi a um mez, para ir assignar por sua magestade, negoceou v. m. muito bem. Torna assignado d'ahi a dois mezes, lança-se nos registros, e delles vae correr as sete estações de chancellarias, mercês, direitos novos e velhos, ou meias natas, etc. E tendo

dito a vossa mercê o que ha, ou ha de passar, ainda lhe não disse tudo: mas se o quizer saber mais de raiz, falle com pessoas que ha nesta côrte, de tres, de cinco, e de oito annos de requerimentos, e ellas lhe dirão o como isto pica. A resposta que o fidalgo deu ao religioso, foi, que se ficasse embora, que se tornava para Campo Maior.

Alguns requerentes ha tão pouco considerados, que attribuem estes vagares á pessoa do rei, como se os reis tiveram corpo reproduzido e de bronze, que pudesse assistir a todos os negocios, em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes religiosos teem seu dia de sueto cada semana, e suas horas de descanço entre dia, para que se não rompa o arco, se estiver sempre entezado com a corda do rigor: e d'el-rei nosso senhor sabemos, que não dorme entre dia, nem joga, nem gasta o tempo em coisas superfluas; e se algum entretenimento tem, é muito licito, e só lhe dá as horas que furta do descanço que lhe era devido; e o mais todo o gasta no expediente das guerras, e em compor as tormentas de negocios innumeraveis, sem admittir regalos, nem ostentações de festas, que o divirtam. Cada um quer que se lhe assista ao seu negocio, como se outro não houvera; e d'aqui nascem as queixas que por isso são muito desarrazoadas. Da villa de Goes veio a esta côrte certo homem de bem com uma appellação em caso crime: e no primeiro dia em que lhe deu principio, passando pelo terreiro do paço, viu uma mó de homens; chegou-se a elles, e perguntou-lhes, se estavam fallando sobre o seu pleito? Responderam-lhe, que o não conheciam, nem sabiam que pleito era o seu. Pois em Goes (acudiu elle) não se falla em outra coisa. Assim passa, que cada um cuida que só delle, e no seu negocio se deve fallar. Senhores requerentes, levem d'aqui averiguado este ponto, para saberem de quem se hão de queixar: que os negocios são muitos, e que na mão de sua magestade não fazem detença: vejam lá onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, se querem que ande; e com isso serão apressadas unhas vagarosas, e ainda com isso duvido se serão diligentes; porque póde acontecer, o que Deus não queira, ou não permitta, que haja secretario, ou official, ou conselheiro, que não despache cada dia

mais que sete ou oito papeis, accrescentando-lhe cada dia quinze ou vinte de novo. E se isto assim fôr, já não me espanto dos montes de papeladas que vejo por essas officinas, nem das queixas que oiço por essas ruas. Trabalhem os officiaes e ministros, que bons ordenados comem, e não dêem com o seu descanço trabalho a tanta gente. De um me contaram, que tendo seiscentos mil réis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para officiaes, nunca teve mais que um, a quem dava cincoenta mil réis, e mamava os cento e cincoenta para si, e por isso não se dava expediente a nada.

CAPITULO XLIX.

Dos que furtam com unhas apressadas.

Para intelligencia deste capitulo contarei a historia que aconteceu a um fidalgo portuguez com certa dama do paço na côrte de Madrid. Foi elle, como iam todos, requerer seus despachos, e levou para elles e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou um anno requerendo sem effeituar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vae, lá irá quanto Martha fiou, e ficarei sem o que espero e sem o que tenho. Bom remedio, busquemos unhas apressadas, já que não me ajudam unhas vagarosas. Informou-se que dama havia no paço mais bem vista das magestades; e como as de Castella são de poucas ceremonias, facilmente fallou com ella, e disse-lhe claramente, que tinha tres mil cruzados de seu, e que daria dois a sua senhoria, se lhe fizesse despachar logo uma commenda por grandes serviços que offerecia. *Dè acà sus papeles, señor mio,* lhe disse a dama, *y buelvase a ver commigo d'aqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra quando estoy triste.* Contou as horas o bom fidalgo até o termo peremptorio, e voltou pontualmente

com os dois mil em dobrões, e achou a dama com o despacho nas mãos, sem lhe faltar uma cifra; e pondo-lhe nellas o promettido recebeu o que não houvera de alcançar por outra via. E estas são as unhas apressadas de que fallo, e destas ha muitas.

Outro portuguez, soldado da India, na mesma côrte gastou annos allegando innumeraveis serviços, para o despacharem com um pedaço de pão honrado para a velhice. Vendo que se lhe goravam suas pretenções pelas vias ordinarias, tractou de se ajudar de unhas apressadas, que é o ultimo remedio, ou, para melhor dizer, o primeiro, em quem tracta de remir sua vexação; e achou-as com pouco dispendio do seu cabedal, que era já bem limitado no pincel do melhor pintor de Madrid: mandou-se retratar muito ao vivo quasi morto, com quantas feridas tinha recebido no serviço d'el-rei, que passavam de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offensivas com que os inimigos o feriram, que por serem diversas, faziam com o sangue um espectaculo horrendo no retrato. Na cabeça tinha uma alabarda, no rosto dois piques, e nos braços quatro frechas, que lh'os atravessavam; sobre a mão esquerda um alfange, que lh'a decepava; e de uma parte e outra dois bacamartes e um mosquete vomitando fogo e mandando balas aos pares, que lhe rompiam o peito: uma perna de todo quebrada com uma roqueira, e dez ou doze punhaes e espadas pelo corpo todo, que o faziam um crivo. Com esta pintura, e seus papeis, se apresentou diante d'el-rei Filippe em audiencia publica, e desenrolando-a lhe disse em alta voz: senhor, eu sou o que mostra este retrato: nestes papeis authenticos trago provas de como recebi todas estas feridas no serviço da côroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago escripta em meu corpo que vossa magestade póde mandar vêr, e achará que em tudo fallo verdade. Seja vossa magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços e merecimentos. Enterneceu-se o rei, pasmaram os circumstantes, e saiu logo d'alli despachado o pretendente com uma commenda grande, a que poz embargos a inveja e lh'a fez commutar em outra pequena; porque não era fidalgo, ou porque não encheu unhas apressadas, que tudo alcançam ou tudo estorvam.

Acabo este capitulo com um exemplo da nossa côrte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da casa da supplicação está uma argola, em que um rei nosso mandou enforcar um desembargador, porque aceitou uma bolça de dobrões, que uma velha lhe offereceu para lhe favorecer e apressar certa causa de importancia, que lhe movia uma parte rija. Foi o rei em pessoa á relação para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e não se saiu d'alli sem o deixar colgado. Louvo a reprehensão: não approvo o rigor. Antes sou de opinião, que não devem ser enforcados homens portuguezes: e porque não tenha alguem esta conclusão por inutil, seja-me licito proval-a aqui com o apostrophe seguinte.

Em Roma havia lei, que nenhum romano fosse açoitado; porque se tinham todos por muito nobres, ou porque a infamia acanha os espiritos bellicos, que os romanos queriam nos seus sempre vigorosos. Portuguezes são a gente mais nobre do mundo por seu valor e por seus illustres feitos e heroicas emprezas; e quando mereçam morte por delictos, tem Portugal conquistas, aonde os póde mandar por toda a vida, que é um genero de morte mais penoso, que o de forca; porque esta acaba-se em uma hora, e aquella dura muitos annos, com trabalhos peiores de soffrer que a mesma morte. Costumavam os nossos reis antigos mandar aos condemnados á morte, que lhe fossem descobrir terras; e se morriam na empreza, empregavam bem a vida, e se escapavam, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos valentes por quasi nada, tenho grande lastima, porque me parece que fôra melhor mandal-os á India ou á Africa. Custa muito um homem a crear, e é muito facil emendar-se de um erro. Se Deus castigára logo quantos o offendem mortalmente, já não houvera gente no mundo, e ha desembargadores que dão sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua mão estivera, despovoariam o reino. Vi um padre da companhia de Jesus propôr uns embargos, para livrar um pobrete da forca: fallava com um destes ministros, que era o relator, na escada da relação; e allegava-lhe, que o réo não peccara mortalmente no homicidio, porquanto fôra *motus primo primus*, e em sua justa defeza, e que tinha sua

mercê naquella razão, de que pegar para favorecer a misericordia. Perguntou-lhe o desembargador muito sabio, se era theologo? Respondeu o padre muito modesto, que sim. Pois é theologo (disse o desembargador já picado) e allega-me que póde um homem matar outro sem peccar mortalmente? O padre lhe instou muito sereno: v. m. vae agora matar um homem, porque vae sentencear este á morte, e cuida que vae fazer um acto de virtude; e o algoz que o ha de enforcar, não tem necessidade de se confessar disso: um bebado, um doido, e um colerico matam vinte homens, e não peccam; logo bem digo eu, que póde um homem matar outro sem peccar. Não soube o senhor doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opinião, sem querer amainar da sua teima. Eis-aqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutelo destes sabios, porque não teem quem acuda por elles, nem cabedal para lhes modificar a penna, que é a sua espada, e ás vezes unha. Nem me digam zelosos, que convem castigar-se tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhes direi, que o seu zelo, quando mais se refina, é como o do outro de quem disse o poeta: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas:* e ainda mal que tantos exemplos vemos em que se cumpre ao pé da letra o que disse o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi.* E vêm a ser o que nós chamamos — justiça de Guimarães. Não nego que ha crimes que se devem castigar com morte a fogo e ferro, quaes são os de *læsæ majestatis divinæ, et humanæ.* E em taes casos é bem que mostrem os reis com o ultimo supplicio o poder que Deus lhes deu até sobre os sacerdotes. E porque a praxe desta doutrina pareceu em algum tempo escandalosa, no que toca aos sacerdotes, é bem que a declaremos: e quem a quizer intender bem, lêa o capitulo que se segue.

CAPITULO L.

Mostra-se qual é a jurisdicção que os reis teem sobre os sacerdotes.

É o sacerdocio isento da jurisdicção dos leigos, por direito divino e humano. E com isto está, que ha muitos casos em que os ecclesiasticos ficam sujeitos ás leis civis, como os seculares: e para melhor intelligencia desta verdade, havemos de presuppôr, que este mundo é como o corpo humano, que não se póde governar sem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epist. 4: *Ductores sequuntur suos: in apibus principes sunt: grues unum sequuntur ordine literato:* Os grous seguem um que os guia; as abelhas teem uma que as governa: e todos os animaes reconhecem dominio em outros. Os homens levados deste dictame da natureza, que é lei muito forçosa, para não serem mais estolidos que os brutos, fizeram reis, e escolheram magistrados, a quem se submetteram, para serem regidos. Deus no principio creou o homem livre, e tão livre que a nenhum concedeu dominio sobre outro: e até Adão, cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves e peixes o fez senhor. Mas a todos juntos em communidade deu poder para se governarem com as leis da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como senhores cada um de sua liberdade, bem a podiam sujeitar a um só que escolhessem, para serem melhor governados com o cuidado de um, sem se cançarem outros. E a este escolhido pela communidade dá Deus o poder, porque o deu á communidade, e transferindo-o esta em um, de Deus fica sendo. E neste sentido se verificam as escripturas, que dizem que Deus faz os reis, e lhes dá o poder. E se alguem cuidar que só de Deus e não do povo recebem os reis o poder, advirta que esse é o erro com que se perdeu Inglaterra, e abriu a porta ás heresias, com que se fez papa o rei, admittindo que recebia os poderes immediatamente de Deus, como os summos pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul, escolhido por Deus para rei; porque o poder e a acclamação do povo o rece-

beu, e Deus não fez mais que escolhel-o e apresentar-lh'o como digno da corôa. E advirtam tambem os povos, que por fazerem o rei, e lhe darem o poder, não lhes fica livre o revogar-lh'o, nem limitar-lh'o; porque a lei da verdadeira justiça ensina que os pactos legitimos se devem guardar, e que as doações absolutas valiosas não se podem revogar.

Desta potestade livre e legitima dos povos, para fazerem rei, nasce poderem ser muitos os reis, assim como as nações o são; e não ser necessario que seja um só para toda a christandade, ainda que seja uma em sua cabeça espiritual. E tambem se colhe que o papa não é senhor temporal de tudo; porque Christo só o poder espiritual lhe deu, e o temporal só os povos lh'o podiam dar, e consta que não lh'o deram. Postas assim estas duas potestades, secular e ecclesiastica, derivadas de seus principios, como temos dito, para chegarmos ao nosso ponto, de qual é o poder que os reis teem sobre os sacerdotes, é necessario averiguarmos as potestades que ha no sacerdocio, para assim conhecermos por onde póde o rei entrar na jurisdicção ecclesiastica.

Ha no sacerdocio duas potestades, uma que se chama das ordens, e outra da jurisdicção. A das ordens, de Christo a recebem, e só para o culto divino e administração dos sacramentos, e esta claro está que não tem logar nella os reis. A da jurisdicção se distingue em duas, uma para o fôro interno, e outra para o externo. A do fôro interno tambem é notorio que não póde pertencer aos reis. A externa tem outras duas, uma espiritual, e outra temporal, e são distinctas como o céu e a terra; porque uma é terrena, e outra celestial. A espiritual, de Christo procede, que a communicou só aos sacerdotes, e nunca houve rei temporal catholico, que presumisse tal potestade. A temporal ha duvida, de d'onde, e como procede — se de Christo, se dos homens? E ainda se divide em duas; uma que domina os bens dos ecclesiasticos, e outra que se estende ás pessoas dos mesmos. E sobre estas duas é a nossa questão, se as teem os reis de alguma maneira sobre os sacerdotes e ecclesiasticos.

Que fossem os ecclesiasticos isentos do fôro secular por Christo immediatamente, é questão controversa: que o direito

canonico, e os summos pontifices os eximam, é certo: e d'aqui bem podemos dizer que Christo os exime, porque os papas os eximem com o poder que receberam de Christo. E d'aqui se colhe conclusão certissima, que não poderão nunca ser privados deste privilegio sem consentimento do summo pontifice, que o concedeu; assim porque legitimamente o podia conceder, como tambem porque os imperadores e principes catholicos o admittiram. E desta mesma isenção se colhe, que podem ser sujeitos aos reis e magistrados seculares nos casos que permittirem os summos pontifices, que os eximiram; porque a isenção não lhes vem das ordens, como se vê nos clerigos casados, que não gosam o privilegio do fôro ecclesiastico, porque os papas lh'o tiraram. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razões e occasiões, que habilitam os reis para procederem contra os ecclesiasticos: as principaes são: costume, concordia, privilegio, justa defensão. Costume; porque este tolerado pelos papas tem força de lei. E assim vemos os clerigos sujeitos ás leis civis que olham pelo bem commum, como as que taxam os preços das coisas, as que irritam contractos, as que prohibem armas, etc. Concordia; porque quando consentem o ecclesiastico e o secular em uma coisa, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razão porque em França são julgados os ecclesiasticos, assim como os leigos, no juiso secular em causas civeis e crimes; e neste reino podem ser auctores, ainda que não possam réos. Privilegios; porque se o papa o conceder nos casos que póde, é valioso, como se vê nos feudos, cujas causas se demandam sempre no juiso secular, e nos bens da corôa, quando se dão a clerigo com tal obrigação; moeda falsa e crime *læsæ majestatis* tem em alguns reinos o mesmo privilegio. Justa defensão; porque *Vi vim repellere licet.* E para defender um rei sua pessoa e a seus vassallos innocentes, pódê proceder contra a violencia dos ecclesiasticos. E esta é a razão porque vimos neste reino muitos ecclesiasticos, assim clerigos, como religiosos, e tambem bispos, prezos e confiscados, por conspirarem contra a pessoa real e bem commum de todo o reino: e no tal caso, por todos os principios de necessidade, costume, concordata, privilegio e justa defensão, foi tudo licito e bem

obrado, ainda que de outro principio não constasse, mais que do da justa defensão: e assás moderado, e modesto andou el-rei nosso senhor em não fazer mais que retel-os prezos, para assim reprimir sua audacia e força.

Tudo o que tenho dito neste capitulo, é a doutrina mais verdadeira que ha nestas materias: e se algum admittir outra contraria a esta, arriscar-se-ha a cair nos precipicios em que se despenharam muitos hereges. E baste isto para desenganarmos a piedade superticiosa de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as coisas á carga cerrada, appellidam em suas consciencias zelos phantasticos, com que se inquietam sem fundamento; e vamos por diante com as unhas de que nos divertimos.

CAPITULO LI.

Dos que furtam com unhas insensiveis.

Do aspide escrevem os naturaes, que morde e mata com tanta suavidade, que não se sente; e por isso Cleopatra escolheu esta morte, enfadada da vida, pelo repudio de Marco Antonio. Taes são as unhas insensiveis: tiram a vida aos reinos mais robustos, e esgotam a alma aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade que não se sente o damno, senão quando está tudo morto. Estas são as unhas dos estadistas, alvitristas, aspides do inferno, que persuadem aos reis com razões suaves e sophisticas, que lancem fintas, que ponham tributos, que peçam donativos aos povos sem mais necessidade que a de sua cobiça. Digo que são suaves as razões que dão, porque não ha coisa mais suave que recolher dinheiro; e digo que são sophisticas, porque as vestem de apparencias do zelo do bem commum, e na realidade são cutelos que degolam as republicas. Declaro isto com um discurso, ou consequencia, que vi fazer ao diabo: caso é que me passou pela mão haverá vinte annos: Navegamos de Lisboa para a ilha da Ma-

deira, quando de repente entrou o demonio no corpo de um marinheiro natural de Setubal, grande palreiro: dez ou doze homens muito valentes não bastavam a o ter mão, até que acodiu um sacerdote religioso, que com os exorcismos o subjugou. Muitas perguntas lhe fizeram; a todos deu respostas tão ladino, que bem mostravam sairem de intendimento maior que a rusticidade de um marinheiro. E que fosse espirito máu, mostrou-o bem nas faltas occultas que descobriu a um soldado meio castelhano, que com demasiada fanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apostata, e outros nomes affrontosos, que até o diabo o não soffre; e por isso lhe revidou, pondo-lhe em publico coisas não menos affrontosas que elle tinha obrado em secreto, de que corrido, por não ouvir mais, se retirou. Um dos circumstantes (devia de ser sebastianista) desejoso de saber se era vivo el-rei D. Sebastião, tudo era apertar com o padre exorcista, que lh'o perguntasse. Mas o padre lhe respondeu humilde, que seu officio era apertar seriamente com o espirito maligno, que deixasse aquelle homem, e não fazer perguntas escusadas. O diabo, que nada lhe cáe no chão, acudiu a tudo; e póde ser o faria por divertir os exorcismos: e disse estas palavras formaes: Se vós tendes rei, para que quereis outro rei? Sabeis qual é o verdadeiro rei? É o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo; porque quem o dá é senhor, e quem o toma é ladrão. O rei que faz mercês, corrobora seus vassallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita seus estados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como é isto? É como as fintas com que agora andam, para defender o reino, e erram o meio da melhor defensão, que seria espalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor com que servir. Mais arengas enfiou a esta: tudo deixo, porque o dito basta para o intento.

Bem sei que o diabo é pae da mentira; e tambem sei que o obriga Deus muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens que não merecem melhores mensageiros, como se viu na Pitonisa de Saul, e na que jurou S. Paulo; e a experiencia nos tem mostrado a certeza com que fallou este espirito, pois vimos que os tributos e fintas de Castella, de que até o diabo se queixava então, vieram a ser a unica causa de sua total ruina. Suave e in-

sensivelmente foi desfrutando todo o pingue de seus reinos; e por isso os acha agora tão debilitados, que não se podem sustentar a si, nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte ou trinta milhões que gastou nas superfluidades do galinheiro, ou se os deixára estar nas mãos de seus vassallos, outro galo lhe cantára, e não os achára todos galinhas, quando lhe servia serem leões; titulo e nomeada de que se prezam.

Conforme a isto, não foi pequeno indice de perpetuidade a resolução generosa com que el-rei D. João o IV, nosso senhor, que Deus guarde e prospere, mandou levantar todos os tributos que Castella nos tinha posto, tanto que tomou posse pacifica destes seus reinos de Portugal. Nem se condemnam com isto as decimas que poz para a defensão de sua monarchia; porque é tributo que Deus approva, e a lei divina pede a todos os fieis, para a conservação e augmento da egreja catholica: taes são os dizimos de todos os fructos temporaes. O que se estranha e deve reprehender e castigar em exacção tão justa, é o rigor e desaforo com que alguns ministros vexam as partes, e executando-as por pouco mais de nada, até nos gibões que trazem vestidos as pobres mulheres, e até nas enxadas com que ganham seu sustento os pobres maridos, e até na pobre manta com que se cobrem, porque não acham outra coisa. E destas violencias fazem serviço para serem despachados com maiores officios, devendo ser castigados severamente; porque no mesmo tempo dissimularam com decimas de ricos e poderosos, taes que a unica de qualquer delles faria quantia maior que a de todos os pobres, que esfolaram: e porque se não dá fé disto, chamo tambem a isto unhas insensiveis, assim porque o não adverte quem o devêra emendar, como porque o não sente quem se deixa ficar com a contribuição, que por abranger a todos, o não desobriga na consciencia; porque logra o bem que da contribuição dos outros resulta, e sem sentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas insensiveis nas armadas que se aprestam, e sáem por essa barra fóra: todo o tempo que se deteem no rio, que ordinariamente é muito, e é um perpetuo cano por onde desagua, e desova todo o provi-

mento á formiga, por tantas mãos dobradas, quantos são os soldados, officiaes e passageiros, que continuamente estão a mandar para terra pelos filhos, parentes e amigos, que os visitam todos os dias, os lenços e sacos de biscoutos, que ao pé do paço d'el-rei se está vendendo; as chacinas e frascos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murrão, cartuxos de polvora. E se algum nota algum lanço destes, respondem rindo: Rica é a ordem: isto não é nada. É verdade que nada é um lenço de biscouto, e quasi nada um saco delle, mas tantos mil vem a ser muito. Bom fôra porem-se guardas, quando sáem, assim como se poem quando veem aos navios de carga, pois mais vae a sua magestade em assegurar sua fazenda, que a alheia, e não sejam como um que vendeu por seis mil réis uma amarra d'elrei, que tinha custado setenta mil; que assim guardam elles o que lhes mandam vigiar.

CAPITULO LII.

Dos que furtam com unhas que não se sentem ao perto, e arranham muito ao longe.

Quem bem considerar a monstruosa fabrica do galinheiro de Madrid, que no capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamaram — Bom Retiro — para lhe emendarem o primeiro nome que merecia; achará nelle um espelho claro deste capitulo; porque é certo se gastaram nelle mais de vinte milhões, que, com pedidos, fintas e tributos, foram roubando aos poucos que então o não sentiam, porque lhes iam dando os xaques aos poucos, e á formiga: até que veio o tempo a dar volta, convertendo-lhe a bella paz em feroz guerra, para a qual acharam menos os milhões que tinha devorado o galinheiro como milho: e se os tiveram de reserva, não lhes cantaram tantos galos contrarios no poleiro. É coisa muito ordinaria não se sentirem damnos ordinarios, que parecem

leves, se não quando de pancada chega depois delles á ruina, como na casa, que se vae calando, pouco e pouco, com a goteira.

Na villa de Monte-mór o Novo conheci um juiz de fóra, bom letrado, que deu em um modo de furtar, qual estou certo não achou em Bartholo, nem Acursio. De toda a carne que se comia em sua casa, apartava os ossos, e os tornava ao açougue, mandando de potencia absoluta, como juiz que era, que lhe déssem outra tanta carne por elles, allegando que não comprava ossos, nem era cão para os comer. O marchante os foi ajuntando, e no cabo do triennio tinha uma meda delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na residencia, allegando a perda que lhe dera na sua fazenda, ainda que a não sentira ao perto, por ser aos poucos, que vinha a ser muito consideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o syndicante razão, e fez-lhe justiça, mandando que o juiz pagasse logo o preço de outra tanta carne, como pezavam os ossos; e deu-lhe um boleo na bolça muito bastante, e outro no credito que perdeu, em fórma que nunca mais entrou no serviço d'el-rei, até que morreu em Evora viuvo. Ambos, juiz e marchante, se arranharam no fim das contas asperamente, ainda que o não sentiram no principio: mas foi com differença, que o marchante achou cura para as suas entranhas, e o juiz não achou remedio, e peiorou do mal até morrer.

Nas armadas e frotas desta coroa succedem casos notaveis de grandissimas perdas, por furtarem ou pouparem ninherias. Parece que não vae nada em prover de vasilhas, para os soldados tomarem suas rações de agua e mantimentos; e segue-se d'ahi, que por não terem em que guardem a agua, quando se reparte, hão de bebel-a, ou vertel-a a deshoras: comem depois o toucinho salgado, e mal assado em espeto, que fazem dos arcos das pipas, e ficam estalando á sede. No biscouto ha tambem mil erros, por falta de industria, ou sobeja malicia: a cama é a que acham pelas taboas ou calabres do navio; e como a vida humana depende de todos estes abrigos, e elles são taes, adoecem todos, e morrem aos centos, e sente-se no fim da jornada o mal grande que se urdiu no principio com faltas leves, e faceis de remediar na primeira

fonte. Sepulta e sorve o mar, o que com uma bochecha de agua se pudéra salvar.

Nos exercitos e campanhas se experimenta o mesmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de polvora, se perdem victorias; e por não metterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, se recolhem sem concluirem a empreza, que era de mais ganho e proveito, que o que se poupa na reserva. Lá chorou o outro, que por poupar um cravo de uma ferradura, perdeu uma gloriosa victoria, e foi assim, que por falta do cravo caiu a ferradura, e por falta desta mancou o cavallo, e faltou o capitão que ia nelle, em seu officio, e faltou logo o governo, e perdeu-se tudo. Em uma viagem que fiz por esses mares, foi tal a injuria no provimento, que por não comprarem pipas novas, fizeram aguada em umas que tinham servido de chacinas e salmoiras: e a graça é que allegam ser melhor a agua de pipas velhas: e era tal a destas, que fôra melhor beber a do mar. Seguiu-se desta bolada tão judiciosa, que esteve toda a gente do navio arriscada a morrer de sede, se Deus nos não levára em breves dias a parte onde tivemos agua e refrescos, com que emendámos erros de unhas, que, não se sentindo ao perto, arranham muito ao longe.

Tomára aqui todos os reis e principes do mundo, para lhes dar este aviso de summa importancia — que façam muito caso do que parece pouco, quando é repetido; porque de muitos grãos se faz um grande monte. Parece que não é nada um desabrimento hoje, e outro ámanhã: parece ninheria negar uma mercê a este, que a pede por serviços, e uma esmola áquelle, que a pede por necessidade: e vem-se a conglobar de muitas repulsas um motim de desconsolados, que se acham menos na occasião de prestimo: e o peior de tudo é que estes corrompem outros, e os damnam com suas queixas, e vae muito em correr linguagem de *bom principe temos*, ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigação. A obrigação do principe é luctar com este gigante, que é o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Proteo, e Achelóo, que se transforme em leão, e em cordeiro; que se vista umas vezes das propriedades de fogo, e outra das de agua. Socega-se este mundo bem com uma po-

litica a que os prudentes chamam sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderão ter; e pouca vista é necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, não póde nascer bom fructo, e que uma pequena faisca despresada póde causar grandes incendios; e assim succede, que o que não se sente ao perto, damna muito ao longe.

CAPITULO LIII.

Dos que furtam com unhas visiveis.

Rara é a unha, ou nenhuma, que não procure fazer-se invisivel, para que não a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas que por mais invisiveis que se façam, sempre se manifestam em seus effeitos; tanto, que por mais luvas de saidas e escusas que lhes calceis, não póde o juiso aquietar-se, e está sempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba*. Aqui ha harpias. Entrei hoje em casa de um homem que conheci hontem pagem çafado de um ministro oppulento: vejo-lhe colgaduras e quadros, escriptorios, e cadeiras, bugios ás janellas, e papagaios em gaiolas de marfim, espelhos de crystal na sala, relogios de madre perola, e outras alfaias, que as não teem taes o rei da China: e fico pasmado sem saber quem me diga a isto! E digo cá commigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viende, de donde le viene?* Este homem não foi á India, nem achou thesouro, porque se o achára, el-rei havia levar pelo menos a ametade delle. Isto é thesouro encantado: e se quereis que vol-o descante, direi o que dizem todos: que este homem é um grandissimo ladrão, perdoe-me sua ausencia: e isso está assás provado e manifesto nestes effeitos: nem é mister mais devassa.

Em minha casa estou eu trancado, porque quem não se tranca

no dia de hoje, não vive seguro: e estou tirando devassas, que taes as soubera tirar a justiça d'el-rei, que deve de andar dormindo, pois não dá fé do que olhos fechados e trancados vêem. Vejo que anda a cavallo com dois lacaios, aquelle ministro que não tem de ordenado mais que oitenta mil réis: sei que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil réis. Elles não trazem navios no mar, nem teem bens patrimoniaes na terra; nem os pavões de Juno em casa, que lhes ponham ovos de oiro! Pois que é isto? São unhas visiveis, e bem se mostram em estes effeitos, e em outros que cal-o de tafularias, amisades, etc. Um molde de como isto se obra visivelmente, porei aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India: despachava-se a fazenda de um passageiro, e vieram a juiso tres ou quatro escriptorios bem enfardelados com seus coiros e lonas, porque o mereciam, e debaixo destas capas, para virem mais bem acondicionados, traziam varios godrins muito bons, que os estofavam e eram de preço. Ha um regimento naquelle despacho, que fiquem as capas dos fardos que se abrem, para os officiaes que assistem a estas vestorias: abriram os escriptorios até á ultima gaveta, e dados por livres, lançaram mãos dos godrins chamando-lhes capas, e com elles se ficaram, que bem valiam vinte mil réis. Levantando mil falsos testimunhos ao regimento, que na verdade só as capas de coiro e lona lhes concede, e não o mais, que vem registrado como fazenda.

Em villa Viçosa conheci um criado da grande e real casa de Bragança, que gastava os dias e as noites em continuas queixas de não lhe mandar pagar o serenissimo senhor duque D. Theodosio seus ordenados: e chegaram a tanto as queixas, que se foi valer do confessor, para que puzesse a sua excellencia em escrupulo aquelle ponto, com todas as razões de sua justiça. Assim o fez o reverendo padre confessor: e o duque prudentissimo, com o animo real e grandioso, de que Deus o dotou, lhe respondeu: Não sei se sabeis vós que esse fidalgo entrou no serviço desta casa sem trazer de seu mais que uma capa de baeta, e hoje anda em coche, e sua mulher e filhos vestem galas e comem tão bem

como os que se sustentam da nossa meza. Perguntae-lhe vós, se lhe faltou depois que nos serve, algum dia alguma coisa? E dizei-lhe que assás mercê lhe fazemos em não mandar ao nosso desembargo que lhe tome contas, e examine as superfluidades de sua casa, e de seu tracto; porque se puxarmos por isso, é de temer que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eis-aqui como se fazem visiveis as unhas em seus effeitos, por mais que se escondam.

Mais claramente se fizeram em Evora as unhas invisiveis de certos ladrões, que ha mais de vinte e cinco annos deram de noite no mosteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no claustro tinha depositado um maltez dez ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriram as portas subtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para não fazerem estrondo: tambem levaram farellos para menearem a moeda, sem chocalhada. Deram nos caixões da pecunia, encheram alcofas e sacos, sua boca, sua medida, até mais não quererem, ou não poderem levar para suas casas, onde começaram a lograr os frutos de sua diligencia, mas tão incautos, que, sendo trabalhadores de enxada, já não iam puxar por ella no serviço das vinhas, como costumavam. Nem fôra isto bastante para os descobrir a grande diligencia com que a justiça por todas as partes batia as moitas. Até que em uma sexta feira notou um argueireiro na praça do peixe, que um destes comprava solho para jantar a tostão o arratel, costumando a passar com sardinhas. Deu assopro ao juiz de fóra, que lhe deu em casa de repente, e com poucos furões descobriu a caça, e achou a mina de donde saíam os gastos que o fizeram manifesto, com prova bastante para o pôr no potro, onde chorou seu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos sobre as portas da cidade fazendo suas unhas ainda mais manifestas.

CAPITULO LIV.

Dos que furtam com unhas invisiveis.

Tela prævisa minus nocent, diz o proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, é grande bem para escapar delle: mas o raio, que não se vê, a bala, que não se enxerga senão quando vos sentis ferido, são males irremediaveis: e taes são as unhas invisiveis em suas rapinas. E passa assim na verdade, que não damos fé dellas, senão quando sentimos seus damnos. Raro é o ladrão, se não é de estrada, que não trate de esconder as unhas e fazer-se invisivel, quando furta: e por esta via podem pertencer a este capitulo quasi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o assalto ainda mais invisivel, pondo-vos á vista o harpeo, com que vos esfolam, sem dardes fé delle.

Abroquelem-se os mecanicos, que começa esta bateria por elles. Vende-vos um çapateiro um par de obra por boa e legitima, e com tal lhe talha o preço, que vós desembolçaes muito contente, e elle agarra pouco escrupuloso: d'ahi a dois dias arrebentam as costuras, porque o canamo do fio era podre, ou singelo, devendo ser são e dobrado: vistes as entresolas, que eram de pedaços, devendo ser inteiras, e os contrafortes de badana, que deveram ser de cordovão, ou vaqueta. E tudo fez invisivel a destreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deus e em sua consciencia. Vende-vos um alfayate o vestido feito, ou faz-vos o que lhe mandastes talhar: mette lã por algodão nos acolchoados, trapos por hollanda nos entreforros, linhas nos pespontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas costuras; e paga-se como se tudo fôra direito como uma linha, e tem para si, que nada fica a dever, porque de nada déstes fé, senão quando se foi gastando a obra e appareceram estes furtos no vosso negro, a quem déstes o vestido, porque não dizia com vossa pessoa. Um fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neste reino, mandou fazer umas calças altas no tempo que se usavam, e deu para os entreforros dois covados de baeta muito fina; e o

senhor mestre que as talhou e pespontou, tomando a baeta para si, poz-lhe em seu logar um sambenito, por se forrar dos custos que lhe tinha feito, feitas as calças, sem nenhuma suspeita do que levavam dentro, achou o fidalgo, que pezavam muito, e que o aquentavam mais que muito: mandou-as abrir para vêr se tinham chumbo ou fogo dentro, e achou o sambenito de mais, e a sua baeta menos: não conto o mais que succedeu, porque isto basta para se vêr que ha nos alfayates unhas invisiveis.

Os cerieiros, que espalmam cera preta debaixo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mascavado e borras com duas mãos de fino. Os pasteleiros, que picam um gato em meia duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que baptizam o vinho e dão vianda de cabra por carneiro. O tosador, que sem pôr tesoura na peça de vinte-dozeno, vos leva um vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a besta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candêa no emplastro que pede oleo de minhocas na receita. O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra que teceu de duas velhas, que desmanchou. O sombreireiro, que trabalhou lã grossa e podre, debaixo de uma pasta fina, para vender o chapeo como se fôra de castor. O serralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova. O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue com que ligou o douramento, e a pezo de prata a liga e cobre, que misturou na peça. E todos, quantos elles são (que seria muito correl-os todos) tem estas tretas e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubam.

Mas dirá alguem, que tudo isto são ninherias, que não tiram honra, nem desmandam casamento. Seja assim. Vamos avante: *Paulo maiora canamus*. Levantemos de ponto, e venha a juiso gente mais granada, e os que provêem as armadas e frotas d'el-rei nosso senhor, sejam os primeiros. Não teem conto as pipas de vinhos e azeites que nellas arrumam, para provimento e droga: tudo vae fechado cravado o batoque: e se no fim da jornada se acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a linha tem a culpa nas influencias com que corrompe tudo, e o ladrão a desculpa na mão com que gualdripou o que vae de mais a mais entre vinho

e zurrapa, azeite e borra: e fica o salto, que foi invisivel em Lisboa, manifesto além da linha, como Santelmo, que se faz invisivel em tempo sereno, e na tempestade apparece.

Os ladrões nocturnos são ainda mais invisiveis, como aquelle que mudóu um transelim da cabeça de seu dono para outra a que não pertencia; era elle de diamante, e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no oiro, pedras e feitio: e foi o caso, que quando el-rei Filippe III de Castella veio a este reino, lançou o duque de Aveiro esta gala, com que brilhou mais que todos: encheu os olhos de uma ave de rapina, que se fez nocturna para lhe dar caça mais segura: esperou que o duque se recolhesse do paço real alta noite; investiu-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada bastante para ter boa saida o chapeo e peça, que voou pelos ares com seu segundo dono, que ainda não se sabe, se o engoliu a terra, ou se o levaram os ventos; porque se fez logo tão invisivel, como clandestino.

Pela trilha deste se desempenham muitos, a que chamam neste reino capeadores: esperam que anoiteça, fazem-se invisiveis por esses cantos das ruas de melhor passagem: espada e broquel com pistola são os seus fiadores: e em passando coisa que lhes arme, desarmam de repente com uma tempestade de espadeiradas e ameaços de morte: e se lhes resistem, applaca logo tudo a pistola posta nos peitos; e com largar a capa e a bolça, rime sua vexação o passageiro, sem conhecer o auctor da presente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de barato, quando tão caro lhe custa o tornal-a para sua casa illesa. Nas chronicas de Portugal se conta, que houve um rei em Lisboa antigamente, tão solicito de atalhar furtos, que até aos invisiveis dava caça. Deram-lhe aviso os seus espias, que se furtava muito na casa da India e na alfandega, e que de noite se abriam as portas, e levavam fardos de toda a droga com tanta affoiteza que os mariolas da Ribeira eram os portadores allugados. Disfarçou-se o bom rei á guiza destes, e entre elles passou uma noite, e outra, até que chegou a infausta para todos; deixou-se ir ao chamado dos officiaes, que os levaram todos á alfandega; e o seu maior cuidado foi dar tesouradas nas capas de todos sem ser sentido. Fez-se tudo, como os

pilotos da facção mandaram, pagaram seu trabalho aos mariolas, e recolheu-se o rei com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante si todas as justiças, ministros, e officiaes de seu serviço com os mesmos vestidos com que tinham rondado aquella noite: e al não façaes, com pena de morte. E como os mandados dos reis inteiros são leis inviolaveis, assim vieram todos; foi-lhe vendo as capas, e poz de reserva todas as que achou feridas, para pôr a seus donos de dependura. E assim passou o negocio, que com thesouradas invisiveis assegurou thesouros, que unhas invisiveis lhe roubaram.

Nunca faltam aos reis traças e modos para evitar damnos, mas que pareçam irreparaveis por invisiveis. Taes foram os que padeceu a alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos reaes, com um ministro que tirava folhas dos livros do recibo tão subtilmente, que ficava invisivel a falta; mas viram-se logo as sobras dos restos das contas no largo que invidava o resto na casa do jogo: e se soubera fazer invisivel o lucro dos direitos, como fez invisivel o salto com que os roubava, ainda estariam invisiveis as unhas que o levaram á forca: por signal que endoideceu sua mulher: e ainda não se sabe se foi de prazer, por perder o marido, se de pezar, por lhe confiscarem a fazenda. Por tudo seria.

CAPITULO LV.

Dos que furtam com unhas occultas.

Parecerá a alguem este capitulo similhante ao passado das unhas invisiveis, mas elle é muito differente, porque as unhas o são tambem muito entre si, como logo mostrarão os exemplos; e a razão tambem o mostra, porque as invisiveis são as que de nenhuma maneira se podem conhecer no flagrante, e as occultas bem se podem alcançar logo, se fizermos diligencia. Succedeu o

caso, e eu o vi em uma feira de tres que se fazem todos os annos em Villa Viçosa, haverá dezesete annos. Vinha alli muito açafrão de Castella, e não tão caro como hoje val: no primeiro dia não havia achal-o por menos de dois mil réis, e isto em muitas tendas: no segundo dia só um vendedor se achou delle, e dava-o liberalmente a mil e quinhentos réis. Deu isto que cuidar, porque não havendo mais que um mercador de uma droga, a razão pedia que lhe levantasse o preço, mas a sem-razão que elle usava, o ensinou a o abater, para se expedir mais depressa, e pôr-se em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dois mil réis, e a vendeu toda a mil e quinhentos. Assim passa: mas ahi val a unha occulta, que misturou com o açafrão puro, outro tanto pezo de flor de cardo, tinta de amarello, feveras de vacca, areia miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceu a droga outro tanto ou mais: e ainda que lhe abateu a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessando no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em tão grande quantia. E ainda que as partes se acharam no primeiro jantar defraudadas, não foi com tanta pressa, que a não puzessem maior as unhas occultas, em se pôrem em cobro, antes de as fazerem manifestas.

Um segredo natural ha nesta materia de unhas occultas, que succede cada dia, de que só aos confessores se dá parte, e por isso os senhores ficam defraudados nesta parte. Logo me declararei. Ninguem cuide que taxo os confessores de descuidados em mandarem restituir: póde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. É coisa certa, que o pão, quando se recolhe das eiras para os celleiros, que vem secco, e istitico do maior sol que nellas padece: e outro sim é certissimo que os celleiros pela maior parte são humidos: e d'aqui vem que o pão penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira, que está averiguado, que cada dez moios lançam um de crescenças. Entrega el-rei por essas lesirias mil moios de pão a seus almoxarifes no verão, e quando lh'o pede no inverno, é mais que certo que fazem a restituição dos mil moios, e que lhes ficam cem nos cel-

leiros, pela regra infallivel das crescenças que temos dito. O almoxarife, que é bom christão, acha-se enleado: por uma parte o pica a consciencia, vendo em sua casa bens que não herdou; e por outra parte tambem se lhe socega, porque ninguem o demanda por elles, e vê que el-rei está satisfeito. Vae á confissão da quaresma, e diz: Accuso-me que comi cincoenta moios de trigo, que não semeei, nem herdei, nem comprei; e tambem declaro que os não furtei; porque me nasceram em casa dentro em uma tulha, assim como me podia nascer um alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinçado o caso, fica a coisa occulta, e em opinião; e quem a quizer vêr decidida, veja o doutor que já toquei, que eu não professo aqui ensinar casos de consciencia, ainda que sei que a praxe deste está resoluta nos celleiros do estado de Bragança, onde se pedem as crescenças aos almoxarifes.

Mais occultas teem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos theologos. Dei a vender uma pipa de vinagre; e a regateira foi tão ardilosa, que a foi cevando com agua pelo batoque, ao compasso que a ia aquartilhando pela torneira: e aqui está escondido outro segredo natural, que aquella agua botada aos poucos, se vae convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque se destempera; e nesta parte é como o cão damnado, que irritado se azéda mais: e vem a fazer a senhora vendedeira de uma pipa tres ou quatro; e fica-se com o resto, que é mais outro tanto em dobro, e alimpa o escrupulo com lhe chamar fructo de sua industria.

Aqui podem entrar os tafues que jogam com dados falsos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com taes disfarces se manifestam, e fazem sua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vae senhor do jogo, e sabedor da maranha. E nisto não ha opinião que os escuse de furto mais aleivoso, que o do ladrão, que salteia nas estradas. Tambem é occulta a treta de quem põe mal com el-rei, a poder de mexericos, o capitão que vem de além-mar muito rico, para que não lhe dê audiencia, e o traga desfavorecido, até que sollicito busca caminho para se congraçar com seu senhor: e como o de boas informações é o melhor,

tracta de buscar quem lhe desfaça as más, e apoie seu credito: e não falta logo quem lhe diga: senhor, valei-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor saida á vossa pretenção; e póde ser, que vem este mandado pelo mesmo que o poz em desgraça, para o trazer a estes apertos de o buscar com os donativos costumados, que ás vezes passam de vinte caixas de assucar, porque em mais se estima a graça de um principe. E tanto que se alcança este intento das caixas, peças, ou bisalhos, segue-se o segundo, de desfazer a maranha, e abonal-o, até pôr em pés de verdade, restituido a seu primeiro ser e valimento.

CAPITULO LVI.

Dos que furtam com unhas toleradas.

Terrivel ponto, e arriscado, é o que se nos offerece para deslindar neste capitulo, porque parece que offende a justiça e bom governo, dizermos que ha unhas que furtam e se toleram. Males ha necessarios, como diz o proverbio, e que se toleram nas republicas para evitar maiores males. Tal é o de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que se soffrem para divertir as más inclinações, e evitar outros vicios maiores: mas o furtar sempre é tão máu que não se póde tolerar para desmentir vicio maior, pela regra que diz: *Non sunt facienda mala, ut veniant bona.* D'onde o tolerar ladrões nunca é bom; porque havel-os é máu, e consentil-os peior: e outra regra diz, que tanta pena merece o consentidor, como o ladrão. Nem se póde dizer que a justiça os consente, nem que os reis os dissimulam; porque a razão não os permitte. Pois que unhas toleradas são estas que aqui se nos entremettem, para serem descuidadas? Para serem emendadas, folgára eu de as propôr, e declaral-as-hei com um par de exemplos, tão notorios e correntes, que por serem taes, ninguem re-

para nelles. Seja o primeiro de longe, e o segundo de perto; este de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia está Roma, cabeça do mundo, que pelo ser, nos deve dar documentos de justiça e santidade, e por isso não estranhará taxarmos o que se desviar desta regra. Lá ha uns officiaes que chamam banqueiros, e estes teem por todo o mundo, onde se acha obediencia romana, seus correspondentes, que intitulam do mesmo nome: e assim uns como outros, agenceiam dispensações, graças, e indulgencias, e expediente de egrejas, e beneficios que veem por breves e lettras apostolicas dos summos pontifices, para partes que não podem lá ir negocial-as; e por tal arte medeiam as coisas, que não lh'as trazem senão a pezo de dinheiro; e veem a ser neste reino um rio de prata, para que não lhe chamemos de oiro, que está correndo continuamente para a curia sacra, por lettras de bispados, egrejas, e beneficios, e mil outras graças; tudo por tão excessivos preços, que vem a fazer mais de um milhão todos os annos; sendo assim, que nas bullas de tudo se diz, que dão tudo de graça: *Gratia sub annullo piscatoris.* E assim é na verdade, que São Pedro pescador, nada logra de tão copiosa pesca. Os pescadores que engordam com estes lanços, bem se sabe quaes são: e porque são os que não convém, se livrou França delles, com dar por cada bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do sello, sem avaliar o muito ou pouco que se concede, porque isso todas as bullas dizem que vem de graça. Castella se suspeita que tem a culpa do que Portugal padece nesta parte; porque alargou a mão para seus intentos; ou porque a tinha então mais cheia que hoje, com as enchentes de oiro e prata que lhe vinham do Mundo Novo; e como Portugal lhe era sujeito, e sempre foi liberal e grandioso, foi seguindo suas pizadas; e vendo-se picado e opprimido com tal cargo, e com o pé italiano sobre o pescoço, tudo tolera a titulo de piedade, como se não fôra impiedade defraudar-se a si, para encher as unhas de milhafres banqueiros, cuja fé não assegura a verdade das lettras, que, apraza a Deus não sejam falsas. Doutores houve já, que considerando o muito oiro que dispensações só dos matrimonios levavam deste reino, resolveram que podia el-rei nosso senhor

fazer lei que annullasse todo o contracto de matrimonio entre parentes: mas mais facil era mandar com pena de confiscação de todos os bens, que ninguem passe lá dinheiro para taes graças, pois concedem que veem de graça, e atalhar-se-ia assim de pancada tudo, pois não ha razão que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais christianissima.

Que venha um colleitor a este reino por tres annos a governar-nos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de um milhão, quando nada para si e seus officiaes, é coisa que não intendo, e por isso não lhe sei dar remedio: e se o intendo, não me atrevo a receitar-lhe a mézinha, porque não me levantem, que sinto mal do ecclesiastico. E a verdade é, que sinto n'alma vêr chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as nossas. Chamo-lhe incuraveis, não porque não tenham remedio, mas porque são toleradas de tanto tempo, que de velhas não teem cura, e por isso ninguem se cura já dellas. Aqui se me põe uma instancia: tal qual é, eu a destroçarei: dizem os que de nada se doem: como póde um só colleitor com tres monsenhores, varões de letras e virtude, recolher tanta pecunia, se elles só tractam do espirito? Respondo, que ha neste reino mais de dez mil frades, e mais de quinze mil freiras, e mais de trinta mil clerigos, e mais de cincoenta mil embaraços de consciencia em leigos; e todos movem demandas de lana caprina; porque o frade quer comer na meza travessa; a freira quer janella sem grade, e grade sem escuta; o clerigo quer viver á lei do leigo, e o leigo quer ordens sem cabeça em que lhas ponham, e descasar-se de duas ou tres que o demandam: *et sic de reliquis*: e todos para sairem com a sua entram com monsieur Auditor e com monsieur Albornos e com monsieur Catrapuz: uns dão oiro, outros prata, e outros pedras, que se não acham na rua; porque de frasqueiras, capoeiras, canastras, costaes etc. já se não faz caso, por serem drogas de mais volume, que lume: e com estas pedradas dão a batalha, e alcançam a victoria, e alimpam o bico, pondo em pés de verdade que Roma não se move por peitas: assim é, porque tudo são graças. Não sei se me tenho declarado! Mas sei que tudo se tolera, porque corre tudo por canos inexcrutaveis, e

que fòra bom haver um breve de contra-mina, que annullasse tudo o que por taes minas se agenciasse.

E tornando ao primeiro ponto dos banqueiros, remato esta teima com um caso que me passou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tractei uma dispensação, ou absolvição importante: um pediu duzentos mil réis, outro cem mil, o terceiro foi mais moderado, e disse que por menos de oitenta era impossivel impetrar-se. Não havia nos penitentes cabedal para tanto: fallou-se á pessoa que tinha intelligencia na curia romana, e proposto o negocio, respondeu, que era de qualidade que se expedia na curia sem gastos de um ceitil, e se offereceu para mandar vir o breve de amor em graça; e assim foi, que de graça veio: contei por graça isto ao matalote dos duzentos mil réis, respondeu marchando os beiços: são lanços, que não tiram seus direitos aos homens de negocio; e melhor dissera lançadas de moiro esquerdo, que merece gente, que com sua infernal cobiça infama a sinceridade da egreja catholica, a qual de nenhuma maneira soffre simonias, como actualmente o tem mostrado a santidade de Innocencio X depondo, enforcando, e queimando muitos por falsificarem lettras.

Até aqui unhas toleradas neste reino, no qual tambem ha outras suas proprias, que tolera, e todas tomara cortadas. Arma um fronteiro uma facção por seu capricho; entra por Castella com dois ou tres mil portuguezes, gasta na carruagem, munições e bastimentos da cavalleria a infanteria, oito ou dez mil cruzados: succede-lhe mal a empreza; e ainda que lhe succeda bem, perde em armas, cavallos e infantes mais de outro tanto, e recolhe-se dizendo: bella maré levavamos, se não se virára o barco. E dado que nada perca, e que traga uma grande preza, está bem esmada e mal-baratada: lança ao quinto d'el-rei, ao mais arrebentar, duzentas cabeças de toda a sorte, que não bastam para recuperar mais de duzentos mosquetes e outras tantas pistolas, que desappareceram; piques, que se quebraram, e gastaram em assar borregos; capacetes de que fizeram panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil coisas que não se contam; com que lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Além de que na giravolta se destroça o fiado, desconta o vendido, e perde o com-

prado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o não aggravaram, deixando-os sem bois, nem gados, para cultivar as terras. Tornam lá os nossos a satisfazer esta perda, e é outro engano; porque com o que trazem, não se recuperam os lavradores: tudo é dos soldados que o malogram, e dos atravessadores que o dissipam. E assim se vão encadeando perdas sobre perdas, que unhas toleradas vão causando sem remedio, porque não se deu ainda no segredo desta esponja. Olham para o applauso da valentia, e as medras dos que se empenham nellas lançam um veu pelos olhos de bizarria a todos, e outros de lisonja sobre a ruina da fazenda real, que paga as custas; e os lavradores choram o de que se ficam rindo os pilhantes, que nesta agua envolta são os que mais pescam.

E que direi das innumeraveis unhas que se toleram na grande cidade de Lisboa? Envergonhal-a-hemos com cidades muito maiores que ha na China, nas quaes ha tão grande vigilancia nisto de unhas de gente vadia, que de nenhuma maneira escapa pessoa viva, de que se não saiba quem é, o que tracta, e de que vive, para evitar roubos e outras desordens, de que são auctores os ociosos e vagamundos em grandes republicas. E na nossa ha destes tanta tolerancia, que andam as ruas cheias, sem haver quem lhes pergunte, se se sabem benzer, nem quem se benza delles; porque delles nascem os roubos nocturnos, raptos clandestinos, homicidios quotidianos: nelles achareis testimunhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça uma escriptura falsa e uma provisão que até el-rei, que a não assignou, a tenha por verdadeira: tudo se tolera, porque não ha quem vigie. Sou de parecer, que assim como ha meirinho-mór para resguardo do paço real, haja segundo meirinho-mór, para guarda de toda a côrte nesta parte dos vadios e gente ociosa; e que prenda todo o homem que não conhecer, sem lhe formar outra culpa: se provar no Limoeiro, que é homem de bem, será solto; e se fôr da vida airada, vá para as conquistas, onde terá campo largo para espraiar suas habilidades, e ficaremos livres desta praga, que tanto á nossa custa se tolera.

CAPITULO LVII.

Dos que furtam com unhas alugadas.

Toleradas são tambem estas unhas, pois se alugam; mas são peiores nas correrias, que fazem, como mulas de alquiler. Os doutores theologos tem para si, que não ha maior maldade, que a que se ajuda de forças alheias, quando as proprias não lhe bastam para executar sua paixão, e esta em boa razão, porque sáe de esphera e limite daquillo que póde: e obrar uma pessoa mais do que póde para o mal, é grandissima maldade, assim como obrar mais do que póde para o bem, é grandissima virtude. Não póde um ladrão arrombar a porta de um mercador á meia noite; que remedio para lhe pescar um par de peças sem estrondo, nem difficuldades? Aluga um trado, e com elle, como com lima surda, faz um buraco, quanto caiba uma mão; mette um gancho agudo tão comprido quanto baste para chegar ás peças, que esmou de olho ao meio dia; fisga-lhe uma ponta, e como camisa de cobra as revira, e escoa todas pela talisca. Mas não são estas as unhas alugadas, que fazem os maiores damnos na republica. Outras ha, de que Deus nos livre, mais nocivas: estas são as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo; correl-os todos é impossivel: direi sómente de varas e escrivaninhas, o que vemos e choramos, e não remediamos, porque não ferem seus damnos, a quem pudéra dar-lhes o remedio. Que coisa é a vara de um meirinho, ou de um alcaide, no dia de hoje? Se Aristoteles fôra vivo, com todo o seu saber não a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declaral-a com a de Moysés. A vara de Moysés na sua mão vara era; mas fóra da sua mão era serpente. Tal é qualquer vara destas de que fallamos: na mão de seu dono vara é, se é bom ministro; mas fóra da sua mão é serpente infernal, e se anda alugada, é todos os diabos do inferno; porque um diabo não tem poder para se transformar em tantos monstros, como uma vara de serventia alugada se transforma: e elles mesmos o confessam, que não póde al ser, para pagarem ao orphão, ou á viuva, cuja é,

e ficarem com ganho que os sustente a todos á custa das perdas de muitos. Olhae para a vara de um aguazil damninho, parece-vos vaqueta de arcabuz, e ella é espingarda de dois canos; porque vae por esses campos de Jesu Christo, a melhor marrã que encontra e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para casa, acha-os estirados na sua loja, sem gastar polvora, nem dar estoiros. Tambem é canna de pescar fóra da agua: vae á Ribeira, lança o anzol na melhor pescada, e no melhor congro, ou savel, e sem cedella que puxe, dá com elles no seu prato. Tambem é besta de peloiro, que mata galinhas aos pares, e pombos ás duzias; perdizes nenhuma lhe escapa, se as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem é cadela de fila, e quando a açula a uma vitela, mas que seja a uma vacca, berrando a leva aonde quer. Tembem é covado e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor: assim como é, entra em casa do mercador, e mede como quer panno e seda. Tambem é garavato de colher fruta, e sem se abalar por hortas, nem pomares, colhe e recolhe canastras cheias. E vêdes aqui, irmão leitor, a vara de condão com que nos embalavam antigamente, que fazia oiro de pedras, e pão de palhas, e da agua vinho; e esta ainda faz mais, porque faz e desfaz, quanto quer quem a alugou.

O mesmo e muito mais pudéra aqui dizer das escrivaninhas alquiladas; mas não quero nada com pennas mal aparadas, não acerte de lhes vir a pello este nosso Tratado, que nol-o depennem, ou jarretem com alguma sentença grega, ou desalmada. Só direi, que são alguns, ou quasi todos, tão fracos officiaes, que é grande valentia saber-lhes lêr o que escrevem. Eu sei um que o fizeram vir de Evora a esta côrte, para que lesse o que tinha escripto em um feito, que não era pequeno, e não se achava em toda Lisboa, quem em tal escriptura atinasse com boia, como se fora a de el-rei Balthasar. E com estes gregotins alimpam as bolsas ás partes, e sujam quantas demandas ha no reino, escrevendo sesta por balhesta, e alhos por bugalhos: e já lh'o eu perdoára, senão succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sentenças por tal estylo, que não se dão á execução, porque não ha intendel-as. Muito ha que reformar nas officinas e cartorios

destes senhores, como em todos quantos officios andam no reino arrendados.

CAPITULO LVIII.

Dos que furtam com unhas amorosas.

Quem dizia no capitulo 39 que não ha unhas bentas, porque todas são malditas e sujeitas a mil excommunhões, quando furtam; tambem dirá agora, que não ha unhas amorosas, porque todas arranham; mais ser-nos-ha facil desenganal-o com quantas unhas ha de damas, que estafam a seus amantes. E taes são tambem as unhas de todos os validos, mimosos e paniaguados dos grandes; dão-lhes francas entradas em seu seio, sem verem que abrem com isso saidas enormes a seus thesouros. Oiça-me o mundo todo uma philosophia certa: é certo que animaes de differentes especies não se amançam: cães com gatos, aguias com perdizes, espadartes com baleas nunca sustentaram bom commercio: e se algum dia houve bruto que se sujeitasse a outro de differente especie, foi, não porque a natureza o inclinasse a isso, mas por alguma conveniencia util para a conservação da vida. Ha entre os homens estados tão diversos, que se distinguem entre si mais que as especies dos brutos. Um fidalgo cuida que se distingue de um escudeiro, mais que um leão de um bugio; e um escudeiro presume que se differença de um mecanico, mais que um touro de um cabrito. E que será um duque, ou um rei, comparado com qualquer desses? Será o que é um elephante com um cordeiro. D'onde se infere, que quando ha união de amor entre taes sugeitos, não é porque a natureza os incline a isso, é a conveniencia do interesse; e como esta vae diante sempre, sempre vae fazendo seu officio, aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circumstancia, que dá grande apoio a este discurso, e é, que o maior ama ao menor, como coisa sua; e

o menor olha para o maior, como para coisa que o domina, e isto de ser dominado, nunca causa bom sabor; e por isso vicía o amor, que não soffre disparidades. D'onde se colhe evidente e infallivelmente, que póde haver amor verdadeiro do superior para o inferior, e que não é certo havel-o do inferior para o superior, porque leva sempre a mira no que d'ahi lhe ha de vir; e essa é o pedra de toque em que aguça as unhas que chamo amorosas; porque com achaque de benevolencia e amor que seu amo lhe mostra, mette a mão no que a privança lhe franquea, com tanta segurança, como se tudo fôra seu, pela regra que diz: *Amicorum omnia sunt communia*. O grande nunca soffre igual, quanto mais superior, e por isso não se humana senão com o inferior; e este porque tem iguaes com quem faça sociedade, não necessita do bafo dos grandes, mais que para engodar; e é quanto lhe permitte o careio que lhe dão, e usam delle os validos com insolencia, porque o acicate que os move, estriba mais em medras proprias, que em serviços que pretendam fazer aos seus Mecenas. Reciprocam-se o amor do grande e o interesse do pequeno: o amor abre a porta, o interesse estende as unhas; e como na arca aberta o justo pecca, empolga sem limite; e como o amor é cego, não enxerga o damno, e se acerta dar fé delle, porque ás vezes é tão grande que ás apalpadelas se sente, tambem o dissimula: e assim se veem a refundir na affeição todos os damnos que padece, e grangeam titulo de amadas e amorosas as unhas que lh'os causam.

Não se condemna com isto terem seus validos os grandes; porque nem os summos pontifices se podem governar bem sem Nepotes, a quem de todo se entregam para descançarem nelles o pezo de seus negocios e segredos: e os principes seculares necessitam muito mais deste auxilio, porque as coisas prophanas não se domesticam tanto como as sagradas. O que se taxa é a demazia e desaforo de alguns validos: dos máus ha duas castas, uns que escondem as medras, e outros que as assoalham: estes duram pouco, porque a inveja os derriba, armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e sua propria fortuna e insolencia os jarreta, como a Belisario: aquelles mais duram, e é em quanto se sus-

teem em seus limites; mas por mais que se dissimulem com trajes humildes e alfayas pobres, logo seus augmentos os manifestam, porque são como o fogo, que se descobre pelo fumo, e abraza mais, quando mais se occulta. Se nós virmos um destes comprar quintas como conde, receitar dotes como duque, e jogar trinta e quarenta mil cruzados como principe; e soubermos que entrou na privança sem umas luvas, como havemos de crêr que cortou as unhas? Cresceram-lhe sem duvida com o favor, como planta, que regada medra. Grande louvor merecem nesta parte todos os ministros que assistem a el-rei nosso senhor, porque vemos que tudo o que possuem, com não ser muito, é mais para o servirem que para o lograrem. Nem se póde dizer de sua magestade, que Deus guarde, que tem validos mais que dois, que se chamam, verdade e merecimento. Como podem e devem os principes ter validos para se servirem e ajudarem de suas industrias e talentos, já o dissemos no capitulo 30 ao titulo dos conselheiros § 1.

CAPITULO LIX.

Dos que furtam com unhas cortezes.

Não sei se é certa uma murmuração ou paga, que corre em todas as côrtes do mundo, que mais se ganha no paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella é certa, é grande roubo que se faz á razão e justiça, que está pedindo e mandando, que se deem as coisas, e façam as mercês a quem mais trabalha e padece. Privilegio é de chocarreiros que ganhem seu pão com lisonjas; mas a honra guarda outro foro, que sendo muito cortez, não pretende, nem espera premio por sua cortezia, porque lhe é natural; e pelos actos naturaes, dizem os theologos que nada se merece nem desmerece. E d'aqui vem, que o que se leva por esta via, vem a ser furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos

chamar estafadores. Andam no Terreiro do Paço, no Recio, e por essas ruas de Lisboa, e como são ladinos e versados, conhecem já de face a todos; e tanto que vem algum de novo, ou que parece estrangeiro, chegam-se a elle rasgando cortezias, envoltas com louvores de v. m. me parece um principe a cuja sombra se prostra hoje minha pobreza: sou um homem nobre e forasteiro, sustento aqui pleitos para remediar filhas orphas, que trouxe comigo para vigiar sua limpeza: semanas se passam em que não entra pão em nossa casa; e pondo a mão na cruz da espada, jura que não traz camisa: e por esta toada diz mil coisas que traz estudadas, como oração de cego; até que remata com a petição a que foi armando todas suas arengas, com o chapéo na mão e pé atraz, e o joelho quasi no chão. O pobre novato, que é ás vezes mais pobre que elle, movido por uma parte da compaixão, e por outra picado das cortezias, abre a bolsa, e pedindo perdões dá-lhe a pataca, ou ao menos o testão, que o supplicante vae brindar logo na primeira taverna: e sabida a coisa, nem filhas, nem demanda teve nunca, e sempre foi estafador cortezão, que é o mesmo que ladrão cortez.

Tem um official de vara, ou escrivaninha no seu regimento dois ou tres vintens, que se lhe taxam por esta ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de sua cobiça, que é pouco: teme pedir mais com medo do castigo, que não falta, quando sua magestade sabe as desordens: pergunta o requerente bisonho o que deve? Responde-lhe: de graça desejára servir a v. m., mas vive um homem alcançado e sustenta casa com este officio, dê v. m. o que quizer. E se o requerente insta que lhe diga ao certo o que deve, por que não traz ordem para dar mais, nem é bem que dê menos? Torna a responder, que em maiores coisas o deseja servir, que se não quizer dar nada, que o póde fazer; e que tão seu captivo ficará assim como de antes. Bem se vê que isto é estafa, pois nunca o viu em sua vida, senão aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, mostra-lhe um livro muito grande, e o muito que nelle se rabiscou, etc. Pasma o supplicante, lança-lhe um par de patacas mexicanas, onde só devia dois vintens; recolhe-as o senhor escriba, de prata phariseu, e despacha-o com aqui me tem

v. m. a seu serviço, tão certo como obrigado. E se estes mancebinhos puzerem no fim de seus despachos os preços delles, como são obrigados, saberão as partes o que devem, e não haverá enganos; mas quando o salario é pouco, não o escrevem, para ter logar a treta; e se é muito, galhardamente o explicam. Seja suspenso todo o que o callar: e eis-ahi o remedio.

Isto são ninherias em comparação de outras prezas, que a cortezia agarra sem muitas cerimonias, como na India, em Cochim, e outras praças similhantes de maior commercio. Quer um capitão-mór oitenta ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os emprestados a bom pagar na saida, com esta arte, que o desobriga para o futuro, e não dá molestia ao presente. Haverá em Cochim e seu districto, mais de cincoenta mil mercadores, entre christãos e banianes de bom trato: manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias, de como é chegado para os servir, e que lhes faz a saber, como vem pobre, e que tracta de armar um empregosinho para a China, e que por não ser molesto a suas mercês, quando vem para os ajudar a todos, não quer de cada um mais que dois ou tres xerafins emprestados em boa cortezia; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em emprestar tão pouco, e muito menos em o cobrar a seu tempo, porque hão mister ao senhor capitão para muito; e assim se fica com tudo, que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que succeda isto na India, acolá tão longe, quando vêmos cá mais ao perto dentro em Portugal casos similhantes!? Um prelado grave, ou, para melhor dizer, gravissimo, conheci neste reino, que com achaque de uma jornada á corte de Madrid, pediu emprestado por boa cortezia a cada parocho da sua diocese dois cruzados, com que veio a fazer monte de mais de quatro mil: e quando veio á paga, com a mesma cortezia nenhum lh'os aceitou, como os banianes da India. Por esta arte anda a politica do mundo cheia de mil tretas, de sorte que por mal, ou por bem, não ha escapar de roubos.

CAPITULO LX.

Dos que furtam com unhas politicas.

Anda o mundo atroado com politicas, de que fazem applauso os estadistas: a uma chamam sagrada, a outra prophana; e ambas querem que tenham immensos preceitos, com que instruem ou destroem os governos do mundo, segundo seus pilotos os applicam. E é certo que toda a maquina dos preceitos, assim de uma, como da outra se encerram em dois: os da sagrada são, amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo. Os da prophana são o bom para mim, e o máu para ti. Mas é engano crasso, a que repugna Minerva, cuidar que ha politica sagrada: isso chama-se lei de Deus, que com nada contemporiza, nada affecta, nem dissimula, lavra direito, e sem torcicolos contra os axiomas da politica. Pelo que, isto que chamamos *politica*, só no prophano se acha: e esta só é a que tem as unhas de que falla este capitulo: e para sabermos que taes ellas são, é necessario averiguarmos bem de raiz, que coisa é politica. E aposto que se o perguntamos a mais de vinte, dos que se prezam de politicos, que nenhum a saiba definir pelas regras de Aristoteles, assim como ella merece?

Todos fallam na politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a viu, nem sabe de que côr é. E atrevo-me a affirmar isto assim, porque com eu ter pouco conhecimento della, sei que é uma má peça, e que a estimam e applaudem como se fôra boa: o que não fariam bons intendimentos, se a conheceram de paes e avós, taes, que quem lh'os souber, mal poderá ter por bom o fructo que nasceu de tão más plantas: e para que não nos detenhamos em coisas trilhadas, é de saber que no anno em que Herodes matou os innocentes, deu um catharro tão grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e desta se gerou um monstro, assim como nascem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamaram os criticos razão de estado: e esta senhora saiu tão presumida, que tractou de casar; e seu pae a desposou com um mancebo ro-

busto, e de más manhas, que havia, por nome amor proprio, filho bastardo da primeira desobediencia: de ambos nasceu uma filha a que chamaram dona politica: dotaram-na de sagacidade hereditaria, e modestia postiça. Creou-se nas côrtes de grandes principes, embrulhou-os a todos: teve por aios o Machiavello, Pelagio, Calvino, Luthero, e outros doutores desta qualidade, com cuja doutrina se fez tão viciosa, que della nasceram todas as seitas e herezias, que hoje abrazam o mundo. E eis aqui quem é a senhora dona politica.

E para a termos por tal, basta vêrmos a variedade com que fallam della seus proprios chronistas, que, se bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que estamos vendo que leva toda a agua a seu moinho. Se é letrado, todas as regras da politica vão dar, em que se favoreçam as letras, que tudo o mais é aire: se professa armas o auctor, lá arruma tudo para Marte e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi: e se é fidalgo, tudo apoia para nobreza, e que tudo o mais é vulgo inutil, de que se não deve fazer conta. E é a primeira maxima de toda a politica do mundo, que todos seus preceitos se encerram em dois, como temos dito: o bom para mim, e o máu para vós. E posta neste primeiro principio, entra logo sua mãe, razão de estado, ensinandolhe, que por tudo córte, sagrado e profano, para alcançar este fim; e que não repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que sejam do outro mundo, porque só do commodo deste deve tractar, e de seu augmento, e da ruina alheia, porque não ha grandeza que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros são meus accrescentamentos; sou obrigado a me conservar illeso; e não estou seguro, tendo junto de mim quem me faça sombra: e para nos livrarmos deste sossobro, dêmos-lhe carga, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas, que chamam politicas, armadas com guerra, hervadas com ira e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça: e nada deixa em pé, que não escale, e metta a saco. Este reino é meu, e esta provincia é o menos de que se tracta: os imperios mais dilatados e oppulentos, são pequeno prato para estas unhas; e o direito com que os agarram, escreve o outro com poucas letras, sem ser Bar-

tholo, na boca de uma bombarda; e vem a ser: *Viva quem vence.* E vence quem mais póde, e quem mais póde, tenha tudo por seu, porque tudo se lhe rende. E fica a politica cantando a gala do triumpho; e sua mãe, razão de estado, rindo-se de tudo, como grande senhora, e seu pae, amor proprio, logrando próes e precalços; e seu avô, o diabo, recolhendo ganancias, embolsando a todos na caldeira de Pero Botelho, porque fizeram do céu cebola, e deste mundo paraiso de deleites, sendo na verdade labyrinto de desasocegos, e inferno de miserias, em que vem dar tudo o que nelle ha, porque tudo é corruptivel.

Este é o ponto em que a politica errou o norte totalmente, porque tractou só do temporal, sem pôr a mira no eterno, aonde se vae por outra esteira, que tem por roteiro dar o seu a seu dono, e a gloria a Deus, que nos creou para o buscarmos, e servirmos com outra lei muito differente da que ensina a politica do mundo. E lá virá o dia do desengano, em que se acharão com as mãos vazias os que hoje as enchem da substancia alheia.

Testimunhas sejam o famoso Belisario, terror de vandalos, assolação de persas, estragador de milhões, que dos mais altos cornos da lua o poz sua fortuna sem olhos em uma estrada á sombra de uma choupana, pedindo esmola aos passageiros: *Date obulum Belisario.* E o grande Tamorlão, cujo exercito enxugava rios, quando matava a sede; tão poderoso que trazia reis ajoujados como cães debaixo da sua meza roendo ossos, o qual á hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha, com um pregão e desengano, que de tanto que adquiriu, só aquelle lençol levava para o outro mundo.

CAPITULO LXI.

Dos que furtam com unhas confidentes.

Que tenha a minha mão confiança commigo, para me servir e coçar, lisonja é, que bem se permitte; mas que a tenham as

minhas unhas, para me darem uma coça, que me esfolem a pelle, não se soffre. Pois taes são os que os reis applicam, como mãos proprias, a seu real serviço, e elles esquecidos da confiança que a magestade real faz delles, estendem as unhas, para applicarem a si, o que lhes mandam ter em reserva para o bem commum, e de muitos particulares que esfollam. Ha neste reino thesoureiros, depositarios, e almoxarifes sem conto; todos arrecadam em seus depositos, que chamam arcas, grandes copias de dinheiro, um d'el-rei, outro de orphãos, e muito de outras muitas partes: e sendo obrigados a tel-o a ponto para toda a hora que lh'o pedirem, aproveitando-se da confiança que se faz delles, mettem o dito dinheiro em seus tratos de compras e vendas, com que veem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E se lh'o pédem no tempo em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riscos de se ir o ruço atraz das canastras, fingem ausencias, e que tem a arca tres chaves, que d'ahi a quinze dias virá da feira das Virtudes, Bento Quadrado, que levou uma; que ahi está o dinheiro cheio de bolor na arca: e passam-se quinze mezes, e não ha darlhe alcance. E por fim de contas vem a residencia, e alcança os sobreditos em muitos contos. E estes são os confidentes da nossa republica, que, fazendo-se proprietarios do alheio, alienam o que não é seu, e dão atravez com os thesouros alheios.

Nas fronteiras succedem casos admiraveis nesta parte. Está um destes (pouco digo em um, podendo dizer mais de cento, mas um exemplo declara mil) Está um destes a la mira espreitando quando voltam as nossas facções de Castella com grandes prezas de bois, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados: e como os soldados veem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que não podem guardar, nem sustentar; e o sobredito se vê senhor dos depositos dos pagamentos, que foi atrazando, para não lhe faltar moeda nesta occasião, atravessa tudo, resgatando-o por pouco mais de nada, sem haver quem lhe vá á mão, porque todos dependem delle, e o affagam para o terem da sua mão: e d'ahi a quatro dias, e tambem logo ao pé da obra, vende a oito e a dez mil réis a lavradores e marchantes os bois que comprou a quinze tostões, quando muito, e o mesmo computo se faz no

mais. E vem a ser o mais rico homem do reino, sem metter no trato vintem, que ganhasse, nem herdasse de seus avós. Melhor fôra venderem-se os taes gados aos nossos lavradores pelos preços dos soldados, para se refazerem de similhantes prezas, que os inimigos nos levaram, e não ficarem exhaustos de creações os que sustentam a republica, e cheios os que a destroem com as unhas que chamo confidentes. Cortem-se estas unhas, e se não houver puxavante que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis, tirem-lhe o cabedal, e ponha-se onde haja vergonha e honra que se peje de comprar para vender.

Na cidade de Lisboa conheci um barbeiro, o qual enfadado do pouco que lhe rendia a sua arte, se deu a sangrar bolsas, e fazer a barba aos mais oppulentos escriptorios: e para o fazer a seu salvo, e com credito de sua pessoa, foi-se mettendo de gorra com seus freguezes, dando-lhes alvitres, de que se fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro emprestado para taes e taes empregos que se lhe offereciam rendosos, e que partiriam os ganhos dentro de breves dias: e com a pontualidade foi ganhando terra para accrescentar as partidas: e com o lucro que dava aos acredores, os foi cevando, e metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o resto. Já se não curavam de fianças, nem penhores para com elle. E vendo assim o campo seguro, deu de repente em todos, abonando um lanço, que fingiu se lhe abria de grandissimo interesse, e que convinha metter nelle todo o cabedal, para ficarem todos ricos. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha; e tal houve que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dois, a tres, e a quatro, sem saberem uns dos outros. Deu com tudo em um navio estrangeiro, que estava a pique, e deu á vela pela barra fóra: e o mancebinho nunca mais appareceu, nem novas delle, nem rasto do dinheiro, por mais paulinas que se tiraram. E estas são as verdadeiras unhas confidentes. E não são menos damninhas as confiadas, de que já digo casos memoraveis.

CAPITULO LXII.

Dos que furtam com unhas confiadas.

Para que não pareça este capitulo o mesmo que o passado, contarei uma historia, que declara bem o muito que se distinguem. Succedeu em Lisboa, que fazendo uma confraria em certa egreja a festa do seu orago, muito solemne, ajuntou para isso muita prata de castiçaes, alampadas, peviteiros, e caçoilas, que pediu por emprestimo a outras egrejas, mosteiros, e irmandades: e como o thesouro era de muitos, tinham direito todos para virem buscar e levar as suas peças. Entre os que vieram, acabada a festa, foi um ladrão cadimo com dois maráos que allugou na Ribeira, por dois vintens cada um, e duas canastras mais grandes que pequenas: e entrando muito confiado, como se fôra mordomo-mór de toda a festa, poz a capa e o chapéo sobre um caixão, assegurando primeiro a ausencia dos que lhe podiam pôr embargos: abaixou diante de Deus, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas; e tirando dos altares os castiçaes que bastaram para encher as canastras, poz tudo ás costas dos mariolas, e sacudindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança, e escapou por sua arte dando com a prata onde nunca mais appareceu, ficando mil almas que estavam na egreja, persuadidas que aquelle homem era o legitimo dono, como manifestava a confiança com que fez o salto, que não foi em vão. E isto é o que chamo unhas confiadas, sem serem confidentes: e destas ha muitas a cada passo, e no serviço d'el-rei não faltam; mas falta-me a mim coragem para mostrar aqui o que recolhem, como se fôra seu, com tanta confiança, como se o càvaram, e o roçaram, ou o herdaram dos senhores seus avós. E assim digo, que não me metto com averiguações, de que, apesar da verdade, posso sair desmentido. Só aos affoitos fizera eu uma pergunta em segredo (chamo-lhe assim, por não especificar cargos, de donde se possam colligir pessoas com quem não quero pleitos) perguntamos a estes, com que auctoridade, ou para que fazem tornar atraz os pagamentos da mi-

licia, que sua magestade despacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que resam as ordens verdadeiras? Nada respondem: mettem-se no escuro das razões do estado, e é coisa clara, que accrescentam seu estado: e ainda mal, que vemos accrescentados, os que para bem houveram de ser diminuidos. Estes são os que com grande affoiteza e confiança, mettem a saco a republica, cujos sacos vasam para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e isso é o menos, e mais é o volume immenso de outras drogas de que enchem sobrados, que hão mister espeques para sustentar o pezo, sem temor da forca, que fôra melhor fabricar-se desses pontões. Aponto só o damno, não trato de quem leva o proveito, porque a confiança com que nelle apoiam suas unhas as faz impunes. Mas deixando pontos intelligiveis, passemos a outra coisa.

Ahi não póde haver maior confiança que a de um cabo, a quem dão cem mil réis para um pagamento de seus soldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mortos, vae-se á casa da tafularia, põe o dinheiro na taboa do jogo, como se fôra seu, ou lhe viera da casa de seu avô torto; e sem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos, e o perde com ambas, sem lhe ficar nellas mais que o taleigo vazio, e o focinho cheio de paixão, com que satisfaz ás partes; de sorte que nenhum soldado ousa apparecer diante delle: e é estremada traça para não lhe puxarem pela divida. Mais confiados que estes são outros que ha na casa da India, e nas alfandegas, que não sei como se chamam seus officiaes, nem o quero saber, por não ser obrigado a nomeal-os por seu nome: estes teem por obrigação vêr todos os fardos, e examinar todas as fazendas que veem de fóra, para orçar ao justo os direitos que se hão de pagar a sua magestade; e elles por quatro patacas examinam as coisas tão superficialmente, que deixam passar por estimação de anil o pacote que vem cheio de baasares; e contam por cascaveis o barril quc vem recheado de coraes e alambres. Que fardos de telas finas, e brocados de tres altos corram praças de bocachim, e calhamaço, não o crerá senão quem o viu. Ballas de meia de seda fazem figura de resmas de papel. E é facil deslumbrar os olhos

de todos os Argos, a quem está encommendada a vigia disto, com um par de peças resplandecentes de vidros de Veneza, cristaes de Genova. E para que não se diga que não viram tudo, mandam abrir costaes, que já vem marcados, e preparados para o effeito, os quaes trazem na primeira superficie, o que val menos; mas o amago é do mais precioso. Já se viu caixão e quartola que trazia na boca chocalhos, e no fundo peças de oiro e prata. E se algum ministro fiel requerer que se examine tudo, respondem que não seja desconfiado: e com duas gracetas passam desgraças, que não conto. Declaro sobre tudo isto, que já esta moeda não corre, como em tempo da Castella; porque está seu dono em casa, que a vigia, e faz a todos que não sejam tão confrados como o Carvalho.

Não sei se ponha aqui uma confiança admiravel, que não podia crêr até que a vi. Bem é que saiba sua magestade tudo, para que o emende com seu real zelo, e para isso digo. E é que todas as dividas que el-rei nosso senhor manda pagar, ou esmolas que manda fazer por via da fazenda, acham todos os despachos correntes até o thesouro, onde topam com ordem secreta, que a todos diz, que satisfará como tiver dinheiro; e consta por outras vias, que o tem aos montes para outros prestimos; mas para isto de dividas e esmolas, não ha tirar-lhe um real das unhas: e occasionam com isto a se cuidar que a tal ordem baixou de cima: e é ponto que nem um turco o presumirá de sua magestade, mas é confiança de ministros, que devem de presumir que o não virá a saber sua magestade, que deve sentir muito lanços que teem mais de aleivosia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que sim, e com as obras que não. Doutrina é, que Christo reprehendeu muitas vezes severamente aos phariseus; e assim se deve estranhar entre christãos. E eu não acabo de dar no alvo, a que tira esta confiança, quando tira aos pobres o que seu dono lhes manda dar. Dizerem que é zelo da fazenda real, que não querem se esperdice, ainda pecca mais de confiada esta respesta; que não deve o criado ter mais amor á fazenda, que seu senhor; além de que seria estolida confiança tomar sobre si os encargos de tantas restituições, de que o senhor fica livre, só com mandar

que se paguem. E em conclusão levem todos d'aqui esta verdade que não empobrece, o que se dá por esmola, nem faz falta, o que se paga por divida. Vejam lá não enriqueçam estas demoras a outrem : e este é o tope, em que vem esbarrar todo o discurso que se póde formar nesta materia : e nem isto é bem que se creia de gente honrada.

Neste capitulo entram de molde mulheres que ha em Lisboa, as quaes vivem de despir meninos, assim como os acima dito de despir pobres : tanto que acham alguma creança na rua, sem que olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como se foram suas amas, levam-na nos braços, recolhem-se na primeira loja, e a titulo de lhe darem o peito, ou pensarem, lhe despem toda a roupa ; em tão boa hora que lhe deixem a camisa. Se acerta alguem de as vêr, dão tudo por bem feito, ajudando-as por domesticas, como mostra a lhaneza e confiança, com que lhe mettem a papa na boca : e feita a preza, fazem-se na volta do çaragaço a buscar outra ; e tirae lá carta de excommunhão, para vol-a restituirem no dia do juiso.

Uma mulher houve tão confiada nesta corte, que contentando-lhe uma cruz de oiro e pedraria, que estava por ornato de uma festa no altar de certa egreja, esperou que seus donos se ausentassem, e posta no meio da egreja, porque não podia chegar perto com o concurso, levantou a voz dizendo : alcancem-me cá aquella cruz, e venha de mão em mão, por me fazerem mercê. Todos julgaram que seria sua, pois com tanta confiança a demandava ; e de mão em mão veio, até chegar ás da harpia, que deu ao pé com ella, sem ajuda de Simão Cyrineo, porque lhe custou menos a achar que a Santa Helena. Tambem ha muitos que furtam, confiados em que Deus perdoa tudo ; mas já Santo Agostinho os desenganou a todos, que não se perdoa o peccado, sem se restituir o mal levado. E neste mundo, ou no outro, hão de pagar pela bolsa ou pela pelle.

CAPITULO LXIII.

Dos que furtam com unhas proveitosas.

Graças a Deus, que foi servido de nos deparar umas unhas boas entre tantas ruins. Mas dirá alguem, que nenhumas ha que não sejam proveitosas para seu dono, no que agarram. Não fallo dessas, que assaz damnosas são até a seu senhor, pois muitas vezes dão com elle *na forca*. Trato das que são proveitosas para ambas as partes, sem risco de damnos: e explical-as-hei logo com um exemplo. No Crato, villa bem conhecida neste reino, pelo seu grande priorado de Malta, houve um cavallo, não ha muitos annos, cujas unhas eram de tal qualidade, que todos os cravos que nellas entravam, depois de sairem tortos com a ferradura, serviam de anzoes a seu dono, com que pescava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que postos em qualquer dedo da mão, eram remedio presentissimo para gota artetica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e assim não será coisa nova acharem-se unhas proveitosas para ambas as partes: tiravam de si dinheiro, os que levavam os cravos, para remediarem a outrem, e remediavam-se todos.

Taes serão os que no governo de um reino, e no meneo de suas fabricas e emprezas, tirarem de uma parte para remediarem outra, e será o mesmo que acudir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peiores que de gota coral e artetica, que mal será acudir-lhe o Brazil com alguma substancia, que a alente, ainda que seja por modo de emprestimo: nem correrá nisso o ditado, que não é bom descobrir um santo para cobrir outro, pois tudo respeita e serve o mesmo corpo debaixo de uma coroa. Padece o Brazil falta de mantimentos, não vejo razão que tolha acudirem-lhe as alfandegas do reino e de outras conquistas, supprindo-lhe os gastos e soccorros até que se melhore. O mesmo digo de Angola, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom se pararia o corpo humano, se a mão esquerda não ajudasse a direita, e a direita a esquerda, e um pé ao outro. A re-

publica é corpo mystico, e as suas colonias e conquistas, membros della; e assim se devem ajudar reservando e reparando suas fortunas e conveniencias. Superstição é, e não axioma politico de estados, negarem-se auxilios os que vivem juntos na mesma communidade: e aqui corre certissimo o proverbio, que uma mão lava a outra. Um rei empresta ao outro, e tira de seu cabedal soccorros com que ajuda o visinho; quanto mais o deve fazer um rei a si mesmo, e a seus vassallos, que são partes integrantes da sua coroa. A contribuição das decimas neste reino é muito grande, pois chega a milhão e meio: é verdade que as dão os povos para as fronteiras, e é o mesmo que para se defenderem dos inimigos que nos infestam por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz-os-Montes. E o outro lado que fica descuberto por outro tanto districto de mar, parece que o não consideraram, e que ha mister muitos maiores gastos de armadas e munições, que guarneçam as costas; e que as forças reaes acodem a mil soccorros de além-mar, de donde estão outros tantos portuguezes como ha no reino, pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que não é bem lh'os neguemos. Não vêem olhos cegos o que se gasta em embaixadas e conveniencias de pazes com outras nações, que, ainda que não nos ajudem, é bem que os companhamos, para que não nos descompenham. Em que apertos nos veriamos, se França e Catalunha, não divertissem o castelhano no tempo em que estavamos menos apercebidos? Estas correspondencias não se alcançam sem gastos; estes de nós hão de sair, como do coiro as correias: que mal é logo que se temem estas decimas com unhas tão proveitosas, quando vemos que os outros cabedaes não bastam para seus meneios proprios?

Não posso deixar de picar aqui em um escrupulo de alguns zelotes que teem para si, que se faz thesouro, e que é já tão grande que ha mister espeques: e a graça é que grunhem sobre isso. Provera a Deus que assim fôra, e que arruinassem já com o peso as casas que o recolhem, que devem ser encantadas, pois as não vemos: mas para me consolar quero crer que assim é, e assim o fio da grandissima providencia d'el-rei nosso senhor, que sabe muito bem, que foi costume celebre dos mais accordados reis

terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós não estamos fóra de as termos maiores, que os que vemos: e para uma occasião de honra costumavam os prudentes reservar cabedal que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro que enthesouram. Tudo vem a ser unhas proveitosas.

Neste passo se enviam a mim, os que teem pensões de juros e tenças na alfandega, na casa da India, ou nas sete casas; almoxarifados, etc., e me fazem o mesmo argumento dizendo: e se é bom e licito tirar de uma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que não se nos paguem da casa da India as tenças e os juros aos que os temos na alfandega, quando nesta faltam os rendimentos para satisfazer a todos? Ao mesmo pergunto, quando tem duas herdades, uma dizima a Deus, sem nenhuma pensão, e outra carregada de foros, ou juros; se esta ficou esteril um anno sem os poder pagar, porque os não satisfazem da outra, que deu muitos frutos? Respondem, que a outra é livre. Pois tambem a casa da India no nosso caso está livre dos encargos da alfandega. Acudo a outra instancia, que donas costumam por, e é, que do mesmo modo que a herdade que este anno não pagou foros, nem juros, porque não deu frutos, fica desobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno seguinte, ainda que dê frutos em dobro; assim a alfandega fica desobrigada para sempre do anno que não teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande cópia delles. Maior duvida póde fazer, quando el-rei toma todos os rendimentos deste anno para acudir a alguma necessidade urgente (chamam a isto tomar os quarteis) se será obrigado a refazer esta tomadia no anno seguinte, quando a alfandega estiver mais pingue, e elle mais desafogado? Responde-se a isto, que as unhas proveitosas são muito privilegiadas, quando empregam no bem commum as prezas que fazem em bens proprios, ainda que obrigados a outras partes da mesma communidade: e nisto se distingue o dominio alto dos reis do dominio particular dos vassallos; que estes são obrigados a refazer o que gastaram de partes em usos proprios, e os reis não, no caso que o gastam em bem de todos: assim o ensinam os doutores theologos: e isto basta.

CAPITULO LXIV.

Dos que furtam com unhas de prata.

Em Sevilha, cabeça de Andaluzia, e promontorio maximo de todos os commercios de Hespanha, entrou o diabo no corpo de um castelhano, e devia de ser muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava e de tudo dava razão: e entre as coisas notaveis que se deixou dizer, foi uma a mais admiravel de todas, que já elle teria posto de ré a fé de Christo, embrulhado o genero humano, e se teria feito senhor do mundo absoluto, se Deus lhe não prohibira tres coisas: a primeira bulir na sagrada escriptura: segunda falsificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira disia que desfaria nossa santa fé, pervertendo e mudando nas impressões e em todos seus volumes os sentidos da escriptura sagrada. Com a segunda, que confundiria os homens variando-lhes as provas de suas demandas, e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de si, dando-lhe dinheiro, prata e oiro, que elle sabe muito bem aonde está. E não ha duvida que discursou a proposito, e que fallou verdade, com ser pae da mentira; porque se Deus com sua admiravel justiça o não aferrolhara, da maneira que nenhuma destas tres coisas póde executar, já teria concluido com o genero humano e com o mundo universo, que Deus por sua infinita misericordia assim conserva. Só a ultima coisa de dar dinheiro, que lhe concedera, com ser a menos nociva, ella só bastara, para se fazer o demonio senhor do mundo, porque isto que aqui chamamos unhas de prata, são as mais poderosas garras que ha para arrastar e levar tudo a tras de si. Não podendo Alexandre Magno render uma cidade, por inexpugnavel e inaccessivel, perguntou se poderia lá chegar, ou subir uma azemola carregada de dinheiro? Tanto que esta bateu á porta, logo se lhe abriu, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com taes unhas empolgou nella.

Famoso invento foi o do dinheiro, pois com elle se alcança

tudo, e não ha coisa que se lhe não renda: do mais incorrupto juiz alcança sentença; da mais arriscada dama tira favores; no mais invencivel gigante obra ruinas; do mais numeroso exercito alcança victoria; nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas; arromba portas de diamantes melhor que petardos; arraza torres, quebra homenagens, tudo se lhe sujeita, nada lhe resiste! As fabulas antigas dizem que Plutão inventou o dinheiro, e que foi tambem inventor da sepultura, e Deus do inferno: nem podiam deixar de dar taes nomeadas, a quem se soube fazer senhor do dinheiro, que tudo rende, como a sepultura e morte; que tudo violenta, como o inferno. Os Lidios foram os primeiros que fizeram moeda de oiro: Jano foi o primeiro que formou moedas de cobre; e porque foi o inventor das coroas, pontes, e navios, lhe esculpiram tudo isto nas suas moedas; porque o dinheiro dá passagem, como ponte, para as maiores coroas, e navega vento em poupa aos mais dilatados imperios. Hermodice, mulher de Mydos, rei dos phrygios, foi a primeira que bateu moeda de prata: e estas são as unhas de prata, que propõe este capitulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro; como o pescador, que com um caramujo que lança no anzol, apanha grandes barbos. Pescadores ha de anzol, e pescadores ha de redes: até os que pescam com redes, usam de isca e cevadoiros, com que engodam o peixe: e os pescadores de que aqui tractamos, não teem melhor engodo que o do dinheiro; se souberem usar bem delle, pescarão quanto quizerem, e enredarão o mundo todo.

Bem usou do dinheiro um mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados, que lhe iam pela agua abaixo. Arribou com tempestade a um porto de Marrocos, tomaram-lhe os moiros a náu por perdida em lei de contrabando, tractou de a recuperar por justiça; mas não achou quem lh'a fizesse, porque é droga que não se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de seu quatro ou cinco mil cruzados, que escapou, em joias e boa moeda: fallou com o rei, offereceu-lhe tres mil por uma leve mercê que lhe pediu, e elle lhe concedeu facilmente—que dêssem um passeio ambos a cavallo pelas ruas, e praças da sua corte, fallando sós amigavelmente. Feita a mercê, dado o passeio, e pagos os

tres mil cruzados, tudo foi o mesmo: mas muito differente o que se seguiu; porque conceberam todos os moiros opinião que aquelle homem era grande pessoa, e muito privado e valido do seu rei: todos o visitaram logo por tal; mandavam-lhe presentes e donativos de grande porte, imaginando que por aquella via abriam porta a suas pretenções: e elles abriram-na para a restauração do mercador, que assim se ia refazendo; em tanto que até os juizes que tinham condemnado a náu, lh'a absolveram: e assim pescou com unhas de prata de tres mil cruzados, que soube dar, mais de cincoenta mil, que iam perdidos. E por esta arte pescam muitos ladrões no dia de hoje, até o que não é seu, com grande destreza.

Aportou á ilha da Madeira uma náu de carga: saltaram em terra os passageiros a fazer viniagas, e entre elles um clerigo que eu vi (grande pirata havia de ser, pelo tear que armou para fazer seu negocio melhor que todos): visitou o bispo no primeiro logar, e a quantos pobres achou no pateo, fez esmola de tostão, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o bispo, sairam estas campainhas pela cidade, dando uma alvorada do clerigo, que bastava para o canonizarem em Roma: uns lhe chamavam o clerigo santo, outros o abbade rico, outros o peruleiro; em tanto que cresceu a cobiça nos mercadores da terra, e se picaram a fazerem negocio com elle. Este servo de Deus, depois de dar obediencia, e beijar a mão ao bispo, lhe pedia fosse servido de lhe mandar dizer duas mil missas, e que daria avantajada esmola por ellas, para que Deus lhe désse bom successo em um emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A segunda visita que fez depois do bispo, foi aos prezos da cadêa, dando a cada um seu tostão de esmola: e quando d'aqui foi dar volta á cidade, já a achou disposta para lhe darem ao fiado tudo quanto sua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dois barris de patacas, para dar plenaria satisfação a tudo. Até aos padres da companhia mamou trinta cruzados, a titulo de emprestimo, para levar a bordo os empregos que via, e que havia de dar uma peça boa para a sacristia. Armava o mendicante a dar á vela no dia em que tinha promettido o paga-

mento das patacas; e sem duvida saíra com a préza da grossa pilhagem que tinha feito, com dez ou doze mil réis que dispendeu á custa alheia, se o bispo não presentira a tramoia por indicios que teve, e se não se picára o tempo em fórma que obrigou a náu a dilatar a jornada. Não conto o que d'aqui por diante se seguiu, porque o dito basta, em fórma de que intendamos, que ha unhas de prata, que com dispendios pequenos avançam grandes lucros: o ponto está na tempera, e nas disposições dos meios para assegurar os lanços. E vem a ser isto um jogo de ganha perde, perder para ganhar, como os que jogam com cartas e dados falsos, que no principio se deixam perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar uma mão, com que lhe varram todo o cabedal.

Vejo alguns mandar presentes e donativos a quem lhes não pertence; e sei que são de condição, que nem a sua mãe darão uma vez de vinho, quanto mais frasqueiras, com que cantaram os anjos, a quem nunca trataram! Dão cargas de fructa, taboleiros de doces, joias de preço, saccos de dinheiro: e fico atordoado, examinando de d'onde lhe vem a Pedro fallar gallego? Irmão, se tu nunca entraste em barco, nem metteste o pé em meio alqueire com este homem, como te dispendes com elle? Isto tem mysterio: e buscada a raiz, é ganancia grande, que solicita com dispendios leves: adoça a passagem, para haver o que pretende, despachos de officios, commendas, egrejas, titulos, etc, para os quaes até a propria consciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebram penedos, acha que por este caminho torcerá a justiça, e vem a ser um genero de latrocinio de má casta, porque ás vezes cheira a simonia, e é hydropizia da ambição. Acabo este capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que estas.

Na côrte de Madrid se achou um tratante de indias com grande quantidade de esmeraldas lavradas, sem lhes achar gasto, nem saida para se desfazer dellas. Poz duas escolhidas em um par de arrecadas, e fez dellas presente á rainha Dona Margarida, que as estimou muito, porque tudo o dado de graça leva comsigo agrado, e graça natural: e como as rainhas são o espelho de todas as senhoras de seu reino, em estas vendo a estima que a ma-

gestade fazia das esmeraldas, cresceu nellas a estimação, e logo o desejo, que o mercador estava esperando, para as levantar de preço; e se tivera um milhão dellas, todas as gastára, talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viram. É irmão gemeo deste successo outro similhante, que outro mercador fabricou na mesma côrte, para dar expediente a vinte peças de panno fino, que não tinha gasto por razão da côr: offereceu a el-rei um vestido delle muito bem guarnecido, e obrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazel-o se quer oito dias: e não eram bem quatro andados, quando já o mercador não tinha na loja de todo o panno, nem um só retalho, e se mil peças tivera, tantas gastára. E estas são as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgam grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vãs apparencias.

CAPITULO LXV.

Dos que furtam com unhas de não sei como lhe chamam.

Os rhetoricos dão nomes ás coisas, tirando-lh'os de suas propriedades e derivações; e assim o temos nós dado a todas as unhas desta *Arte*: e indo já no fim della, se me offerecem algumas taes que não sei que nome lhes ponha, porque se lhes olho para os effeitos, acho-as nescias; se para a derivação, acho-as sem principios, nem fim util. E chamar-lhes parvoas, é descortezia; chamar-lhes sem principio nem fim, é fazel-as eternas, contra o que pretendemos, que é extinguil-as. Ora em fim, a Deus e á ventura chamo-lhe tolas, e sáia o que sair. E passa assim na verdade, que bem consideradas, achará nellas até um cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar só para fazer mal ao proximo, sem utilidade propria. Segunda, furtar o que hão de restituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes

hão de demandar e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar só para fazer mal ao proximo, sem nenhuma utilidade para si, não ha duvida, que é tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alheia, ou põe em fogo a seara de seu visinho, só por se vingar de uma paixão que teve contra elle: e se o tal é christão, cresce nelle a tolice, pela obrigação que sabe lhe accresce de refazer o damno que deu: d'onde se segue que a si fez todo o mal, e não ao proximo, pois é obrigado a lh'o recompensar por inteiro. E ha homens nesta parte tão cegos, que por darem um desgosto a seu inimigo, não reparam no que por isso sobre si tomam. Houve um rei antigamente neste mundo, que sabendo de dois vassallos seus, que eram grandes inimigos entre si, mandou chamar ao mais apaixonado, e disse-lhe: Quero-vos fazer uma mercê, e ha de ser a que vós me pedirdes, com advertencia que a hei de fazer dobrada a fulano, de quem sei sois grande inimigo. Beijou a mão ao rei pelo favor, e pediu logo por mercê que lhe mandasse arrancar um olho; porque assim seria obrigado a arrancar dois ao outro, para que ficasse cego, ainda que elle ficasse torto. E bem cego estava, quando procurava damno alheio sem proveito proprio.

Quanto á segunda: furtar o que hão de restituir. Melhor dissera: o que não hão de restituir, porque raro é o ladrão que restitua; mas fallamos da obrigação que lhes corre, se é que são christãos, e tractam de se salvar. E bem devem de saber o que dizem os doutores, que não se perdoa o peccado, a quem, podendo, não restitue o mal levado. Todos dizem quando se confessam, que hão de restituir, como tiverem por onde. Pois nosso irmão, se vós o haveis de restituir, para que o furtastes? Respondem, que sabe melhor o furtado, que o comprado: e não ponderam que o amargor da restituição é maior que a doçura do furto; e por isso dissemos que é grande tolice furtar o que se ha de restituir. Furtaram tres officiaes mancommunados nove mil cruzados á fazenda de sua magestade; repartiram-nos entre si, e navegaram com o cabedal, um para a India, outro para Angola, e pará o Brazil outro; e depois de chatinarem valentemente, tomou-os por lá a hora da morte. Tratou cada um por

sua parte de se pôr bem com Deus pelos sacramentos da penitencia, que é o ultimo valhacoito dos peccadores; e chegando ao setimo mandamento, picavam a consciencia de cada um os tres mil cruzados que lhe couberam, e declaravam como tinham de obrigação, que o furto ao todo fôra de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavam-se todos com cabedaes, que tinham adquirido, bastantes para restituir tudo. Dizia o confessor da India ao seu penitente, que era obrigado a restituir os nove mil cruzados por inteiro, visto não lhe constar se seus companheiros tinham dado satisfação á sua parte. O confessor de Angola e do Brazil diziam o mesmo aos seus moribundos, que se achavam novos na nova obrigação que se lhes impunha, e argumentavam: se eu não logrei mais que tres mil, como hei de restituir nove mil? Mas a resposta estava á mão, e clara; porque fostes causa do damno por inteiro, com a ajuda que déstes a vossos companheiros; consta-vos do furto, e não vos consta da restituição, e assim sois obrigado a vos descarregar do que é certo, e não vos póde valer a descarga que é incerta. Eis aqui outra tolice maior, furtar o que se ha de restituir dobrado, e tresdobrado, conforme o numero dos companheiros, que entraram ao escote. Alguns neste ponto fazem-se mancos por não remar: dizem que não teem posses para restituir, e que não são obrigados, senão quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro está a obrigação de se sustentarem a si, e a sua casa, para que não pereçam: e nós vemos que poderão aguarentar mil superfluidades, e estreitar os gastos, e pouparem para dar o seu a seu dono. Lá se avenham: só lhes lembro que hão de viver mais no outro mundo, que neste, e que tudo cá lhes ha de ficar, testimunhando ser justa sua condemnação.

Quanto á terceira tolice: furtar para outrem, digo que é maior que a primeira, e segunda; porque não ha duvida, que é insania muito grande empenhar-se um homem, pelo que não ha de lograr. Os reis devem pagar a quem os serve, e pagam-lhe com ordenados e mercês: chega o tempo de cobrarem, passam-lhe os reis portarias e alvarás, com que se descarregam: vão com estes papeis os acredores, aos vereadores e thesoureiros, para que

entreguem o que nelles se contém; e fecham-se á banda como ouriços cacheiros, em que não ha mais que espinhos de respostas picantes, e bem devem saber que a retenção do que se deve é verdadeiro furto: e tomára perguntar-lhes, para quem furtam isto que não pagam? Não faltará quem cuide que para si; e se não fôr para si, será para o rei, que já se desobrigou com mandar que se pague; e assim veem a ser ladrões, que furtam para outrem, e é o que chamamos grande tolice: e a graça é que se ficam rindo com estas retenções, como se foram chistes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias teem por si: e eu sei que as marcam os mesmos por muito grande ignorancia. Por maior tive a de certos cavalheiros em Santarem, que metteram na cabeça a um mancebo vagamundo, que se fingisse filho de um homem nobre e rico, para o herdar. Foi o caso, que este homem teve um filho unico, que lhe fugiu de nove annos, e havia mais de vinte que não sabia delle: appareceu neste tempo naquella villa um pobretão que representava a mesma idade: amigos ou inimigos do homem de bem, o ensaiaram como havia de dizer que era seu filho, e lhe ensinaram historias e circumstancias, para se dar a conhecer, e que os allegasse por testimunhas: o pae supposto negava-o de filho fortemente, e dava por razão, que não se lhe alvoraçava o sangue quando o viu. O mancebo demandava-o diante do juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o não herdava por morte: as historias que contava, e testimunhas que dava, contestaram de maneira que deu o juiz sentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por seu filho. Caso raro, e nunca visto, nem imaginado! Que no mesmo dia appareceu em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceram logo, e o velho dizia: este sim, que se me alvoroçou o sangue quando o vi. O outro desappareceu logo, e eu perguntava aos embaixadores, se advertiam, que era furto os alimentos que faziam dar com seu testimunho a quem os não merecia? E que negociavam para outrem, e não para si o fructo da demanda, que iniquamente venciam? Não deviam de ignoral-o, ainda que se mostravam nisso grandes ignorantes e tolos.

Alguns cuidam que tem desculpa, quando furtam para darem remedio a seus filhos; mas crêam que não escapam da mesma nota, porque seus filhos não os hão de tirar do inferno quando lá forem, pelo que para elles mal e sujamente adquiriam. Em certo logar deste reino tinha um alfayate tres filhas sem dote para lhes dar estado: accordou de as casar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comsigo e com elles no Algarve, fingindo-se conde vomitado das ondas, que escapára com aquelles criados de um naufragio; tinha presença e labia para persuadir tudo; que vinha de Indias, e perdera mais de meio milhão em barras de oiro e pinhas de prata, que até as panellas da sua cosinha eram do mesmo, e que se via como Job posto de lodo. E com estas e outras imposturas, persuadia ás camaras e cabidos, nobreza e povos, por onde passava, que o ajudassem contra sua fortuna: todos se compadeciam, e para os mover mais, mostrava em pergaminhos sua grande prosapia, e os famosos cargos que servira. O menos que lhe davam até nos logares pequenos e humildes, eram os dez e os vinte cruzados, que nas villas grandes e cidades ricas, passava sempre o donativo de vinte mil réis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem assim o reino quasi todo pela posta, achou-se o senhor conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados, grangeados por esta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como se foram tres condessas: e elle ficou tão alfayate como d'antes, sem lograr de tantos furtos, mais que o pezar de os vêr mal logrados nas unhas de seus genros, que se bem o ajudaram, mal lh'o agradeceram. E não diz mais a historia.

Quanto á quarta: furtar o que vos hão de demandar, e fazer pagar, em que vos pez, é a maior tolice de todas, como se viu no que succedeu ao Carvalho, na semana em que componho este capitulo. Era guarda da alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheias muito bem, porque as punha em sua casa, como se foram suas: foi demandado por isso; e porque não deu boa razão de si ás partes, o puzeram por portas repartido: pretendeu levantar cabeça á custa alheia, e levantaram-lh'a dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoio desta tolice;

livro-me com um deste particular e de todo este capitulo. Em Angola tinha el-rei nosso senhor não ha muitos annos um ministro (tomara-lhe muitos similhantes) que empregava os direitos reaes em escravos, que mandava ao Brazil, com direcção que se vendessem e fizessem do procedido caixas de açucar para o reino: e assim se augmentasse a fazenda de sua magestade tres vezes ao galarim; mas o ministro que respondia ao Brazil, fazia seu negocio melhor que os alheios. Chegava uma partida de trinta ou quarenta negros, achava serem mortos dois na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resuscitados: eram os que restavam mancebos e bem dispostos: mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha, velhos ou estropeados, punha-os no numero d'el-rei, e tirava outros tantos para si, moços e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucares tanto a seu modo, que sempre as perdas eram reaes, e os ganhos proprios. Havia olheiros zelosos que viam isto, mas andavam tão intimidados, que nem boquejar se atreviam, até que o tempo, descobridor de maiores segredos, trazia tudo a luz; e para escurecer esta, tinha o sobredito na corte outros officiaes a quem respondia com os ganhos; e por isso o defendiam e conservavam, fazendo-se as barbas com sabonetes de açucar, apesar que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz comsigo a luz, por mais que a eclipsem sempre se manifesta: e provada esta, que será bom que se faça ao tal ministro? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda e corpo o novo e o velho, para que não seja tão tolo, que cuide poderá cobrir o céu com uma joeira; e que não saiba o que já fica dito por boca de um arganaz no capitulo XXIV, que quem a galinha d'el-rei come magra, gorda a paga.

CAPITULO LXVI.

Dos que furtam com unhas ridiculas.

Furtar para rir é muito máu modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto, como aconteceu em Coimbra a uma corja de estudantes, por signal que eram graves e bem nascidos. Deram no galinheiro de Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e fizeram tal descante nas galinhas, perús e ganços, sem compasso, que metteram tudo a saco, sem deixarem mais que dois ou tres galos vestidos de luto, arrastrando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-se o procurador do convento á justiça, tirou-se devassa; e como tinham contado em banquetes o que depennaram, foi facil apanhal-os a todos, e choraram as penas que mereciam, e se lhes perdoaram por misericordia, respeitando sua auctoridade e nobreza. *Mais ardilosos* se portaram outros taes na mesma praça: souberam que vinha do celebre Lorvão, por occasião de natal, uma valente consoada para o bispo: seis mulheres a traziam em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copiosa, para tão alentados combatentes, que lhe cortaram o passo, antes de chegarem á cidade; e allivian-do-as da carga, as fizeram voltar de vasio, enchendo-se de doces para a festa, e carregando-se de amargozes para a quaresma; ainda que sairam em paz desta batalha, porque não deram com a lingua nos dentes, contentando-se com darem a seu salvo com os dentes na consoada. Chegou a semana santa, moderou-os a consciencia, como costuma; fizeram petição ao bispo, que os perdoasse, sem se assignarem nella: poz-lhes por despacho. Appareçam os supplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foi o mesmo que deixar-lhes a restituição ás costas a cada um por inteiro, se todos juntos a não satisfizeram; e assim ganharam maior pena, que o riso que lograram.

Em villa Viçosa conheci um fidalgo, ha mais de vinte annos, no serviço da real casa de Bragança, o qual tomou por materia de riso calçar todo o anno, sem pagar nenhum par de obra aos

çapateiros, que vieram a dar-lhe na trilha, levantando-se ás maiores, com palavra que correu entre todos, que nenhum se fiasse delle, nem lhe désse calçado, sem lh'o pagar primeiro. Vendo-se o fidalgo posto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos, sem o dinheiro na mão, mandou ao moço que pedisse um só çapato á prova; e que se lhe contentasse mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o official, um çapato levará vossê, mas dois não os verá seu amo, sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o fidalgo teve um nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo fiou um çapato delle, persuadindo-se, que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lh'o restituiria, não lhe servindo. Vendo-se assim com dois, calçou-os, e foi-se ao paço rir sobre a historia; e os officiaes ficaram bramindo a nova zombaria, sobre que se fizeram boas decimas e sonetos.

Tambem para bons despachos teem boa preza estas unhas; porque uma graceta e dois chistes movem talvez um ministro, e tambem um rei enfadado, mais que discursos serios. O serio do governo vexa e cança a natureza, que aceita e estima o desafogo, que traz comsigo alegria e riso; e quem sabe mover a este com boa tempera, e com boa conjunção, faz bom negocio: tal o fez uma dona em Madrid com o conde de Olivares, e com o rei para seus despachos, por conselho de um experimentado, que lhe notou a petição nesta fórma em tres

QUARTETOS.

Soy Dona Ana Gavilanes,
La de los ojos hundidos,
Muger fuy de tres maridos,
Y todos tres capitanes.
Morieron en la milicia,
Sirviendo a su magestad,
Quede yo de poca edad,
Y de muy poca codicia.
Bebo tinto, y como assado,
Por achaques de dolencia,
Suplico a vuestra excellencia
Me perdone este pecado.

Deu a mulher a petição ao conde duque, sem saber o que levava nella: festejou-a elle como merecia; e levou-a logo a el-rei, que riu infinito. E mandou que a despachasse com mais do que pedia. Cortes ha em que medram mais bufões com suas graças, que homens sizudos com grandes serviços.

Acabo este capitulo e todo o Tratado, com um gasto notavel, que se faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito ridiculo: e é, que ha nesta corte uma casa, que chamam collegio dos Catechumenos, o qual fundaram os reis de Portugal, e dotaram com sua grande piedade de bastante renda, para nelle se agazalharem e sustentarem todos os infieis, assim moiros, como judeus ou gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o santo baptismo, até serem industriados nos mysterios da fé, e aprenderem todas as orações da santa doutrina; e é certo que passam annos, sem haver neste collegio um só catechumeno, o qual tem seu reitor e officiaes, como se houvera nelle um grande meneio de sugeitos. E é certissimo outrosim, que o reitor tem sessenta mil réis de renda, e que não paga casas, sem fazer mais, que dar-se a S. Pedro, quando lhe vem algum catechumeno, e chorar que não teem que lhe dar a comer, nem cama em que durma. O escrivão desta fabrica tem setenta mil réis de ordenado, e casas de vinte e quatro mil, sem tomar a penna na mão em todo o anno, mais que para passar as quitações dos recibos do seu estipendio. E o medico tem doze mi[illegible] réis, sem tomar o pulso mais que ao dinheiro, quando o recebe; e o barbeiro tem quatro mil réis, sem fazer mais que uma sangri[illegible] na bolça d'el-rei, quando os arrecada. E estas são as verdade[illegible]ras unhas ridiculas: e a graça melhor de todas é, que o trabal[illegible]ho de todas estas maquinas, que consiste em cathequizar e bapt[illegible]zar os neophitos, fica tudo ás costas dos padres da companhi[illegible] de S. Roque, sem terem por isso proes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deus, que lh'o pagará no outro mundo. São porém muito dignas de lagrimas as unhas que a estas se seguem; porque em havendo catechumenos, são tudo petições a sua magestade, que lhes mande dar esmolas para os sustentar, e se não que perecem! Valha-me Jesu Christo, não

fôra melhor andar o principal diante do accessorio! O principal aqui é a educação e ensino dos catechumenos, e o accessorio são os ministros que os servem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos bois! Que os servos tenham tudo o necessario de sobejo, e os servidos não tenham um basaruco, se lh'o não derèm de esmola! Sou de parecer que *frangat nucleum, qui vult nucem*. Quem quizer comer, depenne; porque não se pescam trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que se extingam os taes officios, sem ficar mais que um administrador ecclesiastico com quarenta mil réis, que é bastante porção, ajudada com sua missa livre, e casas de graça, que tem no mesmo collegio; e o mais, que passa de cento e cincoenta mil réis, que o logre seu legitimo dono, que são os catechumenos. E quando fôr necessario medico ou barbeiro, paguem-se da mesma porção por aquella só vez, que vem a ser nada, porque passam annos, sem serem necessarios taes ministros. Quanto mais, que bem podem passar, sem fázerem a barba tantas vezes. E eu a tenho feita bastantemente a quantos ladrões ha neste reino; e se algum me escapou, perdoe-me, porque não foi minha intenção deixal-o sem chrisma: mas de vêr como ardem as barbas de seus visinhos, poderá aprender para botar as suas de molho. Restava agora cortar as unhas a todos, e tenho para isso tres tesouras excellentes de aço fino: a primeira se chama *Vigia:* a segunda, *Milicia:* a terceira, *Degredo*. Direi de cada uma duas palavras; e a todas as unhas tres desenganos, e daremos fim a esta Obra.

CAPITULO LXVII.

Tesoura primeira para cortar unhas, chama-se — Vigia. —

Baldado seria o trabalho que tomei em descobrir tantos males da nossa republica, se os deixasse sem remedio: e o melhor que

ha para achaques de unhas, não ha duvida que é uma boa tesoura que as corte: e porque são muitas as que aqui se nos offerecem, offereço tres tesouras, que me parece bastarão para as cortar todas. Digo, pois, que a primeira tesoura se chama *Vigia;* porque é grande remedio para escapar de ladrões, vigial-os bem. Ladrão vigiado é conhecido; e em se vendo descuberto encolhe as unhas. Esta vigia corre por conta dos reis, que devem mandar ás suas justiças que não durmam: muito dormem as justiças de Lisboa, e, á sua imitação, as de todo o reino. Já não ha uma vara que ronde de noite, nem quem cace um milhafre; e por isso as unhas andam tão soltas. E porque os reis são os a quem mais neste mundo se furta, porque teem mais de seu, ou porque não se resguardam por isso tanto como os que teem menos: seja-me licito dar aqui uma palavra a el-rei nosso senhor.

Senhor, eu offereci esta obra a vossa magestade, para vêr nella os cannos por onde se desbarata sua fazenda, e a de seus vassallos: faça-me vossa magestade mercê de a vêr com ambos os olhos, porque se os não tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, segundo contam os poetas, e nem isso bastou para Mercurio lhe não furtar uma peça que trazia nelles, porque os fechou todos. Dois olhos tem vossa magestade como duas estrellas, e se tivera dois mil, cada um como o sol, todos teriam bem que vêr e que vigiar em seu imperio, tão grande na extensão, que se mede com a do mundo; e tão alto e soberano na grandeza, que se levanta até o céu. Das mãos dos reis, disse Nasão, que são muito compridas, porque abarcam seus reinos, quando bem os governam: mais compridas considero as de vossa magestade, porque chegam do occidente, onde vive, ao oriente, norte e sul, onde reina e é temido. Taes lhe tomára a vossa magestade os olhos, e taes os tem, quando em todas as partes do mundo que domina, põe bons olheiros: e para estes serem melhores, desejavam muitos prudentes que os illustrasse vossa magestade com os titulos e prerogativas, que fazem os homens mais illustres; e ficaria vossa magestade com isso mais illustrado, e o seu imperio mais bem visto, e tudo mais venerado, mais amado e temido.

Este lustre dos olhos e olheiros de vossa magestade, não sei se o diga, porque temo dizel-o sem fructo; mas sim direi, porque me assegura que não será debalde, por ser muito facil, e de muito proveito, e nenhum custo. Ponha vossa magestade quatro vice-reis da sua mão nas quatro partes do mundo: grandeza é, a que não chegou Alexandre, nem monarcha algum do universo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do orbe tanto como vossa magestade possue. Na Asia vice-rei temos, e pudéramos ter nella tres: o de Goa, que governa a Persia, Arabia, Ethiopia, praias de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India que corre até Moçambique. Outro em Ceilão, do Cabo de Comorim para dentro, que governa o reino de Jafanapatão, ilha de Manar, costa da Pescaria e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e reinos circumvisinhos. Outro em Malaca, ou Macáu, para Bengala, Pegú, Arracão, Malucas, Japão, China, Cochinchina, etc. E todos para muitos outros reinos e imperios, que não cabem neste rascunho, e será mais facil vel-os no mappa, que pintal-os aqui. Na Africa podemos ter outro vice-rei em Angola; na America, outro no Brazil, e outro em Europa no reino do Algarve. Para grandes officios buscam-se grandes sugeitos, e uma e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si, e do que se lhes entrega. Pasmam as nações, quando vêem que o monarcha de Hespanha tem quatro ou cinco vice-reis; dois ou tres na America, e outros tantos em Europa. Mas na Africa e Asia, não lhe é possivel, porque não tem nestas duas partes dominio capaz de tão grande governo. Só vossa magestade o tem em todas as quatro partes capacissimo, para ser o maior monarcha de todos; e por isso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia que se deve a estes titulos, mette veneração, terror, e obediencia até nos corações mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer que o medo guarda a vinha; e os homens tanto teem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem vossa magestade entrega o cuidado de seus imperios, com os titulos e poderes que lhes communica; e quando estes são maiores, então são elles mais temidos: e sendo temidos e respeitados, guardam e vigiam melhor a fazenda de vossa ma-

gestade. Estes são os olhos com que vossa magestade vencerá os Argos, e vencerá aos linces. Onde ha muitos, sempre ha furto; porque os ladrões são em toda a parte mais que muitos: e como as coisas por muitas lhes veem á mão, as unhas não lhes perdoam; mas onde ha bons olheiros, não se furta tanto. Seja esta a primeira tesoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que não diminua muito os ladrões, porque os que o são por natureza: *Naturam expellunt furcæ.* Mas para extinguir estes, ou moderal-os de todo, é de grande importancia a segunda tesoura, que se chama *Milicia*, de que já digo grandes prestimos.

CAPITULO LXVIII.

Tesoura segunda chamada — Milicia. —

O Bocalino nas suas côrtes do Parnaso, ou parabolas de Apollo, diz que se amotinaram as republicas do mundo contra Jupiter, por não lhes dar instrumentos com que podessem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladrões; e que levaram por seus procuradores esta queixa a Apollo, para que lh'a resolvesse e remediasse. Acham-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzeram-lhe a sua embaixada desta maneira: Senhor, como ha de haver no mundo, que estejam os hortelões de melhor condição que nós no governo das suas hortas e quintas? Deu-lhes Deus instrumentos para as mondarem, deu-lhes a enxada para arrancarem as hortigas e abrolhos, deu-lhes a foice para cortarem os silvados, e todas as malezas; e ás republicas nenhum instrumento deu accommodado, nem sequer um ancinho, para as podermos mondar e alimpar de tantos ladrões que nos destroem, e de tantos males que nos causam sem remedio! Indignou-se Apollo chamando-lhes barbaros! Pois não viam a maior providencia que Deus tem das republicas, que das hortas; porque se ás hortas deu a enxada e a foice para as mondarem,

ás republicas deu o pifano, o tambor e a trombeta, para as alimparem. Tocae caixas, alistae todos esses de que vos queixaes, ponde-lhes um pique ás costas, mandae-os á guerra; lá amançarão, ou acabarão servindo a seu rei e patria, e ficará a vossa republica livre dessa praga. E vedes ahi a melhor foice que ha, e a melhor enxada, para mondar e cultivar as republicas do mundo. Disse Apollo e disse bem.

O mesmo digo aos procuradores e governadores da nossa republica, que se queixam de haver nella tantos ladrões, que não os podem extinguir: toquem caixa, toquem pifano e trombeta; alistem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das conquistas; empreguem suas unhas e garras em nossos inimigos, e ficarão livres de suas invasões nossas fazendas. Esta é a melhor tesoura que ha para cortar todas as unhas. Não sei se notam os criticos o que tenho notado de dez ou doze annos a esta parte, que tantos ha que andamos em guerra viva com nossos inimigos, assim por mar, como por terra. Noto que antes disto não nos podiamos vêr livres de ladrões por essas estradas de todo o reino, nem podiamos dar passo, sem que nos salteassem pelas charnecas; não se fazia feira em que não fizessem mil assaltos, nem havia justiça que bastasse para nos livrar desta praga, a qual cessou de todo com as guerras; e já não vêmos no interior do reino ladrões em quadrilhas, como andavam d'antes; e é porque lhes démos que fazer nas fronteiras; lá se cevam nas pilhagens do inimigo, com que nos deixam.

Nem me digam que quem más manhas ha, tarde ou nunca as perderá, e que ainda fazem das suas, e agora melhor, porque andam armados, e a titulo de servirem a el-rei se fazem isentos, e indomaveis, porque a isto se responde, que não haverá tal, se andarem bem disciplinados. São as regras da milicia muito ajustadas com o bem publico; e se os cabos (que sempre são homens escolhidos) as fizerem guardar, como teem de obrigação, tambem os soldados fazem a sua, de andarem compostos, ou por medo, ou por primor. Não sei que tem o andarem os homens alistados e com superiores continuos sobre suas acções, que lhes tomam cada hora conta dellas para lhes darem o galardão, bom ou máu, se-

gundo o merecem, que nenhum se atreve a lançar o pé além da mão, antes lhe serve, assim o premio como o castigo, de continuos estimulos, para serem bons, e tractarem da honra e augmentos louvaveis, que por armas se alcançam.

Esta é a segunda tesoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladrões que nos inquietam. E se esta ainda não bastar para alimpar de todo a nossa republica e reino, porque ha nelle muitos incapazes da milicia, quaes são siganos, e outros que se parecem com elles nas obras, e se livram da guerra por varios principios, que se deixam conhecer e não aponto; temos outra tesoura muito efficaz para os extinguir no reino, sem que escapem, assim haja quem a meneie. Esta se chama *Degredo*, do qual se contam e escrevem grandes excellencias; e eu direi só as que fazem para o nosso intento no capitulo que se segue: e neste não digo mais da *Milicia*, porque tudo o que della se póde disputar, fica apontado nos capitulos 20, 21 e 22 *das unhas militares*.

CAPITULO LXIX.

Tesoura terceira chamada — Degredo. —

Duas coisas ha que facilitarão muito os ladrões a furtar: uma é o que sobeja nelles, e a outra o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles e sobeja em nós, é o que os move a serem ladrões, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Comtudo, isso não é assim, se não que sobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós justiças para os emendarem: bem está, assim é, mas tomara saber de donde vem sobejar nelles a cobiça, e fallar em nós a justiça? Eu o direi, a quem estiver attento á historia ou parabola que se segue.

Duas donas principaes, e senhoras muito conhecidas nesta corte, vieram ás gadelhas sobre pouco mais de nada, e fizeram uma briga muito arriscada no Terreiro do Paço: uma se chamava dona

Justiça e a outra dona Cobiça. A senhora dona Cobiça, não sei se por mais moça, se por menos soffrida, deu uma punhada em um olho á Justiça, tão grande, que lh'o lançou fóra; e dando-a por morta, tractou de se pôr em cobro. Acolheu-se para o paço, que lhe ficava perto; mas logo lhe disseram seus amigos (que lá não lhe faltam) que visse onde se mettia, que não lhe havia de valer o coito; porque qualquer das pessoas reaes que a encontrasse a havia de mandar pôr na forca, assim por ser homicida e ladra, como por ser Cobiça, que não se permitte no paço. Deu comsigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da bolça; mas logo a avisaram, que se arriscava a fazerem estanque della para o Brazil; além de que poderia cair nas unhas dos parlamentarios, ou hollandezes, se para lá fosse, que lhe dariam máu trato, como dão a tudo. Deu comsigo na rua Nova, para se esconder por essas lojas dos mercadores, que todas são escuras, e sem janellas, para não vêrmos o que nos vendem. Mas temendo que a vendessem por baeta, dessa que compram a seis vintens, para a encaixarem a seis tostões, passou de corrida para a rua dos Outives; e não fez ahi muita detença, porque viu que mal se podia encobrir, onde tudo se põe á porta. Acolhamo-nos a sagrado, disse ella, por ultimo remedio; mas em nenhuma egreja a quizeram recolher, por ser vedado nos sagrados canones aos ecclesiasticos todo o trato de cobiça. Tractou de se homisiar em algum mosteiro, mas todos lhe fecharam as portas; os religiosos, porque não lhes inquietasse as communidades com ambições; e as freiras, porque não podia professar entre ellas, por ser casada com um mulato, que se chama Interesse. Por fim de contas se recolheu no castello, onde aturou pouco, porque não se dá lá meza nem cama aos hospedes; e fez por isso taes revoltas, que a degradaram para as fronteiras, onde não podendo aturar o pão de munição, porque é muito mimoso, deu em ladra com tanto desaforo, que roubava a olhos vistos até os pagamentos dos soldados, e destruia a fazenda d'el-rei por mil modos, que não se podem contar: e temendo que a enforcassem os generaes por isso, porque é ponto que se não deve perdoar, passou-se para Castella, castigando-se a si mesma com degredo voluntario: e porque fu-

giu sem passaporte, não se atreveu a voltar; e lá se fez natural com tanta audacia e excesso, que em breve tempo assolou toda Hespanha com tributos, para engordar, porque ia muito magra deste reino. Enxergaram-se em Castella os damnos da cobiça, não só nos vassallos destruidos com as fazendas quintadas, e fintas que lhes poz até no fumo que se vae por esses ares; mas tambem na cabeça do rei tirando-lhe della coroas, e quebrando-lhe sceptros á sua vista. Para se repararem de tão grandes damnos, deram com a causa delles no Mundo Novo, onde fez tal estrago, que só na ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de indios, para se encher de oiro. O que fez no Perú, no Mexico e Florida, não é para se referir: dos braços das mães tirava as creanças, e feitas em quartos as dava a cães, com que andava á caça. Queimava vivos os cacizes mais opulentos, esfolava reis, degolava imperadores, para mais a seu salvo devorar serras de prata, e montes de oiro, que mandava a Hespanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa e Asia. Revolto assim o mundo todo, e posto em riscos de se perder por esta fera, tractou-se do remedio, e resolveu-se com maduro conselho, que só a justiça direita lh'o podia dar; mas esta estava torta com um olho menos, que lhe tirou a cobiça. Puzeram-lhe um olho de prata, para a fazerem direita; e d'ahi lhe veio trazer sempre a prata nos olhos e o olho na prata, com que ficou mais torta; só no céu se achava neste tempo justiça direita; tem-se pedido a Deus por muitas vias que a mande á terra, e espera-se que venha cedo, e ha disso já grandes prenuncios: e como ella vier e degradar a cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Não sei se me tenho declarado. Quero dizer: que a cobiça é mãe de todos os ladrões, e que a justiça se lhe acanha, quando não é direita. Haja quem castigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de tão más pestes. E esta será a melhor tesoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpias, como por todas as partes nos cercam. Dirá alguem que a melhor tesoura de todas é a forca. Não a tenho por tal, porque aqui tratamos de emendar e não de extinguir o mundo; além de que não haverá

forcas que bastem para tão grande pendure. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo; comam-se lá embora uns aos outros, isso mesmo lhes servirá de castigo, e ficaremos livres delles, até que se melhorem, que é o que se pretende; e os que se melhorarem, tornem a nos ajudar com seu exemplo. As razões que me movem para não admittir que se deem facilmente castigos de morte, ficam apontados no cap. 49 *das unhas apressadas*, do meio por diante, § *Em Roma havia.*

CAPITULO LXX.

Desengano geral a todas as unhas.

Mais unhas ha; mas as que temos visto neste Tratado, bastam para as conhecermos todas, e para intendermos quão perniciosas e desarrasoadas são. *Ab unguibus leò*, diz o proverbio— pelas unhas se conhece o leão—e pelas mesmas se conhece o ladrão. Conhecidos assim bem todos os ladrões, suas unhas e artes, boas tres tesouras vos dei, para lh'as cortardes todas. E se essas não bastarem por póucas para tantas unhas, ou não vos contentarem por asperas, porque nem toda aspereza serve para medicamento, tenho tres desenganos efficacissimos para as emendar suavemente, fazendo-lhes intender e abraçar a verdade, que é o melhor modo que ha de correção. Assim é; e é impossivel não repudiar a vontade, o que o intendimento lhe mostra nocivo. Peço a todos os que virem este Tratado, que leiam com attenção estes tres pontos:

DESENGANO PRIMEIRO.

A cobiça de riquezas é como fogo, que nunca diz, *basta.* Quanto mais pasto damos ao fogo, tanto mais se accende, e mais fome mostra de mais pasto, accrescentando-a com aquillo

que a pudèra fartar e extinguir. Tal é a cobiça e fome que os homens teem de riquezas: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit*, disse lá o outro—que cresce a cobiça ao compasso das riquezas, augmentando a fome dellas com a posse, que só a poderá satisfazer. E é o primeiro desengano que damos a todas as unhas que furtam para fartar sua cobiça e fome que teem de riquezas; desenganem-se que trabalham debalde, porque maior a hão de ter quando mais se encherem, e maiores montes ajuntarem; porque é hydropisia, que quanto mais bebe, tanto maior sede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite insaciavel, acho que não procede de fome, mas que nasce de fastio, causado do enjôo, que a todas as coisas do mundo é natural causal-o, pela corrupção que tem de casa. E d'ahi vem, que, enfastiados do que possuimos, suspiramos por mais, cuidando que no que de novo vier, acharemos alguma satisfação: e não é assim quando lá vou, porque tudo é do mesmo lote e jaez, e em nada ha a satisfação que buscamos: e por isso digo, que se desenganem todas as unhas, que cançam e trabalham debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de satisfazer a sede que as pica. Ora demos-lhe que não seja assim o que assim é, que não achastes fastio em nada; mas que lograstes muita doçura em tudo quanto vossas unhas adquiriam, e que a vosso bello prazer com muito agrado fostes gostando de tudo, e saboreando-vos em cada coisa: dae-me licença para discorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o desengano.

DESENGANO SEGUNDO.

Venham aqui todos os ladrões do mundo, tenha cada um tantas mãos como o Briareo Centimano, e em cada mão outras tantas unhas: não fique unha que aqui não venha a este exame: pesquem, cacem, empolguem e pilhem tudo quanto quizerem, oiro, prata, perolas, joias de pedraria mais preciosa, officios, beneficios, commendas, morgados, titulos, honras, grandezas até não mais, e vamos por ordem discutindo tudo. Nas-

cestes neste mundo nú (que assim nascêm todos) abristes os olhos, e vistes que com as riquezas medram os poderosos; desejastes logo ser um delles, e tractastes de ajuntar as riquezas com que os poderosos incham. Esperae; não furtareis para as haverdes, eu vol-as dou todas, porque só tractamos aqui por ora fazer a experiencia que vou discursando, para cairdes no desengano que tracto de vos intimar: e se as tendes já, porque as adquiristes servindo, chatinando e roubando, que tudo vem a ser o mesmo, dizei-me agora se vos falta mais alguma coisa; depois de vos verdes com grande cabedal, que é o que pretendeis? Pretendo, responde muito sizudo, uma gineta de capitão-mór, para ter que mandar, e ser temido e respeitado de todos, e merecer servindo a sua magestade, que me faça maiores mercês. Se o não haveis mais, que por uma gineta, dou-vos um bastão; e dou-vos que servistes já com gineta, e bastam até vos enfadardes, e praza a Deus não vos enfadeis mais cedo do que convem. Ao depois dessa capitania e generalato, tomára saber o que se vos segue para appetecer? Segue-se uma commenda famosa, para ter renda que gastar, e com que viver na côrte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o não haveis por mais, dou-vos duas commendas, e que sejam embora as mais grossas do mestrado de Christo; e faço-vos fidalgo nos livros d'el-rei, para que com honra e proveito fiqueis mais satisfeito. Ao depois de tanta commenda e fidalguia, tomára saber que é o que resta a v. m. Um titulo de conde para maior credito meu, e lustre de minha geração. Titulo de conde? Com pouco se contenta v. m., senhor commendador, eu lh'o dou logo de marquez: e diga-me pór vida sua, senhor marquez, diga-me vossa senhoria, ou vossa excellencia (que já se não contentam com senhoria) ao depois deste titulo, que é o que se lhe segue? Segue-se passar uma velhice muito descançada e lustrosa. Embora seja assim, ainda que lh'o pudéra negar, porque neste mundo não ha velhice descançada nem lustrosa: *Senectus ipsa est morbus*. A mesma velhice em si é doença cheia de mil desalinhos. Essa velhice ha de ter o fim; e ao depois delle tomára saber que é o que se segue a vossa excellencia, meu senhor

marquez? Seguir-se-me-ha uma morte muito bem assombrada; porque farei um testamento cheio de mandas para meus parentes, e que me façam umas exequias em que se gastem duzentos mil réis, e dois trintarios de missas pela minha alma: *Et requiescat in pace;* que representei meu dito. Bem está; mas ainda não tem dito tudo vossa excellencia. De maneira, meu senhor, que deixa quinhentos cruzados para exequias, e trinta tostões para missas! Pois eu tomára-lhe antes os quinhentos em missas, e os trinta em exequias. E as mandas que deixa a seus parentes, quem lhe disse que não seriam demandas? E a morte bem assombrada, que se promette, quem lhe passou carta de seguro para ella? Não sabe que os velhos quasi todos morrem tontos, e que toda a morte no mundo sempre foi muito feia, e mal assombrada? Mas dou-lhe que a teve assim como a pinta, muito formosa, contra o que nos mostram seus retratos; e dou-lhe que lhe fizeram seus parentes as exequias, ainda mais magestosas. Ao depois de tudo isso, que é o que se lhe segue? Que é o que resta? Não me responde? Encolhe os hombros? Diz que não sabe? Pois este ponto, e este *ao depois*, tomára eu que o trouxera estudado desde o primeiro despacho da gineta, e desde o primeiro dia em que entrou nú neste mundo, para prova de que assim havia de sair delle, sem levar nada de quanto ajuntou na vida: e se o não sabe, porque nunca cuidou nisso, eu lh'o direi, esteja-me attento.

Ao depois da morte e das exequias, segue-se ir para baixo ou para cima; voar para o céu, ou descer para o inferno. Quem serviu o mundo, e se carregou do alheio, esse pezo mesmo o leva para o profundo: quem fugiu do mundo, e desprezou tudo isso, fica ligeiro para voar ao céu. E este é o ponto mais essencial, e a maxima do nosso ser, que devemos trazer sempre diante dos olhos, para desengano de que tudo dispára em nada: e desse nada resulta um muito, que são eternas penas, as quaes cambiadas com o gosto que lograstes, ou comprastes, necessariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do justo preço. E para que não duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores regnum Dei non possidebunt.* Que a ladrões não

se deve gloria, senão penas. Mas direis, o que já disse um grande de Castella em Madrid: *Esto del infierno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo de purgatorio no ay duda, que es invencion de clerigos, y frayles, para sacar dinero por missas.* Não sei como não disse tambem que não havia gloria, nem céu! Mas temeu que lh'o mostrassem com o dedo até os cegos: e não diria mais um orate, nem Machiavelo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos tão alcantilados, que vem a ser, que não ha mais que este mundo, estendei os olhos por todo elle, e achareis que tudo é corruptivel. Considerae os que maiores bens e glorias lograram, Salomões, Alexandres, Cressos, Midas, Cesares, Pompeos; nem delles, nem de suas riquezas e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foram, que acabaram, que disseram seu dito no theatro deste mundo. E se sois tão atheu, que nada disto vos move para crêr que ha outro mundo melhor, e que se não deve fazer caso deste, confesso que este desengano para christãos o dava, que o devem crêr: mas para atheus será o desengano ultimo, que se segue.

DESENGANO TERCEIRO.

Supponho que não fallo com animaes brutos, mas com homens racionaes, que se intendem, mas que sejam atheus, que não crêm, que ha Deus, nem outra vida. Tractando só desta: dou-vos, que vos fez vossa fortuna, assim como vós quizestes, nobre, são, valente, gentil-homem; ou que adquiristes por vossas artes e industria tudo quanto o mundo ama e estima, e em que põe sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, houras, e gostos; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possaes roubar. Senhor estaes de tudo: dizei-me agora, quaes são as vossas riquezas? São thesouros de ouro, prata, joias, peças, enxovaes, propriedades, rendas, etc. Se daes ou gastaes isto, como mundano, sois prodigo: se o guardaes como escasso, sois avarento; e ambas as coisas são vicio. E se tendes intendimento, como suppomos, sois obrigado a crêr, que em vicios

não póde haver gloria, nem descanço; assim o alcançaram, e escreveram até os maiores idolatras do mundo. Pelo meio da prodigalidade e avareza, corre a liberalidade, que dispende e guarda com a moderação devida, e por isso é virtude; e porque o é, não atina com ella quem serve o mundo, que traz apregoado guerra com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas não póde haver para vós a bemaventurança que nos fingis.

Quaes são as vossas honras? São titulos, que vos fazem respeitados; apparatos de criados e vestidos, que vos fazem venerado; são officios, que vos dão poder para sopear e ficar superior a todos: e se bem considerardes tudo, nada disto tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que vol-o podem tirar com vos negar uma cortezia. Bem fraca é a honra, que depende de uma barretada; de pouca estima deve ser o titulo, que se perde com um delicto; os apparatos que se desfazem com uma ausencia; e as superioridades que se malogram com uma desobediencia dos subditos: e tudo o que chamaes honra, vem a ser um vidro, que com a liviandade de uma mulher se quebra, e com o desconcerto de qualquer de vossa familia se tolda, como o espelho com um bafo. E se bem apertardes a honra, buscando-a em vós mesmo, não a haveis de achar, porque toda é de quem a dá, e se vol-a negar, ficaes sem ella; e até a que chamaes de sangue, não consiste no vosso, senão em vossos antepassados, e em seus brazões, que vem a ser pergaminhos velhos, roidos de ratos, folhagens e fingimentos mal averiguados. E vêdes ahi como não póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras são mais mudaveis que as grimpas.

Os deleites nesta vida nos cinco sentidos se cifram todos: e os da vista, com ser dos sentidos o mais nobre, são de qualidade, que a noite os rouba; e nisso que vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeições para estimar; e até nas mesmas perfeições vemos, que não são de dura, que se murcham como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auro-

res: e vem a ser tudo um crystal de furta-cores, que a um virar de olhos desapparece tudo. Os gostos do ouvido são musicas e lisonjas, lisonjas que mentem e enganam; musicas, que se compõe de vozes; as vozes do ar, e ar sujeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a disparar em vento. Os do cheiro nascem de fumos e vapores, que em si mesmos se exhalam e extenuam, até se consumirem: que coisa mais corruptivel que o fumo; que coisa menos duravel que o vapor tenue? Os do gosto são doçuras, e sabores de manjares e licores? Se os tomaes com demazia matam-vos; se vos abstendes delles, já os não lograes, e se os usaes com moderação, continuados enfastiam, dilatados causam fome, e deixados são como se não fossem, para desengano que por todas as vias não se acha gosto nos mesmos gostos desta vida. Os do tacto, que consistem na brandura, no carêo e afago com que a sensualidade lisongea a natureza, quem os logra confessa que são momentaneos; e ainda que successivos, de tal maneira se alternam, que são mais as dores, que as suavidades que de seu tracto, quando é immoderado, resultam. E em conclusão, todos os deleites dos sentidos rendem vassallagem ao somno que os sepulta. O somno, imagem da morte, é senhor de todos os gostos, para os ter captivos e sepultados; e quem a tal senhor se sujeita, bem certo é, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Isto é o que passa nesta Babylonia do mundo, onde tudo são confusões e labyrinthos. Déstes saco ao mundo, para viverdes nelle abastado e satisfeito, e em nada achastes a satisfação plenaria que buscaveis: seguistes suas leis, que vos ensinaram a pretender, buscar, e estimar o que elle estima; e achastes em tudo vaidade sem firmeza, amargores sem doçura, inferno sem bemaventurança. Que resta logo? Cuidarmos que toda a gloria é como esta, e que não ha outra, será engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, constancia, e formosura do céu, nos testimunha e assegura, que ha outra coisa melhor que isto que cá vemos, e que ha bemaventurança solida e verdadeira. A esta não é possivel que se vá pelo cami-

nho que segue o mundo, pois vemos que nos leva ao contrario. Outra lei e regra ha de haver necessariamente, que nos guie com verdade, e leve ao descanço firme, e que nos ponha na gloria, que não padece eclipses. Esta é a lei divina, que se reduz a dois preceitos, que são: amar a Deus sobre todas as coisas, e ao proximo como a ti mesmo. Quem ama a Deus, não tracta do mundo, porque lhe é opposto; quem ama ao proximo não o offende: dar a cada um o que é seu, é um ponto em que tudo se cifra; a Deus a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a esta felicidade, logrará a maior bemaventurança, ainda nesta vida, e livrar-se-ha dos infernos deste mundo; que infernos vem a ser todas suas coisas nas penas, molestias, e tribulações, que causam, até quando se gozam; e por isso com muita propriedade e razão lhes chamou Christo espinhos. Quem quizer viver sem estes, viva sem o alheio, tracte só do que lhe pertence, e converter-se-lhe-ha esta vida em gloria, e achará no mundo o paraiso: e bem se prova; porque se o não ha, em quem segue as leis do mundo, havel-o-ha necessariamente em quem seguir a lei contraria, que é a de Christo, a qual se resolve naquella sentença sua: *Reddite ergo, quæ sunt Cæsaris Cæsari, et quæ sunt Dei Deo*. Que dêmos a cada um o que é seu; a Deus a honra, e ao proximo o que lhe convem. D'onde se segue, que quem não tomar o alheio será bemaventurado.

CONCLUSÃO FINAL, E REMATE DO DESENGANO VERDADEIRO.

Teve um religioso santo uma visão, em que lhe appareceu uma matrona muito formosa, com uma tocha aceza em uma mão, e uma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o servo de Deus, quem era? Respondeu: Sou a lei de Christo. E que tem que vêr com a lei de Christo esses dois elementos, fogo e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo tracto de abrazar o céu até o desfazer; e com esta agua quero apagar o inferno até o anniquilar: e depois de não haver céu que espere, nem inferno que tema, ainda hei de guardar a lei de Christo; porque só com a

guardar acho que terei gloria, e ficarei livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria e descanço, e se livra de penas e afflicções, quem guarda a lei de Christo, que dá o seu a seu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, não achará o que busca, se é que busca descanço; mas achará afflicção de espirito, cansaço de corpo, tormento para a alma, e viverá em inferno.

Que fazes, homem, á vista de verdades tão claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, tracta do eterno e celestial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que é certo, que um milhão de arrobas de glorias temporaes não faz meia onça de bemaventurança eterna: esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanço da lei de Christo; e aquellás custam muito a achar, porque se buscam com o suor e trabalhos, que comsigo trazem as leis do mundo. Deixa de ser ladrão, e terás o que has mister; porque terás a Deus, que para si te creou, e não para servires o mundo falso e enganador, que não tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos; suas glorias são relampagos, que, se por uma parte luzem, por outra disparam raios. Suas luzes são de candêa, que com um assopro se apagam. Seus affagos são rapozas de Samsão astutas, que no cabo levam fogo que abraza. Sua formosura é a dos pomos de Pentapoli; por fóra doirados, e por dentro corrupção e fumo, em que poem seu termo todas as coisas do mundo, que não teem outro fim.

E eu ponho aqui remate a este Tratado, que intitulei *Arte de Furtar*; porque descobre todas as traças dos ladrões, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente este espelho, que chamo de enganos, para que nelle vejaes os vossos, e vos emendeis conhecendo sua deformidade. Este é o theatro das verdades; se as conhecerdes e seguirdes, representareis melhor figura no deste mundo. Mostrador é de horas minguadas, para que fugindo-as acheis uma boa, em que vos salveis. Tambem é gasúa geral, que, se bem se occupou até aqui em abrir, melhor saberá fechar: chave é que fecha e abre; se usardes bem della, fechareis para não perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente é chave

mestra, que vos ensinará a verdadeira arte com que se abrem os thesouros do céu, os quaes lograreis, quando menos usurpardes os da terra. Em quanto estudaes esta *Arte*, vos fico compondo outra mais liberal, que se intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira*.

FIM.

INDICE

DOS

CAPITULOS DESTE TRATADO.

Pag.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

OBRAS POLITICAS E VARIAS.

TOMO II.

HISTORIA

DO FUTURO.

LIVRO ANTE PRIMEIRO.

PROLOGOMENO A TODA A HISTORIA DO FUTURO,

EM QUE SE DECLARA O FIM

E SE PROVAM OS FUNDAMENTOS DELLA.

MATERIA, VERDADE, E UTILIDADES DA HISTORIA DO FUTURO.

COMPOSTA PELO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

LISBOA

EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES

RUA DOS FANQUEIROS, 8

1855

HISTORIA DO FUTURO.

CAPITULO I.

Declara-se a primeira parte do titulo desta Historia, e quão propria é da curiosidade humana a sua materia.

Nenhuma coisa se póde prometter á natureza humana mais conforme ao seu maior appetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a noticia dos tempos e successos futuros; e isto é o que offerece a Portugal, á Europa, e ao mundo, esta nova e nunca vista Historia. As outras Historias contam as coisas passadas, esta promette dizer as que estão por vir; as outras trazem á memoria aquelles successos publicos que viu o mundo, esta intenta manifestar ao mundo aquelles segredos occultos e escurissimos, que não chega a penetrar o intendimento. Levanta-se este assumpto sobre toda a esphera da capacidade humana, porque Deus, que é a fonte de toda a sabedoria, posto que repartiu os thesouros della tão liberalmente com os homens, e muito mais

com o primeiro, sempre reservou para si a sciencia dos futuros, como regalia propria da divindade: como Deus por natureza seja eterno, é excellencia gloriosa, não tanto de sua sabedoria, quanto de sua eternidade, que todos os futuros lhe sejam presentes: o homem, filho do tempo, reparte com o mesmo a sua sciencia, ou a sua ignorancia; do presente sabe pouco, do passado menos, e do futuro nada.

A sciencia dos futuros, disse Platão, é a que distingue os deuses dos homens, e d'aqui lhes veio sem duvida aquelle antiquissimo appetite de serem como deuses: aos primeiros homens, a quem Deus tinha infundido todas as sciencias, nenhuma lhes faltava senão a dos futuros, e esta lhes prometteu o demonio com a divindade, quando lhes disse: *Eritis sicut Dii scientes bonum, et malum.* (Genes. III — 3) Mas ainda que experimentaram o engano, não perderam o appetite: esta foi a herança que nos ficou do paraiso, este o fructo daquella arvore fatal bem vedado, e mal appetecido, mas por isso mais appetecido, porque vedado. Como é inclinação natural no homem appetecer o prohibido, e anhelar ao negado, sempre o appetite e curiosidade humana, está batendo ás portas deste segredo, ignorando sem molestia muitas coisas das que são, e affectando impaciente a sciencia das que hão de ser. Por este meio veio o demonio a conseguir que o homem lhe désse falsamente a divindade, que o mesmo demonio com igual falsidade lhe tinha promettido; e senão pergunto: Quem foi o que introduziu no mundo, sem algum medo, mas antes com applauso, a adoração do demonio? Quem fez que fosse tão frequentado e consultado o idolo de Apollo em Delphos? O de Jupiter em Babylonia? O de Juno em Carthago? O de Venus no Egypto? O de Daphne em Antiochia? O de Orpheu em Lesbo? O de Fauno em Italia? O de Hercules em Hespanha, e infinitos outros em muitas partes? Não ha duvida que o desejo insaciavel que os homens sempre tiveram de saber os futuros, e a falsa opinião dos oraculos, com que o demonio respondia naquellas estatuas, foram os que todo este culto lhe grangearam; sendo certo que se Deus vindo ao mundo não emmudecera (como emmudeceu) os oraculos da gentilidade; grande parte do que hoje

é fé, fôra ainda idolatria. Tão mal soffreram os homens, que Deus reservasse para si a sciencia dos futuros, que chegaram a dar ás pedras a divindade propria de Deus, só porque Deus fizera propria da divindade esta sciencia: antes queriam uma estatua que lhes dissesse os futuros, que um Deus que lh'os encobria.

Mas que direi das sciencias ou ignorancias das artes, ou superstições que os homens inventaram desde a terra até o céu, levados deste appetite? Sobre os quatro elementos assentaram quatro artes de adevinhar os futuros, que tomaram os nomes dos seus proprios sugeitos. Agromancia que ensina a adevinhar pelas coisas da terra, a hydromancia pelas da agoa; a areomancia pelas do ar, e a pyromancia pelas do fogo. Tão cegos seus auctores no appetite vão daquella curiosidade, que tendo-se perdido na terra os vestigios de tantas coisas passadas, cuidaram que na agoa, no ar, e no fogo, os podiam achar das futuras. No mesmo homem descobriram os homens dois livros sempre abertos e patentes, em que lessem ou soletrassem esta sciencia. A phisionomia nas feições do rosto, a chiromancia nas raias da mão; em um mappa tão pequeno, tão plano, e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os chiromantes não só linhas, e caracteres distinctos, senão montes levantados e divididos, e alli descripta a ordem e successão da vida, e casos della; os annos, as doenças e os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades, e todos os outros futuros prosperos, ou adversos; arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos. Deixo a astrologia judiciaria tão celebrada no nascimento dos principes, em que os genethliacos sobre o fundamento de uma só hora ou instante da vida, levantam, ou figura, ou testimunhos a todos os successos della. Nem quero fallar na triste e funesta nicromancia, que frequentando os cemiterios e sepulturas no mais escuro e secreto da noite, invoca com deprecações e conjuros as almas dos mortos, para saber os futuros dos vivos.

A este fim excogitaram tantos generos de sortilegios, como se na contingencia da sorte se houvesse de achar a certeza: a este

fim observaram os sonhos, como se soubesse mais um homem dormindo, do que sabia accordado: a este sentido consultavam as entranhas palpitantes dos animaes, como se um bruto morto podesse ensinar a tantos homens vivos: com o mesmo appetite pediam respostas ás fontes, aos rios, aos bosques, e ás penhas: com o mesmo inquiriam os cantos e vôos das aves, os mugidos dos animaes, as folhas e movimentos das arvores: com o mesmo interpretavam os numeros, os nomes, e as lettras, os dias e os fumos, as sombras e as côres, e não havia coisa tão baixa e tão minda por onde os homens não imaginassem que podiam alcançar aquelle segredo, que Deus não quiz que elles soubessem. O ranger da porta, o estalar do vidro, o scintillar da candeia, o topar do pé, o sacudir dos sapatos, tudo notavam como avisos da providencia, e temiam como presagios do futuro. Fallo da cegueira, e desatino dos tempos passados, por não envergonhar a nobreza da nossa fé com a superstição dos presentes.

Finalmente, a investigação deste tão appetecido segredo, foi o estudo e disputa dos maiores e mais signalados philosophos, de Socrates, de Pitagoras, de Platão, de Aristoteles, e do eloquente Tullio, nos livros mais sublimes e doutos de todas suas obras. Esta era a theologia famosa dos caldeos; este o grande mysterio dos egypcios; esta em Roma a religião dos Augures; esta em Judéa a seita dos Pitões e Ariolos; esta em Persia a sciencia e profissão dos Magos; esta em fim, do céu até o inferno o maior desvelo dos sabios, e maior ancia e tropeço dos ignorantes; uns injuriando o céu, e dando trato ás estrellas para que digam o que não podem; outros inquietando o inferno, (como dizia Samuel) e tentando os mesmos demonios, para que revelem o que não sabem. Tanto foi em todas as idades do mundo, e tanto é hoje na curiosidade humana o appetite de conhecer o futuro.

Mas o que mais que tudo encarece a tenacidade deste desejo, é considerar que enganados tão porfiadamente os homens pela falsidade e mentira de todas estas artes e seus ministros, não tenha bastado nenhuma experiencia, nem haja de bastar já para mais os desenganar e apartar delle: *Genus hominum potentibus infidum, spirantibus fallax, quod in civitate nostra, et vetabitur*

semper, et retinebitur: disse Tacito.* O mesmo Saul, que desterrou a Pithonisa, a foi buscar e se serviu de sua má arte; e os mesmos que mais severamente negam o credito ás coisas prognosticadas, folgam de ouvir e saber que se prognosticam, signal certo que não buscam os homens os futuros, porque os acham, senão que vão sempre apoz elles, porque os amam.

Para satisfazer, pois, á maior ancia deste appetite, e para correr a cortina aos maiores e mais occultos segredos deste mysterio, pomos hoje no theatro do mundo esta nossa Historia, por isso chamada do futuro. Não escrevemos com Beroso as antiguidades dos assyrios, nem com Xenofonte a dos persas, nem com Herodoto as dos egypcios, nem com José a dos hebreus, nem com Curcio a dos macedonios, nem com Tucidides a dos gregos, nem com Livio a dos romanos, nem com os escriptores portuguezes as nossas: mas escrevemos sem auctor o que nenhum delles escreveu nem póde escrever; elles escreveram historias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes. Impossivel pintura parece, antes dos originaes retratar as copias; mas isto é o que fará o pincel da nossa Historia.

Assim foram retratos de Christo Abel, Isaac, José, David antes do Verbo ser homem. O que ignorou o mundo antigo, o que não conheceu o moderno, e o que não alcança o presente, é o que se verá com admiração neste prodigioso mappa descripto; coisas e casos que ainda lhes falta muito para terem ser, quanto mais antiguidade.

A historia mais antiga começa no principio do mundo; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escripta. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continúa por toda a duração do mundo, e acaba com o fim delle: mede os tempos vindouros antes de virem, conta os successos futuros antes de succederem, e descreve feitos heroicos e famosos antes da fama os publicar, e de serem feitos.

O tempo, como o mundo, tem dois hemispherios: um superior

* Tac. lib. 1. hist. — 1. Reg. II e VIII — 9 e 11.

e visivel, que é o passado, outro inferior e invisivel que é o futuro: no meio de um e outro hemispherio ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina, e o futuro começa: desde este ponto toma seu principio a nossa Historia, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitadores deste segundo hemispherio do tempo, que são os antipodas do passado: oh que de coisas grandes e raras haverá que vêr neste novo descobrimento!

Aquelles historiadores que nomeámos e foram os mais celebres do mundo, escreveram os imperios, as republicas, as leis, os conselhos, as resoluções, as conquistas, as batalhas, as victorias, a grandeza, a opulencia e felicidade, a mudança, a declinação, a ruina ou daquellas mesmas nações, ou de outras igualmente poderosas, que com ellas contendiam. Nós tambem havemos de fallar de reinos e de imperios, de exercitos e de victorias, de *ruinas* de umas nações e exaltações de outras; mas de imperios não já fundados, senão que se hão de fundar; de *victorias não já vencidas*, mas que se hão de vencer; de nações não já *domadas e* rendidas, senão que se hão de render e domar.

Hão se de ler nesta Historia, para exaltação da fé, para triumpho da egreja, para gloria de Christo, para felicidade e paz *universal* do mundo, altos conselhos, animosas resoluções, religiosas emprezas, heroicas façanhas, maravilhosas victorias, portentosas conquistas, estranhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, de gentes, de costumes, de governos, de leis; mas leis novas, governos novos, costumes novos, gentes novas, tempos novos, estados novos, conselhos e resoluções novas, emprezas e façanhas novas, conquistas, victorias, paz, triumphos e felicidades novas, e não só novas, porque são futuras, mas porque não terão similhança com ellas nenhuma das passadas. Ouvirá o mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado do que nunca imaginou: e se as historias daquelles escriptores, sendo de coisas menores antigas e passadas, se leram sempre com gosto, e depois de sabidas se tornaram a ler sem fastio, confiança nos fica para esperar que não será ingrato aos leitores este nosso trabalho, e que será tão deleitosa ao gosto

e ao juiso a Historia do Futuro, quanto é estranho ao papel o assumpto e nome della.

Mas porque não cuide alguma curiosidade critica, que o nome do futuro não concorda, nem se ajusta bem com o titulo de historia, saiba que nos pareceu chamar assim a esta nossa escriptura, porque sendo novo e inaudito o argumento della, tambem lhe era devido nome novo e não ouvido.

Escreveu Moysés a historia do principio e creação do mundo, ignorada até áquelle tempo de quasi todos os homens: e com que espirito a escreveu? Respondem todos os padres e doutores que com espirito de prophecia*. Se já no mundo houve um propheta do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os prophetas não chamaram historia ás suas prophecias, porque não guardam nellas estylo, nem leis de historias: não distinguem os tempos, não assignalam os logares, não individuam as pessoas, não seguem a ordem dos casos e dos successos, e quando tudo isto viram e tudo disseram, é involto em metaphoras, disfarçado em figuras, escurecido com enigmas, e contado ou cantado em phrases proprias do espirito e estylo prophetico, mais acommodadas á magestade e admiração dos mysterios, que á noticia e intelligencia delles.

Do propheta Isaias, que fallou com maior ordem e maior clareza, disseram S. Jeronymo e Santo Agostinho, que mais escrevêra historia que prophecia**. A sua prophecia é o evangelho fechado; o evangelho é a sua prophecia aberta. E porque nós em tudo o que escrevemos, determinâmos observar religiosa e pontualmente todas as leis da historia, seguindo em estylo claro, e que todos possam perceber, a ordem e successão das coisas, não núa e secamente, senão vestidas e acompanhadas das suas circumstancias; e porque havemos de distinguir tempos e annos, signalar provincias e cidades, nomear nações, e ainda pessoas, (quando o soffrer a materia) por isso, sem ambição, nem injuriá

* A Lapid in commis. Scriptura comment. in Pentath. 5. vol. 2.

** Apud P. A Lapid in arg. Isai. V cap. par. 2. Ibi. Ut qui Isai. legun., versari seputent in evangeliis.

de ambos os nomes, chamamos a esta narração historia e Historia do Futuro.

Sós e solitariamente entramos nella (mais ainda que Noé no meio do diluvio) sem companheiro nem guia, sem estrella, nem pharol, sem exemplar, nem exemplo: o mar é immenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noite escurissima: mas esperamos no Pae dos lumes (a cuja gloria e de seu Filho servimos), tirará a salvamento a fragil barquinha: ella com maior ventura que Argos, e nós com maior ousadia que Tiphys. Antes de abrir as velas ao vento (oh faça Deus que não seja tempestade!) èm logar da benevolencia que se costuma pedir aos *leitores, só lhes* quero pedir justiça. É de direito natural que ninguem seja condemnado, sem ser ouvido; isto só deseja e pede a todos a nova Historia do Futuro, com palavras não suas, mas de S. Jeronymo: *Legant prius, et postea despiciant.* Lêam primeiro, e depois condemnem, assim dizia aquelle grande mestre da egreja, defendendo a sua versão dos sagrados livros, então perseguida e impugnada, hoje adorada e de fé.

CAPITULO II.

Segunda parte do titulo desta Historia: convidam-se os portuguezes á lição della.

No capitulo passado fallámos com todo o mundo; neste só com Portugal: naquelle promettemos grandes futuros ao desejo; neste asseguramos breves desejos ao futuro: nem todos os futuros são para desejar, porque ha muitos futuros para temer. Amanhã serás commigo, disse Samuel a Saul, o propheta ao rei, o morto ao vivo. (1. Reg. XXVII — 19) Oh que temeroso futuro! Caiu Saul desmaiado, e fôra melhor cair em si, que aos pés do propheta: mas era já a vespera do dia da morte; e quem busca o desengano tarde, não se desengana. Outros reis houve, que por não temer os futuros, quizeram antes ignoral-os.

...Cessant oracula Delphis,
Sed silvit postquam reges timuere futura,
Et super os vetuere loqui...

Disse sem murmuração o satyrico, que taparam os reis a boca aos deuses, e não queriam consultar os oraculos por não temer os futuros prosperos e adversos, os felizes e os infelizes: todos fôra felicidade antever, os felizes para a esperança, e os infelizes para a cautela.

O maior serviço que póde fazer um vassallo ao rei, é revelar-lhe os futuros; (1. Reg. XXVIII — 11) e se não ha entre nós os vivos quem faça estas revelações, busque-se entre os sepultados, e achar-se-ha: Saul achou a Samuel morto, e Balthasar a Daniel vivo, porque um matava os prophetas, outro premiava as prophecias. (Daniel V — 16) Declarou Daniel a Balthasar a escriptura fatal da parede, annunciou-lhe intrepidamente, que naquella mesma noite havia de perder a vida e o imperio: e que lhe importou a Daniel esta tão triste interpretação? No mesmo ponto, diz o texto, mandou Balthasar, que o vestissem de purpura, e que lhe dessem o anel real, e que fosse reconhecido por tetrarcha de todo o imperio dos assyrios, que era fazel-o um dos quatro supremos ministros ou governadores da monarchia. (Ibid. — 29) Só isto fez Balthasar nos instantes que lhe restaram de vida; e premiado assim o propheta, cumpriu-se a prophecia, e foi morto o rei, digno só por esta acção (se não foram as suas culpas sacrilegios) de que Deus lhe perdoára a vida. Se tanto val o conhecimento de um futuro, ainda que tão infeliz, se tanto premio se dá a uma prophecia mortal, e que tira imperios; que seria se os promettêra? Não faltou a este merecimento Dario Hidaspes, rei dos persas e dos medos: succedeu victorioso este principe na coroa de Balthasar, e confirmou sempre a Daniel na mercê e logar em que elle o tinha posto; porque assim como prophetisou que havia de perder o imperio o rei dos assyrios, ajuntou tambem, que o havia de ganhar o dos persas e medas: *Divisum est regnum à te, et dabitur medis et persis.* (Dan. V — 28) Eu, Portugal (com quem só fallo agora) nem espero o teu agradecimento, nem temo

a tua ingratidão; porque se me não contas com Daniel entre os vivos, eu me conto com Samuel entre os mortos; se nas letras que interpreto achára desgraças (bem poderá ser que as tenhas) eu te dissera a má fortuna sem receio, assim como te digo a boa sem lisonja: mas é tal a tua estrella (benignidade de Deus comtigo deverá ser) que tudo o que leio de ti são grandezas, tudo que descubro melhoras, tudo o que alcanço felicidades. Isto é o que deves esperar, e isto o que te espera; por isso em nome segundo e mais declarado chamo a esta mesma escriptura Esperanças de Portugal, e este é o commento breve de toda a Historia do Futuro.

Mas vejo que o mesmo nome de Esperanças de Portugal lhe poderá com razão suspender o gosto, assustar o desejo, e embaraçar os mesmos alvoroços em que o tenho mettido com estas esperanças: *Spes, quæ differtur, affligit animam*, (Prov. XIII — 12) disse a verdade divina, e o sabe e sente bem a experiencia e paciencia humana, ainda que seja muito segura, muito firme, e muito bem fundada a esperança, é um tormento desesperado o esperar.

Muito seguras eram, e tão seguras como a mesma palavra de Deus (que não póde mentir nem faltar) as promessas dos antigos prophetas: mas cançava-se tanto o desejo na paciencia de esperar por ellas, que vinham a ser fabula do vulgo em Jerusalem as esperanças das prophecias: assim conta esta queixa Isaias no capitulo 28, que pelas ruas e praças da côrte se andavam cantando por riso as suas esperanças, e que a volta ou estribilho da cantiga, era:

Expecta, reexpecta,
Expecta, reexpecta
Modicum ibi.
Modicum ibi.

(Isai. XXVIII — 10)

Esperavam, reesperavam e desesperavam aquelles homens, porque em muitas coisas das que lhes promettiam as prophecias, primeiro se acabava a vida, do que chegasse a esperança. Deixa-

ram os paes em testamento as esperanças aos filhos, os filhos aos netos, e nem estes, sendo então as vidas mais compridas, chegavam a vêr o cumprimento do que tão longamente tinham esperado: as esperanças da terra de promissão deixou-as Abrahão a Isaac, Isaac a Jacob, e Jacob aos doze patriarchas; mas todos elles morreram e foram sepultados no Egypto: a quem ha de cobrir a terra do Egypto, que lhe importam as esperanças da terra de promissão? No captiveiro de Babylonia prégavam e promettiam os prophetas que Deus havia de levantar mão do castigo, e restituir o povo á sua antiga liberdade: e se lhe perguntavam quando, respondiam e affirmavam constantemente, que d'alli a setenta annos. (Hier. XXIII — 10) Boa esperança para um captívo, ainda que não fosse muito velho. De que me serve a esperança da liberdade, se primeiro se ha de acabar a vida? O mesmo podem arguir os que hoje vivem com estas esperanças, que eu lh'as prometto: grandes são essas esperanças de Portugal; mas quando ha de vêr Portugal essas esperanças?

Ponto é este que depois se ha de tractar muito de proposito, e em que a nossa historia ha de empregar todo o quinto livro: por agora só digo que me não atrevêra eu a prometter esperanças, se não foram esperanças breves. Deus na lei escripta, como notaram graves auctores, (Com. Padres e Doctores) nunca prometteu o céu expressamente, porque o que se não póde dar logo não se ha de prometter: prometter o céu para ir esperar por elle ao limbo, são promessas em que por então se dá o contrario do que se promette: taes são as esperanças dilatadas: se nellas se promette a vida, são morte; se nellas se promette o gosto, são tormento; se nellas se promette o paraiso, são inferno.

O limbo chamava-se inferno; e porque? Porque era um logar onde se esperava tantos annos pelo paraiso: não me tenha a minha patria por tão cruel, que lhe houvesse de prometter martyrios com nome de esperanças. Para se avaliar a esperança, ha se de medir o futuro, e não é este o futuro da minha Historia.

São Paulo, aquelle philosopho do terceiro céu, desafiando todas as creaturas, e entre ellas os tempos, dividiu os futuros em dois futuros: *Neque instantia, neque futura.* (Rom. VIII — 38)

Um futuro que está longe, e outro futuro que está perto: um futuro que ha de vir, e outro futuro que já vem; um futuro que muito tempo ha de ser futuro: *Neque futura;* e outro futuro, que brevemente ha de ser presente: *Neque instantia.* Este segundo futuro é o da minha Historia, e estas as breves e deleitosas esperanças que a Portugal offereço. Esperanças que hão de vêr os que vivem, ainda que não vivam muitos annos, mas viverão muitos annos os que as virem. *Lignum vitæ, desiderium veniens,* disse no mesmo logar allegado a mesma Verdade divina: (Prov. XIII — 12) assim como ha esperanças que tardam, ha esperanças que vem: as esperanças que vem, são o pomo da arvore da vida: *Lignum vitæ, desiderium veniens.* A virtude maravilhosa daquelle pomo, era reparar e accrescentar a vida, e remoçar aos que o comiam. As esperanças que tardam, tiram a vida, as esperanças que vem, não só não tiram a vida, mas accrescentam os dias e os alentos della: *Spes, quæ differtur, affligit animam. Lignum vitæ, desiderium veniens.* (Ibid. — 12) Que vida haverá em Portugal tão cançada, que idade tão decrepita, que á vista do cumprimento destas esperanças não torne atraz os annos para lograr tanto bem? Vivei, vivei, portuguezes, vós os que mereceis viver neste venturoso seculo, esperae no auctor de tão estranhas promessas, que quem vos deu as esperanças, vos mostrará o cumprimento dellas.

Não é privilegio este de qualquer prophecia; mas daquellas prophecias de que se compõe esta Historia, sim, porque são mais que prophecias. Um propheta houve no mundo mais que propheta, que foi o grande precursor de Christo; (Mat. XI — 9) e porque razão mereceu a singularidade deste nome S. João entre todos os prophetas deste mundo? Porque os outros prophetas prometteram a Christo futuro, mas não o viram, nem o mostraram presente: o Baptista prometteu o futuro com a voz, e mostrou o presente com o dedo; *Cecinit ad futurum, et adesse monstravit.* Se houve um propheta que foi mais que propheta, porque não haverá tambem algumas prophecias, que sejam mais que prophecias? Assim espero eu que o sejam aquellas em que se fundam as minhas esperanças; e que se nos promettem as felicidades futuras, tambem

as hão de mostrar presentes: agora as premettem com a voz, depois as mostrarão com o dedo. Mas este grande assumpto fique para seu logar. Só digo que quando assim succeder, perderá esta nossa Historia gloriosamente o nome, e que deixará de ser historia do futuro, porque o será do presente.

Mas perguntar-me-ha por ventura alguma emulação estrangeira (que ás naturaes não respondo), se o imperio esperado, como se diz no mesmo titulo, é do mundo, as esperanças porque não serão tambem do mundo, senão só de Portugal? A razão (perdoe o mesmo mundo) é esta. Porque a melhor parte dos venturosos futuros que se esperam, e a mais gloriosa delles será não só propria de nação portugueza, senão unica e singularmente sua. Portugal será o assumpto, Portugal o centro, Portugal o theatro, Portugal o principio e fim destas maravilhas; e os instrumentos prodigiosos dellas os portuguezes.

Vê agora, ó patria minha, quão agradavel te deve ser, e com quanto gosto deves aceitar a offerta que te faço desta nova Historia, e com que alvoroço e alegria pede a razão e amor natural que lêas e consideres nella os seus e os teus futuros. O grego lê com maior gosto as historias de Grecia, o romano as de Roma, e o barbaro as da sua nação; porque leem feitos seus, e de seus antepassados. E Portugal que com novidade inaudita lerá nesta Historia os seus, e os dos seus vindoiros, com quanto maior gosto e contentamento, com quanto maior applauso e alvoroço, será razão que o faça? Portentosas foram antigamente aquellas façanhas, ó portuguezes, com que descobristes novos mares, e novas terras, e déstes a conhecer o mundo ao mesmo mundo: assim como lieis então aquellas vossas historias, lêde agora esta minha que tambem é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que elle era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo: maior cabo, maior esperança, maior imperio. Naquelles ditosos tempos (mas menos ditosos que os futuros) nenhuma coisa se lia no mundo senão as navegações e conquistas de portuguezes: esta historia era o silencio de todas as historias. Os inimigos liam nella suas ruinas, os emulos suas invejas, e só Portugal suas glo-

rias. Tal é a Historia, portuguezes, que vos presento, e por isso na lingua vossa: se se ha de restituir o mundo á sua primitiva inteireza, e natural formosura, não se poderá concertar um corpo tão grande, sem dor, nem sentimento dos membros, que estão fóra de seu logar: alguns gemidos se hão de ouvir entre vossos applausos, mas tambem estes fazem harmonia. Se são dos inimigos, para os inimigos será a dor, para os emulos a inveja, para os amigos e companheiros o gosto, e para vós então a gloria, e entretanto as esperanças.

CAPITULO III.

Terceira parte do titulo, e divisão de toda a Historia.

O que encerra a terceira parte do titulo desta Historia, só se póde declarar inteiramente com o discurso de toda ella, porque toda se emprega em provar a esperança de um novo imperio, ao qual, pelas razões que se verão a seu tempo, chamamos *quinto*. Entretanto, para que a materia de uma vez se comprehenda, e saiba o leitor em summa o que lhe promettemos, porei *brevemente* aqui sua divisão. Divide-se a Historia do Futuro em sete partes ou livros. No primeiro se mostra que ha de haver no mundo um novo imperio: no segundo, que imperio ha de ser: no terceiro, suas grandezas e felicidades: no quarto, os meios porque se ha de introdusir: no quinto, em que terra: no sexto, em que tempo: no setimo, em que pessoa. Estas sete coisas são as que ha de examinar, resolver, e provar a nova Historia que escrevemos, do quinto imperio do mundo.

Mas porque esta palavra mundo, nos ambiciosos titulos dos imperios e imperadores, costuma ter maior estrondo na voz, que verdade na significação, será bem que digamos neste logar, o que o titulo da nossa Historia intende por mundo. Os Pharaós do Egypto, e tambem os Ptolemeus, que lhe succederam, de tal ma-

neira mediam a estreiteza de suas terras, pela arrogancia, e inchação de seus vastos pensamentos, que dominando somente aquella parte não grande de extrema Africa, que jaz entre os desertos de Numidia, e os do mar Vermelho, não duvidavam intitular-se Izés do mundo. Essa foi a desigualdade do nome que puzeram os egypcios ao seu restaurador José: *Vocaverunt eum lingua ægypciaca Salvatorem mundi.* (Genes. XLI — 45) Não lhe chamaram Salvador do Egypto, senão do mundo, como se não houvera mais mundo que o Egypto. Imitavam a soberba de seu soberbo Nilo, que quando sae ao mar, se espraia em sete bocas, como se foram sete rios, sendo um só rio; assim era aquelle imperio, e os demais chamados do mundo, maiores sempre nas vozes, que no corpo e grandeza.

Do imperio dos assyrios temos nas divinas letras uma provisão lançada aos tres capitulos do propheta Daniel, e mandada expedir pelo grande Nabucodonosor, cujo exordio é este: *Nabuchodonosor rex omnibus populis, gentibus, et linguis, qui habitant in universa terra:* (Daniel III — 98) Nabucodonosor, rei, a todos os povos, gentes, e linguas, que habitam em todo o mundo. E o mesmo Daniel (que é mais) fallando a este rei, e accommodando-se aos estylos da sua côrte, e aos titulos magnificos de sua grandeza, lhe diz assim no mesmo capitulo: *Tu rex magnificatus es, et invaluisti, et magnitudo tua pervenit usque ad cœlum, et potestas tua usque ad terminos universæ terræ.* Comtudo, se lançarmos os compassos ás terras que obedeciam a Nabucodonosor, acharemos que da Asia então conhecida, tinha uma boa parte, da Africa pouco, da Europa menos, e do resto do mundo nada: mas bastavam estes tres retalhos da terra para a soberba de Nabucodonosor revestir os titulos de seu imperio com o nome estrondoso de todo o mundo: tão grande era a significação dos nomes, e tanto menos o que significavam!

Do imperio de Assuero (que era o dos persas) diz o texto sagrado no primeiro capitulo da historia de Esther, que se estendia da India até á Ethiopia, obedecendo áquella corôa 127 provincias: esta era a demarcação das terras, e estes os limites do imperio, mas os titulos não tinham limite: assim nos consta por

um decreto de Dario, que se refere no sexto capitulo de Daniel, por estas pomposas palavras similhantes em tudo ás de Nabuco: *Darius rex omnibus populis, et gentibus, et linguis, qui habitant in universa terra, vobis multiplicetur.* (Daniel VI — 25) E o mesmo Assuero por outro decreto no cap. 13.º de Esther, não duvidou firmar por sua propria mão, que tinha sujeito ao seu dominio o orbe universo: *Cum universum orbem meæ ditioni subjugassem.* (Esth. XIII—2) De maneira que os reis persas por serem senhores de 127 provincias, passaram provisões e decretos a todo o mundo: mas quem desenrolasse o mappa do mundo, e puzesse sobre elle os pergaminhos destas provisões, veria facilmente que o mundo sem demasiado encarecimento, é cento e vinte e sete vezes maior que o imperio persiano; tão pouco se proporcionava a geographia dos titulos com a medida dos imperios!

Que direi do imperio dos romanos? Os termos que lhe signalam seus escriptores, são as raias do mundo:

Orbem jam totum Victor romanus habebat.
Qua mare, qua terra, qua sidus currit utrumque

disse Petronio: e Cicero que professava mais verdade que os poetas: *Nulla gens est, quæ non aut ita subacta sit ut vi extet, aut ita domata ut quiescat, aut ita pacata ut victoria nostra, imperioque lætetur.* Tal era a opinião que Roma tinha de sua grandeza, e tal o estylo que guardava em seus edictos: *Exiit edictum à Cæsare Augusto* (diz S. Lucas) (Luc. II — 1) *ut describeretur universus orbis.* Mandou Augusto Cesar matricular e alistar seu imperio, e dizia o edicto: Aliste-se o mundo: mas se examinarmos este mundo romano até onde se estendia, acharemos que pelo oriente se fechava com o rio Tigres, pelo occidente com o mar de Cadiz, pelo meio-dia com o Nilo, e pelo septentrião com o Danubio e Rheno. Estes limites lhe prescreveu Claudiano, ainda que lhe deu por margens os orientes:

Subdidet oceanum superis, et margine cœli
Claudit opes, quantum distant a Tigride Gades,
Inter se Tanais quantum Nilusque relinquunt.

Deixo o Mogor, o China, o Tartaro, e outros dominios barbaros do nosso tempo, que com a mesma magestade de titulos se chamam imperadores do mundo, seguindo a antiquissima arrogancia da Asia, em que o mundo andou sempre atado aos titulos da monarchia.

O mundo do nosso promettido imperio não é mundo neste sentido: não prometto mundos, nem imperios titulares, nomes tão alhêos da modestia, como da verdade. Bem sei que o imperio de Allemanha (envelhecidas reliquias, e quasi acabadas do romano) em muitos textos de um e outro direito, se chama imperio do mundo; mas tambem se sabe que os textos podem dar titulos, mas não imperios. No livro setimo examinaremos os fundamentos deste direito; entretanto ainda que liberalmente lh'o concedamos, é certo que os imperios e os reinos não os dá, nem os defende a espada da justiça, senão a justiça da espada. A Abrahão prometteu Deus as terras da Palestina, mas conquistou-as a espada de Josué, e defendeu-as a de seus successores. Estes são os instrumentos humanos de que se serve (ainda quando obra divinamente) a providencia daquelle supremo Senhor, que o é do mundo e dos exercitos. Os que querem o ruido, e encher de algum modo o vasio destes grandes titulos, dizem que se intende por hyperbole ou exaggeração, e por aquella figura que os rhetoricos chamam synedoche, em que se toma a parte pelo todo. O titulo desta Historia não falla por hyperboles nem synedoches, não chama a um pygmeu gigante, nem a um braço homem. O mundo de que fallo, é o mundo, aquelle mundo, e naquelle sentido em que disse S. João: *Mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* (Joan. I — 10) O mundo que Deus creou, o mundo que o não conheceu, e o mundo que o ha de conhecer: quando o não conheceu, negou-lhe o dominio; quando o conhecer, dar-lhe-ha a posse: *Universum terrarum orbem* (diz Ortelio) *veteres in tres partes divisere, Africam, Europam, et Asiam, sed in inventa America, eam pro quarta parte nostra ætas adjecit quintam, quæ expectat sub meridionali cardine jacentem.* O mundo que conheceram os antigos se dividiu em tres partes: Africa, Europa, Asia: depois que se descobriu a America,

accresceutou-lhe a nossa idade esta quarta parte, espera-se agora a quinta, que é aquella terra incognita, mas já reconhecida, que chamamos Austral. Este foi o mundo passado, e este é o mundo presente, e este será o mundo futuro: e destes tres mundos unidos se formará (que assim o formou Deus) um mundo inteiro. Este é o sugeito da nossa Historia, e este o imperio que promettemos do mundo. Tudo o que abraça o mar, tudo o que allumia o sol, tudo o que cobre e rodeia o sol, será sujeito a este quinto imperio; não por nome ou titulo phantastico, como todos os que atégora se chamaram imperios do mundo, senão por dominio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se unirão em um sceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as corôas se rematarão em uma só diadema, e esta será a peanha da cruz de Christo.

Resolveu Augusto com o senado pôr limites á grandeza do imperio romano: duvida Tacito, se foi filha esta resolução do receio, ou da inveja: *Incertum metu, an per invidiam.* Temeu Cesar (se foi receio) que um corpo tão enormemente grande, se pudesse animar com um só espirito, não se pudesse governar com uma só cabeça, não se pudesse defender com um só braço; ou não quiz (se foi inveja) que viesse depois outro imperador mais venturoso, que trespassasse as balizas do que elle até então conquistára, e fosse ou se chamasse maior que Augusto. Tal foi, dizem, o pensamento de Alexandre, o qual visinho á morte repetiu em differentes successores o seu imperio, para que nenhum lhe pudesse herdar o nome de Magno. Não é, nem poderá ser assim no imperio do mundo, que promettemos; a paz lhe tirará o receio, a união lhe desfará a inveja, e Deus (que é fortuna sem inconstancia) lhe conservará a grandeza.

Aqui acaba o titulo desta Historia, e mais claramente do que o dissemos agora, o provaremos depois: entretanto, se aos doutos occorrem instancias, e aos escrupulosos duvidas, damos por solução de todas a mão omnipotente: *Sciant, et recogitent, et intelligant, quia manus Domini fecit hoc.* (Isai. XLI — 20)

CAPITULO IV.

Utilidade da Historia do Futuro.

§ I.

Se o fim desta escriptura fôra só a satisfação da curiosidade humana, e o gosto ou lisonja daquelle appetite, com que a impaciencia do nosso desejo se adianta em querer saber as coisas futuras: e se as esperanças que temos promettido, foram só flores sem outro fructo mais que o alvoroço e alegria com que as felicidades grandes e proprias se costumam esperar, certamente eu suspendêra logo a penna e a lançára da mão, tendo este meu trabalho por inutil, impertinente e ocioso, e por indigno, não só de o communicar ao mundo, mas de gastar nelle o tempo e o cuidado.

Mas se a historia das coisas passadas (a que os sabios chamaram mestra da vida) tem esta e tantas outras utilidades necessarias ao governo e bem commum do genero humano, e ao particular de todos os homens; e se como tal empregaram nella sua industria tantos sugeitos em sciencia, engenho e juiso eminentes, como foram os que em todos os tempos immortalizaram a memoria delles com seus escriptos; porque não será igualmente util e proveitosa, e ainda com vantagem, esta nossa Historia do Futuro, quanto é mais poderosa e efficaz para mover os animos dos homens a esperança das coisas proprias, que a memoria das alheias?

Se em todos os livros sagrados contarmos os escriptores de coisas passadas (como foram na lei da graça os quatro evangelistas, e na escripta Moysés, Josué, Samuel, Esdras e alguns outros cujos nomes se não sabem com tão averiguada certeza) acharemos que são em muito maior numero os que escreveram das futuras: differença que de nenhum modo fizera Deus, que é o verdadeiro Auctor de todas as escripturas (sendo todas ellas, como diz S. Paulo, escriptas para nossa doutrina) se não fôra igual, e ainda maior, a utilidade que podemos e devemos tirar do conhecimento das

coisas futuras, que da noticia das passadas. E verdadeiramente que se os bens da sciencia se colhem, e conhecem melhor pelos males da ignorancia, achará facilmente quem discorrer pelos successos do mundo, desde seu principio até hoje, que foram *muito* menos os damnos em que cairam os homens por lhes faltar a noticia do passado, que aquelles que cegamente se precipitaram pela ignorancia do futuro.

Em consequencia desta verdade, e em consideração das coisas que tenho disposto escrever, digo (leitor christão) que todos aquelles fins que sabemos teve a providencia divina em diversos tempos, logares e nações para lhes revelar antecedentemente o successo das coisas que estavam por vir, concorre com particular influxo nesta nossa Historia, e se acham juntos nella. Esta é, não só a principal razão, mas a unica e total, porque nos sujeitamos ao trabalho de tão molesto genero de escriptura, esperando que será grato e aceito a Deus, a quem só pretendemos servir; e intendendo que foram vontade, inspiração, e *ainda força suave* da mesma providencia, os impulsos, que a isto (*não sem alguma violencia*) nos levaram, para que estes secretos de seu occulto juiso e conselho se descobrissem e publicassem ao mundo, e em todo elle produzissem proporcionadamente os effeitos de mudança, melhoria e reformação, a que são encaminhados e dirigidos. Á mesma Magestade divina, humildemente prostrados diante de seu infinito acatamento, pedimos com todo o affecto de coração, agora que entramos na maior importancia desta materia, se sirva de nos communicar aquella luz, graça e espirito, que para negocio tão arduo nos é necessario, conhecendo e confessando que sem assistencia deste soberano auxilio, nem nós saberemos explicar a outros o pouco que por mercê do céu temos alcançado e conhecido, nem menos poderemos descobrir e alcançar ao diante, o muito que nos resta por conhecer.

§ II.

PRIMEIRA UTILIDADE.

O primeiro motivo e mui principal, porque Deus costuma re-

velar as coisas futuras (ou sejam beneficios ou castigos) muito tempo antes de succederem, é para que conheçam clara e firmemente os homens, que todas veem dispensadas por sua mão. Arma-se assim a sabedoria eterna contra a natureza humana, sempre soberba, rebelde e ingrata, ou porque se não levante a maiores com os beneficios divinos, e se beije as mãos a si mesma, como dizia Job, ou porque não attribua a coisas naturaes (e muito menos ao caso) os effeitos que veem sentenciados como castigo por sua justiça, ou ordenados para mais altos e occultos fins por sua providencia. Foram mostradas a Pharaó em sonhos as sete espigas gradas, e as sete fallidas: as sete vaccas fracas, e as sete robustas (Gen. XLI — 1, 2, 3 e 4): e logo ordenou a providencia divina que estivesse em Egypto um José (posto que vendido e desterrado), que lhe declarasse o mysterio dos sete annos da fartura, e sete de fome; (Ibid. — 12) para que conhecesse o barbaro, que Deus e não o seu adorado Nylo, era o auctor da abundancia e da esterilidade, e que a elle havia de agradecer no beneficio dos sete annos o remedio dos quatorze: como na terra do Egypto não chove jámais, e se regam e fertilizam os campos com as inundações do rio Nylo, disse discretamente Plinio, que só os egypcios não olhavam para o céu, porque não esperavam de lá o sustento, como as outras nações.

Oh quantos christãos ha egypcios, que nem esperando, nem temendo, levantam os olhos ao céu, e em logar de reverenciarem em todos os successos a primeira causa, só adoram as segundas! Por isso mostra Deus a Pharaó tantos annos antes, quaes hão de ser os da fome e quaes os da fartura; para que conheça a ignorante sabedoria do Egypto, que os meios da conservação ou ruina dos reinos a mão omnipotente de Deus é a que os distribue quando são, pois só elle os póde determinar antes que sejam.

Quiz a mesma providencia, como assim diziamos, tirar o imperio a Balthazar, e dal-o a Dario; mas appareceu primeiro a sentença escripta no paço de Babylonia, e houve logo um Daniel (tambem captivo e desterrado), que interpretasse ao rei os mysterios della, (Dan. V — 5 e 55) para que Balthazar, que perdia o reino, conhecesse que o perdia, porque Deus lh'o tirava; e para que

Dario, que o havia de receber, intendesse que o recebia porque Deus lh'o dava. Deus é o que dá e tira os reinos e os imperios, quando e a quem é servido. E não bastam, se Deus dispõe outra coisa, nem as armas de Dario para os adquirir, nem o direito e herança de Balthazar para os conservar; por isso quer a mesma providencia divina, que as sentenças estejam escriptas antes da execução, e que haja quem as interprete antes do successo.

Os futuros portentosos do mundo, e Portugal, de que ha de tractar a nossa Historia, muitos annos ha que estão sonhados como os de Pharaó, e escriptos como os de Balthazar; mas não houve atégora nem José que interpretasse os sonhos, nem Daniel, que construisse as escripturas; e isto é o que eu começo a fazer (com a graça daquelle Senhor, que sempre se serve de instrumentos pequenos em coisas grandes), para que conheça o mundo e Portugal, com os olhos sempre no céu e em Deus, que tudo são effeitos de seu poder, e conselhos da sua providencia; e para que não haja ignorancia tão cega, nem ambição tão *presumida*, que tire a Deus o que é de Deus, por dar a Cezar o que não é de Cezar, attribuindo á fortuna, ou industria humana, o que se deve só á disposição divina.

Estylo foi este que sempre Deus usou com Portugal, receioso porventura de que uma nação tão amiga da honra e da gloria lhe quizesse roubar a sua. Quem considerar o reino de Portugal no tempo passado, no presente e no futuro; no passado o verá vencido, no presente resuscitado, e no futuro glorioso: e em todas estas tres differenças de tempos e estylos lhe revelou e mandou primeiro interpretar os favores e as mercês tão notaveis, com que o determinava ennobrecer: na primeira fazendo-o, na segunda restituindo-o, na terceira sublimando-o. Antes do nascimento de Portugal appareceu o mesmo Christo a el-rei (que ainda o não era) D. Affonso Henriques, e lhe revelou como era servido de o fazer rei, e a Portugal reino; a victoria que lhe havia de dar em batalha tão duvidosa, e as armas de tanta gloria com que o queria singularisar entre todos os reinos do mundo. E o embaixador e interprete deste e de outros futuros, que depois se viram cumpridos, foi aquelle velho, desconhecido e reti-

rado do mundo, o ermitão do campo de Ourique; para que conhecesse e não pudesse negar Portugal, que devia a Deus a victoria e a coroa, e que era todo seu desde seu nascimento. Antes da sua resurreição, que todos vimos tambem, foi revelado o successo della com todas suas circumstancias, não havendo quem ignorasse, ou quem não tivesse lido, que no anno de quarenta se havia de levantar em Portugal um rei novo, e que se havia de de chamar João. E o interprete deste futuro, que parecia tão impossivel, e de tantos outros que logo se cumpriram e vão cumprindo, foi a nossa experiencia; para que conhecesse outra vez Portugal, que a Deus e não a outrem devia a restituição da coroa, que havia sessenta annos lhe caira da cabeça, ou lhe fôra arrancada della. Antes das glorias de Portugal, que é o tempo futuro, e muitos centos e ainda milhares de annos antes (como depois mostraremos), tambem está promettido este terceiro e mais feliz estado do nosso reino, e promettidos juntamente os meios e instrumentos prodigiosos por onde ha de subir e ser levantado ao cume mais alto e sublime de toda a felicidade humana: e o interprete deste ultimo e glorioso estado de Portugal já tenho dito quem é, e quão indigno de o ser, e por isso mui proporcionado (segundo o estylo de Deus) para tão grande e difficultosa empreza; para que até por esta circumstancia conheçam os portuguezes, que a mesma mão omnipotente que ha vinte e quatro annos conserva e defende tão constante e victoriosamente o reino de Portugal, é a que ha de levantar e sublimar ao estado felicissimo e glorioso, que lhe está promettido.

Considerem agora os portuguezes, e leam tudo o que d'aqui por diante formos escrevendo, com este presupposto e importantissima advertencia, que, se alguma coisa lhe poderia retardar o cumprimento destas promessas, seria só o esquecimento ou desconhecimento do soberano Auctor dellas, quando por nossa desgraça fossemos tão injuriosamente ingratos a Deus, que, ou referissemos os beneficios passados, ou esperassemos os futuros de outra mão, que a sua.

Prometteu Deus de livrar os filhos de Israel do captiveiro do Egypto, como tinha jurado aos seus maiores, e de os levar e met-

ter de posse da terra de promissão: e posto que todos viram o cumprimento da primeira promessa, conseguindo milagrosamente a liberdade, e sacudiram sem sangue, nem golpe de espada a sujeição de tão poderoso dominio, sendo comtudo mais de seiscentos mil homens os que triumpharam de Pharaó, e passaram da outra parte do mar Vermelho; de todos elles não entraram na terra de promissão, nem chegaram a lograr a felicidade e descanço da segunda promessa, mais que Josué e Calef, dois daquelles aventureiros, que, escolhidos pelos doze tribus foram, diante a explorar a terra. Raro exemplo de severidade na misericordia de Deus, mas bem merecido castigo; porque se buscarmos no texto sagrado as causas deste desvio e dilação (a qual durou quarenta annos inteiros, sendo a distancia do caminho breve, e que se podia vencer em poucos dias) acharemos que foram tres: agora nos servem as duas, depois diremos a terceira. A primeira causa foi attribuirem a liberdade do captiveiro a Moysés: assim o disseram no cap. 32.° do Exod.: *Moysi enim huic viro, qui nos eduxit de terra Ægypti, ignoramus quid acciderit.* (Exod. XXXII — 1) A segunda, e ainda mais ignorante (sobre impia e blasphema), foi attribuirem a mesma liberdade ao idolo que de seu oiro tinham fundido no deserto: assim o disseram tambem no mesmo capitulo, e o apregoaram impiamente a altas vozes: *Hi sunt dii tui Israel, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* (Ibid. — 4) Basta, povo descortez, ingrato e blasphemo, que Moysés e o vosso idolo foram os que vos livraram do captiveiro do Egypto? Por certo que o não disse assim Deus ao mesmo Moysés, quando lhe deu o officio e a vara, e o fez com tanta repugnancia sua instrumento de seus poderes: *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, et clamorem ejus audivi, et sciens dolorem ejus descendi ut liberem eum de manibus Ægyptiorum, et deducam de terra illa in terram bonam, et spatiosam, in terram, quæ fluit lacte, et melle:* (Ibid. III — 7 e 8) Vi, diz Deus, a afflicção do meu povo, e ouvi os seus clamores; e porque sei com quão justa razão se queixam, desci em pessoa a livral-os das mãos dos egypcios, e tiral-os daquella terra para outra, que lhe hei de dar, boa, espaçosa, abundante, e cheia de todos os regalos e delicias. De maneira que quem tirou os fi-

lhos de Israel do Egypto, foi Deus, e quem fez os portentos e maravilhas foi Deus, e quem abriu o mar Vermelho e afogou nelle Pharaó e seus exercitos, foi Deus: e os que attribuem as obras de Deus e os beneficios (de que só a elle se devem as graças) a Moysés e ao idolo, não merecem ter vida, nem olhos para chegar a vêr a terra de promissão; sendo muito justo e muito justificado castigo, que morram e acabem todos antes de chegar o praso das felicidades, e que pois tão ingrata e impiamente interpretaram o beneficio da primeira promessa, sejam privados de gosar a segunda. Eu não nego que em bom sentido se podia chamar Moysés libertador do captiveiro, como tambem Deus pelo honrar lhe dava esse nome; mas nos homens que deviam dar a Deus toda a gloria (pois toda era sua) referirem-na a Moysés, era descortezia, attribuirem-na ao idolo, era blasphemia, e não a darem a Deus toda, era ingratidão summa.

Já Deus, portuguezes, nos livrou do captiveiro, já por mercê de Deus triumphámos de Pharaó e do poder de seus exercitos; já os vimos, não uma, mas muitas vezes afogados no mar vermelho de seu proprio sangue: imos caminhando pelo deserto para a terra de promissão, e póde ser que estejamos já muito perto della, e do ultimo cumprimento das promettidas felicidades. Se ha algum tão invejoso dos bens da patria, e tão inimigo de si mesmo, que queira retardar o curso de tão prospera e feliz jornada, e acabar infelizmente, ainda antes de vêr o fim desejado della, negue a Deus o que é de Deus, e attribua á liberdade as victorias e o cumprimento das primeiras promessas que temos visto, ou a Moysés, ou ao idolo: quem refere a gloria dos bons successos ao seu valor, á sua sciencia militar, ao seu braço; ao seu talento, dá a gloria de Deus ao idolo: por isso se vos escrevem aqui essa mesma liberdade, essas mesmas victorias, e esses mesmos successos, assim os que já se viram, como os que restam, para se vêr, tantos annos antes revelados por Deus: para que conheça por nossa confissão todo o mundo, que são misericordias suas, e não obras do nosso poder; e para que nós, como effeitos da providencia, da bondade e omnipotencia divina, a Deus só as refiramos todas, e a Deus só louvemos e dêmos as graças. Os ini-

migos que mais temo a Portugal, são soberba e ingratidão, vicios tão naturaes da prospera fortuna, que, como filhos da vibora, juntamente nascem della e a corrompem. A humildade e agradecimento, a desconfiança de nós, a confiança em Deus, e o zelo e desejo purissimo de sua gloria, dando-lh'a em tudo e por tudo, sempre são os meios seguros que nos hão de sustentar, levar e metter de posse daquellas segundas promessas. E este conhecimento tão grato a Deus, que aprendemos nas noticias de seus futuros, é o primeiro fructo e utilidade que da lição desta nossa Historia se póde tirar, tão importantemente para a vida como para a vista.

BREVE ADVERTENCIA AOS INCREDULOS.

Mas antes que passomos ás outras utilidades, que ficarão para os capitulos seguintes, justo será que fechemos este com a terceira causa do castigo que ponderavamos, a qual refere o texto sagrado no cap. 14.º dos Numeros, e póde ser de grande exemplo para outra casta de gente, que são os que a escriptura chama *filhos da desconfiança*. Chegados os doze exploradores da terra de promissão, concordaram todos na largueza, bondade, e fertilidade da terra, mas excepto Josué e Calef, que facilitaram a conquista, e animavam o povo a ella : os outros conformemente, instavam que era impossivel, assim pela fortaleza e sitio das cidades, como pela valentia, forças, e corpulencias dos homens, que, comparados com os hebreus (diziam elles) pareciam gigantes. Em fim, prevalesceu o numero contra a razão (como as mais vezes succede), deliberou o povo eleger capitão, e voltar-se com elle ao captiveiro do Egypto, não bastando a experiencia de tantas victorias passadas, e de tantos successos e prodigios inauditos, e sobretudo as promessas divinas tão repetidamente inculcadas, de que Deus os havia de metter de posse daquella terra, para crêrem e confiarem que assim havia de ser. Esta tão covarde incredulidade foi a ultima, ou a ultima da semrazão, com que acabou de se apurar a paciencia divina. E resoluto Deus a não soffrer mais tal gente, nem os perdoar, ou dissimular, como até alli tinha

feito, resolveu que fosse executada nelles a sentença de sua propria incredulidade; e pois criam que Deus os não havia de metter de posse da terra de promissão, que nenhum delles entrasse nella, nem a vissem, e que todos morressem primeiro, e fossem sepultados naquelle deserto: assim o disse, e assim se executou. As palavras da queixa de Deus, e da sentença, foram estas: *Usquequo detrahet mihi populus iste? Quousque non credent mihi in omnibus signis, quæ feci coram eis? Vivo ego, ait Dominus: sicut locuti estis audiente me, sic faciam vobis. In solitudine hac jacebunt cadavera vestra: non intrabitis terram, super quam levavi manum meam, ut habitare vos facerem*.*

Lêam e pezem bem estas palavras de Deus os incredulos e desanimados (vicios ambos, não sei se de pouco, se de máu coração) e vejam o perigo em que os póde metter, ou tem mettido a sua incredulidade: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Os que pela experiencia do que teem visto crêem o que está promettido, vel-o-hão, porque são dignos de o verem: os que não crêem, ou não querem crêr, a sua mesma incredulidade será a sua sentença; já que o não crêram, não o verão, diz Santo Agostinho (cujas excellentes palavras adiante citaremos) que depois de cumprida uma parte das promessas, não crêr que se hão de cumprir as outras, é não só pertinacia de incredulidade racional, senão crime de ingratidão grande contra o divino Auctor dos mesmos beneficios: e a estes incredulos e ingratos castiga justissimamente sua providencia, com que não cheguem a vêr nem gosar o que não querem crêr de sua bondade: *Quousque non credent mihi in omnibus signis, quæ feci coram eis?*

Antes da experiencia das primeiras maravilhas, alguma desculpa parece que podia ter a incredulidade na fraqueza do receio e desconfiança humana: mas depois de cumpridas e vistas com os olhos tantas coisas, tão grandes, tão maravilhosas, e tão raras, não crêr ainda as que estão por vir, é rebeldia de ingratidão, e dureza da incredulidade, merecedoras ambas de que Deus as castigue com se conformar com ellas: *Sicut locuti estis,*

* Num. XIV — 11, 28, 29 e 30.

sic faciam vobis. Quem quizer saber (segundo o estylo ordinario da justiça e providencia divina) se ha de chegar a vêr as felicidades que debaixo de sua palavra aqui lhe promettemos, examine o seu coração, e consulte a sua fé: do nosso proprio coração nos corta Deus a sentença, e de nossas proprias palavras a fórma: *Ex ore tuo te judico.* (Luc. XIX — 22) Aos que crêem, como ao Centurião, diz Christo: *Sicut credidisti, fiat tibi.* (Matth. VIII — 13) E aos que não crêem como os israelitas do deserto, diz Deus: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Quem crê que se hão de cumprir aquellas tão felizes promessas, para elle será o vêl-as e gosal-as: *Sicut credidisti fiat tibi.* (Ibid.) E quem não crê que se hão de cumprir, será tambem para elle não gosal-as, nem vel-as. É lei da liberalidade de Deus pagar a fé com a vista, por isso havemos de vêr no céu os mysterios que vemos na terra. E este estylo que Deus custuma guardar na gloria da outra vida, guarda tambem ordinariamente nas felicidades desta, quando as tem promettido: os que as crêem, terão *vida para as* vêrem; os que as não crêrem, morrerão para que as não vejam: assim o sentenciou o mesmo Deus outra vez em similhante caso por bocca do propheta Habacuc: *Ecce qui incredulus est, non erit recta anima ejus in semetipso, justus autem in fide sua vivet.* (Hab. II — 4) O incredulo (diz Deus) nem terá a vida segura; e ao que crê, a sua mesma fé lhe conservará a vida. Assim succedeu, porque na guerra que Nabucodonosor fez a Jerusalem, os que creram aos prophetas com el-rei Iconias viveram; e os que não quizeram crêr, com el-rei Sedecias pereceram: quem não crê, desmerece a vista; e para que não chegue a vêr, tira-lhe Deus a vida. Olhem por si os incredulos, e se não crêem que havemos de vêr, crêam que não hão de viver: *Si non credideritis, non permanebitis,* diz o propheta Isaias.

CAPITULO V.

Segunda utilidade.

A segunda utilidade desta Historia, e mais necessaria aos tempos proximos, e presentes, é a paciencia, constancia e consolação nos trabalhos, perigos e calamidades com que ha de ser afflicto e purificado o mundo, antes que chegue a esperada felicidade. Quando o lavrador quer plantar de novo em mata brava, mette primeiro o machado, corta, derriba, queima, arranca, alimpa, cava, e depois planta e semêa. Quando o architecto quer fabricar de novo sobre edificio velho e arruinado, tambem começa derribando, desfazendo, arrazando e arrancando até os fundamentos, e depois sobre o novo alicerce levanta nova traça e novo edificio: assim o faz e fez sempre o supremo Creador, e Artifice do mundo, quando quiz plantar e edificar de novo. Assim o disse e mandou notificar a todo o mundo pelo propheta Jeremias no cap. 10.° *Ecce constitui te hodie super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipes, et ædifices, et plantes.* (Jer. I — 10) Ó gentes, ó reis, ó reinos, quanto arrancar, quanto destruir, quanto perder, quanto dissipar se verá em vossas terras, campos e cidades, antes que Deus vos replante e redeedifique, e se veja restaurado o universo? Maravilha é que ha muitos annos está promettida para esta ultima idade do mundo por aquelle supremo Monarcha, que tem por assento o throno de todo elle: *Et dixit, qui sedebat in throno, ecce nova facio omnia.* (Apoc. XXI — 5) E porque ninguem o duvidasse como coisa tão nova e desuzada, accrescenta logo o evangelista propheta: *Hæc verba fidelissima sunt, et vera.* Se deste trabalho e castigo póde tambem caber alguma parte a Portugal, e se é elle um dos reinos da christandade, que merece ser mui renovado e reformado, o mesmo Portugal o examine, e elle mesmo, se se conhece, o julgue, lembrando-lhe que está escripto que o juiso e exemplo de Deus ha de começar por sua casa: *Judicium incipiet à domo Dei.* Mas, ou sejam para Portugal, ou para o resto do mundo, ou para

todos, (como é mais certo) nenhuma coisa poderão ter os homens de maior consolação, allivio, nem remedio para o soffrimento e constante firmeza de tão fortes calamidades, do que a lição e condição desta Historia do Futuro, não pelo que ella tem de nossa, mas pelas escripturas originaes de que foi tirada. Este é o fim, diz S. Paulo, e o fructo muito principal para que ellas se escreveram: *Quæcumque scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt, ut per patientiam, et consolationem scripturarum spem habeamus.* (Rom. XV — 4) A lição das escripturas, do conhecimento e fé das coisas futuras, é a que mais que tudo nos póde consolar nos trabalhos, porque a paciencia tem a sua consolação na esperança, a esperança tem o seu fundamento na fé, e a fé nas escripturas.

Que maior trabalho, ou perigo, póde sobrevir a uma republica, que vêr-se cercada e combatida por todas as partes de poderosissimos inimigos, só, e desamparada, e sem amigo, nem alliado, que a soccorra? Neste estado se viram muitas vezes no tempo de seu governo os Machabeos, de que Deus sempre os livrou com maravilhosas victorias e assistencias do céu, pelas quaes lhes não foi necessario valerem-se da confederação que naquelle tempo tinham com os romanos e esparciatas: e dando conta disto aos mesmos esparciatas Jonathas, que então governava o povo, diz assim em uma epistola: *Nos cum nullo horum indigeremus, habentes solatio sanctos libros, qui sunt in manibus nostris, maluimus mittere ad vos renovare fraternitatem, et amicitiam:* (1. Mac. XII — 9 e 10) Mandamos renovar por este nosso embaixador (diz Jonathas) a antiga amisade e confederação, que comvosco fizeram nossos maiores, não porque tenhamos necessidade della, e dos vossos soccorros, posto que não nos faltam inimigos, guerras, oppressões e trabalhos; mas temos sempre em nossas mãos os livros santos, em que lemos as promessas divinas e com elles, e com ellas nos consolamos e animamos a resistir, pelejar e vencer, como temos vencido e vencemos a todos nossos inimigos. No cap. 8.º se verá que sem atrevimento ou demasiada confiança podemos chamar a esta nossa Historia do Futuro, livro santo, se houver (como ha de haver primeiro) trabalhos, perigos, oppressões,

tribulações, assolações, e todo o genero de calamidades, miserias e açoites, com que Deus costuma castigar, emendar e domar a rebeldia dos corações humanos.

Para esta occasião, e tão apertada, sáe a luz e se offerece ao mundo este livro santo, no qual acharão os afflictos allivio, os tristes consolação, os attribulados remedio, os combatidos soccorro, os desconfiados esperança, paciencia, constancia e fortaleza, tudo por meio da lição e fé das divinas promessas, e consolação dos felicissimos fins, a que todos estes trabalhos e tribulações pela providencia do altissimo são ordenadas.

É coisa muito digna de notar, que nunca no povo de Israel concorreram tantos prophetas juntos como antes do captiveiro de Babylonia, e no mesmo captiveiro. Antes do captiveiro prophetizaram por sua ordem Oseas, Isaias, Joel e Amos: no captiveiro prophetisou Micheas, Habacuc, Jeremias, Ezechiel, Daniel e Sophonias. De maneira que sendo só doze os prophetas canonicos, os dez delles tiveram por assumpto, e materia muito principal de todas suas prophecias, o captiveiro de Babylonia. Os quatro primeiros que escreveram mais de seis annos antes daquelle tempo, prophetisaram que o povo por seus peccados havia de ir captivo, mas que por misericordia de Deus seria depois restituido á sua patria. Os outros seis, que prophetisaram no tempo do captiveiro, insistiram constantemente em que elle havia de ter fim, determinando signaladamente o anno da liberdade. A razão deste concurso tão extraordinario de prophetas e prophecias (nunca antes, nem depois visto) foi, porque nunca o povo e reino de Judá padeceu tão grande trabalho e calamidade como o captiveiro, ou transmigração de Babylonia, sendo captivos, presos e despojados de seus bens, arrancados da patria, e levados a terras de barbaros, e lá opprimidos e tractados como escravos em durissima servidão. Ordenou pois a providencia e misericordia divina, que naquelle tempo e estado tão calamitoso, houvesse muitos prophetas e muitas prophecias, uns que as tivessem escripto no tempo passado, e outros que as prégassem no presente, para que o povo não desmaiasse com o peso da afflicção, e animado com a esperança da liberdade pudesse com o trabalho do captiveiro. O captiveiro e o tyranno os

opprimia: os prophetas e as prophecias os alentavam. Cantavam-se as prophecias ao som das cadêas, e com a brandura deste som os ferros se tornavam menos duros, e os corações mais fortes.

Foi mui particular neste caso entre todos os outros prophetas o zelo e diligencia de Jeremias, porque tendo ficado em Jerusalem, onde padeceu grandes trabalhos, prisões e perigos da vida por prégar e prophetisar a verdade, (pela qual finalmente morreu apedrejado) no meio destas oppressões e perigos proprios, não esquecido dos alheios, antes mui lembrado do que padeciam os desterrados de Babylonia, escreveu um livro das suas prophecias, em que por termos muito claros e palavras de grande consolação, lhes annunciava a liberdade e o tempo della, como se póde vêr no cap. 29.º do mesmo propheta. Levou este livro a Babylonia o propheta Baruch, companheiro de Jeremias, leu-se em presença d'el-rei Iconias, e publicamente de todo o povo, que com elle vivia no captiveiro, e nota o mesmo Baruch, que todos com grande alvoroço corriam ao livro: assim o diz no primeiro capitulo da relação que fez desta jornada, e anda no texto sagrado junta com as obras de Jeremias: *Et legit Baruch verba libri hujus ad aures Jechoniæ filii Joachim regis Juda, et ad aures universi populi venientis ad librum.* (Bar. I — 3)

Não sei se terá a mesma fortuna, e se será recebido e lido com o mesmo animo e affecto este nosso livro da Historia do Futuro: mas sei que nos trabalhos, calamidades e afflicções que ha de padecer o mundo e póde ser cheguem tambem a Portugal, nem Portugal, nem o mundo poderá ter outro allivio, nem outra consolação maior, que a frequente lição e consideração deste livro, e das prophecias e promessas do futuro, que nelle se verão escriptas: ao menos não negará Portugal, que no tempo da sua Babylonia e do captiveiro e oppressões com que tantas vezes se viu tão maltratado e apertado, nenhuma outra appellação tinha a sua dor, nem outro allivio ou consolação a sua miseria, mais que a lição e interpretação das prophecias, e a esperança da liberdade e do anno della, e do termo e fim do captiveiro que nellas se lia. Lia-se na carta e tradicção de S. Bernardo, que quando Deus alguma hora permittisse que o reino viesse a mãos

e poder de rei estranho, não seria por espaço mais que de sessenta annos. Lia-se no juramento d'el-rei D. Affonso Henriques, e na promessa do santo ermitão, que na decima-sexta geração attenuada, poria Deus os olhos de sua misericordia no reino. Lia-se nas celebres tradicções de Gregorio de Almeida no seu Portugal Restaurado, que o tempo desejado havia de chegar, e as esperanças delle se haviam de cumprir no anno signalado de quarenta: e no concurso de todas estas prophecias, se consolava e animava Portugal, a ir vivendo ou durando até vêr o cumprimento dellas.

Fallando no mesmo captiveiro de Babylonia o mesmo propheta Isaias, e do allivio e consolação, que com suas prophecias haviam de ter em seus trabalhos aquelles captivos, diz com igual brandura e eloquencia, estas notaveis palavras: *Spiritus Domini super me, ut mederer contritis corde, et prædicarem captivis indulgentiam, et annum placabilem Domino, ut consolarer omnes lugentes, et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudii pro luctu:* (Isai. LXI — 1, 2 e 3) Desceu sobre mim o Senhor, e ungiu-me com seu espirito, diz Isaias, para que como medico dos afflictos captivos de Babylonia, curassse com o talento de minhas promessas e prophecias, a tristeza e desmaio de seus corações: e declarando mais em particular os remedios cordeaes que lhes applicava, aponta nomeadamente dois, que mais parecem receitados para o nosso captiveiro, que para o de Babylonia. O primeiro, era um anno de indulgencia e redempção, em que o captiveiro se havia de acabar: *Et prædicarem captivis indulgenciam, annum placabilem Domino.* O segundo, era uma corôa trocada pelas antigas cinzas, com que os luctos e tristezas passadas se convertessem em festas e alegrias: *Et darem eis coronam procinere, oleum gaudii pro luctu.* Assim o liam os captivos de Babylonia nas suas prophecias, e assim o liamos nós tambem nas nossas; e assim como elles não tinham outro remedio na sua dor senão a esperança daquelle desejado anno, e a mudança daquella promettida corôa, assim nós com os olhos longos no suspirado anno de quarenta, e na esperada corôa do novo rei portuguez alliviavamos o pezo de nosso jugo, e consolavamos a pena do nosso captiveiro:

e pois este remedio das prophecias foi tão presente e efficaz para os trabalhos passados, razão tenho eu (e razão sobre a experiencia) para esperar e confirmar que o será tambem para os futuros. Eu não prometto nem espero infortunios a Portugal; mas ou sejam de Portugal, ou da christandade, ou do mundo, os que póde causar nelle a necessidade, ou a adversidade dos tempos, para todos lhes prometto este remedio: melhor é que sobejem os remedios á cautéla, do que faltem á providencia.

E porque não pareça que argumento só de casos e prophecias de tempos antigos, sejam os casos e prophecias proprias dos nossos tempos, e escriptas só para elles.

Ninguem ignora que as prophecias do Apocalypse, (e mais ainda as que estão por cumprir) são proprias dos tempos que hoje correm, e hão de parar no fim do mundo: assim o dizem padres e expositores, e nós o mostraremos em seu proprio logar. Mas a que fim, pergunto, ordenou a providencia divina que S. João tivesse aquellas revelações, e escrevesse aquellas prophecias? É pergunta esta de que foi respondida Santa Brizida, como se lê no livro sexto de suas revelações. Querendo Christo, por particular favor, que a santa ouvisse a resposta da boca do mesmo propheta, appareceu alli S. João, e disse desta maneira: *Tu Domine inspirasti mihi mysteria ejus, et ego scripsi ad consolationem futurorum, ne fideles tui propter futuros casus everterentur**. Vós, Senhor, me revelastes aquelles mysterios, e eu escrevi as prophecias delles para consolação dos vindoiros, e para que os vossos fieis com os casos futuros se não perturbem, antes confirmados com as mesmas prophecias, estejam nelles constantes.

Este é o fim (posto que não só este) porque Deus revela as coisas futuras, e porque os prophetas antigos, e o ultimo de todos, que foi S. João, as escreveram; para que se veja quão justa e quão util é, e quão conforme com a vontade e intento de Deus, a diligencia com que eu me disponho, e o trabalho de escolher entre todas as prophecias que pertencem a nossos tempos, e de as ajuntar, ordenar, e tirar á luz para o beneficio publico;

* Revelatio S. Birg. lib. 6.

e porque o fructo deste beneficio se póde colher nas novidades, que promette este mesmo anno em que somos entrados, applicando o remedio á ferida, ou aos ameaços della, digo assim com o propheta Amos: *Leo rugiet, quis non timebit? Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* (Amos III — 8) Está o leão bramindo? Sim, está; pois agora é o tempo de se ouvirem as prophecias, e de se saber e publicar o que Deus tem dito: *Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* Fallem todos nas prophecias, e intendam-nas todos, pratiquem-nas todos, que agora é o tempo. Quando os bramidos do leão se ouvirem em suas caixas e tromhetas, sôe tambem em nossos ouvidos por cima de todas ellas, o trovão de nossas prophecias: assim lhe chamei, porque são voz do céu: *Leo rugiet, quis non timebit?* Quando bramir o leão, quem não tremerá? Responderão com razão os nossos soldados, que não temerão aquelles que tantas vezes o tem vencido: que não temerá Portugal, que é o Samsão, que tantas vezes o tem desqueixado: que não temerá Portugal, que é o Hercules, que tantas vezes se tem vestido de seus despojos: que não temerá Portugal, que é o David, que tantas vezes lhe tem tirado das garras os seus cordeiros: esta é a resposta do valor, e esta póde ser tambem a da arrogancia, de que Deus se não agrada. Não confie Portugal em si, porque se não offenda Deus; confie só no mesmo Deus, e em suas promessas, e pelejará seguro. Oh! que bem armados esperarão o leão na campanha os nossos soldados, se tiverem nas mãos as armas, e no coração as prophecias! *Leo rugiet, quis non prophetabit?* Estas são as trombetas do céu, de cujo som tremem os muros de Jericó, e a cuja bateria nenhuma fortaleza resiste.

Mas se acaso (que póde ser) houver algum successo adverso (que tambem depois do milagre de Jericó houve nos campos de Hay), não perca Josué, nem seus soldados o animo; recorram a Deus, e a suas promessas, que por isso nos tem prevenido com ellas. Costuma a providencia divina começar suas maravilhas por effeitos contrarios, ou para provar nossa fé, ou para mais exaltar sua omnipotencia: elle póde mais que todos os poderes humanos, e só uma coisa não póde, que é faltar ao que tem promettido.

Deixou Christo aos discipulos luctar com a tempestade na primeira vigia, na segunda não lhes acudiu, nem na terceira, e quando na quarta depois de os atemorisar com phantasmas, os soccorreu com sua presença, ainda então os reprehendeu de *pouca* confiança. (Matth. XIV — 25) Escureça-se a noite, brame o mar, rompa-se o céu, enfureçam-se os ventos, que Deus ha de acudir por sua palavra; seguro está o reino em que elle e a palavra de Deus correm o mesmo perigo.

CAPITULO VI.

Terceira utilidade.

Finalmente (e é a terceira e não menor *utilidade desta* Historia), lendo os principes da christandade, e mais particularmente aquelles que forem ou estão já escolhidos por Deus para instrumentos gloriosos de tão singulares maravilhas, e maravilhosas felicidades: lendo, digo, no discurso da Historia do Futuro, as victorias, os triumphos, as conquistas, os reinos, as corôas, e o dominio e sujeição de nações, tantas e tão dilatadas, que lhe estão promettidas, na fé e confiança das mesmas promessas se atreverão animosamente a emprehendel-as, sendo certo, que, *medidas só* as forças da potencia humana, sem ter por fiador a palavra divina, nenhuma razão haveria no mundo, que se atrevesse a aconselhar, nem ainda temeridade que se arrojasse a emprehender a desigualdade de tamanhas guerras, e a desproporção de tão immensas conquistas. Mas as promessas, e as disposições divinas, antecedentemente conhecidas na previsão do futuro, tudo facilitam, e a tudo animam.

Para testimunho desta tão importante verdade, e alento dos que a lerem, porei aqui um só exemplo de guerras, outro de conquistas, mas um e outro os maiores que até hoje se viram no mundo.

Tinham vindo sobre o povo de Israel os exercitos dos philisteus com trinta mil carros de guerra, e tanta multidão de soldados, que não só compára a escriptura sagrada o numero delles com o da arêa do mar, senão com a arêa muita: *Sicut arena, quæ est in littore maris, plurima.* (1 Reg. XIII — 5) Os israelitas reconhecendo sua desigualdade para resistir a tão superior e excessivo poder, diz o mesmo texto, que se tinham escondido pelas brenhas, pelas montanhas, pelas covas, pelas grutas, pelas cisternas, e por todos os outros logares mais occultos e secretos, que sabe inventar o medo e a necessidade.

Neste estado de horror e miseria sáe de noite o principe Jonathas, filhos d'el-rei Saul, tracta de consultar a Deus por um modo de oraculo, ou sorte, a que os hebreus chamavam *Phurim;* pela qual a providencia divina naquelle tempo costumava responder e significar os successos futuros; e encaminhando para os alojamentos do inimigo disse assim ao seu pagem da lança, que só o acompanhava: Se quando formos sentidos do exercito dos philisteus disserem as sentinellas: — esperae por nós — é signal que responde Deus, que paremos, e que não convem acontecer; mas se as sentinellas disserem: — vinde para cá — é signal que responde Deus que acommetamos, porque os tem entregues em nossas mãos, e que havemos de prevalescer contra elles: ajustados os signaes nesta fórma, proseguiram seu caminho, chegaram perto, e foram sentidos: as sentinellas que deram fé dos dois vultos, fallaram entre si, concordando em que eram hebreus dos que estavam mettidos pelas covas; levantaram a voz, e disseram para elles: Vinde cá, que temos certa coisa que vos dizer. Não foi necessario mais, para que Jonathas intendesse a resposta do divino oraculo, interpretando-a (como verdadeiramente era) conforme o signal que tinha posto; e na fé e confiança desta prophecia, tendo por sem duvida que havia de vencer, avança animosamente as terras dos philisteus, começa elle e o companheiro a matar nos inimigos, toca-se arma, cresce a confusão, perturbam-se os arraiaes, trava-se uma brava peleja dos mesmos philisteus, uns contra os outros, cuidando que eram os soldados de Saul; fogem, atropellam-se, matam-se: sáem das covas os israelitas, seguem os philisteus fugi-

tivos, e voltam carregados de despojos: conhecem-se em fim com immortal gloria de Jonathas os auctores de tão estupenda façanha, bastando só dois homens armados da confiança de uma prophecia, para pôrem em fugida o mais poderoso exercito, e alcançarem a mais desigual e prodigiosa victoria.

A maior e mais nobre conquista que até hoje se intentou e conseguiu no mundo, foi a famosa de Alexandre Magno: o homem que a emprehendeu era o maior capitão que creou a natureza, formou o valor, aperfeiçoou a arte, e acompanhou a fortuna; mas se não fôra ajudado da prophecia, nem *elle* se atrevêra a o que se atreveu, nem obrára e levára ao cabo o que obrou. Bem sei que no dia em que nasceu Alexandre, ardeu o famosissimo templo de Diana Ephesina, onde prognosticaram os Magos, que naquelle dia entrára no mundo, quem havia de ser o incendio de toda Asia*.

Tambem sei, que a quem desatasse o *nó gordiano* que Alexandre cortou com a espada, estava *promettido pelos oraculos* de Apollo Delphico o imperio de todo o oriente; mas não chamo eu a isto prophecias, nem assento considerações e verdades tão serias sobre fundamentos de tão pouca subsistencia, como são os vaticinios da gentilidade.

Conta José no liv. 11.° de suas Antiguidades, que entrando Alexandre em Jerusalem, saiu a o receber fóra do templo o summo sacerdote Jaddo, revestido nos ornamentos pontificaes, e que Alexandre, vendo-o, se lançára a seus pés, e o adorára; (*José Ant.* XI — 8) e perguntado pela causa de tão desuzada reverencia, tão alheia de sua grandeza e magestade, respondeu, que elle não adorára aquelle homem, senão nelle a Deus, porque reconhecêra que aquelle era o habito, o ornato e a representação, em que Deus lhe tinha apparecido em Dio, cidade de Macedonia, e exhortando-o a que emprehendesse a conquista da Persia, que naquelle tempo meditava, lhe segurára a victoria.

As palavras de Alexandre (que é bem se veja a sua formalidade) são as seguintes: *Non hunc adoravi, sed Deum, cujus prin-*

* A Lap. in Dan. 2. 29. § 12. 5.

*cipatus sacerdotii functus est, nam per somnium in hujusmodi eum habitu conspexi adhuc in Dio civitate Macedonia constitutus: dumque mecum cogitassem posse Asiam vincere, incitavit me, ut nequaquam negligerem, sed confidenter transirem: nam super ducturum meum exercitum dicebat, et Persarum traditurum potentiam: ideoque neminem alium in tali stola videns cum hunc advertissem, habens visionis, et probationis nocturnæ memoriam salutari, exinde arbitror Divino vivamine me directum Dariumque vixisse, virtutemque solvisse persarum: propterea et ea, quæ meo corde sperantur, pro ventura confido**.

No mesmo templo de Jerusalem, refere tambem José, que foram mostradas a Alexandre as prophecias de Daniel, particularmente aquella do cap. 8.º Conta alli o propheta, que viu dois animaes do campo, um o maioral das ovelhas, com dois cornos muito fortes; outro o maioral das cabras com um só corno entre os olhos (o qual depois de quebrado se dividiu em quatro), e que este segundo animal correndo da parte do occidente contra o primeiro, sem pôr os pés na terra o investira e derribara e mettêra debaixo dos pés. Nestas duas figuras é certo que estava prophetisado, na primeira o imperio dos persas e medos (como explicou o anjo a Daniel), por isso tinha a testa dividida em dois cornos. Na segunda o imperio dos gregos, que no principio esteve unido em uma só pessoa, que foi Alexandre, e depois de sua morte se dividiu em quatro, que foram os quatro reinos, em que elle o repartiu entre seus capitães. Saiu pois Alexandre da parte occidental, que é a Macedonia, e sem pôr os pés na terra, pela velocidade com que vencia e sujeitava tudo, investiu, derribou e metteu debaixo dos pés o imperio dos persas e medos, acabando de se cumprir a prophecia na ultima batalha do Tigranes, em que venceu e desbaratou de todo os exercitos de Dario, e tomou ou se deixou saudar com o nome de imperador da Asia.

Não parou aqui Alexandre; porque não pararam aqui as prophecias de Daniel na visão dos quatro animaes referidos no cap. 7.º O terceiro era Alexandre significado no leopardo com qua-

* A Lap. in arg. libr. Sap. § Jam. ut ut proximus.

tro azas. Na visão da estatua de Nabuco referida no cap. 2.° O terceiro dos metaes, que era o bronze, significava tambem o imperio de Alexandre, e diz alli o propheta, que reinaria e se faria obedecer de todo o mundo: *Et regnum tertium aliud æreum, quod imperabit universæ terræ* *. Em seguimento e confiança destas prophecias partiu Alexandre victorioso para a conquista que lhe restava do mundo oriental, o qual sujeitou e uniu todo o seu imperio passando o Tauro e o Caucaso, e chegando até os fins do Ganges, e praias do mar Indico, que eram então as ultimas da terra d'onde Hercules e o padre Libero as tinham collocado.

Mas foram ainda mais em numero e grandeza as nações que venceu e sujeitou Alexandre com a fama, mais que com a espada, porque entrando da volta desta jornada em Babylonia, achou nella os embaixadores de Africa, de Carthago, Hespanha, Gallia, Italia, Sicilia, Sardenha, as quaes provincias, em obsequio e reconhecimento de sua potencia se lhe mandaram sujeitar e entregar espontaneamente, e entre ellas os mesmos romanos (nome já naquelle tempo famoso no mundo), como é auctor Clitarcho, referido e louvado por Plinio no liv. 3.° da Historia Natural. Tudo certifica ainda com palavras maiores o mesmo texto sagrado no exordio do primeiro livro dos Macabeus, dizendo: *Alexander, qui primus regnavit in Græcia, percussit Darium regem Persarum, et Medorum, constituit, et prælia multa obtinuit omnium munitiones, interfecit reges terræ, pertransiit usque ad fines terræ, accepit spolia multitudinis gentium, et siluit terra in conspectu ejus.* (1. Mac. I — 1, 2 e 3)

Porém o que mais admira nas conquistas e victorias de Alexandre, é a desigualdade do poder, e o limitado apparato de guerra com que entrou em tão immensa empreza; porque, como refere Plutarco, e o prova com graves auctores, saiu de Macedonia com menos de quarenta mil homens, bastimentos só para trinta dias, e com setenta talentos para estipendios, que fazem da nossa moeda quarenta e dois mil cruzados.

* Dan. II. A Lap. v. 16. § Et ecce Dan. II — 39. § Et regnum tertium.

Mas como Alexandre antes de obrar todas estas maravilhas com que mereceu o nome e se fez verdadeiramente magno, se tivesse visto a si mesmo melhor retratado nas prophecias de Daniel, do que depois se viu nas estatuas de Lysipo, nem nas pinturas de Apelles, não é muito que animado e soprado do espirito das mesmas prophecias, e cheio da magestade dellas, se atrevesse a tão arduas e difficultosas emprezas, das quaes justamente se duvida (como poz em questão Justino) se foi maior façanha o intental-as, ou vencel-as.

E d'aqui se póde desculpar (coisa que não soube, nem pôde advertir nenhum dos historiadores de Alexandre, sendo tantos e tão excellentes) d'aqui digo se póde desculpar aquella mais temeridade, que audacia (qualidade posto que honrosa, indigna de um general prudente e muito mais de um rei, quando conquista o alheio, e não defende o proprio), com que Alexandre empenhava sua pessoa e vida, e se precipitava muitas vezes aos perigos por coisas leves, sendo a confiança, ou o seguro de todos estes arrojamentos, não o dominio que elle tivesse sobre a fortuna: *Quam solus omnium mortalium sub potestate habuit;* (V. A Lap. ubi sup.) como com discrição gentilica disse delle Curcio, liv. 10.º; mas a previsão e presciencia de suas futuras victorias, e do imperio que lhe estava promettido, e havia necessariamente de conquistar, conforme as prophecias de Daniel: e como tinha a vida e as emprezas firmadas por uma escriptura de Deus, ou por tres escripturas, e ao mesmo Deus por fiador de sua palavra e promessas, fé era e não audacia, confiança e não temeridade, empenhar-se Alexandre nos perigos para conseguir as emprezas, e dar exemplo de despreso da vida a seus soldados para os animar ás victorias: tanta parte teve a prophecia nas acções deste grande capitão e no imperio deste grande monarcha, o qual, se deve a Filippe o ser Alexandre, deve a Daniel o ser magno!

Os exemplos que temos domesticos desta mesma utilidade, não são menos admiraveis que os estranhos, assim nas batalhas, como nas conquistas. Era tão innumeravel a multidão de sarracenos que debaixo das luas de Ismael, e dos outros quatro reis moiros, inundaram os campos de Guadiana com intento de tomar

Portugal naquelle dia fatalissimo, o primeiro de nossa maior fortuna, que justamente estavam temerosos os poucos portuguezes, e seu valoroso principe duvidoso se aceitaria ou não a batalha; mas como o velho ermitão, interprete da divina providencia, visto primeiro em sonhos, e depois realmente ouvido e conhecido, lhe assegurou da parte de Deus a victoria, com aquellas tão expressas e animosas palavras: *Vinces Alphonse, et non vinceris;* soccorrido o animoso capitão, e fortalecido o pequeno exercito com esta promessa do céu, sem reparar em que era tão desigual o partido, que para cada lança christã havia no campo cem moiros, resolveu intrepidamente dar a batalha.

Na manhã, pois, da mesma noite em que tinha recebido a prophecia, acommette de fronte a fronte ao inimigo, sustenta quatro vezes o peso immenso de todo seu poder, rompe os esquadrões, desbarata o exercito, mata, captiva, rende, despoja, triumpha; e alcançada na mesma hora a victoria, e libertada a patria, piza glorioso as cinco coroas mauritanas, e põe na cabeça (já rei) a portugueza.

Isto obraram as prophecias daquella noite na guerra, mas ainda mostraram mais os poderes de sua influencia na conquista. Quem duvída que foram mais estendidas e gloriosas as conquistas dos portuguézes, que as de Alexandre Magno na mesma India? Desta conquista de Alexandre disse o seu grande historiador: *Oriente perdomito, aditoque Occeano, quidquid mortalitas cupiebat, implevit.* Domado o Oriente, e navegado o Occeano, cumpriu e encheu Alexandre tudo o que cabia na mortalidade. Que dissera, se vira as navegações dos portuguezes no mesmo Occeano, e suas conquistas no mesmo Oriente? Obrigação tinha em boa consequencia de lhes chamar immortaes. Não chegaram os portuguezes só ás ribeiras do Ganges, como Alexandre; mas passaram e penetraram adiante muito maior comprimento e terras, do que ha do mesmo Ganges á Macedonia, donde Alexandre tinha saido.

Não venceram só o Poro, rei da India, e seus exercitos; mas sujeitaram e fizeram tributarias mais coroas e mais reinos do que Poro tinha cidades. Não navegaram só o mar Indico ou Eritreo,

que é um seio ou braço do Occeano na sua maior largueza e profundidade, aonde elle é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indomito; o Atlantico, o Ethiopico, o Persico, o Malabarico, e, sobre todos, o Synico, tão temeroso por seus tufões, e tão infame por seus naufragios. Que perigos não desprezaram? que difficuldades não venceram? Que terras, que ceus, que mares, que climas, que ventos, que tormentas, que promontorios não contrastaram? Que gentes feras e bellicosas não domaram? Que cidades e castellos fortes na terra? Que armadas poderosissimas no mar não renderam? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não soffreram e supportaram, sem ceder, sem parar, sem tornar atraz, insistindo sempre e indo ávante, mais com pertinacia, que com constancia?

Mas não obraram todas estas proezas aquelles portuguezes famosos por beneficio só de seu valor, senão pela confiança e seguro de suas prophecias. Sabiam que tinha Christo promettido a seu primeiro rei, que os escolhêra para argonautas apostolicos de seu evangelho, e para levarem seu nome e fundarem seu imperio entre gentes remotas e não conhecidas; e esta fé os animava nos trabalhos; esta confiança os sustentava nos perigos; esta luz do futuro era o norte que os guiava; e esta esperança a ancora e amarra firme, que nas mais desfeitas tempestades os tinha seguros*.

Maiores contrastes tiveram ainda as conquistas de Portugal na nossa terra, que nas estranhas, e mais forte guerra experimentaram nos naturaes que resistencia nos inimigos: quem quizer vêr com admiração a tormenta de contradicções populares, e de todo o reino, que por espaço de dez annos padeceram os primeiros descobrimentos das conquistas, lêa o grande Chronista da Asia no 4.° cap. do 1.° liv., e conhecerá quantas obrigações deve Portugal e o mundo ao soffrimento, valor e constancia do infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João o I, auctor desta heroica empreza, o qual como religiosissimo principe que era, e nella principalmente

* Juramento d'el-rei D. Affonso apud P. Vasconcellos.

pretendia a gloria de Deus, dilatação da fé, e conversão da gentilidade, mereceu que o mesmo Deus com uma voz do céu o exhortasse a levar por diante o começado, com promessa de seu favor, e luz dos gloriosissimos fins, que por meio de tão dura porfia se haviam de alcançar.

Assim se conta e escreve por fama e tradicção daquelle tempo: com este oraculo divino mais fortalecido o espirito do infante, não só pôde romper e abrir as portas tão cerradas do Occeano, e deixal-as francas e patentes aos que depois vieram, vencidas as primeiras e maiores difficuldades; mas dar animo, valor, *guia* e esperança aos que, seguindo seu exemplo e empreza, a levaram ao cabo. Desta maneira o infante D. Henrique, que será sempre de feliz memoria, nos ganhou com sua constancia as conquistas, conquistando-as primeiro em Portugal, do que fossem conquistadas na Africa, Asia, America; e contrastando com igual fortaleza o indomito furor do segundo e quinto elemento (que são o mar e o fogo), que não pudéra conseguir *sem o soccorro da luz do céu*, animado nas contradicções e contrariedades presentes com o conhecimento e certeza dos successos futuros, para que até nesta parte deva Portugal as suas conquistas aos lumes e alentos da prophecia.

Finalmente, esta ultima resolução que no anno de quarenta assombrou o mundo, posto que muito a devamos á ousadia do nosso valor, muito mais a deve o nosso valor á confiança de nossos vaticinios. Que valor sesudo, prudente e bem aconselhado se havia de atrever a uma empreza tão cercada de difficuldades, como levantar-se contra o mais poderoso monarcha do mundo, e restituir-se á sua liberdade, e acclamar novo rei, não longe, senão dentro de Hespanha, um reino de grandeza tão desigual sobre sessenta annos de captivo e despojado; sem armas, sem soldados, sem amigos, sem alliados, sem assistencias, sem soccorros, só, e até de si mesmo dividido em tão distantes partes do mundo? Mas como havia outros tantos annos que a prophecia estava dando brados aos corações, em que nunca se apagou o amor da patria, e a saudade do rei, e o zelo da liberdade, dizendo e publicando a todos, que o desejado tempo della havia de chegar no anno felicissimo de quarenta, em que o novo rei seria levantado; a promessa

que sempre a conservou nos corações, o levantou a seu tempo nas vozes, e ella foi a que deu o rei ao reino, o reino á patria, a patria aos portuguezes, e Portugal a si mesmo; e este seja entre todos o maior exemplo, assim das nossas guerras, como das nossas conquistas, pois tudo o que tinhamos vencido e conquistado em quinhentos annos, alentados das promessas do céu, o podemos restaurar em um dia.

E se tanto tem vallido e importado a Portugal o conhecimento de seus futuros, em todos os casos maiores que podem acontecer a um reino; se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a corôa; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe accrescentou as conquistas; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituiu a ellas, e se restituiu a si mesmo; oh quanto mais necessario lhe será a Portugal, e quanto mais util e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros successos para aquellas emprezas novas, e muito maiores que nos tempos que hão de vir (ou que já vem) o esperam? Não se poderá comprehender a grandeza e capacidade desta importancia, senão depois de lida toda a Historia do Futuro, na qual só se medirá bem a immensidade do objecto com a desigualdade do instrumento.

Mas quem quizer desde logo fazer de algum modo a conjectura desta desproporção, tome os compassos a Portugal e ao mundo, e pergunte-se a si mesmo, se se atreve a igualar estes parallelos. É porém tão poderoso contra todos os impossiveis o conhecimento e fé do que ha de ser representado no espelho das prophecias, que nenhuma empreza póde haver tão desigual, nenhuma tão armada de perigos, nenhuma tão defendida de difficuldades, que debaixo do escudo desta confiança se não intente, se não avance, se não prosiga, se não vença. Da conquista espiritual do mundo se póde fazer bom argumento para a temporal, pois é mais forte a guerra, e mais dura resistencia a dos intendimentos, que a dos braços. Quiz Deus que a egreja, que é o seu reino, fundada pelos apostolos, se estendesse por seus successores em todo o mundo; e quaes foram as armas com que Deus os fortaleceu para que não temessem ou duvidassem a empreza, e se dispuzessem animosamente a tão estranha conquista? Advertiu com profundo

juiso Primasio, que fôra o Apocalypse de S. João, porque lendo os soldados evangelicos naquellas prophecias, quão largamente se havia de propagar a mesma egreja, e quão prodigiosas victorias havia de alcançar a fé contra todos os inimigos; este mesmo conhecimento os animava a quererem ser (como foram) os instrumentos gloriosos dellas. Segurou-lhes Deus as victorias, para que não duvidassem commetter as batalhas: *Post exortum autem ecclesiæ, quæ jam fuerat apostolorum prædicatione fundata, revelari oportuit* (diz Primasio) *qualiter esset latius propaganda, vel quali etiam sine contenta, ut prædicatores veritates hujus cognitionis fiducia præditi indubitanter aggrederentur pauci multos, inermes armatos, humiles superbos, obscuri nobiles, infirmi potentes.* (Prim. in Apocalyp.) Não se póde dizer, nem mais certo, nem mais elegantemente, se exceptuarmos a desproporção de poucos a muitos, *pauci multus:* em todas as outras considerações foi mais desigual esta empreza, que as que eu prometto, ou hei de prometter; e se a esta se atreveram poucos homens sem armas, sem estimação, sem nobreza, sem poder, contra tantos armados arrogantes, nobres, e poderosos, só porque no conhecimento das prophecias tinham segura a felicidade e fim da empreza; porque se não atreverão á mesma empreza, e na confiança das mesmas prophecias, aquelles em quem o poder se iguala com as armas, as armas se illustram com a nobreza, e a nobreza compete com a estimação e com a fama, ainda que sejam poucos contra muitos? E digo na confiança das mesmas prophecias; porque uma boa parte da nossa Historia (como veremos em seu logar) são as do mesmo Apocalypse. Lerão os portuguezes, e todos os que lhes quizerem ser companheiros, este prodigioso livro do futuro, e com elle embaraçado em uma mão, e a espada na outra, posta toda a confiança em Deus, e em sua palavra, que conquista haverá que não emprehendam, que difficuldades que não desprezem, que perigos que não pizem, que impossiveis que não vençam? Ao conhecimento antecedente dos futuros chamou discretamente S. Gregorio, escudo fortissimo da presciencia, em que todas as adversidades e golpes do mundo se sustentam, se reparam, e se rebatem: *Et nos tolerabilius mundi*

*mala suscipimus, si contra hæc per præscientiæ clypeum munimur**. Que vem a ser esta nossa Historia do Futuro, senão escudo da presciencia, *præscientiæ clypeum?* Armados com este escudo, que trabalhos, que perigos nos póde offerecer o mar, a terra e o mundo, e que golpes nos póde atirar com todas as forças de seu poder, que não sustentemos nelle com animosa constancia? Quem haverá que debaixo deste escudo não emprehenda as mais difficultosas conquistas, nem aceite as mais arriscadas batalhas, e não vença e triumphe dos mais poderosos inimigos, se as emprezas no mesmo escudo vão já resolutas, as batalhas vão já vencidas, e os inimigos já triumphados?

Fingiu o principe dos poetas latinos, que pediu Venus, mãe de Eneas, ao deus Vulcano, lhe fabricasse umas armas divinas, com que entrasse armado na difficultosissima conquista de Italia, com que vencesse os reis, e sujeitasse as nações bellicosissimas que a dominavam, com que victorioso fundasse naquellas terras o famosissimo imperio romano, que pelos fados lhe estava promettido. Forjou Vulcano as armas, e no escudo, que era a maior e principal peça dellas, diz que abriu de subtilissima escultura as historias futuras das guerras e triumphos romanos, compondo e copiando os successos pelos oraculos e vaticinios dos prophetas, e pelas noticias proprias que tinha, como um dos deuses que era participante dos segredos do supremo Jupiter.

> ......*Clypei non enarrabile textum*
> *Illic res Italas, romanorumque triumphos,*
> *Haud vatum ignarus, venturique inscius ævi,*
> *Fecerat igni potens: illic genus omne futuræ*
> *Stirpis ab Ascanio, pugnataque; ordine bella.*
> (Virg. Æneid. 8.)

O officio e obrigação dos poetas não é dizerem as coisas como foram, mas pintarem-nas como haviam de ser, ou como era bem que fossem: e achou o mais levantado e judicioso espirito de quantos escreveram em estylo poetico, que para vencer as mais

* D. Gregor. homil 35, in Evang.

difficultosas emprezas, para conquistar as mais bellicosas nações, e para fundar o mais poderoso e dilatado imperio, nenhuma arma poderia haver mais forte, nem mais impenetravel, nem que mais enchesse de animo, confiança e valor, o peito que fosse coberto e defendido com ella, que um escudo formado por arte e sabedoria divina, no qual estivessem entalhados e descriptos os mesmos successos futuros que se haviam de obrar naquella empreza: assim armou o grande poeta ao seu Eneas; e este mesmo escudo, não fabuloso, senão verdadeiro, e não fingido depois de experimentados os successos, senão escriptos antes de succederem, é propriamente, e sem ficção, o que nesta Historia do Futuro offereço, portuguezes, ao nosso rei. Dobrado de sete laminas, dizem, que era aquelle escudo; e tambem o da nossa Historia, para que em tudo lhe seja similhante, é publicado em sete livros. Nelle verão os capitães de Portugal, sem conselho, o que hão de resolver; sem batalha, o que hão de vencer; e sem resistencia, o que hão de conquistar. Sobre tudo se verão nelle a si mesmos e suas valorosas acções, como em espelho, para que com estas copias de morte-cor diante dos olhos, retratem por ellas vivamente os originaes, antevendo o que hão de obrar, para que o obrem; e o que hão de ser, para que o sejam.

CAPITULO VII.

Ultima utilidade.

Entre as utilidades proprias, e dos amigos, não quero deixar de advertir por fim dellas, que tambem a lição desta Historia póde ser igualmente util e proveitosa aos inimigos, se, deixada a dissonancia e escandalo deste nome, quizerem antes ser companheiros de nossas felicidades, que padecel-as dobradamente na dor e inveja dos emulos. Lerão aqui nossos visinhos e confinantes (que muito a pesar meu sou forçado alguma vez a lhes chamar inimi-

gos, havendo tantas razões, ainda da mesma natureza, para os não serem) lerão aqui com boa conjectura as promessas e decretos divinos, provada a verdade dos futuros com a experiencia dos passados: e verão, se quizerem abrir os olhos, um manifesto desengano de sua prophecia, conhecendo que na guerra que continuam contra Portugal, pelejam contra as disposições do supremo poder, e combatem contra a firmeza de sua palavra. Oh quantos damnos, quantas despezas, quantos trabalhos, quanto sangue e perda de vidas, quantas lagrimas e oppressão de naturaes e estrangeiros podia escusar Hespanha, se, com os olhos limpos de toda a paixão e affecto, quizesse lêr esta Historia do Futuro, e com tanto zelo e desejo de acertar com os caminhos de seu maior bem, como é o animo com que elle se escreve!

Não entre só nos conselhos de estado a conveniencia e reputação, o appetite e o odio, a vingança, o discurso militar e politico; tenha tambem algum dia logar nelles a fé; supponha-se que Deus é o que dá e tira os reinos, como e quando é servido; conheça-se e examine-se a sua vontade pelos meios com que ella se costuma declarar; e depois de averiguada e conhecida, ceda-se e obedeça-se a Deus por conveniencia, pois se lhe não póde resistir com força.

Bem pudéra conhecer Hespanha, voltando os olhos ao passado, pela experiencia, que Deus é o que desuniu de sua sujeição a Portugal, e Deus o que o sustenta desunido, e o conserva victorioso. Quando se soube em Madrid do rei que tinham acclamado os portuguezes no primeiro de dezembro do anno de 640 chamavam-lhe por zombaria rei de um inverno, parecendo-lhes aos senhores castelhanos, que não duraria a phantasia do nome mais que até á primeira primavera, em que a fama só de suas armas nos conquistasse: mas são já passados vinte e cinco invernos, em que as inundações do Betis e Guadiana não afogaram a Portugal, e vinte e quatro primaveras, em que sabem muito bem os campos de uma e outra parte o sangue de que mais vezes ficaram matizados.

Imaginou Hespanha, que na prisão do infante D. Duarte atava as mãos a Portugal, e lhe tirava a cabeça com que haviam de

ser governados na guerra, e que com os muros de Milão tinha sitiado a Portugal. Morreu em fim (ou foi morto) aquelle principe, e nem por isso desmaiou o reino, antes se armou de novo a justiça de sua causa com a sentença daquella innocencia, e se endureceram e fortificaram mais os peitos com o horror e fealdade daquelle exemplo.

Voltou-se todo o pezo da guerra contra Saul: maquinou-se contra a vida d'el-rei Dom João por tantos meios e instrumentos (e algum delles sôbre indecente sacrilegio); parecia-lhe a Castella que faltando a Portugal aquella grande alma, seria facil a suas aguias empolgarem no cadaver do reino. Faltou el-rei D. João ao reino, sobre ter faltado de antes seu primogenito Theodosio, principe de tantas virtudes, opinião e esperanças; mas viu o mundo, posto que o não quiz vêr Castella, que era o braço immortal o que defendia e conservava aos portuguezes. Succedeu na menoridade do rei com tanta prudencia e valor a regencia da rainha mãe, e á regencia da rainha o *governo felicissimo* d'el-rei D. Affonso, que Deus guarde, monarcha de tão conhecida fortuna, que parece a traz a soldo nos exercitos. Fez Castella neste tempo os maiores esforços de seu poder, e para os poder fazer maiores, assim como por esta causa tinha já concluido ou comprado, a preço da propria reputação, a paz de Hollanda, ajustou tambem a de França. Desembaraçadas em toda a parte as suas armas, chamou os espiritos de todo o corpo da monarchia aos dois braços, com que Castella cerca a Portugal: viram-se *juntas* contra elle em um exercito, Hespanha, Allemanha, Italia, Flandres, com toda a flor militar, sciencia e valor daquellas bellicosas nações. Mas que resultas foram as desta tão estrondosa potencia, e dos progressos que com ella se tinham ameaçado a nós e promettido a Europa?

Entrou a guerra dividida no anno de 62 por todas nossas provincias; em todas achou opposição igual e effeito superior: uniu-se no anno seguinte com novo conselho o poder; acrescentou-se de gente de cavallos, de cabos, de apparatos bellicos: escolheu-se para theatro daquella formidavel campanha a provincia de Além-Téjo: começou a tragedia com prosperos e alegres passos, trium-

phando dos que não podiam resistir ás armas castelhanas; mas o fim foi tão adverso, tão lastimoso, e verdadeiramente tragico, como viu com admiração o mundo, e chorará eternamente Castella: perdeu a batalha, o exercito e a reputação; deixou a Portugal a victoria, a fama, os despojos e só levou (como sempre) o desengano.

Estes teem sido em vinte e cinco annos os effeitos do poder; passemos aos da industria. Intendeu Castella que não podia conquistar a Portugal sem Portugal; tratou de inclinar á sua devoção os grandes e os menores: na constancia houve differença, mas nos effeitos nenhuma: o povo, cuja fortuna é inalteravel, não padeceu alteração: sendo tão livre e aberto em Portugal o mar como a terra, se não viu em tantos annos nenhum pastor que se passasse a Castella com duas ovelhas, nenhum pescador menos venturoso, que aos seus portos derrotasse uma barca.

Basta por exemplo, ou desengano, a famosa resolução do povo de Olivença, que com partido de poder ficar inteiro com cazas e fazendas, se não achou em todo elle um só homem de espirito tão humilde, que aceitasse a sujeição. Perderam todos a patria pela lealdade, triumphou Castella das paredes, e Portugal dos corações. Não viu Roma similhante exemplo, e assim o celebrou um Jeronymo Petruccho, poeta romano, com este epitaphio:

Victor uter que manet, victoria dividit orbem
Alphonsus cives, saxa Philippus habet.

Ainda deu muito a Castella em partir a victoria pelo meio: o vencedor conquistou pedras, o vencido vassallos: de industria se pudéra perder a praça, só por lograr a fineza; e de industria se pudéra tambem não ganhar, só por não experimentar o desengano: isto vence Castella, quando vence; e assim se rende o povo de Portugal, quando se rende.

A nobreza, em que tem maiores poderes o receio ou a esperança, como mais escrava da fortuna, não foi toda constante: alguns grandes houve entre os grandes, uns que se passaram ao serviço d'el-rei D. Filippe, outros que com maior ousadia o

quizeram servir em Portugal; a uns e outros castigou o mesmo braço da providencia, a estes com a vida, áquelles com o desterro; atégora não tiveram outro premio, nem mereciam outro, porque Castella nem póde resuscitar os primeiros, nem quiz pagar os segundos.

É fama, que foi respondido á sua queixa, que tinham feito o que deviam, mas ainda devem o que fizeram: cá perderam o que tinham, lá não ganharam o que esperavam: entre os portuguezes reos, entre os castelhanos portuguezes, que tambem é culpa.

Isto é o que foram buscar a Castella todos os que lá se passaram — o desengano de seu discurso, o descredito de sua resolução, e o castigo de sua incredulidade: e ainda de lá nos mandam o exemplo de seu arrependimento. Levaram o que nos não faz falta, porque se levaram; e deixaram o que nos ajuda a defender, porque nos deixaram as suas rendas A Portugal deixaram os despojos de suas casas, aos vindouros a memoria de sua infidelidade, e ao mundo pregão de sua *covardia. Tal foi* o merecimento, tal o premio: julgue agora Castella se terá esse interesse cobiçosos, e este empenho imitadores.

Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França, (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação) que no caso em que a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao turco, que a Castella. Era o embaixador ministro de letras, e como um grande senhor francez lhe pedisse a razão deste seu dito, sendo catholico e letrado, respondeu *assim*: Porque eu em Turquia se defender a fé, serei martyr; se renegar, far-me-hão baxá: e em Castella, monsieur, nem baxá, nem martyr.

Foi mui celebrada a discrição da resposta, a que accrescentava galanteria a mesma pessoa do embaixador; porque era mui avultado de presença, e tão bem lhe podia estar na cabeça o turbante, como na mão a palma. Nada mais venturosamente lhe succederam a Castella as industrias estrangeiras, que as domesticas; todas desarmou em armas contra si mesma. Em Roma impediu o provimento das mitras; mas os bagos se converteram em lanças, e o que haviam de comer os pastores das ovelhas, comem os

que as defendem dos lobos. Em Hollanda comprou os estorvos da paz, mas esta se retardou somente quando foi necessario para se recuperarem as conquistas. Caso grande, e de providencia admiravel! Em Inglaterra se empenhou por divertir o parentesco; em França capitulou, que não podessemos ser soccorridos; mas teve uma e outra diligencia tão contrarios effeitos, que se vêem hoje em Portugal as suas quinas tão acompanhadas das cruzes de Inglaterra, como assistida das lizes de França. Unidas e complicadas estas tres bandeiras, fazem um syllogismo politico, de tão segura como terrivel consequencia. Se só Portugal póde resistir a Castella tantos annos; ajudado dos dois reinos mais poderosos da Europa, no mar, e na terra, como não resistirá? O maior contrario que tem Hespanha, é o seu proprio poder. Quando se quiz levantar sobre todos, se sujeitou á emulação de todos: estes terão por si Portugal, em quanto ella fôr poderosa; se o não fôr, não os ha mister.

Os discursos da esperança (que é a ultima appellação de Castella) são os que mais lhe mentiram, porque os homens (quando assim lh'o concedamos) discorrem com a razão, e Deus obra sobre ella: todos os que nas materias de Portugal se governaram pelo discurso, erraram e se perderam: e por aqui se perderam (ainda entre nós) os que na opinião dos homens eram de maior juiso: são obras e mysterios de Deus, quer elle que se venerem com a fé, e não se prophanem com o discurso: por isso todas as esperanças que se assentaram sobre esta fé, foram certas, e todas as que se fundaram sobre o discurso, erradas.

É naturesa isto, e não milagre da palavra e promessas divinas: *In verba tua super speravit:* (Psal. CXVIII — 147) dizia aquelle grande politico de Deus, que não só esperava, mas sobreesperava nas promessas de sua palavra divina; porque se ha de esperar nas promessas da palavra divina, sobre tudo o que promette a esperança do discursó humano: assim o temos sempre visto em Portugal com admiravel credito da fé, e igual confusão da incredulidade.

No tempo em que Portugal estava sujeito a Castella, nunca as forças juntas de ambas as corôas puderam resistir a Hollanda; e

d'aqui inferia e esperava o discurso, que muito menos poderia prevalescer só Portugal contra Hollanda, e contra Castella; mas enganou-se o discurso. De Castella defendeu Portugal o reino, e de Hollanda recuperou as conquistas. Aquelle fatal Pernambuco, sobre que tantas armadas se perderam, e se perderam tantos generaes, por não quererem aceitar a empreza sem competente exercito; que discurso podia imaginar, que sem exercito, e sem armada, se restaurasse? E só com a vista phantastica de uma frota mercantil se rendeu Pernambuco em cinco dias, tendo-se conquistado pelos hollandezes com tanto sangue em dez annos, e conservando-se vinte e quatro. Menos esperava o discurso, que se conquistasse Angola com tão desigual poder enviado a tão differente fim; e conquistou-se comtudo, aquella tão importante parte de Africa contra todo o discurso, e antes de toda a esperança: e porque se saiba mais distinctamente quão grandes significações se conteem debaixo destes nomes tão pequenos, Pernambuco e Angola; o que se recuperou em *Angola, foram duas* cidades, dois reinos, sete fortalezas, tres conquistas, a vassallagem de muitos reis, e o riquissimo commercio de Africa e America. Em Pernambuco recuperaram-se tres cidades, oito villas, quatorze fortalezas, quatro capitanias, trezentas legoas de costa. Desafogou-se o Brazil, franquearam-se seus portos e mares, libertaram-se seus commercios, seguraram-se seus thesouros. Ambas estas emprezas se venceram, e todas estas terras se conquistaram em menos de nove dias, sendo necessario muitos mezes só para se andarem. Quem nestes dois successos não reconhecer a força do braço de Deus, duvidar-se póde se o conhece: assim assiste a Portugal dentro e fóra, ao perto e ao longe, aquelle supremo Senhor que está em toda a parte, e que em todas as do mundo o plantou, e quer conservar: bemdita seja para sempre sua omnipotencia e bondade.

Tambem esperava o discurso de Castella, que os animos dos portuguezes com a continuação da guerra, e experiencia de suas molestias, se enfastiassem e suspirassem pela antiga e amada paz, cujo nome é tão doce e natural, e mais á vista de seu contrario: que as contribuições forçosas para o subsidio dos soldados, e a li-

cença e oppressão dos mesmos soldados fossem carga intoleravel aos povos: que os povos depois de apagados aquelles primeiros fervores, que traz comsigo o desejo e alvoroço da novidade, com o tempo e seus accidentes, se fossem entibiando até se esfriarem de todo: que os paes se cançassem de dar os filhos, e que a guerra detestada das mães (como lhe chamou o Lyrico) fosse tambem detestada e aborrecida das portuguezas, que, entre as outras mães, o costumam ser mais que todas no amor e na saudade. Mas tambem aqui mentiu a esperança, e se enganou o discurso; porque os animos se acham hoje mais alentados, os fervores mais vivos, os corações mais resolutos, o amor ao rei, á patria, á liberdade, mais forte, mais firme, e mais constante, e maior que todos os outros affectos da fazenda, dos filhos, da vida. Lembram-se os paes, que davam os filhos para as guerras de Flandres, de Italia, de Catalunha, e navegação das indias de Castella, onde os perdiam para sempre; e querem antes dal-os para as fronteiras de Portugal, onde os vêem, os assistem, e os teem comsigo; onde recebem a gloria de ouvir celebrar as acções de seu valor, e feitos galhardos, e vêem estampados seus nomes, e estendida por todo o mundo sua fama, honrando-se (como é razão) de serem paes de taes filhos: e que se morrem na guerra, teem rei que lhes pague as vidas com larga remuneração de mercês, e augmento de suas casas, sendo tão generosas as mães (nas quaes este affecto é superior a toda a natureza), que com igual alegria os choram e sepultam mortos gloriosamente na guerra, do que os parem e criam para ella.

Os povos não se cançam com os subsidios e contribuições; porque sabem quanto maiores e mais pezadas são as que se pagam em Castella para os conquistar, do que elles em Portugal para se defenderem. Vêem o fructo de seus trabalhos e suores, e que concorrem com elle para o estabelecimento e honra de sua patria, e não para a cobiça de ministros e exactores estranhos.

Teem na memoria, que tambem antigamente pagavam, e que então era tributo do captiveiro, o que hoje é preço da liberdade: sobre tudo vêem a seu rei da sua nação e da sua lingua, e que o teem comsigo e junto a si para o requerimento da justiça, para o

premio do serviço, para o remedio da oppressão, para o allivio da queixa; rei que os vê e se deixa vêr; que os ouve e lhes responde; que os intende e o intendem; que os conhece e lhes sabe o nome, sem a dura e insuportavel pensão de o irem buscar a Madrid, não para o vêrem e lhe fallarem, mas para o vêrem por fé: conhecem a grandeza desta estimavel felicidade, e que logram aquelle estado ditoso de que se lembravam e fallavam seus avós com tanta saudade, e por que suspiravam seus paes com tantas ancias: e todo o preço para a conservação de tanto bem lhes parece barato, todo o trabalho leve, toda a difficuldade suave, todo o perigo obrigação: pelo contrario todo o pensamento que não seja desta perpetuidade horror, toda a conveniencia ruina, toda a promessa traição, e toda a mudança impossivel.

Isto é o que só tem Castella, e o que só póde esperar dos animos dos portuguezes. Finalmente, esperava o discurso, que Portugal, como reino menor e dividido em todas as partes do mundo, com obrigação de alimentar aquelles *membros tão distantes* com sua propria substancia, havendo de sustentar as guerras e opposição de seus inimigos em todos elles, natural e necessariamente se havia de atenuar e enfraquecer: que a gente sendo toda da mesma nação se havia lentamente de diminuir: que o dinheiro e cabedaes não tendo minas, nem Potosis se havia de esgotar: e que não era possivel aturar por muitos annos as despezas excessivas de uma guerra interior, tão continua, tão viva e tão multiplicada em tantas provincias, cercado della por todas as partes contra os combates de uma potencia tão desigual e superior, como era a do maior monarcha do mundo: que quando o valor dos portuguezes se atrevesse sobre suas forças, seria como o de Eleazaro contra a grandeza e corpulencia do elephante, que, ainda caindo, seria sobre elle, e ficaria opprimido e sepultado debaixo de seu proprio triumpho, sem mais diligencia, nem acção, que o mesmo peso e grandeza de tão immenso contrario*.

Verdadeiramente este discurso, humana ou gentilicamente considerado, e não entrando na conta desta arithmetica o po-

* D. Ambros. de Offic. liv. I cap. 10.

der e assistencia de Deus, tinha mui forçosa consequencia, e antes da experiencia mui difficultosa solução. E por tal julgaram ainda aquelles politicos, que, sem odio, nem amor, esperavam e prognosticavam o fim, e mediam a desproporção de tão desigual empreza. Mas Deus (a quem não queremos roubar a gloria) e a mesma experiencia natural e o concurso ordinario de suas causas, tem mostrado, que só era sophistico e apparente, e em realidade falso aquelle discurso.

Porque as conquistas (que era o primeiro reparo), membros tão remotos e tão vastos deste corpo politico de Portugal, ainda que do reino, como do coração recebem os espiritos de que se animam, é tanta a copia de alimento, e tão abundante, que elles mesmos com suas riquezas lhes subministram, que não só teem sufficiente materia para formar os espiritos, que com os membros mais distantes reparte, mas lhes sobeja com que se sustentar a si e a todo o corpo; e a verdade desta experiencia se tem provado com mais sensiveis effeitos depois da paz universal das mesmas conquistas, as quaes com igual liberalidade e interesse remettem hoje ao reino toda aquella substancia que o calor da guerra propria lhe consumia: com que se acha Portugal mais rico e abundante que nunca das utilissimas drogas de seus commercios. E ou seja esta a causa natural, ou outra mais occulta e superior, o certo é que as rendas e cabedaes do reino, assim proprios como particulares, com o tempo e continuação da guerra, não teem padecido a quebra e diminuição, que o discurso lhes prognosticava; antes se prova com evidente e milagrosa demonstração da experiencia, que a substancia do reino está hoje mais grossa, mais florente e opulenta, que no principio da guerra; pois crescendo mais os empenhos sempre, e despezas della, ao mesmo passo parece, que, ou crescem, ou se manifestam novos thesouros, com que se sustentaram até agora, e se sustentam todos os annos, sempre mais e maiores exercitos, tão notaveis por seu nome e grandeza, como bizarros por seu luzimento.

Nenhum anno se poz em campo exercito tão grande, que no seguinte se não puzesse outro maior: nenhum anno tão bizarro e tão luzido, que no seguinte se não excedesse na bizarria e nas

galas. O anno passado, que foi o ultimo, quando a primavera se acabou nos campos, se renovou outra vez no nosso exercito: tanta era a variedade das cores com que os terços se matizavam e distinguiam, para que pela divisa se conhecessem os soldados e ostentassem a competencia de seu valor: o menor gasto nos vestidos é o que se veste; mais se gasta em cobrir os vestidos, que em cobrir os corpos. A vulgaridade do oiro e prata só se estima pelo invento e pelo artifice, e não pelo preço: a pompa, riqueza e galhardia dos cabos mostra bem que vão ás batalhas como a festas, e que se vestem mais para triumphar que para vencer. Não me atrêvera a fallar com tanta largueza, se não pudéra allegar por testimunhas os mesmos que podiam ser partes. Diga agora o algarismo de seu discurso, se póde haver falta no necessario, onde sobeja e se dispende tanto com o superfluo? Mais temo eu a Portugal os perigos da opulencia, que os damnos da necessidade. O mesmo que se vê na policia bellica das campanhas, se admira na pacifica das cidades: com a *guerra, que tudo quebranta e diminue*, cresceu e se augmentou tudo em Portugal: nunca tanto se gastou no primor e preço das galas, nunca tanto no aceio e ornamento das casas, nunca tanto na abundancia e regalo das mezas, nunca tantos criados, tantos cavallos, tanto apparato, tanta familia, nunca tão grandes salarios, nunca tão grandes dotes, nunca tão grandes soldos, nunca tão grandes mercês, nunca tantas fabricas, nunca tantos e tão magnificos edificios, nunca tantas, tão reaes, e tão sumptuosas festas. Passo em *silencio* os immensos gastos do serviço e magestade do culto divino, porque só o silencio os póde explicar, não encarecer. Que templo, que capella, que altar, que santuario, que neste mesmo tempo se não renovasse, desfazendo-se e arruinando-se (com lastima) obras antigas e de grande arte e preço, só para se lavrarem outras de novo mais ricas, mais preciosas e de mais polido artificio? Tudo isto do que sobeja da guerra. Mas por isso sobeja. As usuras de Deus são cento por um, e estas são as minas do nosso reino, estes os Potosis de Portugal: destes commercios lhe vem as riquezas, com que póde pagar e premiar seus exercitos, e com que os premios e as pagas sejão verdadeiras, e não falsificadas, sem inju-

ria dos soldados, sem adulterio dos metaes, e sem hypocrisia da moeda.

Bem sabem os doutos, que o nome grego *hypocrisia* se deriva do fingimento do melhor metal, e parece que foi posto em nossos tempos mais para declarar o vicio da moeda, que a mentira da virtude. Quem pudéra nunca imaginar, que chegasse a tal estado uma monarchia, que é a senhora da prata, e de quem a recebe o resto do mundo? Cuidou Castella que a Portugal havia de faltar o dinheiro, e vê em si o que cuidou de nós; e assim como o seu discurso errou as contas ao dinheiro, tambem as errou á gente: com verdade se podia dizer de Portugal, o que dos romanos disse o seu poeta:

Per damna, per cædes ab ipso,
Ducit opes, animumque ferro.

Ou tenha Portugal a qualidade da hydra, ou a natureza das plantas, por cada cabeça que corta a guerra em uma campanha, apparecem na seguinte duas; e por cada ramo que faltou no outono, brotam dois na primavera. Assim se foram dobrando e crescendo sempre os nossos presidios, assim os nossos exercitos: exercito no Minho, exercito em Traz-os-Montes, exercito e dois exercitos na Beira, exercito e florentissimo exercito, e sempre mais numeroso e florente em Além-Téjo. Assim se converte e se multiplica em nova substancia tudo o que come a guerra. E se Castella quer conhecer as causas naturaes desta philosophia, sem serem os portuguezes dentes de Cadmo, saiba que a sua reparação foi o primeiro principio deste augmento. Todos os portuguezes que povoavam suas Indias, que mareavam suas frotas, que lavravam seus campos, que frequentavam seus portos, que trafegavam seus commercios, que inteiravam seus presidios, que militavam seus exercitos, ficam hoje dentro em Portugal, e o habitam e o enchem e o multiplicam, e assim se vêem hoje mais povoados seus logares, mais frequentadas suas estradas, mais lavrados seus campos, e até as serras, brenhas, lagos e terras, onde nunca entrou ferro, nem arado, abertas e cultivadas. As conquistas com a paz

não levam, nem hão mister soccorros, antes dellas o recebe o reino com muitos e valentes soldados, e experimentados capitães, que, ou veem requerer o premio de seus antigos serviços, ou servir e merecer de novo, e justificar com os olhos do rei e do reino as certidões mais seguras de seu valor. Foi lei e lei prudentissima no principio da guerra — que não se alistassem nella senão mancebos livres: á sombra desta immunidade muitos filhos por industria dos paes se acolhiam na menoridade ao sagrado do matrimonio, com que as familias se multiplicaram infinitamente, e os mesmos que então se retiravam da guerra, teem hoje muitos filhos com que a sustentam e os sustentam com ella.

Desta maneira se acha Portugal cada dia mais fornecido de muitos e valentes soldados, nascidos e creados entre o mesmo estrondo das armas, em que o pelejar e o morrer não é accidente senão natureza, todos dentro em si e nas mesmas provincias e climas, onde nada lhes é estranho, e não trazidos por força de Sicilia, de Napoles, de Milão e de Allemanha, *comprados* e conduzidos com immensas despezas e perigos, sendo muitos os que se alistam e pagam, e poucos os que chegam, uns para se passarem logo, como passam a Portugal, outros para pelejarem sem amor e com valor vendido, como quem defende o alheio, e conquista o que não ha de ser seu.

Os portuguezes, pelo contrario, com grande vantagem de coração pelejam pelo rei, pela patria, pela honra, pela vida, pela liberdade e cada um por sua propria casa e fazenda, sendo a *maior commodidade* da guerra, e multiplicação da gente, a mesma estreiteza do reino (que o discurso mal avaliava), por beneficio da qual os exercitos e provincias se podem dar as mãos umas a outras, pelejando os mesmos soldados quasi no mesmo tempo em diversos logares, e multiplicando-se por este modo um soldado em muitos soldados, e apparecendo em toda a parte (como alma de Dido) aos castelhanos com novo horror e assombro. Desta maneira não teme o valor portuguez que lhe succeda como a Eleazaro com o elephante, ficando opprimido com a sua propria victoria; mas está certo que lhe ha de succeder como a David com o gigante, logrando vivo a gloria de seu triumpho.

CAPITULO VIII.

Continua a mesma materia.

Desenganado por estas evidencias o poder, a industria, o discurso, e esperança hespanhola, bem pudéra eu esperar do juiso, mais politico de nossos competidores, e seus conselheiros, acabassem de desistir de tão infructuosa prophecia. Mas deixados á parte os argumentos da razão e experiencia, subamos um ponto mais alto, e se atégora me ouviram como homem a racionaes, oiçam-me agora como christão a catholicos.

Não duvido, nem alguem póde duvidar da fé, religião, e piedade hespanhola, que, se o seu catholico principe, e seus maiores conselhos se acabassem de persuadir, que Deus tinha decretada a conservação e perpetuidade de Portugal, obedeceriam com summa reverencia aos divinos decretos; abateriam a Deus, ainda que tremulassem victoriosas suas catholicas bandeiras; tocariam a recolher seus capitães e exercitos, e confessariam na mais levantada fortuna a desigualdade de sua maior potencia contra os acenos da divina.

Isto é o que eu agora lhes quero persuadir e demonstrar, e um dos fins principaes porque escrevo esta Historia, para que pelo conhecimento de nossos futuros, possam emendar o engano de suas esperanças presentes. Sempre são falsas e enganosas as esperanças humanas, mas nunca mais certamente falsas, que quando se oppoem e encontram com as promessas divinas. Veja e saiba Castella o que Deus tem promettido a Portugal, e logo advertirá a vaidade do que suas esperanças lhe promettem. Oh quantas guerras, oh quanto sangue, ou quantos thesouros baldados poderiam poupar os reis, se no meio de seus conselhos podessem pôr um espelho em que se vissem os futuros! Tal é este livro, ó Hespanha, que tambem a ti dedico e offereço: aqui verás os futuros de Portugal, e tudo o que pódes esperar delle em sua conquista.

Levantou Deus no mundo a Jeremias por seu ministro, e a

commissão e officio que lhe deu, foi esta: *Ecce constitui te hodie super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et dissipes, et ædifices, et plantes:* (Jerem. I — 10) Hoje te ponho e constituo sobre as gentes, e sobre os reinos, para que arranques, destruas, e dissipes a uns; plantes e edifiques a outros. Não quer dizer Deus que Jeremias ha de arruinar ou edificar reinos com a espada; mas que os ha de arruinar ou edificar com as suas prophecias, prophetisando a uns sua exaltação, e a outros sua destruição e ruina. Se as prophecias resolutamente dizem que os reinos se hão de perder ou arruinar, apparelhem-se sem remedio para sua ruina; e se dizem que se hão de estabelecer e exaltar, crêam sem duvida sua conservação e augmento: *Ecce constitui te super gentes, et super regna.* Estão os prophetas e as prophecias sobre as gentes e sobre os reinos, ou como astros benignos, que influem e promettem suas felicidades, ou como cometas tristes e funestos, que influem e ameaçam suas ruinas. Levantem pois os reis e os reinos os olhos, olhem para estes signaes do céu, e se os virem estrellas, esperem; se os virem cometas, temam. Mas porque muitos reis esperam d'onde deviam temer, por isso erram, e se despenham, e se perdem, e perecem muitos. Se Acab, rei de Israel, temêra, como devia temer, a prophecia de Micheas, desistira da conquista de Ramoth Galaad, em que tão teimosamente insistia*; mas porque quiz antes esperar, como não devêra, nas promessas e lisonjas vãs de seus aduladores, em um dia perdeu a batalha, a conquista, a corôa, a vida. Não podem as armas dar a victoria a Acab, quando nas prophecias está segura Ramoth.

Clamava a prophecia de Jeremias ao rei e principes de Jerusalem, que se accommodassem com Nabucodonosor, contra o qual não podiam prevalecer**; mas porque el-rei Sedecias, fiado na potencia de suas armas, quiz antes experimentar a fortuna da guerra, que vir a honestos partidos com os assyrios, prevaleceram estes em fim como o propheta tinha promettido; e o rei

* 3. Reg. cap. 22 per tot.
** Jerem. cap. 21 e 22 per tot. et cap. 34.

conheceu tarde a temeridade do seu conselho. Que differente foi o de Cyro, prudente e famoso rei de Babylonia* ! Intendeu este mesmo excellente principe pela mesma prophecia de Jeremias, e pelas de outros prophetas, que o captiveiro e sujeição dos israelitas que elle tinha debaixo de seu imperio, não queria Deus que durasse mais de sessenta annos. (Jerem. XXIX — 10) E tanto que estes se acabaram (sendo gentio idolatra), sem partido, sem interesse, sem obrigação, nem reconhecimento, os restituiu todos livres á sua patria.

Contentou-se o gentio com o que Deus se contentava, e não quiz perpetuar a servidão, quando Deus tinha limitado annos ao castigo: crêu as prophecias sem serem suas, ou de seus oraculos, senão dos mesmos israelitas, porque tendo-as experimentado verdadeiras na sentença do captiveiro, fôra cobiça, e não razão, tel-as por falsas na promessa da liberdade. Oh que caso tão parecido ao nosso caso! Oh que acção tão digna de se santificar, e fazer christã passando-a de um rei gentio a um rei catholico! Quiz Deus por seus altos juisos, que Portugal perdesse a soberania de seus antigos reis, e que sua corôa, ajuntando-se ás outras de Hespanha, estivesse sujeita a rei estranho; mas esta sujeição, e este castigo, não quiz o mesmo Deus que fosse perpetuo, senão por tempo determinado e limitado, e que este termo e limite fosse o espaço só de sessenta annos. Assim o diziam as prophecias, e assim o provou com admiravel consonancia o cumprimento dellas: só faltou para total similhança do caso de Babylonia, e para immortal gloria de Cyro de Hespanha, que a acção fosse voluntaria, e não violenta; sua, e não dos portuguezes. Mas vamos ás prophecias do captiveiro, e ao termo dos sessenta annos delle.

S. Frei Gil, religioso portuguez da ordem de S. Domingos, (de cujo espirito prophetico se dará noticia em seu logar) diz assim: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet; sed propitius tibi Deus, insperatè ab insperato redime***. Portugal por

* 1. Esdr. cap. 1, per tot.
** Gregorio de Almeida na Restauração de Portugal, e o auctor no sermão do primeiro de Janeiro.

orphandade do sangue de seus reis, gemerá por muito tempo; mas Deus lhe será propicio, e, não esperadamente, será *remido por um não esperado*. Gemeu Portugal muito tempo, porque gemeu por espaço de sessenta annos debaixo da sujeição de Castella; e foi occasião desta sujeição, e destes gemidos, ficar o reino orphão de seus reis, porque os dois ultimos, D. Sebastião, e D. Henrique, faltaram sem deixar successão; mas foi-lhe Deus propicio, porque dispoz com tão notaveis successos a execução de sua liberdade, e foi remido não esperadamente, porque muitos não esperavam, antes desesperavam desta redempção; e *remido por um não esperado*, porque o redemptor, pelo qual geralmente se esperava, era outro, e não el-rei D. João o IV.

No juramento authentico d'el-rei D. Affonso Henriques, em que se conta o miraculoso appareeimento de Christo quando por sua propria pessoa quiz fundar o reino de Portugal, são bem notorias aquellas palavras, mandadas annunciar ao rei pelo mesmo Senhor, com o recado de que lhe queria apparecer: *Domine bono animo esto: vinces, vinces, et non vinceris: dilectus es Domino, posuit enim super te, et super semen tuum post te oculos misericordiæ suæ usque in decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit:* Senhor estae de bom animo: vencereis, vencereis e *não* sereis vencido: sois amado de Deus, porque poz sobre vós e sobre vossa descendencia os olhos de sua misericordia até á decima sexta geração, na qual se attenuará a mesma descendencia, mas nella attenuada tornará a pôr seus olhos. Até aqui a divina promessa, cujo cumprimento é tão manifesto, que quasi não necessita de explicação. A decima sexta geração d'el-rei D. Affonso Henriques (contando as gerações, como se devem contar, de rei a rei e de coroa a coroa) foi o cardeal rei D. Henrique, como se vê pelo cathalogo seguinte:

1.° El-rei D. Sancho I.
2.° El-rei D. Affonso II.
3.° El-rei D. Sancho II.
4.° El-rei D. Affonso III.
5.° El-rei D. Diniz.

6.° El-rei D. Affonso IV.
7.° El-rei D. Pedro I.
8.° El-rei D. Fernando.
9.° El-rei D. João I.
10.° El-rei D. Duarte.
11.° El-rei D. Affonso V.
12.° El-rei D. João II.
13.° El-rei D. Manuel.
14.° El-rei D. João III.
15.° El-rei D. Sebastião.
16.° El-rei D. Henrique.

Neste ultimo rei se attenuou a descendencia, porque ainda que não quebrou de todo, ficou por um fio, e fio tão delgado e attenuado, como era a unica casa de Bragança descendente do infante D. Duarte, irmão menor de D. Henrique: mas neste fio, unico e tão delgado, se veio a verificar, que depois da descendencia d'el-rei D. Affonso Henriques attenuada no decimo sexto rei, tornaria Deus a pôr seus olhos nella, porque nella se restituiu a coroa, que Christo então lhe dava, sendo restituida (como foi) ao duque D. João o II de Bragança, rei D. João o IV de Portugal, e decimo setimo dos reis portuguezes descendentes do primeiro Affonso. Por outros modos tambem verdadeiros se faz esta mesma conta; mas este temos por mais natural, mais facil, e mais conforme á mente da prophecia e ás circumstancias em que naquella occasião se fallava.

S. Bernardo, em uma carta escripta a el-rei D. Affonso Henriques, com quem tinha particular e intima amisade e correspondencia, a respeito das coisas presentes e futuras do reino, prophetisou com admiravel clareza o termo dos sessenta annos do castigo, e a continuação e successão de reis portuguezes, antes e depois della: a carta é a que se segue, conservada em muitos archivos deste reino, e divulgada fóra delle muitos annos antes da nossa restauração: « *Dou as graças a vossa senhoria pela mercê e esmola que nos fez do sitio, e terras de Alcobaça, para os frades fazerem mosteiro, em que sirvam a Deus, o qual em recompensação desta, que no céu lhe pagará, me disse lhe certifi-*

*casse eu da sua parte que a seu reino de Portugal nunca faltariam reis portuguezes, salvo se pela graveza de culpas por algum tempo o castigar; não será porém tão comprido o prazo deste castigo, que chegue a termos de sessenta annos. De Claraval 13 de Março de 1136. Bernardo»**.

A condicional do castigo cumpriu-se por nossos peccados, que sem duvida deviam ser muito grandes: mas tambem se cumpriu muito pontualmente, que o castigo não chegaria a termo de sessenta annos, porque el-rei D. Filippe o II foi jurado por rei de Portugal nas côrtes de Thomar em 26 de abril do *anno de 1581*. El-rei D. João o IV nas côrtes de Lisboa em 13 de dezembro de 640 que fazem 59 annos e cinco mezes menos alguns dias, ou sessenta annos não completos, como S. Bernando tinha prophetisado. Outra carta temos do mesmo santo escripta ao mesmo rei, em que dá outro signal manifesto (e tambem já cumprido), do tempo em que havia de faltar a coroa, que adiante poremos.

Finalmente, muitas pessoas (de cujo espirito, a respeito dos successos futuros de Portugal, tractaremos larga e particularmente no cap. 60 deste livro, não só predisseram a sujeição do reino a Castella, e sua liberdade, mas que o fim de uma, e principio de outra, havia de ser signaladamente no anno de quarenta, e que naquelle anno seria levantado novo rei de Portugal, e que este se chamaria D. João, com todas as outras circumstancias tão miudas e particulares, como se verá no mesmo logar**.

De maneira que por todas estas prophecias consta claramente, que ao reino de Portugal haviam de faltar os reis portuguezes, e que esta falta havia de succeder no decimo sexto rei descendente d'el-rei D. Affonso Henriques, e que havia o reino de gemer debaixo da sujeição estranha, e que esta sujeição havia de ser a Castella, e que não havia de durar mais que sessenta annos não completos, e que o termo destes sessenta annos havia de ser

* Fr. Francisco de Foyos no seu sermão impresso da introducção do Lausperenne de Alcobaça.

** Vide D. João de Castro, e o memorial que deu ao papa Innocencio X Pantaleão Rodrigues Pacheco, bispo nomeado de Elvas.

no anno de quarenta, e que neste seria levantado pelos portuguezes rei novo; e que se havia de chamar D. João: as prophecias o disseram, e os olhos o viram.

Pois se Deus não quiz que a sujeição de Portugal a Castella fosse perpetua, porque hão de querer e porfiar os homens, em que o seja? Se Deus limitou esta sujeição ao termo de sessenta annos, porque se não hão de conformar os homens com seus soberanos decretos? E porque se não hão de contentar com o que Deus se contentou? Porque se não verá no catholico Cyro de Hespanha um acto de tanta justiça e generosidade, e de tanto rendimento e obediencia a Deus, como se viu no Cyro de Babylonia? Se Deus lhe deu o usofructo de Portugal por praso somente de sessenta annos, e estes são acabados, porque se ha de querer chamar ao dominio e prescrever contra o céu? Se lhe parece coisa dura arrancar de sua coroa uma joia tão preciosa como o reino de Portugal, reparem seus prudentes e catholicos conselhos, que o não era menos naquelle tempo, nem menos conhecido e celebrado no mundo o reino de Judá, e que Cyro, rei ambicioso, arrogante e gentio, nem duvidou de o demittir de seu imperio. Quanto mais que por este acto de consciencia, religião e christandade, e por este reino que Castella restituir, ou consentir a Deus (pois elle tem já restituido), lhe póde Deus dar outros maiores e mais dilatados, com que enriqueça e sublime sua coroa, e amplifique o imperio de sua monarchia, como succedeu ao mesmo Cyro. Por aquelle acto de generosidade e desinteresse foi Cyro tão amado de Deus, que lhe chamava o meu rei, o meu ungido, o meu Christo, o meu Cyro; e pelo merecimento deste obsequio e rendimento á vontade divina lhe deu Deus em um dia o imperio dos assyrios, que era a primeira monarchia e universal do mundo, como o mesmo Cyro reconhece havel-o recebido da sua mão. Tão liberal é Deus com os principes que não regateam reinos, nem estados, com elle; e por um reino de tão poucas legoas de terra, qual era o de Judea (igual com pouca differença ao de Portugal), dá em premio e recompensa a monarchia de todo o mundo. Taes são os interesses (quando houvera algum maior que o de obedecer a Deus), que Hespa-

nha podia esperar do desinteresse deste acto, podendo de outra maneira (para que não callemos esta verdade), temer justissimamente que á resolução e porfia contraria succedam effeitos tambem contrarios. Se por um acto de justiça, desinteresse e obediencia dá Deus uma monarchia; por um acto de justiça, ambição e desobediencia tambem poderia tirar outra. E já a ordem das coisas naturaes as teve menos dispostas a uma grande ruina.

Quero pôr aqui as palavras do texto sagrado, em que Cyro faz desistencia do reino de Judea, e deixou aquelle povo em sua liberdade, por serem mui dignas de toda a ponderação, imitação e memoria. Dizem assim no primeiro livro de Esdras cap. 1.°, e são o exordio de sua historia: *In anno primò Cyri regis persarum, ut compleretur verbum Domini ex ore Jeremiæ; suscitavit Dominus spiritum regis persarum, et traduxit vocem in omni regno suo, etiam per scripturam, dicens: Hæc dicit Cyrus rex persarum: omnia regna terræ dedit mihi Dominus Deus cæli, et ipse præcepit mihi ut ædificarem ei domum in Jerusalem, quæ est in Judæa. Quis est in vobis de universo populo ejus? Sit Deus illius cum ipso; ascendat in Jerusalem,*

Lastima é, que similhante escriptura não fosse de rei catholico; e maior lastima será ainda, que posto algum rei catholico na mesma occasião, não queira immortalisar seu nome e religião com outro decreto similhante. No anno primeiro de Cyro, rei dos persas (quem assim começou a reinar, não podia deixar de ter tão felizes progressos), para se dar cumprimento á palavra divina declarada nas prophecias de Jeremias, levantou Deus o espirito de Cyro, rei dos persas (que só podia fazer uma acção tamanha e tão real um rei de espirito e espiritos mui levantados por Deus), e mandou apregoar em todos seus reinos por escripto firmado de sua mão este decreto: Cyro, rei dos persas, diz: O Rei do céu me deu e fez senhor de todos os reinos do mundo, e elle me mandou que lhe edificasse casa em Jerusalem, cabeça de Judea: pelo que toda a pessoa que houver em meus estados, pertencentes áquelle povo e reino, o mesmo Deus seja com elle, e se póde tornar livremente para Jerusalem, etc. Leam este decreto os reis, e

monarchas do mundo, aquelles principalmente que sendo reis, e possuindo os reinos, como dizem em suas provisões, *por graça de Deus*, com tão pouco respeito ao mesmo Deus, e á mesma graça, armam seus exercitos contra os alheios. Se Deus deu tantos reinos a Cyro, porque não dará Cyro um reino a Deus, ainda quando fosse seu indubitavelmente? Mas o que eu só quero ponderar, e peço por reverencia do mesmo Deus aos reis catholicos; a seus conselhos, e a seus letrados, ponderem, ao que Cyro, rei não catholico, chama preceito de Deus neste seu edicto. Não teve Cyro outro preceito ou mandado particular de Deus (como notam todos os expositores) mais que as prophecias em que estava annunciado, que no fim de setenta annos havia de ser o reino e povo hebreu libertado do captiveiro de Babylonia, e restituido á sua patria, corôa, e liberdade; e a estas prophecias chama o rei sem fé preceito de Deus; a este genero de preceito assim escripto, posto que não intimado com outra auctoridade, ou solemnidade, julgou que tinha obrigação de obedecer, e obedeceu com effeito, e observou em materia tão grave, e de tanto pezo e interesse de sua corôa, como era demittir de si um povo, e um reino tão notavel, de que elle já era o terceiro possuidor, porque o primeiro, foi Nabucodonosor, o segundo Balthasar, e o terceiro Cyro.

Não sei que possa haver mais claro espelho do nosso caso: se Hespanha se quizer vêr e compôr a elle, lêa as prophecias que neste livro vão escriptas, e já cumpridas; veja quão legitimamente está restituido por ellas, conforme o decreto ou preceito divino, o rei e reino de Portugal, e não me crêa a mim, senão a seus proprios doutores, e ao que mais duramente teem impugnado em nossos dias esta parte, e defendido a contraria: siga-se a sua doutrina, e não a minha advertencia.

D. João de Palafoz e Mendonça, bispo de la Puebla de los Angeles, do conselho supremo de Aragão, na sua Historia Real Sagrada, escripta, como se vê, em tantos logares, mais para contradizer o novo reino de Portugal, que para historiar o de Saul, impugnando a eleição d'el-rei D. João o IV, cujo nome se dissimula, e ponderando augusta e doutamente os signaes com que se havia de justificar, para ser legitima, e de Deus, com maior ele-

gancia, que decencia, porque o affecto lhe fez corromper a pureza de seu estylo, diz assim no liv. 2.° pag. 88: Hazia-se una mudança tan grande en Israel, como acabarse el gobierno de los juezes, que havia durado quiñientos años, y començar el de los reyes: escogiase para principe un hombre, que ayer era subdito y labrador; el que antes era compañero, havian de venerarlo por rey: pues para cosa tan grande, de tan rara, y de tales y tan graves dependencias vayanse a sus casas los israelitas, duerman, y piensen sobre ello: buelva otra vez Samuel a la oracion, digale el Señor a que hora vendrá el dia siguinte, el destinado al imperio, succeda la profecia, buelva-se otra vez a *dezir que aquel* es el hombre, llevele a su casa, conoscale, y reconoscale, ungale, y ungido justifique su vocacion con algunas profecias, y señales de lo que le ha de succeder despues de ungido, con que el profeta quede con quietud, y sociego, de que aquello le mandò el señor; y el elegido justifique la jurisdicion, que se tenga por principe legitimo, y llamado de Dios al *gobierno.*

Tres coisas requer Palafoz, ou tres circumstancias em *uma*, para que a vocação do rei se justifique ser de Deus, e para que os ministros que o ungiram (como Samuel e Saul) fiquem com quietação e socego, de ser aquelle o que Deus mandou ungir; e para que o mesmo rei ungido e eleito justifique sua jurisdicção, e se tenha por principe legitimo, e chamado por Deus ao governo. E quaes são estas tres coisas ou circumstancias? As mesmas que intervieram e succederam na eleição e unção de *Saul.* Primeira, haver prophecia de ser Saul o destinado por Deus ao imperio. Segunda, que a prophecia não seja só uma, senão algumas. Terceira, que essas prophecias succedam, assim como estavam predictas e prophetisadas.

Verdadeiramente estas palavras do bispo Palafoz: *Cum esset pontifex anni illius*, me parecem dictadas por algum espirito e intento superior, para que sendo ditas como as de Caifaz, com tão diverso e contrario intento, fossem verificadas no mesmo principe, e no mesmo reino que elle queria impugnar e *destruir*, e sua mesma accusação seja um testimunho publico, e mais qualificado da justiça e justificação de nossa causa.

Se Palafoz pede prophecias, damos a Palafoz prophecias, e não prophecias daquelle dia, como as de Samuel, senão de cento, de trezentos, e de quinhentos annos antes, que são as mais qualificadas e livres de suspeita, e que só podem ser dictadas e inspiradas por aquella sabedoria eterna, a quem os futuros são presentes: e taes são as que pouco antes allegámos, porque as ultimas havia cem annos que estavam escriptas; as de S. Frei Gil, trezentos annos, e as de S. Bernardo e d'el-rei D. Affonso Henriques, mais de quinhentos, e todas publicas, authenticas, e justificadas com o testimunho universal do mundo, que as tinha visto e lido. Se Palafoz pede que a prophecia não seja só uma, senão algumas; como as de Samuel foram tres, não só damos a Palafoz tres prophecias, senão trinta prophecias, e tres vezes trinta, as quaes se poderão vêr no cap. 6.º deste ante-primeiro livro, porque tantas são (se bem se distinguirem e contarem) as coisas diversas e prophetisadas que alli se referem todas, não só futuras, mas de futuros livres e contingentes, que nenhuns um intendimento humano, diabolico ou angelico, podia tantos annos prevêr, nem conhecer, sem revelação de Deus, que são as condições que propriamente se requerem para a verdadeira, rigorosa, e provada prophecia, como é sentença commum dos theologos, e se provará larga e demonstrativamente em seu logar.

Finalmente, se Palafoz pede que as mesmas prophecias sejam provadas e confirmadas com o successo, assim antes, como depois de o rei ser eleito e ungido, no allegado cap. 60, se verão as mesmas prophecias declaradas e ajustadas com o successo; algumas dellas cumpridas antes da restituição e coroação d'el-rei D. João o IV, outras no mesmo caso e circumstancias de sua restituição, e as demais desde aquelle tempo até o anno de 663, além de muitas outras que estão ainda por cumprir, que se lerão no discurso desta Historia, com cujo effeito, de que se não deve duvidar (como tambem provaremos), se irá cada dia confirmando mais, e mais a mesma verdade, bastando e sobejando a decima parte das prophecias já cumpridas, para se justificar superabundantemente conforme a doutrina de Palafoz, com grande quietação e socego dos animos, que a vocação daquelle rei foi de Deus

mandada e ordenada por elle, e que a sua jurisdicção é verdadeira e legitima, como de principe notoriamente chamado e destinado pelo mesmo Deus ao imperio. Tal foi a eleição de Saul; tal a de el-rei D. Affonso Henriques, fundador do reino de Portugal; e tal a de el-rei D. João, seu restaurador.

Não deixarei tambem de lembrar aqui, que não são tão novas e desconhecidas em Castella as prophecias ou esperanças de Portugal, que não façam menção dellas seus auctores, applicando-as á primeira parte deste mesmo caso nosso, e não duvidando que delle fallavam, e delle se haviam de intender D. João de Orosco, y Covarruvias arcediago de Cuellar na egreja de Segovia, no seu Tratado de la verdadeira y falsa prophecia, liv. 1.º cap. 14, diz assim: — «*Desta manera tuvo yo noticia de algunas profecias portuguezas, que eran tenidas como de S. Isidoro, y tengo notado yo una, em que a mi parecer se dixo mucho ha el haver de juntar-se aquel reyno de Portugal con el nuestro, con harta particularidad.*» Até aqui no corpo do livro; e commentando á margem o seu mesmo texto, põe as trovas seguintes:

Vejo, vejo, do rey vejo
(Vejo, o estoi soñando?)
Semente de rey Fernando
Hazer un fuerte despejo,
Y seguir con gran desejo,
Y dexar acá sua viña,
Y dezir, esta casa es mia,
En que aora acá me vejo.

A traducção não é muito limada, mas a explicação é muito propria, muito accommodada, e muito bem deduzida; porque sendo o intento e o assumpto, ou thema daquella prophecia, predizer os successos futuros de Portugal depois de sua restauração, como se tem visto, foi principio muito conveniente á ordem dos mesmos successos, começar pela sujeição do mesmo reino a Castella, e pela entrada dos reis castelhanos em Portugal. E se o verdadeiro propheta, e primeiro auctor desta prophecia é Santo Isidoro, e não outro, tanto melhor; porque temos mais qualificado auctor e mais auctorisado propheta. Mas

vejamos de caminho que é o que diz Santo Isidoro, e como avalia esta acção do rei, semente d'el-rei Fernando, que foi seu neto Filippe II. O nome que dá a esta acção Santo Isidoro é chamar-lhe *despejo*, que em tom castelhano quer dizer *desverguença ;* e chamar-lhe despejo forte, porque foi despejo armado de poder e de exercitos, e não (como devêra ser) de justiça: ou lhe chama tambem forte, porque ás coisas feitas sem razão chamamos forte coisa, como se dissera : Forte coisa é, e despejo grande, que estando em Portugal a senhora Dona Catharina, neta legitima d'el-rei D. Manuel, e filha herdeira do infante D. Duarte, e devendo preceder a todos os pertensores da coroa, assim pelo direito commum da representação, como pelas leis particulares do reino, que não admittem á successão principe estrangeiro; um rei, que era descendente de Fernando, por antonomasia chamado o rei Catholico, se viesse por força introduzir na casa alheia sem mais razão nem justiça que metter-se nella e dizer : « Esta casa é minha, em que agora cá me vejo. » Basta, rei catholico e descendente de catholico, que porque vos vêdes mettido na casa alheia, por isso haveis de dizer : « Esta casa é minha »? Não debalde o santo arcebispo se espanta tanto de uma tal acção, que depois de a estar vendo com espirito prophetico, ainda duvida se era visão ou sonho : *Vejo, vejo, do rei vejo, vejo, ou estou sonhando ?* Mas o effeito mostrou que não era sonho, senão visão verdadeira, posto que visão de um caso tão difficultoso de crêr. E pois o metterem-se os castelhanos em Portugal foi despejo, razão foi tambem que os fizessem despejar. Mas não é este o meu intento, nem esta illação a que eu quero inferir.

Diz o doutor Orosco e Covarruvias, que nesta prophecia está prophetisado *con harta particularidad, haver de juntar-se aquel reino de Portugal con el nuestro.* Bem dito : mas se este mesmo auctor, e este mesmo texto, e este mesmo Santo Isidoro diz que o reino se ha de restituir outra vez, e com muito maior particularidade no anno de quarenta, e que o seu rei se ha de chamar D. João : se isto, digo, está bem prophetisado, e prophetisado no mesmo livro e no mesmo tempo, e allegado o mesmo doutor; porque não hão de crêr os Oroscos, e Covarruvias castelhanos nesta

segunda parte da mesma prophecia, assim como creram a primeira.

De maneira, que quando as prophecias de Portugal prophetisam que Portugal se ha de ajuntar a Castella, são prophecias; e quando prophetisam que Portugal se ha de tornar a separar de Castella e se ha de restituir á sua liberdade, não são prophecias? Não o havia de julgar o mesmo Orosco e o mesmo Covarruvias, nem o julgou assim o mesmo Santo Isidoro. Forte despejo foi aquelle, mas ainda esta consequencia é mais forte. Ora, senhores, acabemos de crêr a Deus, que nem elle póde mentir, nem nós o podemos enganar, Sei eu, e sabe Portugal, e Castella tambem o sabe, quanto cuidado lá davam antes deste tempo, e quanto temor se tinha de nossas prophecias; e não intendo agora como depois dellas cumpridas, e qualificadas com tão maravilhosos effeitos se lhe tem perdido a reverencia. Em seu logar, como tenho promettido, se verá tão demonstrada a sua verdade, que nenhum odio, nem interesse possa negar que são de *Deus*; e que em consequencia será indigno de todo o juiso porfiar ainda contra ellas, depois de tão conhecidas. Conhecia Herodes a verdade das prophecias; inquiriu por ellas o tempo, o logar do nascimento do Rei prophetisado, e logo armou contra elle a crueldade de seus exercitos. Até aqui podia chegar a loucura e a cegueira de um mal aconselhado principe: crêr a verdade das prophecias, e esperar prevalecer contra ellas por força de armas: mas que effeito tiveram, ou que façanhas obraram os exercitos de Herodes? Contra o rei e contra o reino, que pertendia estorvar, nenhuma coisa. Só se afogou Belem em sangue, e nadou em lagrimas: só se ouviram em Ramá e no céu as queixas e lamentações de Rachel. Este é o fim sem outro fructo de tão desesperadas resoluções: sangue innocente derramado, lagrimas, queixas, lamentações, clamores, e não dos outros, senão dos proprios vassallos. Vassallos eram do mesmo Herodes todos os que morreram em Belem: cubriu de luto o reino proprio, e não pôde atalhar com tantos rios de sangue os progressos do que procurava impedir, porque estava destinado por Deus ao dominio de seu verdadeiro Senhor, e firmado com sua palavra.

Considere Castella contra quem peleja, e conhecerá quão impossivel é a empreza a que aspira; acabe de intender que não peleja contra Portugal, senão contra a firmeza da palavra e promessas divinas. Talar as nossas campanhas, vencer em batalha os nossos exercitos, sitiar as nossas cidades, bater, minar, escalar e arruinar as nossas muralhas, bem póde ser; mas fazer brecha na firmeza da palavra divina é impossivel: não ha muro tão gastado da antiguidade, e tão fraco em Portugal, em cujas pedras não esteja escripto com letras de bronze: *Verbum Domini manet in æternum.* Reparem os famosos capitães de Castella, e considerem seus prudentissimos e experimentados conselheiros, apartando os olhos por um pouco de Portugal, se se acham seus exercitos com forças e poder bastante para conquistar Europa, para sujeitar todas as quatro partes do mundo, e ainda para escalar como filhos do sol, o céu, e tirar delle a Jupiter: pois saibam, que mais facil será conquistar Europa, o mundo, e o mesmo céu empyreo, do que vencer e sujeitar Portugal, defendido e armado (como está) com as promessas divinas: *Cœlum, et terra transibunt, verba autem mea non præteribunt.* Pelejem primeiro contra a firmeza da palavra de Deus, batam, abalem, derribem, desfaçam este castello, e depois delle rendido, então poderão conquistar Portugal. Perguntem a el-rei José e a el-rei Acab, com as forças de dois tão poderosos reinos unidos, porque não conquistaram a Ramoth? Perguntem a Benedad, rei de Syria, e aos trinta e dois reis que o acompanhavam, porque uma e outra vez não conquistaram Samaria, sendo tanto o numero de seus soldados, que com um punhado de terra que cada um lançasse sobre ella (como elles diziam) a podiam sepultar? Perguntem ao soberbissimo Senacherib, vencedor de tantas nações, com todo o estrondo de tantos mil carros de guerra, e tão innumeraveis exercitos de pé e de cavallo, porque não chegou a metter uma setta dentro dos muros de Jerusalem? Porque Ramoth estava defendida com uma prophecia de Micheas: Samaria com uma prophecia de Eliseu: Jerusalem com uma prophecia de Isaias. (4. Reg. — 11)

Mas deixados exemplos das escripturas e prophecias canonicas, oiçam tambem as nossas, que sendo de inferior auctoridade,

tambem foram dictadas, como depois se verá, pelo mesmo espirito. Porque puderam romper os portuguezes os claustros impenetraveis do Occeano, e conquistaram nas outras tres partes do mundo, sendo um reino tão pequeno, tantas, tão novas, e tão poderosas nações, senão porque estava escripto?

Porque estando sujeitos a Castella, e debaixo de seus presidios, sacudiram tão feliz e animosamente o jugo, e em um dia restauraram sua liberdade, em Portugal, na Africa, na Asia, e na America, senão porque estava escripto? Porque hontem na memoravel batalha do Cano com partido tão desigual romperam um tão luzido e poderoso exercito, formado mais de capitães, que de soldados, e escalaram com tanta fatalidade aquellas montanhas, ou muralhas da natureza, a que o seu general chamou castellos de Milão, senão porque estava escripto? Pois se a conservação, a liberdade e perpetuidade, as victorias e outros maiores triumphos de Portugal estão tambem escriptos com as mesmas letras, e dictados pelo mesmo espirito; que *esperança, ou desesperação* é pretender conquistar a Portugal? Oh, acabe de intender *Castella*, quem defende Portugal, e contra quem peleja! Com mui desigual inimigo se toma, quem quer guerrear contra Deus.

Não é nem póde ser nossa intenção diminuir as forças de Hespanha, nem escurecer a grandeza de sua potencia, tão conhecida do mundo todo, e tão temida e reverenciada de seus inimigos e invejada de seus emulos. Mas é força que ella e nós confessemos, que são maiores os poderes de Deus, e que *assistida* delles a desigualdade de Portugal, póde resistir e prevalecer contra Hespanha, como lhe tem resistido e prevalecido em tantos annos. Dizem as fabulas, com significação não fabulosa, mas verdadeira, que quando Paris houve de ferir mortalmente o impenetravel corpo de Achilles, uniu o deus Apollo a mão de Paris com a sua, e ambas juntas dispararam a setta fatal. Comparado o braço de Paris com o de Achilles, mão por mão, e braço por braço, mais forte é o de Achilles; mas comparado o de Achilles com o de Paris, acompanhado de Apollo, mais forte é o de Paris. Não foi só a espada de Gedeão, a que com tão poucos soldados venceu os exercitos dos madianitas; mas a espada de

Gedeão nomeada pelo seu braço e pelo de Deus juntamente: *Gladius Domini, et Gedeonis.* Contra a espada de Gedeão naturalmente parece que haviam de prevalecer os exercitos madianitos; mas contra a espada de Gedeão e de Deus, nenhum poder humano póde prevalecer. Não peleja Castella só contra os exercitos de Portugal, mas contra o Senhor dos exercitos. No dia memoravel da restituição de Portugal (ou fosse milagre ou mysterio) é certo que a imagem de Christo crucificado despregou publicamente o braço ás portas daquelle santo portuguez que tem por graça propria sua recuperar o perdido. Contra o braço estendido de Deus, que força ha que possa prevalecer, nem ainda resistir? Este é aquelle braço omnipotente, que tira os poderosos do throno, e levanta a elle os humildes ou os humilhados, como fez naquelle dia. Grande gloria é de Portugal ter em seu favor o braço de Deus; mas não foi menos honra e auctoridade de Castella, que fosse necessario o braço de Deus a Portugal para se libertar da sua sujeição.

Menos que o braço, e menos que toda a mão de Deus, bastou para livrar o povo de Israel do poder do grande rei Pharaó: o dedo de Deus é este, lhe disseram os seus sabios: *Digitus Dei est hic;* e verdadeiramente foi grande dureza de intendimento imaginar Pharaó que podiam prevalecer seus exercitos contra um dedo da mão de Deus, quanto mais contra toda a mão. Assim lh'o remoqueou Moysés, quando escreveu aquella historia: *Induravit Dominus cor Pharaonis regis Egypti, et persecutus est filios Israel, at illi egressi erant in manu excelsa.* Notem muito estas ultimas palavras os reis e seus conselheiros: *At illi egressi erant in manu excelsa.* Se a mão do altissimo é a que assistiu aos libertados quando elles sairam do captiveiro, em vão se cança Pharaó em tirar carruagens, cavallerias e exercitos contra elles, senão é que o juiso divino os leva ao mar Vermelho, e os chama lá alguma occulta fatalidade. Bem se viu neste caso tão horrendo, quão gravemente se offende Deus de que ninguem presuma captivar a quem elle liberta.

Desengano, senhores meus, fallemos e oiçamos como catholicos. O que Deus faz, só Deus o póde desfazer; o que elle levanta,

só elle o póde derribar. Bem sabe Castella (signal é que o sabe bem, pois chega a o confessar); e no mesmo anno em que Portugal se havia de levantar, o estamparam assim seus escriptos. Bem sabe Castella (digo) que Portugal com singularidade unica entre todos os reinos do mundo foi reino dado, feito e levantado por Deus, naquelles mesmos campos, e naquella mesma provincia onde todos os annos trabalham e batalham os homens pelo derribar, pelo desfazer, e pelo tirar a quem foi dado.

Se Deus o deu, como o podem os homens tirar? Se Deus o fez, como o podem os homens desfazer? Se Deus o levantou, como o podem os homens derribar? E se Deus prometteu *que na decima sexta geração attenuada* poria os olhos nella para o restituir; como ha quem tanto á vista dos olhos de Deus queira triumphar sobre suas promessas e irritar seus decretos? Até a superstição dos gentios conheceu a consequencia desta verdade, e que os reinos fundados por um Deus (ainda quando houvesse muitos deuses) só o mesmo Deus os podia arruinar. *Esta foi a theologia* com que os dois principes dos poetas no incendio e *destruição* de Troya introduziram ao Deus Neptuno batendo com o tridente os muros que elle mesmo tinha fundado (Hom. Virg.).

Naquella noite em que Christo por sua propria Pessoa fundou o reino de Portugal, apparecendo e fallando ao seu primeiro rei, disse: *Ego ædificator, et dissipator regnorum, atque imperiorum sum: volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras nationes**. Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos imperios: e quero em ti e em teus descendentes fundar um imperio para mim, pelo qual o meu nome seja levado ás nações estrangeiras. Se Deus é o monarcha supremo e universal, que funda e desfaz os reinos e os imperios, e com tão especial solemnidade fundou por sua propria Pessoa nos reis portuguezes de Portugal; quem haverá, que não seja o mesmo Deus, que o possa desfazer e dissipar? Ponderem-se muito aquellas tres clausulas, *in te mihi stabilire.* Se Deus o fundou em nós, *in te*, quem o po-

* Juramento d'el-rei D. Affonso Henriques.

derá arrancar de nós? Se Deus o quiz para si, *mihi*, como o poderá ser de outrem? E se Deus prometteu de o estabelecer, *stabilire*, como o podem os homens arruinar? Acabem de conhecer, os que se prezam de conhecer a Deus, que são homens; e tenham-se por homens, por racionaes, e por conselheiros, os que seguirem os dictames deste conhecimento. Na prodigiosa batalha das linhas de Elvas, quando o duque general primeiro ministro de Hespanha se viu tão inopinadamente de conquistador, conquistado, as trincheiras entradas, os esquadrões rotos, os fortes rendidos, o exercito desbaratado, as palavras com que se retirou, como tão prudente e tão catholico capitão, foram: *Contra Dios no valen manos.* Se este dictame tão são, tão verdadeiro e tão evidente, se seguira desde aquelle dia, quanto sangue que só depois se derramou, estivera guardado nas veas, ou se tivera de uma e outra parte empregado em serviço daquelle grande Senhor contra o qual não valem mãos, nem validos? Contra a evidencia e fé desta razão, que não tem resposta, costuma atravessar o demonio aquella torpeza do inferno, a que os homens com nome espacioso e significação verdadeira infernal, chamaram reputação; dizem que não convem á reputação do grande monarcha das Hespanhas desistir da empreza de Portugal, não pelo que elle é, mas pelo que dirá o mundo: como se não estiveramos no mesmo mundo em que hontem o mesmo monarcha cedeu ás provincias unidas dos Paizes-Baixos, todos aquelles estados de que com tão differentes direitos era herdeiro e legitimo senhor. Mas para o nosso caso não são necessarios exemplos, nem tem logar, porque é diverso de todos e de superior jerarchia. E quando concedessemos aos politicos, que para vaidade phantastica da opinião, se deviam arrastar tantos respeitos solidos e verdadeiros, como elles falsamente ensinam em nenhum caso da paz e reciproca desistencia das armas, esteve mais segura e mais honrada a reputação de Hespanha e do seu grande monarcha, que no da guerra presente: pelo mesmo fundamento e unico em que só se funda todo este discurso, em ceder, obedecer a Deus, e não resistir á sua vontade conhecida, nunca se perde, nem póde perder reputação, antes se ganha a maior e mais qualificada de toda;

porque se a reputação consiste no juiso dos homens, nenhum juiso haverá no mundo catholico, politico, nem ainda gentilico, que não estime e venere uma tal acção pela mais christã, mais justa, mais prudente, mais generosa, mais heroica de quantas honraram a memoria dos maiores principes.

Quando Moysés foi notificar da parte de Deus a el-rei Pharaó, que désse liberdade ao povo de Israel, que havia tantos annos tinha debaixo de seu dominio; o que respondeu foi: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam.* Não conheço esse Deus, e não hei de demittir a Israel. Não disse que não queria obedecer a Deus, senão que o não conhecia; porque o principe que conhece a Deus, ainda que seja tão barbaro e arrogante como Pharaó, e em materia de tanto pezo e interesse, como dimittir de si o dominio de uma nação inteira e tão populosa, não póde duvidar de obedecer e se sujeitar á sua vontade: e porque Pharaó o não fez assim, ainda que gentio e sem conhecimento de Deus, a reputação que grangeou com aquella teimosa resolução, é a que hoje tem no mundo, e terá em quanto durarem os livros sagrados, de barbaro, de nescio, de obstinado, de impio rei, e de inimigo e destruidor (como foi por isso mesmo), de seu imperio.

Resistir a uma razão tão evidente, como a que diz (assim o quer Deus), é tão indigna e tão affrontosa resistencia, que nenhuma razão de estado a póde justificar, ainda que se perdesse o mesmo estado.

Depois da morte d'el-rei Saul o tribu de Judá seguiu as partes de David, e os outros onze tribus obedeceram e juraram por seu rei a Isboseth, filho herdeiro do rei defunto: (2. Reg. II — 8 e 9) seguiram-se bravas guerras entre um e outro partido; duraram sete annos, e o fim notavel em que vieram a parar foi, que os onze tribus deixaram a Isboseth, e voluntariamente se entregaram e se sujeitaram todos a David; e a maior circumstancia do caso é, que sendo ao parecer tão indignas as condições da paz, ella se ajustou em um dia sem o mediador Abner, sem haver em todos os doze tribus um só homem que fallasse uma palavra em contrario, nem ainda o mesmo Isboseth, que ficára privado do reino de seu pae, passando todo a David, que hontem

era seu vassallo. (Ibid. III — per tot.) Mas que razões tão fortes e de tanta efficacia foram as que representou Abner para persuadir e concluir tão breve e subitamente um negocio tamanho, em que os interesses, a honra e a reputação de todos estava tão empenhada, e muito mais a do mesmo rei? A razão foi uma só e esta que estou allegando: *Quoniam locutus est Dominus.* (Ibid. — 18) Propoz Abner aos tribus, que a vontade de Deus era que David fosse rei, como o tinha declarado o propheta Samuel; e contra esta proposta não houve rei, nem conselheiros, nem vassallos, que repugnasse ou respondesse, porque intenderam que o interesse de obedecer a esta razão, era o maior de todos os interesses, e que debaixo della, não só ficava salva a honra e a reputação, mas honrada a mesma honra. Assim como o vassallo nunca póde perder a honra e reputação, senão ganhal-a em obedecer ao rei; assim o rei nunca a póde perder em obedecer a Deus, senão ganhal-a, segural-a e accrescental-a muito.

E se buscarmos a raiz desta verdadeira razão, achal-a-hemos, sem muito cavar, no supremo dominio de Deus, que, como Senhor absoluto dos reinos e dos imperios, os póde dar e tirar inteiros quando lhe parecer, e tambem dividil-os e partil-os quando é servido. David, como acabamos de vêr, começou com parte do reino de Israel, e depois inteirou-lhe Deus o imperio, e reinou sobre toda a Judéa. Seu filho Salomão logrou o mesmo imperio inteiro pacificamente. Seu neto Roboão entrou no imperio tambem inteiro, mas em seu reinado lh'o dividiu Deus, e deu parte delle a Geroboão.

O mesmo succedeu ao imperio de Hespanha nos ultimos tres reis della. Filippe II começou a reinar com parte; e depois com a união e sujeição de Portugal, inteirou-lhe Deus o imperio de toda Hespanha. Seu filho Filippe III logrou o mesmo imperio inteiro pacificamente. Seu neto Filippe IV entrou no imperio tambem inteiro, mas em seu reinado lh'o dividiu Deus, e deu a Portugal a parte que lhe pertencia.

Antes do reino de Israel se dividir entre Roboão e Geroboão, tomou o propheta Ahias a sua capa cortada em doze partes, e destas doze, deu dez a Geroboão, em signal de que Deus o

queria fazer rei de dez tribus de Israel. (3 Reg. XI — 30 e 31)

Note-se aqui, e note-se muito, que os prophetas são os que dividem os reinos, e os que os repartem: elles os dividem primeiro prophetisando, e depois Deus executando: e se o propheta Ahias póde partir a sua capa, e dar parte della a el-rei Geroboão, e parte a el-rei Roboão; porque não poderá Deus partir tambem a sua, e da purpura inteira que tinha dado, ou emprestado a um rei, cortar um retalho para vestir e coroar outro?

Ah! se os reis e monarchas considerassem que as purpuras que vestem lh'as empresta Deus da sua guarda-roupa, para que representem o papel de reis em quanto elle fôr servido! E se o Roboão de Israel se contenta com que lhe tirem dez partes do reino, e lhe deixem uma: (assim o diz espressamente o texto sagrado): *Porro una tribus remanebit ei;* (Ibid. — 32) porque a tribu de Benjamin, que ficou a Roboão juntamente com a de Judá, por sua pouquidade não fazia numero (era outro Algarve em respeito de Portugal). E se o Roboão de Israel (como dizia) se contenta com que lhe tirem dez tribus, e lhe deixem uma só parte; porque se não contentaria o Roboão de Hespanha, quando lhe tire o mesmo Dono um reino, se lhe deixa dez? Oh como se póde temer que chame Deus ingratidão, a o que os homens chamam reputação! A maior reputação de um principe que conhece a Deus, e reconhece seu supremo dominio, é dizer como Eli, ainda quando se visse despojado de tudo: *Dominus est, quod bonum est, in oculis suis faciat.* (1 Reg. XVIII)

E se esta razão, ainda em termos tão apertados, é sempre verdadeira: quanto mais no caso presente, em que a grandeza de Hespanha e sua potencia, é o maior seguro de sua reputação? Pedir paz, quem se não póde defender da guerra, poderá ser menor credito; mas dar a paz, não porque a ha mister, senão porque a quer dar, quem póde fazer, e apartar a guerra, sempre é generosidade, honra, reputação e gloria. O grande poder é muito confiado. Poder pôr em campo doze legiões de anjos, e mandar embainhar a espada a Pedro, foi a maior gloria do poder supremo. (Matth. XXVI — 52 e 53) Não póde dar mais a fortuna a um

principe, que poder o que quer: nem póde exceder um principe essa mesma fortuna mais, que não querendo o que póde; e não poder querer o que Deus não quer, ainda é um ponto mais alto sobre a grandeza. Mas se em toda a idade tem decencia e decoro a gentileza desta resolução, nos maiores annos ainda é incomparavelmente maior.

Pelejaram os pastores de Abrahão com os de Loth, os do tio com os do sobrinho: Abrahão que foi o que apartou a demanda, não quiz pelejar sobre a terra, quando os annos o chamavam mais para o céu. (Genes. XIII — 7 e 8) Ó poderosissimo monarcha Filippe IV, o Grande! Dae licença para que tenham entrada a vossos ouvidos os eccos destas ultimas clausulas, não de meu discurso, senão de meu desejo; as vozes de que elles se formam, sabe O que conhece os corações, que não se escrevem com outro fim mais que o de o agradar, e de que todos os principes catholicos o agradem; que se não derrame sangue christão, e sobre christão hespanhol, pois é aquelle de que mais puramente se alimenta a santa madre egreja, e de que a cabeça della recebe os espiritos, com que vivifica e anima seus mais distantes membros.

Ouvi, senhor, a voz de um estrangeiro, desinteressado vassallo, que foi já vosso por sujeição, e hoje é tambem vosso (posto que não vassallo) por affecto. Ouvi a voz de um homem, que nem das felicidades de Portugal espera, nem das vossas teme; porque vive fóra da jurisdicção da fortuna, por estado muito abaixo da sua roda, e por coração muito acima della. Com todo este desinteresse me atrevo, senhor, a vos dizer de longe, o que póde ser não tenhaes ouvido de mais perto.

A maior façanha de Carlos vosso avô, com que coroou todas as suas, foi saber morrer. Merecestes na vida o titulo de Grande, maior sereis no fim della, se ao de grande accrescentardes o de justo. Não se póde pagar a Deus o que é de Deus, sem dar a Cesar o que é de Cesar; e seria grande desgraça perder o reino eterno por um temporal já perdido. (Luc. XX — 25)

Não duvido, senhor, que tereis conselheiros de grandes letras, que segurem e justifiquem as causas de tão dilatada e cruel guerra:

mas ponham os reis diante dos olhos as letras e as balanças de Balthasar, e examinem elles se os seus maiores se governaram pelos pareceres dos letrados, ou os letrados pelos interesses dos reis. (Daniel V — 5 e 27) Os textos são da justiça, as interpretações podem ser da lisonja : com um texto santo mal interpretado quiz o demonio despenhar a Christo, e depois deste texto, e desta interpretação, lhe offereceu o reino que lhe não podia dar. (Matth. IV — 6) Grande signal é de predestinação de um principe, que faça Deus por elle as restituições, que nem seus predecessores fizeram, nem elle havia de fazer. (Ibid. — 8 e 9) Felicidade é levar já abatida das contas que se hão de dar a Deus uma partida tão grossa, como o reino de Portugal e suas conquistas : basta haver-se de dar a mesma conta de Ormuz, de Ceilão, de Malaca, do Brazil, perdidos pela desattenção dos ministros, ou pela intenção (que será peior) dos politicos. O tratado de uma boa e justa paz, podia ser uma bulla de composição geral, com que se levassem purgados todos estes encargos : *não queiraes levar sobre vós*, e deixar sobre vossos filhos, por cima de tanto sangue derramado, o que ainda se póde derramar.

Lembro-vos, senhor, o signo debaixo de que nascestes ; e seja este o ultimo suspiro do meu affecto : nascestes no dia em que morreu o Rei dos reis, e Monarcha supremo do mundo, para dar exemplo de morrer a principes : ponde os olhos neste soberano exemplar ; firmae o titulo de rei com o de catholico, pois sempre prezastes mais o de catholico, que o de rei ; (Joan. XIX — 23 e 24) seja parte do sacrificio a repartição das vestiduras, e leve embora a tunica aquelle a quem coube em sorte ; e faça-se tudo diante de vossos olhos, antes que os fecheis. Se vos parece amargoso este trago, gostae o fel, e não o passeis da boca : com esta obra tão consummada, podeis entregar a alma segura nas mãos do Padre, que é Rei e Senhor, o que só importa : com uma inclinação da cabeça podeis deixar pacificado o mundo : deixae a paz por herança a vossa esposa. Esta será a maior prenda do vosso amor, este o tropheu maior de vossas victorias. (Matth. XXVII — 34)

CAPITULO IX.

Verdade desta Historia: declara-se o modo com que se póde conhecer e saber os futuros.

A primeira qualidade da historia (quando não seja a sua essencia) é a verdade; e porque esta parecerá muito difficultosa, e por ventura impossivel na Historia do Futuro, será razão, que, antes que vamos mais por diante, soceguemos o escrupulo ou receio (quando não seja o riso e o desprezo) dos que assim o podem imaginar. E pois pedimos aos leitores o assento da fé, justo é que lhes mostremos primeiro os motivos da credulidade; não duvidamos da pia affeição de todos, pois a materia é tanto para crêr, e tão sua.

Confesso que entramos em um cahos profundissimo e escurissimo, de que se póde dizer com toda a razão: *Tenebræ erant super faciem abyssi.* (Genes. I — 2) Mas neste mesmo abysmo de trevas, se o espirito do Senhor (como esperamos) nos não faltar com a sua assistencia, como alli não faltou: *Spiritus Domini ferebatur super aquas,* (Ibid.) dirá Deus o que só elle póde dizer, e far-se-ha o que só elle póde fazer: *Fiat lux, et facta est lux.* (Ibid. — 3) As maiores trevas que se viram no mundo, ou com que o mundo se não viu, foram aquellas do Egypto, das quaes diz o texto sagrado: *Factæ sunt tenebræ horribiles in universa terra Ægypti, nemo vidit fratrem suum, nec movite se de loco, in quo erat.* (Exod. X — 22 e 23) Trevas que faziam horror, trevas com que nada se via, e trevas com que se não podia dar passo: taes são as trevas, e tal a escuridade do futuro. Comtudo, o apostolo S. Pedro nos ensinou a entrar nestas trevas sem medo, e a dar passo, e muitos passos nellas, e a vêr claramente, e com maior certeza, tudo o que ellas encobrem: *Habemus firmiorem propheticum sermonem, cui benefacitis attendentes, quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco, donec dies elucescat.* (2 Petr. I — 19) Temos (diz o principe dos apostolos, as prophecias e palavras certissimas dos prophetas, as quaes devemos observar e attender,

usando dellas como de candêa luzente em logar escuro e caliginoso, até que amanheça o dia. Logar escuro e caliginoso é o futuro; a candêa que allumêa são as prophecias; o sol que ha de amanhecer é o cumprimento dellas: e em quanto este sol, que será muito formoso e alegre, não apparece, não corôa os nossos montes, o que só agora podemos e devemos fazer, é levar a candêa das prophecias diante, e com a sua luz (ainda que luz pequena) entraremos no logar caliginoso e escurissimo dos futuros, e veremos o que nelles se passa.

Por isso os prophetas na sagrada escriptura se chamam por antonomasia *Videntes;* porque com o lume da *prophecia* entravam nos logares escurissimos e secretissimos dos futuros, e viam nelles claramente aquellas coisas para que todos os outros homens são cegos, e ninguem as póde vêr senão allumiado da mesma luz. Eu conheço e confesso que a não tenho, nem basta estudo ou diligencia alguma para a alcançar, porque só Deus a póde dar, e a dá, quando, e a quem é *servido*: *Non enim voluntate humana allata est aliquando prophetia: sed Spiritu Sancto inspirati locuti sunt sancti Dei homines*, diz S. Pedro: (2 Petr. I — 21) mas ainda que a candêa esteja na mão de outrem, tambem se podem aproveitar da sua luz os que se chegarem a ella e a forem seguindo: nesta propriedade falla a escriptura, quando diz da prophecia de Aggeo: *Factum est verbum Domini in manu Aggæi prophetæ.* (Aggæi I — 1) E da prophecia de Malachias: *Onus verbi Domini ad Israel in manu Malachiæ.* (Malach. I — 1) E geralmente das prophecias de todos os prophetas: *Sicut locutus es de manu puerorum tuorum prophetarum.* (Baruch. II — 20) De maneira, que poz Deus a prophecia como candêa na mão dos prophetas, para que, allumiados e guiados da mesma luz, os que não somos prophetas, possamos entrar com elles no logar escuro e caliginoso dos futuros, e vêr e conhecer com a luz, não nossa, o que elles viram e conheceram com a sua.

Este é o modo com que havendo a nossa Historia de caminhar por passos tão escuros e difficultosos, saberá comtudo onde ha de pôr os pés, e os porá mui seguros, seguindo sempre os

raios deste farol divino, e dizendo humilde a Deus com David: *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitis meis.* (Psal. CXVIII — 105) Serão pois as primeiras fontes desta nossa Historia, e os primeiros e principaes escriptores a quem nella seguiremos, todos ou quasi todos os prophetas canonicos, desde Isaias até Micheas* ; porque, excepto o propheta Jonas, cujo assumpto foi um só, e particularmente determinado á historia dos ninivitas, todos os outros, mais ou menos, concorreram para a fabrica deste novo edificio. Assim como os que escrevem annaes ou historias passadas e antiquissimas, recorrem aos auctores mais antigos, e estes são os que teem maior credito e auctoridade nas coisas daquelles tempos, assim nós que escrevemos do futuro, devemos recorrer e buscar a verdade e noticias da nossa historia, nos auctores dos tempos futuros, que são somente os prophetas, pois só elles os conheceram. E porque entre os outros livros sagrados, tambem canonicos, ha alguns que totalmente são propheticos, como os Psalmos, os Cantares e o Apocalypse ; e todos os outros, assim do Velho como do Novo Testamento, conteem, ou muitas ou algumas coisas propheticas, ainda que sejam meramente historicos, como o Genesis, Josué, Josias, Reis, Paralipomenon, Esdras, e Macabeus ; ou meramente doutrinaes, como Proverbios, Sabedoria, Ecclesiastes, Ecclesiastico, e as Epistolas dos Apostolos ; ou juntamente doutrinaes e historicos, como o Levitico, Numeros, Deuteronomio, Job, e os evangelhos; de todos estes nos ajudaremos tambem, quando servirem, ou podem servir (que não será pouco) ao conhecimento e intelligencia dos tempos futuros : assim que, podemos dizer em uma palavra, que a primeira e principal fonte, e os primeiros e principaes fundamentos de toda esta nossa Historia, é a escriptura sagrada; com que vem a ser um só livro e um só Auctor, o que nella principalmente seguiremos : o livro, a escriptura ; o Auctor, Deus. Sobre estes fundamentos da primeira e summa verdade, entrará o discurso como architecto de toda esta grande fabrica, dispondo, ordenando, ajustando, combinando, inferindo, e accrescentando

* Alap. in proœm. in proph. min.

tudo aquillo que por consequencia e razão natural se segue e infere dos mesmos principios, no qual modo de fabrica se não perde a primeira verdade dos fundamentos, mas vae crescendo, dilatando-se, e fructificando, não em diversos, senão no mesmo corpo, como a arvore em suas raizes.

Deste modo crescem e se augmentam todas as sciencias, não só as naturaes, senão as divinas, e por isso se chamam, e são sciencias. Assim como a philosophia, de principios naturaes, evidentemente conhecidos, tira conclusões certas, evidentes, e scientificas, assim a theologia de principios sobrenaturaes, não evidentes, mas certissimamente conhecidos, tira *conclusões theologicas*, tambem scientificas, e ainda mais certas, posto que não evidentes. Nem este modo de discorrer sobre as prophecias e revelações propheticas, para vir em conhecimento dos mysterios, segredos, successos, e tempos futuros, que nellas não estejam immediatamente expressados, é alheio da reverencia que se deve aos oraculos divinos, nem atrevimento do intendimento e discurso humano, ou coisa nova e desuzada na egreja e escóla de Christo, antes estudo muito licito, muito louvavel, e muito recommendado do mesmo Mestre Divino e seus successores.

Temos desta materia um excellente texto do apostolo S. Pedro (primeira e infallivel regra da egreja), o qual fallando das mesmas prophecias e prophetas, diz assim no primeiro capitulo de sua primeira epistola: *De qua salute exquisierunt, atque scrutati sunt prophetæ, qui de futura in vobis gratia prophetaverunt, scrutantes in quod vel quale tempus significaret in eis spiritus Christi: prænuntians eas, quæ in Christo sunt, passiones, et posteriores glorias.* (1 Petr. I — 10 e 11) Quer dizer S. Pedro, que os prophetas antigos depois de lhes serem revelados com lume sobrenatural, e elles conhecerem e prophetisarem mysterios futuros (como os da paixão e glorias de Christo) sobre os mesmos mysterios, e sobre as mesmas suas prophecias, inqueriam, e especulavam de novo com o lume natural do discurso muitas circumstancias que lhes não foram expressamente reveladas, como as do tempo e estado do mundo, em que os mesmos mysterios se ha-

viam de obrar, e as suas mesmas prophecias haviam de succeder. Desta maneira, no sentido em que o digo, vinham a inferir e alcançar pelo estudo e especulação natural e propria, o que Deus lhes não tinha manifestado pela revelação sobrenatural e divina. Isto é o que litteral e genuinamente significam aquellas palavras: *Exquisierunt, et scrutati sunt. Exquisitio, et scrutatio* (diz Lorino) *propriè indicant curam, et studium, et industriam naturalem meditationis, vel, lectionis, vel disputationis.*

De sorte que ajuntando o lume natural do discurso ao lume sobrenatural da prophecia, com o cuidado, estudo e industria propria, lendo, disputando e meditando, vinham a estender e adiantar muito as mesmas prophecias, conhecendo dellas e por ellas, muitas coisas que nellas immediatamente não estavam reveladas: bem assim, como o sol ou candea (que era a nossa comparação) não só alumêa com a luz que está ao lume, ou fogo que nella se sustenta, senão tambem, e muito mais, com a luz que della se vae produzindo, multiplicando e diffundindo por todas as partes visinhas e ainda distantes, conforme a sua menor ou maior esphera; assim o lume natural do discurso se vae propagando, diffundindo e estendendo a muitas coisas, tempos, successos e circumstancias que nellas estavam occultas; e pela conferencia e consequencia do mesmo discurso se vão intendendo e descobrindo de novo: isso quer dizer: *In quod vel quale tempus.* A palavra, *em que tempo*, significa a determinação do tempo certo em que as coisas hão de succeder; e a palavra, *no qual tempo*, significa as qualidades e circumstancias do mesmo tempo, isto é, o estado dos reinos, das republicas, das nações, e os acontecimentos particulares da paz, da guerra, do captiveiro, da liberdade, e outros similhantes que no mesmo tempo, ou mais visinho ou mais distante, se hão de vêr e succeder no mundo: *Deprehendebant prophetæ instinctu spiritus Messiæ ejusdem Messiæ adventum, et gratiæ dona, quæ allaturus erat. Nec tamen (saltem omnes) definitè scribunt quo tempore veniret, et quali; quàm brevi, an belli, aut pacis, captivitatis, aut libertatis; quo statu reipublicæ hebræorum explicabant, quæ Messias primum passurus, cum postea gloriam consecuturus, et collaturus etiam esset; at ignora-

bant circumstantiam temporis, et ratiocinando, ac conjecturando disquirebant. Atéqui Lorino.

O mesmo diz Salmeirão, ambos doutissimos expositores deste logar, e ambos trazem em confirmação o exemplo da Virgem Maria nossa Senhora, da qual diz o evangelho: *Maria autem conservabat omnia verba hæc, conferens in corde suo.* (Luc. II — 19) Conferia a Senhora, com ser alumiada sobre todas as creaturas, as palavras que os pastores referiam ter ouvido aos anjos, as que ouviu a Simeão, a Anna a prophetisa, e ao mesmo Christo Menino quando o achou entre os doutores; e dellas por discurso natural, inferia e descobria outros mysterios occultos e profundissimos, que nas mesmas palavras não estavam expressamente declarados. Isto mesmo é o que se diz no cap. 15.° dos Actos dos Apostolos faziam os mais doutos christãos da primittiva egreja, e o que Christo mandou a todos que fizessem, dizendo por S. João no cap. 50.°: *Scrutamini scripturas.* (Joan. L — 39) É isto o que nós fazemos e devemos fazer, pois de nós e *para nós fallam* os prophetas, como diz o mesmo texto de S. Pedro nas palavras citadas: *Qui de futura in vobis prophetaverunt*: (1. Pet. I — 10) e mais abaixo: *Quibus revelatum est, qua non sibime ipsis, vobis autem ministrabant.* Onde a versão syriaca tem: *Nostra vobis vaticinabantur**.

E pois os prophetas prophetisavam para nós, e as coisas nossas, razão é que nós como nossas as intendamos: mas porque as prophecias por sua natural escuridade não são faceis de intender; e assim como se ha mister necessariamente a sua luz para conhecer os futuros, é tambem necessaria outra segunda e nova luz para as intender a ellas: esta segunda luz serão aquelles a quem Christo chamou luz do mundo: *Vos estis lux mundi*; (Matth. V — 14) e, por outras palavras, candêa aceza: *Neque enim accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio*: (Ibid. — 15) que são, em primeiro logar os apostolos sagrados, e em segundo os padres doutores da egreja e expositores das escripturas divinas, os quaes seguiremos e allegaremos em tudo o que dissermos com

* Vers. Syriac. apud A. Lapid. hic § quibus.

estas duas luzes ou candêas, uma dos doutores sagrados, com que alumiaremos as prophecias, e outra as mesmas prophecias, com que alumiaremos e descobriremos os futuros, poderemos entrar neste labyrintho com todo o apparato e prevenção de instrumentos com que se entrava seguramente no de Creta. Era aquelle labyrintho por uma parte muito escuro, e por outra mui intricado; e para vencer e facilitar estas duas difficuldades, se inventou entrar nelle, não só com tochas, mas tambem com fio; as tochas para vêr o escuro dos caminhos, e o fio para entrar e sair pelo intricado delles: por este modo entraremos tambem nós pelo escuro e intricado labyrintho dos futuros. As prophecias e os doutores nos servirão de tochas; o entendimento e o discurso de fio: isto é quanto ás prophecias e prophetas canonicos.

E porque o Espirito Santo depois de fechado o numero dos livros, e os escriptores sagrados (o qual se cerrou no Apocalypse de S. João) não deixou de illustrar e ornar sua esposa a egreja com o lume e dom da prophecia; e depois daquelles seus primittivos annos houve sempre novos prophetas, alumiados com o mesmo espirito, que por palavra e escripto predisseram muitas coisas futuras, assim dos seus, como dos seguintes tempos, tambem estes darão materia á nossa Historia. Não metteremos porém nesta conta senão aquellas prophecias somente, que, ou pela santidade de seus auctores, approvados e canonisados pela egreja, ou por outros fundamentos solidos da razão, experiencia e opinião do mundo, tenham na fórma possivel, merecido no juiso dos prudentes, o nome e veneração de prophecias ou predicções verdadeiras.

A este fim empregarei grande parte deste presente livro na qualificação do espirito prophetico que tiveram todos os auctores do futuro, que na Historia se hão de allegar, por ser este não só o principal, mas o unico fundamento de toda a sua verdade, e sem o qual vã e não merecidamente lhe devemos prometter o credito, que de todos os que a lêrem esperamos.

Por esta causa se não acharão por ventura neste nosso discurso menos, algumas que em nome de prophecias andam entre o vulgo, sem certeza de auctor, e muito menos do espirito com

que foram escriptas; e não só provaremos quanto fôr necessario o espirito da prophecia destes auctores, mas diremos o tempo em que escreveram as obras propheticas que delles existam; a inteireza ou corrupção com que se teem conservado, com uma breve relação tambem das mesmas pessoas (quando não forem geralmente mui conhecidas) pelo muito que importam todas estas noticias não só para a fé e credito, senão ainda, e muito mais, para a intelligencia e combinação das mesmas prophecias, que grandemente depende do tempo, e de outras similhantes circumstancias.

Procurámos quanto nos fôr possivel que fosse mui *exacta esta* diligencia, e não só fallaremos nos auctores e prophetas modernos e não canonicos, senão igualmente nos antigos e sagrados, pelas mesmas causas. Tambem excitaremos a este fim, e resolveremos varias questões muito importantes ao conhecimento das prophecias, pela ordem que a necessidade ou occasião o fôr pedindo, e esta será a propria materia *de todo este livro, a que* por isso chamamos Ante-primeiro, e é como alicerce de todo o *edificio*: e posto que todo este tão largo prologomeno em rigor não seja Historia do Futuro, senão preparação ou apparato para elle, á imitação de Baronio, e de outros auctores, que com menos necessidade o fizeram em suas historias.

Esperamos que a materia, por sua grande variedade e diligente erudição de coisas curiosas, e pela maior parte atégora não tractadas, não será injucunda aos que a lêrem, e que possa *sem* enfado entreter a expectação e desejo da mesma Historia, em quanto não sáe a luz, que será, como em Deus esperamos, muito brevemente.

De tudo o que fica dito ou promettido, se colhe facilmente quanta será a verdade desta Historia, porque as coisas que expressa e immediatamente se predizem nas prophecias canonicas, de cuja intelligencia por sua clareza se não póde duvidar, ou por estarem explicadas por escriptores tambem canonicos, por concilios, por tradicções, ou pelo consenso commum dos padres, é certo que teem toda aquella certeza infallivel e de fé, que as outras verdades sagradas que se conteem nas escripturas. As outras coisas,

que destas verdades assim prophetisadas e conhecidas, por natural consequencia se deduzirem, ainda que intervenha no discurso algum meio ou proposição scientifica, são verdades segundas que participam a mesma certeza tambem infallivel, qual é a das conclusões theologicas, que, não sendo totalmente fé, nem somente sciencia, por esta parte tem evidencia, e por ambas tal certeza, que não é sujeita a erro ou falsidade, nem perigo de poderem não ser.

As prophecias não canonicas podem ser tão evidentemente provadas por seus effeitos, como veremos, que tenham toda a certeza moral, que é a que depois da fé e da sciencia tem no juiso humano o maior assento, e a mesma participarão, na fórma que pouco antes dissemos, todas as outras conclusões, que por natural e evidente consequencia dellas se dedusirem, pois são filhas e herdeiras da mesma verdade, de que tiveram seu nascimento.

Restam somente aquellas prophecias, que, ou por não averiguadas com tão evidente certeza (posto que sempre estabelecidas com bons e racionaes fundamentos) ou por sua interpretação não ser tão manifesta ou recebida, que não desfaça moralmente toda a razão de duvida, fica dentro dos limites da probabilidade opinativa, e nestas, assim o que immediatamente predizem, como as consequencias que dellas por formal illação se deduzirem, terão somente certeza provavel naquelle sentido em que dissemos provavelmente certas, aquellas coisas de que ha fundamentos provaveis para o serem.

Estes quatro generos de verdade, são os de que repartidamente se comporá toda a Historia do Futuro, merecendo, segundo todas suas partes, o nome de historia verdadeira, posto que não em todas com igual gráu de certeza. Nas do primeiro genero, verdadeira com certeza de fé. Nas do segundo, verdadeira com certeza theologica. Nas do terceiro, verdadeira com certeza moral. Nas do quarto, verdadeira com certeza provavel, pelo modo já explicado; sendo a excellencia singular desta Historia, que toda ella, ou provavel, ou moral, ou theologica, ou canonicamente, será fundada na primeira e summa verdade, que é o mesmo Deus.

D'aqui inferimos sem injuria nem aggravo de quantas histo-

rias até hoje estão escriptas no mundo, que esta Historia do Futuro é mais certa e mais verdadeira que todas ellas, (exceptas somente as historias sagradas) e ainda esta excepção se não deve intender em todo, senão em parte ; da Historia do Futuro igualará na verdade e na certeza, ou, por melhor dizer, se não distinguirá della, por ir toda (como vae) não só fundada nos mesmos textos e sentenças da escriptura divina, mas formada e como tecida delles.

E digo que sem injuria nem aggravo de todas as outras historias humanas, porque, como bem terão advertido os mais *lidos* e versados, assim nas antigas, como nas modernas, *todas ellas* estão cheias, não só de coisas incertas e improvaveis, mas alhêas e encontradas com a verdade, e conhecidamente suppostas e falsas, ou por culpas, ou sem culpa dos mesmos historiadores.

Que historiador ha ou póde haver, por mais diligente investigador que seja dos successos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações *ha de homens*, que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorancia, ou da malicia? Que historiador ha de tão limpo coração, e tão inteiro amador da verdade, que o não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o odio, o amor, ou da sua, ou da alhêa nação, ou do seu estranho principe? Todas as pennas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever misturam as côres do *seu* affecto.

Prova Tacito a verdade da sua historia, com ter longe *as causas* do odio e amor; mas d'ahi se convence contra elle, que tambem tinha longe as informações da verdade. O certo é que só tinha perto a ambição de seu proprio juiso, com que formava os processos para as sentenças, e sobre os processos não as sentenças. Por isso Tertulliano lhe chamou com ràzão : *Mendaciorum loquacissimum.* Não aponto erros em particular das historias mais visinhas a nossos tempos por reverencia delles, e porque fôra materia infinita : das dos gregos e romanos disse S. Jeronymo, por occasião do milagre da serpente : *Cedant huic veritati, tam græco quàm romano stylo mendaciis ficta miracula.* E Cicero, que é mais, no livro primeiro das leis : *Apud Herodotum, Historiæ per-*

tem, et Theopompum sunt innumerabiles fabulæ. Estes foram os paes da historia humana, e desta é filha legitima a sua verdade, sobre a qual batalham tantas vezes os mesmos historiadores, mas nunca com conhecida victoria.

Quem quizer vêr claramente a falsidade das historias humanas, lêa a mesma historia por differentes escriptores, e verá como se encontram, se contradizem, e se implicam no mesmo successo, sendo infallivel, que um só póde dizer a verdade, e certo, que nenhum a diz. Mas isto mesmo se conhece, ainda com maior evidencia, daquellas historias de que temos verdadeira relação nas escripturas sagradas, como são as de Noé, do diluvio, da divisão das primeiras gentes: as dos assyrios, persas, medos, romanos, egypcios, gregos, e principalmente a dos hebreus, com os quaes cotejado, como em pedra de toque, o que escreveram os Berozos, os Herodotos, os Diodoros, os Drogos, os Curcios, os Livios, e todos os outros historiadores daquellas nações e tempos, apenas se acha coisa que não seja contradicção da verdade; e desta mesma experiencia e razões della se qualifica claramente ser a nossa Historia do Futuro mais verdadeira que todas as do passado, porque ellas em grande parte foram tiradas da fonte da mentira, que é a ignorancia e malicia humana, e a nossa tirada do lume da prophecia, e accrescentada pelo lume da razão, que são as duas fontes da verdade humana e divina.

CAPITULO X.

Resposta a uma objecção: mostra-se que o melhor commentador das prophecias é o tempo.

Assentámos com o apostolo S. Pedro no capitulo antecedente, que com a candêa da prophecia se podia entrar pela escuridade dos futuros, e descobrir e conhecer o que nelles está encuberto e enterrado. Mas sobre esta resolução se póde dizer e arguir con-

tra nós, que esta mesma candêa e luz das prophecias ha muitos centos de annos que está acceza, e não *sub modio*, senão *supra candelabrum*, e que ninguem comtudo se atreveu atégora a entrar com ella por estes abysmos e escuridades do futuro, como nós promettemos fazer: empreza e ousadia, que mais merece nome de temeridade, que de confiança, aos quaes (que sempre serão mais de um) responderemos facilmente com o seu mesmo argumento. Os futuros quanto mais vão correndo, tanto mais se vão chegando para nós, e nós para elles; e como ha tantos centos de annos que estão escriptas estas prophecias, tambem ha outros centos de annos que os futuros se vão chegando para ellas, e ellas para os futuros: e por isso nós nos atrevemos a fazer hoje o que os antigos não fizeram, ainda que tivessem acceza a mesma candêa; porque a candêa de mais perto alumêa melhor. Para vêr com uma candêa, não basta só que a candêa esteja acceza, é necessario que a distancia seja proporcionada: *Ut luceat omnibus qui in domo sunt*, disse Christo. (Matth. V — 15) Com uma candêa na mão póde-se vêr o que ha em uma casa, mas não se póde vêr o que ha em uma cidade. O grande precursor de Christo: *Erat lucerna lucens, et ardens*, (Joan. V — 35) e ainda que todos os outros prophetas annunciaram a Christo, o Baptista o mostrou melhor, porque era candêa de mais perto: os outros diziam, ha de vir; e elle disse, este é.

As visões e revelações de Deus vêem-se melhor ao perto que ao longe: de longe viu Moysés a visão da çarça; e que disse? *Vadam, et videbo visionem hanc magnam:* (Exod. III — 3) Irei e verei esta grande visão. Estava vendo a visão, e disse que a iria a vêr, porque vae muita differença de vêr as visões de Deus ao longe, ou vêl-as ao perto. Ao longe viu só Moysés a çarça e o fogo; ao perto intendeu o que aquellas figuras significavam. A mesma luz e a mesma candêa ao longe vê-se, e ao perto alumêa.

Esta é a differença que não nós, senão os nossos tempos, fazem aos antigos: nos antigos reconhecemos a vantagem da sabedoria, nos nossos a fortuna da visinhança. Se estamos mais perto dos futuros com igual luz (ainda que não seja com igual vista), porque os não veremos melhor? Assim o confessou Santo Agos-

tinho com ter os olhos de aguia, o qual achando-se ás escuras em muitos logares das prophecias, reservou a verdadeira intelligencia dellas para os vindoiros.

Um pygmeu sobre um gigante póde vêr mais que elle: pygmeus nos conhecemos em comparação daquelles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas escripturas: elles sem nós viram muito mais do que nós podemos vêr sem elles; mas nós como vivemos depois delles, e sobre elles por beneficio do tempo, vêmos hoje o que elles viram, e um pouco mais. O ultimo degráu da escada não é maior que os outros, antes póde ser menor; mas basta ser o ultimo, e estar em cima dos mais, para que delle se possa alcançar o que de outros se não alcança.

Entre a multidão dos que acompanhavam e rodeavam a Christo, o mais pequeno de todos era Zacheo, (Luc. XIX — 4) que por si mesmo, e com os pés no chão, não podia alcançar a vêr o que os outros viam; mas subido em cima da arvore, viu melhor e mais claramente que todos. Mui bem medimos a nossa estatura, e conhecemos quão pequena, quão desigual, quão inferior é, comparada com aquelles cedros do Libano, e com aquellas terras altissimas, que tanto ornato, grandeza e magestade, accrescentaram ao edificio da egreja: mas subidos por merecimento seu, e fortuna de tempo a tanta altura, não é muito que alcancemos e descubramos um ponco mais do que elles descobriram e alcançaram.

Coisa maravilhosa é, e que apenas se póde intender, como os cavadores da vinha, que vieram na ultima hora, poderam ser avantajados aos demais. Mas estes são os privilegios da ultima hora: *Hi novissimi una hora fecerunt.* (Matth. XX — 12) Fizeram na ultima hora, o que os outros não fizeram todo o dia; porque elles com outros acabaram a obra que os outros sem elles não poderam nem podiam acabar: *Sic erunt novissimi primi.* (Ibid. — 16) Este é o modo com que os ultimos podem vir a ser os primeiros. *Non ergo undecima hora in vineam Domini ad operandum conductis nobis invidendum est,* disse Lipomano na prefação de seus Commentarios, applicando a parabola de Christo ao estudo da sagrada escriptura.

Os que estudamos e trabalhamos na intelligencia da sagrada escriptura, mais ou menos todos cavamos, e póde succeder que os que veem na ultima hora, por felicidade da mesma hora acabem, descubram com poucas enxadadas, o que muitos em muito tempo, e com muito trabalho, cavando muito mais não descobriram.

Aquelle thesouro escondido, de que fallou Christo no cap. 13.° de S. Mattheus, diz Ruperto, Turtulliano, S. João Chrysostomo, que é a escriptura sagrada: e S. Jeronymo com mais escripta propriedade o intende particularmente das escripturas propheticas*. Quantas vezes os que trabalham no descobrimento de algum thesouro, cavam por muitos dias, mezes e annos, sem acharem o que buscam, e depois de estes cançados e desesperados, succede vir um mais venturoso, que descendo sem trabalho ao profundo da mesma cova, e cavando alguma coisa de novo, descobre a poucas enxadadas o thesouro, e logra o fructo dos trabalhos e suores dos primeiros?

Assim aconteceu no thesouro das *prophecias*: *cavaram uns*, e cavaram outros, e cançaram todos, e no cabo descobre o thesouro, quasi sem trabalho, aquelle ultimo para quem estava guardada tamanha ventura, a qual sempre é do ultimo.

Eis-aqui como póde acontecer, que descubram o thesouro os que cavam menos: *Sæpe abjectus quispiam, et vilis invenit, quod magnus, et sapiens vir præterit*, disse verdadeira e judiciosamente S. Chrysostomo. O ultimo dos apostolos foi S. Pedro, e confessando-se por minimo de todos, confessa ter recebido a graça de descobrir aos mesmos anjos do céu os thesouros que lhe estavam escondidos: *Mihi omnium sanctorum* (diz elle na epistola aos ephesios) *minimo data est gratia hæc, in gentibus evangelizare investigabiles divitias Christi, et illuminare omnes, quæ sit dispensatio sacramenti absconditi à sæculis in Deo, qui omnia creavit, ut innotescat principatibus et potestatibus in cœlestibus per ecclesiam, multiformis sapientia Dei, secundum præsinitionem sæculorum*. (Ephes. III — 8, 9, e 11) Nas quaes palavras se devem ponderar muito quatro coisas: Que é o que se descobriu;

* A Lap. § ad literam.

quem o descobriu; a quem se descobriu; e quando se descobriu. O que se descobriu é um segredo escondido a todos os seculos passados: *Sacramenti absconditi à sæculis in Deo;* porque costuma Deus ter algumas coisas encobertas e escondidas por muitos seculos, conforme a ordem e disposição de sua providencia. Quem o descobriu foi o ultimo de todos os apostolos e discipulos de Christo, que já o não alcançou, nem viu, nem ouviu neste mundo como os demais, e se confessa por minimo de todos: *Mihi omnium sanctorum minimo;* porque bem póde o ultimo e o minimo alcançar e descobrir os segredos, que os primeiros e maiores não alcançaram. A quem se descobriu foi, não menos que aos espiritos angelicos das mais superiores jerarquias do céu: *Ut innotescat principalibus, et potestatibus in cœlestibus;* porque não bastam as forças da sabedoria e intendimento creado, ainda que seja de um anjo e de muitos anjos, para conhecer e penetrar os segredos altissimos de Deus, em quanto elle quer que estejam encobertos e escondidos. Finalmente, quando se descobriu, foi no seculo que Deus tinha predefinido e determinado: *Secundùm præfinitionem sæculorum;* porque quando chega o tempo determinado e predefinido por Deus, para que seus segredos se conheçam e descubram no mundo, só então e de nenhum modo antes, se podem manifestar e intender.

Assim que bem póde um homem menor que todos descobrir e alcançar o que os grandes e eminentissimos não descobriram, porque esta ventura não é privilegio dos intendimentos, senão prerogativa dos tempos.

Desde que Tubal começou a povoar Hespanha, que foi no anno da creação do mundo 1800, até o de Christo 1428, em que se passaram mais de 2600 annos, era o termo da navegação do mar Occeano junto somente á costa de Africa, o cabo chamado de Não. Sendo os mares, que depois delle se seguiram, tão temorosos aos navegantes, que era proverbio entre elles (como escreve o nosso João de Barros): *quem passar o cabo de Não, ou tornará ou não.* Apparecia ao longe deste o cabo chamado Bojador, pelo muito que se mettia dentro no mar, cuja passagem, tanto por fama e horror commum, como pelo desengano de muitas experiencias, se

reputava entre todos por empreza tão arriscada e impossivel á industria e poder humano, como se póde vêr no quarto capitulo da primeira Decada: mas quem lêr o capitulo seguinte, verá tambem como um homem portuguez não de muito nome, chamado Giliannes, foi o primeiro que dispondo-se ousadamente ao rompimento de uma tamanha aventura, venceu felizmente o cabo em úma barca, quebrou aquelle antiquissimo encantamento, e mostrou com estranho desengano á Hespanha, ao mundo e ao mesmo Occeano, que tambem o não navegado era navegavel; o qual feito ponderando o nosso grande historiador com seu costumado juiso, diz breve e sentenciosamente: *A este seu proposito se ajuntou a* boa fortuna, ou, por melhor dizer, a hora em que Deus tinha limitado o curso de tanto receio, como todos tinham, de passar aquelle cabo Bojador.

E verdadeiramente é assim em quanto não chega a hora determinada por Deus, nem os Annibales de Carthago, nem os Scipiões e Julios de Roma, nem os *Baccos, Lusos, Gedeões* e Hercules de Hespanha se atrevem a imaginar, que póde o Bojador ser vencido, e param suas emprezas, e ainda seus pensamentos, no cabo de Não: mas quando chega a hora precisa do limite que Deus tem posto ás coisas humanas, basta Giliannes em uma barca para vencer todas essas difficuldades, para atalhar todos esses receios, para pizar todos esses impossiveis, e para navegar segura e venturosamente os mares nunca de antes navegados. Alli donde chega o presente e começa o futuro, era atégora o cabo *de Não;* não havia historiador que d'alli passasse um ponto com a narração dos successos da sua historia; não havia chronologico que d'alli adiantasse um momento a conta de seus annos e dias. Não havia pensamento que ainda com a imaginação (que a tudo se atreve) désse um passo seguro mais adiante naquelle tão desuzado caminho; o que confusamente se representava adiante e ao longe deste cabo, era a carranca medonha, e temerosissimo Bojador do futuro, coberto todo de nevoas, de sombras, de nuvens espessas, de escuridade, de cegeira, de medos, de horrores, de impossiveis. Mas se agora virmos desfeitas estas nevoas, desvanecido este escuro, facilitada esta passagem, dobrado este cabo, sondado este

fundo e navegavel, e navegada a immensidade de mares, que depois delle se seguem, e isto por um piloto de tão pouco nome, e em uma tão pequena barquinha como a do nosso limitado talento, demos os louvores a Deus e ás disposições de sua providencia, e intendamos, que se passou o cabo, porque chegou a hora.

É admiravel a este proposito um logar do propheta Daniel, com que demonstrativa e indubitavelmente se persuade e convence esta verdade nos proprios termos da intelligencia das prophecias em que fallamos. No cap. 12.° de Daniel, depois de um anjo lhe ter declarado grandes mysterios dos tempos futuros, mandou-lhe que fechasse, e sellasse o livro em que estavam escriptas, e lhe disse estas notaveis palavras: *Tu autem Daniel claude sermones, et signa librum, usque ad tempus statutum, plurimi pertransibunt, et multiplex erit scientia:* (Dan. XII — 4) Tu, Daniel, fecharás e sellarás o livro em que escreveres estas coisas que tenho dito, para que estejam fechadas e selladas até o tempo determinado por Deus; entre tanto passarão muitos por ellas, e haverá sobre a intelligencia de seus mysterios grande variedade de sciencias e opiniões. Este é o sentido litteral e verdadeiro destas palavras do anjo, como se póde vêr em todos os commentadores de Daniel, posto que ellas são tão claras e expressas que não necessitam de commentador: de maneira, que nas escripturas dos prophetas ha coisas de tal modo fechadas e selladas, que ninguem as póde intender, nem declarar, até que chegue o tempo determinado pela Providencia divina, o qual é o que só tem poder para romper os sigillos, e abrir e fazer patentes as escrituras fechadas, e declarar os mysterios futuros, que nellas estavam occultos e encerrados: e em quanto este tempo não chega, por mais doutos, sabios e santos que sejam os expositores daquellas prophecias, dirão coisas muitos discretas, muito doutas, muito santas, e muito varias, mas o certo e verdadeiro sentido dellas sempre ficará occulto e escondido, porque passarão todos por elle sem intenderem, nem penetrarem; isto quer dizer: *Plurimi pertransibunt, et multiplex erit scientia.* Onde se deve advertir e notar, que muitos homens, ainda que sejam de grandes lettras, cuidam que passam os livros, e passam por elles: *Plurimi per-*

transibunt. Por quantos logares passaram os Origenes, os Clementes, os Tertullianos, que depois intenderam os Agostinhos, os Basilios, os Jeronymos? Por quantos passaram os Hugos, os Ricardos, os Rupertos, os Theodoretos, que depois intenderam os Montanos, os Sanches, os Cornelios, os Ribeiras? E por quantos passaram tambem estes, que depois intenderam melhor os que lhe foram succedendo, não porque os ultimos sejam mais doutos, ou de mais aguda vista, mas porque lêem e estudam á luz da candêa, ajudados e ensinados do tempo, que é o mais certo interprete das prophecias, e para o qual reservou Deus a abertura dos seus sigillos? *Signa librum usque ad tempus constitutum.*

No Apocalypse (cujas prophecias são proprias deste tempo), em que a egreja de Christo se vae continuando mais claramente que em nenhum outro logar das escripturas, temos relatado este segredo da providencia divina, com que dispoz e tem decretado, que as prophecias se vão descobrindo e intendendo ordenada e successivamente aos mesmos passos, ou mais vagarosos, ou mais apressados com que vão seguindo e variando os tempos: entre as coisas muito mysteriosas, que viu S. João, ou a mais mysteriosa de todas, foi um livro fechado e sellado com sete sellos, o qual era o seu mesmo Apocalypse: foram-se rompendo estes sellos e abrindo-se o livro, mas não todo juntamente, senão por passos e espaços; um sello primeiro, e outros depois, e com grande apparato de ceremonias e effeitos admiraveis no céu e na terra; e o mysterio destas pauzas e intervallos era, porque se haviam ir descobrindo as prophecias, que estavam escriptas no livro, e assim se haviam ir intendendo, não juntamente, senão em differentes tempos, e não apartadas de seus effeitos, senão igualmente com elles. De maneira que nas prophecias estão encobertos os tempos e os effeitos, e nos tempos e nos effeitos estarão descobertas as prophecias; e por isso naquelle mysterioso livro assim como eram diversas as prophecias, e diversos os effeitos e successos da egreja e do mundo, que nellas estavam prophetisadas, assim tambem eram diversos os sellos com que estavam fechados, e diversos os tempos em que se haviam de abrir e manifestar, sendo o mesmo tempo e os mesmos successos os que as-

abrissem e manifestassem, ou depois de chegarem, ou quando já forem chegando. Bem assim como antes de se acabar de todo a noite, pelos resplandores da aurora se conhece a visinhança do sol, antes que elle se veja descoberto nos horisontes.

E se quizermos especular a razão desta providencia, acharemos que não é outra, senão a magestade da sabedoria e omnipotencia divina, sempre admiravel em todas suas obras. É este mundo um theatro, os homens as figuras que nelle representam, e a historia verdadeira de seus successos uma comedia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas idéas de sua providencia: e assim como o primor e subtileza da arte comica consiste principalmente naquella suspensão de intendimento e doce enleio dos sentidos, com que o enredo os vae levando apoz si, pendentes sempre de um successo para outro successo, encobrindo-se de industria o fim da historia, sem que se possa intender onde irá parar, senão quando já vae chegando, e se descobre subitamente entre a expectação e o applauso, assim Deus, soberano Auctor e Governador do mundo, e perfeitissimo exemplar de toda a natureza e arte, para manifestação de sua gloria e admiração de sua sabedoria, de tal maneira nos encobre as coisas futuras, ainda quando as manda escrever primeiro pelos prophetas, que nos não deixa comprehender, nem alcançar os segredos de seus intentos, senão quando já teem chegado, ou veem chegando os fins delles, para nos ter sempre suspensos na expectação, e pendentes de sua providencia: e é esta regra (com pouca excepção de casos) tão commum em Deus e seus decretos, que, ainda quando as prophecias são muito claras, costuma atravessar entre ellas e os nossos olhos, umas certas nuvens, com que sua mesma clareza se nos faz escura: eu o não crêra, se o não vira escripto para maior admiração em um dos maiores prophetas, que assim o confessa, não de outrem, senão de si: *In anno primo Darii filii Assueri de semine medorum, qui imperavit super regnum chaldeorum: anno uno regni ejus, ego Daniel intellexi in libris numerum annorum, de quo factus est sermo Domini ad Jeremiam prophetam, ut complerentur desolationis Hierusalem septuaginta anni:* (Dan. IX — 1 e 2) No anno pri-

meiro de Dario, filho de Assuero, descendente dos mudos, que teve o imperio dos caldeos: Eu Daniel, 'diz elle, intendi nos livros o numero de setenta annos, que Deus tinha revelado ao propheta Jeremias havia de durar a assolação de Jerusalem, e captiveiro dos judeus em Babylonia. Agora entra o caso e a admiração. Esta prophecia de Jeremias, que Daniel affirma que intendeu no primeiro anno do imperio de Dario, é do cap. 25.º daquelle propheta, e diz assim: *Et erit universa terra hæc in solitudinem, et in stuporem, et servient omnes gentes istæ regi Babylonis septuaginta annis:* (Jer. XXV — 11) Toda esta terra (diz Jeremias, estando em Jerusalem) será assolada, com pasmo e assombro do mundo, e todas as gentes que a habitam, servirão ao rei de Babylonia por espaço de setenta annos. Estes setenta annos, como consta da exacta chronologia, que se póde vêr largamente provada em Pererio, e nos commentadores da prophecia de Daniel, se acabaram de cumprir no primeiro anno do imperio de Dario* : pois se o termo de setenta annos estava prophetisado com palavras tão claras e expressas, como são aquellas de Jeremias: *Et servient omnes gentes istæ regi Babylonis septuaginta annis;* como diz Daniel, que não intendeu o numero destes setenta annos, senão no primeiro anno de Dario, que foi o ultimo dos mesmos setenta? Podia haver conta mais clara? Podia haver palavras mais expressas? Não; mas como é regra ordinaria da providencia divina, que as prophecias se não intendam senão quando já tem chegado, ou vae chegando o fim dellas, *por isso* sendo a prophecia tão clara, e o numero dos setenta annos tão expresso, não quiz Deus que o mesmo Daniel, sendo Daniel, o intendesse senão no ultimo anno.

O tempo foi o que interpretou a prophecia, e não Daniel, sendo Daniel um tão grande propheta: e esta parece a energia daquella sua palavra: *Ego Daniel intellexi:* Eu Daniel, sendo Daniel, não intendi a prophecia tão clara de Jeremias, senão no ultimo anno dos setenta, em que ella se cumpria; mas assim havia de ser, porque assim o prophetisou, e o repete o mesmo Jeremias em dois

* A Lap. in Dan. 5. § nota.

logares, onde fallando de suas prophecias diz, que se não intenderam senão nos ultimos tempos do cumprimento dellas. No cap. 23.° *Non convertetur furor Domini usque dum faciat, et usque dum compleat cogitationem cordis sui: in novissimis diebus intelligetis consilium ejus.* (Jer. XXIII — 20) E no cap. 30.° quasi pelas mesmas palavras: *Non avertet iram indignationis Dominus, donec faciat, et compleat cogitationem cordis sui: in novissimo dierum intelligetis ea.* (Ibid. XXX — 24)

E que fez Deus, ou póde fazer para que umas palavras tão expressas, e uma prophecia tão clara possa parecer escura? Atrevessa uma nuvem (como diziamos) entre a prophecia e os olhos, e com este veu, ou sobre os olhos ou sobre a prophecia, o claro, por clarissimo que seja, fica escuro. Quando queremos encarecer uma coisa de muito clara, dizemos que é clara como a agua, porque não ha coisa mais clara; e comtudo essa mesma agua (como discretamente advertiu David), com uma nuvem diante, é escura: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* (Psal. XVII — 12) Em havendo nuvem em meio, até a agua é escura, e taes são as prophecias, por claras e clarissimas que sejam. Por isso pedia o mesmo David a Deus, que lhe tirasse o veu dos olhos, para que podesse conhecer as maravilhas dos seus mysterios: *Revela oculos meos, et considerabo mirabilia de lege tua.* (Ibid. CXVIII — 18) Ó quantas prophecias muito claras se não intendem, ou se não querem intender, porque as queremos vêr por entre nuvens, e com veu sobre os olhos! Peço e protesto a todos os que lêrem esta Historia, ou que tirem primeiro o veu de sobre os olhos, ou que a não leam.

Como se hão de intender as revelações com os intendimentos e olhos vendados? Não basta só que Deus tenha revelado os futuros, é necessario que revele tambem os olhos: *Revela oculos meos.* Se os olhos estão cobertos e escurecidos com o veu do affecto, ou com a núvem da paixão; se os cega o amor ou odio, a inveja ou a lisonja, a vingança ou o interesse, a esperança ou o temor; como se póde intender a verdade da prophecia, por muito clara que nella esteja, quando o primeiro intento é negal-a, ou quando menos escurecel-a? As nuvens que Deus põe sobre a pro-

phecia, o tempo as gasta e as desfaz; mas os veus que os homens lançam sobre os proprios olhos, só elles os podem tirar, porque elles são os que querem ser cegos. Que prophecias mais claras, que as da vinda de Christo ao mundo? E muito mais claras ainda depois de manifestas, e provadas com os mesmos effeitos. E comtudo estas são as que mais obstinadamente nega a cegueira judaica, porque teem os olhos cobertos com aquelle antigo veu de Moysés, como lhes lançou em rosto o grande Paulo Judeu e semente de Abrahão, como elles, do tribu de Benjamim: *Usque in hodiernum diem, cum legitur Moyses, velamen positum est super cor eorum; cùm autem conversus fuerit ad Dominum, auferetur velamen.* (2 ad Cor. III — 15 e 16) Tirem o veu de sobre os olhos, e verão a luz das prophecias: ainda que a prophecia seja candêa acceza, como se ha de vêr com os olhos cobertos? Tire-se o impedimento á luz, e logo se verão a candêa e mais o que ella alumea: a mulher que buscava a dragma perdida, não só accendeu a candêa, mas varreu a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum:* (Luc. XV — 8) a candêa está acceza e muito clara, mas a casa não está varrida; varra-se e alimpe-se a casa, tirem-se os estorvos e impedimentos á luz, e logo verão os olhos o que ha nella, e se achará o que se busca, mas nem se busca, nem se quer achar.

De maneira que resumindo toda a resposta da objecção, digo, que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor, porque vemos mais perto; e que trabalhamos menos, porque achamos os impedimentos tirados. Olhamos de mais alto, porque vimos sobre os passados; vêmos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros; e achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste thesouro, e varreram esta casa, foram tirando impedimentos á vista, e tudo isto por beneficio do tempo, ou, para o dizer melhor, por providencia do Senhor dos tempos.

CAPITULO XI.

Declara-se qual seja a novidade desta Historia, e que as coisas novas, por novas, não desmerecem o credito de sua verdade.

Quando no principio deste livro promettemos coisas novas aos curiosos, bem advertimos que mettiamos as armas nas mãos aos criticos; mas são estas armas já tão velhas e ferrugentas, que não ha muito que temer seus golpes, ainda que a novidade da nossa Historia fôra qual se suppõe, e não é, com tanto que não tenha, como por graça de Deus não tem, coisa alguma que encontre a fé ou doutrina da egreja: o reparo da novidade não é crime de que ella tema ser accusada, e pelo qual, quando o seja, ponha em risco o credito da sua verdade, se por si mesma lhe fôr devida.

Pensão é muito antiga das coisas boas e grandes, serem accusadas de novas. A primeira instituição da vida monastica, sendo o estado mais santo da egreja catholica, que accusações não padeceu antigamente (e padece ainda hoje) dos hereges pela novidade de habito, e modo de vida? Digam-no as apologias de S. João Chrysostomo, S. Gregorio, S. Bernardo, Santo Thomaz, S. Boaventura, para que não fallemos nos Waldenses, nos Platins, nos Soares, nos Baronios, nos Bellarminos. A mesma lei de Christo chamada por sua novidade evangelica, em quantos livros e tribunaes de gentes e judeus foi terminada pela gloria deste titulo; accusação foi de que a defendeu Tertulliano, Lactancio, Arnobio, Prudencio, e todos os outros padres que antes e depois destes escreveram contra gentes: mas o maior exemplo de todos neste caso é o daquella divina obra de S. Jeronymo na versão da sagrada Biblia, que hoje adoramos por canonica, tão estranhada quando nova, não por gentios ou hereges, nem só por quaesquer catholicos, senão pela maior luz da egreja, Santo Agostinho. Quero pôr aqui as palavras deste grande e santissimo doutor, escriptas não a outrem, senão ao mesmo S. Jeronymo: *De vertendis autem in latinam linguam sanctis libris laborare te nollem, nam aut obs-*

cura sunt, aut manifesta? Si enim obscura sunt, te quoque in eis falli potuisse non immeritò creditur; si autem manifesta, superfluum est te voluisse explanare, quod illis latere non potuit. (Aug. Epist. ad Hieron.) Quanto á versão das escripturas sagradas na lingua latina, obra é, diz o santo, em que eu não quizera que vós empregasseis o vosso trabalho, porque ou ellas são escuras, ou manifestas? Se escuras, com razão se crê, que tambem vos podeis enganar na sua interpretação, como os outros escriptores; e se manifestas, superflua diligencia é quererdes vós explicar o que os outros não podem deixar de ter intendido. Atéqui zelosa, elegante e engenhosamente Santo Agostinho, ao qual respondeu S. Jeronymo com igual engenho, zelo e elegancia, e verdadeiramente com victoria por estas palavras: *Porrò quod dicis non debuisse me interpretari post veteres, et novo uteris syllogismo, tuo tibi sermone respondeo: omnes veteres tractores, qui nos in Domino prætererierunt, et qui scripturas sanctas interpretantur, sunt aut obscura, aut manifesta? Si obscura, quomodo tu post eos ausus es dicere, quod illi explanare non potuerunt? Si manifesta, superfluum est te voluisse dicere, quod illis latere non potuit; respondeat mihi prudentia tua, quare tu post tantos, ac tales scriptores, et interpretes in explanatione psalmorum diversu senseris? Si enim obscuri sunt psalmi, te quoque in eis falli potuisse credendum est. Si manifesti, illas in eis falli potuisse non creditur, ac per hoc utraque superflua erit interpretatio tua, et hac lege post priores nullus loqui audebit, et quicumque aliàs occupabit alios, de eo scribendi non habebit licentiam:* Quanto ao que me dizeis (diz S. Jeronymo a S. Agostinho) que eu me não devia cançar em interpretar as escripturas depois dos antigos interpretes dellas, e para isso usaes daquelle novo syllogismo, respondo com as mesmas vossas palavras: Todos os expositores dos livros sagrados, que nos precederam no Senhor, ou interpretaram o que era escuro, ou o que era manifesto? Se o que era escuro, como vos atreveis tambem a declarar o que elles não puderam? Se o que era manifesto, superfluo trabalho é cançar-vos em querer fazer intender, o que elles não podiam deixar de ter intendido. Responda-me logo vossa prudencia, com

que razão depois de tantos e taes interpretes vos atrevestes na exposição dos psalmos a sentir diversamente do que elles sentiam; porque se os psalmos são escuros, tambem se deve intender que vós vos podeis enganar na sua intelligencia; e se são claros e manifestos, superflua é e não necessaria a vossa interpretação: e segundo esta lei ninguem poderá fallar depois dos primeiros, e tanto que um se adiantar á exposição de algum livro sagrado, logo nenhum outro terá licença para escrever sobre elle.

Isto dizia Santo Agostinho a S. Jeronymo, sobre a novidade de sua versão, a qual hoje é de fé: e isto S. Jeronymo a S. Agostinho, sobre a novidade da sua exposição dos psalmos, que hoje é antiquissima, e mui venerada, e depois della se escreveram infinitas outras mais novas, e ainda os psalmos não estão bastantemente interpretados. Assim que os reparos da novidade são pensão (como dizia) das coisas boas e grandes; e não só entre os inimigos e impugnadores da verdade, senão entre os maiores zeladores e defensores della.

Mas destes mesmos exemplos se convence claramente, quão frivolas são e pouco efficazes as accusações do que se estranha por novo. Não é o tempo, senão a razão, a que dá o credito e auctoridade aos escriptores: nem se deve perguntar o *quando*, senão o *como* se escreveram. A antiguidade das obras é um accidente extrinseco, que nem tira nem accrescenta validade, e só porque põe os auctores della mais longe dos olhos da inveja, lhes grangea a triste fortuna de serem mais venerados, ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos. As trevas foram mais antigas que o sol, e os animaes que o homem. O Testamento Velho não é mais perfeito que o novo, por ser mais antigo, nem o Novo perde a perfeição e excellencia que tem sobre o Velho, por ser mais novo. Que coisa ha hoje tão antiga, que não fosse nova em algum tempo? Diz Salomão, (Eccles. I — 10) que não ha coisa nova debaixo do sol; e ainda é mais universalmente certo, que não ha coisa debaixo do sol que não fosse nova. A mais nova entre todas as do mundo foi o mesmo mundo. Se a nossa religião é nova, argumentava Arnobio contra os gentios, tempo virá em que seja velha; e se a vossa superstição é velha, tempo houve

em que tambem foi nova. Dizeis que a religião christã é nova, porque ainda não tem quatrocentos annos, e ha menos de dois mil, que os deuses que vós adoraveis ainda não tinham cento. Com a mesma energia disse o imperador Claudio ao senado: *Patres conscripti, quæ mane vetustissima creduntur fuere nova plebei magistratus post patricios, latini post plebeos, cæterarum Italiæ gentium post latinos: inveterasse hoc quoque, et quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit* (Arnobius). E verdadeiramente é assim: quantas coisas são hoje exemplos, que começaram sem exemplo? Todas as opiniões ou verdades que se escreveram, tiveram principio, e aquelle que as começou sem auctor, foi o primeiro que lhes deu a auctoridade.

Acodia S. Jeronymo á queixa da sua nova versão, e diz assim contra Rufino: *Periculosum opus certè, et obtrectatorum latratibus patens, qui me asserunt in septuaginta interpretum sugillatione, nova pro veteribus cudere; ita ingenium quasi vinum probantes**: discretamente: porque antepor o velho ao novo só pelos annos, escolha parece mais de cella vinaria, que do throno ou cadeira de Salomão: e notem os leitores que são estas palavras de uma das apologias que S. Jeronymo escreveu em defensa daquella nova versão da sagrada escriptura, que hoje se chama vulgata, e é de fé catholica: para que se veja quaes são os juisos dos homens, e quão impugnadas que costumam ser as obras de que Deus se quer servir. Não tinha esta de S. Jeronymo outro reparo mais que a gloria de ser sua e nova; mas sobre esta lhe arguia Rufino, e outros homens doutos, taes calumnias, que a queriam fazer não menos que heretica, como se só os antigos fossem catholicos, e a verdade sem cãs não fosse verdade. Uns o faziam por zelo, outros por inveja, muitos por malicia, todos por ignorancia.

E verdadeiramente que se bem apontamos os fundamentos destes impugnadores da novidade, e as razões daquella dura lei com que forçosamente querem que sigamos em tudo os antigos, e adoremos as suas pizadas, ou é porque teem para si que já se não po-

* Hier. præf. Pentateuch. ad Desiderium.

dem dizer coisas novas; ou que não ha capacidade nos modernos para as poderem descobrir e dizer: se o primeiro, grande injuria fazem á verdade e ás sciencias; se o segundo, grande affronta aos homens e á nossa idade: mas não me oiçam a mim, oiçam aos mesmos antigos; e começando pelos gentios, alumiados só pelo lume da razão, Seneca na epist. 64.° escreve ou ensina a Lucillo desta maneira: *Multum adhuc restat operis, multumque restabit; nec ullo nato post mille sæcula, præcludetur occasio aliqua adhuc adjicendi. Multum egerunt, qui ante nos fuerunt, sed non perierunt.* E na epist. 79.°: *Atqui præcesserunt, non præripuisse mihi videtur, quæ dici poterant, sed aperuisse; sed multum interest, utrùm ad consumptam materiam, an subactam accedas: crescit indies, et inventis inventa non obstant.* E Marco Tullio formando um perfeito orador no liv. de Oratore: *Nec verò Aristotelem in philosophicis deterruit ab scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia, et copia exterorum studio restrinxit* (Cic. de Orat.). Até aqui estes dois gentios, em que era ainda maior a soberba e presumpção, que a sciencia; e se estes sendo ambos eminentissimos nas suas artes não duvidaram confessar que havia ainda muito mais que andar, por inventar, que descobrir e saber nellas; porque havemos nós de esperar e affrontar tanto a nossa idade e os homens della, que cuidemos que já não podem adiantar as sciencias, nem dizer e accrescentar sobre ellas coisa de novo?

Seneca floresceu nos tempos de Nero, que vem a ser por boas contas, dezeseis seculos antes deste nosso; e se elle conheceu que os que nascessem d'alli a mil seculos, ainda teriam muito que dizer na mesma philosophia moral em que elle tanto e tão subtilmente disse; que muito é que se atreva a dizer alguma coisa nova a nossa idade, se ainda lhe restam por sua confissão novecentos e oitenta e quatro seculos (se tantos durar o mundo) para dizer e inventar muito de novo sobre o mesmo Seneca? Se depois do divino Platão (como pondera Tullio) não acovardaram os seus escriptos a Aristoteles para que não escrevesse, nem a admiravel sabedoria e copia do mesmo Aristoteles pôde apagar os fogosos espiritos de tantos philosophos, que depois delle e sobre elle

*

escreveram, sendo por commum approvação do mundo um dos maiores engenhos que produziu a Grecia e a mesma natureza; porque havemos de querer abbreviar as mãos do Auctor *della*, e cuidarmos que já não podem fallar de novo os homens presentes, e só lhes damos licença para decorarem e repetirem o que disseram os passados? Se assim fôra, debalde nos deu Deus o intendimento, pois nos bastava a memoria. Porque, como bem disse o mesmo Seneca, saber só o que os antigos souberam, não é saber, é lembrar-se: *Aliud est meminisse, aliud scire; meminisse, est rem commissam memoriæ custodire; at scire, est et sua facere quemque, nec ab exemplis pendere, et toties ad magistratus recurrere.* Estes taes haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os italianos dos allemães, que todos se occupam na erudição do passado, sem descobrir nem inventar coisa nova: muito alcançaram os antigos, e se lhes deve o primeiro louvor; mas ainda nos deixaram seus grandes talentos, em que exercitar os nossos.

E se isto é assim nas sciencias humanas, que será naquelle pégo immenso e profundissimo das divinas? Mas oiçamos tambem aos antigos dellas. David que veio ao mundo 3000 annos depois de sua creação, dizia confiadamente, que soubera e intendera mais que todos os velhos: *Super senes intellexi:* (Psal. CXVIII — 100) e estes velhos eram aquelles varões veneraveis da primeira antiguidade, Seth, Enoch, Mathusalem, Noé, Abrahão, Isaac, Jacob, José, Moysés, Josue, Melchisedech, Samuel, e tantos outros de igual sabedoria e nome. Desde a creação do mundo até á reparação delle, em que se contaram quatro mil annos, sempre os homens se foram excedendo na sabedoria divina, ainda que fosse diminuindo na idade: não é consideração minha, senão doutrina de S. Gregorio Papa: *Per incrementa temporum crevit scientia spiritualium Patrum; plus namque Moyses quàm Abraham, plus prophetæ, quàm Moyses, plus apostoli, quàm prophetæ in omnipotentis scientia eruditi sunt.** Ao passo que iam precedendo os tempos (diz S. Gregorio), ia juntamente crescendo a

* Greg. lib. 2. in Ezech. Homil. 16.

sabedoria dos antigos padres, conhecendo sempre mais de Deus os segundos que os primeiros. Moysés soube mais das coisas divinas que Abrahão; os prophetas mais que Moysés; os apostolos mais que os prophetas; e o mesmo que tinha succedido naquella primeira e antiga egreja, se experimenta depois na segunda, nova e mais perfeita, em que hoje estamos, de que ella tinha sido figura, porque passados os tempos de Christo, e de sua vida, em que a sabedoria eterna viveu humanada no mundo entre os homens (que foi um parenthesis excessivo, e infinito de luz, com a qual nenhum outro estado da egreja se póde comparar), nos seculos que depois foram succedendo, dos padres e doutores sagrados, sempre foram tambem crescendo, com novos e maiores resplandores, as sciencias divinas, accrescentando, illustrando e escrevendo muitas coisas de novo, os que vinham depois, sobre o que tinham sabido e ensinado os mais antigos.

Lactancio Firmiano, padre dos primeiros seculos da egreja, a quem tinham precedido os Dionysios Areopagitas, os Hierotheos, os Ignacios, os Polycarpos, os Ireneus, os Justinos, os Origenes, os Tertulianos, os Clementes Alexandrinos, no liv. 2.° *Divinarum Institutionum*, diz assim: *Nec qui nos illis temporibus antecesserunt, sapientia quoque antecesserunt; quæ si hominibus æqualiter datur, occupari ab antecedentibus non potest**. S. Jeronymo, que floresceu muito depois do mesmo Lactancio, e a quem precederam os Hippolytos, os Cyprianos, os Taumaturgos, os Arnobios, os Athanasios, os Basilios, os Theofilos, os Cyrillos, os Epifanios, augmentou e adiantou tanto o estudo das divinas lettras, que mereceu na eminencia dellas, por consenso e pregão universal da egreja, o renome de doutor Maximo, na apologia acima citada contra Rufino, escreve o santo doutor com a modestia com que costumam fallar os homens maiores, estas palavras: *Quid igitur damnamus veteres? Minimè sed post priorum studia in domo Domini, quod possumus, laboramus***. E convertendo-se no fim contra os vituperadores dos inventos novos, estranha muito

* Lactan, Firm. lib. 2 Divinar. Inst. 8.
** Hier. in præfat. Pentateuch. ad Desiderium.

que sendo o appetite ou gula humana tão ambiciosa de novos e exquisitos sabores, só nas sciencias, que são o sabor dos intendimentos, se contentam os homens com a vulgaridade ou velhice dos manjares usados: *Nam cùm nova semper expectant voluntates, et gulæ earum vicina maria non sufficiant, cur in solo studio scripturarum veteri sapore contenti sunt?*

São Gregorio Magno, que veio ao mundo para lhe dar melhor cabeça do que seu juiso e errados juisos merecem, depois dos outros dois Gregorios, Nazianzeno e Niceno, e do mesmo Jeronymo; depois dos Climacos, dos Procopios, dos Boecios, dos Cassianos, dos Theodoretos; depois dos Eucherios, dos Pascasios, dos Maximos, dos Paulinos, dos Cassiodoros; depois dos Ezichios, dos Chrysologos, dos Lezens, dos Anstruens, dos Fulgencios, e, o que é mais que tudo, depois de um Chrysostomo, de um Ambrosio, e de um Agostinho, penetrou tão altamente o espirito interior da theologia mystica e ascetica, que por applauso commum do concilio oitavo Toletano foi preferido a todos os doutores na doutrina ethica e moral, com aquelle famoso elogio: *In ethicis assertionibus præcunctis meritò præferendus.* Mas nem por isso depois de tantos e tão esclarecidos lumes da egreja deixaram de espalhar nella, em todos os seculos seguintes, novos raios de novas luzes os tres illustrissimos hespanhoes, Izidoro, Eugenio e Ildefonso; os Sofronios, os Eligios, os Bedas, os Damascenos, os Anselmos, os Theofilatos, os Euthymios, os Rupertos, um Bernardo, nome singular, e muitos outros, entre os quaes Ricardo Victorino defendendo modestamente alguma novidade que se acharia em seus livros, diz assim no prologo de um delles: *Non est magnum, vel mirum, si in uno aliquo, aliquid addere possumus, hæc propter illos dicta sunt, qui nihil acceptant, nisi quod ab antiquissimis patribus acceperunt: sed sicut Deus produxit novos fructus ad recreationem hominis exterioris, non credunt scientias impertire ad innovandos sensus hominis interioris**: Não se tenha por coisa grande (diz Ricardo), nem merecedora de admiração, que em alguma materia das que escrevemos, possamos accrescentar alguma

* Ricard. Victor. Tract. de Tabernaculo in Prolog.

coisa de novo, e digo isto por aquelles que nada admittem, nem lhes é aceito, senão o que primeiro foi recebido pelos antiquissimos padres: mas se Deus para sustento e gosto dos corpos produz incessavelmente todos os annos tantos fructos novos; porque não cuidarão, que tambem as sciencias podem produzir coisas novas para alimento e recreação das almas?

Não se podia explicar com mais clara comparação, nem provar-se com mais efficaz argumento, e desde aquelle tempo, que foi pelos annos de mil e trezentos a esta parte, se tem confirmado pela grandeza e liberalidade de Deus em todos os seculos, com mais repetidos exemplos que nos passados, porque não só alumiou a divina providencia pouco depois o mundo todo com aquellas duas tochas clarissimas e santissimas de theologia, Santo Thomaz e São Boaventura, mas antes e depois delles, para augmento ou competencia de suas mesmas luzes, as cercou de tão luminosas e resplandecentes estrellas, que em outra idade podiam ter nome de primeiros planetas, como foram um Alberto Magno, um Alexandre de Ales, e o famosissimo e subtilissimo Scoto, não só luz, senão fonte de luzes, as quaes depois deste doutissimo seculo se multiplicaram em tanto numero, que se póde com razão dizer do mundo, o que Deus disse a Abrahão do firmamento: *Numera stellas, si potes.* (Genes. LI — 5) E porque é materia impossivel e numero sem conto, fiquem em silencio (por mais que tão grande brado deram nas escólas) os Vasques, os Soares, os Molinas, os Valenças, os Bellarminos, os Canisios, os Toledos, os Lugos, os Caetanos, os Soutos, os Medinas, os Victorias, em cujos felicissimos e immensos escriptos se vêem tão adiantadas as letras divinas, que mais parecem novas, que renovadas. Digam agora os reprovadores das que elles chamam novidades, se se póde ainda sobre os antigos dizer alguma coisa de novo.

É por ventura o saber e dizer, patrimonio só da antiguidade, e morgado como o de Isaac, que dada a benção a Jacob não fica outra para Esaú? (Gen. XXVII — 37) São os antigos como os cantaros da Sarephtana (comparação de que usa Ruperto) que depois de cheios elles parou a fonte milagrosa, e não correu mais o oleo? (3. Reg. XVII per tot.) Houve neste grande occeano de

sciencias alguma náu Victoria, que désse volta a todo o mar; ou algum Gama, que passado o cabo de Boa Esperança a tirasse a todos os outros de novos descóbrimentos? E se depois deste famoso circulo do universo ainda ficaram mares e terras incognitas, que promettem novas emprezas e novos argonautas, que será na esfera da sabedoria e da verdade, cuja immensa e infinita circumferencia só a póde abraçar, o que é immenso, e comprehender, o que é infinito? Se depois dos antiquissimos tiveram que descobir os menos antigos, e depois dos que já não eram os primeiros, tiveram que inventar mais que os segundos; pórque não quererão os adoradores, ou aduladores da *antiguidade, que ainda* depois de tanto dito, haja mais que dizer, e depois de tanto escripto mais que escrever, e depois de tanto estudado e sabido mais que estudar e saber? Como temo que os que condemnam as coisas novas, são aquelles que não podem dizer senão as muito velhas, e póde ser, que muito remendadas! O avarento chama prodigo ao liberal. Ó covarde temerario ao *valente. O distrahido* hypocrita ao modesto; e cada um condemna o que não tem, por não confessar o que lhe falta. O grande padre Soares, que tanto tinha em si do que os antigos souberam, dizia que daria de alviçaras o que sabia, se lhe dessem o que ignorava, isto é, o que ficou aos vindouros para poderem saber e dizer de novo; mas querer precisamente que nos atemos em tudo aos passados, *é* querer atar os vivos aos mortos, crueldade que só se lê de Mesencio.

Fechemos este discurso, ou adocemos a dureza deste *rigor com* o mellifluo Bernardo, o qual, como sempre fallou pela boca da escriptura, assegura firmemente aos vindouros, que poderão ter maiores noticias das coisas, do que tiveram e alcançaram os antigos, e o prova e refere em dois textos ou dois exemplos, um de David, que affirmou que soubera mais que os passados; outro de Daniel, que prometteu saberiam mais os futuros: *David quoque super doctores suos, et seniores donum sibi intelligentiæ audacter præsumit, dicens: Super omnes docentes me intellexi. Sed et propheta Daniel, pertransibunt, ait, plurimi, et multiplex erit scientia, ampliorem scilicet rerum notitiam promittens et ipse posteris.* Atéqui São Bernardo escrevendo a Hugo de São Victor,

que tambem lhe tinha escripto lastimado da mesma chaga*. Todos os grandes engenhos tiveram sempre esta queixa, e todos se armaram destas apologias, porque todos disseram coisas novas; e nenhum careçeu de quem lh'as impugnasse: não ha coisa boa sem contradicção, nem grande sem inveja:

Si come crebbe l'arte
Crebbe l'invidia ecol sapere
Insieme ne icori infiati suoi
*Veneni ha sparsi***.

Mas antes de Petrarca, o tinha dito em Roma o nosso discreto hespanhol:

Esse quid hoc dicam, vivis quod fama negatur?
Et sua quod rarus tempora lector amat?
Hi sunt invidiæ nimirum, regule, mores,
Præserat antiquos semper ut illa novis.
Sic veterem ingrati Pompei quærimus umbram
Et laudant catuli Julia templa senes,
Ennius est lectus salvo tibi Roma Marone.
*Et sua riserunt sæcula Mæonidem****.

Os que mais queriam louvar a Christo, diziam que era um dos prophetas antigos, sendo elle a luz de todos os prophetas: (Matth. XVI — 14) e Herodes se persuadia que não podia ser senão o Baptista resuscitado, sendo aquelle a quem o Baptista não era digno de desatar a corrêa do sapato. (Marc. VI—6. Joan. I—27) Todas as coisas novas que se disserem nesta Historia, são aquellas que Deus tem promettido que ha de fazer, quando disse: *Ecce nova facio omnia.* (Apoc. XXI) Se acaso houver quem as impugne e contradiga, é porque nem Deus póde fazer coisa de novo, sem contradicção dos mesmos para quem as faz. A coisa mais

* D. Bern. de contemp, et epist. ad Hugonem de S. Vict.
** Petrarc. Triumph. de la Fama cap. 3.
*** Martial. lib. 5 epigr. ad regulum.

nova que Deus fez no mundo, foi aquella de que disse o propheta: *Creavit Dominus novum super terram: fœmina circumdabit virum.* (Jerem. XXXI — 22) E esta novidade foi o alvo das maiores contradicções, como tambem predisse outro propheta: *Signum cui contradicetur.* (Luc. II — 34)

Mas para que não pareça que defendo as coisas novas, por não ser necessario este escudo á minha Historia, respondendo á objecção da novidade della, digo que em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma coisa direi de novo: propriedade é dos futuros serem sempre novos todos, por isso os ultimos e mais distantes se chamam novissimos; mas ainda que esta Historia seja toda de coisas tão novas, nem por isso ella será nova. É uma Historia nova sem nenhuma novidade, e uma perpetua novidade sem nenhuma coisa de novo; como isto possa ser, explicarei por alguns exemplos.

Quando os romanos a primeira vez bateram os muros de Carthago com o ariete ou carneiro militar, ficaram os carthaginezes assombrados com a novidade daquella machina, e não era novidade, senão esquecimento; porque os primeiros inventores daquelle bravo instrumento tinham sido os mesmos carthaginezes; mas como havia muitos annos que gosavam da altissima paz, esquecia-se Carthago do que inventára Carthago, e sendo coisa antiga e sua, a tinha por novidade. Quero dizel-o com palavras do grande Tertulliano, cuja foi esta advertencia: *Arietem nemini umquam adhuc libratum, illa dicitur Carthago studiis asperrima belli, prima omnium armasse in oscillum penduli impetus. Cum autem ultimarent tempora patriæ, et aries jam romanus in muros quondam suos auderet, stupuere illico carthaginenses, ut novum extraneum ingenium. Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas**. De maneira que o ariete, de que Carthago tinha sido a primeira inventora, parecia instrumento novo aos mesmos carthaginezes, não por novo, senão por esquecido; não por novo, senão por muito antigo.

Muitas novidades se verão nesta nossa Historia, não novas por

* Tertul. lib. de pallio cap. 1.

novas, senão novas por antiquissimas. As pyramides e obeliscos que assombraram com tão nova e desusada grandeza o fôro romano (com boa venia dos padres conscriptos), depois de serem velhice no Egypto, foram novidade em Roma. Serão novas neste nosso livro coisas que foram primeiro que as que hoje se teem por antigas. A nova opinião dos céus fluidos, tambem recebida em nossos dias, primeiro foi que a antiga de Aristoteles, que com tão continuado applauso do mundo os fez solidos e incorruptiveis: nas sciencias nascem poucas verdades; as mais dellas resuscitam: se no mundo, como pouco ha dizia Salomão, não ha coisa nova, como se vêem cada dia tantas novidades no mundo? São novidades de coisas não novas, e taes serão as desta Historia. Quando Adão saiu flammante das mãos de Deus, abriu os olhos, e viu tanta coisa nova, e todas eram mais antigas que elle: nem eram ellas as novas; elle era o novo: a novidade da nossa Historia ha de ser mais dos leitores, que della. Para aquelle cego de seu nascimento, a quem Christo abriu os olhos, ainda que não eram novas as quantidades, porque as apalpava, foram novas as côres, porque as não via; já havia côres e luz, mas não havia olhos. Ao terceiro dia da creação produziu a terra todas as arvores carregadas dos seus fructos: senão fôra assim, não tivera occasião o preceito, nem tentação o peccado. Todos os fructos nasceram igualmente naquelle dia, as peras, os figos, as uvas, e tambem as fructas novas; mas estas tiveram este nome, porque chegaram mais tarde á nossa terra.

Por ventura aquella ametade do mundo, a que chamavam quarta parte, não foi creada juntamente com Asia, com Africa, e com Europa? E comtudo porque a America esteve tanto tempo occulta, é chamado Mundo Novo; novo para nós que somos os sabios; mas para aquelles barbaros, velho e muito antigo. Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas coisas faz novas o esquecimento, porque se não lembram; outras a escuridade, porque se não vêem; outras a ignorancia, porque se não sabem; outras a distancia, porque se não alcançam; outras a negligencia, porque se não buscam; e de todas estas novidades sem novidade, haverá muito nesta nossa Historia. Lembraremos nella muitas

coisas esquecidas, alumiaremos muitas escuras, descobriremos muitas occultas, poremos á vista muitas distantes, e procuraremos saber muitas ignoradas.

E por não deixarmos sem juiso a controversia disputada entre as coisas novas e as velhas; certamente entre umas e outras não se póde dar regra certa. O tempo umas coisas melhora, e outras corrompe: oiro velho, vinho velho, amigo velho: casa nova, navio novo, vestido novo: a velhice no oiro é preço, no vinho madureza, no amigo constancia, no vestido pobreza, no navio e na casa perigo; absolutamente nas coisas que se consomem com o tempo, melhores são as novas. Mais defendida está Roma com os muros de Urbano, que com os de Belisario; uns se conservam pelo que foram, outros pelo que são; em uns se admira a antiguidade, em outros se logra a fortaleza. A verdade e as sciencias, em que não tem jurisdicção o tempo, impropriamente se chamam novas, ou velhas, porque sempre são, sempre foram, e sempre hão de ser as mesmas, posto que nem *sempre se* conhecem igualmente. De Deus, que por essencia é sabedoria e verdade, disse Tertulliano judiciosamente, que nem é velho, nem novo, mas verdadeiro: *Germana Deitas nec de novitate, nec de vetustate, sed de sua veritate censeatur*. E como a verdade da nossa Historia toda (como vimos) tenha o seu principio em Deus, pedimos aos que a lerem, que assim no certo, como no provavel, nem se attenda se é velho, nem se repare se é novo, mas só se considere, se é, ou póde ser verdade: *Nec de novitate, nec de vetustate, sed de sua veritate censeatur.*

E quanto ao louvor que renunciamos facilmente, ainda que o mereceramos, digo com indifferença o que ensinou Christo: *Scriba doctus prefert de thesauro suo nova, et vetera*. (Matth. XIII — 59) Os doutos quando escrevem, tiram do seu thesouro as coisas novas, e mais as velhas: saber as velhas, e inventar as novas, isto parece que é ser douto. Mas notou Santo Agostinho, que não disse Christo as velhas e as novas, senão as novas e as velhas, dando o primeiro logar ás novas, porque as avaliou a summa justiça pelo merecimento, e não pelo tempo: *Non dixit, vetera, et nova, quod utique dixisset, nisi maluisset meritorum ordinem ser-*

*vare, quàm temporum**. As coisas velhas são do tempo, as novas do merecimento; porque as velhas são alhêas, as novas nossas. Todos dizem que os antigos merecem maior louvor, e é assim; mas este louvor, se bem se considera, não é elogio da antiguidade, senão da novidade. Merecem maior louvor os antigos, porque foram os primeiros inventores das coisas; logo da novidade é o louvor, pois o mereceram, quando as descobriram de novo. Se fôra outro o auctor desta Historia, folgára eu que se pudéra dizer delle com Vicencio Lirinense: *Per te posteritas gratulatur intellectum, quod ante vetustas non intellectu venerabatur.*

CAPITULO XII.

Da-se a razão, porque em algumas partes desta Historia se não allegaram padres, e seguiram exposições dos escriptores modernos.

Ainda que o nosso intento é seguir em quanto nos fôr possivel as pizadas dos antigos padres, como padres e lumes da egreja, depois dos apostolos (os quaes não entram nesta controversia, porque em tudo o que escreveram foram alumiados pelo Espirito Santo, e seguil-os como havemos de seguir em tudo, não é só obsequio e piedade, senão obrigação e respeito); e posto que o nosso desejo fôra levar sempre diante dos olhos esta segunda tocha, para alumiar e penetrar com sua luz, como diziamos, o escuro das prophecias; comtudo, porque não é, nem será possivel seguir em algumas coisas das que dizemos, ou dissemos, este nosso intento e desejo, pede a razão e ordem da mesma escriptura, que antes de passar mais adiante desfaçamos este reparo, para que os menos doutos, ou mais escrupulosos, não topem nelle, e levem desde logo intendidas as causas de que fizermos, e os fundamentos, licença ou auctoridade com que o fazemos. Vêr-se-ha em al-

* D. Aug. quæst. 16 in Matth.

gumas partes desta Historia, que ou não allegamos padres antigos, ou nos desviamos da explicação que deram a alguns logares da escriptura; o que não fazemos senão com grandes razões, sem offensa da reverencia que lhes devemos, nem da verdade que seguimos, antes para maior segurança e fundamento della, a qual é o nosso intento e obrigação buscar e descobrir adonde quer que se ache, antepondo este respeito a qualquer outro, pois á verdade se deve o maior de todos.

As razões que nos movem e obrigam, são tres: A primeira, porque os doutores antigos não disseram tudo. Segunda, porque não acertaram em tudo. Terceira, porque não *concordam em* tudo; e com qualquer destes casos nos póde ser, não só licito e conveniente, senão ainda necessario seguir, o que se julgar por mais verdadeiro, porque nas coisas, que não disseram, é forçoso fallar sem elles; nas coisas em que não acertaram, é obrigação apartar delles; e nas coisas em que não concordaram, é livre seguir a qualquer delles; e tambem será *livre e licito deixar* a todos, se assim parecer, como logo explicaremos.

PROVA-SE A PRIMEIRA RAZÃO.

Primeiramente é certo que os padres antigos não disseram tudo, e se prova claramente com a experiencia e lição de seus proprios livros, nos quaes se não acha memoria de muitas coisas grandes e doutas, achadas e accrescentadas depois, *não só nas* outras sciencias divinas, mas na intelligencia das mesmas escripturas sagradas, e particularmente nas dos prophetas, que nos tempos mais chegados a nós se descobriram, disputaram e intenderam como se lêem nos escriptores modernos; e posto que para os versados na lição de uns e outros bastava esta supposição somente apontada, porei aqui para os demais as palavras de dois grandes doutores, Castro e Canisio, ambos do seculo antecedente a este nosso, e ambos diligentissimos investigadores da antiguidade, e doutissimos na erudicção da escriptura, concilios e padres, os quaes expressamente affirmam que muitas coisas se sabem e intendem hoje que foram ignoradas dos padres antigos,

(como falla Castro) ou incognitas a elles, como mais certamente diz Canisio. As palavras deste segundo no livro primeiro de Beata Virgine cap. 7.º são as seguintes: *Domum habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel pror sus incognita erant, vel obscura, neque satis evoluta, quœ posteris diligentius excutienda, et clariùs illustranda, explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur.* E Castro no liv. 1.º *adversus hœreses*, cap. 2.º, depois de provar o mesmo com o logar do cap. 6.º dos Cantares, que abaixo citaremos, conclue assim: *Quo sit, ut multa nunc sciamus, quœ à primis patribus aut dubitata, aut prorsus ignorata fuerunt.* A qual differença se não conheceu só com a comprida experieneia dos nossos tempos, senão já nos mesmos padres se conhecia, como muitos delles escreveram, e particularmente entre os da primeira idade Tertulliano; e entre os da ultima Ricardo Victorino, cujas palavras de ambos referiremos neste mesmo capitulo.

A razão de muitas coisas que hoje se sabem serem incognitas aos padres antigos, se póde considerar, ou da parte de Deus, ou da parte das mesmas coisas. Da parte das mesmas coisas nos não devemos admirar que lhes fossem incognitas, por serem muitas dellas difficultosas, escuras e mui reconditas nas escripturas sagradas, e enigmas dos prophetas, as quaes se não podiam intender e penetrar só com a agudeza dos intendimentos, por sublimes e sublimissimos que fossem, em quanto não estavam assistidos de outras noticias e circumstancias, que só se descobrem com o tempo, e adquirem com larga experieneia.

Excellente exemplo é nesta materia o das sciencias e artes, ainda naturaes, as quaes em seus principios e rudimentos foram imperfeitas, e com os annos, experiencia e exercicio se vêem hoje sublimadas a tão eminente perfeição, como a nautica, a bellica, a musica, a architectura, a geographia, a hydrographia, e todas as outras mathematicas, e muito em particular a chronologia, de que neste mesmo capitulo fallaremos; e assim como estas mesmas sciencias e artes cresceram e se apuraram muito com o soccorro e apparelho de exquisitos instrumentos, que nellas se inventaram, como foi na nautica o astrolabio, a agulha, e o admi-

ravel segredo da pedra de cevar: e na bellica o terribilissimo e subtilissimo invento da polvora, que deu alma e ser a tantos e tão notaveis instrumentos de guerra: assim tambem poderam crescer e augmentar-se muito as sciencias divinas, e chegar á perfeição e eminencia, em que hoje se vêem com os instrumentos proprios dellas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o mundo pelo beneficio da impressão, com que a doutrina e sciencia particular dos homens insignes se faz commum a todos em tão distantes logares, não sendo menor a commodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das sciencias, no concurso de tantas e tão diversas universidades, *theatros* e officinas publicas de toda a sabedoria; commodidade de que no tempo dos padres se carecia, sendo necessario ao doutor Maximo São Jeronymo (como elle mesmo escreve) copiar com immenso trabalho os livros por sua propria mão, e peregrinar á Grecia, á Palestina, ao Egypto e ás Gallias para recolher os escriptos de S. Hylario, ouvir a S. Gregorio Nazianzeno, a *Didimo*, e aos mestres mais peritos na lingua hebraica; *inconvenientes* que *só* podia vencer e contrastar um tão alentado espirito e zelo de servir á egreja, como do grande Jeronymo, digno tanto de immortal louvor pela eminencia de sua sabedoria, como pelos gloriosos trabalhos e suores, com que a adquiriu e conquistou. (Hier. epist. XXII, e XL — 6)

Da parte dos mesmos padres se deve igualmente considerar, que deixaram de especular e dizer muitas coisas de grande importancia que depois se souberam e escreveram, porque se accommodaram á necessidade dos tempos em que viviam. Todo o intento dos padres antigos era provar a verdade da encarnação do Filho de Deus, e o mysterio de sua cruz, a qual na cegueira dos judeus (como diz S. Paulo) se reputava por escandalo, e na ignorancia dos gentios por estulticia; (1. ad Cor. I — 23) e como esta era a guerra e a conquista daquelles tempos, todas as armas da sagrada escriptura se forjavam e acostavam contra esta resistencia, e por isso os primeiros padres, e seus successores, nenhuma coisa buscavam nos livros sagrados, não só propheticos, senão ainda nos historicos, mais que os mysterios de Christo. É bom

testimunho desta verdade, o que diz Ruperto a Tristerico arcebispo coloniense no prologo dos seus commentarios sobre os prophetas menores: *Scito me, Pater mi, sicut in cæteris scripturis, ita et in volumine duodecim prophetarum operam dedisse, ad quaerendum Christum** . E como isto é o que só buscavam para escrever, isto é o que só achavam, ou o que só escreviam seguindo os sentidos allegoricos e mysticos, e deixando ou insistindo menos nos litteraes, como se vê ordinariamente em todas as exposições dos padres, que todas se empregam na allegoria, tocando muitas vezes só leve e superficialmente a letra, e talvez não sem alguma impropriedade e violencia. Assim o notaram entre os mesmos padres alguns mais modernos que os antigos, e outros menos antigos que antiquissimos.

Dos primeiros é Ricardo de São Victor, contemporaneo de S. Bernardo, no prologo sobre o propheta Ezechiel, onde confessa que se aparta de São Gregorio, por se não chegar ao sentido litteral do texto. Dos segundos é o mesmo São Gregorio, padre do sexto seculo depois de Christo, no proemio sobre o livro dos Reis, onde diz que lhe foi necessario em algumas partes não seguir os padres mais antigos, por não faltar ao fio, consequencia e verdadeira interpretação da historia: as palavras de São Gregorio não refiro aqui, porque terão seu logar mais abaixo: as de Ricardo, depois de referir como os antigos padres occupavam seu estudo principal na allegoria, são estas: *Hinc contigisse arbitror, ut literæ expositionem in obscurioribus quibusdam locis antiqui Patres tacitè præterirent, vel paulò negligentius tractarent, qui si pleniùs insisterent, multo perfectiùs proculdubio, quàm aliqui ex modernis, id potuissent*** . Quer dizer: que os padres antigos por applicarem toda a sua industria e engenho no sentido allegorico das escripturas, ou passaram totalmente em silencio, ou tractaram menos diligentemente alguns logares mais escuros dellas, sendo certo, segundo eram dotados de altissimos engenhos, e enriquecidos de muita sciencia e erudição, que se

* Ruper. in prolog. Commentar. super Proph. minor.
** Ricard. á S. Victor. in proleg. super Ezechiel.

insistissem no sentido genuino e litteral do texto, o poderiam conseguir mais perfeitamente, que qualquer dos modernos. De maneira, que segundo a verdade desta advertencia vem a ser a *differença* entre os padres antigos e os commentadores modernos das escripturas, a mesma que houve naquelles dois homens do evangelho, ambos ricos e venturosos. Um que achou o thesouro e deu quanto tinha por comprar o campo em que elle estava; outro que buscando só margaritas, e achando uma preciosissima, empregou tambem nella quanto tinha. (Matth. XIII — 44 e 46) Os padres antigos, que buscavam só nas escripturas a Christo, e nesta preciosissima margarita empregavam todo o *cabedal do seu* estudo; os modernos, que se não determinam no thesouro das escripturas a um só genero de riquezas, acham, além da mesma margarita, muitas outras pedras tambem preciosas, e tiram daquelle thesouro (como dizia Christo) *nova e vetera*, riquezas novas e velhas; as velhas, que são as noticias das verdades já passadas; as novas, que são o conhecimento das outras *futuras*.

Finalmente se deve considerar este silencio das coisas que não disseram os padres, da parte de Deus, o qual com particular providencia não quiz que elles por então as soubessem e escrevessem, para que a egreja, nossa mãe, se parecesse com seu Esposo, e, conforme os annos e idade, fosse tambem crescendo em luz e sabedoria. Assim o notou, além de muitos outros theologos, o mesmo Canisio, continuando o logar acima citado: *Quæ posteris diligentiùs executienda, et clariùs illustranda explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur, non verò homini tantùm, sed etiam ecclesiæ Christi tempus auget sapientiam, et Spiritus Sanctus aliam, atque aliam doctrinæ lucem patefacit.* No cap. 6.º dos Cantares, donde o Esposo é Christo e a esposa a egreja, estão prophetisados os progressos que ella havia de ter, e se comparam com extremada propriedade á luz da aurora: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora consurgens?* Porque assim como a aurora nasce das trevas da noite e começa ao primeira luz, e nella vae sempre crescendo de menor para maior claridade, assim a egreja, nascida nas trevas da ignorancia e infidelidade, começou em menos luz de sabedoria, e vae sempre

crescendo e augmentando-se mais e mais de resplandor em resplandor, de claridade em claridade, que são os termos de que usa S. Paulo na segunda epistola aos Corinthios: *Nos verò omnes revelata facie gloriam Domini speculantes, in eandem imaginem transformamur a claritate in claritatem.* (2 ad Cor. III — 18) Fallava o apostolo do veu da infidelidade com que os judeus teem cobertos os olhos para não vêr a Christo, e diz que nós os christãos, que somos os membros de que se compõe a egreja, tirado pela fé aquelle veu, com os olhos abertos e desempedidos por meio da propria especulação e estudo, imos crescendo de claridade em claridade, não já passando das trevas á luz, senão de uma luz para outra, sempre maior e mais clara, transformando-se por este modo a egreja na imagem do seu mesmo Esposo, Christo. Porque assim como Christo, posto que sua sabedoria foi sempre igual e a mesma (em quanto Deus infinita e em quanto homem consummadissima), comtudo nos actos exteriores e manifestação della ao mundo, a não mostrou toda junta, senão que a foi dispensando por partes, crescendo sempre nella ao passo que ia crescendo nos annos, como diz o evangelista São Lucas: *Proficiebat sapientia, et ætate.* (Luc. II — 52) Assim a egreja, que é o corpo mystico do mesmo Christo, transformando-se na sua imagem e retratando-se nelle, e por elle, vae sempre crescendo mais e mais na luz e na sabedoria, á medida que cresce nos annos e na idade: *Crescere igitur oportet, et multum, vehementerque proficiat, tam singulorum, quàm omnium, tam unius hominis, quàm totius ecclesiæ ætatum, ac sæculorum gradus intelligentia, scientia, sapientia,* disse doutamente Vicencio Lorinense.

De sorte que vae crescendo a intelligencia, a sciencia e a sabedoria pelos mesmos gráus do tempo, com que vão passando os annos, os seculos e a idade; e isto não só na egreja universal, e em commum, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo e os raios, de que a sua luz se compõe. D'onde se deve reparar e advertir (coisa que devêra já estar mui notada e advertida) que os doutores antigos e mais velhos, propria e rigorosamente fallando, não são os passados, senão

os presentes; nem aquelles que vulgarmente são chamados os antigos, senão os que hoje e nos tempos mais chegados a nós se chamam modernos; porque assim como nos annos de Christo houve infancia, puericia e adolescencia, e depois idade perfeita; assim nos annos e duração da egreja ha a mesma distincção e successão de idades, com que o corpo mystico della vae crescendo, e augmentando-se sempre mais até chegar a encher a perfeição ou medida da mesma idade de Christo, como expressamente disse São Paulo fallando dos mesmos doutores: *Alios autem pastores, et doctores, ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in ædificationem corporis Christi: donec occurramus omnes in unitatem fidei, et agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in mensuram ætatis plenitudinis Christi.* (Ad Ephes. IV — 11, 12 e 13) D'onde se segue, que os doutores da infancia, da puericia e da adolescencia da egreja foram os modernos e da sciencia moderna. E os doutores da idade maior e mais provecta da egreja, são os mais velhos e mais antigos; e da sciencia *mais antiga*, porque a egreja não se compõe das paredes mortas, senão dos membros vivos; nem foi crescendo dos nossos annos para os primeiros, senão dos primeiros para os nossos: e seria não só contra a ordem da natureza, senão contra a decencia da mesma idade, que não fosse mais sabia a egreja nos maiores annos, do que tinha sido nos menores.

Dizem contra isto os hereges (como notou Banhes) que a egreja não está hoje mais alumiada, senão cada vez menos; e do mesmo sol tiram o argumento desta sua cegueira. Dizem que Christo é o sol da egreja e aquella primeira verdadeira luz: *Quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*, (Joan. I — 9) e que quanto mais se vão apartando os nossos tempos do tempo em que Christo viveu entre os homens, tanto os raios da sua luz são mais tenues, mais escassos, e menos intensos, bem assim como a luz do sol material, e qualquer outra, alumia e aquenta mais aos que lhe ficam mais visinhos, e menos aos que estão mais remotos e mais distantes. Mas a apparencia desta razão é tão *falsa* como todas as de seus auctores; porque ainda que Christo corporalmente se apartou dos homens, espiritualmente e por particu-

lar e invisivel assistencia, sempre ficou com elles e os assistirá (dentro porém da sua egreja) até o fim do mundo, como prometteu a todos os verdadeiros discipulos de sua doutrina, quando lhes disse: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* (Matth. XXVIII — 20) Tambem deixou em seu logar por segundo mestre de sua escóla ao Espirito Santo, igualmente Deus, como elle, o qual com a mesma e não differente luz, não só alumia a egreja com os mesmos resplandores da verdade, mas segundo a disposição de sua providencia, os vae descobrindo maiores a seu tempo, ensinando e declarando aquellas occultas e altissimas verdades, que por menos capacidade dos discipulos deixou Christo de lh'es dizer, quando por si mesmo os ensinava; dizendo-lhes porém (para que o judeu não duvide da assistencia do Espirito Santo á egreja e cabeça della), que o Espirito lhes ensinaria: *Adhuc multa habeo vobis dicere: sed non potestis portare modo. Cùm autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem.* (Joan. XVI — 12 e 13)

E porque a perfidia heretica se nos não queira acolher por pés, (como imprudentemente fazem ainda em logares igualmente claros de outras escripturas) fugindo para os tempos antigos, em que elles confessam que a egreja esteve verdadeiramente alumiada: oiçam ao antiquissimo Tertulliano: *Regula quidem fidei una omnino est, sola, immobilis, et irreformabilis: hac lege fidei manente, cætera jam disciplinæ, et conversationes admittunt novitatem correctionis, operante scilicet, et proficiente usque in finem gratià Dei. Quale est enim, ut diabolo semper operante, et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, opus Dei aut cessaverit, aut proficere destiterit, cum propterea Paraclitum miserit Dominus, ut quoniam humana mediocritas omnia semel capere non poterat, paulatim dirigeretur, et ordinaretur, et ad perfectum produceretur disciplina ab illo Vicario Domini Spiritu Sancto. Quæ est ergo Paracliti administratio, nisi hæc, quod disciplina dirigitur, quòd scripturæ revelantur, quòd intellectus reformatur, quòd ad meliora perficitur?* Não me detenho em roman-

* Tertul. lib. de velam: Virgin. in princip.

cear as palavras, porque são em summa tudo o que atégora temos dito; só peço se pondere aquella nova e bem achada razão de Tertulliano: *Quale est enim ut diabolo semper operante, et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia*, etc. Se o demonio sempre obra, e não desiste de accrescentar cada dia novos erros e novos enganos com que impugnar, e novas trevas, com que diminuir e escurecer a luz da verdade e resplandor da egreja, como havia o Espirito Santo de cessar em accrescentar sempre nella novas luzes contra essas trevas, novas verdades contra esses erros, nova claridade contra esses enganos, e novas victorias contra esse inimigo, e seus sequazes? Em sua mesma cegueira tem o herege a prova da maior luz da egreja; por isso disse São Paulo: *Oportet hæreses esse**, e esse é o bem que tira de tão grande mal aquella sapientissima providencia, que, como doutamente disse Santo Agostinho, teve por maior gloria de sua grandeza fazer dos males bens, que não permittir os males.

Assim que os que quizerem reconhecer os augmentos da sabedoria, em que sempre mais vae crescendo a egreja, com os annos, não devem tomar a similhança do sol e da luz, senão a da fonte e do rio; a que o mesmo Christo comparou sua doutrina, quando disse: *Si quis sitit, veniat ad me, et bibat. Qui credit in me, sicut dicit scriptura, flumina de ventre ejus fluent aquæ vivæ. Hoc autem dixit de spiritu, quem accepturi erant credentes in eum.* (Joan. VII — 37, 38 e 39) A luz que sáe do sol, quanto mais distante, mais se vae enfraquecendo e diminuindo: mas o rio que nasce da fonte, quanto mais caminha e mais se aparta de seu principio, tanto mais se engrossa, porque vae recebendo novas correntes e novas aguas, com que se faz mais largo, mais profundo, mais caudaloso. Tal é a sabedoria da egreja, entrando sempre nella as purissimas correntes da doutrina de tantos doutores catholicos e sapientissimos, que cada dia a augmentam com novos e tão excellentes escriptos em uma e outra theologia, de que o nosso seculo tem sido mais fecundo e abundante que todos até hoje. A sabedoria da egreja no alu-

* D. Paul. ad Cor. XI — 19.

miar é luz, e no correr é rio, rio daquella mesma fonte, e luz daquelle mesmo sol, que é Christo, conservando juntamente as luzes e claridade das aguas, e as aguas os resplandores das luzes naquella milagrosa metamorphose, que se conta no cap. 10.° de Esther: *Parvus fons, qui crevit in fluvium, et in lucem solemque conversus est, et in aquas plurimas redundavit.* (Esther X — 9) Christo sol com propriedade de fonte, a egreja luz com propriedade de rio, e por isso sempre mais alumiada, sempre mais vestida de resplandores.

E como por esta providencia particular de Deus, e pela difficuldade e escuridade de muitos logares da escriptura, e pela applicação dos padres, a confirmação de outras verdades e a resistencia de outras batalhas proprias daquelles tempos deixaram de escrever algumas coisas, com que a egreja depois se foi alumiando e illustrando, não é muito que nestas, que elles não disseram, fallemos e hajamos de fallar sem elles: nem isto se nos deve imputar a menos veneração dos mesmos padres doutissimos e santissimos; porque não querer descobrir, nem saber o que elles não disseram, antes é vicio da ociosidade, que virtude da reverencia, como bem conclue o mesmo Ricardo Victorino acima allegado: *Sed nec illud tacitè prætereo, quod quidem ob reverentiam Patrum nollent ab ipsis omissa attentare, nec videatur aliquid ultra maiores præsumere, sed inertiæ suæ hujusmodi velamen habentes otio torpent, et aliorum industriam in veritatis investigatione, et inventione derident, subsannant, et ex sufflant sed qui habitat in cœlis, irridebit eos, et Dominus subsannabit eos**. Leam e temam esta sentença os que culpam, os que não querem ser culpados nella, e advirtam que tambem é um dos padres o que isto disse.

* Ricard. á S. Victor. supr. relatus.

SEGUNDA RAZÃO.

Discorre-se sobre as coisas que no tempo dos padres houve para alguns logares dos prophetas não poderem ser intendidos inteiramente.

Em segundo logar diziamos que os padres não acertaram em tudo: e posto que puderamos provar a verdade deste fundamento com a demonstração das coisas em que não acertaram, lembrados porém da reverencia que os filhos devem aos paes, e da benção que mereceram aquelles dois honrados filhos, *Sem e Japheth*, quando voltaram as costas, e apartaram os olhos do que em seu pae Noé podia ser menos decente: (Gen. IX — 23) nós tambem lançaremos a capa sobre esta materia, deixando tão indigno assumpto a Luthero, Calvino, Beza e Wikleph, e outros legitimos herdeiros do impio e irreverente Cam.

Não negamos, comtudo, que houve muitos auctores catholicos e pios, em cujos livros se podem vêr por junto estes exemplos, os quaes elles escreveram não por menos reverencia que tivessem aos antigos padres, por sua sabedoria e santidade, e igualmente merecedores da eterna veneração; mas por zelo da verdade, necessidade de doutrina, e cautela dos mesmos doutos que lessem as suas obras. Bem assim como os que pintam cartas de marear signalam no vastissimo e profundissimo Occeano os baixos (poucos e rarissimos, se se compararem com a immensidade de suas aguas) para maior vigilancia e segurança dos que as navegam. Escreveram neste genero doutissimamente Sixto Senense em todo o quinto e sexto livro de sua Bibliotheca Santa: Ferdinando Vilocilo, bispo de Luca, nas Advertencias Theologicas sobre cinco padres da egreja; Affonso de Castro, *Adversus hæreses;* Antonio Possevino no Apparato Sacro; o cardeal Cesar Baronio em muitos logares de seus Annaes; Melchior Cano *de Locis Theologicis*, e outros. Este ultimo no liv. 7.° cap. 3.° diz assim: *Auctores canonici, ut superni cœlestes divini stabilem perpetuamque conscientiam servant; reliqui verò scriptores sancti, inferiores, et humani sunt, deficiuntque interdum, ac monstrum quandoque*

pariunt propter convenientem ordinem, institutumque naturæ.

Mas entre estes exemplos naturaes da fragilidade humana, podemos lêr em prova delles outros dos mesmos padres, em que confessando com alta humildade e modestia, que podiam errar como os homens, nos ensinam no conhecimento que tinham de si, e nós devemos ter de nós, quão verdadeiramente eram santos, e por isso mesmo sapientissimos. Porei aqui as palavras de dois maiores doutores, um de theologia escolastica, e outro da positiva, Santo Agostinho, e S. Jeronymo: Santo Agostinho na epistola 3.ª, escrevendo a Tertulliano desta maneira: *Neque enim quorumlibet disputationes quamvis catholicorum, et laudatorum hominum, velut scripturas canonicas laudare debemus, ut nobis non liceat (salva honorificentia, quæ illis debetur) aliquid in eorum scriptis improbare, ac respuere (si fortè invenerimus, quod aliter senserint quàm veritas habet) divino adjutorio, vel ab aliis intellecta, vel à nobis; talis ego sum in scriptis aliorum, tales volo esse intellectores meorum.* As sciencias e regulações dos auctores, posto que sejam catholicos, mui louvados e estimados por sua sciencia e doutrina, não as devemos lêr como escripturas canonicas de tal sorte, que nos não seja licito (salva a reverencia de suas pessoas) reprovar e não seguir algumas coisas das que disseram, quando acharmos por outra via a verdade, ou melhor intendida por outros, ou tambem por nós. Este é o modo (diz Santo Agostinho) com que eu leio os escriptos dos outros, e com que quero que sejam lidos os meus. O mesmo sentia S. Jeronymo, assim dos escriptos alhêos como dos proprios, cujas palavras na epistola a Theophilo contra os erros de S. João Hierosolymitano são estas: *Scis me aliter habere apostolos, aliter aliquos tractores illos semper vera dicere: istos in quibusdam ut homines aberrare.* Só os apostolos, como alumiados por Deus, disseram a verdade em tudo; os outros homens, como homens erram, e podem errar, diz o doutor Maximo: e se o fundamento dos erros humanos é o effeito natural de serem os homens homens, bem se segue que nenhum homem se póde livrar desta pensão da humanidade, por douto e sapientissimo que seja. Exemplo seja o prodi-

gioso livro das retractações de Santo Agostinho, mais digno de veneração por aquella obra, que por todas as outras suas; o qual proseguindo a mesma sentença de S. Jeronymo no liv. 2.º de baptismo, contra os donatistas cap. 5.º, diz assim com admiravel piedade e juiso: *Homines sumus, unde aliquid aliter sapere, quàm se res habet, humanæ tentatio est: nimis autem amando sententiam suam, vel invidendo melioribus usque ad prescindendæ communionis, et condendi schismatis vel hæresis sacrilegium pervenire, diabolica præsumptio est; in nullo autem aliter sapere, quàm se res habet, angelica perfectio est.* De maneira que seguindo Santo Agostinho, errar em alguma coisa é fraqueza de homens; acertar em tudo, é perfeição de anjo; e querer defender seu parecer até romper a caridade e união da egreja, é presumpção de demonios; e como os santos padres fossem obedientissimos filhos da egreja catholica, a cujo supremo juiso sujeitaram sempre todos os seus escriptos, se em alguma coisa desacertaram, como dissemos ou suppomos, é argumento só, de que foram homens, e não eram anjos.

Mas para que se veja a occasião ou occasiões que tiveram para não acertar com a verdadeira intelligencia de algumas escripturas, principalmente as dos prophetas, que é o fim para que isto suppomos; direi agora o que da ponderação das mesmas escripturas propheticas, e das exposições dos padres sobre ellas, e das opiniões, que eram communs e recebidas entre os doutos, quando elles escreveram, tenho colhido. E ponho aqui (tanto de melhor vontade) esta minha advertencia, em que não acabei de cair de todo, senão depois de muitos annos de estudo e lição dos mesmos padres, quanto della se póde colher facilmente; e sem menos louvor de sua grandeza e sabedoria, quão impossivel coisa lhes era acertarem naquelle tempo, em aquellas supposições, com o verdadeiro intendimento de alguns logares dos prophetas, que elles interpretaram em alhêo e differente sentido.

A primeira occasião que os padres tiveram para não poderem intender em seu tempo o sentido litteral e historico daquelles textos propheticos, era a falta que então havia no mundo da verdadeira e exacta cosmographia, e a errada opinião, ou de que o

globo da terra não era perfeitamente espherico, ou de que as partes oppostas ás que naquelle tempo se conheciam, eram não só desertas, senão ainda inhabitaveis. Este sentimento que foi de muitos philosophos antigos, se tinha entre os padres por verdade muito certa e averiguada, negando geralmente a opinião, ou fama, de haver os que então já se chamavam antipodas: posto que os principios porque os padres os negavam, não eram entre todos os mesmos razões philosophicas, em que alguns se fundavam, que então (antes da experiencia) tinham nome de razões, e hoje depois dellas nos parecem ridiculas.

Descreve Lactancio Firmiano, que era um dos padres, e muito douto daquelle tempo, e zombando elegantissimamente dos que tinham a opinião contraria, discorre assim: *Quid illi, qui esse contrarios vestigiis nostris antipodas putant? Num aliquid loquuntur? Aut est quisquam tam ineptus, qui credat esse homines quorum vestigia sint superiora quàm capita? Aut ibi quæ apud nos jacent inversa pendere? Fruges, et arbores deorsum versas crescere? Pluvias, et nives, et grandinem sursum versus cadere in terram? Et miratur aliquis hortos pensiles, inter septem mira narrari, cùm philosophi, et agros, et urbes, et maria, et montes pensiles faciant? Hujus quoque erroris aperienda nobis origo est... Quæ igitur illos antipodas ratio produxit? Videbant syderum cursus in occasum meantium. Solem, atque lunam in eandem partem semper occidere, atque oriri semper ab eadem. Cùm autem non perspicerent quæ machinatio eorum cursus temperaret, nec quomodo ab occasu ad Orientem remearent, cœlum autem ipsum in omnes partes putarent esse devexum; quod sic videri propter immensam latitudinem necesse est; existimarunt rotundum esse mundum sicut pilam: et ex motu syderum opinati sunt cœlum volvi. Sic astra, solemque, cum occiderint, volubilitate ipsa mundi ad ortum referri; itaque æreos orbes fabricati sunt quasi ad figuram mundi, eosque cælorum portentosis quibusdam simulacris, quæ astra esse dicerent. Hanc igitur cœli rotunditatem illud sequebatur; ut terra in medio sinu ejus esset conclusa; quod si ita esset, etiam ipsam terram globo similem; neque enim fieri posset ut non esset rotundum, quòd*

rotundo conclusum teneretur. Si autem rotunda etiam terra esset, necesse esset, ut in omnes cœli partes eandem faciem gerat, id est, montes erigat, campos tendat, maria consternat; etiam sequebatur ut nulla sit pars terræ, quæ non ab hominibus, cæterisque animalibus incolatur: sic pendulos istos antipodas cœli rotunditas adinvenit; quod si quæras ab his, qui hæc portenta defendunt, quomodo ergo non cadunt omnia in inferiorem cæli partem? Respondent hanc rerum esse naturam, ut pondera in medium ferantur, et ad medium connexa sint omnia sicut radios videmus in rota; quæ autem levia sunt, ut nebula, fumus, ignis, ita à medio deferantur ut cœlum petant. Quid dicam de his? Nescio; qui cum semel aberraverint, constánter in stultitia perseverant, et vana vanis defendunt, nisi quod eos interdum puto, aut joci causa philosophari, aut prudentes, et scios mendacia defendenda suscipere, quasi ut ingenia sua in malis rebus exerceant vel ostentent.*

Atéqui Lactancio, não se rindo menos dos que naquelle tempo tinham esta opinião, do que nós hoje nos podemos rir delle: por isso não duvidei de copiar esta pagina de latim, que para os que bem o intendem, sei de certo não será larga por sua materia e elegancia; e muito menos para os que o não intendem, porque o passarão mais brevemente. O mesmo peço eu que façam os que não teem necessidade de vêr a traducção della, que agora se segue, para que não fiquem com o sentimento, de quão mal se póde trasladar á nossa lingoa a elegancia da latina. «Que direi daquelles (diz Lactancio), os quaes tiveram para si, que ha no mundo outros homens que andam com os pés virados para nós, a que chamam antipodas? Por ventura dizem estes alguma coisa que tenha fundamento, ou póde haver homem de tão pouco juiso, que se lhe metta na cabeça que ha homens que andem com a cabeça para baixo, e que todas as coisas que aqui estão em pé, e direitas, lá estejam penduradas? Que as arvores cresçam para a parte inferior? Que a chuva cáia para cima? E que os que hão

* Lactant. Firm. lib. 3, divin. instit. cap. 23.

de colher os fructos, hajam de descer aos ramos, e não subir? E espantamo-nos, que os hortos pensiles se contem entre as sete maravilhas do mundo, quando ha philosophos que fazem campos pensiles, mares pensiles, e cidades pensiles, em que as torres e os telhados estão pendurados para baixo? Mas será bem que digamos a origem d'onde teve principio este erro, e que razão moveu ou levou estes homens a uma coisa tão irracional, como haver antipodas. Viam que o sol, a lua, e estrellas, saíam sempre do Oriente, e entravam pelo Occaso; viam, ou cuidavam que viam, que este céu que nos cobre, tem figura de uma abobada (sendo que esta representação não a faz a figura do céu, senão o termo e fraqueza de nossa vista) e não intendendo o modo porque esta machina se governa, vieram a imaginar que o mundo era redondo como uma bola, e assim fingiam que havia no céu varios orbes de materia solida como bronze, em que estavam esculpidas essas imagens e corpos portentosos, a que chamamos estrellas e planetas.

Desta redondeza ou rotundidade do céu, inferiam e assentavam que tambem a terra era redonda; e accommodando-se naturalmente a figura do corpo exterior, e maiór, dentro do qual estava mettida e torneada desta maneira, e feita redonda a terra, tiravam por segunda consequencia que tambem havia de estar povoada de homens e de animaes, em todas as partes, como está nesta em que vivemos; assim que, a imaginada rotundidade do céu foi a inventora destes antipodas pendurados: e se perguntarmos aos defensoros deste portento como póde ser, que os homens que fingem com os pés para cima, se lhes não despeguem da terra, e como não cáem por esses ares abaixo, respondem que é o pezo natural da terra, que de todas as partes inclina para o centro, assim como os raios de uma roda todos vão parar ao eixo, e que assim como do mesmo eixo sáem os raios para a roda, assim as coisas pesadas vão buscar o meio; as coisas leves, como o fogo, os fumos, as nevoas, sobem direitas para as diversas partes do céu, de que a terra está cercada. O que se haja de dizer de taes homens, e de taes intendimentos, não o sei; só digo que depois de terem caido no primeiro erro, perseveram constantemente na sua

ignorancia, defendendo umas coisas vãs, com outras tão vãs como ellas; sendo que algumas vezes cuido que não dizem nem escrevem isto de sizo, senão por jogo e zombaria, e que sabendo muito bem que tudo o que dizem são fabulas e mentiras, as defendem comtudo para ostentar habilidade e engenho, empregando tão bons intendimentos em tão más coisas.»

Este é o discurso de Lactancio no terceiro *Divinarum Institutionum*, cap. 23, e foi bem que o deixasse tão miudamente escripto, para que soubessemos o que naquelle tempo se sabia do mundo; e para que saiba o mesmo mundo quanto deve aos portuguezes primeiros descobridores de seus antipodas. Santo Agostinho tambem teve a mesma opinião de Lactancio, posto que lhe não contentaram os seus fundamentos, os quaes impugna no livro das suas cathegorias; mas no liv. 16 *de Civitati Dei*, resolve que se não deve crêr que ha antipodas, com palavras de tanta segurança, como as seguintes: *Quòd verò et antipodas esse fabulantur, id est, homines à contraria parte terra, ubi sol oritur, quando occidit nobis, adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est; nec hoc ulla historia cognitione didicisse se affirmant; sed quasi ratiocinando conjectant.* E quanto á fabula dos que fingem que ha antipodas (diz Santo Agostinho), isto é, homens da outra parte do mundo, onde o sol lhes nasce a elles, quando se põe a nós, e que pizam a terra com que os voltados para os nossos, como nós para os seus, é coisa que de nenhum modo se ha de crêr, nem seus auctores o provam com alguma historia que tal affirme, e só o conjecturam por discursos. Não dissera isto o sapientissimo doutor, se já naquelle tempo estiveram escriptas as historias dos portuguezes; mas esté é o maior louvor da nossa nação (como disse um orador della), que chegaram os portuguezes com a espada, onde Santo Agostinho não chegou com o intendimento.

A razão de Santo Agostinho com que negou os antipodas, ainda encarece mais este louvor nosso, porque o argumento em que se funda é este. Todos os homens que se propagaram e estenderam pelo mundo, são descendentes de Adão, como consta da escriptura: logo segue-se que não ha nem póde haver antipodas, por-

que se os houvera, haviam de ter passado á outra parte do mundo, por cima da immensidade do mar Oceano; e é grande absurdo dizer que os homens pudessem fazer tal navegação. Esta é a razão de Santo Agostinho, e este o famoso elogio, que sem saber de quem fallava, disse o famoso e illustrissimo africano, dos portuguezes conquistadores depois de sua patria: *Nimisque absurdum est* (são palavras suas no mesmo logar) *ut dicatar aliquos homines ex hac in illam partem, Oceani immensitate trajecta, navigare, ac pervenire potuisse, ut etiam illic ex uno illo primo homine genus institueretur humanum.*

Esta mesma opinião foi commum entre os outros padres da egreja, e assim a lemos expressa, ainda antes de Lactancio, em S. Justino, e antes de Santo Agostinho em Santo Hilario, em S. João Chrysostomo, S. Basilio, e Santo Ambrosio, e muitos annos e seculos depois em Procopio, Theophilato, Euthymio, e outros, uns fundando-se nas razões já referidas, e todos naquella tão celebrada dos philosophos historiadores e poetas, que não só faziam inhabitavel a zona torrida, mas suppunham tão grande incendio nella, pela visinhança do sol, que de nenhum modo se podia passar: *Media verò terrarum* (diz Plinio) *quà solis orbita est, exusta flammis, et cremata, cominus vapore torretur. Circa duæ tantùm inter exustam, et rigentes temperantur: et æque ipsæ inter se non perviæ propter incendium sideris.* (Plin. lib. 2 cap. 68) Este incendio da zona torrida ainda em tempos tão chegados aos nossos, era um dos mais forçosos argumentos, com que os reprovadores da empreza do infante Dom Henrique a impugnavam, e tinham por impossivel aquelle descobrimento, como referem as nossas historias. A estas razões propriamente philosophicas, e a este discurso, accrescentavam os padres outras theologicas, e alguns textos da escriptura sagrada, que antes da experiencia parecia affirmarem, ou definirem claramente, que debaixo da terra não havia outra coisa mais que a agoa. Assim o argumentava Procopio sobre o primeiro capitulo do Genesis, dizendo: *Quòd autem universa terra in aquis subsistat, nec ulla sit pars ejus, quæ infra nos sita sit, aquis vacua, et denudata hominibus, notum reor, nam sic docet scripturo: Qui expandit terram super*

*aquas: et iterum: quia ipse super maria fundavit eum**. O primeiro logar é do psalmo 135, e o segundo do psalmo 23. E verdadeiramente que as palávras de um e outro são tão claras, que se a vista dos olhos não tivera ensinado o contrario, parece se deviam intender assim; e que Deus, que tudo póde, para mostrar sua omnipotencia tinha fundado a terra sobre a agoa.

Assim o cuidou Tales Milezio, um dos sete sabios de Grecia, com muitos outros philosophos**, os quaes referiam os tremores da terra, á inconstancia deste fundamento de sua natureza tão pouco solido; mas depois que a experiencia nos mostrou, que debaixo, ou da parte opposta a esta terra, ha *outros habitadores*, que são os antipodas, a emenda deste engano nos ensinou tambem a intender aquelles textos de David, cujo verdadeiro sentido é este. Quando Deus creou o mundo, no principio estava o elemento da terra coberto com o elemento da agoa, e a agoa sobre a terra, conforme o logar que se devia á sua dignidade e nobreza, como elemento que é mais nobre; mas como por esta causa ficasse a terra vazia e inhabitavel, como notou o texto: *Terra autem erat inanis, et vacua;* (Genes. I — 2) o que fez a providencia divina foi apartar a agoa de cima da terra, e dar-lhe outro logar, que é o que hoje tem o mar, para que ficasse a terra superior a elle, e podesse produzir e ser habitada: *Et dixit Deus: Congregentur aquæ in locum unum, et appareat arida.* (Ibid. — 9) E porque a terra por este modo ficou superior á agoa, por isso diz David, que a terra está sobre ella, isto é, superior a ella, *e não* inferior e debaixo, como de antes estava, e por sua natureza devia estar. Repito o texto todo, para que da consequencia delle se veja melhor a verdade e clareza desta exposição: *Domini est terra, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi, qui habitant in eo: quia ipse super maria fundavit eum, et super flumina præparavit eum.* (Psal. XXIII — 2 e 3) Deus é o Senhor da terra, e de todos seus habitadores; e porque é Senhor da terra? Porque a fundou: e é Senhor de seus habitadores; porque fa-

* Procop. in Gen. relatus à Siato Senens. liv. 5 annot. 12.
** Aristot. de cælo cap. 13, et apud Senéc lib. 3 quæst. natural cap. 13.

zendo que fosse superior ao mar, e aos rios; a fez habitavel; e essa é a energia da palavra *præparavit;* porque fazendo a terra superior á agoa, a preparou e accommodou a que se podesse habitar: *Ratio cur Dominus terræ, omniumque in ea rerum sit Deus* (diz Lorino), *quoniam terram ipse fecit, et supereminere aquis fecit, ut habitare posset.* E não é muito que Lorino intendesse melhor este texto da terra e do mar, que Procopio; porque Procopio não sabia que havia mar e terra habitada dos antipodas, e Lorino sim; mas vamos a outros logares mais impossiveis de intender, antes do conhecimento dos antipodas.

Referem-se varios logares dos prophetas que os expositores modernos intendem dos antipodas e conquistas de Portugal.

Começando pelo mesmo David, aquelle verso do psalmo 67: *Regna terræ cantate Deo, psallite Domino: psallite Deo, qui ascendit super cœlum cœli ad Orientem; ecce dabit voci suæ vocem virtutis,* diz Genebrardo, Viegas, Mendonça, e outros auctores, que falla da conversão dos reinos e terras do Oriente, convertidas á fé por meio da prégação dos portuguezes, e descobertas por elles. D'onde notou advertidamente Viegas, que no mesmo psalmo tinha dito David: *Cantate Deo psalmus, dicite nomini ejus, iter facite ei, qui ascendit super Occasum, Dominus nomen illi:* (Ibid. XXIII — 5) para mostrar que a fé e conhecimento de Deus, primeiro havia de vir ás terras mais occidentaes, que são as que habitamos, e depois havia de passar ás do Oriente, que são aquellas que descobrimos, conquistámos, alumiámos com a luz do evangelho; e esta é a virtude que Deus deu ás vozes da sua voz (isto é, ás vozes dos seus prégadores: *Ecce dabit voci suæ vocem virtutis.* (Psal. LXIV — 9)

Todo o psalmo 64 explica Bazilio Ponce da nova conversão das indias, assim orientaes, como occidentaes, e são tão proprios desta explicação muitos logares delle, que, ainda os que não tiveram tal pensamento, não poderam deixar de dizer o mesmo. Lorino commentando o verso 9: *Turbabuntur gentes, et timebunt qui habitant terminos à signis tuis: exitus matutini, et vespere*

delectabis. Intendem pelos habitadores dos termos da terra as gentes orientaes e occidentaes, e assim expliça as palavras: *Exitus matutini, et vespere, pro hominibus, qui habitant ubi exit dies, et ubi exit nox, hoc est, pro orientalibus, et occidentalibus.*

De maneira, que os homens de quem aqui falla David, são aquelles que estão nos dois ultimos fins e extremos da terra, onde nasce o dia, e onde nasce a noite. Uns nos fins do Oriente, que são os das indias orientaes; e outros nos fins do Occidente, que são os das indias occidentaes. Esta terra, uma e outra, diz o propheta, que visitaria Deus, e que a regaria como regou com a agoa do baptismo: *Visitasti terram, et inebriasti eam.* (Psal. LXIV — 10) E accrescenta com grande energia, que multiplicaria o Senhor o enriquecel-a. *Multiplicasti locupletare eam;* porque tendo lhe já dado as maiores riquezas temporaes, que são as minas do oiro e prata, os diamantes, os rubis, as perolas, e outros tantos thesouros sobre estes, lhe havia de dar tambem as riquezas espirituaes, e a graça, com que fiçasse cada uma não só rica, mas multiplicadamente rica: *Multiplicasti, etc.* E porque para isto era necessario que o bravissimo e indomito Occeano se sujeitasse aos homens, e se deixasse arar de seus lenhos, o que até áquelle tempo não consentia; tambem dizia David, que fazia Deus esta mudança em suas ondas: *Qui conturbas profundum maris, sonum fluctuum ejus.* Ou, como lê S. Jeronymo e Theodosio: *Componens, sedans mulcens sonitum, cavitatem, latitudinem, et profunditatem maris.* (Ibid. — 8)

Finalmente, porque não duvidassemos que mares eram estes; declara o propheta, que não haviam de ser aquelles que lavam as terras e praias visinhas a nós, senão os mares de muito longe, e do terras e gentes muito remotas: *Spes omnium finium terræ, et in mari longè:* Ibid. — 6) ou como tem o hebreu: *Maris remotorum:* e não carece de mysterio, e grande mysterio, o proemio com que David introduziu tudo o que atéqui temos dito, que foi com estas palavras: *Sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.* (Ibid. — 5) Como se dissera: antes de se prégar o evangelho a estas terras, ou a estes mundos do Oriente e do Occidente, parece que vós, Senhor, e vossa egreja, não guardaveis

igualdade com os homens, pois havendo tantos annos, e tantos seculos, que alumiastes a uns com a luz da fé, permittistes até-gora por vossos occultos juisos, que os outros estivessem ás escuras (argumento que puzeram os Japões a S. Francisco Xavier). Porém depois que a fé, e o evangelho, e o conhecimento e culto do verdadeiro Deus, tem passado os mares, chegado ás mais remotas nações do Oriente, agora sim, que podemos dizer que a vossa egreja é admiravel na igualdade, porque tracta igualmente a todos: *Sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.*

Salomão que succedeu a David, não só na corôa, mas tambem no espirito de prophecia, em muitos logares dos seus Canticos deixou tambem prophetisadas estas maravilhas da nossa idade: neste sentido explicam alguns modernos aquellas palavras no cap. 4.°: *Surge Aquilo, et veni auster, et perfla hortum meum, et fluent aromata illius.* (Cant. IV — 16) Como se dissesse Christo fallando do seu jardim, que é a egreja: que saisse delle o norte, e viesse o sul; isto é, que saissem da egreja as orações do norte, como se sairam nestes tempos por meio da heresia, e que entrassem na mesma egreja as orações do sul (que são as do novo mundo), como entraram por meio da fé. Ao qual sentido, que é mui proprio e verdadeiro, podemos applicar as palavras de Honorio: *Siquidem inauditam hæresim per malignos homines diabolus mentibus fidelium infudit, qua totum ortum ecclesiæ, quasi quadam septa vitiavit; sed rex gloriæ Christus suis auxilium præbuit, dum universam hæresim per sapientes destruxit, et de horto suo flagello anathematis expulit; expulso autem Aquilone, auster hortum intravit.* Segue-se logo no texto: *Et fluent aromata illius.* As quaes palavras intendidas assim como soam, que outra coisa dizem senão os interesses temporaes que trazem as náus da India, por estes espirituaes, que levam quando veem carregadas dos aromas e especies aromaticas daquellas partes?

Assim o tinha dito o mesmo Salomão no verso antecedente, com admiravel propriedade e energia. Falla das missões que fazem áquellas partes os prégadores da fé, e diz: *Emissiones tuæ paradisus malorum punicorum cum pomorum fructibus.* (Ibid. IV — 13) As vossas missões são um paraiso de que se não colhem

fructos de arvores, senão fructos de fructos: *Cum pomorum fructibus*. Porque pelo fructo espiritual que vão fazer os missionarios, veem de lá os fructos temporaes, com que Portugal se enriquece; e se vão faltando os segundos fructos, é porque tambem vão faltando os primeiros de que elles nascem: mas que fructos são estes? Disse o mesmo Salomão: *Cypri cum nardo, nardus, et crocus, fistula, et cinnanomum cum universis lignis Libani, myrrha, et aloe cum omnibus primis unguentis:* A canella, a canafistola, o sandalo, o benjoim, as aquilas, os calambucos, e todo o outro genero de especies adoriferas e aromaticas, que são as mesmas que veem da India.

No cap. 7.° diz assim o mesmo Salomão, ou a esposa, que é a egreja, fallando com seu Esposo Christo: *Mandagoræ dederunt odorem. In portis nostris omnia poma: nova, et vetera servavi tibi.* (Cant. VII — 13) As mandragoras são os prégadoaes da fé, como diz S. Gregorio: *Quid per mandragoram, herbam scilicet medicinalem, et odoriferam, nisi virtus perfectorum intelligitur? Qui dum imperfectorum infirmitatibus medentur in fide, quam prædicant in portis nostris, ecclesiæ verè medici esse comprobantur**. Com o cheiro destas mandragoras, e com a doutrina destes prégadores, que ajuntou para seu Esposo os fructos novos aos velhos: assim o interpretam os Setenta: *Nova, et vetera servavi tibi;* (Cant. VII — 13) porque aos christãos antigos, que eram os da Europa, ajuntou a egreja estes novos, que são os da nova gente que se descobriu no Oriente e no Occidente, que são as *portas* de que falla a esposa: *In partis nostris*. Uma porta por onde o sol sáe ao nosso hemisferio, que é a do Oriente, e outra por onde entra aos antipodas, que é a do Occidente. Assim intendem este logar alguns auctores que refere Cornelio, resumindo todo o sentido delle nestas palavras: *Nonnulli per nova opinantur hic notari novi orbis inventionem, et conversionem ad Christum: novus enim hic orbis continet peruanos, mexicanos, brasilios, et chilenses; est dimidium totius orbis, ut patet ex globo cosmographico, jam per religiosos S. Dominici, S. Francisci, et so-*

* D. Greg. 8. apud. P. Alapid. hic. § Audi.

*cietatis Jesus totus pene subjacet ecclesia. Sic in india orientali, hoc saeculo, et praecedenti per eamdem propagatur fides ad Japones, ubi plurimi pro fide certant usque ad martyrià lentorum ignium apud chinenses, moluccenses, et ceilanos**. De maneira que os fructos novos, que a egreja por meio do cheiro destas mandragoras medicinaes e odoriferas ajuntou aos velhos e antigos, são os do Perú e Mexico, do Brazil e Chili, e os do Japão e China, das Malucas e Ceilão; uns nas portas do Oriente, outros nas do Occidente: *Mandragoræ dederunt odorem suum*: Parece que estavam esquecidos, mas não estavam senão guardados para este tempo: *servavi*.

Em quasi todo o cap. 8.º repete Salomão a mesma conversão das indias, e particularmente naquellas palavras: *Soror nostra parva, et ubera non habet: quid faciemus sorori nostræ in die quando alloquenda est? Si murus est, ædificemus super eum propugnacula argentea: si ostium est, compingamus illud tabulis cedrinis.* (Cant. VIII — 8 e 5) Atégora foi escurissimo este logar, mas são admiraveis os mysterios, e mais admiraveis ainda as propriedades delle. Ludovico Legionense nos commentarios sobre este livro, intende por esta irmã mais moça da esposa a egreja da gentilidade novamente convertida á fé: *Sub persona hujus sororis natu minoris, et parum forma præstantis, cujus desolatione sponsa solicitari dicitur, multi significantur populi atque gentes longè à nostro orbe remotæ, ad Christum adducendæ nova quadam evangeli tradendi ratione; hoc est, significatur hispanorum navigationibus reperti orbis, ejusque incolarum ad Christi fidem nuper facta conversio.*

Ainda que a egreja toda seja uma, como a destas novas gentilidades veio ao conhecimento de Christo tanto depois, que não foram menos que mil e quinhentos annos, por isso lhe chama Salomão irmã menor, e pequena: *Soror nostra parva est*, não pela grandeza das terras, e numero das gentes, em que é maior, ou, quando menos, igual a toda a egreja antiga; mas pela menoridade do tempo, e da idade em que se converteu: e diz com

* Alap. hic § Denique.

rumo da navegação. Da mesma conversão dos chinas faz outra vez menção Isaias no cap. 11 v. 14, o qual explica larga e eruditamente Maluenda, seguindo a Foreyro, ambos varões mui doutos da familia dominicana*.

O mesmo propheta Isaias no cap. 60: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant; et quasi columbæ ad fenestras suas? Me enim insulæ expectant, et naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longè; argentum, eorum, et aurum eorum cum eis, nomini Domini Dei, tui, et Sancto Israel, quia glorificavit te. Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos, et reges eorum ministrabunt tibi.* (Isai. LX — 8, 9 e 10) Nestas palavras está prophetisada admiravelmente a conversão das indias occidentaes; assim as explicam o mesmo Cornelio, Bozio, Aldrovando, e outros, com bem notaveis propriedades. Chama o propheta ás indias occidentaes, ilhas: *Me enim insulæ expectant***. Porque todas aquellas vastissimas terras, em quanto se tem descoberto, estão rodeadas de mar, e bastava para se chamarem assim, a immensidade de mares que as dividem do mundo antigo; além de que estas terras no principio eram chamadas com o nome de Antilhas, como se lê na historia de seu descobrimento: as nuvens que voam a estas terras para as fertilisar: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant,* são os prégadores do evangelho, levados do vento pelo mar como nuvens; e chamam-se tambem pombas: *Et sunt columbæ ad fenestras suas;* porque levam estas nuvens a agoa do baptismo sobre que desceu o Espirito Santo em figura de pomba, que são os dois termos que desde o principio do mundo andaram sempre juntos na significação do baptismo. No 1.º cap. do Genesis: *Spiritus Domini ferebatur super aquas:* (Gen. I — 3) e no 3.º de S. João: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sancto.* (Joan. III — 3) Mas o mesmo Bozio, e Aldrovando, ainda advertiram no nome e similhança de pomba, outra propriedade mais aguda, tirada do descobrimento das mesmas indias, de cujas terras e navegação foi o primeiro descobridor Christovão Colombo;

* Isai. cap. 11, v. 14, Apud. Alap. hic. vers. 16 § nota.
** Alapid. hic. et Bozius, Ulysses Aldrovand ibi relati.

e dizem que a isto alludiu o propheta chamando Columbas, ou Columbos, a todos os que seguem a mesma derrota e navegação das indias: *Nomine columbæ alludit ad Christophorum Columbam: qui nobis iter ad illas oras primus aperuit**. Bem assim, ou muito melhor, e com mais verdade do que disseram os gentios, que os argonautas, quando foram conquistar o vello de oiro a Colchos, levaram por guia uma pomba:

> *Et qui movisti duo littora cum rudis argus,*
> *Dux erat ignoto missa columba mari.*
> Prosp. lib. 2. eleg. 26.

Os Potosis e outras minas de prata e oiro, que juntamente com as almas para a egreja haviam de conquistar estes argonautas, tambem as não esqueceu o propheta: *Et adducam filios tuos de longè, argentum eorum, et aurum eorum cum eis.* Muito oiro, muita prata, e muitos filhos para a egreja, e tudo de muito longe: e porque não ficassem em silencio as frotas das indias: *Et navis maris in principio;* ou como lê Foreyro do hebreu: *Et naves maris cum primaria, seu prætoria:* que faziam esta navegação muitas náus, não divididas, senão em frota, com sua capitania.

Finalmente, que homens peregrinos edificariam os muros da egreja naquellas terras: *Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos;* e que os ministros de tudo isto seriam os mesmos reis, como fazem com tanta piedade os reis catholicos: *Et reges eorum ministrabunt tibi.*

É tambem illustre logar em Isaias, aquelle do cap. 41.º *Egeni, et pauperes quærunt aquas, et non sunt: lingua eorum siti advehit. Ego Dominus exaudiam eos, non derelinquam eos. Aperiam in supinis collibus flumina, et in medio camporum fontes: ponam desertum in stagna aquarum. et terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum, et lignum olivæ: ponam in deserto abietem, ulmum, et buxum simul; ut videant, et sciant, et recogitent, et intelligant pariter,*

* Apud. A Lap. hic. § Quocirca.

quia manus Domini fecit hoc. (Isai. XLI — 17, 18, 19 e 20) Quantos pobres e miseraveis estão morrendo á sede por falta de agua, isto é, vivendo na gentilidade sem agua do baptismo? Mas eu (diz Deus) que tambem sou Senhor destes, os ouvirei e não me esquecerei delles: *Ego Dominus exaudiam eos:* nestes seus montes e desertos secos e estereis, abrirei fontes e rios mui copiosos; e por mais que essas terras sejam sem caminho, eu abrirei caminho por onde a ellas cheguem as aguas, de que tanto necessitam: *Et terram inviam in rivos aquarum;* e d'onde atégora se não colheu fructo, eu farei que se colha muito copioso e de todo o genero: *Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum,* etc. Para que intenda e conheça o mundo quão poderoso sou, e que esta obra é de minha mão: *Ut videant, et sciant quia manus Domini fecit hoc**. São Cyrillo, São Jeronymo, Procopio e Theodoreto intendem este texto da conversão das gentilidades, que Deus havia de converter por meio da prégação do evangelho, mas não nos disseram que gentes estas fossem, ou houvessem de ser, porque as não conheciam; porém os doutores modernos nos dizem quaes ellas são. O padre Cornelio depois do reverendissimo Claudio aquaviva geral da sua religião, diz assim: *Hoc etiam hodie in Japone, Brasilia, China, aliisque Indiarum provinciis impleri magna lætitia conspicimus***: que se cumpriu e está cumprindo esta prophecia no Japão, no Brazil, na China.

Atéqui andámos com Isaias pelas terras firmes; vamos agora ás ilhas, que são as primeiras por onde os nossos descobrimentos começaram. No cap. 58.º falla Isaias das obras grandes, que fará o homem misericordioso; e como a maior obra e a maior misericordia de todas é tirar almas do inferno, como se tiram as dos gentios, quando por meio da luz da fé se lhes mostra o caminho da salvação, diz umas palavras o propheta, que bem ponderadas, de nenhum outro homem se podem intender á letra senão do nosso infante santo D. Henrique, primeiro auctor dos descobrimentos portuguezes, cujo principal intento naquella empreza,

* Omnes apud. A Lapid. hic § Dabo.
** P. Corn. ad XLIV. Isai. v. 19.º § Dabo in fine.

como dizem todas as nossas historias, foi o puro e piedoso zelo da dilatação da fé e conversão da gentilidade. As palavras de Isaias são estas: *Et ædificabuntur in te deserta sæculorum, fundamenta generationis, et generationis suscitabis, et vocaberis ædificator sepium avertens semitas in qui etem.* (Isai. LVIII — 12) Em vós se povoarão os desertos dos seculos; vós lançareis os fundamentos de uma e outra geração; vós sereis chamado edificador das cercas, e fareis que os que sempre andam, tenham assento.

Taes foram em tudo as obras do infante D. Henrique, continuadas depois pelos reis de Portugal, que levaram adiante o que elle começou: primeiramente nelle e por elle se povoaram os desertos dos seculos, porque muitas ilhas, que desde o principio do mundo, por tantos seculos, estiveram desertas e incognitas e despovoadas, como era a ilha da Madeira, as Terceiras, ou dos Açores, elle as descobriu, povoou e edificou, e de ilhas desertas que antigamente eram, estão hoje tão povoadas e populosas, e tão ennobrecidas de famosas cidades e sumptuosos edificios: *Ædificabuntur in te deserta sæculorum;* e assim como nestas ilhas ermas e desertas lançou este glorioso principe os primeiros fundamentos da geração humana, fazendo que fossem povoadas de homens; assim em outras ilhas, que estavam povoadas de barbaros, como eram as Canarias, e de Cabo Verde, lançou tambem os fundamentos da geração divina, fazendo por meio da prégação e luz do evangelho, que esses barbaros gentios conhecessem a Deus e fossem gerados em Christo: *Fundamenta generationis, et generationis suscitabis.* O meio que para esta segunda e mais importante geração tomaram os religiosissimos principes de Portugal, foi mandarem religiosos por todas as conquistas, de grande virtude e letras, fundando e edificando conventos de diversas ordens; e por isso diz o propheta, que seria chamado o primeiro auctor desta obra, edificador de cercas, que são, como aqui notam alguns expositores, as cercas e claustros das religiões: *Et vocaberis ædificator sepium**. Finalmente, não calla o propheta o fructo que desta santa industria se seguiu em todas estas gentilidades

* A Lap. hic § Multo magis, et § Tales ædificatores.

de barbaros, e foi, que andando de antes vagamente pelas brenhas, como animaes silvestres, se aquietassem e tomassem assento, e vivessem como homens, que isso quer dizer, *Avertens semitas in quietem*. Neste sentido tão proprio e litteral explica Bocio este texto de Isaias; mas antes que escreva as suas palavras, quero pôr aqui as do nôsso João de Barros, referindo o que desta empreza do infante sentiam e murmuravam, os que lhes parecia inutil e infructuosa: —

« *Os reis passados deste reino* (diziam elles) *sempre dos reinos alheios para o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoações, e elle quer levar os naturaes portuguezes a povoar terras ermas por tantos perigos do mar, de fome e sedes, como vemos que passam os que lá vão: certo que outro exemplo lhe deu seu padre poucos dias ha, dando os maninhos de lavra junto a Coruche, a Lambert de Orches, allemão, que os rompesse e povoasse, com obrigação de trazer a elle moradores estrangeiros de Allemanha, e não mandou seus vassallos passar além-mar, rompar terras, que Deus deu por pasto dos brutos; e bem se viu quanto mais naturaes são para elles, que para nós, pois em tão poucos dias uma coelha multiplicou tanto, que os lançou fóra da primeira ilha, quasi como admoestação de Deus, que ha por bem ser aquella terra pastada de alimarias, e não habitada por nós; e quando quer que nestas terras de Guiné se achasse tanta gente como o infante diz, não sabemos que gente é, nem o modo de sua peleja; e quando fosse tão barbara, como sabemos que é a das Canarias, a qual anda de penedo em penedo ás pedradas como cabras contra quem os quer offender; nós que proveito podemos ter de terra tão esteril e aspera, e captivar gente tão mesquinha? Certo nós não sabemos outro, senão virem elles encarentar mantimento da terra, e comerem nossos trabalhos e por cobrarmos um comedor destes, perdermos os amigos e parentes.* » — (Bar. Dec. 1.ª lib. 1.º cap. 4.º fl. 9.ª)

Isto é o que philosophavam e diziam os prudentes e politicos daquelle tempo, que sempre são os instrumentos mais apparelhados que o mundo e o demonio teem para impedir as obras de Deus: mas estas terras ermas foram as que pelo zelo e constan-

cia daquelle principe se vêem hoje tão povoadas, cultivadas e ricas: e estes barbaros, que como animaes andavam saltando de penedo em penedo, são os que hoje vivem com tanto assento, humanidade, ordem e politica christã, e não só elles, senão infinitos outros. As palavras promettidas de Bocio liv. 2.º no cap. 7.º são as que se seguem: *Idem perfectum videmus insulis, quas Terceras vocant; Hispaniæ in Oceano ad jacentibus Occidentem versus; similiter in Canariis, quas nomine promontorii viridis appellant Sancti Laurentii, Ascensionis, et in aliis, quæ Africæ littora respiciunt: amplius cunctisque quas Oceanus aluit latissimis etiam regionibus Indiarum, sive Orientem, sive Occidentem solem, vel Austrum, Boream ve spectantibus idem contingit. Neque sinis ullus hujusque apparet, oppida innumera, et civitates pulcherrimæ passim conduntur, in quibus constituuntur cætus hominum, excitantur fundamenta generationis, et generationis eorum, qui bestiarum modo prius incertis sedibus vagabantur, et in stabulis ipsis habitabant**. Atéqui este auctor doutissimo, o qual no mesmo liv. 2.º cap. 3.º explica muitos outros logares de Isaias, das ilhas que os portuguezes conquistaram para Christo, e nomeadamente de Ceylão, Maldivas, Zocotorá, Japão, Javas, Molucas e outras: chama a estas ilhas o propheta, ilhas de longe, como no cap. 49.º *Audite insulæ, et attendite populi de longè:* (Isai. XLIX — 1) e no cap. 66.º *ad insulas longè ad illos, qui non audierunt de me***: pelas quaes ilhas intendiam todos antigamente Italia e Hespanha, por estarem quasi cercadas uma do Mediterraneo, outra do Oceano; mas verdadeiramente nem são ilhas, senão terra firme; nem se podem chamar de longe em comparação das que depois descobrimos, e com toda a propriedade são ilhas, e ilhas de muito longe.

Ponhamos fim a Isaias com um celebradissimo texto do cap. 18.º, o qual foi sempre julgado por um dos mais difficultosos e escuros de todos os prophetas, e é este: *Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopiæ, qui mittit in mare lega-*

* Bosius tom. 2. signo 88. Apud A Lap. hic § Ulterius.
** Idem LXVI — 19. D. Hier. hic. A Lap. § Italium.

tos, et in vasis papyri super aquas. Ite angeli veloces ad gentem convulsam, et dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est alius; ad gentem expectantem, et conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus. (Isai. XVIII — 1)

Trabalharam sempre muito os interpretes antigos por acharem a verdadeira explicação e applicação deste texto; mas nem atinaram, nem podiam atinar com ella, porque não tiveram noticia nem da terra, nem das gentes de que fallava o propheta. Os commentadores modernos acertaram em commum com o intendimento da prophecia, dizendo que se intende da nova conversão á fé daquellas terras e gentes tambem novas, que ultimamente se conheceram no mundo com o descobrimento dos antipodas; e notaram alguns com agudeza e propriedade, que isso quer dizer a energia da palavra: *Ad gentem conculcatam*[*]: gente pizada dos pés, porque os antipodas, que ficaram debaixo de nós, parece que os trazemos debaixo dos pés, e que os pizamos; mas chegando mais de perto á gente e terra, ou provincia, de que se intende a prophecia, tambem os modernos não acertaram atégora com o sentido proprio, germano, e natural della, e este é o que nós havemos de descobrir, ou escrever aqui, pelo havermos recebido de pessoa douta e versada nas escripturas, que havendo visto as gentes, pizado as terras, e navegado as aguas de que falla este texto, acabou de o intender, e verdadeiramente o intendeu, como veremos, e verão melhor os que tiverem lido as exposições antigas e modernas delle.

Cornelio teve para si, que falla o propheta de Ethiopia e do Preste João: mas Ethiopia não está além de Ethiopia, como diz o texto. Maluenda, com os outros que cita, intende dos chinas e japões, e applica á navegação dos portuguezes[**]. Paraphraste Caldeu por estas palavras: *Chaldeus interpres hæc verba Isaiæ in hunc modum reddidit: Væ terræ, ad quam veniunt cum navibus à terra longinqua, et vela sua extendunt, ut Aquila volans*

[*] Legionensis, et Montan. in Abdiam in fine. Forerius hic. Varab. et Bosius tom. 2. de natu Ecclesiæ lib. 20. sig. 4.

[**] Corn. hic § Verum nec. Maluenda hic.

alis suis appositè in Indiam, quæ quondam remotarum gentium frequentibus navigationibus petebatur, et nunc ab extremo Occidente lusitanorum victricibus classibus aditur; quæ etiam ipsas sinarum oras prætervectæ Japonorum insulas tenent. Mas esta exposição e a de Mendonça e Rebello (que intendem o texto geralmente da India Oriental) tem contra si tudo o que logo diremos. José da Costa, tão versado nas escripturas como na geographia e na historia natural das indias occidentaes, Ludovico Legionense, Thomaz Bosio, Arias, Montano, Frederico, Lumnio, Martim del Rio, e outros dizem (e bem), que fallou Isaias da America e Novo Mundo, e se prova facil e claramente*. Porque esta terra que descreve o propheta, está além da Ethiopia: *Trans flumina Æthiopiæ;* e é terra depois da qual não ha outra: *Ad populum post quem non est alius.* Estes dois signaes tão manifestos só se podem verificar da America, que é a terra que fica da outra banda da Ethiopia, e que não tem depois de si outra terra senão o vastissimo mar do Sul. Mas porque Isaias nesta sua descripção põe tantos signaes particulares, e tantas differenças individuantes, que claramente estão mostrando que não falla de toda a America, ou Mundo Novo em commum, senão de alguma provincia particular delle; e os auctores allegados nos não dizem que provincia esta seja, será necessario que nós o digamos, e isto é o que agora hei de mostrar.

Digo primeiramente, que o texto de Isaias se intende do Brazil, porque o Brazil é a terra que direitamente está além e da outra banda da Ethiopia, como diz o propheta: *Quæ est trans flumina Æthiopiæ,* ou como verte e commenta Vatablo: *Terra, quæ est sita ultra Æthiopiam: (quæ Æthiopia scatet fluminibus)* e o hebreu ao pé da letra tem, *de trans flumina Æthiopiæ.* (Apud. A Lap. hic.) A qual palavra *(de trans)* como notou Maluenda, é hebraismo, similhante ao da nossa lingua. Os hebreus dizem *(de trans)* e nós dizemos, *detraz;* e assim é na geographia destas terras, que em respeito de Jerusalem considerado o circulo que

* Omnes citantur á P. del Rio Adagio 723 Refert. A Lap. § Vœ in fine.

faz o globo terreste, o Brazil fica immediatamente detraz de Ethiopia.

Diz mais o propheta, que a gente desta terra é terrivel: *Ad populum terribilem;* e não póde haver gente mais terrivel entre todas as que teem figura humana, que aquella (quaes são os Brazis) que não só matam seus inimigos, mas depois de mortos os despedaçam, e os comem, e os assam, e os cozem a este fim, sendo as proprias mulheres as que guizam e convidam hospedes a se regalarem com estas inhumanas iguarias; e assim se viu muitas vezes naquellas guerras, que estando cercados os barbaros, subiam as mulheres ás trincheiras, ou palissadas, de que fazem os seus muros, e mostravam aos nossos as panelas em que os haviam de cozinhar. Fazem depois suas frautas dos mesmos ossos humanos, que tangem e trazem na boca, sem nenhum horror, e é estylo e nobreza entre elles não poderem tomar nome senão depois de quebrarem a cabeça a algum inimigo, ainda que seja a alguma caveira desenterrada, com outras ceremonias crueis, barbaras, e verdadeiramente terriveis: em logar *de gentem conculcatam*, lê o Siro, *Gentem depilatam**: gente sem pelo; e taes são tambem os brazis, que pela maior parte não teem barba, e no peito e pelo corpo teem a pelle liza e sem cabello, com grande differença dos europeos.

Estes são os signaes communs que nos aponta o propheta daquella terra e gente; mas porque assignala miudamente outros mais particulares, e que não conveem a toda a gente e terra do Brazil, é outra vez necessario que nós tambem declaremos a provincia e gente em que elles todos se verificam; e esta gente e esta provincia, mostraremos agora que é a que com toda a propriedade chamamos Maranhão, que por ser tão pouco conhecida, e menos nomeada nos escriptores, não é muito que a falta de suas noticias lhe tivesse atégora escurecido e divertido a honra deste famoso oraculo do mais illustre propheta, que tão expressamente tinha fallado nesta gente.

Diz pois o propheta, que são estes homens uma gente, a quem

* A Lap. hic § Ad gentem.

os rios lhe roubaram a sua terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.* E é admiravel a propriedade desta differença, porque em toda aquella terra, em que os rios são infinitos, e os maiores e mais caudalosos do mundo, quasi todos os campos estão alagados e cobertos de agua doce, não se vendo em muitas jornadas, mais que bosques, palmares e arvoredos altissimos, todos com as raizes e troncos mettidos na agua; sendo rarissimos os logares por espaço de cento, duzentas, e mais legoas, em que se possa tomar porto, navegando-se sempre por entre arvores espessissimas de uma e outra parte, por ruas, travessas e praças de agua, que a natureza deixou descobertas, e desempedidas do arvoredo; e posto que estes alagadiços sejam ordinarios em toda aquella costa, vê-se este destroço e roubo, que os rios fizeram á terra, muito mais particularmente naquelle vastissimo archipelago do rio chamado Orelhana, e agora das Amazonas, cujas terras estão todas senhoreadas e afogadas das aguas, sendo muito contados e muito estreitos os sitios mais altos que elles, e muito distantes uns dos outros, em que os indios possam assentar suas povoações, vivendo por esta causa não immediatamente sobre a terra, senão em casas levantadas sobre esteios a que chamam juráus, para que nas maiores enchentes passem as aguas por baixo, bem assim como as mesmas arvores, que tendo as raizes e troncos escondidos na agua, por cima della se conservam e apparecem, differindo só as arvores das casas, em que umas são de ramos verdes, outras de palmas sêccas.

Desta sorte vivem os nhengaibas, guaianás, maianás, e outras antigamente populosas gentes, de quem se diz com propriedade que andam mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo que não seja com o remo na mão, restituindo-lhe os rios a terra que lhes roubaram, nos frutos agrestes das arvores de que se sustentam; cuja colheita é muito limpa, porque cáem todos na agua; e em muita quantidade de tartarugas e peixes-bois, que são os gados que pastam naquelles campos, além de outro pescado menor, e alguma caça de aves e montaria de porcos, que nos mesmos logares sobre aguados entre os lodos e raizes das arvores se leva nos frutos dellas; e nota o propheta que não é rio, senão

rios, os que isto fazem, porque ainda que o rio das Amazonas tenha fama de tão enorme grandeza, toda esta se compõe do concurso de muitos outros rios, que todos desembocam nelle, ou juntamente com elle, communicando e confundindo em si as aguas, e como unindo e conjurando as forças para este roubo que fizeram áquella terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.*

Continúa Isaias a sua descripção, e diz, que os habitadores desta provincia são gente arrancada e despedaçada; e só o Espirito Santo poderá recopilar em duas palavras a historia e ultima fortuna daquella gente. Quando os portuguezes conquistaram as terras de Pernambuco, desenganados os indios (que eram mui valentes, e resistiram por muitos annos), que não podiam prevalecer contra as nossas armas, uns delles se sujeitaram ficando em suas proprias terras; outros com mais generosa resolução, e determinados a não servir, se metteram pelo sertão, onde ficaram muitos; outros caindo para a parte do mar, vieram sair ás terras do Maranhão, e alli como soldados tão exercitados com o mais poderoso inimigo, fizeram facilmente a seus habitadores, *o que nós lhes* tinhamos feito a elles.

Desta peregrinação e desta guerra se seguiram naquella gente os dois effeitos que signala Isaias, ficando uma e outra gente arrancada e despedaçada: os vencedores arrancados, porque os tinham lançado de suas terras os portuguezes; e tambem despedaçados, assim porque foram ficando a pedaços em varios sitios, como porque depois da victoria lhes foi necessario, para conservarem o violento dominio, dividirem-se em colonias mui distantes uns dos outros. Os vencidos tambem ficaram arrancados, porque os *topinambás*, (que assim se chamavam os pernambucanos) os arrancaram de suas patrias; e tambem e com muito maior razão despedaçados, porque não podendo resistir, muitos delles fugiram em magotes pelos matos, e pelos rios, tomando differentes caminhos, onde fizeram assento, não sem novos inimigos que ainda mais os despedaçassem; assim que uns e outros ficaram gente arrancada, e uns e outros gente despedaçada: *Gentem conculcatam, et dilaceratam.*

Conhecidos já pela fortuna os descreve o propheta, e muito

particularmente pelo exercicio e arte da navegação, em que eram e são os maranhões mui signalados entre os indios, por serem elles, ou os primeiros inventores da sua nautica, como gente nascida e mais creada na agua, que na terra; ou certamente, porque com sua industria adiantaram muito a rudeza das embarcações barbaras, de que os primeiros usavam; tanto assim, que a principal nação daquella terra, tomando o nome da mesma arte de navegar, e das mesmas embarcações em que lá navegavam, se chamam *igaruanas*, porque as suas embarcações, que são as canoas, se chamam na sua lingua *igara*, e deste nome igara derivaram a denominação *de igaruanas*, como se dissessemos, os nauticos, os artifices, ou os senhores das náus. Diz pois Isaias, que esta gente de que falla é um povo: *Qui mittit in mare legatos, et in vasis papyri super aquas:* Que manda de uma parte para outra seus negociantes em vasos de cascas de arvores sobre as aguas.

As palavras do propheta todas teem mysterio, e todas declaram muito a propriedade da gente de que falla. Diz que as manda o povo, com quem concorda o relativo *qui;* porque é gente que não tem reis, mas o mesmo povo e a mesma nação é a que elege aquelles que lhes parece de melhor talento, assim para os negocios da paz, como para os da guerra; que tudo isso quer dizer a palavra *legatos*, como se póde vêr nos auctores da lingua latina. Diz mais que vão sobre as aguas em vazos de cascas de arvores, porque esta era a materia e fabrica de suas embarcações. Depois que tiveram uso do ferro, cavam os troncos das arvores e fazem de um só madeiro muito grandes canoas, de que o auctor desta explicação viu alguma que tinha dezesete palmos de boca e cento de comprimento; mas antes de terem ferro despiam estes mesmos madeiros, cujos troncos são muito altos e direitos, e tirando-lhes as cascas assim inteiras, dellas formavam as suas embarcações: e não faz duvida dizer o propheta que estas embarcações iam ao mar: *Qui mittit in mare;* porque além de entrarem com ellas pelo mar Occeano, o mesmo archipelago, que dizemos, de agua doce, se chama na sua lingua por sua grandeza *mar*, e d'aqui veio o nome que os portuguezes lhe puzeram de Gram-Pará ou Mara-

nhão, o que tudo quer dizer, *mar grande*, porque *Pará* significa mar.

Do que temos dito atéqui ficará mais facil de intender aquelle grande enigma do propheta, que está nas primeiras palavras deste texto: *Væ terræ cymbalo alarum ;* o qual foi sempre o que maior trabalho deu aos interpretes e os obrigou a dizerem coisas mui violentas e improprias, como aquelles que fallavam a adevinhar, e não adevinhavam nem podiam. Os setenta interpretes em logar de *terræ cymbalo alarum*, lêram *terræ navium alis**; e uma e outra coisa significam as palavras de Isaias; porque os nomes hebreus de que estas versões foram tiradas, teem ambas as significações, e querem dizer: Ai da terra que tem navios com azas; ou, ai da terra que tem sinos com azas: se são sinos, como são navios, e se são navios, como são sinos? Esta difficuldade foi atégora o torcedor de todos os intendimentos dos expositores sagrados de 1600 annos a esta parte: mas como podia ser que intendessem o enigma da terra, senão tinham as noticias, nem a lingua della? Para intelligencia do verdadeiro intendimento deste texto, ou enigma, se ha de suppor que a palavra latina *cymbalum*, com que significamos os nossos sinos de metal, significa tambem qualquer instrumento com que se faz som e estrondo; e taes eram os cymbalos de que usavam antigamente os gentios, que se chamavam por nomes particulares *sistros crotalos*, ou *crepitaculos*, e por nome geral *cymbalos*. Assim o explicou eruditamente Carpenteio, vertendo em verso este mesmo logar de Isaias:

Væ tibi, quæ reducem sistris crepitantibus apim
Concelebras, crotalos, et inania cymbala pulsas.
Vid. A Lap. hic § tert.

Tambem se ha de suppor que os maranhões usavam de uns instrumentos a que chamavam *maracàs*, não de metal, porque

* Apud. A Lap. hic § tertio.

o não tinham, senão de cabaços, ou cocos grandes, dentro dos quaes mettiam seixos ou caroços de varias frutas duros e accommodados a fazer muito estrondo e ruido, servindo-se dos menores nas festas e nos bailes, e dos maiores nas guerras. Estes *maracas* eram propriamente os seus cymbalos, ou sinos, tanto assim, que depois que viram os sinos de que nós usamos, lhes chamam *itamaracàs*, que quer dizer, *maracàs* ou sinos de metal.

Isto supposto, o expositor que mais foi rastejando o sentido verdadeiro que podia ter este enigma, foi Gabriel Palacio, o qual no Commentario litteral deste logar de Isaias diz assim: *Fortasse indicus usus nominis cymbali antiquitus inolevit apud hebræos tempore Isaiæ.* Por ventura (diz elle) que no tempo de Isaias as embarcações dos indios se chamariam entre os hebreus sinos: e porque não seria antes, digo eu, que se chamassem sinos, ou tomassem nôme de sinos as embarcações dos indios, de que Isaias fallava, não porque este nome fosse usado entre os hebreus, senão entre os mesmos indios? Assim era, e assim é, e deste modo fica decifrado e intendido o antiquissimo e escurissimo logar e enigma de Isaias.

As maiores embarcações dos maranhões chamam-se *maracatim*, derivado o nome da palavra *maracà*, que, como dissemos, significa entre elles *sino:* e a razão de darem este nome ás suas maiores embarcações era porque quando iam ás batalhas navaes, quaes eram ordinariamente as suas, punham na proa um destes maracàs muito grandes atados aos gorupezes, ou páus compridos, e bolindo de industria com elles, além do movimento natural das canoas, e dos remeiros, faziam um estrondo barbaramente bellico e horrivel; e porque a proa da canoa se chama *tim*, tirada a metaphora do nariz dos homens, ou do bico das aves, que teem o mesmo nome, e juntando a palavra *tim* com a palavra *maracà*, chamavam áquellas canoas, ou embarcações maiores, *maracàtim ;* e este nome usam ainda hoje, e com elle nomeam os nossos navios. Nem mais, nem menos, que os romanos ás suas galés de guerra deram nomes de *rostratas*, pelas pontas de ferro agudas que levavam nas proas, tirado tambem o nome, ou metaphora, dos bicos das aves, que chamam *rostros*.

Assim que vem a dizer Isaias, que a terra de que falla, é terra que usa embarcações, que teem nome de sinos; e estas são pontualmente os maracatins dos maranhões.

Mas não está ainda explicada toda a difficuldade, ou propriedade do enigma, porque diz o propheta que estas embarcações, ou estes sinos, eram sinos e embarcações com azas: *Cymbalo alarum: navium alis.* Os expositores todos dizem que estas azas eram as velas das embarcações, e que são as azas dos navios, conforme o poeta: *Velorunt pandimus alas.* A qual explicação podéra ser bem admittida, se não tivera a propria e verdadeira; sendo certo que o propheta não *havia de dar por* signal e divisa daquellas embarcações uma coisa tão commum e universal em todas.

Digo pois que falla o texto de verdadeiras azas de aves. Como aquelles gentios não tecem, nem teem pannos, é grande entre elles o uso das pennas pela formosura das cores com que a natureza vestiu os passaros, e particularmente o chamado *guarás*, de que ha infinita quantidade, grandes e todos vermelhos, sem mistura de outra côr; destas pennas se enfeitam quando se querem pôr bizarros, e principalmente quando vão á guerra, ornando com ellas todo o genero de armas, porque não só levam empennadas as settas, senão tambem os arcos e rodelas, e as partazanas de páu e pedra, que chamam *fanga-penas;* e quando a guerra era naval, empavezavam-se as canoas com azas vermelhas dos guarás, e as mesmas levavam penduradas *dos gorupezes* e maracas das proas; e por isso o propheta diz que todas estas coisas via e notava como tão novas: chamou as lanças sinos e sinos com azas: *Navium alis, cymbalo alarum.*

E porque não faltasse a esta terra a demarcação, ou arrumação, como dizem os geographos, da sua altura, onde a vulgata leu, *gentem expectantem expectantem**, a propriedade da lettra hebrea, como diz Foreyro, Pagnino, Vatablo, Sanchez, e outros muitos tão geralmente: *Gentem lineæ lineæ*, gente da linha de linha; porque os maranhões são aquelles que além da

* Vide. A Lap. hic §. Adgen tem.

Ethiopia ficam pontual e perpendicularmente bem debaixo da linha equinocial, que é propriedade por todos os titulos admiravel; e assim como a palavra *lineæ*, se repete, está tambem repetida no mesmo texto a palavra *expectantem:* com que vem a concluir o propheta o seu principal e total intento, que é exhortar os prégadores evangelicos a que vão ser anjos da guarda daquella triste gente, que tanto ha mister quem a encaminhe, como quem a defenda: *Ite angeli veloces ad gentem expectantem, expectantem:* gente que está esperando, esperando; porque entre todas as gentes do Brazil os maranhões foram os ultimos a quem chegaram as novas do evangelho e o conhecimento do verdadeiro Deus, esperando por este bem, que tanto tardou a todos os americanos, mais que todos elles. No Brazil se começou a prégar a fé no anno de 1550 em que o descobriu Pedro Alvares Cabral; e no Maranhão no anno de 1615 em que o conquistou Alexandre de Moura; esperando mais que todos os outros Brazis sessenta e cinco annos: mas hoje estão ainda em peior fortuna, padecendo aquelle *væ* do propheta: *Væ terræ cymbalo alarum;* porque o estado da esperança se lhes tem trocado no de desesperação: e esperam de se salvar os que de tantos damnos e damnos são causa?

Muito largos temos sido na exposição deste texto, mas foi assim necessario por sua difficuldade, e por não estar até hoje intendido: deixo muitos outros logares do propheta Isaias, o qual verdadeiramente se póde contar entre os chronistas de Portugal, segundo falla muitas vezes nas espirituaes conquistas dos portuguezes, e nas gentes e nações que por seus prégadores se converteram á fé; que o primeiro e principal intento que nelles tiveram nossos piedosissimos reis, como se póde vêr do que d'el-rei Dom Manuel, d'el-rei Dom João o II, do infante Dom Henrique, d'el-rei Dom João o III, e d'el-rei Dom Sebastião escrevem seus historiadores.

O propheta Abdias em um só capitulo que escreveu tambem fallou das conquistas de Portugal: *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est, possidebit civitates Austri.* (Abd. — 20) A palavra hebrea *Sepharad,* de quem São Jeronymo verteu *Bosphoro,*

significa, *termo, limite e fim*[*]. Esta mesma palavra *Sepharad* é nome com que os hebreus chamam a Hespanha; porque em Hespanha está o estreito que divide a Europa de Africa e Hespanha era o *termo, limite e fim*, que os antigos conheciam no mundo, como testimunham de uma parte as columnas de Hercules, e de outra o cabo de *Finis Terræ*, que são as duas balizas, que tem no meio a Portugal. Toda a explicação é commum, e certa entre todos os auctores mais peritos da lingua hebraica, Vatablo, Pagnino, Brugense, Arias, Lizano, Isidoro, Clario e os demais[**]. Diz agora o propheta Abdias, que a transmigração de Jerusalem, que passou a Hespanha, viria tempo em *que possuisse* as cidades do Austro.

Mas sobre a transmigração de Jerusalem, de que Abdias falla, ha duas opiniões entre os auctores. Arias Montano, Frei Luiz de Leon, Malvenda e outros, teem para si, que falla da transmigração de Nabucodonosor, o qual tendo conquistado a Jerusalem, e passado seus habitadores para Babylonia, d'alli mandou parte delles para Hespanha, por ser parte desta provincia conquista sua, como refere Josepho, Estrabo, e outros graves auctores; e que veio o mesmo Nabuco em pessoa a fazer esta guerra[***]. Destes hebreus, ou desterrados, ou trazidos por Nabuco, ficaram muitos em Hespanha, pela qual fortuna (como notou Santo Agostinho na morte dos infantes de Belem) não tiveram parte na morte de Christo[****], e conservaram sua antiga nobreza, e delles como escrevem muitas historias de Hespanha, foi fundação a *insigne cidade* de Toledo, Maqueda, Escalona, e outras[*****]. *Assim* querem tambem que de Nabuco traga seu appellido a illustre familia dos Ozorios. Desta transmigração pois (diz Montano, e os mais acima allegados) se ha de intender o texto de Abdias; e como o propheta propria e litteralmente fallava neste logar do mesmo capti-

[*] D. Hier. hic. apud. A Lap § Et transmigratio.
[**] A Lap. hic § Porro Heb e § Porro Sepharad.
[***] Joseph. lib. 11, antiquit cap. 11.
[****] D. Aug. serm. 1 de Innocent.
[*****] Histor. del Patrocinio de la Virgen.

veiro de Babylonia, é consequencia muito ajustada, que da prophecia do desterro passou para consolação dos mesmos desterrados a uma felicidade tão estranha, que dellas havia de ter principio, qual é a que logo diremos.

Nicoláu de Lyra, Vatablo, Fevordencio, e outros, intendem por esta transmigração de Jerusalem, a que fez Christo mandando daquella cidade, e espalhando por todo o mundo seus apostolos, entre os quaes coube Hespanha a Santiago, e elle por meio de seus discipulos a converteu toda á fé, e desterrou della a gentilidade: *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est* (diz Lyrano) *in hebræo habetur Sapharad, idest in Hispania, ubi dicit Rabbi Salomon quòd fuit impletum per Jacobum apostolum, et ejus discipulos, ubi fidem Christi primitus prædicantes, et colla gentium subjugantes*, etc. E cumprida em Santiago a transmigração de Jerusalem, que é a primeira parte da prophecia, em seus discipulos, que são os que em Hespanha receberam e conservaram sempre a fé que elle lhes tinha prégado, se cumpriu a segunda parte della; sendo estes os que depois de tantos seculos vieram a dominar e possuir as regiões do Austro: *Possidebunt civitates Austri**. Assim o intendem tambem, seguindo esta segunda exposição, Cornelio, José da Costa, Antonio Caraciolo, e outros; de maneira que todos estes auctores concordam em que a prophecia da conquista das regiões do Austro se intende de Hespanha; e discordam só na intelligencia da transmigração de Jerusalem, intendendo uns, que é a de Nabuco pelos Judeus passados á Hespanha; e outros, que é a de Christo pelos apostolos, quando vieram prégar a ella: mas eu conciliando facilmente estas duas opiniões, e mostrando que a prophecia se intende mais particularmente de Portugal, digo que fallou o propheta de uma e outra transmigração, porque de ambas as transmigrações foram os primeiros ministros da fé que a plantaram em Portugal, d'onde ella depois tão felizmente se transplantou ás regiões do Austro. O fundamento que tenho para assim o dizer, porei aqui com as palavras do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, o qual na primeira

* Cost. lib. 1, Histor. cap. 15, Alapid. § hic. Mysticæ.

parte da Historia Ecclesiastica Bracharense, fallando do apostolo Santiago, diz desta maneira :

Entrou em Braga o santo apostolo, e para entrar com estrondo de trovão (cujo filho o chamára Christo Nosso Senhor) se foi a uma sepultura celebre, onde jazia enterrado de seiscentos annos um santo propheta, judeu de nação, e que alli viera dar com outros captivos mandados de Babylonia por Nabucodonosor, chamado Malachias, o velho, ou Samuel, o moço; e em presença de infinito povo, chamando por elle o resuscitou em nome de Jesus Christo, a quem vinha prégar e publicar por verdadeiro Deus; baptisou-o pouco depois, e dando-lhe o nome de Pedro, o escolheu e tomou por primeiro e principal de todos os seus discipulos[*]. Atéqui esta maravilhosa historia, tirada de auctores e memorias mui antigas, e particularmente de uma carta de Hugo, bispo do Porto, e dos fragmentos de Santo Athanasio, bispo de Saragoça, o qual conheceu ao mesmo Pedro resuscitado, e escreveu o caso quasi pelas mesmas palavras, que por isso não traduzimos, e são as seguintes: *Ego novi sanctum Petrum primum Bracharensem episcopum, quem antiquum prophetam suscitavit sanctus Jacobus filius Zebedæi, magister meus. Hic venerat cum duodeim tribubus missis à Nabuchodonosor in Hispaniam Hierosolymis duce Nabucho Cerdan, vel Pyrrho hispaniarum præfecto*[**].

De sorte que ambas as transmigrações de Jerusalem concorrem para a fé de Portugal: a de Christo com o apostolo Santiago, e a de Nabuco com o apostolo Malachias, depois chamado vulgarmente S. Pedro de Rates, que foi a pedra fundamental depois do sagrado apostolo da egreja de Portugal. Os filhos desta egreja, e herdeiros desta fé, foram os que d'alli a tantos annos dominaram com os estandartes della as cidades e regiões do Austro, que são propriissimamente as que correm de uma e outra parte do Occeano Austral, á parte direita pela costa da America ou Brazil, e á esquerda pela costa de Africa á Ethiopia, cuja rainha Sabbá

[*] Cunha Histor. Brach. part. 1, cap. 4. num. 2.

[**] Francis. Bivar, in Chronicon Lucii Dextri ad annum Christi 37 n. 2. comment. 1.

chamou Christo: *Regina Austri*[*]; e estas são as terras de que no commento deste texto faz menção Cornelio: *Americam, Brasilicam, Africam, Æthiopiam.* Assim se cumpriu nos portuguezes a prophecia de Abdias: *Transmigratio, quæ est in Hispania, possidebit civitates Austri.* E esperamos que seja novo complemento della o dominio da terra indomita geralmente chamada *Terra Austral.*

O Cantico de Habacuc, que é a materia de todo o 3.° cap., e ultimo deste propheta, tem por assumpto o triumpho de Christo, com que por meio da sua cruz triumphou um dia da morte, do demonio, e do peccado, e depois em varios tempos foi triumphando da idolatria e da gentilidade, conforme a disposição da sua providencia. A parte maritima deste triumpho, que tambem foi naval, pertence principalmente aos portuguezes, por meio de cuja navegação e prégação sujeitou Christo á obediencia de seu imperio tantas gentes de ambos os mundos. Isto quer dizer o propheta no v. 8.°: *Ascendes super equos tuos: et quadrigæ tuæ salvatio.* (Habac. III — 8) E no v. 15.°: *Viam fecisti in mari equis tuis, in luto aquarum multarum.* Que abriu Christo caminho pelo mar á sua cavalleria, para que pizasse as ondas, e que a guerra que com esta cavalleria havia de fazer, não era para matar os homens, senão para os salvar, e salvando-os, triumphar delles: *Equitatio tua salus; hoc est, evangelistæ tui portabunt te*[**], diz Santo Agostinho, e verdadeiramente não se podia dizer coisa mais apropriada aos portuguezes. Os portuguezes foram aquelles cavalleiros a quem Christo abriu o primeiro caminho pelo mar: *Viam fecisti in mari equis tuis.* Os portuguezes, aquelles cavalleiros que pizaram as ondas do mar, como os cavallos pizam o lodo da terra: *In luto aquarum multarum;* e as náus dos portuguezes, aquellas carroças que levaram pelo mar a fé e a salvação: *Et quadrigæ tuæ salvatio:* e a primeira empreza e victoria desta cavalleria de Christo foi a sujeição do mesmo mar bravo, soberbo, furioso, e indignado, que, ou Christo lh'o sujeitou a el-

[*] Matth. cap. 12 v. 42, Alap. hic § Mysticæ.
[**] D. Aug. de Civitat. Dei lib. 18 cap. 32.

les, ou elles o sujeitaram tambem a Christo, para que os reconhecesse e adorasse: o mesmo propheta o disse assim: *Numquid in mari indignatio tua?* (Habac. III — 8) Por ventura, ó Senhor, ha de ser eterna a vossa indignação no mar? E responde a esta sua pergunta, que o mar submetteria suas ondas: *Gurges aquarum transiit:* (Ibid. — 10) que os abysmos confessariam a potencia de Christo a vozes: *Dedit abyssus vocem suam;* (Ibid.) e que as suas alturas ou profundidades, com as mãos levantadas o adorariam e reconheceriam por Senhor: *Altitudo manus suas levavit;* e esta foi a primeira victoria de Christo, e este da sua cavalleria o primeiro triumpho.

Mas para que se veja o grande mysterio desta metaphora de cavalleria de Christo, de que usou o propheta (deixando á parte haver sido esta empreza dos primeiros descobrimentos e conquistas dos portuguezes), por si mesma, e na opinião do mundo tem cavalleria, que não só os mesmos portuguezes, senão ainda os estrangeiros, faziam grande apreço de se armarem nella cavalleiros, como lemos que o fizeram alguns de Allemanha e Dinamarca. (Faz muito ao caso advertir o que escreve o nosso insigne historiador destas conquistas, que quero pôr aqui por suas proprias palavras) *Mas ainda foi ácerca delle* (falla do infante D. Henrique) *outra coisa muito mais efficaz, que era a obrigação do cargo e administração que tinha de governador da ordem da cavalleria de Nosso Senhor Jesus Christo, que el-rei D. Diniz seu tresavó para esta guerra dos infieis ordenou, e novamente constituiu:* e mais abaixo no mesmo cap., que é o 2.° do liv. 1.°, Decada 1.ª: *Assentou em mudar esta conquista para outras partes mais remotas de Hespanha, do que eram os reinos de Féz e Marrocos, com que a despeza deste caso fosse propria delle, e não taxada por outrem; e os meritos de seu trabalho ficassem mettidos na ordem e cavalleria de Christo que elle governava; de cujo thesouro podia dispender.* De sorte, que dizer o propheta que Christo havia de abrir caminho no mar á sua cavalleria, e que a empreza desta cavalleria, havia de ser a salvação das almas, não só tem a formosura de metaphora, senão a propriedade do caso, e a verdade da historia e cumprimento da prophecia; pois verdadeira-

mente esta admiravel empreza foi obra, não de outro principe, senão de um que era propriamente administrador e governador da ordem da cavalleria de Christo, e feita, não com outras despezas, senão com as rendas e thesouros da mesma cavalleria, e serviços e merecimentos proprios della.

E porque o maior ministro do evangelho que se embarcou nas carroças desta cavalleria, para levar a salvação ás terras e gentes que ella descobriu e conquistou, foi o grande apostolo da India S. Francisco Xavier, cujos primeiros trabalhos foram os da navegação da costa de Africa, e prégação da fé em Moçambique; é coisa memoravel e muito digna de se referir neste logar, que tambem elle foi cavalleiro da mesma ordem. Na historia do padre Marcello Mastrilli, a quem S. Francisco Xavier restituiu milagrosomente a vida, para que a fosse dar por Christo no Japão, onde padeceu glorioso martyrio, se conta uma visão, em que o mesmo santo apostolo appareceu vestido com o manto branco da ordem de Christo, e com cruz vermelha no peito, como insigne cavalleiro desta santa cavalleria, e que tanto adiantou em nossas conquistas a gloria de sua empreza: singular prerogativa por certo da ordem dos cavalleiros de Christo de Portugal, não havendo outra entre todas as da christandade, que se possa gloriar de ter tão illustre cavalleiro, nem de que sobre os dotes da gloria se vestisse o seu manto e a sua cruz; mas todo este favor do céu merece uma cavalleria, que tanto mar, tanto mundo, e tantas almas conquistou para o mesmo céu.

Para confirmação de tudo isto, e para que os portuguezes conheçam quanto devem a Deus, pelos escolher para instrumentos de obras tão admiraveis, e para que se não admirem quando lhes dissermos que os tem escolhido para outras maiores, não póde haver melhor testimunho, que o proemio do mesmo propheta, com que deu principio a este cantico triumphal das victorias de Christo: *Domine* (começa elle) *audivi auditionem tuam, et timui. Domine opus tuum, in medio annorum vivifica illud. In medio annorum notum facies: cùm iratus fueris, misericordiæ recordaberis.* (Habac. III—1 e 2) Quando Deus revelou ao propheta, e quando ouviu sua boca o que havia de fazer nos tempos vindoi-

ros, diz que ficou cheio de temor e assombro (assim o interpretaram os setenta, accrescentando por modo de glosa no mesmo texto: *Consideravi opera tua, et expavi**) Porque não houve obra de Deus depois do principio e creação do mundo, que mais assombrasse e fizesse pasmar aos homens, que o descobrimento do mesmo mundo, que tantos mil annos tinha estado incognito, e ignorado; nem que maior nem mais justo temor deva causar, aos que bem ponderarem esta obra, que a consideração dos occultos juisos de Deus, com que por tantos seculos permittiu que tão grande parte do mundo, tantas gentes, e tantas almas, vivessem nas trevas da infidelidade, sem lhes amanhecerem *as luzes da fé;* tão breve noite para os corpos, e tão comprida noite para as almas. Màs no meio desses compridissimos annos, diz o propheta, que faria Deus que se descobrisse e conhecesse o que até então estava occulto: *In medio annorum notum facies.* (Ibid.) E que tendo durado tantos seculos sua ira contra aquellas gentes idolatras, em fim, se lembraria de sua misericordia: *Cúm iratus fueris, misericordiæ recordaberis.* (Ibid.) E que então tornaria o Senhor a vivificar e resuscitar a sua obra: *Opus tuum, in medio annorum vivifica illud.* Os setenta traduzindo juntamente, e explicando, leram: *Cùm appropinquaverint anni cognosceris***. Quando chegarem os annos determinados por vossa providencia, então sereis conhecido; e este novo conhecimento que Deus deu áquellas nações por meio dos nossos apostolos e prégadores da sua fé, foi tornar a resuscitar a mesma obra, que tinha começado *pelos primeiros* apostolos que naquellas mesmas terras a prégaram, e com o tempo estava em algumas partes amortecida, e em outras totalmente morta; isto quer dizer: *Opus tuum vivifica illud:* ou, como traslada Simaco: *Reviviscere fac ipsum*; e o mesmo propheta mais abaixo se commenta a si mesmo, dizendo: *Suscitans suscitabis arcum tuum.* (Ibid. — 9) Vós, Senhor, tornareis a resuscitar o vosso arco (que é a sua cruz), por meio de cuja prégação se resuscitaria tambem a fé e as victorias della, naquellas nações.

* Apud. Alap. h'c v. 2.
** Septuaginta Vide Cornel, hic § tertio.

Assim o prophetisou na India seu primeiro apostolo S. Thomé, quando na cidade de Meliapor, então famosissima, levantando uma cruz de pedra em logar distante das praias, não menos que doze legoas, lhes disse, e mandou esculpir no pé della, que quando o mar alli chegasse, chegariam tambem de partes remotissimas do Occidente outros homens da sua cor, que prégassem a mesma cruz, a mesma fé, e o mesmo Christo que elle prégava*. Cumpriu-se pontualmente a prophecia, porque o mar comendo pouco a pouco a terra, chegou ao logar signalado, e no mesmo tempo chegaram a elle os portuguezes. Igual gloria (e não sei se maior de Portugal) a da India, que ainda tivesse a S. Thomé por seu apostolo, e Portugal por seu propheta. Ainda Portugal não era de todo christão, e já os apostolos plantavam as balizas da fé em seu nome, e conheciam e prégavam que elle era o que havia de fazer christão ao mundo. Lembre-se outra vez Portugal destas obrigações, e de quanto lhe merece Christo.

O propheta Sofonias no cap. 3.° tambem fallou mui particularmente neste glorioso assumpto: *Ultra flumina Æthiopiæ* (diz elle, ou por elle Deus) *inde supplices mei, filii dispersorum meorum deferent munus mihi***. As quaes palavras intendem Arias, Vatablo, Castro, e Cornelio, das nações que estão além do Tigres, e do Euphrates, isto é, dos chinas, japões, e outras gentes da India menos remotas, que por meio das prégações dos portuguezes se haviam de ajoelhar diante dos altares de Christo, e lhe haviam de levar e offerecer seus dons em testimunho de o reconhecerem por seu verdadeiro Deus; mas contra esta explicação parece que se oppõe as primeiras palavras do texto, que verdadeiramente fallam das gentes que estão além do rio da Ethiopia: *Ultra flumina Æthiopiæ, inde supplices mei*, etc.*** Logo, segundo o que acima deixamos dito, não se póde intender este texto das gentes orientaes. Por este argumento ha outros auctores que o intendem do Brazil e da America, e posto de um e outro modo, sempre o oraculo ou elogio deste propheta

* Asia Portug. part. 3 cap. 7 n. 1.
** Sophon. cap. 3 v. 10. Vide Alapi. hic § tertio.
*** Vide Alapid. hic § Secund.

nos fica em casa: digo que de uma e outra terra, e de uma e outra gente, se póde intender.

E a razão é, porque segundo Strabo, Hephoro, Herodoto, e outros, debaixo do mesmo nome de Ethiopia se comprehendiam antigamente duas Ethiopias, uma oriental, que estava na Asia além do Tigres e Euphrates, d'onde era a mulher de Moysès, chamada por isso Ethiopissa; e outra occidental na Africa, que são todas aquellas terras que cerca o mar Oceano, desde Guiné até o mar Roxo: as palavras de Herodoto são estas: *Hi Æthiopes, qui sunt ab ortu solis sub Pharnarzatre, censebantur cum Indis specie nihil admodum à cæteris differentes, sed sono vocis dumtaxat, atque capillatura; nam Æthiopes, qui ab ortu solis sunt, permixtos crines; qui ex Africa, crespissimos inter homines habent*. De sorte que tambem havia ethiopes na Asia, como são hoje os que se conservam com o mesmo nome na Africa, e só se distinguiam uns dos outros no som da voz, e no cabello; porque os da Asia tinham o cabello solto e corredio, e os da Africa crespo e retorcido*; a qual distincção não só é necessaria para o intendimento de muitos logares das escripturas, senão ainda dos historiadores e poetas antigos, que de outro modo se não podem bem intender: nem faça duvida a esta distincção a palavra *Chus*, de que usa indistinctamente o original hebreu, d'onde nós lemos *Æthiopiæ;* porque Membrot filho de *Chus*, e neto de *Cham*, deu o nome de seu pae ás terras orientaes, onde habitou e povoou: os descendentes deste mesmo Membrot, e deste mesmo Chus, como diz Hephoro referido por Strabo, e os que depois passaram a Africa, e a povoaram, levaram comsigo o nome que tinham herdado de seu pae, e de seu avô; e assim como uns e outros na lingoa latina se chamam *æthiopes*, e a sua terra Ethiopia, assim uns e outros na lingoa hebrea se chamam *Chuteos*, e a sua terra *Chus*. D'onde se segue que quando na escriptura se acha este nome sem outra differença, (como neste logar de Sophonias) se póde intender de qualquer das Ethiopias, porém quando se ajuntem na historia ou narra-

* Cornel. hic § Ultra flumina circa medium et § tertio alii.

ção algumas differenças que o determinem, então se ha de intender determinadamente, ou só da Ethiopia Oriental, ou só da Occidental, como nós fizemos no texto de Isaias ultimamente referido.

No cap. 16 do Apocalypse, diz S. João: *Et sextus angelus effudit phialam suam in flumen illud magnum Euphraten: et siccavit aquam ejus, ut præpararetur via regibus ab ortu solis.* (Apoc. XVI — 12) Que o sexto anjo derramou sua redoma sobre aquelle grande rio Euphrates, e que seccou suas agoas, para apparelhar o caminho aos reis do Oriente. O maior impedimento de agoa que tinham os reis do Oriente para passar a Jerusalem, era o rio Euphrates, por ser o mais profundo e mais caudaloso de Asia; e este impedimento, diz S. João, que se lhes havia tirar de modo que se podesse passar o Euphrates a pé enxuto. Mas debaixo das figuras deste enigma se significava outra melhor Jerusalem, que é Roma, cabeça da egreja, e outro melhor Euphrates, que é o mar Oceano, pelo qual se abriu caminho aos reis do Oriente, para que podessem vir á egreja. Assim como o propheta Jeremias chamou ao Euphrates mar, não é muito que S. João chamasse ao mar Euphrates, principalmente acompanhado daquelles dois epithetos de allusão e grandeza: *Illud magnum Euphratem*; e este grande Euphrates é aquelle grande mar, pelo qual os portuguezes (maior façanha e ventura que a do outro Cyro) fizeram passagem a pé enxuto nas suas grandes náus da India, para levarem nellas a fé ao Oriente, e trazerem tantos reis orientaes á obediencia e sujeição da egreja. Não sou eu, nem auctor portuguez (como quasi todos os que atégora tenho allegado) o que isto digo, senão o doutissimo Genebrardo, insigne professor parisiense das lettras sagradas, fallando em geral dos hespanhoes, e em particular dos portuguezes, a quem só pertence a conversão dos reis do Oriente, diz assim sobre este mesmo logar do Apocalypse.

O mesmo evangelista e propheta S. João, no cap. 10, diz que viu descer do céu um anjo forte, cujas insignias descreve largamente, que nós póde ser expliquemos em outro logar; neste basta dizer que tinha na mão um livro aberto: *Et habebat in manu sua libellum apertum*; (Apoc. X — 2) e que poz o pé esquerdo

sobre a terra, e o direito sobre o mar: *Et posuit pedem suum dextrum super mare, et sinistrum super terram.* (Ibid.) Este anjo forte (diz Pedro Bulingero) é Christo; o livro, o evangelho explicado; e os pés de seu corpo mystico, que é a egreja, os prégadores apostolicos, que levam pelo mundo ao mesmo Christo e seu evangelho, entre os quaes o pé esquerdo, que está sobre a terra, são aquelles que sem sairem da terra firme, prégaram nella; o pé direito, que está sobre o mar, os que navegando ás regiões apartadas e remotas do nosso hemispherio, levam a ellas a fé de Christo, e a luz de seu evangelho; d'onde se segue que o pé direito que Christo poz sobre o mar para esta gloriosa e evangelica empreza, são entre todas as nações do mundo, por excellencia os portuguezes; não os nomeou por seu nome este auctor, mas nomeou-os por suas obras, e é o mais honrado nome, e de maior estimação que lhes podia dar, explicando-se com as palavras seguintes: *Istud nostra memori factum videmus, quæ quidem regna à nobis longè dissita, et incognitæ regiones teterrimo dæmonum cultui additæ sunt, opera patrum societatis nominis Jesu ad Christi religionem traducta sunt. Sinenses enim, qui populi ad veteres Indias expectant, et infideles sunt, (relicto dæmonum cultu, ad octo millia primum) et in his reges, et principes, permultique proceres, et optimates sub anno Domini 1564 Christi Jesu fidem susceperunt; deinde multa indorum insulæ, et regiones christianam, catholicamque amplexerunt doctrinam, et integræ civitates sacro sunt ablutæ baptismate**.

Em cumprimento desta prophecia (diz Bolingero allegando a Surio), vemos que os reinos e regiões muito apartadas de nós, que adoravam nos idolos aos demonios, pela industria dos padres da companhia de Jesus, se teem passado á verdadeira religião; porque os chinas que pertencem ás antigas indias, e são infieis e gentios, deixando o culto da idolatria no anno de 1564, receberam a fé de Christo em numero de oito mil, em que entraram os principes e reis, e muitos grandes senhores; e em outras muitas ilhas e terras, de tal maneira os indios abraçaram a doutrina

* Alap. hic. § Et vidi. Alcazar hic Alap. § Aliam.

christã e catholica, que as cidades inteiras se baptisavam. Tão facilmente triumpha Christo pela voz e espada dos portuguezes, com o pé direito no mar, e o livro na mão direita!

No capitulo seguinte se verão muitos logares de varios prophetas, explicados por auctores que escreveram de cem annos a esta parte, depois que por meio da navegação do mar Oceano se quebrou o fabuloso encantamento dos negados antipodas, e se descobriram tantas terras e gentes, não só incognitas aos antigos, mas nem ainda presumidas ou imaginadas delles. Alli veremos as admiraveis propriedades, e miudissimas circumstancias, com que os mesmos prophetas fallaram dos mares, das ilhas, das navegações, das terras, dos sitios, dos rios, das minas, das arvores, dos fructos, das gentes, dos costumes, da cegueira e infelicidade em que viviam, e sobre tudo da fé e luz do evangelho, com que por meio dos prégadores de Christo o haviam finalmente de conhecer, adorar, e servir, como hoje com tanta gloria da egreja, conhecem, adoram, e servem. Agora só pergunto: Como era possivel que aquelles antigos e antiquissimos auctores explicassem neste sentido aos prophetas? Ou como podiam intender nem perceber, que destas gentes, e destas terras, e destes mares, fallavam os seus oraculos e prophecias? Se criam tão firme e assentadamente que não havia nem podia haver antipodas, como podiam explicar as prophecias dos antipodas? Se criam que a immensidade do mar Oceano não era navegavel, e tinham este pensamento por absurdo, como haviam de intender as prophecias destas navegações, e destes mares? Se criam que a zona torrida era um perpetuo incendio, e totalmente abrazada e inhabitavel, como haviam de interpretar as prophecias dos habitadores da zona torrida? Como haviam de cuidar, nem lhes havia de vir ao pensamento que os prophetas fallavam dos americanos, se não sabiam que havia America? Como dos brazis, se não sabiam que havia Brazil? Como dos peruanos e chilis, se não sabiam que havia Perû nem Chili? Como haviam de interpretar os prophetas das ilhas desertas, ou povoadas do Oceano, se não sabiam que havia no mundo taes ilhas? Como dos ethiopes occidentaes, se não sabiam que havia tal Ethiopia? Como dos japões, se não sabiam que havia Japão? Como

dos chinas, se não sabiam que havia China? Se os prophetas nas figuras enigmaticas dos seus oraculos se declaram pela natureza, propriedade, costumes exercicios, e historias das gentes e reinos de que fallam, como haviam de vir em conhecimento dessas gentes, e desses reinos, os que não podiam saber sua natureza, suas propriedades, seus exercicios, e seus costumes, nem suas historias? Se declaram as terras pelos sitios, pelos rios, pelas arvores, pelos fructos, pelas minas, e seus metaes, como podiam conhecer nem atinar com as terras, os que não tinham noticia de taes sitios, de taes rios, de taes minas, de taes arvores, nem de taes fructos? E se ainda hoje depois de descobertas e *conhecidas estas* terras, e estas gentes, e se terem escriptos tantos livros de sua historia natural e politica, ainda por falta de noticias mais particulares e miudas, se não acerta mais que em commum e individualmente com algumas das terras e gentes de que os prophetas fallaram; que seria na confusão escurissima da antiguidade, em que nenhuma destas coisas se sabia, nem se imaginava, antes as contrarias dellas se tinham por averiguadas e certas?

Frei João de la Puente, naquelle seu erudito livro da conveniencia das duas monarchias, romana e hespanhola, trabalhando por explicar de Hespanha certo logar de Isaias, diz assim dos theologos, sendo elle mestre em theologia: *La falta de geographia, y la de otras artes liberales, es la causa porque los theologos non atine con el sentido de la divina escritura.* E isto que se não póde dizer dos theologos do nosso tempo sem grande nota de sua sciencia e diligencia, depois do mundo estar tão descoberto e conhecido, é obrigação e força que o digamos ou supponhamos dos theologos antigos, por doutissimos e sapientissimos que fossem (como verdadeiramente eram), sem aggravo, nem menos decoro de sua erudição, e grande sabedoria, porque sabiam a geographia do seu mundo, e não podiam saber nem adevinhar a do nosso; só por nova revelação e luz sobrenatural, podiam conhecer os auctores daquelle tempo, o que nós tão facil e naturalmente conhecemos hoje: mas essa revelação, e essa luz, posto que fossem varões santissimos, e tão favorecidos de Deus, não quiz o mesmo Deus que elles então a tivessem, porque era disposição mui assen-

tada da sua providencia, que estas coisas se não soubessem, e estivessem occultas até áquelles tempos medidos e taxados por elle, em que tinha decretado, que se soubessem e descobrissem.

Diz o apostolo S. Paulo, que accommodou Deus e repartiu os seculos conforme os decretos da sua palavra, para que coisas invisiveis se fizessem visiveis: *Fide intelligimus aptata esse sæcula verbo Dei, ut ex invisibilibus, visibilia fiant** ; por onde não é muito que tanta parte do mundo, e as gentes que o habitavam, estivessem ignoradas e invisiveis por tantos seculos, e que depois chegasse um seculo em que se descobrissem e fossem visiveis; e assim como corrida esta cortina, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham fallado os prophetas, assim se intenderam e descobriram tambem os segredos e mysterios de suas prophecias. Destas terras ultramarinas, encobertas e incognitas, fallava Isaias, quando disse no cap. 24: *In doctrinis glorificate Dominum; in insulis maris nomen Domini Dei Israel.* E logo accrescentou: *Secretum meum mihi, secretum meum mihi:* (Isai. XXIV — 15) Este segredo é só para mim; este segredo é só para mim: e se na mesma prophecia estavam prophetisadas as coisas, e mais o segredo dellas, como podia ser que contra a verdade infallivel da prophecia soubessem os antigos deste segredo, antes de chegar o tempo, em que Deus tinha determinado de o revelar? O cantico do propheta Habacuc que tambem tracta destes novos descobrimentos, ou triumphos da fé, e da conversão destas gentes, tem por titulo *Pro ignorantiis.* E se o conselho de Deus foi que o intendimento, ou de todas, ou de muitas coisas que alli cantou o propheta, se ignorasse; que aggravo, ou descredito é, ou póde ser dos antigos sabios, que para elles fossem occultas, incognitas e ignoradas? Podem os homens occultar os seus segredos, e Deus não será senhor de reservar os seus? Sendo logo certo que estes segredos da Providencia Divina se não podiam alcançar por sciencia humana, e que a mesma providencia tinha decretado, que se não soubessem por revelação.

* Epistol. ad Heb. cap. 11 v. 3.

LAUS DEO.